

DIANA
GABALDON

Écos do futuro

VOLUME ÚNICO





DIANA
GABALDON



Ecos do Futuro

OUTLANDER # 7 VOLUME ÚNICO

AN ECHO IN THE BONE
2009

Tradução GENI HIRATA
Rocco, 2011

DIANA GABALDON

Ecos do Futuro

Título original

AN ECHO IN The BONE.

Tradução

GENI HIRATA

Copyright C 2009 Diana Gabaldon

Edição brasileira publicada mediante acordo com a autora, a/c de Baror International, Inc., Armonk, Nova York, USA

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar 20030-021 — Rio de Janeiro — RJ Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais MAIRA PARULA

CIP-Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Gabaldon, Diana v. 1 Ecos do futuro, volume 1 Diana Gabaldon; tradução de Geni Hirata. — Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

Tradução de: An echo in the bone ISBN 978-85-325-2682-3

1. Viagens no tempo — Ficção. 2. Romance norte-americano. I. Hirata, Geni. II. Título. 11-3642

CDD-813 CDU-821.111(73)-3

Sinopse



Embora tenha certeza de que os colonos da América vão ganhar a Guerra de Independência, o escocês Jamie Fraser, ex-jacobita e rebelde relutante, duvida que a vitória garanta a sobrevivência de todos aqueles a quem ama e teme pelas consequências de suas escolhas. Sua principal preocupação é com William, um jovem tenente do exército britânico — Jamie prefere morrer a ter que enfrentar o filho ilegítimo no campo de batalha. Claire Randall também sabe que os americanos vencerão, mas não tem ideia de qual será o preço a pagar por isso. No que depender dela, fará de tudo para proteger a vida e a felicidade de seu amado Jamie.

A séculos de distância, Brianna acompanha o dramático desenrolar da história de seus pais pelas cartas de Claire. Poucados pelo tempo, os escritos relatam que em sua fuga da Carolina do Norte Jamie Fraser enfrentará muitos obstáculos, de corsários a batalhas oceânicas. Mas as revelações não se atêm apenas ao passado: o casal Brianna e Roger busca pistas não só do destino de Claire, mas dele próprio. Seu futuro nas Highlands está misteriosa, irrevogável e intimamente entrelaçado com vida e morte na América colonial destroçada pela guerra.

Com cuidadosas recriações literárias de personagens históricos como Benedict Arnold e Benjamin Franklin, Ecos do futuro é a sétima parte da obra-prima de Diana Gabaldon, a série Outlander — um épico com fatos históricos, amor e ficção científica que conquistou e ainda vai surpreender milhares de leitores em todo o mundo.



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

A todos os meus queridos cachorros:

Penny Louise

Tipper John

John

Flip

Archie e Ed

Tippy

Spots

Emily

Yax

Molly

Gus

Homer e JJ

Agradecimentos



Levo cerca de três anos para escrever um destes livros, período durante o qual eu constantemente faço perguntas às pessoas e pessoas prestativas me oferecem informações fascinantes que eu não pensei em solicitar. Nunca me lembrarei de todas elas, mas penso em todas com enorme gratidão.

Gostaria, ainda, de agradecer penhoradamente a...

...John Flicker e Bill Massey, meus editores, ambos cavalheiros de fibra, que lidaram valorosamente com um livro escrito por pedaços (muitos pedaços) e uma escritora que vive perigosamente.

Danny Baror e Russell Galen, meus agentes literários, dois cavalheiros que literalmente valem seu peso em ouro — o que é dizer alguma coisa nestes dias de recessão.

Kathy Lord, uma heroica preparadora de originais, e Virginia Norey, programadora visual (também conhecida como "a deusa do livro"), ambas responsáveis pela beleza e legibilidade deste livro.

Vincent La Scala e demais funcionários tão cruelmente explorados da equipe de produção, que conseguiram mandar este livro para impressão no prazo, contra todas as probabilidades.

Steven Lopata, pela vívida descrição de como é ser caçado em terra por uma cobra cottonmouth — bem como pela poética descrição do cheiro das cobras copperheads (uma combinação do cheiro do covil das cobras em um zoológico e de pepinos podres).

... Catherine MacGregor e Catherine-Ann MacPhee, pelas traduções do Gaidhlig e pela ajuda nas sutilezas do uso do gaélico. Também a Katie Beggs e vários não decantados, mas muito apreciados membros da Máfia Gaélica Internacional.

Tess, a enfermeira, dr. Amarilis Iscold, Sarah Meir (enfermeira-parteira), bem como diversos outros profissionais da área médica, pela orientação em questões médicas, doenças inusitadas e aterrorizantes detalhes cirúrgicos.

Janet McConnaughey, pelos verbetes do OEDILF (Omnificent English Dictionary in Limerick Form), sendo a Muse of Bloody Axes e chamando minha atenção para exploding cypress trees.

Larry Tuohy (e outros), por me explicar como era o casaco de voo do piloto

de um Spitfire.

Ron Parker, Helen, Esmé e Lesley, pela ajuda com o macaco peludo.

...Beth e Matthew Shope e Jo Bourne, por informações úteis relativas à Sociedade Religiosa dos Amigos. Quaisquer imprecisões são de minha inteira responsabilidade.

...Jari Backman, por suas detalhadas cronologias e listas de citações, bem como pela ajuda com o céu noturno e as estrelas visíveis em Inverness e Fraser's Ridge.

...Katrina Stibohar, por suas maravilhosamente detalhadas listas de quem nasceu quando e do que aconteceu a cada um. Igualmente, às hordas de gentis aficionados por trivialidades, sempre por perto para me dizer a idade de alguém ou se lorde John se encontrou com Fergus quando teve sarampo.

...Pamela Patchet Hamilton (e Buddy), pela descrição repulsivamente vívida de um dose-range skunking.

...Karen Henry, czarina do tráfego, que mantém minha pasta no Compuserve Books and Writers Community sempre bem-arrumada e os ocupantes diplomaticamente reunidos: (<http://community.compuserve.com/n/pfx/fórum.aspx?nav=start&webtag=ws-books>)

...Nildd Rowe e sua filha Caitlin, pelo maravilhoso canal no YouTube que criaram para mim (<http://www.youtube.com/user/voyagesoft> heartemis — para aqueles que querem ver se minha voz realmente parece com a do Pato Donald).

...Rosana Madrid Gatti, minha web-mistress, pelas atualizações precisas e imediatas e pelo design criativo.

...Susan Butler, pelo constante apoio logístico, pelos pernoites dos cachorros, por me manter sempre abastecida de cartuchos de tinta preta e por sua brilhante sugestão concernente a Jem.

...Aliene Edwards, Catherine MacGregor e Susan Butler, pela revisão dos originais e pela extremamente útil (ainda que capaz de deixar o globo ocular dormente) busca de erros.

...Shirley Williams, pelos biscoitos morávios e vistas de New Bern.

...Becky Morgan, pelos livros de culinária históricos.

...meu bisavô, Stanley Sykes, pela fala de Jamie sobre tiro ao alvo.

...Bev LaFrance, Carol Krenz e muitos outros, pela ajuda com o francês. Ainda, Florence, a tradutora, Peter Benedt e Gilbert Sureau, pelas excelentes distinções entre o pai-nosso em francês de 1966 (accorde-lui) versus a versão anterior, mais formal (accordez-lui).

...John Kruszka, pela grafia e pronúncia correta de "Kosciuszko" (é "kohsCHUUSHkoh", caso queiram saber; ninguém na Revolução conseguia pronunciá-lo também; na verdade, chamavam-no de "Kos").

...Ladies de Lallybroch, pelo permanente apoio e pelos presentes realmente interessantes.

...meu marido, porque ele também sabe muito bem para que serve um homem.

...Alex Krislov, Janet McConnaughey e Margaret Campbell, operadoras de sistema do Compuserve Books e Writers Community, e às incontáveis pessoas que navegam pelo site diariamente, oferecendo observações e informações úteis, bem como diversão geral.

...Alfred Publishing, pela permissão de citar a letra de "Tighten Up", de Archie Bell e The Drells.

..."The White Swan" (O cisne branco), tirado de Carmina Gadelica, é reproduzido com a gentil permissão da Floris Books.

Prólogo



O corpo é extremamente maleável. O espírito, mais ainda. Mas há alguns estados dos quais você não se recobra. Não é o que você diz, a nighean? De fato, o corpo pode ser facilmente mutilado e o espírito aleijado — no entanto, há algo no ser humano que nunca pode ser destruído.

PARTE UM



ÁGUAS TURBULENTAS



ÀS VEZES ELES ESTÃO REALMENTE MORTOS

Wilmington, colônia da Carolina do Norte
Julho, 1776

A cabeça do pirata havia submergido. William ouviu a conversa de um grupo de vagabundos no cais próximo, especulando se ela seria vista outra vez. — Não, ele se foi para sempre — disse um mestiço maltrapilho, sacudindo a cabeça. — Se os jacarés não o levarem, a água levará.

Um caipira revirou o fumo na boca e cuspiu na água, discordando. — Não, ele dura mais um dia... dois, talvez. Os pedaços de cartilagem que seguram a cabeça, eles secam ao sol. Ficam duros como ferro. Já vi isso muitas vezes em carcaças de veados.

William viu a sra. Mackenzie lançar um olhar rápido ao porto e em seguida desviar os olhos. Parecia pálida, ele pensou, deslocando-se ligeiramente para bloquear a visão dela dos homens e das águas turvas da maré alta, apesar de o corpo amarrado à estaca estar naturalmente escondido pela maré. A estaca, entretanto, era visível — uma dura lembrança do preço do crime. O pirata fora amarrado à estaca há vários dias, para se afogar nos baixios. A persistência de seu corpo em decomposição era tema corrente na conversa do povo.

— Jem! — O sr. Mackenzie chamou ríspidamente e passou energicamente por William, em perseguição de seu filho. O menino, ruivo como a mãe, se afastara para ouvir a conversa dos homens e agora se debruçava perigosamente sobre a água, agarrando-se a um poste de amarração na tentativa de ver o pirata morto.

O sr. Mackenzie segurou o garoto pela gola, puxou-o para trás e levantou-o nos braços, apesar de o menino se debater, esticando o pescoço na direção do porto alagadiço.

— Quero ver o jacaré comer o pirata, papai! Os vagabundos riram e até Mackenzie sorriu ligeiramente, embora o sorriso desaparecesse assim que olhou para sua mulher. Num instante, já estava a seu lado, a mão sob seu cotovelo.

— Acho que devemos ir — Mackenzie disse, ajeitando o peso do filho no colo, a fim de melhor apoiar sua mulher, cuja aflição era evidente. — O tenente Ransom, quero dizer, lorde Ellesmere — corrigiu-se com um sorriso de desculpas para William — sem dúvida tem outros compromissos.

Era verdade. William havia prometido jantar com seu pai. Ainda assim, seu pai combinara encontrá-lo na taverna em frente ao cais; não havia como se desencontrarem. William disse isso e insistiu para que ficassem, pois apreciava a companhia deles — particularmente a da sra. Mackenzie —, mas ela sorriu com pesar, embora estivesse com uma aparência melhor, e bateu de leve na cabecinha entoucada do bebê em seus braços.

— Não, nós realmente precisamos ir. — Olhou de relance para seu filho, ainda se debatendo para descer do colo do pai, e William viu seus olhos relancearem rapidamente na direção do porto e da estaca inflexível que se erguia acima da água. Ela desviou os olhos resolutamente, fixando-os em seguida no rosto de William. — O bebê está acordando; estará com fome. Mas foi um prazer encontrá-lo. Gostaria que pudéssemos conversar por mais tempo. — Falou com grande sinceridade e tocou levemente no braço dele, dando-lhe uma agradável sensação na boca do estômago.

Os vagabundos agora faziam apostas sobre o reaparecimento do pirata afogado, apesar de nenhum deles parecer ter sequer duas moedas para esfregar uma na outra.

— Dois a um como ele ainda estará lá quando a maré baixar. — Cinco a um que o corpo ainda estará lá, mas a cabeça se foi. Não quero saber do que você disse sobre cartilagens, Lem, que a cabeça dele estaria pendurada por um fio quando a maré baixasse. A próxima vai arrancá-la, você vai ver.

Esperando abafar essa conversa, William iniciou uma elaborada despedida, indo ao ponto de beijar a mão da sra. Mackenzie com seus modos mais corteses — e, tomado de inspiração, beijou a mãozinha do bebê também, fazendo todos rirem. O sr. Mackenzie, por sua vez, lançou-lhe um olhar de estranheza, mas não pareceu se ofender; apertou a mão de William de uma maneira bastante republicana e levou adiante a brincadeira, colocando seu filho no chão e fazendo o menino apertar sua mão também.

— Você já matou alguém? — o menino perguntou com interesse, olhando para a espada embainhada de William.

— Não, ainda não — William respondeu, sorrindo.

— Meu avô matou duas dúzias de homens! — Jemmy! — Ambos os pais exclamaram simultaneamente e o menino deu de ombros.

— Matou sim! — Tenho certeza de que ele é um homem forte e corajoso, seu avô — William assegurou-lhe com ar de grande seriedade. — O rei sempre precisa

de homens assim.

— Meu avô diz que o rei pode ir tomar naquele lugar — o garoto retrucou inocentemente.

— JEMMY! O sr. Mackenzie tapou a boca de seu desbocado filho. — Você sabe que seu avô não disse isso! — disse a sra. Mackenzie. O menino balançou a cabeça em concordância e o pai retirou a mão de sua boca.

— Não. Mas vovó disse.

— Bem, isso é mais provável — murmurou o sr. Mackenzie, obviamente se esforçando para não rir. — Mas ainda assim não se diz isso para soldados, eles trabalham para o rei.

— Oh — Jemmy disse, obviamente perdendo o interesse. — A maré está baixando agora? — perguntou esperançosamente, esticando o pescoço na direção do porto novamente.

— Não — o sr. Mackenzie respondeu com firmeza. — Só daqui a muitas horas. Você já estará na cama.

A sra. Mackenzie sorriu para William, desculpando-se, as faces encantadoramente ruborizadas de constrangimento, e a família partiu apressadamente, deixando William entre o riso e o assombro.

— Ei, Ramson! Virou-se ao ouvir seu nome, deparando-se com Harry Dobson e Colin Osborn, dois subtenentes de seu regimento, evidentemente fora de serviço e ansiosos para experimentar os prazeres de Wilmington, se assim podiam ser chamados.

— Quem são? — Dobson acompanhou com o olhar o grupo que se afastava, interessado.

— Sr. e sra. Mackenzie. Amigos de meu pai. — Oh, ela é casada, então? — Dobson sugou as bochechas para dentro, ainda observando a mulher. — Bem, torna as coisas um pouco mais difíceis, imagino, mas o que é a vida sem um desafio?

— Desafio? — William lançou um olhar zombeteiro ao seu diminuto amigo. — O marido dela tem quase três vezes o seu tamanho, caso não tenha notado.

Osborn riu, ruborizando.

— Ela tem o dobro do tamanho dele! Ela iria esmagá-lo, Dobby. — E o que o faz pensar que eu pretenda ficar por baixo? — Dobson indagou com dignidade. Osborn vaiou o colega.

— Por que essa sua obsessão com mulheres gigantes? — William perguntou. Olhou para a pequena família, agora quase fora do alcance da vista no final da rua. — Aquela mulher é quase tão alta quanto eu!

— Oh, está tripudiando, hein? — Osborn, que era mais alto do que o pouco mais de metro e meio de Dobson, mas ainda uns trinta centímetros menor do que William, fingiu mirar um chute em seu joelho. William esquivou-se e deu um sopapo

em Osborn, que se abaixou e empurrou-o contra Dobson.

— Cavalheiros! — O tom de voz ameaçador do sargento Cutter, com seu sotaque de dialeto londrino, os fez parar abruptamente. Podiam ter patente superior ao sargento, mas nenhum deles teria a petulância de ressaltar isso. O batalhão inteiro temia o sargento Cutter, que era bem mais velho e tinha mais ou menos a altura de Dobson, mas continha em seu pequeno físico a fúria de um grande vulcão em erupção.

— Sargento! — O tenente William Ransom, conde de Ellesmere e o mais graduado do grupo, empertigou-se, o queixo pressionado dentro do lenço do pescoço. Osborn e Dobson apressadamente o imitaram, tremendo nas botas.

Cutter andou de um lado para o outro na frente deles, como um leopardo espreitando a presa. Quase se podia ver a cauda açoitando e o animal lambendo os beiços de expectativa, William pensou. Esperar o ataque era quase pior do que levar uma mordida no traseiro.

— E onde estão suas tropas? — Cutter vociferou. — Senhores? Osborn e Dobson imediatamente começaram a gaguejar explicações, mas o tenente Ransom — ao menos desta vez — estava inocente como um anjo.

— Meus homens estão guardando o Palácio do Governador, sob as ordens do tenente Colson. Eu recebi licença para me ausentar, sargento, para jantar com meu pai — disse respeitosamente. — De sir Peter.

Sir Peter Packer era um nome capaz de exercer um poder mágico e Cutter se abrandou no meio do seu ataque. No entanto, um pouco para surpresa de William, não foi o nome de sir Peter que produzira tal reação.

— Seu pai? — Cutter disse, estreitando os olhos. — É lorde John Grey, não é?

— Hã... sim — William respondeu cautelosamente. — O senhor... O conhece? Antes que Cutter pudesse responder, a porta de uma taverna próxima se abriu e o pai de William surgiu. William sorriu, encantado com a oportuna aparição, mas rapidamente apagou o sorriso, quando o olhar perfurante do sargento fixou-se nele.

— Não fique rindo para mim como um macaco abobalhado — o sargento começou em tom ameaçador, mas foi interrompido pelo tapinha que lorde John aplicou em seu ombro com familiaridade. Um gesto que nenhum dos três jovens tenentes teriam ousado, ainda que lhes oferecessem muito dinheiro.

— Cutter! — lorde John exclamou, sorrindo calorosamente. — Ouvi esses sons melodiosos e disse a mim mesmo, ora, vejam, se não é o sargento Aloysius Cutter! Não pode haver outro homem no mundo que pareça tanto com um buldogue que engoliu um gato e viveu para contar.

— Aloysius? — Dobson enunciou silenciosamente para William, mas

William apenas grunhiu brevemente em resposta, impossibilitado de dar de ombros, uma vez que agora seu pai voltara sua atenção para ele.

— William — ele disse, com um aceno cordial da cabeça. — Como você é pontual. Desculpe-me por estar tão atrasado; fui retido. — No entanto, antes que William pudesse dizer qualquer coisa ou apresentar os outros, lorde John iniciara uma extensa série de reminiscências com o sargento Cutter, relembrando os velhos tempos nas Planícies de Abraham com o general Wolfe.

Isso permitiu que os três jovens oficiais relaxassem um pouco, o que, no caso de Dobson, significava um retorno à sua linha de pensamento anterior.

— Você disse que aquela boneca de cabelos ruivos era amiga de seu pai? — ele sussurrou para William. — Descubra com ele onde ela está hospedada, hein?

— Idiota — sibilou Osborn. — Ela nem sequer é bonita! Ela tem um nariz reto e comprido como... como... O de Willie!

— Não cheguei a olhar seu rosto — Dobson disse, sorrindo afetadamente. — Mas seus peitos estavam exatamente na altura dos meus olhos, e esses...

— Imbecil! — Shh! — Osborn pisou no pé de Dobson para fazê-lo se calar quando lorde John voltou-se novamente para os rapazes.

— Não vai me apresentar a seus amigos, William? — lorde John perguntou educadamente. Um pouco ruborizado — tinha razões para saber que seu pai possuía uma audição aguçada, apesar de suas experiências na artilharia — William apresentou-os, e Osborn e Dobson se inclinaram, com admiração e reverência. Eles não haviam percebido quem seu pai era e William sentiu-se imediatamente orgulhoso por eles estarem impressionados e ligeiramente consternados por terem descoberto a identidade de lorde John — todo o batalhão já estaria sabendo antes do jantar de amanhã. Não que sir Peter não soubesse, é claro, mas...

William interrompeu suas divagações ao ver que seu pai se despedia por ambos, e retribuiu a continência do sargento, apressadamente, mas de maneira correta, antes de sair apressadamente atrás de seu pai, abandonando Dobby e Osborn à própria sorte.

— Eu o vi conversando com o sr. e a sra. Mackenzie — lorde John disse descontraidamente. — Eles estão bem? — Ele lançou um olhar pelo cais, mas os Mackenzie há muito haviam desaparecido de vista.

— Parece que sim — William disse. Ele não iria perguntar onde os Mackenzie estavam hospedados, mas a impressão que a jovem mulher lhe causara persistia. Não sabia dizer se ela era bonita ou não; seus olhos, entretanto, o haviam impressionado: de um lindo tom azul-escuro, com longas pestanas castanho-avermelhadas,

e fixos nele com uma intensidade lisonjeira que enterneceu o fundo de seu coração. Grotescamente alta, é claro, mas... o que ele estava pensando? A mulher

era casada, e com filhos! E, ainda por cima, era ruiva. — Você... há... os conhece há muito tempo? — ele perguntou, pensando nos surpreendentes sentimentos políticos avessos que evidentemente prosperavam na família.

— Há bastante tempo. Ela é filha de um dos meus amigos mais antigos, sr. James Fraser. Você se lembra dele?

William franziu a testa, sem conseguir situar o nome — seu pai tinha milhares de amigos, como ele poderia...

— Oh! — exclamou. — Você não se refere a um amigo inglês. Não foi um sr. Fraser que nós visitamos nas montanhas, naquela ocasião em que você adoeceu com... com sarampo? — Sentiu um aperto no fundo do estômago, lembrando-se do absoluto terror daquela época. Ele havia atravessado as montanhas aturdido e infeliz; sua mãe havia morrido apenas um mês antes. Então, lorde John pegara sarampo e William tinha certeza de que seu pai iria morrer também, deixando-o completamente sozinho naquela região inóspita. Não havia nenhum espaço em sua mente para nada além de medo e pesar, e ele guardara apenas um amontoado confuso de impressões da visita. Tinha uma vaga recordação de que o sr. Fraser o levava para pescar e fora muito gentil com ele.

— Sim — seu pai disse, com um sorriso enviesado. — Estou enternecido, Willie. Imaginava que você se recordasse daquela visita mais por causa de suas próprias desventuras do que pelas minhas.

— Des... — A lembrança inundou-o no mesmo instante, seguida por uma onda de calor, mais quente do que o ar úmido de verão. — Muito obrigado! Eu havia conseguido expurgar isso da minha memória, até você mencionar!

Seu pai ria, sem fazer nenhuma tentativa de esconder o fato. Na realidade, ele gargalhava.

— Desculpe-me, William — ele disse, arquejando e enxugando os olhos com a ponta de seu lenço. — Não consigo me conter; foi a mais... A mais... oh, meu Deus, nunca vou me esquecer da sua cara quando o retiramos daquela latrina!

— Você sabe que foi um acidente — William disse, reservadamente. Suas faces ardiam com a mortificante recordação. Ao menos, a filha de Fraser não estava presente para testemunhar sua humilhação na época.

— Sim, claro. Mas... — Seu pai pressionou o lenço contra a boca, os ombros sacudindo-se silenciosamente.

— Fique à vontade para parar de cacarejar a qualquer momento que quiser — William disse friamente. — Aonde estamos indo, aliás? — Haviam alcançado o fim do cais e seu pai os conduzia, ainda resfolegando como uma orca, a uma das ruas tranquilas, arborizadas, longe das tavernas e das hospedarias próximas ao porto.

— Vamos jantar com o capitão Richardson — seu pai disse, controlando-se com visível esforço. Ele tossiu, assoou o nariz e guardou o lenço. — Na casa do sr.

Bell.

A casa do sr. Bell era caiada, bonita e próspera, sem ser pomposa. O capitão Richardson dava o mesmo tipo de impressão: de meia-idade, bem-arrumado e com roupas de corte impecável, mas sem nenhum estilo notável e com um rosto que não se poderia distinguir em uma multidão nem dois minutos depois de visto.

As duas senhoritas Bell causavam uma impressão bem maior, particularmente a mais jovem, Miriam, que possuía cachos cor de mel espreitando para fora da touca, e olhos grandes e redondos, que permaneceram fixos em William durante todo o jantar. Ela estava sentada muito distante para ele poder conversar com ela diretamente, mas ele imaginava que a linguagem dos olhos era suficiente para indicar a ela que o fascínio era mútuo e, se uma oportunidade para uma comunicação mais pessoal se apresentasse mais tarde... Um sorriso e um recatado abaixar de pestanas cor de mel, seguidos de um rápido olhar na direção da porta aberta para a varanda lateral, para arejar a sala. Ele retribuiu o sorriso.

— Você acha que sim, William? — seu pai disse, alto o suficiente para indicar que era a segunda vez que perguntava.

— Oh, sem dúvida. Hum... acho o quê? — ele perguntou, já que, afinal, tratava-se de seu pai, e não de um comandante. Seu pai lançou-lhe um olhar que significava que ele teria revirado os olhos, se não estivessem em público, mas respondeu pacientemente.

— O sr. Bell perguntava se sir Peter pretende permanecer bastante tempo em Wilmington. — O sr. Bell, à cabeceira da mesa, inclinou-se educadamente, apesar de William observar certo estreitamento de seus olhos na direção de Miriam. Talvez ele devesse voltar para uma visita amanhã, pensou, quando o sr. Bell estaria em seu local de trabalho.

— Oh. Acredito que permaneceremos aqui por pouco tempo — ele disse respeitosamente ao sr. Bell. — Entendo que os distúrbios principais estão no interior da colônia e, assim, sem dúvida, devemos partir sem demora para reprimi-los.

O sr. Bell pareceu satisfeito, mas William pôde perceber pelo canto do olho o gracioso biquinho de insatisfação que Miriam fez à ideia de sua iminente partida.

— Ótimo, ótimo — Bell disse jovialmente. — Sem dúvida, centenas de legalistas acorrerão para se juntarem à sua marcha.

— Certamente, senhor — William murmurou, tomando mais uma colherada de sopa. Duvidava que o sr. Bell estaria entre eles. Pelo visto, não era do tipo que se une à luta. E não que a ajuda de um bando de provincianos sem treinamento, armados com pás, pudesse ser útil, de qualquer modo. Mas ele certamente não podia dizer isso.

William, tentando ver Miriam sem olhar diretamente para ela, interceptou o relance de um olhar entre seu pai e o capitão Richardson e, pela primeira vez,

começou a se indagar. Seu pai dissera claramente que iriam jantar com o capitão Richardson — querendo dizer que um encontro com o capitão era o objetivo da noite. Por quê?

Então, ele captou um olhar da srta. Lillian Bell, sentada à sua frente, ao lado de seu pai, e parou de pensar no capitão Richardson. De olhos escuros, mais alta e mais esbelta do que sua irmã — mas certamente uma jovem muito bonita, ele percebia agora.

Ainda assim, quando a sra. Bell e suas filhas levantaram-se e os homens retiraram-se para a varanda após o jantar, William não ficou surpreso de ver-se em uma das extremidades com o capitão Richardson, enquanto seu pai envolvia o sr. Bell em uma animada discussão sobre os preços do alcatrão na outra ponta. Papai conseguia conversar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto.

— Tenho uma proposta a lhe apresentar, tenente — Richardson disse, depois que as cordialidades de costume foram trocadas.

— Sim, senhor — William disse respeitosamente. Sua curiosidade aumentava. Richardson era um capitão da cavalaria ligeira, mas no momento não estava com seu regimento; isso ele havia revelado durante o jantar, dizendo displicentemente que fora destacado para um serviço à parte. Destacado para o quê?

— Não sei o quanto seu pai lhe falou da minha missão...

— Nada, senhor. — Ah. Estou no serviço de inteligência, encarregado de reunir informações no Departamento do Sul. Não que eu esteja no comando de tais operações, sabe... — o capitão sorriu modestamente — apenas de uma pequena parte.

— Eu... reconheço o grande valor de tais operações, senhor — William disse, tentando ser diplomático —, mas eu, quero dizer, por mim mesmo...

— Não tem nenhum interesse em espionagem. Não, claro que não. — Estava escuro na varanda, mas a frieza do tom de voz do capitão era evidente. — Poucos homens que se consideram soldados têm.

— Sem ofensa, senhor.

— Não se preocupe. Eu não estou, entretanto, recrutando-o como espião. É uma ocupação delicada e que envolve algum perigo. Gostaria de recrutá-lo como mensageiro. Embora, caso surja a oportunidade de atuar como agente de espionagem ao longo do caminho.... bem, isso seria uma contribuição adicional e muito apreciada.

William sentiu o sangue subir em seu rosto com a insinuação de que ele não seria capaz de lidar com missões delicadas e perigosas, mas controlou a raiva, dizendo apenas:

— Oh?

O capitão, ao que parecia, havia reunido informações importantes referentes

às condições locais nas Carolinas e agora queria enviá-las ao comandante do Departamento do Norte, general Howe, no momento em Halifax.

— Naturalmente, estarei enviando mais de um mensageiro — Richardson disse. — Sem dúvida, é mais rápido de navio, mas quero ter ao menos um mensageiro viajando por terra, tanto por segurança quanto para coletar observações en route. Seu pai enaltece muito suas qualidades, tenente — teria detectado um tom de zombaria naquela voz seca? —, e eu fui informado de que já viajou extensamente pela Carolina do Norte e Virgínia. É um atributo valioso. Há de concordar que eu não quero ver meu mensageiro desaparecer no Grande Pântano para nunca mais ser visto.

— Ha-ha — William disse, educadamente, entendendo a preocupação de Richardson como uma pilhéria. Obviamente, o capitão Richardson nunca estivera perto do Grande Pântano; William estivera, embora achasse que ninguém em seu juízo perfeito iria naquela direção intencionalmente, a não ser para caçar.

Ele também tinha sérias dúvidas quanto à sugestão de Richardson — embora ao mesmo tempo que dizia a si mesmo que ele não deveria considerar deixar seus homens, seu regimento... já acalentava uma visão romântica de si mesmo, sozinho na imensidão deserta, levando notícias importantes através das tempestades e perigos.

Ainda mais digno de consideração, entretanto, é o que ele poderia esperar do outro lado da jornada.

Richardson adiantou-se à sua pergunta, respondendo-a antes que ele pudesse se pronunciar.

— Uma vez no norte, você poderia, se conviesse, juntar-se ao exército do general Howe.

Ora, ora, ele pensou. Ali estava o prêmio, e bastante atraente. Ele sabia que Richardson queria dizer "se conviesse" ao general Howe, e não a ele, William, mas tinha confiança em sua própria capacidade e achou que talvez pudesse ser útil.

Estivera na Carolina do Norte apenas por alguns dias, mas isso fora o suficiente para ele ter feito uma avaliação bastante precisa das chances relativas de progresso entre o Departamento do Norte e do Sul. Todo o Exército Continental estava com Washington no norte; a rebelião do sul consistia em bolsões problemáticos de habitantes do interior e milícias improvisadas — não chegavam a ser uma ameaça real. E quanto ao status relativo de sir Peter e general Howe como comandantes...

— Gostaria de pensar em sua proposta, se possível, capitão — ele disse, esperando que sua voz não traísse sua ansiedade. — Posso lhe dar minha resposta amanhã?

— Sem dúvida. Imagino que queira discutir as perspectivas com seu pai, pode fazê-lo.

O capitão, então, deliberadamente mudou de assunto e, em poucos instantes, lorde John e o sr. Bell se reuniram a eles, quando a conversa passou a girar sobre assuntos gerais.

William prestava pouca atenção ao que diziam, sua atenção atraída pela visão de duas figuras esbeltas e brancas que pairavam como fantasmas em meio aos arbustos nos limites externos do pátio. Duas cabeças em toucas brancas aproximavam-se uma da outra, depois se afastavam. De vez em quando, uma delas virava-se brevemente para a varanda com o que parecia um ar especulativo.

— "E quanto às suas vestes, eles tiraram a sorte" — seu pai murmurou, sacudindo a cabeça.

— Hein?

— Deixe pra lá. — Seu pai sorriu e virou-se para o capitão Richardson, que acabara de fazer um comentário sobre o tempo.

Vaga-lumes iluminavam o pátio, perambulando como faíscas verdes em meio às plantas úmidas e exuberantes. Era bom ver vaga-lumes outra vez; sentira a falta deles na Inglaterra — e daquela suavidade particular do ar do sul que plasmava as roupas de baixo ao seu corpo e fazia o sangue latejar nas pontas de seus dedos. Grilos cricrilavam ao seu redor e, por um momento, seu canto pareceu abafar tudo o mais, salvo o som de sua pulsação.

— O café está servido, cavalheiros. — Mas a voz suave da escrava dos Bell atravessou a leve agitação de seu sangue e ele entrou com os outros homens, lançando apenas um olhar de relance na direção do pátio. As figuras brancas haviam desaparecido, mas uma sensação de promessa permanecia no ar morno e suave.

Uma hora mais tarde, ele se viu caminhando de volta em direção ao seu alojamento, os pensamentos agradavelmente confusos, seu pai caminhando em silêncio ao seu lado.

A srta. Lillian Bell concedera-lhe um beijo entre os vaga-lumes no final da noite, casto e fugaz, mas nos lábios, e o denso ar do verão lembrava café e morangos maduros, a despeito do cheiro úmido e penetrante do porto.

— O capitão Richardson falou-me da proposta que lhe fez — lorde John disse descontraidamente. — Está interessado?

— Não sei — William respondeu, com igual descontração. — Eu sentiria falta dos meus homens, é claro, mas... — A sra. Bell insistira para que ele fosse tomar chá, mais para o final da semana.

— Há pouca permanência na vida militar — seu pai disse, sacudindo levemente a cabeça. — Eu o avisei.

William concordou com um breve resmungo, sem realmente prestar atenção.

— Uma boa oportunidade para progredir na carreira — seu pai dizia, acrescentando casualmente —, embora, é claro, haja algum perigo na proposta.

— O quê? — William zombou, ao ouvir isso. — Cavalgar de Wilmington para pegar um navio em Nova York? Há uma estrada, por quase todo o caminho!

— E muitos residentes locais — lorde John ressaltou. — Todo o exército do general Washington está neste lado da Filadélfia, se as notícias que tive estão corretas.

William deu de ombros.

— Richardson disse que me queria porque eu conhecia a região. Posso me orientar muito bem sem estradas.

— Tem certeza? Há quatro anos você não vai à Virgínia. O tom de dúvida de lorde John aborreceu William.

— Acha que sou incapaz de encontrar meu caminho?

— Não, de modo algum — seu pai disse, ainda com aquele tom de dúvida na voz. — Mas os riscos desta proposta não são poucos; não gostaria de vê-lo assumir essa missão sem as devidas considerações.

— Bem, eu já pensei a respeito — William disse, ofendido. — Vou aceitar. Lorde John caminhou mais alguns passos em silêncio, depois balançou a cabeça, com relutância.

— A decisão é sua, Willie — ele disse brandamente. — Mas eu ficaria muito agradecido se você tomasse cuidado.

O aborrecimento de William desfez-se no mesmo instante.

— Claro que tomarei — disse, com a voz rouca. Continuaram a andar sob o manto escuro de bordos e nogueiras, sem falar, tão próximos que seus ombros se roçavam de vez em quando.

Na estalagem, William desejou boa-noite a lorde John, mas não retornou imediatamente ao seu próprio quarto. Em vez disso, perambulou pelo cais, agitado demais para ir dormir.

A maré virara e estava bem baixa, ele viu; o cheiro de peixes mortos e algas em decomposição era forte, embora um plácido lençol de água ainda cobrisse os baixios, silenciosos à luz da lua minguante.

Levou um instante para localizar a estaca. Por um segundo, pensou que ela houvesse desaparecido, mas não — lá estava, uma linha escura e fina contra o reflexo da água. Vazia.

A estaca já não estava ereta, mas pronunciadamente inclinada, como se estivesse prestes a cair, com um fino laço de corda pendente, flutuando como o laço de força de um carrasco na maré vazante. William sentiu uma inquietação visceral; somente a maré não teria levado o corpo inteiro. Alguns diziam que havia jacarés ou crocodilos ali, embora ele mesmo nunca tivesse visto um. Olhou para baixo involuntariamente, como se um desses répteis pudesse repentinamente dar um bote da água aos seus pés. O ar ainda estava quente, mas um leve calafrio o percorreu.

Sacudiu-se para se livrar da sensação e virou-se na direção de seu alojamento. Ainda teria um ou dois dias antes de iniciar a viagem, pensou, e imaginou se deveria ir ver a sra. Mackenzie novamente antes de partir.

Lorde John demorou-se um pouco na varanda da estalagem, observando seu filho desaparecer nas sombras sob as árvores. Tinha algumas inquietações; a questão fora acertada com mais aqodamento do que ele gostaria — mas ele realmente confiava na capacidade de William. E, embora o acordo tivesse seus riscos, isso fazia parte da natureza da vida de um soldado. Mas algumas situações eram mais arriscadas do que outras.

Hesitou, ouvindo o burburinho do salão do bar no interior da estalagem, mas já tivera companhia suficiente por aquela noite e a ideia de ficar se virando de um lado para o outro sob o teto baixo de seu quarto, sufocante com o calor acumulado do dia, o fez decidir caminhar um pouco, até que o cansaço físico assegurasse um bom sono.

Não se tratava apenas do calor, refletiu, deixando a varanda e partindo na direção oposta à de William. Ele se conhecia muito bem para saber que mesmo o aparente sucesso de seu plano não iria evitar que ele ficasse acordado, preocupando-se como um cachorro com um osso, procurando os pontos fracos, buscando formas de melhorá-lo. Afinal, William não iria partir imediatamente; havia algum tempo para refletir, fazer alterações, se necessário.

General Howe, por exemplo. Teria sido a melhor escolha? Talvez Clinton... mas não. Henry Clinton era uma velha rabugenta, que não mexia um pé sem ordens em três vias.

Os irmãos Howe — um general, o outro almirante — eram reconhecidos pela rispidez, ambos tendo os modos, o aspecto e o aroma geral de javalis no cio. Mas nenhum dos dois era burro — e Deus sabia que não eram tímidos — e Grey considerava William absolutamente capaz de sobreviver a maneiras rudes e palavras ríspidas. E um comandante dado a cuspir no chão — Richard Howe certa vez cuspira no próprio Grey, embora acidentalmente, devido a uma súbita mudança da direção do vento — possivelmente era mais fácil para um jovem subalterno do que as idiossincrasias de alguns outros militares que Grey conhecia.

Embora mesmo os mais peculiares da fraternidade da espada fossem preferíveis aos diplomatas. Perguntou-se distraidamente qual seria o coletivo de diplomatas. Se os escritores formavam a fraternidade da pena e um bando de lobos denominava-se alcateia.... uma corja de diplomatas, talvez? Irmãos do estilete? Não, decidiu. Óbvio demais. Um narcótico de diplomatas, mais adequado. Fraternidade

do tédio. Embora, às vezes, os que não eram maçantes pudessem ser perigosos.

Sir George Germain era um dos raros: maçante e perigoso. Perambulou para cima e para baixo das ruas da cidade por algum tempo, na esperança de se cansar antes de voltar para seu quarto pequeno e abafado. O céu estava baixo e soturno, com relâmpagos cintilando entre as nuvens, e o ar estava úmido como uma esponja de banho. Ela já devia estar em Albany — não menos úmida e infestada de insetos, porém um pouco mais fresca, e próxima às belas e escuras florestas das Mirondacks.

Ainda assim, não se arrependia de sua apressada viagem a Wilmington. Willie fora selecionado; isso era importante. E a irmã de William, Brianna, estancou por um instante, os olhos cerrados, revivendo o momento de transcendência e aflição que experimentara naquela tarde, vendo os dois juntos no que seria o único encontro dos dois, para sempre. Ele mal conseguira respirar, os olhos fixos nas duas figuras altas, aqueles rostos bonitos, ousados, tão parecidos — e ambos tão semelhantes ao homem que se postara ao seu lado, imóvel, mas ao contrário de Grey, sorvendo grandes goles de ar, como se temesse nunca mais conseguir respirar outra vez.

Grey esfregou distraidamente o dedo anular da mão esquerda, ainda não acostumado à ausência do anel. Ele e Jamie Fraser haviam feito o possível para proteger os que amavam e apesar da melancolia sentia-se reconfortado com a ideia de estarem unidos nesse parentesco de responsabilidade.

Será que algum dia ele voltaria a se encontrar com Brianna Fraser Mackenzie outra vez?, perguntou-se. Ela dissera que não — e parecera tão triste com o fato quanto ele.

— Que Deus a abençoe, minha filha — ele murmurou, sacudindo a cabeça, enquanto se virava na direção do porto. Iria sentir muito a sua falta, mas, assim como acontecia em relação a Willie, seu alívio de saber que ela logo estaria longe de Wilmington e fora de perigo sobrepujava sua sensação pessoal de perda.

Olhou involuntariamente para a água quando saiu no cais e deu um profundo suspiro de alívio ao ver a estaca vazia, inclinada na água. Ele não compreendera suas razões para fazer o que fizera, mas ele conhecia seu pai — e seu irmão também, aliás — há muito tempo para se enganar com a teimosa convicção que vira naqueles felinos olhos azuis. Assim, ele lhe conseguira o pequeno barco que ela pedira e permanecera no ancoradouro com o coração na boca, pronto a criar uma distração se necessário, enquanto seu marido remava, levando-a na direção do pirata amarrado à estaca.

Ele já vira muitos homens morrerem, em geral a contragosto, às vezes com resignação. Nunca vira alguém partir com tão apaixonada gratidão no olhar. Grey pouco conhecia Roger Mackenzie, mas suspeitava de que se tratava de um homem extraordinário, tendo não só sobrevivido ao casamento com aquela criatura fabulosa

e perigosa, como na verdade gerado dois filhos com ela.

Sacudiu a cabeça e virou-se, dirigindo-se de volta à estalagem. Poderia seguramente esperar mais duas semanas, pensou, antes de responder à carta de Germain — que ele habilmente subtraíra do malote diplomático ao ver o nome de William na missiva —, momento em que então poderia verdadeiramente dizer que, infelizmente, quando a carta foi recebida, lorde Ellesmere estava em algum lugar da vastidão deserta entre a Carolina do Norte e Nova York, e assim não ser informado de que ele era chamado de volta à Inglaterra, embora ele (Grey) estivesse certo de que Ellesmere lamentaria profundamente a perda desta oportunidade de fazer parte da equipe de sir George, quando recebesse a notícia — daí a alguns meses. Uma pena.

Começou a assoviar "Lillibulero" e acelerou o passo de volta à estalagem sentindo-se mais animado.

Parou no salão do bar e pediu uma garrafa de vinho para ser levada em seu quarto. Foi informado pela garçonete que "o cavalheiro" já levava uma garrafa para cima com ele.

— E dois copos — acrescentou, sorrindo para ele. — Então, suponho que ele não pretenda beber tudo sozinho.

Grey sentiu algo como uma centopeia correr pela sua espinha.

— Desculpe-me — falou. — Você disse que há um cavalheiro em meu quarto?

— Sim, senhor — ela confirmou. — Disse que é um velho amigo seu.... Na verdade, ele me disse seu nome... — Franziu a testa por um instante, em seguida seu semblante desanuviou. — Bouchau, ele disse, ou algo assim. Parecia um nome francês — ela explicou. — E o cavalheiro também parecia afrancesado. Vai querer alguma coisa para comer, senhor?

— Não, obrigado. — Dispensou-a com um aceno da mão e subiu as escadas, pensando rapidamente se havia deixado alguma coisa em seu quarto que não deveria. Um francês, chamado Bouchau... Beauchamp. O nome fustigou pela sua mente como um relâmpago. Estancou por um instante no meio da escada, em seguida retomou a subida, mais devagar.

Claro que não.... mas quem mais poderia ser? Quando saiu da ativa, há alguns anos, começara a vida diplomática como membro da Black Chamber inglesa, uma obscura organização encarregada de interceptar e decodificar a correspondência diplomática oficial — e mensagens muito menos oficiais que fluíam entre os governos da Europa. Cada um desses governos possuía sua própria Black Chamber, e não era incomum que os membros de uma dessas câmaras conhecessem seus pares — nunca se conheciam pessoalmente, mas os reconheciam pela assinatura, pelas iniciais, pelas observações escritas nas margens e sem assinatura.

Beauchamp fora um dos mais ativos agentes franceses; Grey cruzara sua pista várias vezes ao longo dos anos, muito embora seus próprios dias na Black Chamber já estivessem no passado distante. Se ele conhecia Beauchamp de nome, era bastante razoável supor que o sujeito também o conhecesse — mas sua ligação invisível ocorrera há muitos anos. Nunca haviam se encontrado pessoalmente e para tal encontro ocorrer ali... Tocou o bolso secreto em seu casaco e tranquilizou-se com o estalido abafado de papel.

Hesitou no topo da escada, mas de nada adiantava ser furtivo; obviamente, era esperado. Com passos firmes, desceu o corredor e girou a maçaneta de porcelana branca de sua porta, a louça lisa e fria sob seus dedos.

Uma onda de calor envolveu-o e ele arfou involuntariamente. Ainda bem, pois isso o impediu de proferir a blasfêmia que saltara aos seus lábios.

O cavalheiro que ocupava a única cadeira do aposento era realmente "afrancesado" — seu traje muito bem cortado, realçado por cascatas de renda branca como neve na garganta e nos punhos, os sapatos com fivelas de prata que combinavam com os cabelos em suas têmporas.

— Sr. Beauchamp — Grey disse, fechando lentamente a porta atrás de si. Suas roupas de baixo úmidas de suor grudavam-se em sua pele e ele podia sentir sua pulsação latejando nas têmporas. — Temo que tenha me surpreendido em desvantagem.

Perseverance Wainwright sorriu, muito levemente. — Prazer em vê-lo, John — ele disse.

Grey mordeu a língua para evitar qualquer coisa insensata — cuja descrição cobria praticamente tudo que pudesse dizer, pensou, com a exceção de "Boa-noite".

— Boa-noite — ele disse. Ergueu uma das sobrancelhas com ar de interrogação. — Monsieur Beauchamp?

— Oh, sim. — Percy recolheu os pés para trás, fazendo menção de se levantar, mas Grey abanou a mão para que permanecesse sentado e virou-se para pegar um banquinho, esperando que os segundos ganhos com o movimento lhe permitissem recobrar o autocontrole. Vendo que não adiantaram, procurou ganhar mais um tempo abrindo a janela e ficou ali parado, inspirando o ar úmido e denso, antes de se virar novamente e tomar seu assento.

— Como isso aconteceu? — ele perguntou, fingindo descontração. — Beauchamp, quero dizer. Ou trata-se apenas de um nom de guerre?

— Oh, não. — Percy pegou seu lenço orlado de renda e delicadamente enxugou o suor da linha dos cabelos, que começava a recuar, Grey observou. — Casei-me com uma das irmãs do barão Amandine. O nome da família é Beauchamp, eu o adotei. O relacionamento facilitava a entrada em determinados círculos políticos, dos quais... — Deu de ombros graciosamente e fez um gesto delicado que

abrangia sua carreira na Black Chamber; e sem dúvida em outros lugares, Grey pensou impiedosamente.

— Parabéns pelo seu casamento — Grey disse, sem se dar ao trabalho de disfarçar a ironia na voz. — Com quem você está dormindo, com o barão ou com a irmã?

Percy pareceu achar graça. — Ambos, de vez em quando. — Juntos? O sorriso se ampliou. Seus dentes ainda eram bons, Grey notou, embora um pouco manchados de vinho.

— De vez em quando. Embora Cecile, minha mulher, realmente prefira as atenções de sua prima Lucianne e eu próprio prefira as atenções do ajudante do jardineiro. Um homem adorável chamado Emile; me faz lembrar de você... em seus anos de juventude. Esbelto, louro, musculoso e brutal.

Para seu espanto, Grey sentiu vontade de rir. Mas, em vez disso, disse secamente:

— Soa extremamente francês. Tenho certeza de que lhe convém. O que deseja?

— É mais uma questão do que você deseja, eu acho. — Percy ainda não havia bebido nada do vinho; pegou a garrafa e serviu a bebida cuidadosamente, o líquido vermelho borbulhando, escuro, contra os copos. — Ou talvez eu deva dizer "o que a Inglaterra deseja". — Estendeu um copo a Grey, sorrindo. — Pois dificilmente se podem separar os interesses próprios daqueles do país, não é? Na realidade, confesso que você sempre me pareceu ser a Inglaterra, John.

Grey gostaria de proibir-lhe que usasse seu primeiro nome, mas isso iria apenas enfatizar a lembrança da intimidade dos dois — que era, é claro, a intenção de Percy. Resolveu ignorar isso e tomou um pequeno gole de seu vinho, que era bom. Perguntou-se se ele estaria pagando por ele — e, se estivesse, como.

— O que a Inglaterra deseja — repetiu, cético. — E qual é sua impressão do que a Inglaterra quer?

Percy tomou um gole do vinho e manteve-o na boca, evidentemente saboreando-o, antes de finalmente engolir.

— Não é propriamente um segredo, não é, meu caro? Grey suspirou e olhou fixamente para ele. — Você viu essa "Declaração de Independência" publicada pelo chamado Congresso Continental? — Percy perguntou. Virou-se e, enfiando a mão em uma sacola de couro que ele pendurara nas costas da cadeira, retirou um maço de papéis dobrados, que entregou a Grey.

Grey não havia, na realidade, visto o documento em questão, embora certamente tivesse ouvido falar dele. Fora impresso há apenas duas semanas, na Filadélfia, mas as cópias haviam se espalhado pelas colônias como ervas daninhas carregadas pelo vento. Erguendo uma das sobancelhas para Percy, desdobrou as

folhas e passou os olhos rapidamente por elas.

— O rei é um tirano? — ele disse, quase rindo do ultraje de alguns dos sentimentos mais extremos do documento. Dobrou as folhas juntas outra vez e atirou o maço sobre a mesa.

— E se eu sou a Inglaterra, imagino que você seja a personificação da França, para fins desta conversa?

— Represento certos interesses lá — Percy respondeu calmamente. — E no Canadá. Isso fez soar o alarme. Grey havia lutado no Canadá com Wolfe e tinha plena consciência de que, apesar de terem perdido grande parte de suas propriedades na América do Norte, os franceses continuavam ferozmente entrincheirados nas regiões ao norte, de Ohio Valley a Quebec. Bastante perto para causar problemas agora? Achava que não — mas não descartaria nada dos franceses, nem de Percy.

— A Inglaterra quer um fim rápido desta bobajada, obviamente. — A mão longa e magra de Percy apontou na direção do documento. — O Exército Continental, como chamam, é uma frágil associação de homens sem experiência e com ideias conflitantes. E se eu estivesse preparado a lhe fornecer informações que poderiam ser usadas para afastar um dos principais oficiais de Washington de sua lealdade?

— E se estivesse? — Grey retrucou, sem fazer nenhum esforço para esconder o ceticismo em sua voz. — De que forma isso beneficiaria a França ou seus próprios interesses, que tomo a liberdade de achar que não são completamente idênticos?

— Vejo que o tempo não abrandou seu cinismo natural, John. Um de seus traços menos atraentes... não sei se já mencionei isso a você.

Grey arregalou ligeiramente os olhos e Percy suspirou.

— Terras, é isso — ele disse. — O Território Noroeste. Nós o queremos de volta. Grey soltou uma risada curta.

— Imagino que sim. — O território em questão, uma grande extensão a noroeste do vale do rio Ohio, fora cedido à Grã-Bretanha pela França no fim da guerra entre franceses e índios. A Inglaterra, entretanto, não ocupara as terras e impedira a expansão colonial naquela direção, devido à resistência armada dos nativos e da presente negociação de tratados com eles. Os colonos não estavam satisfeitos com isso, ele sabia. O próprio Grey havia encontrado alguns desses nativos e estava inclinado a achar a posição do governo britânico tanto razoável quanto honrosa.

— Os comerciantes franceses têm extensas ligações com os aborígenes naquela área, vocês não têm nenhuma.

— Os comerciantes de peles de animais sendo alguns dos.... interesses... que você representa?

Percy sorriu abertamente.

— Não os principais interesses. Mas alguns. Grey não se deu ao trabalho de perguntar por que Percy o estava abordando — um diplomata notoriamente aposentado, sem nenhuma influência em particular — com essa questão. Percy conhecia o poder da família e das ligações de Grey da época de seu relacionamento pessoal — e "Monsieur Beauchamp" sabia muito mais a respeito de suas atuais conexões pessoais através da rede de informações que alimentava as Black Chambers da Europa. Grey não podia interferir diretamente na questão, é claro. Mas estava bem situado para levar a oferta discretamente à atenção daqueles que podiam.

Sentiu cada pelo de seu corpo se eriçar como a antena de um inseto, alerta ao perigo.

— Seria necessário mais do que a sugestão, é claro — disse, friamente. — O nome do oficial em questão, por exemplo.

— Não cabe a mim informar, no momento. Mas quando uma negociação em boa-fé for aberta...

Grey já estava imaginando a quem ele deveria levar esta proposta. Não a sir George Germain. Ao gabinete de lorde North? Mas isso podia esperar.

— E seus interesses pessoais? — ele perguntou, com rispidez. Ele conhecia bem Percy Wainwright para saber que haveria algum aspecto do caso em benefício pessoal de Percy.

— Ah, sim. — Percy tomou um pequeno gole de seu vinho, abaixou o copo e olhou calmamente para Grey por cima dele. — Muito simples, na verdade. Fui encarregado de encontrar um homem. Conhece um cavalheiro escocês chamado James Fraser?

Grey sentiu o pé de seu copo quebrar. No entanto, continuou segurando-o e cuidadosamente tomou um gole do vinho, agradecendo a Deus, primeiro, por nunca ter mencionado o nome de Jamie Fraser a Percy e, segundo, por Fraser ter ido embora de Wilmington naquela tarde.

— Não — disse, calmamente. — O que você quer com esse sr. Fraser? Percy deu de ombros e sorriu. — Só uma ou duas perguntas. Grey podia sentir o sangue vazando do corte na palma de sua mão. Segurando cuidadosamente os pedaços do copo quebrado, bebeu o resto do vinho. Percy permaneceu em silêncio, bebendo com ele.

— Minhas condolências pelo falecimento de sua esposa — Percy disse brandamente. — Sei que ela...

— Você não sabe nada — Grey retrucou asperamente. Inclinou-se para frente e colocou o copo quebrado sobre a mesa; a taça rolou sem direção, a borra do vinho espalhando-se pelo vidro. — Absolutamente nada. Nem sobre minha mulher, nem

sobre mim.

Percy ergueu levemente os ombros. Como quisesse, o gesto dizia. No entanto, seus olhos — ainda eram bonitos, desgraçado, escuros e meigos — demoraram-se sobre Grey com o que parecia um sentimento genuíno.

Grey suspirou. Sem dúvida, era genuíno. Percy não era confiável — de modo algum —, mas o que ele andara fazendo fora feito por fraqueza, não por malícia ou mesmo insensibilidade.

— O que você quer? — repetiu.

— Seu filho — Percy começou, e Grey virou subitamente para ele. Agarrou Percy pelo ombro, com tanta força que o sujeito soltou uma pequena arfada e retesou-se. Grey inclinou-se para baixo — olhando tão de perto no rosto de Wainwright — desculpe, Beauchamp — que sentiu o calor do hálito do sujeito em sua face e o cheiro de sua água de colônia. Ele estava sujando o casaco de Wainwright de sangue.

— Na última vez que o vi — Grey disse, muito calmamente —, estive muito perto de colocar uma bala em sua cabeça. Não me dê motivo para lamentar meu autocontrole.

Soltou-o e endireitou-se.

— Fique longe do meu filho, fique longe de mim. E, se quiser um conselho bem-intencionado, volte para a França. Depressa.

Girando nos calcanhares, saiu, fechando a porta com firmeza às suas costas. Já estava no meio da rua quando percebeu que deixara Percy em seu próprio quarto.

— Para o inferno com ele — murmurou, e saiu batendo os pés para pedir ao sargento Cutter uma vaga de alojamento para passar a noite. Pela manhã, iria se certificar de que a família Fraser e William estavam todos a salvo longe de Wilmington.



E ÀS VEZES NÃO ESTÃO

Lallybroch Inverness-shire, Escócia
Setembro 1980

— Estamos vivos — Brianna Mackenzie repetiu, a voz trêmula. Olhou para Roger, o papel pressionado contra o peito com as duas mãos. Seu rosto estava banhado em lágrimas, mas uma luz gloriosa brilhava em seus olhos azuis. — Vivos!

— Deixe-me ver. — Seu coração batia com tanta força no peito que mal conseguia ouvir as próprias palavras. Estendeu a mão e relutantemente ela entregou-lhe o papel, aproximando-se imediatamente para pressionar-se contra ele, agarrando-se ao seu braço enquanto ele lia, incapaz de tirar os olhos do antigo pedaço de papel.

A textura do papel era agradavelmente áspera sob seus dedos, papel feito à mão com sombras de folhas e flores pressionadas em suas fibras. Amarelado do tempo, mas ainda forte e surpreendentemente flexível. A própria Bri o fizera — há mais de duzentos anos.

Roger percebeu que suas mãos estavam trêmulas, o papel sacudindo tanto que a letra espalhada, rabiscada, tornava-se difícil de ser lida, desbotada como estava a tinta.

31 de dezembro de 1776

Querida filha,

Como verá se algum dia receber esta, estamos vivos...

Seus próprios olhos se turvaram e ele os limpou com as costas da mão, mesmo enquanto dizia a si mesmo que não importava, pois agora certamente estavam mortos, Jamie Fraser e sua mulher, Claire — mas sentiu tal alegria com aquelas palavras na folha que era como se os dois estivessem diante dele, sorrindo.

E eram, de fato, os dois, como ele descobriu. Embora a carta comesse com a caligrafia de Jamie — e voz —, a segunda página continuava na letra inclinada e

bem delineada de Claire.

A mão do seu pai não consegue mais continuar. E é uma longa história. Ele andou cortando lenha o dia inteiro e mal pode desdobrar os dedos — mas insistiu em lhes contar ele mesmo que não fomos — ainda — carbonizados. Não que isso não possa acontecer a qualquer momento; há quatorze pessoas comprimidas na velha cabana e estou escrevendo quase sentada dentro da lareira, com a velha Vovó MacLeod respirando ruidosamente em seu catre aos meus pés, para que eu possa, caso ela comece a morrer, entornar mais uísque pela sua goela abaixo.

— Meu Deus, eu posso ouvi-la — ele disse, estupefato.

— Eu também. — As lágrimas ainda rolavam pelo rosto de Bri, mas era um típico caso de sol e chuva; ela enxugou-as, rindo e fungando. — Leia mais. Por que estão em nossa cabana? O que aconteceu com a casa grande?

Roger correu o dedo pela página para continuar de onde havia parado e retomou a leitura.

— Oh, meu Deus! — exclamou.

Lembra-se daquele idiota, Donner?

Seus braços se arrepiaram diante do nome. Um viajante do tempo, Donner. E um dos indivíduos mais ineptos e irresponsáveis que já conhecera ou ouvira falar — mas por isso mesmo perigoso.

Bem, ele se superou reunindo uma quadrilha de vagabundos de Brownsville para vir roubar o tesouro em pedras preciosas que ele os convencera que possuíamos. Só que não tínhamos, é claro.

Não tinham — porque ele, Brianna, Jemmy e Amanda haviam usado o pequeno tesouro de pedras preciosas restantes como proteção para sua viagem através das pedras.

Eles nos mantiveram reféns e reviraram toda a casa, os desgraçados — quebrando, entre outras coisas, o recipiente de éter no meu consultório. Os gases quase intoxicaram todos nós ali mesmo...

Leu rapidamente o restante da carta, Brianna espreitando por cima de seu ombro e soltando gritinhos de susto e espanto. Uma vez terminada, ele largou as folhas e voltou-se para ela, o corpo trêmulo.

— Então, você conseguiu — ele disse, ciente de que não deveria dizer isso, mas incapaz de se conter, incapaz de não resfolegar com uma risada. — Você e seus malditos fósforos. Você incendiou a casa!

Seu rosto era uma caricatura, as feições alternando entre horror, indignação — e, sim, uma vontade histérica de rir que se igualava à dele.

— Oh, não! Foi o éter de mamãe. Qualquer tipo de faísca poderia ter provocado a explosão...

— Mas não foi qualquer tipo de faísca — Roger ressaltou. — Seu primo Ian acendeu um de seus fósforos.

— Bem, então foi culpa de Ian!

— Não, foi sua e de sua mãe. Mulheres cientistas — Roger disse, sacudindo a cabeça. — O século XVIII teve sorte de sobreviver a vocês duas.

Ela bufou de raiva.

— Bem, nada disso teria acontecido se não fosse o palhaço do Donner!

— É verdade — Roger admitiu. — Mas ele era um encenqueiro do futuro, também, não era? Embora, diga-se a bem da verdade, não fosse nem mulher, nem muito científico.

— Humm. — Ela pegou a carta, segurando-a delicadamente, mas incapaz de evitar esfregar as páginas entre os dedos. — Bem, ele não sobreviveu ao século XVIII, não é? — Estava cabisbaixa, as pálpebras ainda avermelhadas.

— Você não está com pena dele, está? — Roger perguntou, incrédulo. Ela sacudiu a cabeça, mas seus dedos ainda se moviam de leve pela folha grossa e macia.

— Não... exatamente dele. É que... A ideia de alguém morrer assim. Sozinho, quero dizer. Tão longe de casa.

Não, não era em Donner que ela estava pensando. Ele passou o braço ao seu redor e encostou a cabeça na dela. Ela cheirava a xampu Prell e repolhos frescos; ela estivera no canteiro de repolhos. As palavras na carta desbotavam-se e tornavam a ficar fortes conforme a pena que as escrevera era molhada no tinteiro, mas ainda assim eram nítidas e precisas — a letra de um cirurgião.

— Ela não está sozinha — ele sussurrou e, estendendo o dedo, delineou o pós-escrito, novamente na letra esparramada de Jamie. — Nenhum dos dois está. E quer tenham um telhado acima de suas cabeças ou não, ambos estão em casa.

Deixei a carta de lado. Haveria bastante tempo para terminá-la depois, pensei. Estive trabalhando nela conforme o tempo permitia nos últimos dias; não que houvesse nenhuma pressa em pegar o correio de partida, afinal. Sorri ligeiramente

diante desse pensamento e dobrei as folhas cuidadosamente, colocando-as em minha nova sacola de costura, por segurança. Limpei a pena e guardei-a, em seguida esfreguei meus dedos doloridos, saboreando por um pouco mais de tempo a doce sensação de conexão que sentia ao escrever cartas. Eu podia escrever com muito mais facilidade do que Jamie, mas carne e osso tinham seus limites, e o dia havia sido muito longo.

Olhei para o catre do outro lado do fogo, como fazia de poucos em poucos minutos, mas ela ainda estava quieta. Podia ouvi-la respirar, um gorgolejar chiado que vinha a intervalos tão longos que eu podia jurar que ela havia morrido entre um e outro. Contudo, não morreria e, pela minha estimativa, não o faria ainda por algum tempo. Eu esperava que ela morresse antes que meu suprimento de láudano acabasse.

Eu não sabia sua idade; parecia ter uns cem anos, mas podia ser mais nova do que eu. Seus dois netos, garotos adolescentes, a haviam trazido há dois dias. Estavam descendo as montanhas, pretendendo levar a avó para a casa de parentes em Cross Creek, antes de partirem para Wilmington para se unirem à milícia lá, mas a avó passara mal, como explicaram, e alguém lhes dissera que havia uma curandeira ali perto, nas montanhas. Assim, trouxeram-na para mim.

Vovó MacLeod — eu não tinha outro nome para ela; os garotos não pensaram em me dizer antes de partir e ela própria não estava em condições de fazê-lo — muito provavelmente estava nos últimos estágios de algum tipo de câncer. Macilenta, o rosto contraído de dor mesmo estando inconsciente, dava para ver pelo aspecto cinzento de sua pele.

O fogo ardia bem baixo; eu devia aticá-lo e acrescentar mais uma acha de lenha. Mas a cabeça de Jamie descansava em meus joelhos. Eu alcançaria a pilha de lenha sem perturbá-lo? Apoiei a mão de leve em seu ombro para dar equilíbrio e me estiquei, conseguindo apenas tocar os dedos na ponta de uma pequena tora. Delicadamente, soltei-a da pilha, os dentes pressionando o lábio inferior, e consegui, inclinando-me, enfiá-la na lareira, deslocando as brasas acesas e levantando nuvens de fagulhas.

Jamie remexeu-se sob a minha mão e murmurou algo ininteligível, mas quando enfiei a pequena tora no fogo aticado e recostei-me em minha cadeira, ele suspirou, ajeitou-se e voltou a dormir.

Olhei para a porta, apurando o ouvido, mas não escutei nada além do farfalhar das árvores ao vento. Claro, pensei, eu ouviria alguma coisa, considerando-se que era o Jovem Ian quem eu estava esperando.

Ele e Jamie estavam se revezando em montar guarda, escondendo-se no meio das árvores acima das ruínas carbonizadas da casa grande. Ian estava fora há mais de duas horas; já era hora de ele retornar para comer e se aquecer junto à lareira.

— Alguém tentou matar a porca branca — ele anunciou durante o café da manhã três dias atrás, achando graça.

— O quê? — Passei-lhe uma tigela de mingau, encimado por um bocado de manteiga derretida e um fio de mel — felizmente meus pequenos barris de mel e caixas de favos estavam na casinhola de refrigeração na ocasião do incêndio. — Tem certeza?

Ele balançou a cabeça, pegando a tigela e inalando o vapor, inebriado.

— Sim, ela está com um corte no flanco. Não é fundo e está sarando, tia — ele acrescentou, com um sinal da cabeça em minha direção, evidentemente achando que eu iria considerar o bem-estar médico da porca com o mesmo interesse que teria por qualquer outro morador de Ridge.

— É mesmo? Ótimo — eu disse, embora não houvesse nada que eu pudesse fazer se ela não estivesse sarando. Eu podia — e costumava fazer — tratar de cavalos, vacas, cabras, arminhos e até mesmo de uma ou outra galinha que não punha ovos, mas essa porca em particular estava por conta própria.

Amy Higgins fez o sinal da cruz à menção da porca.

— Provavelmente foi um urso — ela disse. — Nada mais ousaria atacá-la. Aidan, preste atenção no que o sr. Ian está dizendo aqui! Não se afaste muito daqui e tome conta do seu irmão lá fora.

— Os ursos dormem no inverno, mamãe — Aidan disse distraidamente. Sua atenção estava fixa em um novo pião que Bobby, seu novo padrasto, esculpira

para ele, e que ele ainda não conseguia fazer girar adequadamente. Lançando-lhe um olhar contrariado, colocou-o cuidadosamente sobre a mesa, segurou o barbante por um instante tenso e deu-lhe um puxão. O pião disparou por cima da mesa, ricocheteou no jarro de mel com um estalido e partiu na direção da jarra de leite a toda velocidade.

Ian estendeu a mão e agarrou o pião na hora H. Mastigando uma torrada, fez sinal para que Aidan lhe passasse o barbante, enrolou-o novamente e, com um experiente trejeito do pulso, lançou o pião zunindo em linha reta pelo meio da mesa. Aidan observou de boca aberta, depois mergulhou embaixo da mesa quando o pião caiu da outra extremidade.

— Não, não foi um animal — Ian disse, conseguindo finalmente engolir. — Era um corte preciso. Alguém a atacou com uma faca ou uma espada.

Jamie ergueu os olhos da torrada queimada que andara examinando.

— E você encontrou o corpo dele?

Ian exibiu um sorriso, mas sacudiu a cabeça.

— Não, se ela o matou, ela o comeu. E eu não achei nenhuma sobra.

— Porcos fazem uma grande sujeira para comer — Jamie observou. Ensaiou uma cautelosa mordida na torrada queimada, fez uma careta, mas comeu mesmo

assim.

— Um índio, você acha? — Bobby perguntou. O pequeno Orne se debatia para descer do colo de Bobby; seu novo padraço obediamente o colocou no chão, no seu lugar favorito embaixo da mesa.

Jamie e Ian trocaram olhares e eu senti os pelos da minha nuca se arrepiarem.

— Não — Ian respondeu. — Todos os cherokees das proximidades a conhecem muito bem e não tocariam nela nem com uma vara de três metros. Aham que ela é um demônio.

— E índios de passagem vindos do norte teriam flechas e tacapes — Jamie concluiu.

— Tem certeza de que não foi uma pantera? — Amy perguntou, em dúvida. — Elas caçam no inverno, não é?

— É verdade — Jamie confirmou. — Eu vi pegadas lá em cima, perto da Fonte Verde ontem. Estão me ouvindo aí? — ele disse, inclinando-se para falar com os garotos embaixo da mesa. — Fiquem espertos, hein?

— Mas, não — acrescentou, endireitando-se. — Ian conhece a diferença entre marcas de garras de animais e um corte de lâmina, eu acho. — Abriu um sorriso para Ian, que educadamente se absteve de revirar os olhos e meramente balançou a cabeça, os olhos fixos, em dúvida, na cesta de torradas.

Ninguém sugeriu que qualquer residente de Ridge ou de Brownsville estivera caçando a porca branca. Os presbiterianos locais não concordavam com os cherokees em nenhuma outra questão espiritual, mas havia um consenso entre eles sobre o caráter demoníaco da porca.

Pessoalmente, não estava certa se não tinham razão. Aquele monstro havia sobrevivido até mesmo ao incêndio da casa grande sem nenhum arranhão, emergindo de seu esconderijo sob os alicerces entre uma chuva de madeira queimada, seguida de sua última ninhada de porquinhos.

— Moby Dick! — eu disse em voz alta, inspirada. Rollo ergueu a cabeça com um espantado rugido, fixou em mim os olhos amarelos e deitou-a outra vez, suspirando.

— Dick quem? — Jamie disse, sonolento. Sentou-se direito, espreguiçando-se e gemendo, depois passou a mão pelo rosto e pestanejou para mim.

— Estava pensando no que aquela porca me faz lembrar — expliquei. — Uma longa história. Sobre uma baleia. Eu lhe contarei amanhã.

— Se eu viver até lá — ele disse, com um bocejo que quase deslocou seu maxilar. — Onde está o uísque? Ou você precisa dele para a pobre mulher? — Balançou a cabeça, indicando a forma da Vovó MacLeod enrolada em um cobertor.

— Ainda não. Tome. — Inclinei-me e remexi na cesta sob minha cadeira, tirando dali uma garrafa com rolha de cortiça.

Ele retirou a rolha e bebeu, a cor gradualmente retornando ao seu rosto. Entre passar os dias caçando ou rachando lenha e metade das noites espreitando em uma floresta gelada, até mesmo a enorme vitalidade de Jamie começava a dar sinais de enfraquecimento.

— Por quanto tempo você vai manter isso? — perguntei, a voz baixa para não acordar os Higgins — Bobby, Amy, os dois meninos e as duas cunhadas de Amy de seu primeiro casamento, que vieram para o casamento realizado há alguns dias, acompanhadas por um total de cinco crianças com idade abaixo de dez anos — todos dormindo no pequeno quarto. A partida dos rapazes MacLeod amenizara um pouco o congestionamento na cabana, mas com Jamie, eu, Ian, o cachorro de Ian, Rollo, e a velha mulher dormindo no chão do aposento principal, e os poucos bens que havíamos conseguido salvar do incêndio empilhados pelas paredes, eu às vezes sentia uma nítida onda de claustrofobia. Não era de admirar que Jamie e Ian estivessem patrulhando a floresta, tanto para respirar um pouco de ar fresco quanto pela convicção de que havia alguma coisa lá fora.

— Não por muito tempo — assegurou-me, dando de ombros ligeiramente, enquanto engolia um grande gole de uísque. — Se não virmos nada esta noite, nós... — Parou, a cabeça virando-se abruptamente para a porta.

Eu não ouvira nada, mas vi a maçaneta se mexer e, um instante depois, uma rajada de ar gélido inundou o aposento, enfiando os dedos frígidos sob minhas saias e agitando uma chuva de faíscas do fogo.

Prontamente, peguei um trapo e apaguei as fagulhas antes que pudessem atear fogo aos cabelos ou às roupas de cama da Vovó MacLeod. Quando finalmente controlei o fogo, Jamie colocava a pistola, a sacola de munição e o chifre de pólvora no cinto, conversando em voz baixa com Ian junto à porta. O próprio Ian estava com o rosto vermelho do frio e obviamente empolgado com alguma coisa. Rollo também estava acordado, fuçando nas pernas de Ian, balançando o rabo na expectativa de uma aventura glacial.

— É melhor você ficar aqui. — Ian disse-lhe, esfregando as orelhas com dedos frios. — Sheas.

Rollo emitiu um ruído de decepção do fundo da garganta e tentou passar por Ian, mas foi habilmente impedido por uma perna. Jamie virou-se, vestindo o casaco, inclinou-se e beijou-me apressadamente.

— Tranque a porta, a nighean — ele sussurrou. — Não abra para ninguém, a não ser eu ou Ian.

— O que... — comecei a dizer, mas haviam desaparecido.

A noite estava fria e límpida. Jamie respirou fundo e estremeceu, deixando o frio penetrar em seu corpo, remover o calor da mulher, a fumaça e o cheiro da lareira. Cristais de gelo cintilaram em seus pulmões, penetrantes em seu sangue. Ele

virava a cabeça de um lado para o outro, como um lobo farejando, respirando a noite. Havia pouco vento, mas o ar movia-se a partir do leste, trazendo o cheiro pungente de cinzas das ruínas da casa grande... e um leve odor adstringente que ele achou que fosse de sangue.

Olhou para seu sobrinho, uma pergunta na maneira de inclinar da cabeça, e viu Ian assentir, em silhueta contra a claridade cor de lavanda do céu.

— Há um porco morto, logo depois da horta da tia — disse o rapaz, em voz baixa.

— Oh, é mesmo? Mas não é a porca branca, é? — Seu coração apertou-se por um instante diante do pensamento, e ele se perguntou se iria lamentar a perda do monstro ou dançar em cima de seus ossos. Mas não. Ian sacudiu a cabeça, o movimento mais sentido do que visto.

— Não, não aquela besta velhaca. Um porco novo, talvez da ninhada do ano passado. Alguém o abateu, mas não levou mais do que uma ou duas tiras do quarto traseiro. E uma boa parte do que realmente levaram espalharam em pedaços pela trilha.

Jamie virou-se bruscamente, surpreso.

— O quê? Ian deu de ombros. — Sim. Mais uma coisa, tio. O animal foi abatido e cortado com um machado. Os cristais de gelo em seu sangue se solidificaram com uma rapidez que quase fizeram seu coração parar.

— Santo Deus — exclamou, mas não tanto pelo choque quanto pela admissão a contragosto de algo que ele sabia há muito tempo. — É ele, então.

— Sim. — Ambos já sabiam, mas nenhum dos dois quis admitir. Sem se consultarem, afastaram-se da cabana, penetrando na floresta.

— Sim, bem. — Jamie respirou fundo e suspirou, o vapor de seu hálito branco na escuridão. Esperara que o sujeito tivesse pegado seu ouro e sua mulher e ido embora de Ridge — mas nunca passara de uma esperança. Arch Bug era um Grant pelo sangue e o clã Grant era um bando vingativo.

Os Fraser de Glenhelm haviam flagrado Arch Bug em suas terras uns cinquenta anos antes e haviam lhe dado a escolha: perder um olho ou os dois primeiros dedos da mão direita. O sujeito se acostumara com sua mão mutilada, passando do arco e flecha que já não podia manejar para o uso de um machado, que ele manjava e lançava com uma habilidade equivalente à de qualquer mohawk, apesar de sua idade.

O que ele não conseguira aceitar foi a perda da causa Stuart e do ouro jacobita, enviado tarde demais da França, resgatado — ou roubado, dependendo do ponto de vista — por Hector Cameron, que trouxera um terço do ouro para a Carolina do Norte, parte por sua vez roubada — ou recuperada — da viúva de Cameron por Arch Bug.

Nem Arch Bug se reconciliara com Jamie Fraser.

— Você acha que é uma ameaça? — Ian perguntou. Eles haviam se afastado da cabana, mas continuaram no meio das árvores, circundando a grande clareira onde antes ficava a casa grande. A chaminé e metade de uma parede ainda estavam de pé, carbonizadas e nuas contra a neve suja.

— Acho que não. Se ele quisesse ameaçar, por que esperar até agora? — Ainda assim, agradeceu silenciosamente que sua filha e seus netos estivessem a salvo. Havia ameaças piores do que um porco morto e ele achava que Arch Bug não hesitaria em fazê-las.

— Talvez ele tenha ido embora — Ian sugeriu. — Para assentar sua mulher, e somente agora tenha voltado.

Era um pensamento sensato — se havia uma coisa que Arch amava neste mundo era sua mulher, Murdina, sua companheira de mais de cinquenta anos.

— Talvez — Jamie disse. No entanto... No entanto, ele sentira olhos em suas costas mais de uma vez durante as semanas desde a partida dos Bug. Sentiu um silêncio na floresta que não era o silêncio das árvores e rochas.

Ele não perguntou se Ian procurara o rastro do dono do machado; se alguém pudesse ser encontrado, Ian o encontraria. Mas não nevava há mais de uma semana e o que sobrara no solo estava remexido e pisoteado pelos pés de inúmeras pessoas. Olhou para o céu; neve outra vez, e dentro de pouco tempo.

Subiu no topo de um pequeno afloramento de rocha, tomando cuidado com o gelo; a neve se derretia durante o dia, mas a água congelava outra vez à noite, pendurando-se dos beirais da cabana e de cada galho em cintilantes pingentes que enchiam a floresta com a luz da aurora azul, depois gotejavam como ouro e diamantes sob o sol. Agora, estavam incolores, tilintando como vidro conforme a manga de seu casaco roçava pelos ramos de um arbusto coberto de gelo. Parou, agachando-se no alto da rocha, olhando por toda a extensão da clareira.

Muito bem. A certeza de que Arch Bug estava ali havia disparado uma cadeia de deduções semiconscientes, cuja conclusão agora flutuava à superfície de sua mente.

— Ele voltaria novamente por uma de duas razões — ele disse a Ian. — Para me causar algum mal ou para pegar o ouro. Todo ele.

Ele dera a Bug um pouco de ouro quando mandou o sujeito e sua mulher embora, ao descobrir a traição de Bug. Metade de um lingote francês. Teria permitido que um casal de idosos vivesse o resto de suas vidas com modesto conforto. Mas Arch Bug não era um homem modesto. Um dia fora arrendatário dos Grant e, embora tivesse escondido seu orgulho por algum tempo, não era da natureza do orgulho se manter enterrado.

Ian olhou para ele, interessado. — Todo ele — repetiu. — Então, você acha

que ele o escondeu aqui, mas em algum lugar de onde não podia retirá-lo facilmente quando você o mandou embora.

Jamie ergueu um dos ombros, observando a clareira. Com a casa agora destruída, ele podia ver a trilha íngreme que subia por trás dela, na direção do lugar onde antes ficava a horta de sua mulher, protegida atrás de sua cerca à prova de veados. Partes da cerca ainda estavam de pé, negras contra as manchas brancas de neve no solo. Iria fazer uma nova horta para ela um dia, tinha fé em Deus.

— Se seu propósito fosse apenas causar mal, ele teve chance. — Podia ver o porco abatido dali onde estava, uma forma escura no caminho, sombreada por uma larga poça de sangue.

Afastou da mente um pensamento repentino sobre Malva Christie e forçou-se a raciocinar outra vez.

— Sim, ele o escondeu aqui — repetiu, mais confiante agora. — Se ele já tivesse

todo o ouro, teria ido embora há muito tempo. Ele tem esperado, tentando arranjar uma maneira de recuperar o ouro. Mas não consegue fazer isso secretamente, então, agora, está tentando outra maneira.

— Sim, mas o quê? Isso... — Ian fez um sinal com a cabeça indicando a figura amorfa no caminho. — Pensei que pudesse ser uma cilada ou algum tipo de armadilha, mas não é. Eu olhei.

— Um chamariz, talvez? — O cheiro de sangue era evidente até mesmo para ele; seria óbvio para qualquer predador. No instante mesmo em que esse pensamento lhe ocorria, percebeu um movimento perto do porco e colocou a mão no braço de Ian.

Um rápido movimento hesitante, depois uma forma pequena, sinuosa, arremeteu-se para frente, desaparecendo atrás do corpo do porco.

— Raposa — os dois homens disseram simultaneamente, depois riram baixinho.

— Há uma pantera na floresta acima da Fonte Verde — Ian disse, em dúvida. — Vi o rastro ontem. Será que pretende atraí-la com o porco, na esperança de correremos para lidar com ela e ele poder pegar o ouro enquanto estamos ocupados?

Jamie franziu a testa e olhou na direção da cabana. É verdade, uma pantera atrairia os homens para fora — mas não as mulheres e crianças. E onde ele poderia ter escondido o ouro naquele lugar tão apinhado de gente? Seus olhos recaíram sobre a forma longa e curva do forno de Brianna, a certa distância da cabana, sem uso desde a sua partida, e uma onda de animação o fez aprumar-se. Isso seria.... mas, não; Arch roubara o ouro de Jocasta Cameron, uma barra de cada vez, transportando-a secretamente para Ridge, e iniciara este roubo muito antes de Brianna partir. Mas talvez...

Ian empertigou-se repentinamente e Jamie virou a cabeça abruptamente para ver qual era o problema. Não podia ver nada, mas captou o som que Ian ouvira. Um grunhido profundo, rouco, um ruge-ruge, um estalo. Então, houve uma distinta movimentação entre as toras carbonizadas das ruínas da casa, e ele compreendeu.

— Santo Deus! — exclamou, agarrando o braço de Ian com tanta força que seu sobrinho soltou um gemido de dor. — Está embaixo da casa grande!

A porca branca emergiu de seu esconderijo embaixo das ruínas, um vulto claro e gigantesco na noite, e ficou parada, girando a cabeça de um lado ao outro, farejando o ar. Em seguida, começou a se mover, uma pesada ameaça avolumando-se com determinação colina acima.

Jamie teve vontade de rir diante da pura beleza do artil. Arch Bug astutamente escondera o ouro sob os alicerces da casa grande, escolhendo os momentos em que a porca estava ausente. Ninguém pensaria em invadir os domínios da porca; ela era a guardiã perfeita — e sem dúvida ele pretendia reaver o tesouro da mesma maneira quando estivesse pronto para partir: cuidadosamente, um lingote de cada vez.

Mas a casa pegou fogo, as toras de madeira desabando sobre as fundações, tornando o ouro inacessível sem muito trabalho e dificuldade — o que sem dúvida atrairia atenção. Somente agora, quando os homens haviam limpado a maior parte dos escombros — e espalhado a fuligem e o carvão por toda a clareira no processo — é que alguém poderia ter acesso a alguma coisa escondida sob as ruínas sem chamar atenção.

Mas era inverno e a porca branca, embora não hibernasse como um urso, mantinha-se quase o tempo inteiro em seu aconchegante esconderijo — a não ser quando havia algo para comer.

Ian emitiu uma pequena exclamação de desgosto, ouvindo os ruídos de mastigação e salivagem que vinham do caminho.

— Os porcos não têm nenhuma delicadeza de sentimentos — Jamie murmurou. — Se está morto, eles comem.

— Sim, mas provavelmente é um dos seus próprios filhotes!

— Ela às vezes come os próprios rebentos vivos; duvido que se importe em comê-los mortos.

— Cruzes! Ele silenciou imediatamente, os olhos fixos na mancha escura que um dia fora a melhor casa da região. De fato, uma figura emergiu de trás da casinhola de refrigeração, movendo-se cautelosamente no caminho escorregadio. A porca, ocupada com o horrendo banquete, ignorou o sujeito, que parecia vestido com uma capa escura e carregando algo como um saco.

Não tranquei a porta imediatamente, mas saí para respirar um pouco de ar fresco por alguns instantes, fechando a porta atrás de mim para que Rollo não

escapasse. Em pouco tempo, Jamie e Ian haviam desaparecido no meio das árvores.

Olhei apreensivamente ao redor da clareira, para o negro da floresta do outro lado, mas não vi nada de errado. Nada se movia, a noite estava em silêncio; perguntei-me o que Ian poderia ter encontrado. Pegadas estranhas, talvez? Isso explicaria sua urgência; obviamente, estava prestes a nevar.

Não havia lua visível, mas o céu tinha um tom cinza rosado e o solo, embora pisoteado e com acúmulos de neve aqui e ali, ainda estava recoberto por neve antiga. O resultado era uma claridade estranha, leitosa, onde os objetos pareciam flutuar como se fossem pintados em vidro, indistintos e adimensionais. As ruínas carbonizadas da casa grande erguiam-se do outro lado da clareira, não mais do que uma mancha àquela distância, como se um polegar gigante, preto de fuligem, tivesse pressionado aquele lugar. Eu podia sentir a opressão da neve iminente no ar, ouvi-la no sussurro abafado dos pinheiros.

Os rapazes MacLeod haviam atravessado a montanha com a avó; disseram que estava muito difícil atravessar as passagens mais altas. Outra grande tempestade iria provavelmente nos isolar até março ou mesmo abril.

Assim relembro-me de minha paciente, dei uma última olhada ao redor da clareira e coloquei a mão no trinco. Rollo choramingava, arranhando a porta, e eu enfiei o joelho sem nenhuma cerimônia em sua cara enquanto abria a porta.

— Fique onde está, Rollo. Não se preocupe, eles vão voltar logo. — Ele fez um ruído alto, ansioso, no fundo da garganta, e começou a se virar de um lado para o outro, fuçando minhas pernas, procurando sair. — Não — eu disse, empurrando-o a fim de trancar a porta. O trinco encaixou-se no lugar com um baque tranquilizador e eu me virei para o fogo, esfregando as mãos. Rollo ergueu a cabeça e emitiu um uivo baixo e lúgubre, que fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem. — O que foi? — acrescentei, alarmada. — Quietos! — O barulho fez uma das crianças no quarto acordar e chorar; ouvi o farfalhar de cobertas e murmúrios maternais sonolentos. Ajoelhei-me depressa e agarrei o focinho de Rollo antes que ele pudesse uivar outra vez. — Shhhhh — eu fiz, e olhei para ver se o barulho perturbara a Vovó MacLeod. Ela jazia imóvel, o rosto cor de cera, os olhos cerrados. Esperei, automaticamente contando os segundos antes que a próxima respiração, apesar de fraca e superficial, levantasse seu peito.

Seis ... sete... — Oh, droga! — exclamei, ao perceber. Benzendo-me rapidamente, arrastei-me até ela de joelhos, mas uma inspeção de perto não me disse nada que eu já não tivesse visto. Discreta até o último instante, ela aproveitara o momento de distração para morrer sem atrair atenção.

Rollo continuava andando de um lado para o outro, não mais uivando, mas inquieto. Coloquei a mão delicadamente sobre o peito fundo. Não buscando um diagnóstico ou oferecendo ajuda, não mais. Apenas... um reconhecimento necessário

do falecimento de uma mulher cujo primeiro nome eu não sabia.

— Bem... que Deus a tenha, pobrezinha — eu disse baixinho, e sentei-me sobre os calcanhares, tentando pensar o que fazer em seguida.

O protocolo adequado das Highlands determinava que a porta deveria ser aberta imediatamente após uma morte, para permitir que a alma fosse embora. Esfreguei o nó de um dedo sobre os lábios, em dúvida; a alma poderia ter escapado rapidamente quando eu abri a porta para entrar? Provavelmente, não.

Seria de imaginar que, em um clima tão inóspito quanto o da Escócia, deveria haver um pouco de condescendência climatológica em tais questões, mas eu sabia que não era este o caso. Chuva, neve, granizo, vento — os escoceses das Highlands sempre abriam a porta e a deixavam aberta durante horas, tanto ansiosos para liberar a alma que partia quanto receosos de que o espírito, impedido de sair, se virasse e se instalasse ali permanentemente, como um fantasma. A maioria dos terrenos era pequena demais para que essa perspectiva pudesse ser tolerada.

O pequeno Orne estava acordado agora; podia ouvi-lo cantando alegremente para si mesmo, uma canção que consistia no nome do padrasto.

— Baaaaah-by, baaah-by, BAAAH-by... Ouvi uma risadinha baixa, sonolenta, e o murmúrio de Bobby em resposta. — Esse é meu homenzinho. Precisa do urinol, acooshla? — A palavra carinhosa em gaélico — a chuisle, "sangue do meu coração" — me fez sorrir, tanto pela palavra quanto pela estranheza do som no sotaque de Dorset de Bobby. Mas Rollo emituiu um rosnado baixo na garganta, lembrando-me da necessidade de ação.

Se os Higgins e parentes acordassem dentro de poucas horas e descobrissem um cadáver no chão, ficariam muito perturbados, sua noção de justiça afrontada — e agitados com a ideia de uma estranha morta provavelmente agarrada à sua casa. Um presságio muito ruim para o novo casamento e o ano-novo. Ao mesmo tempo, sua presença estava inegavelmente deixando Rollo nervoso e a perspectiva de que ele acordasse todo mundo nos próximos minutos estava me deixando nervosa.

— Certo — eu disse num sussurro. — Vamos, Rollo. — Havia, como sempre, partes de arreios precisando de remendos em um gancho junto à porta. Desvencilhei um bom pedaço de rédea e improvisei uma coleira que passei pelo pescoço de Rollo. Ele ficou mais do que satisfeito em sair, arremetendo-se para frente quando abri a porta, embora menos feliz em ser arrastado para a meia-água da despensa, onde amarrei a correia apressadamente em uma estaca, antes de retornar à cabana para pegar o corpo de Vovó MacLeod.

Olhei à volta cuidadosamente antes de me aventurar a sair outra vez, as advertências de Jamie em mente, mas a noite estava tão quieta quanto uma igreja; até mesmo as árvores haviam silenciado.

A pobre mulher não podia pesar mais do que trinta e poucos quilos, pensei;

suas clavículas projetavam-se através da pele e seus dedos eram frágeis como galinhos secos. Ainda assim, trinta e dois, trinta e três quilos de peso literalmente morto eram um pouco mais do que eu conseguiria levantar. Fui obrigada a desenrolar o cobertor que a envolvia e usá-lo como um trenó improvisado, no qual a arrastei para fora, murmurando desculpas e preces misturadas à meia-voz.

Apesar do frio, eu arfava e estava molhada de suor quando finalmente consegui colocá-la na despensa.

— Bem, ao menos sua alma teve tempo suficiente para ir embora — murmurei, ajoelhando-me para verificar o corpo, antes de ajeitá-lo em sua falsa mortalha. — E também não creio que ela iria querer ficar pairando por aí, assombrando uma despensa, de qualquer forma.

Suas pálpebras não estavam inteiramente fechadas, uma fenda branca à mostra, como se ela tivesse tentado abri-los para uma última olhadela ao mundo — ou talvez em busca de um rosto familiar.

— Benedicite — murmurei, e delicadamente fechei os olhos, imaginando ao fazê-lo se algum dia um estranho iria fazer o mesmo por mim. As chances eram boas. A menos que...

Jamie manifestara sua intenção de retornar à Escócia, recuperar sua gráfica e depois voltar para lutar. Mas e se, disse uma voz covardemente dentro de mim, não voltássemos? E se fôssemos para Lallybroch e ficássemos lá?

Enquanto pensava nessa possibilidade — com as promissoras visões de ser envolvida na mortalha pela família, capaz de viver em paz, envelhecer lentamente sem o medo constante de contratempos, fome e violência —, sabia que não funcionaria.

Eu não sabia se Thomas Wolfe estava certo sobre não ser possível retornar para casa — bem, eu não ficaria sabendo, pensei, com certa amargura; eu não tinha uma casa para a qual voltar — mas eu conhecia Jamie. Idealismo à parte — e ele realmente tinha algum, embora de uma espécie muito pragmática —, o fato é que ele era um homem correto e, portanto, precisava ter um trabalho adequado. Não apenas um trabalho braçal; não apenas um trabalho para ganhar a vida. Um trabalho de verdade. Eu entendia a diferença.

E, apesar de ter certeza de que a família de Jamie o receberia com alegria — apesar de ter dúvidas sobre a natureza da recepção que eu mesma receberia, eu acreditava que não iriam chamar um padre e mandar me exorcizar —, o fato era que Jamie não era mais o senhor de Lallybroch, e jamais seria.

— "... e sua casa não o conhecerá mais" — murmurei, limpando as partes íntimas da mulher — surpreendentemente não ressequidas; talvez ela fosse mais nova do que eu imaginava — com um pano úmido. Há dias ela não comia nada; nem mesmo o relaxamento da morte tivera muito efeito, mas qualquer um merecia ir

limpo para sua cova.

Parei, diante do pensamento. Teríamos condições de enterrá-la? Ou ela apenas iria descansar pacificamente embaixo da geleia de framboesa e das sacas de feijões secos até a primavera?

Ajeitei suas roupas, respirando com a boca aberta, tentando avaliar a temperatura pelo vapor do meu hálito. Esta seria apenas a segunda nevasca importante do inverno e ainda não havíamos tido uma temperatura realmente congelante; isso geralmente acontecia do meio para o fim de janeiro. Se o solo ainda não estivesse congelado, provavelmente conseguiríamos enterrá-la — desde que os homens estivessem dispostos a retirar a neve.

Rollo deitara-se, resignado, enquanto eu fazia meu trabalho, mas nesse momento ergueu a cabeça abruptamente, as orelhas em pé.

— O que foi? — perguntei, assustada, e virei-me sobre os joelhos para olhar para fora pela porta aberta da despensa. — O que está acontecendo?

— Devemos pegá-lo agora? — Ian murmurou. Tinha o arco posicionado no ombro; deixou o braço cair e o arco deslizou silenciosamente para sua mão.

— Não. Deixe-o encontrá-lo primeiro. — Jamie falou devagar, tentando decidir o que seria correto fazer com o sujeito, tão repentinamente reaparecido diante dele.

Não o matar. Era bem verdade que ele e sua mulher haviam causado uma série de transtornos com sua traição, mas não quiseram causar mal à sua família — não no começo, ao menos. Seria Arch Bug realmente um ladrão aos seus próprios olhos? Sem dúvida, a tia Jocasta de Jamie não tinha mais — ou menos — direito ao ouro do que ele próprio.

Suspirou e colocou a mão no cinto, onde estavam sua adaga e a pistola. Ainda assim, não podia permitir que Bug fosse embora com o ouro, nem poderia simplesmente levá-lo dali e deixá-lo livre para causar mais problemas. Quanto ao que fazer com ele, em nome de Deus, quando o capturasse... era como ter uma cobra em um saco. Mas nada havia a fazer agora senão capturá-la e mais tarde se preocupar com o que fazer com o saco. Talvez pudessem chegar a um acordo...

A figura alcançara a mancha negra dos alicerces e escalava desajeitadamente em meio às pedras e às toras carbonizadas dos destroços, a capa preta se agitando e inflando conforme o vento soprava.

A neve começou a cair, repentina e silenciosamente, com flocos grandes e vagarosos, que não pareciam exatamente cair do céu, mas simplesmente aparecer, girando do ar. Roçavam seu rosto e grudavam-se em suas pestanas; limpou-os e fez sinal para Ian.

— Vá para trás — sussurrou. — Se ele correr, lance uma flecha pelo seu nariz para fazê-lo parar. E fiquem bem longe, hein?

— Você fique bem longe, tio — Ian retrucou. — Se chegar a uma distância decente para um tiro de pistola, ele racha seu crânio com o machado. E eu não vou explicar isso para tia Claire.

Jamie deu uma risadinha e empurrou Ian com o cotovelo para que ele fosse andando. Ele carregou e preparou sua pistola, depois saiu para a neve que caía, caminhando firmemente na direção das ruínas de sua casa.

Ele já vira Arch abater um peru com seu machado a seis metros de distância. E era verdade que a maioria das pistolas não era precisa a muito mais do que isso. Mas, afinal, ele não pretendia atirar no sujeito. Sacou a pistola, mantendo-a claramente na mão.

— Arch! — chamou. A figura estava de costas para ele, inclinada enquanto cavava nas cinzas. Diante de seu chamado, pareceu se retesar, ainda abaixada. — Arch Bug! — ele gritou. — Saia daí, homem. Quero falar com você!

Em resposta, a figura endireitou-se abruptamente, virou-se e um jato de fogo iluminou a neve que caía. No mesmo instante, a chama queimou sua coxa e ele cambaleou.

Tinha consciência principalmente da surpresa; nunca soube que Arch Bug usasse uma pistola e ficou impressionado que ele pudesse mirar tão bem com a mão esquerda.

Ele caíra na neve sobre um dos joelhos, mas enquanto erguia a própria arma para atirar percebeu duas coisas: a figura negra mirava uma segunda pistola para ele — mas não com a mão esquerda. O que significava...

— Santo Deus! Ian! — Mas Ian o vira cair e também vira a segunda pistola. Jamie não ouviu o voo da flecha, acima do murmúrio do vento e da neve; ela apareceu como por mágica, fincada nas costas da figura. A figura enrijeceu-se, depois desmoronou no chão. Quase antes de a figura atingir o solo, ele já estava correndo, mancando, a perna direita dobrando-se sob ele a cada passo. — Meu Deus, não, meu Deus, não — repetia, e parecia a voz de outra pessoa.

Uma outra voz atravessou a noite e a neve, gritando em desespero. Logo Rollo passava por ele a toda velocidade, apenas uma mancha — quem o deixara sair? —, e um rifle espocou do meio das árvores. Ian berrou, em algum lugar próximo, chamando o cachorro, mas Jamie não tinha tempo para olhar, arrastava-se aos trancos e barrancos pelas pedras enegrecidas, escorregando na fina camada de neve fresca, sua perna fria e quente ao mesmo tempo, mas não importava, oh, Deus, por favor, não...

Alcançou a figura negra e atirou-se de joelhos ao seu lado, agarrando-a. Soube imediatamente; soubera no mesmo instante em que percebera que a pistola estava empunhada pela mão direita. Arch, sem seus dedos, não poderia disparar uma pistola com a mão direita. Mas, oh, Deus, não...

Ele a virou, sentindo o corpo pequeno e pesado agora flácido e difícil de manejar como um cervo recém-abatido. Puxou para trás o capuz da capa e passou a mão, delicadamente, desamparadamente, sob o rosto redondo e liso de Murdina Bug. Ela respirou contra sua mão — talvez... mas ele também sentiu a haste da seta contra sua mão. A flecha atravessara seu pescoço e sua respiração gorgolejava de sangue; sua mão também estava molhada, e quente.

— Arch? — ela disse roucamente. — Quero Arch. — E morreu.

*VIDA POR VIDA*

Levei Jamie para a despensa. Estava escuro, e frio, particularmente para um homem sem calças, mas eu não queria correr o risco de nenhum dos Higgins acordar. Meu Deus, agora não. Todos eles haviam irrompido de seu santuário como uma revoada de codornas em pânico — e eu me encolhi à ideia de ter que lidar com eles antes do momento inevitável. Já seria bastante horrível ter que lhes contar o que acontecera à luz do dia; eu não poderia encarar a perspectiva agora.

Por falta de alternativa melhor, Jamie e Ian haviam colocado a sra. Bug na despensa, ao lado da Vovó MacLeod, enfiada embaixo da prateleira mais baixa, a capa puxada sobre seu rosto. Eu podia ver seus pés projetando-se para fora, com suas botas gastas e rachadas e meias listradas. Tive uma súbita visão da Bruxa Malvada do Oeste e tapei a boca com a mão antes que alguma coisa realmente histórica pudesse escapar.

Jamie virou a cabeça em minha direção, mas seu olhar estava voltado para dentro, o rosto pálido e cansado, as rugas profundas na claridade da vela que ele segurava.

— Hein? — ele disse vagamente.

— Nada — eu disse, a voz trêmula. — Absolutamente nada. Sen... sente-se. — Assentei o banco e meu estojo médico, peguei a vela e a vasilha de água quente da mão dele, e tentei não pensar em nada, salvo na tarefa à minha frente. Não em pés. Não, pelo amor de Deus, em Arch Bug.

Jamie tinha um cobertor em volta dos ombros, mas suas pernas estavam necessariamente nuas, e eu podia sentir seus pelos se arrepiando conforme minha mão roçava por eles. A barra de sua camisa estava encharcada de sangue semiseco; grudava em sua perna, mas ele não emitiu nenhum som quando eu a soltei e afastei suas pernas. Ele andara se movendo como um homem em um pesadelo, mas a aproximação de uma vela aos seus testículos o excitou.

— Tome cuidado com essa vela, Sassenach, sim? — ele disse, colocando a mão protetoramente sobre sua genitália.

Compreendendo sua preocupação, entreguei-lhe a vela para ele segurar e, com uma breve admoestação para ter cuidado com os pingos de cera quente, retornei à minha inspeção.

O ferimento exsudava sangue, mas não era grave. Mergulhei um pano na água quente na vasilha e comecei a trabalhar. Sua carne estava gelada e o frio abafava até mesmo os odores pungentes da despensa, mas eu ainda podia sentir seu cheiro, seu almíscar seco familiar, misturado a sangue e suor abundante.

Era um sulco de uns dez centímetros de comprimento, no alto de sua coxa. Mas bastante limpo.

— Um especial de John Wayne — eu disse, tentando um tom de voz descontraído, leve. Os olhos de Jamie, que estavam fixos na chama da vela, mudaram de foco e se concentraram em mim.

— O quê? — ele disse com voz rouca.

— Nada sério — eu disse. — A bala passou de raspão. Pode mancar um pouco por um ou dois dias, mas o herói sobrevive para lutar mais um dia. — A bala havia de fato passado entre suas pernas, sulcando a parte interna da coxa, perto dos dois testículos e da artéria femoral. Mais dois centímetros para a direita e ele estaria morto. Dois centímetros para cima...

— Você não está ajudando muito, Sassenach — ele disse, mas o esboço de um sorriso flutuou em seus olhos.

— Não — concordei. — Mas um pouco, não?

— Um pouco — ele disse, e tocou meu rosto de leve. Sua mão estava muito fria e trêmula; cera quente escorria pelos nós dos dedos da outra mão, mas ele não parecia sentir. Tirei a vela delicadamente de sua mão e coloquei-a na prateleira.

Eu podia sentir a tristeza e a autocensura emanando dele em ondas, e lutei para mantê-las a distância. Eu não poderia ajudá-lo se cedesse à enormidade da situação. Não tinha certeza se poderia ajudá-lo, de qualquer forma, mas iria tentar.

— Oh, meu Deus — ele exclamou, tão baixo que eu mal o ouvi. — Por que eu não o deixei levar o ouro? Que diferença fazia? — Bateu o punho cerrado no joelho, silenciosamente. — Meu Deus, por que eu simplesmente não o deixei levá-lo?

— Você não sabia quem era ou o que pretendia fazer — eu disse, no mesmo tom, colocando a mão em seu ombro. — Foi um acidente. — Seus músculos estavam contraídos, enrijecidos de angústia. Eu também sentia o mesmo, um nó de protesto e negação — Não, não pode ser verdade, não pode ter acontecido! — em minha garganta, mas havia trabalho a ser feito. Eu lidaria com o inevitável mais tarde.

Ele colocou a mão sobre o rosto, sacudindo a cabeça devagar de um lado para o outro. E não falou, nem se moveu, enquanto eu terminava a limpeza e o

curativo do ferimento.

— Pode fazer alguma coisa por Ian? — ele disse, depois que terminei. Retirou a mão do rosto e ergueu os olhos para mim quando me levantei, o semblante abatido de exaustão e dor, mas novamente calmo. — Ele está... — Engoliu e olhou para a porta. — Ele está mal, Sassenach.

Olhei para o uísque que eu trouxera: um quarto de garrafa. Jamie seguiu a direção do meu olhar e sacudiu a cabeça.

— Não é suficiente. — Beba-o você, então. — Ele sacudiu a cabeça, mas coloquei a garrafa em sua mão e pressionei seus dedos à sua volta. — Ordens — eu disse, suavemente, mas com firmeza. — Choque. — Ele resistiu, fez menção de devolver a garrafa, e eu apertei minha mão sobre a sua. — Eu sei — acrescentei. — Jamie... eu sei. Mas você não pode se entregar. Não agora.

Ergueu os olhos para mim por um instante, mas depois balançou a cabeça, aceitando o que tinha que aceitar porque era necessário, os músculos do braço relaxando. Meus próprios dedos estavam rígidos, frios da água e do ar gélido, mas ainda mais quentes do que os dele. Envolvi sua mão livre com as minhas e apertei-a, com força.

— Há uma razão para o herói nunca morrer, sabe — eu disse, esboçando um sorriso, embora sentisse meu rosto enrijecido e falso. — Quando o pior acontece, alguém ainda tem que decidir o que fazer. Entre em casa agora e se aqueça. — Olhei para a noite lá fora, com seu céu de lavanda e agitada com a neve em torvelinho. — Eu... encontrarei Ian.



Para onde ele teria ido? Não muito longe, não neste tempo. Considerando seu estado de espírito quando ele e Jamie voltaram com o corpo da sra. Bug, ele devia, eu achava, simplesmente ter ido para a floresta, sem se importar para onde ou com o que pudesse lhe acontecer — mas ele tinha o cachorro com ele. Independentemente de como se sentisse, ele não levaria Rollo para dentro de uma violenta nevasca.

E uma forte nevasca era o que estava se formando. Subi devagar a colina na direção dos barracões externos da fazenda, protegendo a lanterna na dobra da minha capa. Ocorreu-me repentinamente se Arch Bug poderia ter se escondido na casinhola de refrigeração ou no barraco de defumação. E... oh, meu Deus? Ele saberia? Parei de repente no caminho por um instante, deixando a neve espessa que caía acumular-se como um véu sobre minha cabeça e ombros.

Eu estava tão chocada com o que acontecera que não me perguntei se Arch Bug saberia que sua mulher estava morta. Jamie disse que ele chamara, chamara Arch para que viesse, assim que compreendeu — mas não houve resposta. Talvez

Arch tivesse suspeitado de uma armadilha; talvez tivesse simplesmente fugido, ao ver Jamie e Ian, presumindo que eles certamente não causariam nenhum mal a sua mulher.

— Oh, maldição — eu disse, num sussurro, alarmada. Mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Esperava que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer por Ian. Passei o braço pelo rosto, pestanejei para tirar a neve das minhas pestanas e continuei, devagar, a luz da lanterna engolida no vórtice da neve em redemoinho. Se eu me deparasse com Arch... Meus dedos se fecharam na alça da lanterna. Eu teria que lhe contar, levá-lo de volta à cabana, deixá-lo ver... Oh, meu Deus. Se eu voltasse com Arch, Jamie e Ian poderiam ocupá-lo tempo suficiente para eu remover a sra. Bug da despensa e deixá-la mais apresentável? Eu não tivera tempo de retirar a flecha de seu pescoço, nem de estender o corpo mais apropriadamente. Enfiei as unhas na palma da minha mão livre, tentando me controlar. — Cristo, não deixe que eu o encontre — falei baixinho. — Por favor, não permita que eu o encontre.

Mas a casinhola de refrigeração, o barraco de defumação e a tulha de milho estavam todos — graças a Deus — vazios, e ninguém poderia ter se escondido no galinheiro sem que as galinhas fizessem uma grande algazarra; estavam silenciosas, dormindo durante a tempestade de neve. Mas a visão do galinheiro trouxe a sra. Bug repentinamente à mente — ela espalhando milho de seu avental, chamando as tolas galinhas com seu cantarolar monótono. Ela colocara nome em todas elas. Eu não me importava nem um pouco se estávamos comendo Isobeall ou Alasdair no jantar, mas no momento o fato de que ninguém mais agora seria capaz de distingui-las ou de se alegrar com o fato de que Elspeth chocara dez pintinhos parecia-me indescritivelmente desolador.

Finalmente, encontrei Ian no estábulo, uma forma escura encolhida na palha junto às patas da mula Clarence, cujas orelhas levantaram-se com a minha chegada. Ela zurrou extasiada diante da perspectiva de mais companhia e as cabras baliram histericamente, achando que se tratava de um lobo. Os cavalos, surpresos, remexiam a cabeça de um lado para o outro, resfolegando e relinchando. Rollo, aninhado no feno ao lado de seu dono, deu um latido agudo e breve de contrariedade diante da algazarra.

— Isso aqui está parecendo uma maldita Arca de Noé — observei, retirando a neve da minha capa e pendurando a lanterna em um gancho. — Tudo que precisamos é de um casal de elefantes. Pare, Clarence!

Ian voltou o rosto para mim, mas pude ver por seu semblante inexpressivo que ele não prestara atenção ao que eu disse.

Agachei-me ao seu lado e coloquei a mão em seu rosto; estava frio, áspero com a barba por fazer.

— Não foi culpa sua — eu disse brandamente.

— Eu sei — ele disse, engolindo em seco. — Mas não vejo como vou poder continuar vivendo. — Ele não estava sendo dramático; sua voz estava simplesmente perplexa e confusa. Rollo lambeu sua mão e seus dedos mergulharam nos pelos do pescoço do cachorro, como se buscasse apoio. — O que posso fazer, tia? — Olhou para mim, desamparado. — Não há nada, não é? Não posso voltar atrás, desfazer o que fiz. No entanto, continuo procurando uma forma de fazer isso. Algo que eu possa fazer para consertar as coisas. Mas... não há nada.

Sentei-me no feno a seu lado e passei o braço pelos seus ombros, pressionando sua cabeça contra mim. Ele cedeu, com relutância, embora eu sentisse pequenos e constantes estremecimentos de exaustão e dor percorrerem seu corpo como um calafrio. — Eu a amava — ele disse, tão baixo que eu mal podia ouvi-lo. — Era como se fosse minha avó. E eu...

— Ela o amava — sussurrei. — Ela não o culparia. — Eu continha minhas próprias emoções com firmeza, para poder fazer o que tinha que ser feito. Mas agora... Ian tinha razão. Não havia nada e, por absoluto desamparo, as lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. Eu não estava chorando. Apenas, a dor da perda e o choque transbordavam; eu não conseguia contê-los.

Quer ele tenha sentido as lágrimas em sua pele ou apenas as vibrações da minha dor, eu não saberia dizer, mas repentinamente Ian também sucumbiu e chorou nos meus braços, convulsivamente.

Desejei de todo o coração que ele fosse um menino e que o pranto pudesse lavar sua culpa e deixá-lo limpo, em paz. Mas ele já estava muito além de coisas simples assim; tudo que eu podia fazer era abraçá-lo, afagar suas costas, com murmúrios apaziguadores. Em seguida, Clarence ofereceu seu próprio consolo, respirando pesadamente na cabeça de Ian e mordiscando delicadamente uma mecha de seu cabelo. Ian afastou-se com um safanão, dando um tapa no focinho da mula.

— Ei, fora daí! Engasgou-se, riu de uma forma abalada, chorou um pouco mais e, em seguida, endireitou-se e limpou o nariz na manga. Permaneceu imóvel por algum tempo, reunindo os pedaços de si mesmo, e eu não interfeiri.

— Quando matei aquele homem em Edimburgo — disse finalmente, a voz espessa, mas controlada —, tio Jamie levou-me ao confessionário e me ensinou a prece que se diz quando se mata alguém. Para encomendar sua alma a Deus. Pode dizê-la comigo, tia?

Eu não pensava — muito menos rezara — na prece das almas há muitos anos e, desajeitadamente, tropecei pelas palavras. No entanto, Ian recitou-a sem hesitação, e eu me perguntei quantas vezes ele a havia usado através dos anos.

As palavras da oração pareciam insignificantes e inúteis, engolidas pelos ruídos do farfalhar do feno e da mastigação dos animais, mas senti uma pequena

centelha de consolo. Talvez seja apenas que recorrer a algo maior do que nós mesmos dê a sensação de que realmente há algo maior — e realmente tem que haver, porque obviamente você não é suficiente para a situação. Eu sem dúvida não era.

Ian permaneceu sentado por algum tempo, imóvel, os olhos cerrados. Finalmente, abriu-os e olhou para mim, o olhar escuro de compreensão, o rosto muito pálido sob os pelos curtos da barba.

— E depois, ele disse, você vive com isso — ele disse suavemente. Passou a mão pelo rosto. — Mas acho que não conseguirei. — Era a simples afirmação de um fato, e isso me assustou profundamente. Minhas lágrimas haviam secado, mas parecia que eu olhava para dentro de um buraco negro, infinito — e não conseguia desviar os olhos.

Respirei fundo, tentando encontrar algo a dizer, em seguida retirei um lenço do bolso e entreguei-o a ele.

— Você está respirando, Ian? Sua boca torceu-se um pouco. — Sim, acho que sim. — É tudo que precisa fazer por enquanto. — Levantei-me, limpei o feno das minhas saias e estendi a mão para ele. — Venha. Precisamos voltar à cabana antes de ficarmos presos aqui com a neve.

A neve estava mais intensa agora e uma rajada de vento apagou a vela em minha lanterna. Não importava; eu poderia achar a cabana de olhos vendados. Ian seguiu à minha frente sem comentários, abrindo um caminho pela neve recém-acumulada.

Esperava que a prece o tivesse ajudado, ao menos um pouco, e imaginei se os mohawks tinham algum meio melhor de lidar com a morte injusta do que a Igreja Católica.

Então, percebi que eu sabia exatamente o que os mohawks fariam neste caso. Ian também; ele o fizera. Apertei mais a capa ao meu redor, sentindo como se eu tivesse engolido uma grande bola de gelo.

*AINDA NÃO, POR ENQUANTO*

Após muita discussão, os dois corpos foram carregados delicadamente para fora e estendidos na beirada do alpendre. Simplesmente não havia espaço suficiente para deixá-los dentro de casa, e dadas as circunstâncias...

— Não podemos deixar o velho Arch continuar em dúvida — Jamie dissera, colocando um fim na discussão. — Se o corpo estiver em plena vista, talvez ele saia do esconderijo e talvez não, mas saberá que sua mulher está morta.

— É verdade — Bobby Higgins disse, com um olhar inquieto na direção das árvores. — E o que acha que ele fará, então?

Jamie ficou parado por um instante, olhando para a floresta, depois sacudiu a cabeça.

— Chorar — ele disse num sussurro. — E pela manhã veremos o que fazer. Não era um tipo normal de velório, mas foi conduzido com todo o ritual que conseguimos observar. Arny doou sua própria mortalha — feita depois de seu primeiro casamento e cuidadosamente guardada — para a sra. Bug, e Vovó MacLeod foi envolvida no que restou de minha camisa sobressalente e mais dois aventais, rapidamente costurados para dar maior respeitabilidade à mortalha improvisada. Foram estendidas cada qual de um lado do alpendre, pés contra pés, com um pequeno pires de sal e uma fatia de pão no peito de cada Corpo, apesar de não haver nenhum comedor de pecados disponível. Eu havia enchido um pequeno fogareiro de barro de carvão e o colocara perto dos corpos; também fora acordado que iríamos nos revezar durante a noite para velar as falecidas, já que o alpendre não comportava mais do que duas ou três pessoas.

— "A lua no peito da neve recém-caída/Dava o brilho do meio-dia aos objetos embaixo. — recitei baixinho. Era verdade; a tempestade de neve cessara e a lua quase cheia lançava uma luz pura e fria que fazia cada árvore coberta de neve destacar-se da paisagem, nítida e delicada como uma pintura japonesa. E nas ruínas distantes da casa grande o jogo de varetas de toras queimadas ocultava tudo que estivesse embaixo.

Jamie e eu fazíamos o primeiro turno da vigília. Ninguém argumentou quando

Jamie anunciou que assim seria. Ninguém dizia nada, mas a imagem de Arch Bug, espreitando sozinho na floresta, estava na mente de todos.

— Você acha que ele está lá? — perguntei a Jamie, em voz baixa. Fiz sinal com a cabeça indicando as árvores escuras, tranquilas em suas próprias mortalhas suaves.

— Se fosse você deitada aqui, a nighean — Jamie disse, abaixando os olhos para as figuras brancas e imóveis na beira do alpendre —, eu estaria ao seu lado, morto ou vivo. Venha sentar-se.

Sentei-me ao seu lado, o fogareiro perto dos nossos joelhos envoltos na capa.

— Pobres coitadas — eu disse, após alguns instantes. — Estão muito longe da Escócia.

— Estão, sim — ele disse, e tomou minha mão. Seus dedos não estavam mais aquecidos do que os meus, mas o tamanho e a força deles eram um conforto, mesmo assim. — Mas serão enterradas entre pessoas que as conheciam, se não entre seus próprios parentes.

— É verdade. — Se os netos da Vovó MacLeod voltassem um dia, encontrariam um marco assinalando sua sepultura e saberiam que ela havia sido tratada com bondade. A sra. Bug não tinha nenhum parente, salvo Arch — ninguém para voltar e procurar a sepultura. Mas estaria entre pessoas que a conheceram e amaram. Mas, e quanto a Arch? Se tinha parentes na Escócia, nunca os mencionara. Sua mulher fora tudo para ele, assim como ele para ela.

— Você, hum, não acha que Arch possa... acabar com a própria vida? — perguntei delicadamente. — Quando souber?

Jamie sacudiu a cabeça, decisivamente.

— Não é do feitio dele.

De certo modo, fiquei feliz em ouvir isso. Por outro lado, de um modo menos misericordioso, não pude deixar de me perguntar nervosamente o que um homem com as paixões de Arch poderia fazer, abalado por este golpe mortal, agora privado da mulher que fora sua âncora e porto seguro durante a maior parte de sua vida.

O que um homem desses faria?, eu me perguntava. Navegar a favor do vento até atingir um recife e afundar? Ou amarrar sua vida à âncora improvisada da fúria e tomar a vingança como sua bússola? Eu vira a culpa que Jamie e Ian estavam carregando; quanto mais Arch estava suportando? Um homem poderia aguentar tal culpa? Ou tem que colocá-la para fora, como uma simples questão de sobrevivência?

Jamie nada dissera sobre suas próprias especulações, mas eu notara que ele carregava tanto a pistola quanto a adaga na cintura — e a pistola estava carregada e preparada; eu podia sentir o leve cheiro de pólvora sob o sopro resinoso dos abetos. Claro, podia ser para afugentar um lobo solitário ou raposas...

Permanecemos sentados em silêncio por algum tempo, observando a claridade inconstante das brasas no fogareiro e o bruxulear da luz nas dobras das mortalhas.

— Acha que devemos rezar? — sussurrei.

— Não parei de rezar desde que aconteceu, Sassenach.

— Compreendo o que quer dizer. — Realmente, compreendia. A prece apaixonada para que não fosse verdade e, depois, a prece desesperada em busca de orientação; a necessidade de fazer alguma coisa, quando na verdade nada podia ser feito. E depois, é claro, a prece pelo descanso do falecido. Ao menos, Vovó MacLeod esperara a morte — e lhe dera as boas-vindas, pensei. A sra. Bug, ao contrário, deve ter ficado terrivelmente surpresa em se ver tão repentinamente morta. Tive a desconcertante visão da sra. Bug de pé na neve logo fora do alpendre, olhando espantada para seu corpo, as mãos nos quadris robustos, os lábios franzidos de contrariedade por ter sido tão grosseiramente desencarnada.

— Foi realmente um choque — eu disse para sua sombra, como se me desculpasse.

— Sim, é verdade. Jamie enfiou a mão dentro de sua capa e retirou seu frasco de bebida. Destampando-o, inclinou-se para frente e cuidadosamente despejou algumas gotas de uísque na cabeça de cada uma das mulheres mortas, em seguida ergueu o frasco em um brinde silencioso à Vovó MacLeod, depois à sra. Bug.

— Murdina, mulher de Archibald, você era uma grande cozinheira — ele disse simplesmente. — Jamais esquecerei seus pãezinhos, em toda a minha vida, e pensarei em você quando estiver comendo meu mingau da manhã.

— Amém — eu disse, a voz trêmula entre o riso e as lágrimas. Aceitei o frasco e tomei um gole; o uísque queimou em minha garganta apertada e eu tossi.

— Sei a receita dela para piccalilli. Ela não pode se perder; vou anotá-la. A ideia de escrever me fez lembrar repentinamente da carta inacabada, ainda dobrada em minha sacola de costura. Jamie sentiu a leve rigidez de minha postura e virou a cabeça para mim, com um ar interrogativo.

— Só estava pensando naquela carta — eu disse, limpando a garganta. — Quero dizer, apesar de Roger e Bri saberem que a casa foi destruída por um incêndio, ficarão felizes em saber que ainda estamos vivos, sempre supondo que um dia receberão a carta.

Cientes tanto dos tempos precários que vivíamos quanto da sobrevivência incerta de documentos históricos, Jamie e Roger haviam elaborado vários planos para a passagem de informação, desde a publicação de mensagens codificadas em diversos jornais a algo mais sofisticado, envolvendo a Igreja da Escócia e o Banco da Inglaterra. Tudo isso, é claro, pautado no fato básico de que a família Mackenzie

havia feito a passagem pelas pedras com sucesso e chegado mais ou menos na época certa — mas eu era obrigada, para minha própria paz de espírito, a presumir que sim.

— Mas não quero terminá-la tendo que lhes contar... isso. — Balancei a cabeça, indicando as figuras envoltas em mortalha. — Eles amavam a sra. Bug... e Brianna ficaria muito angustiada por Ian.

— Sim, tem razão — Jamie disse pensativamente. — E as chances são que Roger Mac iria refletir e tirar conclusões a respeito de Arch. Sabendo, e não tendo condições de fazer nada a respeito... sim, ficariam preocupados, até encontrarem outra carta contando como tudo se resolveu. E só Deus sabe quanto tempo levará até que tudo se resolva.

— E se não receberem a próxima carta... — Ou se não vivermos o suficiente para escrevê-la, pensei.

— Sim, é melhor não lhes contar. Ainda não, por enquanto. Aproximei-me ainda mais, recostando-me nele, e ele passou o braço ao meu redor. Continuamos sentados, imóveis e calados, por algum tempo, ainda perturbados e tristes, mas reconfortados pelo pensamento em Roger, Bri e as crianças.

Ouvi sons na cabana atrás de mim; todos haviam permanecido quietos até então, chocados, mas a normalidade estava se restabelecendo rapidamente. Não era possível manter as crianças sossegadas por muito tempo e eu podia ouvir perguntas em tom agudo, pedidos exigentes de comida, a tagarelice dos pequenos, agitados com o fato de estarem acordados tão tarde da noite, as vozes filtrando-se pela barulheira de panelas e utensílios na preparação de alimento. Haveria pães e tortas durante toda a próxima etapa da vigília; a sra. Bug ficaria contente. Uma chuva repentina de fagulhas voou pela chaminé e caiu por todo o alpendre como estrelas cadentes, brilhantes contra a noite escura e a neve fresca e branca. O braço de Jamie apertou-se ao meu redor e ele fez um pequeno ruído de prazer diante da cena.

— Isso... que você disse sobre o peito da neve recém-caída... — ele disse, em seu suave sotaque das Highlands — é um poema, não é?

— É, sim. Não muito apropriado para um velório; é um poema divertido de Natal, chamado "A Visita de Papai Noel".

Jamie deu uma pequena risada, o hálito branco. — Não creio que a palavra "apropriado" tenha muito a ver com um velório adequado, Sassenach. Dê bastante bebida aos enlutados e logo estarão cantando "O thoir ana!! am Botul" e as crianças estarão brincando de ciranda-cirandinha no pátio, ao luar.

Eu não ri, propriamente, mas podia visualizar a cena com muita facilidade. De fato, havia bastante bebida; havia um novo tonel de cerveja na despensa e Bobby havia trazido o pequeno barril de uísque para as emergências, de seu esconderijo no celeiro. Ergui a mão de Jamie e beijei os nós dos dedos frios. O choque e a

sensação de desarranjo da ordem começavam a se dissipar com a crescente percepção da pulsação de vida atrás de nós. A cabana era uma pequena e vibrante ilha de vida, flutuando na superfície branca e preta da noite.

— Nenhum homem é uma ilha, completamente isolado — Jamie disse suavemente, captando meu pensamento não enunciado.

— Agora, esse é bem apropriado — eu disse, um pouco secamente. — Talvez apropriado demais.

— Como assim? — E por isso não pergunte por quem os sinos dobram, eles dobram por ti. Nunca ouço Nenhum homem é uma ilha sem que venha imediatamente seguido do último verso.

— Mmhummm. Sabe o poema inteiro, hein? — Sem esperar pela minha resposta, inclinou-se para frente e revolveu as brasas com uma vareta, levantando um pequeno deslocamento de faíscas silenciosas. — Não é bem um poema, sabe... ou o sujeito não pretendia que fosse.

— Não? — eu disse, surpresa. — O que é, então? Ou foi? — Uma meditação, algo entre um sermão e uma prece. John Donne o escreveu como parte de seu "Devoções para ocasiões emergentes". É bem adequado, não? — acrescentou, com um toque de ironia.

— Não ficam muito mais emergentes do que isso, não. O que estou perdendo, então?

— Humm. — Puxou-me para mais perto de si e inclinou a cabeça para se apoiar na minha. — Deixe-me tentar lembrar o que eu puder. Não vou me lembrar de tudo, mas algumas partes me impressionaram, portanto eu me lembro delas. — Eu podia ouvir sua respiração, lenta e tranquila, concentrando-se.

— Todo o gênero humano tem um único autor — disse devagar — e constitui um único volume. Quando um homem morre, um capítulo não é arrancado do livro, mas traduzido para uma língua melhor; e todo capítulo deve ser assim traduzido. Depois há trechos que não sei de cor, mas gostava deste: O sino realmente toca para aquele que acredita que ele o faz — e sua mão apertou a minha delicadamente — e embora ele pare novamente, a partir do minuto que aquela ocasião o impressionou, ele está unido com Deus.

— Humm. — Pensei nisso por alguns instantes. — Tem razão; é menos poético, porém dá um pouco mais... de esperança?

Eu o senti sorrir.

— Sim, sempre achei isso.

— Onde você conseguiu ler isso?

— John Grey me deu um livrinho das reflexões de Donne quando eu era prisioneiro em Helwater. Estava ali.

— Um cavalheiro muito letrado — eu disse, um pouco irritada com esse

lembrete da parte substancial da vida de Jamie que John Grey compartilhara, e eu não, mas ao mesmo tempo contente por ele ter tido um amigo durante essa época difícil. Com que frequência, perguntei-me repentinamente, Jamie ouvira esse sino tocando?

Sentei-me direito, peguei o frasco e tomei um gole revigorante. O cheiro de pão assando, de cebolas e carne refogada, vazava pela porta e meu estômago roncou de um modo inconveniente. Jamie não notou; estreitava os olhos, pensativamente, na direção oeste, onde o vulto da montanha jazia, oculto por nuvens.

— Os rapazes MacLeod disseram que as trilhas já estavam até os quadris de neve quando eles vieram — ele disse. — Se há uns trinta centímetros de neve fresca aqui, há três vezes mais lá no alto. Nós não vamos a lugar algum até o degelo da primavera, Sassenach. Tempo suficiente para esculpir boas lápides, ao menos — acrescentou, com um rápido olhar para nossas hóspedes silenciosas.

— Então, você ainda pretende ir para a Escócia? — Fora o que ele dissera depois do incêndio da casa grande, porém não tocara mais no assunto desde então. Eu não sabia ao certo se ele falara a sério ou estava apenas reagindo à pressão dos acontecimentos na ocasião.

— Sim, pretendo. Não podemos permanecer aqui, eu acho — ele disse, com certo pesar. — Quando chegar a primavera, o interior da colônia estará fervilhando outra vez. Já chegamos perto demais do fogo. — Ergueu o queixo na direção das ruínas carbonizadas da casa grande. — Não pretendo ser assado da próxima vez.

— Bem... sim. — Ele tinha razão, eu sabia. Podíamos construir outra casa, mas era improvável que nos permitissem viver pacificamente nela. Entre outras coisas, Jamie era — ou ao menos fora — um coronel de milícia. Salvo por incapacidade física ou simplesmente ausência, não podia abdicar desta responsabilidade. E as opiniões nas montanhas não eram de modo algum unanimemente a favor da rebelião. Eu conhecia várias pessoas que haviam sido surradas, queimadas, obrigadas a se refugiar nas florestas ou nos pântanos, ou simplesmente assassinadas em consequência direta de suas preferências políticas expressas de maneira incauta.

As condições do tempo nos impediam de partir, mas também estancavam o movimento das milícias — ou bandos itinerantes de bandidos. Esse pensamento lançou um calafrio pelo meu corpo, e estremei.

— Quer entrar, a nighean? — Jamie perguntou, percebendo. — Posso vigiar sozinho por algum tempo.

— Certo. E sairemos com os pãezinhos e o mel, e o encontraremos estendido ao lado das velhas senhoras com um machado na cabeça. Estou muito bem aqui, obrigada. — Tomei novo gole do uísque e passei-lhe o frasco.

— Mas não teríamos necessariamente que ir para a Escócia — eu disse,

observando-o beber. — Poderíamos ir para New Bern. Você poderia se unir a Fergus na gráfica lá. — Isso fora o que ele dissera que pretendia fazer: ir para a Escócia, recuperar a gráfica que deixara em Edimburgo, depois voltar para se engajar na luta, armado com chumbo na forma de lingotes de tipos, em vez de balas de mosquete. Eu não sabia ao certo qual método era mais perigoso.

— Você não acha que a sua presença impediria Arch de tentar rachar meu crânio, se é isso que quis dizer, não é? — Jamie sorriu ligeiramente, os olhos puxados estreitando-se em dois triângulos. — Não... Fergus tem o direito de se colocar em perigo, e é isso o que ele quer. Mas não tenho o direito de arrastar ele e sua família para os meus próprios perigos.

— O que me diz tudo que preciso saber sobre o tipo de material que você pretende imprimir. E minha presença pode não impedir Arch de atacá-lo, mas eu poderia ao menos gritar "Cuidado!" se o visse aproximando-se sorrateiramente pelas suas costas.

— Eu sempre vou querer você às minhas costas, Sassenach — assegurou-me com ar grave. — Então, já sabe o que pretendo fazer?

— Sim — respondi, com um suspiro. — De vez em quando, tenho a vã esperança de estar errada a seu respeito, mas nunca estou.

Isso o fez rir abertamente. — Não, não está — ele concordou. — Mas continua aqui, hein? — Ergueu o frasco em uma saudação a mim e tomou um gole. — É bom saber que alguém vai sentir minha falta quando eu cair.

— Não deixei de notar esse "quando", em vez de "se"- eu disse friamente.-

Sempre foi "quando", Sassenach — ele disse brandamente. "Todo capítulo deve ser assim traduzido. Certo?

Respirei fundo e observei meu hálito fluir em uma nuvem de vapor.

— Eu sinceramente espero não ter que fazê-lo — eu disse —, mas se a situação surgir você gostaria de ser enterrado aqui? Ou levado de volta para a Escócia?

— Eu estava pensando em um marco de granito no cemitério de St. Kilda, com seu nome gravado, e o meu também. A maldita pedra quase me fez ter um infarto quando a vi e eu não tinha certeza se havia perdoado Frank por isso, muito embora tivesse surtido o efeito que ele desejara.

Jamie fez um pequeno ruído, resfolegando, não propriamente uma risada.

— Vou ter sorte se conseguir ser enterrado, Sassenach. É bem mais provável que eu morra afogado, queimado ou seja deixado para apodrecer em algum campo de batalha. Não se preocupe. Se tiver que se livrar da minha carcaça, deixe-a para os abutres.

— Vou registrar isso — eu disse.

— Você se importa de ir para a Escócia? — ele perguntou, as sobrancelhas

erguidas.

Suspirei. Apesar de saber que ele não estaria enterrado embaixo daquela lápide em particular, não conseguia me livrar da ideia de que em algum momento ele iria morrer lá.

— Não. Vou me importar de deixar as montanhas. Vou me importar de vê-lo ficar verde e vomitar as entranhas em um navio, e posso me importar com o que acontecer a caminho desse navio, mas... Edimburgo e gráficas à parte, você quer ir para Lallybroch, não é?

Ele balançou a cabeça, os olhos fixos nas brasas. A luz do fogareiro era fraca, mas realçava o arco ruivo de suas sobrancelhas e traçava uma linha dourada pelo cavalete reto e comprido de seu nariz.

— Eu prometi, hein? — ele disse simplesmente. — Eu disse que levaria o Jovem Ian de volta para sua mãe. E depois disto... é melhor que ele vá.

Balancei a cabeça silenciosamente. Três mil milhas de oceano poderiam não ser suficientes para Ian fugir de suas lembranças — mas mal não fariam. E talvez a alegria de ver seus pais, seus irmãos e irmãs, as Highlands... talvez ajudasse a curá-lo.

Jamie tossiu e passou o nó de um dedo sobre os lábios.

— E há uma outra coisa — ele disse, um pouco timidamente. — Outra promessa, se poderia dizer.

— Qual? Virou a cabeça e olhou-me diretamente nos olhos, os seus próprios escuros e sérios.

— Eu jurei a mim mesmo — ele disse — que jamais encararei meu filho por cima do cano de uma arma.

Respirei fundo e balancei a cabeça. Após um instante de silêncio, ergui os olhos da minha contemplação das mulheres cobertas com suas mortalhas.

— Você não perguntou o que eu gostaria que fosse feito com o meu corpo. — Eu falara, ao menos em parte, de brincadeira, para fazê-lo espairecer, mas seus dedos fecharam-se tão abruptamente sobre os meus que eu me assustei.

— Não — ele disse, baixinho. — E nunca o farei. — Não olhava para mim, mas para a extensão branca à nossa frente. — Não posso pensar em você morta, Claire. Qualquer outra coisa, menos isso. Não posso.

Ele se levantou repentinamente. Um estrépito de madeira, um barulho metálico de uma vasilha de estanho e vozes erguidas em chamados insistentes vindos de dentro da cabana salvaram-me de responder. Simplesmente balancei a cabeça e deixei que ele me ajudasse a levantar, quando a porta se abriu, derramando luz no alpendre.

O dia nasceu claro e brilhante, com uns trinta centímetros de neve fresca no solo. Por volta de meio-dia, os pingentes de gelo que se dependuravam dos beirais

da cabana começaram a se soltar, caindo aleatoriamente como adagas, com ruídos surdos e intermitentes. Jamie e Ian haviam subido a colina até o pequeno cemitério, com pás, para ver se o terreno poderia ser escavado fundo o suficiente para duas sepulturas decentes.

— Leve Aidan e um ou dois dos outros meninos com vocês — eu dissera no café da manhã. — Eles precisam sair um pouco de casa. — Jamie lançou-me um olhar incisivo, mas assentiu. Ele sabia muito bem o que eu estava pensando. Se Arch Bug ainda não soubesse que sua mulher estava morta, sem dúvida começaria a tirar conclusões se visse que uma sepultura estava sendo preparada.

— Será melhor se ele vier falar comigo — Jamie me dissera em voz baixa, protegido pelo barulho feito pelos meninos aprontando-se para ir, as mães preparando um lanche para ser levado, e as crianças menores brincando de roda no quarto.

— Sim — eu disse —, e os meninos não vão impedi-lo de fazer isso. — Mas se ele resolver não aparecer e falar com você... — Ian havia me dito que ouvira o disparo de um rifle durante o confronto na noite anterior; no entanto, Arch Bug não era um exímio atirador e provavelmente hesitaria em disparar contra um grupo que incluía crianças.

Jamie balançara a cabeça, silencioso, e mandara Aidan chamar seus dois primos mais velhos.

Bobby com Clarence, a mula, também subira com o grupo para preparar as sepulturas. Havia um estoque de tábuas de pinho recém-serradas no local, mais acima na encosta da montanha, onde Jamie dissera que nossa casa nova um dia seria erguida; se as sepulturas pudessem ser cavadas, Bobby traria algumas tábuas para fazer os caixões.

Da minha perspectiva no alpendre da frente, eu podia ver Clarence agora, pesadamente carregada, mas descendo a colina com afetação e uma graça de bailarina, as orelhas apontadas delicadamente uma para cada lado, como para ajudá-la em seu equilíbrio. Avistei Bobby andando do outro lado da mula, segurando a carga de vez em quando para evitar que escorregasse; ele me viu e acenou, sorrindo. A letra M marcada em seu rosto era visível mesmo àquela distância, lívida contra a vermelhidão do frio em sua pele.

Devolvi o aceno e entrei em casa, para dizer às mulheres que iríamos de fato ter um funeral.

Subimos a trilha sinuosa até o pequeno cemitério na manhã seguinte. As duas senhoras, companheiras improváveis na morte, jaziam lado a lado em seus caixões em um trenó, puxado por Clarence e uma das mulas das mulheres McCallum, uma fêmea pequena e preta, chamada Pudim.

Não estávamos bem-vestidos; ninguém tinha roupas boas, com exceção de

Amy McCallum Higgins, que usara seu lenço de casamento, orlado de renda, em sinal de respeito. Mas estávamos limpos e arrumados, e os adultos, ao menos, exibiam um aspecto sóbrio e atento. Muito atento.

— Quem será a nova guardiã, mamãe? — Aidan perguntou a sua mãe, fitando os dois caixões, conforme o trenó rangia lentamente colina acima, à nossa frente. — Quem morreu primeiro?

— Ora.... não sei, Aidan — Amy respondeu, parecendo ligeiramente desconcertada. Franziu a testa para os caixões, depois olhou para mim. — Você sabe, sra. Fraser?

A pergunta me atingiu como uma pedrinha que tivessem atirado em mim; pisquei várias vezes. Eu sabia, é claro, mas... com algum esforço, abster-me de olhar para o meio das árvores que ladeavam a trilha. Eu não fazia a menor ideia de onde Arch Bug estaria, mas estava por perto; eu não tinha a menor dúvida sobre isso. E se estivesse perto o suficiente para ouvir esta conversa...

A superstição das Highlands dizia que a última pessoa a ser enterrada em um cemitério tornava-se a guardiã e devia defender de qualquer mal as almas que ali descansavam, até que outra pessoa morresse e assumisse o lugar de guardiã — quando então o guardião anterior era liberado e podia ir para o céu. Eu não achava que Arch ficaria satisfeito com a ideia de sua mulher ficar presa na Terra para guardar as sepulturas de presbiterianos e pecadores como Malva Christie.

Senti um frio no coração ao pensar em Malva — que era, agora que pensava nisso, provavelmente a atual guardiã do cemitério.

— Provavelmente — porque, apesar de outras pessoas terem morrido em Ridge desde sua morte, ela fora a última a ser enterrada no cemitério propriamente. Seu irmão, Allan, foi enterrado ali perto, um pouco para dentro da floresta, em uma sepultura secreta, sem marco; eu não sabia se era suficientemente próximo para contar. E seu pai...

Tossi em minha mão fechada e, limpando a garganta, disse:

— Oh, a sra. MacLeod. Ela estava morta quando voltamos para a cabana com a sra. Bug. — O que era estritamente verdadeiro; pareceu-me melhor suprimir o fato de ela já estar morta quando deixei a cabana.

Eu olhava para Amy enquanto falava com ela. Virei a cabeça de novo para a trilha, e lá estava ele, bem à minha frente. Arch Bug, em sua capa preta desbotada, a cabeça branca descoberta e abaixada, seguindo o trenó pela neve, lento como um corvo preso à Terra. Um leve estremecimento percorreu o séquito.

Então, ele virou a cabeça e me viu.

— Vai cantar, sra. Fraser? — ele perguntou, a voz tranquila e cortês. — Gostaria que ela fosse levada ao seu lugar de descanso com todas as cerimônias adequadas.

— Eu... sim, é claro. — Extremamente ruborizada, tateei em busca de alguma coisa adequada. Eu simplesmente não estava à altura do desafio de compor um caithris apropriado, um lamento para os mortos, quanto mais oferecer a lamentação formal que um funeral das Highlands realmente de primeira classe teria. Decidi-me apressadamente por um salmo em gaélico que Roger me ensinara, "Is e Dia Pin a's &tacha& dhomb". Era um cântico em versos, cada um devendo ser cantado por um dirigente de coro, em seguida repetido, verso a verso, pela congregação. Mas era simples e, apesar de minha voz parecer fina e débil na encosta da montanha, as pessoas à minha volta podiam compreender e, quando chegamos ao local do enterro, havíamos conseguido um nível respeitável de fervor e volume.

O trenó parou na borda da clareira rodeada de pinheiros. Algumas cruces de madeira e montículos de pedras eram visíveis através da neve parcialmente derretida, bem como as duas covas recém-abertas no centro, lamacentas e brutais. A visão das sepulturas estancou a cantoria repentinamente, como um balde de água fria.

O sol brilhava com uma luz pálida através das árvores e havia um bando de trepadeiras-azuis chilreando nos galhos na borda da clareira, inconvenientemente alegres. Jamie conduzira as mulas e não olhara para trás à aparição de Arch. Agora, no entanto, ele virou-se para Arch e, com um pequeno gesto para o caixão mais próximo, perguntou em voz baixa:

— Quer olhar para sua esposa mais uma vez? Foi somente quando Arch assentiu e moveu-se para o lado do trenó que eu percebi que, enquanto os homens haviam pregado a tampa do caixão da sra. MacLeod, haviam deixado a da sra. Bug solta. Bobby e Ian a levantaram, os olhos no chão.

Arch soltara os cabelos em sinal de pesar; eu nunca os vira soltos antes. Eram ralos, completamente brancos, e ondularam ao redor de seu rosto como filetes de fumaça quando ele se inclinou e delicadamente levantou a mortalha do rosto de Murdina.

Engoli em seco, cerrando os punhos. Eu havia removido a flecha — uma tarefa nada agradável — e depois enrolara sua garganta cuidadosamente com uma atadura limpa antes de pentear seus cabelos. Ela parecia bem, embora terrivelmente diferente; acho que nunca a vira sem sua touca e a atadura ao redor de seu pescoço dava-lhe um ar severo e formal de um ministro presbiteriano. Vi Arch encolher-se, quase imperceptivelmente, e sua própria garganta se mover. Recobrou o controle de sua expressão quase imediatamente, mas eu vi os sulcos que corriam do nariz ao queixo como valas em barro molhado, e o modo como abria e fechava as mãos, sem parar, buscando segurar alguma coisa que não estava ali.

Fitou dentro do caixão por um longo tempo, em seguida enfiou a mão em seu sporran e retirou dali alguma coisa. Vi, quando ele afastou a capa para trás, que seu

cinto estava vazio; ele viera sem armas.

O objeto em sua mão era pequeno e brilhante. Inclinou-se para baixo e tentou prendê-lo na mortalha, mas não conseguiu, com a falta de seus dedos. Tateou desajeitadamente, sussurrou alguma coisa em gaélico, depois ergueu os olhos para mim, quase com pânico nos olhos. Aproximei-me imediatamente dele e peguei o objeto de sua mão.

Era um broche, pequeno e maravilhosamente moldado na forma de uma andorinha em pleno voo. Feito de ouro e parecendo muito novo. Afastando a mortalha para trás, preendi o broche no lenço da sra. Bug. Eu nunca vira o broche antes, nem na sra. Bug, nem entre seus pertences, e ocorreu-me que Arch provavelmente o fizera com o ouro que tomara de Jocasta Cameron — talvez quando ele começou a retirar os lingotes, um a um; talvez, mais tarde. Uma promessa feita à sua mulher: que seus anos de penúria e dependência haviam terminado. Bem... de fato, haviam. Olhei para Arch e, a um sinal de sua cabeça, recoloquei a mortalha delicadamente sobre o rosto frio de sua mulher.

Estendia a mão impulsivamente para tocá-lo, tomar seu braço, mas ele se afastou e ficou parado, olhando impassivelmente enquanto Bobby pregava a tampa. Em determinado momento, seu olhar se levantou e percorreu Jamie lentamente, em seguida, por sua vez, Ian.

Pressionei os lábios com força, olhando para Jamie enquanto retornava ao seu lado, vendo a angústia tão claramente gravada em seu rosto. Tanta culpa! Não que já não houvesse bastante — Arch obviamente sentia a sua própria. Não ocorreu a nenhum deles que a própria sra. Bug teve alguma coisa a ver com isto? Se ela não tivesse atirado em Jamie... mas as pessoas nem sempre agem inteligentemente e o fato de alguém ter contribuído para seu próprio falecimento diminuiria a tragédia do que acontecera?

Avistei a pedra que assinalava a sepultura de Malva e seu filho, apenas o topo visível através da neve — redondo, úmido e escuro, como o topo da cabeça de um bebê ao nascer.

Descanse em paz, pensei, e senti um pequeno relaxamento da tensão sob a qual estava há dois dias. Você pode ir agora.

Ocorreu-me que, independente do que eu dissera a Amy e Aidan, isso não alterava a verdade de qual mulher realmente havia morrido primeiro. Ainda assim, considerando a personalidade da sra. Bug, eu achava que ela gostaria de estar no comando, cacarejando e perturbando as almas residentes como seu bando de amadas galinhas, banindo os espíritos do mal com palavras duras e brandindo uma salsicha como arma.

Esse pensamento me ajudou a atravessar a breve leitura da Bíblia, as preces, as lágrimas — das mulheres e crianças, a maioria das quais não fazia a menor ideia

da razão de estarem chorando —, a remoção dos caixões do trenó e uma recitação um pouco desarticulada do pai-nosso. Senti muita falta de Roger — de sua calma ordem e genuína compaixão ao conduzir um funeral. E ele, talvez, soubesse o que dizer no discurso fúnebre sobre Murdina Bug. Mas agora ninguém falou quando a prece terminou e fez-se um silêncio longo e constrangedor, as pessoas remexendo-se desconfortavelmente, apoiando-se ora num pé, ora no outro — estávamos sobre trinta centímetros de neve e as anáguas das mulheres estavam molhadas até os joelhos.

Vi Jamie remexer os ombros, como se seu casaco estivesse apertado, e olhar para o trenó, onde as pás estavam embaixo de um cobertor. No entanto, antes que ele fizesse sinal para Ian e Bobby, Ian respirou fundo, uma respiração entrecortada, e deu um passo à frente.

Postou-se ao lado do caixão da sra. Bug, do outro lado do marido enlutado, e parou, obviamente querendo falar. Arch ignorou-o por um longo momento, olhando fixamente para dentro da cova, mas finalmente ergueu o rosto, impassível. Esperando.

— Foi pela minha mão que isto — Ian engoliu em seco —, que esta mulher de grande valor morreu. Não tirei sua vida por maldade, nem intencionalmente, e é um sofrimento para mim. Mas ela morreu pela minha mão.

Rollo choramingou baixinho ao lado de Ian, sentindo a aflição de seu dono, mas Ian colocou a mão em sua cabeça e ele ficou quieto. Ian tirou a faca de sua cintura e colocou-a sobre o caixão, em frente a Arch Bug, em seguida empertigou-se e fitou-o diretamente nos olhos.

— Certa vez, você fez um juramento a meu tio, em uma época de grande provação, e ofereceu vida por vida, por esta mulher. Eu juro pela minha arma, e ofereço o mesmo. — Seus lábios pressionaram-se por um instante e sua garganta se moveu, os olhos escuros e calmos. — Acho que talvez não falasse a sério, senhor... mas eu falo.

Percebi que eu estava prendendo a respiração e forcei-me a respirar. Seria este um plano de Jamie?, me perguntei. Ian obviamente falava a sério. Ainda assim, as chances de Arch aceitar a oferta ali mesmo e cortar a garganta de Ian diante de uma dúzia de testemunhas eram escassas, por mais exigentes que fossem seus sentimentos. Mas, se ele publicamente recusasse a oferta, a possibilidade de uma recompensa mais formal e menos sangrenta se apresentava, mas o Jovem Ian seria aliviado, ao menos em parte, de sua culpa. Maldito escocês, pensei, erguendo os olhos para Jamie — não sem certa admiração.

Entretanto, eu podia sentir pequenos solavancos de energia percorrerem seu corpo, a intervalos de segundo, cada qual reprimido. Ele não iria interferir na tentativa de expiação de Ian — mas também não iria deixar que ele fosse ferido, se

por acaso Arch realmente optasse por sangue. E evidentemente ele considerava isso uma possibilidade. Olhei para Arch e concordei com Jamie.

Arch olhou para Ian por um instante, as sobrancelhas grossas e despenteadas, com pelos cinza-chumbo e rebeldes da velhice — e os olhos sob elas também cinza-chumbo, e frios como aço.

— Fácil demais, garoto — ele disse finalmente, com uma voz de metal enferrujado. Abaixou os olhos para Rollo, parado junto a Ian, as orelhas levantadas e os olhos de lobo desconfiados.

— Você me daria seu cachorro para matar?

A máscara de Ian rompeu-se no mesmo instante, o choque e o horror tornando-o repentinamente muito jovem. Eu o ouvi engolir em seco e preparar-se, mas sua voz saiu embargada ao responder.

— Não — ele disse. — Ele não fez nada. É meu... crime, não dele. Arch sorriu, muito levemente, embora o sorriso não chegasse aos seus olhos.

— Sim. Então, você compreende. E ele não passa de um animal pulguento. Não é uma esposa. — "Esposa" foi dito quase num sussurro. Limpou a garganta. Em seguida, olhou cuidadosamente de Ian para Jamie, depois para mim. — Não uma esposa — disse brandamente. Eu já sentira meu sangue gelar; isso congelou meu coração.

Sem nenhuma pressa, Arch fitou deliberadamente cada um dos homens; Jamie, depois Ian, a quem olhou por um instante que pareceu uma vida inteira.

— Quando você tiver algo que valha a pena, garoto... você me verá outra vez — ele disse tranquilamente, depois girou nos calcanhares e afastou-se para o meio das árvores.



MORALIDADE PARA VIAJANTES DO TEMPO

Havia uma luminária elétrica em sua escrivaninha no gabinete, mas Roger sempre preferia trabalhar à luz de vela à noite. Tirou um fósforo da caixa e acendeu-o com um único movimento. Depois da carta de Claire, achava que jamais acenderia um fósforo novamente sem pensar na sua história do incêndio da casa grande. Meu Deus, quisera estar lá.

A chama do fósforo diminuiu quando ele a encostou no pavio e a cera translúcida da vela adquiriu um tom azul etéreo e sobrenatural por um instante, depois se iluminou com sua claridade normal. Olhou para Mandy, cantando para uma coleção de brinquedos de pelúcia no sofá; ela já tomara banho e devia se manter longe de confusão enquanto Jem tomava o dele. De olho nela, sentou-se à escrivaninha e abriu seu caderno de notas.

Ele o começara em parte por diversão. A outra parte como único recurso que conseguia imaginar para combater um medo paralisante.

— Você pode ensinar às crianças a não atravessarem a rua sozinhas — Briressaltara. — Sem dúvida, também pode ensiná-las a ficar bem longe de monumentos de pedra.

Ele concordara, mas com consideráveis reservas mentais. Crianças pequenas, sim; podia-se fazer uma lavagem cerebral para que não enfiassem garfos

nas tomadas elétricas. Mas e quando se transformassem em adolescentes, com todo aquele desejo incipiente de descoberta da própria individualidade e do desconhecido? Lembrava-se muito bem de si mesmo quando adolescente. Diga a um adolescente para não enfiar garfos nas tomadas e ele partiria direto para a gaveta de talheres no instante em que você virasse as costas. As meninas podiam ser diferentes, mas ele duvidava.

Olhou novamente para o sofá, onde Amanda estava deitada de costas agora, as pernas para o ar e um enorme urso de pelúcia, com cara de rato, equilibrado sobre os pés, e para o qual ela cantava "Frère Jacques". Mandy era tão pequena que não se lembraria. Jem, sim. Ele se lembrava; Roger podia saber, quando o menino

acordava de pesadelos, os olhos arregalados, fixos no vazio, sem poder descrever seu sonho. Graças a Deus, não acontecia com frequência.

Ele próprio começava a suar frio sempre que se lembrava da última passagem através das pedras. Agarrara Jemmy contra o peito e entrara... meu Deus, não havia nome para aquilo, porque o gênero humano, como um todo, não sofrera essa experiência, para sorte dele. Não chegava nem perto de alguma coisa com a qual pudesse ser comparada.

Nenhum dos sentidos funcionava ali — e ao mesmo tempo todos eles funcionavam, em tal estado de hipersensibilidade que você morreria disso, se durasse um pouco mais. Um imenso vazio onde o som parecia surrá-lo, pulsando através de seu corpo, tentando separar cada célula da seguinte. Cegueira absoluta, mas a cegueira de olhar diretamente para o sol. E o impacto de... corpos? Fantasmas? Pessoas invisíveis que roçavam em você como asas de mariposa ou pareciam esbarrar em você e atravessá-lo, como uma colisão de ossos se embaralhando.

Uma permanente sensação de gritaria.

Teria um cheiro? Parou para pensar, franzindo a testa, tentando se lembrar. Sim, claro que tinha. E, por mais estranho que pareça, um odor perfeitamente descritível: o cheiro de ar queimado por um raio — ozônio.

Tem um forte cheiro de ozônio, escreveu, sentindo-se extremamente aliviado em ter ao menos esse pequeno ponto de referência com o mundo normal.

Esse alívio desapareceu no instante seguinte, ao retomar o esforço mental de se lembrar.

Sentira como se nada, salvo sua própria força de vontade, os mantivesse juntos, nada senão absoluta determinação em sobreviver mantinha-o inteiro. Saber o que o esperava não ajudara nem um pouco; foi diferente — e muito pior do que suas experiências anteriores.

Ele sabia que não devia olhar para eles. Os fantasmas, se isso é o que eram. "Olhar" não era a palavra adequada... prestar atenção a eles? Mais uma vez, não havia uma palavra certa, e ele suspirou, exasperado.

— Sonnez les matines, sonnez les matines... — Din dan don — ele cantou baixinho, em coro com ela. — Din dan Don. Ficou tamborilando a caneta no papel por um instante, pensando, depois sacudiu a cabeça e debruçou-se sobre o papel outra vez, tentando explicar sua primeira tentativa, a ocasião em que ficara a... instantes? Centímetros? Um grau ínfimo de distância do encontro com seu pai — e a destruição.

Creio que não se pode atravessar a linha da própria vida, escreveu devagar. Tanto Bri quanto Claire — as mulheres científicas — haviam lhe assegurado que dois objetos não podem ocupar o mesmo espaço, quer sejam partículas subatômicas

ou elefantes. Isso sendo verdadeiro, explicaria por que uma pessoa não pode existir duas vezes no mesmo período de tempo, imaginava.

Ele presumia que fora esse fenômeno que quase o matara em sua primeira tentativa. Pensava em seu pai quando entrou nas pedras e — provavelmente — em seu pai como ele era quando ele, Roger, o conhecera. O que era, é claro, durante o período de sua própria vida.

Tamborilou a caneta no papel outra vez, pensando, mas não conseguiu resolver-se a escrever sobre isso agora. Mais tarde. Em vez disso, voltou as páginas para o esboço rudimentar que fizera no começo do caderno de anotações.

Guia prático para viajantes do tempo

I. Fenômenos físicos

A. Locais conhecidos (Rotas antigas?) B. Herança genética C. Mortalidade D. A influência e as propriedades das pedras preciosas E. Sangue?

Ele havia riscado o último item, mas hesitou, olhando-o. Ele teria a obrigação de contar tudo que sabia, acreditava ou suspeitava? Claire achava que a ideia de um sacrifício de sangue ser necessário ou útil era tolice — uma superstição pagã sem validade real. Ela podia estar certa; afinal. Era ela a cientista. Mas ele tinha a inquietante lembrança da noite em que Geillis Duncan atravessara as pedras.

Longos cabelos louros, esvoaçando no vento crescente de uma fogueira, as mechas agitadas recortadas em silhueta por um instante contra a face de um monólito. O cheiro nauseante de gasolina misturada a carne queimada, e a tora, que não era uma tora de madeira, carbonizada no centro do círculo. E Geillis Duncan fora longe demais.

"São sempre duzentos anos, nos antigos contos de fadas", Claire lhe dissera. Contos de fadas literais; histórias de pessoas raptadas por fadas, "levadas através das pedras" nas colinas das fadas. Era uma vez, há duzentos anos, era como tais histórias sempre começavam. Ou as pessoas eram devolvidas a seu próprio lugar — só que duzentos anos antes. Duzentos anos.

Claire, Bri, ele próprio — cada vez que viajaram, o intervalo de tempo fora o mesmo; duzentos e dois anos, bem próximo dos duzentos anos das histórias antigas. Mas Geillis Duncan fora longe demais.

Com grande relutância, ele lentamente escreveu a palavra Sangue outra vez, acrescentado parênteses (Fogo??), mas nada sob ela. Agora não; depois.

Para se tranquilizar, olhou para o local na prateleira onde estava a carta, com um peso no formato de uma pequena cobra esculpida em cerejeira. Estamos vivos...

Teve a vontade repentina de ir buscar a caixa de madeira, tirar as outras cartas, abri-las e lê-las. Curiosidade, sem dúvida, porém algo mais — a vontade de tocá-los, Claire e Jamie, pressionar a evidência de suas vidas contra o rosto, eliminar

o espaço e o tempo entre eles.

No entanto, reprimiu o impulso. Haviam decidido — ou melhor, Bri decidira, e eram os pais dela.

"Não quero ler todas elas de uma vez", ela dissera, revolvendo o conteúdo da caixa com dedos longos e delicados. "É... é como se eu as lesse todas de uma vez, então eles... realmente teriam ido para sempre.

Ele compreendera. Enquanto restasse ao menos uma carta, eles estariam vivos. Apesar de sua curiosidade de historiador, compartilhava os sentimentos de Bri. Além do mais...

Os pais de Brianna não haviam escrito aquelas cartas como anotações em um diário, destinado aos olhos eventuais de uma posteridade vagamente imaginada.

Haviam sido escritas com a intenção clara e específica de comunicação — com Bri, com ele. O que significava que podiam muito bem conter fatos inquietantes; seus sogros tinham um talento especial para tais revelações.

A despeito de si mesmo, levantou-se, pegou a carta, desdobrou-a e leu o pós-escrito outra vez, só para se assegurar que não o imaginara.

Não. Com a palavra "sangue" ressoando vagamente em seu ouvido, sentou-se novamente à escrivaninha. Um cavalheiro italiano. Esse era Carlos Stuart; não podia ser mais ninguém. Santo Deus. Depois de ficar olhando fixamente para o espaço vazio por alguns instantes — Mandy agora começara a cantar "Jingle Bells" —, ele sacudiu-se, folheou algumas páginas e começou a escrever outra vez, obstinadamente.

I. Moralidade

A. Assassinato e homicídio culposos

Naturalmente, presumimos que matar alguém por qualquer razão que não legítima defesa, proteção de outra pessoa ou o uso legítimo de força em guerra é completamente indefensável.

Olhou para o texto por um instante, murmurou "Filho da mãe pretensioso" e arrancou a folha do caderno, amassando-a.

Ignorando os trinados de Mandy, pegou o caderno de notas e atravessou o corredor a passos largos, até o escritório de Brianna.

— Quem sou eu para estar dizendo asneiras sobre moralidade? — perguntou. Ela ergueu os olhos de uma folha exibindo os componentes desmontados de uma turbina hidrelétrica, com o olhar vazio de quem sabe que alguém está se dirigindo a ela, mas que ainda não conseguiu se desligar o suficiente do assunto no qual está concentrada para saber quem está falando ou o que está dizendo. Familiarizado com esse fenômeno, ele esperou com leve impaciência até que sua mente abandonasse a turbina e se concentrasse nele.

— ...dizendo asneiras...? — ela repetiu, franzindo a testa. Pestanejou para

ele e seu olhar entrou em foco. — A quem você está dizendo asneiras?

— Bem... — Levantou o caderno rabiscado, sentindo-se repentinamente acanhado. — Às crianças, eu acho.

— Você deve dizer asneiras para seus filhos sobre moralidade — ela disse, sensatamente. — Você é o pai deles, é sua função.

— Oh — ele disse, meio perdido. — Mas... eu fiz muitas coisas que estou dizendo a eles para não fazer. — Sangue. Sim, talvez fosse proteção de outra pessoa. Talvez, não.

Ela ergueu uma sobrancelha grossa e ruiva para ele.

— Nunca ouviu falar em hipocrisia benigna? Pensei que ensinassem coisas desse tipo na escola para ministros. Já que você mencionou dizer asneiras sobre moralidade. É a função de um ministro também, não é?

Ela o fitou, os olhos azuis, aguardando. Ele respirou fundo. Só mesmo Bri, pensou com ironia, para ir direto ao elefante na sala e agarrá-lo pela tromba. Ela não dissera nem uma palavra desde que voltaram sobre sua quase-ordenação ou o que ele pretendia fazer agora a respeito de sua vocação. Nem uma palavra, durante o ano que passaram nos Estados Unidos, a cirurgia de Mandy, a decisão de se mudarem para a Escócia, os meses de reforma depois de comprarem Lallybroch — não até ele abrir a porta. Uma vez aberta, é claro, ela a havia atravessado sem hesitação, derrubando-o e plantando um pé em seu peito.

— Sim, é — disse serenamente, devolvendo-lhe o olhar.

— Ok. — Ela sorriu, meigamente. — Então, qual é o problema?

— Bri — ele disse, sentindo o coração ficar preso em sua garganta marcada de cicatrizes. — Se eu soubesse, eu lhe diria.

Ela levantou-se e colocou a mão em seu braço, mas antes que qualquer um dos dois pudesse dizer mais alguma coisa o barulho de pés pequenos e descalços veio saltitando pelo corredor, e a voz de Jem veio da porta do escritório de Roger:

— Papai?

— Aqui, amigão — ele respondeu, mas Brianna já se dirigia à porta. Seguindo-a, encontrou Jem — em seu pijama azul de Super-Homem, os cabelos molhados e espetados — em pé ao lado de sua escrivaninha, examinando a carta com interesse.

— O que é isto? — perguntou.

— Qui é? — Mandy repetiu fielmente, correndo para perto e subindo na cadeira para ver.

— É uma carta de seu avô — Brianna respondeu, sem hesitação. Colocou a mão casualmente sobre a carta, ocultando a maior parte do pós-escrito, e com a outra apontou para o último parágrafo. — Ele lhe mandou um beijo. Está vendo aqui?

Um enorme sorriso iluminou o rosto de Jem.

— Ele disse que não iria esquecer — Jem disse, satisfeito.

— Beijinho, vovô — Mandy exclamou e, inclinando-se para frente de modo que sua espessa cabeleira de cachos escuros caísse sobre seu rosto, plantou um sonoro beijo na carta.

Entre o riso e a surpresa, Bri pegou a carta rapidamente e limpou a umidade do beijo — mas o papel, apesar de antigo, era resistente.

— Não estragou nada — ela disse, e entregou a carta naturalmente para Roger. — Venham, que história vamos ler hoje?

— "Histoias de amins!"

— Animais — Jem corrigiu, inclinando-se para falar diretamente junto ao rosto de sua irmã. — Histórias de animais.

— Tá — ela disse, amistosamente. — Eu primeiro! — E saiu correndo loucamente para a porta, dando risadinhas, seguida de perto por seu irmão. Brianna demorou-se três segundos para agarrar Roger pelas orelhas e beijá-lo com firmeza na boca, depois o soltou e partiu atrás de seus rebentos.

Sentindo-se melhor, ele sentou-se, ouvindo a algazarra das crianças na operação de lavar rostos e escovar dentes. Suspirando, guardou o caderno de anotações na gaveta outra vez. Havia muito tempo, pensou. Muitos anos antes de ser necessário. Anos e anos.

Dobrou a carta com cuidado e, na ponta dos pés, colocou-a na prateleira mais alta da estante, com a pequena cobra de madeira em cima. Apagou a vela e foi se juntar a sua família.

Pós-escrito: Estou vendo que devo ter a última palavra — um raro prazer para um homem morando em uma casa que abriga (segundo a última contagem) oito mulheres. Pretendemos deixar Ridge assim que o clima melhorar e a neve derreter, e partir para a Escócia, para reaver a gráfica e retornar com ela. As viagens nestes tempos são incertas e não posso prever quando — ou se — será possível escrever outra vez. (Nem sei se vocês chegarão a receber esta carta, mas tenho fé que sim.)

Gostaria de lhes contar sobre a disposição dos bens que um dia foram guardados em confiança pelos Cameron para um cavalheiro italiano. Acho temerário levá-los conosco e, assim, eu os removi para um lugar seguro. Jem conhece o lugar. Se em algum momento vocês tiverem necessidade desses bens, digam a ele que o espanhol os guarda. Se assim for, não deixem de mandar um padre benzê-los; há sangue neles.

Às vezes, gostaria de ver o futuro; com muito mais frequência, dou graças a Deus por não poder. Mas sempre verei seus rostos. Deem um beijo nas crianças

por mim.

Seu pai amoroso, JF

Uma vez terminado o ritual de colocar as crianças para dormir, seus pais voltaram à biblioteca, uma dose de uísque e a carta.

— Um cavalheiro italiano? — Bri olhou para Roger, uma das sobrancelhas levantadas de tal modo que o fez lembrar tão imediatamente de Jamie Fraser que Roger olhou involuntariamente para a folha de papel. — Ele se refere...

— Carlos Stuart? Não pode ser ninguém mais. Ela pegou a carta e leu o pós-escrito talvez pela duodécima vez. — E se ele realmente se refere a Carlos Stuart, então os bens... — Ele encontrou o ouro. E Jem sabe onde está? — Roger não pôde evitar que esta última frase adquirisse o tom de pergunta, enquanto lançava os olhos para o teto, acima do qual as crianças provavelmente estavam adormecidas, inocentes, em seus pijamas de desenho animado.

Bri franziu a testa.

— Será que sabe? Não foi exatamente isso o que papai disse. E se ele realmente souber... é um segredo terrivelmente grande para um menino de oito anos guardar.

— É verdade. — Com oito anos ou não, Jem era muito bom em guardar segredos, Roger pensou. Mas Bri tinha razão, seu pai jamais colocaria alguém em risco com informações perigosas, muito menos seu amado neto. Certamente, não sem uma boa razão, e seu pós-escrito deixava claro que essa informação só era fornecida como uma contingência em caso de necessidade.

— Tem razão. Jem não sabe nada sobre o ouro, apenas sobre esse espanhol, o que quer que seja. Ele nunca mencionou nada sobre isso com você?

Ela sacudiu a cabeça, depois se virou, quando uma lufada repentina de vento da janela aberta enfunou as cortinas, anunciando chuva iminente. Bri levantou-se e foi correndo fechá-la, em seguida apressou-se a subir para fechar as janelas em cima, acenando a Roger para que fosse ver as janelas no térreo. Lallybroch era uma casa grande e extraordinariamente provida de janelas — as crianças estavam sempre tentando contá-las, mas nunca acabavam duas vezes com o mesmo número.

Roger achava que ele mesmo poderia contá-las um dia e resolver a questão, mas relutava em fazê-lo. A casa, como a maior parte das casas antigas, possuía uma personalidade própria. Lallybroch era acolhedora, sem dúvida; espaçosa e graciosa, uma construção mais confortável do que pomposa, com os ecos de gerações murmurando em suas paredes. Mas era um lugar que tinha seus segredos também, quanto a isso não havia dúvida. E esconder o número de suas janelas estava bem de acordo com a ideia que ele tinha de Lallybroch como uma casa divertida.

As janelas da cozinha — agora equipada com geladeira moderna, fogão água

e encanamento adequado, mas ainda com suas antigas bancadas de granito manchadas com o suco de frutas silvestres, sangue de animais domésticos e de caça — estavam todas fechadas, mas ele verificou todas elas, bem como as da copa. A luz na entrada dos fundos estava apagada, mas ele podia ver a grade no chão perto da parede que dava ventilação ao buraco do padre embaixo.

Seu sogro havia se escondido ali por algum tempo, na época do Levante, antes de ser preso em Ardsmuir. Roger havia descido lá uma vez — também rapidamente — quando compraram a casa e saíram do pequeno espaço fétido e úmido com uma compreensão completa do motivo que levou Jamie Fraser a preferir viver em uma região deserta e selvagem, no alto de uma montanha remota, onde não havia nenhuma barreira física em qualquer direção.

Anos de esconderijo, de coação, de prisão... Jamie Fraser não era uma criatura política e sabia melhor do que a maioria das pessoas qual era o verdadeiro custo da guerra, qualquer que fosse seu suposto propósito. Mas Roger vira seu sogro de vez em quando esfregar distraidamente os pulsos, onde as marcas de algemas há muito haviam esmaecido — mas a lembrança de seu peso não. Roger não tinha a menor dúvida de que Jamie Fraser viveria livre ou preferiria morrer. E desejou, por um instante, com uma ânsia que fazia seus ossos doerem, que pudesse estar lá, para lutar ao lado de seu sogro.

A chuva começara; pôde ouvir os pingos tamborilando nas telhas de ardósia dos telhados das construções externas, logo transformados em uma tromba d'água que avançou impetuosamente, envolvendo a casa em névoa e água.

— Por nós... e nossa posteridade — disse em voz alta, mas serenamente. Era um acordo feito entre os homens — não declarado, mas perfeitamente compreendido.

Nada importava senão que a família fosse preservada, as crianças protegidas. E quer o custo disso fosse pago em sangue, suor ou alma — seria pago.

— Oidche rrthath — ele disse, com um breve sinal da cabeça na direção do buraco do padre. Boa-noite, então.

Entretanto, permaneceu mais um instante na velha cozinha, sentindo o abraço da casa, sua proteção sólida contra a tempestade. A cozinha sempre fora o coração da casa, ele pensou, e achou o calor do fogão um conforto tão grande quanto fora um dia o fogo da lareira agora vazia.

Encontrou Brianna ao pé da escada; ela havia se trocado para ir para a cama — não para ir dormir. O ar na casa era sempre fresco e a temperatura caíra alguns graus com o começo da chuva. Entretanto, ela não usava seus pijamas de flanela; em lugar disso, uma camisola fina de algodão branco, enganadoramente inocente, com uma fita vermelha entremeada. O tecido branco colava-se ao formato de seus seios como uma nuvem ao pico de uma montanha.

Ele disse isso, e ela riu — mas não fez nenhuma objeção quando ele envolveu-os com suas mãos, seus mamilos contra as palmas dele redondos como cascalhos na praia através do tecido fino.

— Vamos subir? — ela sussurrou e, inclinando-se para frente, correu a ponta da língua pelo seu lábio inferior.

— Não — ele disse, beijando-a com força, acalmando a cócega do toque. — Na cozinha. Ainda não fizemos isso lá.

Ele a possuiu, inclinado sobre a bancada antiga com suas manchas misteriosas, o som de seus pequenos gemidos uma pontuação para o barulho do vento e da chuva nas velhas persianas. Sentiu-a estremecer e desfazer-se, e abandonou-se também, os joelhos tremendo, de modo que caiu lentamente para frente, agarrou-a pelos ombros, o rosto pressionado nas ondas de seus cabelos perfumados

de xampu, o granito antigo liso e frio sob sua face. Seu coração batia devagar e com força, compassado como um tambor surdo.

Ele estava nu e uma lufada de ar frio fez suas costas e pernas se arrepiarem. Brianna sentiu-o estremecer e virou o rosto para ele.

— Frio? — sussurrou. Ela não estava; brilhava como um carvão em brasa, e ele não queria nada além de deitar ao seu lado e sobreviver à tempestade no calor aconchegante de sua cama.

— Estou bem. — Abaixou-se e pegou as roupas que largara no chão da cozinha. — Vamos para a cama.

A chuva era ainda mais barulhenta no andar de cima. — Oh, os animais entravam de dois em dois — Bri cantava suavemente, conforme subiam as escadas — os elefantes e os cangurus...

Roger sorriu. Ele podia imaginar a casa como uma arca de Noé, flutuando em um mundo turbulento de águas — mas todos confortavelmente aconchegados ali dentro. Dois a dois: dois pais, dois filhos... talvez mais, um dia. Afinal, havia muito espaço.

Com o abajur apagado e a chuva batendo nas persianas, Roger hesitava à beira do sono, relutante em abandonar o prazer do momento.

— Nós não vamos perguntar a ele, vamos? — Bri sussurrou. Sua voz estava sonolenta, seu peso macio e quente ao longo de todo o lado de seu corpo. — Jem?

— Hein? Não. Claro que não. Não é necessário. Ele sentiu uma ponta de curiosidade — quem era o espanhol? E a ideia do tesouro enterrado sempre era uma sedução — mas não precisavam dele; tinham dinheiro suficiente para o presente. Sempre presumindo que o ouro ainda estivesse onde Jamie o colocara, o que em si mesmo já era bem pouco provável.

Ele também não havia esquecido a última injunção do pós-escrito de Jamie.

Mandem um padre benzê-los; há sangue neles. As palavras dissolveram-se conforme pensava nelas e o que ele viu por dentro de suas pálpebras não foram lingotes de ouro, mas a velha bancada de granito da cozinha, manchas escuras tão entranhadas na pedra a ponto de terem se tornado parte dela, irremovíveis pela mais vigorosa esfregação, muito menos uma invocação.

Mas não importava. O espanhol, quem quer que fosse, podia ficar com seu ouro. A família estava a salvo.

PARTE DOIS



SANGUE, SUOR E PICLES



LONG ISLAND

Em 4 de julho de 1776, a Declaração de Independência foi assinada em Filadélfia.

Em 24 de julho, o general sir William Howe chegou a Staten Island, onde montou um posto de comando na Rose and Crown Tavern, em New Dorp.

Em 13 de agosto, o general George Washington chegou a Nova York para reforçar as fortificações da cidade, dominada pelos americanos.

Em 21 de agosto, William Ransom, tenente lorde de Ellesmere, chegou à Rose and Crown, em New Dorp, apresentando-se — com certo atraso — para servir como membro mais novo e mais jovem do exército do general Howe.

Em 22 de agosto...



O Tenente Edward Markham, marquês de Clarewell, examinou atentamente o rosto de William, oferecendo-lhe uma desagradável visão de perto de uma grande espinha — prestes a estourar — na testa do primeiro.

— Você está bem, Ellesmere?

— Estou. — William conseguiu emitir a palavra entre dentes cerrados.

— É que você parece meio... verde. — Clarewell, parecendo preocupado, enfiou a mão no bolso. — Quer chupar meu pickles?

William por pouco não alcançou a amurada a tempo. Houve certa algazarra de brincadeiras e troça atrás dele, com relação ao pepino de Clarewell, quem iria chupá-lo e quanto o seu proprietário seria obrigado a pagar por tal serviço. Tudo isso intercalado pelos protestos de Clarewell de que sua velha avó jurou que um pepino em conserva era ótimo para prevenir enjoo no mar, e obviamente funcionava, bastava olhar para ele, firme como uma rocha...

William piscou os olhos lacrimejantes e fixou a visão na praia que se aproximava. A água não estava particularmente agitada, embora uma tempestade

estivesse se formando, sem a menor dúvida. Mas não importava; até os movimentos mais suaves de subida e descida da água, na mais curta viagem, eram o suficiente para fazer seu estômago prontamente tentar se virar do avesso. Toda maldita vez!

Seu estômago ainda tentava, mas, como não restava mais nada dentro para expelir, ele podia fingir que nada estava acontecendo. Limpou a boca, sentindo a pele pegajosa e fria, apesar do calor do dia, e endireitou os ombros.

Lançariam âncora a qualquer minuto; era hora de descer e impor algum tipo de ordem às companhias sob seu comando, antes que descessem para os botes. Arriscou uma breve olhada por cima da amurada e viu o River e o Phoenix logo atrás. O Phoenix era o navio capitânia do almirante Howe, e seu irmão general estava a bordo. Teriam que esperar, sacolejando como rolhas de cortiça sobre as ondas cada vez mais agitadas, até que o general Howe e o capitão Pickering, seu ajudante de ordens, chegassem à terra firme? Santo Deus, esperava que não.

Ao que se viu, os homens tiveram permissão de desembarcar imediatamente.

— O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL, senhores! — o sargento Cutter informou-os, aos berros. — Vamos pegar os malditos rebeldes de surpresa, é o que vamos fazer! E AI DE QUEM eu pegar vadiando! VOCÊ, aí...! — Saiu a passos largos, vociferando com um segundo-tenente negligente e deixando William sentindo-se um pouco melhor. Sem dúvida, nada realmente terrível poderia acontecer em um mundo onde houvesse o sargento Cutter.

Seguiu seus homens pela escada para dentro dos botes, esquecendo por completo seu estômago na afobação. Sua primeira batalha verdadeira ainda estava para ser travada, em algum lugar de Long Island.

Oitenta e oito fragatas. Era o que ouvira falar que o almirante Howe trouxera, e ele não duvidava. Uma floresta de velas enchia a baía de Gravesend e a água estava apinhada de pequenos barcos, levando as tropas à terra firme. O próprio William estava um pouco sufocado com a expectativa. Podia senti-la avolumando-se entre os homens, conforme os cabos reuniam suas companhias dos botes e saíam marchando em ordem, abrindo espaço para a próxima leva de chegadas.

Os cavalos dos oficiais eram levados a nado até a praia, em vez de barcos a remo, a distância não sendo muito grande. William encolheu-se para o lado quando um grande cavalo baio aflorou na arrebentação perto de seu barco e se sacudiu com uma chuva de água salgada que encharcou todos a três metros de distância. O cavaliço agarrado à sua brida parecia um rato molhado, mas sacudiu-se como o animal e riu para William, o rosto branco de frio, mas empolgado.

William também tinha um cavalo — em algum lugar. O capitão Griswold,

veterano do exército de Howe, estava lhe emprestando uma montaria, não tendo havido tempo para organizar nada além disso. Imaginava que o cavaliário que estivesse cuidando do cavalo o encontraria, embora ele não visse como.

Reinava uma confusão organizada. A costa naquele ponto era uma zona de baixios arenosos de marés e multidões de casacos vermelhos pululavam entre restos de naufrágios como bandos de aves pernaltas, os berros dos sargentos formando um contraponto aos gritos das gaivotas no céu.

Com alguma dificuldade, já que havia sido apresentado aos cabos apenas naquela manhã e ainda não gravara seus rostos muito bem, William localizou suas quatro companhias e as conduziu pela praia acima, até as dunas de areia cobertas por uma espécie de capim selvagem. Era um dia quente, fazendo-os sofrer com o pesado uniforme e o equipamento completo, e ele deixou os homens fazerem uma pausa, beberem água ou cerveja de seus cantis, comerem um pouco de queijo ou bolacha. Logo retomariam a marcha.

Para onde? Esta era a pergunta que martelava sua mente no momento. Uma equipe reunida às pressas na noite anterior — sua primeira noite — reiterara as bases do plano de invasão. Da baía de Gravesend, metade do exército marcharia para o interior, virando para o norte na direção de Brooklyn Heights, onde se acreditava que as forças rebeldes estivessem entrincheiradas. O restante das tropas se espalharia ao longo do litoral até Montauk, formando uma linha de defesa que poderia marchar para o interior atravessando Long Island, forçando os rebeldes a recuar para dentro de uma armadilha, se necessário.

William queria, com uma intensidade que dava nós em sua espinha, estar na vanguarda, lutando. Mas sabia que não era provável. Desconhecia inteiramente as tropas e não estava muito bem impressionado com sua aparência. Nenhum comandante sensato colocaria tais companhias na linha de frente — a não ser para servirem de bucha de canhão. Esse pensamento o fez hesitar por um instante, mas apenas por um instante.

Howe não era de desperdiçar homens; era conhecido por ser cauteloso, às vezes até demais. Seu pai lhe dissera isso. Lorde John não mencionara que essa consideração era a principal razão para seu consentimento a que William fizesse parte do exército de Howe, mas William sabia disso, de qualquer modo. Não se importava; já havia calculado que suas chances de entrar em combate ainda eram muito maiores com Howe do que ficar vagando pelos pântanos da Carolina do Norte com sir Peter Packer.

E afinal... virou-se devagar, de um lado para o outro. O mar era uma massa compacta de navios ingleses, a terra à sua frente fervilhante de soldados ingleses. Ele jamais admitiria em voz alta estar impressionado com a visão — mas sentia o lenço apertar ao redor de seu pescoço. Percebeu que estava prendendo a respiração

e conscientemente a soltou.

A artilharia estava sendo trazida à terra firme, flutuando perigosamente em barcaças de fundo chato, manejadas por soldados praguejando. As carretas, as caixas de munição e os cavalos e bois de tração necessários para puxá-las subiam a praia chapinhando na água, respingados de areia, relinchando e mugindo, abaixando-se em protesto, tendo desembarcado mais ao sul. Era o maior exército que ele já vira.

— Senhor, senhor! — Olhou e viu um soldado baixo, provavelmente da mesma idade do próprio William, de bochechas rechonchudas e ansioso.

— Sim? — Sua lança, senhor. E seu cavalo já veio — o soldado acrescentou, gesticulando para o cavalo baio castrado, alto e esguio, cujas rédeas ele segurava. — Com os cumprimentos do capitão Griswold, senhor.

William pegou a lança, de dois metros, a ponta de aço lustrada brilhando opacamente mesmo sob o céu nublado, e sentiu o peso da arma eletrizar seu braço.

— Obrigado. E você é...?

— Oh. Perkins, senhor. — O soldado bateu continência apressadamente. — Terceira companhia, senhor; nos chamam de "Escavadores".

— É mesmo? Bem, esperamos lhes dar bastantes oportunidades de justificar seu nome. — Perkins pareceu não entender. — Obrigado, Perkins — William disse, dispensando-o com um gesto da mão.

Pegou a brida do cavalo, a alegria tomando conta de seu coração. Era o maior exército que ele já vira. E ele fazia parte dele.

Ele teve mais sorte do que pensara que teria, ainda que não tanta quanto esperava.

Suas companhias deveriam estar na segunda leva, seguindo a tropa dianteira a pé, guardando a artilharia. Não era garantia de ação, mas ainda assim havia uma boa chance, se os americanos fossem metade dos guerreiros que tinham a reputação de ser.

Já passava de meio-dia quando ele finalmente levantou sua lança no ar e gritou: "À frente, marchem!" O tempo ameaçador havia irrompido em uma chuva esparsa, um grato alívio do calor. Além da costa, uma faixa de floresta dava lugar a uma planície vasta e bela. Uma extensão de capim ondulante estendia-se diante deles, salpicado de flores silvestres, as cores exuberantes na claridade turva da chuva. Ao longe, podia ver bandos de pássaros em pleno voo — pombos? codornas? Longe demais para saber — alçando-se no ar apesar da chuva, conforme os soldados em marcha os afugentavam de seus abrigos.

Suas próprias companhias concentravam-se no centro da linha em marcha, avançando sinuosamente em colunas ordenadas atrás dele, e ele dirigiu um pensamento agradecido ao general Howe. Como oficial novato, por direito era o

serviço de mensageiro que deveria ser delegado a ele, saltando de um lado para o outro entre as companhias no campo, transmitindo ordens do quartel-general de Howe, levando e trazendo informações dos outros dois generais, sir Henry Clinton e lorde Cornwallis.

No entanto, considerando sua chegada com atraso, ele não conhecia nenhum dos outros oficiais, nem a disposição do exército; ignorava completamente quem era quem, muito menos onde deveriam estar em dado momento. Seria inútil como mensageiro. O general Howe, de algum modo conseguindo reservar um momento naquela correria da invasão iminente, não só lhe dera as boas-vindas com grande cortesia, mas lhe oferecera a escolha: acompanhar o capitão Griswold, segundo as ordens do capitão — ou assumir o comando de algumas companhias órfãs de seu próprio tenente, que adoecera com malária.

Ele agarrara a chance e agora se empertigava orgulhosamente em sua sela, a lança descansando em sua presilha, conduzindo homens à guerra. Remexeu-se um pouco, apreciando a sensação do novo casaco de lã vermelho em seus ombros, a bem-arrumada trança na nuca, o rígido lenço de couro ao redor do pescoço e o pequeno peso de seu gorjal de oficial, aquele pequeno remanescente de prata da armadura romana. Há quase dois meses que não usava uniforme e, molhado da chuva ou não, considerava sua retomada uma gloriosa apoteose.

Uma companhia de cavalaria ligeira viajava perto deles; ouviu o grito de seu oficial e os viu passar à frente e virar na direção de um bosque distante. Teriam visto alguma coisa?

Não. Uma tremenda nuvem de melros-pretos explodiu do bosque, numa algazarra tão grande que muitos cavalos se assustaram. Os cavaleiros deram uma batida no lugar, embrenhando-se pelo meio das árvores com os sabres em punho, decepando galhos, mas apenas para se exibirem. Se alguém tivesse se escondido lá, já tinha ido embora, e a cavalaria ligeira voltou para se unir à tropa de reconhecimento, zombando uns dos outros.

Relaxou novamente em sua sela, soltando a lança que agarrava. Nenhum americano à vista — mas não haveria mesmo. Ele vira e ouvira o suficiente em seu trabalho de inteligência para saber que somente verdadeiros soldados do Exército Continental eram capazes de lutar de maneira organizada. Ele vira milícias fazendo manobras em praças de vilarejos, compartilhara comida com homens que pertenciam a tais milícias. Nenhum deles era soldado — vistos em grupo, treinando, eram risíveis, mal conseguindo marchar em fila, muito menos em sincronia —, mas quase todos eram hábeis caçadores, e ele vira muitos deles atirarem em perus e gansos selvagens em pleno voo, o suficiente para não compartilhar o sentimento comum de desprezo da maioria dos soldados ingleses.

Não, se houvesse americanos por perto, o primeiro aviso provavelmente seria

homens caindo mortos. Fez sinal para Perkins, mandou-o transmitir ordens aos cabos para manterem os homens alertas, as armas preparadas e engatilhadas. Viu os ombros de um dos cabos enrijecerem-se ao receber o recado, que ele obviamente considerava um insulto — mas o sujeito obedeceu mesmo assim e a tensão de William arrefeceu um pouco.

Seus pensamentos retornaram à sua recente jornada, e ele se perguntou quando — e onde — deveria se encontrar com o capitão Richardson, para repassar os resultados de seu serviço de inteligência.

Ele gravara na mente a maior parte de suas observações durante o trajeto, anotando por escrito apenas o indispensável, e assim mesmo codificado em um pequeno exemplar do Novo Testamento que sua avó lhe dera. Ainda estava no bolso de seu casaco civil, em Staten Island. Agora que estava de volta são e salvo ao seio do exército, deveria escrever suas observações em relatórios apropriados? Ele poderia...

Algo o fez se levantar nos estribos, bem a tempo de avistar o clarão e ouvir o estalido de disparo de mosquete no bosque à esquerda.

— Alto! — gritou, vendo seus homens começarem a abaixar suas armas. — Esperem!

O tiro viera de muito longe e havia outra coluna de infantaria mais próxima ao bosque. Eles giraram em posição de fogo e dispararam uma saraivada para dentro da floresta; a primeira fileira se ajoelhou e a segunda disparou por cima de suas cabeças. A resposta veio da floresta; ele viu um ou dois homens caírem, outros cambalearem, mas a linha se refez.

Mais duas saraivadas, as centelhas do fogo de resposta, porém mais esporádicos — pelo canto do olho, ele viu movimento e girou em sua sela, deparando-se com um bando de homens em camisas de caça correndo da outra extremidade do bosque.

A companhia à sua frente os viu também. Um grito de seu sargento e eles fixaram as baionetas e correram, embora fosse evidente para William que jamais pegariam os caçadores em fuga.

Esse tipo de escaramuça aleatória continuou durante toda a tarde, conforme o exército continuava sua marcha. Os feridos eram recolhidos e carregados para a retaguarda, mas eram poucos. Uma das companhias de William foi alvejada em determinado ponto e ele se sentiu um deus quando deu a ordem de atacar e eles se lançaram para dentro da floresta como um fluxo de vespas furiosas, as baionetas fixas, conseguindo matar um dos rebeldes, cujo corpo arrastaram para a planície. O cabo sugeriu pendurá-lo de uma árvore como forma de desencorajar os outros rebeldes, mas William recusou firmemente a sugestão como sendo desonrosa e os fez estender o corpo no limiar da floresta, onde poderia ser encontrado pelos seus

amigos.

À noitinha, chegaram ordens do general Clinton, transmitidas ao longo das fileiras. Não iriam parar para acampar. Uma breve pausa para um lanche frio e seguir em frente.

Houve murmúrios de surpresa entre os homens, mas nenhuma reclamação. Afinal, tinham vindo para lutar, e a marcha foi retomada com um senso maior de urgência.

Chovia esporadicamente e o assédio dos rebeldes diminuiu gradativamente com a luz mortíça. Não fazia frio e, apesar do crescente encharcamento de suas roupas, William preferia a friagem e a umidade ao calor abafado e opressivo do dia anterior. Ao menos, a chuva aplacava os ânimos de seu cavalo, o que era bom; era uma criatura nervosa e arisca, e William tinha motivos para duvidar das boas intenções do capitão Griswold ao emprestá-lo a ele. Exausto do longo dia, entretanto, o animal parou de sobressaltar-se com galhos agitados pelo vento e pelos puxões das rédeas, seguindo em frente penosamente, com as orelhas descaídas em cansada resignação.

As primeiras horas da marcha noturna não foram difíceis. No entanto, após a meia-noite, a exaustão do esforço prolongado e a falta de sono começaram a se evidenciar nos homens. Soldados começaram a tropeçar e a ficar para trás, e uma noção da vasta imensidão de escuridão e esforço que os separava da aurora abateu-se sobre eles.

William chamou Perkins ao seu lado. O soldado de rosto rechonchudo apareceu, bocejando e pestanejando, e começou a andar ao seu lado, a mão no couro do estribo de William enquanto este lhe explicava o que queria.

— Cantar? — Perkins disse, em dúvida. — Bem, acho que posso cantar, sim, senhor. Mas apenas hinos.

— Não era bem o que eu tinha em mente — William disse. — Vá perguntar ao sargento... Millikin, é esse o nome dele? O irlandês? Qualquer coisa que ele queira, desde que seja alta e animada. — Afinal, não estavam tentando ocultar sua presença; os americanos sabiam exatamente onde eles estavam.

— Sim, senhor — Perkins disse em dúvida, soltando o estribo e desaparecendo imediatamente na noite. William continuou cavalgando por mais alguns minutos, em seguida ouviu o vozeirão irlandês de Patrick Millikin elevado numa canção muito desbocada. Houve uma onda de risadas dos homens e, quando ele chegou ao primeiro refrão, alguns já haviam se juntado em coro. Mais dois versos e todos já estavam acompanhando vigorosamente, William inclusive.

Não poderiam manter a cantoria durante horas, enquanto marchavam energicamente com todo o equipamento, é claro, mas quando esgotaram suas canções favoritas e ficaram sem fôlego todos já estavam novamente acordados e

otimistas.

Pouco antes do amanhecer, William sentiu cheiro de mar e de lama de um pântano sob chuva. Os homens, já molhados, começaram a chapinhar através de incontáveis e minúsculos braços e ribeiros formados pelas marés.

Alguns minutos depois, o estrondo de um canhão despedaçou a noite. Uma revoada de pássaros dos pântanos, com gritos de alarme, ergueu-se no céu que começava a clarear.

Nos dois dias seguintes, William nunca teve a menor ideia de onde estava. Nomes como "Jamaica Pass", "Flatbush" e "Gowanus Creek" surgiam de vez em quando nos despachos e bilhetes apressados que atravessavam o exército, mas poderiam muito bem dizer "Júpiter" ou "o lado escuro da lua", até onde ele sabia.

Finalmente, ele viu os continentais. Hordas deles, surgindo dos pântanos como um enxame. Os primeiros confrontos foram violentos, mas as companhias de William foram mantidas na retaguarda, dando apoio; somente uma vez estiveram realmente perto da linha de fogo, a fim de repelir a chegada de um grupo de americanos.

Ainda assim, ele estava em permanente estado de agitação, tentando ouvir e ver tudo ao mesmo tempo, intoxicado com o cheiro de fumaça de pólvora, mesmo quando seu corpo estremecia com um tiro de canhão. Quando o tiroteio terminava ao pôr do sol, ele comia um pouco de bolacha e queijo, mas sem sentir o gosto, e dormia apenas por alguns instantes, de pura exaustão.

No final da tarde do segundo dia, viram-se a pouca distância dos fundos de Uma grande casa de fazenda de pedras que os ingleses e algumas tropas de soldados mercenários alemães haviam tomado como uma plataforma de artilharia; os canos de canhões projetavam-se das janelas de cima, brilhando molhados com a chuva constante.

Pólvora úmida era um problema agora; os cartuchos estavam bons, mas, se a pólvora despejada nas caçoletas fosse deixada ali mais do que alguns minutos, começava a endurecer e falhar. A ordem para carregar, portanto, tinha que ser adiada até o último momento possível antes de disparar; William viu-se rangendo os dentes de ansiedade quanto ao momento certo de dar a ordem.

Por outro lado, às vezes não havia absolutamente nenhuma dúvida. Com gritos roucos, diversos americanos arremeteram-se do meio das árvores próximas à frente da casa e correram para as portas e janelas. Os tiros de mosquete das tropas dentro da casa atingiram vários deles, mas alguns conseguiram alcançar a casa, começando a escalar e entrar pelas janelas estilhaçadas. William automaticamente puxou as rédeas e cavalgou para a direita, longe o suficiente para dar uma olhada nos fundos da casa. De fato, um grupo maior já estava lá, vários homens subindo pelas trepadeiras que cobriam as paredes.

— Para lá! — ele berrou, virando o cavalo e brandindo sua lança. — Olson, Jeffries, os fundos! Carreguem e disparem assim que tiverem alcance!

Duas de suas companhias correram, arrancando as pontas de seus cartuchos com os dentes, mas um grupo de soldados alemães de casacos verdes chegou lá primeiro, agarrando os americanos pelas pernas, puxando-os da trepadeira e atacando-os a coronhadas.

Ele deu a volta com o cavalo e partiu para o outro lado, para ver o que estava acontecendo na frente, chegando no exato momento em que um soldado da artilharia voava de uma das janelas abertas do andar de cima. O inglês chocou-se contra o solo, uma das pernas dobrada sob o corpo, e ficou lá gritando. Um dos homens de William, perto do ferido, arremeteu-se para frente e agarrou-o pelos ombros, mas foi atingido por um disparo vindo de dentro da casa. Ele dobrou-se ao meio e caiu, o chapéu caindo e rolando para o meio das moitas.

Passaram o resto daquele dia na casa de pedras da fazenda; os americanos fizeram quatro incursões — em duas, conseguiram dominar os habitantes e por pouco tempo tomaram as armas, mas nas duas vezes foram sobrepujados por novas levadas de tropas britânicas e expulsos ou mortos. William em nenhum momento se aproximou a menos de duzentos metros da casa, mas uma vez conseguiu interpor uma de suas companhias entre a casa e uma onda de americanos desesperados vestidos como índios e gritando como banshees. Um deles ergueu um rifle longo e atirou diretamente nele, mas errou o alvo. Ele tirou a espada, pretendendo derrubar o sujeito, mas um tiro de algum lugar atingiu o americano, fazendo-o rolar pelo barranco de uma pequena elevação.

William aproximou seu cavalo, para ver se o americano estava morto ou não — os companheiros do sujeito já haviam fugido, desaparecendo por trás da casa, perseguidos por tropas britânicas. Seu cavalo, entretanto, estava nervoso; treinado para o som de tiros de mosquete, achava a artilharia enervante e, com o estrondo de uma descarga de canhão naquele exato momento, ele abaixou as orelhas e disparou.

William ainda empunhava a espada, as rédeas frouxamente enroladas na outra mão; o súbito solavanco deslocou-o da sela, o cavalo deu uma guinada

para a esquerda, arrancando seu pé direito do estribo, e ele foi atirado para fora. Mal teve a presença de espírito de largar a espada ao cair, aterrissando sobre um dos ombros e rolando.

Simultaneamente agradecendo a Deus por seu pé esquerdo não ter ficado preso do estribo e xingando o cavalo, ergueu-se nas mãos e nos joelhos, sujo de lama e capim, o coração na boca.

As armas dentro da casa haviam parado; os americanos deviam estar lá dentro de novo, lutando corpo a corpo com os homens da artilharia. Ele cuspiu lama e começou a recuar cuidadosamente; achava estar no alcance das janelas de cima.

À sua esquerda, entretanto, avistou o americano que tentara acertá-lo, ainda estendido no capim molhado. Com um olhar cauteloso para a casa, arrastou-se até o sujeito, que estava caído com o rosto para baixo, imóvel. Ele queria ver o rosto do sujeito, embora não soubesse a razão. Ergueu-se sobre os joelhos e segurou o homem pelos ombros, virando-o.

O sujeito estava obviamente morto, com um tiro na cabeça. A boca e os olhos estavam descaídos, semiabertos, e seu corpo parecia estranho, pesado e frouxo.

Usava um tipo de uniforme de milícia; William viu os botões de madeira, com as letras "PUT" gravadas a fogo. Aquilo significava alguma coisa, mas sua mente aturdida não conseguia decifrar. Delicadamente deitando o homem novamente no chão, levantou-se e foi recuperar sua espada. Tinha uma sensação estranha nos joelhos.

A meio caminho do local onde estava sua espada, ele parou, virou e começou a voltar. Ajoelhando-se, com os dedos frios e um vazio no estômago, ele fechou os olhos sem vida do sujeito sob a chuva.

Acamparam naquela noite, para satisfação dos homens. Foram escavadas fogueiras de acampamento, as carroças de alimentos trazidas e o cheiro de carne assada e pão fresco encheu o ar úmido. William acabara de sentar-se para comer quando Perkins, aquele arauto da desgraça, apareceu se desculpando ao seu lado, com uma mensagem: apresentar-se ao posto de comando do general Howe imediatamente. Pegando um pedaço de pão e um fumegante naco de carne de porco assada para colocar dentro do pão, ele foi, mastigando.

Encontrou os três generais e todos os oficiais de estado-maior reunidos, imersos em uma discussão sobre os resultados do dia. Os generais sentavam-se a uma pequena mesa repleta de despachos e mapas apressadamente desenhados. William encontrou um lugar entre os oficiais de estado-maior, mantendo-se respeitosamente atrás, junto à lona da enorme barraca.

Sir Henry defendia um ataque a Brooklyn Heights, ao amanhecer. — Poderíamos expulsá-los facilmente — Clinton disse, abanando a mão para os despachos. — Eles perderam metade de seus homens, se não mais, e já não eram muitos desde o começo.

— Facilmente, não — disse lorde Cornwallis, franzindo os lábios grossos. — Você os viu lutar. Sim, poderíamos desalojá-los de lá, mas a certo preço. O que acha, sir? — acrescentou, voltando-se respeitosamente para Howe.

Os lábios de Howe desapareceram inteiramente, somente uma linha branca marcando sua existência anterior.

— Não posso me dar ao luxo de outra vitória como a última — retrucou rispidamente. — Ou, se pudesse, não o faria. — Seus olhos abandonaram a mesa e

percorreram os oficiais mais jovens de pé junto à parede da barraca. — Perdi todos os meus auxiliares naquela maldita colina em Boston — ele disse, mais rapidamente. — Vinte e oito homens. Todos eles. — Seus olhos demoraram-se em William, o mais novo dos oficiais subalternos, e ele sacudiu a cabeça, como se pensasse consigo mesmo, e virou-se novamente para sir Henry.

— Suspendam a luta — ele disse. Sir Henry não gostou do que ouviu, William pôde notar, mas apenas balançou a cabeça.

— Oferecer-lhes termos de acordo?

— Não — Howe respondeu sucintamente. — Eles perderam quase a metade de seus homens, como você disse. Somente um louco continuaria a lutar. Eles... você, senhor. Tem alguma observação a fazer?

Com um sobressalto, William compreendeu que Howe estava se dirigindo a ele; aqueles olhos redondos penetravam em seu peito como chumbo de caça.

— Eu... — começou, mas parou e emperdigou-se. — Sim, senhor. É o general Putnam que está no comando. Lá no riacho. Ele... talvez não seja louco, senhor — acrescentou cuidadosamente —, mas tem a reputação de ser teimoso.

Howe parou, os olhos semicerrados.

— Um homem teimoso — repetiu. — Sim. Eu diria que é.

— Ele era um dos comandantes em Breed's Hill, não era? — objetou lorde Cornwallis. — Os americanos fugiram bem rápido de lá.

— Sim, mas... — William parou de repente, paralisado pelos olhares fixos dos três generais. Howe acenou impacientemente para que ele continuasse.

— Com todo respeito, senhor — ele disse, satisfeito por ver que sua voz não tremia —, eu... ouvi dizer que os americanos só fugiram em Boston depois de esgotar toda a sua munição. Creio... que este não é o caso aqui. E, com relação ao general Putnam, não havia ninguém atrás dele em Breed's Hill.

— E você acha que agora há. — Não era uma pergunta.

— Sim, senhor. — William procurou não olhar explicitamente para a pilha de despachos sobre a mesa de sir William. — Tenho certeza, senhor. Creio que praticamente todos os continentais estão na ilha, senhor. — Tentou não fazer isso parecer uma pergunta; ouvira essa informação de um major de passagem no dia anterior, mas podia não ser verdade. — Se Putnam está no comando aqui...

— Como sabe que é Putnam, tenente? — Clinton interrompeu, lançando-lhe um olhar desconfiado e hostil.

— Cheguei recentemente de uma... uma expedição de inteligência, senhor, que me levou a atravessar Connecticut. Lá ouvi, de muitas pessoas, que as milícias estavam se reunindo para acompanhar o general Putnam, que deveria se unir às forças do general Washington perto de Nova York. E eu vi um botão em um dos rebeldes mortos perto do riacho esta tarde, senhor, com "PUT" gravado em cima. É

como chamam o general Putnam, senhor: "Velho Put".

O general Howe empertigou-se antes que Clinton ou Cornwallis pudessem apartear outra vez.

— Um homem teimoso — ele repetiu. — Bem, talvez ele seja. Contudo... suspender a luta. Ele está numa posição insustentável e deve saber disso. Dar-lhe uma chance de pensar duas vezes, consultar Washington, se quiser. Washington talvez seja um comandante mais sensato. E se pudermos obter a rendição de todo o Exército continental sem mais derramamento de sangue... acho que vale o risco, senhores. Mas não vamos oferecer condições.

O que significava que, se os americanos fossem sensatos, seria uma rendição incondicional. E se não fossem? William ouvira histórias sobre a batalha de Breed's Hill — é bem verdade que eram histórias contadas por americanos e portanto ele as ouvira com reservas. Mas, por esses relatos, os rebeldes lá haviam arrancado os pregos das cercas de suas fortificações — das próprias solas de seus sapatos — e os dispararam contra os ingleses quando a munição acabou. Só recuaram quando ficaram reduzidos a atirar pedras.

— Mas, se Putnam estiver esperando reforços de Washington, ele apenas se sentará e ficará esperando — Clinton disse, franzindo a testa. — E então teremos um caldeirão fervente. Não seria melhor que nós...

— Não foi isso que ele quis dizer — Howe interrompeu. — Foi, Ellesmere? Quando disse que não havia ninguém atrás dele em Breed's Hill?

— Não, senhor — William disse, agradecido. — Eu quis dizer... ele tem algo a proteger. Atrás dele. Não acho que ele esteja esperando que o resto do exército chegue para ajudá-lo. Acho que está dando cobertura à retaguarda dele.

As sobancelhas curvas de lorde Cornwallis ergueram-se subitamente diante disso. Clinton franziu o cenho para William, que se lembrou tarde demais de que Clinton fora o comandante de campanha na vitória pínica de Breed's Hill e provavelmente era sensível ao assunto Israel Putnam.

— E por que estamos solicitando a opinião de um garoto ainda engatinhando por trás do... O senhor sequer já viu um combate? — ele perguntou a William, que se ruborizou intensamente.

— Eu estaria lutando agora, senhor — ele disse —, se não tivesse sido detido aqui!

Lorde Cornwallis riu e um leve sorriso atravessou o rosto de Howe.

— Vamos nos certificar de que fique adequadamente experiente em guerra, tenente — ele disse, secamente. — Mas não hoje. Capitão Ramsay? — Fez sinal para um dos oficiais, um homem baixo, com ombros muito largos e retos, o qual deu um passo à frente e bateu continência. — Leve Ellesmere e faça com que ele lhe conte os resultados de seu trabalho... de inteligência. Transmita-me qualquer coisa

que lhe pareça de interesse. Enquanto isso — voltou-se novamente para seus dois generais —, suspendam as hostilidades até segunda ordem.

William não ouviu mais nenhuma das deliberações do general, sendo conduzido dali pelo capitão Ramsay.

Teria falado demais?, perguntou-se. É bem verdade que o general Howe lhe fez uma pergunta direta; ele teve que responder. Mas apresentar seu trabalho de inteligência de apenas um mês, comparado ao conhecimento combinado de tantos oficiais mais velhos e experientes...

Externou algumas de suas dúvidas ao capitão Ramsay, que parecia um sujeito calado, mas bastante simpático.

— Oh, você não teve escolha senão manifestar-se — Ramsay assegurou-lhe. — Mesmo assim...

William desviou-se rapidamente de uma pilha de excremento de mula a fim de acompanhar o passo de Ramsay.

— Mesmo assim... — repetiu. Ramsay não disse nada por algum tempo, mas liderou o caminho pelo acampamento, através de perfeitos corredores de barracas de lona, acenando de vez em quando para os homens que o chamavam ao redor de uma fogueira.

Finalmente, chegaram à própria barraca de Ramsay e ele segurou a aba da porta para William entrar.

— Já ouviu falar em uma senhora chamada Cassandra? — Ramsay disse finalmente. — Uma espécie de profetisa grega, eu acho. Não muito popular.

O exército dormiu profundamente depois de seus vigorosos esforços, e William também.

— Seu chá, senhor? Ele piscou, desorientado e ainda envolto em sonhos de estar caminhando pelo zoológico particular do duque de Devonshire, de mãos dadas com um orangotango. Mas era o rosto redondo e ansioso do soldado Perkins, e não do orangotango, que o saudava.

— O quê? — disse, tolamente. Perkins parecia flutuar em uma espécie de névoa que não se dissipava por mais que ele piscasse. Quando se sentou para pegar a xícara fumegante, descobriu que a causa disso era que o próprio ar estava permeado de uma pesada neblina.

Todos os sons estavam abafados; apesar de ruídos normais de um acampamento despertando poderem ser ouvidos, soavam distantes, amortecidos. Não foi nenhuma surpresa, portanto, quando ele enfiou a cabeça para fora da tenda alguns minutos mais tarde e viu o chão coberto com uma bruma flutuante proveniente dos pântanos.

Não fazia muita diferença. O exército não ia a lugar algum. Um despacho do quartel-general de Howe tornara oficial a suspensão das hostilidades; não restava

nada a fazer, senão esperar que os americanos caíssem em si e se rendessem.

O exército espreguiçava-se, bocejava e procurava distração. William engajara-se em um disputado jogo de dados com os cabos Yarnell e Jeffries quando Perkins surgiu novamente, arfando.

— Cumprimentos do coronel Spencer, senhor, e o senhor deve se apresentar ao general Clinton.

— Ah, é? Para quê? — William perguntou. Perkins pareceu perplexo; não lhe ocorrera perguntar ao mensageiro por quê.

— É que... acho que ele quer vê-lo — disse, no esforço para se mostrar útil.

— Muito obrigado, soldado Perkins — William disse, com um sarcasmo que Perkins não percebeu, radiante de alívio e retirando-se sem ser dispensado.

— Perkins! — ele gritou, e o soldado virou-se, o rosto redondo assustado. — Para que lado?

— O quê? Hã... como, senhor?

— Em que direção fica o quartel-general do general Clinton? — William perguntou com esmerada paciência.

— Oh! O soldado da cavalaria... ele veio... — Perkins girou devagar, como um cata-vento, franzindo a testa em concentração. — De lá! — Apontou. — Pude ver aquele morro atrás dele. — O nevoeiro ainda estava denso junto ao chão, mas os topos das colinas e as árvores altas eram visíveis de vez em quando, e William não teve nenhuma dificuldade em localizar o morro a que Perkins se referia; tinha uma estranha aparência, cheia de protuberâncias.

— Obrigado, Perkins. Dispensado — acrescentou rapidamente, antes que Perkins saísse às pressas outra vez. Observou o soldado desaparecer na massa cambiante de nevoeiro e corpos, depois sacudiu a cabeça e foi passar o comando ao cabo Evans.

Seu cavalo não gostava de nevoeiro. William também não. Dava-lhe uma sensação inquietante, como se alguém estivesse respirando na sua nuca.

Mas aquela era uma cerração do mar: pesada, densa e fria, não sufocante. Ela se rarefazia e se espessava, com uma sensação de movimento. Ele só conseguia ver alguns passos à sua frente e apenas divisava a forma do morro que Perkins indicara, embora o topo aparecesse e desaparecesse como alguma fantástica magia em um conto de fadas.

O que sir Henry podia querer com ele?, perguntava-se. E teria sido somente ele a ser chamado ou seria uma reunião convocada para informar os oficiais de alguma mudança de estratégia?

Talvez os homens de Putnam tivessem se rendido. Deveriam, sem dúvida; não tinham a menor chance de vitória nas atuais circunstâncias, e isso devia ser óbvio para eles.

Mas imaginava que Putnam precisaria, talvez, reunir-se com Washington. Durante a batalha da velha casa de fazenda de pedras, ele vira um pequeno grupo de homens a cavalo no alto de uma colina distante, uma bandeira desconhecida tremulando entre eles; alguém na ocasião apontara e dissera: "Aquele lá é ele, Washington. Pena que a gente não tenha uma boca-de-fogo montada para dar-lhe uma lição!" E riu.

O bom-senso dizia que eles se renderiam. Mas ele sentia uma sensação inquietante que nada tinha a ver com o nevoeiro. Durante o mês que passara na estrada, tivera oportunidade de ouvir muitos americanos. A maioria também se sentia inquieta, não querendo um conflito com a Inglaterra, particularmente não querendo estar perto de nenhum conflito armado — uma conclusão muito sensata. Mas aqueles que haviam optado pela revolta... estavam realmente muito decididos.

Talvez Ramsay tivesse transmitido parte disso aos generais; ele não parecera nem um pouco impressionado com nenhuma das informações de William, muito menos com suas opiniões, mas talvez...

O cavalo tropeçou e ele inclinou-se para o lado em sua sela, acidentalmente puxando as rédeas. O cavalo, irritado, girou a cabeça e mordeu-o, os grandes dentes arranhando sua bota.

— Desgraçado! — Açoitou o focinho do cavalo com as pontas das rédeas e puxou a cabeça do animal com força, até que os olhos revirados e o lábio torcido estivessem quase em seu colo. Em seguida, tendo provado seu ponto de vista, soltou lentamente a pressão. O cavalo bufou e sacudiu a crina violentamente, mas retomou o caminho sem maiores discussões.

Ele parecia estar cavalgando há algum tempo. Mas o tempo, assim como a distância, eram enganadores na névoa. Ergueu os olhos para o morro que era seu objetivo, descobrindo que ele havia desaparecido outra vez. Bem, certamente voltaria a aparecer.

Só que não voltou. O nevoeiro continuava a se mover à sua volta e ele ouvia os pingos de orvalho que caíam das folhas das árvores que pareciam surgir de repente da névoa e igualmente depressa desaparecer outra vez. Mas o morro continuava obstinadamente invisível.

Ocorreu-lhe que fazia algum tempo que não ouvia mais o barulho dos homens.

Deveria ouvir. Se estivesse se aproximando do quartel-general de Clinton, não só estaria ouvindo todos os sons normais do acampamento, como deveria ter encontrado muitos homens, cavalos, fogueiras, carroças, barracas...

Não havia nenhum ruído a seu redor, salvo o barulho de água corrente. Ele havia se afastado do acampamento.

— Maldito Perkins — disse, à meia-voz. Parou um instante e verificou sua

pistola, cheirando a pólvora na caçoleta; adquiria um cheiro diferente quando ficava úmida. Ainda está boa, pensou; tinha um cheiro forte e pinicante, não o cheiro de ovo podre de enxofre que a pólvora molhada possuía.

Manteve a pistola na mão, apesar de até o momento não ter visto nada ameaçador. Mas a neblina estava densa demais para se ver mais do que alguns passos à frente; alguém podia surgir repentinamente e ele teria que decidir no mesmo instante se deveria atirar ou não.

Tudo estava silencioso; sua própria artilharia estava silenciosa; não se ouvia nenhum disparo aleatório de mosquete como no dia anterior. O inimigo se retirava; não havia dúvida a respeito. Mas, caso ele se deparasse com um continental extraviado, perdido no nevoeiro como ele próprio, deveria atirar? O pensamento fez suas mãos suarem, mas achou que deveria; o continental provavelmente não hesitaria em atirar nele, assim que visse o uniforme vermelho.

Estava mais preocupado com a humilhação de ser acertado por suas próprias tropas do que com a real perspectiva de morte, mas tampouco estava totalmente indiferente a esse risco.

Na verdade, a maldita neblina havia se tornado ainda mais densa. Procurou em vão pelo sol, para lhe dar alguma noção de direção, mas o céu estava invisível.

Tentou reprimir o pequeno estremecimento de pânico na base de sua espinha. Certo, havia 34.000 tropas britânicas naquela maldita ilha; ele devia estar no alcance de um tiro de pistola de muitos deles no momento. E você só precisa estar no alcance de um único tiro de um americano, lembrou a si mesmo, abrindo caminho com raiva pela vegetação de lanços.

Ouviu o farfalhar de folhas e o estalido de galhos perto de onde estava; havia alguém no bosque, sem dúvida. Mas quem?

As tropas britânicas não estariam se deslocando neste nevoeiro, isso era um fato. Maldito Perkins! Portanto, se ouvisse movimento, como o de um grupo de homens, pararia e se esconderia. De outra forma... tudo que podia esperar fazer era se deparar com um corpo de tropas ou ouvir alguma coisa inconfundivelmente de natureza militar — gritos de ordens, talvez...

Continuou cavalgando devagar por algum tempo e finalmente guardou a pistola, achando seu peso cansativo. Santo Deus, há quanto tempo estava fora? Uma hora? Duas? Deveria dar meia-volta? Mas não tinha como saber qual a direção certa. Podia estar andando em círculos; o terreno inteiro parecia o mesmo, uma mancha cinzenta de árvores, rochas e capim. Ontem, passara cada minuto em alerta máximo, pronto para o ataque. Hoje, seu entusiasmo para lutar havia diminuído significativamente.

Alguém surgiu à sua frente e o cavalo recuou, tão abruptamente que William teve apenas uma vaga impressão do homem. No entanto, foi suficiente para saber

que ele não estava usando uniforme inglês. Ele teria sacado sua pistola, se as duas mãos não estivessem ocupadas em controlar o cavalo.

O cavalo, cedendo à histeria, saltava loucamente em círculos, chacoalhando todos os ossos de William a cada aterrissagem. O ambiente à sua volta girava em uma mancha cinza e verde, mas ele tinha uma certa noção de vozes, apupando no que poderia tanto ser zombaria quando encorajamento.

Depois do que lhe pareceu um século, mas que não deveria ter ultrapassado mais do que um minuto, William conseguiu fazer a maldita criatura parar, arfando e bufando, ainda lançando a cabeça para os lados, os brancos dos olhos ressaltados, brilhando de suor.

— Seu desgraçado filho da mãe! — William exclamou, puxando a cabeça do animal para o lado. A respiração do cavalo penetrou, úmida e quente, através da camurça de suas calças e seus flancos erguiam-se sob ele.

— Não é o cavalo de melhor temperamento que já conheci — a voz de alguém concordou e sua mão ergueu-se, segurando a brida. — Mas parece bem saudável.

William avistou de relance um homem com roupas de caça, forte e de tez escura — e então alguém o agarrou pela cintura, por trás, e o arremessou para fora do cavalo.

Ele bateu em cheio de costas no chão, perdendo o fôlego, mas tentou valentemente pegar sua pistola. Um joelho pressionou seu peito e uma enorme mão arrancou-lhe a arma. Um rosto barbado riu acima dele.

— Não muito sociável — o homem disse com ar de reprovação. — Pensei que todos vocês, ingleses, fossem civilizados.

— Se você o deixar levantar-se e pegá-lo, Harry, imagino que ele o tornaria bem civilizado. — Este era outro homem, mais baixo e de compleição esbelta, com uma voz suave e educada, como a de um professor, que espreitou por cima do ombro do homem ajoelhado no peito de William. — Mas você poderia deixá-lo respirar, imagino.

A pressão no peito de William relaxou e ele conseguiu fazer entrar um pouco de ar em seus pulmões. Este logo foi expelido outra vez quando o sujeito que o prendera no chão deu-lhe um soco no estômago. Mãos prontamente começaram a esvaziar seus bolsos e seu gorjal foi rispidamente arrancado pela cabeça, ralando dolorosamente a base de seu nariz. Alguém desafiou seu cinto, habilmente removendo-o com um assobio de satisfação diante do equipamento preso a ele.

— Muito bom — disse o segundo homem, aprovando. Abaixou os olhos para William, estendido no chão e arfando como um peixe fora d'água. — Muito obrigado, senhor. Ficamos muito agradecidos. Tudo bem, Allan? — gritou, virando-se para o homem que segurava o cavalo.

— Sim, já o peguei — disse uma voz escocesa anasalada. — Vamos cair fora! Os homens se afastaram e, por um instante, William achou que tinham ido embora. Então, a mão pesada de alguém agarrou seu ombro e o virou. Ele conseguiu se erguer sobre os joelhos por pura força de vontade e a mesma mão agarrou seu rabo de cavalo e puxou sua cabeça para trás com um safanão, expondo sua garganta. Ele vislumbrou o brilho de uma faca e o largo sorriso do sujeito, mas não teve fôlego, nem tempo para preces ou imprecações.

A faca desceu com toda a força e ele sentiu um puxão na nuca que fez seus olhos lacrimejarem. O homem resmungou, insatisfeito, e golpeou mais duas vezes, afastando-se triunfante finalmente, o rabo de cavalo de William erguido na mão enorme.

— Suvenir — ele disse a William, rindo, e girando nos calcanhares partiu atrás de seus amigos. O relincho do cavalo chegou até William através do nevoeiro, zombando dele.

Quisera ardentemente ter conseguido matar ao menos um deles. Mas eles o dominaram com a facilidade de uma criança, depenaram-no como se fosse um ganso e largaram-no deitado no chão como um maldito imbecil! Sua raiva era tão avassaladora que precisou parar e esmurrar o tronco de uma árvore. A dor deixou-o arquejante, ainda furioso, mas sem fôlego.

Prendeu a mão ferida entre as coxas, sibilando entre dentes até a dor arrefecer. A sensação de choque misturava-se à raiva; sentia-se mais desorientado do que nunca, a cabeça girando. Com o peito arfando, levou a mão livre à parte de trás da cabeça, apalpando o toco eriçado deixado ali — e tomado de nova onda de raiva, chutou a árvore com toda a força.

Deu voltas em círculo, mancando, praguejando, finalmente desmoronando em uma rocha e colocando a cabeça entre os joelhos, arquejando.

Gradualmente, sua respiração se acalmou e sua capacidade de pensar racionalmente começou a voltar.

Muito bem. Continuava perdido na floresta de Long Island, só que agora sem cavalo, comida nem armas. Nem cabelo. Isso o fez sentar-se direito, os punhos cerrados, e ele tentou dominar a fúria, com alguma dificuldade. Não tinha tempo para ficar com raiva agora. Se algum dia pusesse os olhos novamente em Harry, Allan ou no homenzinho de voz educada... bem, haveria bastante tempo para isso quando acontecesse.

Por ora, o importante era localizar alguma parte do exército. Seu impulso era desertar ali mesmo, pegar um navio para a França e nunca mais voltar, deixando que o exército presumisse que ele fora assassinado. Mas não podia fazer isso por uma série de razões, inclusive seu pai — que provavelmente preferiria que ele tivesse realmente sido morto a ter fugido covardemente.

Não tinha remédio. Levantou-se resignadamente, tentando se sentir grato pelo fato de os bandidos terem deixado seu casaco. O nevoeiro começava a se dispersar um pouco aqui e ali, mas ainda cobria o chão, frio e úmido. Não que isso o incomodasse; seu próprio sangue ainda fervia.

Olhou furiosamente ao redor, para as formas imprecisas de pedras e árvores. Pareciam exatamente iguais às malditas pedras e árvores que encontrara ao longo deste dia funesto.

— Muito bem — disse em voz alta, erguendo um dedo no ar e virando-se aos poucos. — Uni duni tê, salamê minguê... oh, para o inferno com tudo isso.

Mancando ligeiramente, partiu. Não sabia para onde estava indo, mas tinha que se mexer, ou explodiria.

Distraiu-se por algum tempo repassando o recente encontro, com visões gratificantes de si mesmo agarrando o homem gordo chamado Harry e torcendo seu nariz até transformá-lo em uma polpa sangrenta, antes de esfacelar sua cabeça em uma pedra. Tomando-lhe a faca e golpeando aquele miserável arrogante... arrancando seus pulmões... havia um costume entre as tribos bárbaras alemãs chamado "águia de sangue" que consistia em cortar as costas de um homem e puxar seus pulmões para fora, de modo que batessem como asas enquanto ele morria...

Aos poucos, sentiu-se mais calmo, simplesmente porque era impossível manter tal nível de fúria.

Seu pé estava melhor; os nós dos dedos de sua mão estavam esfolados, mas não latejavam muito, e suas fantasias de vingança começaram a lhe parecer ligeiramente absurdas. Seria assim a fúria da batalha? Perguntou-se. Você queria não apenas atirar e apunhalar porque era seu dever matar, mas você realmente gostava de fazer isso? Desejava isso como se deseja uma mulher? E se sentia um idiota depois?

Ele refletira sobre matar em uma batalha. Não o tempo todo, mas de vez em quando. Fizera um grande esforço para visualizar a cena quando decidira servir o exército. E realmente percebera que também poderia haver remorso no ato.

Seu pai lhe contara, abertamente e sem nenhuma tentativa de se justificar, sobre as circunstâncias em que ele fizera sua primeira vítima. Não durante uma batalha, mas depois. A execução à queima-roupa de um escocês, ferido e deixado no campo de Culloden.

— Sob ordens — seu pai dissera. — Nenhuma clemência deveria ser dada; eram nossas ordens escritas, assinadas por Cumberland. — Os olhos de seu pai estavam fixos na sua estante de livros durante o relato, mas nesse ponto ele olhara diretamente para William.

— Ordens — ele repetira. — Você segue ordens, é claro; você tem que seguir. Mas haverá ocasiões em que não terá nenhuma ordem para seguir ou em que se verá em uma situação que mudou repentinamente. E haverá ocasiões, haverá

ocasiões, William, em que sua própria honra dita que você não pode seguir uma ordem. Em tais circunstâncias, você tem que seguir seu próprio discernimento e estar preparado para viver com as consequências.

William balançara a cabeça, sério. Acabara de trazer seus papéis de alistamento para seu pai examinar, a assinatura de lorde John sendo necessária por ser seu tutor. Mas ele havia considerado a assinatura uma mera formalidade; não esperava nem uma confissão, nem um sermão — se isso é o que era.

— Eu não deveria ter feito isso — seu pai dissera abruptamente. — Não devia ter atirado nele.

— Mas... suas ordens...

— Não me afetavam, não diretamente. Eu ainda não tinha patente; eu acompanhara meu irmão na campanha, mas ainda não era um soldado; eu não estava sob a autoridade do exército. Eu poderia ter me recusado.

— Se tivesse, outra pessoa não teria atirado nele? — William perguntou de forma prática.

Seu pai sorriu, mas sem humor.

— Sim, teria. Mas o problema não é esse. E é verdade que nunca me ocorreu que eu tivesse escolha na questão, mas este é o problema. A gente sempre tem escolha, William. Lembre-se disso, sim?

Sem esperar resposta, ele inclinara-se para frente, tirara uma pena da jarra azul e branca de porcelana chinesa sobre a sua mesa e abriu o tinteiro de cristal.

— Tem certeza? — perguntara, olhando gravemente para William, e diante do sinal de confirmação de William assinou seu nome com um floreio. Depois, erguera os olhos e sorria. — Tenho orgulho de você, William — disse, serenamente. — Sempre terei.

William suspirou. Não duvidava que seu pai sempre o amaria, mas quanto a deixá-lo orgulhoso... não era provável que esta expedição em particular o cobrisse de glórias. Teria sorte de voltar às suas próprias tropas antes que alguém notasse quanto tempo ele ficara fora e desse o alarme. Deus, que humilhação, perder-se e ser roubado, como seu primeiro ato de destaque!

Ainda assim, melhor do que ter como seu primeiro ato de destaque ser morto por bandidos.

Continuou a avançar cautelosamente pela floresta imersa em nevoeiro. O terreno não era ruim, embora houvesse poças, onde a chuva se acumulara. Uma vez, ouviu o estrépito de tiros de mosquete e correu em sua direção, mas o barulho parou antes que ele pudesse avistar quem andara atirando.

Continuou se arrastando penosamente, perguntando-se quanto tempo deveria levar para atravessar toda a maldita ilha a pé e se já estava perto de ter feito isso. O terreno inclinara-se acentuadamente; ele estava subindo agora e, de fato, em

determinado momento ele emergiu em um pequeno promontório rochoso e teve uma breve visão do terreno embaixo — completamente encoberto por um nevoeiro cinzento, movendo-se em redemoinhos. A visão lhe deu vertigem, obrigando-o a sentar-se em uma pedra por alguns instantes, com os olhos fechados, antes de continuar.

Por duas vezes, ele ouviu o som de homens e cavalos, mas havia algo sutilmente errado naquele som; as vozes não tinham os ritmos do exército, e ele virou-se, afastando-se lenta e cautelosamente na direção contrária.

Notou uma mudança abrupta no terreno, que se tornou uma espécie de cerrado, repleto de árvores raquíticas projetando-se de um solo de cor clara que rangia sob suas botas. Então, ouviu a água — ondas batendo em uma praia. O mar! Bem, graças a Deus, pensou, e apressou o passo na direção do som.

Entretanto, ao avançar na direção das ondas, repentinamente percebeu outros sons.

Barcos. O ranger dos cascos — mais de um — no cascalho, o ruído de forquetas, barulho na água. E vozes. Vozes abafadas, mas agitadas. Maldição! Agachou-se sob o tronco de um pinheiro-anão, esperando por uma fenda na névoa flutuante.

Um movimento repentino lançou-o para o lado, a mão buscando a pistola. Ele mal se lembrou de que não tinha mais a pistola, antes de perceber que seu adversário era uma enorme garça azul, que o fitou com um olhar fixo e amarelo antes de se lançar no ar com um alarido de indignação. Um grito de alarme elevou-se das moitas, a não mais de três metros de distância, juntamente com um estrondo de mosquete, e a garça explodiu em uma chuva de penas, diretamente sobre sua cabeça. Sentiu pingos do sangue da ave, muito mais quente do que o suor frio em seu rosto, e sentou-se abruptamente, pontos negros de tontura diante de seus olhos.

Não ousava se mover, muito menos gritar. Havia um sussurro de vozes no meio dos arbustos, mas não alto o suficiente para que ele pudesse entender alguma palavra. Entretanto, após alguns instantes, ouviu um ruge-ruge furtivo que gradualmente se afastou. Fazendo o menor barulho possível, girou sobre as mãos e os joelhos e engatinhou por certa distância na direção oposta, até achar que já podia ficar de pé outra vez.

Achou que ainda ouvia vozes. Aproximou-se, rastejando devagar, o coração batendo com força. Sentiu cheiro de tabaco e parou.

Entretanto, nada se movia perto dele — ainda podia ouvir as vozes, mas estavam a uma boa distância. Farejou o ar, cautelosamente, mas o cheiro de tabaco desaparecera; talvez estivesse imaginando coisas. Continuou avançando, na direção dos sons.

Podia ouvi-los claramente agora. Vozes baixas, urgentes, o chocalhar de

forquetas e o chapinhar de pés na água. A movimentação e o murmúrio de homens confundindo-se — quase — com os sussurros do mar e da vegetação rasteira. Lançou um último olhar desesperado para o céu, mas o sol continuava invisível. Ele tinha que estar no lado oeste da ilha; tinha certeza disso. Quase. E se estivesse...

Se estivesse, os sons que ouvia tinham que ser de tropas americanas, fugindo da ilha em direção a Manhattan.

— Não se mova. — O sussurro atrás dele coincidiu exatamente com a pressão do cano de uma arma, enfiado com tanta força em seu rim que o paralisou onde estava. A pressão cedeu por um instante e retornou, com uma força que turvou seus olhos. Emitiu um som gutural e arqueou as costas, mas antes que pudesse falar alguém com mãos calejadas o agarrara pelos pulsos e puxara-os violentamente para trás.

— Não é preciso — disse a voz grave, rouca e ranzinza. — Afaste-se e eu dou um tiro nele.

— Não — disse outra voz, igualmente grave, porém menos rabugenta. — É só um garoto. E bonito, ainda por cima. — Uma das mãos calejadas acariciou seu rosto e ele enrijeceu-se, mas quem quer que fosse já havia amarrado suas mãos com força.

— E, se pretendesse atirar nele, já o teria feito, irmã — a voz acrescentou. — Vire-se, garoto.

Devagar, ele se virou, verificando que havia sido capturado por uma dupla de mulheres velhas, baixas e atarracadas como ogros. Uma delas, a que empunhava a arma, fumava um cachimbo; fora desse tabaco que ele sentira o cheiro. Vendo o choque e a repulsa em suas feições, ela levantou o canto da boca enrugada enquanto segurava com firmeza a haste do cachimbo com os tocos de dentes manchados de marrom.

— Ser bonito é fazer coisas bonitas — ela citou o provérbio, examinando-o de cima a baixo. — Ainda assim, não precisa desperdiçar munição.

— Madame — ele disse, recompondo-se e tentando mostrar-se sedutor. — Acredito que estão enganadas a meu respeito. Sou um soldado do rei e...

As duas desataram a rir, rangendo como um par de dobradiças enferrujadas.

— Jamais teria imaginado — a dona do cachimbo falou, rindo ao redor da haste de seu cachimbo. — Achei que era um espantalho!

— Cale a boca, menino — sua irmã interrompeu sua nova tentativa de falar. — Nós não vamos machucar você, desde que fique quieto e calado. — Observou-o, avaliando os danos.

— Esteve na guerra, hein? — ela disse, não sem compaixão. Sem esperar por uma resposta, empurrou-o para cima de uma pedra, coberta de crostas de mexilhões e musgos gotejantes, o que o fez deduzir que estava bem perto da praia.

Não disse nada. Não por medo das mulheres, mas porque não havia nada a dizer.

Permaneceu sentado, ouvindo os ruídos do êxodo. Não fazia ideia de quantos homens poderiam estar envolvidos, já que não tinha noção de quanto tempo já durava aquela operação. Nada de útil era dito; havia apenas a conversa entreouvada de homens trabalhando, ofegantes, o murmúrio de homens esperando, aqui e ali o tipo de risada abafada que evidencia nervosismo.

A névoa começava a se dissipar de cima da água. Podia vê-los agora — a menos de cem metros de distância, uma pequena frota de barcos a remo, botes, aqui e ali um barco de pesca, movendo-se devagar de um lado ao outro pela água lisa como um espelho — e um grupo rapidamente minguate de homens na praia, as mãos nas armas, olhando continuamente por cima do ombro, atentos a qualquer indício de perseguição.

Não sabiam de nada, refletiu amargamente. No momento, não tinha nenhuma preocupação com seu futuro; a humilhação de ser testemunha impotente enquanto todo o exército americano fugia sob seu nariz — além da ideia de ser obrigado a retornar e relatar esta ocorrência ao general Howe — era tão exasperante que ele não se importava se as duas velhas pretendessem cozinhá-lo e devorá-lo.

Concentrado como estava na cena na praia, não lhe ocorreu imediatamente que, se ele podia ver os americanos, ele próprio era visível a eles. Na realidade, os continentais e homens das milícias estavam tão preocupados com sua retirada que nenhum deles notou sua presença, até que um dos homens afastou-se do agrupamento em retirada, parecendo esquadrihar a região mais elevada da praia em busca de alguma coisa.

O sujeito retesou-se subitamente, com um olhar de relance por cima do ombro para os seus companheiros alheios à situação e começou a atravessar com passos decididos a faixa de seixos da praia, os olhos fixos em William.

— O que é isto, mamãe? — ele perguntou. Vestia o uniforme de um oficial do Exército Continental, de constituição robusta e atarracada, muito semelhante à das duas mulheres, porém bem maior, e, embora seu rosto estivesse aparentemente calmo, havia especulações se sucedendo por trás dos olhos injetados.

— Andei pescando — disse a fumante de cachimbo. — Peguei este peixinho vermelho, mas acho que vou devolvê-lo.

— Ah, é? Talvez ainda não. William enrijecera-se com o aparecimento do sujeito e olhou fixamente para ele, mantendo a própria expressão o mais soturna possível.

O sujeito olhou para a névoa esfarrapando-se por trás de William.

— Há outros com você, não é, garoto? William permaneceu em silêncio. O sujeito suspirou, lançou o punho cerrado para trás e desfechou um soco no estômago

de William. Ele dobrou-se ao meio, caiu sobre a pedra e ficou estendido, vomitando na areia. O homem agarrou-o pela gola e levantou-o, como se não pesasse nada.

— Responda-me, rapaz. Não tenho muito tempo e você não vai querer que eu me apresse em minhas perguntas. — Falou suavemente, mas tocou a faca em seu cinto.

William limpou a boca no ombro da melhor maneira que pode e virou-se para o homem, os olhos em brasa. Está bem, pensou, e sentiu uma certa calma abater-se sobre ele. Se é aqui que eu vou morrer, ao menos morrerei por alguma coisa. O pensamento era quase um alívio.

A irmã da fumante de cachimbo, entretanto, pôs fim ao drama cutucando seu interrogador nas costelas com o mosquete.

— Se houvesse mais, a mana e eu já os teríamos ouvido há muito tempo — ela disse, com certo desprezo. — Os soldados não são uma gente silenciosa.

— Isso é verdade — a dona do cachimbo concordou, removendo o cachimbo da boca o tempo suficiente para cuspir. — Este aí está só perdido, dá pra ver. Também dá pra ver que ele não vai falar com você. — Ela riu para William com familiaridade, exibindo um único canino amarelo remanescente. — Prefere morrer do que falar, não é, rapaz?

William assentiu com um rígido sinal da cabeça e as mulheres deram risadinhas. Não havia outra palavra para isso: deram risadinhas dele.

— Vá andando — a tia disse ao sujeito, abanando a mão para a praia atrás dele. — Eles vão embora e vão largar você aqui.

O homem não olhou para ela — não tirava os olhos de William. Após um instante, entretanto, balançou ligeiramente a cabeça e girou nos calcanhares.

William sentiu uma das mulheres atrás dele; algo pontudo tocou seu pulso e a corda com que o haviam amarrado soltou-se. Teve vontade de esfregar os pulsos, mas não o fez.

— Vá, garoto — a fumante de cachimbo disse, quase amavelmente. — Antes que alguém mais o veja e comece a ter ideias.

Ele foi embora. No ponto mais alto da praia, ele parou e olhou para trás. As mulheres haviam desaparecido, mas o sujeito estava sentado na popa de um barco a remo que se afastava rapidamente da praia, agora quase vazia. O homem olhava fixamente para ele.

William virou as costas. O sol finalmente era visível, um pálido círculo cor de laranja, ardendo através da névoa. Descia o céu agora, começo de tarde. Ele virou-se para o interior e partiu na direção sudoeste, mas sentiu olhos em suas costas durante muito tempo depois que a praia ficara para trás, fora do alcance da vista.

Seu estômago estava dolorido e o único pensamento em sua cabeça era o que

o capitão Ramsay lhe dissera. Já ouviu falar em uma senhora chamada Cassandra?



UM FUTURO INCERTO

Lallybroch Inverness-shire, Escócia
Setembro, 1980

Nem todas as cartas estavam datadas, mas algumas sim. Bri manuseou escrupulosamente a meia dúzia de cima e, com a sensação de estar parada no alto de uma montanha-russa, escolheu uma com a data 2 de março de 1777 escrita na borda.

— Acho que esta é a seguinte. — Mal conseguia respirar. — É... fina. Breve. Era, não mais do que uma página e meia, mas a razão de sua brevidade era evidente; seu pai a redigira toda. Sua caligrafia determinada, desengonçada, deu um aperto em seu coração.

— Nunca permitiremos que um professor tente fazer Jemmy escrever com a mão direita — disse furiosamente a Roger. — Nunca!

— Sim — ele disse, surpreso e achando graça em sua explosão. — Ou esquerda, se você quiser.

2 de março, Anno Domini 1777

Fraser's Ridge, colônia da Carolina do Norte

Minha querida filha,

Estamos nos preparando agora para nos mudarmos para a Escócia. Não para sempre, nem mesmo por muito tempo. Minha vida — nossas vidas — está aqui na

América. E com toda a honestidade eu preferia ser ferroadado até a morte por marimbondos a colocar o pé a bordo de outro navio; tento não ficar pensando no assunto. Porém, duas preocupações importantes me levam a tomar esta decisão.

Se eu não tivesse a dádiva do conhecimento que você, sua mãe e Roger Mac me deram, eu provavelmente pensaria — como a maioria das pessoas na colônia de fato pensa — que o Congresso Continental não vai durar nem mais seis meses e o exército de Washington menos ainda. Eu mesmo conversei com um homem de Cross Creek, que foi dispensado (honrosamente) do Exército Continental por causa

de um ferimento inflamado no braço — sua mãe, é claro, tratou dele; ele gritava muito e eu fui convocado a me sentar em cima dele — e ele me disse que Washington não tem mais do que alguns milhares de soldados regulares, todos muito pobres em equipamentos, roupas e armas, e a todos é devido o pagamento, que é provável que nem recebam.

A maioria de seus homens é de membros de milícias, alistados sob contratos de curta duração de dois ou três meses, e já se dispersando, tendo que voltar para suas casas para o plantio.

Mas o fato é que eu sei. Ao mesmo tempo, não posso ter certeza de como o que eu sei irá acontecer. Deverei, de alguma forma, fazer parte disso? Se eu me retrair, isso de alguma forma prejudicará ou impedirá o sucesso de nossos desejos? Muitas vezes gostaria de poder discutir essas questões com seu marido, embora sendo ele presbiteriano, creio que as acharia ainda mais perturbadoras do que eu. E no final das contas isso não tem importância. Sou aquilo que Deus me fez e devo lidar com a época em que Ele me colocou.

Embora eu ainda não tenha perdido as faculdades da visão e da audição, nem mesmo o controle dos meus intestinos, já não sou jovem. Tenho uma espada e um rifle, e posso usar ambos — mas também tenho uma gráfica, e posso usá-la com um efeito muito maior; percebo muito bem que se pode brandir a espada ou o mosquete somente contra um único inimigo de cada vez, enquanto as palavras podem ser usadas contra muitos.

Sua mãe — sem dúvida, contemplando a perspectiva de eu ficar enjoado por várias semanas em sua vizinhança imediata — sugere que eu deva entrar no negócio com Fergus, usando a gráfica do L'Oignon, em vez de viajar para a Escócia para recuperar a minha própria maquinaria.

Considereei essa hipótese, MAS não posso em sã consciência expor Fergus e sua família ao perigo, fazendo uso de sua gráfica para os propósitos que tenho em mente. A deles é apenas uma de algumas poucas gráficas em operação entre Charleston e Norfolk; ainda que eu fizesse minhas impressões com o maior segredo, em pouco tempo as suspeitas recairiam sobre eles — New Bern é um reduto de legalistas e as origens da minha panfletagem seriam descobertas quase imediatamente.

Além da consideração por Fergus e sua família, creio haver algum benefício em visitar Edimburgo afim de resgatar minha própria gráfica. Eu tinha muitos e diversificados conhecidos lá; alguns podem ter escapado da prisão ou do laço.

A segunda — e mais importante — consideração que me compele a ir à Escócia, entretanto, é seu primo Ian. Há muitos anos, jurei à sua mãe — pela memória de nossa própria mãe — que eu o levaria de volta para casa, para ela, e

é o que pretendo fazer, embora o homem que levo de volta a Lallybroch não seja mais o rapaz que saiu de lá. Só Deus sabe como se entenderão, Ian e Lallybroch — e Deus tem um senso de humor muito peculiar. Mas, se ele tem que voltar, agora é a hora.

A neve está derretendo; as calhas gotejam adia inteiro e pela manhã pingentes de gelo estendem-se do telhado até quase o chão. Em algumas semanas, as estradas estarão transitáveis outra vez. Parece estranho pedir para que rezem pela segurança de uma viagem que já terá sido feita — para o bem ou para o mal — há muito tempo quando ouvirem falar dela, mas eu peço, ainda assim. Diga a Roger Mac que eu acho que Deus não se preocupa com o tempo. E dê um beijo nas crianças por mim.

Seu amoroso pai, JF

Roger reclinou-se um pouco para trás, as sobrancelhas levantadas, e olhou para ela.

— A Conexão Francesa, você acha?

— A o quê? — Ela franziu a testa por cima de seu ombro, viu onde seu dedo marcava o texto. — Onde ele fala de seus amigos em Edimburgo?

— Sim. A maior parte de seus conhecidos de Edimburgo não era contrabandista?

— Foi o que mamãe disse. — Daí a referência ao laço. E de onde contrabandeavam a maior parte das coisas?

Seu estômago deu um pequeno salto. — Oh, você está brincando. Acha que ele está planejando se meter com contrabandistas franceses?

— Bem, não contrabandistas, necessariamente; pelo visto, ele conhecia muitos agitadores, ladrões e prostitutas, também. — Roger sorriu ligeiramente, mas logo ficou sério outra vez.

— Mas eu contei a ele tudo que eu sabia sobre a Revolução. Não com muitos detalhes, pois não era minha especialidade. E certamente lhe contei o quanto a França seria importante para os americanos. Só estou pensando... — parou, um pouco constrangido, depois ergueu os olhos para ela — ele não vai para a Escócia para fugir da luta; ele deixa isso bem claro.

— Então, você acha que ele deve estar procurando aliados políticos? — ela perguntou devagar. — Não apenas retomar sua gráfica, deixar Ian em Lallybroch e voltar depressa para a América?

O pensamento lhe deu um pouco de alívio. A ideia de seus pais armando intrigas em Edimburgo e Paris era muito menos assustadora do que suas visões de ambos no meio de explosões e campos de batalha. E seriam ambos, tinha certeza.

Onde seu pai fosse, sua mãe iria também.

Roger deu de ombros. — Essa observação casual sobre ele ser como Deus o fez. Sabe o que ele quis dizer com isso?

— Um maldito homem — ela disse brandamente, aproximando-se de Roger e colocando a mão em seu ombro como se quisesse se certificar de que ele não fosse desaparecer repentinamente.

— Ele me disse que era um maldito homem. Que ele poucas vezes escolhera lutar, mas sabia que nascera para isso. — Sim, isso mesmo — Roger disse, com igual suavidade. — Mas ele não é mais o jovem senhor de terras que pegou sua espada e conduziu trinta colonos para uma batalha fadada à derrota, e os levou de volta para casa outra vez. Agora, ele sabe muito mais sobre o que um único homem pode fazer. E acredito que pretenda fazê-lo.

— Eu também acho. — Sentia um nó na garganta, mas tanto de orgulho quanto de temor.

Roger estendeu o braço e colocou a mão sobre a dela, apertando-a.

— Eu me lembro... — ele disse devagar. — Uma coisa que sua mãe disse, ao nos contar sobre... sobre quando ela voltou e se tornou uma médica. Uma coisa que seu... Frank... lhe disse. Algo sobre ser muito inconveniente para as pessoas ao redor dela, mas uma grande bênção ela saber o que estava destinada a ser. Ele tinha razão nisso, eu acho. E Jamie também sabe.

Ela balançou a cabeça, concordando. Talvez não devesse dizer isso, porém não conseguiu mais reprimir as palavras.

— E você sabe? Ele ficou em silêncio por um longo tempo, olhando para as folhas sobre a mesa, mas finalmente sacudiu a cabeça, o movimento tão leve que ela mais sentiu do que viu.

— Eu costumava saber — ele disse serenamente, soltando a mão dela.

Seu primeiro impulso foi dar-lhe um soco bem na nuca; o segundo foi agarrá-lo pelos ombros, inclinar-se com os olhos a dois centímetros dos dele e dizer — calma, mas claramente: "O que diabos quer dizer com isso?"

Absteve-se de qualquer das duas reações, apenas porque ambas provavelmente iriam levar a uma longa conversa de um tipo completamente inadequado para crianças, e elas estavam no corredor a alguns passos da porta do escritório; podia ouvi-las conversar.

— Está vendo isso? — Jemmy dizia. — Hu-hum. — Gente má veio aqui, há muito tempo, procurando vovô. Ingleses maus. Foram eles que fizeram isso.

A cabeça de Roger virou-se ao perceber o que Jemmy dizia e seus olhos encontraram os de Brianna, com um ligeiro sorriso.

— "Ingueses" maus! — Mandy repetiu docilmente. — Faz eles limpar tudo! Apesar de sua contrariedade, Brianna não pôde deixar de compartilhar o sorriso de

Roger, ainda que sentindo um pequeno tremor na boca do estômago, ao se lembrar de seu tio Ian — tão calmo, tão gentil — mostrando-lhe os vergões de sabre no painel de madeira do corredor e dizendo-lhe "Nós o mantemos assim, para mostrar às crianças e lhes dizer "Esses são os ingleses". Havia aço em sua voz e, ao ouvir um eco fraco, absurdamente infantil, dessas palavras na VOZ de Jemmy, ela teve as primeiras dúvidas quanto à sabedoria de manter esta tradição familiar em particular.

— Foi você quem lhe contou sobre isso? — ela perguntou a Roger, enquanto as vozes das crianças se afastavam na direção da cozinha. — Eu não contei.

— Annie lhe contara uma parte da história; achei melhor contar-lhe o resto. — Ergueu as sobrancelhas. — Eu deveria ter dito a ele para ir lhe perguntar?

— Oh. Não. Não — ela repetiu, em dúvida. — Mas... será que deveríamos estar ensinando Jemmy a odiar os ingleses?

Roger sorriu. — "Odiar" pode ser um pouco de exagero. E ele realmente disse ingleses maus. Quem fez isso de fato eram ingleses maus. Além do mais, se ele vai crescer nas Highlands, certamente vai ouvir algumas farpas com relação a sassenachs; ele vai encontrar o equilíbrio ao comparar as lembranças que tem de sua avó. Afinal, seu pai sempre a chamou de Sassenach.

Ele olhou para a carta sobre a mesa, consultou de relance o relógio de parede e levantou-se abruptamente.

— Cristo, estou atrasado. Passarei no banco enquanto estiver na cidade. Precisa de alguma coisa da Farm and Household?

— Sim — ela respondeu laconicamente —, uma nova bomba para o separador do leite.

— Certo — ele disse e, beijando-a apressadamente, saiu, um braço já enfiado no casaco.

Ela abriu a boca para chamá-lo e dizer que estava brincando, mas pensou melhor e fechou-a. A loja Farm and Household era bem capaz de ter uma bomba para um separador de leite. Um prédio grande, incrivelmente apinhado, na periferia de Inverness, a Farm and Household fornecia praticamente tudo de que uma fazenda pudesse precisar, inclusive forcados, baldes de borracha para apagar incêndios, arame maleável para amarrar fardos de feno e máquinas de lavar roupa, assim como louças, potes para conservas e não poucos implementos misteriosos cuja utilidade ela só podia tentar adivinhar.

Enfiou a cabeça no corredor, mas as crianças estavam na cozinha com Annie MacDonald, a jovem que haviam contratado; o som de risadas e o estalo surdo da antiga torradeira — viera com a casa — flutuaram pela velha porta de feltro verde, juntamente com o cheiro tentador de torradas quentes e amanteigadas. O cheiro e as risadas atraíram-na como um ímã e o calor do lar fluíu sobre ela, dourado como mel.

Parou para dobrar a carta, antes de ir se juntar a eles, e a lembrança da

última observação de Roger a fez cerrar os lábios.

"Eu costumava saber.

Resfolegando furiosamente, ela enfiou a carta de volta na caixa e saiu para o corredor, sendo imediatamente atraída pela visão de um envelope grande na mesa perto da porta, onde a correspondência diária e o conteúdo dos bolsos de

Roger e Jemmy eram descarregados diariamente. Tirou o envelope da pilha de folhetos, pedrinhas, tocos de lápis, elos de corrente de bicicleta e... aquilo seria um rato morto? Era; achatado e seco, mas adornado com um apertado laço cor de rosa. Pegou-o cuidadosamente e, com o envelope agarrado junto ao peito, rumou na direção do chá com torradas.

Para ser franca, pensou, Roger não era o único a guardar suas intenções. A diferença era que ela planejava contar-lhe o que tinha em mente — assim que estivesse resolvido.



DEGELO DE PRIMAVERA

Fraser's Ridge, colônia da Carolina do Norte *Março, 1777*

Uma coisa devia ser dita a respeito de incêndios devastadores, refleti. Realmente tornavam muito mais simples fazer as malas. Atualmente, eu possuía um vestido, uma combinação, três anáguas — uma de lã, duas de musselina —, dois pares de meias (eu estava usando um par quando a casa pegou fogo; o outro havia sido deixado sobre um arbusto para secar algumas semanas antes do incêndio e fora descoberto mais tarde, um pouco surrado pelo tempo, mas ainda usável), um xale e um par de sapatos. Jamie arranjara uma capa horrível para mim em algum lugar — eu não sabia onde e não queria perguntar. De lã grossa da cor de lepra, tinha um cheiro como se alguém tivesse morrido dentro dela e só tivesse sido encontrado alguns dias mais tarde. Eu a fervera com sabão de lixívia, mas o fantasma de seu ocupante anterior não desapareceu.

Ainda assim, eu não iria morrer congelada. Meu estojo médico foi igualmente simples de arrumar. Com um suspiro de pesar pelas cinzas do meu belo baú de boticário, com seus instrumentos elegantes e inúmeros frascos, revirei a pilha dos restos salvos dos escombros do meu consultório. O cano denteado do meu microscópio. Três jarras de cerâmica tostadas, uma sem a tampa, uma rachada. Uma lata grande de gordura de ganso misturada com cânfora — agora quase vazia após um inverno inteiro de catarros e tosses. Um punhado de páginas chamuscadas, arrancadas do livro de registros médicos iniciado por Daniel Rawlings e continuado por mim — embora eu tenha ficado mais animada ao descobrir que as folhas resgatadas incluíam uma com a receita especial do dr. Rawlings para prisão de ventre.

Era a única de suas receitas que eu achara eficaz e, apesar de há muito tempo ter gravado a fórmula na memória, tê-la à mão mantinha a sua lembrança viva para mim. Nunca conheci Daniel Rawlings em vida, mas ele fora meu amigo desde o

dia em que Jamie me dera sua caixa e o livro de anotações. Dobrei o papel cuidadosamente e o enfiei no bolso.

A maior parte das minhas ervas e remédios compostos havia desaparecido nas chamas, juntamente com as jarras de cerâmica, os frascos de vidro, as largas tigelas em que eu incubava caldo de penicilina e minhas serras cirúrgicas. Eu ainda tinha um bisturi e a lâmina escurecida de uma pequena serra de amputação; o cabo fora destruído pelo fogo, mas Jamie podia fazer um novo para mim.

Os residentes de Ridge foram generosos — tão generosos quanto pessoas que praticamente não tinham nada podiam ser no final de um inverno. Tínhamos comida para a viagem e muitas das mulheres haviam me trazido pequenos itens domésticos e porções de suas ervas medicinais; eu tinha diminutas jarras de lavanda, alecrim, confrei e semente de mostarda, duas preciosas agulhas de aço, um pequeno novelo de fio de seda para usar em suturas e como fio dental (embora eu não tenha mencionado esta última utilidade para as senhoras, que teriam ficado profundamente ofendidas com a ideia) e um estoque bem pequeno de ataduras e gaze para curativos.

No entanto, uma coisa que eu tinha em abundância era álcool. O armazém de milho fora poupado do incêndio, assim como o alambique. Como havia grãos suficientes para os animais e a família, Jamie economicamente transformara o resto em uma bebida bruta, mas muito potente, que levaríamos conosco para trocar por artigos necessários ao longo do caminho. No entanto, um pequeno barril fora separado para meu uso particular; eu pintara cuidadosamente o rótulo Sauerkraut na lateral, para desencorajar qualquer roubo na estrada.

— E se formos emboscados por bandidos analfabetos? — Jamie perguntara, achando graça.

— Pensei nisso também — informei-o, exibindo uma pequena garrafa com rolha de cortiça, cheia de um líquido turvo. — Eau de sauerkraut. Vou despejá-lo sobre o barril assim que avistar qualquer pessoa suspeita.

— Então, acho que é melhor torcer para que não sejam bandidos alemães.

— Você já conheceu algum bandido alemão? — perguntei. Com a exceção de um ou outro bêbado ou espancador de mulher, quase todos os alemães que conhecíamos eram honestos, trabalhadores e virtuosos. Não era de surpreender, visto que a maioria viera para a colônia como parte de um movimento religioso.

— Não como tal — ele admitiu. — Mas lembre-se dos Mueller, hein? E do que fizeram aos seus amigos. Eles não se considerariam bandidos, mas os tascaroras provavelmente não fizeram essa distinção.

Era bem verdade, e um polegar frio pressionou a base do meu crânio. Os Mueller, vizinhos alemães, tiveram uma filha muito amada e seu filho recém-nascido mortos por sarampo, e eles culparam os índios da vizinhança pelo contágio.

Enlouquecido de dor, o velho Herr Mueller liderou um grupo de seus filhos e genros para se vingar — arrancando os escalpos dos índios. Minhas vísceras ainda se lembravam do choque de ver os cabelos grisalhos de minha amiga Nayawenne derramarem-se de um feixe sobre o meu colo.

— Meus cabelos estão ficando brancos, você acha? — perguntei subitamente. Ele ergueu as sobrancelhas, mas inclinou-se para frente e examinou o topo da minha cabeça, correndo os dedos delicadamente pelos meus cabelos.

— Provavelmente há um fio em cinquenta que ficou branco. Um em cada vinte e cinco ficou prateado. Por quê?

— Então, imagino que tenho um pouco de tempo. Nayawenne... — Eu não pronunciava seu nome em voz alta há vários anos e encontrei um estranho conforto ao ouvi-lo, como se tivesse evocado seu espírito. — Ela me disse que eu atingiria meus plenos poderes quando meus cabelos ficassem brancos.

— É um pensamento assustador — ele disse, rindo.

— Sem dúvida. Mas, como ainda não aconteceu, suponho que se tropeçarmos em um bando de ladrões de chucrute na estrada, terei que defender meu barril com meu bisturi — eu disse.

Ele me lançou um olhar estranho, mas depois riu e sacudiu a cabeça.

Seu próprio empacotamento era um pouco mais complicado. Ele e o Jovem Ian haviam retirado o ouro do alicerce da casa na noite seguinte ao funeral da sra. Bug — um processo delicado, precedido pela minha providência de colocar uma grande bacia de pão velho encharcado em aguardente de milho, depois chamando "Pooooooooor-ca!" a plenos pulmões do começo do caminho da horta.

Um momento de silêncio e logo a porca branca emergiu de seu esconderijo, uma mancha pálida contra as pedras enegrecidas de fumaça do alicerce. Eu sabia exatamente o que ela era, mas a visão daquela forma branca movendo-se rapidamente ainda fazia os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Recomeçara a nevar — uma das razões para Jamie decidir agir imediatamente — e ela veio através do redemoinho de grandes e macios flocos de neve com uma velocidade que a fazia parecer o espírito da própria tempestade, conduzindo o vento.

Por um instante, eu achei que ela viria para cima de mim; vi sua cabeça virar-se para mim e ouvi a sonora fungada quando ela sentiu meu cheiro — mas ela também farejara a comida, e mudou de direção. Instantes depois, os sons medonhos de um porco em êxtase flutuaram pelo silêncio da neve, e Jamie e Ian saíram correndo do meio das árvores para começarem seu trabalho.

Levaram mais de duas semanas para remover o ouro; trabalhavam apenas à noite e somente quando nevava ou estava prestes a nevar, para encobrirem seus rastros. Enquanto isso, revezavam-se vigiando as ruínas da casa grande, atentos a qualquer sinal de Arch Bug.

— Acha que ele ainda se importa com o ouro? — eu perguntara a Jamie no meio dessa empreitada, enquanto ele esfregava as mãos a fim de aquecê-las o suficiente para poder segurar a colher. Ele entrara para o café da manhã, congelado e exausto após uma longa noite dando voltas ao redor da casa incendiada para manter o sangue circulando.

— Não lhe resta muita coisa para se importar, não é? — falou suavemente, para não acordar a família Higgins. — Com exceção de Ian.

Estremeci, tanto por pensar no velho Arch, vivendo como um fantasma na floresta, sobrevivendo do calor de seu ódio, quanto por causa do frio que entrara com Jamie. Ele deixara a barba crescer para aquecer seu rosto — todos os homens faziam isso no inverno, nas montanhas — e o gelo brilhava em seu bigode e cobria suas sobrancelhas de cristais de gelo.

— Você parece o próprio Velho Inverno — sussurrei, trazendo-lhe uma tigela de mingau quente.

— É como eu me sinto — respondeu com voz rouca. Passou a tigela por baixo do nariz, inalando o vapor e fechando os olhos em êxtase. — Me passe o uísque, sim?

— Está pretendendo despejá-lo no seu mingau? Já tem sal e manteiga. — Ainda assim, passei-lhe a garrafa guardada na prateleira acima da lareira.

— Não, vou descongelar minha barriga o suficiente para comê-lo. Estou uma pedra de gelo do pescoço para baixo.

Ninguém vira nem sinal de Arch Bug — nem mesmo uma trilha errante na neve — desde seu comparecimento ao funeral. Devia estar enfurnado em algum refúgio, bem aconchegado para passar o inverno. Podia ter ido embora para as aldeias indígenas. Podia estar morto, e de certa forma eu esperava que estivesse, por menos caridosa que a ideia pudesse ser.

Mencionei isso, e Jamie sacudiu a cabeça. O gelo em seus cabelos derreteria e a luz do fogo cintilava como brilhantes nas gotículas de água em sua barba.

— Se ele estiver morto e a gente não ficar sabendo, Ian nunca terá um minuto de paz. Quer que ele fique olhando por cima do ombro em seu casamento, com medo de que uma bala atravessasse o coração de sua mulher no exato momento do "sim"? Ou que esteja casado e com família, temendo todos os dias deixar a casa e as crianças, com medo do que possa encontrar na volta?

— Estou impressionada com o alcance e a morbidez de sua imaginação, mas você tem razão. Está bem, não espero que ele esteja morto, não até encontrarmos seu corpo.

Mas ninguém encontrou seu corpo e o ouro foi removido, pouco a pouco, para seu novo esconderijo.

Isso demandou um pouco de reflexão e consideráveis discussões particulares

entre Jamie e Ian. Não a caverna do uísque. Pouquíssimas pessoas tinham conhecimento desse esconderijo, mas algumas sabiam. Joseph Wemyss, sua filha, Lizzie, e seus dois maridos — eu me espantava de ter chegado ao ponto em que podia pensar em Lizzie e nos Beardsley sem ficar chocada. Todos conheciam o local, por necessidade, e ele teria que ser mostrado a Bobby e Amy Higgins antes de partirmos, já que eles mesmos estariam fazendo uísque em nossa ausência. Eles não haviam contado a Arch Bug o local do esconderijo, mas provavelmente ele sabia.

Jamie foi categórico que ninguém em Ridge deveria sequer ficar sabendo da existência do ouro, muito menos de sua localização.

— Bastaria um boato sobre isso se espalhar e todos aqui estariam correndo perigo — ele dissera. — Você sabe o que aconteceu quando Donner disse ao pessoal dele que tínhamos pedras preciosas aqui.

Eu sabia muito bem. Eu ainda acordava no meio da noite com pesadelos, ouvindo o ruído abafado dos vapores de éter explodindo, ouvindo os estrondos de vidro estilhaçando e madeiras quebrando conforme os invasores saqueavam a casa.

Em alguns desses sonhos, eu corria inutilmente de um lado para o outro, tentando salvar alguém — quem? —, mas sempre me deparava com portas fechadas, paredes intransponíveis, quartos tomados pelas chamas. Em outros, eu ficava presa ao chão, incapaz de mover um único músculo, enquanto as labaredas escalavam as paredes, alimentavam-se vorazmente das roupas de corpos aos meus pés, brotavam pelos cabelos de um cadáver, lambiam minhas saias e envolviam minhas pernas em uma rede flamejante.

Eu ainda sentia uma imensa tristeza — e uma raiva profunda e purificadora — quando olhava para a mancha de fuligem no meio da clareira que um dia fora a minha casa, mas eu sempre tinha que sair da cabana pela manhã depois de um desses sonhos e olhar para esses escombros: andar ao redor das ruínas geladas e sentir o cheiro infectante de cinzas extintas, a fim de sufocar as chamas que ardiam por trás dos meus olhos.

— Sim — eu disse, apertando mais o xale ao redor dos ombros. Estávamos parados juntos à casinhola de refrigeração na fonte, olhando para as ruínas lá embaixo conforme conversávamos, e o frio penetrava em meus ossos. — Então... onde?

— Na Caverna do Espanhol — ele disse, e eu pisquei sem entender.

— Como é? — - Vou lhe mostrar, a nighean — ele disse, rindo para mim. — Quando a neve derreter.

A primavera chegara e o riacho subia. Engrossado pela neve derretida e alimentado por centenas de minúsculos cursos de água que corriam e saltavam pela encosta da montanha, ele rugia pelos meus pés, exuberante, em uma chuva de borrifos. Podia sentir os salpicos no meu rosto e sabia que em poucos minutos

estaria molhada até os joelhos, mas não me importava. O verde novo de plantas aquáticas orlava as margens do riacho, algumas arrancadas do solo pela elevação do nível da água e levadas pela corrente, outras se agarrando às suas raízes, as folhas flutuando na correnteza. Tapetes escuros de agrião giravam sob a água, junto à proteção das margens. E verduras frescas eram o que eu queria.

Minha cesta estava parcialmente cheia de brotos de folhagens comestíveis. Um bom maço de agrião novo e macio, crocante e frio da água, iria acabar de compensar a deficiência de vitamina C do inverno. Tirei meus sapatos e meias, e após alguns segundos de hesitação tirei o vestido e o xale também e pendurei-os no galho de uma árvore. O ar era frio na sombra dos vidoeiros prateados que

se dependuravam sobre o riacho naquele ponto e eu estremeci um pouco, mas ignorei a sensação, prendendo minha combinação para cima antes de vadear para dentro do rio.

Esse frio era difícil de ignorar. Arquejei e quase deixei meu cesto cair, mas consegui encontrar apoio para os pés entre as pedras escorregadias e avancei na direção do tentador tapete verde-escuro mais próximo. Em poucos segundos, minhas pernas já estavam dormentes e eu perdera qualquer sensação de frio no afã de um caçador de comida faminto por salada.

Uma boa parte de nossa comida armazenada fora salva do incêndio, já que era guardada nas construções externas: a casinhola de refrigeração, o armazém de milho e o barracão de defumação. O porão de tubérculos, entretanto, fora destruído, e com ele não só as cenouras, cebolas, alho e batatas, mas a maior parte do meu estoque cuidadosamente escolhido de maçãs secas e batatas doces, bem como os grandes cachos pendurados de uvas-passas, tudo destinado a nos manter livres dos estragos do escorbuto. As ervas, é claro, viraram fumaça, juntamente com o resto do meu consultório. É bem verdade que uma grande quantidade de abóboras escapou, tendo sido empilhadas no celeiro, mas depois de alguns meses fica-se enjoado de torta de abóbora e succotash, uma sopa indígena de abóbora — bem, depois de alguns dias, no meu caso.

Não pela primeira vez, senti falta das habilidades culinárias da sra. Bug, embora, é claro, eu sentisse falta dela por ela mesma. Amy McCallum Higgins fora criada na cabana de um pequeno lavrador nas Highlands da Escócia e era, segundo ela própria, "uma boa cozinheira simples". Essencialmente, isso significava que sabia assar bolachas, cozinhar mingau e fritar peixe simultaneamente, sem queimar nenhum deles. Não era pouca coisa, mas um pouco monótono, em termos de dieta.

Minha própria pièce de résistance era ensopado — o qual, na falta de cebolas, alho, cenouras e batatas, degenerara em uma espécie de sopa de carne de veado ou peru cozida com milho pilado grosso, cevada e possivelmente nacos de pão dormido. Ian, surpreendentemente, se mostrara um cozinheiro razoável; o

succotash e a torta de abóbora eram suas contribuições para o cardápio comum. Eu imaginei quem teria lhe ensinado a prepará-los, mas achei melhor não perguntar.

Até agora, ninguém havia passado fome, nem perdido nenhum dente, porém em meados de março eu estava disposta a vadear em uma correnteza de água gelada até o pescoço a fim de obter algo verde comestível.

Ian continuara, graças a Deus, a tocar sua vida. E após uma semana mais ou menos deixara de agir de modo tão traumatizado, recuperando um pouco de seu jeito de sempre. Mas eu notava os olhos de Jamie seguirem-no de vez em quando, e Rollo passara a dormir com a cabeça no peito de Ian, um novo hábito. Eu me perguntava se ele realmente pressentia a dor no coração de Ian ou se era simplesmente uma reação às condições tão confinadas para se dormir na cabana.

Estiquei as costas, ouvindo minhas vértebras estalarem. Agora que o derretimento da neve começara, mal podia esperar por nossa partida. Eu iria sentir falta de Ridge e de todos que moravam ali — bem, de quase todos. Provavelmente não muito de Hiram Crombie. Nem dos Chisholms, nem... encurtei a lista antes que se tornasse pouco caridosa.

— Por outro lado — disse com firmeza a mim mesma —, pense em camas. É bem verdade que passaríamos muitas noites na estrada, dormindo em acampamento — mas por fim chegaríamos à civilização. Hospedarias. Com comida. E camas. Fechei os olhos momentaneamente, visualizando a absoluta felicidade de um colchão. Nem aspirava a um colchão de penas; qualquer coisa que promettesse mais de dois centímetros de acolchoamento entre mim e o chão seria o paraíso. E, é claro, se viesse com um pouco de privacidade — melhor ainda.

Jamie e eu não tínhamos ficado completamente celibatários desde dezembro. Fora o desejo — e não se podia desconsiderá-lo — precisávamos do conforto e do calor do corpo um do outro. Mesmo assim, a prática sexual velada sob as cobertas, com os olhos amarelos de Rollo fixos em nós a dois passos de distância, ficava muito aquém do ideal, mesmo presumindo que o Jovem Ian estivesse invariavelmente dormindo, o que eu achava que não estava, embora ele sempre fosse bastante diplomático para fingir.

Um grito terrível cortou o ar e eu tive um sobressalto, largando o cesto. Lancei-me atrás dele, mal conseguindo agarrar a alça antes que ele girasse na correnteza para fora do meu alcance, e me levantei tremendo e escorrendo água, o coração batendo com força enquanto eu esperava para ver se o grito se repetiria.

Repetiu-se — logo seguido por um guincho igualmente penetrante, porém mais profundo no timbre e passível de ser reconhecido pelos meus ouvidos acostumados com a espécie de ruído feito pelos escoceses das Highlands repentinamente imersos em águas geladas. Gritos mais fracos, porém ainda mais estridentes, e um "Cruzes!" arquejante, emitido com sotaque de Dorset, indicavam

que os homens da casa tomavam seu banho de primavera.

Soltei a barra da minha combinação e, agarrando o xale do galho da árvore onde o deixara, calcei os sapatos e caminhei na direção da gritaria.

Há poucas coisas mais agradáveis do que ficar sentada relativamente aquecida e confortável enquanto se observa outras pessoas molhadas em água fria. Se as referidas pessoas proporcionam uma visão completa da forma masculina nua, tanto melhor. Avancei sinuosamente pelo meio de um pequeno bosque de salgueiros fluorescentes na beira do rio, encontrei uma rocha ao sol, convenientemente protegida pelas árvores, e abri a roda da minha combinação, apreciando o calor do sol nos meus ombros, o cheiro forte dos amentilhos peludos e a cena diante de mim.

Jamie estava de pé no remanso, com água quase até os ombros, o cabelo alisado para trás como um capacete ruivo. Bobby estava parado na margem e, levantando Aidan com um grunhido, atirou-o para Jamie em um cata-vento de pernas e braços descontrolados e gritos estridentes de medo e deslumbramento.

— Eu-eu-eu-eu! — Orne dançava ao redor dos pés de seu padrasto, o traseiro rechonchudo balançando-se para cima e para baixo entre os juncos como um pequeno balão cor-de-rosa.

Bobby riu, abaixou-se e içou-o, mantendo-o por um instante acima da cabeça, enquanto ele guinchava como um porco marcado com ferro; depois, formando um pequeno arco, atirou-o no meio do remanso.

Ele bateu na água com grande estardalhaço e Jamie agarrou-o, rindo, puxando-o para a superfície, de onde ele emergiu com um ar de boquiaberta estupefação que fez todos se sacudirem de rir. Aidan e Rollo patinhavam em círculos agora, gritando e latindo.

Olhei para o lado oposto do remanso e vi Ian correr nu pelo morro abaixo e saltar na água como um salmão, emitindo um dos seus melhores gritos de guerra mohawk. Este foi bruscamente interrompido pela água fria e ele desapareceu quase sem levantar nenhum borrito.

Esperei — assim como os outros — que ele emergisse de volta, mas não o fez. Jamie olhou desconfiadamente para trás, para o caso de um ataque furtivo, porém segundos depois Ian saltou da água diretamente em frente a Bobby com um grito de gelar o sangue nas veias, agarrou-o pela perna e puxou-o para dentro da água.

A partir daí a situação ficou completamente caótica, com uma profusão promíscua de jorros de água, gritos, apupos e pulos das pedras, o que me deu a oportunidade de refletir como os homens nus são encantadores. Não que eu já não tivesse visto mais do que o suficiente deles, mas fora Frank e Jamie a maioria dos homens que eu vira despidos geralmente estava doente ou ferida, e eram encontrados em circunstâncias tão adversas que impediam uma apreciação sem pressa de seus

mais belos atributos.

Do corpinho rechonchudo de Orne aos membros longos, finos, desengonçados e brancos de Aidan, ao tronco pálido e magro de traseiro pequeno e achatado de Bobby, os McCallum-Higgins eram tão divertidos de observar quanto um bando de macacos.

Ian e Jamie eram algo diferente — babuínos, talvez, ou mandris. Na verdade, não se pareciam em nenhum outro atributo além da altura e, no entanto, eram obviamente feitos da mesma cepa. Observando Jamie se agachar em uma rocha acima do remanso, as coxas tensionando-se para um salto, eu podia facilmente vê-lo se preparando para atacar um leopardo, enquanto Ian estendia-se, brilhando, ao sol, aquecendo-se, sem deixar de manter uma vigilância alerta contra intrusos. Só lhes faltavam traseiros roxos para partir direto para uma estepe na África sem serem incomodados.

Eram todos adoráveis, em seus diferentes modos, mas era para Jamie que meu olhar retornava, sempre. Era um corpo machucado e coberto de cicatrizes, os músculos rijos e proeminentes, e a idade havia aprofundado os sulcos entre eles. O grosso vergão da cicatriz de baioneta subia por sua coxa, largo e feio, enquanto a linha branca mais fina da cicatriz deixada pela mordida de uma cascavel estava quase invisível, parcialmente coberta pela espessa penugem do corpo, agora começando a secar e destacar-se da pele em uma nuvem ruiva e dourada. O corte de espada em suas costelas, como a de uma cimitarra, também havia cicatrizado bem, agora não mais do que uma linha branca da espessura de um cabelo.

Ele virou e se abaixou para pegar um pedaço de sabão na pedra — e minhas entranhas se reviraram. Não era roxo, mas fora isso não havia nada a aperfeiçoar, sendo alto, redondo, delicadamente salpicado de ruivo e dourado, e com encantadoras covinhas dos lados. Seus testículos, mal visíveis por trás, estavam realmente roxos do frio e despertaram em mim uma vontade repentina de me aproximar sorrateiramente por trás dele e segurá-los em minhas mãos aquecidas pela rocha.

Imaginei se o salto olímpico iria fazê-lo esvaziar o remanso. Na realidade, eu não o via nu — nem mesmo substancialmente despido — há vários meses.

Mas agora... atirei a cabeça para trás, fechando os olhos contra o brilhante sol da primavera, apreciando a cócega de meus próprios cabelos recém-lavados contra meus ombros. A neve se fora, o tempo estava bom — e toda a vida ao ar livre acenava convidativamente, repleta de lugares onde a privacidade era garantida, salvo por um ou outro gambá.

Deixei os homens gotejando e tomando sol nas pedras e voltei para recuperar minhas roupas. Mas não as vesti. Em vez disso, subi até a casa de refrigeração na fonte, onde submergi meu cesto de verduras na água fria — se eu o levasse para a

cabana, Amy ferveria todas elas —, e deixei meu vestido, espartilho e meias enrolados na prateleira onde os queijos estavam empilhados. Em seguida, voltei para o riacho.

As pancadas na água e a gritaria haviam cessado. O que ouvi foi uma cantoria em voz baixa vindo pela trilha. Era Bobby, carregando Orne, profundamente adormecido depois de tanta atividade física. Aidan, zonzinho de limpeza e calor, caminhava vagarosamente ao lado de seu padrasto, a cabeça escura balançando-se de um lado para o outro ao ritmo da canção.

Era uma linda canção de ninar em gaélico; Amy deve tê-la ensinado a Bobby. Perguntei-me se ela teria lhe dito o significado da letra.

S'iomadh oidhche fhliuch is thioram Side nan seachd sian Gheibheadh Griogal dhomhsa creagan Ris an gabhainn dion.

(Em muitas noites, com ou sem chuva, mesmo nas piores condições do tempo, Gregor encontrava uma pequena rocha para mim Ao lado da qual eu podia me abrigar.)

óbhan, àbhan àbhan iri óbhan iri à! óbhan, àbhan àbhan iris mar mo mhulad's màr.

(Ai de mim, ai de mim Ai de mim, imensa é realmente a minha tristeza.)

Sorri ao vê-los, apesar de sentir um nó na garganta. Eu me lembrava de Jamie carregando Jem de volta, depois de nadarem no rio, no verão anterior, e Roger cantando para Mandy à noite, sua voz áspera e entrecortada pouco mais de um sussurro — mas, ainda assim, era música.

Cumprimentei Bobby com um sinal da cabeça, ele sorriu e cumprimentou-me também, sem interromper a canção. Ele ergueu as sobrancelhas e sacudiu o polegar por cima do ombro na direção do morro, presumivelmente para indicar onde Jamie estava. Não demonstrou nenhuma surpresa ao me ver de combinação e xale — certamente achou que eu estava indo para o riacho tomar banho também, inspirada pelo calor inusitado do dia.

Eudail mhàir a shluagh an domhain Dhàirt iad d'fhuil an dè's chir iad do cheann air stob daraich Tacan beag bhod chrè

(Grande amada de todas as pessoas do mundo Eles derramaram teu sangue ontem E fincaram tua cabeça em uma estaca de carvalho A uma curta distância do teu corpo.)

óbhan, àbhan àbhan iri óbhan iri M óbhan, àbhan àbhan iris mar mo mhulad's màr.

(Ai de mim, ai de mim Ai de mim, imensa é realmente a minha tristeza.)

Acenei rapidamente e peguei a trilha lateral que levava à clareira no alto. "Casa nova", é como todos a chamavam, embora as únicas indicações de que algum dia pudesse de fato haver uma casa ali fossem uma pilha de toras cortadas e várias estacas enfiadas no chão, com cordas amarradas entre elas. Destinavam-se a marcar o local e as dimensões da casa que Jamie pretendia construir em substituição à casa grande — quando voltássemos.

Percebi que ele andara remanejando as estacas. O aposento da frente agora era mais largo e o cômodo dos fundos, destinado ao meu consultório, ganhara uma espécie de anexo, talvez uma despensa ou destilaria para armazenar e preparar os remédios.

O arquiteto estava sentado em uma tora de madeira, inspecionando seu reino, inteiramente nu.

— Estava me esperando? — perguntei, tirando meu xale e pendurando em um galho próximo.

— Estava. — Sorriu e coçou o peito. — Achei que a visão do meu traseiro nu provavelmente iria inflamá-la. Ou será que foi o de Bobby?

— Bobby não tem traseiro. Sabe que você não tem nenhum cabelo branco abaixo do pescoço? Por que será?

Ele olhou para baixo, inspecionando-se, mas era verdade. Havia apenas alguns fios prateados entremeados em sua espessa cabeleira, embora a barba — a barba crescida durante o inverno fora dolorosa e tediosamente removida há alguns dias — estivesse bastante entremeada de branco. Mas os cabelos do peito ainda eram escuros, castanho-avermelhados, e os mais abaixo um aglomerado felpudo de um vívido tom ruivo.

Ele passou os dedos pensativamente pelo exuberante matagal, olhando para baixo.

— Acho que está escondido — observou, erguendo os olhos para mim, uma das sobrancelhas erguidas. — Por que não vem me ajudar a procurá-lo?

Dei a volta e postei-me obsequiosamente diante dele, ajoelhando-me. O objeto em questão estava na realidade bastante visível, embora reconhecidamente parecendo um pouco traumatizado depois da recente imersão, e de um tom azulado muito interessante.

— Bem — eu disse, após um instante de contemplação. — Os maiores carvalhos crescem de minúsculas bolotas. Ou assim dizem.

Um estremecimento percorreu-o com o calor da minha boca e eu ergui as mãos involuntariamente, segurando suas bolas.

— Santo Deus — ele disse, e suas mãos pousaram de leve em minha cabeça, em estado de graça.

— O que você disse? — ele perguntou um instante depois.

— Eu disse — comecei, erguendo a cabeça momentaneamente para respirar — que acho a pele arrepiada muito erótica.

— Há mais de onde essa veio — assegurou-me. — Tire a combinação, Sassenach. Eu não a vejo nua há quase quatro meses.

— Bem... não, é verdade — concordei, hesitante. — E não tenho certeza se quero que veja.

Uma das sobrancelhas se ergueu.

— E por que não? — Porque passei semanas inteiras dentro de casa, sem sol ou exercícios. Provavelmente, estou parecendo uma dessas larvas que se encontram debaixo das pedras: gorda, branca e molenga.

— Molenga? — ele repetiu, abrindo um sorriso.

— Molenga — eu disse com dignidade, envolvendo os braços ao redor do meu corpo.

Ele franziu os lábios e exalou devagar, examinando-me com a cabeça inclinada para o lado.

— Eu gosto quando você está gorda, mas sei muito bem que não está — ele disse porque eu senti suas costelas quando a abraçava todas as noites desde o janeiro. Quanto a estar branca, você sempre foi branca desde que eu a conheço. Não vai ser um grande choque para mim. Quanto à parte de molenga — estendeu a mão e remexeu os dedos, chamando-me para perto —, acho que VOU gostar.

— Humm — eu disse, ainda hesitante. Ele suspirou. — Sassenach, eu disse que não a vejo nua há quatro meses. Isso significa que, se você tirar sua combinação agora, será a melhor coisa que eu já vi nesses quatro meses. E na minha idade acho que não me lembro de mais nada antes disso.

Ri e, sem mais delongas, levantei-me e desfiz o laço de fita na gola da minha combinação. Contorcendo-me, deixei-a cair ao redor dos meus pés.

Ele fechou os olhos. Em seguida, respirou fundo e abriu-os outra vez. — Estou cego — disse suavemente, estendendo a mão para mim.

— Cego como com o reflexo do sol em um campo de neve? — perguntei, insegura. — Ou como ao se deparar com uma górgona?

— Ver uma górgona nos transforma em pedra, não nos deixa cegos — informou-me. — Embora, pensando melhor — cutucou-se experimentalmente com o dedo indicador —, eu ainda possa me transformar em pedra. Quer fazer o favor de vir até aqui, pelo amor de Deus?

Eu fui.

Adormeci no calor do corpo de Jamie e acordei algum tempo depois, confortavelmente enrolada em seu xale escocês. Espreguicei-me, assustando um esquilo acima de mim, que correu para outro galho a fim de me ver melhor.

Evidentemente, ele não gostou do que viu e começou a reclamar e tagarelar.

— Oh, cale a boca — eu disse, bocejando, e sentei-me. O esquilo ressentiu-se com esse gesto e começou a berrar histericamente, mas eu o ignorei. Para minha surpresa, Jamie desaparecera.

Achei que talvez ele apenas tivesse entrado no bosque para se aliviar, mas uma rápida olhada ao redor não o localizou e, quando fiquei em pé, enrolada no xale, não vi nenhum sinal dele.

Eu não ouvira nada; sem dúvida, se alguém tivesse chegado ali, eu teria acordado — ou Jamie teria me acordado. Ouvi com atenção, mas — o esquilo agora cuidando da própria vida — não ouvi nada além dos sons normais de uma floresta acordando para a primavera: o murmúrio do vento pelas folhas novas das árvores, pontuado pelo estalido ocasional de um galho caindo ou o crepitar de cones de pinheiros e cascas de castanhas do ano anterior estalando nas copas das árvores; o grito de uma gralha distante, a conversa de um bando de pequeninas trepadeiras-azuis ciscando no capim alto perto dali, o farfalhar de um arganaz faminto nas folhas mortas do inverno.

A gralha continuava gritando; outra se juntara a ela agora, gritos agudos de alarme. Talvez fosse para lá que Jamie tivesse ido.

Desenrolei-me do xale de Jamie, vesti a combinação e calcei os sapatos. A tarde chegava ao fim; nós — ou eu, pelo menos — dormimos por muito tempo. Ainda havia calor ao sol, mas fazia frio nas sombras sob as árvores; coloquei meu xale e enrolei o de Jamie nos braços — provavelmente ele iria querê-lo.

Segui os chamados das gralhas morro acima, afastando-me da clareira. Havia um casal aninhado perto da Fonte Branca; eu os vira construindo o ninho há apenas dois dias.

Não ficava nada longe do local da casa, embora essa fonte em particular sempre tenha tido um ar remoto de tudo. Situava-se no centro de um pequeno bosque de freixo e cicuta, escondida a leste por um rochedo acidentado, coberto de musgo. Toda água possui uma sensação de vida, e uma fonte de montanha carrega uma noção particular de tranquila alegria, brotando, pura, do coração da terra. A Fonte Branca, assim chamada por causa da rocha grande e clara que assomava como um guardião acima do lago da fonte, possuía algo mais — uma sensação de paz inviolada.

Quanto mais eu me aproximava da fonte, mais certeza tinha de que era ali que encontraria Jamie.

— Há alguma coisa lá que ouve — ele dissera a Brianna certa vez, descontraidamente. — Há lagos assim nas Highlands; são chamados de lagos dos santos. As pessoas dizem que o santo vive junto ao lago e ouve suas preces.

— E que santo vive junto à Fonte Branca? — ela perguntara, cinicamente. —

Santo Killian?

— Por que ele? — O santo padroeiro de gota, reumatismo e dos caiadores de paredes. Ele riu, sacudindo a cabeça. — O que quer que viva nestas águas é mais antigo do que a ideia de santos — ele assegurou-lhe. — Mas ouve.

Caminhei silenciosamente, aproximando-me da fonte. As gralhas haviam silenciado.

Ele estava lá, sentado em uma pedra junto à água, vestido apenas com sua camisa. Vi porque as gralhas haviam silenciado e passado a cuidar da própria vida — ele estava tão imóvel quanto a própria rocha branca, os olhos fechados, as mãos viradas para cima sobre os joelhos, frouxamente dobradas, em oração.

Parei imediatamente ao vê-lo. Eu já o vira rezar ali uma vez antes — quando ele pedira ajuda a Dougal Mackenzie em uma batalha. Eu não sabia a quem ele se dirigia no momento, mas não era uma conversa que eu quisesse perturbar.

Eu devia ir embora, pensei — mas, fora o temor de atrapalhar com um barulho inadvertido, eu não queria ir embora. A maior parte da fonte estava na sombra, mas raios de luz desciam através das árvores, iluminando-o. O ar estava denso de pólen e a luz repleta de partículas douradas. Ela acendia reflexos cintilantes no topo de sua cabeça, no arco liso e alto de seu pé, na lâmina do seu nariz, nos ossos de sua face. Era como se ele tivesse nascido ali, fizesse parte da pedra, da água, da terra, como se ele próprio fosse o espírito da fonte.

Não me senti uma intrusa. A paz do lugar estendeu-se até mim e me tocou delicadamente, apaziguando meu coração.

Imaginei se seria isso que ele buscava ali. Estaria atraindo a paz da montanha para dentro de si mesmo, para se lembrar, para sustentá-lo durante os meses — os anos, talvez — do exílio próximo?

Eu me lembraria. A luz começou a diminuir, a claridade a desaparecer do ar. Ele se mexeu, finalmente, erguendo um pouco a cabeça.

— Que eu seja suficiente — ele disse, serenamente. Sobressaltei-me com o som de sua voz, mas ele não estava falando comigo.

Ele abriu os olhos e se levantou, tão silenciosamente quanto havia permanecido sentado. Em seguida, passou pelo riacho, os longos pés descalços e silenciosos nas camadas de folhas úmidas. Quando passou pelo afloramento de rochas, me viu e sorriu, estendendo a mão para pegar o xale que eu entregava a ele, muda. Ele não disse nada, mas tomou minha mão fria na sua mão grande e quente, e nos dirigimos para casa, caminhando juntos na paz da montanha.

Alguns dias mais tarde, ele veio ao meu encontro. Eu estava procurando sanguessugas ao longo da margem do riacho; elas haviam começado a emergir da hibernação do inverno, famintas de sangue. Eram fáceis de pegar; eu simplesmente vadeava devagar pela água perto da margem.

No começo, a ideia de servir de isca viva para as sanguessugas foi repulsiva, mas afinal era assim que eu geralmente as obtinha — deixando Jamie, Ian, Bobby ou qualquer um dos rapazes vadearem pelos riachos e apanhá-las. E quando você se acostumava a ver as criaturas lentamente engordando com seu sangue não era tão ruim assim.

— Tenho que deixá-las sugar bastante sangue para se manterem — expliquei, fazendo uma careta enquanto deslizava o polegar sob uma delas para desgrudá-la —, mas não a ponto de ficarem comatosas e não terem mais nenhuma utilidade para mim.

— Uma questão de bom discernimento — Jamie concordou, enquanto eu soltava a sanguessuga em uma jarra cheia de água e plantas aquáticas. — Quando acabar de alimentar seus bichinhos de estimação, venha comigo e eu vou lhe mostrar a Caverna do Espanhol.

Não ficava perto. A mais de seis quilômetros de Ridge, atravessando arroios frios, lamacentos, subindo barrancos íngremes, depois passando por uma fenda em uma encosta de granito que me fez sentir como se estivesse enterrada viva, para somente então emergir em um descampado inóspito de rochas proeminentes, sufocadas em redes de videiras selvagens.

— Nós a encontramos, Jem e eu, um dia, quando estávamos caçando — Jamie explicou, levantando uma cortina de folhas para eu passar por baixo. As vinhas contorciam-se pelas rochas, grossas como o braço de um homem e lenhosas da idade, as folhas verde-claras da primavera ainda não as cobrindo por completo. — Era um segredo nosso. Combinamos de não contá-lo a ninguém, nem mesmo aos pais dele.

— Nem a mim — eu disse, mas não estava ofendida. Senti a dor da perda em sua voz à menção de Jem.

A entrada da caverna era uma fenda no solo, sobre a qual Jamie havia puxado uma pedra grande e chata. Empurrou-a para trás com algum esforço e eu me inclinei cautelosamente, experimentando um breve nó nas entranhas ao leve som de ar se movendo pela fissura. O ar da superfície, entretanto, estava quente; a caverna estava sugando ar, não soprando.

Lembrei-me bem demais da caverna de Abandawe, que parecia respirar à nossa volta, e foi necessária alguma força de vontade para seguir Jamie quando ele desapareceu para dentro da terra. Havia uma escada rústica de madeira — nova, eu vi, mas substituindo outra muito mais velha que havia se despedaçado; alguns pedaços de madeira apodrecida ainda estavam no lugar, pendurados da rocha em cravos de ferro enferrujado.

Não podia haver mais de três a três e meio metros até o fundo, mas a abertura da caverna era estreita e a descida parecia interminável. Finalmente,

entretanto, cheguei ao fundo, e vi que a caverna havia se ampliado, como o fundo de um frasco. Jamie estava agachado em um dos lados; eu o vi pegar uma pequena garrafa e senti o cheiro forte de terebintina.

Ele havia trazido uma tocha, um nó de pinho com a ponta mergulhada em alcatrão e enrolada com um pano. Ele embebeu o pano com terebintina, em seguida retirou o acendedor que Bri fizera para ele. Uma chuva de fagulhas iluminou seu rosto, atento e corado. Mais duas tentativas e a tocha se acendeu, a chama explodindo através do tecido inflamável e incendiando o alcatrão.

Ele ergueu a tocha e gesticulou para o chão atrás de mim. Virei-me e quase dei um salto de susto.

O espanhol apoiava-se contra a parede, as pernas ossudas estendidas para fora, o crânio caído para frente como se estivesse cochilando. Tufos de cabelos avermelhados, desbotados, ainda se agarravam aqui e ali, mas a pele desaparecera por completo. Suas mãos e pés também já haviam desaparecido quase inteiramente também, os pequenos ossos levados pelos roedores. Mas nenhum animal grande conseguira chegar até ele e, apesar do torso e dos ossos longos mostrarem sinais de pequenas mordidas, estavam, em sua maior parte, intatos; o arco da cavidade torácica despontava pelo tecido de uma roupa tão desbotada que não havia como dizer de que cor fora um dia.

Ele era, de fato, um espanhol. Um capacete de metal com um penacho, marrom de ferrugem, jazia a seu lado, juntamente com uma armadura peitoral de ferro e uma faca.

— Jesus Cristo — sussurrei. Jamie se benzeu e eu me ajoelhei junto ao esqueleto.

— Não faço a menor ideia de quanto tempo ele está aqui — ele disse, também em voz baixa. — Não encontramos nada com ele, salvo a armadura e isso. -

Apontou para os cascalhos bem diante da pélvis. Aproximei-me para olhar um pequeno crucifixo, provavelmente de prata, agora completamente enegrecido, e a alguns centímetros um pequeno triângulo, também empretecido.

— Um rosário? — perguntei, e Jamie balançou a cabeça.

— Imagino que o estivesse usando no pescoço. Devia ser feito de madeira e barbante, e quando apodreceu os pedaços de metal caíram. Isso — seu dedo tocou delicadamente o pequeno triângulo — diz *Nr. Sra. Ang.* em um dos lados. *Nuestra Señora de los Angeles*, eu acho que significa, "Nossa Senhora dos Anjos". Há uma pequena imagem de Nossa Senhora do outro lado.

Automaticamente, fiz o sinal da cruz.

— Jemmy ficou com medo? — perguntei, após um instante de silêncio respeitoso.

— Eu fiquei — Jamie disse laconicamente. — Estava escuro quando eu

desci pela fenda e eu quase tropecei neste sujeito. Achei que ele estivesse vivo e o choque quase fez meu coração parar.

Ele gritara de susto e Jemmy, deixado lá em cima com instruções rígidas de não sair do lugar, prontamente se arrastou para dentro do buraco, caindo da escada quebrada no meio do caminho e aterrissando em pé em cima de seu avô.

— Eu o ouvi descendo e olhei para cima, bem a tempo de vê-lo mergulhar dos céus e me atingir no peito como uma bala de canhão. — Jamie esfregou o lado esquerdo do peito com um sorriso pesaroso. — Se eu não tivesse olhado para cima, ele teria quebrado meu pescoço, e sozinho ele jamais teria conseguido sair.

E nós nunca ficaríamos sabendo o que acontecera aos dois. Engoli, a boca seca com o pensamento. E no entanto... em qualquer dia, algo igualmente aleatório podia acontecer. A qualquer pessoa.

— É de admirar que nenhum dos dois tenha quebrado nada — eu disse, e abanei a mão indicando o esqueleto. — O que acha que aconteceu com este cavaleiro? — Sua gente nunca soube.

Jamie sacudiu a cabeça.

— Não sei. Ele não estava esperando um inimigo, porque não estava usando sua armadura.

— Acha que ele caiu aqui dentro e não conseguiu sair? — Agachei-me junto ao esqueleto, correndo o dedo pela tíbia da perna esquerda. O osso estava seco e rachado, roído na ponta por dentes pequenos e afiados, mas eu pude ver o que podia ser uma fratura do osso. Ou talvez fosse apenas uma rachadura do tempo.

Jamie deu de ombros, olhando para cima.

— Não creio. Ele era bem mais baixo do que eu, mas acho que a escada original devia estar aqui quando ele morreu, pois, se alguém tivesse construído a escada depois, por que deixaria este homem aqui no fundo da caverna? E mesmo com uma perna quebrada ele teria conseguido subir por ela.

— Humm. Ele deve ter morrido com alguma febre, imagino. Isso explicaria o fato de ter tirado a armadura do peito e o capacete. Embora eu pessoalmente os tivesse tirado na primeira oportunidade; dependendo da estação, ele devia ter sido cozinhado vivo ou sofrido de grave ataque de fungos, parcialmente enclausurado em metal.

— Mmmhum. Ergui os olhos diante desse som, que indicava uma aceitação dúbia da minha explicação, mas discordância quanto à minha conclusão.

— Acha que ele foi assassinado? — perguntei. — Ele tem uma armadura, mas nenhuma arma, salvo uma pequena faca. E você pode ver que era destro, mas a faca está caída à esquerda.

O esqueleto de fato fora destro; os ossos do braço direito eram perceptivelmente mais grossos, mesmo à luz bruxuleante da tocha.

Possivelmente um espadachim?, perguntei-me.

— Conheci muitos soldados espanhóis nas Antilhas, Sassenach. Todos eles, carregados de espadas, lanças e pistolas. Se este homem tivesse morrido de uma febre, seus companheiros poderiam ter levado suas armas, mas também teriam levado a armadura e a faca. Por que deixá-las?

— Mas, segundo esse raciocínio — retruquei —, por que quem o matou, se é que foi assassinado, deixou a armadura e a faca?

— Quanto à armadura, não a quiseram. Não seria particularmente útil para ninguém, exceto um soldado. Quanto à faca... por que ela estaria espetada nele? — Jamie sugeriu. — E, para começar, nem sequer é uma boa faca.

— Muito lógico — eu disse, engolindo em seco outra vez. — Deixando de lado a questão de como ele morreu... O que em nome de Deus ele estava fazendo nas montanhas da Carolina do Norte para começar?

— Os espanhóis enviaram exploradores até a Virgínia, há cinquenta ou sessenta anos — ele me informou. — Mas os pântanos os desencorajaram.

— Posso entender por quê. Mas por que... isto? — Levantei-me, apontando para a caverna e sua escada. Ele não respondeu, mas segurou meu braço e levantou a tocha, conduzindo-me para o lado da caverna oposto à escada. Bem acima da minha cabeça, vi outra pequena fenda na rocha, negra à luz da tocha, larga apenas o suficiente para um homem espremer-se por ela.

— Há uma caverna menor passando por lá — ele disse, balançando a cabeça para cima. — E quando levantei Jem para ele olhar, ele me disse que havia marcas na terra, marcas quadradas, como se caixas pesadas tivessem sido guardadas ali.

Razão pela qual, quando houve a necessidade de esconder um tesouro, ele se lembrou da Caverna do Espanhol.

— Traremos o resto do ouro esta noite — ele disse — e empilharemos pedras para esconder a abertura lá em cima. Depois, deixaremos o Senhor aqui descansar em paz.

Fui obrigada a admitir que a caverna constituía um lugar de descanso final tão bom quanto qualquer outro. E a presença do soldado espanhol provavelmente desencorajaria qualquer um que se deparasse com a caverna de fazer maiores investigações, tanto índios quanto colonos tendo uma distinta aversão a fantasmas.

— Quanto a isso, também os escoceses das Highlands, e eu me virei para Jamie com curiosidade.

— Você e Jem... não tiveram medo de serem assombrados por ele?

— Não, fizemos a oração adequada pelo repouso de sua alma, quando eu fechei a entrada da caverna, e espalhamos sal por ela.

Aquilo me fez rir.

— Você sabe a oração adequada a todas as situações, não é? Ele sorriu

debilmente e esfregou a ponta da tocha no cascalho úmido para extingui-la. Um débil facho de luz vindo de cima iluminou o topo de sua cabeça.

— Sempre há uma prece, a nighean, ainda que seja apenas A Dizia, cuidich mi.

Oh, Deus, ajude-me.



UMA FACA QUE CONHECE MINHA MÃO

Nem todo o ouro ficou com o espanhol. Duas das minhas anáguas tinham uma prega na bainha, com raspas de ouro uniformemente distribuídas em minúsculos bolsos, e meu próprio bolso interno tinha várias onças de ouro cuidadosamente costuradas no fundo. Jamie e Ian carregavam cada qual uma pequena quantidade no sporran. E cada um deles carregaria duas avantajadas bolsas de munição no cinto. Nós havíamos nos retirado, os três, para o local da casa nova, a fim de fazer as balas sozinhos.

— Bem, não vá esquecer de que lado carregar, hein? — Jamie soltou uma nova bala de mosquete do molde, brilhante como um sol nascente em miniatura, dentro do pote de gordura e fuligem.

— Não, desde que você não pegue minha sacola de munição por engano — Ian disse ironicamente. Ele fazia projéteis de chumbo, soltando as balas quentes em um buraco forrado de folhas úmidas, onde elas fumegavam e exalavam vapor na noite fria de primavera.

Rollo, deitado ali perto, espirrou e resfolegou explosivamente quando um filete de fumaça flutuou pelo seu nariz. Ian olhou para ele com um sorriso.

— Você vai gostar de caçar o veado vermelho pelo urzal, a cà? — ele perguntou. — Mas vai ter que ficar longe das ovelhas ou alguém vai atirar em você pensando que é um lobo.

Rollo suspirou e deixou os olhos se transformarem em duas fendas sonolentas.

— Pensando no que vai dizer a sua mãe quando se encontrar com ela? — Jamie perguntou, estreitando os olhos contra a fumaça do fogo, enquanto segurava a concha de raspas de ouro sobre a chama.

— Estou tentando não pensar muito — Ian respondeu com franqueza. — Sinto uma sensação estranha na barriga quando penso em Lallybroch.

— Sensação boa ou ruim? — perguntei, cuidadosamente retirando as balas de ouro resfriadas da gordura com uma colher de madeira e soltando-as nas bolsas

de munição.

Ian franziu a testa, os olhos fixos em sua concha conforme o chumbo passava repentinamente de bolhas retorcidas a uma poça trêmula.

— As duas, eu acho. Brianna me falou um dia de um livro que ela leu na escola que dizia que não se pode voltar para casa outra vez. Acho que é verdade... mas eu quero voltar — acrescentou suavemente, os olhos ainda no seu trabalho. O chumbo derretido silvou ao ser despejado no molde.

Desviei os olhos da melancolia em seu rosto e me deparei com Jamie olhando para mim, o olhar inquiridor, ternos de compaixão. Desviei os olhos dele também e me levantei, gemendo ligeiramente quando a junta do meu joelho estalou.

— Sim, bem — eu disse, animadamente. — Acho que depende do que você considera casa, não é? Nem sempre se trata de um lugar, sabe.

— Sim, é verdade. — Ian ficou segurando o molde de balas por um instante, deixando-o esfriar. — Mas mesmo quando é uma pessoa... nem sempre você pode voltar, não é? Ou talvez possa — acrescentou, a boca torcendo-se um pouco enquanto erguia os olhos para Jamie e depois para mim.

— Acho que você vai encontrar seus pais praticamente do mesmo jeito que os deixou — Jamie disse secamente, preferindo ignorar a referência de Ian. — Mas você pode ser um grande choque para eles.

Ian abaixou os olhos para si mesmo e sorriu.

— Fiquei um pouco mais alto — disse. Resfoleguei levemente, achando graça. Ele tinha quinze anos quando deixou a Escócia — um garoto alto, magro e desengonçado. De fato, estava uns cinco centímetros mais alto agora. Também estava magro e rijo como uma tira de couro seco, e normalmente bronzeado da mesma cor, apesar de o inverno ter clareado sua pele, fazendo os pontos tatuados que corriam em semicírculos pelas maçãs do rosto se destacarem ainda mais.

— Lembra-se de outra frase que eu lhe disse? — perguntei a ele. — Quando voltamos para Lallybroch de Edimburgo, depois que eu... encontrei Jamie outra vez. Lar é onde, quando você tem que ir para lá, eles têm que recebê-lo.

Ian ergueu uma das sobancelhas, olhou de mim para Jamie e sacudiu a cabeça.

— Não é de admirar que você goste tanto dela, tio. Ela deve ser um grande conforto para você.

— Bem — Jamie disse, os olhos fixos no trabalho —, ela sempre me recebe, então suponho que ela seja meu lar.

Uma vez terminado o trabalho, Ian e Rollo levaram as bolsas de munição cheias de volta para a cabana, enquanto Jamie extinguiu o fogo e eu guardava a parafernália de fazer balas. Estava ficando tarde e o ar — já tão frio que fazia

cócegas nos pulmões — adquiria uma vivacidade extra que acariciava a pele também, o hálito da primavera movendo-se sem descanso pela Terra.

Fiquei parada por um instante, apreciando o ar frio e cortante. Apesar de estarmos ao ar livre, havíamos trabalhado muito juntos, aglomerados ao redor do fogo, e a brisa fria que levantava os cabelos dos meus ombros era deliciosa.

— Você tem uma moeda, a nighean? — Jamie perguntou, ao meu lado.

— Uma o quê?

— Bem, qualquer tipo de dinheiro serve.

— Creio que não, mas... — Revirei o bolso amarrado à minha cintura, que a essa altura dos nossos preparativos abrigava uma coleção de improbabilidades quase tão grande quanto a do sporran de Jamie. Entre meadas de linha, pacotinhos de papel contendo sementes ou ervas secas, agulhas enfiadas em pedacinhos de couro, um frasco repleto de suturas, uma pena de pica-pau salpicada de branco e preto, um pedaço de giz branco, metade de uma bolacha, mostrando que evidentemente eu fora interrompida quando comia, realmente descobri uma moeda de meio-xelim, imunda, coberta de farelos de bolacha e fiapos de algodão. — Esta serve? — perguntei, limpando-a e entregando-a a ele.

— Serve — ele respondeu, entregando-me alguma coisa. Minha mão se fechou automaticamente em algo que descobri ser o cabo de uma faca, e quase a larguei de surpresa.

— Você sempre deve dar dinheiro em troca de uma lâmina nova — ele explicou, sorrindo ligeiramente. — Para que ela saiba que você é seu dono e, assim, não se vire contra você.

— Seu dono? — O sol tocava a borda de Ridge, mas ainda havia bastante luz e eu olhei para minha nova aquisição. Era uma lâmina fina, mas firme, de um só gume e primorosamente afiada; o lado do corte brilhava, prateado, à luz do sol poente. O cabo era feito de chifre de veado — e fora esculpido com duas Pequenas depressões que se ajustavam com perfeição aos meus dedos. Sem dúvida, a faca era minha.

— Obrigada — eu disse, admirando-a. — Mas...

— Vai se sentir mais segura se a carregar sempre com você — ele disse, de modo prático. — Oh, só mais uma coisa. Me dê a faca aqui.

Entreguei-a de volta, intrigada, e fiquei espantada ao vê-lo passar a lâmina de leve pelo polegar. O sangue aflorou do corte superficial, e ele o limpou nas calças e enfiou o dedo na boca, devolvendo-me a faca.

— Você deve sangrar uma lâmina, para que ela saiba sua finalidade — ele explicou, tirando o dedo ferido da boca.

O cabo da faca ainda estava quente em minha mão, mas um leve calafrio me percorreu. Com raras exceções, Jamie não era dado a gestos puramente românticos.

Se ele me deu uma faca, achou que eu iria precisar dela. E não para arrancar raízes e cascas de árvores. Saber sua finalidade, ele dissera.

— Encaixa-se perfeitamente em minha mão — eu disse, olhando para baixo e afagando a pequena depressão modelada ao meu polegar. — Como soube moldá-la tão exatamente?

Ele riu.

— Já senti sua mão em volta do meu pau vezes suficientes para saber exatamente a medida, Sassenach — assegurou-me.

Resfoleguei com uma breve risadinha, mas virei a lâmina e furei a ponta do meu próprio polegar. Era extremamente afiada; mal senti a picada, mas uma gota de sangue vermelho-escuro aflorou imediatamente. Prendi a faca no cinto, peguei sua mão e pressionei meu polegar contra o dele.

— Sangue do meu sangue — eu disse. Eu também não era dada a gestos românticos.



BRULOTE

Nova York
Agosto, 1776

Na verdade, as notícias de William sobre a fuga dos americanos foram bem melhor recebidas do que ele imaginara. Com a sensação inebriante de que havia encurralado o inimigo, o exército de Howe deslocou-se com notável velocidade. A frota do almirante ainda estava na baía de Gravesend; em um dia, milhares de homens marcharam apressadamente até o litoral e foram embarcados para a rápida travessia de Manhattan; ao pôr do sol do dia seguinte, companhias armadas iniciaram o ataque a Nova York — apenas para descobrir as trincheiras vazias, as fortificações abandonadas.

Embora uma decepção para William, que esperava uma chance de vingança física e direta, esse acontecimento agradou imensamente o general Howe. Ele se mudou, com seu estado-maior, para uma enorme mansão chamada Beekman House e começou a solidificar seu controle sobre a colônia. Houve uma certa provocação entre os oficiais superiores a favor de perseguir os americanos — sem dúvida, William preferia essa ideia —, mas o general Howe era de opinião que derrota e desgaste iriam minar as forças restantes, e o inverno acabaria de vez com elas.

— Enquanto isso — disse o tenente Anthony Fortnum, olhando em volta do abafado sótão para onde os três oficiais mais novos haviam sido enviados —, somos um exército de ocupação. O que significa, eu acho, que temos direito aos prazeres do posto, não é?

— E quais seriam eles? — William perguntou, em vão procurando um lugar onde pudesse colocar a mala surrada que atualmente continha todos os seus bens terrenos.

— Bem, mulheres — Fortnum disse pensativamente. — Certamente mulheres. Sem dúvida, Nova York tem prostíbulos, não?

— Não vi nenhum no caminho — Ralph Jocelyn disse, em dúvida. — E olha que eu procurei!

— Não o bastante — Fortnum disse com firmeza. — Tenho certeza de que existem prostíbulos aqui.

— Tem cerveja — William sugeriu. — Uma taverna decente chamada Fraunces Tavern, perto da Water Street. Tomei um bom caneco lá quando chegamos.

— Tem que ser algo mais perto — Jocelyn protestou. — Não vou andar quilômetros neste calor! — Beelunan House tinha uma localização agradável, com amplos espaços e ar fresco, mas ficava a uma boa distância da cidade.

— Procurem e encontrarão, irmãos. — Fortnum ajeitou um cacho dos cabelos no lugar e jogou a capa em cima do ombro. — Você vem, Ellesmere?

— Não, agora não. Tenho cartas a escrever. Se encontrar algum prostíbulo, espero um relatório por escrito. Em três vias, veja bem.

Momentaneamente entregue a si mesmo, ele largou seu saco no chão e pegou o pequeno maço de cartas que o capitão Griswold lhe entregara.

Eram cinco; três com o selo sorridente em meia-lua de seu padrasto — lorde John escrevia-lhe religiosamente no dia 15 de cada mês, embora também em outras ocasiões —, uma de seu tio Hal, e ele riu ao ver a carta; as cartas de tio Hal às vezes eram confusas, mas sempre divertidas — e outra em uma caligrafia desconhecida, feminina, com um selo comum.

Curioso, ele rompeu o selo e abriu a carta, descobrindo duas folhas, totalmente preenchidas, de sua prima Dottie. Ergueu as sobrancelhas; Dottie nunca lhe escrevera antes.

Elas continuaram erguidas enquanto ele lia a carta com atenção.

— Santo Cristo — exclamou em voz alta.

— O que foi? — Fortnum, que voltara para pegar o chapéu, perguntou. — Más notícias de casa?

— O quê? Oh. Não. Não — repetiu, retornando à primeira página da carta. — Apenas... interessante.

Dobrando a carta, colocou-a dentro do casaco, a salvo do olhar interessado de Fortnum, e pegou a carta de tio Hal, com seu selo de brasão ducal. Os olhos de Fortnum arregalaram-se ao vê-lo, mas ele não fez nenhum comentário.

William tossiu e rompeu o selo. Como sempre, o bilhete ocupava menos de uma página e não incluía nem saudações, nem despedidas, a opinião de tio Hal, sendo que, já que a carta tinha um endereço, o destinatário era óbvio, o selo indicava claramente quem a escrevera, e ele não perdia tempo escrevendo a imbecis.

Adam está designado para Nova York, sob o comando de sir Henry Clinton. Minnie deu a ele algumas coisas horivelmente incômodas para serem entregues a você. Dottie envia seu amor, o que ocupa bem menos espaço.

John me disse que você está fazendo alguns serviços para o capitão Richardson. Eu conheço Richardson e acho que você não deveria. Mande

lembranças minhas ao coronel Spencer e não jogue cartas com ele.

Tio Hal, William refletiu, era capaz de comprimir mais informações — apesar de cifradas como geralmente eram — em menos palavras do que qualquer outra pessoa de seu conhecimento. Ele realmente se perguntava se o coronel Spencer trapaceava nas cartas ou era simplesmente muito bom ou tinha muita sorte. Tio Hal sem dúvida omitira essa informação de propósito, porque, se fosse uma das duas últimas alternativas, William se sentiria tentado a testar suas habilidades — apesar de saber o perigo que era vencer consistentemente um oficial superior. Mas uma ou duas vezes... Não, tio Hal era, ele próprio, um excelente jogador de cartas e, se ele estava alertando William, a prudência sugeria que ele acatasse o aviso. Talvez o coronel Spencer fosse um jogador tanto honesto quanto medíocre, mas alguém que se ofendia — e se vingava — se derrotado com muita frequência.

Tio Hal era um velhaco astuto, William pensou, não sem admiração. E isso era o que o preocupava a respeito do segundo parágrafo. Eu conheço Richardson... Neste caso, ele compreendia muito bem por que tio Hal omitira os detalhes; a correspondência podia ser lida por qualquer um e uma carta com o brasão do duque de Pardloe poderia chamar atenção. É bem verdade que o selo não parecia ter sido violado, mas ele já vira seu próprio pai remover e recolocar selos com grande destreza e uma faca quente, e não tinha nenhuma ilusão quanto a isso.

O fato não o impediu de se perguntar exatamente o que tio Hal sabia sobre o capitão Richardson e por que ele sugeria que William parasse com seus serviços de inteligência — pois sem dúvida seu pai havia contado a tio Hal a natureza do que ele fazia.

Mais matéria para reflexão — se seu pai dissesse ao irmão o que William estava fazendo, então tio Hal teria dito a seu pai o que ele sabia sobre o capitão Richardson, se houvesse alguma coisa que desacreditasse o capitão. E se ele tivesse feito isso...

Deixou de lado o bilhete de tio Hal e abriu a primeira carta de seu pai. Não, nada a respeito de Richardson... A segunda? Também não. Na terceira, uma referência velada à espionagem, mas apenas votos pela sua segurança e uma observação indireta sobre sua postura.

Um homem alto sempre se destaca em um grupo. Mais ainda se seu olhar for direto e estiver bem-vestido.

William sorriu. Westminster, a escola que ele cursara, conduzia as aulas em um único salão, dividido por cortinas em classes superiores e inferiores, mas havia rapazes de todas as idades tendo aulas juntos e William rapidamente aprendeu quando — e como — ser discreto ou se sobressair, dependendo da companhia imediata.

Muito bem, então. O que quer que tio Hal soubesse sobre Richardson, não

era algo que preocupasse seu pai. Claro, lembrou a si mesmo, não precisava ser nada desonroso. O duque de Pardloe era destemido quando se tratava de si próprio, mas tendia a ser excessivamente cauteloso com relação à sua família. Talvez ele apenas considerasse Richardson desleixado; se fosse esse o caso, seu pai provavelmente confiaria no próprio bom-senso de William, e assim não mencionaria a questão.

O sótão estava sufocante; o suor escorria pelo rosto de William e murchava sua camisa. Fortnum saíra novamente, deixando a ponta de sua cama de lona virada para cima em um ângulo absurdo sobre seu baú protuberante. Isso deixava espaço de assoalho suficiente apenas para William ficar em pé e caminhar até a porta, e ele fugiu para o ar livre com uma sensação de alívio. O ar do lado de fora estava quente e úmido, mas ao menos circulava. Colocou o chapéu na cabeça e foi descobrir onde seu primo Adam estava alojado. "Coisas horrivelmente incômodas" soava promissor.

No entanto, conforme abria caminho através de uma multidão de mulheres que se dirigia ao mercado central, sentiu o papel da carta estalando no bolso de seu casaco e lembrou-se da irmã de Adam.

Dottie envia seu amor, o que ocupa bem menos espaço. Tio Hal era astuto, William pensou, porém mesmo o mais astuto dos demônios tem um ponto cego.

"Coisas horrivelmente incômodas" cumpriu o que prometia: um livro, uma garrafa de excelente xerez espanhol, um recipiente de um quarto de galão de azeitonas para acompanhar e três pares novos de meias de seda.

— Estou inundado de meias — seu primo Adam declarou, quando William tentou partilhar essa abundância. — Mamãe compra meias às dúzias e as despacha a cada transportador, eu acho. Tem sorte por ela não ter pensado em lhe mandar cuecas novas; recebo um par a cada malote diplomático e se você não acha que isso é uma coisa difícil de explicar a sir Henry... Mas não recusaria um copo do seu xerez.

William não estava inteiramente certo de que seu primo não estivesse brincando com relação às cuecas; Adam tinha um ar sério que lhe servia muito bem nas relações com seus superiores e também possuía o dom da família Grey de dizer os maiores exageros com uma expressão absolutamente impassível. William riu e mandou pedir dois copos.

Um dos amigos de Adam trouxe três, prestativamente permanecendo ali para ajudar a dar fim ao xerez. Outro amigo apareceu aparentemente do nada — era um xerez muito bom — e retirou meia garrafa de cerveja escura de seu baú para contribuir com as festividades. Com a inevitabilidade de tais reuniões, tanto as garrafas quanto os amigos se multiplicaram, até cada espaço livre no quarto de Adam — reconhecidamente pequeno — estar ocupado por um ou por outro.

William generosamente compartilhou suas azeitonas, assim como o xerez, e no final da garrafa ergueu um brinde à sua tia pelos presentes generosos, sem deixar de mencionar as meias de seda.

— Embora eu imagine que sua mãe não tenha sido responsável pelo livro, certo? — ele disse a Adam, abaixando seu copo vazio com uma explosão de ar dos pulmões.

Adam teve um acesso de risadinhas, sua seriedade habitual completamente desfeita em um grande copo de ponche de rum.

— Não — ele disse —, nem papai tampouco. Essa foi minha própria contribuição para o "avancho" da causa "cutlurar, "cultchural", quero dizer, nas colônias..

— Um serviço extraordinário às sensibilidades do homem civilizado — William assegurou-lhe com ar sério, demonstrando sua própria habilidade de segurar sua bebida e controlar a língua, por mais sílabas escorregadias que pudessem se interpor em seu caminho.

Com a gritaria geral de "Que livro? Que livro? Vamos ver o famoso livro!" resultante, ele foi obrigado a mostrar o prêmio de sua coleção de presentes — um exemplar do famoso Lista das Damas de Covent Garden, do sr. Harris, um catálogo profusamente descritivo dos encantos, especialidades, preço e disponibilidade das melhores prostitutas a serem encontradas em Londres.

O livro foi recebido com gritos de entusiasmo e, depois de uma rápida luta pela posse do volume, William o resgatou antes que fosse dilacerado, mas concordou em ler algumas das passagens em voz alta, sua leitura dramática sendo recebida com uivos de êxtase e saraivadas de caroços de azeitona.

Ler é, sem dúvida, um esforço que dá sede e, assim, mais bebidas foram solicitadas e consumidas. Ele não saberia dizer quem primeiro sugeriu que o grupo deveria constituir uma força expedicionária com o propósito de compilar uma lista semelhante para Nova York. Entretanto, quem quer que tenha sido o primeiro a dar a ideia, logo foi apoiado e saudado com copos cheios de ponche de rum — todas as garrafas já tendo sido esvaziadas a essa altura.

E foi assim que ele se viu vagando em uma espécie de torpor alcoólico por vielas estreitas cuja escuridão era pontuada por janelas iluminadas à vela e uma ou outra lanterna pendurada em um cruzamento. Ninguém parecia ter nenhum endereço em mente, mas todo o grupo avançava entorpecidamente como um só corpo, atraído por alguma emanção sutil.

— Como cachorros seguindo uma cadela no cio — ele observou, e ficou surpreso de receber um empurrão e um grito de aprovação de um dos amigos de Adam. Ele não havia percebido que falara em voz alta. No entanto, ele estava certo, pois finalmente chegaram a um beco ao longo do qual havia duas ou três lanternas

penduradas, forradas com musselina vermelha, de modo que a luz se difundia em uma claridade cor de sangue pelas entradas das casas — todas abertas de par em par em sinal de boas-vindas. Gritos entusiásticos saudaram a descoberta e o grupo de pretensos investigadores avançou com determinação, parando apenas para uma rápida discussão no meio da rua, concernente à escolha do estabelecimento por onde começar a pesquisa.

O próprio William não tomou parte na discussão; o ar estava abafado, úmido e fétido com o fedor de gado e esgoto, e ele repentinamente sentiu que uma das azeitonas que consumira muito provavelmente caíra mal. Suava profusamente, um suor pegajoso, e suas cuecas úmidas grudavam-se nele com uma insistência que o aterrorizava com a ideia de que talvez não conseguisse tirar as calças a tempo, caso seu desarranjo estomacal resolvesse se mover repentinamente para baixo.

Ele forçou um sorriso e, com um vago movimento do braço, indicou a Adam que ele deveria prosseguir como quisesse — William iria se aventurar um pouco mais longe.

E foi o que fez, deixando o tumulto dos jovens oficiais arruaceiros para trás, e, cambaleando, passou pela última das lanternas vermelhas. Procurava desesperadamente um lugar que oferecesse alguma aparência de privacidade para que pudesse vomitar, mas não encontrando nada que servisse aos seus propósitos finalmente parou e vomitou na entrada de uma casa quando, para seu horror, a porta se escancarou, revelando o dono, altamente indignado, que não esperou explicações, desculpas ou ofertas de recompensa, mas agarrou uma espécie de bastão de trás da porta e, berrando palavras incompreensíveis no que parecia ser alemão, perseguiu William pelo beco abaixo.

Entre uma coisa e outra, William passou algum tempo vagando sem rumo por chiqueiros, barracões e ancoradouros fétidos antes de encontrar o caminho de volta para o bairro certo, lá encontrando seu primo Adam subindo e descendo a rua, batendo nas portas e gritando por ele a plenos pulmões, à sua procura.

— Não bata nesta daí! — ele disse, assustado, vendo Adam prestes a bater na porta do maldito alemão. Adam girou nos calcanhares com surpresa e alívio.

— Aí está você! Tudo bem, meu velho?

— Oh, sim. Tudo bem. — Sentia-se úmido e pegajoso, apesar do calor intenso da noite de verão, mas o agudo mal-estar se desfizera, com o salutar efeito colateral de deixá-lo sóbrio.

— Achei que tivesse sido assaltado ou morto em um beco desses. Nunca mais iria poder encarar tio John se tivesse que lhe contar que você foi morto por minha causa.

Desciam a viela, as costas voltadas para as lanternas vermelhas. Todos os rapazes haviam desaparecido em um ou outro estabelecimento, embora os sons de

farra que vinham do interior sugerissem que sua animação não arrefecera, fora apenas realocada.

— Você se arranjou bem? — Adam perguntou. Apontou o queixo na direção de onde William viera.

— Oh, bem. E você? — Bem, ela não receberia um parágrafo no Harris, mas não era má para um sumidouro como Nova York — Adam disse criteriosamente. Seu lenço estava solto, pendurado no pescoço, e quando passaram pela fraca claridade de uma janela William viu que estava faltando um dos botões de prata do casaco de seu primo. — Mas poderia jurar que vi umas duas prostitutas dessas no acampamento.

— Sir Henry o mandou fazer um censo? Ou você simplesmente passa tanto tempo com os seguidores de acampamento que já conhece todos eles pelo...

Foi interrompido por uma mudança no barulho que vinha de uma das casas da rua. Gritaria, mas não do tipo provocado por bêbados alegres como era evidente até então. Eram gritos assustadores, uma voz masculina furiosa e os berros estridentes de uma mulher.

Os primos trocaram um olhar, depois se arremessaram simultaneamente na direção do tumulto.

A confusão aumentava conforme corriam na direção da origem e, quando alcançaram a casa mais distante, vários soldados semidespidos jorraram para o meio da viela, seguidos por um tenente musculoso — a quem William fora apresentado durante a festa no quarto de Adam, mas de cujo nome ele não se lembrava — arrastando uma prostituta seminua pelo braço.

O tenente havia perdido o casaco e a peruca; seu cabelo escuro era tosado bem curto e a linha do couro cabeludo começava bem baixa no meio da testa, o que, juntamente com a compleição musculosa, de ombros largos, lhe dava o aspecto de um touro pronto a atacar. E de fato ele o fez, virando-se e golpeando com o ombro a mulher que arrastara para fora, atirando-a contra a parede da casa. Ele estava completamente bêbado e berrava blasfêmias incoerentes.

— Brulote. William não viu quem dissera a palavra, mas foi repetida em murmúrios agitados e uma sensação odiosa percorreu os homens na viela.

— Brulote! Ela é uma brulote! Várias mulheres haviam se amontoado na porta. A luz por trás delas era turva demais para mostrar seus rostos, mas estavam claramente assustadas, agarradas umas às outras. Uma delas tentou gritar, estendendo um braço, mas as outras puxaram-na para trás. O tenente de cabelos pretos não deu atenção; ele espancava a prostituta, socando-a repetidamente na barriga e nos seios.

— Ei, companheiro! William arremessou-se para frente, gritando, mas várias mãos agarraram seus braços, impedindo-o.

— Brulote! — Os homens começaram a entoar a palavra a cada golpe dos punhos do tenente.

Brulote, ou balsa de fogo, uma embarcação que leva explosivos aos navios inimigos, é como chamavam uma prostituta com vesículas de sífilis, e quando o tenente parou de surrá-la e arrastou-a para baixo da luz da lanterna vermelha William pôde ver que ela realmente era doente; as pústulas inflamadas pelo seu rosto eram visíveis.

— Rodham! Rodham! — Adam gritava o nome do tenente, tentando abrir caminho pelo aglomerado de homens, mas eles se moveram juntos, empurrando-o para trás, e o coro gritando "Brulote!" ficou mais alto.

As mulheres amontoadas na porta soltavam gritos estridentes e comprimiram-se para trás quando Rodham arremessou a mulher na soleira da porta. William lançou-se para frente e conseguiu abrir passagem na multidão, mas, antes que pudesse alcançar o tenente, Rodham agarrara a lanterna e, arremessando-a contra a fachada da casa, lançou óleo em chamas sobre a prostituta.

Ele caiu para trás então, arfando, os olhos arregalados e fixos como se não pudesse acreditar no que via, quando a mulher levantou-se, os braços girando em pânico enquanto as chamas lambiam seus cabelos e sua combinação fina. Em poucos segundos, ela virara uma tocha humana, gritando com uma voz fina e estridente, que atravessava a algazarra na rua e penetrava diretamente no cérebro de William.

Os homens recuaram quando ela deu alguns passos na direção deles, oscilante, as mãos estendidas — se em uma súplica vã por ajuda ou no desejo de imolar seus algozes também ele não saberia dizer. Ficou parado, fincado no chão, o corpo trincado na ânsia de fazer alguma coisa, na impossibilidade de fazer qualquer coisa, na dominante sensação de tragédia. Uma dor insistente em seu braço o fez virar-se mecanicamente, deparando-se com Adam ao seu lado, os dedos enfiados com força no músculo de seu braço.

— Vamos embora — Adam sussurrou, o rosto branco e suado. — Pelo amor de Deus, vamos!

A porta do prostíbulo foi fechada com um baque. A mulher em chamas caiu junto à porta, as mãos pressionadas contra a madeira. O cheiro de carne assada encheu o beco confinado, estreito e quente, e William sentiu nova ânsia de vômito.

— Que Deus amaldiçoe vocês! Que seus malditos paus apodreçam e caiam! — Os gritos vinham de uma janela no andar superior; a cabeça de William virou-se para cima bruscamente e ele viu uma mulher brandindo o punho cerrado para os homens embaixo. Houve um rumor surdo entre os homens e um deles gritou um palavrão em resposta; um outro abaixou-se, pegou uma pedra do pavimento e, levantando-se, arremessou-a com força. A pedra ricocheteou na fachada da casa

embaixo da janela e voltou, atingindo um dos soldados, que praguejou e empurrou o homem que a atirara.

A mulher carbonizada desmoronara junto à porta; as chamas haviam feito uma mancha queimada na madeira. Ela ainda emitia um débil queixume, mas parara de se mexer.

De repente, William perdeu a cabeça e, agarrando o homem que atirara a pedra, segurou-o pelo pescoço e bateu sua cabeça contra o batente da porta da casa. O homem retesou-se e desmoronou, os joelhos cedendo, e sentou-se na rua, gemendo.

— Saiam! — William berrou. — Todos vocês! Vão embora! — Com os punhos cerrados, virou-se para o tenente de cabelos pretos, o qual, toda a raiva desaparecida, estava parado, imóvel, olhando fixamente para a mulher no alpendre. Suas saias haviam sido consumidas pelo fogo; um par de pernas carbonizadas torceu-se debilmente na escuridão.

William alcançou o sujeito com uma única passada e agarrou-o pela frente da camisa, virando-o bruscamente.

— Vá embora — ele disse, com uma voz ameaçadora. — Ande. Agora! Soltou o tenente, que pestanejou, engoliu em seco e, virando-se, caminhou como um autômato para dentro da noite.

Arquejando, William virou-se para o resto dos homens, mas eles haviam perdido a sede de violência com a mesma rapidez que haviam se deixado dominar por ela. Houve alguns olhares para a mulher — agora absolutamente imóvel —, um arrastamento de pés, murmúrios incoerentes. Nenhum deles era capaz de fixar o outro nos olhos.

William tinha uma vaga consciência de Adam ao seu lado, trêmulo de choque, mas estoicamente ao seu lado. Colocou a mão no ombro de seu primo mais novo e segurou-o com firmeza, ele próprio tremendo, enquanto os homens desapareciam. O homem sentado na rua apoiou-se lentamente nas mãos e nos pés, levantou-se parcialmente e deu uma guinada, cambaleando, atrás de seus companheiros, afastando-se da frente das casas conforme avançava na escuridão.

A viela ficou silenciosa. O fogo se extinguiu. As outras lanternas vermelhas do beco haviam sido apagadas. Sentiu como se estivesse preso ao chão e fosse ficar para sempre naquele lugar odioso — mas Adam moveu-se um pouco e sua mão caiu do ombro de seu primo, e ele descobriu que seus pés o levariam dali.

Viraram-se e caminharam em silêncio, de volta pelas ruas escuras. Passaram por um posto de vigia, onde sentinelas rodeavam uma fogueira, mantendo uma vigilância descontrainda. Eles deviam manter a ordem na cidade ocupada, os vigias. As sentinelas olharam para eles, mas não os pararam.

A luz da fogueira, ele viu os riscos molhados no rosto de Adam e

compreendeu que seu primo estava chorando.
Ele também estava.



POSIÇÃO TRANSVERSA

Fraser's Ridge *Março, 1777*

O mundo estava molhado. Correntes de água do degelo saltavam pela encosta da montanha, a grama e as folhas estavam úmidas de orvalho e as telhas soltavam vapor com o sol da manhã. Nossos preparativos tinham sido feitos e as passagens estavam desimpedidas. Restava apenas mais uma coisa para fazer antes de podermos partir.

— Hoje, você acha? — Jamie perguntou esperançosamente. Ele não era um homem afeito à tranquila contemplação; quando uma linha de ação é decidida, ele quer agir logo. Bebês, infelizmente, são completamente indiferentes tanto à conveniência quanto à impaciência.

— Talvez — eu disse, tentando controlar minha própria impaciência. — Talvez não.

— Eu a vi na semana passada e já naquela ocasião ela parecia que ia explodir a qualquer momento, tia — Ian observou, dando a Rollo o último bocado de seu bolinho. — Conhece aqueles cogumelos? Aqueles grandes e redondos? Você toca em um deles e puni! — Estalou os dedos, espalhando farelos de bolo. — Simples assim.

— Ela vai ter um só, não é? — Jamie perguntou, franzindo o cenho.

— Eu já lhe disse, umas seis vezes: eu acho que sim. Espero que sim — acrescentei, reprimindo a vontade de fazer o sinal da cruz. — Mas nunca se sabe.

— Gêmeos são característica de família — Ian interpôs prestativamente. Jamie se benzeu. — Só ouvi batidas de um coração — eu disse, controlando a irritação — e estou ouvindo há meses.

— Você não pode contar as protuberâncias que se projetam para fora? — Ian perguntou. — Se parece ter seis pernas, quero dizer...

— Mais fácil falar do que fazer. — Eu podia, é claro, discernir o aspecto

geral da criança; uma cabeça era razoavelmente fácil de sentir, assim como as nádegas; braços e pernas eram um pouco mais problemáticos. Era isso que perturbava no momento.

Eu examinara Lizzie uma vez por semana no último mês — e fora à sua cabana dia sim, dia não na última semana, apesar de ser uma longa caminhada. A criança — e eu realmente achava que era apenas uma — parecia muito grande; o fundo do útero estava bem mais alto do que eu achava que deveria estar. E, embora os bebês frequentemente mudem de posição nas últimas semanas antes do nascimento, este permanecia em "posição transversa" — atravessado — por um tempo preocupantemente longo.

— O fato é que sem hospital, instalações cirúrgicas ou anestesia, minha capacidade de lidar com um parto fora do normal ficava seriamente limitada. Sem intervenção cirúrgica, com uma posição transversa, uma parteira tinha quatro alternativas: deixar a mulher morrer após dias de agonizante trabalho de parto; deixar a mulher morrer depois de fazer uma cesárea sem o benefício de anestesia ou assepsia — mas possivelmente salvar o bebê; possivelmente salvar a mãe matando a criança no útero e depois a removendo em pedaços (Daniel Rawlings tinha várias páginas em seu livro — ilustradas — descrevendo este procedimento) ou tentar internamente virar o bebê para uma posição em que pudesse nascer.

Apesar de superficialmente parecer a opção mais atraente, esta última podia facilmente ser tão perigosa quanto as outras, resultando na morte da mãe e da criança.

Eu tentara uma versão externa na semana anterior e conseguira — com dificuldade — induzir a criança a virar de cabeça para baixo. Dois dias depois, ela voltara à posição anterior, evidentemente preferindo sua posição de costas. Ela poderia virar novamente por si mesma antes do início do trabalho de parto — e poderia não virar.

Com base na experiência, eu normalmente conseguia distinguir entre planejamento inteligente para contingências e preocupação inútil com situações que poderiam não acontecer, assim permitindo que eu dormisse à noite. Mas eu ficara acordada até altas horas da noite na última semana, visualizando a possibilidade de a criança não se virar a tempo e percorrendo aquela lista curta e sombria de alternativas, em uma busca inútil de alguma outra chance.

Se eu tivesse éter... mas o que eu tinha se perdeu no incêndio da casa. Matar Lizzie para salvar o bebê? Não. Se chegasse a esse ponto, melhor matar a criança in utero e deixar Rodney com uma mãe, Jo e Kezzie com sua mulher. Mas a ideia de esmagar o crânio de uma criança completamente formada, saudável, pronta-para nascer... ou decapitá-la com um laço de arame cortante...

— Não está com fome hoje de manhã, tia?

— Hã... não. Obrigada, Ian.

— Você parece um pouco pálida, Sassenach. Está se sentindo mal?

— Não! — Levantei-me apressadamente antes que pudessem fazer mais perguntas — não havia absolutamente nenhuma razão para mais alguém além de mim ficar aterrorizado com o que eu estava pensando — e saí para buscar um balde de água do poço.

Amy estava do lado de fora; ela havia acendido uma fogueira embaixo do caldeirão de lavagem de roupa e apressava Aidan e Orne, que corriam de um lado para o outro para pegar lenha, parando de vez em quando para atirar lama um no outro.

— Precisa de água, a bhana-mahaighstir? — ela perguntou, vendo o balde em minha mão. — Aidan vai buscar para você.

— Não, pode deixar — assegurei-lhe. — Quero tomar um pouco de ar. Está tão agradável de manhã aqui fora agora. — Era verdade; o ar ainda era frio até o sol estar alto no céu, mas fresco e inebriante com os aromas de grama, brotos carregados de resina e as primeiras florescências.

Levei meu balde até o poço, enchi-o e comecei a descer o caminho de novo, devagar, olhando para tudo como se costuma fazer quando se sabe que talvez não volte àquele lugar outra vez por um longo tempo. Se é que algum dia voltaria.

As coisas já haviam mudado drasticamente em Ridge, com a chegada da violência, os distúrbios da guerra, a destruição da casa grande. Ainda iriam mudar muito, com Jamie e eu ausentes.

Quem seria o líder natural? Hiram Crombie era de facto chefe do povo pescador presbiteriano que viera de Thurso — mas ele era um homem severo, inflexível, mais capaz de causar atritos com o resto da comunidade do que manter a ordem e promover a cooperação.

Bobby? Depois de alguma consideração, Jamie o nomeara administrador, com a responsabilidade de tomar conta de nossa propriedade — ou do que restara dela. Mas à parte suas habilidades naturais ou falta delas, Bobby era jovem. Ele — juntamente com muitos dos outros homens de Ridge — poderia facilmente ser levado de roldão pela tormenta que se avizinhava e obrigado a servir em uma das milícias. Mas não nas forças da Coroa; ele fora um soldado inglês baseado em Boston, há sete anos, onde ele e vários companheiros foram ameaçados por uma multidão enfurecida de centenas de cidadãos de Boston. Temendo por suas vidas, os soldados carregaram seus mosquetes e apontaram para a multidão. Pedras e paus foram atirados, tiros disparados — por quem, ninguém pôde dizer; nunca perguntei a Bobby — e homens morreram.

A vida de Bobby fora poupada no julgamento subsequente, mas ele carregava uma marca de ferro em brasa na face — "M", de "Murderer", assassino.

Eu não fazia a menor ideia de suas tendências políticas — ele nunca tocava no assunto —, mas ele jamais lutaria ao lado do exército britânico outra vez.

Abri a porta da cabana, minha estabilidade emocional bastante restaurada. Jamie e Ian agora discutiam se a criança seria irmã do pequeno Rodney ou meio-irmã.

— Bem, não há como saber, não é? — Ian disse. — Ninguém sabe se foi Jo ou

Kezzie quem gerou o pequeno Rodney, e é o mesmo com esta criança. Se Jo for o pai de Rodney e Kezzie o pai desta...

— Na verdade, não importa — interrompi, despejando a água do balde em um caldeirão. — Jo e Kezzie são gêmeos idênticos. Isso significa que seu... hã... esperma é idêntico também. — Isso era simplificar demais a questão, mas era muito cedo no dia para tentar explicar meiose reprodutiva e DNA recombinante. — Se a mãe for a mesma, e é, e o pai geneticamente igual, e é, todos os filhos que nascerem serão totalmente irmãos uns dos outros.

— O sêmen deles é igual, então? — Ian perguntou, incrédulo. — Como pode saber? Você olhou? — ele acrescentou, lançando-me um olhar de horrorizada incredulidade.

— Não olhei — respondi com severidade. — Não é preciso. Eu sei essas coisas.

Oh, sim — ele disse, balançando a cabeça com respeito. — Claro que sabe. Às vezes, me esqueço do que você é, tia Claire. Eu não sabia o que ele queria dizer com isso exatamente, mas não me pareceu necessário nem perguntar, nem explicar que meu conhecimento dos processos íntimos dos Beardsley era acadêmico, e não sobrenatural.

— Mas é Kezzie o pai desta criança, não é? — Jamie interpôs, franzindo o cenho. — Eu mandei Jo embora; é com Kezzie que ela viveu este último ano.

Ian lançou-lhe um olhar de compaixão.

— E você acha que ele foi? Jo?

— Eu não o vi — Jamie disse, mas as grossas sobrancelhas ruivas uniram-se.

— Bem, não veria mesmo — Ian admitiu. — Eles devem ter tomado todo cuidado com isso, não querendo enfurecê-lo. Na verdade, você nunca vê mais de um deles... de cada vez — acrescentou, descontraidamente.

Nós dois olhamos fixamente para ele. Ele ergueu os olhos de um pedaço de bacon em sua mão e levantou as sobrancelhas.

— Eu sei essas coisas, hein? — disse afavelmente.

Após o jantar, todos se prepararam e se acomodaram para a noite. Todos os Higgins retiraram-se para o quarto, onde compartilhavam a única cama.

Obsessivamente, abri minha trouxa de parteira e espalhei o equipamento, verificando tudo outra vez. Tesouras, fio branco para o cordão. Panos limpos, lavados muitas vezes para remover qualquer vestígio de sabão de lixívia, escaldados e secos. Um grande quadrado de lona encerada, para impermeabilizar o colchão. Uma pequena garrafa de álcool, diluído a cinquenta por cento com água esterilizada. Uma pequena sacola contendo vários fios torcidos de lã lavada, mas não fervida. Uma folha enrolada de pergaminho, para servir de estetoscópio, uma vez que o meu se perdera no incêndio. Uma faca. E um pedaço de arame fino, afiado em uma das pontas, enroscado como uma cobra.

Eu não comera muito no jantar — nem durante todo o dia —, mas tinha a sensação constante de golfada de bÍlis no fundo da garganta. Engoli e enrolei meu estojo outra vez, amarrando-o firmemente com barbante.

Senti os olhos de Jamie em mim e levantei a cabeça. Ele não disse nada, mas sorriu levemente, ternura nos olhos, e eu senti um alívio momentâneo — seguido de novo aperto, ao imaginar o que ele pensaria se o pior acontecesse e eu tivesse que... — mas ele vira a expressão de medo em meu rosto. Com os olhos ainda fixos nos meus, ele tirou seu rosário do sporran e começou a rezar silenciosamente, a madeira desgastada das contas deslizando devagar pelos seus dedos.

Duas noites depois, acordei instantaneamente com o som de passos no caminho do lado de fora, e já estava de pé, vestindo minhas roupas, antes que se ouvisse a batida de Jo na porta. Jamie o mandou entrar; eu os ouvi murmurando enquanto eu entrava embaixo do banco comprido para resgatar meu estojo. Jo parecia agitado, um pouco preocupado — mas não em pânico. Isso era bom; se Lizzie estivesse com medo ou em sérias dificuldades, ele teria pressentido isso imediatamente — os gêmeos eram quase tão sensÍveis ao seu estado de espírito e bem-estar como eram um com o outro.

— Devo ir? — Jamie sussurrou, assomando perto de mim.

— Não — respondi também num sussurro, tocando-o para dar ênfase. — Volte a dormir. Mandarei avisá-lo, se precisar de você.

Ele estava desgrenhado do sono, as brasas da lareira lançando sombras em seus cabelos, mas seus olhos estavam alertas. Ele assentiu e beijou minha testa, mas em vez de recuar colocou a mão sobre minha cabeça e murmurou em gaélico:

— Ó abençoado Miguel do Reino Vermelho...

Em seguida, tocou meu rosto em despedida.

— Verei você de manhã, então, Sassenach — ele disse, empurrando-me delicadamente em direção à porta.

Para minha surpresa, estava nevando. O céu estava cinzento e claro, e o ar animado com enormes flocos esvoaçantes que roçavam meu rosto, derretendo-se imediatamente em minha pele. Era uma tempestade de primavera; eu podia ver os

flocos assentarem-se rapidamente em talos de capim, desaparecendo em seguida. Provavelmente não haveria nenhum vestígio de neve pela manhã, mas a noite estava repleta de seus mistérios. Virei-me para olhar para trás, mas não pude ver a cabana — apenas as formas de árvores parcialmente cobertas, indistintas à luz cinza-perolada. O caminho à nossa frente parecia igualmente irreal, o traçado desaparecendo no meio de árvores estranhas e sombras desconhecidas.

Eu me sentia estranhamente desencarnada, presa entre o passado e o futuro, nada visível a não ser o silêncio branco e em torvelinho que me cercava. No entanto, eu me sentia mais calma do que em muitos dias. Sentia o peso da mão de Jamie em minha cabeça, com sua bênção sussurrante: Ó abençoado Miguel do Reino Vermelho...

Era a bênção dada a um guerreiro antes da batalha. Eu a dera a ele, mais de uma vez. Ele nunca fizera isso antes e eu não sabia o que o levava a fazê-lo agora — mas as palavras cintilavam em meu coração, um pequeno escudo contra os perigos à frente.

A neve agora cobria o solo com um cobertor fino que escondia a terra escura e a vegetação rasteira. Os pés de Jo deixavam nítidas pegadas escuras que eu seguia pela encosta acima, as agulhas dos pinheiros e abetos balsâmicos roçando frios e perfumados contra a minha saia, enquanto eu ouvia um silêncio vibrante que tocava como um sino.

Se houvesse uma noite em que os anjos caminhassem, eu rezaria para que fosse esta.

Era quase uma hora de caminhada até a cabana dos Beardsley, à luz do dia e com tempo bom. Mas o medo apressava meus passos e Jo — achei que era Jo, pela voz — esforçava-se para me acompanhar.

— Há quanto tempo ela está assim? — perguntei. Nunca se podia saber, mas o primeiro parto de Lizzie fora rápido; ela tivera o pequeno Rodney sozinha e sem incidentes. Eu não achava que iríamos ter a mesma sorte esta noite, embora minha mente não pudesse deixar de visualizar esperançosamente minha chegada à cabana encontrando Lizzie já segurando o bebê, que viera ao mundo sem dificuldades.

— Não muito tempo — ele disse, arfando. — A bolsa d'água estourou de repente, quando estávamos todos na cama, e ela disse que era melhor eu vir chamá-la imediatamente.

Tentei não notar aquele "todos na cama" — afinal, ele ou Kezzie poderia estar dormindo no chão — mas o ménage dos Beardsley era a personificação literal do duplo sentido; ninguém que não conhecesse a verdade poderia pensar neles sem pensar em...

Não me dei ao trabalho de perguntar há quanto tempo ele e Kezzie estavam convivendo na cabana; pelo que Ian dissera, era provável que ambos estivessem lá o

tempo todo. Considerando as condições normais de habitação no interior, ninguém acharia estranha a ideia de um homem e sua mulher viverem com o irmão dele. E até onde a população geral de Ridge tinha conhecimento, Lizzie estava casada com Kezzie. E estava. Ela também estava casada com Jo, em consequência de uma série de maquinações que ainda me espantava, mas a família Beardsley mantinha esse fato em segredo, por ordem de Jamie.

— O pai dela estará lá — Jo disse, o hálito formando plumas brancas conforme ele se colocou ao meu lado onde o caminho se alargou. — E tia Monika. Kezzie foi buscá-los.

— Você deixou Lizzie sozinha? Arqueou os ombros, na defensiva, sem jeito. — Foi ela quem disse — falou simplesmente. Não me dei ao trabalho de responder, mas me apressei, até que uma pontada no meu flanco me fez diminuir um pouco o passo. Se Lizzie já não tivesse dado à luz e tido uma hemorragia ou alguma outra desgraça enquanto estava sozinha, seria uma boa ajuda ter "tia Monika" — a segunda esposa do sr. Wemyss — por perto. Monika Berrisch Wemyss era uma alemã, com um inglês limitado e excêntrico, mas imensurável coragem e bom-senso.

O sr. Wemyss tinha sua parcela de coragem, também, embora de um jeito mais sossegado. Ele nos aguardava na varanda, com Kezzie, e era óbvio que o sr. Wemyss estava dando apoio ao seu genro, e não o contrário. Kezzie claramente torcia as mãos e saltitava de um pé para o outro, enquanto a figura frágil do sr. Wemyss inclinava-se para ele, reconfortando-o, a mão em seu braço. Ouvi murmúrios e então eles nos viram e voltaram-se para nós, a esperança repentina visível na forma como se empertigaram.

Um uivo longo e surdo veio da cabana e todos os homens enrijeceram-se como se um lobo tivesse saltado da escuridão em cima deles.

— Bem, pelo som, ela está bem — eu disse fracamente, e todos eles soltaram a respiração ao mesmo tempo, de forma audível. Tive vontade de rir, mas achei melhor não o fazer, e empurrei a porta.

— Ugh — Lizzie exclamou, erguendo os olhos da cama. — Oh, é a senhora. Graças a Deus!

— Gott bedanket, sim — concordou tia Monika, tranquilamente. Ela estava de quatro, limpando o chão com um pedaço de pano. — Não falta muito mais agora, espero.

— Eu também espero — Lizzie disse, com uma careta. — GAAAAARRRRRRGH! — Seu rosto congestionou-se em um ricto e ficou vermelho, e seu corpo inchado arqueou-se para trás. Ela mais parecia alguém com tétano do que uma mulher grávida, mas felizmente o espasmo durou pouco e ela desabou em um monte mole, arquejando. — Não foi assim, da última vez — ela se queixou, abrindo um dos olhos enquanto eu apalpava seu abdômen.

— Nunca é igual — eu disse distraidamente. Um rápido olhar fez meu coração dar um salto; a criança não estava mais atravessada. Por outro lado.... também não estava na posição inteiramente certa, de cabeça para baixo. Não estava se movendo, os bebês geralmente não se moviam durante o parto, e, enquanto eu achava ter localizado a cabeça embaixo das costelas de Lizzie, não tinha nenhuma certeza quanto à disposição do resto do corpo.

— Deixe-me dar uma olhada aqui... — Ela estava despida, coberta com uma colcha. Sua combinação molhada estava pendurada nas costas de uma cadeira, soltando vapor diante da lareira. A cama, entretanto, não estava encharcada e eu deduzi que ela sentira a ruptura de suas membranas e ficara em pé rapidamente, antes do rompimento da bolsa.

Eu tive medo de olhar e soltei a respiração com sonoro alívio. O principal receio com um parto pélvico — em que as partes do feto a surgir primeiro são os pés ou as nádegas — é que parte do cordão umbilical sofra um prolapso quando as membranas se rompem, o laço então se apertando entre a pélvis e alguma parte do feto. No entanto, não havia nenhum sinal do cordão umbilical e um rápido exame indicou que a cérvix uterina estava quase abolida.

A única coisa a fazer agora era esperar para ver o que surgiria primeiro. Desfiz minha trouxa e — empurrando o rolo de arame afiado apressadamente para baixo de uma pilha de panos — estendi a lona encerada, içando Lizzie para cima dela com a ajuda de tia Monika.

Monika pestanejou e olhou para a caminha onde o pequeno Rodney dormia quando Lizzie soltou outro daqueles uivos sobrenaturais. Ela olhou para mim em busca de confirmação de que não havia nada de errado, em seguida segurou as mãos de Lizzie, murmurando suavemente em alemão, enquanto Lizzie gemia e arquejava.

A porta rangeu delicadamente e eu virei-me, vendo um dos Beardsley espreitando para dentro, o rosto exibindo uma mistura de temor e esperança.

— Já chegou? — sussurrou com voz rouca.

— NÃO! — Lizzie berrou, sentando-se abruptamente na cama. — Tire o focinho da minha vista ou arrancarei suas bolas! Todas as quatro!

A porta fechou-se prontamente e Lizzie acalmou-se, bufando.

— Eu os odeio — disse através de dentes cerrados. — Quero que morram!

Hum-hum — eu disse, solidariamente. — Bem, tenho certeza que ao menos eles estão sofrendo.

— Ótimo. — Ela passou da fúria para a comoção em uma fração de segundo, as lágrimas assomando aos seus olhos. — Eu vou morrer?

— Não — eu disse, com toda confiança que consegui reunir. — AAAAAAAAAARRRRRRGGGGG!

— Gruss Gott — tia Monika exclamou, fazendo o sinal da cruz. — Ist gut?

— Ja — respondi, ainda com confiança. — Será que haveria alguma tesoura...?

— Oh, ja — ela respondeu, pegando a bolsa. Apresentou uma pequena tesoura de bordado, muito usada e que um dia já fora dourada. — É isso que procura?

— Danke. — MALDIRRRRRRRGGGG! Monika e eu olhamos simultaneamente para Lizzie.

— Não exagere — eu disse. — Eles estão com medo, mas não são idiotas. Além do mais, vai assustar seu pai. E Rodney — acrescentei, com um rápido olhar para o pequeno monte de cobertas no pequeno catre.

Ela se acalmou, ofegante, mas conseguiu fazer um leve sinal de assentimento com a cabeça e esboçar um ligeiro sorriso.

Os acontecimentos se aceleraram rapidamente depois disso; ela era rápida. Verifiquei seu pulso, depois a cervice, e senti meu próprio coração acelerar quando toquei o que obviamente era um pezinho, na saída. Eu conseguiria pegar o outro?

Olhei para Monika, avaliando tamanho e força. Ela era forte como um cordel de chicote, eu sabia, mas não muito corpulenta. Lizzie, por outro lado, estava do tamanho de... bem, Ian não estava exagerando quando achou que ela teria gêmeos.

A ideia arrepiante de que ainda pudessem ser gêmeos fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem, apesar do calor úmido da cabana.

Não, disse com firmeza a mim mesma. Não é, você sabe que não. Um só já vai ser bastante difícil.

— Vamos precisar de um dos homens para ajudar a segurar seus ombros para cima — eu disse a Monika. — Chame um dos gêmeos, sim?

— Os dois — Lizzie disse, arquejante, enquanto Monika se dirigia para a porta. — Um só será... — Os dois! Hmmmmmmggggg...

— Os dois — eu disse a Monika, que assentiu de maneira conformada. Os gêmeos entraram com uma lufada de ar frio, os rostos máscaras idênticas, coradas de temor e empolgação. Sem que eu dissesse qualquer coisa a eles, dirigiram-se diretamente para Lizzie, como duas limalhas de ferro para um ímã. Ela conseguira se sentar e um deles ajoelhou-se atrás dela, as mãos delicadamente massageando seus ombros conforme relaxavam da última contração. Seu irmão sentou-se ao lado dela, um braço de apoio ao redor do que costumava ser sua cintura, a outra mão alisando para trás os cabelos suados em sua testa.

Tentei arrumar a colcha ao redor dela, sobre sua barriga protuberante, mas ela a afastou, acalorada e impaciente. A cabana estava repleta de um calor úmido, do caldeirão fumegante e do suor do esforço. Bem, presumivelmente os gêmeos estavam mais familiarizados com a anatomia dela do que eu, refleti, e entreguei a colcha à tia Monika. O recato não tinha lugar em um parto.

Ajoelhei-me diante dela, tesoura na mão, e fiz a episiotomia rapidamente, sentindo um pequeno jato de sangue quente pela minha mão. Eu raramente precisava fazer o corte do períneo em um parto rotineiro, mas neste caso eu iria precisar de espaço para manobra. Pressionei um dos meus panos limpos no corte, mas a quantidade de sangue era insignificante, e a parte de dentro de suas coxas estava marcada de muco ensanguentado, de qualquer forma.

Era, de fato, um pé; eu podia ver os dedos, longos, como os de uma rã, e olhei automaticamente para os pés de Lizzie, plantados firmemente no chão, de cada lado de mim. Não, os dela eram curtos e compactos; devia ser a influência dos gêmeos.

O cheiro úmido, pantanoso, de suor, sangue e líquido amniótico erguia-se como uma névoa do corpo de Lizzie e senti meu próprio suor escorrendo pelos meus flancos. Tateei para cima, enganchei um dedo ao redor do tornozelo e puxei o pé para baixo, sentindo a vida da criança mover-se em sua carne, embora o bebê propriamente não estivesse se movendo, indefeso no processo do nascimento.

O outro, eu precisava do outro. Tateando ansiosamente pela parede do abdômen entre uma contração e a seguinte, deslizei a outra mão pela perna emergente, encontrei a minúscula curva da nádega. Troquei de mão rapidamente e, com os olhos cerrados, encontrei a curva da perna dobrada. Droga, parecia ter o joelho enfiado sob o queixo... senti a firmeza flexível de minúsculos ossos cartilagosos, sólidos no esguicho de fluidos, a distensão de músculos... segurei um dedo, dois dedos, envolvendo o outro tornozelo, e — repetindo entre dentes "Segurem!", "Firme, não a deixem escorregar!", conforme as costas de Lizzie se arqueavam e suas nádegas deslizavam em minha direção — trouxe o segundo pé para baixo.

Sentei-me para trás, os olhos arregalados e respirando com força, embora não tivesse sido um esforço físico. O pequenino pé de rã torceu-se uma vez, depois arriou, conforme as pernas apareceram com o próximo empurrão.

— Outra vez, querida — murmurei, a mão na coxa retesada de Lizzie. — Mais um empurrão como esse.

Um rosnado das profundezas da terra quando Lizzie atingiu aquele ponto em que uma mulher já não se importa se vive, morre ou se racha ao meio, e a parte inferior do corpo da criança surgiu devagar, o umbigo pulsando como um grosso verme roxo enroscado sobre a barriga. Meus olhos estavam fixos nele, pensando, Obrigada, Senhor, obrigada, Senhor, quando pressenti a presença de tia Monika, espreitando intensamente por cima do meu ombro.

— Ist das bolas? — disse, intrigada, apontando para a genitália do bebê. Eu não tivera tempo de olhar, preocupada como estava com o cordão umbilical, mas olhei para baixo e sorri.

— Não. Ist eine Madchen — eu disse. O sexo do bebê estava edematoso; realmente parecia o equipamento de um menino, o clitóris projetando-se dos lábios vaginais inchados, mas não era.

— O quê? O que foi? — um dos Beardsley perguntava, inclinando-se para olhar.

— Você ganhou uma menininha — tia Monika lhe disse, radiante.

— Uma menina? — o outro Beardsley disse, arquejante. — Lizzie, temos uma filha!

— Querem fazer o favor de calar a boca?!? — Lizzie rosnou. — NNNNNNNGGGGG!

Nesse ponto, Rodney acordou e sentou-se abruptamente na cama, de boca aberta e olhos arregalados. Tia Monika pôs-se de pé imediatamente, retirando-o da cama antes que ele pudesse começar a gritar.

A irmã de Rodney vinha ao mundo relutantemente, centímetro a centímetro, empurrada pelas contrações. Eu contava mentalmente Um hipopótamo, dois hipopótamos... Do aparecimento do umbigo ao bem-sucedido aparecimento da boca e a primeira respiração, não podiam se passar mais do que quatro minutos antes que comesçassem a ocorrer danos cerebrais por falta de oxigênio. Mas eu não podia puxar e arriscar danos ao pescoço e à cabeça.

— Empurre, querida — eu disse, apoiando as mãos nos dois joelhos de Lizzie, a voz calma. — Com força, agora.

Trinta e quatro hipopótamos, trinta e cinco... Tudo que precisávamos agora era o queixo se engatar no osso pélvico. Quando a contração arrefeceu, deslizei os dedos apressadamente até o rosto da criança e levei dois dedos acima do maxilar superior. Senti a próxima contração a caminho e cerrei os dentes quando a sua força esmagou minha mão entre os ossos da pélvis e o crânio do bebê, mas não a retirei, com medo de perder minha tração.

Sessenta e dois hipopótamos... Relaxamento, e eu lentamente comecei a retirar a mão, puxando a cabeça da criança para frente, facilitando a passagem do queixo pela borda da pélvis...

Oitenta e nove hipopótamos, noventa hipopótamos... A criança estava pendurada do corpo de Lizzie, azulada e brilhante à luz do fogo, oscilando à sombra de suas coxas como o badalo de um sino — ou um corpo de um cadafalso, e eu afastei esse pensamento da mente...

— Não deveríamos tirar...? — tia Monika sussurrou, Rodney agarrado ao seu peito.

Cem. — Não — eu disse. — Não toque nele... nela. Ainda não. — A gravidade lentamente ajudava o parto. Puxar machucaria o pescoço, e se a cabeça surgisse...

Cento e dez hipo... eram muitos hipopótamos, pensei, distraidamente, visualizando rebanhos inteiros descendo em marcha para o banhado, onde iriam se espojar na lama, glooooooooooriosa...

— Agora — eu disse, preparada para limpar a boca e o nariz assim que emergissem, mas Lizzie não esperou pelo comando, e com um longo e fundo suspiro e um sonoro pop!, a cabeça surgiu inteira repentinamente e o bebê caiu nas minhas mãos como uma fruta madura.

Despejei um pouco mais da água fervente do caldeirão na bacia e acrescentei água fria do balde. O calor fez arder minhas mãos; a pele entre os nós dos meus dedos estava rachada do longo inverno e do uso constante de álcool diluído para esterilização. Eu acabara de costurar Lizzie e limpá-la, e o sangue flutuou de minhas mãos, redemoinhos escuros pela água.

Atrás de mim, Lizzie estava confortavelmente aconchegada na cama, vestida com uma camisa de um dos gêmeos, sua própria combinação ainda não estando seca. Ela ria com a euforia do parto e da sobrevivência, os gêmeos um de cada lado, cumulando-a de atenções, murmurando palavras de admiração e alívio, um prendendo para trás seus cabelos louros, soltos e suados, o outro beijando delicadamente seu pescoço.

— Está com febre, meu bem? — um deles perguntou, um tom de preocupação na voz. Isso me fez virar para olhar; Lizzie sofria de malária e, apesar de não sofrer uma crise há algum tempo, talvez o estresse do parto...

— Não — ela disse, beijando Jo ou Kezzie na testa. — Só estou corada de felicidade. — Kezzie ou Jo sorriu com veneração, radiante, enquanto seu irmão assumia os serviços de beijar o pescoço do outro lado.

Tia Monika tossiu. Ela havia limpado o bebê com um pano úmido e alguns chumaços de lã que eu havia trazido — macios e oleosos com lanolina — e agora o enrolava em um cobertor. Rodney há muito ficara entediado com os procedimentos e fora dormir no chão, junto ao cesto de lã, o polegar na boca.

— Seu pai, Lizzie — ela disse, um leve tom de reprovação na voz. — Ele vai pegar um resfriado lá fora. Und die Midel ele quer ver, mit você, mas talvez não tanto mit der.. — Conseguiu inclinar a cabeça na direção da cama, enquanto simultaneamente desviava os olhos recatadamente do alegre trio sobre ela. O sr. Wemyss e seus genros tiveram uma cautelosa reconciliação após o nascimento de Rodney, mas era melhor não forçar a situação.

Suas palavras sacudiram os gêmeos, que saltaram prontamente da cama, um abaixando-se para pegar Rodney, que segurou no colo com carinho, o outro correndo para a porta para chamar o sr. Wemyss, esquecido na varanda com a empolgação.

Apesar de ligeiramente azulado nas extremidades, o alívio fez seu rosto fino iluminar-se como se estivesse aceso por dentro. Sorriu com sincera alegria para

Monika, reservando um olhar e uma cuidadosa palmadinha para a trouxinha enrolada no cobertor — mas sua atenção era toda para Lizzie, e dela para ele.

— Suas mãos estão geladas, papai — ela disse, com uma risadinha, mas segurando-o com mais força quando ele ameaçou se afastar. — Não, fique aqui; estou bem aquecida. Sente-se aqui ao meu lado e cumprimente sua netinha. — Sua voz traía um tímido orgulho, enquanto estendia a mão para tia Monika.

Monika colocou o bebê delicadamente nos braços de Lizzie e ficou parada, com uma das mãos no ombro do sr. Wemyss, seu próprio rosto maltratado pelo tempo suavizado por algo muito mais profundo do que afeto. Não pela primeira vez, me surpreendi — e fiquei levemente envergonhada por estar surpresa — com a profundidade de seu amor pelo frágil e silencioso homenzinho.

— Oh! — o sr. Wemyss exclamou baixinho. Seu dedo tocou a face do bebê; eu podia ouvi-la fazer pequenos ruídos de sucção. No começo, ela parecia chocada com o trauma do nascimento e sem interesse no seio, mas obviamente começava a mudar de ideia.

— Ela deve estar com fome. — Um farfalhar de cobertas quando Lizzie pegou o bebê e levou-o ao peito com mãos práticas.

— Como vai chamá-la, a leannan? — o sr. Wemyss perguntou.

— Eu não havia pensado realmente em um nome de menina — Lizzie respondeu. — Ela era tão grande, achei que certamente era um... ai! — Ela riu, um som baixo e afetuoso. — Havia me esquecido como um bebê recém-nascido pode ser voraz. Aai! Pronto, a chuisle, sim, assim está melhor...

Levei a mão ao saco de lã para esfregar minhas próprias mãos ásperas com um dos chumaços macios e oleosos, e por acaso avistei os gêmeos, parados a um canto, lado a lado, os olhos fixos em Lizzie e sua filha, ambos com uma expressão igual à de tia Monika. Sem afastar os olhos, o Beardsley que segurava Rodney inclinou a cabeça e beijou o topo da cabecinha redonda do menino.

Tanto amor em um lugar tão pequeno. Virei-me, meus próprios olhos embaçados. Importaria, realmente, o quanto inortodoxo era o casamento no seio daquela família estranha? Bem, importaria para Hiram Crombie, pensei. O líder dos rígidos imigrantes presbiterianos de Thurso iria querer que Lizzie, Jo e Kezzie fossem apedrejados, no mínimo — juntamente com o fruto pecaminoso de sua união.

Nenhuma chance de isso acontecer enquanto Jamie estivesse em Ridge — mas e quando ele fosse embora? Devagar, limpei o sangue de baixo das minhas unhas, esperando que Ian tivesse razão sobre a capacidade de discrição — e de engodo — dos Beardsley.

Distraída por essas considerações, eu não notara tia Monika, que se aproximara silenciosamente de mim.

— Danke — ela disse suavemente, colocando a mão nodosa no meu braço.

— Gern geschehen. — Coloquei minha mão sobre a dela e apertei-a delicadamente.
— Você foi uma grande ajuda. Obrigada.

Ela sorriu, mas uma ruga de preocupação formou-se em sua fronte.

— Nem tanto. Mas estou com medo, ja? — Ela olhou por cima do ombro na direção da cama, depois novamente para mim. — O que acontecerá da próxima vez, quando você não estiver hier? Eles não param, você sabe — acrescentou, discretamente fazendo um círculo com o polegar e o indicador e enfiando nele o dedo médio da outra mão, em uma ilustração nada discreta do que ela queria dizer exatamente.

Transformei apressadamente uma risada em um acesso de tosse, que felizmente foi ignorada pelas partes relevantes, embora o sr. Wemyss olhasse por cima do ombro, ligeiramente preocupado.

— Você estará aqui — eu disse a ela, recobrando-me. Ela pareceu horrorizada.

— Eu? Nein — disse, sacudindo a cabeça. — Das reicht nicht. Eu... cutucou o próprio peito magro com o dedo indicador, ao ver que eu não compreendia. — Eu... não sou suficiente.

Respirei fundo, sabendo que tia Monika tinha razão. E no entanto...

— Terá que ser — eu disse, brandamente. Ela piscou uma vez, os olhos castanhos, grandes e sensatos, fixos nos meus. Em seguida, balançou a cabeça devagar, aceitando.

— Mein Gott, hilf mir — ela disse.

Jamie não conseguira voltar a dormir. Ele tinha dificuldade em dormir ultimamente e quase sempre ficava deitado, acordado até tarde, observando o clarão das brasas na lareira e remoendo os pensamentos ou buscando respostas nas sombras das vigas acima. Se conseguisse adormecer com facilidade, em geral acordava mais tarde, repentinamente, suando. Mas ele sabia o que causava isso e o que fazer a respeito.

A maior parte de suas estratégias para atingir o sono envolvia Claire — conversar, fazer amor com ela — ou simplesmente ficar olhando para ela enquanto dormia, encontrando consolo na curva longa e sólida de sua clavícula ou na comovente forma de suas pálpebras cerradas, deixando o sono fluir do tranquilo calor de seu corpo e dominá-lo.

Mas Claire, é claro, não estava ali. Meia hora rezando o rosário convenceu-o de que já fizera o suficiente nessa direção quanto era necessário ou desejável pelo bem de Lizzie e sua iminente criança. Rezar o rosário por penitência — sim, fazia sentido, particularmente se tivesse que fazê-lo de joelhos. Ou para acalmar a mente de alguém, fortalecer o espírito ou buscar a sabedoria da meditação sobre assuntos sagrados, sim, isso, também. Mas não como uma súplica. Se ele fosse Deus, ou

mesmo a Virgem Maria, que era conhecida pela paciência, acreditava que acharia tedioso ouvir por mais de uma década alguém dizendo por favor sobre alguma coisa repetidamente, sem parar, e certamente não fazia sentido aborrecer uma pessoa cuja ajuda você buscava, não é mesmo?

Ora, as preces gaélicas pareciam muito mais úteis para esse propósito, sendo como eram concentradas em uma bênção ou pedido específico, e mais agradáveis, tanto em ritmo quanto em variedade. Se lhe perguntassem, embora fosse pouco provável que alguém o fizesse.

— *Moire gheal És Bhride; Mar a rug Anna Moire, Mar a rug Moire Criosda, Mar a rug Eile Eoin Baistidh Gun mhar-bhith dha dhi, Cuidichnah asaid, Cuidicha Bhtide!*

Mar a gheineadh Criosd am Moire Comhliont air gach laimh, Cobhaira mise, mhoime,

An gein a thoir bhon chnaimh; S mar a chomhn thu Oigh an t-solais, Gun or, gun odh, gun ni, Comhn i's mor a th'othrais, Comhna Bhride!

Ele murmurava enquanto subia.

Santa Maria e Brígida; Como Anna gerou Maria E Maria gerou Cristo, Como Eile gerou João Batista Na perfeição, Ajude-a em seu parto, Ajude-a, Ó Brígida!

Como Cristo foi concebido de Maria Em toda a perfeição, Ajude-me, minha mãe adotiva, A concepção trazer do osso; E como realmente ajudou a Virgem da alegria, Sem ouro, sem grãos, sem gado, Ajude-a, grande é sua doença, Ajude-a, ó Brígida!

Ele deixara a cabana, não conseguindo suportar o abafado confinamento, e vagou contemplativamente por Ridge sob a neve, repassando listas mentalmente. Mas o fato é que todos os seus preparativos já tinham sido feitos, salvo o carregamento dos cavalos e mulas, e sem realmente pensar nisso viu que estava subindo a trilha na direção da cabana dos Beardsley. A neve parara de cair, mas o céu estendia-se cinzento e suave no alto, e um lençol branco e frio desdobrava-se suavemente sobre as árvores e parava a corrida do vento.

Santuário, ele pensou. Não era, é claro — não havia lugar seguro em tempos de guerra —, mas a sensação da noite na montanha o fazia lembrar o interior de igrejas: uma grande paz, à espera.

Notre Dame de Paris... St. Giles, em Edimburgo. Pequenas igrejas de pedras nas Highlands, onde ele fora algumas vezes nos anos em que estivera escondido, quando achava seguro. Fez o sinal da cruz, ao se lembrar disso; as pedras nuas, em geral nada além de um altar de madeira no interior — no entanto, o alívio de entrar, sentar-se no chão se não houvesse bancos, apenas ficar lá sentado, sabendo que não

estava sozinho. Santuário.

Quer tenha sido o pensamento de igrejas ou de Claire, lembrou-se de outra igreja — aquela em que se casaram, e riu consigo mesmo diante da lembrança. Não, não foi uma espera tranquila. Ainda podia sentir o estrondo de seu coração contra as costelas ao entrar, o odor de seu suor — cheirava a um bode no cio e esperava que ela não notasse —, a impossibilidade de respirar normalmente. E a sensação da mão dela na dele, seus dedos pequenos e gelados, agarrando os seus para se firmar.

Santuário. É o que foram um para o outro na ocasião — e ainda eram agora. Sangue do meu sangue. O minúsculo corte cicatrizara, mas ele esfregou a ponta de seu polegar, sorrindo da maneira prosaica como Claire fizera os votos.

Avistou a cabana e viu Joseph Wemyss esperando na varanda, encolhido e batendo os pés para se esquentar. Estava prestes a chamá-lo, quando a porta abriu-se repentinamente e um dos gêmeos Beardsley — Santo Deus, o que eles estavam fazendo lá dentro? — estendeu a mão e segurou o sogro pelo braço, quase o arrancando do chão em seu entusiasmo.

E era entusiasmo, não tristeza ou terror; vira o rosto do rapaz perfeitamente à luz do fogo. Soltou a respiração que não sabia que estava prendendo, o vapor branco na escuridão. A criança nascera, então, e tanto ela quanto Lizzie sobreviveram.

Ele relaxou contra uma árvore, tocando o rosário em seu pescoço. — Moran taing — ele disse suavemente, em um agradecimento breve, mas sincero. Alguém na cabana colocara mais lenha na lareira; uma chuva de faíscas subiu da chaminé, iluminando a neve de vermelho e dourado, e silvando, negra, onde as cinzas caíam.

No entanto, o homem nasce para as dificuldades, tão certamente como as fagulhas voam para cima. Lera esta frase de Jó muitas vezes na prisão, sem conseguir entendê-la inteiramente. Fagulhas voando para cima não causavam nenhum problema, de um modo geral, a menos que você tivesse telhas de madeira muito secas; eram as que se lançavam direto da lareira que podiam atear fogo à sua casa. Ou, se o autor tivesse o intuito de dizer somente que era da natureza do homem estar em dificuldades — como obviamente era, se a sua própria experiência servisse de exemplo —, então, ele estaria fazendo uma comparação de inevitabilidade, dizendo que fagulhas sempre voam para cima — o que qualquer um que observasse uma fogueira por bastante tempo poderia lhe dizer que não o fazem.

Ainda assim, quem era ele para criticar a lógica da Bíblia, quando deveria estar repetindo salmos de louvor e gratidão? Tentou pensar em um, mas estava alegre demais para pensar em muita coisa.

Compreendeu com um pequeno choque que estava completamente feliz. O nascimento bem-sucedido da criança era por si mesmo um grande motivo de alegria, sem dúvida — mas também significava que Claire atravessara sua provação com sucesso e que os dois agora estavam livres. Deixariam Ridge sabendo que haviam

feito tudo que podia ser feito pelas pessoas que ficaram.

Sim, sempre havia tristeza em partir de casa — mas, neste caso, pode-se dizer que a casa é que os deixara, quando se incendiou, e de qualquer modo seu crescente senso de expectativa estava pesando mais na balança. Livre e longe dali, Claire ao seu lado, não mais tarefas diárias a fazer, não mais rixas mesquinhas a apaziguar, não mais viúvas e órfãos para manter — bem, esse era um pensamento indigno, sem dúvida, mas...

A guerra era algo terrível, e essa também seria — mas era inegavelmente empolgante, e o sangue acelerou em suas veias, do couro cabeludo às solas dos pés.

— Moran taing — disse outra vez, com sincera gratidão. Pouco tempo depois, a porta da cabana se abriu novamente, derramando luz na varanda, e Claire saiu, levantando o capuz de sua capa, seu cesto no braço. Vozes seguiram-na e as pessoas amontoaram-se na porta. Ela virou-se para acenar em despedida e a ouviu rir; o som de sua risada lançou uma eletrizante sensação de prazer pelo seu corpo.

A porta se fechou e ela começou a descer o caminho na escuridão cinzenta; pôde ver que ela cambaleava um pouco, de exaustão, e ainda assim tinha um ar diferente — achou que devia ser a mesma euforia que o animava.

— Como as fagulhas que voam para cima — murmurou consigo mesmo e, sorrindo, saiu do meio das árvores para encontrá-la.

Ela não se assustou, mas virou-se imediatamente e veio em sua direção, parecendo quase flutuar na neve.

— Deu tudo certo, então — ele disse, e ela suspirou e se aninhou em seus braços, sólida e quente dentro das dobras frias de sua capa. Ele enfiou as mãos por dentro e puxou-a para junto de si, dentro da lã de sua própria capa.

— Preciso de você, por favor — ela sussurrou, a boca contra a dele, e sem responder ele a tomou nos braços. Santo Deus, Claire tinha razão, aquela capa cheirava a carne morta; teria o homem que lhe vendera a capa a usado para carregar um veado estripado da floresta? Beijou-a profundamente, em seguida colocou-a no chão e conduziu-a pela colina abaixo, a neve fraca parecendo se derreter de seus pés conforme andavam.

Pareceu não levar tempo algum até o estábulo; conversaram um pouco no caminho, mas não saberia dizer sobre o quê. Só o que importava era estarem na companhia um do outro.

Não estava exatamente aconchegante dentro do estábulo, mas também não estava gelado. Acolhedor, ele pensou, com o cheiro agradável e quente dos animais na escuridão. A estranha luz cinzenta do céu filtrava-se para dentro, apenas o suficiente para se ver as formas curvas dos cavalos e mulas cochilando em suas baias. E havia feno seco para se deitarem, apesar de velho e um pouco mofado.

Estava frio demais para se despirem, mas ele estendeu sua capa sobre a

palha, deitou Claire sobre ela, e ele sobre Claire, ambos tremendo de frio enquanto se beijavam, de modo que seus dentes batiam, e eles se afastaram, rindo.

— Isso é tolice — ela disse —, posso ver minha respiração e a sua. Está frio suficiente para soprar anéis de vapor. Vamos ficar congelados.

— Não, não vamos. Sabe como os índios fazem fogo? — O que, esfregando um galho seco em... — Sim, fricção. — Ele erguera suas saias; sua coxa estava lisa e fria sob sua mão. — Mas vejo que não vai ser a seco. Santo Deus, Sassenach, o que andou fazendo? — Ele segurou-a com firmeza na palma de sua mão, quente, macia e (unida, e ela deu um gritinho com o frio do toque de sua mão, alto o suficiente para uma das mulas resfolegar, assustada. Claire contorceu-se, apenas o suficiente para ele tirar a mão do meio de suas pernas e inserir outra coisa, depressa.

— Vai acordar o estábulo inteiro — ele observou, ofegante. Deus, o choque envolvente de seu calor deixou-o tonto.

Ela correu as mãos frias por baixo da camisa dele e beliscou seus mamilos, com força, e ele soltou um ganido, depois riu.

— Faça de novo — ele disse e, inclinando-se, enfiou a língua em sua orelha fria pelo prazer de ouvi-la guinchar. Ela contorceu-se e arqueou as costas, mas não — ele notou — desviou a cabeça. Ele prendeu o lóbulo de sua orelha delicadamente entre os dentes e começou a roçar a carne, ao mesmo tempo fazendo amor devagar e rindo consigo mesmo dos ruídos que ela fazia.

Foram longos meses de sexo em silêncio. As mãos de Claire estavam ocupadas em suas costas; ele abrira apenas a braguilha das calças e tirara a barra de sua camisa do caminho, mas ela puxara sua camisa para cima e descobrira suas costas, enfiando as duas mãos por dentro de suas calças e agarrando suas nádegas com força. Ela puxou-o para si ainda mais, cravando as unhas em sua carne, e ele compreendeu. Solto sua orelha, ergueu-se nas mãos e cavalgou-a com força, a palha farfalhando ao redor deles como estalidos de uma fogueira.

Ele teve vontade de soltar-se imediatamente, liberar-se e cair sobre ela, segurá-la contra seu corpo e sentir o cheiro de seus cabelos em uma sonolência de calor e alegria. Um indistinto senso de obrigação o fez lembrar que ela havia lhe pedido, que ela precisava daquilo. Não podia decepcioná-la.

Ele fechou os olhos e diminuiu o ritmo, abaixou-se sobre ela, de modo que seu corpo retesou-se e ergueu-se ao longo do dele, o tecido de suas roupas embolando-se entre eles. Ele levou a mão por baixo dela, segurou sua nádega nua e deslizou os dedos na fenda quente de seu traseiro. Deslizou-os um pouco mais e ela arquejou. Seus quadris elevaram-se, tentando se liberar, mas ele riu no fundo da garganta e não permitiu. Meneou o dedo.

— Faça isso de novo — ele sussurrou em seu ouvido. — Faça esse barulho para mim outra vez.

Ela fez um melhor ainda, um que ele nunca ouvira, e moveu-se abruptamente sob ele, tremendo e gemendo.

Ele retirou o dedo e acariciou-a, leve e rapidamente, por todas as partes profundas e lubrificadas, sentindo o próprio pênis sob seus dedos, grande e escorregadio, afastando...

Ele próprio emitiu um terrível ruído — como o de uma vaca morrendo —, mas estava feliz demais para sentir vergonha.

— Você não é nem um pouco recatada, Sassenach — ele murmurou um instante depois, inalando o cheiro de almíscar e vida nova. — Mas eu gosto de você assim.

*SUFICIENTE*

Eu me despedi, começando pela casinhola de refrigeração na fonte. Fiquei lá dentro por um instante, ouvindo o gorgolejar da corrente de água em seu canal de pedra, respirando o cheiro frio, fresco, do lugar, com seus suaves aromas adocicados de leite e manteiga. Ao sair, virei à esquerda, passando pelas paliçadas envelhecidas da minha horta, cobertas com os remanescentes farfalhantes e desmantelados das trepadeiras de abóbora. Parei, hesitando; eu não colocara mais o pé na horta desde o dia em que Malva e seu filho morreram ali. Apoiei as mãos em duas das estacas de madeira da cerca, inclinando-me para frente para olhar para dentro.

Fiquei feliz por não ter olhado antes; eu não teria suportado vê-la em sua desolação de inverno, as hastes assoladas, enegrecidas e rígidas, os restos de folhas mortas, apodrecidas no solo. Ainda era uma visão para dar uma pontada no coração de um jardineiro, porém não mais desolada. Folhas novas, verdes, brotavam por toda parte, salpicadas de pequenas flores; a bondade da primavera espalhando guirlandas sobre os ossos do inverno. É bem verdade que metade do verde que crescia era de capim e ervas daninhas; quando chegasse o verão, a floresta teria reclamado de volta o terreno da horta, sufocando os brotos raquíticos de repolhos e cebolas. Amy fizera um novo canteiro de legumes e verduras perto da velha cabana; nem ela, nem ninguém em Ridge colocariam o pé ali.

Algo se mexeu no capim e eu vi uma pequena cobra-touro passar, caçando. A visão de alguma coisa viva me reconfortou, por menos que eu gostasse de cobras, e sorri quando levantei os olhos e vi que as abelhas zumbiam de um lado para o outro de uma das antigas colmeias em tronco oco que subsistira no fundo da horta.

Olhei por último para o local onde eu plantava verduras; fora ali que ela morrera. Na lembrança, eu sempre via o sangue se espalhando, imaginava-o ainda lá, uma mancha permanente, encharcada e escura, entranhada na terra, entre as ruínas desbaratadas de alfaces arrancadas e folhas murchas. Mas ele desaparecera; nada marcava o lugar, salvo um círculo de cogumelos, minúsculas cabeças brancas bisbilhotando do meio do capim.

— Agora, vou me levantar e vou embora — eu disse baixinho —, vou para Innee, para uma pequena cabana que existe lá, de pau a pique; lá, terei nove fileiras

de feijão, uma colmeia para mel de abelhas, e viverei sozinho na clareira da selva, em meio ao zunzum de abelhas. — Parei por um instante e, quando me virei, acrescentei num sussurro: — E deverei ter um pouco de paz lá, pois a paz vem gotejando pouco a pouco.

Em seguida, desci o caminho rapidamente; não havia necessidade de dar destaque às ruínas da casa, nem à porca branca. Eu me lembraria delas sem esforço. Quanto ao armazém de milho e ao galinheiro — se já viu um, já viu todos.

Pude ver o pequeno ajuntamento de cavalos, mulas e pessoas movendo-se no lento caos da partida iminente na frente da cabana. No entanto, eu ainda não estava totalmente pronta para despedidas e entrei na floresta para recuperar o autocontrole.

O capim estava alto ao lado da trilha, macio e leve como plumas contra a bainha de minhas saias pesadas. Algo mais pesado do que capim roçou-as e eu olhei para baixo, e vi Adso. Eu procurara por ele no dia anterior; bem típico dele aparecer no último instante.

— Então, aí está você — eu disse, em tom de censura. Olhou para mim com seus olhos imensos e calmos, verde-claros, e lambeu uma pata. Movida por um impulso, peguei-o no colo e segurei-o contra o peito, sentindo o rumor de seu ronronar e o pelo espesso e macio de sua barriga cinza-prateada.

Ele ficaria bem, eu sabia. A floresta era sua reserva de caça particular e Amy Higgins gostava dele e me prometera lhe dar leite e um lugar quente junto à lareira no mau tempo. Eu sabia.

— Vá, então — eu disse, colocando-o no chão. Ele ficou parado por um instante, a cauda oscilando devagar, a cabeça levantada em busca de comida ou aromas interessantes, depois deu uns passos para dentro do capim e desapareceu.

Abaixei-me muito devagar, os braços cruzados, e estremei, chorando silenciosa e convulsivamente.

Chorei até minha garganta doer e não conseguir mais respirar, depois sentei na grama, enroscada em mim mesma como uma folha seca, as lágrimas que eu não conseguia estancar pingando nos meus joelhos como as primeiras gotas grandes de uma tempestade iminente. Oh, meu Deus. Isso era apenas o começo.

Esfreguei os olhos com força, espalhando as lágrimas, tentando limpar a tristeza e a dor. Um tecido macio tocou meu rosto e eu ergui os olhos, fungando, e vi Jamie ajoelhado à minha frente, o lenço na mão.

— Sinto muito — ele disse, brandamente.

— Não é... não se preocupe, eu... É apenas um gato — eu disse, e senti um novo aperto de dor, como uma faixa cingindo meu peito.

— Sim, eu sei. — Ele moveu-se para o meu lado e passou o braço ao redor dos meus ombros, puxando minha cabeça para seu peito, enquanto delicadamente enxugava meu rosto. — Mas você não pôde chorar pelas crianças. Nem pela casa.

Nem pela sua pequena horta. Nem pela pobre menina e seu filho. Mas, se você chorar por seu gatinho, você sabe que pode parar.

— Como você sabe disso? — Minha voz era rouca, mas a faixa ao redor de meu peito já não parecia tão apertada.

Ele fez um ruído pesaroso.

— Porque eu também não posso chorar por essas coisas, Sassenach. E eu não tenho um gato.

Funguei, limpei o rosto mais uma vez e assoei o nariz antes de lhe devolver o lenço, que ele enfiou no sporran sem fazer careta ou pensar duas vezes.

Deus, ele dissera. Que eu seja suficiente. Essa prece se alojou em meu coração como uma flecha quando a ouvi e achei que ele pedia ajuda para fazer o que tinha que ser feito. Mas não fora isso absolutamente — e a compreensão do que ele de fato quis dizer partiu meu coração.

Tomei seu rosto entre as mãos e desejei que eu tivesse seu próprio dom, a capacidade de dizer o que se passava em meu coração, de tal forma que ele saberia. Mas eu não tinha.

— Jamie — eu disse por fim. — Oh, Jamie. Você é... tudo. Sempre. Uma hora depois, partimos de Ridge.



INQUIETAÇÃO

Ian deitou-se com uma saca de arroz sob a cabeça como travesseiro. Era dura, mas ele gostava do sussurro dos pequenos grãos quando virava a cabeça e do leve cheiro de amido. Rollo fuçou embaixo do xale escocês, resfolegando enquanto disfarçadamente se aproximava do corpo de Ian, terminando com o focinho confortavelmente enterrado debaixo do seu braço. Ian afagou as orelhas do cachorro amorosamente, depois ficou de costas, observando as estrelas.

A lua era apenas uma lâmina fina, como a apara de uma unha, e as estrelas eram grandes e brilhantes no céu roxo-escuro. Traçou as constelações no alto. Ele veria as mesmas estrelas na Escócia?, perguntou-se. Não prestava muita atenção às estrelas quando estava em casa nas Highlands. E não se podia ver nenhuma estrela em Edimburgo, por causa da fumaça das chaminés.

Sua tia e seu tio estavam deitados do outro lado da fogueira abafada, juntos o bastante para parecerem um único tronco de árvore, compartilhando o calor de seus corpos. Ele viu os cobertores se mexerem, sossegarem, mexerem-se outra vez, e em seguida uma imobilidade, à espera. Ouviu um sussurro, baixo demais para ele compreender as palavras, mas a intenção por trás delas era bastante clara.

Ele manteve a respiração regular, um pouco mais alta do que o normal. Um momento, e os movimentos furtivos recomeçaram. Era difícil enganar tio Jamie, mas há ocasiões em que um homem quer ser enganado.

Sua mão pousou de leve na cabeça do cachorro e Rollo suspirou, o enorme corpo afrouxando-se, quente e pesado contra ele. Se não fosse pelo cachorro, ele jamais conseguiria dormir ao ar livre. Não que alguma vez dormisse profundamente, ou por muito tempo — mas ao menos podia se abandonar de vez em quando à necessidade física de sono, confiante de que Rollo ouviria qualquer passo muito antes dele.

— Você está bastante seguro — seu tio Jamie lhe dissera, na primeira noite na estrada. Ele não conseguira dormir na ocasião por nervosismo, mesmo com a cabeça de Rollo em seu peito, e se levantara para se sentar junto à fogueira, atijando as brasas com um galho fino até as chamas se erguerem na noite, puras e vívidas.

Ele tinha plena consciência de que era perfeitamente visível para qualquer

peessoa que estivesse espreitando, mas não havia nada a fazer a respeito disso. E se ele tinha um alvo pintado no peito, iluminá-lo não iria fazer muita diferença.

Rollo, deitado, alerta, ao lado da fogueira cada vez mais forte, levantara a enorme cabeça repentinamente, mas apenas a virou na direção de um leve ruído na escuridão. Isso significava alguém conhecido e Ian não se preocupou, nem ficou surpreso quando seu tio saiu da floresta onde fora se aliviar e sentou-se a seu lado.

— Ele não quer vê-lo morto, sabe — tio Jamie dissera sem preâmbulos. — Você está bastante seguro.

— Não sei se quero estar seguro — ele extravasara, e seu tio olhara para ele, o rosto transtornado, mas não surpreso. Tio Jamie, porém, apenas balançara a cabeça.

Ele sabia o que seu tio queria dizer; Arch Bug não queria que ele morresse, porque isso acabaria com sua culpa, e portanto com seu sofrimento. Ian olhara dentro daqueles olhos de ancião, o branco amarelado e rajado de vermelho, lacrimejando de frio e de dor, e vira algo ali que congelara o âmago de sua alma. Não, Arch Bug não iria matá-lo — ainda.

Seu tio fitava o fogo, a luz quente nos ossos largos de seu rosto, e a visão tanto deu conforto quanto pânico a Ian.

Você não vê?, ele pensara, angustiado, mas não falou nada. Ele disse que tiraria aquilo que eu amo. E aí está você a meu lado, claro como o dia.

A primeira vez em que o pensamento lhe ocorrera, ele o afastara; o velho Arch devia muito a tio Jamie, pelo que ele fizera pelos Bug, e ele era um homem de reconhecer suas dívidas — embora talvez mais disposto a reclamar uma dívida. E ele não tinha a menor dúvida de que Bug também respeitava seu tio como homem. Durante algum tempo, isso parecera resolver a questão.

Mas outros pensamentos começaram a lhe ocorrer, inquietantes, monstros de muitas pernas, que rastejavam em noites insones, desde que ele matara Murdina Bug.

Arch era velho. Rígido como uma lança endurecida no fogo e duas vezes mais perigoso — mas velho. Ele lutara em Sheriffmuir; devia estar perto dos oitenta anos. A vingança poderia mantê-lo vivo por algum tempo, mas todo corpo tinha que chegar ao fim. Ele poderia muito bem pensar que não tinha tempo para esperar que Ian adquirisse "algo que valesse a pena tomar". Se ele pretendia cumprir a ameaça, precisaria agir sem demora.

Ian podia ouvir os tênues movimentos e ruídos do outro lado do fogo, e engoliu, a boca seca. O velho Arch podia tentar matar sua tia, pois sem dúvida Ian a amava, e ela seria muito mais fácil de matar do que tio Jamie. Mas não — Arch Podia estar enlouquecido de dor e raiva, mas não era louco. Ele saberia que tocar em tia Claire — sem matar tio Jamie ao mesmo tempo — seria suicídio.

Talvez ele não se importasse. Esse era outro pensamento que rastejava pela sua barriga com pés pequenos e frios.

Devia deixá-los, sabia disso. Pretendera fazê-lo — ainda pretendia. Esperar até que tivessem adormecido, depois se levantar e ir embora furtivamente. Eles estariam a salvo, então.

Mas sua intenção malograra naquela primeira noite. Tentava reunir coragem, ali junto à fogueira, para partir — mas seu tio o impedira, saindo da floresta e sentando-se a seu lado, em silêncio, mas fazendo-lhe companhia, até Ian se sentir em condições de se deitar outra vez.

Amanhã, ele pensara. Afinal, não havia sinal de Arch Bug; não desde o funeral de sua mulher. E talvez ele esteja morto. Ele era velho, afinal, e estava sozinho.

E ele ainda tinha que considerar que, se fosse embora sem dizer nada, tio Jamie iria atrás dele. Ele deixara bem claro que Ian iria voltar para a Escócia, quer por vontade própria ou amarrado em um saco. Ian riu, apesar de seus pensamentos, e Rollo fez um pequeno resmungo quando o peito sob ele sacudiu-se em uma risada silenciosa.

Ele mal dedicara um único pensamento à Escócia e ao que poderia estar a sua espera.

Talvez fossem os ruídos do outro lado da fogueira que o fizeram pensar nisso — uma inspiração aguda, repentina, e os dois profundos suspiros que se seguiram, sua familiaridade propiciando-lhe uma vívida lembrança física da ação que causara aqueles suspiros —, mas ele imaginou se encontraria uma esposa na Escócia. Ele não poderia. Poderia? Bug seria capaz de segui-lo tão longe? Talvez ele já esteja morto, pensou novamente, remexendo-se um pouco. Rollo resmungou com um ruído gutural, reconhecendo os sinais, afastou-se dele e encolheu-se a certa distância.

Sua família estaria lá. Cercado pelos Murray, certamente ele — e uma mulher — estariam a salvo. Era simples espreitar e infiltrar-se pelas florestas densas ali nas montanhas — mas não tão simples nas Highlands, onde todo olho era aguçado e nenhum estranho passava despercebido.

Ele não sabia exatamente o que sua mãe faria ao vê-lo, mas depois que se acostumasse talvez conseguisse pensar em alguma jovem que não ficasse muito assustada com ele.

Uma forte inalação de ar e um som que não era bem um gemido de seu tio — ele fazia isso quando ela colocava a boca em seu mamilo; Ian a vira fazer isso uma ou duas vezes, na claridade das brasas da lareira da cabana, os olhos fechados, um rápido brilho molhado de dentes e seus cabelos caindo para trás dos ombros nus em uma nuvem de luz e sombra.

Colocou a mão em seu membro, tentado. Ele possuía uma coleção particular

de imagens que guardava cuidadosamente para esse fim — e não poucas de sua prima, embora isso o deixasse um pouco envergonhado. Afinal, ela era mulher de Roger Mac. Mas ele achara em determinado momento que ele próprio teria que se casar com ela e, apesar de aterrorizado com a perspectiva — ele tinha apenas dezessete anos e ela era bem mais velha —, sentira-se estimulado com a ideia de tê-la na cama.

Ele a observara de perto por vários dias, vendo seu traseiro redondo e sólido, a sombra escura de seu sexo ruivo sob a musselina fina de sua combinação quando ia se banhar, imaginando o êxtase de vê-lo claramente na noite em que ela se deitaria e abriria as pernas para ele.

O que estava fazendo? Não podia pensar em Brianna dessa forma, não a doze passos do pai dela!

Fez uma careta e fechou os olhos com força, a mão diminuindo o ritmo, conforme ele evocava outra imagem de sua biblioteca particular. Não a bruxa — não esta noite. Sua lembrança o excitava com grande urgência, em geral dolorosamente, mas era tingida por uma sensação de desamparo. Malva... Não, tinha medo de evocá-la; ele sempre achava que seu espírito nunca estava muito longe.

A pequena Mary. Sim, ela. Sua mão iniciou imediatamente seu ritmo e ele suspirou, fugindo com alívio para os pequenos seios rosados e para o sorriso encorajador da primeira garota com que se deitara.

Pairando, momentos depois, à beira de um sonho com uma jovem loura que era sua mulher, ele pensou sonolentemente: Sim, talvez ele já esteja morto.

Rollo fez um ruído rouco e dissonante em sua garganta e rolou sobre o corpo, ficando com as patas no ar.

*QUESTÕES DELICADAS**Londres**Novembro de 1776*

Havia muitas compensações em envelhecer, lorde John pensou. Sabedoria, perspectiva, posição na vida, o sentimento de realização, de tempo bem aproveitado, uma riqueza de afeto pelos amigos e pela família... e o fato de não precisar manter as costas pressionadas contra a parede quando conversava com lorde George Germain. Embora tanto seu espelho quanto seu criado pessoal lhe assegurassem que ele continuava apresentável, ele era pelo menos vinte anos velho demais para atrair a atenção do secretário de Estado, que gostava de rapazes de pele macia.

O funcionário que o fizera entrar atendia a essa descrição, sendo dotado também de longas pestanas escuras e uma boquinha macia. Grey não lhe destinou mais do que uma rápida olhadela; seus próprios gostos eram mais musculosos.

Não era cedo — conhecendo os hábitos de Germain, ele aguardara até uma hora —, mas o sujeito ainda mostrava os efeitos de uma longa noite. Bolsas e olheiras arroxeadas sublinhavam olhos semelhantes a ovos malcozidos, os quais inspecionaram Grey com nítida falta de entusiasmo. Ainda assim Germain esforçou-se para ser cortês, convidando-o a se sentar e mandando o funcionário de olhos de gazela buscar conhaque e biscoitos.

Grey raramente tomava uma bebida forte antes da hora do chá e queria estar com a mente clara agora. Assim, mal bebericou seu próprio conhaque, apesar de excelente, e Germain enfiou o famoso nariz Sackville — pontiagudo e proeminente, como um abridor de cartas — no próprio copo, inalou profundamente, em seguida esvaziou-o e serviu nova dose. O líquido pareceu ter algum efeito restaurador, pois ele emergiu do seu segundo copo parecendo um pouco mais feliz e perguntou a Grey como ele estava passando.

— Muito bem, obrigado — Grey disse educadamente. — Retornei recentemente da América e lhe trouxe várias cartas de conhecidos em comum de lá.

— Oh, é mesmo? — Germain animou-se um pouco. — Muita gentileza sua, Grey. Fez boa viagem?

— Tolerável. — Na verdade, fora insuportável; haviam atravessado um corredor de tempestades no Atlântico, o navio jogando e dando guinadas sem cessar durante dias a fio, a ponto de Grey ter desejado ardentemente que o navio afundasse, apenas para acabar com o sofrimento. Mas não queria desperdiçar tempo em conversas triviais. — Tive um encontro extraordinário, pouco antes de deixar a colônia da Carolina do Norte — ele disse, julgando que Germain já estava suficientemente desperto para ouvir. — Permita-me que lhe conte.

Germain era tanto vaidoso quanto mesquinho, e levava a arte da ambiguidade política às alturas — mas podia dedicar-se a uma questão quando queria, o que geralmente se dava quando ele percebia algum benefício próprio em determinada situação. A menção do Território Noroeste fez maravilhas para atrair sua atenção.

— Você não falou mais com esse Beauchamp? — Um terceiro copo de conhaque repousava junto ao cotovelo de Germain, pela metade.

— Não. Ele dera seu recado; não havia nada a ganhar com mais conversa, já que obviamente ele não tinha nenhum poder de agir por conta própria. E se tivesse a intenção de revelar a identidade de seus mandantes, já o teria feito.

Germain pegou o copo, mas não bebeu, girando-o nas mãos em vez disso, como um auxiliar do pensamento. Era um copo liso, não facetado, sujo com digitais e manchas da boca de Germain.

— Você conhece o sujeito? Por que ele procurou você particularmente? — Não, não estúpido, Grey pensou.

— Eu o conheci há muitos anos — respondeu, sem se alterar. — Durante o meu trabalho com o coronel Bowles.

Nada no mundo faria Grey revelar a verdadeira identidade de Percy a Germain; Percy fora — bem, ainda era — irmão adotivo dele próprio e de Hal, e somente a sorte e a própria determinação de Grey impediram um enorme escândalo na época da suposta morte de Percy. Alguns escândalos caem no esquecimento com o tempo — esse não.

A delineada sobrelha de Germain estremeceu à menção de Bowles, que chefiara a Black Chamber da Inglaterra durante muitos anos.

— Um espião? — Uma leve repugnância transpareceu em sua voz; espiões eram uma necessidade vulgar; não algo que um cavalheiro tocasse com as próprias mãos.

— Em certa ocasião, talvez. Aparentemente, ele subiu no mundo. — Pegou seu próprio copo, tomou um bom gole, afinal, era um conhaque excelente, recolocou-o sobre a mesa e levantou-se para se despedir. Sabia muito bem que não devia cutucar Germain com vara curta. O melhor era deixar a questão no colo do

secretário e confiar em seu próprio interesse em levar o assunto adiante.

Grey deixou Germain recostado em sua cadeira, fitando contemplativamente seu copo vazio, e pegou sua capa com o funcionário de lábios macios, cuja mão roçou a sua de passagem.

Não, refletiu, apertando a capa ao redor do corpo e enfiando mais o chapéu na cabeça contra o vento cada vez mais forte, que pretendia abandonar a questão ao caprichoso senso de responsabilidade de Germain. É verdade que Germain era o secretário de Estado para a América — mas essa não era uma questão que dissesse respeito apenas à América. Havia outros dois secretários de Estado no gabinete de lorde North — um para o Departamento do Norte, que abrangia toda a Europa, e outro para o Departamento do Sul, constituindo o resto do mundo. Preferia não ter que lidar com lorde Germain em momento algum. No entanto, tanto o protocolo quanto a política o impediam de ir direto a lorde North, que fora seu primeiro impulso. Ele daria um dia de vantagem a Germain, depois visitaria o secretário do Sul, Thomas Thynne, visconde de Weymouth, com a odiosa proposta do sr. Beauchamp. O secretário do Sul era encarregado de lidar com os países católicos da Europa, portanto questões com uma conexão francesa também eram de sua alçada.

Se os dois homens resolvessem assumir a questão, sem dúvida ela chamaria a atenção de lorde North — e North, ou um de seus ministros, procuraria Grey.

Uma tempestade formava-se no Tâmis; podia ver nuvens negras encapeladas, parecendo querer soltar sua fúria diretamente sobre o Parlamento.

— Um pouco de raios e trovões lhes fariam bem — murmurou funestamente, e chamou uma charrete de aluguel, quando os primeiros pingos grossos começaram a cair.

A chuva caía torrencialmente em lençóis de água quando ele chegou ao Beefsteak, e quase ficou ensopado com as três passadas que deu do meio-fio à porta do clube.

O sr. Bodley, o velho gerente, recebeu-o como se ele tivesse estado ali no dia anterior, em vez de um ano e meio atrás.

— Sopa de tartaruga com xerez esta noite, milorde — ele informou Grey, gesticulando para um criado pegar a capa e o chapéu molhados do recém-chegado. — Muito acolhedora para o estômago. Seguida de uma excelente costeleta de carneiro com batatas frescas?

— Ótimo, sr. Bodley — Grey respondeu sorrindo. Tomou seu lugar na sala de jantar, apaziguado pelo fogo forte da lareira e pelas toalhas e guardanapos brancos e frios. No entanto, ao se inclinar para trás, a fim de permitir que o sr. Bodley enfiasse o guardanapo embaixo de seu queixo, notou um novo acréscimo à decoração do aposento. — Quem é aquele? — perguntou, surpreso. O quadro, exibido em lugar de destaque na parede oposta, retratava um majestoso índio,

enfeitado com plumas de avestruz e mantos bordados. Parecia bastante estranho, situado como estava entre os retratos sóbrios de vários membros distintos, e na maioria falecidos.

— Oh, é o sr. Brant, claro — disse o sr. Bodley, com um ligeiro ar de reprovação. — Sr. Joseph Brant. O sr. Pin o trouxe para jantar no ano passado, quando ele estava em Londres.

— Brant?

As sobrelanceiras do sr. Bodley ergueram-se. Como a maioria dos londrinos, ele presumia que todos que já tinham estado na América deviam forçosamente conhecer todas as pessoas de lá.

— É um cacique mohawk, eu acho — ele disse, pronunciando cuidadosamente a palavra "mohawk". — Ele veio visitar o rei!

— É mesmo? — Grey murmurou. Imaginou quem teria ficado mais impressionado, o rei ou o índio?

O sr. Bodley se afastou, provavelmente para ir buscar a sopa, mas retornou em poucos minutos para depositar uma carta sobre a toalha diante de Grey.

— Esta lhe foi enviada aos cuidados do secretário, sir.

— Oh? Obrigado, sr. Bodley. — Grey pegou a carta, reconhecendo a caligrafia de seu filho imediatamente, e sofrendo um pequeno aperto no estômago em consequência. Por que William não quis enviar aos cuidados de sua avó ou de Hal?

Algo que ele não queria correr o risco de que qualquer um dos dois lesse. Sua mente forneceu a resposta lógica imediatamente e ele pegou a faca de peixe para abrir a carta com justa apreensão.

Seria Richardson? Hal não gostava do sujeito e desaprovava enfaticamente o fato de William trabalhar para ele, apesar de não ter nada de concreto para alegar contra ele. Talvez ele devesse ter sido mais cauteloso em colocar William nesse caminho em particular. Entretanto, era imprescindível tirar William da Carolina do Norte, antes que ele ficasse cara a cara com Jamie Fraser ou com Percy, o suposto Beauchamp.

E, na verdade, você tinha que deixar um filho partir, encontrar seu próprio caminho no mundo, por mais que isso lhe custasse; Hal lhe dissera isso, mais de uma vez. Três vezes, para ser exato, pensou com um sorriso — toda vez que um dos filhos de Hal entrara para a carreira militar.

Ele desdobrou a carta com cautela, como se ela pudesse explodir. Estava escrita com tanto cuidado que achou instantaneamente sinistro; Willie normalmente era legível, mas não acima de um ou outro borrão.

The Society for Appreciation of the English Beefsteak
De tenente William Lorde
Ellesmere, 7 de setembro de 1776
Long Island
Colônia Real de Nova York

Querido pai

Tenho uma questão um pouco delicada para confidenciar. Bem, eis uma frase capaz de congelar o sangue de qualquer pai, Grey pensou. Willie teria engravidado uma jovem, jogado e perdido uma grande soma, contraído uma doença venérea, sido desafiado ou desafiado alguém para um duelo? Ou ele teria se deparado com algo sinistro no decurso de seu serviço de inteligência, a caminho do general Howe? Estendeu a mão para o vinho e tomou um gole profilático antes de retornar, agora mais bem preparado, à carta. No entanto, nada poderia tê-lo preparado para a frase seguinte.

Estou apaixonado por lady Dorothea.

Grey engasgou-se, cuspiendo vinho na mão, mas gesticulou, dispensando o gerente que corria em sua direção com uma toalha, e em vez disso limpando a mão nas calças enquanto apressadamente passava os olhos pelo resto da página.

Há algum tempo, temos consciência de uma crescente atração entre nós dois, mas hesitei em fazer qualquer declaração, sabendo que logo estaria de partida para a América. Entretanto, nos vimos inesperadamente sozinhos no jardim durante o baile de lady Belvedere, na semana anterior à minha partida, e a beleza do cenário, a romântica sensação da noite e a inebriante proximidade da jovem dominaram minha capacidade de julgamento.

— Oh, Deus — lorde John exclamou em voz alta. — Diga-me que você não a deflorou debaixo de uma moita, pelo amor de Deus!

Percebeu o olhar interessado de um comensal vizinho e, com uma breve tosse, retornou à carta.

Coro de vergonha ao admitir que meus sentimentos me subjugaram, a tal ponto que hesito em pôr por escrito. Pedi desculpas, é claro, não que pudesse haver desculpas suficientes para conduta tão desonrosa. Lady Dorothea foi tanto generosa em seu perdão quanto veemente em sua insistência em que eu não fosse — como a princípio era meu desejo — procurar imediatamente seu pai.

— Muito sensato de sua parte, Dottie — Grey murmurou, visualizando muito claramente a reação de seu irmão a tal revelação. Só podia esperar que Willie

estivesse corando por alguma indiscrição bem distante de...

Eu pretendia pedir-lhe para falar com tio Hal por mim no ano que vem, quando devo voltar para casa e poder formalmente pedir a mão de lady Dorothea em casamento. No entanto, acabo de saber que ela recebeu outra proposta, do visconde Maxwell, e que tio Hal a está considerando seriamente.

Eu não mancharia a honra da dama de maneira alguma, mas nas circunstâncias ela obviamente não pode se casar com Maxwell.

Você quer dizer que Maxwell descobriria que ela não é virgem, Grey pensou soturnamente, e viria correndo no dia seguinte à noite de núpcias para contar a Hal. Passou a mão com força pelo rosto e continuou.

As palavras não podem transmitir meu remorso por meus atos, pai, e não posso pedir um perdão que não mereço, por desapontá-lo de maneira tão mortificante. Não por mim, mas por ela, imploro-lhe que fale com o duque. Espero que ele possa ser persuadido a considerar meu pedido e permitir que fiquemos noivos, sem a necessidade que ele faça tais descobertas explícitas que possam afligir a dama.

*Seu muito humilde filho pródigo,
William*

Ele se deixou afundar na cadeira e fechou os olhos. O choque inicial começava a se dissipar e sua mente a atracar-se com o problema.

Deveria ser possível. Não haveria nenhum impedimento a um casamento entre William e Dottie. Embora nominalmente primos, não havia laços de sangue entre eles; William era seu filho de todas as maneiras que importavam, mas não de sangue. E, embora Maxwell fosse jovem, rico e muito adequado, William era ele próprio um duque, assim como herdeiro do baronato dos Dunsany, e longe de ser pobre.

Não, essa parte estava certa. E Minnie gostava muito de William. Hal e os rapazes... bem, desde que nunca suspeitassem do comportamento de William, deveriam concordar. Por outro lado, se algum deles descobrisse, William teria sorte de escapar apenas sendo chicoteado e tendo todos os ossos do corpo quebrados. Assim como Grey.

Hal ficaria muito surpreso, é claro — os primos sempre se viam durante o tempo em que Willie passou em Londres, mas William nunca se referira a Dottie de uma maneira que indicasse...

Pegou a carta e leu-a outra vez. E outra vez. Largou-a e ficou olhando

fixamente para ela por vários minutos com os olhos estreitados, pensando.

— Não acredito nisso — disse finalmente, em voz alta. — Que diabos você está tramando, Willie?

Amassou a carta e, pegando um castiçal de uma mesa próxima com um sinal da cabeça como desculpas, pôs fogo nela. O garçom, observando aquilo, imediatamente apresentou uma pequena vasilha de porcelana, na qual Grey deixou cair a carta em chamas, e juntos observaram a folha se transformar em cinzas.

— Sua sopa, milorde — disse o sr. Bodley e, abanando delicadamente a fumaça da conflagração com um guardanapo, colocou um prato fumegante diante dele.

William estando fora de alcance, o óbvio curso de ação devia ser ir confrontar sua parceira no crime — qualquer que tenha sido o tipo de crime. Quanto mais ele refletia, mais convencido ficava de que qualquer que fosse a cumplicidade que houvesse entre William, nono conde de Ellesmere, e lady Dorothea Jacqueline Benedicta Grey não era a cumplicidade do amor, nem da paixão pecaminosa.

Mas como ele iria falar com Dottie sem despertar a atenção de nenhum de seus pais? Não podia ficar zanzando na rua até que tanto Hal quanto Minnie fossem a algum lugar, de preferência deixando Dottie sozinha. Mesmo que ele de algum modo conseguisse pegá-la sozinha em casa e falar com ela em particular, os criados certamente mencionariam que ele o fizera, e Hal — que possuía um senso de vigilância protetora em relação à filha semelhante ao de um grande mastim com seu osso favorito — prontamente iria procurá-lo para saber o motivo.

Recusou a oferta do porteiro de lhe arranjar uma carruagem e caminhou de volta à casa de sua mãe, ponderando as diferentes possibilidades de lidar com o problema. Poderia convidar Dottie a jantar com ele... mas seria muito estranho o convite não incluir Minnie. Do mesmo modo, se ele a convidasse para uma peça de teatro ou uma ópera; ele frequentemente acompanhava as mulheres, já que Hal não conseguia ficar sentado quieto o tempo suficiente para ouvir uma ópera inteira e considerava a maioria das peças maçante disparate.

Seu caminho atravessava Covent Garden e ele esquivou-se agilmente de um banho de água, jogada de um balde para levar embora as enlameadas folhas de repolho e maçãs podres das pedras do calçamento pelo dono de um quiosque de frutas. No verão, flores murchas espalhavam-se pelo pavimento; antes do amanhecer, as flores frescas chegavam de carroça, vindas do interior, e enchiam a praça com seu perfume e frescor. No outono, o lugar exalava um cheiro apodrecido e decadente de frutas esmagadas, carne estragada e restos de legumes e verduras que era a marca registrada da troca da guarda em Covent Garden.

Durante o dia, vendedores ambulantes anunciavam suas mercadorias aos gritos, barganhavam, discutiam uns com os outros, afugentavam ladrões e batedores

de carteira e, ao anoitecer, iam embora, tropegamente, para gastar metade de seus lucros nas tavernas das ruas Tavistock e Brydges. Com as sombras da noite se aproximando, as prostitutas reclamavam o lugar para si.

A visão de duas delas, que chegaram cedo e perambulavam de um lado para o outro, na esperança de clientes entre os vendedores que voltavam para casa, distraiu-o momentaneamente de seu dilema familiar e fez seus pensamentos retornarem aos primeiros acontecimentos do dia.

A entrada para a rua Brydges estava à sua frente; podia entrever a casa requintada situada na outra extremidade da rua, um pouco recuada em discreta elegância. Era uma ideia; as prostitutas sabiam de muita coisa — e podiam descobrir mais, com um incentivo adequado. Ficou tentado a ir até lá visitar Nessie" nem que fosse apenas pelo prazer de sua companhia. Mas não — ainda não.

Ele precisava descobrir o que já se sabia sobre Percy Beauchamp em círculos mais oficiais, antes de começar suas próprias rondas à caça daquele coelho. E antes de se encontrar com Hal.

Já era muito tarde do dia para fazer visitas oficiais. No entanto, enviaria um bilhete, marcando um encontro — e pela manhã visitaria a Black Chamber.

*BLACK CHAMBER*

Grey se perguntou que alma romântica havia originalmente batizado a Black Chamber — ou se era de fato uma designação romântica. Talvez os espiões de outrora fossem designados a ficarem num buraco sem janelas sob as escadas em Whitehall, e o nome fosse apenas descritivo. Atualmente, Black Chamber designava uma categoria de atividade em vez de uma localização específica.

Todas as capitais da Europa — e não poucas cidades menores — possuíam suas câmaras escuras, sendo elas os centros onde a correspondência interceptada en route por espiões ou simplesmente retirada de malotes diplomáticos era inspecionada, decodificada com variáveis graus de sucesso e em seguida enviada para a pessoa ou agência necessitada da informação daí obtida. A Black Chamber da Inglaterra empregava quatro cavalheiros — sem contar funcionários e auxiliares — quando Grey trabalhou lá. Eram mais agora, distribuídos em cantos e buracos aleatórios em edifícios ao longo de Pall Mall, mas o principal centro de tais operações ainda ficava no Palácio de Buckingham.

Não em nenhuma das magníficas áreas equipadas que serviam à família real ou seus secretários, criadas das senhoras, governantas, mordomos ou outros serviçais superiores — mas ainda assim dentro dos limites do palácio.

Grey passou pelo guarda no portão preto com um cumprimento da cabeça — usava seu uniforme, com a insígnia de tenente-coronel, para facilitar a entrada — e desceu um corredor malconservado e mal iluminado, cujo cheiro de cera de polimento de assoalho antigo e de resquícios de repolho cozido e bolo queimado deu-lhe um agradável frisson de nostalgia. A terceira porta à esquerda estava aberta de par em par e ele entrou sem bater.

Já era esperado. Arthur Norrington cumprimentou-o sem se levantar e indicou-lhe uma cadeira.

Ele conhecia Norrington há anos, embora não fossem particularmente amigos, e achou reconfortante que o sujeito parecesse não ter mudado absolutamente nada em todos os anos desde que se viram pela última vez. Arthur era um homem grande,

indolente, cujos olhos redondos e ligeiramente proeminentes e os lábios grossos davam-lhe uma expressão de peixe no gelo: digno e ligeiramente injurioso.

— Agradeço sua ajuda, Arthur — Grey disse e, enquanto se sentava, depositou no canto da escrivaninha um pequeno pacote embrulhado. — Uma pequena lembrança desse agradecimento — acrescentou, apontando para ela.

Norrington ergueu uma das sobrancelhas finas e pegou o pacote, que desembrulhou com dedos ávidos.

— Oh! — exclamou, com genuíno deleite. Girou a minúscula escultura de marfim delicadamente nas mãos grandes e macias, levando-a perto do rosto para ver os detalhes, fascinado. — Tsuji?

Grey deu de ombros, satisfeito com o efeito de seu presente. Ele próprio não entendia nada de netsuke, mas conhecia um homem que negociava miniaturas de marfim da China e do Japão. Ficara surpreso com a delicadeza e o talento artístico do objeto, que mostrava uma mulher seminua engajada em uma forma muito atlética de relação sexual com um cavaleiro nu e obeso com um coque no alto da cabeça.

— Receio que não tenha a procedência — ele disse em tom de desculpas, mas Norrington descartou a questão com um gesto da mão, os olhos ainda fixos no novo tesouro. Após um instante, suspirou de satisfação, depois guardou o objeto no bolso interno de seu casaco.

— Muito obrigado, milorde — ele disse. — Quanto ao objeto de sua investigação, receio que tenhamos relativamente pouco material disponível referente ao seu misterioso sr. Beauchamp. — Balançou a cabeça indicando a escrivaninha, onde uma pasta de couro surrado repousava. Grey pôde ver que havia algo volumoso dentro da pasta — algo que não era papel; a pasta tinha furos, com um pequeno pedaço de cordão passando por eles, prendendo o objeto no lugar.

— O senhor me surpreende, sr. Norrington — ele disse educadamente, estendendo a mão para a pasta. — Ainda assim, deixe-me ver o que tem aí e talvez...

Norrington pressionou os dedos abertos sobre o arquivo e franziu o cenho por um instante, tentando passar a impressão de que segredos oficiais não podiam ser transmitidos a qualquer um. Grey sorriu para ele.

— Vamos, Arthur — ele disse. — Se quer saber o que eu sei sobre nosso misterioso sr. Beauchamp, e tenho certeza de que quer, tem que me mostrar tudo o que tem sobre ele.

Norrington relaxou um pouco, deixando os dedos deslizarem para trás — embora ainda mostrando relutância. Erguendo uma das sobrancelhas, Grey pegou a pasta e abriu-a. O objeto volumoso revelou-se uma pequena sacola de tecido; fora isso, havia apenas algumas folhas de papel. Grey suspirou.

— Protocolo ruim, Arthur — disse em tom de censura. — Há montanhas de

papel envolvendo Beauchamp, e com referência cruzada a esse nome também. É bem verdade que há anos que ele não está na ativa, mas alguém deve ter examinado o caso.

— Examinamos — Norrington disse, com um tom estranho na voz que fez Grey erguer os olhos repentinamente. — O velho Crabbot lembra-se do nome, e nós procuramos. Os arquivos desapareceram.

A pele dos ombros de Grey contraiu-se, como se ele tivesse recebido uma chicotada.

— Isso é estranho — disse calmamente. — Bem, então... — Inclinou a cabeça sobre a pasta, embora tenha precisado de um instante para dominar seus pensamentos vertiginosos o suficiente para ver o que havia ali. Assim que seus olhos se acostumaram sobre a página, o nome "Fraser" destacou-se, quase fazendo seu coração parar.

Mas não era "Jamie Fraser". Respirou devagar, virou a página, leu a seguinte, voltou à primeira. Havia quatro cartas no total, apenas uma completamente decodificada, embora uma outra tivesse sido iniciada; apresentava as anotações experimentais de alguém nas margens. Seus lábios apertaram-se; ele fora um bom decodificador na sua época, mas estava ausente do campo de batalha há tempo demais para ter qualquer ideia das expressões correntes comuns em uso pelos franceses, sem falar nos termos idiossincráticos que um único espião podia usar — e essas cartas eram o trabalho de pelo menos duas pessoas diferentes; quanto a isso, não havia dúvida.

— Eu as examinei — Norrington disse, e Grey levantou a cabeça, deparando-se com os proeminentes olhos castanho-claros de Arthur fixos nele como um sapo observando uma mosca apetitosa. — Eu ainda não as decodifiquei oficialmente, mas tenho uma boa ideia geral do que dizem.

Bem, ele já decidira que isso tinha que ser feito e viera preparado para contar a Arthur, que era o mais discreto de seus antigos contatos na Black Chamber.

— Beauchamp é um tal de Percival Wainwright — disse sem rodeios, perguntando-se enquanto falava por que mantinha em segredo o nome verdadeiro de Percival. — Ele é súdito inglês, foi oficial do exército, preso pelo crime de sodomia, mas nunca julgado. Acreditava-se que ele houvesse morrido em Newgate enquanto aguardava julgamento, mas — alisou as cartas e fechou a pasta sobre elas — evidentemente não.

Os lábios grossos de Arthur formaram um silencioso "Oh". Grey se perguntou por um instante se poderia deixar as coisas por aí — mas não. Arthur era persistente como um cão de caça escavando uma toca de texugo e, se descobrisse o resto da história por conta própria, imediatamente suspeitaria de que Grey estivesse escondendo muito mais.

— Ele também é meu irmão adotivo — Grey disse, da forma mais descontraída possível, e colocou a pasta na mesa de Arthur. — Eu o vi na Carolina do Norte. Arthur ficou boquiaberto por um instante. Fechou-a em seguida, rapidamente, piscando.

— Compreendo — ele disse. — Bem, então... compreendo. — Sim, compreende — Grey disse secamente.

— Compreende exatamente por que eu preciso conhecer o conteúdo dessas cartas — indicou a pasta com um sinal da cabeça — o mais rápido possível.

Arthur assentiu, comprimindo os lábios, e ajeitou-se na cadeira, pegando as cartas nas mãos. Uma vez decidido a agir seriamente, ele não perdia tempo.

— A maior parte do que consegui decodificar parece tratar de questões de marinha mercante — ele disse. — Contatos nas Antilhas, cargas a serem entregues... contrabando simples, mas em uma escala bastante grande. Uma referência a um banqueiro em Edimburgo; não consegui identificar exatamente sua ligação. Mas três das cartas mencionam o mesmo nome en clair. Certamente, você viu isso.

Grey não se deu ao trabalho de negar. — Alguém na França quer muito encontrar um homem chamado Claudel Fraser — Arthur disse, erguendo uma das sobancelhas. — Alguma ideia de quem seja?

— Não — Grey disse, embora ele sem dúvida tivesse uma leve ideia. — Alguma ideia de quem deseja encontrá-lo, e por quê?

Norrington sacudiu a cabeça.

— Não faço a menor ideia do motivo — disse francamente. — Quanto a quem, entretanto, acho que pode ser um nobre francês. — Abriu a pasta outra vez e, da bolsinha anexa a ela, retirou dois selos de cera, um quebrado quase ao meio, o outro quase intacto. Ambos mostravam um Martim contra um sol nascente. — Ainda não encontrei ninguém que o reconhecesse — Norrington acrescentou, tocando um dos selos delicadamente com um gordo indicador. — Por acaso, você reconhece?

— Não — Grey disse, a garganta repentinamente seca. — Mas deve investigar um certo barão Amandine. Wainwright mencionou esse nome para mim como... uma ligação dele.

— Amandine? — Norrington pareceu intrigado. — Nunca ouvi falar dele.

— Nem ninguém. — Grey suspirou e levantou-se. — Começo a me perguntar se ele existe.

Ele ainda se perguntava, enquanto se dirigia à casa de Hal. O barão Amandine podia existir ou não; se existisse, podia ser apenas uma fachada, disfarçando o interesse de alguém muito mais proeminente. Se não... A questão ficava simultaneamente mais confusa e mais simples de abordar; sem nenhum modo de saber quem estava por trás, Percy Wainwright se tornava o único caminho para descobrir.

Nenhuma das cartas de Norrington mencionava o Território Noroeste nem continha qualquer pista da proposta que Percy colocara diante dele. Mas isso não era de admirar; teria sido extremamente perigoso colocar tal informação no papel, apesar de certamente ter conhecido espiões que faziam isso. Se Amandine realmente existisse, e estivesse diretamente envolvido, aparentemente ele era ao mesmo tempo sensato e cauteloso.

Bem, teria que contar a Hal sobre Percy, de qualquer modo. Talvez ele soubesse de alguma coisa referente a Amandine, ou pudesse descobrir; Hal possuía inúmeros amigos na França.

O pensamento do que deveria dizer a Hal o fez se lembrar subitamente da carta de William, de que quase se esquecera em meio às intrigas da manhã.

Inspirou profundamente diante da lembrança. Não. Ele não iria mencionar isso a seu irmão enquanto não tivesse tido uma oportunidade de conversar com Dottie, sozinho. Talvez pudesse conseguir trocar uma palavra com ela em particular e combinar um encontro posteriormente.

Mas Dottie não estava em casa quando Grey chegou a Argus House.

— Ela está em uma das tardes musicais da srta. Brierley — sua cunhada Minnie lhe informou quando ele perguntou educadamente como sua sobrinha e afilhada estava passando. — Ela está muito sociável ultimamente. Mas vai lamentar não tê-lo encontrado. — Ficou na ponta dos pés e beijou-o, radiante.

— É bom vê-lo de novo, John.

— Você também, Minnie — ele disse, sinceramente. — Hal está em casa?

Ela revirou os olhos expressivamente para o teto.

— Está em casa há uma semana com gota. Mais uma semana e vou colocar veneno em sua sopa.

— Ah. — Isso reforçou sua decisão de não falar com Hal sobre a carta de William. Hal de bom humor já era uma perspectiva que atemorizava soldados calejados e políticos veteranos; Hal com problemas de saúde... Provavelmente fora por isso que Dottie tivera o bom-senso de se ausentar.

Bem, de qualquer modo suas notícias não iriam melhorar o estado de espírito de Hal, pensou. Mas abriu a porta do gabinete de Hal com a devida cautela; seu irmão tinha a fama de atirar objetos quando estava rabugento — e nada o

O deixava mais irritado do que indisposição física.

No entanto, Hal estava dormindo, desmoronado em sua poltrona em frente à lareira, o pé enfaixado sobre uma banquetta. O cheiro de um remédio forte ácido flutuava no ar, dominando os odores de madeira queimando, vela de cera derretida e pão dormido. Via-se um prato de sopa solidificada em uma bandeja ao lado de Hal, intocada. Talvez Minnie tenha decidido tornar sua ameaça explícita, Grey pensou com um sorriso. Fora ele mesmo e sua mãe, Minnie era provavelmente a única outra

pessoa no mundo que nunca tinha medo de Hal.

Sentou-se silenciosamente, perguntando-se se deveria acordar seu irmão. Hal parecia doente e cansado, muito mais magro do que de costume — e Hal era normalmente magro. Ele não poderia parecer menos elegante, mesmo vestindo calças e uma camisa de linho velha, a perna despida e com um xale surrado em volta dos ombros, mas as rugas de uma vida despendida em batalhas eram eloquentes em seu rosto.

O coração de Grey contraiu-se com uma ternura repentina e inesperada, e ele se perguntou se, afinal, deveria perturbar Hal com suas notícias. Mas não podia correr o risco de Hal ser confrontado inesperadamente com as novidades da ressurreição inoportuna de Percy; ele tinha que ser avisado.

Mas antes que ele pudesse decidir se iria embora, voltando mais tarde, os olhos de Hal abriram-se subitamente. Estavam límpidos e alertas, do mesmo azul-claro dos olhos de Grey, sem nenhum sinal de sonolência ou distração.

— Você voltou — Hal disse, e sorriu com grande afeição. — Sirva-me um conhaque.

— Minnie disse que você está com gota — Grey disse, com um rápido olhar para o pé de Hal. — Os charlatões não dizem que não se deve tomar bebidas fortes quando está com gota? — Mesmo assim, Grey levantou-se.

— Dizem — Hal concordou, endireitando-se na poltrona e fazendo uma careta quando o movimento abalou seu pé. — Mas, pela sua cara, você está prestes a me contar alguma coisa que vai me fazer precisar de um drinque. É melhor trazer a garrafa.

Ele somente deixou Argus House horas mais tarde — recusando o convite de Minnie para ficar para o jantar — e o tempo piorara consideravelmente. Havia um frio de outono no ar; uma ventania começava a soprar e ele podia sentir o gosto de sal no vento — vestígios do nevoeiro do mar flutuando para a terra firme. Prometia ser uma boa noite para ficar dentro de casa.

Minnie se desculpara por não poder lhe oferecer sua carruagem, já que Dottie fora ao seu salon vespertino com ela. Ele lhe assegurou que preferia mesmo caminhar, isso o ajudaria a pensar. Era verdade, mas o barulho do vento batendo as abas de seu casaco e ameaçando carregar seu chapéu era uma distração, e ele começava a lamentar a falta da carruagem quando repentinamente avistou o veículo, parado no caminho de entrada de uma das grandes casas perto de Alexandra Gate, os cavalos cobertos com cobertores para se protegerem do vento.

Ele atravessou o portão e, ouvindo um grito de "Tio John!", olhou na direção da casa, a tempo de ver sua sobrinha, Dottie, avançando em sua direção como um navio com todas as velas enfunadas — literalmente. Ela usava um manto de seda cor de ameixa e uma capa cor-de-rosa, os quais, com o vento vindo de trás, inflavam de

forma alarmante. Na verdade, ela correu em sua direção com tal velocidade que ele foi obrigado a segurá-la nos braços a fim de impedir que o embalo continuasse a carregá-la.

— Você é virgem? — ele perguntou sem preâmbulos.

Os olhos dela se arregalaram e, sem a menor hesitação, ela desvencilhou um dos braços e deu-lhe uma bofetada.

— O quê? — ela disse.

— Desculpe-me. Isso foi um pouco abrupto, não? — Ele olhou para a carruagem, o cocheiro, olhando rigidamente para a frente, e, gritando para o homem que esperasse, segurou-a pelo braço, girando-a na direção do parque.

— Aonde estamos indo?

— Apenas dar uma volta. Tenho algumas perguntas a lhe fazer e não são do tipo que eu queira que alguém ouça; nem você, garanto-lhe.

Os olhos dela se arregalaram ainda mais, mas não discutiu; meramente agarrou seu pequeno chapéu e o acompanhou, as saias esvoaçando ao vento.

O tempo e os transeuntes impediram-no de fazer as perguntas que tinha em mente até terem entrado bastante no parque e se encontrarem em uma trilha mais ou menos deserta que cortava um pequeno jardim de plantas podadas em formas decorativas.

O vento arrefecera momentaneamente, embora o céu estivesse ficando escuro. Dottie parou ao abrigo de um arbusto em forma de leão e disse:

— Tio John. Que bobagem é essa? Dottie tinha a coloração de folha de outono de sua mãe, com cabelos da cor de trigo maduro e faces perpetuamente coradas como botões de rosa. Mas, enquanto o rosto de Minnie era bonito e delicadamente atraente, o de Dottie era acentuado pelos ossos elegantes de Hal e bordado com pestanas escuras; sua beleza tinha um quê de perigoso.

Esse traço predominava no olhar que ela lançou a seu tio e ele pensou que de fato, se Willie estivesse realmente apaixonado por ela, não era de admirar. ele estivesse.

— Recebi uma carta de William, notificando-me de que ele havia, se realmente forçado sua atenção sobre você, se comportado de uma maneira própria a um cavalheiro. É verdade?

Ficou boquiaberta, em um horror não dissimulado.

— Ele lhe disse o quê?

Bem, isso aliviou sua mente de um fardo. Ela provavelmente ainda era virgem e ele não precisaria despachar William para a China para evitar os irmãos dela.

— Foi, como eu disse, uma notificação. Ele não me forneceu detalhes. Venha, vamos caminhar antes que fiquemos congelados. — Pegou-a pelo braço e

conduziu-a por uma das trilhas que levava a um pequeno oratório. Ali, abrigaram-se no vestíbulo, supervisionado apenas por um vitral de santa Bárbara, carregando seus seios decepados em uma bandeja. Grey fingiu examinar essa imagem sublime, propiciando a Dottie um instante para ajeitar as roupas fustigadas pelo vento — e decidir o que iria lhe contar.

— Bem — ela começou, virando-se para ele com o queixo erguido —, é verdade que nós... bem, que eu deixei ele me beijar.

— Oh? Onde? Quero dizer... — acrescentou apressadamente, vendo o choque momentâneo em seus olhos, e isso era interessante, pois uma jovem completamente inexperiente saberia que era possível ser beijada em algum outro lugar além de nos lábios ou na mão? — em que localização geográfica?

Ela ficou ainda mais ruborizada, pois percebeu, assim como ele, o que acabara de revelar, mas fitou-o diretamente nos olhos.

— No jardim de lady Windermere. Nós dois havíamos comparecido ao seu musical e o jantar não estava pronto, assim William convidou-me para caminhar um pouco com ele e... foi isso. Era realmente uma noite maravilhosa — ela acrescentou ingenuamente.

— Sim, ele também notou isso. Eu não havia me dado conta anteriormente das propriedades inebriantes do bom tempo.

Ela lançou-lhe um rápido olhar fulminante.

— Bem, de qualquer modo, estamos apaixonados! Ele disse isso, ao menos?

— Sim, disse — Grey respondeu. — Ele começou com uma declaração como essa, na verdade, antes de prosseguir com as confissões escandalosas referentes à sua virtude.

Os olhos dela se arregalaram.

— Ele... O que, exatamente, ele disse? — indagou.

— O suficiente para me convencer, assim ele esperava, a procurar seu pai imediatamente e apresentar-lhe a premência do pedido de William por sua mão.

— Oh. — Ela inspirou fundo, como se aliviada, e desviou o olhar por um instante. — Bem. Vai fazer isso, então? — ela perguntou, girando os grandes olhos azuis de novo em sua direção. — Ou já fez? — acrescentou, com um ar de esperança.

— Não, eu não disse nada a seu pai com referência à carta de William. Para começar, achei melhor falar com você primeiro e ver se estava de acordo com os sentimentos de William como ele parece acreditar.

Ela pestanejou, em seguida deu-lhe um de seus radiantes sorrisos.

— Isso foi muito atencioso de sua parte, tio John. Muitos homens não se preocupariam com a opinião da mulher sobre a situação, mas você sempre teve muita consideração. Mamãe não se cansa de elogiar sua gentileza.

— Não exagere, Dottie — ele disse, com tolerância. — Então, você me diz que está disposta a se casar com William?

— Disposta? — ela gritou. — Ora, é meu maior desejo! Ele lançou-lhe um olhar demorado e direto, e, apesar de Dottie continuar a encará-lo, o sangue subiu repentinamente pelo seu pescoço e faces.

— Oh, é mesmo? — ele disse, deixando que todo o ceticismo que sentia transparecesse em sua voz. — Por quê?

Ela pestanejou duas vezes, muito depressa.

— Por quê?

— Por quê? — ele repetiu pacientemente. — O que há no caráter de William, ou na aparência, imagino — acrescentou de maneira justa, já que as jovens não tinham grande reputação como avaliadoras de caráter —, que tanto a atrai a ponto de desejar casar-se com ele? E um casamento apressado, devo dizer.

Ele até podia compreender que um ou ambos desenvolvessem uma atração pelo outro — mas por que a pressa? Mesmo que William temesse que Hal decidisse conceder o pedido do visconde Maxwell, a própria Dottie certamente não podia estar pensando que seu pai coruja a forçaria a se casar com alguém que ela não quisesse.

— Bem, estamos apaixonados, é claro! — ela disse, embora com um tom um pouco incerto na voz para uma declaração teoricamente tão fervorosa. — Quanto ao seu... seu caráter... ora, tio, você é o pai dele; certamente não pode ignorar sua... sua... inteligência! — Ela apresentou a palavra triunfalmente. — Sua bondade, seu bom humor... — ela ganhava velocidade agora — ...sua delicadeza...

Foi a vez de lorde John piscar. William era indubitavelmente inteligente, bem-humorado e bastante bondoso, mas "delicado" não era a palavra que vinha imediatamente à mente em relação a ele. Por outro lado, o buraco no painel de madeira da sala de jantar de sua mãe, por onde William havia inadvertidamente atirado um colega durante um evento social, ainda não fora consertado, e essa imagem estava fresca na mente de Grey. Provavelmente, Willie se comportava de maneira mais circunspecta na presença de Dottie, mas mesmo assim...

— Ele é um verdadeiro modelo de cavalheiro! — ela exclamou com entusiasmo, agora já descontrolada. — E a sua aparência... bem, é claro que ele é admirado por toda mulher que conheço! Tão alto, uma figura tão imponente...

Ele notou, com um ar de distanciamento clínico, que, apesar de mencionar diversas características notáveis de William, em nenhum momento ela mencionou seus olhos. Fora sua altura — que dificilmente passaria despercebida —, seus olhos eram provavelmente seu traço mais extraordinário, de um azul escuro e brilhante, e de formato incomum, rasgados como os de um gato. Eram, na realidade, os olhos de Jamie Fraser, e John sentia um leve aperto no coração toda vez que Willie olhava para ele com certa expressão.

Willie sabia muito bem o efeito que seus olhos causavam nas moças — e não hesitava em se aproveitar disso. Se ele tivesse olhado longamente dentro dos próprios olhos de Dottie, ela teria ficado transfixada, quer o amasse ou não. E aquele tocante relato de arrebatamento no jardim... Depois de uma sessão musical, ou durante um baile, e quer na casa de lady Belvedere ou na de lady Windermere... Ficara tão absorvido em seus próprios pensamentos que por um instante não percebeu que ela havia parado de falar.

— Desculpe-me — ele disse, com grande cortesia. — E eu lhe agradeço pelos elogios ao caráter de William, que só poderiam enternecer o coração de um pai. Ainda assim... qual a urgência de marcar o casamento? William será enviado de volta para casa em um ou dois anos.

— Ele pode ser morto! — ela disse, e havia em sua voz uma nota súbita de real temor, tão real que despertou sua atenção. Ela engoliu em seco, levando a mão à garganta. — Eu não suportaria — ela acrescentou, a voz subitamente fraca. — Se ele fosse morto sem que nós nunca... nunca tivéssemos a chance de... — Ergueu os olhos para ele, brilhantes de emoção, e colocou a mão em seu braço, suplicante. — Eu preciso. Realmente, tio John. Eu preciso, e não posso esperar. Quero ir para a América e me casar.

Olhou para ela boquiaberto. Querer se casar era uma coisa, mas isso...!

— Você não pode estar falando a sério — ele disse. — Não pode achar que seus pais... seu pai, em particular... concordaria com tal coisa.

— Ele concordaria — ela contrapôs. — Se você colocasse a questão adequadamente para ele. Ele dá mais valor à sua opinião do que à de qualquer outra pessoa — ela continuou, convincentemente, apertando um pouco seu braço. — E você, mais do que ninguém, deve entender o horror que sinto diante da ideia de que alguma coisa possa... acontecer com William antes de eu o ver de novo.

De fato, ele pensou, a única coisa pesando a favor dela era o sentimento de desolação que a menção da possível morte de William causava em seu próprio coração. Sim, ele podia ser morto. Qualquer homem podia, em tempos de guerra, e particularmente um soldado. Esse era um dos riscos que se corria — e ele não podia em sua consciência ter impedido William de corré-lo, muito embora a mera ideia de William estilhaçado por um disparo de canhão ou abatido com um tiro na cabeça ou agonizando com diarreia...

Engoliu, a boca seca, e com algum esforço afastou essas imagens pusilânicas com firmeza de volta ao armário mental trancado em que normalmente as mantinha confinadas.

Respirou longa e profundamente.

— Dorothea — ele disse com firmeza. — Eu vou descobrir o que você está aprontando.

Ela olhou para ele por um longo momento, pensativa, como se avaliasse as probabilidades. O canto de sua boca levantou-se inconscientemente enquanto seus olhos se estreitavam e ele viu a resposta em seu rosto, tão claramente como se ela a tivesse dito em voz alta.

Não, não creio. No entanto, a expressão não passou de uma luz fugaz e seu rosto retomou seu ar de indignação misturado a súplica.

— Tio John! Como ousa acusar a mim e William, seu próprio filho! De, de... de que está nos acusando?

— Não sei — ele admitiu.

— Muito bem, então! Vai falar com papai por nós? Por mim? Por favor? Hoje?

Dottie era uma sedutora inata; enquanto falava, inclinou-se em sua direção, de modo que ele pudesse sentir a fragrância de violetas em seus cabelos, e torceu os dedos graciosamente nas lapelas de seu casaco.

— Não posso — ele disse, esforçando-se para se desvencilhar. — Não no momento. Eu já lhe dei um choque ruim hoje; mais outro pode acabar com ele.

— Amanhã, então — ela continuou tentando persuadi-lo.

— Dottie. — Ele segurou suas mãos e ficou um pouco emocionado de encontrá-las frias e trêmulas. Ela realmente desejava aquilo, ou alguma outra coisa, ao menos. — Dottie — ele repetiu, mais delicadamente. — Ainda que seu pai estivesse disposto a enviá-la à América para se casar, e não consigo imaginar nada menos imperativo do que se você estivesse grávida para obrigá-lo a isso, não há nenhuma possibilidade de viajar antes de abril. Não há, portanto, nenhuma necessidade de atormentar Hal e enviá-lo mais rápido para seu túmulo contando-lhe essas coisas, ao menos não até ele ter se recuperado de sua atual indisposição.

Ela não ficou satisfeita, mas foi obrigada a admitir o forçado raciocínio de seu tio.

— Além do mais — ele acrescentou, soltando suas mãos —, a campanha termina no inverno, você sabe disso. A luta logo cessará e William estará relativamente a salvo. Não precisa temer por ele. — Fora acidente, tifo, malária, envenenamento do sangue, diarreia, brigas em tavernas e outras dez ou quinze possibilidades de ameaça à vida, acrescentou para si mesmo.

— Mas — ela começou, depois parou e suspirou. — Sim, creio que tem razão. Mas... vai falar com papai logo, não é, tio John?

Ele suspirou, por sua vez, mas sorriu para ela ainda assim.

— Sim, se é isso que você realmente deseja. — Uma rajada de vento atingiu o oratório e o vitral com a imagem de santa Bárbara estremeceu em sua armação de chumbo. Uma súbita precipitação de chuva crepitou pelas telhas de ardósia e ele enrolou a capa ao redor do corpo. — Fique aqui — aconselhou sua sobrinha. — Vou

buscar a carruagem e trazê-la aqui para a rua.

Enquanto caminhava contra o vento, uma das mãos no chapéu para impedir que voasse, lembrou-se com certa inquietação de suas próprias palavras para ela: Não consigo imaginar nada menos imperativo do que se você estivesse grávida para obrigá-lo a isso.

Ela não faria isso. Faria? Não, assegurou a si mesmo. Engravidar de alguém a fim de convencer seu pai a permitir que ela se casasse com outra pessoa? Sem chance; Hal a faria se casar com o culpado antes que ela pudesse piscar os olhos. A menos, é claro, que ela escolhesse alguém impossibilitado de contrair matrimônio: um homem casado, digamos, ou... Mas isso era tolice! O que William diria se ela chegasse à América grávida de outro homem?

Não. Nem mesmo Brianna Fraser Mackenzie — a mulher mais assustadoramente pragmática que ele já conhecera — teria feito algo assim. Sorriu um pouco consigo mesmo à lembrança da formidável sra. Mackenzie, lembrando-se de sua tentativa de chantageá-lo para que se casasse com ela — enquanto grávida de outra pessoa que definitivamente não era ele. Ele sempre se perguntara se a criança seria de fato de seu marido. Talvez ela fosse capaz. Mas não Dottie.

Claro que não.

*CONFLITO DESARMADO*

Inverness, Escócia
Outubro, 1980

A igreja antiga e alta de St. Stephen erguia-se serena nas margens do Ness, as pedras envelhecidas pelo tempo no cemitério da igreja um testemunho de merecida paz. Roger tinha consciência da serenidade — mas não era para ele.

Seu sangue ainda latejava nas têmporas e o colarinho de sua camisa estava suado do esforço, apesar de ser um dia frio. Ele caminhara do estacionamento em High Street em um passo feroz, que pareceu devorar a distância em segundos. Ela o chamara de covarde, pelo amor de Deus. Ela o chamara de inúmeras outras coisas também, mas essa foi a que mais doeu — e ela sabia disso.

A briga começara depois do jantar no dia anterior, quando ela colocou uma panela suja na velha pia de pedra, virou-se para ele, inspirou fundo e informou-o de que tinha uma entrevista para um emprego no Comitê da Hidrelétrica do Norte da Escócia.

— Emprego? — ele dissera estupidamente.

— Emprego — ela repetira, estreitando os olhos para ele. Fora rápido em reprimir a reação automática "Mas você já tem um trabalho" que viera aos seus lábios, substituindo-a por um débil — ele achou — "Por quê?".

Nunca muito chegada à diplomacia, fixou nele um olhar furioso e disse:

— Porque um de nós precisa trabalhar e, se não vai ser você, terá que ser eu.

— O que quer dizer com "precisa trabalhar"? — ele perguntara. Droga, Brianna tinha razão, ele era um covarde, porque ele sabia muito bem o que ela queria dizer com isso. — Temos dinheiro suficiente por algum tempo.

— Por algum tempo — ela concordou. — Um ano ou dois, talvez mais, se tivermos cuidado. E você acha que a gente deve ficar sentado até o dinheiro acabar, e depois o quê? Então, começar a pensar o que vai fazer?

— Eu tenho pensado — ele disse entre dentes. Isso era verdade; há meses praticamente não fazia outra coisa. Havia o livro, é claro; ele estava escrevendo

todas as canções do século XVIII que gravara na memória, com comentários — mas isso certamente não era um emprego, nem daria muito dinheiro. Basicamente, era só pensar.

— Ah, é? Eu também. — Deu as costas para ele, abrindo a torneira, para afogar o que poderia dizer em seguida ou apenas a fim de se controlar. A água parou e ela virou-se outra vez. — Olhe — ela disse, tentando parecer sensata.

— Não posso esperar muito mais. Não posso ficar fora do mercado anos a fio e simplesmente voltar a qualquer momento. Já faz um ano desde o último serviço de consultoria que eu fiz. Não posso esperar mais.

— Você nunca disse que pretendia voltar a trabalhar em tempo integral. — Ela fizera alguns pequenos trabalhos em Boston, breves projetos de consultoria, depois que Mandy saiu do hospital e estava bem. Joe Abernathy os arranjava para ela.

"Veja, rapaz", Jo, dissera confidencialmente a Roger. "Ela está impaciente. Eu conheço esta menina; ela precisa estar sempre em movimento. Sua atenção estava focalizada no bebê dia e noite, provavelmente desde que ela nasceu, envolvida com médicos, hospitais, filhos exigentes há semanas e semanas. Ela tem que desanuviar a cabeça.

E eu não?, Roger pensara — mas não podia dizer isso. Um homem idoso com uma boina limpava o mato ao redor de uma das lápides, um monte murcho de ervas daninhas arrancadas no chão ao seu lado. Ele estivera observando Roger enquanto ele hesitava junto ao muro e cumprimentou-o amistosamente com um sinal da cabeça, mas não falou nada.

Ela era mãe, ele teve vontade de dizer. Quis dizer alguma coisa sobre a proximidade entre ela e as crianças, do quanto precisavam dela, como precisavam de água, comida e ar. De vez em quando, ele tinha inveja de não ser necessário de forma tão primordial; como Brianna podia renegar essa dádiva?

Bem, ele tentara dizer alguma coisa nessa linha. O resultado foi o esperado ao se acender um fósforo em uma mina cheia de gás.

Virou-se abruptamente e saiu do cemitério. Não podia falar com o reitor da igreja neste momento — na verdade, não podia falar nada; teria que esfriar o ânimo primeiro, recuperar sua voz.

Virou à esquerda e começou a descer a Huntly Street, vendo a fachada da igreja de St. Mary do outro lado do rio pelo canto do olho; a única igreja católica em Inverness.

Durante uma das primeiras, e mais racionais, partes da briga, ela se esforçou. Perguntou se era culpa dela.

— Sou eu? — ela perguntou, séria. — Por ser católica, quero dizer. Eu sei... sei que isso torna tudo mais complicado. — Contorceu os lábios. — Jem me contou

sobre a sra. Ogilvy.

Ele não tinha nenhuma vontade de rir, mas não pôde deixar de esboçar um sorriso diante da lembrança. Ele estava no estábulo, retirando estrume bem curtido com uma pá e jogando-o em um carrinho de mão para espalhá-lo na horta, Jem ajudando-o com sua própria pazinha.

— Dezesseis toneladas e o que é que você tem? — Roger cantara, se o tipo de som áspero e rouco que ele produzia podia ser assim chamado.

— Um dia mais velho e mais afundado na bosta! — Jem berrara, fazendo o melhor possível para abaixar a voz na mesma extensão de Tennessee Ernie Ford, mas descontrolando-se em um glissando de risadinhas.

Foi nesse desafortunado momento que ele se virou e viu que tinham visitas: sra. Ogilvy e sra. MacNeil, pilares da Ladies Altar and Tea Society da Free North Church em Inverness. Ele as conhecia — e também sabia exatamente o que elas estavam fazendo ali.

— Viemos fazer uma visita à sua esposa, sr. Mackenzie — a sra. MacNeil disse, sorrindo com os lábios cerrados. Ele não sabia se a expressão pretendia indicar reservas interiores ou se era apenas porque ela temia que sua dentadura mal-ajustada pudesse cair se ela abrisse um pouco mais a boca.

— Ah, sinto muito. Ela não está, foi à cidade. — Ele limpou a mão na calça jeans, pensando em estendê-la, mas olhou para ela e pensou melhor, fazendo apenas um cumprimento com a cabeça. — Mas, por favor, entrem. Posso mandar a menina fazer um chá?

Elas sacudiram a cabeça sincronizadamente.

— Ainda não vimos sua esposa na igreja, sr. Mackenzie. — A sra. Ogilvy fixou nele um olhar pouco amistoso.

Bem, ele já esperava por isso. Podia ganhar um pouco de tempo dizendo que o bebê andara adoentado — mas não adiantava; mais cedo, ou mais tarde, o problema teria que ser enfrentado.

— Não — ele disse afavelmente, embora seus ombros tenham se enrijecido em uma reação automática. — Ela é católica. Vai à missa na igreja de St. Mary aos domingos.

O rosto quadrado da sra. Ogilvy desfez-se em um oval momentâneo de perplexidade.

— Sua mulher é papista? — ela disse, dando-lhe uma chance de corrigir a informação obviamente insana que acabara de dar.

— É, sim. De nascença. — Deu de ombros ligeiramente. Houve relativamente pouca conversa após essa revelação. Apenas um olhar para Jem, uma pergunta ríspida se ele frequentava a escola dominical, uma inspiração ruidosa diante da resposta e um olhar fulminante para Roger antes de irem embora.

Quer que eu me converta?, Bri perguntara, no decorrer da discussão. E fora uma pergunta, não uma proposta.

Teve a vontade repentina de lhe pedir para fazer exatamente isso — apenas para ver se ela o faria, por amor a ele. Mas a consciência religiosa jamais permitiria que ele fizesse tal coisa; menos ainda, sua consciência como seu amante. Seu marido.

Huntly Street transformou-se repentinamente em Bank Street e o tráfego de pedestres dos arredores do centro comercial desapareceu. Passou pelo pequeno jardim memorial, erguido para celebrar o serviço das enfermeiras durante a Segunda Guerra Mundial, e pensou — como sempre acontecia — em Claire, embora desta vez com menos da admiração habitual que tinha por ela.

E o que você diria?, ele pensou. Sabia muito bem o que ela diria — ou ao menos de que lado estaria nesta questão. Ela não ficara em casa sendo mãe em tempo integral, ficara? Fora para a Faculdade de Medicina quando Bri tinha sete anos. E o pai de Bri, Frank Randall, aceitara a situação, quisesse ou não. Ele diminuiu um pouco o passo, pensando... Não era de admirar, portanto, que Bri estivesse pensando...

Ele passou pela Free North Church e esboçou um sorriso, pensando na sra. Ogilvy e na sra. MacNeil. Elas voltariam, ele sabia, se ele não fizesse alguma coisa a respeito. Conhecia bem aquele tipo de amabilidade obstinada. Santo Deus, se soubessem que Bri tinha ido trabalhar e — em sua maneira de pensar — abandonado o marido com duas crianças pequenas, fariam uma corrida de revezamento para lhe trazer tortas e ensopados quentes. Isso podia não ser algo ruim, pensou, lambendo os lábios contemplativamente — exceto que elas se demorariam para meter o nariz no funcionamento de sua casa e deixá-las entrar na cozinha de Brianna seria não só brincar com dinamite, mas deliberadamente lançar uma garrafa de nitroglicerina no meio de seu casamento.

— Católicos não acreditam em divórcio — Bri o informara certa vez. — Mas acreditamos em assassinato. Afinal, sempre temos a Confissão.

Na outra margem, estava a única igreja anglicana de Inverness, a de St. Andrew. Uma única igreja católica, uma única igreja anglicana — e nada menos do que seis igrejas presbiterianas, todas plantadas junto ao rio, em um espaço de menos de quatrocentos metros. Isso já dizia tudo que se precisava saber, ele pensou, sobre a natureza básica de Inverness. E ele havia dito a Brianna — sem, no entanto, ele admitia, mencionar sua própria crise de fé.

Ela não perguntara. Tinha que admitir. Ele chegara muito perto da ordenação na Carolina do Norte — e no período traumático que se seguiu a essa interrupção, com o nascimento de Mandy, a desintegração da comunidade de Ridge, a decisão de arriscar a passagem pelas pedras... ninguém tocara no assunto. Igualmente, quando

voltaram, as necessidades imediatas de cuidar do coração de Mandy e depois montar alguma espécie de rotina de vida... A questão do ministério fora ignorada.

Ele achava que Brianna não mencionara o assunto porque não tinha certeza de como ele pretendia lidar com a questão e não queria pressioná-lo em nenhuma direção — se o fato de ela ser católica tornava sua condição de ministro presbiteriano em Inverness mais complicada, ele não podia ignorar o fato de que ele ser ministro causaria grandes complicações na vida dela, e ela sabia disso.

O resultado foi que nenhum dos dois falou sobre isso ao planejar os detalhes de sua volta.

Eles haviam tratado as questões práticas da melhor forma possível. Ele não podia voltar a Oxford — não sem uma explicação muito bem arquitetada.

— Não se pode simplesmente ficar entrando e saindo de uma universidade — ele explicara a Bri e a Joe Abernathy, o médico que fora amigo de longa data de Claire antes de sua própria partida para o passado. — Você pode sair em ano sabático, é verdade, ou mesmo em uma longa licença. Mas você tem que ter um propósito definido e algo a mostrar por sua ausência quando voltar, em termos de pesquisa publicada.

— Mas você podia escrever um livro incrível sobre a Regulamentação — Joe Abernathy observou. — Ou sobre o avanço da Revolução no sul da colônia.

— Poderia — ele admitiu. — Mas não um livro academicamente respeitado. — Sorrira amarguradamente, sentindo um leve comichão nas pontas dos dedos. Ele podia escrever um livro, um livro que ninguém mais poderia escrever. Mas não como historiador.

— Nenhuma fonte — ele explicara, indicando com a cabeça as prateleiras no gabinete de Joe, onde realizavam o primeiro de vários conselhos de guerra. — Para escrever um livro como historiador, eu precisaria fornecer as fontes de todas as informações, e para a maioria das situações únicas que eu poderia descrever tenho certeza de que nada jamais foi registrado. "Testemunho ocular do autor" não combinaria bem com uma editora universitária, garanto-lhe. Eu teria que escrevê-lo como um romance. — Essa ideia na realidade tinha algum apelo, mas não iria impressionar as faculdades de Oxford.

Na Escócia, contudo... As pessoas não apareciam em Inverness — ou em nenhum lugar das Highlands — sem serem notadas. Mas Roger não era um "recém-chegado". Ele crescera em uma casa paroquial em Inverness e ainda havia muita gente que o conhecera já adulto. E com uma mulher americana e filhos para explicar sua ausência...

— Veja, as pessoas lá não se importam realmente com o que você andou fazendo quando esteve fora — ele explicou. — Só se importam com o que você faz quando está lá.

Já havia alcançado as Ilhas do Ness. Um parque pequeno, tranquilo, situado nos pequenos braços do rio que se estendiam a apenas alguns metros da margem, tinha caminhos de terra batida, árvores grandes e pouco movimento nesta hora do dia. Perambulou pelas trilhas, tentando esvaziar a cabeça, enchê-la apenas com o barulho da água corrente, a quietude do céu nublado.

Chegou ao final da ilha e ficou parado por alguns instantes, entre vendo os destroços deixados nos galhos dos arbustos que margeavam a água — monturos de folhas mortas, penas de aves, espinhas de peixe, um ou outro maço de cigarros, depositados pela passagem da água em seu nível mais alto.

Ele havia, é claro, pensado em si mesmo. O que ele iria fazer, o que as pessoas pensariam dele. Por que nunca lhe ocorrera se perguntar o que Brianna pretendia fazer se fossem para a Escócia?

Bem, isso era óbvio — e estúpido — em retrospecto. Em Ridge, Brianna fazia... bem, muito mais do que a mulher comum de lá costumava fazer, era verdade — não se podia deixar de registrar que ela caçava búfalos, abatia perus a tiro, seu lado deusa-caçadora, matadora de piratas —, mas também o que a mulher comum fazia. Cuidar da família, alimentar, vestir, confortar todos eles — ou às vezes dar-lhes umas palmadas. E com Mandy doente e Brianna sofrendo a perda de seus pais, a questão de trabalhar em qualquer coisa tornara-se irrelevante. Nada poderia separá-la de sua filha.

Mas Mandy estava bem agora — alarmantemente saudável, como a trilha de destruição que a seguia por toda parte demonstrava. Os detalhes cuidadosos de restabelecer suas identidades no século foram realizados, a compra de Lallybroch feita do banco que era o proprietário, a mudança física para a Escócia realizada, Jem assentado — mais ou menos — na escola do vilarejo próximo e uma boa menina do mesmo vilarejo contratada para vir fazer a limpeza e ajudar a tomar conta de Mandy.

E agora Brianna ia trabalhar. E Roger ia para o inferno. Metaforicamente, ainda que não literalmente.

Brianna não podia dizer que não fora avisada. Era um mundo masculino esse em que ela estava entrando.

Fora um trabalho árduo, um duro empreendimento — o mais difícil, cavar os túneis que carregavam os quilômetros de cabos das turbinas das usinas hidrelétricas. "Tigres dos túneis", era como chamavam os homens que os escavaram, muitos deles imigrantes poloneses e irlandeses que vieram pelo emprego na década de 1950.

Ela havia lido a respeito deles, vira fotos, rostos sujos e olhos brancos como mineiros de carvão, no escritório do diretor da hidrelétrica — as paredes estavam cobertas deles, atestados da mais imponente realização moderna da Escócia. Qual fora a mais antiga realização da Escócia?, ela perguntara. O kilt? Ela reprimira uma risada diante da ideia, mas evidentemente isso a fez parecer agradável, porque o sr.

Campbell, o gerente de pessoal, sorriu amavelmente para ela.

— Está com sorte, garota. Temos uma vaga em Pitlochry, para começar daqui a um mês — ele dissera.

— Isso é maravilhoso. — Brianna tinha uma pasta no colo, contendo suas credenciais. Ele não pediu para vê-la, o que a surpreendeu, mas a colocou sobre a mesa diante dele, abrindo-a. — Aqui está meu... hã... — Ele olhava fixamente para o curriculum vitae em cima, suficientemente boquiaberto para ela poder ver suas obturações de platina nos dentes posteriores.

Ele fechou a boca, ergueu os olhos para ela, perplexo, depois olhou novamente para a pasta, levantando devagar o CV, como se receasse que pudesse haver alguma coisa ainda mais chocante embaixo.

— Acho que tenho todas as qualificações — ela disse, reprimindo a ânsia nervosa de cerrar os dedos no tecido de sua saia. — Para ser inspetora de usina, quero dizer. — Ela sabia muito bem que sim. Ela possuía as qualificações para construir uma maldita estação hidrelétrica, quanto mais inspecionar uma.

— Inspetora... — ele disse debilmente. Em seguida, tossiu e ficou um pouco ruborizado. Fumante inveterado; ela podia sentir o cheiro de tabaco que impregnava suas roupas. — Acho que houve algum mal-entendido, minha cara. É de uma secretária que estamos precisando em Pitlochry.

— Talvez estejam — ela disse, cedendo à necessidade de agarrar a saia. — Mas o anúncio ao qual eu respondi foi para inspetor de usina, e é para esse cargo que estou me candidatando.

— Mas... minha cara... — Ele sacudia a cabeça, obviamente perplexo. — Você é uma mulher!

— Sou — ela disse, e qualquer homem que tivesse conhecido seu pai teria percebido o tom metálico em sua voz e cedido na mesma hora. O sr. Campbell, infelizmente, não conhecera Jamie Fraser, mas estava prestes a ser esclarecido. — Poderia me explicar exatamente que aspectos de inspeção de usina requerem um pênis?

Os olhos do homem se arregalaram e ele ficou da cor da barbela de um peru na estação da corte.

— É que... você... é... — Com evidente esforço, conseguiu dominar-se para falar educadamente, embora o choque ainda fosse evidente em suas feições grosseiras. — Sra. Mackenzie. Não desconheço a ideia da liberação feminina, sim? Eu mesmo tenho filhas. — E nenhuma delas teria dito algo desse tipo para mim, sua sobranalha erguida disse. — Não é que eu ache que seria incompetente. — Olhou para a pasta aberta, ergueu ambas as sobranalhas rapidamente, depois a fechou com firmeza. — É o... ambiente de trabalho. Não seria adequado para uma mulher.

— Por que não?

Ele agora já recuperava sua autoconfiança.

— As condições em geral são fisicamente duras. E para ser franco, sra. Mackenzie, assim também são os homens com quem a senhora se depararia. A companhia não pode, em sã consciência, e para o bem dos negócios, arriscar a sua segurança.

— O senhor emprega homens que poderiam atacar uma mulher?

— Não! Nós... — Tem usinas que são fisicamente perigosas? Então, realmente precisa de um inspetor, não?

— Os aspectos legais...

— Estou bem informada sobre o regulamento referente às usinas hidrelétricas — ela disse com firmeza, e enfiando a mão na bolsa retirou o folheto impresso de normas, obviamente bem manuseado, fornecido pelas Highlands e pelo Conselho de Desenvolvimento das Ilhas. — Posso apontar problemas e posso lhe dizer como retificá-los prontamente... e tão economicamente quanto possível.

O sr. Campbell parecia extremamente infeliz.

— E soube que o senhor não teve muitos candidatos para este cargo — ela terminou. — Nenhum, para ser mais exata.

— Os homens...

— Homens? — ela disse, permitindo que uma ponta mínima de ironia matizasse a palavra. — Já trabalhei com homens antes. Eu me dou bem com eles.

Olhou para ele, sem dizer mais nada. Sei o que é matar um homem, ela pensou. Sei exatamente o quanto é fácil. E você não. Ela não tinha consciência de que mudara a expressão de seu rosto, mas Campbell perdeu um pouco da cor e desviou os olhos. Perguntou-se por uma fração de segundo se Roger teria desviado os olhos. Mas esta não era hora de pensar em coisas assim.

— Por que não me mostra um dos canteiros de obras? — ela disse delicadamente. — Depois, poderemos conversar mais.

No século XVIII, a igreja de St. Stephen fora usada como prisão temporária para os jacobitas capturados. Dois deles haviam sido executados no cemitério da igreja, segundo o relato de algumas pessoas. Não era o pior lugar para ter como sua última visão da Terra, imaginava: o rio amplo, o vasto céu, ambos fluindo para o mar. Carregavam uma permanente sensação de paz — o vento, as nuvens e a água — apesar de seu constante movimento.

"Se algum dia você se vir no meio de um paradoxo, pode ter certeza de que está à beira da verdade", seu pai adotivo lhe dissera certa vez. "Você pode não saber o que ela é, veja bem", acrescentara com um sorriso. — "Mas está lá.

O reitor da igreja de St. Stephen, dr. Weatherspoon, também tivera alguns aforismos para compartilhar.

"Quando Deus fecha uma porta, abre uma janela. Sim. O problema é que

esta janela em particular se abria no décimo andar e ele não tinha certeza se Deus também dava o paraquedas.

— O Senhor dá? — ele perguntou, erguendo os olhos para o céu em movimento acima de Inverness.

— O que disse? — perguntou o espantado sacristão, levantando-se subitamente de trás da lápide atrás da qual estava trabalhando.

— Desculpe-me. — Roger abanou a mão, embaraçado. — Só estava... falando comigo mesmo.

O velhinho balançou a cabeça, compreensivamente.

— Sim, sim. Então, não se preocupe. É quando começa a obter respostas que você deve se preocupar. — Rindo roucamente, abaixou-se, sumindo de vista outra vez.

Roger começou a descer do cemitério no alto para o nível da rua, caminhando de volta devagar para o estacionamento. Bem, ele dera o primeiro passo. Com bastante atraso. Bri tinha razão, até certo ponto; ele fora covarde, mas finalmente começara a agir.

A dificuldade ainda não estava solucionada, mas fora um grande conforto poder expor o problema para alguém que compreendia e era solidário.

"Rezarei por você", o dr. Weatherspoon dissera, apertando sua mão ao se despedir. Isso também foi um consolo.

Começou a subir os úmidos degraus de concreto do estacionamento, remexendo no bolso em busca da chave do carro. Não podia dizer que estava completamente em paz consigo mesmo, ainda não — mas se sentia bem mais tranquilo em relação a Bri. Agora podia voltar para casa e lhe dizer...

Não, droga. Não podia, ainda não. Precisava verificar. Não precisava verificar; tinha certeza de que estava certo. Mas ele precisava ter isso nas mãos, tinha que ser capaz de mostrar a Bri.

Girando abruptamente nos calcanhares, passou a passos largos pelo perplexo funcionário do estacionamento que vinha atrás dele, desceu os degraus de dois em dois e começou a subir a Huntly Street como se pisasse em brasas. Parou rapidamente no Fox, vasculhando os bolsos em busca de moedas, e ligou da cabine telefônica para Lallybroch. Annie atendeu ao telefone com seu modo ríspido usual, dizendo "Siiim?" com tal brusquidão que chegou aos seus ouvidos como pouco mais de um silvo interrogativo.

Ele não perdeu tempo em censurar seus modos ao telefone.

— É Roger. Diga à dona Brianna que estou indo a Oxford para tratar de um assunto. Vou dormir lá.

— Mmmhum — ela disse, e desligou.

Ela teve vontade de golpear Roger na cabeça com um objeto rombudo. Algo

como uma garrafa de champanhe, por exemplo.

— Ele foi aonde? — ela perguntou, embora tivesse ouvido Annie MacDonald claramente. Annie ergueu os dois ombros estreitos ao nível das orelhas, indicando que ela compreendia a natureza retórica da pergunta.

— A Oxford — respondeu. — À Inglaterra. — O tom de sua voz sublinhava a absoluta ignomínia do ato de Roger. Ele não fora simplesmente consultar algum livro antigo, o que já teria sido bastante estranho, embora sem dúvida ele fosse um estudioso e eles eram capazes de tudo, mas abandonara a mulher e os filhos sem avisar e se escafedera para um país estrangeiro! — Bem, ele disse que voltaria amanhã — Annie acrescentou, com grande dúvida. Ela pegou a garrafa de champanhe da sacola de compras, com cuidado, como se ela fosse explodir. — Devo colocar isto no gelo?

— No... oh, não, não coloque no congelador. Apenas na geladeira. Obrigada, Annie.

Annie desapareceu na cozinha e Brianna permaneceu na fria corrente de ar do corredor por um instante, tentando controlar seus sentimentos firmemente antes de ir ao encontro de Jem e Mandy. As crianças sendo crianças, tinham radares ultrassensíveis em relação a seus pais. Elas já sabiam que havia algum problema entre ela e Roger; o desaparecimento repentino do pai não iria contribuir para se sentirem seguras e tranquilas. Ele ao menos se despedira delas? Assegurou-lhes que voltaria? Não, claro que não.

— Maldito egoísta, egocêntrico... — murmurou. Incapaz de encontrar um complemento satisfatório para a frase, disse: — Filho da mãe desgraçado! — Em seguida, resfolegou com uma risada relutante. Não somente pela tolice do insulto, mas com um reconhecimento amargo de que ela conseguira o que queria. Dos dois modos.

É bem verdade, ele não pôde impedi-la de procurar seu emprego — e quando ele tivesse superado os transtornos práticos envolvidos ela achava que ele aceitaria bem a situação.

"Os homens detestam mudanças", sua mãe lhe dissera uma vez, descontraidamente. "A menos que seja ideia deles, é claro. Mas às vezes você pode fazê-los pensar que realmente é ideia deles."

Talvez ela devesse ter sido menos direta; ter tentado fazer Roger sentir que ele ao menos teve alguma participação na sua decisão de trabalhar fora, ainda que não fosse ideia dele — isso já seria querer demais. Mas ela não estava COM nenhuma disposição de ser dissimulada. Nem mesmo diplomática.

Quanto ao que ela fizera a ele... bem, ela aturara sua imobilidade o máximo que pôde, e depois empurrara-o da beira do penhasco. De propósito.

— E não me sinto nem um pouco culpada por isso! — disse para o

cabideiro. Pendurou seu casaco devagar, despendendo um pouco mais de tempo para verificar os bolsos em busca de lenços de papel usados e recibos amassados.

Bem, ele teria partido por ressentimento — para se vingar dela por voltar a trabalhar? Ou de raiva por ela tê-lo chamado de covarde? Ele não gostara nada disso; seus olhos ficaram escuros e ele quase perdeu a voz — uma emoção forte o sufocou, paralisando sua laringe. Mas ela fizera isso de propósito. Ela sabia quais eram os pontos fracos de Roger — assim como ele sabia os dela.

Seus lábios cerraram-se diante do pensamento, assim como seus dedos se fecharam sobre algo duro no bolso interior de seu casaco. Uma velha concha, lisa e espiralada, desgastada pelo sol e pela água. Roger a pegara entre os seixos junto ao lago Ness e dera a ela.

— Para se abrigar — ele disse, sorrindo, mas traído pela rouquidão em sua voz danificada.

Ela fechou os dedos delicadamente sobre a concha e suspirou. Roger não era mesquinho. Nunca. Ele não iria partir repentinamente para Oxford — uma bolha relutante de riso flutuou para cima à ideia da chocada descrição de Annie: para a Inglaterra! — só para preocupá-la.

Portanto, ele fora por alguma razão específica, sem dúvida algo deflagrado pela briga que tiveram — e isso a preocupava um pouco.

Ele estivera às voltas com vários problemas desde que voltaram. E ela também, é claro: a doença de Mandy, decisões sobre onde morar, todos os detalhes aparentemente triviais de realocar uma família tanto no tempo quanto no espaço — fizeram tudo isso juntos. Mas havia questões que ele enfrentara sozinho.

Ela crescera como filha única, assim como ele; ela sabia como era, como você vive muito dentro de sua própria cabeça. Mas, droga, o que quer que ele tivesse em sua cabeça estava consumindo-o diante de seus olhos e, se ele não lhe dizia do que se tratava, ou era algo considerado particular demais para compartilhar — o que a incomodava, mas podia conviver com isso —, ou que ele achava perturbador demais ou perigoso para compartilhar, isso ela não iria aceitar.

Seus dedos haviam se fechado em volta da concha e ela afrouxou-os, tentando se acalmar.

Podia ouvir as crianças em cima, no quarto de Jem. Ele lia algo para Mandy — *The Gingerbread Man*, ela pensou. Não conseguia distinguir as palavras, mas conhecia o ritmo, com os gritinhos empolgados de Mandy fazendo contraponto.

Não fazia sentido interrompê-los. Havia tempo bastante mais tarde para lhes contar que papai passaria a noite fora. Talvez eles não se incomodassem, se ela contasse de maneira casual; ele nunca os havia deixado desde que voltaram, mas quando viviam em Ridge ele sempre se ausentava com Jamie ou Ian, caçando. Mandy não se lembraria disso, mas Jem...

Pretendera ir para seu gabinete, mas viu-se vagando pelo corredor e atravessando a porta aberta do gabinete de Roger. Era o antigo aposento onde as pessoas de fora vinham "dar uma palavrinha" com o dono da casa; o aposento onde seu tio Ian conduzira os assuntos da propriedade durante anos — seu pai por pouco tempo antes disso e seu avô antes dele.

E agora era de Roger. Ele perguntara se ela queria o gabinete, mas ela dissera que não. Ela gostava da pequena sala de estar do outro lado do corredor, com suas janelas ensolaradas e a sombra da antiga roseira amarela que enfeitava aquele lado da casa com sua cor e seu perfume. Fora isso, entretanto, ela apenas sentia que este aposento era um lugar de homem, com seu assoalho de madeira austero e desgastado, e estantes confortavelmente envelhecidas.

Roger conseguira encontrar um dos antigos livros de contabilidade da fazenda, de 1776; estava em uma das prateleiras superiores, a gasta encadernação de tecido abrigando as minúcias pacientes, cuidadosas, da vida em uma fazenda das Highlands: um quarto de libra de sementes de abeto-branco, um bode para reprodução, seis coelhos, trinta pesos de batatas-semente... Teria sido seu tio quem escreveu isso? Ela não sabia, nunca vira uma amostra de sua caligrafia.

Ela imaginou, com um estremecimento peculiar em suas entranhas, se seus pais haviam conseguido voltar para a Escócia — para cá. Se tinham visto Ian e Jenny outra vez; se seu pai havia sentado — sentaria? — aqui neste aposento, em casa novamente, discutindo as questões de Lallybroch com Ian. E sua mãe? Do pouco que Claire dissera, ela não se despedira de Jenny nos melhores termos, e Brianna sabia que sua mãe se entristecia com isso; um dia, haviam sido grandes amigas. Talvez as coisas pudessem ser consertadas — talvez tenham sido consertadas.

Olhou para a caixa de madeira, a salvo na prateleira superior, ao lado do livro de contabilidade, a pequena cobra de cerejeira enroscada diante dela. Em um impulso, pegou a cobra, encontrando certo consolo na curva lisa do corpo e na expressão cômica de sua cara, espreitando para trás, por cima de seu ombro inexistente. Sorriu para ela, involuntariamente.

— Obrigada, tio Willie — ela disse suavemente, em voz alta, e sentiu um extraordinário tremor percorrê-la. Não de medo, ou de frio, mas uma espécie de prazer, de um tipo tranquilo. Reconhecimento.

Ela vira aquela cobra tantas vezes — em Ridge, e agora aqui, onde fora feita — que nunca pensou em seu criador, o irmão mais velho de seu pai, morto aos onze anos. Mas ele estava ali, também, no trabalho de suas mãos, nos aposentos que o conheceram. Quando ela visitou Lallybroch anteriormente — no século XVIII —, havia um retrato dele no patamar das escadas em cima, um garoto pequeno, forte, ruivo, parado com a mão no ombro de seu irmão menor, sério, os olhos muito azuis.

Onde estará esse quadro agora? E os outros pintados por sua avó? Havia aquele único autorretrato, que de alguma forma chegara à National Portrait Gallery — ela não podia deixar de levar as crianças a Londres para vê-lo, quando fossem um pouco mais velhos — mas e os outros? Havia um de Jenny Murray ainda muito jovem alimentando um faisão dócil que tinha os meigos olhos castanhos de seu tio Ian, e ela sorriu diante da lembrança.

Era o certo a ser feito. Vir para cá, trazer as crianças... para casa. Não importava que fosse preciso um pouco de esforço dela e de Roger para encontrarem seu lugar. Embora talvez ela não devesse falar por Roger, pensou com uma expressão de desgosto.

Ergueu os olhos para a caixa outra vez. Quisera que seus pais estivessem ali — qualquer um dos dois — para que pudesse conversar com eles sobre Roger, pedir a opinião deles. Não que precisasse tanto de conselho... O que ela queria, para ser sincera, pensou, era uma confirmação de que agira corretamente.

Com o rosto corado, ergueu as duas mãos e pegou a caixa, sentindo-se culpada por não esperar por Roger para compartilhar a carta seguinte. Mas... ela precisava de sua mãe agora mesmo. Pegou a primeira carta na pilha que tinha a caligrafia de sua mãe na parte externa.

Escritórios de L'Oignon, New Bern, Carolina do Norte

Querida Bri (e Roger, Jem e Mandy, é claro)

12 de abril de 1777

Conseguimos chegar a New Bern sem maiores incidentes. Sim, eu a ouço pensando "maiores?". E é verdade que fomos parados por uma dupla de pretensos bandidos na estrada ao sul de Boone. No entanto, considerando que deviam ter respectivamente nove e onze anos, armados apenas com um antigo mosquete que os teria feito em pedacinhos se tivessem conseguido dispará-lo, não corremos grande perigo.

Rollo saltou da carroça e derrubou um deles, estatelando-o no chão, quando então seu irmão largou a arma e fugiu correndo. Seu primo Ian o perseguiu e o arrastou de volta pelo cangote.

Seu pai levou algum tempo para conseguir extrair deles alguma coisa que fizesse sentido, mas um pouco de comida fez milagre. Disseram que seus nomes são Herman e — não, de verdade — Vermin. Seus pais morreram durante o inverno — seu pai foi caçar e não voltou, a mãe morreu ao dar à luz e o bebê morreu um dia depois, já que os dois meninos não tinham como alimentá-lo. Eles não conhecem ninguém do lado do pai, mas disseram que o nome de família da mãe era Kuykendall. Felizmente, seu pai conhece uma família Kuykendall, perto de Bailey Camp, e assim Ian levou os dois vagabundos ao encontro dos Kuykendall

para ver se os dois garotos poderiam ficar com eles. Se não, imagino que ele os trará para New Bern e tentaremos colocá-los como aprendizes em algum lugar ou talvez levá-los conosco para Wilmington e encontrar para eles um trabalho como ajudantes de camareiro no navio.

Fergus, Marsali e as crianças parecem estar todos bem, tanto física — salvo uma tendência familiar a adenoides aumentadas e a maior verruga que eu já vi no cotovelo esquerdo de Germain — quanto financeiramente.

Fora o Wilmington Gazette, o Oignon é o único jornal regular na colônia, e Fergus assim consegue fazer muitos negócios. Acrescente-se a isso a impressão e venda de livros e panfletos e pode-se dizer que ele está realmente indo muito bem. A família agora é dona de duas cabras leiteiras, um bando de galinhas, um porco e três mulas, inclusive Clarence, que estamos passando para eles com nossa ida para a Escócia.

Condições e incertezas sendo o que são significando, Brianna pensou, que você não sabe quem pode ler esta carta, ou quando, é melhor que eu não seja específica sobre o que ele anda publicando, além de jornais. O próprio Wignon é cuidadosamente imparcial, publicando denúncias radicais tanto dos legalistas quanto dos menos legalistas, e publicando poemas satíricos de nosso bom amigo "Anônimo", ridicularizando ambos os lados de nosso atual conflito político. Acho que nunca vi Fergus tão feliz.

A guerra combina com alguns homens e Fergus, estranhamente, é um deles. Seu primo Ian é outro, embora no caso dele eu acredite que talvez isso o impeça de ficar pensando muito.

Eu realmente me pergunto o que sua mãe vai achar dele. Mas conhecendo-a como conheço, meu palpite é que depois de passado o choque inicial ela vai começar a procurar uma mulher para ele. Jenny é uma mulher muito observadora, no contexto geral — e tão obstinada quanto seu pai. Espero que ele se lembre disso.

Por falar em seu pai, ele sai muito com Fergus, fazendo alguns pequenos "negócios" (não especificados, o que significa que ele provavelmente está fazendo alguma coisa que me deixaria de cabelos brancos — ou mais brancos — se eu viesse a saber) e investigando junto aos mercadores por um possível navio — embora eu ache que nossas chances de encontrar um serão melhores em Wilmington, para onde iremos assim que Ian voltar.

Enquanto isso, eu "abri meu consultório" colocando uma placa na frente da gráfica de Fergus com os dizeres: ARRANCAM-SE DENTES, CURAM-SE ERUPÇÕES DE PELE, CATARRO E MALEITA, sendo a placa obra de Marsali. Ela queria acrescentar a sífilis, mas tanto Fergus quanto eu a dissuadimos — ele por medo de que isso fosse abaixar o nível do estabelecimento, eu mesma por um certo

apego à verdade na propaganda, já que de fato não há nada que eu possa fazer no momento sobre qualquer condição da doença. Catarro... bem, sempre há alguma coisa que se pode fazer contra o catarro, nem que seja ao menos uma xícara de chá quente (atualmente, significa água quente sobre raiz de sassafrás, gatária ou erva-cidreira) com uma dose de uísque.

Fiz uma visita ao dr. Fentiman em Cross Creek no caminho e pude comprar vários instrumentos necessários e alguns remédios com ele para renovar meu estojo (ao custo de uma garrafa de uísque e ser forçada a admirar a mais recente adição à sua medonha coleção de curiosidades em conserva — não, você não vai querer saber; realmente, não. Ainda bem que ele não pode ver a verruga de Germain ou viria na mesma hora a New Bern, esgueirando-se pela gráfica com uma serra de amputação).

Eu ainda não tenho um par de boas tesouras cirúrgicas, mas Fergus conhece um prateiro chamado Stephen Moray em Wilmington que ele diz que pode fazer um par segundo minhas especificações. Por enquanto, ocupo-me em grande parte com extração de dentes, já que o barbeiro que costumava fazer isso se afogou em novembro último, depois de cair nas águas do porto quando bêbado.

Com todo o amor,

Mamãe

PS. E por falar na Wilmington Gazette, seu pai pretende ir lá e ver se consegue descobrir exatamente quem deixou aquela maldita notícia sobre o incêndio. Embora eu suponha que não deva me queixar; se você não a tivesse encontrado, talvez nunca viesse para cá. E, embora haja muitas coisas que eu preferia que não tivessem acontecido em consequência de sua vinda, jamais lamentaria você ter conhecido seu pai e ele a você.

*DIABINHOS*

Não era muito diferente de nenhuma das trilhas de veado que haviam encontrado; na verdade, sem dúvida começara como uma delas. Mas havia alguma coisa sobre aquele traçado em particular que dizia "gente" para Ian, e ele estava tão acostumado a essas conclusões que raramente as registrava conscientemente. Ele não sabia, mas deu uma virada na rédea de condução de Clarence, virando a cabeça de seu próprio cavalo.

— Por que estamos parando? — Herman perguntou, desconfiado. — Não tem nada aqui.

— Tem alguém morando lá em cima. — Ian indicou a subida com um movimento brusco do queixo. — A trilha não é bastante larga para cavalos; vamos amarrá-los aqui e subir a pé.

Herman e Vermin apenas trocaram um olhar de profundo ceticismo, mas desceram da mula e se arrastaram atrás de Ian, subindo a trilha.

Ele começava a ter suas dúvidas; ninguém com quem ele falara na última semana conhecia nenhum Kuykendall na região e ele não podia ficar perdendo muito mais tempo com a questão. Provavelmente teria que levar os pequenos selvagens para New Bern com ele, afinal, e não tinha a menor ideia de como eles receberiam a sugestão.

Aliás, não fazia a menor ideia de como eles receberiam qualquer coisa. Eles não só eram tímidos quanto reticentes e dissimulados, sussurrando entre si às suas costas enquanto cavalgavam, depois se fechando como moluscos no instante em que Ian olhava para eles, fitando-o com expressão cuidadosamente neutra, por trás da qual ele via obviamente os pensamentos correndo acelerados. Que diabos eles estariam planejando?

Se pretendiam fugir dele, ele achava que não faria nenhum esforço monstruosamente grande para recapturá-los. Se, por outro lado, pretendessem roubar Clarence e o cavalo enquanto ele dormia, já era outra questão.

A cabana estava lá, uma espiral de fumaça saindo da chaminé; Herman

lançou-lhe um olhar surpreso e ele sorriu para o garoto.

— Eu disse a vocês — ele falou, gritando "Ó de casa" em seguida. A porta se abriu apenas com uma fresta e o cano de um mosquete apontou por ela. Isso não era uma reação incomum a estranhos nas regiões isoladas do interior e Ian não se deixou amedrontar. Ergueu a voz e disse o que fazia, empurrando Herman e Vermin à sua frente como prova de sua boa-fé.

A arma não foi retirada, mas ergueu-se de uma maneira significativa. Obedecendo ao instinto, Ian atirou-se rente ao chão, puxando os garotos para baixo com ele, enquanto o tiro estrondava acima deles. Uma voz de mulher gritou alguma coisa de forma estridente em uma língua desconhecida. Ele não compreendeu as palavras, mas apreendeu claramente o significado e, puxando os dois garotos e colocando-os de pé, empurrou-os apressadamente de volta pela trilha abaixo.

— Eu não vou viver com ela — Vermin informou-o, lançando um olhar de aversão, os olhos estreitados, por cima do ombro. — Isso eu posso garantir.

— Não, não vai — Ian concordou. — Continue andando, hein? — ele disse, pois Vermin parara repentinamente.

— Tenho que cagar.

— Oh, é? Bem, ande rápido. — Deu-lhe as costas, tendo descoberto desde o começo que os garotos tinham uma necessidade exagerada de privacidade nessas questões.

Herman já seguira na frente; a cabeleira emaranhada e suja de cabelos louros era apenas visível, a uns vinte metros abaixo da ladeira. Ian sugerira que os rapazes deveriam cortar, se não pentear, os cabelos, e talvez lavar o rosto, como um gesto de civilidade em deferência de qualquer parente que se visse diante da perspectiva de adotá-los, mas essa sugestão fora rejeitada com veemência. Felizmente, ele não era responsável por forçar os malandrinhos a se lavarem — e, para ser justo, ele achava que pouca diferença iria fazer para o mau cheiro deles, considerando-se o estado de suas roupas, nas quais obviamente já viam há algum tempo. No entanto, ele os fazia dormir do outro lado da fogueira, longe dele e de Rollo, à noite, na esperança de limitar sua exposição aos piolhos COM que eles estavam infestados.

Poderia a notável infestação que ele exibia ser possivelmente onde os pais do garoto mais novo haviam obtido seu nome?, perguntou-se. Ou eles não teriam nenhuma noção de que Vermin significava parasitas, praga, peste e só o escolheram para rimar com o nome do irmão mais velho?

O zurro ensurdecador de Clarence arrancou-o de seus pensamentos. Aumentou o passo, repreendendo-se por ter deixado a própria arma presa na sela. Ele não queria se aproximar da casa armado, mas...

Um grito lá de baixo o fez saltar para fora do caminho e entrar no meio das árvores. Outro grito foi interrompido repentinamente e ele desceu o barranco aos

tropeços, o mais rápido possível sem fazer muito estardalhaço. Pantera? Um urso? Não, Clarence estaria berrando como uma orca, se fosse isso; em vez, a mula gorgolejava e resfolegava como fazia quando avistava...

Alguém que conhecia. Ian parou de repente, atrás de uma cortina de choupos, o coração frio no peito.

Arch Bug virou a cabeça, ao ouvir o barulho, apesar de quase imperceptível.

— Saia daí, rapaz — falou. — Estou vendo você aí. Obviamente, ele via; os olhos antigos fitavam-no diretamente, e Ian saiu devagar do meio das árvores.

Arch pegara a arma do cavalo; estava pendurada em seu ombro. Tinha um braço engatado ao redor do pescoço de Herman e o rosto do menino estava roxo do sufocamento; seus pés chutavam como os de um coelho moribundo, alguns centímetros fora do chão.

— Onde está o ouro? — Arch perguntou, sem preâmbulos. Seus cabelos brancos estavam bem-arrumados e presos para trás, e ele parecia, até onde Ian podia ver, não ter se prejudicado nem um pouco com o inverno. Deve ter encontrado alguma família com quem ficar. Onde?, se perguntou. Brownsville, talvez? Perigoso demais, se tivesse contado aos Brown sobre o ouro — mas ele achava que Arch era astuto demais para confiar naquela gente.

— Onde você nunca o encontrará — Ian disse prontamente. Seus pensamentos corriam acelerados. Tinha uma faca na cintura, mas estava muito longe para atirá-la, e se errasse o alvo...

— O que você quer com o menino? — ele perguntou, aproximando-se um pouco. — Ele não tem nada a ver com isso.

— Não, mas parece ter a ver com você. — Herman dava pequenos guinchos ásperos e seus pés, embora ainda chutando, moviam-se mais devagar agora.

— Não, ele também não significa nada para mim — Ian disse, procurando falar descontraidamente. — Só o estou ajudando a encontrar sua família. Pretende cortar a garganta dele se eu não lhe disser onde o ouro está? Vá em frente, eu não vou lhe contar.

Ele não viu Arch puxar a faca, mas ela estava lá, repentinamente, em sua mão direita, segurada estranhamente por causa dos dedos que lhe faltavam, mas certamente perigosa.

— Está bem — Arch disse calmamente, colocando a ponta da faca sob o queixo de Herman.

Um berro irrompeu de trás de Ian, e Vermin em parte correu, em parte resvalou pelos últimos passos de trilha. Arch Bug ergueu os olhos, espantado, e Ian agachou-se para atacá-lo, mas foi antecipado por Vermin.

O garoto correu para Arch Bug e deu-lhe um tremendo chute na canela, gritando:

— Velho desgraçado! Largue ela agora mesmo! Arch pareceu tão surpreso com o chute quanto com a fala do menino, mas não soltou sua presa.

— Ela?! — exclamou, e olhou para baixo, para a criança que segurava, a qual prontamente virou a cabeça e mordeu-o ferozmente no pulso. Ian, aproveitando o momento, arremeteu-se contra ele, mas foi impedido por Vermin, que agora se agarrava à coxa de Arch com todas as forças, tentando socar o sujeito nos testículos com o pequeno punho cerrado.

Com um grunhido feroz, Arch levantou a menina — se isso é o que ela era — no ar com um safanão e arremessou-a, cambaleando, sobre Ian. Em seguida, desfechou um soco com seu enorme punho na cabeça de Vermin, atordoando-o. Arrancou o garoto de sua perna, chutou-o nas costelas quando ele cambaleou para trás, depois se virou e correu.

— Trudy, Trudy! — Herman correu para seu irmão, estendido na camada de folhas mofadas, a boca fechando e abrindo como uma truta fora da água.

Ian hesitou, querendo sair em perseguição de Arch, preocupado que Vermin estivesse gravemente ferido — mas Arch já desaparecera na floresta. Rangendo os dentes, agachou-se e passou as mãos rapidamente sobre Vermin. Nenhum sangue, e o menino agora já recuperava o fôlego, engolindo o ar e respirando pesadamente, como um fole avariado.

— Trudy? — Ian disse a Herman, agarrado com força ao pescoço de Vermin. Sem esperar por uma resposta, levantou a camisa rasgada de Vermin, arrancou a corda que prendia suas calças muito largas e espreitou lá dentro. Soltou-a apressadamente.

Herman ficou de pé com um salto, os olhos arregalados e as mãos superpostas protetoramente entre as pernas.

— Não! — ela disse. — Não vou deixar você enfiar seu maldito pau em mim!

— Nem que me pagasse — Ian garantiu-lhe. — Se este é Trudy — balançou a cabeça indicando Vermin, que se dobrara sobre as mãos e os joelhos e vomitava no mato —, qual é afinal o seu nome?

— Hermione — a menina disse, amuada. — Ela é Ermintrude. Ian passou a mão pelo rosto, tentando se adaptar à informação. Agora ele parecia... bem, não, elas ainda pareciam dois diabinhos imundos, e não duas meninas, os olhos rasgados flamejando através dos cabelos sujos e emaranhados.

Elas iam ter que raspar a cabeça, pensou, e esperava não estar nas proximidades quando isso acontecesse.

— Sim — ele disse, por falta de alguma coisa sensata. — Muito bem, então. — Você tem ouro? — Ermintrude disse, tendo parado de vomitar. Sentou-se empertigada, passou a mão pequena sobre a boca e cuspiu com habilidade. —

Onde?

— Se eu não contaria a ele, por que contaria a vocês? E pode esquecer essa ideia no momento. — garantiu-lhe, vendo seus olhos dirigirem-se para sua faca na cintura.

Droga. O que ele deveria fazer agora? Afastou o choque da aparição súbita de Arch Bug — tempo para pensar nisso mais tarde — e passou a mão devagar pelos cabelos, refletindo. O fato de serem meninas não mudava nada, na verdade, mas o fato de saberem que ele tinha ouro escondido, sim. Não ousava deixá-las com ninguém agora, porque se o fizesse...

— Se deixar a gente, vamos contar sobre o ouro — Hermione disse prontamente. — Não queremos morar numa cabana nojenta. Queremos ir para Londres.

— O quê? — Fitou-as, incrédulo. — O que sabem de Londres, pelo amor de Deus?

— Nossa mãe veio de lá — Herman, não, Hermione, disse, e mordeu o lábio para impedir que tremesse à menção de sua mãe. Era a primeira vez que falava de sua mãe, Ian notou com interesse. Quanto mais exibir qualquer sinal de vulnerabilidade. — Ela nos contou sobre isso.

— Mmmmmhum. E por que eu mesmo não mataria vocês? — ele perguntou, exasperado. Para seu espanto, Herman sorriu para ele, a primeira expressão um pouco amável que ele via em seu rosto.

— O cachorro gosta de você — ela disse. — Não gostaria se você matasse gente.

— É o que você pensa — murmurou, levantando-se. Rollo, que andara ausente cuidando da própria vida, escolheu este momento oportuno para saltar do meio do mato, farejando empenhadamente.

— E onde você estava quando eu precisei de você? — Ian perguntou. Rollo cheirou cuidadosamente ao redor do lugar onde Arch Bug estivera, depois ergueu a perna e urinou em um arbusto.

— Aquele velho miserável ia matar Hermie? — a menina perguntou subitamente, quando ele a levantava e sentava na mula, atrás de sua irmã.

— Não — ele disse, com certeza. Mas, ao subir em sua própria sela, ele ficou em dúvida. Tinha a sensação muito desconfortável de que Arch Bug compreendia muito bem a natureza da culpa. O suficiente para matar uma criança inocente, somente porque sua morte faria Ian se sentir culpado? E Ian se sentiria; Arch sabia disso. — Não — respondeu com mais convicção. Arch Bug era vingativo e retaliador, e tinha o direito de ser, admitia, mas Ian não tinha motivo para julgá-lo um monstro.

Mesmo assim, fez as meninas cavalgarem à sua frente, até acamparem

naquela noite.

Não houve mais nenhum sinal de Arch Bug, embora Ian tivesse de vez em quando a sensação insinuante de estar sendo observado quando acampavam. O sujeito estaria seguindo-o? Talvez estivesse, Ian pensou — pois certamente não fora por acaso que ele aparecera tão repentinamente.

Muito bem. Ele voltara às ruínas da casa grande, pensando em recuperar o ouro depois que tio Jamie fora embora, e descobriu que o ouro não estava mais lá. Perguntou-se se Arch teria conseguido matar a porca branca, mas descartou a ideia; seu tio dissera que a criatura obviamente viera das regiões infernais e portanto era indestrutível, e ele próprio inclinava-se a concordar.

Olhou para Rollo, que cochilava a seus pés, mas o cachorro não dava nenhum sinal de que houvesse alguém por perto, apesar de suas orelhas estarem parcialmente erguidas. Ian relaxou um pouco, embora mantivesse a faca no corpo, mesmo enquanto dormia.

Não inteiramente por causa de Arch Bug, saqueadores ou animais selvagens. Olhou para o outro lado da fogueira, onde Hermione e Trudy estavam deitadas, enroladas bem junto em um cober... só que não estavam. O cobertor estava habilmente estofado para dar a impressão de conter dois corpos, mas uma rajada de vento levantara uma das pontas e ele pôde ver que não estavam ali.

Ele fechou os olhos, exasperado, depois os abriu e olhou para o cachorro.

— Por que você não disse alguma coisa? — perguntou. — Certamente os viu ir embora?

— Não fomos embora — disse uma vozinha fraca e rouca atrás dele. Ele virou-se e viu as duas agachadas de cada lado do alforje, pilhando laboriosamente a comida.

— Nós tamo com fome — Trudy disse, enfiando os restos de um pão na boca.

— Mas eu dei comida a vocês! — Ele havia abatido algumas codornas e cozido-as no barro. É bem verdade que não era um banquete, mas...

— Nós ainda com fome — Hermione disse, com lógica impecável. Lambeu os dedos e arrotou.

— Vocês beberam toda a cerveja? — ele perguntou, agarrando uma garrafa de pó de pedra vazia que rolava junto a seus pés.

— Mmhum-mhum — ela disse vagamente, sentando-se abruptamente. — Não podem roubar comida — ele disse severamente, tirando o esvaziado alforje de Trudy. — Se comerem tudo agora, vamos passar fome antes que eu consiga levá-las a... seja lá para onde vamos — terminou, frouxamente.

— Se não comermos, vamos passar fome agora — Trudy disse logicamente. — Melhor passar fome depois.

— Para onde estamos indo? — Hermione oscilava lentamente de um lado para o outro, como uma flor pequena e suja ao vento.

— Para Cross Creek — ele disse. — É a primeira cidade de maior porte que encontraremos e eu conheço algumas pessoas lá. — Se conhecia alguém que pudesse ser de alguma ajuda nas atuais circunstâncias... era uma pena o que acontecera à sua tia-avó Jocasta. Se ela ainda estivesse em River Run, ele poderia facilmente deixar as meninas lá, mas do jeito que as coisas estavam, Jocasta e seu marido, Duncan, haviam imigrado para a Nova Escócia. Havia a criada de Jocasta, Phaedre... Achava que ela estava empregada como garçoneiro em Wilmington. Mas, não. Ela não poderia...

— É tão grande quanto Londres? — Hermione deixou-se cair lentamente de costas, com os braços abertos. Rollo levantou-se e foi cheirá-la; ela deu uma risadinha, o primeiro som inocente que ouvira dela.

— Você tá bem, Hermie? — Trudy arrastou-se até sua irmã e agachou-se ao lado dela, preocupada. Rollo, tendo cheirado Hermione cuidadosamente, voltou sua atenção para Trudy, que meramente empurrou seu focinho curioso. Hermione agora cantarolava desafinadamente consigo mesma.

— Ela está bem — Ian disse, após um rápido olhar. — Só está um pouco bêbada. Vai passar.

— Oh. — Tranquilizada, Trudy sentou-se ao lado da irmã, abraçando os joelhos.

— Papai costumava ficar bêbado. Mas ele gritava e quebrava as coisas.

— É mesmo? — Hum-hum. Quebrou o nariz da minha mãe uma vez.

— Oh. — Ian disse, sem saber como reagir a isso. — Sinto muito. — Acha que ele está morto?

— Espero que sim. — Eu também — ela disse, satisfeita. Bocejou enormemente. Ele podia sentir o cheiro de seus dentes podres de onde estava sentado — e em seguida enroscou-se no chão, aconchegando-se a Hermione.

Suspirando, Ian levantou-se e foi buscar o cobertor. Cobriu-as, ajeitando a coberta delicadamente ao redor dos corpinhos abandonados.

E agora?, perguntou-se. A recente troca de palavras fora a mais próxima de uma conversa que já tivera com as meninas até então e ele não tinha dúvida de que a breve incursão em amabilidades iria durar mesmo depois que amanhecesse. Onde ele iria encontrar alguém disposto e capaz de cuidar delas?

Um leve ronco, como o zumbido das asas de uma abelha, veio do cobertor, e ele sorriu involuntariamente. A pequena Mandy, a filha de Bri, fazia um ruído assim quando dormia.

Ele segurara Mandy nos braços, adormecida, algumas vezes — certa vez, por mais de uma hora, não querendo largar o peso minúsculo e quente, observando o

pulso rápido em seu pescoço. Imaginando, com saudade e uma dor amenizada pela distância, sua própria filha. Natimorta, seu rosto um mistério para ele. Yeksa'a, os mohawks a chamaram — "menininha", nova demais para ter um nome. Mas sua filha tinha um nome. Iseabail. Foi assim que ele a chamou.

Enrolou-se no esfiapado xale escocês que seu tio Jamie lhe dera quando ele resolveu ser um mohawk e deitou-se junto à fogueira.

Reze. Era isso que seus pais, seu tio, teriam aconselhado. Na verdade, não sabia ao certo a quem rezar, ou o que dizer. Deveria dirigir-se a Cristo, ou sua Mãe, ou talvez um dos santos? Ao espírito do cedro vermelho que montava guarda para além da fogueira ou à vida que se movia na floresta, sussurrando na brisa noturna?

— A Dizia — murmurou finalmente para o céu aberto —, cuidich mi — e adormeceu.

Quer tenha sido Deus ou a própria noite que o atendeu, ao amanhecer ele acordou com uma ideia.

Ele esperava a criada estrábica, mas a própria sra. Sylvie atendeu à porta. Lembrava-se dele; ele percebeu uma centelha de reconhecimento e — pensou — prazer em seus olhos, embora não chegasse a ser um sorriso, é claro.

— Sr. Murray — ela disse, tranquila e controlada. Em seguida, abaixou os olhos e perdeu um pouco de sua compostura. Ajeitou os óculos de armação metálica no nariz para ver melhor o que o acompanhava, em seguida levantou a cabeça e fitou-o com desconfiança.

— O que é isso? Ele já esperava por essa reação e se preparara. Sem responder, levantou a bolsinha gorda que trouxera e sacudiu-a, para que ela ouvisse o tilintar das moedas.

A expressão da sra. Sylvie mudou diante disso e ela deu um passo atrás para que eles pudessem entrar, embora continuasse a olhá-los com desconfiança.

Não com tanta desconfiança quanto as criaturinhas selvagens — ainda tinha dificuldade em pensar nelas como meninas — que se deixaram ficar para trás até ele agarrar cada uma pelo pescoço fino e empurrá-las com firmeza para dentro da sala de estar da sra. Sylvie. Elas se sentaram — compulsoriamente —, mas pareciam ter alguma coisa em mente, o que o fez cravar os olhos nelas, mesmo enquanto conversava com a proprietária do estabelecimento.

— Criadas? — ela disse, incrédula, olhando para as meninas. Ele dera banho nelas, em suas próprias roupas — à força, e tinha várias dentadas para provar, embora felizmente nenhuma tivesse inflamado ainda —, mas não havia nada a fazer a respeito de seus cabelos, a não ser cortá-los, e ele não estava disposto a se aproximar de nenhuma das duas com uma faca, por medo de feri-las ou a si próprio na luta subsequente. Elas permaneceram sentadas, olhando furiosamente através do emaranhado de seus cabelos como gárgulas, de olhos vermelhos e malignos.

— Bem, elas não querem ser prostitutas — ele disse brandamente. — E eu também não quero que elas sejam. Não que eu pessoalmente tenha alguma objeção à profissão — ele acrescentou em prol da cortesia.

Um músculo torceu-se no canto da boca da sra. Sylvie e ela lançou-lhe um olhar penetrante — e ligeiramente bem-humorado — através de seus óculos.

— Fico feliz em saber — ela disse secamente. E abaixou os olhos até os pés dele, levantando-os lentamente, quase de forma avaliadora, por toda a extensão de seu corpo, de tal maneira que o fez se sentir repentinamente como se tivesse sido mergulhado em água quente. Os olhos descansaram em seu rosto novamente e a expressão divertida havia se intensificado consideravelmente.

Ele tossiu, lembrando — com uma mistura de constrangimento e desejo sexual — uma série de imagens interessantes de seu encontro há mais de dois anos. Externamente, ela era uma mulher comum de mais de trinta anos, o rosto e os modos muito mais semelhantes aos de uma freira aristocrática do que aos de uma prostituta. Por baixo do despretensioso vestido de morim e avental de musselina, entretanto... ela valia cada centavo, a madame Sylvie.

— Não estou pedindo um favor, hein? — ele disse, indicando a bolsinha, que colocara na mesa ao lado de sua poltrona. — Eu tinha em mente ensinar-lhes algum ofício, talvez?

— Meninas aprendizes. Em um bordel. — Ela não falou como uma pergunta, mas sua boca torceu-se outra vez.

— Podia começar treinando-as como criadas, certamente você tem limpeza a fazer, não é? Urinóis a serem esvaziados e coisas assim? Depois, se forem bastante inteligentes — lançou-lhes, ele próprio, um olhar penetrante, e Hermione mostrou-lhe a língua —, poderia treiná-las como cozinheiras. Ou costureiras. Você deve ter que fazer muitos remendos, não? Lençóis rasgados e coisas assim?

— Combinações rasgadas, é mais provável — ela disse, muito secamente. Seus olhos dardejaram para o teto, de onde o som de guinchos rítmicos denunciava a presença de um cliente pagante.

As meninas haviam deslizado de seus banquinhos e rondavam pela sala como gatos selvagens, farejando as coisas e arrepiando-se de cautela. Ele percebeu repentinamente que elas nunca haviam visto uma cidade, muito menos a casa de alguém civilizado.

A sra. Sylvie inclinou-se para frente e pegou a bolsinha, os olhos arregalando-se de surpresa com seu peso. Abriu-a e despejou um punhado de balas gordurosas e enegrecidas em sua mão, levantando a cabeça e lançando um olhar penetrante para Ian à sua frente. Ele não falou, mas sorriu e, estendendo a mão, pegou uma das balas de sua palma, enfiou a unha com força no metal e largou-a novamente em sua mão, o risco brilhando, mostrando o ouro sob o negrume.

Ela franziu os lábios, avaliando o peso da bolsinha outra vez. — Toda ela? — Era, ele estimara, mais de cinquenta libras em ouro: metade do que ele carregava.

Ele esticou-se e pegou um enfeite de porcelana das mãos de Hermione.

— Não vai ser uma tarefa fácil — ele disse. — Você vai merecer esse valor, eu acho.

— Eu também acho — ela disse, observando Trudy, que — sem nenhum constrangimento — abaixara as calças e se aliviava no canto da lareira. Uma vez revelado o segredo de seu sexo, as meninas haviam abandonado suas exigências de privacidade.

A sra. Sylvie tocou seu sino de prata e as duas meninas voltaram-se para o som, surpresas.

— Por que eu? — ela perguntou.

— Não consegui pensar em ninguém mais que pudesse ser capaz de lidar com elas — Ian disse simplesmente.

— Estou muito lisonjeada.

— Devia estar mesmo — ele disse, sorrindo. — Estamos combinados, então? Ela inspirou fundo, analisando as meninas, que tinham as cabeças unidas, cochichando, enquanto olhavam para ela com extrema desconfiança. Soltou a respiração, sacudindo a cabeça.

— Provavelmente é um péssimo negócio. Mas os tempos estão difíceis.

— O que, em seu ramo? Imagino que a demanda seja bem constante. — Falou em tom de pilhéria, mas ela aproximou-se dele, os olhos estreitados.

— Oh, os clientes estão prontos a baterem em minha porta, independente de qualquer coisa — ela disse. — Mas não têm dinheiro ultimamente, ninguém tem. Eu aceito uma galinha ou um pedaço de bacon, mas metade deles nem isso tem. Pagam com "dinheiro da proclamação" ou com "continentais", ou com vales das milícias. Adivinha quanto qualquer uma dessas moedas vale no mercado?

— Sim, eu... — Mas ela fumegava como uma chaleira de água fervente e virou-se para ele, sibilando.

— Ou simplesmente não pagam. No tempo das vacas gordas, os homens são justos, em sua maioria. Mas, se o cinto aperta um pouco, eles param de vir porque têm que nos pagar pelo seu prazer. Afinal, o que custa a mim? E não posso me recusar, ou eles simplesmente conseguem o que querem e depois ateião fogo à minha casa ou nos ferem por minha temeridade. Você vê isso, não?

A amargura em sua voz ardia como urtiga e ele abruptamente abandonou o impulso que se formava em seu íntimo de lhe propor que selassem seu acordo de uma forma pessoal.

— Compreendo — ele respondeu, da maneira mais impessoal possível. — Mas isso não é sempre um risco de sua profissão? E você prosperou até agora, não?

Ela comprimiu os lábios por um instante.

— Eu tinha um... benfeitor. Um cavalheiro que me dava proteção. — Em troca de...? Um forte rubor tomou conta de suas faces magras. — Não é da sua conta, senhor.

— Não? — Ele balançou a cabeça indicando a bolsinha em sua mão. — Se estou deixando meu... isso... bem, elas.... — abanou a mão indicando as meninas, agora tocando o tecido de uma cortina — com você, certamente tenho o direito de perguntar se as estou colocando em perigo, não é?

— São meninas — ela respondeu sucintamente. — Nasceram no perigo e viverão suas vidas nessa condição, independente das circunstâncias. Mas sua mão apertara-se ao redor da bolsinha, os nós dos dedos brancos. Ele ficou impressionado por ela ser tão honesta, considerando-se que ela obviamente precisava desesperadamente do dinheiro. No entanto, apesar de sua amargura, ele estava, de certo modo, apreciando o debate.

— Acha, então, que a vida não é perigosa para um homem? — ele perguntou, e sem parar acrescentou: — O que aconteceu com seu cafetão?

O sangue desapareceu abruptamente do rosto dela, deixando-o branco como um osso descarnado. Nele, seus olhos lançavam faíscas.

— Ele era meu irmão — ela disse, e sua voz abaixou-se a um sussurro furioso. — Os Filhos da Liberdade cobriram-no de alcatrão e penas, e o deixaram na minha porta para morrer. Agora, senhor... tem mais alguma pergunta concernente a meus negócios ou nosso acordo está fechado?

Antes que ele conseguisse encontrar uma resposta a isso, a porta se abriu e uma jovem entrou. Ele sentiu um choque visceral ao vê-la e as bordas de sua visão ficaram esbranquiçadas. Então, o aposento se estabilizou à sua volta e ele viu que conseguia respirar outra vez.

Não era Emily. A jovem — olhando com curiosidade para as pequenas selvagens enroladas nas cortinas — era parcialmente índia, de constituição pequena e graciosa, com os cabelos longos, cheios, negros como as asas da graúna, balançando-se, soltos, pelas suas costas. Com as maçãs do rosto largas e o queixo redondo e delicado de Emily. Mas não era Emily.

Graças a Deus, ele pensou, mas ao mesmo tempo sentiu um vazio no estômago. Ao vê-la, sentiu como se uma bala de canhão o tivesse atravessado, deixando um enorme buraco em seu rastro.

A sra. Sylvie dava rápidas instruções à jovem índia, apontando para Hermione e Trudy. As sobrancelhas negras da jovem ergueram-se levemente, mas ela assentiu e, sorrindo para as meninas, convidou-as a acompanhá-la até a cozinha para comerem alguma coisa.

As meninas prontamente se desvencilharam das cortinas; já se passara muito

tempo desde o café da manhã, e ele não tinha nada para elas senão um pedaço de pão seco e um pouco de carne de urso seca, dura como couro de sapato.

Elas seguiram a índia para a porta da sala, sem lhe dispensar sequer um olhar. À porta, entretanto, Hermione virou-se e, puxando as calças largas para cima, fixou nele um olhar feroz e apontou-lhe um dedo fino e longo de acusação.

— Se virarmos prostitutas no final das contas, seu desgraçado, eu vou caçá-lo, arrancar suas bolas e enfiá-las no seu cu.

Ele se despediu com toda a dignidade que conseguiu reunir, a risada da sra. Sylvie retinindo em seus ouvidos.



ARRANCANDO DENTES

New Bern, colônia da Carolina do Norte
Abril, 1777

Eu detestava arrancar dentes. A figura de linguagem que compara algo de extrema dificuldade à extração de dentes não é uma hipérbole. Mesmo na melhor das situações — uma pessoa corpulenta com uma boca grande e um temperamento dócil, o dente afetado, um dos da frente e no maxilar superior (menos problemático em relação a raízes e de acesso muito mais fácil) — era uma questão confusa, delicada e difícil. E, sublinhando o caráter puramente desagradável da tarefa em si, havia uma inevitável sensação de desânimo com o provável resultado.

Era necessário — além da dor de um dente com abscesso, a inflamação podia liberar bactérias na corrente sanguínea, causando septicemia e até a morte —, só que arrancar um dente, sem nenhuma maneira de substituí-lo, significava comprometer não só a aparência do paciente, como a função e a estrutura da boca. A falta de um dente permitia que os que estavam próximos saíssem do lugar, alterando a mordedura e tornando a mastigação muito menos eficiente. O que, por sua vez, afetava a nutrição do paciente, a saúde como um todo e as perspectivas de uma vida longa e feliz.

Não, refleti com raiva, mudando de posição novamente para obter uma visão melhor do dente que eu procurava, que a remoção de vários dentes fosse danificar muito a dentição da pobre menina em cuja boca eu estava trabalhando.

Ela não podia ter mais do que oito ou nove anos, com uma arcada estreita e pronunciadamente dentuça. Os caninos de leite não caíram no devido tempo e os dentes permanentes eclodiram por trás deles, dando-lhe uma sinistra aparência de presas duplas. Isso era agravado pela inusitada estreiteza da arcada superior, que forçara os dois incisivos frontais emergentes a se entortarem para dentro, voltando-se um para o outro de tal forma que as superfícies frontais de cada dente quase se tocavam.

Toquei o molar superior inflamado e ela sacudiu-se com um safanão contra as tiras que a mantinham presa à cadeira, emitindo um grito agudo que penetrou sob as minhas unhas como uma farpa de bambu.

— Dê-lhe um pouco mais, Ian, por favor. — Empertiguei-me, sentindo como se a parte inferior de minhas costas tivesse sido apertada com um torniquete; eu estava trabalhando há várias horas na sala da frente da gráfica de Fergus e tinha uma pequena tigela cheia de dentes sujos de sangue junto a meu cotovelo para provar à multidão fascinada do lado de fora da janela. Ian fez um ruído escocês de dúvida, mas pegou a garrafa de uísque e estalou a língua para a menina num gesto encorajador. Ela gritou novamente diante de seu rosto tatuado e trancou a boca. A mãe da menina, já sem paciência, deu-lhe um pequeno tapa, arrancou a garrafa da mão de Ian e, inserindo-a na boca da filha, virou-a de cabeça para baixo, prendendo o nariz da menina fechado COM a outra mão.

Os olhos da criança arregalaram-se, redondos como duas moedas, e uma explosão de gotículas de uísque jorrou dos cantos de sua boca — mas ainda assim seu pescoço fino moveu-se para baixo e para cima convulsivamente enquanto ela engolia.

— Acho que já é mais do que suficiente — eu disse, um pouco alarmada com a quantidade de uísque que a criança engolia. Era um uísque muito ruim, comprado no local, e apesar de Jamie e Ian o terem provado e, após alguma discussão, decidido que provavelmente não iria cegar ninguém, eu tinha reservas quanto a usá-lo em grandes quantidades.

— Humm — a mãe disse, examinando a filha de modo crítico, mas sem retirar a garrafa. — Acho que agora vai funcionar.

Os olhos da criança haviam rolado para trás e o corpinho tenso repentinamente relaxou, desfalecendo flacidamente contra a cadeira. A mãe retirou a garrafa de uísque da boca da filha, limpou a boca da garrafa cuidadosamente em seu avental e devolveu-a a Ian com um sinal da cabeça em agradecimento.

Examinei apressadamente seu pulso e respiração, mas ela parecia em boa forma — até agora, ao menos.

— Carpe diem — murmurei, pegando meu alicate. — Ou talvez deva dizer carpe vinorum? Fique atento para ver se ela continua respirando, Ian.

Ian riu e inclinou a garrafa, molhando um pequeno chumaço de tecido limpo com uísque para a limpeza.

— Acho que você vai ter tempo de arrancar mais de um dente, se quiser, tia. Provavelmente poderia tirar todos os dentes da garota e ela não iria nem se mexer.

— É uma ideia — eu disse, virando a cabeça da menina. — Pode trazer o espelho, Ian?

Eu tinha um pequeno espelho quadrado que podia, com sorte, ser usado para

direcionar a luz do sol para dentro da boca de um paciente. E havia bastante luz solar jorrando em abundância pela janela, quente e brilhante. Infelizmente, havia inúmeras cabeças pressionadas contra a janela também, que ficavam entrando e saindo do caminho do sol, frustrando as tentativas de Ian de lançar um raio de sol onde eu precisava.

— Marsali! — chamei, um polegar conferindo o pulso da menina, por precaução.

— Sim? — Ela surgiu do aposento dos fundos onde estivera limpando, ou melhor, sujando os tipos, limpando as mãos pretas de tinta em um trapo. — Precisa de Henri-Christian outra vez?

— Se você... ou ele... não se importar.

— Ele, não — ela me garantiu. — Ele adora fazer isso, o exibido. Joanie! Félicité! Venham buscar o pequeno, sim? Precisam dele lá na frente.

Félicité e Joan — vulgo "gatinhas infernais", como Jamie as chamava — vieram prontamente; elas gostavam das performances de Henri-Christian quase tanto quanto ele mesmo.

— Vamos, Bubbles! — Joanie chamou, mantendo aberta a porta para a cozinha. Henri-Christian veio correndo, bamboleando de um lado para o outro em suas pernas curtas e arqueadas, o rosto vermelho radiante.

— Uuu-la-lá! Uuu-la-lá! Uuu-la-lá! — ele gritava, dirigindo-se à porta. — Coloque o chapéu nele! — Marsali gritou. — Vai pegar friagem nos ouvidos!

Era um dia claro, mas ventava e Henri-Christian tinha uma tendência a contrair infecção de ouvido. Mas ele tinha um chapéu de lã que amarrava sob o queixo, tricotado em listras azuis e brancas e decorado com uma fileira de bolotas vermelhas — Brianna o fizera para ele, e ao vê-lo senti um aperto no coração, dor e ternura misturados.

As meninas o pegaram, cada uma por uma das mãos — Félicité esticando-se no último instante para pegar um velho chapéu desabado de seu pai do cabideiro, para estender e receber as moedas —, e saíram, ao encontro de vivas e assobios da multidão. Através da janela, eu podia ver Joanie limpando os livros exibidos em uma mesa do lado de fora e Félicité içando Henri-Christian para sua plataforma. Ele abriu seus braços truncados e curtos, radiante, e fez uma reverência com grande elegância para um lado e para o outro. Em seguida, curvou-se, colocou as mãos sobre o tampo da mesa e, com um notável grau de graciosidade controlada, ficou de cabeça para baixo, apoiado nas mãos e com as pernas no ar.

Não esperei para ver o resto de seu espetáculo — era basicamente de danças e chutes, intercalados com cambalhotas e pequenas acrobacias, mas que encantava por sua estatura anã e vívida personalidade.

No entanto, ele havia afastado a multidão da janela momentaneamente, que

era o que eu queria.

— Agora, Ian — eu disse, voltando ao trabalho. Com a luz trêmula do espelho, era um pouco mais fácil ver o que estava fazendo e me atraquei com o dente quase no mesmo instante. Mas essa era a parte difícil; o dente estava muito quebrado e havia uma grande chance de que pudesse esfacelar-se quando eu o torcesse, ao invés de sair inteiro. E se isso acontecesse...

Mas não aconteceu. Ouviu-se um estalido abafado quando a raiz do dente separou-se do osso do maxilar e logo eu segurava o minúsculo objeto branco, intacto.

A mãe da criança, que observava atentamente, suspirou e relaxou um pouco. A menina suspirou também e ajeitou-se na cadeira. Verifiquei sua pulsação outra vez, mas estava boa, embora a respiração estivesse um pouco fraca. Ela provavelmente iria dormir por...

Um pensamento me ocorreu.

— Sabe — eu disse à mãe, com certa hesitação —, eu poderia extrair um ou mais dentes sem machucá-la. Veja... — Afastei-me para o lado, chamando-a para ver. — Estes — toquei nos caninos de leite atrasados — devem ser arrancados imediatamente, para que os dentes de trás assumam seus lugares. E você vê estes dentes da frente, é claro... Bem, eu extraí o pré-molar superior da esquerda; se eu tirar o mesmo dente da direita, eu acho que talvez seus dentes se deslocassem um pouco, para preencher o espaço vazio. E se puder convencê-la a pressionar com a língua estes dentes da frente, sempre que se lembrar... — Não era de modo algum ortodontia, e certamente carregava um risco aumentado de infecção, mas eu me sentia tentada. A pobre criança parecia um morcego carnívoro.

— Hummm — a mãe disse, olhando dentro da boca da filha com a testa franzida. — Quanto você me dá por eles?

— Quanto... quer que eu pague a você? — São dentes bons, perfeitos — a mãe retrucou prontamente. — O arrancador de dentes perto do porto me daria um xelim por cada dente. E Glory vai precisar do dinheiro para seu dote.

— Seu dote? — repeti, surpresa. A mãe deu de ombros. — Provavelmente ninguém vai querê-la pela beleza, não é?

Eu era obrigada a admitir que isso era verdade; fora sua deplorável dentição, chamar a pobre criança de feia seria um elogio.

— Marsali — chamei. — Você tem quatro xelins? — O ouro na bainha de meu vestido balançava-se pesadamente ao redor de meus pés, mas eu não podia usá-lo nesta situação.

Marsali virou-se da janela, de onde vigiava Henri-Christian e as meninas, surpresa.

— Não dinheiro vivo, não. — Tudo bem, tia. Eu economizei um pouco. —

Ian largou o espelho e enfiou a mão em seu sporran, emergindo com um punhado de moedas. — Veja bem — ele disse, fitando a mulher severamente —, você não conseguiria mais do que três pennies para cada dente em perfeito estado, e provavelmente não mais do que um penny por um dente de leite.

A mulher, sem se deixar esmorecer, olhou para ele com o queixo erguido.

— Eis como fala um escocês avarento — ela disse. — Por mais que esteja tatuado como um selvagem. Seis pennies cada um, então, seu pão-duro desgraçado!

Ian riu para ela, exibindo seus próprios dentes, os quais, se não inteiramente alinhados, estavam em excelentes condições.

— Vai levar sua menina para o cais e deixar aquele açougueiro estraçalhar sua boca? — ele perguntou afavelmente. — Ela estará acordada até lá, sabe? E berrando. Três.

— Ian! — eu disse.

— Bem, não vou deixar que ela a engane, tia. Já é bastante ruim que ela esteja querendo que você arranque os dentes de graça, quanto mais pagar pela honra!

Fortalecida pela minha intervenção, a mulher empinou o queixo e repetiu:

— Seis pennies! Marsali, atraída pela discussão, aproximou-se para espreitar dentro da boca da menina.

— Você não vai arranjar um marido para esta aqui por menos de dez libras — ela informou à mulher sem rodeios. — Não desse jeito que está. Um homem teria medo de ser mordido ao beijá-la. Ian tem razão. Na realidade, você deveria pagar em dobro pelo serviço.

— Você concordou em pagar quando veio aqui, não foi? — Ian pressionou. — Dois pennies para ter o dente arrancado, e foi uma pechincha, porque minha tia ficou com pena da menina.

— Sanguessugas! — a mulher exclamou. — É verdade o que dizem, vocês escoceses são capazes de tirar moedas dos olhos de um morto!

Obviamente, a questão não seria resolvida depressa; eu podia sentir Ian e Marsali dispostos a travar uma divertida sessão de luta livre. Suspirei e peguei o espelho da mão de Ian. Eu não iria precisar dele para os caninos e talvez quando eu chegasse ao outro pré-molar ele já estivesse prestando atenção outra vez.

Na realidade, os caninos foram simples; dentes de leite, quase sem raiz e prontos para cair — eu provavelmente poderia tê-los arrancado com os dedos. Uma rápida torcida em cada um e eles saíram, as gengivas quase sem sangramento. Satisfeita, limpei o local com uma mecha de algodão embebida em uísque, depois examinei o pré-molar.

Ficava do outro lado da boca, o que significava que, virando um pouco a cabeça da menina, eu poderia obter um pouco de luz sem precisar do espelho. Peguei a mão de Ian — ele estava tão absorto na discussão que mal notou — e

coloquei-a na cabeça da menina para segurá-la firmemente na posição, depois cuidadosamente aproximei meu alicate.

Uma sombra interceptou minha luz, desapareceu — em seguida, voltou, bloqueando-a completamente. Virei-me, aborrecida, deparando-me com um cavalheiro de aparência elegante espreitando pela janela, um olhar de interesse no rosto.

Olhei severamente para ele e gesticulei para que se afastasse. Ele pestanejou para mim, mas depois balançou a cabeça desculpando-se e afastou-se para o lado. Sem esperar por mais alguma interrupção, agachei-me, segurei o dente e arranquei-o com uma bem-sucedida torção.

Cantarolando de satisfação, despejei um pouco de uísque no buraco ensanguentado, em seguida virei sua cabeça para o outro lado e pressionei um chumaço de gaze delicadamente sobre a gengiva, para ajudar a drenar o abscesso. Senti uma repentina frouxidão extra no pequeno pescoço vacilante e congelei.

Ian também sentiu; interrompeu-se no meio de uma frase e lançou-me um olhar espantado.

— Desamarre-a — eu disse. — Rápido. Ele a soltou rapidamente e eu a segurei por baixo dos braços, estendendo-a no chão, a cabeça caída como a de uma boneca de pano. Ignorando exclamações espantadas de Marsali e da mãe da menina, virei sua cabeça para trás, tirei o chumaço de gaze de sua boca e, apertando seu nariz entre meus dedos, coleí minha boca na sua e comecei a ressuscitação.

Era como inflar um balão pequeno e duro: relutância, resistência, depois, finalmente, o peito enchendo-se de ar. Mas o peito não é maleável como borracha; não ficou mais fácil soprar.

Eu mantinha os dedos da outra mão em seu pescoço, procurando desesperadamente uma pulsação da carótida. Lá estava... seria mesmo?... Sim, era! Seu coração ainda estava batendo, embora fracamente.

Respirar. Pausa. Respirar. Pausa... Senti o minúsculo fluxo da expiração e, em seguida, o peito estreito moveu-se por conta própria. Esperei, o sangue latejando em meus ouvidos, mas não se moveu outra vez. Respirar. Pausa. Respirar...

O peito se moveu novamente e desta vez continuou a subir e descer por seu próprio esforço. Sentei-me sobre os calcanhares, minha própria respiração acelerada e uma película de suor frio cobrindo meu rosto.

A mãe da menina fitava-me, boquiaberta. Notei vagamente que sua própria dentição não era ruim; só Deus sabia como era seu marido.

— Ela está... está...? — a mulher perguntou, pestanejando e olhando de mim para a filha e de novo para mim.

— Ela está bem — respondi, sem maiores comentários. Levantei-me devagar, sentindo-me zozza. — Mas ela não pode ir embora enquanto o efeito do uísque não

passar; acho que ela vai ficar bem, mas é possível que pare de respirar outra vez. Alguém precisa ficar observando-a até ela acordar. Marsali...?

— Sim, vou colocá-la na cama de rodinhas — Marsali disse, aproximando-se. — Oh, aí está você, Joanie. Pode vir aqui e ficar vigiando esta menina um pouco? Ela precisa se deitar na sua cama.

As crianças haviam entrado, rindo e afogueadas, com o chapéu cheio de moedas e botões, mas, ao notarem a menina no chão, correram para vê-la também.

— Uuu-la-lá! — Henri-Christian exclamou, impressionado.

— Ela está morta? — Félicité perguntou, de forma mais prática.

— Se estivesse, mamãe não estaria me pedindo para tomar conta dela — Joanie ressaltou. — Ela não vai vomitar na minha cama, vai?

— Forrarei com uma toalha — Marsali prometeu, agachando-se para pegar a menina no colo. Ian adiantou-se, erguendo a menina delicadamente nos braços.

— Então, nós só lhe cobraremos dois pennies — ele disse à mãe. — Mas lhe daremos todos os dentes de graça, hein?

Perplexa, ela assentiu, depois seguiu os demais para os fundos da casa. Ouvi o barulho de múltiplos pés subindo as escadas, mas não os segui; minhas próprias pernas estavam fracas e eu me sentei de repente.

— A senhora está bem, madame? — Ergui os olhos e vi o estranho elegante dentro da loja, olhando para mim com curiosidade.

Peguei a garrafa de uísque quase vazia e tomei um grande gole. Queimava como enxofre e tinha gosto de ossos carbonizados. Minha respiração assobiou e meus olhos lacrimejaram, mas não cheguei realmente a tossir.

— Muito bem — respondi com voz rouca. — Perfeitamente bem. — Clareei a garganta e enxuguei os olhos na manga do meu vestido. — Posso ajudá-lo?

Uma expressão ligeiramente divertida atravessou suas feições.

— Eu não preciso ter um dente arrancado, o que provavelmente é uma sorte para nós dois. Entretanto... posso? — Tirou um fino frasco de prata do bolso e o estendeu a mim, sentando-se em seguida. — Acredito que seja um pouco mais revigorante do que... isso. — Balançou a cabeça e torceu um pouco o nariz, indicando a garrafa de uísque aberta.

Abri o frasco e o aroma encorpado de um conhaque de excelente qualidade flutuou para fora como o gênio de uma garrafa.

— Obrigada — eu disse rapidamente, e bebi, cerrando os olhos. — Muito obrigada — acrescentei um instante depois, abrindo-os. Realmente, revigorante. Um calor reconfortante se formou no meu estômago e se espalhou como fumaça pelos meus membros.

— É um prazer, madame — ele disse, e sorriu. Ele era inegavelmente um almofadinha, e rico também, com uma grande quantidade de renda pelo corpo,

botões dourados na cintura, uma peruca empoada e dois sinais de beleza, de seda preta, no rosto — uma estrelinha ao lado da sobrancelha esquerda e um cavalo empinado na face direita. Não um estilo que se visse com frequência na Carolina do Norte, principalmente não no momento.

Apesar das incrustações, era um homem bonito, pensei, provavelmente de quarenta e poucos anos, com meigos olhos escuros que brilhavam de humor e um rosto delicado e sensível. Seu inglês era muito bom, embora carregasse um sotaque distintamente parisiense.

— Tenho a honra de falar com a sra. Fraser? — ele perguntou. Vi seus olhos passarem pela minha cabeça escandalosamente desprovida de uma touca, mas educadamente não fez nenhum comentário.

— Bem, sim — eu disse, hesitante. — Mas posso não ser quem o senhor procura. Minha nora também é sra. Fraser; ela e o marido são os donos desta gráfica. Assim, se está querendo mandar imprimir alguma coisa...

— Sra. Jamie Fraser? Parei instintivamente, mas não havia alternativa senão responder. — Sim, sou. Está procurando meu marido? — perguntei cautelosamente. As pessoas procuravam Jamie por muitas razões e nem sempre era desejável que O encontrassem.

Ele sorriu, os olhos enrugando-se amavelmente.

— De fato, estou, sra. Fraser. O capitão do meu navio disse que o sr. Fraser foi procurá-lo hoje de manhã, buscando passagens.

Meu coração deu um salto.

— Oh! O senhor tem um navio, senhor...?

— Beauchamp — ele disse e, pegando minha mão, beijou-a elegantemente. — Percival Beauchamp, a seu serviço, madame. Tenho, sim. Chama-se Huntress.

Cheguei a pensar que meu coração tivesse realmente parado por um instante, mas não tinha, e retomou os batimentos com uma forte pancada.

— Beauchamp — eu disse. — Becham? — Ele pronunciara seu nome como os franceses, mas diante da minha pergunta ele balançou a cabeça, o sorriso ampliando-se.

— Sim, os ingleses o pronunciam assim. A senhora disse que sua nora... então, o sr. Fraser que é proprietário desta loja é filho do seu marido?

— Sim — eu disse outra vez, mas automaticamente. Não seja tola, censurei-me. Não é um nome incomum. É provável que ele nada tenha a ver com sua família! No entanto... uma conexão franco-inglesa. Eu sabia que a família do meu pai migrara da França para a Inglaterra no século XVIII — mas isso era tudo que eu sabia. Fiteio, fascinada. Haveria algo familiar em seu rosto, algo que eu pudesse comparar com minhas fracas recordações dos meus pais, com as mais fortes do meu tio?

Ele tinha a pele muito clara, como a minha, mas isso era comum na classe

alta, que tomava muito cuidado para se proteger do sol. Seus olhos eram muito mais escuros do que os meus, e muito bonitos, mas de formato diferente, mais redondos. As sobrancelhas... as sobrancelhas do meu tio Lamb teriam aquela forma, mais grossas perto do nariz, afinando-se em um arco gracioso...?

Absorta nesse torturante enigma, eu não ouvira o que ele dizia.

— Como disse?

— O menino — ele repetiu, fazendo um sinal com a cabeça, indicando a porta por onde as crianças haviam desaparecido. — Ele gritava "Uuu-la-lá!" Como os artistas de rua fazem em Paris. A família tem alguma origem francesa?

Sinais de alarme tardios começaram a soar e uma inquietação fez os pelos dos meus braços se arrepiarem.

— Não — eu disse, tentando forjar uma expressão de educada curiosidade.

— Deve ter ouvido de algum lugar. Houve uma pequena trupe de acrobatas franceses percorrendo as Carolinas no ano passado.

— Ah, certamente é por isso. — Inclinou-se um pouco para a frente, os olhos escuros atentos. — A senhora mesma os viu?

— Não. Meu marido e eu... não moramos aqui — terminei apressadamente. Estive prestes a lhe contar onde nós realmente vivíamos, mas eu não sabia o quanto ele sabia, se é que sabia alguma coisa, sobre as circunstâncias envolvendo Fergus. Ele recostou-se na cadeira, franzindo um pouco os lábios, desapontado.

— Ah, que pena. Achei que talvez o cavalheiro que estou procurando possa ter pertencido a essa trupe. Embora eu imagine que não soubesse seus nomes, ainda que os tivesse visto — acrescentou como uma reflexão posterior.

— Está à procura de alguém? Um francês? — Levantei a tigela de dentes sujos de sangue e comecei a escolhê-los, fingindo indiferença.

— Um homem chamado Claudel. Ele nasceu em Paris, em um bordel — ele acrescentou, com um leve ar de desculpas por usar um termo tão indelicado em minha presença. — Ele teria quarenta e poucos anos agora. Quarenta e um ou quarenta e dois, eu creio.

— Paris — repeti, ouvindo os passos de Marsali na escada. — O que o leva a acreditar que ele esteja na Carolina do Norte?

Ele levantou um dos ombros num gesto gracioso.

— Ele pode muito bem não estar. O que eu sei é que há cerca de trinta anos ele foi levado de um bordel por um escocês e que esse homem foi descrito como tendo uma aparência impressionante, muito alto, com brilhantes cabelos ruivos. Fora isso, encontrei um cipoal de possibilidades... — Sorriu ironicamente. — Fraser foi descrito para mim de variadas formas, como comerciante de vinhos, um jacobita, um legalista, um traidor, um espião, um aristocrata, um fazendeiro, um importador... ou contrabandista; os termos são intercambiáveis, com conexões que vão de um

convento à corte real.

O que era, pensei, um retrato extremamente preciso de Jamie. Embora eu pudesse ver por que não fora de muita ajuda para encontrá-lo. Por outro lado... ali estava Beauchamp.

— Eu descobri um comerciante de vinhos chamado Michael Murray, o qual, ao ouvir essa descrição, me disse que se parecia com seu tio, chamado James Fraser, que havia emigrado para a América há mais de dez anos. — Os olhos escuros estavam menos bem-humorados agora, intensamente fixos em mim. — Mas quando perguntei sobre a criança, Claudel, monsieur Murray professou completa ignorância de tal pessoa. Em termos um pouco violentos.

— Oh? — eu disse, e peguei um grande molar com sérias cáries, estreitando os olhos para examiná-lo. Meu Deus. Eu só conhecia Michael de nome; um dos irmãos mais velhos do Jovem Ian, ele nascera após minha partida e já fora para a França quando retornei a Lallybroch, para ser educado e conduzido ao negócio de vinhos por Jared Fraser, um primo de Jamie, mais velho e sem filhos. Michael havia, é claro, crescido com Fergus em Lallybroch e sabia muito bem qual era seu nome original. E aparentemente suspeitara ou detectara algo no comportamento deste estranho que o assustara.

— Está me dizendo que veio até a América sem saber nada a não ser o nome de um homem e que ele tem cabelos ruivos? — perguntei, tentando parecer ligeiramente incrédula. — Santo Deus, o senhor deve ter um interesse considerável em encontrar esse Claudel!

— Oh, tenho, sim, madame. — Ele olhou para mim, sorrindo ligeiramente, a cabeça inclinada para o lado. — Diga-me, sra. Fraser... seu marido tem cabelos ruivos?

— Tem — eu disse. Não fazia sentido negar, já que qualquer pessoa em New Bern lhe diria isso. E provavelmente já o fizera, refleti. — Assim como quase todos os seus parentes e cerca da metade da população das Highlands escocesas. — Isso era um grande exagero, mas eu estava razoavelmente certa de que o sr. Beauchamp não estava muito familiarizado com as Highlands.

Ouvi vozes em cima. Marsali provavelmente desceria a qualquer instante e eu não queria que ela entrasse no meio desta conversa em particular.

— Bem — eu disse, levantando-me decididamente. — Tenho certeza de que vai querer falar com meu marido, e ele com o senhor. Mas ele saiu para resolver algumas coisas e só voltará amanhã. O senhor está hospedado na cidade?

— No King's Inn — ele disse, levantando-se também. — Poderia dizer ao seu marido para ir lá ao meu encontro, madame? Eu lhe agradeço. — Com uma profunda reverência, ele tomou minha mão e beijou-a outra vez, depois sorriu e saiu da loja, deixando um aroma de bergamota e hissopo misturado à leve fragrância de

um bom conhaque.

Muitos comerciantes e homens de negócios haviam deixado New Bern devido ao estado caótico da política; sem nenhuma autoridade civil, a vida pública estacionara, salvo as mais simples transações comerciais, e muitas pessoas — tanto simpatizantes dos legalistas quanto dos rebeldes — haviam deixado a colônia por medo da violência. Havia apenas duas boas hospedarias em New Bern atualmente; a King's Inn era uma delas e a Wilsey Arms a outra. Felizmente, Jamie e eu tínhamos um quarto nesta última.

— Você vai falar com ele? — Eu acabara de contar a Jamie a visita de monsieur Beauchamp, um relato que o deixara com uma profunda ruga de preocupação entre as sobrancelhas.

— Santo Deus. Como ele descobriu tudo isso? — Ele deve ter começado com o conhecimento de que Fergus estava naquele bordel e começou sua investigação lá. Imagino que não tenha sido difícil encontrar alguém que o vira lá ou soubesse do incidente. Afinal, você não é uma pessoa que passe despercebida. — Apesar da minha própria agitação, sorri à lembrança de Jamie, com vinte e cinco anos, que se refugiara temporariamente no bordel em questão, armado — coincidentemente — com uma enorme linguça, depois fugira por uma janela, acompanhado por um garoto de dez anos, um batedor de carteiras e às vezes prostituto infantil, chamado Claudel.

Ele deu de ombros, parecendo ligeiramente constrangido.

— Bem, sim, talvez. Mas descobrir tanto... — Coçou a cabeça, pensando. — Quanto a falar com ele, não antes de eu falar com Fergus. Creio que vamos querer saber um pouco mais sobre esse monsieur Beauchamp, antes de nos entregarmos a ele.

— Também gostaria de saber um pouco mais a respeito dele — eu disse. — Eu me perguntei se... Bem, é uma possibilidade remota, o nome não é incomum, mas eu realmente me perguntei se ele podia de alguma forma estar ligado a um ramo da minha família. Eles estavam na França no século XVIII, isso eu sei. Porém pouca coisa mais.

Ele sorriu para mim.

— E o que você faria, Sassenach, se descobrisse que ele na verdade é seu antepassado?

— Eu... — Parei subitamente porque, na realidade, eu não sabia o que faria em tal circunstância. — Bem... talvez nada — admiti. — E de qualquer forma acho que não podemos descobrir isso com certeza, já que não me lembro, se é que algum dia eu soube, qual era o nome desse meu ancestral. Eu apenas... ficaria interessada em saber mais, só isso — terminei, sentindo-me ligeiramente na defensiva.

— Sim, claro que ficaria — ele disse, com simplicidade. — Mas não se isso

pudesse colocar Fergus em algum perigo, não é?

— Oh, não! Claro que não. Mas você... Fui interrompida por uma leve batida na porta que me fez emudecer. Ergui as sobrancelhas para Jamie, que hesitou por um instante, depois deu de ombros e foi abrir a porta.

Sendo um quarto pequeno como era, eu podia ver a porta de onde estava sentada; para minha surpresa, estava cheia com o que parecia ser uma comitiva de mulheres — o corredor era um mar de toucas brancas, flutuando na semiobscuridade como uma medusa.

— Sr. Fraser? — Uma das toucas balançou-se rapidamente. — Eu sou... meu nome é Abigail Bell. Minhas filhas — ela virou-se e eu avistei de relance um rosto branco e tenso — Lillian e Miriam. — As outras duas toucas, sim, afinal havia apenas três, por sua vez, também se balançaram. — Posso falar com o senhor?

Jamie inclinou-se e convidou-as a entrar, erguendo as sobrancelhas para mim, enquanto as seguia.

— Minha mulher — ele disse, indicando-me com um sinal da cabeça quando me levantei, murmurando amabilidades. Havia apenas a cama e um banquinho, de modo que todos nós permanecemos de pé, sorrindo sem jeito e balançando a cabeça uns para os outros.

A sra. Bell era baixa e um pouco robusta, e provavelmente um dia fora tão bonita quanto suas filhas. No entanto, suas faces, um dia rechonchudas, agora estavam flácidas, como se ela tivesse perdido peso repentinamente, e sua pele era enrugada de preocupação. Suas filhas também pareciam preocupadas; uma retorcia as mãos no avental e a outra lançava olhares rápidos a Jamie por baixo das pálpebras semicerradas, como se temesse que ele pudesse fazer alguma coisa violenta se ela o fitasse diretamente demais.

— Peço-lhe desculpas, senhor, por vir à sua procura com tanta ousadia. — Os lábios da sra. Bell tremiam; ela teve que parar e comprimi-los rapidamente antes de continuar. — Eu... eu soube que o senhor está procurando um navio com destino à Escócia.

Jamie assentiu, cautelosamente, sem dúvida se perguntando como aquela mulher ficara sabendo disso. Ele havia dito que todos na cidade saberiam em um ou dois dias — evidentemente ele estava certo.

— Conhece alguém com tal viagem em vista? — ele perguntou educadamente.

— Não. Não exatamente. Eu... quer dizer... talvez. É meu marido — ela disse abruptamente, mas a palavra fez sua voz fraquejar e ela cobriu a boca com a mão fechada sobre o avental. Uma das filhas, uma jovem de cabelos escuros, segurou a mãe delicadamente pelo cotovelo e afastou-a para o lado, empertigando-se com bravura para enfrentar o temível sr. Fraser ela mesma.

— Meu pai está na Escócia, sr. Fraser — ela disse. — Minha mãe espera que o senhor possa encontrá-lo, quando chegar lá, ajudando-o a retornar para nós.

— Ah — Jamie disse. — E seu pai é...?

— Oh! Sr. Richard Bell, de Wilmington. — Fez uma mesura apressada, como se mais demonstrações de cortesia fossem facilitar seu caso. — Ele é... era...

— Ele é! — sua irmã sibilou, a voz baixa, mas enfática, e a primeira irmã, a morena, lançou-lhe um olhar furioso.

— Meu pai era negociante em Wilmington, sr. Fraser. Possuía muitos interesses comerciais e, em função dos seus negócios, ele... tinha necessidade de ter contato com vários oficiais britânicos, que compravam suprimentos com ele. Era uma questão puramente de negócios! — ela assegurou-lhe.

— Mas negócios nestes tempos terríveis nunca são apenas negócios. — A sra. Bell recuperara o autocontrole e veio se postar ao lado da filha. — Eles disseram, os inimigos do meu marido, eles espalharam que ele era um legalista.

— Apenas porque ele era — interpôs a segunda irmã. Esta, de cabelos louros e olhos azuis, não tremia; encarou Jamie com o queixo erguido e os olhos flamejantes. — Meu pai era leal a seu rei! Eu, de minha parte, não acho que se deva pedir desculpas por isso! Nem acho certo fingir o contrário, somente para obter a ajuda de um homem que quebrou todas as promessas...

— Oh, Miriam! — sua irmã disse, exasperada. — Você não pode ficar calada por um segundo? Agora você estragou tudo!

— Não estraguei, não — ela retrucou rispidamente. — Ou, se o fiz, é porque não iria mesmo funcionar! Por que alguém como ele...

— Funcionaria, sim! O sr. Forbes disse... — Oh, o sr. Forbes! O que ele pode saber? A sra. Bell gemeu baixinho em seu avental.

— Por que seu pai foi para a Escócia? — Jamie perguntou, cortando a discussão.

Tomada de surpresa, Miriam Bell respondeu.

— Ele não foi para a Escócia. Foi raptado na rua e enfiado em um navio com destino a Southampton.

— Por quem? — perguntei, abrindo caminho pela floresta de saias que bloqueava minha passagem até a porta. — E por quê?

Enfiei a cabeça para o corredor e chamei o garoto que limpava botas no patamar, pedindo-lhe que fosse ao salão do bar embaixo e trouxesse uma jarra de vinho. Considerando-se o estado aparente das Bell, achei que algo que restaurasse as amenidades sociais seria uma boa ideia.

Voltei a tempo de ouvir a srta. Lillian Bell explicar que na verdade não sabiam quem havia sumido com seu pai.

— Não pelo nome, ao menos — ela disse, o rosto vermelho de raiva com a

lembrança. — Os desgraçados tinham a cabeça coberta com capuz. Mas eram os Filhos da Liberdade, tenho certeza!

— Sim, sem dúvida — a srta. Miriam afirmou. — Papai já recebera ameaças deles: bilhetes pregados na porta, um peixe morto embrulhado em um pedaço de flanela vermelha e deixado na varanda para causar mau cheiro. Esse tipo de coisa.

A situação foi além das ameaças no final do mês de agosto passado. O sr. Bell estava a caminho do armazém quando um grupo de homens encapuzados saiu repentinamente de um beco, agarraram-no e o arrastaram para o cais, depois atiraram-no a bordo de um navio que acabara de soltar as amarras, as velas inflando enquanto se afastava lentamente.

Eu havia ouvido falar de legalistas problemáticos sendo "deportados" dessa forma, mas não havia me deparado ainda com uma verdadeira ocorrência da prática.

— Se o navio dirigia-se à Inglaterra — perguntei —, como ele foi parar na Escócia?

Houve certa confusão enquanto as três Bell tentavam explicar ao mesmo tempo o que acontecera, mas Miriam ganhou outra vez.

— Ele chegou à Inglaterra sem nenhum centavo, é claro, sem mais do que as roupas do corpo e devendo dinheiro pela comida e pela passagem do navio. Mas o capitão do navio tornou-se seu amigo e o levou de Southampton para Londres, onde meu pai conhecia alguns homens com quem fizera negócios no passado. Um deles adiantou-lhe uma soma de dinheiro para cobrir a dívida com o capitão e lhe prometeu passagem para a Geórgia, se ele fiscalizasse a carga em uma viagem de Edimburgo às Antilhas, e daí para a América. Assim, ele viajou para Edimburgo sob os auspícios de seu patrocinador, descobrindo, então, que a carga a ser embarcada nas Antilhas era de escravos.

— Meu marido é abolicionista, sr. Fraser — a sra. Bell interpôs, com um tímido orgulho. — Ele disse que não podia compactuar com a escravidão, nem ajudar em sua prática, independente do que isso lhe custasse.

— E o sr. Forbes nos contou o que o senhor fez por aquela mulher, a escrava da sra. Cameron — Lillian acrescentou, uma expressão ansiosa no rosto. — Assim, nós pensamos... que ainda que o senhor fosse... — Não terminou a frase, constrangida.

— Um rebelde sem palavra, sim — Jamie disse, secamente. — Compreendo. O sr. Forbes... seria Neil Forbes, o advogado? — Ele pareceu levemente incrédulo, e com boa razão.

Há alguns anos, Forbes fora um pretendente à mão de Brianna — encorajado por Jocasta Cameron, tia de Jamie. Bri o rejeitara, sem muita delicadeza, e ele se vingara algum tempo depois fazendo com que fosse raptada por um notório pirata. Uma situação muito confusa se seguiu, envolvendo o rapto da idosa mãe de Forbes

por Jamie — a velha senhora adorara a aventura — e o corte da orelha de Forbes pelo Jovem Ian. O tempo podia ter curado seus ferimentos externos, mas eu não conseguiria imaginar ninguém menos provável de andar fazendo elogios a Jamie.

— Sim — Miriam disse, mas não me passou despercebido o olhar dúbio que a sra. Bell e Lillian trocaram.

— O que, exatamente, o sr. Forbes disse a meu respeito? — Jamie perguntou. As três empalideceram e as sobranceiras de Jamie ergueram-se. — O que foi? — ele repetiu, em um tom incisivo. Dirigiu-se diretamente à sra. Bell, que ele instantaneamente identificara como o elo mais fraco na cadeia familiar.

— Ele disse que ainda bem que o senhor estava morto — aquela senhora respondeu debilmente. Com isso, seus olhos rolaram para trás e ela desabou no chão como uma saca de grãos de cevada.

Felizmente, eu tinha uma garrafa de amônia do dr. Fentiman. Isso despertou a sra. Bell instantaneamente para um acesso de espirros. Sua filha ajudou-a a ir para a cama, arquejante e engasgada. O vinho felizmente chegou nessa hora, eu servi a bebida liberalmente a todos à vista, reservando uma boa caneca para mim.

— Bem, então — Jamie disse, lançando às mulheres o tipo de olhar vagaroso e penetrante, destinado a fazer malfeitores sentirem os joelhos enfraquecer e confessarem tudo —, diga-me onde você ouviu o sr. Forbes dizer que eu estava morto.

A srta. Lillian, sentada na cama com a mão protetoramente no ombro da mãe, falou.

— Eu o ouvi. Na pensão do Symond. Quando ainda estávamos em Wilmington, antes de irmos para cá, morar com tia Burton. Fui comprar um jarro de sidra quente; era fevereiro, ainda estava muito frio. De qualquer forma, a mulher, Phaedre, ela se chama, trabalha lá, e foi pegar e aquecer a sidra para mim. O sr. Forbes entrou quando eu estava lá e falou comigo. Ele soube o que aconteceu a meu pai e foi solidário, perguntando como estávamos sobrevivendo... então, Phaedre chegou com o jarro e ele a viu.

Forbes, é claro, reconhecera Phaedre, que vira muitas vezes em River Run, a fazenda de Jocasta. Demonstrando grande surpresa com sua presença ali, ele fez perguntas buscando uma explicação e recebeu uma versão adequadamente modificada da verdade — na qual Phaedre aparentemente exaltou a magnanimidade de Jamie em assegurar sua liberdade.

Engasguei um pouco na minha caneca com isso. Phaedre sabia exatamente o que acontecera com a orelha de Neil Forbes. Ela era uma pessoa muito quieta, de fala mansa, mas certamente não deixava de aproveitar para lançar farpas em pessoas de quem não gostava — e eu sabia que ela não gostava de Neil Forbes.

— O sr. Forbes ficou vermelho, talvez por causa do frio — Lillian disse

diplomáticamente — e disse que sim, ele compreendia que o sr. Fraser sempre tivera uma grande consideração pelos negros... receio que ele tenha dito de uma forma um pouco crítica — ela acrescentou, com um olhar escusatório para Jamie. — E então ele riu, embora fingisse que estava tossindo, e disse que era uma pena que o senhor e sua família tivessem todos morrido queimados em um incêndio e que sem dúvida haveria muitas lamentações nos alojamentos dos escravos.

Jamie, que estava tomando um gole de vinho, engasgou-se.

— Por que ele achou isso? — perguntei. — Ele disse?

Lillian balançou a cabeça enfaticamente.

— Sim, senhora. Phaedre também lhe perguntou isso. Acho que ela pensou que ele só estivesse dizendo isso para transtorná-la. E ele disse que lera isso nos jornais.

— O Wilmington Gazette — Miriam interpôs, obviamente não querendo que sua irmã monopolizasse os holofotes. — Nós não lemos jornais, é claro, e já que papai... bem, nós raramente recebemos visitas agora. — Ela abaixou os olhos involuntariamente, a mão automaticamente alisando seu primoroso avental, para esconder um grande remendo em sua saia. Os Bell eram asseados e bem-arrumados e suas roupas eram originariamente de boa qualidade, mas estavam ficando perceptivelmente surradas nas bainhas e nas mangas. Imaginei que os negócios do sr. Bell tivessem ficado substancialmente enfraquecidos, tanto por sua ausência quanto pela interferência da guerra.

— Minha filha me contou sobre a reunião. — A sra. Bell recobrou-se a ponto de sentar-se, seu copo de vinho cuidadosamente agarrado com ambas as mãos. — Assim, quando meu vizinho me disse ontem à noite que o havia encontrado nas docas... bem, eu não sabia o que pensar, mas imaginei que tivesse havido algum tipo de erro estúpido. Na verdade, não se pode acreditar em nada que se lê hoje em dia, os jornais enlouqueceram. E meu vizinho mencionou que o senhor buscava passagens para a Escócia. Assim, começamos a pensar... — Sua voz definhou e ela mergulhou o rosto na direção do copo, embaraçada.

Jamie passou um dedo pelo cavalete do nariz, pensando.

— Sim, bem — disse devagar. — É verdade que pretendo ir para a Escócia. E sem dúvida teria prazer em perguntar sobre seu marido e em ajudá-lo se eu puder. Mas não tenho nenhuma perspectiva imediata de conseguir passagens. O bloqueio...

— Mas nós podemos lhe conseguir um navio! — Lillian interrompeu ansiosamente. — Esta é a questão!

— Achamos que podemos colocá-los em um navio — Miriam corrigiu. Lançou um olhar penetrante, avaliador, julgando seu caráter. Ele sorriu debilmente para ela, mostrando que percebera o escrutínio, e após um instante ela retribuiu o sorriso, a contragosto. — Você me faz lembrar alguém — ela disse. Evidentemente,

quem quer que fosse, era alguém de quem ela gostava, pois ela balançou a cabeça para sua mãe, dando permissão. A sra. Bell suspirou, os ombros arriando-se um pouco de alívio.

— Eu ainda tenho amigos — ela disse, em tom de desafio. — Apesar... de tudo.

Entre esses amigos estava um homem chamado DeLancey Hall, dono de um barco pesqueiro, que, como metade da cidade, provavelmente, aumentava a renda com uma ou outra carga de contrabando.

Hall dissera à sra. Bell que ele esperava a chegada de um navio da Inglaterra, entrando em Wilmington em algum momento da semana seguinte — sempre presumindo que não tivesse naufragado ou sido sequestrado en route. Como tanto o navio quanto a carga eram propriedades de um dos membros locais da Filhos da Liberdade, não podia se aventurar no porto de Wilmington, onde dois navios de guerra britânicos ainda estavam ancorados. Ele iria portanto ficar à espreita fora do porto, onde várias pequenas embarcações iriam ao seu encontro, desembarcando a carga e transportando-a sorrateiramente para terra firme.

Depois disso, o navio velejaria para o norte, para New Haven, para pegar uma carga.

— E depois irá para Edimburgo! — Lillian interpôs, o rosto brilhante de esperança.

— O parente de meu pai lá chama-se Andrew Bell — Miriam disse, erguendo um pouco o queixo. — Ele é muito conhecido, pelo que eu sei. Ele é tipógrafo e...

— O pequeno ktcly Bell? — O rosto de Jamie iluminou-se. — Aquele que imprimiu a grande enciclopédia?

— Ele mesmo — a sra. Bell disse, surpresa. — Está dizendo que o conhece, sr. Fraser?

Jamie chegou a rir, surpreendendo os Bell.

— Passei muitas noites com Andy Bell em uma taverna — declarou. — Na verdade, ele é o sujeito que pretendo procurar na Escócia, pois ele guarda minhas impressoras em segurança em sua loja. Ou ao menos espero que tenha guardado — acrescentou, embora sua animação continuasse inabalada.

Essa notícia — juntamente com uma nova rodada de vinho — animou as mulheres Bell de uma maneira surpreendente, e quando finalmente nos deixaram estavam afogueadas de entusiasmo e tagarelando entre si como um bando de gralhas. Olhei pela janela e as vi descendo a rua, aglomeradas com entusiástica esperança, cambaleando para o meio da rua às vezes pelos efeitos do vinho e da emoção.

— Nós não apenas cantamos, como dançamos tão bem quanto caminhamos — murmurei, observando-as enquanto se afastavam.

Jamie lançou-me um olhar de espanto.

— Archie Bell and the Drells — expliquei. — Deixa pra lá. Acha que é seguro? Esse navio?

— Santo Deus, não. — Ele estremeceu e beijou o topo de minha cabeça. — Deixando de lado a questão de tempestades, carunchos, má impermeabilização, madeirame entortado e coisas do tipo, há os navios de guerra ingleses no porto, corsários fora do porto...

— Não estava me referindo a isso — interrompi. — Isso é mais ou menos esperado para o trajeto, não? Refiro-me ao proprietário e a esse DeLancey Hall. A sra. Bell acha que sabe qual é a política deles, mas... — A ideia de nos colocarmos, e a nosso ouro, tão completamente nas mãos de pessoas desconhecidas era perturbadora.

— Mas — ele concordou. — Sim, pretendo ir falar com o sr. Hall logo amanhã cedo. E talvez com monsieur Beauchamp também. Por enquanto, no entanto... — Passou a mão de leve pelas minhas costas e segurou meu traseiro. — Ian e o cachorro não vão voltar antes de uma hora, no mínimo. Tem mais um copo de vinho aí?

Ele parecia um francês, Jamie pensou. O que significava completamente deslocado em New Bern. Beauchamp acabava de sair do armazém da Thorogood Northrup e estava parado, conversando descontraidamente com o próprio Northrup, a brisa que vinha do mar fazendo esvoaçar a fita de seda que prendia seus cabelos escuros para trás. Elegante, Claire assim o descrevera, e ele era. Não — ao menos, não inteiramente — um almofadinho, mas vestido com bom gosto e dinheiro. Muito dinheiro, pensou.

— Ele parece um francês — Fergus observou, fazendo eco a seus pensamentos. Estavam sentados ao lado da janela no Whinbush, uma taverna de segunda classe que atendia pescadores e operários dos armazéns, e cuja atmosfera compunha-se em partes iguais de cerveja, suor, tabaco, alcatrão e barrigada de peixe estragada.

— Aquele é o navio dele? — Fergus perguntou, uma ruga na testa enquanto indicava com a cabeça a bem-aprumada chalupa preta e amarela que oscilava suavemente, ancorada a certa distância.

— É o navio em que ele viaja. Não sei se pertence a ele. Mas você reconhece seu rosto?

Fergus inclinou-se mais para a janela, quase achatando o próprio rosto contra os painéis tremulantes, em uma tentativa de ver melhor monsieur Beauchamp.

Jamie, por sua vez, a cerveja na mão, examinou o rosto de Fergus. Apesar de ter vivido na Escócia desde os dez anos e na América pelos últimos dez anos ou mais, o próprio Fergus ainda parecia francês, ele pensou. Era mais do que uma

questão de feições; algo nos próprios contornos, talvez.

Os ossos do rosto de Fergus eram pronunciados, com um maxilar afiado o suficiente para cortar papel, um nariz arrogantemente adunco e órbitas fundas sob as arestas de uma testa alta. Os cabelos espessos e escuros penteados para trás estavam intercalados de fios grisalhos, e Jamie sentiu uma sensação estranha ao notar isso; ele carregava dentro de si mesmo uma imagem permanente de Fergus como o órfão batedor de carteira, de dez anos, que ele havia resgatado de um bordel parisiense, e essa imagem ajustava-se estranhamente ao rosto bonito e macilento à sua frente.

— Não — Fergus disse finalmente, sentando-se de novo no banco e sacudindo a cabeça. — Eu nunca o vi.

Os olhos fundos e escuros de Fergus estavam animados de interesse e especulação.

— Ninguém na cidade o conhece, tampouco. Embora eu tenha ouvido dizer que ele andou perguntando por esse Claudel Fraser — suas narinas alargaram-se com um ar divertido, Claudel era seu próprio nome de batismo e o único que possuía, embora Jamie achasse provável que ninguém jamais o tivesse usado fora de Paris ou em nenhum momento nos últimos trinta anos — em Halifax e Edenton também.

Jamie abriu a boca para observar que ele esperava que Fergus tivesse sido cuidadoso em suas investigações, mas achou melhor não dizer nada, e em vez disso bebeu sua cerveja. Fergus não estava sobrevivendo como tipógrafo nestes tempos difíceis por lhe faltar discrição.

— Ele o faz se lembrar de alguém? — perguntou. Fergus lançou-lhe um rápido olhar de surpresa, mas voltou a esticar o pescoço antes de se sentar direito outra vez, sacudindo a cabeça.

— Não. Deveria?

— Creio que não. — Ele achava que não, mas ficou satisfeito com a corroboração de Fergus. Claire contou-lhe o que pensava, que o sujeito pudesse ser um ancestral dela, talvez um antepassado direto. Ela tentara se mostrar indiferente a isso, descartar a ideia enquanto a explicava, mas ele vira a luz ansiosa nos olhos dela e ficara emocionado. O fato de não ter nenhuma família ou parente próximo em sua própria época sempre lhe parecera algo terrível, mesmo compreendendo que isso tinha muito a ver com sua devoção por ele.

Ele olhara com toda atenção possível, tendo isso em mente, mas não viu nada no rosto ou no porte de Beauchamp que lembrasse Claire — muito menos Fergus.

Ele não achava que essa ideia — que Beauchamp pudesse na verdade ter algum parentesco com ele próprio — tivesse atravessado a cabeça de Fergus. Jamie tinha quase certeza de que Fergus considerava os Fraser de Lallybroch como sua

única família, além de Marsali e das crianças, a quem ele amava com todo o fervor de sua natureza apaixonada.

Beauchamp despedia-se de Northrup agora, com uma reverência muito parisiense, acompanhada por um gracioso adejar de seu lenço de seda. Fora por acaso que o sujeito saíra do armazém bem em frente a eles, Jamie pensou. Haviam planejado dar uma espiada nele mais tarde, mas sua conveniente aparição poupou-os de ter que ir procurá-lo.

— É um bom navio — Fergus observou, a atenção desviada para a chalupa chamada Huntress. Olhou novamente para Jamie, considerando. — Tem certeza de que não deseja investigar a possibilidade de conseguir passagens com monsieur Beauchamp?

— Sim, tenho — Jamie disse, sucintamente. — Colocar a mim mesmo e à minha mulher sob o poder de alguém que eu não conheço e cuja motivação é suspeita, em um barquinho no mar imenso? Mesmo um homem que não sofra de enjoos no mar ficaria assombrado com essa perspectiva, não é?

O rosto de Fergus abriu-se em um largo sorriso.

— Milady pretende enchê-lo de agulhas outra vez?

— Pretende — Jamie respondeu, contrariado. Detestava ser furado repetidas vezes e não gostava de ser obrigado a aparecer em público, ainda que nos limites confinados de um navio, eriçado como um porco-espinho esquisito. A única coisa que o faria se dispor a isso era a certeza de que, se não o fizesse, ficaria vomitando dias a fio.

Mas Fergus não notou seu descontentamento; estava esticando-se para a janela outra vez.

— Nom d'nom... — disse baixinho, com tal expressão de inquietação que Jamie virou-se imediatamente no banco para olhar.

Beauchamp seguia descendo a rua, mas continuava à vista. No entanto, ele parara e parecia estar executando uma espécie de dança desajeitada. Isso era bastante estranho, mas o que era mais perturbador era que o filho de Fergus, Germain, estava agachado na rua diretamente em frente ao sujeito e parecia saltar de um lado para o outro como um sapo agitado.

Aqueles giros peculiares continuaram por mais alguns segundos e chegaram ao fim, Beauchamp agora parado, mas abanando os braços em protesto, enquanto Germain parecia rastejar em frente ao sujeito. No entanto, o garoto levantou-se, enfiando alguma coisa dentro da camisa, e após alguns instantes de conversa Beauchamp riu e estendeu a mão. Trocaram uma breve reverência e um aperto de mão, em seguida Germain começou a descer a rua em direção ao Whinbush, enquanto Beauchamp continuava seu caminho.

— Quem... — Jamie começou, mas Germain já remexia nas profundezas de

sua camisa. Antes que Jamie pudesse terminar a frase, o garoto apresentara dois sapos de bom tamanho, um verde e outro de uma horrível cor amarelada, os quais se juntaram sobre as tábuas nuas da mesa, olhando-os nervosamente com os olhos arregalados.

Fergus deu um sopapo na orelha de Germain.

— Tire essas malditas criaturas da mesa, antes que nos expulsem daqui. Não é de admirar que esteja cheio de verrugas, convivendo com les grenouilles!

— Grandmère me disse para fazer isso — Germain protestou, ainda assim pegando seus bichinhos de estimação e devolvendo-os ao cativeiro.

— Ela disse? — Jamie já não ficava mais espantado com os métodos de cura de sua mulher, mas isto parecia estranho, mesmo para os padrões dela.

— Bem, ela disse que não havia nada a fazer para a verruga em meu cotovelo, exceto esfregá-la com um sapo morto e enterrá-lo em uma encruzilhada à meia-noite.

— Oh. Acho que ela provavelmente estava brincando. O que o francês lhe disse, então?

Germain ergueu a cabeça, os olhos arregalados e interessados.

— Oh, ele não é francês, grandpère. Um rápido abalo de surpresa percorreu seu corpo.

— Não é? Tem certeza?

— Oh, sim. Ele xingou muito quando Simon saltou em seu sapato, mas não como papai faz. — Germain lançou um olhar afável a seu pai, que pareceu disposto a lhe dar outro sopapo, mas desistiu a um gesto de Jamie. — Ele é inglês. Tenho certeza.

— Ele xingou em inglês? — Jamie perguntou. Era verdade; os franceses geralmente invocavam legumes quando blasfemavam, com frequência misturados a referências sacras. Blasfêmias inglesas, em geral, nada tinham a ver com santos, sacramentos ou pepinos, mas com Deus, prostitutas ou excremento.

— Foi. Mas não posso dizer o que ele disse, ou papai vai ficar ofendido. Papai tem ouvidos muito puros — Germain acrescentou, com um sorriso afetado para seu pai.

— Pare de falar mal de seu pai e conte o que mais o sujeito disse.

— Sim, bem — Germain disse obedientemente. — Quando ele viu que eram apenas dois sapinhos, ele riu e me perguntou se eu os estava levando para casa para o jantar. Eu disse que não, que eles eram meus animais de estimação, e perguntei se aquele navio lá fora era dele, porque todo mundo estava dizendo isso e era um navio muito bonito, não? Eu estava fingindo ser um tolo, sabe? — ele explicou, para o caso de seu avô não ter apreendido o estratagema.

Jamie reprimiu um sorriso.

— Muito inteligente — ele disse, sucintamente. — O que mais?

— Ele disse que não, o navio não é dele, mas pertence a um importante nobre na França. E é claro eu perguntei, oh, e quem é? E ele respondeu que era o barão Amandine.

Jamie trocou olhares com Fergus, que pareceu surpreso e deu de ombros.

— Então, perguntei quanto tempo pretendiam ficar, pois eu queria trazer meu irmão para ver o navio. E ele disse que vai partir amanhã com a maré da noite e me perguntou, mas ele estava brincando, eu podia ver, se eu queria ir e ser taifeiro na viagem. Eu disse que não, meus sapos sofrem de enjoo no mar, como meu avô. — Virou o sorriso sarcástico para Jamie, que o olhou com severidade.

— Seu pai não lhe ensinou a "Ne petez pas plus haute que votre cul"? — Mamãe vai lavar sua boca com sabão se disser coisas assim — Germain informou-o virtuosamente. — Quer que eu bata a carteira dele? Eu o vi entrar na estalagem em Cherry Street. Eu poderia...

— Não poderia, não — Fergus disse apressadamente. — E não fale essas coisas onde as pessoas possam ouvir. Sua mãe vai nos matar.

Jamie sentiu uma pontada fria na nuca e olhou apressadamente ao redor para se certificar de que ninguém tinha ouvido.

— Andou ensinando o menino a... Fergus pareceu ligeiramente nervoso. — Achei uma pena que os truques se perdessem. É uma herança familiar, pode-se dizer. Eu não o deixo roubar, é claro. Nós devolvemos.

— Vamos ter uma conversa em particular depois, eu acho — Jamie disse, lançando aos dois um olhar ameaçador. Santo Deus, se Germain fosse flagrado... Era melhor ele colocar o temor a Deus nos dois antes que ambos terminassem no pelourinho, se não diretamente enforcados por roubo.

— E quanto ao homem que você foi realmente incumbido de achar? — Fergus perguntou a seu filho, aproveitando a chance para desviar a ira de Jamie.

— Eu o encontrei — Germain disse, balançando a cabeça na direção da porta. — Lá está ele.

Delancey Hall era um homem pequeno, bem-arrumado, de modos silenciosos, que torcia o nariz como um rato de igreja. A julgar pela aparência, ninguém poderia se parecer menos com um contrabandista — o que, Jamie pensou, era sem dúvida um valioso atributo naquele ramo de negócios.

— Um "expedidor de secos" — foi como Hall discretamente descreveu seu negócio. — Eu facilito a descoberta de navios para cargas específicas. O que não é nada fácil atualmente, cavalheiros, como bem podem imaginar.

— Imagino, sem dúvida. — Jamie sorriu para o sujeito. — Não tenho nenhuma carga para despachar, mas espero que conheça uma situação que me serviria. Eu, minha mulher e meu sobrinho queríamos viajar para Edimburgo. — Sua

mão estava sob a mesa, no seu sporran. Ele havia apanhado algumas bolas de ouro e as achatado com um martelo, transformando-as em discos irregulares. Pegou três dessas e, movendo-se muito devagar, colocou-as no colo de Hall. O sujeito não alterou nem um traço em sua expressão, mas Jamie sentiu a mão mover-se como uma flecha e apoderar-se dos discos, pesá-los por um instante, depois os fazendo desaparecer em seu bolso.

— Acho que pode ser feito — ele disse suavemente. — Conheço um capitão partindo de Wilmington dentro de duas semanas, que pode ser convencido a levar passageiros, por um preço.

Algun tempo depois, caminharam de volta para a gráfica, Jamie e Fergus juntos, discutindo as probabilidades de Hall ser capaz de arranjar um navio. Germain vagava sonhadoramente adiante deles, ziguezagueando de um lado para o outro, em resposta ao que quer que estivesse acontecendo dentro de sua mente incrivelmente fértil.

A própria mente de Jamie estava mais do que ocupada. Barão Amandine. Ele conhecia o nome, mas nenhum semblante para acompanhá-lo, nem se lembrava do contexto no qual ele o conhecia. Somente que o encontrara em algum momento, em Paris. Mas quando? Quando frequentara a université lá... ou mais tarde, quando ele e Claire — sim. Era isso; ele ouvira o nome na corte. Mas por mais que espremesse seu cérebro ele não fornecia mais nenhuma informação.

— Quer que eu fale com esse Beauchamp? — Jamie perguntou abruptamente. — Eu poderia talvez descobrir o que ele quer com você.

Fergus abriu um pouco a boca, mas relaxou, enquanto sacudia a cabeça.

— Não — respondeu. — Eu lhe disse que soube que esse homem havia feito perguntas a meu respeito em Edenton?

— Tem certeza que se trata de você? — Não que a Carolina do Norte estivesse apinhada de Claudels, mas ainda assim...

— Sim, acho que sim. — Fergus falou muito brandamente, com os olhos fixos em Germain, que começara a emitir suaves coaxados, evidentemente conversando com os sapos em sua camisa. — A pessoa que me contou isso disse que o sujeito tinha não só um nome, mas uma pequena informação. Que o Claudel Fraser que ele procurava fora levado de Paris por um escocês alto, de cabelos ruivos. Chamado James Fraser. De modo que acho que você não pode falar com ele.

— Não sem despertar sua atenção — Jamie concordou. — Mas... nós não sabemos qual é seu propósito, mas pode ser algo muito favorável a você, hein?

Quais as probabilidades de alguém na França se dar ao trabalho e às despesas de enviar alguém como ele para lhe causar algum mal, quando podiam simplesmente se contentar em deixá-lo vivendo na América? — Hesitou. — Talvez... O barão Amandine seja um parente seu?

A ideia parecia matéria de romances, e provavelmente puro devaneio. Mas, ao mesmo tempo, Jamie não conseguia encontrar alguma razão sensata para um nobre francês estar caçando um bastardo nascido em um bordel em dois continentes.

Fergus balançou a cabeça, mas não respondeu imediatamente. Usava seu gancho hoje, em vez da luva recheada de farelo que usava em ocasiões formais, e delicadamente coçou o nariz com a ponta antes de responder.

— Durante muito tempo — ele disse finalmente —, quando eu era pequeno, eu fingia comigo mesmo que era o filho bastardo de um grande homem. Todos os órfãos fazem isso, eu acho — acrescentou desapaixonadamente. — Torna a vida mais fácil de ser suportada, fingir que nem sempre será como é, que alguém virá e lhe devolverá seu lugar de direito no mundo.

Deu de ombros.

— Então, eu cresci e compreendi que isso não era verdade. Ninguém viria me resgatar. Mas depois... — Virou a cabeça e deu um sorriso de transbordante ternura para Jamie.

— Então, cresci mais ainda e descobri que, afinal de contas, era verdade. Eu sou filho de um grande homem.

O gancho tocou a mão de Jamie, com força e determinação.

— Não desejo nada mais do que isso.

*UM BEIJO AFETUOSO*

Wilmington, colônia da Carolina do Norte
18 de abril de 1777

As instalações do Wilmington Gazette foram facilmente encontradas. As brasas haviam esfriado, mas o cheiro penetrante e tão familiar de queimado ainda impregnava o ar. Um cavalheiro rusticamente vestido, com um chapéu desabado, vasculhava os restos do incêndio de maneira incerta, mas abandonou o trabalho quando Jamie o chamou. Ele saiu do meio dos escombros, erguendo bem os pés para evitar cuidadosamente os obstáculos.

— O senhor é o proprietário do jornal? — Jamie perguntou, estendendo a mão para ajudá-lo a saltar a pilha de livros chamuscados que se acumulava na soleira da porta. — Minhas condolências, se for.

— Oh, não — o homem respondeu, limpando manchas de fuligem dos dedos em um lenço grande e imundo, que ele então passou a Jamie. — Amos Crupp, ele era o tipógrafo. Mas ele foi embora, fugiu quando incendiaram a gráfica. Sou Herbert Longfield, dono do terreno. Também era o dono da loja — acrescentou, com um olhar pesaroso para trás. — O senhor não seria um sucateiro, seria? Tenho um bom pedaço de ferro lá.

A gráfica de Fergus e Marsali era agora evidentemente a única em operação entre Charleston e Newport. A impressora da Gazette destacava-se, retorcida e enegrecida, em meio aos escombros: ainda reconhecível, mas inutilizada, não servindo para mais nada além de sucata.

— Quando foi que isso aconteceu? — perguntei.

— Anteontem. Logo depois da meia-noite. Passou-se muito tempo até a brigada contra incêndios poder começar.

— Um acidente com a fornalha? — Jamie perguntou. Inclinou-se e pegou um dos folhetos espalhados.

Longfield riu cinicamente.

— O senhor não é daqui, não é? Disse que procurava por Amos? — Olhou

cautelosamente de Jamie para mim e de novo para Jamie. Não estava disposto a confidenciar nada a estranhos de afiliações políticas desconhecidas.

— James Fraser — Jamie disse, estendendo a mão para apertar a dele com firmeza. — Minha mulher, Claire. Quem foi? Os Filhos da Liberdade?

As sobrancelhas de Longfield arquearam-se pronunciadamente. — O senhor não é mesmo daqui. — Sorriu, mas sem alegria. — Amos era dos Filhos. Não era verdadeiramente um deles, talvez, mas da mesma linha de pensamento. Eu disse a ele para tomar cuidado com o que escrevia e com o que publicava no jornal, e ele tentava. Mas ultimamente não é preciso muita coisa. Um boato de traição e um homem é surrado quase até a morte na rua, lambuzado de alcatrão e penas, queimado, morto até.

Ele examinou Jamie pensativamente.

— Então, o senhor não conheceu Amos. Posso lhe perguntar o que queria com ele?

— Eu tinha uma pergunta sobre uma notícia que foi publicada na Gazette. Você disse que Crupp se foi. Sabe onde posso encontrá-lo? Se ele não estiver doente — acrescentou.

O sr. Longfield olhou pensativamente para mim, aparentemente avaliando as possibilidades de um homem inclinado à violência política trazer sua mulher com ele. Sorri, tentando parecer tão respeitosa e amável quanto possível, e ele devolveu o sorriso sem muita convicção. Ele possuía o lábio superior longo, o que lhe dava o aspecto de um camelo preocupado, o que era substancialmente enfatizado por sua excêntrica dentição.

— Não, não sei — ele disse, voltando-se novamente para Jamie com o ar de um homem que tomava uma decisão. — Mas ele tinha um sócio e um aprendiz. Será que um deles saberia o que o senhor está procurando?

Foi a vez de Jamie avaliar Longfield. Chegou a uma conclusão em um instante e entregou-me o folheto.

— Pode ser. Uma pequena notícia referente ao incêndio de uma casa nas montanhas foi publicada no ano passado. Queria descobrir quem deu essa informação ao jornal.

Longfield franziu a testa, intrigado, e coçou o longo lábio superior, deixando-o sujo de fuligem.

— Eu mesmo não me lembro disso. Mas... bem, vou lhe dizer o que faremos, senhor. Eu estava mesmo indo ver George Humphries, o sócio de Amos, depois de examinar o local... — Olhou por cima do ombro, fazendo uma careta. — Por que não me acompanha e faz sua pergunta?

— É muita gentileza sua, senhor. — Jamie ergueu uma das sobrancelhas para mim, sinalizando que minha presença já não era necessária para dar uma boa

impressão e que, assim, podia cuidar dos meus próprios assuntos. Assim, desejei um bom dia ao sr. Longfield e fui fazer compras no comércio de Wilmington.

Os negócios ali eram melhores do que em New Bern. Wilmington possuía um porto de águas profundas e, apesar de o bloqueio inglês ter necessariamente afetado as importações e exportações, os paquetes costeiros e barcos locais ainda entravam no porto. Wilmington também era substancialmente maior e ainda ostentava um próspero mercado na praça central, onde passei uma hora agradável coletando ervas e ouvindo os boatos locais, antes de comprar um pão com queijo para meu almoço, quando então caminhei ociosamente até o porto para comê-lo.

Fiquei passeando despreocupadamente ao longo do cais, esperando avistar o navio que nos levaria à Escócia, mas não vi nada ancorado que parecesse grande o suficiente para tal viagem. Mas é claro — DeLancey Hall dissera que nós teríamos que embarcar em um pequeno navio, talvez seu próprio brigue de pesca, e afastarmo-nos do porto para encontrar o navio maior no mar.

Sentei-me em um poste de amarração para comer, atraindo um pequeno bando de gaivotas interessadas, que flutuaram para baixo como flocos de neve pesados demais e me cercaram.

— Pense melhor, companheiro — eu disse, apontando um dedo acusador a um espécime particularmente intransigente, que se aproximava sorrateiramente de meus pés, de olho em meu cesto. — É o meu almoço. — Eu ainda tinha o folheto chamuscado que Jamie me dera; sacudi-o vigorosamente para as gaivotas, que se levantaram em uma revoada com gritos estridentes, mas em seguida se acomodaram novamente à minha volta, a uma distância ligeiramente mais respeitosa, todos os olhos de contas focalizados no pão em minha mão. — Ha! — disse a elas, passando o cesto para trás dos meus pés, por precaução. Segurei meu pão com firmeza, mantendo um olho nas gaivotas. O outro estava livre para inspecionar o porto. Um navio de guerra britânico estava ancorado ao largo e a visão da bandeira britânica tremulando de seu mastro me deu uma sensação peculiarmente paradoxal de orgulho e inquietação.

O orgulho era um reflexo. Eu fora inglesa toda a minha vida. Eu servira a Grã-Bretanha em hospitais, em campos de batalha — no dever e com honra — e vira muitos dos meus compatriotas, homens e mulheres, morrerem nesse mesmo serviço. Apesar de o Union Jack que eu via agora ser ligeiramente diferente no desenho daquele com que eu convivera, era inquestionavelmente o mesmo pavilhão, e senti o mesmo alento instintivo ao vê-lo.

Ao mesmo tempo, eu tinha plena consciência da ameaça que aquela bandeira representava agora para mim e os meus. As portinholas superiores das bocas dos canhões estavam abertas; evidentemente, algum exercício militar estava sendo conduzido, pois eu via os canhões rolares rapidamente para dentro e para fora, um

após o outro sucessivamente, focinhos rombudos bisbilhotando pela abertura, em seguida se recolhendo, como cabeças de roedores belicosos. Havia dois navios de guerra no porto no dia anterior; o outro fora para... onde? Em uma missão particular — ou meramente navegando incansavelmente para cima e para baixo, a certa distância do porto, pronto para abordar, capturar, alvejar ou afundar qualquer navio que parecesse suspeito?

Eu não podia pensar em nada que parecesse mais suspeito do que o navio do amigo contrabandista do sr. Hall.

Pensei novamente no misterioso sr. Beauchamp. A França continuava neutra; estaríamos bem mais seguros em um navio com a bandeira da França. Ao menos, a salvo das depredações da Marinha britânica. Quanto às próprias motivações de Beauchamp... com relutância, aceitei o desejo de Fergus de não ter nada a ver com o sujeito, mas ainda me perguntava qual poderia ser o interesse de Beauchamp em Fergus.

Eu também ainda me perguntava se ele teria alguma ligação com minha própria família Beauchamp, mas não havia como saber; tio Lamb fizera uma árvore genealógica rudimentar da família, eu sabia — em grande parte, por mim —, mas eu não dera muita atenção ao fato. Onde estaria agora?, perguntei-me. Ele a dera para mim e Frank quando nos casamos, perfeitamente datilografada e colocada em uma pasta de papelão.

Talvez eu mencionasse o sr. Beauchamp em minha próxima carta a Brianna. Ela teria todos os nossos antigos registros de família — as caixas de velhos formulários do imposto de renda, as coleções de seus próprios trabalhos escolares e projetos de arte... sorri à lembrança do dinossauro de barro que ela fizera aos oito anos, uma criatura cheia de dentes e tropegamente inclinada para o lado, com um pequeno objeto cilíndrico pendurado nas mandíbulas.

— É um mamífero que ele está comendo — ela me informou.

— O que aconteceu com as pernas do mamífero? — eu perguntara.

— Caíram quando o dinossauro pisou nele. A lembrança me distraiu por alguns minutos e uma gaivota mais ousada fez um voo rasante e atacou minha mão, derrubando no chão o que restava do meu pão, o qual foi prontamente engolido por um bando estridente de suas companheiras.

Eu soltei um palavrão — a gaivota deixara um arranhão sangrando nas costas da minha mão — e, pegando o folheto, atirei-o no meio das aves que se atracavam em uma competição renhida pela comida. Atingi uma delas na cabeça e a ave rolou em uma louca confusão de asas e papel, dispersando o bando, que bateu em retirada, gritando palavrões na linguagem das gaivotas, sem deixar um único farelo para trás.

— Ha! — repeti, com uma cruel satisfação. Com alguma obscura inibição do século XX contra sujar as ruas — sem dúvida, tais noções não existiam ali —

peguei de volta o folheto, que se despedaçara em várias partes, e as arrumei de volta de forma mais ou menos coerente.

Uma análise da misericórdia — intitulava-se, lendo-se o seguinte subtítulo: Pensamentos sobre a natureza da compaixão divina, sua manifestação no seio do ser humano e a instrução de sua inspiração para o aperfeiçoamento do indivíduo e da raça humana. Não devia ser um dos títulos de maior sucesso do sr. Crupp, pensei, enfiando-o no fundo do meu cesto.

O que me levou a outro pensamento. Eu imaginava se Roger o veria em um arquivo público um dia. Achei que provavelmente sim.

Isso significava que nós — ou eu — deveríamos estar fazendo coisas de propósito para assegurar nosso aparecimento nos ditos registros? Considerando-se que a maior parte das coisas publicadas em qualquer época era sobre guerra, crime, tragédia e outras terríveis desgraças, achei que não. Meus poucos contatos com a notoriedade não haviam sido agradáveis e a última coisa que eu queria que Roger encontrasse era um registro de que eu tivesse sido enforcada por roubo a banco, executada por bruxaria ou ter sido bicada até a morte por gaivotas raivosas.

Não, concluí. Seria melhor eu apenas contar a Bri sobre o sr. Beauchamp e a genealogia da família Beauchamp, e se Roger quisesse esquadrinhar isso, muito bem. É bem verdade que eu nunca viria a saber se ele encontrou o sr. Percival na lista, mas, se tiver encontrado, Jem e Mandy conheceriam um pouco mais da árvore genealógica de sua família.

Agora, onde estava aquela pasta? A última vez que eu a vira estava no escritório de Frank, no arquivo. Eu me lembrava distintamente dela porque tio Lamb esdruxulamente havia desenhado o que eu presumi que fosse o brasão da fa...

— Com licença, madame — uma voz grave disse respeitosamente atrás de mim. — Vejo que está...

Abruptamente arrancada das minhas lembranças, virei-me perplexa para a voz, achando vagamente que eu conhecia...

— Jesus H. Roosevelt Cristo! — exclamei, levantando-me com um salto. — Você!

Dei um passo atrás, tropecei no cesto e quase caí nas águas do porto, tendo sido salva apenas pela reação instintiva de Tom Christie, que me agarrou pelo braço.

Puxou-me da beira do cais e eu caí contra seu peito. Ele recuou como se eu fosse feita de metal fundido, depois me envolveu em seus braços, pressionou-me com força contra ele e beijou-me com um abandono apaixonado.

Afastou-se, esquadrinhou meu rosto e exclamou, arfando:

— Você está morta!

— Bem, não — eu disse, atordoada.

— Eu... eu sinto muito — conseguiu dizer, deixando os braços penderem. —

Eu... eu... eu... — Estava pálido como um fantasma e eu achei que ele era capaz de cair na água. Eu duvidava que minha aparência fosse muito melhor, mas eu ao menos estava firme sobre meus pés.

— É melhor você se sentar — eu disse.

— Eu... não aqui — ele disse abruptamente. Ele tinha razão. O cais era um lugar muito público e nosso pequeno reencontro atraía bastante atenção. Dois desocupados nos fitavam abertamente, cutucando um ao outro, e estávamos atraindo olhares ligeiramente menos óbvios do tráfego de mercadores, marinheiros e estivadores cuidando de seus próprios afazeres. Eu começava a me recuperar do choque, o suficiente para pensar.

— Tem um quarto? Oh, não. Isso não vai servir, não é? — Eu podia imaginar muito bem todo tipo de histórias que estariam voando pela cidade em poucos minutos depois de nossa saída das docas; se fôssemos embora e nos encaminhássemos ao quarto do sr. Christie...

— A pensão — eu disse com firmeza. — Vamos.

Era uma caminhada de apenas alguns minutos até a hospedaria de Symonds e passamos esses minutos em completo silêncio. Mas eu lançava-lhe um olhar de vez em quando, tanto para me certificar de que ele não era um fantasma quanto para avaliar sua atual situação.

A última parecia tolerável; estava decentemente vestido em um traje cinza-escuro, com camisa limpa, e se não estava elegante — mordeu o lábio à ideia de Tom Christie vestir-se com elegância —, ao menos não estava malvestido.

Fora isso, parecia igual à última vez em que eu o vi — bem, não, eu me corriji. Na realidade, ele parecia muito melhor. Na última vez em que o vi, ele se encontrava no extremo de um luto extenuante, arrasado pela tragédia da morte de sua filha e das subsequentes complicações. A última visão que tive dele foi a bordo do Cruiser, o navio britânico em que o governador Martin se refugiou quando foi expulso da colônia, há quase dois anos.

Naquela ocasião, o sr. Christie declarara, primeiro, sua intenção de confessar o assassinato de sua filha — do qual eu era acusada —, segundo, seu amor por mim e, terceiro, sua intenção de ser executado em meu lugar. Tudo isso fez sua repentina ressurreição não apenas surpreendente, porém mais do que ligeiramente embaraçosa.

Acrescente-se a isso a dúvida sobre se ele sabia do destino de seu filho, Allan, que de fato fora o responsável pela morte de Malva Christie. As circunstâncias não eram nada que um pai devesse ouvir e o pânico tomou conta de mim à ideia de que talvez eu tivesse que lhe contar.

Olhei para ele outra vez. Seu rosto estava crivado de rugas profundas, mas ele não estava nem macilento, nem claramente transtornado. Não usava nenhuma peruca, embora seus cabelos grisalhos e ásperos estivessem cortados bem curtos,

como sempre, combinando com a barba cuidadosamente aparada. Meu rosto formigava e eu mal conseguia deixar de esfregar a mão pela boca para apagar a sensação. Ele estava obviamente perturbado — bem, eu também estava —, mas conseguira recobrar o autocontrole e abriu a porta da pensão para mim com impecável cortesia. Somente a contração de um músculo ao lado de seu olho esquerdo o traía.

Senti como se todo o meu corpo estivesse crispado, mas Phaedre, que servia no salão, olhou para mim com não mais do que um leve interesse e um cumprimento cordial com a cabeça. Claro, ela nunca se encontrara com Thomas Christie e, apesar de sem dúvida ter ouvido sobre o escândalo que se seguiu à minha prisão, ela não associaria o cavalheiro que me acompanhava ao episódio.

Encontramos uma mesa junto à janela na sala de refeições e nos sentamos.

— Achei que estivesse morto — eu disse abruptamente. — Por que você achava que eu estava morta?

Ele abriu a boca para responder, mas foi interrompido por Phaedre, que veio nos servir, sorrindo amavelmente.

— Posso lhes servir alguma coisa, madame, senhor? Querem comer? Temos um ótimo presunto hoje, batatas assadas e o molho especial da sra. Symond de mostarda e passas para acompanhar.

— Não — o sr. Christie disse. — Eu... apenas um copo de sidra, por favor.

— Uísque — eu disse. — Muito uísque. O sr. Christie pareceu escandalizado, mas Phaedre apenas riu e afastou-se, a graça de seus movimentos atraindo a admiração silenciosa da maioria dos clientes masculinos.

— Você não mudou nada — ele observou. Seus olhos me percorreram, intensos, absorvendo cada detalhe de minha aparência. — Eu a teria reconhecido pelos cabelos.

Sua voz tinha um tom de desaprovação, mas também de um humor hesitante; ele sempre fora categórico em sua reprovação da minha recusa em usar uma touca ou de alguma forma prender meus cabelos. "Indisciplinados", ele dizia.

— Sim, teria — eu disse, erguendo a mão para alisar os cabelos em questão, consideravelmente afetados pelos choques recentes. — Mas você só me reconheceu quando eu me virei, não foi? O que o fez falar comigo?

Ele hesitou, mas depois balançou a cabeça indicando meu cesto, que eu colocara no chão, ao lado de minha cadeira.

— Vi que você tinha um de meus panfletos.

— O quê? — eu disse, perplexa, mas olhei para onde ele olhava e vi o folheto chamuscado Misericórdia Divina projetando-se de baixo de um repolho.

Inclinei-me e peguei-o, somente então notando o autor: Sr. T W Christie, MA, Universidade de Edimburgo.

— O que é o "W"? — perguntei, colocando o impresso sobre a mesa. Ele pestanejou.

— Warren — retrucou um pouco rispidamente. — De onde, em nome de Deus, você surgiu?

— Meu pai costumava dizer que me encontrou embaixo de uma folha de repolho na horta — respondi petulantemente. — Ou você está se referindo a hoje? Se assim for, da King's Inn.

Ele começava a parecer um pouco menos chocado, sua irritação normal com a minha falta de decoro feminino restituindo seu rosto às linhas severas de costume.

— Não banque a engraçadinha. Disseram-me que estava morta — ele disse, acusadoramente. — Você e toda a sua família foram consumidos em um incêndio.

Phaedre, servindo as bebidas, olhou para mim, as sobancelhas erguidas.

— Ela não parece chamuscada nas beiradas, senhor, se me permite observar.

— Muito obrigado pela observação — ele disse, entre dentes. Phaedre trocou um olhar bem-humorado comigo e afastou-se outra vez, sacudindo a cabeça.

— Quem lhe disse isso?

— Um homem chamado McCreary. Minha falta de expressão deve ter revelado que eu não reconhecia o nome, pois ele acrescentou:

— De Brownsville. Eu o conheci aqui, em Wilmington, quero dizer, no final de janeiro. Ele acabara de descer da montanha, segundo disse, e me contou sobre o incêndio. Houve de fato um incêndio?

— Bem, sim, houve — eu disse devagar, me perguntando se devia, e quanto, contar a ele a verdade dos fatos. Muito pouco, em um lugar público, decidi. — Talvez tenha sido o sr. McCreary, então, quem colocou a notícia do incêndio no jornal... mas não é possível. — A notícia original surgira em 1776, Roger dissera; quase um ano antes do incêndio.

— Fui eu que coloquei — Christie disse. Foi a minha vez de pestanejar.

— Você o quê? Quando? — Tomei um grande gole de uísque, sentindo que precisava dele mais do que nunca.

— Assim que soube. Ou... bem, não — corrigiu-se. — Alguns dias depois. Eu... estava muito triste com a notícia — acrescentou, abaixando os olhos e desviando-os de mim pela primeira vez desde que nos sentamos ali.

— Ah. Sinto muito — eu disse, a voz baixa, em tom de desculpa... embora sem saber por que eu deveria me desculpar por não ter morrido no incêndio...

Ele pigarreou.

— Sim. Bem. Pareceu-me que... hã... alguma coisa devia ser feita. Algum registro formal de sua... morte. — Ergueu o olhar então, os olhos cinzentos diretos. — Eu não podia me conformar com o fato de que você... todos vocês — acrescentou, mas evidentemente fora uma correção — pudessem simplesmente

desaparecer da face da Terra, sem nenhum registro formal do... do acontecimento.

Ele respirou fundo e tomou um pequeno gole de sidra.

— Ainda que um funeral adequado tivesse sido realizado, não fazia sentido eu retornar a Fraser's Ridge, mesmo que eu... bem. Eu não poderia. Assim, pensei em ao menos fazer um registro do acontecimento aqui. Afinal — ele acrescentou mais brandamente, desviando o olhar outra vez —, eu não podia colocar flores em seu túmulo.

O uísque me acalmara um pouco, mas também irritara minha garganta, tornando difícil falar quando embargada pela emoção. Estendi a mão e toquei a dele de leve, depois clareei a garganta, encontrando momentaneamente um terreno neutro.

— Sua mão — eu disse. — Como está? Ele ergueu os olhos, surpreso, mas as rugas tensas de seu rosto relaxaram um pouco.

— Muito bem, obrigado. Está vendo? — Virou a mão direita, exibindo uma cicatriz na forma de um Z na palma, bem curada, mas ainda rosada.

— Deixe-me ver. Sua mão estava fria. Fingindo descontração, tomei-a na minha, virando-a, dobrando seus dedos para verificar a flexibilidade e o grau de movimento. Ele tinha razão: estava indo muito bem; o movimento era quase normal.

— Eu... fiz os exercícios que você mandou — ele confessou. — Eu os faço todos os dias.

Ergui os olhos e me deparei com ele olhando-me com uma espécie de solenidade angustiada, as faces agora ruborizadas acima da barba, e compreendi que este terreno não era tão neutro quanto eu pensara. Antes que eu pudesse soltar sua mão, ela virou-se na minha, cobrindo meus dedos — não com força, mas o suficiente para eu não conseguir me soltar sem algum esforço.

— Seu marido. — Ele parou de repente, obviamente não tendo pensado nem por um instante em Jamie até esse momento. — Ele também está vivo?

— Sim, está. A bem da verdade, ele não fez uma careta de desgosto diante dessa notícia, mas apenas balançou a cabeça, expirando.

— Fico... feliz em saber. Permaneceu em silêncio por um instante, olhando para sua sidra quase intocada. Ainda segurava minha mão. Sem erguer os olhos, disse em voz baixa: — Ele... sabe? O que eu... como eu... eu não contei a ele a razão da minha confissão. Você contou?

— Quer dizer, sua... — hesitei em busca de uma forma adequada de colocar as palavras — seus... hum... sentimentos muito galanteadores em relação a mim? Bem, sim, ele sabe; ele teve muita compaixão por você. Ele sabendo por experiência própria o que é estar apaixonado por mim, quero dizer — acrescentei, com certo azedume.

Ele quase riu, o que me deu a oportunidade de desvencilhar meus dedos. Ele não me informou, mas pude notar que ele já não estava mais apaixonado por mim.

Oh, Deus!

— Bem, seja como for, não estamos mortos — eu disse, limpando a garganta outra vez. — E quanto a você? A última vez que o vi...

— Ah. — Ele pareceu bastante infeliz, mas se recompôs e balançou a cabeça. — Sua partida um tanto apressada do Cruiser deixou o governador Martin sem um amanuense. Descobrindo que eu era até certo ponto letrado — sua boca torceu-se um pouco — e tinha uma boa caligrafia, graças aos seus cuidados, ele me retirou da prisão.

Não fiquei surpresa. Forçado a deixar sua colônia, o governador Martin foi obrigado a conduzir os negócios da minúscula cabine do comandante do navio britânico onde se refugiara. Tais negócios consistiam forçosa e inteiramente em cartas — todas as quais tinham que ser não somente redigidas em rascunho e primorosamente copiadas, mas depois cada uma reproduzida várias vezes. Uma cópia era exigida para os arquivos de correspondência oficial do governador, outra para cada pessoa ou entidade que tivesse algum interesse no assunto da carta e, finalmente, várias cópias adicionais tinham que ser feitas de qualquer carta enviada para a Inglaterra ou Europa, porque seriam enviadas por diferentes navios, na esperança de que ao menos uma cópia conseguisse chegar ao destino, caso as outras afundassem com o navio, caíssem nas mãos de piratas ou de navios particulares, ou se perdessem em trânsito.

Minha mão doía à simples lembrança. As exigências da burocracia em uma época anterior à mágica da Xerox haviam me impedido de apodrecer em uma cela; não era de admirar que também tivessem livrado Tom Christie da detenção.

— Está vendo? — eu disse, satisfeita. — Se eu não tivesse consertado sua mão, ele provavelmente o teria mandado executar ali mesmo ou no mínimo o enviado de volta à terra firme e o aprisionado em alguma masmorra.

— Fico-lhe muito agradecido — ele disse, com extrema frieza. — Não fiquei, na ocasião.

Christie passara vários meses como secretário de facto do governador. No final de novembro, entretanto, um navio chegou da Inglaterra, trazendo ordens para o governador — essencialmente lhe ordenando que dominasse a colônia, mas não lhe oferecendo tropas, armamento ou sugestões úteis de como conseguir esse feito — e um secretário oficial.

— Nesse ponto, o governador se viu diante da perspectiva de se desfazer de mim. Nós tínhamos... nos aproximado, trabalhando em local tão confinado...

— E como você já não era um assassino anônimo, ele não queria arrancar a pena de sua mão e enforcá-lo no cais de verga — terminei para ele. — Sim, ele é na verdade um homem bastante bondoso.

— É, sim — Christie disse, pensativamente. — O pobre coitado também não

tem tido uma vida fácil.

Concordei.

— Ele lhe contou sobre seus filhos pequenos?

— Sim, contou. — Seus lábios se comprimiram, não de raiva, mas para controlar a própria emoção. Martin e sua mulher haviam perdido três filhos pequenos, um depois do outro, às pragas e febres da colônia; não era de admirar que ouvir falar do sofrimento do governador tivesse reaberto as próprias feridas de Tom Christie. Mas ele sacudiu levemente a cabeça e retornou ao assunto de sua libertação.

— Eu havia... lhe contado um pouco sobre... sobre minha filha. — Ele pegou a caneca de sidra quase intocada e esvaziou-a até a metade de um só gole, como se estivesse morto de sede. — Admiti particularmente para ele que minha confissão fora falsa, embora tivesse afirmado também que eu estava convicto de sua inocência — assegurou-me. — E se você um dia fosse presa novamente pelo crime, minha confissão continuaria válida.

— Muito obrigada — eu disse, perguntando-me com uma apreensão ainda maior se ele sabia quem realmente havia assassinado Malva. Ele devia ter suspeitado, pensei, mas isso estava longe de saber, muito menos de saber por quê. E ninguém sabia onde Allan estava agora, salvo eu, Jamie e o Jovem Ian.

O governador recebera essa admissão com alívio e decidiu que a única coisa a fazer nas circunstâncias era deixar Christie em terra firme, a cargo das autoridades civis.

— Não há mais nenhuma autoridade civil — eu disse.

— Há? Ele sacudiu a cabeça. — Nenhuma capaz de lidar com tal questão. Ainda há cárceres e xerifes, mas não há tribunais, nem magistrados. Nessas circunstâncias — ele quase sorriu, apesar da expressão melancólica —, achei uma perda de tempo tentar encontrar alguém a quem me entregar.

— Mas você disse que havia enviado uma cópia de sua confissão para o jornal — eu disse. — Você não foi... hã... recebido com frieza pelas pessoas em New Bern?

— Pela graça da Providência divina, o jornal cessara suas operações antes de receber minha confissão, sendo o tipógrafo um legalista. Creio que o sr. Ashe e seus amigos o visitaram e ele sabiamente decidiu encontrar outro ramo de negócios.

— Muito sensato — eu disse secamente. John Ashe era amigo de Jamie, um líder da facção local dos Filhos da Liberdade e o homem que instigara o incêndio de Fort Johnston e efetivamente forçara o governador Martin a se refugiar no mar.

— Houve boatos — ele disse, desviando os olhos outra vez —, mas foram sobrepujados pela precipitação dos acontecimentos públicos. Ninguém sabia ao certo o que acontecera em Fraser's Ridge e depois de algum tempo ficou na mente

de todos que simplesmente alguma tragédia pessoal acontecera comigo. As pessoas passaram a me ver com certa... compaixão. — Sua boca torceu-se; ele não era do tipo que recebe compaixão com complacência.

— Você parece estar prosperando — eu disse, balançando a cabeça e indicando seus trajes. — Ao menos, não está dormindo na sarjeta e vivendo de cabeças de peixe descartadas nas docas. Eu não fazia a menor ideia de que o negócio de publicar folhetos fosse lucrativo.

Ele voltara à sua cor normal durante a conversa anterior, mas corou outra vez, agora com um ar aborrecido.

— Não é — ele retrucou. — Eu tenho alunos. E eu... eu prego aos domingos.

— Não posso imaginar ninguém melhor para a tarefa — eu disse, achando graça. — Você sempre teve talento para dizer a todo mundo o que há de errado com elas em termos bíblicos. Tornou-se um pastor, então?

Ele ficou ainda mais ruborizado, mas reprimiu sua cólera e me respondeu serenamente.

— Eu estava quase em situação de indigência quando cheguei aqui. Cabeças de peixe, como você diz, e um ou outro pedaço de pão ou sopa doados pela congregação da Nova Luz. Eu vinha para comer, mas ficava para o culto por cortesia. Assim, ouvi um sermão dado pelo reverendo Peterson. Aquilo... calou fundo em mim. Eu o procurei e nós... conversamos. Uma coisa levou à outra. — Ergueu o rosto para mim, os olhos faiscantes. — O Senhor realmente atende às preces, sabe.

— E pelo que você rezara? — perguntei, intrigada. Isso o desconcertou um pouco, embora tivesse sido uma pergunta inocente, feita por simples curiosidade.

— Eu... eu... — Interrompeu-se e me fitou, a testa franzida. — Você é uma mulher muito desagradável!

— Você não seria a primeira pessoa a dizer isso — assegurei-lhe. E não tenho a intenção de bisbilhotar. Eu só... fiquei pensando.

Pude ver a ânsia de se levantar e ir embora digladiando com a compulsão de dar testemunho do que quer que tivesse lhe acontecido. Mas ele era um homem obstinado e ficou onde estava.

— Eu... perguntei por quê — ele disse finalmente, muito serenamente. — Apenas isso.

— Bem, deu certo para Jó — observei. Ele pareceu surpreso e eu quase ri; ele sempre se surpreendia à revelação de que qualquer outra pessoa que não ele próprio tivesse lido a Bíblia. No entanto, controlou-se e olhou furiosamente para mim de um jeito mais de acordo com sua maneira habitual.

— E agora você está aqui — ele disse, fazendo parecer uma acusação. —

Imagino que seu marido tenha formado uma milícia ou se ligado a uma. Eu já estou farto de guerras. Surpreende-me que seu marido também não esteja.

— Não creio que seja exatamente um gosto pela guerra — eu disse. Falei de uma maneira cortante, mas algo nele me fez acrescentar: — É que ele acha que nasceu para isso.

Algo tremulou no fundo dos olhos de Tom Christie... — surpresa? Reconhecimento?

— E nasceu — disse tranquilamente. — Mas sem dúvida. — Não concluiu o Pensamento, mas em vez disso perguntou abruptamente: — Mas o que você está fazendo aqui? Em Wilmington?

— Procurando um navio — eu disse. — Estamos indo para a Escócia. Sempre tive talento para surpreendê-lo, mas desta vez eu me superei. Ele erguera sua caneca para beber, mas, ao ouvir minha declaração, abruptamente derramou sidra sobre a mesa. Logo em seguida engasgou-se, tossiu e chiou, a respiração difícil, o que atraiu muita atenção. Recostei-me na cadeira, tentando ficar invisível.

— Hã... vamos para Edimburgo, recuperar a gráfica do meu marido — eu disse. — Quer que ele procure alguém para você? Entregar um recado, quero dizer? Creio que você disse que tem um irmão lá.

Sua cabeça levantou-se bruscamente e ele fitou-me com raiva, os olhos lacrimejando. Senti um espasmo de horror à súbita lembrança e tive vontade de arrancar minha língua. Seu irmão tivera um caso com a mulher de Tom enquanto Tom estava preso nas Highlands depois do Levante; sua mulher, então, envenenara seu irmão e em consequência fora executada por bruxaria.

— Desculpe-me — eu disse, a voz baixa. — Perdoe-me, por favor. Eu não... Ele segurou minha mão entre as suas, com tanta força e tão abruptamente que eu arfei, e algumas cabeças viraram-se com curiosidade em nossa direção. Ele não deu nenhuma atenção a isso, mas inclinou-se para mim, por cima da mesa.

— Ouça-me — ele disse, sibilando ferozmente. — Eu amei três mulheres. Uma era uma bruxa e uma vagabunda, a segunda apenas uma vagabunda. Você pode muito bem ser uma bruxa também, mas não faz a menor diferença. Meu amor por você me levou à salvação e ao que eu achei que fosse a minha paz, quando acreditei que estava morta.

Olhou-me fixamente e sacudiu a cabeça devagar, a boca cerrando-se por um momento, formando uma linha em sua barba.

— E aqui está você.

— Hã... sim. — Novamente, senti que devia me desculpar por não estar morta, mas não o fiz.

Ele inspirou fundo e soltou o ar com um suspiro.

— Não terei nenhuma paz enquanto você viver, mulher.

Então, ele ergueu minha mão e beijou-a, levantou-se e foi embora.

— Veja bem — ele disse, virando-se à porta para olhar para mim por cima do ombro —, eu não disse que lamento isso.

Peguei o copo de uísque e o esvaziei.

Continuei meus afazeres em uma espécie de atordoamento — não inteiramente induzido pelo uísque. Eu não sabia o que pensar da ressurreição de Tom Christie, mas estava muito transtornada por ela. No entanto, não parecia haver realmente nada a fazer a respeito dele, e assim prossegui na direção da loja de Stephen Moray, um ourives de Fife, para encomendar um par de tesouras cirúrgicas. Felizmente, ele se mostrou um homem inteligente, que parecia compreender tanto minhas especificações quanto o propósito por trás delas, e prometeu ter a tesoura pronta dentro de três dias. Animada com isso, aventurei-me em uma encomenda um pouco mais problemática.

— Agulhas? — Moray franziu as sobrancelhas brancas, intrigado. — Não precisa dos serviços de um ourives para...

— Não são agulhas de costura. São mais longas, muito finas e sem buraco. Têm finalidade médica. E eu gostaria que as fizesse com isto.

Seus olhos se arregalaram quando eu deposei o que parecia ser uma pepita de ouro do tamanho de uma noz sobre o balcão. Era na verdade um pedacinho de um dos lingotes franceses, arrancado e martelado até formar um torrão e coberto de terra como disfarce.

— Meu marido ganhou isto em um jogo de cartas — eu disse, com um misto de orgulho e desculpas que me pareceu apropriado para tal confissão. Eu não queria que ninguém comesse a achar que havia ouro em Fraser's Ridge, em nenhuma forma. Elevar a reputação de Jamie como jogador de cartas provavelmente não faria mal algum; ele já era conhecido — se não famoso — por suas habilidades nesse ramo.

Moray franziu um pouco o cenho diante das especificações escritas para as agulhas de acupuntura, mas concordou em fazê-las. Felizmente, ele parecia nunca ter ouvido falar em bonecas de vodu, ou eu teria tido um pouco mais de dificuldade.

Com a visita ao ourives e uma rápida passagem pelo mercado para comprar cebolinha, queijo, folhas de hortelã-pimenta e qualquer outra coisa disponível em ervas medicinais, já era final de tarde quando voltei à King's Ans.

Jamie jogava cartas no salão do bar, com o Jovem Ian observando por cima do seu ombro, mas ele me viu entrar e, passando suas cartas para Ian, veio pegar meu cesto, seguindo-me pelas escadas para o nosso quarto.

Girei nos calcanhares quando entramos, mas antes que eu pudesse falar ele disse:

— Sei que Tom Christie está vivo. Encontrei-o na rua.

— Ele me beijou — confessei.

— Sim, ouvi dizer — ele disse, esquadrinhando-me com um ar divertido. Por alguma razão, achei aquilo irritante. Ele notou isso, e pareceu achar ainda mais divertido.

— E você gostou?

— Não tem graça nenhuma! O humor não desapareceu, mas se recolheu um pouco.

— Você gostou? — ele repetiu, mas agora havia curiosidade em sua voz, em vez de caçoadas.

— Não. — Virei-me bruscamente. — Isso... Não tive tempo para... para pensar nisso.

Sem aviso prévio, ele colocou a mão em minha nuca e me beijou rapidamente. E por simples reflexo eu o esbofetei. Não com força — tentei retirar a mão no meio mesmo do gesto — e obviamente eu não o havia machucado. Fiquei tão surpresa e desconcertada quanto se o tivesse nocauteado.

— Não é preciso pensar muito, não é? — ele disse, recuando um passo e me analisando com interesse.

— Desculpe — eu disse, sentindo-me ao mesmo tempo mortificada e furiosa, e ainda com mais raiva por não compreender por que eu estava com raiva. — Não tive a intenção... desculpe.

Ele inclinou a cabeça para o lado, examinando-me.

— É melhor eu ir matá-lo?

— Oh, não seja ridículo. — Manuseei nervosamente meus cordões, desatando o bolso interno da minha saia, sem querer fitá-lo nos olhos. Eu estava irritada, desconcertada, inquieta — e ainda mais desconcertada por não saber exatamente por quê.

— Foi uma pergunta honesta, Sassenach — ele disse serenamente. — Não séria, talvez... mas honesta. Acho que você me deve uma resposta honesta.

— É claro que não quero que você o mate! — Quer que eu lhe diga, então, por que você me esbofeteou? — Por que... — Fiquei parada com a boca aberta por um segundo, depois a fechei.

— Sim. Quero.

— Eu toquei em você contra a sua vontade — ele disse, os olhos fixos nos meus. — Não foi?

— Sim — eu disse, e respirei um pouco mais facilmente. — E Tom Christie também. E, não, eu não gostei.

— Mas não por causa de Tom — ele concluiu. — Pobre coitado.

— Ele não iria querer a sua compreensão — eu disse rispidamente, e ele sorriu.

— Não, não iria. Mas ele a tem, mesmo assim. Ainda assim fico contente — ele acrescentou.

— Contente com o quê? Com o fato de ele estar vivo... ou... certamente não porque ele ache que me ame? — eu disse, incrédula.

— Não subestime os sentimentos dele, Sassenach — ele disse, mais serenamente. — Ele ofereceu a vida dele pela sua uma vez. E tenho certeza de que o faria outra vez.

— Eu não quis que ele o fizesse desde a primeira vez!

— Isso a incomoda — ele disse, em um tom de interesse clínico.

— Sim, é claro que me incomoda! — eu disse. — E — o pensamento me ocorreu e eu lancei-lhe um olhar severo — a você também! — Lembrei-me repentinamente que ele dissera que havia encontrado Tom Christie na rua. O que Tom lhe dissera?

Ele inclinou a cabeça para o lado em fraca negação, mas não contestou.

— Não vou dizer que eu goste de Thomas Christie — ele disse, ponderando —, mas eu o respeito. E estou muito satisfeito de encontrá-lo com vida. Você não errou em chorar sua morte, Sassenach — acrescentou, meigamente. — Eu também chorei.

— Eu nem tinha pensado nisso. — Com o choque de vê-lo, eu não me lembrara, mas eu chorara por ele, e por seus filhos. — Mas não me arrependo.

— Ótimo. O problema de Tom Christie — ele continuou — é que ele a deseja. Muito. Mas ele não sabe nada a seu respeito.

— E você sabe. — Deixei a frase entre uma pergunta e um desafio, e ele sorriu. Virou-se e trancou a porta, depois atravessou o quarto e puxou a cortina de chita da única janela pequena, lançando o quarto em uma agradável penumbra azulada.

— Oh, tenho necessidade e vontade em abundância, mas também tenho conhecimento. — Estava parado muito perto de mim, o suficiente para que tivesse que levantar a cabeça para fitá-lo. — Eu nunca a beijei sem saber quem você era, e isso é algo que o pobre Tom jamais saberá. — Santo Deus, o que Tom havia lhe dito?

Meu pulso, que andara saltando para cima e para baixo, estabilizou-se em uma batida leve e rápida, discernível na ponta de meus dedos.

— Você não sabia nada a meu respeito quando se casou comigo. Sua mão fechou-se delicadamente em meu traseiro.

— Não? — Além disso, quero dizer! Ele fez um pequeno ruído escocês na garganta, não exatamente uma risadinha.

— Sim, bem, sábio é o homem que sabe o que ele não sabe. E eu aprendo rápido, a nighean.

Ele me puxou delicadamente e me beijou — com atenção e ternura, com conhecimento — e com meu total consentimento. Isso não apagou minha lembrança do beijo apaixonado, destemperado, de Tom Christie, e achei que essa não era a intenção; a intenção era me mostrar a diferença.

— Você não pode estar com ciúmes — eu disse, pouco depois.

— Posso — ele disse, sem gracejo.

— Você não pode pensar...

— Não estou pensando.

— Muito bem, então...

— Muito bem, então. — Seus olhos estavam escuros como a água do mar na penumbra, mas a expressão neles era inteiramente legível, e meu coração bateu mais rápido. — Eu sei o que você sente por Tom Christie, e ele me disse com todas as letras o que sente por você. Você certamente sabe que o amor nada tem a ver com a lógica, não sabe, Sassenach?

Reconhecendo uma pergunta retórica quando ouvia uma, não me dei ao trabalho de responder, mas em vez disso comecei a desabotoar sua camisa com todo o cuidado. Não havia nada que eu pudesse sensatamente dizer sobre os sentimentos de Tom Christie, mas eu possuía uma outra linguagem pela qual expressar os meus próprios. Seu coração batia acelerado; podia senti-lo como se o segurasse em minha mão. O meu também, mas eu respirei fundo e reforcei-me na quente familiaridade de seu corpo, nos caracóis macios dos cabelos cor de canela de seu peito e na pele arrepiada sob meus dedos. Enquanto estava assim absorvida, ele deslizou os dedos por dentro de meus cabelos, separando uma mecha que examinou atentamente.

— Ainda não ficou branca. Creio que ainda tenho um pouco de tempo, então, antes que você fique perigosa demais para eu me deitar com você.

— Perigosa uma ova! — exclamei, começando a trabalhar nos botões de suas calças. Gostaria que ele estivesse vestindo seu kilt. — Exatamente o que você acha que eu poderia fazer com você na cama?

Ele coçou o peito, refletindo, e esfregou distraidamente a pequena protuberância de tecido cicatrizado onde ele cortara a marca de Jack Randall de sua carne.

— Bem, até agora, você já me arranhou, me mordeu, me furou, mais de uma vez e...

— Eu não o furei!

— Furou, sim — ele me informou. — Você me furou no traseiro com suas malditas agulhinhas, quinze vezes! Eu contei. E depois uma dúzia de vezes ou mais na perna com a presa de uma cascavel.

— Eu estava salvando a sua vida!

— Eu não disse o contrário, disse? Mas não vai negar que você gostou, vai?

— Bem... não tanto a presa da cascavel. Quanto às hipodérmicas... — Minha boca torceu-se, a despeito de mim mesma. — Você mereceu.

Ele me lançou um olhar de profundo cinismo.

— "Causar nenhum mal", hein?

— Além do mais, você estava contando o que eu fiz a você na cama — eu disse, voltando ao ponto. — Não pode contar as injeções.

— Eu estava na cama!

— Eu não estava!

— Sim, você se aproveitou de mim — ele disse, balançando a cabeça. — Mas eu não guardo rancor por isso.

Ele tirara meu casaco e ocupava-se em desamarrar meus cadarços, a cabeça abaixada em concentração.

— O que você acharia se eu ficasse com ciúmes? — perguntei para o topo de sua cabeça.

— Gostaria bastante — ele respondeu, o hálito quente na minha pele exposta. — E você ficou. De Laoghaire. — Ergueu os olhos, rindo, uma das sobancelhas levantadas. — Será que ainda está?

Dei-lhe outro tapa e desta vez intencionalmente. Ele poderia ter me impedido, mas não o fez.

— Sim, foi o que pensei — ele disse, limpando um olho lacrimejante. — Quer vir para a cama comigo, então? Só nós dois — acrescentou.

Era tarde quando acordei; o quarto estava escuro, apesar de ainda se ver uma fatia de céu desbotado no alto da cortina. A lareira ainda não fora acesa e o quarto estava frio, mas quente e aconchegante sob as cobertas, aninhada como eu estava contra o corpo de Jamie. Ele virara de lado e eu me enrosquei como uma colher contra as suas costas e passei o braço por cima dele, sentindo o suave subir e descer de sua respiração.

Realmente, fomos só nós dois. Eu me preocupara, no começo, que a lembrança de Tom Christie e sua estranha paixão pudesse se instalar entre nós — mas Jamie, evidentemente pensando da mesma forma e determinado a evitar qualquer reverberação do beijo de Tom que pudesse trazer de volta sua lembrança, começara na outra ponta, beijando meus pés.

Considerando o tamanho do quarto e o fato de que a cama estava encaixada sem folga em uma de suas extremidades, ele fora obrigado a escarranchar-se sobre mim para fazer isso, e a combinação de ter meus pés mordiscados e a visão diretamente por trás e por baixo de um escocês nu foram suficientes para remover qualquer outra coisa da minha cabeça.

Aquecida, segura e calma agora, eu podia pensar sobre o encontro anterior sem me sentir ameaçada. E eu realmente me sentira ameaçada. Jamie percebera isso.

Quer que eu lhe diga por que você me esbofeteou?... Eu toquei em você contra a sua vontade.

Ele tinha razão; era um dos pequenos efeitos secundários do que acontecera comigo quando fui raptada. Ajuntamentos de homens me deixavam nervosa sem nenhuma razão e ser agarrada inesperadamente me fez recuar e procurar me libertar com um safanão, em pânico. Por que eu não entendera isso?

Porque eu não queria pensar nisso. Ainda não queria. De que adiantaria? Era melhor deixar que as coisas se curassem por conta própria, se possível.

Mas mesmo feridas que se curam deixam cicatrizes. A prova disso estava literalmente diante de mim — pressionada contra meu rosto, na realidade.

As cicatrizes nas costas de Jamie haviam esmaecido em uma pálida teia de aranha, com apenas uma ou outra leve protuberância aqui e ali, perceptível sob meus dedos quando fazíamos amor, como arame farpado sob sua pele. Lembrei-me de Tom Christie escarnecendo delas certa vez, e meu maxilar enrijeceu-se.

Coloquei a mão delicadamente em suas costas, traçando uma curva pálida com o polegar. Ele remexeu-se em seu sono e eu parei, a mão espalmada.

O que nos aguardava?, me perguntei. A ele. A mim. Ouvi a voz sarcástica de Tom Christie. Eu já estou farto de guerras. Surpreende-me que seu marido também não esteja.

— Bem, você está farto — murmurei baixinho. — Covarde. — Tom Christie fora encarcerado como um jacobita, o que ele era, mas não um soldado. Ele fora um oficial encarregado de suprimentos no exército de Carlos Stuart. Ele arriscara sua posição e fortuna — e perdera ambas —, mas não sua vida ou seu corpo.

Ainda assim, Jamie o respeitava, o que significava alguma coisa, não sendo Jamie um mau julgador de caráter. E eu sabia o suficiente, observando Roger, para compreender que se tornar um pastor não era um caminho fácil como algumas pessoas pensavam. Roger também não era um covarde e eu me perguntava como ele encontraria seu caminho no futuro.

Virei-me, irrequieta. O jantar estava sendo preparado; podia sentir o cheiro intenso de água salgada e ostras fritas que vinha da cozinha embaixo, carregado em uma onda de fumaça de lenha e batatas assadas. Jamie remexeu-se um pouco e virou-se de costas, mas não acordou. Tempo suficiente. Ele estava sonhando; eu podia ver o movimento de seus olhos, revirando-se sob as pálpebras cerradas, e o momentâneo aperto dos lábios.

Seu corpo retesou-se, também, repentinamente rígido a meu lado, e eu saltei para trás com um movimento brusco, surpresa. Ele resmungou com um som grave no fundo da garganta e seu corpo arqueou-se com esforço. Começou a emitir sons estrangulados, se chamando ou gritando em seu sonho eu não sabia, e não esperei para descobrir.

— Jamie, acorde! — eu disse enfaticamente. Não toquei nele, eu sabia que não era uma boa ideia fazer isso enquanto ele estivesse no meio de um sonho violento; ele quase quebrara meu nariz uma ou duas vezes. — Acorde!

Ele arquejou, recuperou o fôlego e abriu os olhos desfocados. Obviamente, ele não sabia onde estava e eu falei com ele mais suavemente, repetindo seu nome, assegurando-lhe que estava tudo bem. Ele piscou, engoliu com força, depois virou a cabeça e me viu.

— Claire — eu disse prestativamente, vendo que ele buscava meu nome.

— Ótimo — ele disse com voz rouca. Fechou os olhos, sacudiu a cabeça e em seguida abriu os olhos outra vez. — Você está bem, Sassenach?

— Sim. E você?

Ele balançou a cabeça, fechando os olhos outra vez por um instante.

— Sim, estou bem. Eu estava sonhando com o incêndio da casa. Lutando. — Fungou, farejando o ar. — Tem alguma coisa queimando?

— O jantar, imagino. — Os aromas deliciosos que vinham do andar térreo haviam na realidade sido interrompidos pelo cheiro acre de fumaça e comida queimada. — Acho que o panelão de ensopado derramou.

— Talvez a gente tenha que comer em algum outro lugar esta noite. — Phaedre disse que a sra. Symonds assara presunto com molho de mostarda e passas no almoço. Ainda deve ter sobrado um pouco. Você está bem? — perguntei outra vez. O quarto estava frio, mas seu rosto e peito brilhavam de suor.

— Oh, sim — respondeu, sentando-se e esfregando as mãos vigorosamente pelos cabelos. — Posso conviver com esse tipo de sonho. — Afastou os cabelos do rosto e sorriu para mim. — Você está parecendo um chumaço de algodãozinho do campo, Sassenach. Você também teve um sono agitado?

— Não — eu lhe disse, levantando-me e vestindo minha combinação antes de tatear à cata de minha escova de cabelos. — Foi a parte agitada de antes de adormecermos. Ou você não se lembra disso?

Ele riu, passou a mão pelo rosto e levantou-se para usar o urinol, depois começou a vestir sua camisa.

— E quanto aos outros sonhos? — perguntei abruptamente.

— O quê? — Ele emergiu da camisa, com ar interrogador.

— Você disse que pode conviver com esse tipo de sonho. E quanto aos outros, com que não pode conviver?

Vi os traços de seu rosto estremecerem como a superfície da água quando atiramos uma pedrinha nela e, num impulso, estendi a mão e agarrei seu pulso.

— Não se esconda — eu disse suavemente. Mantive os olhos fixos nos dele, impedindo-o de erguer sua máscara. — Confie em mim.

Então, ele de fato desviou o olhar, mas apenas para se recompor; não se

escondeu. Quando olhou novamente para mim, tudo ainda estava lá em seus olhos — confusão, constrangimento, humilhação e os vestígios de uma dor longamente reprimida.

— Eu sonho... às vezes... — disse, hesitante — com coisas que foram feitas comigo contra a minha vontade. — Respirou pelo nariz, profundamente, exasperado. — E acordo com uma ereção e minhas bolas latejando e tenho vontade de sair e matar alguém, a começar por mim mesmo — terminou apressadamente, com um esgar. — Não acontece sempre — acrescentou, lançando-me um olhar rápido e direto. — E eu nunca... eu jamais a procuraria no rastro de algo assim. Você deve saber disso.

Apertei seu pulso com mais força. Eu queria dizer: "Você poderia, eu não iria me importar", pois seria verdade, e um dia eu teria dito isso sem hesitação. Mas agora eu sabia muito mais e, se fosse comigo, se eu jamais tivesse sonhado com Harley Boble ou com o homem pesado, macio, e acordado do sonho excitada — e graças a Deus isso nunca acontecera —, não, a última coisa que eu teria feito seria tomar esse sentimento e voltar-me para Jamie, ou usar seu corpo para purgá-lo.

— Obrigada — eu disse, ao invés, a voz muito baixa. — Por me contar — acrescentei. — E pela faca.

Ele balançou a cabeça e virou-se para pegar suas calças.

— Eu gosto de presunto — ele disse.

*LAMENTO**Long Island, colônia de Nova York*
Setembro, 1776

William gostaria de poder falar com seu pai. Não, garantiu a si mesmo, que ele quisesse que lorde John usasse de sua influência; certamente, não. Só desejava um pouco de conselho prático. Mas lorde John retornara para a Inglaterra e William estava por sua própria conta.

Bem, não precisamente sozinho. No momento, estava encarregado de um destacamento de soldados que guardava uma barreira da alfândega em uma das extremidades de Long Island. Deu um tapa violento em um mosquito que pousou em seu pulso e, ao menos desta vez, destruiu-o. Queria poder fazer o mesmo com Clarewell.

Tenente Edward Markham, marquês de Clarewell. Também conhecido — por William e uns dois amigos mais íntimos — como Ned Sem Queixo ou Cafetão. William deu um tapa em uma sensação de rastejamento em seu próprio maxilar proeminente, notou que dois de seus homens haviam desaparecido momentaneamente, caminhou a passos largos em direção à carroça que eles andaram inspecionando, gritando seus nomes.

O soldado Welch apareceu de trás da carroça como o palhaço de uma caixa de surpresa, com um ar espantado e limpando a boca. William inclinou-se para frente, cheirou seu hálito e disse sucintamente:

— Taxas. Onde está Launfal?

— Na carroça, apressadamente concluindo uma barganha com o proprietário do veículo por três garrafas de conhaque de contrabando que o cavaleiro buscava importar ilicitamente. William, soturnamente dando tapas nas hordas de mosquitos devoradores que vinham em enxames dos pântanos próximos, prendeu o dono da carroça, convocou os outros três homens de seu destacamento

e mandou-os escoltar o contrabandista Welch e Launfal para o sargento. Em seguida, pegou um mosquete e ficou plantado no meio da estrada, sozinho e com ar

feroz, em uma atitude que desafiava qualquer um a tentar passar.

Ironicamente, embora a estrada tivesse estado movimentada durante toda a manhã, durante algum tempo ninguém tentou passar, dando-lhe oportunidade para redirecionar seu mau humor à lembrança de Clarewell.

Herdeiro de uma família muito influente, e que tinha ligações íntimas com lorde North, Ned Sem Queixo chegara a Nova York uma semana antes de William e fora igualmente colocado no exército de Howe, onde se aninhou confortavelmente, esvoaçando, lisonjeiro e obsequioso, ao redor do general Howe — que, a bem da verdade, costumava pestanejar e fitar o Cafetão com um olhar severo, como se tentasse se lembrar quem diabos seria ele — e do capitão Pickering, o ajudante de ordens chefe do general, um homem vaidoso e muito mais susceptível à entusiástica bajulação de Ned.

Em consequência, Sem Queixo rotineiramente ficava com as melhores tarefas, acompanhando o general em curtas expedições exploratórias, comparecendo a reuniões com dignitários indígenas e coisas do tipo, enquanto a William e vários outros jovens oficiais novatos restava embaralhar papéis e ficar esperando. Má sorte, após a liberdade e as emoções do serviço de inteligência militar.

Ele teria suportado as restrições da vida no quartel e da burocracia do exército. Seu pai o instruíra muito bem sobre a necessidade de se conter em circunstâncias difíceis, de aguentar o tédio, de lidar com os tolos e sobre a arte de usar a fria cortesia como uma arma. Alguém sem a força de caráter de William, entretanto, perdera o controle um dia e, incapaz de resistir às possibilidades da caricatura suscitadas pela contemplação do perfil de Ned, desenhara uma charge do capitão Pickering com as calças arriadas nos tornozelos, empenhado em repreender os novatos e aparentemente alheio a Cafetão, cuja cabeça emergia, com um sorriso afetado, do traseiro de Pickering.

William não fora o responsável por essa brincadeira — embora quisesse ter sido —, mas fora descoberto rindo dela pelo próprio Ned, o qual — em uma rara demonstração de masculinidade — dera um soco no nariz de William. A rixa resultante esvaziou os alojamentos dos jovens oficiais, quebrou alguns itens sem importância do mobiliário e resultou em William, o sangue pingando na camisa, em posição de sentido em frente a um frio capitão Pickering, o obsceno desenho à mostra sobre a escrivaninha.

William, naturalmente, negou a autoria do desenho, mas recusou-se a identificar o artista. Usou o truque da cortesia fria, que funcionou a ponto de Pickering não precisar de fato enviar William para a detenção. Apenas para Long Island.

— Desgraçado filho da mãe — murmurou, olhando fixamente para a mulher do leite com tanta ferocidade que ela parou abruptamente, depois avançou pouco a

pouco, de lado, para passar por ele, olhando-o com os olhos tão arregalados que parecia achar que William poderia explodir a qualquer instante. Ele arreganhou os dentes para ela, que emitiu um guincho agudo e fugiu precipitadamente, entornando um pouco do leite dos baldes que carregava em uma canga sobre os ombros.

Isso o deixou com remorso; teve vontade de ir atrás dela e pedir desculpas. Mas não podia; uma dupla de tropeiros descia a estrada em sua direção, trazendo um rebanho de porcos. William deu uma olhada na multidão de porcos malhados que se aproximava, roncando e guinchando, enlameados e de orelhas rasgadas, e saltou agilmente para cima do balde invertido que servia como seu posto de comando. Os tropeiros acenaram alegremente para ele, gritando o que podiam ser saudações ou insultos — ele não tinha nem certeza se estavam falando inglês, e não se importava em descobrir.

Os porcos passaram, deixando-o no meio de um mar de lama remexida pelos cascos dos animais e fartamente coberta de fezes frescas. Deu tapas na nuvem de mosquitos que voltara a se reunir inquiridoramente ao redor de sua cabeça, e achou que já aguentara o suficiente. Estava em Long Island há duas semanas — o que significava treze dias e meio. Mas ainda não era tempo suficiente para fazê-lo se desculpar nem ao Sem Queixo, nem ao capitão.

— Puxa-saco — murmurou. Mas ele tinha uma alternativa. E quanto mais tempo ele passava ali com os mosquitos, mais atraente ela lhe parecia.

Era uma cavalgada longa demais de seu posto avançado de alfândega até os alojamentos para fazer a viagem duas vezes por dia. Em consequência, ele ficara temporariamente alojado com um homem chamado Culper e suas duas irmãs. Culper não ficou nada satisfeito; seu olho esquerdo começava a tremer sempre que ele via William, mas as duas irmãs mais velhas o tratavam muito bem e ele retribuía o favor sempre que podia, levando para elas um ou outro presunto ou peça de cambraia confiscados. Quando chegara, na noite anterior, com uma boa manta de toucinho, a srta. Abigail o informara de que ele tinha uma visita.

— Está lá fora, no pátio, fumando — ela disse, inclinando a cabeça coberta pela touca na direção do lado da casa. — Acho que minha irmã não o deixou fumar dentro de casa.

Ele esperara encontrar um de seus amigos, que viera lhe fazer companhia ou talvez com notícias de um perdão oficial que o tiraria do exílio em Long Island. Em vez disso...encontrara o capitão Richardson, cachimbo na mão, pensativamente observando o galo dos Culper galando uma galinha.

— Prazeres da vida bucólica — o capitão observou quando o galo caiu para trás. O galo cambaleou sobre os pés e cantou em desgrehado triunfo, enquanto a galinha sacudiu-se para arrumar as penas e continuou a ciscar como se nada houvesse acontecido. — Muito tranquilo aqui, hein?

— Oh, sim — William disse. — Às suas ordens, senhor. Na verdade, não era. A srta. Beulah Culper criava meia dúzia de cabras, que baliavam dia e noite, apesar de ela assegurar a William que as cabras serviam para manter os gatunos longe do armazém de milho. Uma das criaturas a essa altura deu um balido selvagem de seu cercado, fazendo o capitão Richardson deixar cair sua bolsa de tabaco.

William abaixou-se e pegou a bolsa, mantendo o rosto taticamente impassível, apesar de seu coração estar batendo com força. Richardson não viera até Long Island simplesmente para matar o tempo.

— Nossa! — Richardson murmurou, lançando um olhar para as cabras. Sacudiu a cabeça e indicou a estrada. — Quer caminhar um pouco comigo, tenente?

William queria, com prazer.

— Ouvi falar de sua atual situação. — Richardson sorriu. — Darei uma palavra com o capitão Pickering, se quiser.

— É muita gentileza sua, senhor — William disse. — Mas receio que não possa me desculpar por algo que não fiz.

Richardson abanou o cachimbo, descartando o assunto.

— Pickering se irrita à toa, mas não guarda rancor. Cuidarei disso.

— Obrigado, senhor. — E o que deseja em troca?, William pensou.

— Há um capitão Randall-Isaacs — Richardson disse despretensiosamente — que está viajando este mês para o Canadá, onde tem assuntos militares a tratar. Mas enquanto estiver lá é possível que ele vá se encontrar com... uma certa pessoa que pode fornecer informações valiosas ao exército. No entanto, tenho motivos para acreditar que essa pessoa quase não fala inglês, e o capitão Randall-Isaacs não sabe nada de francês. Um companheiro de viagem fluente nessa língua pode ser... útil.

William assentiu, mas não fez nenhuma pergunta. Haveria tempo suficiente, se resolvesse aceitar a incumbência de Richardson.

Trocaram conversas banais durante o restante da caminhada de volta, quando então Richardson educadamente recusou o convite da srta. Beulah para jantar e partiu com a reiterada promessa de falar com o capitão Pickering.

Deveria fazer o que ele lhe pedia?, William se perguntou mais tarde, ouvindo os roncoss de Abel Culper no térreo. Era lua cheia e, apesar de o sótão não ter janelas, podia sentir sua influência. Ele nunca conseguia dormir na lua cheia.

Ele deveria permanecer em Nova York, na esperança tanto de melhorar sua posição quanto ao menos de finalmente ver alguma ação? Ou cortar os prejuízos e aceitar a nova missão de Richardson?

Seu pai certamente aconselharia a primeira opção; a melhor chance de um oficial progredir e ser notado estava em se distinguir em combate, não no reino sombrio — e ligeiramente mal-afamado — da espionagem. Ainda assim... A rotina e as restrições do exército irritavam um pouco, após suas semanas de liberdade. E ele

fora útil, sabia disso.

Que diferença um tenente poderia fazer, soterrado sob o peso esmagador das patentes acima dele, talvez tendo o comando de suas próprias companhias, mas ainda obrigado a seguir ordens, sem nunca ter permissão de agir segundo seu próprio discernimento.... Abriu um largo sorriso em direção às vigas do telhado, indistintas a uns trinta centímetros acima de seu rosto, pensando no que seu tio Hal teria a dizer em relação ao discernimento de oficiais jovens.

Mas tio Hal era muito mais do que simplesmente um soldado de carreira; preocupava-se apaixonadamente por seu regimento: seu bem-estar, sua honra, os homens sob seu comando. William, na realidade, não pensara além de seu futuro imediato em termos de sua própria carreira no exército. A campanha americana não demoraria muito; o que viria depois?

Ele era rico — ou seria, quando atingisse a maioridade, e isso não estava longe, embora parecesse um daqueles quadros de que seu pai gostava, com uma perspectiva evanescente que conduzia o olhar a um infinito impossível. Mas quando ele de fato tivesse dinheiro poderia comprar um cargo melhor onde quisesse — talvez um cargo de capitão nos Lanceiros... Não faria diferença se ele tivesse feito ou não alguma coisa para se destacar em Nova York.

Seu pai — William podia ouvi-lo agora, e colocou o travesseiro sobre o rosto para abafar sua voz — lhe diria que a reputação geralmente dependia dos menores atos, das decisões diárias tomadas com honra e responsabilidade, e não do grandioso drama das batalhas heroicas. William não estava interessado em responsabilidade diária.

Uma semana depois, as noites haviam se tornado suficientemente frias para fazer William apreciar a lareira da srta. Beulah e sua sopa de ostras — graças a Deus, fazia frio suficiente para desencorajar os malditos mosquitos. No entanto, os dias ainda eram bastante quentes e William achou quase um prazer quando seu destacamento foi instruído a vasculhar o litoral em busca do esconderijo de víveres de um suposto contrabandista de que o capitão Hanks ouvira falar.

— Um esconderijo de quê? — Perkins perguntara, a boca semiaberta como sempre.

— Lagostas — William respondera jocosamente, mas abrandou diante do olhar confuso de Perkins. — Não sei, mas provavelmente você o reconhecerá se o encontrar. Mas não beba, venha me buscar.

Os barcos dos contrabandistas traziam quase tudo para Long Island, mas as chances dos boatos recentes referentes a uma carga escondida de lençóis e cobertas de cama ou caixas de travessas holandesas serem verdade eram pequenas. Devia ser conhaque, talvez cerveja, mas era quase certo que fosse alguma bebida; as bebidas eram, de longe, o contrabando mais lucrativo. William dividiu os homens em duplas

e os despachou, observando-os até estarem a uma distância razoável antes de soltar um profundo suspiro e recostar-se em uma árvore.

As árvores que cresciam ali perto da praia eram pinheiros nanicos e retorcidos, mas o vento do mar soprava agradavelmente entre as agulhas, sussurrando em seus ouvidos com um zumbido tranquilizador. Suspirou outra vez, desta vez de prazer, lembrando-se do quanto gostava da solidão; não tivera nenhuma em um mês. Mas se aceitasse a oferta de Richardson... Bem, haveria Randall Isaacs, é claro, mas ainda assim — semanas na estrada, livre das restrições do dever e da rotina do exército. Silêncio para pensar. Nada mais de Perkins! Imaginou se ele poderia se infiltrar nos alojamentos dos oficiais novos e socar Sem Queixo até ele se transformar numa polpa ensanguentada, antes de desaparecer no mato como um pele-vermelha. Ele deveria usar um disfarce? Não se esperasse até escurecer, decidiu. Ned poderia suspeitar, mas não poderia provar nada se não pudesse ver o rosto de William. Mas seria um ato covarde atacar Ned durante o sono? Tudo bem, então; iria encharcar Sem Queixo com o conteúdo de seu urinol para acordá-lo, antes de começar a surrá-lo.

Uma andorinha-do-mar fez um voo rasante a poucos centímetros de sua cabeça, arrancando-o dessas agradáveis cogitações. Seu movimento, por sua vez, assustou o pássaro, que soltou um grito indignado ao descobrir que ele, afinal, não era comestível, e disparou em direção ao mar. Ele pegou um cone de pinho e atirou-o no pássaro, errando completamente, mas sem se importar. Enviara um bilhete a Richardson nesta mesma noite, dizendo sim. A lembrança fez seu coração bater mais rápido e uma sensação de contentamento dominou-o, animada como o voo do pássaro cortando o ar.

Limpou a areia dos dedos nas pernas, em seguida endireitou-se, vendo movimento na água. Uma chalupa virava de um lado para o outro, logo depois da arrebentação. Então, relaxou, ao reconhecê-la — aquele bandido do Rogers.

— E o que você está fazendo aqui, se posso saber? — ele murmurou. Saiu para a faixa de areia do litoral e ficou no meio do feno-das-areias, os punhos sobre os quadris, deixando que seu uniforme fosse visto — para o caso de Rogers ter deixado de ver os homens de William espalhados pela costa arenosa, pontos vermelhos arrastando-se pelas dunas como percevejos. Se Rogers também tivesse ouvido falar do esconderijo do contrabandista, William pretendia se certificar de que Rogers soubesse que os soldados de William tinham direitos sobre a mercadoria.

Robert Rogers era um personagem nebuloso que chegara sorrateiramente a Nova York alguns meses atrás e de algum modo conseguira uma patente de major do general Howe e uma chalupa de seu irmão, o almirante. Dizia ser um guerreiro indígena e ele mesmo gostava de se vestir de índio. No entanto, era eficaz: recrutara homens suficientes para formar dez companhias de batedores garbosamente

uniformizados, mas Rogers continuava a andar a esmo pelo litoral em sua chalupa com uma pequena companhia de homens de aspecto tão infame quanto ele, à procura de recrutas, espiões, contrabandistas e — William estava convencido — qualquer oportunidade de negócio. A chalupa se aproximou um pouco mais e ele viu Rogers no convés: um homem moreno, perto dos cinquenta anos, enrugado e acabado, com um olhar maligno. Ele avistou William e acenou alegremente. William ergueu a mão civilizadamente, em resposta; se seus homens achassem alguma coisa, ele poderia precisar de Rogers para carregar o espólio de volta para o lado de Nova York — acompanhado de um guarda para impedir que desaparecesse no caminho.

Havia muitas histórias sobre Rogers — algumas claramente espalhadas pelo próprio Rogers. Mas até onde William sabia, a principal qualificação do sujeito era a de que ele havia, em certo momento, tentado fazer uma visita de cortesia ao general Washington, que não só se recusara a recebê-lo, como mandara que ele fosse retirado sem a menor cerimônia do acampamento dos continentais e proibido de entrar outra vez. William considerou isso uma prova de boa capacidade de discernimento por parte do virginiano.

E agora? A chalupa abaixara as velas e descera um pequeno bote. Era Rogers, remando sozinho. A desconfiança de William aumentou instantaneamente. Ainda assim, vadeou para dentro do mar e agarrou a borda da embarcação, ajudando Rogers a arrastar o bote para a areia.

— Prazer em vê-lo, tenente! — Rogers riu para ele, com falhas nos dentes, mas confiante. William cumprimentou-o rápida e formalmente.

— Major. — Por acaso seus homens estão à procura de uma carga contrabandeada de vinho francês?

Droga, ele já a encontrara!

— Tivemos informação de atividades de contrabando ocorrendo nesta região — William disse, reservadamente. — Estamos investigando.

— Claro — Rogers concordou afavelmente. — Quer poupar tempo? Tente para o outro lado... — Virou-se, levantando o queixo na direção de um aglomerado de dilapidadas cabanas de pesca, a uns quatrocentos metros de distância. — Está...

— Já fizemos isso — William interrompeu-o.

— Está enterrada na areia atrás das cabanas — Rogers terminou, ignorando a interrupção.

— Muito obrigado, major — William disse, com tanta cordialidade quanto conseguiu reunir.

— Vi dois sujeitos enterrando-a ontem à noite — Rogers explicou. Mas não creio que já tenham voltado para pegá-la.

— Vejo que está fiscalizando esta extensão da praia — William observou. — Está procurando algo em particular? Senhor — acrescentou.

Rogers sorriu.

— Já que mencionou isso, senhor, estou. Há um sujeito andando por aí, fazendo perguntas de um tipo muito curioso e eu gostaria muito de falar com ele. Se você ou seus homens detectarem o sujeito...

— Sem dúvida, senhor. Sabe seu nome ou sua aparência?

— Na verdade, ambos — Rogers respondeu prontamente. — Um sujeito alto, com cicatrizes no rosto de uma explosão de pólvora. Você o reconheceria se o visse. Um rebelde, de uma família de rebeldes de Connecticut. Seu nome é Hale. William sentiu um tranco repentino no abdômen. — Oh, então você o viu? — Roger falou afavelmente, mas seus olhos escuros se aguçaram. William sentiu uma ponta de aborrecimento pelo fato de seu rosto poder ser lido tão facilmente, mas balançou a cabeça.

— Ele passou pela alfândega ontem. Um sujeito muito loquaz — acrescentou, tentando se recordar dos detalhes do sujeito. Ele notara as cicatrizes: vergões desbotados que marcavam suas faces e testa. — Nervoso, ele suava e sua voz tremia. O soldado que o parou pensou que ele tivesse tabaco ou alguma outra coisa escondida, e o fez esvaziar os bolsos, mas ele não tinha nenhum contrabando. — William fechou os olhos, franzindo a testa no esforço para se lembrar. — Tinha papéis... eu os vi. — Ele havia realmente visto os papéis, mas não tivera oportunidade de examiná-los, pois estava preocupado com um comerciante que trazia uma carroça de queijos, destinados, segundo dissera, ao comissário britânico. Quando ele terminou com este, o outro homem já havia sido dispensado.

— O homem que falou com ele... — Rogers espreitava ao longo da praia, na direção dos desconexos investigadores ao longe. — Qual deles?

— Um soldado chamado Hudson. Eu o chamarei para você, se quiser — William propôs. — Mas duvido que ele possa lhe dizer muito sobre os papéis; ele não sabe ler.

Rogers pareceu decepcionado, mas fez sinal para que William realmente chamasse Hudson mesmo assim. Tendo sido convocado, Hudson corroborou o relato de William sobre a questão, mas não conseguiu se lembrar de nada a respeito dos papéis, salvo que uma das folhas tinha alguns números.

— E um desenho, eu acho — ele acrescentou. — Mas receio não ter notado o que era, senhor.

— Números, hein? Ótimo, ótimo — Rogers disse, esfregando as mãos. — E ele disse para onde estava indo?

— Visitar um amigo, senhor, que vivia perto de Flushing. — Hudson mostrava-se respeitoso, mas olhava para o batedor com curiosidade; Rogers estava descalço e vestia calças de linho esfarrapadas, com um colete curto, feito de pele de rato almiscarado. — Não perguntei o nome do amigo, senhor. Não sabia que era

importante.

— Oh, duvido que seja, soldado. Duvido até que esse amigo exista mesmo.

— Rogers deu uma risadinha abafada, parecendo encantado com as notícias. Olhou fixamente para o horizonte enevoado, os olhos apertados como se pudesse distinguir o espião entre as dunas, e balançou a cabeça devagar, satisfeito. — Muito bem — disse suavemente, como se falasse consigo mesmo, e já se virava para ir embora quando William o fez parar.

— Muito obrigado pelas informações sobre o esconderijo do contrabando, senhor. — Perkins supervisionara a escavação enquanto William e Rogers falavam com Hudson, e agora gritava, incentivando um pequeno grupo de soldados, vários barris cobertos de areia rolando pelas dunas à frente deles. Um dos barris bateu em alguma pedra dentro da areia, ricocheteou no ar e caiu com força, rolando em um ângulo torto e perseguido com gritos pelos soldados.

William encolheu-se ligeiramente, ao ver o que acontecia. Se o vinho sobrevivesse ao resgate, não seria bebível por quinze dias. Não que isso fosse impedir alguém de tentar.

— Eu gostaria de solicitar permissão para levar o contrabando apreendido a bordo de sua chalupa para transporte — ele disse formalmente a Rogers. — Eu mesmo o acompanharei e entregarei, é claro.

— Oh, claro. — Rogers pareceu achar graça, mas assentiu. Coçou o nariz, pensativo. — Nós só devemos zarpar de volta amanhã. Quer nos acompanhar esta noite? Você pode ser de muita ajuda, já que de fato viu o sujeito que estamos buscando.

O coração de William deu um salto de empolgação. O ensopado da srta. Beulah perdia o interesse em comparação à perspectiva de ir atrás de um espião perigoso. E estar presente na captura só poderia fazer bem à sua reputação, mesmo que a maior parte dos créditos fosse de Rogers.

— Teria imenso prazer em ajudá-lo, senhor! Roger abriu um largo sorriso, depois o examinou de alto a baixo. — Ótimo. Mas não pode ir atrás de um espião vestido deste modo, tenente. Venha a bordo e nós o vestiremos adequadamente.

Como se verificou, William era quinze centímetros mais alto do que o homem mais alto da tripulação de Rogers e, assim, terminou estranhamente vestido com uma camisa de linho grosso com as abas tremulando — as abas tendo sido deixadas para fora das calças por necessidade, para disfarçar o fato de que os botões superiores de sua braguilha foram deixados desabotoados — e calças de lona que ameaçavam capá-lo a qualquer movimento repentino. Elas não podiam, é claro, ser afiveladas, e William decidiu imitar Rogers e ficar descalço, em vez de sofrer a indignidade de meias de listras que deixavam seus joelhos e dez centímetros de perna cabeluda expostos entre o topo das meias e as calças.

A chalupa velejara para Flushing, onde Rogers, William e mais quatro homens desembarcaram. Rogers mantinha um posto de recrutamento informal ali, na sala dos fundos da loja de um mercador na rua alta do vilarejo. Ele desapareceu dentro desse estabelecimento momentaneamente, retornando com a notícia animadora de que Hale não fora visto em Flushing e provavelmente estava hospedado em uma das duas tavernas existentes em Elmsford, a uns quatro quilômetros da vila.

Assim sendo, os homens caminharam naquela direção, dividindo-se por cautela em grupos menores, de modo que William viu-se caminhando com Rogers, um cachecol esfarrapado em volta dos ombros contra o frio da noite. Ele não havia feito a barba, é claro, e achou que parecia um companheiro adequado para o batedor, que acrescentara ao seu traje um chapéu desabado COM um peixe-voador seco enfiado na aba.

— Fingimos ser pescadores de ostras? Ou fundidores, talvez? — William perguntou. Rogers grunhiu achando graça e sacudiu a cabeça.

— Você não passaria por nenhum dos dois, se alguém o ouvisse falar. Não, garoto, fique de boca fechada, a não ser para colocar alguma coisa dentro dela. Os meninos e eu trataremos do assunto. Tudo que tem a fazer é balançar a cabeça, se avistar Hale.

O vento viera para a terra firme e soprava o cheiro de pântanos frios na direção deles, temperado com uma alusão distante de fumaça de chaminé. Não havia ainda nenhuma moradia à vista e a paisagem evanescente era desolada à sua volta. Mas a terra fria e arenosa da estrada era confortável sob seus pés descalços e ele não achava a desolação do ambiente nem um pouco deprimente; estava ansioso demais pelo que os aguardava.

Rogers permanecia em silêncio a maior parte do tempo, andando com a cabeça abaixada contra a brisa fria. Após algum tempo, entretanto, ele disse descontraidamente:

— Eu transportei o capitão Richard de Nova York. E de volta. William pensou momentaneamente em dizer "Capitão Richardson?" em tom de educada ignorância, mas percebeu a tempo que isso não daria certo.

— É mesmo? — disse, mantendo seu próprio silêncio. Rogers riu. — Um sujeito dissimulado, hein? Talvez ele tenha razão, então, em escolhê-lo.

— Ele lhe disse que havia me escolhido para... alguma coisa?

— Bom rapaz. Nunca revele nada de graça, mas às vezes vale a pena lubrificar um pouco as rodas. Não, Richardson é ladino, ele não disse nem uma palavra a seu respeito. Mas eu sei quem ele é e o que faz. E sei onde eu o deixei. Ele não estava fazendo uma visita aos Culper, posso lhe garantir.

William fez um som indeterminado de interesse na garganta. Obviamente, Rogers pretendia dizer alguma coisa. Que dissesse, então.

— Que idade você tem, rapaz?

— Dezenove — William disse, com certa aspereza. — Por quê? Rogers deu de ombros, seu perfil pouco mais de uma sombra entre muitas na penumbra cada vez mais densa.

— Com idade suficiente para arriscar o pescoço de propósito, então. Mas você pode querer pensar duas vezes antes de dizer sim a qualquer sugestão que Richardson lhe faça.

— Presumindo que ele de fato tenha sugerido alguma coisa... novamente, por quê?

Rogers tocou em suas costas, instando-o a prosseguir.

— Você está prestes a descobrir isso por conta própria, rapaz. Vamos.

A luz quente e enfumaçada da taverna e o cheiro de comida envolveram William. Ele não estivera realmente consciente de frio, escuridão ou fome, sua mente estando concentrada na aventura prestes a acontecer. Agora, entretanto, ele inspirou longa e profundamente o ar pleno do aroma de pão fresco e galinha assada, e sentiu-se como um cadáver insensível, recém-despertado do túmulo e restaurado à vida no dia da Ressurreição.

A respiração seguinte, entretanto, parou em sua garganta, e seu coração apertou-se de tal forma que lançou uma onda de sangue pelo seu corpo. Rogers, ao seu lado, fez um zumbido grave de alerta na garganta e olhou descontraidamente ao redor do salão conforme liderava o caminho para uma mesa.

O homem, o espião, estava sentado junto ao fogo, comendo galinha e conversando com dois fazendeiros. A maioria dos homens na taverna havia olhado para a porta quando os recém-chegados entraram — mais de um deles pestanejou ao ver William —, mas o espião estava tão absorto em sua comida e na conversa que nem sequer ergueu os olhos.

William quase não notara o sujeito quando o vira pela primeira vez, mas o teria reconhecido imediatamente ao vê-lo outra vez. Não era tão alto quanto o próprio William, porém vários centímetros mais alto do que a maioria, e com uma aparência surpreendente, com cabelos louros e testa alta, assim exibindo as cicatrizes do acidente com pólvora que Rogers mencionara. Usava um chapéu redondo, de abas largas, deixado sobre a mesa ao lado de seu prato, e um traje marrom simples e discreto.

Sem uniforme... William engoliu com força, não inteiramente por causa de sua fome ou do cheiro de comida.

Rogers sentou-se à mesa seguinte, indicando um banquinho à sua frente para que William se sentasse, e levantou as sobrancelhas em uma pergunta. William balançou a cabeça silenciosamente, mas não olhou novamente na direção de Hale.

O proprietário da taverna trouxe comida e cerveja, e William dedicou-se a

comer, satisfeito por não ter que se juntar à conversa. O próprio Hale estava relaxado e loquaz, contando a seus companheiros que era um professor holandês de Nova York.

— Mas a situação lá está tão tumultuada — ele disse, sacudindo a cabeça — que a maior parte dos meus alunos foi embora, fugiram com suas famílias para a casa de parentes em Connecticut ou Nova Jersey. Imagino que as condições aqui sejam similares, ou até piores, não?

Um dos homens à sua mesa apenas grunhiu, mas o outro soltou um assovio sarcástico.

— Pode-se dizer que sim. Os malditos casacos-vermelhos confiscam tudo que não está enterrado. Tory, whig ou rebelde, não faz nenhuma diferença para esses filhos da mãe gananciosos. Fale uma palavra de protesto e é provável que receba um golpe na cabeça e seja arrastado para a maldita paliçada, para ficar mais fácil para eles. Ora, um brutamontes me parou no posto da alfândega na semana passada e confiscou toda a minha carga de sidra e minha carroça ainda por cima! Ele...

William engasgou-se em uma mordida de pão, mas não ousou tossir. Santo Deus, ele não havia reconhecido o sujeito — ele estava de costas para William —, mas se lembrou muito bem da sidra. Brutamontes?

Pegou sua cerveja e bebeu, tentando deslocar o pedaço de pão; não funcionou e ele tossiu discretamente, sentindo o rosto ficar roxo e vendo Rogers franzir o cenho para ele, consternado. Ele gesticulou debilmente para o fazendeiro da sidra, bateu no próprio peito e, levantando-se, caminhou para fora do salão o mais silenciosamente possível. Seu disfarce, apesar de excelente, não esconderia de modo algum seu tamanho e, se o sujeito o reconhecesse como um soldado britânico, toda a missão iria por água abaixo.

Ele conseguiu não respirar até estar a salvo do lado de fora, onde tossiu até achar que o fundo do seu estômago iria sair pela boca. Finalmente parou e recostou-se na parede lateral da taverna, respirando em longas arfadas. Lamentou não ter tido a presença de espírito de trazer um pouco de cerveja com ele, em vez da perna de frango que segurava.

Os últimos homens de Rogers desceram a rua e, com um olhar desconcertado para William, entraram na taverna. Ele limpou a boca com as costas da mão e, endireitando-se, deu a volta furtivamente pelo lado do prédio até alcançar uma janela.

Os recém-chegados tomavam seu próprio lugar, próximo à mesa de Hale. Cuidadosamente de lado para não ser percebido, ele viu que Rogers agora se insinuara na conversa com Hale e os dois fazendeiros, e parecia estar contando uma piada. O sujeito da sidra apupou e bateu na mesa ao final; Hale esboçou um sorriso forçado, mas pareceu francamente chocado; o gracejo deve ter sido indelicado.

Rogers reclinou-se para trás, descontraidamente incluindo toda a mesa com um amplo gesto da mão, e disse algo que os fez balançar a cabeça e murmurar em concordância. Em seguida, ele se inclinou para frente, decidido, para perguntar alguma coisa a Hale.

William só conseguia captar trechos da conversa, acima do barulho geral da taverna e do zumbido do vento frio pelas suas orelhas. Até onde pôde compreender, Rogers se professava um rebelde, seus próprios homens balançando a cabeça em confirmação de onde estavam em sua mesa, aproximando-se para formar grupo reservado ao redor de Hale. Este parecia atento, empolgado e muito convicto. Ele podia se fazer passar facilmente por um professor, William pensou — apesar de Rogers ter dito que ele era um capitão do Exército Continental. William sacudiu a cabeça, Hale não parecia nada com um soldado.

Ao mesmo tempo, ele também não se parecia nada com um espião. Ele se fazia notar, com sua boa aparência, seu rosto marcado, sua... altura.

William sentiu um nó pequeno e frio na boca do estômago. Santo Deus. Foi isso que Rogers quis dizer, quando ressaltou que havia algo com que William devia ter cuidado, em relação às missões do capitão Richardson, e que ele veria por si mesmo esta noite?

William estava acostumado tanto com sua própria altura quanto com as reações automáticas das pessoas a ela; ele até gostava que tivessem que erguer os olhos para olhar para ele. Mas em seu primeiro trabalho para o capitão Richardson nunca lhe ocorrera que as pessoas poderiam se recordar dele por causa de sua altura — ou que pudessem descrevê-lo com grande facilidade. Brutamontes não era nenhum elogio, mas era inequívoco.

Com uma sensação de incredulidade, ele ouviu Hale não só revelar o próprio nome e o fato de ser simpatizante dos rebeldes, como também confidenciar que estava fazendo observações concernentes à força da presença britânica — isso seguido de uma convicta indagação quanto aos sujeitos com quem falava terem notado algum soldado casaco-vermelho na região.

William ficou tão chocado com essa imprudência que espreitou pela borda da janela, a tempo de ver Rogers olhar ao redor do salão com exagerada cautela antes de inclinar-se para frente confidencialmente, dando um tapinha no braço de Hale e dizendo:

— Ora, bem, senhor, foi o que eu fiz, realmente eu fiz, mas o senhor deve tomar mais cuidado com o que diz em locais públicos. Ora, qualquer um pode ouvi-lo!

— Há! — disse Hale, rindo. — Estou entre amigos aqui. Não acabamos de brindar ao general Washington e à confusão do rei? — Ficando sério, mas ainda entusiasmado, ele empurrou o chapéu para o lado e acenou para o dono pedindo

mais cerveja. — Venha, senhor, tome mais uma cerveja e conte-me o que andou vendo.

William teve um impulso repentino e irresistível de gritar "Cale a boca, seu idiota!" ou atirar alguma coisa em Hale através da janela. Mas era tarde demais, mesmo que de fato pudesse ter feito isso. A perna de frango que estivera comendo ainda estava em sua mão; percebendo, jogou-a fora. Seu estômago estava embrulhado e sentia um gosto ruim no fundo da garganta, embora seu sangue ainda fervesse de adrenalina.

Hale fazia confissões ainda mais prejudiciais diante das exclamações de encorajamento e gritos patrióticos dos homens de Rogers, todos os quais representavam seus papéis admiravelmente, ele tinha que admitir. Por quanto tempo ainda Rogers deixaria aquilo continuar? Iria prendê-lo ali, na taverna? Provavelmente não — alguns dos demais presentes eram sem dúvida simpatizantes dos rebeldes, que poderiam se sentir motivados a intervir em favor de Hale, caso Rogers tentasse prendê-lo ali entre eles.

Rogers não parecia ter nenhuma pressa. Quase meia hora de tediosos gracejos se seguiu, Rogers dando o que pareciam ser pequenas confirmações, Hale por sua vez fazendo outras muito maiores, as faces magras e planas brilhando da cerveja e da empolgação com as informações que ele estava obtendo. O rosto, as pernas, pés e mãos de William ficaram dormentes e seus ombros doíam de tensão. Um ruído próximo desviou sua atenta observação da cena que se desenrolava dentro da taverna e ele olhou para baixo, repentinamente consciente de um cheiro penetrante que de alguma forma havia se insinuado sem seu conhecimento.

— Meu Deus! — Deu um salto para trás, quase enfiando o cotovelo pela janela, e bateu na parede da taverna com uma forte pancada. O gambá, perturbado no deleite da perna de frango descartada, instantaneamente ergueu a cauda, a lista branca tornando o movimento claramente visível. William ficou paralisado.

— O que foi isso? — alguém disse lá dentro, e ele ouviu o barulho de um banco sendo empurrado para trás. Prendendo a respiração, deslizou um pé para o lado, apenas para ficar paralisado outra vez pelo som de uma leve batida e o estremecimento da lista branca. Droga, o animal estava batendo os pés. Uma indicação de ataque iminente, haviam lhe dito — e dito por pessoas cujo estado lamentável deixava claro que falavam por experiência própria.

Pés se aproximavam da porta, alguém vindo investigar. Santo Deus, se o encontrassem ouvindo às escondidas do lado de fora... Rangeu os dentes, preparando-se para o que o dever lhe dizia que deveria ser um salto de autossacrifício para longe da vista de qualquer um — mas, se o fizesse, o que aconteceria? Não poderia se reunir a Rogers e os demais fedendo a gambá. Mas se...

A abertura da porta colocou um ponto final em suas especulações. William

arremessou-se para a esquina do prédio por simples reflexo. O gambá também agiu por reflexo — mas, espantado com a abertura da porta, aparentemente reajustou sua pontaria. William tropeçou em um galho e estatelou-se em um monte de detritos, ouvindo um berro atrás dele conforme a noite ficava insuportável.

William tossiu, engasgou-se e tentou parar de respirar o tempo suficiente para ficar fora de alcance. Mas foi obrigado a arfar e seus pulmões encheram-se de uma substância tão além do conceito de cheiro que requeria uma descrição sensorial inteiramente nova. Tossindo e cuspiendo, os olhos ardendo e lacrimejando do ataque, ele entrou aos tropeções na escuridão do outro lado da rua, de cuja posição vantajosa testemunhou o gambá fugindo ofendido e a vítima desmoronada no degrau da taverna, fazendo ruídos de extrema aflição.

William esperava que não fosse Hale. Além das dificuldades práticas envolvidas na prisão e transporte de um homem que sofrera um ataque de gambá, a simples compaixão humana compelia uma pessoa a pensar que enforcar a vítima seria acrescentar insulto à injúria.

Não era Hale. Ele viu os cabelos louros brilhando à luz da tocha entre as cabeças que se projetaram para fora, curiosas, e apressadamente se recolheram outra vez.

Vozes chegavam até ele, discutindo a melhor providência a tomar. Vinagre, concordaram, era necessário, e em grande quantidade. A vítima agora já havia se recobrado o suficiente para se arrastar para o meio do mato, de onde sons de violentas ânsias de vômito se seguiram. Isso, acrescido ao fedor que ainda pairava no ar, fez com que vários cavalheiros vomitassem também, e o próprio William sentiu uma ânsia de vômito, que reprimiu apertando cruelmente o nariz.

Ele estava enregelado, embora felizmente ventilado, quando os amigos da vítima o acompanharam para longe dali — conduzindo-o como a uma vaca ao longo da estrada, já que ninguém se dispunha a tocá-lo — e a taverna se esvaziou, ninguém tendo mais apetite para comida nem bebida em tal ambiente. Pôde ouvir o proprietário praguejando consigo mesmo quando se inclinou para fora e retirou a tocha que ardia ao lado do letreiro pendurado e a mergulhou, chiando, no barril de coleta de água da chuva.

Hale despediu-se com um boa-noite geral, a voz educada distinta na escuridão, e partiu pela estrada em direção a Flushing, onde sem dúvida pretendia buscar uma cama. Rogers — William reconheceu-o pelo colete de pele, identificável até a luz das estrelas — demorou-se ao lado da estrada, silenciosamente reunindo seus homens ao seu redor, enquanto a multidão se dispersava. Somente quando todos já estavam fora de vista é que William aventurou-se a se unir a eles.

— Sim? — Rogers disse, ao vê-lo. — Todos presentes, então. Vamos. — E partiram, um bando silencioso descendo a estrada, atentos à pista de sua presa

desavisada.

Viram as chamas da água. A cidade ardia, particularmente o bairro perto do East River, mas o vento soprava e o fogo se espalhava. Houve muita especulação agitada entre os homens de Rogers; os simpatizantes dos rebeldes teriam incendiado a cidade?

— Mais provável que sejam soldados bêbados — Rogers disse, a voz implacavelmente desapaixonada. William sentiu-se nauseado ao ver o clarão vermelho no céu. O prisioneiro permaneceu em silêncio.

Encontraram o general Howe, por fim, em seu quartel-general em Beekman House, fora da cidade, os olhos vermelhos da fumaça, da falta de sono e de uma raiva enterrada fundo em suas entranhas. Entretanto, ela permaneceu lá, por enquanto. Ele convocou Rogers e o prisioneiro à biblioteca onde tinha seu escritório e — após um rápido e espantado olhar aos trajes de William — mandou-o ir dormir.

Fortnum estava no sótão, vendo a cidade queimar da janela. Não havia nada a fazer. William postou-se a seu lado. Sentia-se estranhamente vazio, de certo modo fora do mundo real. Enregelado, apesar do assoalho aquecido sob seus pés descalços.

De vez em quando, um ou outro jato de fagulhas lançava-se para o alto, quando as chamas atingiam algo particularmente inflamável, mas de tal distância na verdade pouco podia ser visto, fora o maldito clarão contra o céu.

— Vão nos culpar, sabe — Fortnum disse após algum tempo.

O ar ainda estava carregado de fumaça ao meio-dia da manhã seguinte.

Ele não conseguia tirar os olhos das mãos de Hale. Elas haviam se fechado involuntariamente quando um soldado as amarrou, embora ele as tivesse colocado para trás sem nenhum protesto. Agora seus dedos estavam entrelaçados, com tanta força que as juntas ficaram brancas.

Certamente a carne protestava, William pensou, mesmo que a mente se resignasse. Sua própria carne protestava simplesmente por estar ali, a pele crispando-se como a de um cavalo flagelado por moscas, seus intestinos contraindo-se e relaxando em terrível solidariedade — diziam que os intestinos de um enforcado se soltavam; aconteceria com os de Hale? O sangue inundou seu rosto diante do pensamento e ele olhou para o chão.

Vozes o fizeram erguer os olhos outra vez. O capitão Moore acabara de perguntar a Hale se ele queria fazer alguma declaração. Hale balançou a cabeça; evidentemente, estava preparado para isso.

William sentiu que ele próprio já devia estar preparado a essa altura; Hale passara as últimas duas horas na barraca do capitão Moore, escrevendo bilhetes a serem entregues à sua família, enquanto os homens reunidos para a apressada execução mudavam o peso de um pé para o outro, aguardando. Ele não estava nem

um pouco preparado.

Por que era diferente? Já vira muitos homens morrerem, alguns de forma terrível. Mas esta cortesia preliminar, esta formalidade, esta... civilidade obscena, tudo conduzido com a certeza da morte iminente e vergonhosa. Deliberação. A terrível deliberação, era isso.

— Finalmente! — Clarewell murmurou em seu ouvido. — É melhor acabarem logo com isso, estou morrendo de fome.

Mandaram um jovem negro chamado Billy Richmond, um soldado que William conhecia superficialmente, subir em uma escada e amarrar a corda na árvore. Ele desceu agora e fez um sinal com a cabeça para o oficial.

Hale começou a subir a escada, o sargento-ajudante amparando-o. O laço estava em volta de seu pescoço, uma corda grossa, nova. Não diziam que cordas novas esticavam? Mas era uma escada alta...

William suava como um porco, apesar da temperatura amena. Ele não devia fechar, nem desviar os olhos. Não com Clarewell observando.

Contraíu os músculos da garganta e se concentrou outra vez nas mãos de Hale. Os dedos contorciam-se, impotentes, embora o rosto do condenado estivesse calmo. Deixavam leves manchas de umidade na aba de seu casaco.

Um grunhido de esforço e um som arranhado; a escada foi retirada e ouviu-se uma exclamação espantada de Hale ao cair. Quer tenha sido a corda muito nova ou alguma outra coisa, o fato é que seu pescoço não se quebrou de forma precisa.

Ele havia recusado o capuz e assim os espectadores foram obrigados a ver seu rosto pelos quinze minutos que ele demorou a morrer. William reprimiu uma terrível necessidade de rir de puro nervoso, vendo os claros olhos azuis se arregalarem a ponto de parecer que iam saltar, a língua para fora. Tão surpreso. Ele parecia tão surpreso.

Havia apenas um pequeno grupo de homens reunido para a execução. Ele viu Richardson a uma pequena distância, observando a cena com uma expressão de remota abstração. Como se tomasse consciência de seu olhar, Richardson olhou incisivamente para ele. William desviou os olhos.

*O GATO DO MINISTRO*

Lallybroch
Outubro, 1980

Ela se levantou cedo, antes das crianças, embora soubesse que era tolice — qualquer que tivesse sido o motivo de Roger ter ido a Oxford, levaria umas quatro ou cinco horas para chegar e o mesmo para voltar. Ainda que tivesse partido ao amanhecer — e talvez não pudesse, se não tivesse chegado a tempo para o que quer que tenha ido fazer no dia anterior —, não poderia chegar em casa antes do meio-dia, no mínimo. Mas ela dormira mal, com um desses sonhos monótonos e inevitavelmente desagradáveis, este apresentando a visão e o som da maré enchendo, uma onda após outra, após outra, após... e acordara à primeira luz, sentindo-se tonta e indisposta.

Ocorreu-lhe por um instante aterrador que ela pudesse estar grávida — mas ela sentara-se abruptamente na cama e o mundo imediatamente voltara ao normal a seu redor. Nada daquela sensação de estar com um dos pés do outro lado do espelho que o começo da gravidez traz. Colocou um pé cautelosamente para fora da cama e o mundo e seu estômago permaneceram fixos. Ótimo, então.

Ainda assim, a sensação de desconforto — quer por causa do sonho, pela ausência de Roger ou pelo espectro de uma gravidez — permaneceu com ela, e ela se ocupou da rotina diária da casa com a mente distraída.

Estava separando pés de meia por volta de meio-dia quando percebeu que tudo estava muito quieto — de uma maneira que fez os cabelos de sua nuca se arrepiarem.

— Jem? — chamou. — Mandy? Silêncio total. Ela saiu da lavanderia, procurando ouvir pancadas, batidas e rangidos em cima, mas não havia o menor som de pés batendo, blocos desmoronando ou as vozes agudas de briga de irmãos.

— Jem! — ela gritou. — Onde você está? Nenhuma resposta. Da última vez que isso aconteceu, há dois dias, ela descobriu seu despertador no fundo da banheira, perfeitamente desmontado em seus componentes, e as duas crianças do

outro lado do jardim, fingindo ar de inocência.

— Não fui eu! — Jem declarara virtuosamente, arrastado para dentro de casa e colocado diante da prova. — E Mandy é muito pequena.

— Muito quena Mandy confirmara, balançando a cabeleira de cachos negros tão ferozmente que chegou a tampar seu rosto.

— Bem, não acho que papai fez isso — Bri disse, erguendo uma das sobancelhas com ar severo. — E tenho certeza de que não foi Annie Mac. O que não deixa muitos suspeitos, não é?

— Chuspetos, chuspetos — Mandy disse alegremente, encantada com a nova palavra.

Jem sacudiu a cabeça de forma resignada, olhando para as engrenagens espalhadas e o mostrador desmembrado.

— Devem ter sido os piskies, mamãe. — Pishkies, páhkies — Mandy chilreou, jogando a saia por cima da cabeça e puxando os babadinhos de suas calcinhas. — Foi pishkies, mamãe!

No meio da comoção causada por essa afirmação, Jem desapareceu astutamente, sendo visto outra vez apenas na hora do jantar, quando então o caso do despertador já havia sido superado pela corrida geralmente acelerada dos acontecimentos diários, não sendo mais lembrado até a hora de dormir, quando Roger notou a ausência do despertador.

— Jem não costuma mentir — Roger disse pensativamente, depois de ver a pequena vasilha de cerâmica agora contendo os restos do despertador.

Bri, escovando os cabelos para dormir, lançou-lhe um olhar cáustico.

— Oh, também acha que temos pixies?

— Piskies — ele corrigiu distraidamente, remexendo na pequena pilha de engrenagens na tigela com o dedo.

— O quê? Está dizendo que os duendes são realmente chamados de piskies aqui? Achei que Jem estava apenas pronunciando errado.

— Bem, não. Pisky é como se diz na Cornualha; mas são chamados de pixies em outras partes do sudoeste da Inglaterra.

— Como são chamados na Escócia?

— Na verdade, não temos duendes. A Escócia tem muitos personagens do reino das fadas — ele disse, pegando um punhado das peças do relógio e deixando-as tilintarem musicalmente de volta na vasilha. — Mas os escoceses têm uma tendência para as manifestações mais sombrias do sobrenatural: os cavalos das águas, as bansidhe, as bruxas azuis e o nuckelavee. Os pákies são um pouco frívolos para a Escócia. Nós temos os brownies, veja bem — ele acrescentou, tirando a escova da mão de Brianna —, mas são mais como elfos e gnomos prestativos no ambiente doméstico, não diabinhos travessos como os piskies. Você consegue

remontar o relógio?

— Claro, se os piskies não perderam nenhuma parte. O que diabos quer dizer nuckelavee?

— É uma criatura monstruosa do folclore das ilhas Orkney. Nada que você queira ouvir antes de ir para a cama — ele assegurou-lhe. E, inclinando-se, respirou muito de leve em seu pescoço, logo abaixo do lóbulo da orelha.

A ligeira cócega provocada pela lembrança do que acontecera depois disso se sobrepôs às suas suspeitas sobre o que as crianças deviam estar tramando, mas a sensação se desfez, sendo substituída por uma crescente apreensão.

Não havia nenhum sinal de Jemmy ou de Mandy em nenhum lugar da casa. Annie MacDonald não vinha aos sábados e a cozinha... à primeira vista, parecia intocada, mas ela estava familiarizada com os métodos de Jem.

De fato, o pacote de biscoitos de chocolate não estava no lugar, assim como faltava uma garrafa de refrigerante de limão, embora tudo o mais no armário estivesse em perfeita ordem — e o armário ficava a um metro e oitenta do chão. Jem mostrava um grande talento para gatuno, pensou. Ao menos, teria uma carreira, se fosse expulso da escola de uma vez por todas um dia desses por contar aos colegas algo especialmente pitoresco que ele observou no século XVIII.

As guloseimas desaparecidas apaziguaram sua preocupação. Se tinham resolvido fazer um piquenique, estariam lá fora, e embora pudessem estar em qualquer lugar a oitocentos metros de casa — Mandy não caminharia mais do que isso —, as probabilidades é de que não teriam ido longe antes de se sentarem para comer biscoitos.

Era um belo dia de outono e, apesar da necessidade de ir atrás de seus rebentos, estava contente de estar ao ar livre, no sol e na brisa. As meias podiam esperar. Assim como revirar os canteiros da horta. E falar com o encanador sobre o aquecedor no banheiro de cima. E...

"Não importa o quanto você faça em uma fazenda, sempre há mais que você pode fazer. É de admirar que o lugar não suba acima de minhas orelhas e me devore, como em "Jonas e a baleia."

Por um instante, ouviu a voz de seu pai, cheia de exasperada resignação diante de outra tarefa inesperada. Ela virou-se para olhar para ele, sorrindo, depois parou ao perceber ondas de saudade dominando-a.

— Oh, papai — ela disse, baixinho. Continuou a andar, mais devagar, repentinamente vendo não o fantasma de uma casa grande, parcialmente deteriorada, mas o organismo vivo que era Lallybroch, e todos de seu sangue que fizeram parte dela — que ainda faziam.

Os Fraser e os Murray, que haviam colocado seu próprio suor, sangue e lágrimas em seus prédios e seu solo, urdido suas vidas com a terra. Tio Ian, tia

Jenny — o bando de primos que ela conhecera tão rapidamente. O Jovem Ian. Todos mortos agora... mas, curiosamente, ainda presentes.

— Ainda presentes — ela disse em voz alta, e encontrou consolo nas palavras. Chegara ao portão dos fundos da horta e parou, olhando para cima da colina, na direção da torre que dava o nome ao lugar; o cemitério ficava na mesma colina, a maior parte de suas lápides tão desgastada que os nomes e as datas eram indecifráveis, as próprias pedras em sua maioria ocultas pelos tojos e giestas-das-vassouras. E em meio às manchas salpicadas de cinza, verde-escuro e amarelo brilhante, viam-se dois pequenos borrões de vermelho e azul em movimento.

O caminho estava muito coberto de mato; as sarças raspavam em sua calça jeans. Encontrou as crianças de quatro, seguindo uma trilha de formigas — que por sua vez seguiam na trilha de farelos de biscoitos, cuidadosamente colocados de modo a conduzir as formigas por um caminho de obstáculos na forma de galhinhos e cascalhos.

— Olhe, mamãe! — Jem mal ergueu os olhos para ela, absorto na cena à sua frente. Apontou para o chão, onde ele enfiara uma xícara velha na terra e a enchera de água. Um montículo preto de formigas, atraídas para o seu fim pelos farelos de biscoito de chocolate, lutava no meio da água.

— Jem! Que maldade! Não deve afogar as formigas... A menos que estejam na casa — ela acrescentou, com lembranças vívidas de uma recente infestação na despensa.

— Não estão se afogando, mamãe. Olhe, está vendo o que estão fazendo? Ela agachou-se ao lado dele, olhando mais de perto, e viu que, de fato, as formigas não estavam se afogando. Algumas formigas que haviam caído na água lutavam desesperadamente na direção do centro, onde um grande número de formigas se aglomerava, formando uma bola que flutuava, mal tocando a superfície. As formigas na bola moviam-se, lentamente, de modo a mudar de lugar constantemente, e enquanto uma ou duas próximas à borda do montículo estivessem imóveis, provavelmente mortas, a maioria obviamente não corria nenhum perigo iminente de se afogar, suportadas pelos corpos de suas companheiras. E a própria massa de formigas gradualmente se aproximava da borda da xícara, impulsionadas pelo movimento das formigas.

— Que interessante — ela disse, fascinada, e sentou-se ao lado dele por algum tempo, observando as formigas, antes de finalmente decretar misericórdia e fazer com que ele retirasse a bola de formigas da água com uma folha. Uma vez colocadas em terra firme, as formigas espalharam-se e imediatamente voltaram a seu trabalho. — Você acha que elas fazem isso de propósito? — ela perguntou a Jem. — Se aglomerarem dessa forma, quero dizer. Ou simplesmente procuram alguma coisa à qual se agarrar?

— Não sei — ele disse, dando de ombros. — Vou ver no meu livro sobre formigas se fala alguma coisa.

Ela recolheu os restos do piquenique, deixando um ou dois farelos de biscoito para as formigas, que, ela achava, fizeram por merecer. Mandy se afastara enquanto ela e Jem observavam as formigas na xícara e agora estava agachada na sombra de um arbusto um pouco acima da encosta, empenhada em uma animada conversa com um companheiro invisível.

— Mandy queria falar com vovô — Jem disse de forma pragmática. — Por isso viemos para cá.

— Ah, é? — ela disse devagar. — E por que aqui é um bom lugar para falar com ele?

Jem pareceu surpreso e olhou na direção das lápides desgastadas pelo tempo, inclinadas, do cemitério.

— Ele não está aqui? Algo muito mais poderoso do que um estremecimento percorreu sua espinha. Foram tanto a simplicidade de Jem quanto a possibilidade de ser verdade que tiraram seu fôlego.

— Eu... não sei — ela disse. — Imagino que possa estar. — Apesar de tentar não só não pensar muito sobre o fato de seus pais estarem mortos agora, ela de alguma forma presumira vagamente que teriam sido enterrados na Carolina do Norte — ou em algum outro lugar das colônias, se a guerra os tivesse tirado de Ridge.

Mas repentinamente se lembrou das cartas. Ele dissera que pretendia voltar à Escócia. E Jamie Fraser, sendo um homem obstinado, era mais do que provável que tivesse feito isso. Não teria mais ido embora? E se não tivesse... sua mãe também estaria ali?

Sem realmente ter a intenção, viu-se subindo a encosta, passando pela base da velha torre e através das lápides do cemitério. Ela subira ali uma vez, com sua tia Jenny. Fora no começo da noite, com uma brisa sussurrando no capim e um ar de paz na colina. Jenny lhe mostrara as sepulturas de seus avós, Brian e Ellen, juntos sob uma lápide de casal; sim, ela ainda podia divisar a curva da lápide, apesar de praticamente encoberta de musgo e mato, os nomes apagados pelo tempo. E a criança que morrera com Ellen fora enterrada com ela — seu terceiro filho. Robert, Jenny dissera; seu pai, Brian, insistira que ele fosse batizado e o nome de seu pequenino irmão falecido era Robert.

Estava entre as lápides agora; tantas. Muitas das mais recentes ainda eram legíveis, as com datas do final do século XIX. Na maior parte, dos Murray, McLachlan e McLean. Aqui e ali, uma ou outra dos Fraser ou Mackenzie.

As mais antigas, entretanto, estavam desgastadas demais para serem legíveis, não mais do que vestígios de letras surgindo em meio às manchas escuras de líquen

e à maciez obliteratedo do musgo. Lá, ao lado do túmulo de Ellen, estava a pequena lápide quadrada de Caitlin Maisri Murray, o sexto filho de Jenny e Ian, que vivera apenas um dia. Jenny mostrara a lápide a Brianna, inclinando-se para passar a mão delicadamente pelas letras e colocar ao lado uma rosa amarela do caminho. Havia um pequeno montículo de pedras lá também, deixadas por aqueles que visitavam o túmulo. O montículo de pedras já havia se desfeito há muito tempo, mas Brianna se abaixou, encontrou uma pedra e colocou-a ao lado da pequena lápide.

Havia uma outra lápide, ela viu, ao lado. Outra pedra pequena, como para uma criança. Não tão desgastada, mas obviamente quase tão antiga. Havia apenas duas palavras gravadas na lápide, ela pensou e, fechando os olhos, correu os dedos devagar pela superfície, sentindo as linhas quebradas e superficiais. Havia um "E" na primeira linha. Um "Y", ela achou, na segunda. E talvez um "K".

Que tipo de nome das Highlands começa com "Y"?, perguntou-se intrigada. McKay, mas estaria na ordem errada...

— Você... hã... não sabe qual sepultura seria a do seu avô, sabe? — ela perguntou a Jem, hesitante. Quase teve medo de ouvir a resposta.

— Não. — Ele pareceu surpreso e olhou para onde ela estava olhando, na direção de um amontoado de pedras. Obviamente, ele não havia associado sua presença ao seu avô. — Ele disse que gostaria de ser enterrado aqui e que, se eu viesse aqui, deveria deixar uma pedra para ele. Foi o que fiz. — Seu leve sotaque a fez ouvir a voz de seu pai outra vez, distintamente, mas desta vez sorriu.

— Onde?

— Lá em cima. Ele gosta de ficar no alto, hein? De onde pode ver tudo — Jem disse descontraidamente, apontando para o topo da colina. Logo adiante da sombra da torre, ela pôde ver vestígios de algo que não era propriamente um caminho, através do matagal de tojeiras, urzes e pedaços de rocha. E projetando-se do mato no topo da colina, uma rocha grande, irregular, sobre a qual erguia-se uma pequena pirâmide de pedras pequenas, quase invisível.

— Você deixou todas essas ali hoje?

— Não, deixo uma toda vez que venho. É assim que se deve fazer, sabe? Ela sentiu um nó na garganta, mas engoliu e sorriu.

— É, sim. Vou subir e deixar uma também. Mandy agora estava sentada em uma das lápides caídas, dispondo folhas de bardana como pratos ao redor da xícara suja de terra, que ela desenterrara e colocara no meio. Conversava com os convidados invisíveis de sua reunião para o chá, educadamente animada. Não havia necessidade de perturbá-la, Brianna decidiu, e seguiu Jem pela escarpa pedregosa — a parte final da subida realizada de gatinhas, por ser muito íngreme.

O vento era forte ali perto do alto da colina e eles não eram muito incomodados pelos mosquitinhos. Molhada de suor, ela acrescentou sua própria

pedra cerimoniosamente ao pequeno memorial e sentou-se por um instante para apreciar a vista. A maior parte de Lallybroch era visível dali, assim como a estrada que levava à rodovia principal. Olhou naquela direção, mas não havia sinal do Morris Mini cor de laranja de Roger. Ela suspirou e afastou o olhar.

Era agradável ali em cima. Silencioso, apenas com o murmúrio do vento frio e o zumbido de abelhas trabalhando com afínco nas flores amarelas. Não era de admirar que seu pai gostasse...

— Jem. — Ele estava confortavelmente recostado contra uma rocha, olhando as colinas ao redor.

— Sim?

Ela hesitou, mas tinha que perguntar.

— Você... não pode ver seu avô, pode?

Ele lançou-lhe um olhar azul espantado.

— Não. Ele está morto.

— Oh — ela disse, imediatamente aliviada e ligeiramente decepcionada. — Eu sei. Eu... só estava pensando.

— Acho que Mandy talvez possa — Jem disse, indicando a irmã com a cabeça, um borrão vermelho vivo na paisagem embaixo. — Mas não se pode saber realmente. Os bebês falam com um monte de gente que você não pode ver — acrescentou indulgentemente. — É o que a vovó diz.

Ela não sabia se queria que ele parasse de se referir a seus avós no tempo presente ou não. Era mais do que apenas um pouco inquietante, mas ele dissera que não podia ver Jamie. Ela não quis perguntar se ele podia ver Claire, achava que não, mas sentia seus pais próximos, sempre que Jem ou Mandy os mencionava, e ela certamente queria que Jem e Mandy se sentissem próximos deles também.

Ela e Roger haviam explicado as coisas para as crianças até onde podiam ser explicadas. E evidentemente seu pai havia tido sua própria conversa particular com Jem; o que foi muito bom, ela pensou. A mistura de Jamie de catolicismo devoto e a prática aceitação da vida, da morte e do sobrenatural de um escocês das Highlands provavelmente era muito mais adequada para explicar coisas como estar morto de um lado das pedras, mas...

— Ele disse que cuidaria da gente. Vovô — acrescentou, voltando-se para ela.

Ela mordeu a língua. Não, ele não estava lendo a sua mente, disse a si mesma com firmeza. Apenas haviam conversado sobre Jamie, afinal, e Jem escolhera aquele lugar para prestar sua homenagem. Assim, era natural que seu avô ainda estivesse em sua mente.

— Claro que sim — ela disse, e colocou a mão em seu ombro reto, massageando os ossos da base de seu pescoço com o polegar. Ele deu uma risadinha

e agachou-se para se livrar de sua mão, em seguida começou a descer o morro saltitando, deslizando sobre o traseiro por parte do caminho, sem ligar para sua calça jeans. Ela parou para um último olhar em volta antes de segui-lo e notou uma confusão de pedras no topo de uma colina a uns quatrocentos metros de distância. Amontoados de pedras eram exatamente o que se poderia esperar em qualquer topo de colina nas Highlands — mas havia algo ligeiramente diferente sobre esse aglomerado de pedras em particular. Ela protegeu os olhos com a mão, tentando ver melhor. Devia estar errada, mas ela era engenheira; conhecia a aparência de alguma coisa construída pelo homem.

Uma fortaleza da Idade do Ferro, talvez?, ela pensou, intrigada. Havia pedras arrumadas em camadas na base daquela pilha, ela podia jurar. Um alicerce, talvez. Teria que subir lá um dia desses para ver de perto — talvez amanhã, se Roger... Olhou para a estrada outra vez e novamente a encontrou vazia.

Mandy se cansara de seu chá e já estava querendo voltar para casa. Segurando sua filha com firmeza pela mão e com a xícara de chá na outra, Brianna desceu a colina na direção da grande casa branca rebocada de cal e areia, suas janelas recém-lavadas e brilhantes.

Teria Annie feito isso?, perguntou-se. Ela não notara e certamente lavar janelas naquela escala teria causado uma boa dose de confusão e trabalho. Mas, por outro lado, ela andara distraída, com as expectativas e apreensões do novo emprego. Seu coração deu um pequeno salto à ideia de que na segunda-feira ela iria encaixar novamente no lugar mais uma peça de quem ela fora um dia, mais uma pedra no alicerce de quem ela era agora.

— Talvez tenham sido os piskies — ela disse em voz alta, e riu.

— Piskies, piskies — Mandy fez eco alegremente. Jem já chegara quase ao pé da colina e virou-se, impaciente, esperando por elas.

— Jem — ela disse:, o pensamento ocorrendo-lhe quando o alcançaram. — Você sabe o que é um nuckelavee?

Os olhos de Jem se arregalaram e ele tapou os ouvidos de Mandy com as mãos. Algo com uma centena de patinhas frias percorreu as costas de Brianna.

— Sei — ele disse, a voz fraca e arquejante.

— Quem lhe contou sobre isso? — ela perguntou, mantendo a voz calma. Iria matar Annie MacDonald, pensou.

Mas os olhos de Jem resvalaram para o lado e ele olhou involuntariamente por cima de seu ombro, até a torre.

— Ele — sussurrou.

— Ele? — ela retrucou incisivamente, e agarrou Mandy pelo braço quando a menina desvencilhou-se dela e virou-se furiosamente para seu irmão. — Não chute seu irmão, Mandy! De quem você está falando, Jemmy?

— Dele — disse sem titubear. — O nuckelavee.

"A criatura habitava os mares, mas se aventurava em terra firme para se alimentar de humanos. O nuckelavee cavalgava um cavalo em terra e às vezes não havia distinção entre o cavalo e seu próprio corpo, uma espécie de centauro. Sua cabeça era dez vezes maior do que a de um homem e a boca era projetada para fora como a de um porco, com uma boca larga e escancarada. A criatura não tinha pele, e suas veias amarelas, a estrutura dos músculos e os tendões podiam ser vistos claramente, recobertos de uma película vermelha e gosmenta. Era provida de hálito venenoso e grande força. No entanto, tinha um ponto fraco: aversão a água doce. O cavalo no qual montava é descrito como tendo um único olho, vermelho, a boca como a de uma baleia e abas como nadadeiras ao redor das pernas dianteiras."

— Credo! — Brianna largou o livro, um da coleção de Roger de folclore escocês, e olhou fixamente para Jem. — Você viu um desses? Lá em cima perto da torre?

Seu filho remexeu-se de um pé para o outro.

— Bem, ele disse que era. Disse que se eu não fosse embora imediatamente ele se transformaria no próprio monstro, e isso eu não queria ver, então fugi.

— Nem eu. — O coração de Brianna começou a se acalmar um pouco. Tudo bem. Ele encontrara um homem, então, não um monstro. Não que ela tivesse realmente acreditado... mas o fato de que alguém estivesse rondando a torre já era bastante preocupante.

— Como ele era, esse homem?

— Bem... grande — Jem disse, em dúvida. Considerando-se que Jem ainda não tinha nove anos, a maioria dos homens pareceria grande.

— Do tamanho do papai? — Talvez. Novas indagações extraíram relativamente poucos detalhes; Jem sabia o que era um nuckelavee — ele havia lido os artigos mais interessantes da coleção de Roger — e ficara tão aterrorizado ao encontrar alguém que podia a qualquer momento despir sua pele e comê-lo que suas impressões sobre o homem eram escassas. Alto, com uma barba curta, cabelos não muito escuros e roupas "como as do sr. MacNeil". Roupas de trabalho, então, como as de um fazendeiro.

— Por que você não contou a mim ou a seu pai sobre ele? Jem estava a ponto de chorar.

— Ele disse que voltaria e comeria Mandy se eu falasse alguma coisa.

— Oh. — Ela enlaçou-o e puxou-o para si. — Compreendo. Não tenha medo, querido. Está tudo bem. — Ele tremia agora, tanto de alívio quanto por causa da lembrança, e ela afagou seus cabelos brilhantes, acalmando-o. Um vagabundo, era o mais provável. Acampando na torre? Provavelmente já teria ido embora — pelo que pôde apreender da história de Jem, fazia mais de uma semana que ele vira o

sujeito — mas...

— Jem — ela disse devagar. — Por que você e Mandy foram lá em cima hoje? Não ficaram com medo de que o homem estivesse lá?

Ele olhou para ela, surpreso, e sacudiu a cabeça, os cabelos ruivos esvoaçando.

— Não, eu fugi, mas me escondi e fiquei observando. Ele foi embora para oeste. É onde ele vive.

— Ele disse isso?

— Não. Mas coisas assim sempre moram no oeste. — Apontou para o livro. — Quando vão para o oeste, não voltam. E eu não o vi mais; fiquei observando, para ter certeza.

Ela quase riu, mas ainda estava muito preocupada. Era verdade; muitos dos contos da carochinha das Highlands sempre acabavam com alguma criatura sobrenatural indo para o oeste, ou entrando nas rochas ou na água onde moravam. E naturalmente não voltavam, já que a história terminava.

— Era apenas um vagabundo malvado — ela disse com firmeza, dando umas pancadinhas nas costas de Jem antes de soltá-lo. — Não se preocupe com ele.

— Tem certeza? — ele disse, obviamente querendo acreditar nela, mas ainda não inteiramente pronto a relaxar e se sentir seguro.

— Tenho — ela disse com firmeza.

— Ok. — Ele respirou fundo e afastou-se dela. — Além do mais — acrescentou, parecendo mais feliz —, vovô não o deixaria comer a mim ou Mandy. Eu devia ter pensado nisso. Já era quase hora do pôr do sol quando ela ouviu os ruídos de descarga do motor do carro de Roger na estrada da fazenda. Correu para fora e ele mal saíra do carro quando ela se atirou em seus braços.

Ele não perdeu tempo com perguntas. Abraçou-a apaixonadamente e beijou-a de uma forma que deixou claro que a briga entre eles acabara; os detalhes das desculpas mútuas podiam esperar. Por um instante, ela se abandonou completamente, sentindo-se leve em seus braços, respirando os cheiros de gasolina, poeira e bibliotecas, das de livros antigos que se sobrepunham ao seu cheiro natural, aquele almíscar indefinível de pele quente do sol, mesmo quando ele não estivera exposto ao sol.

— Dizem que as mulheres não podem realmente identificar seus maridos pelo cheiro — ela observou, voltando à Terra com relutância. — Eu não acredito. Eu poderia achar você na estação do metrô de King's Cross na mais completa escuridão.

— Mas eu tomei banho hoje de manhã, hein?

— Sim, e ficou na faculdade, porque posso sentir o cheiro do terrível sabonete industrial que eles usam lá — ela disse, torcendo o nariz. — Não sei como não arranca a sua pele. E você comeu chouriço no café da manhã. Com tomates

fritos.

— Acertou, garota — ele disse, sorrindo. — Ou devo dizer Rin-Tin-Tin? Salvou alguma criancinha ou farejou algum ladrão até seu esconderijo hoje?

— Bem, sim. De certo modo. — Ela ergueu os olhos para a colina atrás da casa, onde a sombra da torre ficara longa e negra. — Mas achei melhor esperar até o xerife voltar da cidade antes de prosseguir.

Armado com um forte galho de abrunheiro-bravo que usava como bengala e uma lanterna elétrica, Roger aproximou-se da torre, furioso, mas com cautela. Não era provável que o homem estivesse armado, se ainda estivesse lá, mas Brianna estava na porta da cozinha, o telefone — o longo fio esticado ao máximo — a seu lado e dois noves já discados. Ela quis ir com ele, mas ele a convencera de que um deles tinha que ficar com as crianças. Ainda assim, teria sido um conforto se ela estivesse cobrindo as suas costas; ela era uma mulher alta e forte que não se intimidava com violência física.

A porta da torre estava torta; as antigas dobradiças de couro há muito haviam apodrecido e desaparecido, tendo sido substituídas por dobradiças de ferro barato, que por sua vez enferrujaram. A porta ainda estava presa ao batente, porém por um fio. Ele levantou a trava e manobrou a madeira pesada, lascada, para dentro, erguendo-a, de modo que ela se abriu sem raspar o chão.

Ainda havia bastante luz do lado de fora; não ficaria completamente escuro ainda por meia hora. Dentro da torre, entretanto, estava escuro como um poço. Iluminou o chão com sua lanterna e viu marcas recentes de algo arrastado na crosta de poeira que se acumulara no chão de pedra. Sim, alguém estivera ali, portanto. Jem podia ser capaz de abrir a porta, mas as crianças não tinham permissão de entrar na torre sem um adulto, e Jem jurou que não havia entrado.

— Olaaaá! — ele gritou, e foi recebido por um movimento de surpresa em algum lugar acima. Agarrou o galho num reflexo, mas reconheceu quase imediatamente a causa da agitação. Morcegos, pendurados do teto cônico. Ele iluminou à volta do andar térreo e viu alguns jornais manchados e amassados junto à parede. Pegou um deles e cheirou-o: velho, mas o cheiro de peixe e vinagre ainda era perceptível.

Ele não achara que Jem estava inventando a história do nucklelavee, mas esta nova prova de recente ocupação humana reacendeu sua raiva. Era inconcebível que alguém viesse se esconder em sua propriedade, mas ameaçar seu filho... Quase desejou que o sujeito ainda estivesse ali. Queria dar uma palavra com ele. Mas não estava. Ninguém com bom-senso iria para os andares superiores da torre; as tábuas estavam apodrecidas e, quando seus olhos se adaptaram, pôde ver os enormes buracos, uma luz fraca, vinda das janelas de fendas no alto, atravessando-os. Roger não ouviu nada, mas a necessidade de se certificar impulsionou-o pela estreita

escada de pedra que subia em espiral pela parede interna da torre, experimentando cada degrau para ver se não havia pedras soltas antes de confiar seu peso a ele.

Ele perturbou um bom número de pombos no andar mais alto, os quais entraram em pânico e revoaram dentro da torre como um tornado emplumado, lançando fezes e penas para baixo, antes de encontrarem a saída pelas janelas. Ele se pressionou contra a parede, o coração batendo com força conforme eles passavam junto a seu rosto batendo as asas cegamente. Algo — um rato, um camundongo, um rato-do-mato — passou correndo por cima de seu pé e ele sacudiu-se espasmodicamente, quase perdendo a lanterna.

A torre tinha vida, sem dúvida; os morcegos no alto moviam-se, inquietos com todo o tumulto embaixo. Mas nenhum sinal de um intruso, humano ou não.

Depois de descer, colocou a cabeça para fora para sinalizar a Bri de que tudo estava em ordem, depois fechou a porta e começou a descer em direção à casa, limpando a poeira e as penas de pombos de suas roupas.

— Vou colocar uma nova tranca com cadeado na porta — ele disse a Brianna, recostando-se na velha pia de pedra enquanto ela começava a preparar o jantar. — Embora eu duvide que ele volte. Provavelmente era apenas um andarilho.

— Das ilhas Orkney, você acha? — Ela estava tranquilizada, ele podia ver, mas ainda havia uma ruga de preocupação entre suas sobrancelhas. — Você disse que é lá que há essas histórias de nuckelavee.

Ele deu de ombros. — É possível. Mas você encontra essas histórias em livros; o nuckelavee não é tão popular como as fadas ou os cavalos das águas, mas qualquer um pode encontrar material impresso sobre ele. O que é isso? — Ela havia aberto a geladeira para tirar a manteiga e ele avistou a garrafa de champanhe na prateleira, o rótulo aluminizado brilhando.

— Oh, isso. — Olhou para ele, pronta para sorrir, mas com certa apreensão nos olhos. — Eu, hum, consegui o emprego. Achei que podíamos... comemorar? — A pergunta hesitante atingiu diretamente seu coração e ele deu um tapa na testa.

— Santo Deus, esqueci de perguntar! Que ótimo, Bri! Mas eu sabia que você conseguiria — ele disse, sorrindo com todo entusiasmo e convicção que conseguiu reunir. — Nunca duvidei disso.

Ele pôde ver a tensão abandonar o corpo dela enquanto o rosto se iluminava, e sentiu certa paz descer sobre ele também. Essa sensação agradável permaneceu durante o abraço de quebrar costelas que ela lhe deu e o beijo subsequente, mas foi obliterada quando ela recuou um passo e, pegando uma caçarola, perguntou com afetada descontração:

— Então... você encontrou o que procurava em Oxford?

— Sim. — A resposta veio em um grasnido rouco; ele clareou a garganta e tentou outra vez. — Sim, mais ou menos. Olhe, o jantar pode esperar um pouco?

Acho que vou ter mais apetite se lhe contar primeiro.

— Claro — ela disse devagar, deixando a caçarola. Seus olhos fixaram-se nele, interessada, talvez um pouco receosa. — Dei jantar às crianças antes de você chegar. Se não estiver morto de fome...

Ele estava; não havia parado para almoçar na viagem de volta e seu estômago estava vazio, mas não importava. Estendeu a mão para ela.

— Vamos lá fora. A noite está agradável. — E se ela não aceitasse bem não havia painéis do lado de fora.

— Fui até a antiga igreja de St. Stephen — ele disse abruptamente, assim que deixaram a casa. — Falar com o dr. Weatherspoon; ele é o reitor da igreja. Ele era amigo do reverendo, me conhece desde garoto.

A mão de Brianna se apertara em seu braço quando ele começou a falar. Ele arriscou uma olhadela para ela e viu que parecia ansiosa, mas também esperançosa.

— E...? — ela disse, incentivando-o.

— Bem... O desfecho final é que eu também consegui um emprego. — Sorriu, acanhado. — Assistente de mestre de coro.

Isso, é claro, não era em absoluto o que ela esperava, e ela pestanejou. Então, seus olhos dirigiram-se à sua garganta. Ele sabia muito bem o que ela estava pensando.

— Você vai usar isto? — ela perguntara, na primeira vez que foram fazer compras em Inverness.

— Sim, pretendia. Por quê, está manchada? — Ele havia esticado o pescoço para olhar por cima do ombro de sua camisa branca. Não era de admirar se estivesse. Mandy entrara correndo para saudá-lo, emplastando suas pernas com abraços cheios de areia. Ele a limpara um pouco antes de erguê-la nos braços para um beijo adequado, mas...

— Não isto — Brianna dissera, os lábios comprimindo-se um pouco por um instante. — É que ... O que vai dizer sobre... — Ela fez um gesto de cortar a garganta.

Levou a mão ao colarinho aberto da camisa, onde a cicatriz da corda fazia uma linha curva, distinta ao toque, como um cordão de minúsculas pedrinhas sob a pele. Desbotara um pouco, mas ainda era bastante visível.

— Nada. As sobrancelhas dela se ergueram e ele esboçou um sorriso enviesado. — Mas o que vão pensar? — Imagino que vão presumir que eu sou dado a asfixia erótica e fui longe demais um dia.

Familiarizado como era com a zona rural das Highlands, imaginava que seria o mínimo que iriam pensar. Externamente digna sua suposta congregação poderia ser — mas ninguém poderia imaginar uma depravação mais sinistra do que a de um devoto escocês presbiteriano.

— Você... hã... contou ao dr. Weatherspoon... O que você disse a ele? — ela perguntou agora, após um instante de reflexão. — Quero dizer, ele deve ter notado.

— Oh, sim. Ele notou. Mas eu não disse nada, nem ele. "Olhe, Bri", ele lhe dissera naquele primeiro dia, "só há uma escolha. Nós contamos a todos a absoluta verdade ou não lhes contamos nada, ou o mais próximo possível a nada, e deixamos que pensem o que quiserem. Inventar uma história não vai funcionar, não é? Seria muito fácil dar um passo em falso.

Ela não gostara da ideia; ele ainda podia ver a maneira como seus olhos se estreitaram nos cantos. Mas ele tinha razão, e ela sabia disso. Uma decisão se espalhou pelo seu rosto e ela assentiu, endireitando os ombros.

Tiveram que admitir certa dose de mentira, é claro, a fim de legalizar a existência de Jem e Mandy. Mas era final dos anos 1970; havia muitas comunidades independentes nos Estados Unidos e grupos improvados de "viajantes", como chamavam a si mesmos, vagando pela Europa em desfiles de ônibus enferrujados e caminhonetes barulhentas. Eles haviam trazido muito pouco com eles através das pedras, salvo as próprias crianças — mas entre a minúscula reserva que Brianna enfiara em seus bolsos e por dentro dos espartilhos estavam duas certidões de nascimento manuscritas, atestadas por uma médica chamada Claire Beauchamp Randall, que fizera os partos.

"É o documento apropriado para uma certidão de nascimento", Claire dissera, fazendo os arabescos de sua assinatura com cuidado. "E eu sou, ou era", corrigiu, com um trejeito irônico da boca, "uma médica registrada, licenciada por Massachusetts.

— Assistente de mestre de coro — Bri disse agora, analisando-o. Ele respirou fundo; o ar da noite estava realmente agradável, límpido e ameno, ainda que começando a se encher de mosquitinhos. Afastou uma nuvem deles de seu rosto, lidando corajosamente com a questão.

— Veja bem, eu não fui atrás de um emprego. Eu fui... clarear minha mente. A respeito de ser ministro.

Ela parou de repente.

— E...? — ela instigou-o.

— Vamos. — Ele puxou-a delicadamente, fazendo-a se movimentar outra vez. — Seremos comidos vivos se ficarmos parados aqui.

Atravessaram o quintal pela horta e dirigiram-se ao estábulo, andando ao longo do caminho que levava ao pasto de trás da casa. Ele já havia ordenhado as duas vacas, Milly e Blossom, e elas já haviam se acomodado para a noite, grandes vultos escuros na grama, tranquilamente ruminando.

— Eu lhe falei da Confissão de Westminster, não? — Era o equivalente presbiteriano ao Symbolim Nicaenum dos católicos: sua Declaração de doutrina

oficialmente aceita.

— Hum-hum.

— Bem, veja, para ser um pastor presbiteriano, eu teria que jurar aceitar tudo da Confissão de Westminster. Eu o fiz, quando eu... bem, antes. — Ele chegara tão perto, pensou. Estivera prestes a ser ordenado como ministro quando o destino interveio, na pessoa de Stephen Bonnet. Roger fora obrigado a largar tudo, para encontrar e resgatar Brianna do esconderijo do pirata em Ocracoke. Não que ele lamentasse ter feito isso. Ela caminhava a seu lado, ruiva e longilínea, graciosa como um tigre, e a ideia de que ela poderia tão facilmente ter desaparecido de sua vida para sempre... e que ele jamais teria conhecido sua filha...

Ele tossiu e limpou a garganta, tocando distraidamente a cicatriz.

— Talvez eu ainda faça. Mas não tenho certeza. E tenho que ter.

— O que mudou? — ela perguntou com curiosidade. — O que você podia aceitar na época que não pode aceitar agora?

O que mudou?, ele pensou. Boa pergunta.

— Predestinação — respondeu. — Uma maneira de dizer. — Ainda havia luz suficiente para ele ver uma expressão levemente zombeteira atravessar seu rosto, embora não soubesse dizer se simplesmente pela justaposição irônica de pergunta e resposta ou pelo próprio conceito. Nunca haviam discutido questões de fé, eram mais do que cautelosos um com o outro nessas questões, mas ao menos estavam familiarizados com o conceito geral das crenças de cada um.

Ele lhe explicara a ideia de predestinação em termos simples: não algum destino inevitável ordenado por Deus, nem a noção de que Deus já havia planejado a vida de cada um detalhadamente antes do seu nascimento — apesar de que não poucos presbiterianos vissem a questão exatamente desse modo. Tinha a ver com salvação e com a ideia de que Deus escolhia um caminho que levava a essa salvação.

— Para algumas pessoas — ela disse ceticamente. — E Ele resolve amaldiçoar o resto?

Muita gente também acreditava nisso, e foram necessárias mentes melhores do que a dele para contestar essa impressão.

— Há livros inteiros escritos sobre isso, mas a ideia básica é que a salvação não depende apenas de nossa escolha. Deus age primeiro. Estendendo o convite, pode-se dizer, e nos dando uma oportunidade de aceitar. Mas ainda temos livre arbítrio. E de fato — acrescentou rapidamente — a única coisa que não é opcional, para ser um presbiteriano, é a crença em Jesus Cristo. Eu ainda tenho isso.

— Ótimo — ela disse. — Mas para ser um ministro...?

— Sim, provavelmente. E... bem, veja. — Enfiou a mão repentinamente no bolso e entregou-lhe uma fotocópia dobrada.

— Achei melhor não roubar o livro — ele disse, tentando brincar. — Para o caso de eu realmente decidir ser ministro, quero dizer. Mau exemplo para o rebanho.

— Ho-ho — ela disse distraidamente, lendo. Ergueu os olhos, uma das sobranceiras arqueada.

— Está diferente, não está? — ele disse, a sensação de falta de ar de volta sob seu diafragma.

— É... — Seus olhos dardejaram de volta ao documento e ela franziu a testa. Olhou para ele um segundo depois, pálida e engolindo em seco. — Diferente. A data é diferente.

Ele sentiu uma leve diminuição da tensão que o dominara nas últimas vinte e quatro horas. Ele não estava enlouquecendo, então. Estendeu a mão e ela lhe devolveu a cópia do recorte do jornal Wilmington Gazette — a notícia da morte dos Fraser de Ridge.

— É apenas a data — ele disse, correndo o polegar sob as palavras quase indistintas. — O texto... acho que é o mesmo. É o que você se lembra? — Ela encontrara a mesma informação ao procurar por sua família no passado; foi o que a impulsionou a atravessar as pedras, e ele depois dela. E isso, ele pensou, fez toda a diferença. Obrigado, Robert Frost.

Ela se pressionara contra ele, para ler o texto outra vez. Uma vez, duas vezes e outra vez, para ter certeza, antes de balançar a cabeça.

— Apenas a data — ela disse, e ele percebeu a mesma falta de ar em sua voz. — Ela... mudou.

— Ótimo — ele disse, a voz estranha e rouca. — Quando comecei a pensar... eu tinha que ir verificar, antes de falar com você sobre isso. Só para verificar, porque o recorte de jornal que eu vi em um livro não podia estar certo.

Ela balançou a cabeça, ainda um pouco pálida.

— Se eu... se eu voltasse aos arquivos em Boston onde encontrei esse jornal... ele teria mudado também, você acha?

— Sim, acho. Ela permaneceu em silêncio por um longo instante, olhando para o papel em sua mão. Em seguida, olhou incisivamente para ele.

— Você disse, quando começou a pensar. O que o fez começar a pensar?

— Sua mãe.

Fora uns dois meses antes de deixarem Ridge. Certa noite, sem conseguir dormir, ele saíra para a floresta e, andando de um lado para o outro insone, ele encontrara Claire, de joelhos em uma depressão do terreno cheia de flores brancas, parecendo formar uma névoa ao redor dela.

Ele apenas se sentara e ficara observando Claire quebrar as hastes e retirar as folhas, colocando-as em seu cesto. Ela não tocava nas flores, ele viu, mas retirava algo que crescia sob elas.

— É preciso colher isso à noite — ela lhe dissera após algum tempo. — De preferência, na lua nova.

— Eu não esperava... — ele começou a dizer, mas interrompeu-se abruptamente.

Ela deu uma risadinha chiada, achando graça.

— Você não esperava que eu desse importância a tais superstições? — ela perguntou. — Espere, Roger. Quando tiver vivido tanto quanto eu, você mesmo poderá começar a dar importância a superstições. Quanto a esta... — Sua mão moveu-se, um borrão esbranquiçado na escuridão, e quebrou uma haste com um estalido suave e succulento. Um aroma penetrante encheu repentinamente o ar, forte e seco em meio ao perfume mais suave das flores. — Os insetos vêm e depositam seus ovos nas folhas de algumas plantas, sabe? As plantas segregam certas substâncias de odor forte, a fim de repelir os insetos, e a concentração dessas substâncias é mais alta quando a necessidade é maior. Acontece que essas substâncias inseticidas também têm propriedades medicinais muito fortes e o que mais perturba este tipo de planta em particular — ela passou uma haste leve sob seu nariz, fresca e úmida — é a larva das mariposas.

— Consequentemente, ela possui mais dessa substância no meio da noite, porque é quando as larvas se alimentam?

— Isso mesmo. — A haste foi retirada, a planta atirada em seu cesto com um farfalhar de musselina e sua cabeça se inclinou enquanto ela tateava em busca de mais. — E algumas plantas são fertilizadas pelas mariposas. Essas, é claro... — Florescem à noite. — No entanto, a maioria das plantas é incomodada por insetos do dia e, assim, começam a secretar seus úteis componentes ao amanhecer. A concentração aumenta conforme o dia prospera — mas, quando o sol fica quente demais, alguns dos óleos começam a se vaporizar das folhas e a planta para de produzi-los. Assim, a maioria das plantas aromáticas deve ser colhida no final da manhã. E assim os xamãs e herbanários dizem a seus aprendizes para pegar uma planta na lua nova e outra ao meio-dia, criando uma superstição, hum? — Sua voz era um pouco seca, mas ainda tingida de humor.

Roger sentou-se sobre os calcanhares, observando-a tatear ao redor. Agora que seus olhos estavam acostumados, ele podia distinguir sua forma facilmente, apesar de os detalhes de seu rosto permanecerem ocultos.

Ela trabalhou durante algum tempo e depois se sentou sobre os calcanhares e espreguiçou-se; ele ouviu sua coluna estalar.

— Eu o vi uma vez, sabe. — Sua voz era abafada; ela desviara o rosto, vasculhando sobre os galhos arriados de um rododendro.

— Viu? Quem? — O rei. — Ela encontrou alguma coisa; ele ouviu o farfalhar de folhas conforme ela puxava a planta e o estalo da haste quebrada.

— Ele foi ao Pembroke Hospital visitar os soldados. Ele veio e conversou em separado conosco: os médicos e as enfermeiras. Era um homem tranquilo, muito digno, mas de maneiras calorosas. Não sei lhe contar uma palavra do que ele disse. Mas foi... muito inspirador. Só o fato de ele estar lá, sabe?

— Mmmhum. — Seria o começo da guerra, ele se perguntou, que a fazia trazer de volta essas lembranças?

— Um jornalista perguntou à rainha se ela iria pegar os filhos e fugir para o campo; muita gente estava fazendo isso.

— Sei. — Roger viu mentalmente duas crianças: um menino e uma menina, os rostos magros, silenciosas, juntas ao lado de uma lareira familiar. — Nós tivemos duas... em nossa casa em Inverness. Que estranho, eu não me lembrara delas até este momento.

Mas ela não estava prestando atenção. — Ela disse, e eu posso não estar citando suas palavras exatamente, mas a ideia geral foi: "Bem, as crianças não podem me deixar e eu não posso deixar o rei, e naturalmente o rei não partirá." Quando seu pai foi morto, Roger?

O que quer que estivesse esperando ela dizer, não era isso, Por um instante, a pergunta pareceu tão incongruente que se tornou incompreensível.

— Como? — Mas ele a ouvira e, sacudindo a cabeça para dispersar uma sensação de irreabilidade, ele respondeu: — Outubro de 1941. Não sei se me lembro da data exata... não, lembro-me, sim, o reverendo a escreveu na árvore genealógica. Foi em 31 de outubro de 1941. Por quê? — Por quê, em nome de Deus, ele quis dizer, mas ele andava tentando controlar o impulso de dizer o nome de Deus em vão. Reprimiu o impulso ainda mais forte de se deixar levar por pensamentos aleatórios e repetiu, muito calmamente: — Por quê?

— Você disse que o avião dele foi abatido na Alemanha, não foi?

— No Canal da Mancha, a caminho da Alemanha. Assim me disseram. — Ele podia apenas divisar suas feições ao luar, mas não conseguia ler sua expressão.

— Quem lhe contou? Você se lembra?

— O reverendo, eu acho. Ou talvez tenha sido minha mãe. — A sensação de irreabilidade estava passando e ele começava a sentir raiva. — Isso importa?

— Talvez, não. Quando nós o conhecemos, Frank e eu, em Inverness, o reverendo disse na ocasião que seu pai tinha sido morto no Canal da Mancha.

— É mesmo? Bem... — Ele não disse "E daí?", mas ela obviamente percebeu, pois a ouviu resfolegar, quase o som de uma risada, do meio dos rododendros.

— Tem razão, não tem importância. Mas... tanto você quanto o reverendo mencionaram que ele era um piloto de Spitfire. É isso mesmo?

— Sim. — Roger não sabia ao certo a razão, mas começava a sentir uma

sensação estranha na nuca, como se algo estivesse em pé atrás dele. Ele tossiu, arranjando uma desculpa para virar a cabeça, mas não avistou nada às suas costas, salvo a floresta branca e preta, manchada pelo luar. — Não tenho tanta certeza disso — ele disse, sentindo-se estranhamente na defensiva. — Minha mãe tinha uma fotografia dele com seu avião. Rag Doll era o nome do avião. Estava pintado no nariz, com um desenho tosco de uma boneca de pano com vestido vermelho e cabelos cacheados escuros. — Disso ele tinha certeza. Dormira COM a foto sob o travesseiro durante muito tempo depois que sua mãe foi morta, porque o retrato de estúdio de sua mãe era grande demais e ele temia que alguém desse por sua falta. — Rag Doll — ele repetiu, como se algo lhe ocorresse repentinamente.

— O que foi? Abanou a mão, acanhado. — Nada não. Eu... apenas percebi que "Rag Doll" devia ser como meu pai chamava minha mãe. Um apelido, sabe? Vi algumas das cartas que ele mandou para ela; eram em geral endereçadas a Dolly, Bonequinha. E agora, lembrando-me dos cachos negros... O retrato de minha mãe... Mandy. Mandy tem os cabelos de minha mãe.

— Oh, que bom — Claire disse sucintamente. — Detestaria achar que eu era a única responsável por isso. Por favor, diga-lhe isso, quando ela for mais velha, sim? Meninas com cabelos muito cacheados geralmente detestam isso; ao menos na adolescência, quando querem ser iguais a todo mundo.

Apesar de sua preocupação, ele notou o leve tom de desconsolo em sua voz e pegou sua mão, sem se importar com o fato de que ela ainda segurava uma planta.

— Eu direi a ela — ele disse suavemente. — Direi tudo a ela. Nunca pense que deixaríamos as crianças esquecê-la.

Ela apertou sua mão, com força, e as perfumosas flores brancas derramaram-se pela escuridão de sua saia.

— Obrigada — ela sussurrou. Ele a ouviu fungar um pouco e ela passou as costas da mão rapidamente pelos olhos. — Obrigada — disse outra vez, com mais força, endireitando-se. — É muito importante. Lembrar-se. Se eu não soubesse disso, não lhe diria.

— Diria... O quê? Suas mãos, pequenas, fortes e cheirando a remédio, envolveram a dele. — Eu não sei o que aconteceu com seu pai — ela disse. — Mas não foi o que lhe contaram.

— Eu estava lá, Roger — ela repetiu, paciente. — Eu li os jornais, eu cuidei de pilotos-aviadores; eu conversei com eles. Spitfires eram aviões pequenos, leves, destinados à defesa. Eles nunca atravessavam o Canal; eles não tinham potência para ir da Inglaterra à Europa e voltar, embora tenham sido usados lá mais tarde.

— Mas... — Qualquer argumento que ele pensara em apresentar — desvio de rota, erro de cálculo — desapareceu. Os pelos de seu braço haviam se eriçado sem que ele notasse.

— Claro, as coisas acontecem — ela disse, como se pudesse ler os pensamentos dele. — Os relatos também são truncados, com o tempo e a distância. Quem quer que tenha contado à sua mãe deve ter se enganado; ela deve ter dito algo que o reverendo compreendeu mal. Tudo isso é possível. Mas durante a Segunda Guerra Mundial eu recebi cartas de Frank; ele escrevia sempre que possível, até o recrutarem para o M16. Depois, passavam-se meses sem que eu tivesse qualquer notícia. Mas pouco antes disso ele me escreveu e mencionou, apenas como um comentário, que ele se deparara com algo estranho nos relatórios que estava lendo. Um Spitfire caíra, sofrera um acidente, mas não fora abatido, achavam que foi uma falha do motor, na Nortúmbria, e apesar de não ter pegado fogo, o que era de admirar, não havia o menor sinal do piloto. Nada. E ele de fato mencionou o nome do piloto, porque ele achava que Jeremiah era um nome que carrega a sina da fatalidade.

— Jerry — Roger disse, sentindo os lábios dormentes. — Minha mãe sempre o chamou de Jerry.

— Sim — ela disse, baixinho. — E há círculos de pedras verticais espalhados por toda a Nortúmbria.

— Perto de onde o avião...

— Não sei. — Ele viu o leve movimento quando ela deu de ombros, impotente.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, o ar denso com o aroma dos talos quebrados.

— E você está me dizendo isso agora que estamos voltando — ele disse, muito calmamente.

— Venho travando uma batalha comigo mesma há semanas — ela disse, como se pedisse desculpas. — Foi somente há mais ou menos um mês atrás que me lembrei. Eu não penso muito no meu... passado, mas com tudo que vem acontecendo... — Abanou a mão, abrangendo a partida iminente de sua filha, seu genro e seus netos, e as intensas discussões que a cercavam. — Eu só estava pensando na Guerra... e me pergunto se alguém que tenha participado dessa guerra alguma vez pensa nela sem um "G" maiúsculo... e contando a Jamie.

Fora Jamie quem lhe perguntara sobre Frank. Queria saber o papel que ele desempenhara na guerra.

— Ele tem curiosidade sobre Frank — ela disse abruptamente.

— Eu também teria, no lugar dele — Roger respondeu secamente. — Frank não tinha curiosidade sobre ele?

Isso pareceu perturbá-la e ela não respondeu diretamente, mas com firmeza conduziu a conversa de volta aos trilhos, se é que se poderia usar tal palavra para essa conversa, ele pensou.

— De qualquer forma, foi isso que me fez lembrar das cartas de Frank. E eu estava tentando lembrar o que ele me escrevia, quando repentinamente essa frase me veio à mente: de Jeremiah ser um nome que carrega uma certa fatalidade. — Ele a ouviu suspirar.

— Eu não tinha certeza... mas conversei com Jamie e ele disse que eu devia lhe contar. Disse que você tinha o direito de saber... e que você agiria certo ao saber disso.

— Estou lisonjeado — ele disse. Mais arrasado do que lisonjeado. — Então é isso. — As estrelas começavam a aparecer, fracas, acima das montanhas. Não tão brilhantes como as estrelas em Ridge, onde a noite na montanha descia sobre eles como um manto de veludo negro. Já haviam voltado para casa, mas demoravam-se no pátio de entrada, conversando.

— Eu costumava pensar nisso vez por outra: como a viagem no tempo se encaixa no plano divino? Os fatos podem ser mudados? Deveriam ser mudados? Seus pais... eles tentaram mudar a história, tentaram com todos os seus recursos, e não conseguiram. Eu pensei que isso era tudo... e de uma perspectiva presbiteriana. — Deixou um certo humor transparecer em sua voz. — Foi quase um alívio pensar que o passado não podia ser mudado. Não deveria ser possível mudá-lo. Sabe como é, Deus no céu, tudo certo no mundo. Esse tipo de coisa.

— Mas. — Bri segurava a fotocópia dobrada; sacudiu-a para afastar uma mariposa que passava, uma minúscula mancha branca.

— Mas — ele concordou. — Prova de que as coisas podem ser mudadas.

— Conversei com mamãe um pouco sobre isso — Bri disse, após um momento de reflexão. — Ela riu.

— É mesmo? — Roger disse secamente, e ouviu o resfolegar de uma risada de Bri em resposta.

— Não que ela achasse engraçado — ela assegurou-lhe. — Eu perguntei a ela se achava possível que um viajante mudasse as coisas, mudasse o futuro, e ela me disse que sim, era possível, obviamente, porque ela mudava o futuro toda vez que impedia alguém de morrer, alguém que morreria se ela não estivesse ali. Algumas dessas pessoas vieram a ter filhos que não teriam tido, e quem sabia o que esses filhos fariam, que não teriam feito se não tivessem nascido... e foi então que ela riu e disse que era bom que os católicos acreditassem no Mistério e não insistissem em tentar descobrir exatamente como Deus agia, como os protestantes.

— Bem, não sei se eu diria...

— Oh, ela falava de mim?

— Talvez. Não perguntei.

Agora foi a vez dele de rir, embora sua garganta doesse ao fazê-lo. -

Prova — ela disse, pensativamente. Estava sentada no banco perto da porta,

dobrando a fotocópia nervosamente em pregas longas. — Não sei. Isso é prova?

— Talvez não para os seus rígidos padrões de engenharia — ele disse. — Mas eu me lembro... e você também. Se tivesse sido apenas eu, então, sim, eu acharia que minha mente havia me enganado. Mas tenho um pouco mais de fé nos seus processos mentais. Está fazendo um aviãozinho de papel com a cópia?

— Não, é... epa. Mandy. — Ela já estava de pé e se afastando antes que ele registrasse o gemido vindo do quarto das crianças em cima, e desapareceu dentro de casa um instante depois, deixando a seu cargo trancar a casa no térreo. Nem sempre se davam ao trabalho de trancar as portas, ninguém nas Highlands o fazia, mas esta noite...

As batidas de seu coração se aceleraram quando uma longa sombra cinza atravessou o caminho como um raio à sua frente. Em seguida, diminuíram, quando ele sorriu. O pequeno Adso, em busca de uma presa. Um menino da vizinhança viera com um cesto de gatinhos alguns meses atrás, tentando arranjar um lar para eles, e Bri ficara com o cinza, de olhos verdes, que lembrava o gato de sua mãe, e lhe dera o mesmo nome. Se arranjassem um cão de guarda, será que o chamariam de Rollo?

— O gato do ministro... — ele disse. O gato do ministro é um gato de caça. — Boa caçada, então — ele acrescentou para a cauda que desaparecia sob o pé de hortênsia e abaixou-se para pegar o papel dobrado do caminho onde Brianna o deixara cair.

Não, não era um aviãozinho de papel. O que era? Um chapéu? Não havia como saber; enfiou o papel no bolso da camisa e entrou em casa.

Encontrou Bri e Mandy na sala da frente, diante da lareira que acabara de ser reanimada. Mandy, reconfortada e tendo tomado leite, já cochilava novamente nos braços de Bri; pestanejou sonolentemente para ele, chupando o dedo.

— Sim, qual foi o problema, então, a leannan? — ele perguntou-lhe suavemente, afastando os cachos dos seus olhos.

— Um pesadelo — Bri disse, a voz cuidadosamente despreocupada. — Alguma coisa do lado de fora, tentando entrar pela janela dela.

Ele e Brianna tinham estado sentados embaixo daquela mesma janela na ocasião, mas ele olhou, como um reflexo, para a janela ao seu lado, que refletia apenas a cena doméstica da qual ele fazia parte. O homem no reflexo parecia preocupado, os ombros arqueados, pronto para lançar-se sobre o inimigo. Levantou-se e cerrou as cortinas.

— Venha — ele disse abruptamente, sentando-se e inclinando-se para pegar Mandy. Ela veio para os braços dele com a lenta amabilidade de um bicho-preguiça, enfiando o polegar molhado em seu ouvido no processo.

Bri foi buscar chocolate quente para eles, retornando com o chocalhar de louças, o cheiro de leite quente e chocolate, e a expressão de alguém que estivera

pensando o que dizer a respeito de um assunto difícil.

— Você... quero dizer, considerando-se a natureza do, hã, da dificuldade... você, talvez, chegou a perguntar a Deus? — ela disse, timidamente. — Diretamente?

— Sim, eu pensei nisso — ele assegurou-lhe, dividido entre a contrariedade e o humor diante da pergunta. — E sim, eu realmente perguntei... muitas vezes. Especialmente a caminho de Oxford. Onde encontrei isso. — Balançou a cabeça indicando o pedaço de papel. — O que é isso, afinal? A forma, quero dizer.

— Oh. — Ela pegou a folha e fez as últimas dobras, com habilidade e rapidez, depois a estendeu na palma da mão. Ele franziu a testa por um momento, depois compreendeu o que era. A dobradura chinesa de adivinhação, que as crianças gostavam de fazer; havia quatro bolsos e você colocava os dedos neles e podia abrir a dobradura em diferentes combinações enquanto as perguntas eram feitas, de modo a mostrar as diferentes respostas — Sim, Não, Às vezes, Sempre — escritas na parte interna das dobras.

— Muito apropriado — ele disse.

Ficaram quietos por um instante, tomando chocolate quente em um silêncio que se equilibrava precariamente na borda da pergunta.

— A Confissão de Westminster também diz: Somente Deus é o Senhor da consciência. Eu farei minha paz com isso — disse serenamente, por fim — ou não farei. Eu disse ao dr. Weatherspoon que parecia um pouco estranho ter um assistente de coro que não podia cantar. Ele apenas sorriu e disse que queria que eu aceitasse o emprego para me manter no rebanho enquanto estivesse considerando as coisas. como ele disse. Provavelmente, com receio que eu fosse pular fora do barco e partir para Roma — ele acrescentou, com uma tentativa de fazer graça.

— Isso é bom — ela disse suavemente, sem levantar os olhos das profundezas do chocolate que não estava bebendo.

Mais silêncio. E a sombra de Jerry Mackenzie, RAF, veio sentar-se junto à lareira em seu casaco de couro de piloto, observando a luz do fogo brincar nos cabelos negros de sua neta.

— Então, você... Ele pôde ouvir o estalido de sua língua ao desgrudar da boca seca. — Você vai olhar? Ver se pode descobrir para onde seu pai foi? Onde ele poderia... estar?

Onde ele poderia estar. Aqui, lá, depois, agora? Seu coração deu uma súbita guinada, ao pensar no vagabundo que ficara na torre. Meu Deus... não. Não podia ser. Nenhuma razão para pensar desse modo, nenhuma. Somente a vontade.

Ele pensara muito nisso, a caminho de Oxford, entre uma prece e outra. O que ele diria, o que perguntaria, se tivesse a oportunidade. Queria perguntar tudo, dizer tudo — mas na verdade existia apenas uma coisa a dizer a seu pai, e era roncar em seus braços como um abelhão bêbado.

— Não. — Mandy remexeu-se em seu sono, emitiu um pequeno arroteio e aconchegou-se novamente contra seu peito. Ele não levantou a cabeça, mas manteve os olhos fixos no escuro labirinto de seus cachos. — Eu não poderia arriscar que meus próprios filhos perdessem o pai. — Sua voz quase desaparecera; sentiu as cordas vocais rangerem como engrenagens para forçar as palavras a saírem.

— É importante demais. Você não se esquece de ter tido um pai. Os olhos de Bri desviaram-se para o lado, o azul não mais do que uma centelha à luz do fogo.

— Eu pensei... você era tão pequeno. Então, você se lembra mesmo de seu pai?

Roger sacudiu a cabeça, as câmaras de seu coração contraindo-se, agarrando o vazio.

— Não — ele disse suavemente, e abaixou a cabeça, respirando o perfume dos cabelos de sua filha. — Eu me lembro do seu.



BORBOLETA

Wilmington, colônia da Carolina do Norte
3 de maio de 1777

Pude ver imediatamente que Jamie andara sonhando outra vez. Seu rosto tinha uma expressão desfocada, interiorizada, como se ele visse outra coisa que não o chouriço frito em seu prato.

Vê-lo assim me dava uma vontade premente de lhe perguntar o que ele vira — vontade imediatamente reprimida, por medo de que se eu perguntasse muito cedo ele pudesse perder parte do sonho. Também, verdade seja dita, isso me dava uma grande inveja. Eu daria qualquer coisa para ver o que ele via, quer fosse real ou não. Isso não importava, na realidade — era conexão, e os terminais nervosos cortados, que haviam me ligado à minha família desaparecida, acendiam-se e queimavam como cabos elétricos em curto-circuito quando eu via aquela expressão em seu rosto.

Eu não podia aguentar ficar sem saber o que ele sonhara, embora, como em geral acontece com os sonhos, raramente fosse descomplicado.

— Andou sonhando com eles, não foi? — eu disse, depois que a criada que servia as mesas se afastou. Havíamos acordado tarde, cansados da longa viagem para Wilmington no dia anterior, e éramos os únicos hóspedes na pequena sala de refeições da estalagem.

Ele olhou para mim e balançou a cabeça devagar, uma pequena ruga entre as sobrancelhas. Isso me deixou inquieta; os sonhos que ele tinha de vez em quando com Bri ou as crianças normalmente o deixavam feliz e tranquilo.

— O que foi? — perguntei. — O que aconteceu? Ele deu de ombros, ainda franzindo o cenho.

— Nada, Sassenach. Vi Jem e a menina... — Um sorriso aflorou em seu rosto ao mencioná-los. — Santo Deus, ela é uma garotinha travessa! Me faz lembrar de você, Sassenach.

Era um duvidoso elogio, da maneira como foi dito, mas senti um grande

contentamento diante da ideia. Eu passara horas olhando para Jem e Mandy, memorizando cada pequeno traço ou gesto, tentando extrapolar, imaginar como seriam ao crescer — e eu tinha quase certeza de que Mandy tinha a boca igual à minha. Eu sabia com certeza que ela possuía o mesmo formato dos meus olhos. E meus cabelos, coitada, apesar de serem negros como as asas da graúna.

— O que estavam fazendo? Ele esfregou um dedo entre as sobrancelhas, como se sua testa coçasse.

— Eles estavam do lado de fora — ele disse devagar. — Jem lhe disse para fazer alguma coisa e ela o chutou na canela e saiu correndo, e ele foi atrás dela.

Acho que era primavera. — Sorriu, os olhos fixos no que vira em seu sonho. — Lembro-me das florezinhas, presas nos cabelos dela e espalhadas pelas pedras.

— Que pedras? — perguntei incisivamente.

— Oh. As lápides — ele respondeu, prontamente. — Isso mesmo. Elas estavam brincando entre as lápides na colina atrás de Lallybroch.

Suspirei, feliz. Esse era o terceiro sonho que ele tinha em que os via em Lallybroch. Podia ser apenas uma ilusão, mas eu sabia que isso o deixava tão feliz quanto a mim, sentir que haviam feito de Lallybroch seu lar.

— Podem estar — eu disse. Roger foi lá... quando procurávamos por você. Disse que o lugar estava vazio, à venda. Bri teria dinheiro; podem ter comprado Lallybroch. Eles podem estar lá! — Eu já lhe dissera isso antes, mas ele balançou a cabeça, satisfeito.

— Sim, podem estar — disse, os olhos ainda enternecidos com a lembrança das crianças na colina, correndo entre o capim alto e as lápides cinzentas e antigas que assinalavam o local de repouso de sua família.

— Uma borboleta apareceu com eles — ele disse repentinamente. — Eu havia me esquecido disso. Uma borboleta azul.

— Azul? Há borboletas azuis na Escócia? — Franzi a testa, tentando me lembrar. As borboletas que eu notara tendiam a ser brancas ou amarelas, pensei.

Jamie me deu um olhar de leve exasperação.

— É um sonho, Sassenach. Eu poderia ter borboletas com as asas em xadrez como o meu tartã, se quisesse.

Eu ri, mas não me deixei distrair.

— Sim. Então, o que foi que o incomodou?

Olhou curiosamente para mim.

— Como sabe que fiquei perturbado?

Olhei para ele de cima para baixo — ou tanto quanto me era possível, dada a disparidade de alturas.

— Você pode não ter um rosto transparente, mas estou casada com você há mais de trinta anos.

Ele deixou passar sem comentários o fato de eu não estar com ele por vinte desses anos, e apenas sorriu.

— Sim. Bem, na verdade, não foi nada. Só que elas entraram na torre.

— Na torre? — eu disse, sem firmeza. A torre antiga que dava nome a Lallybroch de fato ficava na colina atrás da casa, sua sombra passando diariamente pelo cemitério como a marcha vagarosa de um gigantesco relógio do sol. Jamie e eu havíamos subido lá várias vezes à noite em nossos primeiros dias em Lallybroch, para nos sentarmos no banco que ficava junto à parede da torre e ficarmos distantes do burburinho da casa, apreciando a vista tranquila da propriedade e suas terras espalhando-se brancas e verdes abaixo de nós, suave à luz do crepúsculo.

A pequena ruga voltara entre suas sobrancelhas.

— A torre — ele repetiu, olhando para mim, indefeso. — Não sei o que era. Só que eu não queria que elas entrassem. Era como... como se houvesse alguma coisa lá dentro. À espera. E eu não gostei nem um pouco disso.

PARTE TRÊS



CORSÁRIO DE GUERRA



CORRESPONDÊNCIA DO FRONT

3 de outubro de 1776

Ellesmere

Para: Lady Dorothea Grey

Cara prima

Escrevo às pressas para alcançar o correio. Estou embarcado, em uma rápida viagem em companhia de outro oficial, a serviço do capitão Richardson, e não sei ao certo por onde andarei no futuro imediato. Pode me escrever aos cuidados de seu irmão Adam; farei todo o possível para me manter em contato com ele.

Executei sua solicitação da melhor maneira que me foi possível e continuarei a seu serviço. Dê minhas lembranças e respeitos a meu pai e aos seus, assim como meu permanente afeto, e não deixe de guardar grande parte deste último para si mesma.

Seu mais obediente,

William



3 de outubro de 1776

De Ellesmere para lorde John Grey

Querido pai

Depois de muito pensar, decidi aceitar a proposta do capitão Richardson para acompanhar um oficial superior a uma missão em Quebec, servindo como intérprete para ele, meu francês sendo considerado adequado para a finalidade. O general Howe concordou.

Ainda não conheci o capitão Randall-Isaacs, mas irei me encontrar com ele em Albany na semana que vem. Não sei quando devemos retornar e não sei dizer quais serão as oportunidades que terei lá de escrever, mas o farei sempre que puder e, enquanto isso, rogo-lhe que pense em mim com afeto.

Seu filho,



Final de outubro de 1776
Quebec

William não sabia ao certo o que pensar do capitão Denys Randall-Isaacs. Aparentemente, ele era apenas o tipo de sujeito afável, comum, encontrável em qualquer regimento: com cerca de trinta anos, um razoável jogador de cartas, sempre pronto a contar uma piada, moreno e de boa aparência, com um rosto franco e confiável. Era também um companheiro de viagem muito agradável, sempre com uma história divertida para contar e um vasto conhecimento de canções e poemas obscenos do pior tipo possível.

O que ele não fazia era falar de si mesmo. O que, na experiência de William, era o que as pessoas melhor sabiam fazer — ou ao menos com mais frequência.

Ele tentara uma pequena investigação por conta própria, apresentando a história um tanto dramática de seu próprio nascimento e recebendo em troca alguns poucos fatos esparsos: o próprio pai de Randall-Isaacs, um oficial dos dragões, morrera na campanha das Highlands antes do nascimento de Denys, e sua mãe se casara novamente um ano depois.

— Meu padrasto é judeu — ele disse a William. — Muito rico — acrescentou, com um sorriso irônico.

William balançara a cabeça, afavelmente. — Melhor do que um pobre — ele dissera, parando por aí. Não era muito, em termos de fatos, mas explicava em parte por que Randall-Isaacs estava trabalhando para Richardson em vez de estar perseguindo a fama e a glória com os lanceiros ou com os fuzileiros galeses. O dinheiro podia comprar uma patente, mas não garantia uma recepção calorosa em um regimento, nem o tipo de oportunidade que as conexões familiares e a influência a que se costumava referir delicadamente como "interesses" fariam.

Ocorreu — de passagem — a William perguntar-se exatamente por que ele estava dando as costas às suas próprias conexões e oportunidades substanciais a fim de se engajar nas aventuras sombrias do capitão Richardson, mas descartou essas considerações como uma questão a ser considerada posteriormente.

— Espantoso — Denys murmurou, erguendo os olhos. Haviam freado os cavalos na estrada que levava da margem do St. Lawrence para a cidadela de Quebec; dali, podiam ver a encosta íngreme do penhasco que as tropas de Wolfe haviam escalado, há dezessete anos, para tomar a fortaleza — e Quebec — dos franceses.

— Meu pai fez essa escalada — William disse, tentando soar natural. Randall-Isaacs girou a cabeça abruptamente para ele, atônito.

— É mesmo? Quer dizer, lorde John, ele lutou nas Planícies de Abraham com Wolfe?

— Sim. — William olhou para o rochedo com respeito. Era coberto de pequenas árvores, mas a rocha sedimentar sob elas era xistosa e fragmentária; ele podia ver as fissuras escuras e pontiagudas e as rachaduras quadrangulares através das folhas. A ideia de escalar aquela altura na escuridão, e não somente subindo, mas puxando toda a artilharia pelo penhasco acima com eles...!

— Ele disse que a batalha terminou quase tão logo começou. Uma única saraivada. Mas a subida para o campo de batalha foi a pior coisa que ele já fez.

Randall-Isaacs grunhiu respeitosamente e parou por um instante antes de retomar as rédeas.

— Você disse que seu pai conhece sir Guy? — ele perguntou. — Ele certamente vai gostar de ouvir a história.

William olhou para seu companheiro. Na verdade, ele não havia dito que lorde John conhecia sir Guy Carleton, o comandante em chefe para a América do Norte — embora conhecesse. Seu pai conhecia todo mundo. E com este pensamento simples percebeu de repente qual era sua verdadeira função naquela expedição. Ele era o cartão de visita de Randall-Isaacs.

Era verdade que ele falava francês muito bem — tinha facilidade em aprender línguas — e que o francês de Randall-Isaacs era rudimentar. Richardson provavelmente estava dizendo a verdade em relação a isso; é sempre melhor ter um intérprete em quem pode confiar. Mas, apesar de Randall-Isaacs ter demonstrado um lisonjeiro interesse em William, William percebeu ex post facto que Randall-Isaacs estava muito mais especificamente interessado em lorde John: os pontos principais de sua carreira, onde ele servira, com quem ou sob o comando de quem ele servira, quem ele conhecia.

Já acontecera duas vezes. Haviam visitado os comandantes de Fort Saint-Jean e Fort Chambly, e nas duas ocasiões Randall-Isaacs apresentara suas credenciais, mencionando de maneira casual que William era filho do lorde John Grey. Depois do que, as boas-vindas oficiais se animaram imediatamente, passando a uma longa noite de conversa e reminiscências, abastecidas por um bom conhaque, durante a qual — William agora percebia — ele e os comandantes mantiveram toda a conversa. E Randall-Isaacs permanecera ouvindo, o rosto bonito e afogueado brilhando com um interesse lisonjeiro.

Hum, William pensou. Tendo descoberto isso, não sabia ao certo como se sentia. Por um lado, estava satisfeito por ter deduzido o que estava acontecendo. Por outro, estava menos satisfeito em pensar que ele era desejável principalmente por

suas ligações, em vez das próprias virtudes.

Bem, era útil, ainda que humilhante, saber. O que ele não sabia era qual o verdadeiro papel de Randall-Isaacs. Estaria ele apenas coletando informações para Richardson? Ou teria outras incumbências não reveladas? Várias vezes, Randall-Isaacs o deixara por sua própria conta, dizendo descontraidamente que tinha um assunto particular a resolver e para o qual achava que seu próprio francês era suficiente.

Eles estavam, segundo as instruções muito limitadas que o capitão Richardson lhe dera, avaliando os sentimentos dos habitants — os colonos franceses — e dos colonos ingleses em Quebec, com um olho em apoio futuro, no caso de incursão dos rebeldes americanos ou tentativas de ameaças e aliciamentos por parte do Congresso Continental.

Tais sentimentos até agora pareciam claros, ainda que não o que William esperava. Os colonos franceses na região simpatizavam com sir Guy, que — como governador-geral da América do Norte — aprovara a Lei de Quebec, que legalizava o catolicismo e protegia o comércio dos católicos franceses. Os ingleses ficaram contrariados com essa lei, por razões óbvias, e se recusaram en masse a atender aos apelos de sir Guy pela ajuda de milícias durante o ataque americano à cidade no inverno anterior.

— Deviam estar loucos — ele observou a Randall-Isaacs, quando atravessavam a planície aberta diante da cidadela. — Os americanos que tentaram isso aqui no ano passado, quero dizer.

Haviam atingido o cume do penhasco e a cidadela erguia-se da planície diante deles, pacífica e sólida — muito sólida — ao sol do outono. O dia estava quente e belo, e o ar vívido com os aromas intensos, naturais, do rio e da floresta. Ele nunca vira floresta igual. As árvores que debruavam a planície e cresciam ao longo das margens do St. Lawrence formavam uma floresta densa e impenetrável, agora flamejante de ouro e vermelho. Visto contra a escuridão da água e o incrível azul-escuro do vasto céu de outubro, o cenário inteiro lhe dava a sensação irreal de cavalgar por uma pintura medieval, resplandecente de folha de ouro e ardente com um sentimento de fervor sobrenatural.

Mas, além da beleza, ele sentia a crueza do lugar. Sentia-a com uma clareza que fazia seus ossos parecerem transparentes. Os dias ainda eram quentes, mas o frio do inverno era um dente afiado que mordida com mais força ao crepúsculo de cada dia, e ele não precisava de quase nenhuma imaginação para ver aquela planície dali a algumas semanas, coberta com um manto de gelo, branca e inóspita para qualquer tipo de vida. Com uma viagem de mais de trezentos quilômetros atrás dele e uma compreensão imediata dos problemas de suprimentos para dois cavaleiros na acidentada jornada para o norte com tempo bom, combinadas com o que sabia dos

rigores de suprir um exército no mau tempo...

— Se não fossem loucos, não estariam fazendo o que estão fazendo. — Randall-Isaacs interrompeu seus pensamentos, ele, também, parando por um instante para avaliar a perspectiva com o olhar de um soldado. — Mas foi o coronel Arnold quem os liderou até aqui. Aquele homem sem dúvida é louco. Mas um excelente soldado. — Sua voz deixou transparecer a admiração que sentia, e William olhou para ele com curiosidade.

— Você o conhece? — perguntou descontraidamente, e Randall-Isaacs riu.

— Não de falar com ele — respondeu. — Vamos. — Ele esporeou o cavalo e voltaram-se para o portão da cidadela. No entanto, ele exibia uma expressão um tanto desdenhosa, como se revolvesse uma lembrança e, após alguns instantes, falou novamente. — Ele teria conseguido, Arnold, quero dizer, tomado a cidade. Sir Guy não tinha nenhuma tropa, e tivesse Arnold chegado aqui quando planejava, e com a pólvora e a munição que precisava... bem, a história teria sido diferente. Mas ele escolheu o homem errado para consultar.

— O que quer dizer com isso? Randall-Isaacs pareceu repentinamente cauteloso, mas depois pareceu dar de ombros internamente, como se dissesse: "Que diferença faz?" Ele estava de bom humor, já antevendo uma refeição quente, uma cama macia e lençóis limpos, após semanas de acampamento em florestas escuras.

— Ele não podia vir por terra — ele disse. — Buscando uma forma de transportar um exército e suas necessidades para o norte pela água, Arnold começara a procurar alguém que já tivesse feito a arriscada viagem, e conhecesse os rios e os meios de transporte — Randall-Isaacs acrescentou. — E encontrou alguém: Samuel Goodwin. — Mas nunca lhe ocorreu que Goodwin pudesse ser um legalista. — Randall-Isaacs sacudiu a cabeça diante de tal ingenuidade. — Goodwin me procurou e perguntou o que deveria fazer. Assim, eu lhe disse, e ele deu seus mapas a Arnold... cuidadosamente refeitos para servirem a seu propósito.

E de fato serviram a seu propósito. Ao adulterar as distâncias, remover pontos de referência, indicar passagens onde não havia nenhuma e fornecer mapas que não passavam de puros produtos da imaginação, a orientação do sr. Goodwin conseguiu enganar e atrair as forças de Arnold para dentro da região selvagem, obrigando-os a carregar seus navios e suprimentos por terra dias a fio e, por fim, atrasando-os tanto que o inverno alcançou-os, bem perto da cidade de Quebec.

Randall-Isaacs riu, embora houvesse um tom de remorso em sua risada, William pensou.

— Fiquei surpreso quando me disseram que ele conseguira chegar apesar de tudo. Além de tudo o mais, ele fora enganado pelos carpinteiros que fizeram seus navios; acredito que isso tenha sido pura incompetência, não política, embora hoje em dia às vezes seja difícil dizer. Feitos com madeiras verdes e mal-acabados. Mais

da metade deles desmoronou e afundou dias depois do lançamento. Deve ter sido um inferno absoluto — Randall-Isaacs disse, como se falasse consigo mesmo. Endireitou-se na sela, então, sacudindo a cabeça. — Mas eles o seguiram. Todos os seus homens. Apenas uma companhia deu meia-volta. Famintos, semidespidos, enregelados... eles o seguiram — repetiu, maravilhado. Olhou de soslaio para William, sorrindo. — Acha que seus homens o seguiriam, tenente? Em tais condições?

— Espero ter mais bom-senso do que conduzi-los a tais condições — William retrucou secamente. — O que aconteceu a Arnold no final? Ele foi capturado?

— Não — Randall-Isaacs disse pensativamente, erguendo a mão para cumprimentar os guardas ao portão da cidadela. — Não, não foi. Quanto ao que aconteceu a ele, só Deus sabe. Ou Deus e sir Guy. Espero que este último possa nos dizer.



JOYEUX NÖEL

Londres

24 de dezembro de 1776

As madames mais prósperas eram criaturas robustas, lorde John refletiu. Quer fosse apenas a satisfação de apetites negados em seus primeiros anos ou um escudo contra a possibilidade de um retorno aos patamares mais baixos de sua ocupação, quase todas elas eram bem carnudas.

Não Nessie. Ele podia ver a sombra de seu corpo através da musselina fina de sua combinação — ele havia inadvertidamente tirado-a da cama — enquanto ela ficava diante do fogo vestindo seu roupão. Não tinha nem um grama a mais sobre sua estrutura magra do que tinha quando a vira pela primeira vez, então — segundo ela — com quatorze anos, embora ele suspeitasse na época que ela devesse ter onze.

Isso lhe daria agora trinta e poucos anos. Ela ainda parecia ter quatorze. Sorriu diante do pensamento e ela devolveu o sorriso, amarrando o roupão. O sorriso a envelhecia um pouco, pois havia lacunas entre seus dentes, e os restantes eram enegrecidos na raiz. Se ela não era robusta, era porque lhe faltava a capacidade de mastigar; ela adorava açúcar e era capaz de comer uma caixa inteira de violetas cristalizadas ou uma Turkish Delight em questão de minutos, compensando a fome de sua juventude nas Highlands escocesas. Ele lhe trouxera meio quilo de docinhos de frutas secas.

— Acha que qualquer coisa me compra? — ela disse, erguendo uma das sobancelhas ao receber a caixa lindamente embrulhada das mãos dele.

— Nunca — ele lhe assegurou. — Isto é apenas um pedido de desculpas por ter perturbado seu sono. — Isso era uma improvisação; ele havia, na verdade, esperado encontrá-la trabalhando, sendo mais de dez horas da noite.

— Sim, bem, afinal é noite de Natal — ela disse, respondendo à pergunta subentendida. — Qualquer homem com uma casa para onde voltar está lá agora. — Ela bocejou, retirou sua touca de dormir e passou os dedos pela desgrehada cabeleira de cachos negros.

— No entanto, você parece ter uma celebração especial — ele observou. Uma cantoria distante vinha de dois andares abaixo e a sala de visitas lhe parecera bem cheia quando ele passou.

— Oh, sim. Os desesperados. Eu os deixo a cargo de Maybelle; não gosto de vê-los, as pobres criaturas. Dá pena. Eles não querem realmente uma mulher, os que vêm na Noite de Natal querem apenas companhia, ficar sentados junto a uma lareira com outras pessoas. — Abanou a mão e sentou-se, gulosamente desatando a fita de seu presente.

— Então, deixe-me lhe desejar um feliz Natal — ele disse, observando-a com divertida afeição. Ela jogou um dos docinhos na boca, fechou os olhos e suspirou em êxtase.

— Huum — gemeu, sem parar para engolir, antes de inserir na boca e mastigar outro doce. Pela entonação cordial desse gemido, ele presumiu que ela estivesse retribuindo o sentimento.

Ele sabia que era noite de Natal, é claro, mas de certa forma tirara essa ideia da cabeça durante as horas longas e frias do dia. Chovera torrencialmente o dia inteiro, fustigantes agulhas de uma chuva gélida, de vez em quando intensificada por irritantes rajadas de granizo, e ele ficara enregelado desde antes do amanhecer, quando o criado de Minnie o despertara, convocando-o à Casa Argus.

O quarto de Nessie era pequeno, mas elegante, e cheirava confortavelmente a sono. Sua cama era imensa, com cortinas de lã no padrão xadrez preto e cor-de-rosa "Rainha Charlotte", muito em voga. Cansado, com frio e faminto como estava, sentia a atração desta caverna aconchegante e convidativa, com seus numerosos travesseiros de penas de ganso, colchas e lençóis limpos e macios. O que ela pensaria, ele se perguntou, se lhe pedisse para compartilhar sua cama esta noite?

— "Uma lareira junto à qual se sentar e pessoas com as quais se sentar junto a ela." — Bem, ele tinha isso, ao menos no momento.

Grey percebeu um zumbido baixo, algo como uma mosca varejeira presa, atirando-se contra uma vidraça. Olhando na direção do ruído, notou que o que ele pensara ser meramente uma pilha de roupas de cama amontoadas na verdade continha um corpo; a borla elaboradamente ornamentada com passamanarias de uma touca de dormir estendia-se pelo travesseiro.

— Ah, é só o Rab — disse uma sorridente voz escocesa, e ele virou-se, deparando-se com ela rindo para ele. — Gostaria de um ménage à trois?

Compreendeu, enquanto enrubescia, que gostava dela não só por ela mesma, ou por sua habilidade como espiã, mas porque possuía uma inigualável capacidade de desconcertá-lo. Achava que ela não conhecia exatamente os verdadeiros desejos dele, mas ela era prostituta desde criança e possuía uma compreensão sagaz dos desejos de praticamente todo mundo, quer conscientes ou não.

— Oh, creio que não — ele disse educadamente. — Não vou querer perturbar seu marido. — Tentou não pensar nas mãos brutas e coxas duras de Rab MacNab; Rab fora um liteireiro, antes de seu casamento com Nessie e o sucesso do bordel que possuíam. Certamente, ele não...?

— Você não conseguiria acordar o tolo nem com um tiro de canhão — ela disse, com um olhar afetuosos para a cama. No entanto, levantou-se e cerrou as cortinas do dossel, abafando os roncoss de Rab. — Por falar em canhão — ela acrescentou, inclinando-se para espreitar Grey enquanto retornava à sua poltrona —, você mesmo parece que esteve na guerra. Vamos, tome uma dose e eu mandarei vir um prato quente. — Indicou com um sinal da cabeça a garrafa de bebida e os copos na mesinha de cabeceira e estendeu a mão para a corda da sineta.

— Não, obrigado. Não tenho muito tempo. Mas tomarei uma bebida para espantar o frio, obrigado.

O uísque — ela não tomava nenhuma outra bebida, desdenhando o gim como uma bebida de mendigos e considerando o vinho bom, porém insuficiente para os seus propósitos — o aqueceu, e seu casaco molhado começara a desprender vapor no calor do fogo da lareira.

— Você não tem muito tempo — ela disse. — De que se trata, então?

— Estou de partida para a França — ele disse. — Pela manhã.

As sobrancelhas dela se ergueram e ela colocou outro doce na boca.

— E não vai assar o Naal com sua amília?

— Não fale com a boca cheia, minha cara — ele disse, sorrindo ainda assim. — Meu irmão sofreu um grave ataque ontem à noite. Seu coração, segundo o médico, mas duvido que ele saiba realmente. Mas o tradicional almoço de Natal provavelmente não vai ser grande coisa.

— Lamento saber — Nessie disse, com mais clareza. Limpou o açúcar do canto da boca, o cenho franzido com um ar de preocupação. — Ele é um bom homem.

— Sim, ele... — Parou, fitando-a. — Você conheceu meu irmão? Nessie riu recatadamente, formando duas covinhas no rosto.

— A discrição de uma madame é seu principal capital no negócio — ela cantarolou, obviamente imitando a sabedoria de uma antiga patroa.

— Diz a mulher que espiona para mim. — Ele tentava visualizar Hal... ou talvez não visualizar Hal... pois certamente ele não... para poupar Minnie de suas necessidades, talvez? Mas ele achava...

— Sim, bem, espionagem não é a mesma coisa de simples bisbilhotice, hein? Eu quero chá, mesmo que você não queira. Conversar dá sede. — Ela tocou a campainha chamando o criado, em seguida virou-se, uma das sobrancelhas erguida. — Seu irmão está morrendo e você vai para a França? Deve ser muito urgente,

então.

— Ele não está morrendo — Grey disse, incisivamente. A ideia abriu o tapete a seus pés, um grande abismo esperando para puxá-lo para dentro. Desviou o olhar com determinação.

— Ele... ele teve um choque. Ele recebeu a notícia de que seu filho mais novo foi ferido na América e capturado.

Os olhos dela se arregalaram diante disso e ela agarrou o roupão com mais força junto aos seios inexistentes.

— O mais novo. Seria... Henry, não?

— Sim. E como, com os diabos, você sabe disso? — quis saber, a agitação alterando sua voz. Um sorriso cheio de lacunas brilhou para ele, mas logo desapareceu quando ela percebeu a gravidade de sua aflição.

— Um dos criados do lorde é um cliente regular aqui — ela disse simplesmente. — Quintas-feiras; é seu dia de folga.

— Oh. — Ele permaneceu imóvel, as mãos nos joelhos, tentando de algum modo controlar seus pensamentos, e seus sentimentos. — É que... compreendo.

— Já é tarde no ano para estar recebendo notícias da América, não? — Ela olhou para a janela, coberta em camadas de renda e veludo vermelho, incapazes de obliterar o som de uma chuva fustigante. — Chegou algum navio atrasado?

— Sim. Desviado da rota pelos ventos e arrastado até Brest com o mastro principal avariado. A mensagem foi trazida por terra.

— E é para Brest que você está indo, então?

— Não, não é. Uma batida suave veio da porta antes que ela pudesse fazer mais perguntas. Ela foi atender, deixando entrar o criado, que trazia — sem que lhe pedissem, Grey notou — uma bandeja com xícaras e guloseimas para o chá, inclusive um bolo fartamente confeitado.

Revolveu a ideia mentalmente. Poderia lhe contar? Mas ela não estava brincando quando falara de discrição, ele sabia. A seu próprio modo, ela guardava tantos segredos — e tão bem — quanto ele.

— É por causa de William — ele disse, quando ela fechou a porta e voltou-se novamente para ele•

Ele sabia que a aurora estava próxima, pela dor em seus ossos e o leve repique do seu relógio de bolso. Não havia nenhum sinal disso no céu. Nuvens da cor da fuligem de uma chaminé tocavam os telhados de Londres e as ruas estavam mais escuras do que à meia-noite, todas as lanternas já tendo sido apagadas há muito tempo, o fogo de todas as lareiras se extinguindo.

Ele ficara acordado a noite inteira. Havia muito a fazer; devia ir para casa e dormir algumas horas antes de pegar a carruagem de Dover. Mas não podia partir sem ver Hal mais uma vez. Só para se tranquilizar.

Havia luzes nas janelas da Casa Argus. Mesmo com as cortinas cerradas, uma leve claridade se refletia nas pedras molhadas do pavimento do lado de fora. Nevava pesadamente, mas a neve ainda não se acumulava no chão. Havia uma boa chance de a carruagem ficar retida — certamente andaria bem devagar, atolada nas ruas lamacentas.

Por falar em carruagens — seu coração deu um salto ao ver uma carruagem surrada parada na porte-cochère, e que ele achava que pertencia ao médico.

Sua batida na porta foi atendida imediatamente por um criado parcialmente vestido, a camisa de dormir enfiada às pressas nas calças. O rosto ansioso do sujeito relaxou um pouco quando reconheceu Grey.

— O duque... — Passou mal à noite, milorde, mas está melhor agora — o sujeito, Arthur, esse era seu nome, interrompeu-o, recuando um passo para deixá-lo entrar e tirando a capa de seus ombros, sacudindo a neve.

Ele balançou a cabeça e dirigiu-se às escadas, sem esperar ser anunciado. Encontrou o médico descendo as escadas — um homem magro e grisalho, facilmente identificável pelo casaco preto e malcheiroso e pela valise na mão.

— Como ele está? — perguntou, segurando o sujeito pela manga ao chegar ao patamar. O médico recuou, ultrajado, mas depois viu a expressão de seu rosto na claridade do candeeiro e, reconhecendo sua semelhança com Hal, apaziguou-se.

— Um pouco melhor, milorde. Eu o sangrei, oitenta e cinco mililitros, e sua respiração tornou-se mais fácil.

Grey soltou a manga e retomou as escadas, o próprio peito apertado. A porta para os aposentos de Hal estava aberta e ele entrou imediatamente, surpreendendo uma criada que levava um urinol para fora, tampado e depois delicadamente envolvido em um pano lindamente bordado com flores grandes e coloridas. Passou por ela, balançando a cabeça em um sinal de desculpas, e entrou no quarto de Hal.

Ele estava sentado na cama, recostado em uma larga almofada, travesseiros calçando-o por trás; parecia quase morto. Minnie estava a seu lado, o afável rosto redondo desolado de ansiedade e falta de sono.

— Vejo que Sua Graça até caga com elegância — Grey observou, sentando-se do outro lado da cama.

Hal abriu uma pálpebra cinzenta e fitou-o. O rosto podia ser o de um esqueleto, mas o olho penetrante, claro, era do Hal vivo, e Grey sentiu o peito encher-se de alívio.

— Oh, o pano? — Hal disse, fracamente, mas com clareza. — É a Dottie. Ela se recusa a sair, mesmo eu tendo lhe assegurado que, se pretendesse morrer, eu certamente esperaria ela voltar para fazer isso. — Parou para respirar, com um ligeiro chiado, depois tossiu e continuou: — Ela não é do tipo, graças a Deus, de se deixar levar por devoções religiosas, não possui nenhum talento musical e sua

vitalidade é tamanha que chega a ser uma ameaça para o pessoal da cozinha. Assim, Minnie a colocou para bordar, como uma forma de válvula de escape para suas formidáveis energias. Ela puxou a mamãe, você sabe.

— Sinto muito, John — Minnie disse-lhe, desculpando-se. — Eu a mandei ir dormir, mas vi que sua vela ainda está acesa. Acredito que ela esteja trabalhando no momento em um par de chinelos para você.

Grey achava que chinelos eram provavelmente inofensivos, qualquer que fosse o motivo que ela tivesse escolhido, e disse isso.

— Desde que ela não esteja bordando um par de cuecas para mim. Os nós, você sabe...

Isso fez Hal rir, o que por sua vez o fez tossir assustadoramente, embora isso tenha levado um pouco de cor às suas faces.

— Então você não está morrendo? — Grey perguntou.

— Não — Hal respondeu laconicamente.

— Ótimo — Grey disse, sorrindo para seu irmão. — Não o faça. Hal pestanejou e, em seguida, lembrando-se da ocasião em que ele dissera exatamente isso para Grey, sorriu também.

— Farei o melhor possível — disse secamente e, depois, virando-se, colocou a mão afetuosamente sobre a de Minnie. — Minha querida...

— Vou mandar trazer chá — ela disse, levantando-se imediatamente. — E um bom café da manhã quente — acrescentou, após um olhar escrutinador para Grey. Ela fechou a porta delicadamente ao sair.

— Do que se trata? — Hal ergueu-se mais nos travesseiros, sem se incomodar com o pano sujo de sangue enrolado em um dos braços. — Tem notícias?

— Muito poucas. Mas um grande número de perguntas preocupantes. A notícia da captura de Henry fora incluída como um bilhete para Hal dentro de uma carta endereçada a ele próprio, de um de seus contatos no mundo da espionagem, e trazia uma resposta às suas indagações relativas às conexões francesas de um tal de Percival Beauchamp. Mas ele não quis discutir isso com Hal enquanto não se encontrasse com Nessie. De qualquer forma, Hal não estivera em condições para tais discussões.

— Nenhuma conexão conhecida entre Beauchamp e Vergennes — citando o ministro francês das Relações Exteriores —, mas ele tem sido visto com frequência na companhia de Beaumarchais.

Isso provocou novo acesso de tosse.

— Não é mesmo de admirar — Hal observou roucamente, ao se recobrar. — Um interesse mútuo em caça, sem dúvida? — Essa última observação era uma referência sarcástica, tanto à aversão de Percy a esportes sangrentos quanto ao título de Beaumarchais de "Tenente Geral de Caça", a ele conferido há alguns anos pelo

falecido rei.

— E — Grey continuou, ignorando o comentário — com um tal de Silas Deane.

Hal franziu a testa.

— Quem?

— Um comerciante americano. Em Paris, em nome do Congresso Americano. Mais exatamente, ele se esgueira ao redor de Beaumarchais. E ele tem sido visto conversando com Vergennes.

— Oh, ele. — Hal abanou uma das mãos. — Ouvi falar dele. Vagamente.

— Ouviu falar de uma companhia denominada Rodrigue Hortalez et Cie? — Não. Soa espanhol, não é? — Ou português. Meu informante tinha apenas o nome e um boato de que Beaumarchais tem algo a ver com isso.

Hal grunhiu e recostou-se.

— Beaumarchais está metido em muita coisa. Fabrica relógios, pelo amor de Deus, como se escrever peças teatrais já não fosse suficiente. Beauchamp tem alguma coisa a ver com essa companhia?

— Não se sabe. Tudo não passa de associações vagas neste ponto, nada além disso. Pedi tudo que fosse possível obter que tivesse qualquer coisa — qualquer coisa não de conhecimento geral, quero dizer — a ver com Beauchamp ou com os americanos; isso foi o que voltou.

Os dedos esbeltos de Hal tamborilavam sem sossego na coberta.

— Seu informante sabe o que essa companhia espanhola faz?

— Comércio, o que mais? — Grey respondeu ironicamente, e Hal resfolegou com desprezo.

— Se fossem banqueiros também, eu imaginaria que você poderia ter alguma coisa.

— Aliás, talvez tenha. Mas o único meio de descobrir, eu acho, é ir e cutucar a onça com vara curta. Vou pegar a carruagem para Dover em — apertou os olhos para o relógio de carrilhão sobre o consolo da lareira, obscurecido pela penumbra — três horas.

— Ah. A voz soou neutra, mas Grey conhecia seu irmão realmente muito bem. — Estarei de volta da França no mais tardar no final de março — ele disse, acrescentando afavelmente: — E estarei no primeiro navio que partir para as colônias no ano-novo, Hal. E trarei Henry de volta. — Vivo ou morto. Nenhum dos dois pronunciou as palavras; não era necessário.

— Estarei aqui quando o fizer — Hal disse finalmente, com serenidade. Grey colocou a mão sobre a do irmão, que se virou imediatamente para segurar a sua. Podia parecer frágil, mas sentiu-se encorajado pela força e determinação do aperto da mão de Hal. Permaneceram em silêncio, as mãos unidas, até a porta se abrir e

Arthur — agora completamente vestido — entrar com uma bandeja do tamanho de uma mesa de carteado, abarrotada de bacon, salsichas, rins, peixe frito, ovos mexidos na manteiga, cogumelos grelhados e tomates, torradas, geleia de laranja, um enorme bule de chá fumegante e aromático, tigelas de açúcar e de leite — e uma vasilha coberta que ele colocou cerimoniosamente diante de Hal, verificando-se depois que continha uma espécie de horrível papa rala.

Arthur fez uma mesura e saiu, deixando Grey se perguntando se ele seria o criado que ia à casa de Nessie às quintas-feiras. Virou-se novamente e deparou-se com Hal se servindo generosamente dos rins de Grey.

— Você não devia estar comendo sua papa? — Grey perguntou.

— Não me diga que você está determinado a me levar mais depressa para o túmulo também — Hal disse, fechando os olhos em breve êxtase enquanto mastigava. — Como alguém pode esperar que eu me recupere sendo alimentado com coisas como mingau e bolachas... — Bufando de raiva, espetou outro rim.

— É mesmo o seu coração, você acha? — Grey perguntou.

Hal sacudiu a cabeça.

— Eu realmente acho que não — ele disse, em tom neutro. — Eu fico ouvindo-o, sabe, depois do primeiro ataque. Continua batendo como sempre. — Parou para tocar o peito, o garfo suspenso no ar. — Não dói lá. Certamente, doeria, não é?

Grey deu de ombros.

— Que tipo de ataque foi, então?

Hal engoliu o restante do rim e estendeu a mão para uma torrada amanteigada, pegando a faca da geleia de laranja com a outra.

— Não conseguia respirar — ele disse, descontraidamente. — Fui ficando azul, esse tipo de coisa.

— Oh. Bem, então.

— Me sinto muito bem agora — Hal disse, parecendo ligeiramente surpreso.

— É mesmo? — Grey disse, sorrindo. Teve um momento de dúvida, mas afinal de contas... estava indo para o exterior e coisas inesperadas não só podiam acontecer, mas geralmente aconteciam. Era melhor não deixar a questão pendente, para o caso de alguma coisa desagradável ocorrer a um dos dois antes de se encontrarem outra vez.

— Muito bem, então... Se você tem certeza de que um pequeno choque não vai matá-lo, permita-me contar-lhe uma coisa.

Suas novidades com respeito à tendresse existente entre Dottie e William fizeram Hal pestanejar e parar de comer por um instante, mas após um momento de reflexão ele balançou a cabeça e retomou a mastigação.

— Está bem — ele disse.

— Está bem? — Grey repetiu. — Você não tem nenhuma objeção?

— Eu iria ficar mal com você se tivesse, não é?

— Se espera que eu acredite que uma preocupação com meus sentimentos iria de alguma forma afetar suas próprias ações, sua doença de fato o afetou muito.

Hal esboçou um largo sorriso e tomou chá.

— Não — ele disse, abaixando a xícara vazia. — Isso não. É só que — reclinou-se para trás, as mãos entrelaçadas sobre sua barriga ligeiramente protuberante, e olhou diretamente para Grey. — eu podia morrer. Não pretendo, não acho que vou. Mas podia. Eu morreria mais tranquilo se soubesse que ela encontrou alguém que a protegeria e cuidaria bem dela.

— Fico lisonjeado que ache que William o faria — Grey disse secamente, embora na realidade estivesse imensamente satisfeito.

— Claro que ele o faria — Hal disse, de maneira pragmática. — É seu filho, não é?

Um sino de igreja começou a tocar, em algum lugar distante, fazendo Grey se lembrar.

— Oh! — exclamou. — Feliz Natal! Hal pareceu igualmente surpreso, mas depois sorriu.

— Para você também.

Grey ainda estava repleto de sentimentos natalinos quando partiu para Dover — literalmente repleto, já que os bolsos de seu sobretudo estavam atulhados de doces e pequenos presentes e ele carregava sob o braço um embrulho contendo o infame par de chinelos, fartamente bordado com ninfeias e sapos verdes, em fio de lã. Ele abraçara Dottie quando ela lhe deu o presente, conseguindo sussurrar em seu ouvido que sua incumbência estava cumprida. Ela o beijou com tanto vigor que ele ainda podia sentir o beijo na face e esfregou distraidamente o local.

Precisava escrever para William imediatamente — embora na realidade não houvesse nenhuma pressa em particular, já que uma carta não podia chegar mais rápido do que se ele próprio fosse entregá-la. Fora sincero com Hal; assim que um navio pudesse içar velas na primavera, ele estaria nele. Só esperava chegar a tempo.

E não apenas por Henry. As estradas estavam tão precárias quanto ele esperava e a barca de Calais estava ainda pior, mas ele estava alheio ao frio e ao desconforto da viagem. Com sua ansiedade em relação a Hal em parte aplacada, estava livre para pensar no que Nessie lhe dissera — uma informação que ele pensara em contar a Hal, mas que não contara, não querendo sobrecarregar a mente de seu irmão, podendo vir a prejudicar sua recuperação.

— Seu francês não veio aqui — Nessie lhe dissera, lambendo o açúcar dos dedos. — Mas ia ao Jackson's quando estava na cidade. Mas já foi embora; de volta à França, dizem.

— Jackson's — ele disse devagar, refletindo. Ele próprio não frequentava prostíbulos, salvo o estabelecimento de Nessie, mas certamente conhecia o Jackson's e estivera lá uma ou duas vezes com amigos. Uma casa de prostituição, oferecendo música no térreo, jogo no segundo andar e diversões mais particulares acima. Muito popular entre oficiais militares de médio escalão. Mas não era certamente um lugar que atendesse aos gostos particulares de Percy Beauchamp.

— Compreendo — ele dissera, tomando chá calmamente, sentindo o coração latejar nos ouvidos. — E você já conheceu um oficial chamado Randall-Isaacs? — Essa era a parte da carta que ele não contara a Hal; Denys Randall-Isaacs era um oficial do exército que costumava frequentar a companhia de Beauchamp, tanto na França quanto em Londres, sua informante dissera — e o nome perfurara o coração de Grey como um pingente de gelo.

Podia não passar de coincidência que um homem conhecido por sua associação com Percy Beauchamp tivesse levado William em uma expedição de espionagem a Quebec, mas ele não acreditava nisso.

Nessie levantara a cabeça abruptamente à menção de "Randall-Isaacs", como um cachorro ouvindo barulho no mato.

— Sim, já — ela disse devagar. Havia um grumo de açúcar fino em seu lábio inferior; teve vontade de limpá-lo para ela e, em outras circunstâncias, o teria feito. — Ou ouvi falar dele. É judeu, dizem.

— Judeu? — Isso o surpreendeu. — Claro que não. — Um judeu jamais teria permissão de obter uma patente no exército ou na marinha, não mais que um católico.

Nessie arqueou uma sobrancelha escura para ele.

— Talvez ele não queira que ninguém saiba — ela disse e, lambendo os lábios como um gato, limpou o coágulo de açúcar. — Mas, se não, ele deve se manter longe das meninas, é só o que posso dizer! — Riu animadamente, depois ficou séria, puxando o roupão sobre os ombros e fitando-o, os olhos escuros à luz do fogo.

— Ele também tem alguma coisa a ver com seu rapazinho, o francesinho — ela disse. — Pois uma garota do Jackson's me contou sobre o sujeito judeu e o choque que foi para ela quando ele tirou as calças. Ela disse que se recusou a se deitar com ele, só que o amigo dele, o francesinho, estava lá também, querendo assistir, e quando ele, o francesinho, quero dizer, viu que ela estava se esquivando, ofereceu-lhe o dobro, e ela aceitou. Ela disse que, no final das contas — e nesse ponto ela riu lascivamente para ele, a ponta de sua língua contra os dentes da frente que ainda possuía —, tinha sido melhor do que muitos.

— Melhor do que muitos — ele murmurou distraidamente consigo mesmo, notando apenas superficialmente o olhar desconfiado que lhe lançou o outro único

passageiro da barca com resistência suficiente para se manter no convés superior. — Maldição!

A neve caía pesadamente sobre o Canal e agora varria quase horizontalmente, conforme o vento uivante mudava de direção e a barca dava uma guinada de causar tontura e enjoo. O outro passageiro sacudiu-se e desceu, deixando Grey comendo pêssegos ao conhaque com os dedos de um vidro em seu bolso e olhando impassivelmente para a costa da França que se aproximava, apenas vislumbrada através das nuvens baixas.

24 de dezembro de 1776

Cidade de Quebec

Querido papai

Escrevo-lhe de um convento. Não, apresso-me a explicar, um do tipo de Covent Garden, mas um verdadeiro convento romano, administrado pelas irmãs ursulinas.

O capitão Randall-Isaacs e eu chegamos à cidadela no final de outubro, pretendendo visitar sir Guy e descobrir sua opinião sobre os simpatizantes locais da Insurreição americana, mas fomos informados de que sir Guy marchou para Fort Saint-Jean, para lidar pessoalmente com uma deflagração da referida Insurreição, tratando-se aqui de uma batalha naval (ou assim acho que devo chamá-la), que teve lugar no estreito lago Champlain, que se liga ao lago George, o qual talvez você mesmo tenha conhecido quando aqui esteve.

Fui enfaticamente a favor de nos juntarmos a sir Guy, mas o capitão Randall-Isaacs ficou relutante por causa da distância envolvida e da época do ano. Na verdade, sua decisão mostrou-se acertada, já que o dia seguinte trouxe uma chuva glacial, que logo deu lugar a uma uivante nevasca, tão severa que escureceu o céu a ponto de não se poder dizer se era noite ou dia, e que soterrou o mundo em neve e gelo em poucas horas. Vendo esse espetáculo da natureza, admito que minha decepção em perder a oportunidade de me unir a sir Guy foi consideravelmente aliviada.

Na realidade, eu chegaria tarde demais de qualquer modo, já que a batalha ocorreu em 1º de outubro. Somente ficamos sabendo dos detalhes em meados de novembro, quando alguns oficiais alemães do regimento do barão von Riedesel chegaram à cidadela com notícias. É mais provável que você já tenha ouvido descrições mais oficiais e diretas da batalha quando receber esta carta, mas pode haver alguns pormenores de interesse omitidos nas versões oficiais — e, para ser franco, a redação deste relato é o único trabalho disponível para mim no momento, já que recusei um gentil convite da madre superiora para assistir à missa que

farão celebrar hoje à meia-noite em observância do Natal. (Os sinos das igrejas da cidade soam a cada quarto de hora, dia e noite. A capela do convento fica logo depois do muro do albergue em que estou hospedado, no andar mais alto, e o sino fica a uns seis metros da minha cabeça quando me deito na cama. Assim, posso lhe informar com toda a certeza que agora são 9:15 da noite.)

Vamos aos pormenores, então: sir Guy ficou alarmado com a tentativa de invasão de Quebec no ano passado, mesmo tendo terminado em total fracasso, e assim resolveu aumentar seu controle sobre a nascente do Hudson, sendo esta a única via possível pela qual mais tumulto poderia vir; as dificuldades de viagem por terra sendo tão severas que impedem qualquer forma de vida senão dos mais determinados (tenho um pequeno vidro de álcool de vinho para presenteá-lo, contendo mutucas medindo quase cinco centímetros de comprimento, assim como uma boa quantidade de carrapatos, estes removidos de minha pessoa com a ajuda de mel, que os sufoca se aplicado generosamente, fazendo com que se soltem).

Apesar de a invasão do inverno passado não ter sido bem-sucedida, os homens do coronel Arnold resolveram negar a sir Guy acesso aos lagos e, assim, afundaram ou incendiaram todos os navios em Fort Saint-Jean conforme batiam em retirada, assim como incendiaram a serraria e o próprio forte.

Depois disso, sir Guy requisitou navios desmontáveis, a lhe serem enviados da Inglaterra (gostaria de tê-los visto!) e, com a chegada de dez desses navios, desceu a St. John para supervisionar a reunião deles no alto do rio Richelieu. Enquanto isso, o coronel Arnold (que parece um sujeito habilidoso, extraordinário, se metade do que ouço a seu respeito for verdade) ficou construindo freneticamente sua própria frota de galés caindo aos pedaços e corvetas tortas.

Não satisfeito com seus prodígios de navios desmontáveis, sir Guy também tinha o Indefatigable, uma fragata de cerca de 180 toneladas métricas (alguma discussão entre meus informantes quanto ao número de canhões que ele carrega; após uma segunda garrafa de clarete do convento as próprias freiras o fazem e, pela cor do nariz do padre, não é pouco o que é consumido aqui também, chegou-se ao consenso de "um montão, companheiro", sempre levando em conta erros de tradução, sendo o número final), desmontados, rebocados para o rio e lá remontados.

Aparentemente, o coronel Arnold decidiu que esperar mais tempo era perder qualquer vantagem de iniciativa que pudesse ter e partiu de seu esconderijo na ilha Valcour em 30 de setembro. Pelos relatos, ele possuía quinze embarcações, comparadas às vinte e cinco de sir Guy, todas apressadamente construídas, imprestáveis para o mar e conduzidas por marinheiros inexperientes que não sabiam distinguir uma bitácula de um joanete — a Marinha americana em toda a sua glória!

Ainda assim, não devo rir muito. Quanto mais ouço falar do coronel Arnold (e ouço muito sobre ele aqui em Quebec), mais acredito que ele deva ser um cavalheiro de fibra, como o vovô sir George gostava de dizer; gostaria de conhecê-lo um dia.

Há um coro lá fora; os habitants estão chegando à catedral próxima. Não conheço a música e estou longe demais para conseguir compreender a letra, mas posso ver o clarão de tochas do meu ninho de águia. Os sinos informam que são dez horas.

(Aliás, a madre superiora diz que o conhece — ela se chama Soeur Immaculata. Eu dificilmente deveria ficar surpreso com isso; contei-lhe que você conhece o arcebispo de Canterbury e o papa, com o que ela se mostrou muito impressionada e roga que você transmita sua mais humilde obediência à Sua Santidade quando o vir na próxima vez. Ela amavelmente me convidou para jantar e me contou histórias da tomada da cidadela em 1759 e como você alojou vários homens das Highlands no convento. Como as freiras ficaram escandalizadas com as pernas nuas dos escoceses e fizeram uma requisição de lona para fazerem calças para eles. Meu uniforme sofreu consideravelmente nas últimas semanas de viagem, mas ainda estou bem coberto da cintura para baixo, alegro-me em dizer. E a madre superiora também, sem dúvida!)

Retorno ao meu relato da batalha: a frota de sir Guy velejou para o sul, pretendendo alcançar e retomar Crown Point, depois Ticonderoga. No entanto, ao passar pela ilha Valcour, dois dos navios de Arnold surpreendeu-os, disparando contra eles em desafio. Em seguida, estes mesmos navios tentaram recuar, mas um deles (Royal Savage, disseram) não conseguiu avançar contra os ventos de proa e encalhou. Várias canhoneiras britânicas avançaram sobre ele e capturaram alguns homens, mas foram forçadas a bater em retirada sob fogo pesado dos americanos — embora não deixando de atear fogo ao Royal Savage ao fazê-lo.

Seguiu-se muita manobra no Estreito e a batalha começou a sério por volta do meio-dia, o Carleton e o Inflexible empreendendo a maior parte da ação, juntamente com as canhoneiras. O Revenge e o Philadelphia de Arnold foram seriamente atingidos no costado e o Philadelphia afundou ao anoitecer.

O Carleton continuou a disparar até que um tiro certo dos americanos cortou o cabo da âncora, deixando o navio à deriva. Ele foi pesadamente atacado e muitos de seus homens mortos ou feridos, as baixas incluindo o comandante do navio, tenente James Dacres (tenho a inquietante sensação de que já o conheci, talvez em um baile na última temporada) e os oficiais superiores. Um dos seus aspirantes assumiu o comando e levou o navio para local seguro. Disseram que foi Edward Pellew, e tenho certeza de que já o vi uma ou duas vezes, em Boodles, com tio Harry.

Em resumo, outro tiro certeiro atingiu o arsenal de uma canhoneira e a enviou pelos ares, mas enquanto isso o Inflexible finalmente entrou em ação e castigou os barcos americanos com suas armas pesadas. A menor embarcação de sir Guy desembarcou índios nas praias da ilha Valcour e nas margens do lago, assim bloqueando essa via de fuga, e o restante da frota de Arnold foi, assim, obrigado a recuar pelo lago.

Eles conseguiram passar por sir Guy, a noite estando enevoadas, e refugiaram-se na ilha Schuyler, a algumas milhas ao sul. Entretanto, a frota de sir Guy perseguiu-os e conseguiu aproximar-se deles no dia seguinte, as embarcações de Arnold estando muito estorvadas por vazamentos, danos e pelas condições do tempo, que passara a uma chuva intensa e ventos fortes. O Washington foi alcançado, atacado e forçado a se render, a tripulação de mais de cem homens sendo capturada. O resto da esquadra de Arnold, entretanto, conseguiu atravessar para a baía de Buttonmold, onde, pelo que sei, as águas são rasas demais para que os navios de sir Guy pudessem segui-lo.

Lá, Arnold foi para a praia, esvaziou e ateou fogo à sua embarcação — sua bandeira ainda tremulando, como um sinal de desafio, segundo os alemães; eles acharam engraçado, mas admiraram o feito. O coronel Arnold pessoalmente ateou fogo ao Congress, este sendo seu navio capitânia, e partiu por terra, escapando por pouco dos índios que deviam interceptá-los. Suas tropas conseguiram alcançar Crown Point, mas não se demoraram ali, parando apenas para destruir o forte antes de se retirarem para Ticonderoga.

Sir Guy não conduziu seus prisioneiros de volta a Quebec, mas devolveu-os a Ticonderoga sob uma bandeira de trégua — um gesto muito elegante e muito admirado pelos meus informantes.

10h30. Você viu a aurora borealis quando estive aqui ou era cedo demais no ano? É uma visão extraordinária. Nevou o dia inteiro, mas parou perto do pôr do sol e o céu ficou limpo. Da minha janela, vejo o lado norte e no momento há uma surpreendente cintilação que toma conta de todo o céu, ondas tremulantes de azul claro e um pouco de verde, apesar de às vezes eu ver um pouco de vermelho, que giram como gotas de tinta derramadas em água e mexidas. Não consigo ouvir no momento, por causa dos cânticos — alguém toca violino ao longe; é um som agudo e melodioso —, mas quando vi o fenômeno de fora da cidade, na floresta, há um som — ou sons — muito peculiar, que acompanha o espetáculo. Às vezes, uma espécie de leve assobio, como o do vento ao redor de um prédio, apesar de não haver nenhum movimento do ar; às vezes, um estranho ruído alto e sibilante, interrompido de vez em quando por uma fuzilaria de estalos e diques, como se uma horda de grilos avançasse sobre o ouvinte através de folhas secas — embora, quando a Aurora comece a ser vista, o frio já tenha matado há muito tempo todos

os insetos (E ainda bem! Aplicamos um unguento usado pelos índios locais, que ajudava um pouco contra picadas de moscas e mosquitos, mas que de nada adiantava para afastar a curiosidade de lacrainhas, baratas e aranhas.)

Tivemos um guia para nossa viagem entre St. John e Quebec, um mestiço (ele tinha uma notável cabeleira, cheia e encaracolada como lã de carneiro e da cor da casca da canela) que nos disse que alguns dos nativos acham que o céu é uma abóboda, separando a Terra do céu, mas que há buracos nessa cúpula e que as luzes da Aurora são as tochas do céu, enviadas para guiar os espíritos dos mortos através dos buracos.

Mas vejo que ainda tenho que terminar meu relato, embora apenas para acrescentar que, em seguida à batalha, sir Guy recolheu-se aos alojamentos de inverno em St. John e provavelmente não voltará a Quebec antes da primavera.

Agora, chego ao verdadeiro objetivo da carta. Ontem, quando acordei, descobri que o capitão Randall-Isaacs havia levantado acampamento durante a noite, deixando-me um breve bilhete em que afirmava que tinha negócios urgentes a tratar, apreciara minha companhia e valiosa assistência e que eu deveria permanecer aqui até sua volta ou a chegada de novas ordens.

A neve é profunda, pode nevar ainda mais a qualquer momento, e os negócios têm que ser realmente muito urgentes para compelir um homem a se aventurar a qualquer distância. Estou, é claro, um pouco transtornado com a partida repentina do capitão Randall-Isaacs, curioso quanto ao que possa ter acontecido para causá-la e um pouco ansioso quanto ao seu bem-estar. Entretanto, esta não parece ser uma situação em que eu tenha justificativa para ignorar minhas ordens e, assim... eu espero.

11h30. Parei de escrever por um curto espaço de tempo, afim de observar o céu. As luzes da Aurora vêm e vão, mas creio que tenham desaparecido definitivamente agora; o céu está negro, as estrelas brilhantes, mas minúsculas em contraste com o brilho desaparecido das luzes. Há um grande vazio no céu que raramente se percebe na cidade. Apesar do barulho dos sinos, das fogueiras na praça e dos cânticos das pessoas — há um tipo de procissão em andamento —, posso sentir o grande silêncio mais além.

As freiras estão entrando na capela. Debrucei-me na janela há pouco para vê-las caminhando apressadamente, duas a duas, como uma coluna militar em marcha, seus hábitos e mantos escuros fazendo-as parecer pequenos pedaços da noite, vagando entre as estrelas de suas tochas. (Estou escrevendo há muito tempo, perdoe as fantasias de uma mente exausta.)

Este é o primeiro Natal que passo completamente longe de casa ou da família. O primeiro de muitos, sem dúvida.

Sempre penso em você, papai, e espero que esteja bem e preparando-se

para assar um ganso amanhã com vovó e vovô sir George. Dê-lhes meu amor, por favor, assim como a tio Hal e sua família. (E para minha Dottie, em especial.)

Um Natal muito feliz, de seu filho

William

PS.: 2 da madrugada. Desci, afinal, e fiquei nos fundos da capela. Foi um pouco papista, e havia uma grande quantidade de incenso, mas fiz uma prece para mamãe Geneva e para mamãe Isobel. Quando saí da capela, vi que as luzes tinham voltado. Agora são azuis.



O ÂMAGO DAS PROFUNDEZAS

15 de maio de 1777

Queridos

Odeio barcos. Eu os detesto com todas as forças do meu ser. No entanto, vejo-me mais uma vez lançado no terrível seio do mar, a bordo de uma embarcação chamada Tranquil Teal, ou calmo verde-azulado, de onde podem deduzir o humor estranho e sombrio do capitão. Este senhor é um contrabandista mestiço, de aspecto maligno e mal-humorado, que me diz, descaradamente, que seu nome é Trustworthy Roberts, ao pé da letra: Confiável Roberts.

Jamie parou para mergulhar a pena na tinta, olhou para a costa da Carolina do Norte que se distanciava e, observando-a subir e descer de uma maneira inquietante, fixou os olhos imediatamente na página que pregara em sua mesinha de colo para impedir que fosse levada pela forte brisa que enfunava as velas acima de sua cabeça.

Estamos bem de saúde, escreveu devagar. Deixando de lado a ideia de enjoo, na qual não queria pensar. Perguntou-se se deveria lhes contar sobre Fergus.

— Está se sentindo bem? Ele ergueu os olhos e viu Claire, inclinando-se para espreitá-lo, com aquela expressão de intensa mas cautelosa curiosidade, que ela reservava às pessoas que podiam a qualquer momento vomitar, verter sangue ou morrer. Ele já fizera os dois primeiros, em consequência de ela ter acidentalmente enfiado uma de suas agulhas em um pequeno vaso sanguíneo em seu couro cabeludo, mas esperava que ela não visse nenhum outro sinal de sua morte iminente.

— Bastante bem. — Ele não queria nem sequer pensar em seu estômago, por medo de incitá-lo, e mudou de assunto a fim de evitar mais discussões. — Devo contar a Brianna e Roger a respeito de Fergus?

— Quanta tinta você tem? — ela perguntou, com um sorriso oblíquo. — Sim, claro que deve. Terão muito interesse em saber. E isso vai distraí-lo — ela acrescentou, olhando-o com os olhos ligeiramente estreitados. — Você ainda está um

pouco verde.

— Sim, obrigado. Ela riu com a alegre insensibilidade do bom marinheiro, beijou o topo da cabeça dele — evitando as quatro agulhas que se projetavam de sua testa — e foi postar-se junto à balaustrada, observando a terra oscilante desaparecer gradualmente de vista. Ele desviou o olhar da inquietante paisagem e retornou à sua carta.

Fergus e sua família também estão bem, mas devo lhes contar uma ocorrência intrigante. Um homem que se denomina Percival Beauchamp...

Ele precisou quase de toda a página para descrever Beauchamp e seu desconcertante interesse. Ergueu os olhos para Claire, imaginando se deveria também incluir a possibilidade de parentesco de Beauchamp com a família dela, mas resolveu não o fazer. Sua filha certamente conhecia o nome de solteira de sua mãe e notaria isso na mesma hora. Ele não tinha nenhuma informação útil para lhe dar a esse respeito — e sua mão começava a doer.

Claire continuava junto à balaustrada, uma das mãos apoiando-se nela para se equilibrar, o rosto sonhador.

Ela havia amarrado os cabelos para trás com uma fita, mas o vento soltava algumas mechas, e com os cabelos, as saias e o xale esvoaçando para trás, o tecido do seu vestido moldando o que ainda eram belos seios, ele achou que ela parecia uma daquelas carrancas de navio, graciosa e feroz, um espírito protetor contra os perigos das profundezas.

Achou esse pensamento obscuramente reconfortante e retornou mais animado à redação, apesar do conteúdo perturbador que ele agora precisava confidenciar.

Fergus decidiu não falar com monsieur Beauchamp, o que achei prudente, e assim presumimos que esse seria o fim da questão.

No entanto, enquanto estávamos em Wilmington, fui às docas certa noite, ao encontro do sr. DeLancey Hall, nossa conexão com o capitão Roberts. Devido à presença de um navio de guerra inglês no porto, o combinado é que deveríamos subir discretamente a bordo do brigade de pesca do sr. Hall, que nos transportaria para fora do porto, onde então passaríamos ao Teal, já que o capitão Roberts não gostava da proximidade com o navio britânico. (Essa é uma reação universal por parte dos comandantes de navios mercantes e navios de guerra particulares, devido tanto à prevalência de contrabando a bordo da maioria dos navios quanto à atitude voraz da Marinha em relação às tripulações dos navios, que são rotineiramente sequestradas — recrutadas compulsoriamente, eles dizem — e para todos os fins escravizadas pelo resto da vida, a não ser que estejam dispostas a

serem enforcadas por deserção.)

Eu havia trazido comigo alguns pequenos itens de bagagem, pretendendo, sob o pretexto de levá-los a bordo para inspecionar tanto o brigue quanto o sr. Hall mais detalhadamente antes de confiar nossas vidas a ambos. Mas o brigue não estava ancorado e o sr Hall não apareceu durante algum tempo, de modo que comecei a ficar preocupado, pensando que tivesse confundido suas instruções ou que ele tivesse fugido da Marinha de Sua Majestade, de algum outro patife ou de um navio corsário.

Esperei até escurecer e já estava prestes a retornar à nossa hospedaria quando vi um pequeno barco entrar no porto com uma lanterna azul na popa. Era o sinal do sr Hall e o barco era seu brigue, que eu o ajudei a amarrar no desembarcadouro. Ele me disse que tinha algumas notícias e nós nos dirigimos a uma taverna local, onde ele me disse que estivera em New Bern no dia anterior e que encontrara a cidade em pandemônio, devido a um deplorável ataque ao tipógrafo, sr. Fraser.

Segundo o relato, ele — Fergus — estava fazendo seu percurso de distribuição e acabara de descer da carroça puxada por Clarence quando alguém veio de trás e saltou à sua frente, enfiando uma saca em sua cabeça, enquanto outra pessoa tentava ao mesmo tempo agarrar suas mãos, provavelmente com a intenção de amarrá-las. Fergus naturalmente resistiu energicamente ao ataque e, segundo a história do sr Hall, conseguiu ferir um dos atacantes com seu gancho, havendo certa quantidade de sangue corroborando sua suposição. O homem ferido caiu para trás com um grito e proferiu muitos insultos aos berros (eu gostaria de saber quais foram essas imprecações, afim de descobrir se o sujeito era francês ou inglês, mas essa informação não foi fornecida), quando então Clarence (de quem você provavelmente se lembra) ficou agitada e aparentemente mordeu o segundo agressor, ele e Fergus tendo caído contra a mula em sua luta. O segundo homem foi desencorajado por essa vigorosa intervenção, mas o primeiro retornou à briga nesse ponto e Fergus — ainda encapuzado, mas pedindo socorro — atracou-se com ele, atacando-o novamente com seu gancho. Alguns relatos (segundo o sr. Hall) alegam que o bandido arrancou o gancho do pulso de Fergus, enquanto outros alegam que Fergus conseguiu atingi-lo outra vez, mas que o gancho se prendeu nas roupas do bandido e foi arrancado na luta.

De qualquer modo, as pessoas na pensão de Thompson ouviram o tumulto e saíram correndo, quando então os bandidos fugiram, deixando Fergus um pouco ferido e muito indignado com a perda de seu gancho, mas fora isso ileso, graças a Deus e a S. Dimas (sendo este o padroeiro particular de Fergus).

Interroguei o sr. Hall o mais detalhadamente possível, mas havia pouco mais a dizer. Ele contou que a opinião pública estava dividida, com muitos dizendo

que foi uma tentativa de deportação e que os Filhos da Liberdade eram os culpados do ataque, enquanto alguns membros dos Filhos da Liberdade negavam indignadamente tal acusação, alegando tratar-se de obra dos Legalistas furiosos com a publicação de Fergus de um discurso particularmente incitante de Patrick Henry, e que o rapto era um prelúdio ao alcatrão e penas. Aparentemente, Fergus tem sido tão bem-sucedido em evitar parecer tomar partido no conflito que é provável que ambos os lados tenham igualmente se ofendido e decidido eliminar sua influência.

Isso, é claro, é possível. Mas, com a presença e o comportamento do sr. Beauchamp em mente, creio que uma terceira explicação seja mais provável. Fergus recusou-se a falar com ele, mas não teria sido necessária muita investigação para descobrir que, apesar do seu nome e de sua mulher escocesa, Fergus era francês. Sem dúvida, a maioria dos habitantes de New Bern sabe disso e alguém pode facilmente ter dito isso a ele.

Confesso não ter a menor ideia do motivo que Beauchamp poderia ter para querer raptar Fergus, em vez de simplesmente ir confrontá-lo pessoalmente para averiguar se ele poderia ser a pessoa que o cavalheiro alegava estar à procura. Imagino que ele não pretenda causar nenhum mal imediato a Fergus, pois, se quisesse, teria sido simples mandar matá-lo; há muitos homens sem nenhuma filiação e de mau caráter vagando pela colônia ultimamente.

A ocorrência é preocupante, mas pouco posso fazer a respeito em minha precária posição atual. Enviei uma carta a Fergus — ostensivamente com referência às especificações de um trabalho de impressão — que lhe informa que depusitei uma quantia com um ourives em Wilmington, que ele pode sacar em caso de necessidade. Eu havia discutido com ele os perigos de sua atual situação, sem saber na época o quanto poderia realmente ser perigoso, e ele concordou que poderia haver alguma vantagem para a segurança de sua família se ele se mudasse para uma cidade onde a opinião pública fosse mais alinhada com suas próprias inclinações. Esse último incidente pode forçar sua decisão, ainda mais quando a proximidade a nós já não é uma consideração.

Teve que parar outra vez, já que a dor se irradiava pela sua mão e subia pelo pulso. Esticou os dedos, contendo um gemido; parecia que um fio quente de metal golpeava-o de seu quarto dedo até o antebraço em breves choques elétricos.

Ele estava mais do que preocupado com Fergus e sua família. Se Beauchamp tentara uma vez, iria tentar novamente. Mas por quê?

Talvez o fato de ser francês não fosse prova suficiente de que ele era Claudel Fraser que Beauchamp procurava e, assim, ele tenha resolvido tirar a dúvida em particular, por quaisquer meios necessários. Era possível, mas isso demonstrava

uma frieza de propósito que perturbava Jamie mais do que ele quis dizer na carta.

E, para ser justo, tinha que admitir que a ideia de que o ataque tivesse sido executado por pessoas de sensibilidade política exaltada era uma possibilidade real, e talvez de maior probabilidade do que as sinistras intenções de monsieur Beauchamp, que eram altamente românticas e teóricas.

— Mas não vivi todo este tempo para não saber reconhecer o cheiro de um rato quando vejo um — murmurou, ainda esfregando a mão.

— Jesus H. Roosevelt Cristo! — exclamou sua figura de proa pessoal, aparecendo repentinamente ao seu lado com uma expressão de acentuada preocupação. — Sua mão!

— Sim? — Abaixou os olhos para ela, o rosto crispado de desconforto. — O que tem de errado? Todos os meus dedos ainda estão no lugar.

— Isso é o máximo que se pode dizer por ela. Parece o nó górdio. — Ela ajoelhou-se a seu lado e tomou a mão dele nas suas, massageando-a vigorosamente, o que sem dúvida era útil, mas tão imediatamente doloroso que fez os olhos dele lacrimejarem. Fechou-os, respirando devagar através dos dentes cerrados.

Ela o repreendia por escrever tanto de uma só vez. Qual era a pressa, afinal? — Só chegaremos a Connecticut daqui a dias, e depois levaremos meses a caminho da Escócia. Você podia escrever uma frase por dia e citar todo o Livro de Salmos ao longo do caminho.

— Eu quis escrever — ele disse. Ela disse algo depreciativo num sussurro, em que figuravam as palavras "escocês" e "cabeça-dura", mas ele preferiu não dar atenção. Ele realmente quis escrever; clareava seus pensamentos colocá-los em preto e branco, e era até certo ponto um alívio expressá-los no papel, em vez de ficar com a preocupação entupindo sua cabeça como lama nas raízes do mangue.

Além disso — não que ele precisasse de uma desculpa, pensou, estreitando os olhos para o topo da cabeça inclinada de sua mulher —, ver a costa da Carolina do Norte desaparecer o fizera sentir saudades de sua filha e Roger Mac, e ele precisara da sensação de conexão que escrever para eles lhe proporcionava.

— *Acha que irá vê-los?* — Fergus lhe perguntara, pouco antes de se despedirem. — *Talvez você vá à França.* — No que dizia respeito a Fergus, Marsali e aos habitantes de Ridge, Brianna e Roger Mac tinham ido para a França, fugindo da guerra iminente.

— Não — ele dissera, esperando que o desalento em seu coração não transparecesse em sua voz. — Duvido que a gente se veja outra vez algum dia.

A forte mão direita de Fergus fechara-se com força em seu antebraço, depois relaxara.

— A vida é longa — ele disse serenamente.

— Sim — ele respondera, mas pensara *"A vida de ninguém é tão longa*

assim". Sua mão estava mais relaxada agora; embora ela ainda a massageasse, os movimentos já não doíam tanto.

— Eu também sinto saudade deles — ela disse serenamente, e beijou os nós dos dedos de sua mão. — Me dê a carta, eu a termino.



A mão de seu pai não aguenta mais por hoje. Há algo notável a respeito do navio, além do nome do capitão. Eu estava lá embaixo no porão hoje, no começo do dia, e vi um bom número de caixas, todas gravadas com o nome Mrnold" e "New Haven, Connecticut". Eu disse ao taifeiro (cujo nome é o muito corriqueiro "John Smith", embora sem dúvida para compensar essa inquietante falta de distinção ele tenha três brincos de ouro em uma das orelhas e dois na outra. Ele me disse que cada um representa a sobrevivência de um naufrágio. Espero que seu pai não venha a saber disso) que o sr. Arnold devia ser um comerciante muito bem-sucedido. O sr Smith riu e disse que, de fato, o sr. Benedict Arnold é um coronel do Exército Continental e, na verdade, um oficial muito valente. As caixas deverão ser entregues a sua irmã, srta. Hannah Arnold, que cuida dos seus três filhos pequenos e de sua loja de grãos e artigos importados, enquanto ele está lidando com a guerra.

Devo dizer que senti um calafrio percorrer minha espinha ao ouvir isso. Conheci homens cuja história eu já conhecia — e ao menos um desses eu sabia que estava fadado a um terrível destino. Mas você não se acostuma com a sensação. Olhei para aquelas caixas e me perguntei — eu deveria escrever para a srta. Hannah? Descer do navio em New Haven e ir vê-la? E lhe dizer o que, exatamente?

Toda a nossa experiência até esta data sugere que não existe absolutamente nada que eu pudesse fazer para alterar o que vai acontecer E olhando a situação objetivamente não vejo como... e entretanto. E entretanto!

E, entretanto, estive próxima de tantas pessoas cujas ações têm um feito perceptível, quer terminem fazendo história ou não. Como poderia não ser assim?, seu pai pergunta. As ações de todo mundo têm algum efeito no futuro. E obviamente ele tem razão. E, entretanto, passar tão perto de um nome como Benedict Arnold faz uma pessoa dar uma guinada para a direita, como o capitão Roberts gosta de dizer (Sem dúvida uma situação que fizesse alguém dar uma guinada para a esquerda seria realmente muito surpreendente.)

Bem. Retornando tangencialmente ao assunto original desta carta, o misterioso monsieur Beauchamp. Se você ainda tiver as caixas de documentos e

livros do escritório de seu pai — de Frank, quero dizer — em casa, e tiver um momento livre, talvez queira examiná-los e ver se encontra uma velha pasta de papelão com um brasão desenhado em lápis de cor. Creio que é em azul e dourado, e recordo-me que possui pássaros. Com sorte, deve conter a árvore genealógica da família Beauchamp que meu tio Lamb desenhou para mim, há tantos e tantos anos.

Você pode dar uma olhada e ver se o nome que consta em 1777 seria de um Percival. Somente por curiosidade.

O vento aumentou um pouco e o mar está ficando revolto. Seu pai ficou um pouco pálido e viscoso, como isca de peixe; vou terminar aqui e levá-lo para baixo para vomitar tranquilamente e tirar um cochilo, creio eu.

Com todo o meu amor, Mamãe

*CERVO ACUADO*

Roger soprou cuidadosamente a boca de uma garrafa de cerveja vazia, produzindo um gemido grave, gutural. Quase. Talvez, um pouco mais profundo... e certamente faltava aquele som nostálgico, aquela inflexão áspera. Mas o tom... Levantou-se e vasculhou a geladeira, encontrando o que procurava atrás de um pedaço de queijo e seis caixas de margarina cheias de só Deus sabia o quê; a probabilidade é que não fosse de margarina.

Não restavam mais do que dois ou três dedos de champanhe no fundo da garrafa — remanescente do jantar comemorativo da semana anterior, em homenagem ao novo emprego de Bri. Alguém havia parcimoniosamente coberto a boca da garrafa com papel de alumínio, mas a bebida, é claro, ficara choca. Foi esvaziar a garrafa na pia, mas uma vida inteira de parcimônia escocesa não podia ser tão facilmente negligenciada. Sem mais do que um instante de hesitação, tomou o resto do champanhe, abaixando a garrafa vazia para se deparar com Annie MacDonald segurando Amanda pela mão e olhando fixamente para ele.

— Bem, ao menos você ainda não está colocando isso nos cereais do café da manhã — ela disse, passando por ele. Içou Mandy para sua cadeirinha alta e saiu, sacudindo a cabeça diante do baixo caráter moral de seu patrão.

— Me dá, papai! — Mandy estendeu a mão para a garrafa, atraída pelo rótulo brilhante. Com a pausa estatutária de um pai, enquanto repassava mentalmente os potenciais cenários de destruição, ele lhe deu, em vez disso, seu copo de leite e assobiou pela boca canelada da garrafa de champanhe, produzindo um tom melodioso e grave. Sim, era isso, algo próximo do fá abaixo do dó. — De novo, papai! — Mandy ficou encantada. Sentindo-se levemente embaraçado, ele assoviou outra vez, desencadeando uma cascata de risadinhas de Mandy. Ele pegou a garrafa de cerveja e soprou, depois alternou entre uma e outra, produzindo uma variação de duas notas à canção "Mary tinha um carneirinho".

Atraída pelo assovio e gritinhos arrebatados de Mandy, Brianna apareceu no vão da porta, um brilhante capacete rígido de plástico azul na mão.

— Pretendendo começar sua própria banda de garrafas? — ela perguntou.

— Já tenho uma — ele respondeu, e tendo concluído que o pior que Mandy conseguiria fazer com a garrafa de champanhe era deixá-la cair no tapete, entregou-a a ela e dirigiu-se ao corredor com Brianna, onde a puxou com força para si e beijou-a longamente, a porta de baeta fechando-se com um som abafado.

— Champanhe no café da manhã? — ela interrompeu o beijo apenas o suficiente para perguntar, depois voltou ao beijo, sentindo o gosto dele.

— Precisava da garrafa — ele murmurou, sentindo o gosto dela também. Ela comera mingau com manteiga e mel no café da manhã, e sua boca estava doce, acentuando o amargo do champanhe nas bordas de sua língua. O corredor estava frio, mas ela estava quente como uma torrada sob o pulôver de lã. Seus dedos demoraram-se logo abaixo da barra do pulôver, na pele nua e macia na base de sua coluna. — Tenha um bom dia — ele sussurrou. Lutou contra o desejo de deslizar os dedos pelas costas de sua calça jeans; não era respeitoso estar passando a mão no traseiro da novíssima inspetora da Hidrelétrica do Norte da Escócia. — Vai trazer o capacete para casa, depois?

— Claro. Por quê? — Achei que talvez pudesse usá-lo na cama. — Pegou-o de sua mão e colocou-o delicadamente na cabeça de sua mulher. Isso fez com que seus olhos ficassem azul-marinhos.

— Use-o e eu lhe direi o que eu queria com a garrafa de champanhe.

— Oh, está aí uma proposta que não posso re... Os olhos azul-marinhos deslizaram repentinamente para o lado e Roger olhou naquela direção, deparando-se com Annie no final do corredor, vassoura e pano de pó na mão e uma expressão de profundo interesse no rosto fino.

— Sim. Ah... tenha um bom dia — Roger disse, soltando-a apressadamente.

— Você, também. — Contendo uma risada, Brianna segurou-o com firmeza pelos ombros e beijou-o, antes de descer o corredor a passos largos e passar por uma espantada Annie de olhos arregalados, a quem ela irreverentemente desejou um bom-dia em gaélico.

Ouviu-se um barulho repentino na cozinha. Ele virou-se automaticamente para a porta de baeta, embora menos da metade de sua atenção estivesse no incipiente desastre. A maior parte estava concentrada na súbita percepção de que sua mulher parecia ter partido para o trabalho sem usar calcinha por baixo.

Mandy conseguira, só Deus saberia como, atirar a garrafa de champanhe pela janela e estava de pé em cima da mesa, tentando alcançar a vidraça estilhaçada, cheia de cacos pontiagudos, quando Roger entrou correndo.

— Mandy! — Ele agarrou-a, tirou-a da mesa e no mesmo instante deu-lhe uma palmada. Ela emitiu um grito lancinante e ele levou-a dali debaixo do braço, passando por Annie Mac, que estava parada à porta com a boca e os olhos redondos

como "O"s. — Recolha os cacos, sim? — ele disse.

Sentia-se muito culpado; o que estava pensando, dando-lhe a garrafa? Quanto mais deixá-la sozinha com ela! Também sentia certa irritação com Annie Mac — afinal, ela fora contratada para tomar conta das crianças —, mas a noção de justiça o fez admitir que antes de sair ele devia tê-la feito voltar para tomar conta de Mandy. A irritação estendeu-se a Bri, também, arrogantemente correndo para seu novo emprego, esperando que ele cuidasse da casa.

Mas ele reconheceu que sua irritação era apenas uma tentativa de fugir do sentimento de culpa e fez o possível para afastá-la enquanto consolava Mandy, tendo uma pequena conversa sobre não ficar em pé em mesas, não atirar coisas na casa, não tocar em coisas pontiagudas, chamar um adulto se precisasse de ajuda — sem nenhuma chance, pensou, com um sorriso interior; Mandy era a criança de três anos mais independente que ele já vira. O que era dizer muito, considerando-se que ele também vira Jem nessa idade.

Uma coisa se podia dizer de Mandy: ela não guardava rancor. Cinco minutos depois de levar uma palmada e ser repreendida, já estava rindo e suplicando-lhe que brincasse de boneca com ela.

— Papai precisa trabalhar hoje de manhã — ele disse, mas inclinou-se para que ela pudesse subir em seus ombros. — Venha, vamos procurar Annie Mac. Talvez você e as bonecas possam ajudá-la a arrumar a despensa.

Deixando Mandy e Annie Mac alegremente trabalhando na despensa, supervisionadas por uma coleção de bonecas surradas e bichos de pelúcia encardidos, ele voltou ao seu gabinete e retirou o caderno de anotações em que estava transcrevendo as canções que ele tão diligentemente gravara na memória. Tinha uma reunião mais para o fim da semana com Siegfried MacLeod, o diretor do coro na igreja de St. Stephen, e pretendia apresentar-lhe uma cópia de algumas das canções mais raras, como forma de criar uma disposição favorável.

Achava que iria precisar. O dr. Weatherspoon mostrara-se confiante, dizendo que MacLeod ficaria encantado em ter ajuda, especialmente com o coro de crianças, mas Roger já passara bastante tempo em círculos acadêmicos, lojas maçônicas e tavernas do século XVIII para saber como funcionava a política local. MacLeod podia muito bem se ressentir de lhe impingirem um forasteiro — por assim dizer — sem aviso prévio.

E havia a delicada questão de um mestre do coro que não podia cantar. Ele tocou a garganta, com sua cicatriz áspera.

Ele se consultara com dois especialistas, um em Boston, outro em Londres. Ambos disseram a mesma coisa. Havia uma possibilidade de que a cirurgia melhorasse sua voz, ao remover algumas das cicatrizes em sua laringe. Havia uma possibilidade igual de que a cirurgia causasse ainda mais danos — ou destruísse

completamente a sua voz. — A cirurgia das cordas vocais é muito delicada — um dos médicos lhe dissera, sacudindo a cabeça. — Normalmente, não corremos esse risco a não ser em casos de necessidade extrema, como um tumor cancerígeno, uma malformação congênita que impede a fala inteligível ou uma forte razão profissional. Um famoso cantor com nódulos, por exemplo; nesse caso, o desejo de restaurar a voz pode ser motivo suficiente para correr o risco da cirurgia, embora em tais casos, em geral, não haja um grande risco de deixar a pessoa permanentemente muda. Em seu caso...

Ele pressionou dois dedos contra a garganta e cantarolou com os lábios fechados, sentindo a tranquilizante vibração. Não. Ele se lembrava muito bem de como era se sentir impossibilitado de falar. Estava convencido, na época, de que nunca mais voltaria a falar — muito menos cantar — outra vez; a lembrança desse desespero o fez suar. Nunca mais falar com seus filhos, com Bri? Não, não iria correr esse risco.

Os olhos do dr. Weatherspoon demoraram-se em sua garganta com interesse, mas ele não dissera nada. MacLeod poderia ter menos tato.

Aqueles que o Senhor ama, Ele pune. Weatherspoon — diga-se a seu favor — não dissera isso no decorrer da conversa. No entanto, fora essa a citação escolhida para a discussão do Grupo de Bíblia naquela semana; foi impressa em seu boletim, que estava sobre a escrivaninha do reitor. E no estado de espírito hipersensível de Roger na ocasião tudo parecia uma mensagem.

— Bem, se é isso o que Você tem em mente, agradeço o elogio — disse em voz alta. — Mas tudo bem comigo se eu não for Seu favorito apenas esta semana.

Isso foi dito jocosamente, mas não havia como negar a raiva por trás de suas palavras. O ressentimento de ter que provar a si mesmo — para si mesmo — mais uma vez. Tivera que o fazer fisicamente da última vez. Fazê-lo agora de novo, espiritualmente, neste mundo enganoso, mais complicado? Ele estivera disposto, não?

— Você perguntou. Desde quando você não aceita Sim como resposta? Estou perdendo alguma coisa aqui?

Bri achara que sim; a intensidade da discussão que tiveram voltou para ele agora, fazendo-o corar de vergonha.

— Você tinha... eu achava que você tinha — ela corrigira — uma vocação. Talvez não seja assim que os protestantes denominam isso, mas é o que é, certo? Você me disse que Deus falou com você. — Seus olhos estavam fixos nele, intensos, inabaláveis, e tão penetrantes que ele teve vontade de desviar os seus, mas não o fez. — Você acha que Deus muda de opinião? — ela perguntou mais serenamente e pousou a mão em seu braço, apertando-o. — Ou acha que você estava enganado?

— Não — ele dissera, após um instante de reflexão. — Não, quando alguma

coisa assim acontece... bem, quando de fato aconteceu, eu não tinha nenhuma dúvida.

— E tem agora?

— Você fala como sua mãe. Fazendo um diagnóstico. — Falara por brincadeira, mas não era. Bri parecia-se com seu pai fisicamente a tal ponto que raramente via nela algo que lembrasse Claire, mas a calma franqueza de suas perguntas era típica de Claire Beauchamp. Assim como o leve arqueamento de uma das sobrelanceiras, esperando uma resposta. Ele respirou fundo. — Não sei.

— Sabe, sim. A raiva aflorou, repentina e intensa, e ele libertou o braço de sua mão com um movimento brusco.

— Desde quando você me diz o que eu sei e o que não sei? Ela arregalou os olhos ainda mais.

— Eu sou casada com você.

— Acha que isso lhe dá o direito de tentar ler meus pensamentos?

— Acho que isso me dá direito de me preocupar com você!

— Bem, não o faça! Fizeram as pazes, é claro. Beijaram-se — bem, um pouco mais do que isso — e perdoaram-se. Perdoar, é claro, não significava esquecer.

"Sabe, sim." Ele sabia? — Sim — disse desafiadoramente para a torre, visível da janela. — Sim, eu sei muito bem! — O que fazer com isso: essa era a dificuldade.

Será que ele estaria predestinado a ser um ministro, mas não presbiteriano? Se tornar ministro de uma igreja autônoma, evangélica... católica? A ideia era tão perturbadora que se sentiu obrigado a se levantar e caminhar um pouco de um lado para o outro. Não que ele tivesse alguma coisa contra católicos — bem, salvo os reflexos inerentes a uma vida como protestante nas Highlands —, mas ele simplesmente não conseguia imaginar isso. "Se passando para o lado de Roma", é como a sra. Ogilvy e a sra. MacNeil e todo o resto veriam isso ("Indo direto para o Mau Lugar" sendo a implicação não enunciada); sua deserção seria discutida em tons sussurrados de absoluto horror durante... bem, durante anos. Riu relutantemente diante do pensamento.

Bem, e além do mais ele não podia ser um padre católico, não é? Não com Bri e as crianças. Isso o deixou um pouco mais calmo e ele sentou-se outra vez. Não. Ele teria que confiar que Deus — através da interferência do dr. Weatherspoon — pretendia mostrar-lhe o caminho através desta passagem particularmente espinhosa de sua vida. E se ele o fizesse... bem, isso não era em si mesmo prova de predestinação?

Roger gemeu, tirou toda essa preocupação de sua cabeça e lançou-se obstinadamente em seu caderno de anotações.

Alguns dos poemas e canções que ele registrara eram famosos: seleções de sua vida anterior, canções tradicionais que ele cantara como artista. Muitas das mais raras ele obtivera durante o século XVIII; de imigrantes escoceses, viajantes, caixeiros-viajantes e homens do mar. E algumas ele desencavara da coleção de caixas que o reverendo lhe deixara. A garagem da antiga casa residencial do ministro estava repleta delas e ele e Bri não haviam feito mais do que um pequeno entalhe na coleção. Pura sorte que ele tivesse encontrado a caixa de madeira contendo as cartas tão pouco tempo depois de sua volta.

Ergueu os olhos para ela, tentado. Não podia ler as cartas sem Bri; não seria direito. Mas os dois livros — haviam examinado os livros superficialmente quando encontraram a caixa, mas estavam preocupados principalmente com as cartas, a fim de descobrir o que acontecera a Claire e Jamie. Sentindo-se como Jem surrupiando um pacote de biscoitos de chocolate, trouxe a caixa para baixo cuidadosamente — era muito pesada — e colocou-a sobre a escrivaninha, investigando cuidadosamente sob as cartas.

Os livros eram pequenos, o maior era o que chamavam de formato in oitavo, com cerca de 18 x 13cm. Era um tamanho comum, de uma época em que o papel era caro e difícil de ser obtido. O menor seria talvez um "crown sixteenmo", com apenas 11 x 13cm aproximadamente. Sorriu levemente, pensando em Ian Murray; Brianna lhe contara a reação escandalizada de seu primo à sua descrição de papel higiênico. Talvez nunca mais conseguisse limpar o traseiro sem uma sensação de extravagância.

O pequeno estava cuidadosamente encadernado em couro de bezerro tingido de azul, com as páginas orladas de dourado; um livro caro, muito bonito. Princípios básicos de saúde, intitulava-se, do dr. C. E. B. E Fraser. Uma edição limitada, produzida por A. Bell, Tipógrafo, Edimburgo.

Isso lhe deu uma pequena sensação de euforia. Então, eles haviam conseguido chegar à Escócia, sob os cuidados do capitão Trustworthy Roberts. Ou, ao menos, imaginava que deviam ter conseguido — embora o estudioso nele o prevenisse de que isso não era prova; sempre era possível que os originais manuscritos houvessem de algum modo chegado à Escócia, sem que necessariamente tivessem sido levados pelo autor pessoalmente.

Eles teriam vindo para Lallybroch?, perguntou-se. Olhou em volta do aposento gasto, confortável, facilmente visualizando Jamie à grande escrivaninha antiga junto à janela, examinando os livros de contabilidade da fazenda com seu cunhado. Se a cozinha era o coração da casa — e era —, este aposento provavelmente sempre fora seu cérebro.

Movido por impulso, ele abriu o livro e quase ficou sem ar. O frontispício, no estilo comum do século XVIII, mostrava uma gravura do autor. Um médico,

perfeitamente arrumado em uma peruca amarrada com um laço e casaco preto, com um lenço de pescoço alto e preto, do alto do qual o rosto de sua sogra olhava serenamente para ele.

Ele riu alto, fazendo Annie Mac espreitar com curiosidade para dentro do gabinete, para o caso de ele estar tendo algum tipo de ataque, assim como estar falando sozinho. Ele abanou a mão, dispensando-a, e fechou a porta antes de retornar ao seu livro.

Era ela, sem dúvida. Os olhos bem separados sob as sobrancelhas escuras, os ossos graciosos e bem delineados das faces, das têmporas e do maxilar. Quem quer que tivesse feito a gravura não conseguira reproduzir sua boca perfeitamente; aqui tinha uma forma mais severa, o que era bom — nenhum homem tinha lábios como os dela.

De quando seria...? Verificou a data de impressão: MDCCLXXVIII. 1778. Não muito depois de quando ele a vira pela última vez, portanto — e ainda parecendo bem mais jovem do que ele sabia que ela era.

Haveria uma gravura de Jamie no outro...? Pegou-o e abriu-o. De fato, outra gravura a buril, embora esta fosse um desenho mais simples. Seu sogro, sentado em uma bergère, os cabelos amarrados simplesmente para trás, um xale de xadrez drapejado sobre o encosto da poltrona atrás dele e um livro aberto sobre o joelho. Ele lia para uma criança pequena sentada em seu outro joelho — uma menina de cabelos escuros e encaracolados. O rosto dela estava virado, absorta na história. Claro — o entalhador não podia saber como era o rosto de Mandy.

Histórias do vovô, o livro intitulava-se, com o subtítulo: Histórias das Highlands da Escócia e do interior das Carolinas, de James Alexander Malcolm Mackenzie Fraser. Novamente, impresso por A. Bell, Edimburgo, no mesmo ano. A dedicatória dizia simplesmente: Aos meus netos.

O retrato de Claire o fizera rir; este quase o levava às lágrimas, e ele fechou o livro delicadamente.

Quanta fé eles tiveram. Para criar, guardar, enviar essas coisas, esses frágeis documentos, através dos anos, apenas com a esperança de que sobreviveriam e alcançariam aqueles a quem se destinavam. Fé de que Mandy estaria ali para lê-lo um dia. Engoliu em seco, um nó dolorido na garganta.

Como conseguiram? Bem, diziam que a fé remove montanhas, ainda que a dele no momento não parecesse adequada para achatar um montículo de toupeira. — Santo Deus — ele murmurou, sem saber se era simples frustração ou um pedido de ajuda.

Um rápido movimento através da janela chamou sua atenção do documento e ele levantou os olhos e viu Jem saindo da porta da cozinha na outra extremidade da casa. Estava com o rosto vermelho, os ombros arqueados e tinha uma grande sacola

de barbante em uma das mãos, através de cuja trama ele pôde ver uma garrafa de refrigerante de limão, um pão inteiro e alguns outros comestíveis. Surpreso, Roger olhou para o relógio sobre o console da lareira, achando que perdera inteiramente a noção do tempo — mas não perdera. Era uma hora.

— O que diabos... Afastando o documento para o lado, levantou-se e dirigiu-se aos fundos da casa, emergindo bem a tempo de ver a pequena figura de Jem, vestido de calça jeans e blusão — ele não podia usar calça jeans na escola — dirigindo-se ao campo de feno.

Roger poderia tê-lo alcançado com facilidade, mas em vez disso diminuiu o passo, seguindo-o a distância.

Obviamente, Jem não estava doente — então era provável que algo drástico tivesse acontecido na escola. A escola o mandara de volta para casa ou ele simplesmente viera embora por conta própria? Ninguém telefonara, mas a hora do almoço acabara na escola; se Jem tivesse aproveitado a oportunidade para fugir, era possível que ainda não tivessem dado por falta dele. Eram quase três quilômetros a pé, mas isso não era nada para Jem.

Jem chegara ao portão giratório que impede a passagem de animais na mureta de pedras que cercava o campo, saltou por cima e começou a atravessar com determinação o pasto repleto de ovelhas. Onde ele estaria indo?

— E o que será que você fez agora? — Roger murmurou consigo mesmo. Jem estava na escola do vilarejo de Broch Mordha há apenas uns dois meses — sua primeira experiência com a educação do século XX. Depois que retornaram, Roger ensinara Jem em casa, em Boston, enquanto Bri estava com Mandy durante sua recuperação da cirurgia que salvara sua vida. Com Mandy a salvo em casa outra vez, tiveram que decidir o que fazer em seguida.

Foi principalmente Jem que os fizera decidir ir para a Escócia, em vez de permanecer em Boston, embora Bri desejasse isso de qualquer modo. "É o legado deles", ela argumentara. "Jem e Mandy são escoceses dos dois lados, afinal. Quero manter isso para eles." E a ligação com o avô; isso nem era preciso dizer.

Ele concordara, e concordara também que Jem chamaria menos atenção na Escócia — apesar da exposição à televisão e meses nos Estados Unidos, ele ainda falava com um forte sotaque das Highlands que o tornaria uma pessoa marcada na escola primária em Boston. Por outro lado, como Roger observou consigo mesmo, de qualquer modo Jem era o tipo de pessoa que chamava atenção.

De qualquer forma, não havia dúvida de que as vidas em Lallybroch e numa pequena escola das Highlands eram bem mais parecidas ao que Jem estava acostumado na Carolina do Norte — embora, considerando-se a flexibilidade natural das crianças, ele achasse que Jem se adaptaria muito bem a qualquer lugar em que estivesse.

Quanto às suas próprias perspectivas na Escócia... mantivera-se calado a esse respeito.

Jem chegou ao fim do pasto e expulsou um grupo de ovelhas que bloqueava o portão que levava à estrada. Um carneiro preto abaixou a cabeça e ameaçou-o, mas Jem não se preocupou com os animais. Ele gritou e agitou sua sacola, e o carneiro, espantado, recuou abruptamente, fazendo Roger sorrir.

Ele não tinha nenhuma dúvida sobre a inteligência de Jem — bem, tinha, mas não com a falta dela. Muito mais com o tipo de problema a que ela poderia conduzi-lo. A escola não era simples para ninguém, muito menos uma escola nova. E uma escola em que uma pessoa se sobressaía, qualquer que fosse a razão... Roger lembrou-se de sua própria escola em Inverness, onde ele era peculiar primeiro por não ter pais de verdade e depois como o filho adotado do pastor. Após algumas infelizes semanas sendo provocado, insultado e tendo sua merenda roubada, ele começara a revidar. E, embora isso tivesse levado a certa dificuldade com os professores, por fim resolvera o problema.

Jem teria andado brigando? Não vira nenhum sangue, mas podia não ter chegado perto o suficiente. Mas ficaria surpreso se fosse esse o problema.

Houve um incidente na semana anterior, quando Jem notou um enorme rato correndo para dentro de um buraco sob o alicerce da escola. Ele levava um pedaço de corda fina com ele no dia seguinte, armou uma armadilha logo antes de entrar para a primeira aula e saiu durante o intervalo para pegar sua presa, da qual então passara a tirar a pele de uma maneira muito eficiente, para admiração de seus colegas garotos e horror das meninas. Sua professora também não ficara muito satisfeita; a srta. Glendenning era uma mulher urbana de Aberdeen.

Ainda assim, era uma escola interiorana das Highlands e a maioria dos alunos vinha das fazendas e sítios próximos. Seus pais caçavam e pescavam — e certamente sabiam tudo sobre ratos. O diretor, sr. Menzies, parabenizara Jem por sua habilidade, mas disse-lhe para não fazer isso outra vez na escola. No entanto, ele deixou Jem guardar a pele; Roger a prendera com toda a cerimônia na porta do barracão de ferramentas.

Jem não se deu ao trabalho de abrir o portão do pasto; apenas agachou-se pelo meio das barras, arrastando a sacola atrás de si.

Estaria se dirigindo à estrada principal, planejando pedir carona? Roger aumentou um pouco a velocidade, esquivando-se das fezes escuras dos animais e dando joelhadas para passar pelo meio de um bando de ovelhas pastando. Elas abriram caminho com indignação, emitindo balidos agudos.

Não, Jem tomara a direção contrária. Para onde podia estar indo? O caminho de terra que levava à estrada principal em uma das direções não levava a absolutamente lugar algum na outra — ele terminava onde a terra elevava-se em

colinas rochosas e íngremes.

E era para lá, evidentemente, que Jem se dirigia — para as colinas. Ele saiu do caminho e começou a subir, sua figura pequena quase oculta pela vegetação luxuriante de fetos e os galhos pendentes de tramazeiras nas encostas mais baixas. Evidentemente, ele se dirigia ao urzal, à maneira tradicional dos fora da lei das Highlands.

Foi a ideia de marginais das Highlands que o fez perceber. Jem dirigia-se à caverna de Dunbonnet.

Jamie Fraser morara lá por sete anos após a catástrofe de Culloden, quase à vista de sua casa, mas escondido dos soldados de Cumberland — e protegido por seus colonos, que nunca usavam seu nome em voz alta, mas o chamavam de "Dunbonnet", por causa do gorro de lã das Highlands que ele usava para esconder os cabelos flamejantes.

Esses mesmos cabelos faiscaram como um farol, no meio da encosta, antes de desaparecerem atrás de uma rocha.

Compreendendo que, cabelos ruivos ou não, ele podia facilmente perder Jem na paisagem acidentada, Roger apertou o passo. Deveria chamá-lo? Ele sabia aproximadamente onde ficava a caverna — Brianna lhe descrevera a localização —, mas ele mesmo ainda não fora lá em cima. Perguntou-se como Jem sabia onde era. Talvez não soubesse e estivesse procurando por ela.

Ainda assim, não chamou Jem, mas começou ele também a subir a colina. Agora que olhava com mais atenção, notou uma trilha estreita de cervos através da vegetação rasteira e a impressão parcial de um pequeno pé de tênis na lama da trilha. Relaxou um pouco à vista da pegada e diminuiu o passo. Agora, não perderia Jem.

Era silencioso e tranquilo na encosta da colina, mas o ar movia-se, incansável, nas tramazeiras.

As urzes formavam uma névoa de roxo intenso nas cavidades da rocha que assomava acima dele. Captou um cheiro forte no vento e virou-se, buscando sua origem, curioso. Outro vislumbre ruivo: um cervo, esplendidamente galhado e cheirando a cio, a dez passos dele abaixo na encosta. Ficou paralisado, mas o cervo ergueu a cabeça, as narinas largas e pretas abrindo-se para farejar o ar.

Percebeu repentinamente que levava a mão ao cinto, onde antes carregava uma faca de esfolar, e que seus músculos estavam tensos, pronto a correr para baixo e cortar a garganta do cervo, depois que o tiro do caçador o abatesse. Podia sentir a pele dura e peluda, o estalo da traqueia e o jato de sangue fétido e quente sobre suas mãos, ver os compridos dentes amarelos expostos, sujos do verde da última refeição do animal.

O animal soltou um rugido gutural, ressonante, seu desafio a qualquer outro

cervo ao alcance de seu berro. Por uma fração de segundo, Roger esperou uma das flechas de Ian zunir do meio das tramazeiras atrás do cervo ou o eco do rifle de Jamie espocar no ar. Então, sacudiu-se de volta à realidade e, abaixando-se, pegou uma pedra para atirar — mas o cervo o ouvira e fugira, com um ruidoso farfalhar de folhas secas.

Permaneceu imóvel, sentindo o cheiro do próprio suor, ainda deslocado. Mas não estava nas montanhas da Carolina do Norte e a faca em seu bolso destinava-se a cortar barbantes e abrir garrafas de cerveja.

Seu coração batia com força, mas ele se voltou de novo para a trilha, ainda adaptando-se de novo ao tempo e espaço. Certamente ficava mais fácil com a prática, não? Já estavam de volta há bem mais de um ano agora e ele às vezes ainda acordava à noite sem nenhuma noção de quando e de onde estava — ou, pior, atravessava algum buraco momentâneo para o passado enquanto ainda estava acordado.

As crianças, sendo crianças, não pareciam sofrer muito com essa sensação de estar em... outro lugar. Mandy, é claro, era pequena demais e doente demais na ocasião para se lembrar de alguma coisa, quer de sua vida na Carolina do Norte ou da viagem através das pedras. Jem se lembrava. Mas Jem — ele dera uma olhada nos automóveis na estrada que alcançaram meia hora depois de emergirem das pedras em Ocracoke e ficara transfixado, um enorme sorriso no rosto conforme os carros passavam zunindo por ele.

"Vruuum", ele dissera alegremente consigo mesmo, o trauma da separação e da viagem no tempo — o próprio Roger mal conseguia andar, sentindo que havia deixado uma parte importante e irrecuperável de si mesmo presa nas pedras — aparentemente esquecido.

Um amável motorista parara para lhes dar carona, sensibilizado com a história de um acidente de barco, e os levara até a cidade, onde um telefonema a cobrar para Joe Abernathy resolvera as contingências imediatas de dinheiro, roupas, um quarto e comida. Jem sentara-se no joelho de Roger, olhando boquiaberto pela janela enquanto subiam a estrada estreita, o vento da janela aberta agitando seus cabelos macios e brilhantes.

Mal podia esperar para repetir a façanha. E depois que se estabeleceram em Lallybroch importunou Roger para que o deixasse dirigir o Morris Mini pelas trilhas da fazenda, sentado no colo de Roger, as mãozinhas agarradas ao volante, exultante.

Roger sorriu ironicamente consigo mesmo; imaginava que tinha sorte de Jem ter decidido evadir-se a pé desta vez — mais um ou dois anos e ele provavelmente já teria altura suficiente para alcançar os pedais. Era melhor ele começar a esconder as chaves do carro.

Ele estava bem acima da fazenda agora e diminuiu o passo para olhar para

cima da encosta. Brianna dissera que a caverna ficava na face sul da colina, a cerca de doze metros acima de uma grande rocha esbranquiçada conhecida localmente como "Salto do Barril". Assim denominada porque o criado de Dunbonnet, levando cerveja para seu patrão escondido, deparara-se com um grupo de soldados ingleses e, ao se recusar a lhes entregar o barril que carregava, teve a mão amputada...

— Oh, Santo Deus — Roger murmurou. — Fergus. Oh, meu Deus, Fergus. — Pôde ver imediatamente o rosto de traços finos, risonho, os olhos escuros sorridentes, enquanto levantava um peixe agonizante com o gancho que usava no lugar da mão esquerda decepada — e a visão da mão pequena, flácida, jazendo, ensanguentada, no caminho diante dele.

Porque foi ali. Exatamente ali. Virando-se, viu a rocha, grande e bruta, testemunhando, silenciosa e impassível, o horror e o desespero — e a repentina mão do passado que o agarrou pela garganta, violenta como o aperto de um laço de força.

Tossiu com força, tentando abrir a garganta, e ouviu o rouco e assustador bramido de outro cervo no cio, logo acima dele na encosta, mas ainda invisível.

Ele agachou-se e saiu da trilha, pressionando-se contra a rocha. Seria possível que tivesse soado tão assustadoramente que o cervo o tomara por um rival? Não — o mais provável é que ele estivesse descendo a encosta para enfrentar aquele que ele vira há poucos instantes.

De fato; um pouco depois um enorme cervo desceu do alto da colina, escolhendo o caminho quase delicadamente através das urzes e das pedras. Era um belo animal, mas já mostrava a tensão da estação do cio, as costelas proeminentes sob a pele espessa e o focinho encovado, os olhos vermelhos de falta de sono e de desejo sexual.

Ele o viu; a enorme cabeça girou em sua direção e ele viu os olhos injetados, revirados, fixos nele. Mas não demonstrava medo de Roger; provavelmente não havia espaço em seu cérebro para qualquer outra coisa que não fosse lutar e copular. Ele esticou o pescoço na direção de Roger e bramiu para ele, os olhos mostrando a parte branca com o esforço.

— Olhe, companheiro, se você a quer, pode ficar com ela. — Ele retrocedeu lentamente, mas o cervo seguiu-o, ameaçando-o com a galhada abaixada. Assustado, ele abriu os braços, agitou-os e gritou para o cervo; normalmente, isso o faria debandar. Mas um cervo no cio não é normal; o bicho abaixou a cabeça e partiu para o ataque.

Roger desviou-se para o lado e atirou-se no chão, na base da rocha. Achatou-se o mais que pôde contra a face da rocha, na esperança de impedir que o cervo enlouquecido o pisoteasse. O animal parou subitamente a alguns passos dele, batendo com os chifres nas urzes e respirando como um fole — mas em seguida ouviu o rugido do adversário mais embaixo e ergueu a cabeça abruptamente.

Outro berro lá de baixo e o novo cervo virou-se e começou a descer a trilha, o ruído de sua passagem impulsiva pela encosta abaixo marcado pela trituração de urzes e chocalhar de pedras levantadas pelos seus cascos.

Roger pôs-se de pé atabalhoadamente, a adrenalina correndo por suas veias como mercúrio. Ele não atinara que os cervos estavam no cio ali em cima ou não teria perdido tempo passeando, divagando sobre o passado. Tinha que encontrar Jem agora, antes que o garoto se deparasse com um desses animais.

Ele podia ouvir os urros e o choque das galhadas dos dois cervos mais abaixo, lutando pelo controle de um harém de corças, embora estivessem fora de alcance da visão de onde ele estava.

— Jem! — gritou, sem se importar se soasse como um cervo no cio ou um elefante. — Jem! Onde você está? Responda agora mesmo!

— Estou aqui em cima, papai. — A voz de Jemmy veio de algum ponto acima, um pouco trêmula, e ele girou nos calcanhares, deparando-se com Jem sentado no Salto do Barril, a sacola de barbante agarrada ao peito.

— OK. Desça. Agora. — O alívio lutou com o aborrecimento, mas prevaleceu. Estendeu os braços e Jem deslizou pela face da rocha, aterrissando com toda força nos braços do pai.

Roger emitia um grunhido do esforço e colocou-o no chão, em seguida abaixou-se para pegar a sacola, que caíra no solo. Além do refrigerante de limão e do pão, ele viu, continha várias maçãs, um bom pedaço de queijo e um pacote de biscoitos de chocolate.

— Planejando ficar algum tempo? — perguntou. Jemmy enrubesceu e desviou o olhar.

Roger virou-se e olhou para cima da encosta.

— Lá em cima? Na caverna do seu avô? — Ele não conseguia ver nada; a encosta era um emaranhado de pedras e urzes, generosamente entremeado de arbustos atrofiados de tojo e um ou outro broto de tramazeira ou amieiro.

— Sim. Bem ali. — Jemmy apontou para cima da encosta. — Veja, onde está aquela árvore-da-bruxa torcida.

Ele viu a tramazeira torcida — uma árvore adulta, nodosa e retorcida com a idade; não podia estar ali desde a época de Jamie, podia? —, mas ainda assim não viu nenhum sinal da entrada da caverna. Os sons do embate lá embaixo haviam cessado; olhou ao redor, para o caso de o perdedor estar voltando por aquele caminho, mas evidentemente não estava.

— Mostre-me — ele disse. Jem, que até então parecia profundamente constrangido, relaxou um pouco com isso e, virando-se, começou a subir a encosta, Roger nos seus calcanhares.

Você poderia estar do lado da abertura da caverna e não vê-la. Era encoberta

por um afloramento de rocha e um denso aglomerado de tojeiras. Não se podia ver de forma alguma a estreita abertura, a menos que estivesse parado diante dela.

Um ar fresco saía da caverna, úmido em seu rosto. Ele ajoelhou-se para espreitar dentro da caverna; não podia ver mais do que alguns passos para dentro, mas não era convidativa.

— É frio para dormir aqui — ele disse. Olhou para Jem e indicou uma pedra próxima. — Quer sentar-se e me contar o que aconteceu na escola?

Jem engoliu em seco e mudou o peso do corpo de um pé para o outro.

— Não.

— Sente-se. — Não ergueu a voz, mas deixou claro que esperava ser obedecido. Jem não se sentou propriamente, mas recuou um pouco, recostando-se no afloramento de rocha que ocultava a entrada da caverna. Não levantou os olhos.

— Levei uma surra de cinta — Jem murmurou, o queixo enterrado no peito.

— É? — Roger manteve a voz descontraída. — Bem, isso é muito chato. Eu também levei, uma ou duas vezes, quando estava na escola. Não gostei nada.

Jem ergueu a cabeça abruptamente, os olhos arregalados.

— É mesmo? E por quê?

— Brigas, principalmente — Roger disse. Imaginava que não devia estar dizendo isso ao menino, mau exemplo, mas era a verdade. E se brigar fosse o problema de Jem... — Foi isso que aconteceu hoje? — Ele examinara Jem superficialmente quando se sentou e agora o olhou com mais atenção. Jem não parecia machucado, mas quando virou o rosto Roger pôde ver que algo acontecera à sua orelha. Estava muito vermelha, o lóbulo quase roxo. Ele reprimiu uma exclamação ao vê-la e apenas repetiu: — O que aconteceu?

— Jack McEnroe disse que, se você soubesse que eu tinha apanhado, me daria outra surra quando eu chegasse em casa. — Jem engoliu em seco, mas agora olhou diretamente nos olhos de seu pai. — Vai fazer isso?

— Não sei. Espero não ter que fazê-lo. Ele havia surrado Jem certa vez — fora necessário — e nenhum dos dois queria repetir a experiência. Estendeu a mão e tocou delicadamente na orelha de Jem.

— Conte-me o que aconteceu, filho. Jem respirou fundo, inflando as bochechas, depois as esvaziou, resignado.

— Sim. Bem, começou quando Jimmy Glasscock disse que mamãe, eu e Mandy vamos arder no inferno.

— É mesmo? — Roger não estava nada surpreso; os presbiterianos escoceses não eram conhecidos por sua tolerância religiosa e a raça não mudara muito em duzentos anos. Os bons modos podiam impedir a maioria de dizer a seus conhecidos papistas que eles iriam direto para o inferno — mas o provável é que a maioria pensasse assim. — Bem, você sabe o que fazer nessa situação, não sabe? —

Jem ouvira sentimentos semelhantes em Ridge, embora em geral mais disfarçadamente, Jamie Fraser sendo quem era. Ainda assim, haviam conversado sobre isso e Jem estava bem preparado para responder a esse tipo de conversa em particular.

— Oh, sim. — Jem deu de ombros, olhando para os tênis outra vez. — "Apenas diga: tudo bem, eu o vejo lá então." Foi o que eu disse.

— E? Suspiro profundo. — Eu disse isso em gaidhlig. Roger coçou atrás da orelha, intrigado. O gaélico estava desaparecendo nas Highlands, mas ainda era bastante comum para ser ouvido de vez em quando em um pub ou na agência dos correios. Sem dúvida alguns dos colegas de classe de Jem já o ouviram de seus avós, mas mesmo que não entendessem o que ele dissera...?

— E? — ele repetiu. — E a srta. Glendenning agarrou-me pela orelha e quase a arrancou. — O rubor cresceu nas faces de Jemmy à lembrança. — Ela me sacudiu, papai!

— Pela orelha? — Roger sentiu um rubor semelhante inundar suas próprias faces.

— Foi! — Lágrimas de humilhação e raiva assomavam aos olhos de Jem, mas ele limpou-as com a manga da camisa e bateu com o punho fechado na perna. — Ela disse: "Nós — não — falamos — ASSIM! — Nós — falamos — INGLÊS!" — Sua voz estava algumas oitavas mais alta do que a da terrível srta. Glendenning, mas sua imitação tornou a ferocidade de seu ataque mais do que evidente.

— E então ela bateu em você com a cinta? — Roger perguntou incrédulo. Jem sacudiu a cabeça e limpou o nariz na manga. -

Não — ele disse. — Foi o sr. Menzies. — O quê? Por quê? Tome. — Estendeu a Jem um lenço de papel amarrotado de seu bolso e esperou enquanto o menino assoava o nariz.

— Bem... eu já estava com raiva por causa de Jimmy e, quando ela me agarrou pela orelha, doeu muito. E... bem, minha raiva aumentou — ele disse, lançando a Roger um olhar azul de fervente honradez tão parecido com o de seu avô que Roger quase sorriu, apesar da situação.

— E então você disse algo mais a ela, não foi?

— Sim. — Jem abaixou os olhos, esfregando a ponta do tênis na terra. — A srta. Glendenning não gosta de gaidhlig, mas ela não entende nada também. O sr. Menzies sabe. — Oh, meu Deus.

Atraído pela gritaria, o sr. Menzies surgiu no pátio de recreio bem a tempo de ouvir Jem dando à srta. Glendenning o benefício de alguns dos melhores xingamentos em gaélico de seu avô, a plenos pulmões.

— Então, ele me obrigou a me inclinar sobre uma cadeira e me deu três cintadas, depois me mandou para o vestiário para ficar lá até acabar a aula.

— Só que você não ficou lá. Jem sacudiu a cabeça, os cabelos brilhantes esvoaçando. Roger inclinou-se e pegou a sacola de barbante, lutando contra a indignação, a consternação, o riso e a solidariedade que fechava sua garganta. Pensando melhor, ele resolveu demonstrar um pouco da solidariedade.

— Então, você estava fugindo de casa?

— Não. — Jem ergueu os olhos para ele, surpreso. — Eu não queria ir à escola amanhã. Não queria que Jimmy risse de mim. Assim, pensei em ficar aqui em cima no fim de semana e talvez na segunda-feira as coisas tivessem se acalmado. A srta. Glendenning podia morrer — acrescentou esperançosamente.

— E talvez sua mãe e eu estivéssemos tão preocupados quando você finalmente descesse daqui que você iria se safar sem uma segunda surra?

Os olhos azul-escuros de Jem arregalaram-se de surpresa.

— Oh, não. Mamãe ficaria brava comigo se eu simplesmente saísse sem dizer nada. Deixei um bilhete na minha cama. Disse que ia ficar fora um ou dois dias. — Ele disse isso com perfeita praticidade. Depois, meneou os ombros e levantou-se, suspirando. — Podemos acabar com isso e voltar para casa? — ele perguntou, a voz um pouco trêmula. — Estou com fome.

— Não vou bater em você — Roger assegurou-lhe. Estendeu o braço e puxou Jem para si. — Venha cá, meu garoto.

A fachada de coragem de Jemmy desabou diante disso e ele deixou-se afundar nos braços de Roger, chorando um pouco de alívio, mas deixando-se consolar, aconchegando-se como um cachorrinho no ombro de seu pai, confiante de que ele consertaria tudo. E seu pai certamente o faria, Roger prometeu silenciosamente. Nem que tivesse que estrangular a srta. Glendenning com as próprias mãos.

— Por que é ruim falar gaidhlig, papai? — ele murmurou, exausto de tantas emoções. — Eu não quis fazer nada de mal.

— Não é — Roger sussurrou, alisando os cabelos macios atrás da orelha de Jem. — Não se preocupe. Mamãe e eu vamos resolver isso. Eu prometo. E você não precisa ir à escola amanhã.

Jem soltou um suspiro de alívio, ficando inerte como uma saca de grãos. Em seguida, levantou a cabeça e deu uma risadinha.

— Acha que mamãe vai ficar brava com o sr. Menzies?



OS TIGRES DOS TÚNEIS

O primeiro anúncio de desastre de Brianna foi a faixa de luz na pista, diminuindo até desaparecer na fração de segundo que levou para as enormes portas se fecharem, ecoando atrás dela com um estrondo que pareceu estremecer o ar no túnel.

Ela disse algo que a teria feito lavar a boca de Jem se ele tivesse dito, e o fez com sincera fúria — mas também falara baixinho, percebendo o que estava acontecendo no instante em que as portas levaram para fechar.

Não conseguia ver nada, salvo os redemoinhos de cor que eram a reação de sua retina à escuridão repentina, mas ela estava a apenas uns dez passos dentro do túnel e ainda podia ouvir o som das travas se encaixando; funcionavam com grandes rodas do lado de fora das portas de aço e faziam um ruído de moagem como ossos sendo triturados. Ela virou-se cuidadosamente, deu cinco passos e estendeu as mãos. Sim, havia as portas; grandes, sólidas, de aço, e agora hermeticamente trancadas. Podia ouvir o som de risos do lado de fora.

Risadinhas, ela pensou com furioso desdém. Como moleques! Moleques, sem dúvida. Respirou fundo algumas vezes, lutando tanto contra a raiva quanto contra o pânico. Agora que a cegueira da escuridão desaparecera, podia ver a fina linha de luz que separava as duas portas de quatro metros e meio. Uma sombra da altura de um homem interrompeu a luz, mas foi retirada bruscamente, ao acompanhamento de sussurros e mais risadinhas. Alguém tentando espionar, o idiota. Boa sorte para ele, conseguir ver alguma coisa aqui dentro. Fora o fio de luz entre as portas, o túnel da hidrelétrica sob o lago Errochty estava escuro como as profundezas do inferno.

Ao menos, podia usar o fio de luz para se orientar. Ainda respirando com deliberação, avançou — pisando cautelosamente; não queria divertir os babuínos do lado de fora mais do que o necessário tropeçando e caindo espalhafatosamente — na direção da caixa de metal na parede à esquerda onde estavam localizados os interruptores de luz que controlavam a iluminação do túnel.

Achou a caixa e ficou momentaneamente em pânico ao encontrá-la trancada, antes de se lembrar que possuía a chave; estava no enorme e ruidoso monte de chaves sujas que o sr. Campbell lhe dera, cada qual com uma etiqueta de papel pendurada identificando sua função. Claro, ela não podia ler as malditas etiquetas — e o desgraçado Andy Davies havia descontraidamente lhe pedido emprestado a lanterna que deveria estar em sua cintura, com o pretexto de examinar um suposto vazamento de óleo sob o caminhão.

Eles haviam planejado tudo muito bem, ela pensou com raiva, experimentando uma chave, depois a seguinte, tateando e arranhando para inserir a ponta na fenda minúscula e invisível. Todos os três estavam evidentemente mancomunados: Andy, Craig McCarthy e Rob Cameron.

Ela possuía uma mente metódica e, após ter experimentado cada chave cuidadosamente sem resultado, não tentou outra vez. Sabia que haviam pensado nisso também; Craig pegara as chaves com ela para abrir a caixa de ferramentas no painel do caminhão e as devolvera com uma medida de exagerado galanteio.

Eles a olharam fixamente — é claro — quando a apresentaram como a nova inspetora de segurança, embora imaginasse que já tivessem sido informados de que ela era essa coisa chocante — uma mulher. Rob Cameron, um bonito rapaz que obviamente se achava especial, olhara-a descaradamente de cima a baixo antes de estender a mão com um sorriso. Ela devolvera o lento de cima abaixo antes de apertá-la, e os outros dois riram. E Rob também, verdade seja dita. Ela não sentira nenhuma hostilidade da parte deles durante o percurso de caminhão até o lago Errochty, e ela achava que teria percebido se houvesse. Tratava-se apenas de uma pilhéria estúpida. Provavelmente.

E, para falar francamente, as portas fechando-se atrás dela não haviam sido seu primeiro indício de que alguma coisa estava sendo tramada, ela pensou furiosamente. Já era mãe há muito tempo para não perceber o ar de secreta malícia ou de excessiva inocência que marcava o rosto de um homem disposto a fazer alguma maldade, e tal expressão estivera nos rostos de toda a sua equipe de manutenção e reparos, se ela tivesse se dado ao cuidado de observar. Mas sua mente estava apenas parcialmente no trabalho; a outra metade estava no século XVIII, preocupada com Fergus e Marsali, mas encorajada pela visão de seus pais e Ian a salvo, viajando finalmente para a Escócia.

Mas o que quer que estivesse acontecendo — tivesse acontecido, corrigiu-se com firmeza — no passado, tinha outras coisas com que se preocupar aqui e agora.

O que esperavam que ela fizesse?, perguntou-se. Gritar? Chorar? Bater nas portas e implorar para que a deixassem sair?

Caminhou silenciosamente até a porta e colou o ouvido na fresta, a tempo de ouvir o ronco do motor do caminhão dando partida e o esguicho de cascalhos de

suas rodas quando ele virou para subir a estrada de serviço.

— Malditos filhos da mãe! — disse em voz alta. O que pretendiam com isso? Já que não os satisfizera gritando e chorando, haviam decidido simplesmente ir embora para deixá-la sepultada ali por algum tempo? Voltar depois na esperança de encontrá-la alquebrada — ou, melhor ainda, vermelha de raiva? Ou — um pensamento mais sinistro — pretendiam voltar ao escritório da companhia, com um ar inocente nos rostos, e dizer ao sr. Campbell que sua nova inspetora simplesmente não aparecera para trabalhar esta manhã?

Expirou pelo nariz, lenta e deliberadamente. Muito bem. Ela os estriparia quando a oportunidade se apresentasse. Mas o que fazer no momento?

Desviou-se da caixa de força, olhando para o breu absoluto. Não estivera naquele túnel em particular antes, embora tivesse visto um semelhante durante a visita às instalações com o sr. Campbell. Era um dos túneis originais do projeto da hidrelétrica, escavado à mão com pás e picaretas pelos "garotos da hidro" na década de 1950. Estendia-se por aproximadamente um quilômetro e meio através da montanha e sob parte do vale inundado que agora continha o muito expandido lago Errochty e um trenzinho elétrico parecendo de brinquedo corria em seus trilhos pelo meio do túnel.

Originalmente, o trem servira para carregar os operários, os "tigres dos túneis", para o local da escavação e de volta; agora reduzido a apenas uma máquina, servia a um ou outro operário da hidrelétrica para verificar os enormes cabos que se estendiam ao longo das paredes do túnel ou trabalhar nas enormes turbinas ao pé da represa, na outra extremidade do túnel.

Que era, ocorreu-lhe, o que Rob, Andy e Craig deviam estar fazendo, erguendo uma das monstruosas turbinas e substituindo uma das pás danificadas.

Pressionou as costas contra a parede do túnel, as mãos espalmadas na rocha áspera, e pensou. É para lá que eles foram, então. Não fazia diferença, mas ela fechou os olhos para melhorar sua concentração e tentou lembrar-se das folhas da volumosa pasta — agora em cima do banco do caminhão desaparecido — que continha os detalhes estruturais e de projeto de todas as estações hidrelétricas sob sua alçada.

Ela examinara os diagramas mais uma vez na noite anterior e de novo, apressadamente, enquanto escovava os dentes esta manhã. O túnel levava para a represa, e obviamente fora usado na construção dos níveis inferiores dessa represa. Qual a profundidade? Se o túnel terminava no nível da câmara de serviços acima — uma enorme sala equipada com potentes guias rolantes no teto necessárias para içar as turbinas de seus nichos —, então, haveria ainda uma porta; não teria havido necessidade de vedá-la, não havendo água do outro lado.

Por mais que tentasse, não conseguia trazer os diagramas à mente com

detalhes suficientes para ter certeza de que havia uma abertura para dentro da barragem na outra extremidade do túnel — mas seria simples descobrir.

Ela vira o trem, naquele breve instante antes de as portas se fecharem; não foi preciso tatear muito para entrar na cabine aberta da minúscula locomotiva. Agora, aqueles palhaços teriam levado a chave da máquina também? Ah. Não havia chave; funcionava com um interruptor no painel. Acionou-o e um botão vermelho brilhou repentinamente enquanto ela sentia o zumbido da eletricidade correr pelos trilhos embaixo.

O trem não podia ser mais simples de operar. Tinha uma única alavanca, que você empurrava para frente ou para trás, dependendo da direção em que quisesse ir. Ela empurrou-a delicadamente para frente e sentiu o ar mover-se pelo seu rosto conforme o trem silenciosamente movia-se para fora das entranhas da Terra.

Tinha que ir devagar. O minúsculo botão vermelho lançava uma claridade reconfortante sobre suas mãos, mas em nada adiantava para penetrar a escuridão à frente, e ela não fazia a menor ideia de onde ou do quanto os trilhos faziam curvas. Nem queria alcançar o fim da linha a uma velocidade alta e descarrilar a locomotiva. Parecia que avançava centímetro por centímetro na escuridão, mas era muito melhor do que andar, tateando por mais de um quilômetro e meio de um túnel ladeado de cabos de alta voltagem.

Foi atingida no escuro. Por uma fração de segundo, achou que alguém colocara um cabo elétrico na linha. No instante seguinte, um som que não era verdadeiramente um som tamborilou pelo seu corpo, pinçando cada nervo e fazendo sua visão embranquecer. Em seguida, sua mão roçou pela superfície da rocha e ela compreendeu que havia caído por cima do painel, estava pendurada para fora do minúsculo carro e prestes a cair na escuridão.

Com a cabeça girando, conseguiu agarrar a borda do painel e içar-se de volta para dentro da cabine. Desligou o interruptor com a mão trêmula e praticamente deixou-se cair no chão da cabine, onde se encolheu, agarrando os joelhos, a respiração uma lamúria na escuridão.

— Santo Deus — murmurou. — Oh, Santa Mãe de Deus. Oh, Jesus. Podia senti-lo lá fora. Ainda o sentia. Não fazia nenhum ruído agora, mas ela sentia sua proximidade e não conseguia parar de tremer.

Permaneceu sentada, imóvel, por um longo tempo, a cabeça entre os joelhos, até que o pensamento racional começou a voltar.

Não podia estar enganada. Já atravessara o tempo duas vezes e conhecia a sensação. Mas esta não fora nem de longe tão impressionante. Sua pele ainda formigava, seus nervos saltavam e os ouvidos zumbiam como se tivesse enfiado a cabeça em um vespeiro — mas se sentia intacta. Era como se um arame em brasa a tivesse dividido ao meio, mas ela não tivera a terrível sensação de estar sendo

desmembrada, fisicamente virada pelo avesso.

Um terrível pensamento a fez ficar de pé com um salto, agarrando-se ao painel. Ela teria saltado? Estaria em outro lugar — em outra época? Mas o painel metálico era frio e sólido sob suas mãos, o cheiro de rocha úmida e isolante de cabos continuava o mesmo.

— Não — sussurrou, e acionou o interruptor outra vez para ter certeza. Ele acendeu-se e o trem, ainda engatado, deu um salto para frente. Apressadamente, ela reduziu drasticamente a marcha.

Não podia ter saltado para o passado. Parecia que pequenos objetos em contato direto com um viajante do tempo moviam-se com ele, mas um trem e seus trilhos sem dúvida não era viável.

— Além do mais — disse em voz alta —, se você tivesse voltado vinte e cinco anos ou mais no passado, o túnel não estaria aqui. Você estaria dentro... da rocha sólida. — Sentiu um súbito enjoo e vomitou.

No entanto, a sensação... aquilo... estava desaparecendo. O que quer que fosse, ficara para trás. Bem, acabara, então, pensou, limpando a boca com as costas da mão. Certamente, tinha que haver uma porta na outra extremidade, porque nada a faria voltar por onde viera.

Havia uma porta. Uma porta industrial, de metal, simples e comum. E um cadeado, destravado, pendurado da alça aberta. Sentiu o cheiro de WD40; alguém lubrificara as dobradiças, muito recentemente, e a porta abriu-se facilmente quando ela girou a maçaneta. Sentiu-se repentinamente como Alice, depois de cair pelo buraco do Coelho Branco. Uma Alice realmente furiosa.

Havia um íngreme lance de escadas do outro lado da porta, fracamente iluminado — e no topo uma outra porta de metal, debruada de luz. Podia ouvir o ronco e o rangido metálico de uma grua de teto em operação.

Sua respiração se Acelerou, e não do esforço de subir as escadas. O que encontraria do outro lado? Era a câmara de consertos e reparos de dentro da represa; isso ela sabia. Mas encontraria a quinta-feira do outro lado? A mesma quinta-feira em que estava quando as portas do túnel se fecharam atrás dela?

Cerrou os dentes e abriu a porta. Rob Cameron aguardava, recostado na parede, um cigarro aceso na mão. Abriu um largo sorriso ao vê-la, largou o toco de cigarro no chão e apagou-o com o pé.

— Sabia que você conseguiria, benzinho — ele disse. Do outro lado da sala, Andy e Craig viraram-se de seu trabalho e aplaudiram.

— Pago-lhe uma cerveja depois do trabalho, então, moça — Andy gritou.

— Duas! — Craig gritou. Ela ainda sentia gosto de bÍlis no fundo da garganta. Lançou a Rob Cameron o mesmo tipo de olhar que lançara ao sr. Campbell.

— Não — disse sem alterar a voz — me chame de benzinho.

Ele contraiu o belo rosto e tocou o topete com fingida subserviência.

— Como quiser, chefe — ele disse.

*TOPOS DE COLINA*

Eram quase sete horas quando ele ouviu o carro de Brianna no caminho de entrada. As crianças já haviam jantado, mas correram para ela, agarrando-se às suas pernas como se ela tivesse acabado de voltar dos confins da África ou do polo Norte.

Demorou algum tempo até aprontar as crianças para dormir e Bri poder lhe dar sua total atenção. Ele não se importou.

— Está com fome? — ela disse. — Posso... Ele interrompeu-a, segurando-a pela mão e arrastando-a para dentro do seu gabinete, onde cuidadosamente fechou e trancou a porta. Ela estava parada ali, os cabelos marcados pelo capacete de obra, suja de passar o dia nas entranhas da Terra. Ela cheirava a terra. Também a graxa de motor, fumaça de cigarro, suor e... cerveja?

— Tenho um monte de coisas para lhe contar — ele disse. — E sei que você tem muito a me contar também. Mas primeiro... será que você podia tirar seus jeans, talvez, sentar-se na escrivaninha e abrir as pernas?

Seus olhos se arregalaram.

— Sim — disse suavemente. — Eu podia fazer isso.

Roger sempre se perguntara se seria verdade o que diziam sobre os ruivos serem pessoas mais voláteis do que o normal — ou se era apenas porque suas emoções transparecessem tão repentina e assustadoramente em sua pele. Ambos, concluiu.

Talvez ele devesse ter esperado até ela acabar de se vestir para lhe falar da srta. Glendenning. Mas, se o tivesse feito, teria perdido a extraordinária visão de sua mulher, nua e vermelha de raiva do umbigo para cima.

— Aquela maldita bruxa! Se ela acha que pode...

— Não pode — ele interrompeu-a com firmeza. — Claro que não pode.

— Certamente não pode! Amanhã vou lá logo de manhã e...

— Bem, talvez não.

Ela parou e olhou para ele, um dos olhos estreitado.

— Talvez não o quê?

— Talvez não você. — Fechou o próprio jeans e pegou o dela. — Estava pensando que talvez seja melhor eu ir.

Ela franziu o cenho, refletindo.

— Não que eu ache que você iria perder a paciência e avançar para cima da megera — ele acrescentou sorrindo —, mas você tem que ir para o trabalho, hein?

— Humm — ela disse, parecendo cética quanto à habilidade dele de impressionar adequadamente a srta. Glendenning com a magnitude de seu crime. — E se você de fato perdesse a cabeça e atacasse a mulher, eu detestaria ter que explicar para as crianças por que estávamos visitando a mamãe na cadeia.

Isso a fez rir e ele relaxou um pouco. Na verdade, não acreditava que ela recorresse à violência física, mas, por outro lado, ela não vira a orelha de Jem assim que ele voltou para casa. Ele próprio tivera vontade de ir à escola naquela hora mesmo e mostrar à mulher como aquilo doía, mas agora recuperara o autocontrole.

— Então, o que pretende dizer a ela? — Ela fispou seu sutiã de baixo da escrivania, proporcionando-lhe uma visão suculenta de seu traseiro, já que ainda não vestira o jeans.

— Nada. Falarei com o diretor. Ele pode dar uma palavrinha com ela.

— Bem, talvez seja melhor — ela disse devagar. — Não vamos querer que a srta. Glendenning desconte em Jemmy.

— Exato. — O belo rubor se desvanecia. Seu capacete de obra rolara para baixo da cadeira; pegou-o e colocou-o em sua cabeça outra vez. — E então? Como foi o trabalho hoje? E por que você não usa calcinhas para trabalhar? — ele perguntou, lembrando-se repentinamente.

Para seu espanto, o rubor retornou com toda a força de um incêndio em mato seco.

— Perdi o hábito no século XVIII — ela retrucou, obviamente irada. — Só uso calcinhas em ocasiões cerimoniais. O que pensou? Que eu planejava seduzir o sr. Campbell?

— Bem, não se ele é como você o descreveu — ele disse pacificamente. — Só notei quando você saiu hoje de manhã, e fiquei me perguntando.

— Ah. — Ela ainda estava irritada, ele percebia, e se perguntou qual seria o motivo. Estava prestes a lhe perguntar outra vez como fora o seu dia quando ela tirou o capacete e fitou-o especulativamente. — Você disse que se eu usasse o capacete você me diria o que estava fazendo com aquela garrafa de champanhe. Além de dá-la a Mandy para que atirasse pela janela — acrescentou, com um tom de censura conjugal. — Em que estava pensando, Roger?

— Bem, com toda a franqueza, eu estava pensando no seu traseiro — ele disse. — Mas nunca me ocorreu que ela atiraria a garrafa. Ou que ela pudesse atirá-la daquele modo.

— Perguntou a ela por que fez isso?

Ele parou, perplexo.

— Não me ocorreu que ela pudesse ter uma razão — ele confessou. — Tirei-a da mesa quando já estava prestes a se lançar de cara na janela quebrada, e fiquei com tanto medo que simplesmente peguei-a no colo e lhe dei uma palmada.

— Não creio que ela fizesse uma coisa assim sem algum motivo — Bri disse pensativamente. Deixara de lado o capacete e se ajeitava dentro de seu sutiã, um espetáculo que Roger achava divertido em praticamente qualquer situação.

Somente quando voltaram à cozinha para seu próprio jantar tardio é que ele se lembrou de lhe perguntar outra vez como tinha sido seu dia de trabalho.

— Nada mau — ela disse, fingindo descontração. Não tão bem a ponto de convencê-lo, mas suficientemente bem para ele achar melhor não insistir e, em vez disso, perguntar: — Ocasões cerimoniais?

Um amplo sorriso se espalhou pelo rosto dela.

— Para você.

— Para mim?

— Sim, você e seu fetiche por calcinhas de renda.

— O que... quer dizer, você só usa calcinhas para...

— Para você tirar, é claro.

Não há como saber para onde a conversa teria ido nesse ponto, porque foi interrompida por um grito de lamúria vindo de cima. Bri desapareceu apressadamente na direção das escadas, deixando Roger considerando essa última revelação.

Ele já fritara o bacon e esquentara o feijão em lata quando ela reapareceu, uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— Pesadelo — ela disse, em resposta à sobrancelha levantada de Roger. — O mesmo.

— Uma coisa ruim tentando entrar pela janela dela outra vez? Ela balançou a cabeça e pegou a panela de feijão que ele lhe entregou, embora não começasse a servir a comida imediatamente.

— Perguntei a ela por que tinha atirado a garrafa.

— Sim? Brianna pegou a colher do feijão, segurando-a como uma arma. — Ela disse que viu ele do lado de fora da janela.

— Ele? O...

— O nuckelavee.

Pela manhã, a torre estava do mesmo jeito que estivera na última vez que ele olhara. Escura. Silenciosa, a não ser pelos sussurros dos pombos no alto. Ele retirara o lixo; nenhum novo jornal de embrulho de peixe havia surgido. Varrida e arrumada, ele pensou. Esperando pela ocupação de qualquer espírito errante que passasse por

ali?

Afastou esse pensamento e fechou a porta com firmeza. Compraria novas dobradiças e um cadeado para ela na próxima vez que passasse pela Farm and Household.

Mandy teria realmente visto alguém? E se tivesse, seria o mesmo vagabundo que assustara Jem? A ideia de alguém rondando por ali, espionando sua família, fez algo negro e rígido enroscar-se em seu peito, como uma mola de ferro pontiaguda. Ficou parado por alguns instantes, examinando atentamente a casa, o terreno, por qualquer vestígio de um intruso. Qualquer lugar onde um homem pudesse se esconder. Já revistara o estábulo e os outros anexos.

A caverna de Dunbonnet? A ideia — com sua lembrança de Jem parado junto à entrada — lhe deu um calafrio. Bem, ele logo descobriria, pensou sombriamente, e com um último olhar a Annie MacDonald e Mandy, tranquilamente pendurando a roupa lavada no pátio lá embaixo, ele partiu.

Mantinha os ouvidos atentos hoje. Ouviu o eco dos bramidos dos cervos, ainda no cio, e uma vez viu um pequeno bando de corças ao longe, mas por sorte não se deparou com nenhum macho enlouquecido. Nenhum vagabundo à espreita, tampouco.

Levou algum tempo procurando a entrada da caverna, apesar de ter estado ali no dia anterior. Fez bastante barulho ao se aproximar, mas ficou do lado de fora e gritou, por precaução.

— Olá, alguém na caverna? Nenhuma resposta. Aproximou-se da entrada pelo lado, pressionando para trás as tojeiras que a encobriam com o antebraço, pronto para o caso de o vagabundo estar espreitando de dentro da caverna — mas pôde ver assim que o ar úmido tocou seu rosto que o lugar estava vazio. Ainda assim, enfiou a cabeça pela abertura, depois se lançou para dentro da caverna. Era seca, para uma caverna nas Highlands, o que não era dizer pouco. Porém fria como um túmulo. Não era de admirar que os habitantes das Highlands tivessem fama de resistentes; qualquer um que não fosse teria sucumbido à fome ou pneumonia em pouco tempo.

Apesar da friagem do lugar, ficou parado por um minuto, imaginando seu sogro ali. Era vazia e fria, mas estranhamente tranquila, pensou. Nenhuma sensação de mau presságio... Na realidade, sentia-se... bem-vindo, e a ideia fez os pelos de seus braços se arrepiarem.

— Fazei, Senhor, com que eles estejam bem — disse serenamente, a mão pousada na pedra da entrada. Em seguida, içou-se para fora, para a bênção do calor do sol.

A estranha sensação de boas-vindas, ou de ter sido de alguma forma reconhecido, permaneceu com ele.

— Bem, e agora, athair-céile? — disse em voz alta, quase de brincadeira. — Algum outro lugar onde eu deva procurar?

Mesmo enquanto dizia isso, percebeu que ele estava procurando. No topo da colina ao lado estava o monte de pedras de que Brianna lhe falara. Feito pelo homem, ela dissera, e achou que se tratasse de um forte da Idade do Ferro. Não parecia restar muito do que quer que tenha sido para oferecer abrigo a alguém, mas, por pura inquietação, desceu pelo meio do emaranhado de pedras desmoronadas e urzes da encosta, chapinhou por um regato que gorgolejava pela rocha no pé da colina e começou a subir a outra colina, na direção do monte de escombros antigos.

Era realmente antigo — mas não tanto quanto a Idade do Ferro. O que encontrou pareciam as ruínas de uma pequena capela; uma pedra no chão tinha uma cruz entalhada rusticamente e ele viu o que pareciam ser os fragmentos desgastados pelo tempo de uma estátua de pedra, espalhados na entrada. Havia mais do que ele imaginara a distância; uma das paredes ainda alcançava a altura de sua cintura e havia partes de duas outras. O telhado há muito havia desabado e desaparecido, mas um pedaço de uma viga de cumeeira ainda estava lá, a madeira dura como metal.

Enxugando o suor da nuca, agachou-se e pegou a cabeça da estátua. Muito antiga. Dos celtas, dos pictos? Não restava o suficiente nem para dizer o gênero da estátua.

Passou o polegar delicadamente sobre os olhos sem vida da estátua, depois colocou a cabeça cuidadosamente em cima da meia-parede; havia uma depressão ali, como se um dia tivesse havido um nicho na parede.

— OK — disse, sentindo-se estranho. — Até outra hora, então. — E, virando-se, desceu a encosta acidentada da colina na direção da casa, ainda com a estranha sensação de estar sendo acompanhado.

A Bíblia diz "Procura e encontrarás", pensou. E disse em voz alta para o ar estimulante:

— Mas não há nenhuma garantia sobre o que vai encontrar, não é?



CONVERSA COM UM DIRETOR DE ESCOLA

Depois de um tranquilo almoço com Mandy, que parecia ter esquecido tudo sobre seus pesadelos, vestiu-se com certo esmero para sua reunião com o diretor da escola de Jem.

O sr. Menzies foi uma surpresa; Roger não pensara em perguntar a Bri como era o sujeito e esperava alguém atarracado, de meia-idade e autoritário, mais ou menos como o diretor de sua própria escola. Em vez disso, Menzies tinha aproximadamente a mesma idade de Roger, um homem magro, de pele clara, óculos e o que pareciam ser olhos bem-humorados por trás deles. Mas Roger não deixou de notar a linha firme da boca e achou que fizera bem em não deixar Bri ir falar com ele.

— Lionel Menzies — o diretor disse, sorrindo. Tinha um aperto de mão firme e um ar amigável, e Roger começou a refazer a sua estratégia.

— Roger Mackenzie. — Solto a mão e aceitou a cadeira oferecida, do outro lado da mesa de Menzies. — O pai de Jem... Jeremiah.

— Oh, sim, claro. Imaginei que veria o senhor ou sua esposa, quando Jem não apareceu na escola esta manhã. — Menzies reclinou-se um pouco para trás, entrelaçando as mãos. — Antes que a gente vá mais adiante... posso lhe perguntar exatamente o que Jem lhe contou sobre o que aconteceu?

A opinião de Roger sobre o sujeito elevou-se um ponto, a contragosto. — Ele disse que a professora ouviu-o dizer alguma coisa a outro menino em gaélico, quando então ela o agarrou pela orelha e sacudiu-o. Isso o deixou furioso e ele a xingou, também em gaélico, razão pela qual o senhor bateu nele com uma cinta. — Ele vira a cinta, discretamente pendurada na parede ao lado de um armário de arquivo, mas visível ainda assim.

As sobranceiras de Menzie ergueram-se por trás dos óculos.

— Não foi isso que aconteceu? — Roger perguntou, imaginando pela primeira vez se Jem teria mentido ou omitido alguma coisa ainda mais terrível em seu relato.

— Não, foi exatamente isso que aconteceu — Menzies disse. — É que eu nunca ouvi um pai fazer um relato tão conciso. Em geral eles fazem uma meia hora de prólogo, com irrelevantes relatos cheios de contradições, isso quando ambos os pais vêm, e ataques pessoais antes que eu possa descobrir exatamente qual é o problema. Obrigado. — Sorriu e, a despeito de si mesmo, Roger devolveu o sorriso. — Lamentei muito ter que fazer isso — Menzies continuou, sem parar para uma resposta. — Gosto de Jem. Ele é inteligente, esforçado... e realmente engraçado.

— É, sim — Roger disse. — Mas...

— Mas não tive escolha, na verdade — Menzies interrompeu-o com firmeza. — Se nenhum dos outros alunos soubesse o que ele estava dizendo, poderíamos resolver tudo com um simples pedido de desculpas. Mas... ele lhe disse o que ele falou?

— Não com detalhes, não. — Roger não perguntara; ele ouvira Jamie Fraser insultar alguém em gaélico apenas três ou quatro vezes, mas foi uma experiência memorável, e Jem tinha uma excelente memória.

— Bem, não o farei, tampouco, a menos que insista. Mas o problema é que, apesar de somente algumas das crianças no pátio serem capazes de entender o que ele disse, elas contariam... bem, de fato, contaram... a todos os seus colegas exatamente o que ele disse. E eles sabem que eu também entendi. Tenho que apoiar a autoridade de meus professores; se não houver respeito pela equipe, o lugar inteiro vira um inferno... Sua esposa me disse que o senhor também leciona? Em Oxford, se não me engano? É esplêndido.

— Isso foi há alguns anos e eu era apenas um professor-assistente. E entendo o que está dizendo, embora eu infelizmente tivesse que manter a ordem e o respeito sem a ameaça de força física. — Não que ele não tivesse adorado poder dar um soco no nariz de um ou dois de seus alunos do segundo ano em Oxford...

Menzies examinou-o com uma ligeira piscadela.

— Eu diria que sua presença foi provavelmente adequada — ele disse. — E, considerando que o senhor tem o dobro do meu tamanho, fico satisfeito em saber que não é inclinado a usar de força.

— Alguns dos outros pais são? — Roger perguntou, erguendo as próprias sobrancelhas.

— Bem, nenhum pai realmente me agrediu, não, embora tenha sido ameaçado uma ou duas vezes. Mas uma das mães realmente entrou aqui com a espingarda da família. — Menzies inclinou a cabeça indicando a parede atrás dele e, levantando os olhos, Roger viu um leque de pontos pretos no reboco, a maior parte — mas não todos — coberta por um mapa emoldurado da África.

— Disparada acima de sua cabeça, ao menos — Roger disse secamente, e Menzies riu.

— Bem, não — ele disse, protestando. — Eu lhe pedi encarecidamente para abaixar a arma com todo o cuidado, e ela o fez, mas não muito cuidadosamente. Esbarrou no gatilho de alguma forma e bum! A pobre mulher ficou realmente consternada, embora não tanto quanto eu.

— O senhor é bom nisso — Roger disse, sorrindo em reconhecimento das habilidades de Menzies em lidar com pais difíceis, inclusive Roger, mas inclinándose um pouco para a frente para indicar que pretendia assumir o controle da conversa. — Mas não estou, ao menos ainda não, reclamando por ter batido em Jem. Mas pelo que o levou a isso.

Menzies inspirou fundo e balançou a cabeça, colocando os cotovelos na mesa e unindo as mãos.

— Sim, certo.

— Compreendo que tenha que apoiar seus professores — Roger disse, colocando as próprias mãos sobre a escrivaninha. — Mas essa mulher quase arrancou a orelha do meu filho e evidentemente por nenhum crime maior do que dizer algumas palavras, não xingamentos, apenas palavras, em gaidhlig.

Os olhos de Menzies aguçaram-se, notando o sotaque.

— Ah, o senhor sabe gaélico. Eu me perguntei se seria o senhor ou sua esposa que sabia gaélico.

— O senhor faz parecer como se fosse uma doença. Minha mulher é americana, certamente notou, não?

Menzies lançou-lhe um olhar divertido — ninguém deixava de notar Brianna —, mas disse apenas:

— Sim, notei. Mas ela me disse que o pai era escocês, e das Highlands. Vocês falam gaélico em casa?

— Não, não muito. Jem aprendeu com o avô. Ele... não está mais conosco — acrescentou.

Menzies balançou a cabeça.

— Ah! — exclamou baixinho. — Sim, eu também aprendi com meus avós, a família de minha mãe. Também já falecidos. Eram de Skye. — A pergunta implícita pairou no ar e Roger respondeu-a.

— Nasci em Kyle de Lochalsh, mas cresci em Inverness. Aprendi a maior parte do meu gaélico nos barcos de pesca no Minch. — E nas montanhas da Carolina do Norte.

Menzies balançou a cabeça outra vez, pela primeira vez abaixando os olhos para as próprias mãos e não olhando diretamente para Roger.

— Esteve em um barco de pesca nos últimos vinte anos?

— Não, graças a Deus.

Menzies sorriu ligeiramente, mas não ergueu os olhos.

— Não se encontra muito gaélico lá atualmente. Espanhol, polonês, estoniano... muito desses, mas não gaélico. Sua esposa disse que o senhor passou muitos anos nos Estados Unidos, então talvez não tenha notado, mas não é muito falado em público hoje em dia.

— Para ser franco, não prestei muita atenção nisso, não até agora. Menzies balançou a cabeça outra vez, como para si mesmo, em seguida tirou os óculos e esfregou as marcas que deixaram no cavalete de seu nariz. Seus olhos eram azul-claros e repentinamente pareceram vulneráveis, sem a proteção das lentes.

— Está em declínio há muitos anos. Principalmente nos últimos dez, quinze anos. As Highlands de repente fazem parte do Reino Unido, ou ao menos é o que diz o resto do Reino Unido, de uma maneira como nunca aconteceu antes, e manter uma língua à parte é visto não só como antiquado, mas totalmente destrutivo. Não é o que se poderia chamar de uma política oficial, para exterminar o gaélico, mas o uso da língua é muito... desencorajado... nas escolas. Veja bem — ele ergueu a mão para impedir a resposta de Roger —, eles não conseguiriam seu intento se os pais protestassem, mas eles não o fazem.

A maioria está ansiosa para que seus filhos façam parte do mundo moderno, falem perfeitamente inglês, consigam bons empregos, adaptem-se em outro lugar, possam deixar as Highlands... Não há muita coisa para eles aqui, fora o mar do Norte, não é?

— Os pais... — Se aprenderam o gaélico com seus próprios pais, eles propositalmente não o ensinam a seus filhos. E se não sabem gaélico, certamente não fazem nenhum esforço para aprender. É visto como algo retrógrado, ignorante. É sem dúvida uma marca das classes mais baixas.

— Bárbaras, na realidade — Roger disse, incisivamente.

— O bárbaro erse? Menzies reconheceu a descrição pejorativa de Samuel Johnson da língua falada pelos seus anfitriões das Highlands no século XVIII, e um sorriso breve e pesaroso iluminou seu rosto outra vez.

— Exatamente. Há muito preconceito, a maior parte declarada, contra... — Teuchters? — "Teuchter" era um termo escocês das Lowlands da Escócia para alguém de Gaeltacht, as Highlands que falavam gaélico, e em termos culturais o equivalente geral de "caipira" ou "bronco".

— Ah, o senhor sabe, então.

— Alguma coisa. — Era verdade; mesmo nos recentes anos 1960 os que falavam gaélico eram vistos com certo desdém e menosprezo público, mas isto... Roger limpou a garganta.

— De qualquer forma, sr. Menzies — ele disse, carregando um pouco no "sr." —, eu me oponho enfaticamente a que a professora de meu filho não só o castigue por falar gaélico, mas que o agrida da maneira como fez.

— Compartilho sua preocupação, sr. Mackenzie — Menzies disse, erguendo os olhos e fitando-o diretamente de uma forma que o fazia parecer sincero. — Já tive uma palavrinha com a srta. Glendenning e creio que isso não se repetirá.

Roger enfrentou seu olhar por alguns instantes, querendo dizer todo tipo de coisas, mas compreendendo que Menzies não era responsável por quase nenhuma delas.

— Se acontecer — ele disse sem se alterar —, não vou voltar com uma espingarda, mas com o xerife. E um fotógrafo de jornal para documentar a srta. Glendenning sendo levada algemada.

Menzies pestanejou uma vez e recolocou os óculos.

— Tem certeza de que não prefere mandar sua mulher com a espingarda da família? — ele perguntou esperançosamente, e Roger teve que rir, a contragosto. — Muito bem, então. — Menzies empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Eu o acompanho. Tenho que trancar a escola. Veremos Jem na segunda-feira, então, não é?

— Ele estará aqui. Com ou sem algemas.

Menzies riu.

— Bem, ele não precisa se preocupar com a recepção que terá. Como as crianças que falam gaélico contaram aos amigos o que ele disse, e o fato de que ele apanhou sem dar um pio, acho que a classe inteira agora o encara como um Robin Hood ou Billy Jack.

— Oh, Deus.



NAVIOS QUE PASSAM À NOITE

19 de maio de 1777

O tubarão tinha facilmente quatro metros de comprimento, uma figura escura, sinuosa, acompanhando o navio, quase invisível em meio às águas cinzentas agitadas pela tormenta. Aparecera repentinamente logo antes do meio-dia, assustando-me, quando olhei por cima da amurada e vi sua barbatana cortando a superfície.

— O que há de errado com a cabeça dele? — Jamie, surgindo em resposta ao meu grito de susto, olhou para as águas escuras franzindo o cenho. — Tem uma espécie de protuberância.

— Acho que é o tipo que chamam de tubarão-martelo. — Agarrei-me com força à balaustrada, escorregadia com os respingos da água. A cabeça realmente parecia deformada: uma coisa rombuda, desajeitada, estranha na extremidade de um corpo sinistramente gracioso. No entanto, enquanto observávamos, o tubarão se aproximou da superfície e rolou, trazendo uma projeção carnuda com seu olho frio e distante momentaneamente para fora da água.

Jamie emitiu um som de horrorizada repugnância.

— Essa é a aparência normal deles — informei a ele.

— Por quê?

— Acho que Deus estava se sentindo entediado certo dia. — Isso o fez rir e olhei-o com aprovação. Estava corado e bem-disposto, e comera com tal apetite no café da manhã que eu achei que poderia dispensar as agulhas de acupuntura.

— Qual foi a coisa mais estranha que você já viu? Um animal, quero dizer. Um animal não humano — acrescentei, pensando na medonha coleção de deformidades e "curiosidades naturais" que o dr. Fentiman mantinha em conserva.

— Estranho por si mesmo? Não deformado, quero dizer, mas como Deus quis que ele fosse? — Estreitou os olhos para o mar, pensando, depois abriu um largo sorriso. — O mandril no zoológico de Luís da França. Ou... bem, não. Talvez um rinoceronte, embora eu não tenha visto um em carne e osso. Isso conta?

— Digamos alguma coisa que você tenha visto pessoalmente — eu disse, pensando em algumas gravuras de animais que eu vira nesta época, os quais pareciam ter sido profundamente afetados pela imaginação do artista. — Você achou o mandril mais estranho do que o orangotango? — Lembrei-me de seu fascínio pelo orangotango, um jovem animal de expressão solene que parecera igualmente fascinado por ele, o que levou a uma série de piadas relativas à origem dos cabelos ruivos por parte do duque d'Orleans, presente na ocasião.

— Não, já vi muita gente que parecia mais estranha do que um orangotango — ele disse. O vento mudara de direção, arrancando mechas de cabelos ruivos de sua fita. Ele virou-se de frente para o vento e alisou-as para trás, ficando Um pouco mais sério. — Eu senti pena da criatura; parecia saber que estava sozinho e talvez jamais visse outro de sua espécie outra vez.

— Talvez ele realmente achasse que você era um de sua espécie — sugeri. — Ele pareceu gostar de você.

— Era uma meiga criatura — ele concordou. — Quando lhe dei a laranja, ele tomou a fruta da minha mão como um cristão, muito educadamente. Você acha... — Sua voz definhou, os olhos tornando-se vagos.

— Eu acho...?

— Oh. Eu só estava pensando — ele olhou rapidamente por cima do ombro, mas estávamos fora do alcance dos ouvidos dos marinheiros — no que Roger Mac disse sobre a França ser importante para a Revolução. Pensei em fazer umas perguntas, quando estivermos em Edimburgo. Ver se alguma das pessoas que eu conheci tem ligações na França... — Ergueu um dos ombros.

— Você não está pensando em realmente ir à França, está? — perguntei, repentinamente desconfiada.

— Não, não — respondeu apressadamente. — Só pensei... se por acaso fôssemos, será que o orangotango ainda estaria lá? Já faz muito tempo, mas eu não sei quanto tempo eles vivem.

— Não tanto quanto as pessoas, creio que não, mas podem viver bastante tempo, se receberem bons cuidados — eu disse, em dúvida. A dúvida não se devia apenas ao orangotango. Voltar à corte francesa? A mera hipótese fez meu estômago dar uma reviravolta.

— Ele está morto, sabe — Jamie disse serenamente. Virou a cabeça para olhar para mim, os olhos firmes. — Luís.

— Está? — eu disse, inexpressivamente. — Eu... quando? Ele abaixou a cabeça e emitiu um pequeno ruído que podia ser uma risada.

— Morreu há três anos, Sassenach — disse, secamente. — Estava nos jornais. Embora, devo admitir, o Wilmington Gazette não tenha dado grande importância ao assunto.

— Não notei. — Olhei para baixo, para o tubarão, ainda pacientemente acompanhando o navio. Meu coração, após o salto inicial de surpresa, relaxara. Minha reação geral, na realidade, era de agradecimento, e isso em si de certa forma me surpreendeu.

Eu já havia feito as pazes com minha lembrança de ter compartilhado a cama de Luís — pelos dez minutos que foram necessários — há muito tempo, e Jamie e eu há muito havíamos feito as pazes, voltando-nos um para o outro no rastro da perda de nossa primeira filha, Faith, e de todos os terríveis acontecimentos que tiveram lugar na França antes do Levante.

Não que saber da morte de Luís fizesse qualquer diferença real — mas ainda assim eu tive uma sensação de alívio, como se uma música enervante que vinha tocando ao longe tivesse finalmente terminado, de forma graciosa, e agora o silêncio da paz cantasse para mim no vento.

— Que Deus guarde sua alma — eu disse, um pouco tardiamente. Jamie sorriu e colocou a mão sobre a minha.

— Pois shiorruidh thoir dha — ele ecoou. Que Deus guarde sua alma. — Faz a gente pensar, não? Como será para um rei ficar diante de Deus e responder por sua vida. Deve ser muito pior, quero dizer, ter que responder por todas as pessoas sob seus cuidados.

— Acha que ele teria? — perguntei, intrigada e um pouco desconfortável com a ideia. Eu não conhecera Luís de nenhuma maneira mais íntima, salvo o óbvio, e isso pareceu menos íntimo do que um aperto de mão; ele nunca sequer me olhou nos olhos, mas não parecera um homem consumido de preocupação com seus súditos. — Uma pessoa pode realmente ter que responder pelo bem-estar de todo um reino? Não seriam apenas seus próprios pecadilhos, você acha?

Ele considerou a pergunta com seriedade, os dedos rígidos da mão direita tamborilando devagar no corrimão escorregadio.

— Acho que sim — ele disse. — Você responderia pelo que fez à sua família, não? Digamos que você tivesse cuidado mal de seus filhos, os tivesse abandonado ou deixado que passassem fome. Certamente, isso iria pesar contra a sua alma, pois você é responsável por eles. Se você nasce um rei, você recebe responsabilidade pelos seus súditos. Se você os trata mal, então...

— Bem, mas onde isso termina? — protestei. — Suponha que você aja bem com uma pessoa e mal com outra? Suponha que você tenha pessoas sob seus cuidados, por assim dizer, e suas necessidades sejam contrárias umas às outras? O que me diz disso?

Ele abriu um sorriso.

— Eu diria que fico muito feliz por não ser Deus e não ter que tentar decifrar coisas desse tipo.

Fiquei em silêncio por um instante, imaginando Luís diante de Deus, tentando explicar aqueles dez minutos comigo. Tenho certeza de que ele achava que tinha o direito — os reis, afinal, eram reis —, mas, por outro lado, tanto o sétimo quanto o nono mandamento eram bastante explícitos e não pareciam ter nenhuma cláusula eximindo a realeza.

— Se você estivesse lá — eu disse impulsivamente —, no céu, observando esse julgamento... você o perdoaria? Eu perdoaria.

— Quem? — ele disse, surpreso. — Luís? — Balancei a cabeça e ele franziu a testa, esfregando um dedo devagar pelo cavalete do nariz. Em seguida, suspirou e balançou a cabeça. — Sim, perdoaria. Mas não me incomodaria de vê-lo se contorcer um pouco antes, veja bem — acrescentou, soturnamente. — Uma fígada com o garfo no traseiro seria bom.

Ri diante disso, mas antes que pudesse acrescentar qualquer coisa fomos interrompidos por um grito de "Vela à vista!" vindo de cima. Se no instante anterior estávamos sozinhos, esse aviso fez os marinheiros surgirem de escotilhas e escadas de tombadilho como gorgulhos de biscoitos de navio, invadindo o cordame como um enxame para ver o que estava acontecendo.

Apertei os olhos, mas não havia nada imediatamente visível. O Jovem Ian, entretanto, subira com os outros e agora aterrissava no convés com uma pancada. Estava corado pelo vento e pela empolgação.

— Um navio pequeno, mas com canhões — disse a Jamie. — E a Union Jack desfraldada.

— É um cúter naval — disse o capitão Roberts, que surgira no meu outro lado e espreitava com uma carranca através do telescópio. — Merda.

A mão de Jamie dirigiu-se à sua adaga, inconscientemente verificando, e ele olhou por cima do ombro do capitão, os olhos apertados contra o vento. Eu podia ver a vela agora, aproximando-se rapidamente a estibordo.

— Podemos correr mais rápido do que ele, capitão? — O imediato juntara-se ao grupo na amurada, observando o navio que se aproximava. De fato, possuía canhões; seis, que eu pudesse ver — e havia homens por trás deles.

O capitão ponderou, distraidamente abrindo e fechando sua lente com uma série de diques, depois levantou os olhos para o cordame, provavelmente avaliando as chances de inflar bastante as velas para deixar o perseguidor para trás. O mastro principal estava rachado; ele pretendia substituí-lo em New Haven.

— Não — ele disse soturnamente. — O mastro principal vai ceder se for colocada muita pressão sobre ele. — Fechou o telescópio com um dique decisivo e guardou-o no bolso. — Temos que enfrentá-lo, da melhor forma possível.

Perguntei-me exatamente quanto da carga do capitão Roberts seria contrabando. Seu rosto taciturno não revelava nada, mas havia um distinto ar de

nervosismo em suas mãos, que aumentou notoriamente quando o cúter alinhou-se com o navio, saudando-o.

Roberts deu a ordem sucinta para parar e as velas se afrouxaram, o navio diminuindo imediatamente a velocidade. Eu podia ver marinheiros junto aos canhões e à balaustrada do cúter; olhando de lado para Jamie, vi que ele os contava e olhei de volta.

— Conte dezesseis — Ian disse, num sussurro.

— Com poucos homens, droga — disse o capitão. Olhou para Ian, estimando seu tamanho e sacudiu a cabeça. — Provavelmente vão recrutar à força, tentar levar o máximo que puderem. Sinto muito, rapaz.

A sensação um pouco indefinida de perigo que eu senti à aproximação do cúter intensificou-se abruptamente diante das palavras do capitão — e aumentou ainda mais quando vi Roberts olhar para Jamie de forma avaliadora.

— Você não acha que eles — comecei a dizer.

— Uma pena que tenha feito a barba esta manhã, sr. Fraser — Roberts comentou para Jamie, ignorando-me. — Tirou vinte anos de sua idade. E parece bem mais saudável do que outros homens com a metade de sua idade.

— Agradeço o elogio, senhor — Jamie retrucou secamente, um dos olhos na balaustrada, onde o chapéu bicornado do capitão do cúter surgira repentinamente como um cogumelo agourento. Ele desafiou seu cinto, soltou a bainha da adaga e a entregou a mim.

— Segure isso para mim, Sassenach — ele disse baixinho, afivelando o cinto outra vez.

O capitão do cúter, um homem atarracado de meia-idade, com uma carranca mal-humorada e um par de calças muito remendadas, lançou um olhar rápido e incisivo ao redor do convés quando subiu a bordo, balançou a cabeça para si mesmo, como se suas piores suspeitas tivessem sido confirmadas, depois gritou por cima do ombro para que seis homens o acompanhassem.

— Revistem o porão — disse a seus subordinados. — Sabem o que procurar.

— Que modos são esses? — o capitão Roberts indagou com raiva. — Não tem nenhum direito de revistar meu navio! O que acham que são, um bando de malditos piratas?

— Eu pareço um pirata? — O capitão do cúter ficou mais satisfeito do que insultado com a ideia.

— Bem, certamente você não pode ser um capitão naval — Roberts disse friamente. — Sempre achei a Marinha de Sua Majestade um amável e educado grupo de indivíduos. Não do tipo que aborda um negociante respeitável sem permissão, muito menos sem a devida apresentação.

O capitão do cúter pareceu achar aquilo engraçado. Tirou o chapéu e fez uma medida — para mim.

— Permita-me, madame — ele disse. — Capitão Worth Stebbings, seu humilde criado. — Endireitou-se, recolocando o chapéu, e fez sinal com a cabeça para seu tenente. — Vasculhem o porão rapidamente. E você — cutucou o peito de Roberts com o dedo indicador — coloque todos os seus homens no convés, na frente e no centro, idiota. Todos eles, veja bem. Se eu tiver que arrastá-los aqui para cima, não vou ficar nem um pouco satisfeito, estou avisando.

Seguiram-se tremendas batidas e pancadas embaixo, com marinheiros surgindo periodicamente para informar o capitão Stebbings de suas descobertas. O capitão, reclinado contra a amurada, observava enquanto os homens do Teal eram recolhidos e amontoados no convés — Ian e Jamie entre eles.

— Ora, vamos! — O capitão Roberts era corajoso, justiça seja feita. — O sr. Fraser e seu sobrinho não fazem parte da tripulação; são passageiros pagantes! Não tem o direito de molestar cidadãos livres, cuidando de seus negócios legítimos. Nem tampouco o direito de raptar minha tripulação!

— São súditos ingleses — Stebbings informou-o laconicamente. — Tenho todo direito. Ou todos vocês se consideram americanos? — Fitou-os com um olhar malicioso ao dizer isso; se o navio fosse considerado uma embarcação rebelde, ele podia simplesmente apoderar-se de tudo como prêmio, despojos de guerra: tripulação, carga e tudo o mais.

Um murmúrio percorreu os homens no convés e eu vi os olhos de mais de um dos marujos dardejarem para as malaguetas ao longo da balaustrada. Stebbings também viu e gritou por cima da amurada para que mais quatro homens fossem trazidos a bordo — com armas.

Dezesseis menos seis menos quatro são seis, pensei, aproximando-me sorrateiramente da balaustrada para espreitar dentro do cúter balançando nas ondas um pouco abaixo e amarrado ao Teal por um cabo. Se os dezesseis não incluírem o capitão Stebbings. Se incluem...

Havia um único homem no leme, este não sendo uma roda, mas uma espécie de arranjo de alavancas projetando-se do assoalho do convés. Mais dois manipulavam um canhão, uma arma longa, de bronze, na proa, apontando para a lateral do Teal. Onde estavam os outros? Dois no convés. Os outros talvez embaixo.

O capitão Roberts continuava reclamando com Stebbings atrás de mim, mas a tripulação do cúter estava rolando barris e pacotes pelo convés, pedindo uma corda para abaixar o espólio para o cúter. Olhei para trás e vi Stebbings andando ao longo da fileira de tripulantes, indicando suas escolhas para quatro homens musculosos que o seguiam. Estes arrancavam os escolhidos da fileira e os amarravam juntos, uma corda indo de tornozelo em tornozelo. Três homens já haviam sido escolhidos,

John Smith entre eles, pálido e tenso. Meu coração deu um salto ao vê-lo, depois quase parou por completo quando Stebbings aproximou-se de Ian, que abaixou os olhos para ele impassivelmente.

— Apto, apto — Stebbings disse com aprovação. — Um filho da mãe petulante, ao que parece, mas logo o amansaremos. Levem-no!

Vi os músculos dos antebraços de Ian se avolumarem conforme seus punhos se cerravam, mas o bando a cargo do recrutamento forçado estava armado, dois com as pistolas engatilhadas, e ele deu um passo à frente, embora com um olhar maligno que teria feito um homem mais sensato pensar duas vezes. Eu já observara que o capitão Stebbings não era um homem sensato.

Stebbing recrutou mais dois, depois parou diante de Jamie, olhando-o de cima a baixo. O rosto de Jamie mantinha-se cuidadosamente inescrutável. E ligeiramente esverdeado; o vento ainda soprava e, sem nenhum movimento para frente no navio, ele subia e descia pesadamente, com um balanço que teria desconcertado mesmo um marinheiro muito melhor do que ele.

— Este é forte, senhor — disse um do bando, com aprovação.

— Um pouco velho — Stebbings disse, em dúvida. — E não gosto muito da cara dele.

— Eu também não gosto da sua — Jamie disse, sem se alterar. Empertigou-se, endireitando os ombros, e olhou para baixo, para Stebbings, pela linha longa e reta do cavalete de seu nariz. — Se eu já não soubesse que é um grande covarde pelos seus atos, senhor, o tomaria por um lambe-botas e um retardado pela sua cara de idiota.

O rosto maligno de Stebbings ficou lívido de espanto, depois roxo de raiva. Um ou dois dos recrutadores riu pelas suas costas, embora apressadamente apagando essa expressão quando ele se virou.

— Levem-no — rosnou para os recrutadores, abrindo caminho na direção do fruto da pilhagem reunido junto à amurada. — E não deixem de derrubá-lo algumas vezes no caminho.

Fiquei paralisada de choque. Obviamente, Jamie não podia deixar que levassem Ian, mas sem dúvida também não pretendia me abandonar no meio do oceano Atlântico.

Nem mesmo com sua adaga no bolso amarrado sob a minha saia e a minha própria faca na bainha, presa ao redor de minha coxa.

O capitão Roberts observara esse pequeno desempenho boquiaberto, se por respeito ou assombro eu não saberia dizer. Era um homem baixo, um pouco rechonchudo, e obviamente não possuía a constituição adequada para o confronto físico, mas ele trancou o maxilar e avançou pesadamente para Stebbings, agarrando-o pela manga.

A tripulação empurrou os prisioneiros por cima da amurada. Não havia tempo para pensar em nada melhor. Agarrei a balaustrada e mais ou menos rolei por cima dela, as saias voando. Fiquei pendurada pelas mãos por um instante aterrador, sentindo meus dedos deslizarem pela madeira molhada, buscando com as pontas dos pés a escada de corda que a tripulação do cúter havia atirado por cima da balaustrada. Um balanço do navio atirou-me com força contra o costado, minhas mãos se soltaram, mergulhei no ar por um terrível momento e agarrei a escada de corda logo acima do convés do cúter.

A corda esfolara minha mão direita e parecia que arrancara toda a pele da palma da mão, mas não havia tempo para pensar nisso agora. A qualquer momento, um dos homens me veria e...

Calculando meu salto para a próxima subida do convés do cúter, soltei a escada e aterrissei como um saco de pedras. Uma dor aguda subiu por dentro do meu joelho direito, mas levantei-me atabalhoadamente, sendo lançada de um lado para o outro com a oscilação do convés, e me arremessei na direção da escada do tombadilho.

— Ei! Você! O que está fazendo? — Um dos canhoneiros me vira e me olhava boquiaberto, obviamente incapaz de decidir se deveria descer e lidar comigo ou permanecer com seu canhão. Seu parceiro olhou para mim por cima do ombro e berrou para que o primeiro permanecesse parado em seu lugar, aquilo não passava de um truque para desviar a atenção, ele disse. — Pare aí onde está, desgraçada!

Eu os ignorei, o coração batendo com tanta força que eu mal conseguia respirar. E agora? O que aconteceria? Jamie e Ian haviam desaparecido. — Jamie! — gritei, a plenos pulmões. — Estou aqui! — E em seguida corri na direção da corda que prendia o cúter ao Teal, puxando minhas saias para cima enquanto corria. Só fiz isso porque minhas saias haviam se embolado durante a minha humilhante descida e eu não conseguia encontrar a abertura onde enfiar a mão e pegar a faca em sua bainha na minha coxa, mas o ato em si pareceu desconcertar o timoneiro, que se virara com meu grito.

Ele ficou me olhando estupidamente, abrindo e fechando a boca, como um peixinho dourado, mas teve presença de espírito suficiente para manter a mão na cana do leme. Agarrei a corda e enfiei minha faca no nó, usando-a para soltar o laço apertado.

Roberts e sua tripulação, que Deus os abençoe, faziam um tremendo tumulto no Teal acima, abafando os gritos do timoneiro e dos canhoneiros. Um desses, com um olhar desesperado para o convés do Teal no alto, finalmente se decidiu e veio em minha direção, pulando da proa para baixo.

O que eu não daria por uma pistola neste momento?, pensei com raiva. Mas o que eu tinha era uma faca e eu a arranquei do nó parcialmente afrouxado e enfiei-a

no peito do meu atacante com todas as forças que consegui. Seus olhos se arregalaram e eu senti a faca bater em osso e girar na minha mão, deslizando pela carne. Ele deu um grito agudo e caiu para trás, aterrissando no convés com um baque surdo e por pouco não levando minha faca com ele.

— Sinto muito — eu disse e, arfando, retomei meu trabalho no nó, a corda esgarçada agora suja de sangue. Havia barulho vindo das escadas agora. Jamie e Ian podiam não estar armados, mas meu palpite é que isso não faria muita diferença em um lugar confinado.

A corda soltou-se relutantemente. Desfiz o último laço e ela caiu, batendo contra o costado do Teal. Imediatamente, a corrente começou a distanciar as embarcações, o cúter, menor, deslizando pela grande chalupa. Não estávamos indo rápido, mas a ilusão ótica de velocidade me fez cambalear e eu me agarrei à balaustrada para me equilibrar.

O canhoneiro ferido ficara de pé e avançava para mim, cambaleando, mas furioso. Sangrava, mas não profusamente, e não estava de modo algum incapacitado. Afastei-me rapidamente para o lado e, olhando para a escada do tombadilho, fiquei imensamente aliviada ao ver Jamie saindo dela.

Ele me alcançou com três passos largos.

— Rápido, minha faca! Fitei-o estupidificada por um instante, mas depois me lembrei e, tateando rapidamente, consegui acessar meu bolso. Agarrei o cabo da adaga de Jamie, mas ela estava presa no tecido. Jamie agarrou e puxou a faca com um safanão, rasgando tanto o meu bolso quanto o cós da minha saia no processo, e arremeteu-se de volta para as entranhas do navio. Deixou-me para enfrentar um canhoneiro ferido, um canhoneiro não ferido agora descendo cautelosamente do seu posto e o timoneiro, que gritava histericamente para alguém fazer alguma coisa com algum tipo de vela.

Engoli em seco e segurei minha faca com todas as forças.

— Para trás — eu disse, na voz mais alta e autoritária que consegui. Considerando-se minha falta de ar, o vento e a algazarra reinante, duvido que me ouvissem. Por outro lado, não creio que fizesse qualquer diferença se me ouvissem. Arranquei minha saia pendurada com uma das mãos, agachei-me e ergui a faca de uma determinada maneira, pretendendo indicar que eu sabia o que fazer com ela. Eu sabia.

Ondas de calor percorriam minha pele e eu sentia o suor formigar meu couro cabeludo, secando imediatamente no vento frio. No entanto, o pânico passara; minha mente estava muito clara e muito distante.

Você não vai me tocar era a única coisa em minha mente. O homem que eu ferira mostrava-se cauteloso, demorando-se para trás. O outro canhoneiro não via nada mais além de uma mulher e não se deu ao trabalho de se armar, simplesmente

estendendo a mão para mim com um desdém furioso. Vi a faca mover-se para cima, rápida, e traçar um arco como se tivesse vontade própria, o brilho da lâmina embaçado de sangue quando talhou sua testa.

O sangue escorreu pelo seu rosto, cegando-o, ele deu um berro estrangulado de dor e perplexidade, e recuou, as duas mãos pressionadas, contra o rosto.

Hesitei por um instante, sem saber o que devia fazer em seguida, o sangue ainda latejando em minhas têmporas. O navio seguia à deriva, subindo e descendo nas ondas; senti a bainha pesada de ouro da minha saia arrastar-se pelas tábuas e puxei o cós rasgado para cima outra vez, irritada.

Então, vi uma malagueta enfiada em seu buraco na balaustrada, uma corda enrolada ao redor. Andei até lá, metendo a faca pela barbatana dos meus espartilhos por falta de um lugar melhor, segurei a malagueta com as duas mãos e soltei-a com um puxão. Segurando-a como um pequeno bastão de beisebol, inclinei-me para trás sobre um dos calcanhares e desferi um golpe com todas as minhas forças na cabeça do homem cujo rosto eu havia cortado. O pino de madeira ricocheteou de seu crânio com um barulho oco e ressonante, e ele saiu cambaleando, chocando-se contra o mastro como uma bola de bilhar.

O timoneiro, a essa altura, já estava farto. Abandonando o timão à própria sorte, largou seu posto atabalhoadamente e veio em minha direção como um macaco enfurecido, os dentes arreganhados, os braços para frente para me alcançar. Tentei atingi-lo com a malagueta, mas ela se deslocara em minha mão quando atingi o canhoneiro e agora escorregou, rolando para longe pelo convés que subia e descia, enquanto o timoneiro se atirava sobre mim.

Ele era pequeno e magro, mas seu peso me jogou para trás e fomos arremessados contra a balaustrada; minhas costas bateram com força contra ela, expulsando todo o ar dos meus pulmões, o impacto como uma sólida barra de choque sobre meus rins. Aquilo se transformou em segundos em uma vívida agonia e eu me contorci sob ele, deslizando para o chão. Ele veio comigo, lutando para me agarrar pela garganta com um único propósito. Eu me debatia, braços e mãos batendo em sua cabeça, os ossos de seu crânio machucando-me.

O vento rugia em meus ouvidos; eu não ouvia nada além de imprecações ofegantes, arfadas ásperas que podiam ser minhas ou dele, e então ele derrubou minhas mãos e me agarrou pelo pescoço, com apenas uma das mãos, o polegar pressionando com força sob meu maxilar.

Doía insuportavelmente e eu tentei golpeá-lo com o joelho, mas minhas pernas estavam enroscadas na minha saia e presas sob o peso do sujeito. Minha vista escureceu, com pequenas explosões de luz dourada disparando no meio da escuridão, minúsculos fogos de artifício anunciando minha morte. Alguém choramingava como um bebê e percebi turvamente que devia ser eu. A mão em meu

pescoço apertou-se ainda mais e as luzes piscantes desfizeram-se no breu.

Acordei com a sensação confusa de estar simultaneamente aterrorizada e sendo embalada em um berço. Minha garganta doía e, quando tentei engolir, a dor resultante me fez engasgar.

— Você está bem, Sassenach. — A voz suave de Jamie veio das trevas ao meu redor. Onde eu estava? Sua mão apertou meu braço, acalmando-me.

— Eu... vou... acreditar em você — falei com um grasnido, o esforço fazendo meus olhos lacrimejarem. Tossi. Doeu, mas pareceu ajudar um pouco. — O que...?

— Tome um pouco de água, a nighean. — Sua mão enorme segurou minha cabeça, levantando-a um pouco, e a boca de um cantil pressionou-se contra meu lábio. Engolir a água doía também, mas não me importei; meus lábios e minha garganta estavam ressecados e sabiam a sal.

Meus olhos começavam a se acostumar à escuridão. Eu podia ver o vulto de Jamie, encurvado sob o teto baixo, e o formato dos caibros do telhado — não, das vigas — acima. Um cheiro forte de alcatrão e águas servidas. Navio. Claro, estávamos em um navio. Mas qual navio?

— Onde...? — sussurrei, abanando a mão.

— Não faço a menor ideia — ele disse, parecendo um pouco irritado. — O pessoal do Teal está manejando as velas, eu espero, e Ian está apontando uma pistola para um dos sujeitos da Marinha para fazê-lo pilotar, mas até onde eu saiba o desgraçado está nos levando direto para o meio do mar.

— Eu quis dizer... qual... navio. — No entanto, suas observações já haviam deixado isso muito claro; devíamos estar no cúter da Marinha.

— Disseram que o nome dele é Pin. — Muito apropriado, parece mesmo o inferno, como o nome faz lembrar. — Olhei desfocadamente ao redor do ambiente sujo e escuro, e minha sensação de realidade sofreu novo abalo quando vi uma enorme e mosqueada espécie de trouxa, aparentemente dependurada do ar turvo a alguns passos atrás de Jamie.

Sentei-me abruptamente — ou tentei, somente então percebendo que eu estava em uma rede.

Jamie agarrou-me pela cintura com um grito de alarme, a tempo de me salvar de cair de cabeça e, enquanto eu me firmava, agarrando-me a ele, percebi que aquilo que eu tomara por um enorme casulo era na verdade um homem, deitado em outra rede suspensa das vigas, mas amarrado dentro dela como o jantar de uma aranha, e amordaçado. Seu rosto pressionava-se contra a trama da rede, fuzilando-me com os olhos.

— Jesus H. Roosevelt... — coaxei, e deitei-me, respirando pesadamente.

— Quer descansar um pouco, Sassenach, ou devo colocá-la de pé? — Jamie

perguntou, obviamente tenso. — Não quero deixar Ian sozinho muito tempo.

— Não — respondi, esforçando-me novamente para me levantar. — Ajude-me a sair daqui, por favor. — O cômodo, cabina ou o que quer que fosse girou ao meu redor e fui obrigada a me agarrar a Jamie com os olhos fechados por um instante, até meu giroscópio interior se estabilizar. — Capitão Roberts? — perguntei. — O Teal?

— Só Deus sabe — Jamie disse, sucintamente. — Nós o procuramos assim que consegui fazer os homens velejarem o barco. Pelo que sei, eles estão no nosso rastro, mas não consegui ver nada quando olhei a ré.

Eu começava a me sentir mais estável, embora o sangue ainda latejasse dolorosamente em minha garganta e têmporas a cada batimento cardíaco, e eu podia sentir os lugares machucados nos meus cotovelos e ombros, e uma nítida faixa atravessando minhas costas onde eu me chocara contra a balaustrada.

— Prendemos a maior parte da tripulação no porão — Jamie disse, com um sinal da cabeça indicando o homem na rede —, exceto por esse sujeito. Eu não sabia se você ia querer dar uma olhada nele primeiro. Como médica, quero dizer — acrescentou, ao ver minha momentânea incompreensão. — Embora eu não ache que ele esteja gravemente ferido.

Aproximei-me do sujeito na rede e vi que era o timoneiro que tentara me estrangular. Via-se um grande calombo em sua testa e ele tinha o começo de um monstruoso olho roxo, mas até onde eu podia ver, inclinando-me para perto na luz turva, suas pupilas estavam do mesmo tamanho e, descontando-se o pano enfiado em sua boca, sua respiração estava bem regular. Provavelmente sem ferimentos graves, portanto. Fiquei parada por um instante, fitando-o. Era difícil dizer — a única luz na cobertura vinha de um prisma embutido no convés em cima —, mas eu achei que talvez o que eu julgara ser um olhar de ódio era na verdade apenas um olhar de desespero.

— Você precisa fazer xixi? — perguntei educadamente. O homem e Jamie fizeram ruídos quase idênticos, apesar de no primeiro caso ser um gemido de necessidade e, no caso de Jamie, de exasperação.

— Pelo amor de Deus! — ele disse, agarrando meu braço quando comecei a estender a mão para o sujeito. — Eu me encarrego dele. Vá para cima. — Ficou claro pelo tom exasperado de sua voz que ele atingira o estágio da última gota d'água e não adiantaria discutir com ele. Saí, subindo cautelosamente a escada ao acompanhamento de uma enxurrada de murmúrios em gaélico que eu não tentei traduzir.

O vento fustigante em cima foi suficiente para me fazer cambalear perigosamente quando agitou as minhas saias, mas agarrei-me firmemente a uma corda, deixando o ar fresco clarear minha cabeça antes de me sentir em condições de me dirigir à popa do navio. Lá, encontrei Ian, como anunciado, sentado em um barril,

uma pistola carregada mantida negligentemente em cima de um joelho, evidentemente entabulando uma conversa amigável com o marujo ao leme.

— Tia Claire! Você está bem? — ele perguntou, ficando de pé num salto e gesticulando para que eu me sentasse no barril.

— Estou bem — eu disse, sentando-me. Eu não achava que houvesse torcido alguma coisa em meu joelho, mas eu o sentia um pouco vacilante. — Claire Fraser — eu disse, balançando a cabeça educadamente para o homem ao leme, que era negro e tinha tatuagens elaboradas no rosto, apesar de estar vestido Com roupas baratas de marinheiro comum do pescoço para baixo.

— Guiné Dick — ele disse, com um largo sorriso que exibiu dentes lixados —, seu criado, madame — acrescentou, com forte sotaque.

Fitei-o de boca aberta por um instante, mas depois recobrei um arremedo de compostura e sorri para ele.

— Vejo que Sua Majestade pega seus marinheiros em qualquer lugar que lhe seja possível — murmurei para Ian.

— É verdade. O sr. Dick aqui foi tirado de um navio pirata da Guiné, que o raptou de um navio negreiro, que por sua vez o pegou de um armazém de escravos na costa da Guiné. Não tenho muita certeza se ele acha que as acomodações de Sua Majestade são uma melhoria, mas ele diz que não faz nenhuma reserva sobre ir conosco.

— Você confia nele? — perguntei, em um gaélico claudicante.

Ian me lançou um olhar ligeiramente escandalizado.

— Claro que não — respondeu na mesma língua. — E por favor não se aproxime muito dele, mulher do irmão de minha mãe. Ele me disse que não come carne humana, mas isso não é garantia de que seja confiável.

— Sei — eu disse, retornando ao inglês. — O que aconteceu a... Antes que eu pudesse terminar a frase, uma forte pancada no convés me fez virar, deparando-me com John Smith, aquele dos cinco brincos de ouro, que saltara do cordame. Ele, também, sorriu ao me ver, embora seu rosto estivesse tenso.

— Tudo bem até agora — ele disse a Ian, tocando em seu topete para mim. — Tudo bem com a senhora?

— Sim. — Olhei para a ré, mas não vi nada além de vagalhões. O mesmo em todas as outras direções também. — Hã... sabe para onde estamos indo, sr. Smith?

Ele pareceu um pouco surpreso.

— Bem, não, senhora. O capitão não disse.

— O cap...

— É tio Jamie — Ian disse, achando graça. — Está lá embaixo botando os bofes para fora?

— Não na última vez em que o vi. — Comecei a sentir uma sensação

estranha na base da minha espinha dorsal. — Está me dizendo que ninguém a bordo deste navio tem nenhuma ideia de para onde, ou ao menos em que direção, estamos indo?

A pergunta foi recebida com um silêncio eloquente. Tossi. — O, hum, canhoneiro. Não aquele com um corte na testa, o outro. Onde ele está, vocês sabem?

Ian virou-se e olhou para a água.

— Oh — eu disse. Havia uma grande mancha de sangue no convés onde o homem caíra quando eu o esfaqueei. — Oh — eu disse outra vez.

— Oh, o que me faz lembrar, tia. Encontrei isto aqui no convés. — Ian tirou minha faca de seu cinto e entregou-a a mim. Tinha sido limpa, percebi.

— Obrigada. — Enfie-i pela abertura em minhas anáguas e encontrei a bainha da faca, ainda amarrada ao redor de minha coxa, embora alguém tivesse removido minha saia rasgada e o bolso. Pensando no ouro na bainha, esperava que tivesse sido Jamie. Sentia-me estranha, como se meus ossos estivessem cheios de ar. Tossi e engoli em seco outra vez, massageando minha garganta dolorida, depois retornei à minha questão anterior. — Então ninguém sabe para onde estamos indo?

John Smith sorriu ligeiramente.

— Bem, não estamos indo na direção do mar aberto, se é isso que a senhora temia.

— Sim, na verdade, era. Como você sabe?

Os três sorriram diante da pergunta.

— "Sol estar lá" — o sr. Dick disse, sacudindo o ombro na direção do objeto em questão. Balançou a cabeça na mesma direção. — "Então, ele descer lá também.

— Ah. — Bem, isso era tranquilizador, sem dúvida. E de fato, já que o "sol" estar lá, isto é, descendo rapidamente no oeste, isso significava que estávamos na realidade indo para o norte.

Nesse momento, Jamie uniu-se ao grupo, muito pálido.

— Capitão Fraser — Smith disse respeitosamente.

— Sr. Smith.

— Ordens, capitão?

Jamie olhou para ele, desoladamente.

— Ficarei satisfeito se não afundarmos. Pode conseguir isso?

O sr. Smith não se deu ao trabalho de disfarçar o sorriso.

— Se não batermos em outro navio ou em uma baleia, acho que continuaremos à tona, senhor.

— Ótimo. Por gentileza, não bata. — Jamie passou as costas da mão pela boca e empertigou-se. — Há algum porto que possamos alcançar em um dia mais ou menos? O timoneiro disse que há comida e água suficientes para três dias, mas quanto menos precisarmos melhor me sentirei.

Smith virou-se, estreitando os olhos para a terra invisível, o sol poente reluzindo em seus brincos de ouro.

— Bem, já passamos de Norfolk — ele disse, pensativo. — O próximo porto grande seria Nova York.

Jamie lançou-lhe um olhar amarelado.

— A marinha britânica não está fundeada em Nova York?

O sr. Smith tossiu.

— Acho que estava, da última vez que ouvi. Claro, eles podem ter se mudado.

— Eu estava pensando em um porto menor — Jamie disse. — Bem pequeno.

— Onde a chegada de um cúter da Marinha Real poderá impressionar a população? — perguntei. Eu simpatizava com a ideia de colocar o pé em terra firme o mais cedo possível, mas a questão era: e depois?

A enormidade de nossa situação somente agora começava a se abater sobre mim. Havíamos passado, no espaço de uma hora, de passageiros com destino à Escócia a fugitivos, a caminho de só Deus sabia onde.

Jamie fechou os olhos e respirou longa e profundamente. A embarcação oscilava fortemente sobre as ondas e vi que ele estava ficando verde outra vez. E, com uma pontada de aflição, percebi que havia perdido minhas agulhas de acupuntura, deixadas para trás no meu êxodo apressado do Teal.

— E quanto a Rhode Island ou New Haven, Connecticut? — perguntei. — Era para New Haven que o Teal estava indo, de qualquer modo. E creio que é muito menos provável que a gente se depare com legalistas ou tropas inglesas em um desses portos.

Jamie balançou a cabeça, os olhos ainda fechados, fazendo uma careta com o balanço da embarcação.

— Sim, talvez.

— Rhode Island, não — Smith protestou. — Os ingleses entraram em Newport em dezembro e a marinha americana, o que existe dela, está bloqueada dentro de Providence. Eles podem não atirar em nós, se entrarmos em Newport com a bandeira britânica — gesticulou, indicando o mastro, onde a Union Jack ainda tremulava —, mas a recepção quando aportássemos seria mais calorosa do que desejaríamos.

Jamie abriu uma fenda em um dos olhos e olhava para Smith, pensativo.

— Parece-me que você mesmo não tem nenhuma tendência legalista, não é, sr. Smith? Porque, se tivesse, nada mais simples do que me dizer para aportar em Newport; eu não teria objeção.

— Não, não tenho, senhor. — Smith remexeu em um de seus brincos. — Veja bem, também não sou um separatista. Mas não estou nem um pouco inclinado a ser

afundado outra vez. Acho que já usei todo o meu quinhão de sorte nessa direção.

Jamie balançou a cabeça, parecendo doente.

— New Haven, então — ele disse, e eu senti um pequeno baque de nervosa empolgação. Será que eu me encontraria com Hannah Arnold, afinal? Ou, e essa era uma ideia ainda mais perturbadora, com o próprio coronel Arnold? Imaginava que ele devia visitar a família de vez em quando.

Seguiu-se certa dose de discussões técnicas, envolvendo muitos gritos entre o convés e o cordame, com respeito à navegação: Jamie sabia como usar tanto um sextante quanto um astrolábio — o primeiro estava, na verdade, disponível —, mas não sabia como aplicar os resultados às velas de um navio. Os marujos recrutados do Teal estavam mais ou menos em concordância quanto a conduzir o navio onde quer que quiséssemos levá-lo, uma vez que a única alternativa imediata era serem presos, julgados e executados por pirataria involuntária, mas embora todos fossem marinheiros capazes nenhum deles possuía conhecimentos de navegação.

Isso nos deixava com as estratégias alternativas de interrogar os marinheiros capturados e presos no porão — descobrindo se algum deles sabia velejar, e, se assim fosse, oferecendo tais incentivos no que diz respeito a violência ou ouro que o compelsse a fazê-lo — ou navegar até avistar terra firme e manter-se perto da costa, o que seria mais lento, muito mais perigoso, em termos de se deparar tanto com bancos de areia quanto com a marinha britânica, e incerto, na medida em que nenhum dos marujos do Teal atualmente conosco jamais vira o porto de New Haven antes.

Não tendo nada de útil a contribuir nessa discussão, fui postar-me à balaustrada, observando o sol descer no céu e imaginando quais seriam nossas probabilidades de encalhar em um banco de areia na escuridão, sem o sol para nos guiar?

O pensamento era frio, mas o vento era ainda mais. Eu usava apenas um casaco leve quando saí abrupta e dramaticamente do Teal, e sem a minha sobressaia de lã, o vento do mar atravessava minhas roupas como uma faca. Essa lastimável imagem me fez lembrar o canhoneiro morto e, revestindo-me de coragem, olhei por cima do ombro para a mancha escura de sangue no convés.

Ao fazê-lo, meus olhos captaram um breve movimento no timão, e eu abri a boca para gritar. Eu não conseguira emitir nenhum som, mas Jamie por acaso estava olhando para mim e o que quer que tenha visto na expressão do meu rosto foi o suficiente. Virou-se com uma guinada e se atirou sem nenhuma hesitação sobre Guiné Dick, que tirara uma faca de algum lugar de sua pessoa e se preparava para enterrá-la nas costas de Ian, negligentemente voltadas para ele.

Ian girou nos calcanhares com o barulho, viu o que estava acontecendo e, enfiando a pistola nas mãos surpresas do sr. Smith, atirou-se sobre a bola humana que rolava sob o oscilante leme. Perdendo a direção, a embarcação diminuiu a

marcha, as velas se afrouxaram e o navio começou a jogar de modo assustador.

Dei dois passos pelo convés inclinado e arranquei habilmente a pistola da mão do sr. Smith. Ele olhou para mim, piscando, assombrado.

— Não é que eu não confie no senhor — eu disse, como forma de desculpas. — É que eu não posso correr o risco. Considerando-se tudo que está acontecendo. — Calmamente, considerando-se tudo que estava acontecendo, verifiquei a pistola; estava armada e engatilhada. Era de admirar que não tivesse disparado sozinha, com todo aquele manuseio intempestivo. Apontei-a para o centro da peleja, esperando para ver quem emergiria dali.

O sr. Smith olhou de um lado para o outro, de mim para a briga, e em seguida começou a recuar devagar, as mãos delicadamente erguidas.

— Eu... estarei... lá em cima — disse. — Se precisarem. O resultado fora o esperado, mas o sr. Dick havia se conduzido nobremente como um marinheiro britânico. Ian levantou-se devagar, praguejando e pressionando o braço contra a camisa, onde um ferimento irregular deixara manchas vermelhas.

— O desgraçado traiçoeiro me mordeu! — disse, furioso. — Maldito canibal! — Chutou seu ex-adversário, que grunhiu com o impacto, mas permaneceu inerte, e em seguida apoderou-se do leme com uma furiosa imprecação. Moveu-o devagar para frente e para trás, buscando direção, e o navio se estabilizou, a proa virando-se para o vento enquanto as velas se inflavam outra vez.

Jamie rolou de cima do corpo caído de costas do sr. Dick e sentou-se no convés ao lado dele, a cabeça caída, arquejante. Abaixei e desengatilhei a arma.

— Tudo bem? — perguntei-lhe, por formalidade. Sentia-me muito calma, de uma maneira remota e estranha.

— Estou tentando me lembrar de quantas vidas ainda me restam — ele disse, entre uma arfada e outra.

— Quatro, eu acho. Ou cinco. Certamente, você não considera que escapou desta por pouco, não é? — Olhei para o sr. Dick, cujo rosto estava em péssimo estado. O próprio Jamie tinha uma grande mancha vermelha no lado do rosto que certamente estaria preta e azulada em poucas horas, e segurava a região da cintura, mas fora isso parecia incólume.

— Quase morrer de enjoo conta?

— Não. — Com um olhar cauteloso para o timoneiro caído, agachei-me ao lado de Jamie e examinei-o. A luz vermelha do sol poente banhava o convés, tornando impossível avaliar sua palidez, ainda que a cor de sua pele tornasse a tarefa fácil. Jamie estendeu a mão e eu lhe entreguei a pistola, que ele enfiou no cinto. Onde, eu vi, ele havia recolocado sua adaga na respectiva bainha.

— Não teve tempo de puxar isso? — perguntei, indicando-a com um sinal da cabeça.

— Não queria matá-lo. Ele não está morto, está? — Com um perceptível esforço, ele rolou sobre as mãos e os joelhos e respirou por um instante, antes de se por de pé com um impulso.

— Não. Vai acordar em um ou dois minutos. — Olhei para Ian, cujo rosto estava desviado, mas cuja linguagem corporal era eloquente. Seus ombros rígidos, a vermelhidão na nuca e os músculos dos braços contraídos demonstravam raiva e vergonha, o que era compreensível, mas havia uma inclinação de sua espinha dorsal que falava de desolação. Fiquei refletindo sobre isso, até que um pensamento me ocorreu e aquela estranha sensação de calma desapareceu subitamente em uma explosão de horror quando percebi o que devia ter feito Ian baixar a guarda.

— Rollo! — sussurrei, agarrando com força o braço de Jamie. Ele ergueu os olhos, espantado, viu Ian e trocou um olhar consternado comigo.

— Oh, meu Deus — ele disse baixinho. As agulhas de acupuntura não eram as únicas coisas de valor deixadas para trás, a bordo do Teal.

Rollo era o maior companheiro de Ian há anos. O imenso subproduto de um encontro casual entre um enorme cão irlandês e um lobo, ele aterrorizava os marujos no Teal a ponto de Ian o ter prendido na cabine; caso contrário, ele provavelmente teria avançado na garganta do capitão Stebbings quando os marinheiros prenderam Ian. O que ele iria fazer quando percebesse que Ian desaparecera? E o que o capitão Stebbings, seus homens ou a tripulação do Teal fariam com ele?

— Santo Deus. Vão dar um tiro no cachorro e atirá-lo ao mar — Jamie disse, expressando meu pensamento, e fez o sinal da cruz.

Pensei no tubarão-martelo outra vez e um tremor violento percorreu meu corpo. Jamie apertou minha mão com força.

— Oh, meu Deus — ele disse novamente, num sussurro. Ficou parado, refletindo, por um instante, depois se sacudiu, mais ou menos como Rollo sacudindo água dos pelos, e soltou minha mão. — Tenho que falar com a tripulação e nós temos que alimentá-los... e os marinheiros no porão. Pode ir lá embaixo, Sassenach, e ver o que pode fazer com a cozinha? Eu só vou... dar uma palavrinha com Ian primeiro. — Vi sua garganta se mover ao olhar para Ian, rigidamente parado, como um índio de madeira ao leme, a luz evanescente implacável em seu rosto sem lágrimas.

Balancei a cabeça e comecei a caminhar, de maneira instável, para o buraco negro, aberto, da escada que levava à escuridão.

A cozinha do navio não passava de um cubículo na coberta, no final do refeitório, com uma espécie de altar baixo, de tijolos, contendo o fogo, vários armários no tabique e uma prateleira pendurada de onde pendiam vasilhas de cobre, pegadores de panela, panos de prato e outros itens de bagagem de cozinha. Nenhum problema em localizar os utensílios; ainda havia uma luminosidade avermelhada do

fogo da cozinha, onde — graças a Deus! — algumas brasas sobreviviam.

Havia uma caixa de areia, uma de carvão e um cesto de gravetos para acender o fogão, arrumados sob o balcão minúsculo, e comecei imediatamente a reavivar o fogo. Um caldeirão dependurava-se sobre o fogo; um pouco do conteúdo havia derramado pelos lados em consequência do balanço do navio, extinguindo parcialmente o fogo e deixando listras grudentas pelos lados do caldeirão. Sorte outra vez, pensei. Se o líquido derramado não tivesse quase extinguido o fogo, o conteúdo da panela há muito teria secado e queimado, deixando-me o trabalho de começar algum tipo de jantar a partir do zero.

Talvez eu tivesse realmente que começar do zero. Havia vários engradados de frangos empilhados perto da cozinha; andavam cochilando na escuridão quente, mas despertaram com meus movimentos, adejando, cacarejando e empinando suas cabeças tolas de um lado para o outro em agitada investigação, os olhos de conta pestanejando, vermelhos, para mim através da treliça de madeira.

Imaginei se haveria outros tipos de animais domésticos a bordo, mas, se havia, não estavam na cozinha, graças a Deus. Agitei o caldeirão, que parecia conter uma espécie de ensopado grudento e então comecei a procurar pão. Eu sabia que devia haver algum tipo de substância farinhenta; os marujos viviam de bolacha dura — uma bolacha d'água, sem sal nem fermento, sempre servida nos navios — ou bolacha macia, esta um tipo de pão com fermento, embora o termo "macio" sempre fosse relativo. De qualquer forma, teriam algum tipo de pão. Onde...?

Encontrei-o, finalmente: pães escuros, duros e redondos, em um saco de barbante trançado, pendurado de um gancho em um canto escuro. Para mantê-los fora do alcance de ratos, eu imaginava, e olhei atentamente para o assoalho ao redor, por precaução. Devia haver farinha também, pensei — oh, claro. Estaria no porão, juntamente com as demais provisões do navio. E os descontentes remanescentes da tripulação original. Bem, nos preocuparíamos com eles mais tarde. Ali havia o suficiente para o jantar de todos a bordo. Também me preocuparia com o café da manhã mais tarde.

O esforço de reavivar o fogo e vasculhar a cozinha e o refeitório me aqueceu e me fez esquecer os machucados. A sensação de fria perplexidade que sentia desde que me joguei por cima da amurada do Teal começou a se dissipar.

Isso não era algo inteiramente bom. Conforme eu emergia do meu estado de estupefação, também comecei a assimilar as verdadeiras dimensões da presente situação. Já não estávamos a caminho da Escócia e dos perigos do Atlântico, mas a caminho de um destino desconhecido em uma embarcação estranha, com uma tripulação inexperiente e apavorada. E tínhamos, na realidade, acabado de cometer um ato de pirataria em alto-mar, assim como todos os crimes envolvidos em resistir ao recrutamento forçado e atacar a marinha de Sua Majestade. E assassinato. Engoli

em seco, a garganta ainda dolorida, e minha pele ficou arrepiada apesar do calor do fogo.

O choque da faca atingindo o osso ainda reverberava nos ossos da minha mão e do meu braço. Como eu podia tê-lo matado? Eu sabia que não havia penetrado a cavidade do peito, não podia ter atingido os vasos grandes do pescoço.... Choque, é claro... mas poderia apenas o choque...?

Eu não podia pensar no canhoneiro morto agora e afastei o pensamento com firmeza. Mais tarde, disse a mim mesma. Eu faria as pazes com isso — afinal, fora legítima defesa — e rezaria por sua alma, porém mais tarde. Não agora.

Não que as outras coisas que se me apresentavam enquanto eu trabalhava fossem muito mais atraentes. Ian e Rollo — não, também não podia pensar nisso.

Raspei o fundo da panela energicamente com uma grande colher de pau. O ensopado estava um pouco queimado no fundo, mas ainda podia ser comido. Havia ossos nele, e era espesso e grudento, com grumos. Ligeiramente enjoada, enchi uma panela menor com água de uma barrica e pendurei-a no fogo para ferver.

Navegação. Fixei-me nisso como um tópico para preocupação, com base em que, apesar de ser profundamente preocupante, não possuía os aspectos emocionais de alguns dos outros tópicos em minha agenda mental. Em que lua estávamos? Tentei me lembrar da noite anterior, do convés do Teal. Eu não havia notado a lua, portanto não estava quase cheia; a lua cheia erguendo-se do mar é um espetáculo extraordinário, com aquele caminho brilhante pela água que nos faz sentir como seria simples pular por cima da amurada e caminhar em frente, por aquele tranquilo esplendor.

Não, nenhum tranquilo esplendor na noite anterior. Mas eu fora à proa do navio, bem tarde, em vez de usar o urinol, porque eu queria um pouco de ar fresco. Estava escuro no convés e eu parei por um instante junto à balaustrada, porque havia fosforescência nas ondas longas, contínuas, uma bela e estranha luminosidade verde sob a água, e o rastro do navio lavrava um sulco brilhante pelo mar.

Lua nova, então, concluí, ou uma lâmina fina, o que dava no mesmo. Não podíamos nos aproximar muito do litoral à noite, então. Eu não sabia a que distância ao norte estávamos — será que John Smith sabia? —, mas tinha noção de que a linha costeira de Chesapeake envolvia todo tipo de canais, bancos de areia, baixios das marés e tráfego de navios. Mas, espere, Smith dissera que havíamos passado de Norfolk...

— Ora, droga! — exclamei, exasperada. — Onde fica Norfolk? Eu sabia onde era em relação à estrada 1-64, mas não fazia a menor ideia de como era o maldito lugar visto do oceano.

E se fôssemos obrigados a ficar distantes da terra firme durante a noite, o que nos impediria de ir à deriva para o meio do mar?

— Bem, do lado positivo, não precisamos nos preocupar em ficar sem combustível — eu disse de modo encorajador para mim mesma. Comida e água... bem, ainda não, ao menos.

Eu parecia estar ficando sem material de preocupação impessoal. E que tal o enjoo de Jamie? Ou qualquer outra catástrofe médica que pudesse ocorrer a bordo? Sim, esse era um bom tema. Eu não tinha nenhuma erva, agulhas, suturas, ataduras ou instrumentos. No momento, eu estava absolutamente sem nenhum remédio prático, a não ser água fervente e qualquer habilidade que pudesse haver em minhas duas mãos.

— Creio que conseguiria reduzir um deslocamento ou colocar o polegar em uma artéria esguichando — eu disse em voz alta —, mas provavelmente isso seria tudo.

— Haã... — disse uma voz profundamente hesitante atrás de mim e eu girei nos calcanhares, inadvertidamente respingando ensopado da minha concha.

— Oh. Sr. Smith.

— Não quis assustá-la. madame. — Deslizou sorrateiramente para a luz como uma aranha desconfiada, mantendo uma cautelosa distância de mim. — Especialmente depois que vi seu sobrinho lhe devolver aquela sua faca. — Sorrii ligeiramente, para indicar que era uma piada, mas ele obviamente estava nervoso. — A senhora... hum... sabe lidar muito bem com ela, devo dizer.

— Sim — eu disse sucintamente, pegando um pano para limpar os respingos. — Tenho prática.

Isso levou a um profundo silêncio. Após alguns instantes, ele tossiu.

— O sr. Fraser me mandou perguntar, com muito cuidado, se logo haverá alguma coisa para comer.

Dei uma risada debochada ao ouvi-lo.

— O "muito cuidado" foi ideia sua ou dele?

— Dele — respondeu prontamente.

— Pode dizer a ele que a comida está pronta, a qualquer hora que alguém queira vir comer. Oh, SR. Smith?

Ele virou-se imediatamente, os brincos balançando.

— Eu só estava pensando... O que os homens... bem, eles devem estar muito contrariados, é claro, mas como os marinheiros do Teal se sentem sobre... hã... os últimos acontecimentos? Quer dizer, se o senhor souber... — acrescentei.

— Eu sei. O sr. Fraser me perguntou isso também, não faz dez minutos — ele disse, parecendo achar um pouco engraçado. — Nós estivemos conversando, lá em cima, como pode imaginar, madame.

— Oh, sim. — Bem, estamos muito aliviados de não termos sido recrutados à força, é claro. Se isso acontecesse, o mais provável é que ninguém veria nem a

casa, nem a família novamente durante anos. Sem dizer nada sobre ser forçado talvez a lutar contra nossos compatriotas. — Ele coçou o queixo; como todos os homens, ele estava ficando barbado e com um ar de pirata. — Por outro lado, entretanto... bem, deve compreender que a situação atual não é a que nossos amigos gostariam que fosse. Perigosa, quero dizer, e nós agora sem nosso pagamento e nossas roupas, ainda por cima.

— Sei, compreendo. Do seu ponto de vista, qual seria o final mais desejável de nossa situação?

— Aportar o mais perto de New Haven possível, mas não no porto. Levar a embarcação para um banco de cascalhos e incendiá-la — ele respondeu prontamente. — Levar o bote até a terra firme e depois correr em disparada.

— O senhor incendiaria o navio com os prisioneiros no porão? — perguntei, por curiosidade. Para meu alívio, ele pareceu chocado com a ideia.

— Oh, não, madame! Talvez o sr. Fraser queira entregá-los aos continentais como moeda de troca, mas também não nos importáramos se fossem soltos.

— É muito magnânimo de sua parte — assegurei-lhe com ar grave. — E tenho certeza de que o sr. Fraser ficou muito agradecido por suas recomendações. O senhor, hã, sabe onde o Exército Continental está no momento?

— Em algum lugar em Nova Jersey, foi o que ouvi dizer — ele respondeu, com um breve sorriso. — Mas não creio que seria muito difícil encontrá-los, se quisessem.

Fora a Marinha Real, a última coisa que eu pessoalmente queria ver era o Exército Continental, mesmo a distância. No entanto, Nova Jersey parecia a uma distância segura.

Eu o mandei vasculhar os alojamentos da tripulação à procura de utensílios — cada homem devia ter seus próprios talheres para as refeições — e começar a complicada tarefa de acender os dois lampiões pendurados acima da mesa do refeitório, na esperança de que pudéssemos ver o que estávamos comendo.

Examinando mais atentamente o ensopado, mudei de ideia quanto à conveniência de mais iluminação, mas considerando o trabalho que dera acender os lampiões também não estava disposta a apagá-los.

No cômputo geral, a refeição não foi ruim. Embora provavelmente não fizesse nenhuma diferença para eles se eu tivesse servido aveia crua e cabeças de peixe; os homens estavam famintos. Devoraram a comida como uma horda de alegres gafanhotos, notavelmente bem-humorados, considerando-se nossa situação. Não pela primeira vez, admirei-me com a capacidade dos homens de trabalhar de forma competente em meio à incerteza e ao perigo.

Isso, em parte, se devia a Jamie. Ninguém podia deixar de notar a ironia de alguém que detestava o mar e navios como ele tornar-se de repente o capitão de

facto de um cúter da marinha. No entanto, apesar de detestar navios, ele na realidade sabia conduzi-los — e possuía o talento especial de se manter calmo diante do caos, além de uma liderança natural.

Se você puder manter a cabeça no lugar quando todos ao seu redor estão perdendo a deles e culpando-o por isso... pensei, observando-o conversar calma e sensatamente com os homens.

Somente a pura adrenalina me mantivera em pé até então, mas agora, fora de perigo imediato, ela desaparecia rapidamente. Entre fadiga, preocupação e garganta dolorida, só consegui comer uma ou duas colheres do ensopado. Os outros machucados em meu corpo haviam começado a latejar e meu joelho ainda doía. Eu fazia um mórbido inventário dos danos físicos quando vi os olhos de Jamie fixos em mim.

— Você precisa se alimentar, Sassenach — ele disse suavemente. — Coma. — Abri a boca para dizer que não estava com fome, mas pensei melhor. A última coisa de que ele precisava era se preocupar comigo.

— Sim, sim, capitão — eu disse, e resignadamente peguei a colher.



A VISITA GUIADA PELAS CÂMARAS DO CORAÇÃO

Eu devia estar me preparando para dormir. Deus sabia o quanto precisava de sono. E haveria bem pouca oportunidade de dormir até chegarmos a New Haven. Se chegarmos, o fundo da minha mente comentou com ceticismo, mas ignorei essa observação como prejudicial à atual situação. Eu ansiava para mergulhar no sono, tanto para fugir dos medos e incertezas da minha mente quanto para restaurar meu corpo muito machucado. Mas eu estava tão cansada que a mente e o corpo haviam começado a se separar.

Era um fenômeno conhecido. Médicos, soldados e mães deparam-se com isso rotineiramente; eu mesma, inúmeras vezes. Incapaz de reagir a uma emergência imediata enquanto entorpecida de fadiga, a mente simplesmente se retrai um pouco, separando-se meticulosamente das prementes necessidades egocêntricas do corpo. Desse distanciamento impessoal, ela pode comandar, contornando emoções, dor e cansaço, tomando decisões necessárias, friamente dominando as estúpidas necessidades corporais de comida, água, sono, amor, pesar, superando seus pontos à prova de falhas.

Por que emoções?, perguntei-me vagamente. Sem dúvida, a emoção era uma função da mente. No entanto, parecia tão arraigada na carne que essa abdicação da mente sempre suprimia a emoção também.

O corpo se ressentia dessa abdicação, eu acho. Ignorado e maltratado, não permite facilmente que a mente retorne. Em geral, a separação persiste até que a pessoa finalmente consegue dormir. Com o corpo absorto em suas tranquilas intensidades de regeneração, a mente se instala cautelosamente na carne turbulenta, tateando delicadamente para encontrar seu caminho através das passagens sinuosas dos sonhos, fazendo as pazes. E você acorda inteiro outra vez.

Mas ainda não. Eu tinha a sensação de que restava alguma coisa a fazer, mas não tinha a menor ideia do que seria. Eu alimentara os homens, enviara comida aos prisioneiros, examinara os feridos... recarregara todas as pistolas... limpara o caldeirão da comida... Minha mente aos poucos ficou vazia.

Coloquei as mãos na mesa, as pontas dos dedos sentindo a textura da madeira, como se os minúsculos veios, alisados por anos de serviço, pudessem ser o mapa que me permitiria encontrar meu caminho para o sono.

Eu podia me ver mentalmente, sentada ali. Magra, quase esquelética; a borda do meu rádio mostrava-se, afiado, contra a pele do meu braço. Eu ficara mais magra do que notara, nas últimas semanas de viagem. Os ombros arqueados de cansaço. Uma cabeleira emaranhada, embaraçada, de mechas retorcidas, listradas de branco e prateado, uma dúzia de tons claros e escuros. Isso me fez lembrar de algo que Jamie me dissera, uma expressão cherokee... penteando cobras dos cabelos, era isso. Para aliviar a mente de preocupações, raiva, medo, possessão de demônios — isso era pentear as cobras de seus cabelos. Muito apropriado.

Eu não possuía, é claro, um pente no momento. Eu costumava ter um no meu bolso, mas o perdera na luta.

Minha mente parecia um balão, puxando teimosamente a linha que o prendia. Mas eu não o soltava; eu temia, repentina e irracionalmente, que ela não voltasse.

Em vez disso, concentrei minha atenção ferozmente em pequenos detalhes físicos: o peso do ensopado de frango e do pão em minha barriga; o cheiro, quente e de peixe, do óleo nos lampiões. A batida de pés no convés em cima e a canção do vento. O silvo da água escorrendo pelos costados do navio.

A sensação de uma lâmina na carne. Não a força da determinação, a destruição dirigida da cirurgia, dano causado com o propósito de curar. Uma estocada em pânico, o salto e a vibração de uma lâmina atingindo um osso inesperado, o adernar violento de uma faca descontrolada. E a grande mancha escura no convés, úmida e cheirando a ferro.

— Eu não pretendia — sussurrei em voz alta. — Oh, meu Deus, eu não pretendia.

Sem nenhum aviso prévio, comecei a chorar. Sem soluços, sem espasmos fechando a garganta. As lágrimas simplesmente afluíam aos meus olhos e fluíam pelas minhas faces, lentas como mel frio. Um reconhecimento silencioso do desespero conforme os acontecimentos entravam em uma lenta espiral fora de controle.

— O que foi, Sassenach? — a voz de Jamie, suave e baixa, veio da porta.

— Estou tão cansada — eu disse, a voz embargada. — Tão cansada. O banco rangeu sob seu peso quando ele se sentou a meu lado e um lenço imundo enxugou minhas faces delicadamente. Ele passou o braço ao meu redor e sussurrou para mim em gaélico, as palavras carinhosas e tranquilizadoras que se diz a um animal assustado. Afundei o rosto em sua camisa e fechei os olhos. As lágrimas ainda rolavam pelo meu rosto, mas eu começava a me sentir melhor; ainda mortalmente cansada, mas não completamente destruída.

— Eu não queria matar aquele homem — murmurei. Seus dedos estavam alisando meus cabelos para trás da orelha; pararam por um instante, depois recomeçaram.

— Você não matou ninguém — ele disse, parecendo surpreso. — Era isso o que a estava perturbando, Sassenach?

— Entre outras coisas, sim. — Sentei-me direito, limpando o nariz na minha manga, e fitei-o. — Eu não matei o canhoneiro? Tem certeza?

Sua boca torceu-se no que poderia ser um sorriso, se fosse um pouco menos amargo.

— Tenho certeza. Eu o matei, a nighean.

— Você... oh. — Funguei e olhei para ele atentamente. — Está dizendo isso para me fazer sentir melhor.

— Não, não estou. — O sorriso se desfez. — Eu também gostaria de não ter matado o sujeito. Mas não tive escolha. — Estendeu a mão e empurrou um cacho de meus cabelos para trás da orelha com o dedo indicador. — Não se preocupe, Sassenach. Eu posso suportar isso.

Eu chorava novamente, mas desta vez com sentimento. Eu chorava de dor e tristeza, certamente de medo. Mas a dor e a tristeza eram por Jamie e pelo homem que ele não tivera escolha senão matar, e isso fez toda a diferença.

Após algum tempo, a tempestade se amainou, deixando-me exausta, mas inteira. A incômoda sensação de distanciamento passara. Jamie virara-se no banco, as costas contra a mesa enquanto me segurava em seu colo, e permanecemos sentados em um silêncio tranquilizador, observando o clarão das brasas enfraquecidas no fogo da cozinha e os fiapos de vapor elevando-se do caldeirão de água quente. Eu devia colocar alguma coisa para cozinhar durante a noite, pensei sonolentemente. Olhei para os engradados, onde as galinhas haviam se acomodado para dormir, sem mais do que um breve cacarejo ocasional de surpresa quando alguma acordava de qualquer que seja o sonho que sonham as galinhas.

Não, eu não conseguiria matar uma galinha esta noite. Os homens teriam que se satisfazer com o que estivesse à mão pela manhã.

Jamie também notara as galinhas, embora com um efeito diferente.

— Você se lembra das galinhas da sra. Bug? — ele disse, com um humor pesaroso. — O pequeno Jem e Roger Mac?

— Oh, meu Deus. Pobre sra. Bug. Jem, com uns cinco anos, recebera a incumbência diária de contar as galinhas para se certificar de que todas houvessem retornado ao galinheiro à noite. Depois disso, é claro, a porta era bem fechada, para impedir a entrada de raposas, texugos e outros predadores que adoram galinhas. Só que Jem se esquecera. Apenas uma vez, mas uma vez fora o suficiente. Uma raposa entrara no galinheiro e a carnificina fora terrível.

É tolice dizer que só o homem mata por prazer. É possível que tenham aprendido com os homens, mas todos os animais da família do cachorro o fazem também — raposas, lobos e mesmo cachorros teoricamente domesticados. As paredes do galinheiro ficaram emplastadas de sangue e penas.

— Oh, minhas filhinhas! — a sra. Bug não parava de repetir, as lágrimas rolando pelo seu rosto como contas de vidro. — Oh, minhas pobres filhinhas!

Jem, chamado à cozinha, não conseguia erguer a cabeça.

— Sinto muito — ele murmurou, os olhos no chão. — Sinto muito mesmo.

— Bem, e deve mesmo — Roger lhe dissera. — Mas isso não vai adiantar muito, não é?

Jemmy sacudiu a cabeça, mudo, as lágrimas assomando aos olhos. Roger limpou a garganta, com um ruído rouco e ameaçador.

— Bem, é o seguinte, então. Se você já tem idade para lhe confiarem um trabalho, também já tem idade para assumir as consequências de quebrar essa confiança. Está me compreendendo?

Era óbvio que não, mas ele balançou a cabeça energicamente, fungando. Roger respirou fundo pelo nariz. — Quero dizer — ele disse — que vou bater em você.

O rosto pequeno, redondo, de Jem ficou completamente pálido. Ele pestanejou e olhou para sua mãe, boquiaberto.

Brianna fez um pequeno movimento na direção dele, mas a mão de Jamie fechou-se em seu braço, impedindo-a.

Sem olhar para Bri, Roger colocou a mão no ombro de Jem e virou-o com firmeza na direção da porta.

— Tudo bem, garoto. Para fora. — Apontou para a porta. — Vá para o estábulo e espere lá por mim.

Jemmy engoliu em seco de modo audível. Ele ficara com uma cor doentia quando a sra. Bug trouxera o primeiro corpo coberto de penas, e os acontecimentos subsequentes não melhoraram sua cor.

Pensei que ele fosse vomitar, mas não o fez. Parara de chorar e não recomeçara, mas pareceu encolher-se dentro de si mesmo, os ombros arriados.

— Vá — Roger disse, e ele obedeceu. Enquanto Jemmy arrastava-se pesadamente para fora, a cabeça baixa, parecia tanto um prisioneiro a caminho da execução que eu não sabia se ria ou chorava. Meus olhos encontraram os de Brianna e vi que ela lutava com um sentimento semelhante; parecia aflita, mas sua boca torceu-se no canto e ela desviou rapidamente o olhar.

Roger soltou um profundo suspiro e preparou-se para segui-lo, endireitando os ombros.

— Santo Deus — murmurou. Jamie permanecera calado, no canto,

observando a conversa, embora não sem compaixão. Moveu-se apenas ligeiramente e Roger olhou para ele. Ele tossiu.

— Mmmmmhum. Sei que é a primeira vez, mas acho que é melhor bater com força — ele disse suavemente. — O pobrezinho se sente muito mal.

Brianna voltou-se para ele, surpresa, mas Roger assentiu, a linha implacável de sua boca relaxando um pouco. Seguiu Jem para fora, desafivelando o cinto enquanto saía.

Nós três permanecemos na cozinha, constrangidos, sem saber ao certo o que fazer em seguida. Brianna endireitou-se com um suspiro, mais ou menos como Roger, sacudiu-se como um cachorro e estendeu a mão para uma das galinhas mortas.

— Podemos comê-las? Toquei uma das galinhas; a carne moveu-se sob a pele, flácida e trêmula, mas a pele ainda não começara a se separar. Levantei o galo e cheirei; havia um odor forte de sangue seco e o cheiro bolorento de fezes expelidas, mas nenhum cheiro adocicado de apodrecimento.

— Creio que sim, se forem bem cozidas. As penas não servem mais, mas podemos fazer ensopado com algumas das aves e cozinhar o resto para caldos e fricassée.

Jamie foi buscar cebolas, alho e cenouras no porão, enquanto a sra. Bug se retirava para repousar um pouco. Brianna e eu começamos o trabalho sujo de depenar e eviscerar as vítimas. Não dissemos muita coisa, além de breves perguntas e respostas murmuradas sobre o trabalho à mão. Quando Jamie voltou, no entanto, Bri ergueu os olhos para ele quando ele colocou a cesta com os legumes na mesa ao lado dela.

— Vai ajudar? — ela perguntou, séria. — Realmente? Ele balançara a cabeça.

— Você se sente mal quando fez alguma coisa errada e quer consertar, certo? Mas não há como consertar uma coisa como esta. — Indicou a pilha de galinhas mortas. Moscas começavam a aparecer, rastejando sobre as penas macias, — O melhor que você pode fazer é sentir que pagou por isso.

Um som fraco e agudo chegou até nós através da janela. Brianna instintivamente fez menção de correr diante do som, mas depois sacudiu a cabeça levemente e pegou uma das aves, abanando as moscas.

— Eu me lembro — eu disse agora, baixinho. — E Jemmy também, tenho certeza.

Jamie emitiu um pequeno ruído, achando graça, depois recaiu no silêncio. Eu podia sentir seu coração batendo contra as minhas costas, lento e compassado.

Fizemos vigília a intervalos de duas horas a noite inteira, nos certificando de que Jamie, Ian ou eu mesma estivéssemos acordados. John Smith parecia confiável

— mas havia sempre a chance de alguém do Teal cismar de soltar os marinheiros no porão, achando que isso pudesse salvá-los de serem enforcados como piratas mais tarde.

Consegui fazer a vigia da meia-noite sem maiores dificuldades, mas despertar ao amanhecer foi difícil. Lutei para sair de um poço profundo, forrado de lã preta e macia, um dolorido cansaço agarrando-se aos meus membros machucados e emperrados.

Jamie prontamente se deixara afundar na rede forrada com um cobertor, assim que saí dela, e apesar do desejo urgente e automático de tirá-lo dali e eu mesma voltar para dentro da rede sorri levemente. Ou ele tinha absoluta confiança em minha capacidade de ficar de guarda ou estava prestes a morrer de cansaço e enjoo. Ou ambos, refleti, pegando a capa de oficial da marinha que ele acabara de tirar. Isso fora uma vantagem da presente situação: eu deixara a terrível capa de leproso morto a bordo do Teal. Esta era muito superior, sendo feita de lã grossa azul-marinho, forrada de seda vermelha e ainda guardando uma boa parte do calor do corpo de Jamie.

Apertei-a bem ao meu redor, acariciei sua cabeça para ver se ele iria sorrir em seu sono — ele o fez, apenas um ligeiro movimento no canto da boca — e me dirigi à cozinha, bocejando.

Outro pequeno benefício: uma lata de um bom chá Darjeeling no armário. Eu havia reanimado o fogo sob o caldeirão de água quando fui dormir; estava muito quente agora e eu tirei uma xícara, usando o que obviamente era a louça particular do comandante, pintada com violetas.

Levei a xícara de chá para cima e, após um passeio oficial pelos conveses, de olho nos dois marujos de serviço — o sr. Smith estava ao leme —, parei junto à balaustrada para tomar o aromático fruto da minha pilhagem, observando o sol nascer do mar.

Se alguém estivesse disposto a contar suas bênçãos — e estranhamente eu parecia estar —, ali estava mais uma. Eu já vira auroras em mares tropicais que surgiam como o desabrochar de uma enorme flor, um lento e grandioso desenrolar de calor e luz. Este era um nascer do sol do norte, como o lento abrir de uma concha bivalve — frio e delicado, o céu brilhando em madrepérula sobre um mar cinza-claro. Havia algo íntimo a respeito deste amanhecer, pensei, como se pressagiasse um dia de segredos.

Exatamente quando eu me aprofundava em pensamentos poéticos, fui interrompida por um grito de "Vela à vista!", diretamente acima de mim. A xícara de porcelana pintada de violetas do capitão Stebbings espatifou-se no assoalho do convés e eu girei nos calcanhares, deparando-me com a ponta de um triângulo branco no horizonte atrás de nós, aumentando a cada segundo.

Os instantes seguintes foram dignos de uma comédia pastelão, conforme eu corri para a cabine do capitão tão afogueada e sem fôlego que era incapaz de dizer alguma coisa coerente, apenas repetindo ofegante "Ve... ve... vista!", como um Papai Noel demente. Jamie, capaz de saltar instantaneamente de um sono profundo para um estado de completa prontidão, assim o fez. Ele também tentou saltar para fora da cama, esquecendo-se no afã do momento de que estava em uma rede. Quando finalmente conseguiu erguer-se do chão, praguejando, ouviam-se pancadas de pés no convés conforme o resto dos marinheiros do Teal saltava mais agilmente de suas próprias redes e corria para ver o que estava acontecendo.

— É o Teal? — perguntei a John Smith, apertando os olhos para ver melhor. — Consegue ver?

— Sim — ele disse distraidamente, esforçando-se para ver. — Ou melhor, não. Eu saberia, não é o Teal. Ele tem três mastros.

— Vou acreditar em você. — A essa distância, o navio que se aproximava parecia uma nuvem vacilante movendo-se rapidamente em nossa direção por cima da água; eu ainda não conseguia distinguir nada de seu casco. — Não temos que fugir dele, temos? — perguntei a Jamie, que desencavava um pequeno telescópio da escrivaninha de Stebbings e examinava nosso perseguidor com o cenho franzido. Abaixou o telescópio, sacudindo a cabeça.

— Não importa se temos ou não; não teríamos a menor chance. Ele passou o telescópio para Smith, que o apertou contra o olho, murmurando:

— Bandeira... não tem nenhuma bandeira hasteada... A cabeça de Jamie virou-se abruptamente para cima e eu percebi de repente que o Pitt ainda portava a Union Jack desfraldada.

— Isso é bom, não acha — perguntei. — Certamente, não vão querer perturbar um navio da marinha.

Jamie e John Smith pareceram extremamente em dúvida quanto a esse exemplo de lógica.

— Se chegarem perto, provavelmente notarão que alguma coisa está fedendo e não é uma baleia — Smith disse. Olhou de viés para Jamie. — Ainda assim... você não poderia vestir a capa do capitão? Pode ajudar, de longe.

— Se chegarem perto o suficiente para isso fazer diferença, não vai adiantar mais, de qualquer modo — Jamie disse, com ar soturno.

Ainda assim, ele desapareceu, parando rapidamente para vomitar por cima da balaustrada, retornando instantes depois com uma aparência esplêndida — se você ficasse a uma boa distância e apertasse os olhos — no uniforme do capitão Stebbings. Como Stebbings era provavelmente trinta centímetros mais baixo do que Jamie e bem mais avantajado na cintura, o casaco apertava nos ombros e sobrava na cintura, e tanto as mangas quanto a calça exibiam um pedaço bem maior da camisa e

das meias do que deveriam; a calça foi franzida na cintura com o cinto da espada de Jamie para não cair. Ele agora portava a espada do capitão, percebi, e um par de pistolas carregadas, assim como sua própria adaga.

As sobrelanceiras de Ian empinaram-se ao ver o tio assim trajado, mas Jamie fulminou-o com o olhar e Ian não fez nenhum comentário, embora sua expressão se desanuviasse pela primeira vez desde que nos deparamos com o Pitt.

— Nada mau — o sr. Smith disse, de forma encorajadora. — Talvez se faça passar pelo capitão, certo? Nada a perder, afinal de contas.

— Mmmhmm. — "O menino ficou parado no convés em chamas, de onde todos haviam fugido, exceto ele" — eu disse, fazendo Jamie transferir o olhar fulminante para mim.

Tendo visto Guiné Dick, eu não estava preocupada em Ian não passar em uma revista como um marujo na Marinha Real, com suas tatuagens e tudo o mais. O restante dos marujos do Teal era razoavelmente comum. Éramos convincentes.

O navio que se aproximava estava bem perto agora para eu ver sua figura de proa, uma mulher de cabelos negros que parecia segurar uma...

— É mesmo uma cobra que ela segura? — perguntei, em dúvida. Ian inclinou-se para frente, estreitando os olhos por cima do meu ombro.

— Tem presas.

— O navio também, garoto. — John Smith balançou a cabeça indicando a embarcação e, nesse momento, vi que de fato tinha: os longos canos de dois pequenos canhões de bronze projetando-se da proa e, como o vento empurrava o navio para nós em um ligeiro ângulo, pude ver também que ele possuía portinholas para as bocas de canhões. Podiam ou não ser reais; os navios mercantes às vezes pintavam falsas portinholas nas laterais, para desencorajar interferências.

As peças de artilharia da proa, entretanto, eram de verdade. Uma delas detonou, uma baforada de fumaça branca e uma pequena bola que bateu na água perto do Pitt.

— Isso é uma saudação? — Jamie perguntou, em dúvida. — Eles pretendem sinalizar para nós?

Evidentemente, não; os dois canhões da proa dispararam simultaneamente e uma das balas atravessou uma vela acima de nós, deixando um grande buraco com as bordas chamuscadas. Ficamos olhando, boquiabertos.

— O que ele acha que está fazendo, atirando em um navio do rei? — Smith perguntou, indignado.

— Ele acha que é um maldito navio corsário e pretende nos tomar, é isso — Jamie disse, recobrando-se do choque e apressadamente tirando o uniforme. — Vamos nos render, pelo amor de Deus!

Smith olhava nervosamente de Jamie para o navio que se aproximava. Viam-

se homens nas balaustradas. Homens armados.

— Eles têm canhões e mosquetes, sr. Smith — Jamie disse, atirando seu casaco pela amurada com um arremesso que o fez ir girando pelo alto em direção às ondas. — Eu não vou tentar enfrentá-los pelo navio de Sua Majestade. Abaixei aquela bandeira!

O sr. Smith deu um salto e começou a escarafunchar entre as miríades de cordas aquela que se ligava à Union Jack. Outro estrondo veio dos canhões de proa, só que desta vez um feliz balanço nos jogou para dentro de um cavado entre duas ondas e as duas balas passaram por cima de nós.

A bandeira desceu farfalhando, para aterrissar em um montículo humilhante no convés. Tive um momentâneo e escandalizado impulso de correr e pegá-la, mas me contive.

— E agora? — perguntei nervosamente, de olho no navio. Já estava tão perto que eu podia divisar as figuras dos canhoneiros, que definitivamente estavam recarregando os canhões de bronze da proa e mirando-os novamente. E os homens nas balaustradas atrás deles estavam de fato carregados de armas; achei ter visto espadas e sabres, assim como mosquetes e pistolas.

Os canhoneiros haviam parado; alguém apontava por cima da balaustrada, virando-se para falar com alguém atrás dele. Protegendo os olhos com a mão, vi o casaco do capitão, flutuando na crista da onda. Aquilo parecia ter intrigado o corsário; vi um homem saltar para a proa e ficar olhando fixamente para nós.

E agora?, me perguntei. Corsários podiam ser qualquer coisa desde capitães profissionais de navios particulares, contratados por um ou outro governo, até verdadeiros piratas. Se o navio à nossa ré fosse um dos primeiros, as chances eram de que passaríamos bem por passageiros. Se dos últimos, poderiam facilmente cortar nossas gargantas e nos atirar no mar.

O homem na proa gritou alguma coisa a seus homens e saltou para baixo. O navio mudou de direção por um momento; a proa virou e as velas encheram-se com uma audível pancada do vento.

— Vai bater na gente — Smith disse, em um tom de voz de absoluta incredulidade.

Eu tinha certeza de que ele estava certo. A figura de proa estava tão perto que eu podia ver a cobra na mão da mulher, pressionada contra seu seio nu. Tal foi a natureza do choque que eu tive consciência de minha mente tolamente considerando se era mais provável que o navio se chamasse Cleópatra ou Áspide, quando passou por nós em uma precipitação de espuma e o ar se estilhaçou com um estrondo de metal abrasador.

O mundo se dissolveu e eu estava estatelada no chão, o rosto pressionado contra uma superfície que cheirava a carnificina, surda e esforçando-me para ouvir o

grito da bala de morteiro seguinte, a que iria nos atingir bem no centro.

Algo pesado caíra em cima de mim e lutei maquinalmente para sair debaixo do que quer que fosse, ficar de pé e correr, correr para qualquer lugar, qualquer lugar longe dali... longe...

Gradualmente, percebi pela sensação em minha garganta que eu estava fazendo pequenos ruídos lamurientos e que a superfície sob minha face achatada era tábua pegajosa de sal, e não lama encharcada de sangue. O peso em minhas costas moveu-se repentinamente por vontade própria, quando Jamie rolou de cima de mim, ficando de joelhos.

— Santo Deus! — ele gritou, furioso. — Qual é o seu problema?! A única resposta a isso foi um único estrondo, vindo evidentemente de um canhão na popa do outro navio, que nos ultrapassara.

Levantei-me, tremendo, mas já tendo ultrapassado o puro terror a ponto de notar, com uma espécie de interesse puramente distanciado, que havia uma perna jogada no convés a alguns passos de distância. Estava descalça, vestida com a perna arrancada de uma calça de lona. Havia muito sangue respingado aqui e ali.

— Santo Deus, Santo DEUS! — alguém repetia sem parar. Olhei apaticamente para o lado e vi o sr. Smith, olhando horrorizado para cima.

Olhei, também. O topo do único mastro havia desaparecido e o que sobrara das velas e do cordame pendia em frangalhos num amontoado fumegante por cima da metade do convés. Evidentemente, as portinholas de canhões do navio corsário não eram de mentira.

Zonza como eu estava, nem começara a perguntar a mim mesma por que haviam feito isso. Jamie também não estava perdendo tempo com perguntas. Ele agarrou o sr. Smith pelo braço.

— Maldição! Os desgraçados niunhaid estão voltando! Estavam. O outro navio movia-se muito depressa, percebi tardiamente. Passara a toda velocidade por nós quando atirara da lateral, mas o provável era que apenas uma das pesadas balas de canhão houvesse realmente nos atingido, arrancando o mastro e o infeliz que estava no cordame.

O resto dos marujos estava agora no convés, berrando perguntas. A única resposta vinha do corsário, que agora descrevia um amplo círculo, obviamente pretendendo voltar e terminar o que começara.

Vi Ian olhar intensamente para o canhão do Pin — mas isso era claramente inútil. Ainda que os homens do Teal incluíssem alguns com experiência em artilharia, não havia nenhuma possibilidade de serem capazes de manejar os canhões de repente, sem nenhuma preparação prévia.

O corsário completara o círculo. Estava retornando. Em todo o convés do Pin os homens gritavam, abanando os braços, colidindo uns com os outros, conforme

corriam aos trambolhões para a balaustrada.

— Nós nos rendemos, malditos desgraçados! — um deles gritou. — Vocês são surdos?!

Evidentemente; um desgarrado bafejo de vento carregou até mim um cheiro sulfuroso de estopim e pude ver mosquetes sendo direcionados para atirar em nós. Alguns dos homens perto de mim perderam a cabeça e correram para as cobertas inferiores. Eu me vi pensando que talvez essa não fosse uma má ideia.

Jamie andara acenando e gritando a meu lado. No entanto, ele desapareceu de repente, e virei-me, vendo então que ele corria pelo convés. Arrancou a camisa pela cabeça e pulou em cima de nosso canhão de proa, uma peça de artilharia de bronze brilhante e cano longo.

Ele agitou a camisa em um grande e esvoaçante arco branco, a mão livre agarrada no ombro de Ian para se equilibrar. Isso causou certa confusão por um instante; o crepitar dos disparos cessou, apesar de a embarcação continuar seu círculo mortal. Jamie acenou com a camisa outra vez, de um lado para o outro. Sem dúvida, tinham que tê-lo visto!

O vento soprava em nossa direção; eu podia ouvir o barulho surdo e retumbante dos canhões sendo rolados para fora outra vez, e o sangue congelou em meu peito.

— Eles vão nos afundar! — o sr. Smith gritou esganiçadamente, seguido por gritos de terror de alguns dos outros homens.

O cheiro de pólvora chegou até nós pelo vento, pungente e cáustico. Houve gritos dos homens no cordame, metade deles agora desesperadamente sacudindo as camisas também. Vi Jamie parar por um instante, engolir em seco, depois inclinar-se para baixo e dizer algo a Ian. Apertou o ombro de Ian com força, depois se agachou em cima do canhão, sobre as mãos e os joelhos.

Ian passou por mim a toda velocidade, quase me derrubando em sua pressa.

— Aonde vai? — gritei. — Soltar os prisioneiros! Vão se afogar se naufragarmos! — gritou por cima do ombro, desaparecendo pela escada do tombadilho.

Virei-me novamente para o navio que se aproximava e vi que Jamie não havia descido do canhão como eu imaginara. Em vez disso, ele havia se virado, de modo a ficar de costas para o navio que se aproximava.

Com o corpo retesado para enfrentar o vento, os braços abertos para manter o equilíbrio e os joelhos agarrados com todas as forças ao metal do canhão, esticou-se em toda a sua altura, os braços estendidos, exibindo suas costas nuas — e a malha de cicatrizes que ostentava, agora vermelha com o embranquecimento de sua pele no vento frio.

O navio corsário diminuía a marcha, manobrando para deslizar ao longo do

Pitt e nos mandar pelos ares com um último disparo lateral. Eu podia ver as cabeças dos homens espreitando acima da amurada, inclinando-se do cordame, todos esticando o pescoço de curiosidade. Mas não atirando.

Repentinamente, senti meu coração martelando com batidas fortes e dolorosas, como se na verdade houvesse parado por um minuto e agora, lembrando-se de seu dever, tentasse compensar o tempo perdido.

A lateral do costado da chalupa assomou acima de nós e o convés mergulhou em uma fria e profunda escuridão. Tão perto, eu podia ouvir a conversa dos canhoneiros, intrigados, fazendo perguntas; ouvir os tinidos e estrépitos da munição em seus suportes, o rangido das carretas dos canhões. Eu não conseguia erguer os olhos, não ousava me mover.

— Quem é você? — disse uma voz nasalada, muito americana, do alto. Parecia profundamente desconfiado e muito aborrecido.

— Se fala do navio chama-se Pitt. — Jamie descera do canhão e postara-se a meu lado, seminu e com a pele tão arrepiada que seus pelos projetavam-se do corpo como fios de cobre. Ele tremia, se de terror, raiva ou simplesmente de frio, eu não sabia. Mas sua voz não falseou; estava furioso.

— Caso se refira a mim, sou o coronel James Fraser, da milícia da Carolina do Norte.

Um silêncio momentâneo, enquanto o comandante do corsário digeriria essa informação.

— Onde está o capitão Stebbings? — a voz perguntou. A desconfiança em sua voz não diminuía, mas a contrariedade amainara um pouco.

— É uma longa história — Jamie disse, soando irritado. — Mas não está a bordo. Se quiser vir e procurar por ele, faça-o. Importa-se se eu vestir minha camisa?

Uma pausa, um murmúrio e os diques das armas sendo desengatilhadas. Nesse ponto, consegui sair um pouco da minha paralisia e levantar os olhos. A balaustrada estava apinhada de canos de mosquetes e pistolas, mas a maior parte das armas fora recolhida e agora apontava inofensivamente para cima, enquanto seus proprietários empurravam-se para frente para observar, boquiabertos, por cima da balaustrada.

— Só um minuto. Vire-se — a voz disse. Jamie inspirou fundo pelo nariz, mas atendeu. Olhou para mim, rapidamente, depois ficou parado com a cabeça erguida, o maxilar trincado e os olhos fixos no mastro, em torno do qual os prisioneiros do porão estavam agora reunidos, sob os olhos de Ian. Pareciam completamente desnorteados, olhando boquiabertos para o navio corsário, depois vasculhando ansiosamente o convés com os olhos, antes de localizarem Jamie, seminu e com o olhar fulminante de um basilisco. Se eu não tivesse começado a me

preocupar de estar tendo um ataque cardíaco, teria achado a cena engraçada.

— Desertor do exército britânico? — disse a voz vinda da chalupa, parecendo interessada. Jamie virou-se, mantendo o mesmo olhar.

— Não — respondeu laconicamente. — Sou um homem livre, sempre fui.

— É mesmo? — A voz começava a soar divertida. — Muito bem. Coloque sua camisa e venha a bordo.

Eu mal conseguia respirar e estava banhada em um suor frio, mas meu coração começou a bater mais calmamente.

Jamie, agora vestido, segurou meu braço.

— Minha mulher e meu sobrinho vão comigo — ele disse, e sem esperar permissão da chalupa agarrou-me pela cintura e levantou-me, colocando-me

em pé na balaustrada do Pitt, de onde eu podia agarrar a escada de corda que a tripulação da chalupa atirara para baixo. Ele não iria correr o risco de ser separado de mim ou de Ian outra vez.

O navio balançava nas ondas e tive que me agarrar com força à escada com os olhos fechados por alguns instantes, quando uma tontura tomou conta de mim. Senti-me nauseada, assim como zozza, mas certamente isso era apenas uma reação ao choque. Com os olhos fechados, meu estômago acomodou-se um pouco e eu pude colocar o pé no degrau seguinte.

— Vela à vista! Inclinando minha cabeça bem para trás, pude ver apenas o braço agitado do homem acima. Virei-me para olhar, a escada torcendo-se sob meu peso, e vi a vela aproximando-se. No convés acima, a voz nasalada gritava ordens e pés descalços tamborilavam nas tábuas enquanto a tripulação corria para retomar seus postos.

Jamie estava de pé na balaustrada do Pitt, segurando-me pela cintura para eu não cair.

— Jesus Cristo! — ele exclamou, em tom de absoluto assombro, e eu olhei por cima do meu ombro, vendo-o virado para o navio que se aproximava. — É o maldito Teal.

Um homem alto, muito magro, de cabelos grisalhos, um pomo de Adão proeminente e olhos azuis frios e penetrantes, nos recebeu no alto da escada.

— Capitão Asa Hickman — ele gritou para mim e, instantaneamente, voltou sua atenção para Jamie. — Que navio é esse? E onde está Stebbings?

Ian passou por cima da balaustrada atrás de mim, olhando ansiosamente para trás por cima do ombro.

— Eu recolheria essa escada se fosse você — ele disse para um dos marinheiros. Olhei para baixo, para o convés do Pitt, onde uma confusão de homens dirigia-se como um enxame para a amurada, aos empurrões. Houve muitos gritos e braços acenando, os homens da marinha britânica e os marinheiros recrutados à força

tentando apresentar seu caso, mas o capitão Hickman não estava disposto a ouvir.

— Recolha a escada — ele ordenou ao marinheiro. — Venha comigo — disse, voltando-se para Jamie. Andando arrogantemente, começou a sair do convés, sem esperar resposta e sem se virar para ver se estava sendo seguido.

Jamie olhou incisivamente para os marinheiros que nos cercavam, mas aparentemente decidiu que eram bastante seguros e saiu atrás de Hickman, com uma recomendação sucinta para Ian:

— Cuide de sua tia. Ian não prestava atenção a nada, salvo ao Teal, cada vez mais perto.

— Nossa — sussurrou, os olhos fixos na vela. — Acha que ele está bem? — Rollo?

Ah, espero que sim. — Meu rosto estava frio; e não apenas por causa dos respingos do mar; meus lábios haviam ficado dormentes. E havia pequenos lampejos de luz nas bordas da minha visão. — Ian — eu disse, o mais calmamente possível. — Acho que vou desmaiar.

A pressão no meu peito pareceu aumentar, sufocando-me. Forcei uma tosse e senti um alívio momentâneo. Santo Deus, eu estava mesmo tendo um ataque do coração? Dor no braço esquerdo? Não. Dor no maxilar? Sim, mas eu estava com os dentes trincados, não era de admirar... Não senti quando caía, mas senti a pressão de mãos quando alguém me amparou e me deitou no chão do convés. Meus olhos estavam abertos, eu achava, mas não conseguia ver nada. Obscuramente, ocorreu-me que eu poderia estar morrendo, mas rejeitei a ideia peremptoriamente. Não, não estava. Não podia estar. Mas havia uma estranha espécie de névoa cinzenta em redemoinho aproximando-se de mim.

— Ian — eu disse, ou achei ter dito. Sentia-me muito calma. — Ian, por via das dúvidas... diga a Jamie que eu o amo. — Não ficou tudo escuro, para minha surpresa, mas a névoa me alcançou e eu me senti delicadamente envolta em uma serena nuvem cinzenta. Toda a tensão, o sufocamento, a dor se aplacaram. Eu poderia ter flutuado, alegremente despreocupada, na névoa cinzenta, se não fosse pelo fato de não ter certeza se tinha realmente conseguido falar, e a necessidade de mandar o recado incomodava como um carrapicho na sola do pé.

— Diga a Jamie — eu continuava a repetir a um Ian imerso em neblina. — Diga a Jamie que eu o amo.

— Abra os olhos e diga-me você mesma, Sassenach — disse uma voz grave, ansiosa, em algum lugar perto do meu ouvido.

Tentei abrir os olhos e vi que conseguia. Aparentemente, eu não havia morrido, afinal. Ensaiei uma cautelosa respiração e descobri que meu peito movia-se com facilidade. Meus cabelos estavam úmidos e eu estava deitada em alguma coisa dura e coberta com um cobertor. O rosto de Jamie oscilou acima de mim, depois se

estabilizou, à medida que eu piscava.

— Diga-me — ele repetia, sorrindo ligeiramente, embora a ansiedade enrugasse a pele entre seus olhos.

— Dizer a você... Oh! Eu o amo. Onde...? — A lembrança dos acontecimentos recentes inundou-me e eu me senti abruptamente. — O Teal? O que...

— Não faço a menor ideia. Quando foi que você comeu alguma coisa pela última vez, Sassenach?

— Não me lembro. Ontem à noite. O que quer dizer com "não faço a menor ideia"? Ele ainda está lá?

— Oh, sim — ele disse, de forma assustadora. — Está. Disparou dois tiros em nós há alguns minutos atrás, embora eu imagine que não tenha podido ouvir.

— Disparou contra. — Passei a mão pelo rosto, satisfeita em perceber que agora eu já podia sentir meus lábios e que o calor normal retornara à minha pele. — Pareço pálida e suada? — perguntei a Jamie. — Meus lábios estão azulados?

Ele pareceu espantado, mas inclinou-se para olhar minha boca mais de perto.

— Não — disse categoricamente, endireitando-se após uma minuciosa inspeção. Em seguida, inclinou-se e beijou-me rapidamente, colocando um selo no meu estado de cor rosada. — Eu também a amo — ele sussurrou. — Estou feliz que não esteja morta. No entanto — acrescentou em um tom de voz normal, endireitando-se quando um inequívoco tiro de canhão veio de algum lugar distante.

— Presumo que o capitão Stebbings tenha tomado o Teal, não? — perguntei. — Acho que o capitão Roberts não andaria por aí atirando em navios desconhecidos. Mas por que será que Stebbings está atirando em nós? Por que não está tentando abordar o Pitt e tomá-lo de volta? Está disponível para ele agora.

Meus sintomas haviam desaparecido completamente a essa altura e eu me sentia perfeitamente lúcida. Sentando-me, descobri que fora colocada sobre um par de baús grandes, de tampa plana, no que parecia ser um pequeno porão; a escotilha no alto tinha uma tampa de treliça por onde avistei as sombras agitadas de velas em movimento, e junto às paredes do compartimento empilhava-se um variado sortimento de barris, pacotes e caixas. O ar era denso dos cheiros de alcatrão, cobre, tecidos, pólvora e... café? Cheirei mais profundamente, sentindo-me mais forte por um instante. Sim, café!

O barulho de outro tiro de canhão atravessou as paredes, abafado pela distância, e um estremecimento visceral me percorreu. A ideia de estar presa no porão de um navio que podia a qualquer momento ser afundado era suficiente para sobrepujar até mesmo o aroma de café.

Jamie também se virara em reação ao tiro, levantando-se parcialmente. Antes que eu pudesse me levantar e sugerir que fôssemos para cima, e depressa, houve

uma mudança na luz e uma cabeça redonda, de cabelos espetados, surgiu na escotilha.

— A senhora está melhor? — um garoto perguntou educadamente. — O capitão disse que, se ela estiver morta, o senhor não é mais necessário aqui e ele gostaria que subisse e fosse falar com ele imediatamente, senhor.

— E se eu não estiver morta? — perguntei, tentando alisar minhas anáguas, molhadas na barra, úmidas e irremediavelmente amarrotadas. Droga! Agora, eu havia deixado meu bolso e minha saia pesados de ouro a bordo do Pitt. Nesse ritmo, estaria com sorte de chegar a terra firme de espartilho e combinação.

O garoto — olhando melhor, ele devia ter uns doze anos, embora parecesse ainda mais novo — sorriu.

— Nesse caso, ele se ofereceu para vir e ele mesmo atirá-la pela amurada, madame, na esperança de fazer a mente de seu marido se concentrar. O capitão Hickman é um pouco afobado para falar — acrescentou, com uma careta de desculpas. — Não se pode levá-lo ao pé da letra. Geralmente.

— Vou com você. — Levantei-me sem perder o equilíbrio, mas aceitei o braço de Jamie. Atravessamos o navio, conduzidos pelo nosso novo conhecido, que prestativamente me informou que seu nome era Abram Zenn ("Meu pai, um homem dado a leituras e grande admirador do dicionário do sr. Johnson, cismou com a ideia de eu ser de A a Z, veja só."), que ele era o taifeiro do navio (o nome do navio de fato era Áspide, o que me deixou satisfeita) e que o motivo da atual agitação do capitão Hickman era um antigo ressentimento contra o capitão Stebbings da marinha; houve mais de um confronto entre eles e o capitão Hickman jurara que só haveria mais um.

— Imagino que o capitão Stebbings seja da mesma opinião, não é? — Jamie perguntou secamente. Com o que Abram concordou com um vigoroso balanço da cabeça.

— Um sujeito em uma taverna em Roanoke me contou que o capitão Stebbings estava bebendo lá e disse para os presentes que pretendia enforcar o capitão Hickman de seu próprio cais de verga e abandoná-lo ali para que as gaivotas comessem seus olhos. E elas fariam isso mesmo — ele acrescentou ameaçadoramente, com uma olhadela para as aves marinhas girando no alto a distância. — São aves malvadas, as gaivotas.

Outras pequenas bisbilhotices interessantes foram restringidas pela nossa chegada ao refúgio sagrado do capitão Hickman, uma apertada cabine na popa, tão apinhada de carga quanto o porão. Ian estava lá, parecendo um mohawk prestes a ser queimado na fogueira, de onde deduzi que ele não simpatizara com o capitão Hickman. O sentimento parecia mútuo, a julgar pelas manchas vermelhas febris ardendo nas faces magras deste último.

— Ah! — Hickman exclamou sucintamente ao nos ver. — Fico feliz em ver que ainda não partiu desta vida, madame. Seria uma triste perda para seu marido, uma mulher tão dedicada. — Havia um tom sarcástico nessas últimas palavras que me fizeram imaginar desconfortavelmente quantas vezes eu tinha dito a Ian para transmitir meu amor a Jamie e quantas pessoas me ouviram fazer isso, mas Jamie simplesmente ignorou o comentário, indicando a cama desfeita do capitão para que eu me sentasse antes de se virar para lidar com o próprio sujeito.

— Soube que o Teal está atirando em nós — ele observou serenamente. — Isso não o preocupa, senhor?

— Não, ainda não. — Hickman dispensou uma olhadela negligente às suas vigias de popa, metade delas coberta com persianas, provavelmente por causa de vidro quebrado; a maioria das vidraças estava estilhaçada. — Ele só está atirando na esperança de dar sorte e um tiro nos atingir. O vento está a nosso favor, e vai permanecer assim pelas próximas horas.

— Compreendo — Jamie disse, com uma atitude convincente de quem sabe o que está dizendo.

— O sr. Hickman está decidindo se trava uma batalha com o Teal, tio — Ian colocou diplomaticamente — ou se foge. Ter o vento a favor é uma questão de manobra, o que lhe dá mais latitude na situação do que o Teal tem no momento, eu acho.

— Já ouviu a máxima "Quem luta e foge fica vivo para lutar outro dia"? — Hickman disse, lançando um olhar fulminante a Ian. — Se eu puder afundá-lo, eu o farei. Se eu puder atingi-lo em seu próprio tombadilho e tomar o navio, vou preferir, mas já fico satisfeito em mandá-lo para o fundo se for preciso. Mas não vou deixar que ele me afunde, não hoje.

— Por que não hoje? — perguntei. — Ao invés de qualquer outro dia, quero dizer.

Hickman pareceu surpreso; ele obviamente havia presumido que a minha presença era puramente decorativa.

— Porque tenho uma carga importante a entregar, madame. Uma carga que não ouse pôr em risco. A menos que eu possa colocar as mãos naquele rato Stebbings sem me arriscar muito — acrescentou taciturnamente.

— Entendo que a sua suposição de que o capitão Stebbings estava a bordo explica sua tentativa determinada de afundar o Pitt? — Jamie perguntou. O teto da cabine era tão baixo que ele, Ian e Hickman eram obrigados a conversar encurvados, como uma convenção de chimpanzés. Não havia realmente nenhum outro lugar para se sentar além da cama e ajoelhar-se no chão sem dúvida não teria a dignidade necessária a uma reunião de cavalheiros.

— Sim, e lhe agradeço por me impedir a tempo. Talvez possamos

compartilhar uma bebida quando houver mais tempo e você possa me contar o que aconteceu às suas costas.

— Talvez não — Jamie disse educadamente. — Vejo também que estamos de velas estendidas. Onde está o Pitt no momento?

— À deriva, a cerca de duas milhas a bombordo. Se eu puder acabar com Stebbings — e os olhos de Hickman faiscaram, vermelhos, diante da perspectiva —, eu volto e tomo o Pitt também.

— Se restar alguém vivo a bordo capaz de navegá-lo — Ian disse. — Houve um grande tumulto no convés na última vez que vi o PIM. O que pode predispor-lo a tomar o Teal, senhor? — ele perguntou, erguendo a voz. — Meu tio e eu podemos lhe dar informações a respeito dos canhões e da tripulação. E mesmo que Stebbings tenha tomado o navio, duvido que consiga levá-lo a travar uma batalha. Ele não tem mais do que dez homens seus e o capitão Roberts e sua tripulação não vão querer tomar parte nesse combate, tenho certeza.

Jamie lançou um olhar incisivo a Ian.

— Você sabe que eles provavelmente já o mataram.

Ian não se parecia nem um pouco com Jamie, mas a expressão de implacável obstinação em seu rosto eu conhecia muito bem.

— Sim, talvez. Você me deixaria para trás se achasse que eu podia estar morto? Pude ver Jamie abrir a boca para dizer: "Ele é um cachorro." Mas não o fez. Fechou os olhos e suspirou, obviamente antevendo a perspectiva de instigar uma batalha naval — e incidentalmente arriscar todas as nossas vidas muitas vezes, sem falar das vidas dos homens a bordo do Teal — por causa de um cachorro velho, que já podia estar morto, se não devorado por um tubarão. Então, abriu-os e assentiu.

— Sim, está bem. — Empertigou-se, o quanto possível na cabine acanhada, e virou-se para Hickman. — Um grande amigo do meu sobrinho está a bordo do Teal e provavelmente em perigo. Sei que isso não é problema seu, mas explica nosso próprio interesse. Quanto ao seu... além do capitão Stebbings, há uma carga a bordo do Teal que talvez lhe interesse, também. Seis caixas de rifles.

Tanto Ian quanto eu sufocamos uma exclamação de surpresa. Hickman endireitou-se abruptamente, batendo a cabeça em uma viga.

— Oh! Minha Nossa! Tem certeza disso?

— Tenho. E imagino que o Exército Continental poderia achá-los muito úteis, não?

Achei que isso era pisar em terreno perigoso; afinal, o fato de que Hickman tivesse um forte rancor em relação ao capitão Stebbings não significava necessariamente que ele fosse um patriota americano. Do pouco que eu pude observar, o capitão Stebbings parecia inteiramente capaz de inspirar a mais pura animosidade pessoal, inteiramente à parte de quaisquer considerações políticas.

Mas Hickman não fez nenhuma negação; na realidade, ele mal notou a observação de Jamie, empolgado com a menção dos rifles. Seria verdade?, perguntei-me. Mas Jamie falara com absoluta certeza. Retrocedi minha mente para o conteúdo do porão de carga do Teal, procurando alguma coisa que...

— Jesus H. Roosevelt Cristo — eu disse. — As caixas destinadas a New Haven? — Mal me contive a tempo de deixar escapar o nome de Hannah Arnold, percebendo a tempo que se Hickman fosse realmente um patriota — pois de fato me ocorreu que ele pudesse ser simplesmente um comerciante, disposto igualmente a vender para qualquer dos lados — ele poderia muito bem reconhecer o nome e ver que muito provavelmente esses rifles já se destinavam aos continentais, via coronel Arnold.

Jamie balançou a cabeça, observando Hickman, que olhava fixamente para um pequeno barômetro na parede como se fosse uma bola de cristal. O que quer que ele lhe tenha visto, pareceu ser favorável, pois Hickman balançou a cabeça uma vez, em seguida arremessou-se para fora da cabine como se suas calças estivessem pegando fogo.

— Aonde ele foi? — Ian quis saber, vendo-o sair.

— Verificar o vento, imagino — eu disse, orgulhosa de saber alguma coisa. — Certificar-se de que o vento ainda está a seu favor.

Jamie vasculhava freneticamente a escrivaninha de Hickman e, nesse ponto, emergiu com uma maçã um pouco murcha, que atirou no meu colo.

— Coma isso, Sassenach. O que realmente significa que o vento está a favor?

— Ah. Agora você me pegou — admiti. — Mas parece ser importante. — Cheirei a maçã; obviamente, ela já vira melhores dias, mas ainda tinha um aroma fraco e adocicado que repentinamente reanimou o fantasma do meu desaparecido apetite. Dei uma mordida cautelosa e senti minha boca encher-se de saliva. Comi a maçã em mais dois grandes bocados, vorazmente.

A voz alta e nasalada do capitão Hickman veio do convés, de forma penetrante. Eu não conseguia ouvir o que ele dizia, mas a reação foi imediata; pés corriam de um lado para o outro no convés e o navio deu uma guinada repentina, virando enquanto as velas eram ajustadas. O ruído de balas de canhão sendo erguidas e o troar das carretas ecoavam pelo navio. Aparentemente, o vento ainda estava a nosso favor.

Pude ver uma empolgação febril iluminar o rosto de Ian e me alegrei por ele, mas não pude deixar de expressar meus receios.

— Não tem nenhuma dúvida a respeito disso? — eu disse a Jamie. — Quero dizer, afinal, ele é um cachorro.

Ele me lançou um olhar de viés e deu de ombros, mal-humorado.

— Sim, bem. Já vi batalhas serem travadas por razões piores do que essa. E desde ontem eu já cometi atos de pirataria, motim e assassinato. Posso muito bem acrescentar traição para completar o dia.

— Além do mais, tia — Ian disse com ar de reprovação —, ele é um bom cachorro.

Com ou sem vento a favor, foi preciso um tempo infindável de manobras cautelosas antes que os navios se colocassem no que parecia uma perigosa distância um do outro. Agora, o sol parecia ao alcance da mão acima do horizonte, as velas começavam a brilhar com um vermelho sinistro e minha aurora virtuosamente pura parecia terminar em um lamacento mar de sangue.

O Teal cruzava suavemente, apenas com metade das velas enfunadas, a menos de oitocentos metros de distância. O capitão Hickman estava postado no convés do Áspide, as mãos agarradas à balaustrada como se fosse a garganta de Stebbings, com a expressão de um cão de caça antes de soltarem o coelho.

— Hora de ir para baixo, madame — Hickman disse, sem olhar para mim. — A situação vai esquentar aqui em cima. — Ele flexionou as mãos uma vez, na expectativa.

Não discuti. A tensão no convés era tão densa que eu podia sentir seu cheiro, testosterona temperada com enxofre e pólvora. Os homens sendo as notáveis criaturas que são, todos pareciam alegres.

Parei para dar um beijo em Jamie — um gesto a que ele correspondeu com tanto entusiasmo que deixou meu lábio inferior latejando — resolutamente ignorando a possibilidade de que na próxima vez em que eu o visse pudesse ser aos pedaços. Eu já enfrentara essa possibilidade inúmeras vezes antes e, embora não ficasse menos assustadora com a prática, eu melhorara em ignorá-la.

Ou ao menos assim acreditava. Sentada no porão principal em quase absoluta escuridão, sentindo o mau cheiro das águas servidas e ouvindo o que eu tinha certeza serem ratos movimentando-se nas correntes, achei mais difícil ignorar os sons que vinham de cima: o ronco surdo de carretas de canhão. O W ide tinha apenas quatro canhões de um lado, mas era armamento pesado para uma escuna costeira. O Teal, equipado como um navio mercante próprio para navegar no oceano e que poderia ter que rechazar todo tipo de ameaça, tinha oito canhões de um lado, com duas caronadas no convés superior, mais dois canhões de proa e um de popa.

— Ele fugiria de um navio de guerra — Abram explicou-me, depois de me pedir para descrever o armamento do Teal. — E provavelmente não tentaria afundar ou tomar outro navio, portanto não iria transportar uma enorme quantidade de armas pesadas, mesmo que tivesse uma construção que aguentasse, e duvido que tenha. Também duvido que o capitão Stebbings possa manejar um lado inteiro com eficácia, portanto não devemos ficar desanimados. — Ele falou com grande

confiança, o que achei engraçado e também estranhamente tranquilizador. Ele pareceu perceber isso, pois se inclinou para a frente e delicadamente deu umas palmadinhas na minha mão. — Ora, não precisa ter medo, senhora — ele disse. — O sr. Fraser me disse para eu não deixar que nenhum mal lhe aconteça, e não deixarei, pode ter certeza disso.

— Obrigada — eu disse, com ar solene. Sem querer rir ou chorar, eu limpei a garganta e perguntei: — Você sabe o que causou o problema entre o capitão Hickman e o capitão Stebbings?

— Oh, sim — ele respondeu prontamente. — O capitão Stebbings tem sido uma praga na região há alguns anos, detendo navios que ele não tem nenhum direito de revistar, apreendendo mercadorias legais que ele diz ser contrabando. E duvido que alguma delas jamais veja o interior de um armazém da Alfândega! — acrescentou, obviamente citando algo que ouvira mais de uma vez. — Mas na verdade foi o que aconteceu com o Annabelle.

"O Annabelle era um grande brigue, de propriedade do irmão do capitão Hickman. O Pitt parou-o e tentou recrutar à força alguns homens da tripulação. Theo Hickman protestou, houve resistência e Stebbings ordenou a seus homens que bombardeassem o Annabelle, matando três membros da tripulação, Theo Hickman entre eles.

"Houve um considerável clamor público sobre o fato e foi feito um esforço para levar o capitão Stebbings à justiça por seus atos. Mas o capitão insistira que nenhum tribunal local tinha o direito de julgá-lo; se alguém quisesse processá-lo, isso tinha que ser feito na corte britânica. E a justiça local concordara com isso."

— Isso foi antes da guerra ser declarada no ano passado? — perguntei, curiosa. — Porque se foi depois...

— Bem antes — o jovem Zenn admitiu. — Ainda assim — ele acrescentou com justa indignação —, eles são covardes e deviam ser castigados com alcatrão e penas, todos eles, inclusive Stebbings!

— Sem dúvida — eu disse. — Você acha... Mas não tive oportunidade de explorar melhor a opinião do rapaz, pois nesse momento o navio deu uma violenta guinada, atirando nós dois nas tábuas úmidas do assoalho, e o som de uma explosão violenta e prolongada estilhaçou o ar à nossa volta.

No começo, eu não soube dizer qual navio havia atirado, mas um instante depois os canhões do Áspide rugiram acima de nós e compreendi que o primeiro ataque fora do Teal.

A resposta do Áspide foi fragmentada, os canhões ao longo do estibordo disparando a intervalos mais ou menos aleatórios acima de nossas cabeças, pontuada pelos estampidos secos de armas leves.

Resisti às nobres tentativas de Abram de atirar seu corpo magro

protetoramente sobre o meu e, rolando no chão, levantei-me sobre as mãos e os joelhos, ouvindo atentamente. Havia muita gritaria, nada que fosse compreensível, embora os disparos tivessem cessado. Não parecia que estivéssemos fazendo água, até onde eu podia dizer, portanto presumivelmente não tínhamos sido atingidos abaixo da linha-d'água.

— Eles não podem ter desistido, não é? — Abram disse, levantando-se atabalhoadamente. Parecia desapontado.

— Duvido. — Fiquei de pé também, apoiando-me em um grande barril. O porão principal estava tão abarrotado quanto o fronteiro, embora com mercadorias mais volumosas; mal havia espaço para Abram e eu encontrarmos um caminho entre os grandes volumes de engradados dentro de redes e fileiras de barris, alguns dos quais cheiravam fortemente a cerveja. O navio adernava para um dos lados agora. Devíamos estar dando a volta, provavelmente para tentar outra vez. As rodas das carretas dos canhões rangeram no convés acima; sim, estavam recarregando. Alguém já teria sido ferido? E o que eu iria fazer a respeito se tivesse?

O barulho de um único tiro de canhão veio de cima. — O covarde deve estar fugindo — Abram murmurou. — Nós o estamos perseguindo.

Houve um longo período de relativo silêncio, durante o qual achei que o navio estivesse mudando de direção, mas não podia saber ao certo. Talvez Hickman estivesse perseguindo o Teal.

Uma gritaria repentina em cima, com um som de susto e surpresa, e o navio balançou violentamente, atirando-nos no chão novamente. Dessa vez, aterrissei em cima. Delicadamente, removi meu joelho da barriga de Abram e ajudei-o a se sentar, arquejando como um peixe fora d'água.

— O que — ele começou, respirando com dificuldade, mas não conseguiu ir adiante. Um terrível solavanco nos arremessou no assoalho outra vez, imediatamente seguido de um barulho esgarçado, rangente, de vigas guinchando. Soou como se o navio estivesse se desmoronando ao nosso redor, e eu não tive a menor dúvida de que estava.

Berros agudos como os de banshees e um estrondo retumbante de pés no convés.

— Estamos sendo abordados! — Pude ouvir Abram engolir em seco e minha mão deslizou para a fenda em minha anágua, tocando a faca em busca de coragem. Se...

— Não — sussurrei, estreitando meus olhos para a escuridão acima, como se isso fosse me ajudar a ouvir melhor. — Não. Nós é que estamos abordando eles! — Pois as batidas de pés no convés haviam cessado.

A gritaria, não; mesmo abafada pela distância, eu podia ouvir o tom de insanidade, de pura alegria do guerreiro no furor da batalha. Achei ter distinguido o

grito de guerra das Highlands de Jamie, mas provavelmente era imaginação; todos pareciam igualmente frenéticos.

— "Pai nosso que estais no céu... Pai nosso que estais no céu..." — Abram sussurrava para si mesmo na escuridão, mas não conseguia sair da primeira frase.

Cerrei os punhos e fechei os olhos numa reação automática, contraindo o rosto como se eu pudesse ajudar pela simples força de vontade.

Nenhum de nós dois podia. Foi um momento de ruídos abafados, tiros esporádicos, estrépitos e baques surdos, gritos e grunhidos. E depois silêncio.

Pude ver apenas a cabeça de Abram virar-se para mim, indagando. Apertei sua mão com força.

Então, um canhão disparou com um estrondo que ecoou pelo convés em cima e uma onda de choque ribombou pelo ar do porão, com tal força que meus ouvidos estalaram. Outro disparo se seguiu, eu senti, mais do que ouvi, um baque surdo, e então o chão se ergueu e se inclinou, e as vigas do navio reverberaram com um ruído rouco e estranho. Sacudi a cabeça com força, engolindo em seco, tentando forçar o ar através das minhas trompas de Eustáquio. Elas estouraram outra vez, finalmente, e eu ouvi pés na lateral do casco do navio. Mais de um par. Movendo-se devagar.

Levantei-me num salto, agarrei Abram e literalmente icei-o, empurrando-o na direção da escada. Eu podia ouvir água. Não correndo pelos lados do navio; água jorrando, água gorgolejando para dentro do porão.

A escotilha em cima fora fechada, mas não travada, e eu soltei-a com uma pancada desesperada das duas mãos, quase perdendo o equilíbrio e caindo no escuro, mas felizmente fui amparada por Abram Zenn, que plantou um ombro pequeno, mas sólido, sob o meu traseiro para dar suporte.

— Obrigada, sr. Zenn — eu disse e, estendendo a mão para trás de mim, puxei-o para cima da escada e para a luz.

Havia sangue no convés; foi a primeira coisa que vi. Homens feridos também — mas não Jamie. Ele foi a segunda coisa que vi, inclinando-se pesadamente por cima do remanescente de uma balaustrada estraçalhada, juntamente com vários outros homens. Corri para ver o que estavam olhando e vi o Teal a algumas centenas de metros.

Suas velas tremulavam freneticamente e seus mastros pareciam estranhamente inclinados. Então, percebi que o próprio navio estava inclinado, a proa erguida para fora da água.

— Minha nossa! — Abram disse, estupefato. — Ele bateu nos recifes.

— Nós também, filho, mas não foi tão ruim — Hickman disse, olhando para o lado ao ouvir a voz do taifeiro. — Entrou água no porão, Abram?

— Sim — respondi antes que Abram, perdido em contemplação do destruído Teal, conseguisse se recobrar. — Tem algum material médico a bordo,

capitão Hickman?

— Se eu tenho o quê? — ele pestanejou para mim, distraído. — Isso não é hora para... por quê?

— Sou médica — eu disse —, e o senhor precisa de mim.

Em quinze minutos, eu me vi de volta ao pequeno porão de carga da proa onde eu despertara de meu desmaio algumas horas antes, agora designado como a enfermaria.

O Áspide não viajava com um médico, mas possuía uma pequena reserva de medicamentos: meia garrafa de láudano, uma vasilha e uma lanceta para sangria, uma tesoura cirúrgica grande, uma jarra de sanguessugas mortas e desidratadas, duas serras de amputação enferrujadas, um tenáculo quebrado, um saco de algodão para curativos e uma enorme botija de gordura canforada.

Fiquei muito inclinada a beber o láudano eu mesma, mas o dever chamava. Amarrei os cabelos para trás e comecei a tatear pela carga, à cata de qualquer coisa útil. O sr. Smith e Ian haviam remado para o Teal, na esperança de recuperar meu próprio estojo médico, mas, considerando-se os danos que eu podia ver na área onde era a cabine, eu não tinha muita esperança. Um tiro certo do Áspide perfurara o Teal abaixo da linha d'água; se não tivesse encalhado nas pedras, provavelmente afundaria mais cedo ou mais tarde.

Eu fizera uma rápida triagem no convés; um homem morto na hora, vários ferimentos de menor monta, três ferimentos graves, mas que não ofereciam risco de morte iminente. Provavelmente, havia mais feridos no Teal; pelo que os homens disseram, os navios haviam trocado disparos laterais a uma distância de poucos metros. Uma ação rápida e sangrenta.

Alguns minutos após o término do confronto, o Pitt surgiu à vista, avançando com dificuldade, a tripulação mista e beligerante tendo evidentemente chegado a alguma espécie de acomodação que lhe permitiu velejar. Agora, ocupavam-se em transportar os feridos. Ouvi o grito fraco da saudação de seu contramestre acima dos lamentos do vento lá fora.

— Estão chegando — murmurei e, pegando a menor das serras de amputação, me preparei para minha própria ação sangrenta.

— Vocês possuem canhões — ressaltei para Abram Zenn, que pendurava duas lanternas para mim, o sol já tendo quase sumido agora. — Presumivelmente, isso significa que o capitão Hickman estava preparado para usá-los. Ele não pensou que havia a possibilidade de vítimas?

Abram deu de ombros, como forma de desculpas.

— É nossa primeira viagem com a "carta de corso", madame. Faremos melhor da próxima vez, tenho certeza.

— Primeira? Que tipo de... há quanto tempo o capitão Hickman navega? —

perguntei. A essa altura, eu vasculhava impiedosamente a carga e fiquei satisfeita de encontrar um baú com peças de morim estampado.

Abram franziu a testa para o pávio que estava aparando, pensando.

— Bem, ele teve um barco de pesca por algum tempo, em Marblehead. Ele e o irmão eram os proprietários. Mas depois que seu irmão entrou em conflito com o capitão Stebbings ele foi trabalhar para Emmanuel Bailey, como imediato em um dos seus, do sr. Bailey, quero dizer, navios. O sr. Bailey é judeu — ele explicou, vendo minha sobrancelha erguida. — É dono de um banco na Filadélfia e de três navios que viajam regularmente para as Antilhas. Ele é dono deste navio também e foi ele quem conseguiu a "carta de corso" do Congresso para o capitão Hickman, quando a guerra foi anunciada.

— Compreendo — eu disse, mais do que ligeiramente surpresa. — Mas esta é a primeira viagem do capitão Hickman como comandante de uma chalupa?

— Sim, senhora. Mas os navios corsários nem sempre têm um oficial encarregado da carga, sabe — ele disse, gravemente. — Seria tarefa do oficial de carga abastecer o navio e providenciar coisas como suprimentos médicos.

— E como você sabe disso? Há quanto tempo você navega? — perguntei com curiosidade, liberando uma garrafa do que parecia ser um conhaque muito caro, para usar como antisséptico.

— Oh, desde os oito anos de idade, madame — ele disse. Ficou na ponta dos pés para pendurar a lanterna, que lançou uma claridade acolhedora, tranquilizadora, sobre meu cenário de operação improvisado. — Tenho seis irmãos mais velhos e o mais velho administra uma fazenda, com os filhos. Os outros... bem, um é construtor naval em Newport News. Certo dia, ele conversava com um capitão e falou sobre mim. Quando dei por mim, era taifeiro no Antioch, que era um grande navio de comércio com as Índias Orientais. Voltei com o capitão para Londres e viajamos para Calcutá no dia seguinte. — Voltou à posição normal e sorriu para mim. — Estou no mar desde então, madame. E estou satisfeito.

— Isso é muito bom — eu disse. — Seus pais... eles ainda são vivos?

— Oh, não, senhora. Minha mãe morreu quando me deu à luz e meu pai quando eu tinha sete anos. — Ele não parecia perturbado com isso. Mas, afinal, refleti, rasgando o morim em tiras de ataduras, isso havia sido há metade de sua vida.

— Bem, espero que continue satisfeito com o mar — eu disse. — Mas tem alguma dúvida, depois de hoje?

Ele ficou pensativo, seu rosto jovem e franco crispado nas sombras lançadas pelas lanternas.

— Não — disse devagar, e ergueu os olhos para mim, a expressão grave, e não tão jovem quanto algumas horas atrás. — Eu sabia quando assinei contrato com

o capitão Hickiman que poderia haver batalhas. — Seus lábios comprimiram-se, talvez para impedir que tremessem. — Não me importo de matar um homem, se for necessário.

— Agora não... não precisa — disse um dos feridos, baixinho. Estava estendido nas sombras, sobre dois engradados de porcelana chinesa, respirando devagar.

— Não, agora não — concordei secamente. — Mas talvez você deva conversar com meu sobrinho ou meu marido sobre isso, quando as coisas tiverem se acalmado um pouco.

Pensei que isso seria o fim do assunto, mas Abram seguiu-me conforme eu arrumava meus instrumentos rudimentares e começava o processo de esterilização da melhor forma possível, banhando tudo prodigamente com conhaque, até o porão ficar cheirando a destilaria — para escândalo do ferido, que achava um desperdício usar uma boa bebida dessa forma. No entanto, o fogo da cozinha fora extinto durante a batalha; iria demorar até eu ter água quente.

— A senhora é uma patriota, madame? Se não se importa que eu pergunte — ele acrescentou, corando e sem jeito.

A pergunta me desconcertou um pouco. A resposta direta seria "Sim, claro". Afinal, Jamie era um rebelde, assim declarado por ele próprio. E, apesar de ele ter feito a declaração original por simples necessidade, eu achava que a necessidade agora se tornara convicção. Mas e eu? Sem dúvida eu fora, um dia.

— Sim — eu disse, sem conseguir dizer mais nada. — Obviamente, você é, Abram. Por quê?

— Por quê? — Ele pareceu chocado por eu perguntar e ficou parado, piscando para mim, por cima do topo da lanterna que segurava.

— Diga-me mais tarde — sugeri, pegando a lanterna. Eu fizera o que fora possível no convés; os feridos que precisavam de mais cuidados estavam sendo trazidos para baixo. Não era hora para discussões políticas. Ou assim eu achava.

Abram corajosamente se dispôs a me ajudar e se saiu bastante bem, embora tivesse que parar de vez em quando para vomitar em um balde. Após a segunda ocorrência, ele começou a fazer perguntas aos feridos — àqueles em condições de responder. Eu não sabia se era simples curiosidade ou uma tentativa de se distrair do que eu estava fazendo.

— O que acha da Revolução, senhor? — perguntou fervorosamente a um marinheiro grisalho do Pitt, com um pé esmagado. O homem lançou-lhe um olhar claramente desconfiado, mas respondeu, provavelmente a fim de distrair a si mesmo.

— Uma grande perda de tempo — ele disse ríspidamente, enfiando os dedos na borda do baú em que estava sentado. — Melhor lutar contra os franceses do que contra os ingleses. O que se ganha com isso? Santo Deus — ele disse, prendendo a

respiração e ficando pálido.

— Dê alguma coisa para ele morder, Abram, sim? — eu disse, ocupada em recolher pequenos estilhaços de osso do pé destroçado e me perguntando se uma rápida amputação não seria melhor para ele. Talvez menos risco de infecção e de qualquer maneira ele iria sempre mancar dolorosamente, mas ainda assim eu detestava...

— Não, tudo bem, madame — ele disse, prendendo a respiração. — O que você acha disso, então, garoto?

— Acho que é certo e necessário, senhor — Abram respondeu corajosamente. — O rei é um tirano e a tirania tem que ser combatida por todos os homens de bem.

— O quê? — disse o marinheiro, chocado. — O rei, um tirano? Quem diz algo tão absurdo?

— Ora... O sr. Jefferson. E... todos nós! Todos nós pensamos assim — Abram disse, desconcertado diante de uma discordância tão veemente.

— Bem, então, vocês são um bando de idiotas. Salvo sua presença, madame — ele acrescentou, com um sinal da cabeça para mim. Olhou para o próprio pé e oscilou um pouco, fechando os olhos, mas perguntou: — A senhora não tem uma opinião tão tola, não é, madame? Devia colocar juízo na cabeça do garoto aqui.

— Juízo? — disse Abram, alterado. — Acha que ter juízo é não poder falar ou escrever o que quisermos?

O marinheiro abriu um único olho. — Claro que isso é juízo — ele disse, com um evidente esforço para ser razoável. — Você tem vagabundos idiotas, com sua licença, madame, dizendo todo tipo de asneiras, incitando as pessoas, e aonde isso leva? Revolta, é isso, e o que se pode chamar de desordem, caos, pessoas tendo suas casas incendiadas e sendo atacadas nas ruas. Já ouviu falar das badernas promovidas pelos tecelões de seda, garoto?

Era evidente que Abram não ouvira falar, mas revidou com uma enérgica denúncia dos Atos Intoleráveis, o que fez o sr. Ormiston — já havíamos entrado em termos pessoais a essa altura — escarnecer sonoramente e relatar as privações suportadas pelos londrinos em comparação com o luxo desfrutado por colonos ingratos.

— Ingratos! — Abram protestou, o rosto congestionado. — E por que deveríamos ser gratos? Por ter soldados impingidos sobre nós?

— Oh, impingidos, hein? — gritou o sr. Ormiston, indignado. — Que palavra, hein? E se significa o que eu acho que significa, meu rapaz, devia ficar de joelhos e agradecer a Deus por essa "impingência". Quem você acha que salvou todos vocês de serem escalpelados pelos peles-vermelhas ou conquistados pelos franceses? E quem você acha que pagou por tudo isso, hein?

Essa resposta perspicaz arrancou vivas — e não poucas zombarias — dos feridos que aguardavam a vez, que a essa altura já haviam sido atraídos para a discussão.

— Isso é uma absoluta... completa... baboseira — Abram começou, enfundando o peito como um pombo mirrado, mas foi interrompido pela entrada do sr. Smith, um saco de lona na mão e uma expressão pesarosa no rosto.

— Receio que sua cabine tenha sido destruída, madame — ele disse. — Mas peguei o que estava espalhado pelo chão, caso...

— Jonah Marsden! — O sr. Ormiston, prestes a se levantar, deixou-se cair de novo no baú, boquiaberto. — Ora vejam se não é!

— Quem? — perguntei, espantada. — Jonah. Bem, esse não é seu nome de verdade, qual era mesmo... oh, Bill, acho que era, mas passamos a chamá-lo de Jonah, por ter naufragado tantas vezes.

— Ora, Joe. — O sr. Smith, ou sr. Marsden, recuava em direção à porta, sorrindo nervosamente. — Isso já foi há muito tempo e...

— Nem tanto tempo assim. — O sr. Ormiston pôs-se de pé desajeitadamente, apoiando uma das mãos em uma pilha de barris de arenque para não colocar peso no pé enfaixado. — Não tanto tempo que faria a marinha se esquecer de você, desertor desgraçado!

O sr. Smith desapareceu abruptamente pela escada, empurrando dois marujos que tentavam descer, carregando um terceiro como se fosse um pedaço de carne. Murmurando imprecações, largaram-no com um baque surdo no chão à minha frente e recuaram um passo, arfando. Era o capitão Stebbings.

— Ele não está morto — um deles me informou, prestativamente.

— Oh, ótimo — eu disse. Meu tom de voz deve ter deixado alguma dúvida no ar, pois o capitão abriu um olho e fitou-me com raiva.

— Está me deixando aqui... para ser assassinado... por esta megera? — ele disse com voz rouca, respirando com dificuldade. — Prefiro morrer hon-honrosa... — O sentimento foi expelido com um barulho gorgolejante que me fez rasgar sua camisa e casaco chamuscados e encharcados de sangue. De fato, havia uma perfuração perfeitamente redonda no lado direito de seu peito e o abominável ruído gorgolejante vinha dele.

Eu disse um palavrão e os dois homens que o haviam trazido para mim arrastaram os pés e resmungaram. Eu repeti o palavrão, mais alto, e agarrando a mão de Stebbings plantei-a sobre o ferimento.

— Aperte com firmeza, se quiser ter a chance de uma morte honrosa — eu disse a ele. — Você! — gritei para um dos homens que tentava escapulir sorrateiramente. — Traga-me um pouco de óleo da cozinha. Agora! E você. — Minha voz alcançou o outro, que parou abruptamente com um ar de culpa. — Lona

de vela e alcatrão. O mais rápido possível! — ordenei. — Não fale — adverti Stebbings, que parecia inclinado a fazer observações. — Seu pulmão sofreu um colapso, e ou consigo fazê-lo funcionar outra vez ou você morre como um cachorro, aqui mesmo.

Ele murmurou alguma coisa, que eu tomei como assentimento. Sua mão era bem polpuda e fazia um trabalho razoavelmente bom em fechar o buraco por enquanto. O problema é que ele indubitavelmente tinha não só um buraco no peito, mas um buraco no pulmão também. Tive que providenciar uma tampa para o buraco externo, de modo que o ar não pudesse entrar no peito e manter o pulmão comprimido, mas tive também que me certificar de que houvesse uma passagem para o ar do espaço pleural ao redor do pulmão poder sair. Do jeito que estava, toda vez que ele expirava o ar do pulmão ferido entrava direto nesse espaço, piorando o problema.

Ele podia também estar se afogando no próprio sangue, mas não havia muito que eu pudesse fazer a respeito, de modo que resolvi não me preocupar com isso.

— Pelo lado bom — eu disse a ele —, foi uma bala e não um estilhaço ou uma farpa. Uma coisa pode-se dizer a respeito de ferro em brasa: esteriliza o ferimento. Levante a mão por um instante, por favor. Expire. — Eu mesma agarrei sua mão e a levantei, contando até dois, enquanto ele expirava, depois a plantei novamente sobre o ferimento. Fez um som esborrachado, devido ao sangue. Era muito sangue para um furo daquele tamanho, mas ele não estava tossindo ou cuspidando sangue... Onde... oh. — Este sangue é seu ou de outra pessoa? — perguntei, apontando.

Seus olhos estavam semicerrados, mas à minha pergunta ele virou a cabeça e exibiu seus dentes podres para mim, em um sorriso de lobo.

— Do... seu marido — ele disse num sussurro rouco.

— Imbecil — eu disse, irritada, erguendo sua mão outra vez. — Expire. — Os homens haviam me visto lidar com Stebbings; havia outras baixas do Teal sendo trazidas, mas a maioria parecia ambulatorial. Dei instruções apressadas aos fisicamente aptos para lidar com esses, concernentes à aplicação de pressão em ferimentos ou recolocação de pernas ou braços quebrados, de modo a evitar novos ferimentos.

Parecia uma eternidade até o óleo e o pano chegarem, e eu tive tempo suficiente para imaginar onde Jamie e Ian estavam, mas finalmente os suprimentos de primeiros socorros foram trazidos. Cortei um pedaço de lona com minha faca, rasguei uma longa tira de morim para usar como bandagem temporária, depois afastei a mão de Stebbings com um empurrão, limpei o sangue com uma dobra da minha anágua, borrifei óleo de lampião em seu peito, depois pressionei o pano para baixo para formar uma tampa rudimentar, colocando sua mão novamente em cima de

tal modo que uma ponta da lona permanecesse livre, enquanto eu enrolava a atadura improvisada ao redor de seu torso.

— Muito bem — eu disse. — Vou ter que colar a tampa de lona com alcatrão para selar melhor, mas vai levar algum tempo para aquecê-lo. Você pode ir fazer isso agora — disse ao marinheiro que trouxera o óleo e que novamente tentava escapulir silenciosamente. Apressei-me para ver os feridos agachados ou estendidos no convés. — Certo. Quem está morrendo?

Espantosamente, apenas dois dos homens trazidos do Teal estavam mortos, um com terríveis ferimentos na cabeça provocados por estilhaços e metralha, o outro com hemorragia em consequência de ter perdido metade da perna esquerda, provavelmente com um tiro de canhão.

Poderia ter salvo este, pensei, mas o sentimento de pesar do momento foi incorporado nas necessidades do momento seguinte.

Não tão mau assim, pensei, avançando rapidamente pela fileira de joelhos, fazendo uma rápida triagem e dando instruções a meus contrariados assistentes. Ferimentos de estilhaços, dois com raspão de bala de mosquete, um com metade da orelha arrancada, um com uma bala alojada na perna, mas bem longe da artéria femoral, graças a Deus...

Pancadas e arrastamentos vinham do porão inferior, onde consertos estavam sendo feitos. Enquanto eu trabalhava, juntei as peças dos atos da batalha pelas observações passadas pelos feridos que aguardavam meus cuidados.

Em seguida a uma troca irregular de ataques laterais, que derrubara o mastro principal já rachado do Teal e fizera um buraco no casco do Áspide acima da linha d'água, o Teal — as opiniões diferiam se o capitão Roberts tinha feito de propósito ou não — mudou repentinamente de direção, virando-se para o Áspide, raspando a lateral do navio e fazendo as balaustradas dos dois navios ficarem lado a lado.

Era inconcebível que Stebbings tivesse tido a intenção de subir a bordo do Áspide com tão poucos homens confiáveis como ele tinha; se tivesse sido deliberado, ele teria pretendido chocar-se conosco. Olhei para baixo, mas os olhos do capitão estavam fechados e ele estava quase sem cor. Levantei sua mão e ouvi um pequeno assobio de ar, em seguida coloquei-a de volta em seu peito e continuei meu trabalho. Obviamente, ele não estava em condições de dar um depoimento sobre suas intenções.

Quaisquer que tenham sido, o capitão Hickman frustrou-as, saltando por cima da balaustrada do Teal com um grito agudo, seguido por um enxame de áspides. Atravessaram o convés sem muita resistência, embora os homens do Pitt tivessem se reunido ao redor de Stebbings perto do timão e lutado ferozmente. Mas estava claro que os áspides venceriam — e então o Teal chocou-se violentamente contra recifes e encalhou, atirando todo mundo no assoalho do convés.

Convencidos de que o navio estava prestes a afundar, todos que podiam se mover o fizeram, atacantes e defensores igualmente voltando por cima da balaustrada para bordo do Áspide, que se afastou com uma guinada brusca — ainda com algum defensor ignorante do que se passava disparando os últimos um ou dois tiros em sua direção — e acabou raspando o próprio fundo no banco de cascalhos.

— Não precisa se preocupar, madame — um dos homens assegurou-me. — Tão logo a maré encha, ele vai flutuar.

Os barulhos embaixo começaram a diminuir e eu olhava por cima do ombro a cada intervalo de alguns minutos, na esperança de ver Jamie ou Ian.

Eu examinava um pobre sujeito com um estilhaço no olho, quando seu outro olho arregalou-se repentinamente de terror. Virei-me e me deparei com Rollo arquejante e escorrendo água a meu lado, os dentes enormes expostos em um sorriso que envergonhava a fraca tentativa de Stebbings.

— Cachorro! — gritei, encantada. Eu não podia abraçá-lo, bem, eu não o faria, de qualquer modo, mas olhei rapidamente ao redor à procura de Ian, que vinha mancando em minha direção, encharcado também, mas com um sorriso igualmente largo.

— Caímos na água — ele disse com voz rouca, agachando-se no convés a meu lado. Uma pequena poça formou-se sob ele.

— Estou vendo. Respire fundo para mim — eu disse para o homem com o estilhaço no olho. — Um... sim, isso mesmo... dois... sim... — quando ele expirou, segurei o estilhaço e puxei, com força. Ele soltou-se, seguido de um jato de humor vítreo e sangue que me fez ranger os dentes e fez Ian ter ânsias de vômito. Mas não muito sangue. Se não tiver atravessado a órbita, talvez eu possa evitar uma infecção removendo o globo ocular e preenchendo a cavidade com um curativo. Mas isso vai ter que esperar. Cortei uma tira de pano da fralda da camisa do sujeito, dobrei-a rapidamente em uma bucha, impregnei-a de conhaque, pressionei-a contra o olho arruinado e o fiz segurá-la com firmeza no lugar. Ele o fez, embora gemesse e oscilasse assustadoramente, e eu temi que ele fosse emborcar para frente.

Então perguntei a Ian, com a sensação torturante de que eu não queria ouvir a resposta:

— Onde está seu tio?

— Bem ali — Ian disse, balançando a cabeça para um lado. Girei nos calcanhares, uma das mãos ainda segurando o ombro do homem de um olho só, e vi Jamie descendo a escada, em uma discussão acalorada com o capitão Hickman, que o seguia. A camisa de Jamie estava ensopada de sangue e ele segurava Um chumaço de alguma coisa igualmente encharcado de sangue contra o ombro com uma das mãos. Era possível que Stebbings não estivesse apenas tentando me irritar. Entretanto, Jamie não estava cambaleando e, apesar de estar pálido, também estava

furioso. Eu tinha quase certeza de que ele não morreria enquanto estivesse com raiva e peguei outra faixa de lona para estabilizar uma fratura múltipla do braço.

— Cachorro! — Hickman exclamou, parando ao lado de Stebbings, deitado de costas. No entanto, ele não falou com a mesma entonação que eu usara, e Stebbings abriu um olho.

— Cachorro é você — disse, com voz pastosa.

— Cachorro, cachorro, cachorro! Maldito cachorro! — Hickman acrescentou como um extra, e mirou um chute na lateral do corpo de Stebbings. Agarrei seu pé e consegui desequilibrá-lo, de modo que ele caiu para o lado. Jamie segurou-o, grunhindo de dor, mas Hickman endireitou-se atabalhoadamente, empurrando Jamie para trás.

— Não pode matar o sujeito a sangue-frio!

— Posso, sim — Hickman retrucou prontamente. — Veja! — Ele tirou uma enorme pistola de um surrado coldre de couro e engatilhou-o. Jamie segurou a arma pelo cano e tirou-a habilmente de sua mão, deixando-o flexionando os dedos com um ar de surpresa.

— Vamos, senhor — Jamie disse, tentando ser sensato —, certamente não pretende matar um inimigo ferido, um inimigo de uniforme, preso sob sua própria bandeira, e um homem que se rendeu a você. Nenhum homem honrado compactuaria com isso.

Hickman empertigou-se, ficando vermelho-escuro.

— Está contestando minha honra, senhor? Vi os músculos no pescoço e nos ombros de Jamie se retesarem, mas antes que ele pudesse falar Ian surgiu ao lado dele, ombro a ombro.

— Sim, está. E eu também. Rollo, os pelos ainda eretos em espetos molhados, rosnou e arreganhou para trás os lábios pretos, exibindo a maioria dos dentes como sinal de seu apoio a essa opinião.

Hickman olhou do rosto ameaçador, tatuado, de Ian para os impressionantes dentes carniceiros de Rollo e de novo para Jamie, que havia desengatilhado a pistola e colocado-a no próprio cinto. Respirou pesadamente.

— Que seja, então — disse abruptamente, e se afastou. O capitão Stebbings também respirava pesadamente, um som molhado, aflitivo. A pele estava branca ao redor dos lábios e os lábios mesmos estavam azuis. Ainda assim, estava consciente. Seus olhos mantiveram-se fixos em Hickman durante toda a conversa e seguiram-no agora, quando ele deixou a cabine. Quando a porta se fechou atrás de Hickman, Stebbings relaxou um pouco, transferindo o olhar para Jamie.

— Podia... ter se ... poupado... o trabalho — disse, ofegante. — Mas... obrigado. O que quer... — Tossiu, engasgado, pressionou a mão com força contra o peito e sacudiu a cabeça com uma careta. — ...que possa valer — conseguiu dizer.

Fechou os olhos, respirando devagar e dolorosamente, mas ainda assim respirando. Levantei-me, com os membros dormentes, e finalmente tive um instante para examinar meu marido.

— Foi só um pequeno corte — assegurou-me, em resposta a meu olhar de desconfiança. — Estou bem agora.

— Todo esse sangue é seu? — Ele olhou para baixo, para a camisa emplastrada contra as costelas, e levantou o ombro são desdenhosamente.

— Sobrou bastante para continuar vivo. — Sorriu para mim, em seguida olhou ao redor do convés. — Vejo que você tem tudo sob controle aqui. Vou pedir a Smith para lhe trazer um pouco de comida, hein? Vai chover daqui a pouco.

De fato; o cheiro da tormenta que se avizinhava varreu o porão, fresco e tinindo de ozônio, levantando os cabelos da minha nuca suada.

— Provavelmente não Smith — eu disse. — E onde você vai? — perguntei, vendo-o se afastar.

— Preciso falar com o capitão Hickman e com o capitão Roberts — ele disse, com ar grave. Olhou para cima e os cabelos emaranhados atrás de suas orelhas esvoaçaram na brisa. — Não creio que vamos para a Escócia no Teal, mas não faço a menor ideia de para onde estamos indo.

Por fim, o navio ficou silencioso — ou tão silencioso quanto um grande objeto composto de tábuas rangentes, lonas ondulando e aquele zumbido assustador feito pelo cordame esticado pode ficar. A maré encheu e o navio de fato flutuou; navegávamos para o norte outra vez, suavemente. Eu já despachara o último ferido; somente o capitão Stebbings permaneceu, deitado em um estrado rústico atrás de um baú de chá contrabandeado. Ele ainda respirava e não com terrível desconforto, pensei, mas sua condição era precária demais para eu o deixar fora da minha vista.

Por algum milagre, a bala parecia ter cauterizado seu caminho até o pulmão, em vez de simplesmente cortar vasos sanguíneos em seu caminho. Isso não significava que ele não estivesse sangrando para dentro do pulmão, mas, se assim fosse, era um vazamento pequeno e lento; caso contrário, há muito eu já saberia. Ele deve ter sido baleado à queima-roupa, pensei sonolentemente. A bala ainda estava em brasa quando o atingiu. Eu mandara Abram ir dormir. Eu mesma deveria me deitar, pois a fadiga arriava meus ombros e se assentara em nós doloridos na base da minha espinha. Mas ainda não.

Jamie ainda não voltara. Eu sabia que ele voltaria ao meu encontro quando tivesse terminado sua reunião com Hickman e Roberts. E ainda havia alguns preparativos a serem feitos, por precaução.

Anteriormente, quando Jamie vasculhara a escrivaninha de Hickman em busca de algo para eu comer, eu notara um punhado de penas de escrever novas. Mandeí Abram pedir algumas para mim e trazer a maior agulha de consertar velas

que pudesse encontrar — e alguns ossos de asa jogados fora do ensopado de frango a bordo do Pitt.

Cortei as pontas de um osso bem fino, olhei para ter certeza de que a medula fora totalmente removida pelo cozimento, em seguida afinei uma das pontas cuidadosamente, usando a pequena pedra de amolar do carpinteiro do navio para esse fim. A pena de ganso foi mais fácil; a ponta já havia sido aguçada para escrever; tudo que precisei fazer foi cortar as farpas, depois submergir a pena, o osso e agulha em uma pequena vasilha rasa de conhaque. Isso me serviria.

O cheiro do conhaque ergueu-se doce e pesado no ar, competindo com alcatrão, terebintina, tabaco e as velhas ripas impregnadas de sal do navio. Ao menos, obliterava parcialmente os cheiros de sangue e matéria fecal deixados por meus pacientes.

Eu descobrira uma caixa de vinho Meursault na carga e agora retirei dali uma garrafa, acrescentando-a à meia garrafa de conhaque e a uma pilha de curativos e ataduras de morim limpo. Sentando-me em uma barrica de alcatrão, recostei-me contra um grande barril, de meia pipa, de tabaco, bocejando e me perguntando distraidamente a quem se destinava tudo aquilo.

Descartei o pensamento e fechei os olhos. Eu podia sentir meu pulso latejando nas pontas dos dedos e nas pálpebras. Não dormi, mas lentamente descí a uma espécie de semiconsciência, vagamente ciente do murmúrio da água deslizando pelos lados do navio, do sopro mais alto da respiração de Stebbings, das vagarosas expansões dos meus próprios pulmões e das lentas e tranquilas batidas do meu coração.

Parecia que haviam se passado anos desde o tumulto e os terrores da tarde, e da distância imposta pela fadiga e intensidade dos acontecimentos minha preocupação de que eu pudesse estar tendo um ataque cardíaco parecia ridícula. Mas seria? Não era impossível. Sem dúvida, não fora mais do que pânico e hiperventilação — ridículos em si mesmos, mas não ameaçadores. Ainda assim...

Coloquei dois dedos no peito e esperei que a pulsação na ponta dos meus dedos se igualasse com a do meu coração. Devagar, quase sonhando, comecei a percorrer o meu corpo, do topo da cabeça à ponta dos pés, sentindo meu percurso pelas longas e serenas passagens de veias cor de violeta do céu pouco antes de anoitecer. Perto, vi o brilho das artérias, largas e ativas, cheias de vida carmesim. Entrei nas câmaras do meu coração e me senti encerrada lá dentro, as paredes espessas movendo-se em um ritmo ininterrupto, infindável, reconfortante e firme. Não, nenhum dano, nem ao coração, nem às suas válvulas.

Senti meu trato digestivo, firmemente contraído durante horas sob meu diafragma, relaxar e assentar-se com uma delicada golfada, e uma sensação de bem-estar fluir como mel morno pelos meus membros e coluna vertebral.

— Não sei o que você está fazendo, Sassenach — uma voz suave disse perto de mim. — Mas parece bem satisfeita.

Abri os olhos e sentei-me direito. Jamie desceu as escadas, movendo-se com cuidado, e sentou-se.

Ele estava muito pálido e seus ombros estavam arriados de exaustão. Porém sorriu debilmente para mim e seus olhos estavam límpidos. Meu coração, forte e confiável como eu acabara de provar a mim mesma, se enterneceu e derreteu como se fosse de manteiga.

— Como você — comecei a dizer, mas ele ergueu a mão, detendo-me.

— Vou ficar bem — ele disse, com um olhar para o estrado onde Stebbings estava deitado, respirando audível e superficialmente. — Ele está dormindo?

— Espero que sim. E você deveria estar — observei. — Deixe-me cuidar de você para que possa se deitar.

— Não é nada grave — ele disse, cautelosamente tirando o chumaço de tecido endurecido enfiado por dentro da camisa. — Mas deve precisar de um ou dois pontos, eu acho.

— Eu também acho — eu disse, examinando as manchas marrons pelo lado direito de sua camisa. Considerando sua costureira inclinação para subestimar seus ferimentos, ele provavelmente tinha um corte aberto no peito. Ao menos, o acesso ao corte seria fácil, ao contrário do estranho ferimento sofrido por um dos marinheiros do Pitt, que de algum modo fora atingido bem atrás do escroto por um projétil de metralha. Eu achava que a bala devia ter atingido alguma outra coisa primeiro e ricocheteado para cima, pois felizmente não penetrara profundamente, mas estava achatada como uma moeda quando a retirei. Eu lhe dei a bala como lembrança.

Abram havia trazido uma lata de água quente pouco antes de sair. Coloquei o dedo na água e fiquei satisfeita de ver que ainda estava morna.

— Certo — eu disse, indicando com um sinal da cabeça as garrafas em cima do baú. — Quer conhaque ou vinho, antes de começarmos?

O canto de sua boca torceu-se e ele estendeu a mão para a garrafa de vinho.

— Deixe-me manter a ilusão de civilização por mais um pouco de tempo.

— Oh, acho que é coisa bastante civilizada — eu disse. — Mas eu não tenho um saca-rolhas.

Ele leu o rótulo e suas sobancelhas ergueram-se.

— Não tem importância. Tem alguma coisa onde possa servi-lo?

— Tome. — Retirei uma pequena e elegante caixa de madeira de um ninho de palha dentro de uma caixa de embalagem e a abri triunfalmente, exibindo um aparelho de chá de porcelana chinesa, de bordas douradas e decorado com minúsculas tartarugas vermelhas e azuis, todas parecendo misteriosamente asiáticas, nadando através de uma floresta de crisântemos dourados.

Jamie riu — não mais do que uma exalação, mas certamente uma risada — e cortando um sulco no gargalo da garrafa com a ponta de sua adaga, arrancou-a com precisão contra a borda de um barril de tabaco. Ele serviu o vinho cuidadosamente nas duas xícaras que preparei, balançando a cabeça para as vívidas tartarugas.

— Aquela azul pequena me faz lembrar o sr. Willoughby, hein? Ri também, depois olhei com culpa para os pés de Stebbings — tudo que se podia ver dele no momento. Eu tirara suas botas e as pontas soltas de suas meias imundas pendiam comicamente sobre seus pés. Estes, entretanto, não se mexiam, e a respiração lenta e difícil continuava como antes.

— Há anos não penso no sr. Willoughby — observei, erguendo a minha xícara em um brinde. — Aos amigos ausentes.

Jamie respondeu brevemente em chinês e tocou a borda de sua própria xícara na minha com um débil tinido.

— Você ainda consegue falar chinês? — perguntei, intrigada, mas ele sacudiu a cabeça.

— Não muito. Não tive oportunidade de falar chinês desde que o vi pela última vez. — Ele inspirou o buquê do vinho, fechando os olhos. — Isso parece ter sido há muito tempo.

— Há muito tempo e muito longe. — O vinho tinha um aroma reconfortante de amêndoas e maçãs, era seco, mas encorpado, aderindo suntuosamente ao céu da boca. Jamaica, para ser precisa, e há mais de dez anos. — O tempo voa quando você está se divertindo. Acha que ele ainda está vivo, o sr. Willoughby?

Ele ficou pensativo, bebericando o vinho.

— Sim, acho. Um homem que escapou de um imperador chinês e viajou por metade do mundo para conservar suas bolas é uma pessoa com muita determinação.

Mas ele pareceu desinteressado em desencavar novas reminiscências de antigos conhecidos e eu o deixei beber seu vinho em silêncio, sentindo a noite se acomodar confortavelmente ao nosso redor com o suave balanço do navio. Após sua segunda xícara de vinho, tirei sua camisa coberta de sangue seco e cuidadosamente levantei o lenço também endurecido de sangue que ele usara como tampão para estancar o ferimento.

Um pouco para minha surpresa, ele tinha razão: o ferimento era pequeno e não precisaria de mais do que dois ou três pontos. Uma lâmina cortara fundo, logo abaixo da clavícula, e rasgara uma aba triangular da carne ao sair.

— Esse é todo seu sangue? — perguntei, intrigada, levantando a camisa descartada.

— Não, ainda sobrou um pouco — ele disse, os olhos enrugando-se para mim por cima da xícara. — Mas não muito.

— Você sabe muito bem o que quero dizer — eu disse, severamente.

— Sim, é todo meu. — Esvaziou a xícara e estendeu a mão para a garrafa.

— Mas de um corte tão pequeno... oh, meu Deus. — Senti-me ligeiramente tonta. Eu podia ver a frágil linha azul de sua veia subclavicular passando logo abaixo da clavícula e correndo diretamente acima da abertura coagulada do corte.

— Sim, eu fiquei surpreso — ele disse descontraidamente, envolvendo a delicada xícara de porcelana nas duas mãos enormes. — Quando ele arrancou a lâmina, o sangue jorrou como uma fonte e encharcou nós dois. Nunca vi isso antes.

— Provavelmente nunca ninguém tinha dado um pique na sua artéria subclavicular antes — eu disse, com todo o esforço para manter a calma que pude reunir. Lancei um olhar de viés ao ferimento. Havia coagulado; as bordas da aba haviam ficado azuis e a carne talhada embaixo estava quase preta de sangue seco. Nenhuma exsudação, muito menos um jorro arterial. A lâmina lançara-se de baixo para cima, perdendo a veia e apenas dando um pique na artéria por trás.

Soltei um suspiro longo e profundo, tentando sem sucesso não imaginar o que teria acontecido se a lâmina tivesse alcançado um milímetro mais fundo ou se Jamie não tivesse um lenço, o conhecimento e a oportunidade de pressionar o ferimento.

Posteriormente, é que compreendi o que ele dissera: "O sangue jorrou como uma fonte e encharcou nós dois." E quando eu perguntara a Stebbings se era seu próprio sangue que encharcava sua camisa ele me olhara maliciosamente e dissera: "Do seu marido." Eu achara que ele só estava sendo desagradável, mas...

— Foi o capitão Stebbings que o esfaqueou?

— Mmmhum. — Fez um breve ruído afirmativo enquanto mudava de posição, recostando-se para trás para que eu tivesse melhor acesso ao corte. Esvaziou a xícara outra vez e depositou-a no chão, com um ar resignado. — Fiquei surpreso de ele ter conseguido. Eu achei que o tinha derrubado, mas ele bateu no chão e se levantou com uma faca na mão, o desgraçado.

— Foi você que atirou nele? Ele piscou com o tom de minha voz.

— Sim, claro. Não consegui pensar em nenhum palavrão capaz de abranger a situação e, murmurando "Jesus H. Roosevelt Cristo" baixinho, comecei a limpar e suturar.

— Agora, escute — eu disse, em minha melhor voz de cirurgiã militar. — Até onde eu saiba, foi apenas um corte muito pequenino e você conseguiu estancar o sangramento o tempo suficiente para se formar um coágulo. Mas esse coágulo é tudo que está impedindo você de sangrar até a morte. Me entendeu? — Isso não era inteiramente verdade, ou não seria, depois que eu tivesse costurado a pele solta de volta no lugar; mas agora não era hora de dar a ele uma brecha.

Ele olhou para mim por um longo instante, impassível.

— Entendi.

— Isso significa — enfatizei, enfiando a agulha em sua carne com força

suficiente para fazê-lo soltar um pequeno grito — que você não pode usar o braço direito ao menos pelas próximas quarenta e oito horas. Não pode se dependurar em cordas, escalar o cordame, não pode dar socos, não pode nem sequer coçar o traseiro com a mão direita, está me ouvindo?

— Acho que o navio inteiro está ouvindo — ele murmurou, mas olhou para baixo, tentando ver a clavícula. — De qualquer modo, eu sempre coço meu traseiro com a mão esquerda.

O capitão Stebbings definitivamente havia nos ouvido; uma risadinha quase inaudível veio de trás do baú de chá, seguida de uma tosse surda e um leve chiado.

— E — continuei, puxando o fio pela pele — você não pode se enfurecer. Ele inspirou, sibilando.

— Por que não? — Porque vai fazer seu coração bater com mais força, elevando sua pressão, que por sua vez vai...

— Me fazer explodir como uma garrafa de cerveja fechada há muito tempo?

— Exatamente. Agora... O que quer que eu fosse dizer desapareceu de minha mente no instante seguinte, quando a respiração de Stebbings mudou repentinamente.

Deixei a agulha cair e, virando-me, peguei a vasilha. Afastei o baú de chá com um empurrão, colocando a vasilha em cima, e caí de joelhos ao lado do corpo de Stebbings.

Seus lábios e pálpebras estavam azuis, e o resto de seu rosto estava da cor de massa de vidraceiro. Ele fazia um horrível barulho arquejante, a boca aberta, tentando engolir ar.

Felizmente, havia bastantes palavrões conhecidos para esta situação e eu usei alguns deles, rapidamente afastando o cobertor e enfiando os dedos na lateral gorducha de seu corpo, procurando as costelas. Ele contorceu-se e emitiu uma sonora, ridícula risadinha, que fez Jamie — a agulha ainda balançando de sua clavícula pelo fio de sutura — dar uma risada nervosa em reação.

— Não é hora de sentir cócegas — eu disse, irritada. — Jamie, pegue uma daquelas penas de escrever e enfie a agulha dentro. — Enquanto ele fazia isso, eu rapidamente limpei a pele de Stebbings com um chumaço de pano embebido em conhaque, em seguida peguei a pena com agulha em uma das mãos, a garrafa de conhaque na outra, e enfiei a pena, pela ponta pontiaguda, no segundo espaço intercostal, como se enfiasse um prego. Senti o estalido subterrâneo quando a pena furou a cartilagem e penetrou no espaço pleural.

Ele soltou um som agudo e estridente, mas não era uma risada. Eu havia cortado a pena um pouco mais curta do que a agulha, mas a agulha havia afundado para dentro da pena com o impacto. Tive um momento de pânico, tentando segurar a agulha com as unhas para puxá-la para fora, mas finalmente consegui. Sangue com

mau cheiro de estagnado e fluidos saíram num jato pela pena oca, mas apenas por um instante, depois o fluxo diminuiu apenas para um silvo de ar.

— Respire devagar — eu disse, mais calma. — Os dois.

Eu observava a pena ansiosamente, procurando qualquer outra drenagem de sangue — obviamente, se ele estivesse sangrando muito para dentro do pulmão, não haveria praticamente nada que eu pudesse fazer —, mas eu via apenas a leve exsudação do ferimento da perfuração, um borrão vermelho na parte externa da pena.

— Sente-se — eu disse a Jamie, que o fez, ficando com as pernas cruzadas no chão, a meu lado.

Stebbings parecia melhor; o pulmão havia inflado ao menos em parte, e ele estava branco agora, os lábios pálidos, mas levemente rosados. O assobio da pena oca tornou-se quase inaudível e eu coloquei o dedo na extremidade aberta.

— O ideal — eu disse em tom de conversa — seria eu passar um tubo do seu peito a uma jarra de água. Dessa forma, o ar ao redor de seu pulmão poderia escapar, mas o ar não podia entrar de volta. Como não tenho nada que se assemelhe a um tubo mais longo do que alguns centímetros, isso não vai funcionar. — Levantei-me sobre os joelhos, fazendo sinal para Jamie. — Venha cá e coloque o dedo na ponta desta pena. Se ele começar a sufocar outra vez, tire-a por um instante, até o ar parar de sair como um assobio.

Ele não podia alcançar Stebbings de forma apropriada com a mão esquerda; com um olhar de viés para mim, estendeu a direita bem devagar e tampou a pena com o polegar.

Levantei-me, com um gemido, e fui vasculhar a carga outra vez. Teria que ser alcatrão. Eu havia aplicado a compressa de pano oleado ao seu peito em três lados com alcatrão morno, e ainda restava bastante. Não era ideal; provavelmente, eu não poderia extrair mais outra vez com pressa. Será que uma pequena tampa de tecido úmido seria melhor?

No entanto, em um dos baús de Hannah Arnold, encontrei um tesouro: uma pequena coleção de ervas secas em botijas — inclusive uma com goma arábica em pó. As ervas eram interessantes e úteis por si mesmas, sendo obviamente importadas: casca de cinchona — eu devia tentar enviá-la de volta à Carolina do Norte, para Lizzie, se conseguíssemos sair desta horrível banheira —, mandrágora e gengibre, plantas que nunca cresciam nas colônias. Tê-las à mão me fez sentir repentinamente rica. Stebbings gemeu atrás de mim e eu ouvi a fricção de tecido e um leve assobio quando Jamie tirou o polegar por um instante.

Nem mesmo as riquezas do lendário Oriente poderiam fazer muita coisa por Stebbings. Abri a botija de goma arábica e, tirando um pouco na palma da mão, gotejei água sobre ela e comecei a moldar a bola grudenta resultante em uma rolha mais ou menos cilíndrica, que enrolei em um recorte de morim amarelo estampado

com abelhas, terminando com uma perfeita torcida em cima. Satisfeita com o resultado, voltei e, sem comentários, retirei a pena oca — já mostrando sinais de rachadura por causa dos movimentos dos músculos das costelas de Stebbings — de sua perfuração e introduzi o osso de galinha oco — mais resistente e maior — em seu lugar.

Ele também não riu dessa vez. Tampei com perfeição a ponta do osso e, ajoelhando-me diante de Jamie, retomei a sutura em sua clavícula. Eu me sentia perfeitamente lúcida — mas daquele jeito estranhamente sobrenatural, que é uma indicação de total esgotamento. Eu fiz o que tinha que ser feito, mas sabia que não conseguiria me manter em pé muito mais tempo.

— O que o capitão Hickman tem a dizer? — perguntei, muito mais como forma de nos distrair do que por um real interesse em saber.

— Inúmeras coisas, como pode imaginar. — Ele respirou fundo e fixou os olhos em um enorme casco de tartaruga enfiado entre as caixas. — Deixando de lado as opiniões puramente pessoais e uma certa dose de excesso de linguagem, entretanto... vamos subir o rio Hudson. Para Fort Ticonderoga.

— Nós... O quê? — Franzi a testa para a agulha com metade enfiada na pele. — Por quê?

As mãos dele estavam apoiadas no convés, os dedos pressionando as tábuas com tanta força que as unhas ficaram brancas.

— Era para lá que ele estava indo quando as complicações começaram e é para lá que ele pretende ir. É um homem de opiniões muito determinadas, pelo que vi. Um sonoro som de desdém veio de trás do baú de chá.

— Eu realmente notei algo assim. — Arrematei a última sutura e cortei a linha habilmente com minha faca. — Disse alguma coisa, sr. Stebbings?

O ruído se repetiu, mais alto ainda, mas sem nenhum aperfeiçoamento.

— Ele não pode ser convencido a nos deixar no litoral? Os dedos de Jamie pairaram por cima do ferimento recém-suturado, obviamente querendo coçar o local, mas eu os afastei.

— Sim, bem... há mais complicações, Sassenach.

— Conte-me — murmurei, levantando-me e alongando-me. — Oh, Deus, minhas costas. Que tipo de complicações? Quer chá?

— Só se vier com uma boa dose de uísque. Inclinou a cabeça para trás, contra o tabique, fechando os olhos. Havia um leve rosado em suas faces, apesar de sua testa brilhar de suor.

— Conhaque serve? — Eu mesma precisava muito de chá, sem álcool, e me dirigi para a escada, sem esperar pelo seu assentimento. Eu o vi estender a mão para a garrafa de vinho quando coloquei o pé no primeiro degrau.

Havia um vento refrescante soprando em cima; fez a longa capa girar ao meu

redor quando emergi das profundezas, e enfunou minhas anáguas de uma maneira muito revigorante. Ele revigorara o sr. Smith — ou melhor, o sr. Marsden — também, que pestanejou e desviou o olhar apressadamente.

— Boa-noite, madame — ele disse, educadamente, depois que consegui controlar minhas vestimentas. — Espero que o coronel esteja passando bem.

— Sim, está — estanquei e lancei-lhe um olhar incisivo. — O coronel? — Tive uma leve sensação de desfalecimento.

— Sim, senhora. Ele é um coronel de milícia, não é?

— Ele foi — eu disse, com ênfase. O rosto de Smith abriu-se em um sorriso.

— Nada de "foi", madame — ele disse. — Ele nos deu a honra de aceitar o comando de uma companhia: os Irregulares de Fraser, é como seremos chamados.

— Um nome muito apropriado — eu disse. — Mas que diabos... como isso aconteceu?

Ele puxou nervosamente um de seus brincos, vendo que talvez eu não estivesse tão satisfeita com a notícia como se podia esperar.

— Ah. Bem, para dizer a verdade, madame, receio que a culpa tenha sido minha. — Abaixou a cabeça, envergonhado. — Um dos marujos a bordo do Pin me reconheceu e quando ele contou ao capitão quem eu era...

A revelação do verdadeiro nome do sr. Marsden — em combinação com seus adornos — havia causado um considerável rebuliço entre a tripulação variada atualmente a bordo do Áspide. Tanto assim que ele correu o risco de ser atirado pela amurada ou deixado à deriva em um barco. Após algum tempo de áspera discussão, Jamie sugerira que talvez o sr. Marsden pudesse ser persuadido a mudar de profissão e se tornar um soldado — pois um grande número de marinheiros a bordo do Áspide já havia proposto deixá-lo e se juntar às forças continentais em Ticonderoga, transportando as mercadorias e as armas através do lago Champlain e depois permanecendo como voluntários de milícias.

Isso teve aprovação geral — apesar de algumas pessoas insatisfeitas ainda serem ouvidas dizendo que um Jonah era um Jonah, quer ele fosse um marinheiro ou não.

— Foi por isso que achei melhor não aparecer muito lá embaixo, se entende o que quero dizer, madame — o sr. Marsden concluiu.

Isso também solucionou o que fazer com os marujos prisioneiros do Pin e os marinheiros desalojados do Teal; os que preferiam unir-se à milícia americana poderiam fazê-lo, enquanto os marinheiros britânicos que preferissem a perspectiva de vida como prisioneiros de guerra podiam ser atendidos em seu desejo e acomodados em Fort Ticonderoga. Cerca de metade dos homens do Teal expressou uma preferência inequívoca pelo emprego em terra firme, após suas recentes aventuras marítimas, e também iriam se unir aos Irregulares.

— Compreendo — eu disse, esfregando dois dedos entre as sobrancelhas. — Bem, com licença, sr.... Marsden, preciso ir preparar uma xícara de chá. Com muito conhaque.

O chá me reanimou, o suficiente para enviar Abram — encontrado cochilando junto ao fogo da cozinha apesar de ter sido mandado para a cama — para levar um pouco para Jamie e o capitão Stebbings, enquanto eu passava meus outros pacientes em revista. Estavam quase tão confortáveis quanto se podia esperar, ou seja, não muito, mas estoicos a respeito e sem nenhuma necessidade de intervenção médica premente.

Entretanto, o ânimo temporário que o chá com conhaque me emprestara já havia se dissipado quase inteiramente quando refiz o caminho de volta pela escada para o porão e meu pé escorregou no último degrau, fazendo-me cair pesadamente no convés, com uma pancada que provocou um grito assustado de Stebbings, seguido de um gemido. Abanando a mão para a sobrancelha suspensa de Jamie, apressei-me a ir ver o paciente.

Ele estava com muita febre, o rosto gordo afogueado e uma xícara de chá quase cheia estava posta de lado junto a ele.

— Eu tentei fazê-lo beber, mas ele disse que não conseguia beber mais do que um gole. — Jamie me seguiu e falou suavemente às minhas costas.

Inclinei-me e coloquei o ouvido perto do peito de Stebbings, auscultando da melhor maneira possível através da camada de gordura que o cobria. O tubo de osso de galinha, momentaneamente destampado, soltou apenas um modesto assobio de ar e não mais do que um vestígio de sangue.

— Até onde eu saiba, o pulmão se expandiu ao menos em parte — eu disse, dirigindo-me a Stebbings, por formalidade, embora ele tenha meramente me dirigido um olhar fixo, vidrado. — E eu acho que a bala deve ter cauterizado grande parte dos danos causados; caso contrário, creio que estaríamos vendo sintomas muito mais alarmantes. — Caso contrário, ele já estaria morto, mas achei mais diplomático não dizer isso. Ele podia facilmente estar morto em pouco tempo, de qualquer modo, de febre, mas resolvi não dizer isso também.

Consegui persuadi-lo a beber um pouco de água e passei uma esponja úmida em sua cabeça e torso. A tampa da escotilha fora retirada e estava razoavelmente fresco no porão, embora o ar não circulasse muito embaixo. De qualquer forma, eu não via nenhum benefício em levá-lo para o vento no convés superior e, quanto menos ele fosse movido do lugar, melhor.

— Essa é... minha... capa? — ele perguntou repentinamente, abrindo um único olho.

— Hã... provavelmente — respondi, desconcertada. — Você a quer de volta? Ele fez uma leve careta e sacudiu a cabeça, depois relaxou, os olhos fechados,

respirando superficialmente.

Jamie estava recostado contra o baú de chá, a cabeça para trás, os olhos fechados e respirando pesadamente. No entanto, ao sentir eu me sentar ao seu lado, levantou a cabeça e abriu os olhos.

— Você parece que está a ponto de desmoronar, Sassenach — disse suavemente. — Deite-se, hein? Eu vigiarei o capitão.

Vi onde ele queria chegar. Na verdade, eu estava vendo dois Jamies. Pestanejei e sacudi a cabeça, momentaneamente unificando os dois Jamies, mas não havia como negar que ele tinha razão. Eu perdera o contato com meu corpo outra vez, mas minha mente, em vez de se restringir à sua função, simplesmente começara a vagar sem direção, em uma espécie de estupor. Esfreguei o rosto com força, mas isso não ajudou muito.

— Preciso dormir — expliquei aos homens, os quatro agora me observando com a perfeita atenção de olhos arregalados de corujas em um celeiro. — Se sentir a pressão aumentar outra vez, e acho que vai sentir — eu disse a Stebbings tire a tampa do tubo até melhorar, depois a recoloque. Se algum de vocês achar que está morrendo, me acorde.

Sem maiores confusões, e me sentindo como se eu estivesse me observando de fora do meu corpo, estendi-me nas tábuas, coloquei a cabeça em uma dobra da capa de Stebbings e adormeci.

Acordei muito tempo depois e fiquei deitada por alguns minutos sem conseguir pensar de forma coerente, minha mente subindo e descendo com o movimento do convés sob mim. Em determinado momento, comecei a distinguir o murmúrio de vozes masculinas dos sussurros e batidas que fazem parte dos ruídos de um navio.

Eu caíra em um estado de esquecimento tão profundo que levei algum tempo para me lembrar dos acontecimentos anteriores a meu sono, mas as vozes os trouxeram de volta. Ferimentos, os vapores de conhaque, a lona de velas, áspera, rasgando-se em minhas mãos, e o cheiro de tintura no morim molhado, de cores vivas. A camisa ensanguentada de Jamie. O som aspirado do buraco no peito de Stebbings. Apenas a lembrança disso teria sido suficiente para me fazer sentar num salto, mas meu corpo se enrijecera de ficar deitado nas tábuas. Uma aguda pontada de agonia lancetou do meu joelho à virilha, e os músculos das minhas costas e braços doeram insuportavelmente. Antes que eu pudesse esticá-los o suficiente para conseguir ficar de pé, ouvi a voz do capitão.

— Chame Hickman. — A voz de Stebbings era rouca e baixa, mas decidida. — Prefiro levar um tiro do que continuar com isso.

Eu não achei que ele estivesse brincando. Nem Jamie.

— Não o culpo — ele disse. Sua voz era suave, mas séria, tão decidida

quanto a de Stebbings.

Meus olhos começavam a se focalizar outra vez, conforme a dor paralisante em meus músculos diminuía um pouco. De onde eu estava, podia ver Stebbings dos joelhos para baixo e a maior parte de Jamie, sentado ao lado dele, a cabeça abaixada nos próprios joelhos, a figura alta curvada contra o baú de chá.

Houve uma pausa e em seguida Stebbings disse:

— Não, hein? Ótimo. Vá chamar Hickman.

— Por quê? — Jamie perguntou, após o que pareceu uma pausa igual para pensar, ou talvez apenas para reunir forças para responder. Ele não levantou a cabeça; parecia quase drogado de fadiga. — Não há necessidade de tirar o homem da cama, há? Se quer morrer, basta arrancar este negócio do seu peito.

Stebbings fez um ruído ininteligível. Pode ter começado como uma risada, um gemido ou uma resposta irritada, mas terminou em um sibilo de ar entre dentes cerrados. Meu corpo retesou-se. Ele teria na verdade tentado retirar o tubo?

Não. Ouvi o movimento pesado de seu corpo, vi seus pés curvarem-se ligeiramente quando ele procurou uma posição mais confortável e ouvi o grunhido de Jamie quando se inclinou para ajudá-lo.

— Alguém... pode obter... satisfação... com a minha morte — ele disse com um som sibilante. — Eu fiz um buraco em você — Jamie ressaltou. Endireitou-se e esticou-se com extremo cuidado. — Não ficaria muito satisfeito em vê-lo morrer disso. — Achei que ele já devia ter passado há muito tempo do ponto de exaustão e obviamente estava tão dolorido quanto eu. Tenho que me levantar, fazê-lo ir dormir. Mas ele ainda conversava com Stebbings, parecendo despreocupado, como um homem que estivesse discutindo uma questão obscura de filosofia natural. — Quanto a satisfazer o capitão Hickman... sente algum tipo de obrigação em relação a ele?

— Não. — A resposta veio breve e precisa, apesar de seguida de uma profunda arfada. — É uma morte limpa — Stebbings conseguiu dizer após mais algumas arfadas. — Rápida.

Stebbings emitia um ruído que poderia ser interrogativo. Jamie suspirou. Após um instante, ouvi o farfalhar de tecidos e o vi mover a perna esquerda, gemendo ao fazê-lo, e levantar seu kilt.

— Está vendo isso? — Seu dedo correu devagar por toda a extensão de sua coxa, começando logo acima do joelho, até quase a virilha.

Stebbings deu um grunhido ligeiramente mais interessado, esse definitivamente interrogativo. As pontas pendentes de suas meias moveram-se conforme ele movimentou os pés.

— Baioneta — Jamie disse, negligentemente cobrindo de novo a cicatriz retorcida e falhada com o kilt. — Fiquei deitado por dois dias depois disso, a febre

me devorando vivo. Minha perna inchou e começou a feder. E quando o oficial inglês chegou para estourar nossos miolos eu fiquei muito satisfeito.

Um breve silêncio.

— Culloden? — Stebbings perguntou. Ele ainda estava rouco e eu podia ouvir a febre em sua voz, mas agora havia interesse também. — Ouvi... falar.

Jamie não disse nada em resposta, mas bocejou de repente, sem se preocupar em reprimir o bocejo, e esfregou as mãos devagar pelo rosto. Pude ouvir o som áspero provocado pela barba por fazer.

Silêncio, mas a qualidade do silêncio havia mudado. Eu podia sentir a raiva de Stebbings, sua dor e seu medo — mas havia uma leve sensação de humor em sua respiração difícil.

— Vai me... fazer.... perguntar? Jamie sacudiu a cabeça. — Uma história longa demais e que eu não gosto de contar. Basta saber que eu queria que ele me desse um tiro, queria muito, mas o filho da mãe não o fez.

O ar no pequeno porão estava estagnado, mas inquieto, pleno dos cheiros alternados de sangue e luxo, de mercadorias e doença. Inspirei, devagar, profundamente, e pude sentir o cheiro acre dos corpos dos homens, um cheiro penetrante e selvagem de cobre, amargo de esforço e exaustão. As mulheres nunca exalavam este cheiro, pensei, mesmo em circunstâncias extremas.

— Vingança, então, não é? — Stebbings perguntou após algum tempo. Seus pés irrequietos haviam sossegado. Suas meias imundas estavam arriadas e sua voz cansada.

Os ombros de Jamie moveram-se, devagar, enquanto ele suspirava, e sua própria voz estava quase tão cansada quanto a de Stebbings.

— Não — ele disse, muito suavemente. — Chame de pagamento de uma dívida.

Uma dívida?, pensei. Com quem? Com lorde Melton, que se recusara a matá-lo, por questão de honra, que em vez disso o enviara para casa depois de Culloden, escondido em uma carroça cheia de feno? Com sua irmã, que se recusara a deixá-lo morrer, que o arrastara de volta à vida por pura força de vontade? Ou com aqueles que haviam morrido quando ele não?

Eu havia me esticado o suficiente agora para poder me levantar, mas não o fiz, ainda não. Não havia urgência. Os homens estavam silenciosos, sua respiração parte da respiração do navio, o suspiro do mar lá fora.

Aos poucos, silenciosamente, ocorreu-me que eu sabia a resposta. Eu havia vislumbrado o abismo muitas vezes, por cima do ombro de alguém quando estavam na borda, olhando para baixo. Mas eu vira por mim mesma uma vez, também. Eu conhecia sua vastidão e sua atração, a possibilidade de pôr termo a tudo.

Eu sabia que estavam de pé agora, lado a lado, e cada qual sozinho, olhando

para baixo.

PARTE QUATRO



CONJUNÇÃO

*De lorde John Grey
Para sr. Arthur Norrington
4 de fevereiro de 1777
(Código 158)*

Caro Norrington

De acordo com nossa conversa, fiz certas descobertas que acho prudente confidenciar.

Fiz uma visita à França no final do ano e, enquanto estava lá, visitei o barão Amandine. Na verdade, hospedei-me com o barão por vários dias e conversei com ele em diversas ocasiões. Tenho motivos para acreditar que Beauchamp está de fato envolvido na questão que discutimos e se ligou a Beaumarchais, que portanto deve estar igualmente envolvido. Creio que Amandine não está ele próprio envolvido, mas que Beauchamp pode usá-lo como uma espécie de fachada.

Solicitei uma reunião com Beaumarchais, mas foi recusada. Como ele normalmente teria me recebido, acho que cutuquei algum ninho. Seria útil observar esse lado.

Fique alerta também a qualquer menção na correspondência francesa de uma companhia chamada Rodrigue Hortalez et Cie (rogo-lhe que fale com a pessoa que lida com a correspondência espanhola também). Não descobri nada irregular, mas também não consigo descobrir nada sólido em relação a eles, como o nome dos diretores, e isso por si só me parece suspeito.

Se o seu dever assim o permitir, gostaria de ser informado de qualquer coisa que venha a saber com relação a essas questões.

*Seu criado,
lorde John Grey*

PS.: Pode me dizer quem está atualmente encarregado do Departamento Americano, em relação à correspondência?



*De lorde John Grey
Para Harold, Duque de Pardloe
4 de fevereiro de 1777
(código de família)*

Hal...

Encontrei-me com Amandine. Wainwright de fato vive na mansão senhorial — chamada Trois Flèches — e assim mantém uma relação doentia com o barão. Conheci a irmã do barão, a mulher de Wainwright. Ela sem dúvida tem conhecimento da ligação entre seu irmão e seu marido, mas não o admite abertamente. Fora isso, ela não parece saber de mais nada. Poucas vezes conheci uma mulher mais idiota. Ela é francamente libertina nos modos e uma péssima jogadora de cartas. Assim como o barão, por meio do qual fiquei convencido de que ele realmente sabe alguma coisa sobre as maquinações políticas de Wainwright; ele se comportou evasivamente quando desviei a conversa nessa direção e tenho certeza de que não é versado na arte de disfarçar. Mas não é bobo. Ainda que fosse, certamente terá contado a Wainwright a respeito da minha visita. Alertei Norrington para observar qualquer atividade nessa frente.

Sabendo o que eu sei sobre as habilidades e conexões de Wainwright (ou melhor, a falta de), não consigo compreender seu envolvimento. É bem verdade que, se o governo francês tiver tais planos em mente como ele indicou, dificilmente os comunicaria abertamente, e enviar alguém como Wainwright para falar com alguém como eu pode ser considerado suficientemente secreto. Sem dúvida, tal abordagem tem o benefício de ser contestada. Ainda assim, parece haver algo errado nisso tudo, de uma forma que ainda não consigo definir.

Logo estarei com você e espero, então, estar de posse de algumas informações claras referentes a certo capitão Ezekiel Richardson, bem como a outro chamado capitão Denys Randall-Isaacs. Caso lhe seja possível investigar esses nomes através de suas próprias conexões, eu ficaria muito agradecido.

*Com todo o afeto de seu irmão,
John*

PS.: Espero que esteja bem de saúde.



*De Harold, Duque de Pardloe
Para lorde John Grey
6 de março de 1777*

Bath

(código de família)

Não estou morto. Quisera estar Bath é horrível. Sou diariamente enrolado em lona e carregado como um embrulho a ser imerso em água fervente que cheira a ovo podre, depois tirado e forçado a bebê-la, mas Minnie diz que vai apresentar uma petição à Câmara dos Lordes para se divorciar de mim, com base em insanidade causada por atos imorais, caso eu não obedeça. Eu duvido, mas aqui estou.

Denys Randall-Isaacs é filho de uma inglesa chamada Maly Hawkins e um oficial do exército britânico: Jonathan Wolverton Randall, capitão dos dragões, falecido, morto em Culloden. A mãe ainda é viva e casada com um judeu chamado Robert Isaacs, um comerciante de Bristol. Ele também ainda é vivo e é sócio em um armazém em Brest. Denys é um dos seus malditos políticos, tem ligações com os alemães, mas não posso descobrir mais do que isso sem ser evidente demais para o seu gosto. Não consigo descobrir nada na maldita Bath.

Não sei muito a respeito de Richardson, mas vou averiguar diretamente. Enviei cartas para algumas pessoas na América. Sim, sou discreto, obrigado, e eles também.

John Burgoyne está aqui, se curando. Muito pretensioso, já que os alemães aprovaram seu plano de invadir a partir do Canadá. Eu mencionei William para ele, já que seu francês e alemão são bons e Burgoyne deverá ter muitos soldados alemães. Ainda assim, diga a William para ter cuidado; Burgoyne parece pensar que ele será o comandante em chefe das forças armadas da América — uma ideia que ousei dizer será uma surpresa tanto para Guy Carleton quanto Dick Howe.

Trois Flèches. Três flechas. Quem será a terceira?



Londres

26 de março de 1777

The Society for the Appreciation of the English Beefsteak, um Clube de Cavalheiros

— Quem será o terceiro? — Grey repetiu, espantado, fitando a carta que acabara de abrir.

— O terceiro o quê? — Harry Quarry entregou sua capa encharcada para o gerente e deixou-se afundar na poltrona ao lado de Grey, suspirando de alívio enquanto estendia as mãos para o fogo da lareira. — Santo Deus, estou congelado.

Vai para Southampton neste tempo? — Lançou uma das mãos brancas de frio para a janela, que emoldurava uma desalentadora perspectiva de chuva com neve, quase horizontal pela ação do vento.

— Somente amanhã. Já deve ter melhorado até lá. Harry lançou um olhar de profunda suspeita para a janela e sacudiu a cabeça.

— Não há a menor chance.

— Senhor! O sr. Bodley já vinha oscilando na direção deles sob o peso de uma bandeja de chá carregada de broinhas, pão, geleia de morango, geleia de laranja, pãezinhos quentes amanteigados em uma cesta coberta com linho branco, bolinhos, creme azedo, biscoitos de amêndoas, sardinhas em torradas, uma travessa de feijão cozido com bacon e cebola, um prato de presunto fatiado com pepinos em conserva, uma garrafa de conhaque com dois copos e — talvez uma lembrança de última hora — um bule fumegante com duas xícaras de porcelana e pires.

— Ah! — Harry exclamou, parecendo mais feliz. — Vejo que já me esperava. Grey sorriu. Se não estivesse em campanha ou viajando a serviço, Harry Quarry invariavelmente entrava no Beefsteak às quatro e meia de quarta-feira.

— Achei que você iria precisar de sustância, com Hal na lista de doentes. — Harry era um de dois coronéis regimentais — diferentemente de Hal, que era Coronel do Regimento, sendo este seu próprio regimento. Nem todos os coronéis tinham uma participação ativa nas operações de seus regimentos, mas Hal fazia questão.

— Desgraçado, ele está se fingindo de doente — Harry disse, estendendo a mão para o conhaque. — Como ele está?

— O mesmo de sempre, a julgar pela correspondência. — Grey entregou a Quarry a carta aberta, que o último leu com um largo sorriso.

— Sim, Minnie vai dar um jeito nele. — Deixou a carta na mesa, indicando-a com um sinal da cabeça, enquanto levantava seu copo. — Quem é Richardson e por que você quer saber dele?

— Ezekiel Richardson, capitão. Lanceiro, mas requisitado para serviço de inteligência.

— Oh, um rapaz da inteligência, hein? Um do seu grupo da Black Chamber? — Quarry torceu o nariz, embora não fosse claro se era uma reação à ideia de rapazes no serviço secreto ou à presença de uma tigelinha de raiz-forte ralada acompanhando as sardinhas.

— Não, eu não o conheço bem pessoalmente — Grey admitiu e sentiu a mesma pontada de profunda inquietação que o afligia com crescente frequência desde que recebera a carta de William de Quebec há uma semana. — Fui apresentado a ele por sir George, que conhecia seu pai, mas não conversamos muito na ocasião. Eu ouvira algumas coisas a seu favor, de uma maneira discreta.

— Isso sendo, imagino, a única maneira que se quer ouvir alguma coisa sobre um homem nessa área. HUUUUH! — Harry inspirou com uma tremenda absorção de ar pela boca aberta e, a julgar pelo som, para cima, até os seios da face. A seguir, tossiu uma ou duas vezes, os olhos lacrimejando, e sacudiu a cabeça, admirado. — Raiz-forte fresca — grasnou roucamente, pegando outra colher cheia. — Muito... huuuuuuh... fresca.

— Muito. De qualquer modo, encontrei-o outra vez na Carolina do Norte, conversamos mais um pouco, e ele pediu minha permissão para se aproximar de William com uma proposta para o serviço de inteligência.

Quarry parou, uma fatia de torrada cheia de sardinha a meio caminho da boca.

— Não está me dizendo que você o deixou fisgar Willie!

— Essa, sem dúvida, não era minha intenção — Grey disse, aborrecido. — Eu tinha alguma razão para acreditar que a sugestão poderia ser boa para Willie; para começar, o tiraria da Carolina do Norte e terminaria com ele no exército de Howe.

Quarry balançou a cabeça, mastigando com cuidado, e engoliu com esforço.

— Sim, sei. Mas agora você tem dúvidas?

— Tenho. Ainda mais porque eu não encontro ninguém que realmente conheça Richardson bem. Todos que o recomendaram a mim inicialmente o fizeram em função da recomendação de uma outra pessoa, ao que parece. Exceto por sir George Stanley, que está agora na Espanha com minha mãe, e o velho Nigel Bruce, que inconvenientemente morreu nesse meio-tempo.

— Que falta de consideração.

— Sim. Imagino que eu conseguiria extrair mais informações, se tivesse tempo, mas não tenho. Dottie e eu partimos depois de amanhã. Se as condições do tempo permitirem — ele acrescentou, com um olhar na direção da janela.

— Ah, e seria aí que eu entraria — Harry observou, sem ânimo. — O que devo fazer com as informações que conseguir? Contar a Hal ou enviá-las para você?

— Conte a Hal — Grey disse com um suspiro. — Só Deus sabe como deve estar o correio na América, mesmo com o Congresso na Filadélfia. Se alguma coisa parecer urgente, Hal pode agilizar as providências por aqui com muito mais facilidade do que eu por lá.

Quarry balançou a cabeça e encheu novamente o copo de Grey.

— Você não está comendo — ele observou.

— Almocei tarde. — Muito tarde. Na verdade, ele ainda não havia almoçado. Pegou um pãozinho e o besuntou de geleia.

— E esse tal de Denys? — Quarry perguntou, empurrando a carta com um garfinho de pickles. — Devo investigá-lo também?

— Sim, por favor. Embora provavelmente eu possa fazer mais progresso com ele no lado americano da questão. Ao menos, é onde foi visto pela última vez. — Deu uma mordida no pãozinho, observando que a massa havia alcançado aquele delicado equilíbrio ideal entre firme e esfarelada, e sentiu o apetite retornar. Perguntou-se se deveria colocar Harry no encalço do ilustre judeu com o armazém em Brest, mas resolveu não o fazer. A questão das conexões francesas era mais do que delicada e, embora Harry fosse competente, ele não era sutil.

— Está certo, então. — Harry selecionou um pedaço de pão, encimou-o com dois biscoitos de amêndoas e uma colherada de creme azedo, enfiando tudo dentro da boca. Onde ele o colocou?, Grey se perguntou. Harry era sólido e musculoso, mas nunca obeso. Sem dúvida, ele suava todas as calorias durante os exercícios puxados nos bordéis, sendo este seu esporte favorito, apesar da idade.

Que idade Harry teria?, ele se perguntou repentinamente. Alguns anos mais velho do que Grey, alguns anos mais novo do que Hal. Nunca pensara nisso, não mais do que o fazia em relação a Hal. Os dois sempre lhe pareceram imortais; ele nunca contemplara um futuro sem um dos dois. Mas o crânio sob a peruca de Harry já estava quase careca — ele a havia retirado, como era próprio dele, para coçar a cabeça em determinado momento e a colocara de volta distraidamente, sem se preocupar com a posição certa — e as juntas dos dedos estavam inchadas, apesar de segurar sua xícara com a delicadeza de costume.

Grey sentiu, de repente, sua própria mortalidade na rigidez de um polegar, na dor aguda em um joelho. Acima de tudo, no medo de não estar lá para proteger William, enquanto ainda fosse necessário.

— Hein? — Harry disse, erguendo uma das sobrancelhas para o que quer que se revelava no rosto de Grey. — O que foi?

Grey sorriu e sacudiu a cabeça, pegando seu copo de conhaque outra vez.

— Timor mortis conturbat me — ele disse.

— Ah — disse Quarry pensativamente, e ergueu uma das sobrancelhas. — Vou beber a isso.

*A TRAMA SE COMPLICA*

28 de fevereiro de 1777

Londres

General de divisão John Burgoyne,

Para sir George Germain

.... não concebo que nenhuma outra expedição a partir do mar possa ser tão terrível para o inimigo ou tão eficaz para o término da guerra quanto uma invasão a partir do Canadá, por Ticonderoga.



4 de abril de 1777

A bordo do HMS Tartar

E ele dissera a Dottie que o Tartar era apenas uma fragata de vinte e oito canhões e que, portanto, ela devia ser modesta em sua bagagem. Mesmo assim, ficou surpreso ao ver o único baú — é bem verdade que era um baú grande —, duas valises e uma bolsa de material de bordado que compreendia toda a sua bagagem.

— Não vai levar nem um único manto florido? — ele caçoou. — William não vai reconhecê-la.

— Bobagem — ela retrucou com o talento de seu pai para a clareza sucinta. Mas sorriu ligeiramente. Estava muito pálida e ele esperava que não fosse um incipiente enjoo do mar. Ele apertou sua mão com força e continuou segurando-a o tempo inteiro, até a última lasca escura da Inglaterra desaparecer no horizonte.

Ele ainda estava admirado de ela ter conseguido. Hal devia estar mais debilitado do que ele deixava transparecer, para ser convencido a deixar sua filha pegar um navio para a América, ainda que sob a proteção de Grey e para o louvável propósito de cuidar do irmão ferido. Minnie, é claro, não saía do lado de Hal nem por um instante, apesar de morrer de preocupação com seu filho. Mas ela não ter

emitido nem uma palavra de protesto contra esta aventura...

— Sua mãe está de acordo com isso? — ele perguntou descontraidamente, provocando um olhar espantado através de um véu de cabelos agitados pelo vento.

— Com o quê? — Dottie passava a mão pela teia de cabelos louros, escapados em masse da inconsequente rede em que os prendera e dançando acima de sua cabeça como chamas. — Oh, socorro!

Ele capturou os cabelos dela, puxando-os e alisando-os sobre a cabeça com as duas mãos, juntou-os na nuca, onde os trançou habilmente, para admiração de um marinheiro que passava, e amarrou a trança com a fita de veludo que foi tudo que restou da rede desfeita.

— Com o quê, ora — ele disse para a parte de trás de sua cabeça, enquanto terminava o trabalho. — Com este empreendimento temerário em que você embarcou.

Ela virou-se e fitou-o diretamente nos olhos.

— Se quer descrever resgatar Henry como um empreendimento temerário, concordo inteiramente — ela disse com dignidade. — Mas minha mãe naturalmente faria qualquer coisa que pudesse para tê-lo de volta. Assim como você, creio eu, ou não estaria aqui. — E sem esperar uma resposta girou espevitadamente nos calcanhares e dirigiu-se à escada do tombadilho, deixando-o sem fala.

Um dos primeiros navios da primavera trouxera uma carta com mais notícias de Henry. Ele estava vivo, graças a Deus, mas fora gravemente ferido: levou um tiro no abdômen e ficou muito doente por conta disso durante todo o rigoroso inverno. Mas sobrevivera e fora removido para a Filadélfia com vários outros prisioneiros britânicos. A carta fora escrita por um colega oficial, também prisioneiro, mas Henry conseguira rabiscar algumas palavras de amor à sua família no final e assinar seu nome; a lembrança daquele rabisco desordenado devorava o coração de John.

No entanto, sentiu-se um pouco encorajado pelo fato de ser Filadélfia. Ele havia conhecido um proeminente cidadão da Filadélfia quando estava na França e imediatamente estabelecera uma ligação com ele que achava ser correspondida; poderia ser um conhecimento útil, riu involuntariamente, lembrando-se do instante de seu encontro com o americano.

Ele não permanecera muito tempo em Paris, apenas o tempo suficiente para investigar Percival Beauchamp, que não estava lá. Havia se retirado para sua casa de campo para passar o inverno, disseram-lhe. A principal propriedade da família Beauchamp, um lugar chamado Trois Flèches, perto de Compiègne.

E assim ele comprara um chapéu forrado de pele e um par de botas, enrolara-se em sua capa mais quente, alugara um cavalo e partira implacavelmente para as garras de uma tempestade inclemente.

Chegando coberto de lama seca e congelado, fora recebido com

desconfiança, mas a qualidade de sua indumentária e seu título lhe angariaram a entrada. Ele foi conduzido a uma sala de estar bem mobiliada — com, graças a Deus, uma excelente lareira — para aguardar o barão.

Ele formara uma expectativa do barão Amandine com base nas observações de Percy, embora achasse que Percy provavelmente andara apenas inventando. Também sabia como era inútil teorizar antes de observar, mas fazia parte da condição humana imaginar.

Em termos de imaginação, ele fizera um bom trabalho em não pensar em Percy durante os últimos... seriam dezoito anos, dezenove? Mas desde que ficou evidente que pensar nele era agora uma necessidade profissional, assim como pessoal, ele estava tanto surpreso quanto desconcertado em descobrir o quanto se lembrava. Ele sabia do que Percy gostava e portanto havia desenvolvido em sua mente uma imagem de Amandine de acordo.

A realidade era diferente. O barão era um homem mais velho, talvez alguns anos a mais do que Grey, baixo e um pouco gordo, com um rosto franco e agradável. Bem-vestido, mas sem ostentação. Cumprimentou Grey com muita cortesia. Mas, em seguida, ele tomou a mão de Grey e um pequeno choque elétrico percorreu o inglês. A expressão do barão era gentil, nada além disso — mas os olhos exibiam uma expressão de interesse e avidez, e, apesar da aparência pouco atraente do barão, a carne de Grey respondeu ao olhar.

Claro, Percy havia contado a Amandine sobre ele. Surpreso e desconfiado, deu a sucinta explicação que havia preparado, apenas para ser informado de que, hélas, monsieur Beauchamp não estava em casa, mas fora com monsieur Beaumarchais caçar lobos na Alsácia. Bem, uma suposição fora confirmada, Grey pensou. Mas certamente Vossa Senhoria se dignaria a aceitar a hospitalidade de Trois Flèches, ao menos por uma noite?

Aceitou o convite com muitas expressões de agradecimentos indevidos e, depois de remover as roupas externas e substituir as botas pelas espalhafatosas chinelas de Dottie — que fizeram Amandine pestanejar, embora ele imediatamente as elogiasse de maneira esfuziante —, foi conduzido por um longo corredor revestido de retratos.

— Vamos fazer um lanche na biblioteca — Amandine dizia. — Obviamente, você está perecendo de frio e inanição. Mas, se não se importar, permita-me apresentá-lo ao meu outro hóspede. Vamos convidá-lo a se unir a nós.

Grey murmurara sua concordância, distraído pela leve pressão da mão de Amandine, pousada em suas costas — um pouco mais abaixo do habitual.

— Ele é americano — o barão dizia, quando alcançaram a porta quase no fim do corredor, e sua voz deixou transparecer certa ironia na palavra. Ele possuía uma voz extremamente incomum: suave, cordial e um pouco fermentada, como alguns

chá chinses com muito açúcar.

— Ele gosta de passar algum tempo no solário todos os dias — o barão continuou, empurrando a porta e gesticulando para que Grey entrasse à sua frente. — Diz que o mantém em excelente estado de saúde.

Grey estivera olhando educadamente para o barão durante essa apresentação, mas agora se voltou para falar com o hóspede americano e assim foi apresentado ao dr. Franklin, confortavelmente reclinado em uma espreguiçadeira acolchoada, submerso em um dilúvio de luz solar, completamente nu.

Na conversa subsequente — conduzida com o maior aprumo por todos os envolvidos — ele ficou sabendo que era uma prática constante do sr. Franklin banhar-se de ar todos os dias em que fosse possível, já que a pele respirava tanto quanto os pulmões, absorvendo ar e liberando impurezas; assim, a capacidade do corpo de se defender de infecções era substancialmente prejudicada se a pele ficasse constantemente sufocada em roupas insalubres.

Durante todas as apresentações e conversas, Grey estava intensamente cômico dos olhos de Amandine sobre ele, cheio de especulação e humor, e da sensação incômoda de suas próprias roupas insalubres sobre a pele indubitavelmente sufocante.

Era uma sensação singular, conhecer um estranho e saber que esse estranho já tinha conhecimento de seu mais profundo segredo, que ele na realidade — se Percy não estivesse mentindo completamente, e Grey não achava que ele estivesse — compartilhava. Isso lhe dava uma sensação de perigo e vertigem, como se ele se debruçasse de um íngreme precipício. E também o excitava, e isso o alarmava muito.

O americano (agora falando cordialmente sobre uma formação geológica incomum que vira em sua viagem de Paris; Vossa Senhoria perceberá?) era um homem mais velho e seu corpo, apesar de em bom estado, à exceção de algumas manchas arroxeadas de um tipo de eczema na parte inferior das pernas, não era um objeto de consideração sexual. No entanto, a carne de Grey estava tensa nos ossos e faltava sangue em sua cabeça. Podia sentir os olhos de Amandine sobre ele, avaliando-o francamente, e lembrou-se com absoluta clareza da conversa com Percy referente à mulher de Percy e seu cunhado barão: Ambos, de vez em quando. Juntos? Teria a irmã do barão acompanhado o marido ou estava em casa talvez? Por uma das poucas vezes em sua vida, Grey considerou seriamente se ele seria um perverso.

— Vamos nos juntar ao caro doutor em sua benéfica prática, milorde? Grey desviou o olhar bruscamente de Franklin, vendo o barão começando a tirar o casaco. Felizmente, antes que pudesse pensar em alguma coisa a dizer, Franklin se levantou, observando que achava que já se beneficiara do ar livre o suficiente para o dia.

— Embora, é claro — ele disse, fitando Grey diretamente nos olhos, com uma expressão de profundo interesse e não pouco humor também —, não devam deixar que minha partida os impeça de sua própria satisfação, messieurs.

O barão, impecavelmente educado, imediatamente recolocou o casaco e, dizendo que se uniria a eles para um aperitif na biblioteca, desapareceu no corredor.

Franklin tinha um roupão de seda; Grey segurou-o para ele, observando as nádegas brancas, ligeiramente caídas — mas notavelmente firmes e lisas —, desaparecerem conforme o americano enfiava os braços nas mangas devagar, comentando enquanto o fazia sobre uma leve artrite nas articulações de seus ombros.

Virando-se e amarrando a faixa, fixou um olhar franco e cinza em Grey.

— Obrigado, milorde — ele disse. — Pelo que entendi, o senhor não conhecia Amandine?

— Não. Eu conheci seu... cunhado, monsieur Beauchamp, há alguns anos. Na Inglaterra — acrescentou, sem nenhum motivo em particular.

Algo estremeceu nos olhos de Franklin à menção de Beauchamp, fazendo Grey perguntar.

— Conhece-o?

— De nome — Franklin respondeu sem se alterar. — Então Beauchamp é inglês?

Várias possibilidades surpreendentes passaram pela mente de Grey à simples observação "De nome", mas uma avaliação igualmente rápida dessas possibilidades o fez se decidir pela verdade como a mais segura e ele meramente respondeu "Sim", em um tom que indicava que isso era apenas um simples fato, nada mais.

Durante os dias seguintes, ele e Franklin tiveram várias conversas interessantes, nas quais o nome de Percy Beauchamp era notável pela ausência. No entanto, quando Franklin retornou a Paris, Grey ficou com a sensação de genuíno apreço pelo idoso cavalheiro — que, ao saber que Grey estava indo para as colônias na primavera, fizera questão de lhe dar cartas de apresentação a diversos amigos lá — e a convicção de que o dr. Franklin sabia exatamente o que Percy Beauchamp era e já fora.

— Desculpe-me, senhor — disse um dos marinheiros do Tartar, afastando Grey indelicadamente do caminho e interrompendo seus devaneios. Ele pestanejou, descobrindo que suas mãos sem luvas haviam congelado ao vento e que suas faces estavam dormentes. Deixando os marinheiros entregues às suas tarefas congelantes, desceu ao convés inferior, sentindo um calorzinho estranho e indecoroso à lembrança de sua visita a Trois Flèches.



3 de maio de 1777

Nova York

Querido pai

Acabo de receber sua carta sobre o primo Henry e espero fervorosamente que o senhor consiga descobrir onde ele está e obter sua soltura. Se eu puder saber alguma coisa sobre ele, farei o que puder para informá-lo. Há alguém a quem eu possa lhe endereçar cartas nas colônias? (Se eu não souber de nenhuma alternativa, as enviarei aos cuidados do sr. Sanders, na Filadélfia, com uma cópia, por segurança, ao juiz O'Kede em Richmond.)

Espero que perdoe minha própria e triste preguiça em escrever. Isso não ocorre — infelizmente! — por nenhuma pressão de atividade urgente de minha parte, mas por tédio e falta de absolutamente qualquer coisa de interesse sobre a qual escrever. Após um tedioso inverno confinado em Quebec (embora eu tenha caçado bastante e até abatido um animal muito feroz chamado glutão), finalmente recebi novas ordens do ajudante de ordens do general Howe no final de março, quando alguns homens de sir Guy voltaram para a cidadela, e em consequência eu voltei para Nova York.

Nunca mais tive nenhuma notícia do capitão Randall-Isaacs, nem consegui saber nada a seu respeito desde a minha volta. Receio que ele tenha se perdido na nevasca. Se conhece sua família, poderia enviar-lhes um bilhete com minhas esperanças de sua sobrevivência? Eu mesmo o faria, mas não sei bem onde encontrá-los, nem como colocar meus sentimentos delicadamente, caso já estejam em dúvida quanto à sua sorte, ou pior, não tenham nenhuma dúvida. Mas você saberá o que dizer; você sempre sabe.

Eu tive um pouco mais de sorte em minhas próprias viagens, tendo sofrido apenas um naufrágio de menor importância quando descia o rio (o desastre ocorreu quando aportávamos em Ticonderoga em pequenos barcos. Um grupo de franco-atiradores americanos disparou contra nós do forte. Ninguém ficou ferido, mas as canoas ficaram crivadas de balas e alguns buracos infelizmente só foram descobertos quando as embarcações retornaram à água, após o que duas delas afundaram rapidamente), seguido de lama até a cintura e o reaparecimento de insetos carnívoros quando peguei a estrada. No entanto, desde a minha volta, não temos feito quase nada de interesse, embora haja rumores constantes do que poderemos fazer. Considerando que essa inatividade irrita mais no que se pode chamar de ambiente civilizado (embora nenhuma jovem em Nova York saiba dançar), ofereci-me para levar despachos e tenho encontrado algum alívio nisso.

Ontem, entretanto, recebi ordens para voltar ao Canadá e me juntar ao exército do general Burgoyne. Estou detectando a sua mão nisso, papai? Se assim

for, obrigado!

Além disso, vi o capitão Richardson outra vez; ele veio aos meus aposentos ontem à noite. Eu não o via há quase um ano e fiquei muito surpreso. Ele não pediu um relatório de nossa viagem a Quebec (o que não é de surpreender, já que as informações estariam tristemente ultrapassadas a esta altura), e quando perguntei a respeito de Randall-Isaacs ele apenas sacudiu a cabeça e disse que não sabia.

Ele soubera que eu tinha a missão de levar despachos especiais à Virgínia, antes de ir para o Canadá, e apesar de que nada, é claro, deve me fazer demorar nessa missão, pensara em me pedir para fazer um pequeno serviço para ele quando eu retornasse para o norte. Um pouco cauteloso em consequência de minha longa permanência no gélido norte, perguntei do que se tratava e ele me explicou que não era nada além da entrega de uma mensagem cifrada a um grupo de legalistas na Virgínia, algo que seria simples para mim, devido à minha familiaridade com o terreno; a tarefa não me atrasaria mais do que um ou dois dias, assegurou-me.

Eu disse que o faria, porém mais porque eu gostaria de ver algumas partes da Virgínia de que eu me lembrava com carinho do que para fazer um favor ao capitão Richardson. Ele me inspira certa desconfiança. Que Deus proteja suas viagens, papai, e por favor dê meu amor à minha preciosa Dottie, a quem anseio em rever (Diga-lhe que eu abati quarenta e dois arminhos no Canadá; mandarei fazer uma capa das peles!)

Seu filho amoroso,

William



SALMOS, 30

6 de outubro de 1980

Lallybroch

O acordo de Brianna com a Hidrelétrica do Norte da Escócia estipulava três dias fazendo inspeções em campo, supervisionando manutenção e reparos conforme necessários, mas lhe permitia ficar em casa fazendo relatórios, preenchendo formulários e outras papeladas nos outros dois dias. Ela estava tentando decifrar as anotações de Rob Cameron sobre a produção de energia da segunda turbina no lago Errochty, que pareciam ter sido escritas com lápis litográfico no que restara de um saco de papel onde ele trouxera seu almoço, quando percebeu sons vindos do gabinete do outro lado do corredor.

Estivera vagamente consciente de um zumbido baixo por algum tempo, mas até onde pudera notar o som se resumia ao de uma mosca presa pela vidraça. Mas agora o zumbido adquirira palavras e uma mosca não estaria cantando "O Rei do Amor é meu Pastor", com a melodia de "São Columba".

Ficou paralisada, percebendo que ela reconhecera a melodia. A voz era áspera como uma lixa grossa e falhava de vez em quando... mas subia e descia, e era, realmente era, uma canção.

A música parou abruptamente em um acesso de tosse, mas após alguns sérios esforços de clarear a garganta e cantarolar cautelosamente a voz retornou, desta vez usando uma antiga canção escocesa que ela achava se chamar "Crimond".

"O Senhor é meu pastor, e nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos; guia-me Mansamente a águas tranquilas."

Ela permaneceu sentada à sua escrivaninha, trêmula, as lágrimas escorrendo pelas faces e um lenço pressionado contra a boca para que ele não a ouvisse chorar.

— Obrigada — sussurrou dentro do lenço. — Oh, obrigada! A cantoria parou, mas o zumbido foi retomado, grave e satisfeito. Ela recuperou o autocontrole e limpou as lágrimas apressadamente; era quase meio-dia — ele entraria ali a qualquer momento perguntando-lhe se já estava pronta para almoçar.

Roger tivera muita dúvida sobre o cargo de assistente do mestre do coro — dúvida que tentara não deixá-la perceber e dúvida que ela compartilhara até ele chegar em casa e lhe contar que haviam lhe dado o Coro Infantil como sua responsabilidade principal. A própria dúvida de Brianna desaparecera então; as crianças eram ao mesmo tempo inteiramente desinibidas em expressar os tipos de observações concernentes a esquisitices sociais que seus pais jamais expressariam e completamente prontas a aceitar tal esquisitice, quando se acostumavam com ela.

— Quanto tempo levaram para perguntar sobre sua cicatriz? — ela quis saber quando ele chegou em casa sorrindo depois de sua primeira sessão com as crianças.

— Eu não marquei o tempo, mas talvez trinta segundos. — Ele passou dois dedos de leve pela marca irregular em sua garganta, mas não parou de sorrir. — "Por favor, sr. Mackenzie, o que aconteceu com seu pescoço? Você foi enforcado?"

— E o que você disse a elas?

— Disse que sim, que fui enforcado nos Estados Unidos, mas que sobrevivi, graças a Deus. E umas duas delas tinham irmãos mais velhos que haviam visto O estranho sem nome e lhes contado, de modo que isso aumentou um pouco meu prestígio. Mas acho que esperam que eu leve minhas seis armas para a próxima sessão, agora que o segredo foi revelado. — Piscou um olho para ela à Clint Eastwood, o que a fizera desatar em uma risada.

Riu agora, lembrando, e bem a tempo, pois Roger enfiou a cabeça pela porta, dizendo:

— Quantas versões diferentes do Salmo 23 você diria que existem, musicadas?

— Vinte e três? — ela tentou adivinhar, levantando-se.

— Apenas seis, nos hinos presbiterianos — ele admitiu —, mas há arranjos métricos para isso, quero dizer, em inglês, que datam de 1546. Há um no Livro de Salmos da Baía e outro no Livro de Salmos Escocês, e muitos outros aqui e ali. Vi a versão em hebraico também, mas acho melhor não tentar essa na congregação de St. Stephen. Os católicos têm arranjos musicais?

— Os católicos têm um arranjo musical para tudo — ela lhe disse, empinando o nariz para farejar alguma indicação do almoço proveniente da cozinha. — Mas os salmos geralmente são cantados com um arranjo de cânticos. Conheço quatro tipos de cantos gregorianos — ela informou-o orgulhosamente —, mas há muitos mais.

— É mesmo? Cante para mim — ele pediu, e parou de repente no corredor, enquanto ela apressadamente tentava se lembrar da letra do Salmo 23. O mais simples dos cânticos voltou automaticamente, ela o cantara tantas vezes quando criança que já fazia parte dos seus ossos.

— É mesmo extraordinário — ele disse, agradecido, quando ela terminou. — Pode repassá-lo uma ou duas vezes comigo mais tarde? Gostaria de passá-lo às crianças, só para elas ouvirem. Acho que elas poderiam entoar cânticos gregorianos muito bem.

A porta da cozinha abriu-se de supetão e Mandy surgiu correndo, segurando com força o sr. Polly, uma criatura de pelúcia que começara a vida como um tipo de pássaro, mas agora se parecia com um saco de tecido peludo e sujo, com asas.

— Sopa, mamãe! — ela gritou. — Vem tomar sopa! E tomaram sopa, de frango e macarrão, de uma lata da Campbell, e sanduíches de queijo e picles para complementar. Annie MacDonald não era uma cozinheira sofisticada, mas tudo o que ela fazia era comível, e isso já era bastante, Brianna pensou, lembrando-se de outras refeições feitas ao redor de fogueiras mortíferas. Lançou um olhar de profundo afeto ao fogão Aga, a gás, que fazia da cozinha o aposento mais aconchegante da casa.

— Canta pra mim, papai! — Mandy, os dentes cobertos de queijo e com mostarda ao redor da boca, lançou um sorriso suplicante a Roger.

Roger tossiu, engasgando-se com um farelo de pão, e limpou a garganta.

— Oh, sim? Cantar o quê? — "Tês ratinho cego!" — Está bem. Mas você tem que cantar comigo, para eu não me perder. — Ele sorriu para Mandy e marcou o compasso suavemente na mesa com o cabo de sua colher. — "Três ratinhos cegos..." — ele cantou, e apontou o cabo da colher para Mandy, que inspirou heroicamente e fez eco: "Tês, ratinho, CEGO!", a plenos pulmões, mas com ritmo perfeito. Roger ergueu as sobancelhas para Bri e continuou a canção, com o mesmo contraponto. Após cinco ou seis animadas repetições, Mandy se cansou e, com um breve "licença", levantou-se da mesa e partiu como uma abelha voando baixo, ricocheteando do batente da porta na saída.

— Bem, ela sem dúvida tem uma excelente noção de ritmo — Roger disse, encolhendo-se quando uma forte batida ecoou do corredor —, ainda que não de coordenação. Mas ainda vai levar um tempo até sabermos se ela tem alcance de voz. Seu pai tinha um grande senso de ritmo, mas não conseguia alcançar a mesma nota duas vezes.

— Isso me faz lembrar o que você fazia em Ridge — ela disse, num impulso. — Cantar um verso de um salmo e fazer as pessoas repetirem.

Seu rosto mudou um pouco à lembrança dessa época. Ele acabara de descobrir sua vocação e a certeza de seus sentimentos o transformara. Ela nunca o vira tão feliz antes — ou desde então, e seu coração se apertou ao relance de nostalgia que ela viu em seus olhos.

Mas ele sorriu e, estendendo um dedo coberto com o guardanapo, limpou um pouco de mostarda do canto de sua própria boca.

— Antiquado — ele disse. — Embora ainda o façam desse modo, cantando verso por verso na igreja, nas Ilhas, e talvez também nas regiões mais remotas do Gaeltacht. Mas os presbiterianos americanos não aceitam isso.

— Não? — "O certo é cantar sem separar verso por verso do salmo" — ele citou. — "O costume de ler o salmo verso por verso foi introduzido em uma época de ignorância, quando grande parte da congregação não sabia ler; portanto, recomenda-se que a prática seja posta de lado, sempre que conveniente." Isso é da Constituição da Igreja Presbiteriana Americana.

Oh, então você realmente pensou em ser ordenado enquanto estivemos em Boston, hein?, ela pensou, mas não disse em voz alta.

— "Época de Ignorância" — ela repetiu. — Gostaria de saber o que Hiram Crombie teria a dizer a isso!

Ele riu, mas sacudiu a cabeça.

— Bem, é bastante verdadeiro; a maioria das pessoas em Ridge não sabia ler. Mas discordo da ideia de que se cantariam os salmos dessa forma por causa de ignorância, ou falta de escolaridade. — Parou para pensar, distraidamente pegando um macarrão desgarrado e comendo-o. — Cantar todos juntos é grandioso, não resta dúvida. Mas dessa forma para frente e para trás... acho que é uma maneira que de certa forma aproxima as pessoas, faz com que sintam o que estão cantando, o que está realmente acontecendo. Talvez seja apenas porque elas têm que se concentrar mais para se lembrar de cada verso. — Sorriu debilmente e desviou o olhar.

Por favor! ela pensou fervorosamente, se para Deus, a Virgem Maria ou o anjo da guarda de Roger, ou se para os três. "Façam com que ele encontre um caminho!"

— Eu... queria lhe perguntar uma coisa — ele disse, de repente.

— Sim?

— Bem... Jemmy. Ele sabe cantar. Você... claro que ele continuaria a ir à missa com você... mas se importaria se ele fosse comigo também? Só se ele quiser — acrescentou apressadamente. — Mas acho que ele iria gostar de participar do coro. E eu... acho que gostaria que ele visse que eu também tenho um emprego — acrescentou, com um sorriso melancólico.

— Ele vai adorar — Brianna disse, observando mentalmente os céus: Puxa, essa foi rápida! Porque ela viu imediatamente, e até se perguntou se Roger também teria visto, mas ela achava que não, que isso proporcionava uma maneira harmoniosa pela qual ela e Mandy poderiam frequentar os cultos presbiterianos também, sem nenhum conflito aberto entre as duas religiões.

— Você viria conosco à primeira missa na St. Mary? — ela perguntou. — Porque então todos nós poderíamos simplesmente atravessar para a St. Stephen juntos e ver você e Jem cantarem.

— Sim, claro. Ele parou, o sanduíche a caminho da boca, e sorriu para ela, os olhos verdes como musgo.

— Está melhor, não está? — ele disse.

— Muito — ela respondeu.

Mais tarde naquele mesmo dia, Roger chamou-a a seu gabinete. Havia um mapa da Escócia sobre sua escrivaninha, ao lado do caderno de anotações aberto onde ele compilava o que haviam passado a chamar — com uma zombaria que mal encobria a aversão que sentiam até mesmo em falar sobre isso — "O Guia do Mochileiro das Galáxias", de acordo com a comédia da rádio BBC.

— Desculpe interromper — ele disse. — Mas achei melhor fazermos isso antes que Jem volte para casa. Se você vai voltar ao lago Errochty amanhã... — Colocou a ponta de seu lápis na mancha azul designada L.Errochty. — Você poderia talvez obter uma orientação precisa para o túnel, se não tiver bem certeza de onde ele está. Ou você tem?

Ela engoliu em seco, sentindo os remanescentes de seu sanduíche de queijo se revirarem desconfortavelmente à lembrança do túnel escuro, o balanço do pequeno trem, de passar através... daquilo.

— Não, não tenho, mas tenho algo melhor. Espere. — Atravessou o corredor para seu próprio escritório e trouxe de volta o fichário das especificações do lago Errochty.

— Aqui estão os desenhos para a construção do túnel — ela disse, abrindo o fichário e colocando-o sobre a escrivaninha. — Tenho as plantas, também, mas ficam no escritório central.

— Não, isto está ótimo — ele garantiu-lhe, debruçando-se sobre o desenho. — Tudo que eu realmente queria é a orientação do túnel em relação à represa. — Ergueu os olhos para ela. — Por falar nisso, você mesma já atravessou toda a represa?

— Não de ponta a ponta — ela disse devagar. — Apenas no lado leste da área de reparos e manutenção. Mas eu não acho... quero dizer, olhe. — Colocou o dedo no desenho. — Eu bati naquilo em algum lugar no meio do túnel e o túnel segue quase alinhado com a represa. Se ele corre alinhado... é isso que você acha? — ela acrescentou, olhando-o com curiosidade. Ele deu de ombros.

— É um lugar para começar. Embora eu suponha que engenheiros teriam uma palavra mais categórica do que "acho".

— Hipótese de trabalho — ela disse secamente. — De qualquer forma, se de fato corre alinhado, em vez de apenas existir em pontos aleatórios, eu provavelmente o teria sentido na represa se ele estivesse lá. Mas eu podia voltar lá e verificar. — Até ela mesma pôde sentir a relutância em sua voz; ele sem dúvida sentiu e passou a mão de leve pelas suas costas para tranquilizá-la.

— Não. Eu farei isso.

— O quê?

— Eu farei isso — ele repetiu serenamente. — Veremos se eu sentirei também.

— Não! — Ela endireitou-se abruptamente. — Não pode. Você não... quero dizer, e se alguma coisa... acontecer? Não pode correr esse tipo de risco!

Ele olhou para ela pensativamente por um instante e balançou a cabeça.

— Sim, imagino que haja um risco. Mas pequeno. Já estive por toda a região das Highlands quando era mais novo. E de vez em quando eu sentia algo estranho me percorrer. Assim como muita gente que mora por aqui — ele acrescentou com um sorriso. — Essa esquisitice faz parte do lugar, hein?

— Sim — ela disse, com um breve estremecimento à lembrança de cavalos da água, bansidhe e nuckelavees. — Mas você não sabe que tipo de esquisitice é esta, e você sabe muito bem que ela pode matá-lo, Roger!

— Não matou você — ele ressaltou. — Não nos matou em Ocracoke. — Ele falou tranquilamente, mas ela pôde ver a sombra dessa jornada em seu rosto ao mencioná-la. Não os matara, mas chegara perto.

— Não. Mas... — Olhou para ele e teve um instante intenso e doloroso em que experimentou ao mesmo tempo a sensação do corpo longilíneo dele, quente, ao lado do seu na cama, o som de sua voz grave e rouca... e o silêncio frio de sua ausência. — Não — ela disse, e deixou claro pelo tom de sua voz que estava preparada para ser tão teimosa a respeito disso quanto fosse necessário. Ele percebeu e deu uma pequena risada.

— Está bem — ele disse. — Deixe-me apenas anotar isso, então. — Comparando mapa e desenho, escolheu um ponto no mapa que devia corresponder aproximadamente ao centro do túnel e ergueu uma sobrelanceira escura interrogativamente. Ela balançou a cabeça e ele fez uma leve marca a lápis na forma de uma estrela.

Havia uma estrela grande, bem delineada, em tinta preta, no local do círculo de pedras em Craigh na Dun. Outras menores a lápis nos locais de outros círculos de pedras. Algum dia, eles teriam que visitar esses monumentos de pedras. Mas ainda não. Não agora.

— Já esteve em Lewis? — Roger perguntou, descontraidamente, mas não como se fosse uma pergunta sem importância.

— Não, por quê? — ela disse, cautelosa. — As Hébridas Exteriores fazem parte da Gaeltacht — ele disse. — Eles fazem o cântico verso por verso em gaidhlig em Lewis, e em Harris também. Não sei em Uist e Barra, são de maioria católica, mas talvez. Estou pensando em ir ver como é hoje em dia.

Ela podia ver a Ilha de Lewis no mapa, no formato de um pâncreas, ao largo

da costa oeste da Escócia. Era um mapa grande. O suficiente para ela ver a pequena legenda Pedras Callanish, na Ilha de Lewis.

Ela soltou o ar lentamente.

— Ótimo — ela disse. — Eu vou com você.

— Você tem que trabalhar, não é?

— Vou tirar uns dias de folga. Entreolharam-se em silêncio por um instante.

Brianna quebrou o silêncio primeiro, olhando para o relógio na prateleira.

— Jem vai chegar em casa daqui a pouco — ela disse, a natureza prosaica da vida diária se fazendo prevalecer. — É melhor eu começar a fazer alguma coisa para o jantar. Annie trouxe um belo salmão que o marido pescou. Será que eu o tempero e asso no forno ou você prefere grelhado?

Ele sacudiu a cabeça e, levantando-se, começou a dobrar o mapa para guardá-lo.

— Não vou ficar para o jantar hoje. É noite da loja maçônica.

A grandiosa loja maçônica do distrito de Inverness incluía várias lojas locais, duas delas em Inverness. Roger unira-se à Número 6, a Antiga Loja de Inverness, aos vinte e poucos anos, mas não colocava o pé no prédio há quinze anos e agora o fazia com um sentimento misto de desconfiança e expectativa.

Entretanto, eram as Highlands — e seu lar. A primeira pessoa que viu ao entrar foi Barney Gaugh, que fora o sorridente e robusto chefe da estação quando Roger viera para Inverness de trem, com cinco anos, para viver com seu tio-avô. O sr. Gaugh havia minguado bastante e seus dentes manchados de fumo há muito haviam sido substituídos por dentaduras igualmente manchadas de fumo, mas ele reconheceu Roger imediatamente e abriu um grande sorriso de satisfação, segurando-o pelo braço e puxando-o para um grupo de outros homens idosos, metade dos quais saudou sua volta com o mesmo entusiasmo do sr. Gaugh.

Era estranho, ele pensou um pouco depois, quando iniciaram os trabalhos da loja, fazendo os rituais de rotina do Rito Escocês. Como uma dobra do tempo, pensou, e quase riu em voz alta.

Havia diferenças, sim, mas eram pequenas — e a sensação... ele podia fechar os olhos e, se imaginasse a névoa dos cigarros apagados como a fumaça da lareira, poderia ser a cabana dos Crombie em Ridge, onde a loja de lá se reunia. O murmúrio de vozes, verso e resposta, e depois o relaxamento, corpos se remexendo, buscando chá e café, conforme a noite se tornava estritamente social.

Havia um bom número presente — muito mais do que ele estava acostumado — e no começo ele não notou a presença de Lionel Menzies. O diretor da escola estava do outro lado da sala, franzindo a testa em concentração, ouvindo alguma coisa que um sujeito alto em manga de camisa lhe dizia, inclinando-se para perto. Roger hesitou, não querendo interromper a conversa, mas o homem que falava com

Menzies ergueu os olhos, viu Roger, retornou à sua conversa — em seguida, parou abruptamente, o olhar saltando de novo para Roger. Mais especificamente para a sua garganta.

Todos na loja haviam olhado fixamente para a cicatriz, quer aberta ou disfarçadamente. Ele usava uma camisa aberta no colarinho por baixo do casaco; não fazia sentido tentar escondê-la. Melhor acabar logo com isso. Mas o estranho fitou a cicatriz tão descaradamente, a ponto de ser quase grosseiro.

Menzies notou a indelicadeza de seu companheiro — dificilmente poderia deixar de notar — e, virando-se, viu Roger e abriu um sorriso.

— Sr. Mackenzie — ele disse.

— Roger — Roger disse, sorrindo; o primeiro nome era comum nas lojas, quando não estavam sendo formais e dizendo "irmão fulano de tal". Menzies balançou a cabeça, em seguida inclinou-a, atraindo seu companheiro para uma apresentação.

— Rob Cameron, Roger Mackenzie. Rob é meu primo, Roger é um dos pais da escola.

— Foi o que pensei — Cameron disse, apertando calorosamente sua mão. — Quero dizer, achei que devia ser o novo mestre do coro. Meu sobrinho está no seu coro infantil, é Bobby Hurragh. Ele nos contou tudo sobre você durante o jantar no fim de semana.

Roger notara os olhares trocados entre os homens quando Menzies o apresentou e achou que o diretor da escola devia também tê-lo mencionado a Cameron, provavelmente lhe contando sua visita à escola, por causa do incidente com o gaélico de Jem. Mas isso não o preocupava no momento.

— Rob Cameron — ele repetiu, apertando sua mão com um pouco mais de força do que de costume antes de soltá-la, o que o fez parecer espantado. — Você trabalha para a hidrelétrica, não é?

— Sim. O que...

— Conhece minha esposa, eu acho. — Roger mostrou os dentes no que podia, ou não, ser tomado como um sorriso cordial. — Brianna Mackenzie?

A boca de Cameron abriu-se, mas ele não emitiu nenhum som. Ele percebeu isso e fechou-a abruptamente, tossindo.

— Eu... uh. Sim. Claro. Roger examinara o sujeito automaticamente quando segurou sua mão e compreendeu que, se chegassem às vias de fato, seria uma briga curta. Evidentemente, Cameron notou isso também.

— Ela, uh...

— Sim, ela me contou. — Ei, foi só uma pequena brincadeira, hein? — Cameron examinou-o com cautela, para o caso de Roger convidá-lo a ir lá fora.

— Rob? — Menzies disse, curioso. — O que...

— O que é isso, o que é isso? — gritou o velho Barney, aproximando-se intempestivamente. — Nada de política na loja, rapaz! Se quiser falar sua baboseira do PNE com o irmão Roger, deixe para o pub mais tarde. — Segurando Cameron pelo cotovelo, Barney puxou-o para outro grupo do outro lado da sala, onde Cameron imediatamente se integrou na conversa, sem mais do que um olhar de relance para trás.

— Baboseira do PNE? — Roger perguntou, as sobrancelhas erguidas para Menzies. O diretor da escola ergueu um dos ombros, sorrindo.

— Ouviu o que o velho Barney disse. Nada de política na loja! — Era uma regra maçônica, uma das mais básicas — nenhuma discussão de religião ou de política na loja — e provavelmente a razão para a maçonaria ter durado tanto tempo, Roger pensou. Ele não ligava muito para o Partido Nacional Escocês, mas queria saber mais sobre Cameron.

— Eu nem sonharia Roger disse. — Nosso Rob, no entanto, é um político, é?

— Minhas desculpas, irmão Roger — Menzies disse. A expressão benévola e bem-humorada não o havia abandonado, mas ele realmente parecia um pouco constrangido. — Não tive a intenção de expor os assuntos de sua família, mas de fato contei à minha mulher sobre Jem e a sra. Glendenning, e sendo as mulheres como são, e a irmã de minha mulher morando ao lado de Rob, ele ficou sabendo da história. Ele ficou interessado por causa do gàidhlig, hein? E ele de fato se deixa entusiasmar de vez em quando. Mas tenho certeza de que não pretendia parecer familiarizado demais com sua mulher.

Roger compreendeu que Menzies interpretara erroneamente a situação entre Rob Cameron e Brianna, mas não tinha a intenção de esclarecê-lo. Não eram apenas as mulheres; os mexericos eram um modo de vida nas Highlands, e se a notícia da peça que Rob e seus colegas pregaram em Brianna se espalhasse poderia causar mais problemas para ela no trabalho.

— Ah — ele disse, buscando uma maneira de desviar a conversa de Brianna. — Claro. O PNE é a favor da ressurreição do gàidhlig, não? O próprio Cameron o domina?

Menzies sacudiu a cabeça.

— Seus pais estavam entre aqueles que não queriam que seus filhos falassem gàidhlig. Agora, é claro, ele está interessado em aprender. Por falar nisso...

— Parou abruptamente, examinando Roger com a cabeça inclinada para o lado. — Tive uma ideia. Depois do que conversamos no outro dia.

— Sim?

— Eu fiquei pensando. Você talvez consideraria a possibilidade de dar uma aula de vez em quando? Talvez apenas por Jem, talvez uma palestra para a escola toda, se você se sentisse confortável com isso.

— Uma aula? De gàidhlig?

— Sim. Você sabe, somente o básico, mas talvez com uma palavra ou outra sobre história, talvez uma canção... Rob disse que você é mestre de coro na St. Stephen?

— Assistente — Roger corrigiu. — E não sei sobre canções. Mas gàidhlig... sim, talvez. Vou pensar nisso.

Encontrou Brianna esperando acordada, em seu escritório, uma carta da caixa de seus pais na mão, fechada.

— Não temos que lê-la esta noite — ela disse, colocando a carta sobre a mesa, levantando-se e vindo a seu encontro para beijá-lo. — Só senti vontade de estar próxima deles. Como foi a loja?

— Estranha. — Os assuntos da loja eram secretos, é claro, mas ele podia contar-lhe sobre Menzies e Cameron, e o fez.

— O que é PNE? — ela perguntou, franzindo a testa.

— Partido Nacional Escocês. — Ele tirou o casaco e estremeceu. Estava frio e não havia nenhum fogo aceso ali. — Surgiu no final dos anos 1930, mas só ganhou força recentemente. Mas elegeu onze membros do Parlamento até 1974. Respeitável. Como você pode imaginar pelo nome, o objetivo deles é a independência escocesa.

— Respeitável — ela repetiu, parecendo em dúvida.

— Bem, moderadamente. Como qualquer partido, tem seus lunáticos. Mas, ao que parece — ele acrescentou —, Rob Cameron não é um deles. É apenas um idiota comum.

Isso a fez rir, e o som de sua risada o aqueceu. Assim como seu corpo, que ela apertou contra o seu, os braços ao redor de seus ombros.

— Rob é isso mesmo — ela concordou.

— Mas Menzies diz que ele está interessado em gaélico. Se eu der um curso, espero que ele não apareça na primeira fila.

— Espere. O quê? Agora está dando aulas de gaélico?

— Bem, talvez. Veremos. — Sentia-se relutante em pensar muito sobre a sugestão de Menzies. Talvez fosse apenas a menção a cantar. Entoar uma canção roucamente para guiar as crianças era uma coisa; cantar sozinho em público, ainda que fossem somente alunos da escola, era bem diferente. — Isso pode esperar — ele disse, e beijou-a. — Vamos ler sua carta.

2 de junho de 1777

Fort Ticonderoga

— Fort Ticonderoga? — a voz de Bri ergueu-se de espanto e ela simplesmente arrancou a carta das mãos de Roger. — O que diabos estão fazendo

em Fort Ticonderoga?

— Não sei, mas se você se acalmar por um instante talvez a gente descubra.

Ela não respondeu, mas deu a volta à escrivaninha e inclinou-se sobre ele, o queixo apoiado em seu ombro, os cabelos roçando a face dele enquanto ela se concentrava ansiosamente na folha.

— Tudo bem — ele disse, virando-se para beijar seu rosto. — É sua mãe e ela está especialmente inclinada a usar parênteses. Ela normalmente não faz isso, a não ser que esteja se sentindo feliz.

— Bem, sim — Bri murmurou, franzindo o cenho para a folha —, mas... Fort Ticonderoga?

Querida Bri et al.

Como sem dúvida perceberam pelo cabeçalho desta carta, nós (ainda) não estamos na Escócia. Tivemos certa dificuldade em nossa viagem, envolvendo a) a marinha britânica, na pessoa do capitão Stebbings, que tentou recrutar seu pai e seu primo Ian à força (não funcionou); b) um corsário americano (embora o capitão,- e um dele é mais do que suficiente — um tal de Asa Hickman, insista em uma "carta de corso" como a designação mais digna da missão de seu navio, que é essencialmente pirataria, mas realizada sob o aval do Congresso americano); c) Rollo; e d) o cavalheiro que mencionei anteriormente, chamado (eu acreditava) John Smith, mas que veio a ser um desertor da Marinha Real, chamado Bill (vulgo Jonah", e começo a achar que eles têm razão) Marsden.

Sem entrar em detalhes de toda a sanguinária farsa, vou apenas relatar que Jamie, Ian, o maldito cachorro e eu estamos todos bem. Até agora. Espero que esse estado de coisas continue pelos próximos quarenta e dois dias, quando então o contrato de curto prazo de comandante de milícia de seu pai expira. (Não pergunte. Essencialmente, ele estava salvando o pescoço do sr. Marsden, bem como garantindo o bem-estar de algumas dezenas de marinheiros inadvertidamente forçados à pirataria.) Quando isso acontecer, pretendemos partir prontamente em qualquer embarcação que possa estar se dirigindo à Europa, desde que esse transporte não seja comandado por Asa Hickman. Talvez tenhamos que viajar por terra até Boston afim de fazer isso, Mas que assim seja. (Creio que seria interessante ver como Boston é atualmente. A Back Bay ainda sendo de água e tudo o mais, quero dizer. Ao menos, o parque Common ainda estará lá, apesar de que com mais vacas do que estávamos acostumados.)

O forte está sob o comando de um certo general Anthony Wayne, e eu tenho a desconfortável sensação de ter ouvido Roger mencionar este homem, usando o apelido de Anthony Maluco. Espero que essa designação se refira ou vá se referir à sua conduta em batalha, e não na administração. Até agora, ele parece racional,

ainda que atormentado.

Estar atormentado é racional, já que ele espera a chegada mais ou menos iminente do exército britânico. Enquanto isso, seu engenheiro-chefe, sr Leduthan Baldwin (você iria gostar dele, eu acho. Um sujeito muito ativo!), está construindo uma enorme ponte, ligando o forte à colina que chamam de Independence. Seu pai comanda uma turma de operários em serviço nessa ponte; posso vê-lo agora mesmo, do alto de minha posição em uma das baterias em meia-lua do forte. Ele se destaca, não só pelo dobro do tamanho da maioria dos homens, mas por ser um dos poucos usando camisa. A maioria deles, na verdade, trabalha nu ou usando apenas uma tanga, por causa do calor e da umidade. Considerando-se os mosquitos, acho que isso é um erro, mas ninguém me perguntou.

Ninguém pediu minha opinião sobre os protocolos de higiene envolvidos em manter uma adequada enfermaria de doentes e acomodações de prisioneiros (trouxemos vários prisioneiros ingleses conosco, inclusive o mencionado capitão Stebbings que deveria com justiça estar morto, mas por alguma razão não está), mas eu lhes disse ainda assim. Assim, sou persona non grata com o tenente Stactoe, que acha que é médico, mas não é, e assim estou proibida de tratar dos homens sob seus cuidados, a maioria dos quais estará morta dentro de um mês. Felizmente, ninguém se importa se eu tratar das mulheres, crianças ou prisioneiros, e assim estou utilmente ocupada, já que há muitos deles.

Tenho a exata impressão de que o Ticonderoga trocou de mãos em algum momento, provavelmente mais de uma vez, mas não tenho ideia de quem tomou o forte de quem, nem quando. Esta última questão não sai do meu pensamento.

O general Wayne quase não possui tropas regulares. Jamie diz que o forte está com séria falta de homens — e até eu posso ver isso; metade do quartel está vazio — e, apesar de uma ou outra companhia de milícia chegar de New Hampshire ou Connecticut, elas normalmente se alistam por apenas dois ou três meses, como nós. Mesmo assim, os homens geralmente não cumprem todo o prazo; há uma constante dispersão e o general Wayne se queixa — publicamente — de que ele está reduzido a (textualmente) "negros, índios e mulheres". Eu disse a ele que podia ser pior.

Jamie diz também que o forte não conta com metade de seus canhões, tendo sido roubados por um gordo livreiro chamado Henry Fox, que os pegou há dois anos e conseguiu por um milagre de persistência e engenharia levá-los até Boston (o próprio sr. Fox teve que ser transportado em uma carroça juntamente com os canhões, ele pesando mais de cento e cinquenta quilos. Um dos oficiais aqui, que acompanhou essa expedição, descreveu-a, para hilaridade geral), onde se mostraram realmente úteis para se livrarem dos ingleses.

O que é um pouco mais preocupante do que tudo isso é a existência de uma

pequena colina, diretamente à nossa frente do outro lado da água, e não muito distante. Os americanos chamavam-na de Mount Ddiance quando tomaram o Ticonderoga dos ingleses em 1775 (lembra-se de Ethan Allen? "Rendam-se em nome do grande Jeová e do Congresso Continental!") Soube que o pobre sr. Allen está atualmente na Inglaterra, sendo julgado por traição, após tentar tomar Montreal nos mesmos termos), e ela é bastante adequada — ou seria, se o forte fosse capaz de colocar homens e artilharia no seu cume. Mas não é, e acho que ofato de que a colina domina o forte e está ao alcance de um tiro de canhão provavelmente não passará despercebido pelo exército britânico, se e quando chegarem aqui.

Pelo lado bom, já é quase verão. Os peixes estão saltando e se houvesse algodão provavelmente estaria na altura da minha cintura. Chove com frequência e nunca vi tanta vegetação em um único lugar. (O ar é tão rico em oxigênio que às vezes acho que vou ter um desmaio, e sou obrigada a dar uma volta pelas barracas para um sopro restaurador de roupas sujas e urinóis. Seu primo Ian leva grupos para caçar e procurar alimentos de vez em quando, Jamie e diversos outros homens são exímios pescadores e, em consequência, nós comemos extremamente bem.

Não vou me estender muito, já que não sei ao certo quando ou onde eu poderei despachar esta carta via uma ou mais das diversas rotas de Jamie (nós copiamos cada carta, quando dá tempo, e enviamos múltiplas cópias, já que até mesmo a correspondência normal é incerta atualmente). Com sorte, ela irá conosco para Edimburgo. Enquanto isso, enviamos a vocês todo o nosso amor. Jamie sonha com as crianças de vez em quando; quisera sonhar também.

Mamãe



Roger permaneceu sentado por um instante, para ter certeza de que Bri tivera tempo de terminar de ler a carta — embora na realidade ela lesse muito mais depressa do que ele; achou que ela devia estar lendo a carta duas vezes. Após um momento, ela suspirou ruidosamente pelo nariz de uma maneira aflita e endireitou-se. Ele ergueu o braço e colocou a mão em sua cintura, e ela a cobriu com a sua própria mão. Não mecanicamente; ela agarrou seus dedos com força — mas distraidamente. Ela olhava para a estante de livros.

— Aqueles são novos, não são? — ela perguntou serenamente, erguendo o queixo na direção das prateleiras à direita.

— Sim. Mandeí vir de Boston. Chegaram há uns dois dias. — As lombadas

eram novas e brilhantes. Textos históricos, sobre a Revolução Americana. Enciclopédia da Revolução Americana, de Mark M. Boatner III. Relato de um soldado revolucionário, de Joseph Plumb Martin. — Quer saber? — ele perguntou. Balançou a cabeça, indicando a caixa aberta na mesa à sua frente, onde um grosso maço de cartas ainda permanecia fechado, em cima dos livros. Ele ainda não conseguira admitir a Bri que dera uma olhada nos livros. — Quero dizer, sabemos que provavelmente conseguiram sair de Ticonderoga sem maiores problemas. Há muito mais cartas.

— Sabemos que um deles provavelmente o fez — Bri disse, olhando para as cartas. — A menos que... Ian sabe, quero dizer. Ele poderia...

Roger retirou a mão de sua cintura e pegou a caixa com determinação. Bri inspirou sofregamente, mas ele ignorou-a, pegando um punhado de cartas da caixa e passando-as rapidamente.

— Claire, Claire, Claire, Jamie, Claire, Jamie, Jamie, Claire, Jamie — ele parou, pestanejando diante de uma carta com caligrafia diferente. — Talvez você tenha razão a respeito de Ian; você conhece a letra dele?

Ela sacudiu a cabeça.

— Acho que nunca o vi escrever nada, embora imagine que ele saiba escrever — acrescentou, em dúvida.

— Bem... — Roger colocou a carta dobrada sobre a mesa e olhou das cartas espalhadas para a estante de livros e depois para ela. Brianna estava ligeiramente afogueada. — O que quer fazer?

Ela refletiu, os olhos indo e vindo da estante para a caixa de madeira.

— Os livros — ela disse, decidida, e dirigiu-se à estante a passos largos. — Qual destes nos dirá quando Ticonderoga caiu?



Jorge III, Rex Britannia

Para lorde George Germain

...Burgoyne pode comandar a unidade a ser enviada do Canadá para Albany... Como doenças e outras contingências devem ser esperadas, creio que não mais do que um efetivo de 7.000 deva ser usado no Lago Champlain, pois seria altamente imprudente correr qualquer risco no Canadá... índios devem ser empregados.



FORTE TICONDEROGA

12 de junho de 1777

Fort Ticonderoga

Encontrei Jamie dormindo, estendido nu no catre no minúsculo quarto que nos destinaram. Ficava no alto de um dos prédios de pedra do quartel e, portanto, quente como Hades no meio da tarde. No entanto, raramente estávamos ali durante o dia, Jamie ficando no lago com os construtores da ponte e eu no prédio do hospital ou nos alojamentos das famílias — todos esses locais sendo igualmente quentes, é claro.

No entanto, as pedras retinham calor suficiente para nos manter aquecidos nas noites frias — não havia lareiras — e ainda havia uma pequena janela.

Uma boa brisa soprava da água na hora do pôr do sol e por algumas horas, digamos, entre vinte e duas horas e duas da madrugada, era bastante agradável. Eram cerca de vinte horas agora — ainda claro lá fora e ainda tórrido ali dentro; o suor brilhava nos ombros de Jamie e escurecia os cabelos nas têmporas, deixando-os em um tom escuro de bronze.

Pelo lado bom, nosso minúsculo sótão era o único aposento no topo do prédio e assim desfrutava de um pouco de privacidade. Por outro lado, havia quarenta e oito degraus de pedra para nosso ninho de águia e a água limpa tinha que ser levada para cima e as águas servidas carregadas para baixo. Eu acabava de trazer um balde grande de água e a metade que não derramara pela frente do meu vestido pesava uma tonelada. Coloquei o balde no chão com um baque metálico que fez Jamie sentar-se na cama no mesmo instante, pestanejando na semiescuridão.

— Oh, desculpe-me — eu disse. — Não pretendia acordá-lo.

— Não tem importância, Sassenach — ele disse, bocejando enormemente. Empertigou-se, espreguiçou-se, depois passou as mãos pelos cabelos soltos e úmidos. — Já jantou?

— Sim, comi com as mulheres. E você? — Ele normalmente comia com sua

equipe de operários quando paravam de trabalhar, mas às vezes era chamado para jantar com o general ST. Clair ou com os outros oficiais de milícias, e essas ocasiões quase formais ocorriam bem mais tarde.

— Hum-hum. — Estendeu-se novamente na cama e ficou observando enquanto eu despejava água em uma bacia e pegava um pequeno pedaço de sabão de lixívia. Fiquei apenas com a roupa de baixo e comecei a me esfregar meticulosamente, apesar de o sabão forte fazer minha pele já sensível arder e os seus vapores fazerem meus olhos lacrimejar. Enxaguei minhas mãos e meus braços, joguei a água pela janela — parando ligeiramente antes para gritar "Olha a água!" — e recomecei.

— Por que está fazendo isso? — Jamie perguntou com curiosidade.

— Estou quase certa de que o menino da sra. Wellman tem caxumba. Ou será está com caxumba? Nunca soube ao certo. De qualquer modo, não vou correr o risco de transmitir a doença para você.

— Caxumba é uma doença terrível? Pensei que só crianças pegavam.

— Bem, normalmente é uma doença infantil — eu disse, encolhendo-me ao toque do sabão. — Mas quando um adulto pega caxumba, especialmente um homem, é uma questão mais grave. Ela pode se instalar nos testículos. E a menos que você queira ter bolas do tamanho de melões...

— Tem certeza de que este sabão aí é suficiente, Sassenach? Posso ir buscar mais. — Riu para mim, em seguida sentou-se novamente e estendeu a mão para a tira de linho que nos servia de toalha. — Vem cá, a nighean, deixe-me enxugar suas mãos.

— Em um minuto. — Contorci-me para fora do meu espartilho, deixei cair minha combinação e pendurei-os no gancho perto da porta, em seguida vesti pela cabeça minha combinação "de casa". Não era tão higiênico quanto vestir jalecos cirúrgicos para trabalhar, mas o forte pululava de doenças e eu faria todo o possível para evitar levá-las de volta a Jamie. Ele já se deparava com muitas delas ao ar livre.

Joguei o restante da água do balde no meu rosto e braços, depois me sentei no catre ao lado de Jamie, dando um pequeno grito quando meu joelho estalou dolorosamente.

— Meu Deus, suas pobres mãos — ele murmurou, enxugando-as delicadamente com a toalha, em seguida passando a toalha pelo meu rosto. — E seu nariz também está queimado de sol, o pobrezinho.

— E as suas? — Calosas como normalmente eram, as mãos dele ainda eram uma concentração de cortes, juntas raladas, farpas e bolhas, mas ele descartou a questão com um breve movimento de uma das mãos e deitou-se novamente com um gemido de prazer.

— Seu joelho ainda dói, Sassenach? — ele perguntou, vendo-me friccioná-lo. Não havia se recuperado inteiramente da entorse durante nossas aventuras no Pitt, e subir escadas o esforçava.

— Oh, faz parte do declínio geral — eu disse, tentando pilheriar. Flexionei o braço direito, cautelosamente, sentindo uma pontada no cotovelo. — As coisas já não se flexionam com a mesma facilidade de antigamente. E tudo dói. Às vezes, acho que estou desmoronando.

Jamie fechou um dos olhos, avaliando-me.

— Eu me sinto assim desde que tinha uns vinte anos — ele observou. — Você se acostuma. — Espreguiçou-se, fazendo sua espinha dorsal emitir uma série de estalidos abafados, e estendeu a mão. — Venha para a cama, a nighean. Nada dói quando você me ama.

Ele tinha razão; nada doeu.

Adormeci rapidamente, mas acordei instintivamente umas duas horas mais tarde para ir verificar os poucos pacientes que precisavam ser vigiados. Esses incluíam o capitão Stebbings, que havia, para minha surpresa, resolutamente se recusado a morrer ou a ser tratado por qualquer outra pessoa senão eu. Isso não fora bem recebido pelo tenente Stactoe nem pelos outros médicos, mas como a exigência do capitão Stebbings era respaldada pela intimidante presença de Guiné Dick — dentes pontiagudos, tatuagens e tudo o mais — eu continuei sendo sua médica particular.

Encontrei o capitão um pouco febril e chiando audivelmente, mas dormindo. Guiné Dick levantou-se de seu próprio catre com o ruído dos meus passos, parecendo a manifestação particularmente assustadora do pesadelo de alguém.

— Ele comeu? — perguntei em voz baixa, pousando a mão de leve no pulso de Stebbings. A figura rechonchuda do capitão havia minguado consideravelmente; mesmo na penumbra, eu podia facilmente ver as costelas que antes eu tinha que tatear para achar.

— Um pouco de sopa, madame — o africano sussurrou e Moveu a mão na direção de uma tigela no chão, coberta com um lenço para evitar as baratas. — Como a senhora disse. Eu dou mais a ele quando ele acordar para urinar.

— Ótimo. — O pulso de Stebbings estava um pouco acelerado, mas nada alarmante, e quando me inclinei sobre ele e inalei profundamente não detectei nenhum cheiro de gangrena. Eu pude retirar o tubo de seu peito há dois dias e, apesar de haver uma pequena exsudação de pus no local, achei que se tratava de uma infecção localizada que provavelmente desapareceria sem ajuda. Teria que desaparecer; eu não tinha nada com que tratá-la.

Não havia quase nenhuma luz no prédio do hospital, apenas uma vela de junco e sebo perto da porta e a fraca iluminação que vinha das fogueiras no pátio.

Eu não podia avaliar a cor de Stebbings, mas eu vi o lampejo branco quando ele abriu parcialmente os olhos. Resmungou quando me viu e fechou-os outra vez.

— Ótimo — repeti, deixando-o sob os cuidados do sr. Dick. Foi oferecida ao homem da Guiné a chance de se alistar no Exército Continental, mas ele recusara, preferindo se tornar um prisioneiro de guerra com o capitão Stebbings, o ferido sr. Ormiston e alguns outros marinheiros do Pitt.

— Sou inglês, homem livre — ele disse com simplicidade. — Prisioneiro talvez por algum tempo, mas homem livre. Marinheiro, mas homem livre. Americano, talvez não homem livre.

Talvez não. Deixei o prédio do hospital, visitei os aposentos dos Wellman para verificar meu paciente de caxumba — desconfortável, mas não perigosa — e em seguida caminhei devagar pelo pátio sob a lua nascente. A brisa da noite arrefecera, mas o ar noturno tinha certa friagem e, movida por um impulso, subi à bateria em meia-lua que dava para o Mount Defiance, do outro lado da ponta estreita do lago Champlain. Havia dois guardas, mas ambos dormiam profundamente, cheirando a bebida. Não era incomum. O moral no forte não era elevado e bebidas alcoólicas estavam disponíveis com facilidade.

Fiquei parada junto à muralha, a mão pousada em um dos canhões, o metal ainda levemente morno do calor do dia. Conseguiríamos ir embora, eu me perguntei, antes de ele estar quente por ter sido disparado? Faltavam trinta e dois dias e não passavam rápido o suficiente para mim. Fora a ameaça dos ingleses, o forte fedia a doenças; era como viver em uma fossa e eu só podia esperar que Jamie, Ian e eu pudéssemos ir embora sem contrair alguma doença maligna ou ser atacados por algum idiota bêbado.

Ouvi um leve passo atrás de mim e voltei-me, deparando-me com o próprio Ian, alto e magro sob a claridade das fogueiras lá embaixo.

— Posso falar com você, tia?

— Claro — eu disse, estranhando a formalidade. Afastei-me um pouco e ele veio se postar a meu lado, olhando para baixo.

— A prima Brianna teria uma ou duas coisas para dizer a respeito disso — ele disse, indicando com a cabeça a ponte em construção embaixo. — Tio Jamie também.

— Eu sei. — Jamie vinha repetindo isso nas últimas duas semanas, para o novo comandante do forte, Arthur St. Clair, para os outros coronéis de milícia, para os engenheiros, para quem quisesse ouvir e não poucos que não queriam. A loucura de gastar grandes quantidades de força de trabalho e material na construção de uma ponte que poderia ser facilmente destruída por artilharia no alto da colina era evidente a qualquer um, exceto aos que estavam no comando.

Suspirei. Não era a primeira vez que eu via cegueira militar e receava que

não seria a última.

— Bem, deixando isso de lado... sobre o que você queria falar comigo, Ian?

Ele respirou fundo e voltou-se para a paisagem iluminada pelo luar do outro lado do lago.

— Sabe os hurons que vieram ao forte há pouco tempo? Eu sabia. Há duas semanas, um grupo de índios huron visitara o forte e Ian passara uma noite fumando com eles, ouvindo suas histórias. Algumas delas diziam respeito ao general inglês Burgoyne, de cuja hospitalidade haviam desfrutado anteriormente.

Burgoyne estava ativamente aliciando os índios da Liga Iroquesa, disseram, gastando muito tempo e dinheiro para atraí-los.

— Ele diz que seus índios são sua arma secreta — um dos hurons dissera, rindo. — Vai soltá-los contra os americanos, como um raio, e exterminá-los.

Sabendo o que eu sabia de índios em geral, achei que Burgoyne estava sendo um pouco otimista demais. Ainda assim, eu preferia não pensar no que poderia acontecer se ele realmente conseguisse persuadir os índios a lutar por ele.

Ian ainda fitava a distante elevação do Mount Defiance, perdido em seus pensamentos.

— Seja como for — eu disse, impondo ordem na conversa. — Por que está me dizendo isso, Ian? Devia dizer a Jamie e St. Clair.

— Eu disse. — O grito de um pato selvagem veio do outro lado do lago, surpreendentemente alto e sinistro. Soavam como fantasmas cantando à tirolesa, particularmente quando havia mais de um.

— Sim? Muito bem, então — eu disse, ligeiramente impaciente. — Sobre o que você queria conversar comigo?

— Bebês — ele disse, abruptamente, empertigando-se e virando-se para olhar diretamente para mim.

— O quê? — eu disse, espantada. Ele andava quieto e melancólico desde a visita dos hurons e eu presumia que a causa fora alguma coisa que eles disseram, mas eu não podia imaginar o que podiam ter dito a ele com relação a bebês.

— Como eles são feitos — ele disse obstinadamente, apesar de seus olhos se desviarem dos meus. Se houvesse mais luz, tenho certeza de que o veria enrubescer.

— Ian — eu disse, após uma breve pausa. — Recuso-me a acreditar que você não saiba como os bebês são feitos. O que você realmente quer saber?

Ele suspirou, mas por fim olhou para mim. Seus lábios se comprimiram por um instante, depois ele falou de uma só vez.

— Eu queria saber por que eu não posso fazer um. Passei ajunta de um dedo pelos lábios, desconcertada. Eu sabia — Bri me contara — que ele tivera uma filha natimorta com sua mulher mohawk, Emily, e que depois ela abortara ao menos duas

vezes. Ainda, que fora esse fracasso que levara Ian a deixar os mohawks em Snaketown e retornar para nós.

— Por que acha que deve ser você? — perguntei sem rodeios. — A maioria dos homens culpa a mulher quando uma criança nasce morta ou acontece um aborto. A maioria das mulheres também, aliás.

Eu culpara tanto a mim mesma quanto a Jamie. Ele emitiu um pequeno ruído escocês na garganta, impaciente.

— Os mohawks não. Eles dizem que quando um homem se deita com uma mulher seu espírito luta com o dela. Se ele a domina, a criança é plantada; se não, nada acontece.

— Huum — eu disse. — Bem, é uma forma de colocar a questão. E eu também não diria que eles estejam errados. Pode ser alguma coisa tanto com o homem quanto com a mulher, ou algo a respeito dos dois juntos.

— Sim. — Eu o ouvi engolir em seco antes de continuar. — Uma das mulheres no grupo dos hurons era Kahnyen'kehaka, uma mulher de Snaketown, e ela me conhecia, de quando eu vivia lá. E ela me contou que Emily tem um filho. Um filho vivo.

Ele se remexia, irrequieto, enquanto falava, estalando os nós dos dedos. De repente parou. A luz estava alta no céu e iluminava seu rosto, tornando seus olhos fundos.

— Andei pensando, tia — ele disse, baixinho. — Andei pensando durante muito tempo. Sobre ela. Emily. Sobre Yeksa'a. A... minha filhinha. — Parou. Os nós dos dedos pressionados com força contra as coxas, mas ele recuperou o autocontrole e continuou, com mais firmeza na voz. — E ultimamente andei pensando em outra coisa. Se... quando — ele se corrigiu, com um rápido olhar por cima do ombro, como se esperasse que Jamie saltasse de um alçapão, furioso — formos para a Escócia, não sei como serão as coisas. Mas se eu... se eu me casar outra vez, talvez, aqui ou lá... — Ergueu os olhos para mim repentinamente, o rosto amadurecido de sofrimento, mas dolorosamente jovem de esperança e dúvida. — Eu não poderia me casar com uma moça se eu soubesse que jamais poderia lhe dar bebês vivos.

Ele engoliu em seco outra vez, abaixando os olhos.

— Você poderia talvez... dar uma olhada nas minhas partes, tia? Para ver se talvez tenha alguma coisa errada? — Sua mão dirigiu-se à braguilha e eu o interrompi com um gesto apressado.

— Talvez isso possa esperar um pouco, Ian. Deixe-me fazer um histórico primeiro; então veremos se um exame será necessário.

— Tem certeza? — Ele pareceu surpreso. — Tio Jamie contou-me sobre o esperma que você lhe mostrou. Achei que talvez o meu não fosse totalmente bom de alguma forma.

— Bem, eu precisaria de um microscópio para ver, de qualquer modo. E, embora realmente haja espermatozoides anormais, geralmente quando é esse o caso a concepção simplesmente não ocorre de jeito nenhum. E pelo que compreendi, não era essa a dificuldade. Diga-me — eu não queria perguntar, mas não havia como evitar. — Sua filha. Você a viu?

As freiras haviam me dado minha filha natimorta. "Será melhor se você a vir", disseram, insistindo delicadamente.

Ele sacudiu a cabeça.

— Pode-se dizer que não. Quero dizer... vi a trouxinha que fizeram com ela, enrolada em pele de coelho. Colocaram-na no alto, na forquilha de um cedro vermelho. Eu ia lá à noite, durante algum tempo, só para... bem. Pensei em trazer a trouxinha para baixo, em desembrulhá-la, só para ver seu rosto. Mas isso teria perturbado Emily, então eu não o fiz.

— Você tem razão. Mas... oh, droga, Ian, sinto muito... mas sua mulher ou qualquer uma das outras mulheres alguma vez disse que havia alguma coisa visivelmente errada com a criança? Ela era... deformada, de alguma forma?

Ele olhou para mim, os olhos arregalados de choque, e seus lábios moveram-se sem som por um instante.

— Não — ele disse, finalmente, e havia tanto dor quanto alívio em sua voz. — Não. Eu perguntei. Emily não queria conversar sobre ela, sobre Iseabell, é como eu iria chamá-la, — ele explicou —, mas eu insisti até ela me contar como era o bebê. Ela era perfeita — ele falou baixinho, os olhos abaixados, fixos na ponte, onde uma fileira de lanternas brilhava, refletidas na água. — Perfeita.

Faith também. Perfeita. Coloquei a mão em seu braço, sentindo seus músculos rígidos.

— Isso é bom — eu disse serenamente. — Muito bom. Conte-me o máximo que puder, então, sobre o que aconteceu durante a gravidez. Sua mulher teve algum sangramento entre o momento em que você soube que ela estava grávida e quando ela deu à luz?

Devagar, eu o conduzi através da esperança e do medo, da desolação de cada perda, os sintomas que ele conseguia lembrar e o que ele sabia da família de Emily; já tinha havido natimortos entre os parentes dela? Abortos?

A lua passou pelo alto e começou a descer no céu. Finalmente, espreguicei-me e estremei.

— Não posso ter certeza — eu disse. — Mas acho que é ao menos possível que talvez seja o que chamamos de problema de Rh.

— O quê? — Ele estava recostado em um dos canhões de grande porte e, com isso, levantou a cabeça.

Não fazia sentido tentar explicar grupos sanguíneos, antígenos e anticorpos. E

não era, na verdade, tão diferente da explicação dos mohawks para o problema.

— Se o sangue de uma mulher for Rh negativo e o sangue de seu marido for Rh positivo — expliquei —, a criança será Rh positivo, porque ele é dominante. Não importa o que isso signifique, mas a criança será positiva como o pai. Às vezes, a primeira gravidez corre bem e você não detecta nenhum problema até a segunda gravidez. Às vezes, acontece com a primeira. Essencialmente, o corpo da mãe produz uma substância que mata a criança. Mas, se uma mulher Rh negativo tiver um filho de um homem Rh negativo, então o feto sempre será Rh negativo também, e não há problema. Como você diz que Emily teve um filho vivo, então é possível que seu novo marido seja Rh negativo também. — Eu não sabia absolutamente nada sobre a prevalência do tipo de sangue Rh negativo nos índios nativos americanos, mas a teoria se adequava à evidência. — E se assim for — terminei —, então você não deverá ter esse problema com outra mulher. A maioria das mulheres europeias é Rh positivo, embora não todas.

Ele fitou-me durante tanto tempo que eu me perguntei se ele havia entendido o que eu disse.

— Chame de destino — eu disse amavelmente — ou chame de azar. Mas não foi culpa sua. Nem dela. — Nem minha. Nem de Jamie.

Ele balançou a cabeça, devagar, e inclinando-se para frente descansou a cabeça em meu ombro por um instante.

— Obrigado, tia — sussurrou e, erguendo a cabeça, beijou meu rosto. No dia seguinte, ele havia desaparecido.

*O GREAT DISMAL*

21 de junho de 1777

William estava extasiado com a estrada. É verdade que eram apenas uns poucos quilômetros, mas o milagre de ser capaz de cavalgar direto até o imenso pantanal chamado Great Dismal, através de uma região que ele se recordava vividamente de ter tido que fazer seu cavalo nadar em uma visita anterior, o tempo inteiro desviando-se de tartarugas devoradoras e cobras venenosas — sua conveniência era extraordinária. O cavalo parecia concordar, erguendo as patas descontraidamente, ultrapassando as nuvens de minúsculas mutucas amarelas que tentavam enxameá-los, os olhos dos insetos brilhando como pequenos arco-íris quando se aproximavam.

— Aproveite enquanto pode — William avisou o cavalo, com um breve afago em sua crina. — O lamaçal está mais à frente.

Na verdade, a própria estrada, apesar de livre das mudas de liquidâmbar e pinheiros desgarrados que entulhavam as margens, era bastante enlameada. Nada como os traiçoeiros lodaçais e poças inesperadas que se escondiam do outro lado da cortina de árvores. Ergueu-se um pouco nos estribos, espreitando o terreno à frente.

Qual a distância?, perguntou-se. A vila — Dismal Town — ficava na margem do lago Drummond, que por sua vez ficava no meio do pântano. No entanto, ele nunca entrara tanto no Great Dismal quanto agora e não fazia ideia de seu tamanho real.

A estrada não ia até o lago, isso ele sabia, mas certamente haveria uma trilha a seguir; os habitantes de Dismal Town devem ir e vir de vez em quando.

— Washington — ele repetiu baixinho. — Washington, Cartwright, Harrington, Carver. — Esses foram os nomes que ele recebera do capitão Richardson, dos cavaleiros legalistas de Dismal Town; ele os gravara na memória e escrupulosamente queimara a folha de papel que os continha. No entanto, tendo feito isso, foi tomado por um pânico irracional de esquecer os nomes e vinha repetindo-os

para si mesmo a intervalos durante toda a manhã.

Já passava bastante do meio-dia e as nuvens diáfanas da manhã haviam se enredado em um céu baixo da cor de lã suja. Ele inspirou devagar, mas o ar não tinha aquele cheiro incômodo de um aguaceiro iminente — ainda. Além do odor adocicado do pântano, pleno de lama e plantas apodrecidas, ele podia sentir o cheiro da própria pele, salgado e fétido. Ele lavara as mãos e a cabeça como pôde, mas não trocara, nem lavara as roupas em duas semanas, e a rústica camisa de caça e calças de tecido grosseiro começavam a dar coceira em sua pele.

Embora talvez não fosse apenas suor seco e poeira. Ele coçou furiosamente com as unhas uma sensação de formigamento dentro de suas calças. Podia jurar que havia pego um piolho na última estalagem em que dormira.

O piolho, se havia um, sabiamente desistiu e a coceira passou. Aliviado, William respirou fundo e notou que os cheiros do charco haviam se tornado mais penetrantes, a resina de certas árvores erguendo-se em resposta à chuva que se aproximava. O ar adquirira repentinamente uma qualidade abafada que amortecia o som. Nenhum pássaro cantava; era como se ele e o cavalo cavalgassem sozinhos por um mundo envolto em algodão.

William não se importava de ficar sozinho. Crescera praticamente sozinho, sem irmãos ou irmãs, e ficava satisfeito na própria companhia. Além do mais, a solidão, ele disse a si mesmo, era boa para pensar.

— Washington, Cartwright, Harrington e Carver — cantarolou baixinho. Mas, além dos nomes, pouco havia a pensar com relação à sua missão atual e ele viu seus pensamentos se voltarem em uma direção mais familiar.

O principal objeto de seus pensamentos quando estava na estrada eram as mulheres e ele tocou no bolso sob a aba de seu casaco, pensativo. O bolso podia guardar até um livro pequeno; teve que escolher para esta viagem entre o Novo Testamento que sua avó lhe dera ou seu valioso exemplar da Lista das Damas de Covent Garden, de Harris. Não foi difícil.

Quando William tinha dezesseis anos, seu pai o flagrou, juntamente com um amigo, absorvidos nas páginas do exemplar, pertencente ao pai do seu amigo, do famoso guia do sr. Harris aos esplendores das mulheres do prazer de Londres. Lorde John ergueu uma das sobrancelhas e folheou o livro devagar, parando de vez em quando para levantar a outra sobrancelha. Em seguida, fechou o livro, respirou fundo, administrou um breve sermão sobre a necessidade de respeito devido ao sexo feminino, depois mandou os garotos irem buscar seus chapéus.

Em uma casa discreta e elegante no final da rua Brydges, tomaram chá com uma mulher escocesa maravilhosamente vestida, uma sra. McNab, que parecia grande amiga de seu pai. Ao final, a sra. McNab tocou uma sineta de bronze e...

William remexeu-se na sela, suspirando. Seu nome era Margery e ele

escrevera um fervoroso panegírico para ela. Ficara loucamente apaixonado por ela.

Ele retornara, após uma semana febril avaliando suas contas, com a firme intenção de propor-lhe casamento. A sra. McNab recebeu-o gentilmente, ouviu suas declarações gaguejadas com a mais solidária atenção, em seguida lhe disse que Margery, ela tinha certeza, ficaria muito satisfeita com sua boa opinião sobre ela, mas infelizmente estava ocupada no momento. No entanto, havia uma jovem muito meiga chamada Peggy, que acabara de chegar de Devonshire, que parecia solitária e sem dúvida ficaria muito satisfeita em conversar um pouco com ele enquanto ele esperava para falar com Margery...

A compreensão de que Margery estava naquele exato momento fazendo com outra pessoa o que fizera com ele foi um choque tão tremendo que ele ficara sentado, fitando boquiaberto a sra. McNab, levantando-se apenas quando Peggy entrou, um rosto doce e inexperiente, loura, sorridente, e com o mais notável...

— Ah! — William deu um tapa na nuca, picada por uma mutuca, e praguejou.

O cavalo diminuía a marcha sem que ele notasse e agora que ele realmente notava...

Praguejou outra vez mais alto. A estrada desaparecera.

— Como isso foi acontecer? — Ele falou em voz alta, mas sua voz pareceu fraca, amortecida pelas árvores espalhadas. As mutucas o haviam seguido; uma delas picou o cavalo, que relinchou e sacudiu a cabeça violentamente. — Vamos, calma — William disse, mais serenamente. — Não pode estar muito longe, não é? Nós acharemos.

Fez o cavalo dar meia-volta, cavalgando devagar no que ele esperava fosse um amplo semicírculo que deveria cortar a estrada. O solo estava úmido ali, enrugado com tufo de capim longo e emaranhado, mas não estava um lodaçal. As patas do cavalo deixavam curvas fundas onde pisavam e grossos respingos de lama e capim emaranhados voavam, agarrando-se nos jarretes e flancos do cavalo e nas botas de William.

Antes ele vinha seguindo na direção norte-noroeste... Olhou instintivamente para o céu, mas não encontrou nenhuma ajuda lá. O cinza claro e uniforme estava se alterando, aqui e ali uma nuvem carregada encorpando-se através da camada amortecedora, soturna e roncante. Um ribombo fraco e surdo de trovão chegou até ele e William praguejou outra vez.

Seu relógio tocou baixinho, o som estranhamente reconfortante. Freou o cavalo por um instante, não querendo se arriscar a deixá-lo cair na lama, e atrapalhadamente retirou-o do bolso. Três horas.

— Não é muito ruim — ele disse ao cavalo, encorajado. — Ainda resta muita luz do dia. — Claro, isso não passava de mero tecnicismo, considerando-se as

condições atmosféricas. Podia muito bem ser o prenúncio do crepúsculo.

Ergueu os olhos para as nuvens concentradas, calculando. Não havia dúvida: iria chover, e logo. Bem, não seria a primeira vez que ele e o cavalo se molhavam. Suspirou, desmontou e desenrolou seu saco de dormir de lona, parte de seu equipamento de exército. Montou de novo e, com a lona dobrada ao redor dos ombros, o chapéu desamarrado e bem enfiado na cabeça, retomou a obstinada procura da estrada.

As primeiras gotas começaram a tamborilar e um cheiro extraordinário ergueu-se do pântano em resposta. Cheiro de terra e plantas, penetrante e... fecundo, de certo modo, como se o pântano se espreguiçasse, abrindo seu corpo para o céu em preguiçoso prazer, liberando seu odor como o perfume que bafeja dos cabelos soltos de uma prostituta de luxo.

William estendeu a mão num reflexo para o livro em seu bolso, pretendendo anotar o pensamento poético nas margens, mas depois sacudiu a cabeça, murmurando "idiota" para si mesmo.

Não estava muito preocupado. Ele já havia, como dissera ao capitão Richardson, entrado e saído inúmeras vezes do Great Dismal. É bem verdade que nunca estivera ali sozinho; ele e seu pai iam de vez em quando com um grupo de caça ou com alguns dos amigos índios de seu pai. E há alguns anos. Mas...

— Droga! — exclamou. Ele havia forçado o cavalo a entrar no que esperava que fosse o matagal que ladeava a estrada, mas continuou encontrando apenas mais matagal — moitas sombrias de zimbro de casca escura, aromático como um copo de gim holandês na chuva. Não havia espaço para virar. Murmurando consigo mesmo, ele bateu no cavalo com os joelhos e recuou, estalando a língua.

Inquieto, viu que as pegadas dos cascos do cavalo enchiam-se de água devagar. Não da chuva; o solo estava encharcado. Muito encharcado. Ouviu o barulho de sucção quando os cascos traseiros do cavalo atingiram terreno de charco e num reflexo inclinou-se para frente, batendo os joelhos com premência nas costelas do cavalo.

Pisando em falso, o cavalo cambaleou, reequilibrou-se — e então as pernas traseiras do animal cederam de repente, escorregando na lama, e ele lançou a cabeça para cima, relinchando, espantado. William, também pego de surpresa, embaralhou-se na lona do seu saco de dormir e caiu do cavalo, aterrissando com uma pancada na água.

Levantou-se como um gato escaldado, em pânico com a ideia de ser tragado para dentro de uma daquelas poças de areia movediça que se escondiam no Great Dismal. Certa vez, vira o esqueleto de um cervo apanhado em uma delas, nada ainda visível, salvo o crânio com a galhada, semienterrado e virado para o lado, os longos dentes amarelos à mostra, no que ele imaginara ser um grito.

Chapinhou apressadamente em direção a uma moita, saltou paracima dela e ficou agachado ali, como um sapo-rei, o coração disparado. Seu cavalo — teria ficado preso, o pântano o tragara?

O cavalo estava caído, debatendo-se na lama, relinchando em pânico, leques de água lamacenta voando de seus esforços.

— Santo Deus. — Ele agarrava punhados de capim áspero, equilibrando-se precariamente. — Seria areia movediça? Ou apenas um atoleiro?

Rangendo os dentes, esticou uma perna comprida, cautelosamente colocando o pé na superfície agitada. Sua bota pressionou para baixo... mais para baixo... Retirou o pé apressadamente, mas ele soltou-se com facilidade, com um estalido de lama e água. Outra vez... sim, havia um fundo firme! Muito bem, agora o outro... Levantou-se, os braços agitando-se para manter o equilíbrio e...

— Muito bem! — exclamou, sem fôlego. — Um atoleiro, nada além disso, graças a Deus!

Chapinhou na direção do cavalo e agarrou o saco de dormir de lona que se soltara na queda. Atirando-o sobre a cabeça do cavalo, envolveu-a rapidamente ao redor dos olhos do animal. Era o que se devia fazer com um cavalo apavorado demais para fugir de um celeiro em chamas; seu pai lhe mostrara como fazer quando o celeiro em Mount Josiah fora atingido por um raio certa vez.

Um pouco para seu assombro, a medida pareceu funcionar. O cavalo sacudia a cabeça de um lado para o outro, mas parara de agitar as pernas. Ele agarrou a rédea e soprou dentro das narinas do cavalo, dizendo palavras tranquilizadoras.

O cavalo resfolegou, lançando um jato de respingos sobre ele, mas pareceu se acalmar. Ele puxou a cabeça do animal para cima e ele rolou sobre o peito, espadanando água lamacenta para todos os lados, e quase no mesmo movimento ergueu-se pesadamente sobre as patas. O cavalo sacudiu-se da cabeça à cauda, soltando a lona e espalhando lama num raio de três metros ao redor.

William estava feliz demais para se importar. Pegou a ponta da lona e tirou-a da lama, em seguida segurou a rédea.

— Muito bem — disse, sem fôlego. — Vamos sair daqui. O cavalo não prestava atenção; sua cabeça ergueu-se com uma guinada, virada para o lado.

— O que... As enormes narinas alargaram-se, vermelhas, e com um grunhido explosivo o cavalo partiu em disparada, arrancando as rédeas de suas mãos e fazendo-o estatelar-se na água — outra vez.

— Seu desgraçado filho da mãe! Que diabos. — William parou de repente, agachado na lama. Algo comprido, pardacento e extremamente veloz passou a menos de dois passos dele. Algo grande.

Ele girou a cabeça bruscamente, mas o que quer que fosse já desaparecera, silencioso, em perseguição ao cavalo disparado, cuja fuga em pânico ele podia ouvir

desaparecendo ao longe, pontuada pelos estalidos de galhos quebrando-se e um ou outro barulho metálico de itens do equipamento caindo.

Engoliu em seco. Eles costumavam caçar juntos de vez em quando, ele ouvira dizer. Gatos-do-mato. Em pares.

Os cabelos de sua nuca se arrepiaram e ele virou a cabeça até onde foi possível, com medo de se mover muito e chamar a atenção de qualquer coisa que pudesse estar espreitando no escuro emaranhado de liquidâmbares e mato rasteiro atrás dele. Nenhum som, exceto o crescente tamborilar de gotas de chuva no pântano.

Uma garça levantou voo, branca, das árvores do outro lado do atoleiro, quase fazendo seu coração parar. Ele ficou paralisado, a respiração suspensa até achar que iria sufocar no esforço para ouvir, mas nada aconteceu, e finalmente respirou e levantou-se, as abas de seu casaco emplastadas em suas coxas, pingando.

Estava de pé em uma turfeira; havia uma vegetação esponjosa sob seus pés, mas o nível da água ultrapassava os canos de suas botas. Ele não estava afundando, mas não conseguia puxar as botas para fora com seus pés ainda dentro e foi obrigado a retirar os pés um de cada vez, depois arrancar as botas com força e sair chapinhando de meias para o terreno mais alto, as botas nas mãos.

Tendo alcançado o santuário de um tronco caído, sentou-se para tirar a água das botas, sombriamente avaliando sua situação enquanto as calçava outra vez.

Estava perdido. Em um pantanal conhecido por ter devorado inúmeras pessoas, tanto índios quanto brancos. A pé, sem comida, fogo ou qualquer abrigo além da frágil proteção oferecida pelo saco de dormir de lona — este um produto padrão do exército, literalmente um saco feito de lona com uma fenda, para ser enchido com palha ou capim seco — ambos notoriamente inexistentes nas presentes circunstâncias. Fora isso, tudo que ele possuía era o conteúdo de seus bolsos, consistindo em uma navalha, uma lapiseira, um encharcado pedaço de pão com queijo, um lenço imundo, algumas moedas, seu relógio e seu livro, igualmente, sem dúvida, encharcado. Rebuscou os bolsos para verificar, constatou que o relógio havia parado e que o livro sumira, e xingou, em voz alta.

Isso pareceu ajudar um pouco e ele então xingou alto de novo. A chuva caía torrencialmente agora, não que isso fizesse a menor diferença, considerando-se seu estado. O piolho em suas calças, evidentemente acordando e descobrindo que seu habitat estava alagado, partiu em marcha determinada para descobrir alojamentos mais secos.

Murmurando blasfêmias, ele levantou-se, enrolou a lona vazia em volta da cabeça e saiu claudicando na direção em que o cavalo partira, coçando-se.

Nunca encontrou o cavalo. Ou o gato-do-mato o matara, em algum lugar fora do alcance de sua vista, ou conseguira fugir e vagava sozinho pelo pântano. Na

realidade, encontrou dois itens que caíram da sela: um pequeno pacote encerado contendo tabaco e uma frigideira. Nenhum dos dois parecia imediatamente útil, mas ele estava pouco inclinado a desfazer-se de qualquer remanescente de civilização.

Encharcado até a pele e tremendo sob a reduzida proteção de sua lona, agachou-se entre as raízes de um liquidâmbar, observando um relâmpago cortar o céu noturno. Cada clarão branco-azulado era ofuscante, mesmo através das pálpebras cerradas, cada trovão sacudindo o ar causticante com o cheiro de raios e coisas queimadas.

Ele quase já se acostumara com o canhoneiro quando uma tremenda explosão o atirou ao chão e varreu-o, derrapando de lado pela lama e folhas mortas. Sufocado e arquejando, ele sentou-se, limpando a lama do rosto. Que diabos havia acontecido? Uma dor forte no braço destacava-se em sua confusão e, olhando para baixo, viu à luz do clarão de um raio que uma farpa de madeira, de uns quinze centímetros, estava engastada na carne de seu braço direito.

Olhando desesperadamente à sua volta, viu que o charco a seu redor ficara repentinamente cravejado de lascas e pedaços de madeira fresca, e o cheiro de resina e cerne elevava-se, penetrante em meio ao odor ardente, flutuante de eletricidade.

Lá. Outro clarão, e ele viu. A uns cem metros, ele notara um imenso cipreste sem folhas, pensando em usá-lo como um marco para quando o dia amanhecesse; era de longe a árvore mais alta das redondezas. Não mais: o relâmpago mostrou-lhe o ar vazio onde o tronco altaneiro estivera, outro clarão, as lanças pontiagudas do que restara.

Tremendo e parcialmente surdo pelo trovão, retirou a farpa de seu braço e pressionou o tecido de sua camisa no ferimento para interromper o sangramento. Não era profundo, mas o choque da explosão fazia sua mão tremer. Puxou a lona ao redor dos ombros contra a chuva fustigante e enroscou-se outra vez entre as raízes do liquidâmbar.

Em algum momento durante a noite, a tempestade se dissipou e, com a cessação do barulho, ele resvalou em uma sonolência inquieta, da qual acordou deparando-se com o nada branco do nevoeiro.

Um frio maior do que a friagem do amanhecer percorreu-o de cima a baixo. Passara sua infância em Lake District na Inglaterra e sabia, de suas lembranças mais antigas, que a chegada do nevoeiro nas charnecas elevadas era um perigo. Ovelhas frequentemente se perdiam na névoa, encontrando a morte, separadas do rebanho e mortas por cachorros ou raposas, congeladas ou simplesmente desaparecendo. Homens às vezes se perdiam no nevoeiro também.

Os mortos descem com o nevoeiro, a babá Elspeth disse. Podia vê-la, uma mulher magra e idosa, empinada e destemida, parada à janela do seu quarto de

criança, observando a névoa branca em movimento. Ela dissera isso serenamente em voz baixa, como se falasse consigo mesma; achava que ela não percebera que ele estava ali. Quando percebeu, fechou a cortina com um movimento brusco e foi preparar seu chá, sem dizer mais nada.

Ele gostaria de uma xícara de chá, pensou, de preferência com uma boa dose de uísque dentro. Chá quente, torrada com manteiga, sanduíches de geleia e bolo...

A ideia dos chás quando era criança o fez lembrar seu naco de pão com queijo molhado e o retirou cuidadosamente do bolso, imensamente reconfortado com a sua presença. Comeu devagar, saboreando a massa sem gosto como se fosse um pêssego em conserva de conhaque, e se sentiu muito melhor, apesar do toque pegajoso do nevoeiro em seu rosto, da água gotejando das pontas de seus cabelos e do fato de que ainda estava molhado até a pele; seus músculos doíam de tanto tremer a noite inteira.

Ele tivera a presença de espírito de colocar sua frigideira na chuva na noite anterior e, assim, tinha água limpa para beber, com um gosto delicioso de gordura de bacon.

— Nada mau — ele disse em voz alta, limpando a boca. — Ainda. Sua voz soou estranha. As vozes sempre soavam estranhas em um nevoeiro. Ele já estivera perdido em um nevoeiro por duas vezes e não tinha a menor vontade de repetir a experiência, embora a revivesse, de vez em quando, em pesadelos. Tropeçando cegamente por uma cortina branca tão densa que não conseguia ver os próprios pés, ouvindo as vozes dos mortos.

Ele fechou os olhos, preferindo momentaneamente a escuridão aos redemoinhos brancos, mas ainda podia sentir seus dedos, frios em seu rosto.

Ele ouvira as vozes naquela ocasião. Tentou não ouvi-las agora.

Levantou-se, determinado. Tinha que se mover. Ao mesmo tempo, sair vagando às cegas pelos charcos e pela vegetação cerrada seria loucura.

Amarrou a frigideira ao cinto e, atirando a lona molhada sobre os ombros, estendeu a mão e começou a tatear. O zimbro não serviria; a madeira se esfrangalhava sob uma faca e as árvores cresciam de tal maneira que nenhum galho seguia reto mais do que alguns centímetros. Liquidâmbar ou nissa seria melhor, mas um amieiro seria ótimo.

Encontrou um bosque de amieiros novos após um longo tempo avançando cautelosamente pela névoa, plantando um pé de cada vez e esperando para ver o efeito, parando sempre que encontrava uma árvore para pressionar suas folhas contra a boca e o nariz, a fim de identificá-la.

Tateando entre os troncos finos, escolheu um de mais ou menos três centímetros de diâmetro e, plantando os pés firmemente, agarrou a muda de árvore com as duas mãos e arrancou-a. Ela saiu, com um gemido de terra dilacerada e uma

chuva de folhas — e um corpo pesado deslizou repentinamente pela sua bota. Soltou um grito e bateu com a ponta das raízes de sua muda, mas a cobra já havia fugido há muito tempo.

Suando apesar do frio, desamarrou a frigideira e usou-a para explorar cuidadosamente o chão invisível. Não evocando nenhum movimento, e achando a superfície relativamente firme, virou a frigideira e usou-a para se sentar em cima.

Trazendo a madeira para perto do rosto, ele podia divisar os movimentos de suas mãos o suficiente para não se cortar e, laboriosamente, conseguiu limpar a muda e apará-la para um comprimento de um metro e oitenta aproximadamente, de fácil manejo. Então, começou a desbastar a ponta para aguçá-la.

O Great Dismal era perigoso, mas pululava de caça. Esse era o chamariz que atraía os caçadores para suas misteriosas profundezas. William não pretendia matar um urso ou um veado com uma lança artesanal. No entanto, era razoavelmente adepto a arpoar rãs, ou fora. Um cavaleiro da propriedade de seu avô o ensinara há muito tempo, ele o fizera com seu pai na Virgínia muitas vezes, e apesar de não ser uma habilidade que ele tivesse oportunidade de praticar nos últimos anos em Londres, tinha certeza de que não havia esquecido.

Podia ouvir as rãs por toda parte à sua volta, alegremente alheias ao nevoeiro. Murmurou alguns sons, chamando as rãs, mas elas não pareciam impressionadas com suas citações de Aristófanes.

— Certo. Mas esperem — disse a elas, experimentando a ponta com o polegar. Bastante boa. Idealmente, um arpão deveria ser tridente... Bem, por que não? Ele tinha tempo.

Mordendo a língua em concentração, começou a esculpir dois outros galhinhos, depois os entalhou na lança principal. Considerou rapidamente arrancar tiras da casca do zimbro para amarrar as pontas, mas rejeitou a ideia em favor de desembaraçar um fio da barra de sua camisa.

O pantanal estava encharcado depois de uma tempestade. Ele perdera sua caixa de pederneira, mas duvidava que até mesmo um dos raios de Jeová, como aquele que ele testemunhara na noite anterior, pudesse acender um fogo ali. Por outro lado, quando o sol saísse e ele conseguisse pegar uma rã, provavelmente já estaria bastante desesperado para comê-la crua.

Paradoxalmente, achou o pensamento reconfortante. Não iria morrer de fome, nem de sede — estar naquele pântano era como viver em uma esponja.

Ele não possuía nenhum plano definido. Apenas o conhecimento de que o pântano era grande, mas era finito. Assim sendo, quando tivesse o sol para guiá-lo e pudesse ter certeza de que não estaria andando em círculos, pretendia seguir em linha reta até atingir terreno firme ou o lago. Se encontrasse o lago... bem, Dismal Town erguia-se em sua margem. Ele só precisaria caminhar pela circunferência e por

fim a encontraria.

Assim, desde que tomasse cuidado com as areias movediças, não fosse pego por algum animal de porte, não fosse mordido por uma cobra venenosa ou não pegasse uma febre da água suja ou o miasma do pântano, tudo daria certo.

Testou a amarração, dando leves estocadas com a lança na lama, e considerou-a firme. Nada a fazer senão esperar, portanto, que o nevoeiro se dissipasse.

O nevoeiro não mostrava nenhuma disposição de se dissipar. Na verdade, parecia mais denso; ele mal conseguia ver os próprios dedos erguidos a alguns centímetros dos olhos. Suspirando, apertou o casaco úmido ao redor do corpo, colocou o arpão ao seu lado e acomodou as costas precariamente contra os amieiros restantes. Abraçou os joelhos para armazenar o pouco calor que seu corpo ainda tinha e fechou os olhos para bloquear a brancura.

As rãs continuavam a coaxar. No entanto, agora sem distração, ele começou a ouvir as outras vozes do pântano. A maioria dos pássaros fazia silêncio, esperando o nevoeiro passar assim como ele, mas de vez em quando o grito repentino, grave, de um abetouro ecoava pelo nevoeiro. Às vezes, ouviam-se ruídos de patas correndo e chapinhando na água — um rato-almiscarado?

Uma pancada surda denunciou uma tartaruga caindo de um tronco dentro da água. Ele preferia esses sons, porque sabia o que eram. Mais assustadores eram os débeis ruge-ruges, que deviam ser o farfalhar de galhos — embora o ar estivesse parado demais, sem dúvida, para ser o vento — ou o movimento de algo caçando. O grito agudo de um animal pequeno, interrompido abruptamente. E os estalidos e rangidos do próprio pântano.

Ele ouvira as rochas falando umas com as outras nas colinas elevadas em Helwater. O Lake District, terra dos seus avós maternos. No nevoeiro. Ele nunca contara isso a ninguém.

Moveu-se um pouco e sentiu algo logo abaixo do seu maxilar. Batendo a mão espalmada no lugar, descobriu uma sanguessuga que grudara em seu pescoço. Enojado, arrancou-a e atirou-a com todas as forças dentro do nevoeiro. Tateando por todo o corpo com mãos trêmulas, acomodou-se novamente, encolhido, tentando afastar as lembranças que o inundavam com as espirais de névoa. Ele ouvira sua mãe — sua verdadeira mãe — sussurrar para ele também. Foi por isso que ele entrara no nevoeiro. Estavam fazendo um piquenique nas colinas elevadas da charneca, seus avós, mamãe Isobel e alguns amigos, com alguns criados. Quando o nevoeiro desceu, repentino como às vezes acontecia, houve uma corrida geral para guardar os apetrechos do piquenique e ele fora deixado sozinho, observando a muralha branca inexorável silenciosamente girando em sua direção.

Podia jurar que ouvira o sussurro de uma mulher, baixo demais para

distinguir palavras, mas de algum modo com um tom nostálgico, e ele soube que ela falava com ele.

E ele entrara no nevoeiro. Por alguns instantes, ficou fascinado com o movimento do vapor d'água perto do solo, pelo modo como bruxuleava e tremeluzia, e parecia vivo. Mas logo o nevoeiro ficou mais denso e em questão de instantes ele compreendeu que estava perdido.

Ele chamara. Primeiro a mulher que achava que era sua mãe. Os mortos descem no nevoeiro. Isso era praticamente tudo que sabia de sua mãe — que ela estava morta. Quando morreu, tinha a idade que ele tinha agora. Vira três retratos dela. Diziam que ele tinha seus cabelos e seu jeito para lidar com cavalos.

Ela respondera, podia jurar que ela respondera a seu chamado — mas em uma voz sem palavras. Sentira a carícia de dedos frios em seu rosto e ele continuara a vagar, extasiado.

Então, ele caíra, um tombo feio, rolando pelas pedras até uma pequena depressão do terreno, machucando-se e perdendo o fôlego. O nevoeiro encapelara-se acima dele, passando veloz, em sua pressa de engolfar tudo, enquanto ele jazia, atordoado e arquejante no fundo do pequeno declive. Então, ele começou a ouvir as pedras murmurarem à sua volta e começou a se arrastar, depois a correr, o mais rápido que podia, gritando. Caiu de novo, levantou-se e continuou correndo.

Caiu, finalmente incapaz de prosseguir, e agarrou-se, aterrorizado e cego, ao mato áspero, cercado por uma imensa vastidão deserta. Então, ouviu-os chamando por ele, vozes que ele conhecia, e tentou gritar em resposta, mas sua garganta estava ferida de tanto berrar e ele não conseguia emitir mais do que ruídos roucos, desesperados, correndo na direção de onde achava que vinham as vozes. Mas o som vagueia em um nevoeiro e nada é o que parece: nem o som, nem o tempo, nem o espaço.

Inúmeras vezes, ele correu na direção das vozes, mas caiu sobre alguma coisa, tropeçou e rolou por um declive, esbarrou contra afloramentos rochosos, viu-se agarrado à borda de uma escarpa, as vozes agora atrás dele, desaparecendo no nevoeiro, abandonando-o.

Mac o encontrara. A enorme mão havia repentinamente se estendido para baixo e o agarrado. No instante seguinte, foi levantado — machucado, esfolado e sangrando, mas agarrado com força à camisa rústica do cavaliário escocês, braços fortes segurando-o como se jamais o fossem soltar.

Engoliu em seco. Quando tinha pesadelos, às vezes acordava com Mac abraçando-o. Às vezes, não, e acordava suando frio, incapaz de voltar a dormir por medo do nevoeiro e das vozes.

Ele parou, completamente imóvel, ouvindo passos. Respirou cautelosamente — e sentiu o cheiro inconfundível de fezes de porco. Não se moveu; porcos

selvagens eram perigosos se você os assustasse.

Ruídos do animal fungando, farejando, mais passos, o farfalhar de galhos e a chuva de gotas de água quando corpos pesados roçaram as folhas de moitas de azevim e chá-dos-apalaches. Vários deles, movendo-se devagar, mais ainda assim se movendo. Sentou-se ereto, virando a cabeça de um lado para o outro, tentando localizar o som exatamente. Nada podia se mover com determinação naquele nevoeiro — a menos que estivessem seguindo uma trilha.

O pântano estava cruzado com trilhas de animais, feitas pelos cervos e usadas por todos, de gambás a ursos negros. Essas trilhas davam voltas sem direção, havendo apenas duas coisas certas a respeito delas: uma, que de fato levavam a água potável e, duas, que não levavam a uma poça de areia movediça. O que, nas circunstâncias atuais, era o suficiente para William.

Haviam dito outra coisa a respeito de sua mãe. "Imprudente", sua avó dissera tristemente, sacudindo a cabeça. — "Ela era sempre tão imprudente, tão impulsiva." E, então, seus olhos pousaram nele, apreensiva. E você é exatamente como ela, diziam aqueles olhos ansiosos. Que Deus nos ajude.

— Talvez eu seja — ele disse em voz alta e, agarrando a lança, levantou-se, desafiador. — Mas não estou morto. Ainda não.

Isso ele sabia. E que permanecer parado quando perdido era uma boa ideia somente se alguém estivesse à sua procura.



PURGATÓRIO

Ao meio-dia do terceiro dia, ele encontrou o lago. Chegara até ele através de uma catedral de imponentes ciprestes desfolhados, seus enormes troncos de onde se projetavam raízes aéreas erguendo-se como pilares do solo alagado. Faminto, um pouco zozzo de uma febre leve, caminhou devagar com água até as panturrilhas.

O ar estava parado; assim como a água. O único movimento era o lento arrastar de seus pés e o zumbido dos insetos que o atormentavam. Seus olhos estavam inchados das picadas de mosquitos e o piolho tinha companhia na forma de ácaros e bichos-do-pé. As libélulas que dardejavam de um lado para o outro não picavam como as centenas de minúsculas moscas e mosquitos, mas tinham sua própria forma de tormento — faziam-no olhar para elas, a luz do sol refletindo dourada, azul e vermelha de suas asas diáfanas e corpos brilhantes, ofuscantes na luz.

A superfície lisa da água refletia tão perfeitamente as árvores que dela se projetavam que ele não conseguia saber ao certo onde ele próprio estava, equilibrado precariamente entre dois mundos espelhados. Ele continuava perdendo sua noção do que era para cima e do que era para baixo, a visão vertiginosa através dos galhos do cipreste altaneiro acima igual à de baixo. As árvores assomavam a mais de vinte e cinco metros acima e a vista de nuvens deslizantes parecendo navegar diretamente através dos galhos delicadamente agitados embaixo dava-lhe a permanente sensação de que ele estava prestes a cair — se para cima ou para baixo, ele não sabia dizer.

Ele havia arrancado a farpa de cipreste do braço e feito o melhor possível para sangrar o ferimento, mas haviam ficado pequenas lascas de madeira presas sob a pele, e seu braço estava quente e latejando. Assim como sua cabeça. O frio e o nevoeiro haviam desaparecido como se nunca tivessem existido e ele caminhava lentamente através de um mundo de calor e imobilidade que bruxuleava nas bordas. Seus olhos queimavam por trás.

Se ele mantivesse os olhos fixos no movimento da água que se afastava de

suas botas, as pequenas ondas em forma de V quebravam o reflexo perturbador e o mantinham em pé. Mas observar as libélulas... isso o fazia cambalear e perder o equilíbrio, já que não pareciam fixas nem na água nem no ar, mas parte de ambos.

Uma estranha depressão surgiu na água, a um passo de sua panturrilha direita. Ele pestanejou, depois viu a sombra, sentiu a sensação do corpo pesado ondulando pela água. Uma cabeça maligna, pontuda e triangular.

Engoliu em seco e estancou. A serpente do pântano, para sua sorte, não. Observou-a se afastar na água e se perguntou se ela seria comestível. Não importava; ele quebrara seu arpão de rã, embora tivesse pego três rãs antes da frágil amarração se desfazer. Pequenas. Não tinham um gosto ruim, apesar da sensação borrachuda da carne crua. Seu estômago contraiu-se, roncando, e ele lutou contra o impulso insano de mergulhar atrás da cobra, agarrá-la e arrancar a carne dos ossos com os dentes.

Talvez conseguisse pegar um peixe. Permaneceu imóvel por vários minutos, para ter certeza de que a cobra fora embora. Em seguida, engoliu em seco e deu mais um passo. E continuou andando, os olhos fixos nas pequenas ondas que seus pés faziam, quebrando o espelho d'água em fragmentos ao seu redor.

Pouco tempo depois, no entanto, a superfície começou a se mover, centenas de minúsculas ondulações batendo contra a madeira marrom-acinzentada dos ciprestes, cintilando tanto que o estonteante redemoinho de árvores e nuvens desapareceu. Ele levantou a cabeça e viu o lago à sua frente.

Era grande. Muito maior do que ele imaginara. Ciprestes desfolhados e gigantescos erguiam-se da água, os tocos e carcaças de antigos progenitores embranquecendo ao sol entre eles. A margem distante estava escura, densa de nissas, amieiros e viburnos. A própria água parecia se estender por quilômetros diante dele, marrom da cor de chá com as infusões das árvores que cresciam nele.

Umedecendo os lábios, abaixou-se e, com as mãos em concha, pegou a água marrom e bebeu-a, depois outra vez. Era potável, um pouco amarga.

Passou a mão molhada pelo rosto; a água fria o fez estremecer com um repentino calafrio.

— Muito bem — ele disse, sentindo-se sem fôlego. Continuou avançando, o solo descendo gradualmente sob seus pés, até ficar parado na água livre, o denso matagal do pântano atrás dele. Calafrios ainda o percorriam, mas ele ignorou-os.

O lago Drummond recebera o nome de um antigo governador da Carolina do Norte. Um grupo de caça, que incluía o governador William Drummond, entrara no pantanal. Uma semana depois, Drummond, o único sobrevivente, saíra dele cambaleando, semimorto de fome e febre, mas com a notícia de um lago imenso e desconhecido no meio do Great Dismal.

William respirou fundo, estremecendo. Bem, nada o devorara ainda. E ele

alcançara o lago. Para que lado ficaria Dismal Town?

Examinou as margens devagar, procurando qualquer traço de fumaça de chaminé, qualquer interrupção no matagal denso que poderia indicar uma vila. Nada. Com um suspiro, enfiou a mão no bolso e encontrou uma moeda. Atirou-a no ar e quase a deixou escapar, manuseando-a com grande nervosismo quando ela saltou de seus dedos emperrados. Peguei-a, peguei-a. Coroa. Portanto, esquerda. Virou-se e partiu decididamente.

Sua perna bateu contra alguma coisa na água e ele olhou para baixo, bem a tempo de ver o lampejo branco da boca de uma cobra quando ela se ergueu e deu um bote em sua perna. Por puro reflexo, ele lançou o pé para cima e as presas da cobra agarraram-se por um breve instante no couro da boca de sua bota.

Ele gritou e sacudiu a perna violentamente, expulsando o réptil, que saiu voando pelo ar e aterrissou com uma pancada na água. Nem um pouco desanimada, a serpente virou-se sobre si mesma quase instantaneamente e partiu como uma flecha pela água em sua direção.

William arrancou a frigideira do cinto e girou-a com toda força, tirando a cobra da água e erguendo-a no ar. Não esperou para ver onde ela aterrissou, mas virou-se e saiu correndo, lançando água para todos os lados, em direção à margem.

Subiu correndo no aglomerado de zimbros e liquidâmbares e parou, arquejando, aliviado. O alívio durou pouco. Virou-se então, para olhar, e viu a cobra, a pele marrom brilhando como cobre, deslizar para a margem em seu encalço e vir ondulando com determinação atrás dele.

William soltou um ganido e fugiu em disparada. Correu cegamente, os pés chafurdando a cada passo, ricocheteando de árvores e chocando-se contra galhos, as pernas agarrando-se aos azevinhos e viburnos, através dos quais ele abria caminho sob uma chuva de folhas e galhinhos arrancados. Não olhou para trás, mas também não estava olhando para frente, e assim colidiu em cheio com um homem parado em seu caminho.

O homem soltou um grito e caiu de costas, William sobre ele. Levantou o tronco atabalhoadamente e viu-se fitando o rosto de um índio atônito. Antes que pudesse pedir desculpas, outra pessoa agarrou-o pelo braço e puxou-o ríspidamente, colocando-o de pé.

Era outro índio, que lhe disse alguma coisa, com raiva e interrogativamente.

Ele tateou em busca de alguma palavra que pudesse servir à ocasião, não encontrou nenhuma e, apontando na direção do lago, exclamou, arquejante:

— Cobra! No entanto, os índios evidentemente compreenderam a palavra, pois seus rostos mudaram imediatamente para um ar de cautela e eles olharam na direção em que ele apontava. Para corroborar sua história, a enfurecida serpente surgiu à vista, contorcendo-se pelas raízes de um liquidâmbar.

Os dois índios soltaram exclamações e um deles agarrou um tacape de uma funda às suas costas e golpeou a cobra. Ele errou; o animal enrolou-se instantaneamente em uma apertada espiral e atacou-o. A serpente errou também, mas não muito, e o índio deu um salto para trás, largando o tacape.

O outro índio disse alguma coisa, desgostoso. Segurando seu próprio tacape, começou a rodear a serpente cautelosamente. Esta, ainda mais furiosa com a perseguição, girou em sua própria espiral com um silvo alto e lançou-se, como uma flecha, atacando o pé do segundo índio. Ele gritou e deu um salto para trás, embora sem soltar seu tacape.

William, enquanto isso, encantado de não ser mais o foco do aborrecimento da cobra, afastara-se da cena. No entanto, vendo a cobra momentaneamente desequilibrada — se é que se podia dizer que as cobras tinham equilíbrio —, agarrou sua frigideira, girou-a do alto e desfechou um poderoso golpe na serpente com a borda da panela.

Golpeou-a várias vezes, suas forças alimentadas pelo pânico. Finalmente, parou, respirando como o fole de um ferreiro, o suor escorrendo pelo rosto e pelo corpo. Engolindo em seco, ergueu a frigideira cuidadosamente, esperando ver a cobra transformada em uma massa sanguinolenta no solo revolvido.

Nada. Podia sentir o cheiro do réptil — um odor abjeto, como o de pepinos podres —, mas não via nada. Estreitou os olhos, tentando distinguir alguma coisa na massa de folhas esmigalhadas e lama, depois ergueu os olhos para os índios.

Um deles encolheu os ombros. O outro apontou para o lago e disse alguma coisa. Evidentemente, a cobra prudentemente concluíra que estava em desvantagem e retornou às suas próprias atividades.

William levantou-se, constrangido, a frigideira na mão. Os homens trocaram sorrisos nervosos.

Em geral, ele se sentia confortável em meio aos índios; muitos deles cruzavam suas terras e seu pai sempre lhes dava as boas-vindas, fumando com eles na varanda, jantando com eles. Ele não sabia dizer a qual tribo estes dois pertenciam — os rostos pareciam de alguma das tribos algonquinas, de traços fortes e audazes, mas certamente eles não estariam muito mais ao sul de suas costumeiras regiões de caça?

Os índios, por sua vez, o examinavam e trocaram um olhar que fez um calafrio percorrer sua espinha. Um deles disse alguma coisa ao outro, observando-o de esguelha para ver se ele entendia. O outro sorriu largamente para ele, exibindo dentes manchados e escuros.

— Tabaco? — o índio perguntou, estendendo a mão, palma para cima. William balançou a cabeça, tentando reduzir o ritmo de sua respiração, e enfiou a mão devagar dentro do casaco, a mão direita, para não ter que largar a frigideira na

esquerda.

Era provável que aqueles dois soubessem o caminho de saída do pântano; ele devia estabelecer relações amistosas, e depois... Tentava pensar logicamente, mas suas faculdades inferiores interferiam. Suas faculdades inferiores achavam que ele devia sair correndo dali, e agora.

Retirando o embrulho de tabaco do casaco, atirou-o com todas as forças que conseguiu reunir no índio mais próximo, que começara a vir em sua direção, e saiu correndo.

Uma exclamação de surpresa atrás dele e em seguida o som de grunhidos e passadas. Suas faculdades inferiores, completamente justificadas em sua apreensão, instigavam-no a correr mais rápido, mas ele sabia que não conseguiria manter a velocidade por muito tempo; ser perseguido pela cobra havia consumido a maior parte das poucas forças que lhe restavam — e ser obrigado a correr com uma frigideira de ferro em uma das mãos não estava ajudando.

Sua melhor chance seria distanciar-se deles o suficiente para encontrar um esconderijo. Com essa ideia em mente, fez um esforço sobre-humano, arremetendo-se pelo terreno livre sob um bosquete de liquidâmbares, depois se desviando abruptamente para dentro de outro bosquete de zimbros, emergindo outra vez quase imediatamente em uma trilha de animais de caça. Hesitou por um instante — se esconder no mato? —, mas a ânsia de continuar correndo era avassaladora e ele arremeteu-se pela trilha estreita, trepadeiras e galhos açoitando suas roupas.

Ouviu os porcos a tempo, graças a Deus. Grunhidos e fungadas de surpresa, e um grande farfalhar de moitas e barulho de patas chafurdando na lama, conforme um bando de corpos pesados se colocava atabalhoadamente de pé. Ele sentiu o cheiro de lama morna e o fedor de porcos; devia haver um lamaçal depois da curva da trilha.

— Droga — disse baixinho, e saltou da trilha para dentro do mato. Santo Deus, e agora? Subir em uma árvore? Respirava pesadamente, o suor escorrendo para dentro de seus olhos.

Todas as árvores próximas eram zimbros, algumas bastante grandes, mas densas e retorcidas, impossíveis de escalar. Circundou uma delas e agachou-se atrás, tentando acalmar sua respiração.

Seu coração martelava nos ouvidos, nunca ouviria quem o estivesse perseguindo. Algo tocou em sua mão e ele girou a frigideira com força em reflexo, ficando de pé num salto.

O cachorro soltou um ganido de surpresa quando a panela passou de raspão em seu flanco, depois arreganhou os dentes e rosnou para ele.

— Que diabos você está fazendo aqui? — William sibilou para ele. Maldição, o bicho era do tamanho de um pônei!

Os pelos do pescoço do animal se eriçaram, fazendo-o se parecer exatamente com um lobo — meu Deus, não podia ser um lobo, podia? — e ele começou a latir.

— Cale-se, pelo amor de Deus! — Mas era tarde demais; podia ouvir vozes de índios, agitadas e muito próximas. — Parado — ele sussurrou, estendendo a palma da mão para o cachorro enquanto recuava devagar. — Parado. Bom cachorro.

O cachorro não parou, mas seguiu-o, continuando a rosnar e latir. O barulho perturbou ainda mais os porcos; ouviu-se uma trovoada de cascos ao longo do caminho e uma exclamação de surpresa de um dos índios.

William vislumbrou um lampejo de movimento pelo canto do olho e girou nos calcanhares, a arma na mão. Um índio muito alto pestanejou para ele. Droga, mais índios.

— Quietos, cachorro — disse o índio suavemente, com um claro sotaque escocês. William também pestanejou.

O cachorro, de fato, parou de latir, embora continuasse a cercá-lo, assustadoramente próximo e rosnando o tempo todo.

— Quem — William começou, mas foi interrompido pelos dois primeiros índios, que nesse momento surgiram repentinamente do mato. Pararam abruptamente ao verem o recém-chegado e lançaram um olhar cauteloso para o cachorro, que voltou sua atenção para eles, franzindo o focinho e exibindo uma impressionante fileira de dentes brilhantes.

Um dos índios originais disse alguma coisa rispidamente para o recém-chegado — graças a Deus, não estavam juntos. O índio alto retrucou, em um tom de voz distintamente pouco amistoso. William não fazia a menor ideia do que ele dissesse, mas os outros dois não gostaram. Seus rostos se anuviaram e um deles levou a mão impulsivamente ao tache. O cachorro fez uma espécie de som gorgolejante na garganta e a mão se abaixou imediatamente.

Os dois índios originais pareciam dispostos a argumentar, mas o índio alto os calou, dizendo alguma coisa em tom de ordem e fazendo um gesto com a mão que claramente dizia: "Caia fora daqui!" Os outros dois trocaram um olhar e William, empertigando-se, postou-se ao lado do índio alto e fitou-os furiosamente. Um deles lhe devolveu o olhar maligno, mas seu amigo olhou pensativamente do índio alto para o cachorro e sacudiu a cabeça, o movimento quase imperceptível. Sem mais nenhuma palavra, os dois viraram-se e foram embora.

As pernas de William tremiam, ondas de calor da febre percorrendo seu corpo. Apesar da relutância em se aproximar mais do nível do cachorro do que

o necessário, ele sentou-se no chão. Seus dedos haviam se enrijecido, de apertar com tanta força o cabo da frigideira. Com certa dificuldade, abriu-os e colocou a panela no chão a seu lado.

— Obrigado — ele disse, passando a manga do casaco pelo rosto suado. —

Você... fala inglês?

— Já conheci ingleses que diriam que não, mas acho que você talvez me compreenda, ao menos. — O índio sentou-se a seu lado, olhando-o com curiosidade.

— Santo Deus — William disse —, você não é um índio. — Aquele sem dúvida não era um rosto algonquino. Vendo com clareza agora, o sujeito era muito mais jovem do que ele pensara, talvez apenas um pouco mais velho do que ele próprio, e obviamente um homem branco, apesar de sua pele ser bronzeada e ele usar tatuagens no rosto, uma linha dupla de pontos que faziam um semicírculo nas maçãs do rosto. Vestia perneiras e camisa de couro, e usava um incongruente xale escocês de xadrez vermelho e preto sobre um dos ombros.

— Sou, sim — o sujeito disse secamente. Ergueu o queixo, indicando a direção tomada pelos índios. — Onde você se deparou com aqueles dois?

— Na margem do lago. Eles pediram o tabaco e eu... dei para eles. Mas eles vieram atrás de mim, não sei por quê.

O sujeito deu de ombros.

— Pensaram em levá-lo para oeste e vendê-lo como escravo nas terras dos shawnees. — Sorriu ligeiramente. — Ofereceram-me metade do seu preço.

William respirou fundo.

— Muito obrigado, então. Quero dizer, suponho que não tenha nenhuma intenção de fazer a mesma coisa, não é?

O sujeito não riu alto, mas emitiu um ruído bem-humorado.

— Não. Eu não vou para oeste. William começou a se sentir um pouco melhor, apesar do calor de seus esforços estar começando a dar lugar a calafrios outra vez. Abraçou os joelhos com força. Seu braço direito começara a doer novamente.

— Você não... Acha que eles podem voltar?

— Não — o sujeito disse, descontraidamente. — Eu disse a eles para irem embora.

William olhou fixamente para o estranho.

— E por que acha que eles farão o que você mandou?

— Porque eles são mingos — o sujeito respondeu pacientemente — e eu sou kahnyen'kehaka, um mohawk. Eles têm medo de mim.

William lançou-lhe um olhar desconfiado, mas o sujeito não parecia estar mentindo. Ele era quase tão alto quanto o próprio William, mas magro como uma vara, os cabelos castanho-escuros alisados para trás com gordura de urso. Parecia competente, mas não alguém que inspirasse medo.

O sujeito o analisava com igual interesse. William tossiu e limpou a garganta, em seguida estendeu a mão.

— Seu criado, senhor. Sou William Ransom.

— Oh, eu o conheço muito bem — o sujeito disse, um tom estranho na voz. Ele estendeu a mão e apertou a de William com firmeza. — Ian Murray. Já nos encontramos. — Seus olhos viajaram pelas roupas sujas e estraçalhadas de William, seu rosto suado e arranhado, e suas botas cobertas de lama. — Parece um pouco melhor do que da última vez que o vi, mas não muito.

Murray tirou a chaleira de acampamento do fogo e depositou-a no chão. Colocou a faca nas brasas por um instante, em seguida mergulhou a lâmina quente na frigideira, agora cheia de água. O metal quente chiou e liberou nuvens de vapor.

— Pronto? — ele perguntou.

— Sim. William ajoelhou-se junto a um grande tronco de choupo caído e estendeu o braço em cima da madeira. Estava visivelmente inchado, uma grande farpa remanescente sob a pele formando uma saliência escura, a pele ao redor distendida e transparente de pus, dolorosamente inflamada.

O mohawk — não conseguia ainda pensar nele de nenhuma outra forma, apesar do nome e do sotaque — olhou para ele do outro lado do tronco, as sobrancelhas erguidas interrogativamente.

— Foi você que eu ouvi? Gritando, antes? -

Ele segurou o pulso de William.

— Eu gritei, sim — William disse, tenso. — Uma cobra me atacou. — Oh. — A boca de Murray torceu-se um pouco.

— Você berra como uma menina — ele disse, os olhos retornando ao trabalho. A faca foi pressionada para baixo.

William fez um ruído profundamente visceral.

— Sim, melhor — Murray disse. Ele sorriu brevemente, como se para si mesmo, e segurando com firmeza o pulso de William fez uma incisão precisa na pele ao lado da farpa, abrindo-a por cerca de quinze centímetros. Virando a pele para trás com a ponta da faca, lançou a lasca grande para fora, em seguida retirou delicadamente as farpas menores que o estilhaço de cipreste havia deixado para trás.

Uma vez removido o máximo possível, ele enrolou uma ponta de seu xale esfarrapado ao redor do cabo da chaleira, pegou-a e despejou a água fervente no ferimento aberto.

William emitiu um som muito mais visceral, desta vez acompanhado de palavras.

Murray sacudiu a cabeça e estalou a língua em reprovação.

— Sim, bem. Imagino que vou ter que impedir que você morra, porque, se você morrer, provavelmente vai para o inferno, usando uma linguagem assim.

— Não pretendo morrer — William disse laconicamente. Respirava com força e enxugou a testa com o braço livre. Ergueu o outro cuidadosamente e sacudiu a água tingida de sangue das pontas de seus dedos, embora a sensação resultante o

tenha deixado zonzó. Sentou-se no tronco, um pouco abruptamente.

— Coloque a cabeça entre os joelhos, se estiver tonto — Murray sugeriu.

— Não estou tonto. Não houve resposta a isso, salvo o som de mascar. Enquanto esperava a chaleira ferver, Murray vadeou pela água e arrancou vários punhados de uma erva de cheiro forte que crescia perto da margem. Agora, estava no processo de mastigar as folhas, cuspidando a massa verde resultante em um pedaço de pano. Extraíndo uma cebola um pouco murcha do bernal que carregava, cortou uma fatia generosa e examinou criticamente, mas achou que poderia ser usada sem mastigação. Acrescentou-a ao seu emplastro, dobrando o pano cuidadosamente sobre o conteúdo.

Colocou a compressa sobre o ferimento e amarrou-a no lugar com tiras de pano rasgadas da fralda da camisa de William.

Murray ergueu os olhos para ele pensativamente.

— Imagino que você seja muito teimoso, não?

William olhou fixamente para o escocês, desconcertado com a observação, embora na realidade tenha ouvido repetidamente, de amigos, parentes e superiores militares, que sua intransigência um dia iria matá-lo. Certamente isso não transparecia em seu rosto!

— O que quer dizer com isso?

— Não tive intenção de insultá-lo — Murray disse suavemente, inclinándose para apertar o nó da atadura improvisada com os dentes. Virou-se e cuspiu alguns fiapos. — Espero que seja, porque vai ser uma boa distância até encontrarmos ajuda para você e, se você for bastante teimoso para não morrer comigo, seria bom, eu acho.

— Eu disse que não pretendo morrer — William assegurou-lhe. — E não preciso de ajuda. Onde... estamos perto de Dismal Town?

Murray franziu os lábios.

— Não — ele disse, levantando uma das sobrancelhas. — Estava indo para lá?

William pensou por um instante, mas balançou a cabeça, confirmando. Certamente, não havia nenhum mal em contar-lhe isso.

Murray ergueu uma das sobrancelhas.

— Por quê?

— Eu... tenho uns negócios com alguns senhores de lá. — Enquanto dizia isso, o coração de William deu um salto. Santo Deus, o livro! Ficara tão atarantado com suas diversas experiências e aventuras que a verdadeira importância dessa perda nem sequer lhe ocorrera.

Além do seu valor geral como entretenimento e sua utilidade como palimpsesto para suas próprias meditações, o livro era vital para a sua missão.

Continha várias passagens cuidadosamente assinaladas cujo código lhe dava os nomes e endereços dos homens que ele devia visitar — e mais importante ainda, o que deveria lhes dizer. Podia se lembrar de muitos nomes, pensou, mas quanto ao resto...

Sua consternação foi tão grande que ofuscou o latejamento em seu braço e ele levantou-se abruptamente, dominado pela ânsia de correr de volta para dentro do Great Dismal e começar a vasculhá-lo, centímetro por centímetro, até recuperar o livro.

— Você está bem, rapaz? — Murray levantara-se também e olhava para ele com uma combinação de curiosidade e preocupação.

— Eu... sim. É que... lembrei-me de uma coisa, só isso.

— Bem, pense nisso sentado, hein? Você está quase caindo dentro da fogueira.

De fato, a visão de William iluminara-se e pontos pulsantes obscureciam a maior parte do rosto de Murray, embora o ar de preocupação ainda fosse visível.

— Eu... sim. — Sentou-se ainda mais abruptamente do que se levantara, um suor frio e repentino cobrindo seu rosto. A mão de Murray em seu braço bom forçou-o a se deitar, e ele o fez, achando indistintamente que isso era preferível a desmaiar.

Murray fez um ruído escocês de consternação e murmurou alguma coisa incompreensível. William podia sentir o sujeito pairando acima dele, em dúvida.

— Estou bem — ele disse, sem abrir os olhos. — Eu... só... preciso descansar um pouco.

— Mmmmmhum. William não sabia dizer se esse ruído em particular significava resignação ou temor, mas Murray se afastou, voltando instantes depois com um cobertor, com o qual cobriu William sem comentários. William fez um gesto débil de agradecimento, incapaz de falar, já que seus dentes haviam começado a bater com um frio repentino.

Seus músculos já doíam há algum tempo, mas ele ignorara o problema diante da necessidade de continuar avançando. Agora, o peso da exaustão se abatia em cheio sobre ele, uma dor que atingia os ossos e o fazia querer gemer em voz alta. Para não fazer isso, esperou até os calafrios diminuírem o suficiente para ele conseguir falar e, então, chamou Murray.

— O senhor conhece Dismal Town? Já estive lá?

— Uma vez ou outra, sim. — Ele podia ver Murray, uma silhueta escura agachada junto à fogueira, e ouvir os tinidos de metal sobre pedra. É um lugar triste e funesto, como o nome quer dizer. Bem apropriado.

— Ah — William disse debilmente. — Imagino que sim. E c-c-conheceu um sr. Washington, por acaso?

— Uns cinco ou seis. O general tem muitos primos, sabe? — O g-g-g...

— General Washington. Ouviu falar dele? — Havia um distinto tom de humor na voz do escocês-mohawk.

— Já, sim. Mas... certamente isso... — Não fazia sentido. Sua voz definhou e ele se esforçou para fazer seus pensamentos desconexos voltarem à coerência. — É um sr. Henry Washington. Ele também é parente do general?

— Até onde eu saiba, qualquer um chamado Washington num raio de quinhentos quilômetros é parente do general. — Murray inclinou-se para sua sacola, tirando dali um grande volume peludo, uma cauda longa e pelada pendurada. — Por quê?

— Eu... nada. — Os calafrios haviam amainado e ele respirou fundo, os músculos contraídos de sua barriga relaxando-se. Mas os débeis fios de fadiga estavam se fazendo sentir através do atordoamento e do nevoeiro cada vez mais denso da febre. — Alguém me disse que o sr. Henry Washington era um eminente legalista.

Murray virou-se para ele, atônito.

— Quem, em nome de Brígida, lhe diria isso?

— Obviamente, alguém muito enganado. — William pressionou as bases de suas mãos contra os olhos. O braço ferido doía. — O que é isso? Gambá?

Gato-do-mato. Não se preocupe; está fresco. Eu o matei pouco antes de encontrar você.

— Oh. Ótimo. — Sentiu-se obscuramente reconfortado e não conseguiu saber por quê. Não por causa do gato-do-mato; ele já havia comido gato-do-mato várias vezes e achava a carne saborosa, apesar de a febre ter tirado seu apetite. Sentia-se fraco de fome, mas sem nenhuma vontade de comer. Oh. Não, foi o "Não se preocupe". Falado naquele mesmo tom prático e gentil. O cavaleiro Mac costumava dizer isso para ele, muitas vezes, quer o problema fosse ter sido jogado para fora da sela do seu pônei ou não ter tido permissão para acompanhar seu avô à cidade. "Não se preocupe; vai ficar tudo bem."

O som de pele arrancada dos músculos subjacentes o deixou momentaneamente zozado e ele cerrou os olhos.

— Você tem barba ruiva. A voz de Murray chegou até ele, cheia de surpresa.

— Só agora você notou isso? — William disse contrariado, e abriu os olhos. A cor de sua barba era um constrangimento para ele; enquanto os cabelos na cabeça, no peito e nos membros eram de um decente tom castanho-escuro, no seu queixo e em suas partes privadas era de um tom inesperadamente vívido que o mortificava. Ele se barbeava meticulosamente, mesmo a bordo de um navio ou na estrada — mas sua navalha, é claro, fora embora com o cavalo.

— Bem, sim — Murray disse indulgentemente. — Acho que eu estava

distraído antes. — Fez silêncio, concentrando-se em seu trabalho, e William tentou relaxar sua mente, esperando dormir um pouco. Estava muito cansado. Porém, imagens recorrentes do pântano brincavam diante de seus olhos fechados, cansando-o com visões que ele nem podia ignorar, nem repudiar.

Raízes como laços de armadilhas, lama, fétidas massas marrons de fezes de porco frias, estranhamente semelhantes a fezes humanas... folhas mortas amassadas...

Folhas mortas flutuando na água como vidro marrom, reflexos estilizando-se ao redor de suas pernas... palavras na água, as páginas de seu livro, quase apagadas, zombando dele conforme afundavam...

Erguendo os olhos, o céu tão vertiginoso quanto o lago, sentindo que ele poderia cair para cima tão facilmente quanto para baixo, e se afogar no ar encharcado de água... se afogando em seu suor... uma jovem lambia o suor de seu rosto, fazendo cócegas, seu corpo pesado, quente e farto, de modo que ele se contorcia e se virava, mas não conseguia escapar das opressivas atenções...

...O suor se acumulando atrás de suas orelhas, espesso e gorduroso em seus cabelos... crescendo como pérolas lentas e gordas nos pelos espetados de sua barba... esfriando-se sobre sua pele, suas roupas uma mortalha encharcada... A mulher continuava lá, morta agora, um peso morto sobre seu peito, prendendo-o no chão gelado...

Névoa e o frio insinuante... dedos brancos espionando dentro de seus olhos, de suas orelhas. Precisava manter a boca fechada ou ela entraria dentro dele... Tudo branco.

Curvou-se em uma bola, tremendo. William, por fim, caiu mais fundo em um sono agitado, do qual acordou algum tempo mais tarde com o cheiro delicioso de gato-do-mato assado, e se deparou com o enorme cachorro deitado, pressionado contra ele, roncando.

— Santo Deus — exclamou, com desconcertantes lembranças da jovem em seus sonhos. Empurrou o cachorro devagar. — De onde veio isso?

— Esse é Rollo — Murray disse com reprovação. — Eu o fiz se deitar junto a você para lhe dar um pouco de calor; você está com uma tremedeira de febre, caso não tenha notado.

— Sim, notei. — William esforçou-se para se sentar e comer, mas ficou feliz quando se deitou outra vez, a uma distância segura do cachorro, que agora estava deitado de costas, as patas caídas para os lados, parecendo apenas um inseto, gigantesco e peludo, morto. William passou a mão pelo rosto pegajoso, tentando remover aquela imagem perturbadora de sua mente antes que ela se infiltrasse em seus sonhos febris novamente.

A noite caíra completamente e o céu abria-se no alto, amplo, límpido e

vazio, sem lua, mas brilhante com as estrelas distantes. Pensou no pai de seu pai, morto muito antes de seu próprio nascimento, mas um famoso astrônomo amador. Seu pai muitas vezes o levava — e às vezes sua mãe — para se deitarem no gramado de Helwater e ficar olhando as estrelas, nomeando as constelações. Era uma visão fria, aquela vastidão negro-azulada, e fazia seu sangue febril tremer, mas ainda assim as estrelas eram um consolo.

Murray também estava olhando para cima, um ar distante no rosto tatuado. William recostou-se contra o tronco de árvore, tentando pensar. O que deveria fazer em seguida? Ainda estava tentando absorver a notícia de que Henry Washington e, portanto, presumivelmente, o resto de seus contatos em Dismal Town eram rebeldes. Aquele estranho escocês mohawk estaria certo no que dissera? Ou pretendia confundi-lo, por alguma razão própria?

Mas qual seria ela? Murray não podia fazer a menor ideia de quem William era, além de seu nome e do nome de seu pai. E lorde John fora um cidadão civil quando se encontraram há anos, em Fraser's Ridge. Murray não podia saber, sem dúvida, que William era um soldado, muito menos um homem da inteligência militar, e certamente não podia conhecer sua missão. E se ele não queria enganá-lo e estivesse certo no que dizia... William engoliu em seco, a boca seca e pegajosa. Depois, ele escapara por pouco. O que poderia ter acontecido se ele tivesse se deparado com um ninho de rebeldes, em um lugar remoto como Dismal Town, e despreocupadamente se revelado e à sua missão? Eles o enforcariam da árvore mais próxima, seu cérebro respondeu friamente, e atirariam seu corpo no pântano. O que mais?

O que levou a um pensamento ainda mais desconfortável: como o capitão Richardson podia estar tão enganado em suas informações?

Sacudiu a cabeça violentamente, tentando ordenar os pensamentos, mas o único resultado foi deixá-lo tonto outra vez. O movimento atraía a atenção de Murray; ele olhou na direção de William e William falou, impulsivamente.

— Você disse que é um mohawk.

— Sou. Vendo aquele rosto tatuado, os olhos escuros nas órbitas, William não duvidou.

— Como isso aconteceu? — ele perguntou apressadamente, com receio de que Murray pensasse que ele estava lançando dúvidas sobre a verdade do outro. Murray hesitou visivelmente, mas respondeu.

— Casei-me com uma mulher dos kahnyen'kehaka. Fui adotado no clã do Lobo do povo de Snaketown.

— Ah. Sua... mulher está...

— Não sou mais casado. — Não foi dito com nenhum tom de hostilidade, mas de uma maneira tão conclusiva que não dava margem a mais nenhuma conversa.

— Sinto muito — William disse formalmente, e calou-se. Os calafrios começavam a voltar e, apesar de sua relutância, deitou-se outra vez, puxou o cobertor até as orelhas e aconchegou-se junto ao cachorro, que suspirou profundamente e soltou uma sonora flatulência, mas não se mexeu.

Quando a febre finalmente arrefeceu outra vez, ele resvalou para os sonhos outra vez, agora violentos e terríveis. Sua mente de algum modo se voltara para os índios e ele era perseguido por selvagens que se transformavam em cobras, cobras que se transformavam em raízes de árvores, que se contorciam pelas fissuras de seu cérebro, fazendo seu crânio rachar, liberando novos ninhos de cobras, que se enroscavam como laços de armadilhas...

Acordou novamente, banhado de suor e dolorido até os ossos. Tentou se levantar, mas verificou que seus braços não iriam aguentar seu peso. Alguém se ajoelhou a seu lado — era o escocês, o mohawk... Murray. Localizou o nome com certo alívio e com mais alívio ainda percebeu que Murray pressionava um cantil em seus lábios.

Era água do lago; reconheceu seu gosto estranho e amargo, mas fresco, e bebeu avidamente.

— Obrigado — disse com voz rouca, devolvendo o cantil vazio. A água lhe dera forças suficientes para ele se sentar. Sua cabeça ainda estava zonga de febre, mas os sonhos haviam cessado, ao menos por enquanto. Imaginava que espreitassem logo depois do pequeno círculo de luz lançado pelo fogo, à espera, e resolvidos a não deixá-lo dormir outra vez — não imediatamente.

A dor em seu braço piorara; uma sensação ardente, repuxando, e um latejamento que se estendia da ponta dos dedos ao meio do braço. Ansioso para manter tanto a dor quanto a noite a distância, fez nova tentativa de entabular conversa.

— Ouvi dizer que os mohawks acham efeminado demonstrar medo; que, se capturado e torturado por um inimigo, não demonstram nenhum sinal de angústia. É verdade?

— Você tenta não se colocar nessa posição — Murray disse, secamente. — Mas se acontecer... você tem que mostrar coragem, só isso. Você canta a sua canção da morte e espera morrer bem. E é diferente para um soldado inglês? Você não quer morrer como um covarde, não é?

William observou os desenhos bruxuleantes por trás de suas pálpebras cerradas, quentes e sempre mudando de forma, de acordo com o fogo.

— Não — ele admitiu. — E não é muito diferente, a esperança de morrer bem se for inevitável, quero dizer. Mas provavelmente é mais uma questão de levar um tiro ou uma pancada na cabeça, sabe, se você é um soldado. Em vez de ser torturado até a morte, pouco a pouco. A não ser que você se meta em problemas

com um selvagem, creio. O que... Você já viu alguém morrer assim? — perguntou com curiosidade, abrindo os olhos.

Murray estendeu um braço comprido para virar o espeto, sem responder imediatamente. A luz do fogo mostrou seu rosto, indecifrável.

— Sim, já — ele disse serenamente, por fim.

— O que fizeram a ele? — Não sabia ao certo por que perguntara; talvez apenas como forma de distração do latejamento em seu braço.

— Você não vai querer saber. — Isso foi dito de forma muito decisiva; Murray não estava de forma alguma incitando-o a fazer mais perguntas. No entanto, teve o mesmo efeito; o vago interesse de William aguçou-se imediatamente.

— Quero, sim. Murray apertou os lábios, mas William sabia algumas maneiras de extrair informações a essa altura e foi bastante inteligente para manter-se em silêncio, meramente mantendo os olhos fixos no homem à sua frente.

— Tiraram sua pele — Murray disse finalmente e remexeu as brasas com uma vareta. — Um deles. Pedacinho por pedacinho. Atiraram lascas incandescentes de pinheiro na carne viva. Deceparam suas partes íntimas. Depois, armaram uma fogueira ao redor de seus pés, para queimá-lo vivo, antes que morresse de choque. Isso... levou algum tempo.

— Imagino. — William tentou evocar uma cena dos procedimentos, e com tanto sucesso que desviou os olhos da carcaça do gato-do-mato enegrecido, descarnado até os ossos.

Fechou os olhos. Seu braço continuava a latejar a cada batida do seu coração e ele tentou não imaginar a sensação de lascas incandescentes enfiadas em sua carne.

Murray ficou em silêncio; William não conseguia nem sequer ouvir sua respiração. Mas ele sabia, com tanta certeza como se estivesse dentro da cabeça do outro, que ele, também, estava imaginando a cena — embora no caso dele não fosse necessário imaginação. Ele estaria revivendo a cena.

William remexeu-se um pouco, provocando uma dor abrasadora em seu braço, e cerrou os dentes, para não fazer nenhum ruído.

— Os homens... você mesmo, eu deveria dizer... pensou como se sairia nessa situação? — perguntou serenamente. — Se conseguiria aguentar?

— Todo homem pensa nisso. — Murray levantou-se abruptamente e dirigiu-se ao outro lado da clareira. William o ouviu urinar, mas ele ainda se demorou mais alguns minutos antes de voltar.

O cachorro acordou repentinamente, levantando a cabeça, e balançou sua enorme cauda devagar de um lado para o outro ao ver seu dono. Murray riu baixinho e disse alguma coisa em uma língua estranha — mohawk? gaélico? — para o cachorro, depois abaixou-se e arrancou um quarto traseiro dos restos do gato-do-

mato, atirando-o para o animal. O cachorro ergueu-se como um raio, os dentes fechando-se sobre a carcaça, em seguida saiu trotando alegremente para o outro lado do fogo e sentou-se, lambendo sua presa.

Despojado de seu companheiro de cama, William esticou-se cuidadosamente, a cabeça apoiada sobre o braço bom, e observou enquanto Murray limpava sua faca, tirando o sangue e a gordura com tufos de capim.

— Você disse que canta sua canção da morte. Que tipo de canção é essa? Murray pareceu desconcertado. — Quero dizer — William procurou ser mais claro —, que tipo de coisa você... alguém... diria em uma canção da morte?

— Oh. — O escocês abaixou os olhos para as mãos, os dedos longos e nodosos deslizando devagar pela lâmina. — Só a ouvi uma vez, veja bem. Os outros dois que eu vi morrer dessa forma... eram homens brancos e não tinham canções da morte, propriamente. O índio, ele era um onondaga, ele... bem, havia muita coisa no começo sobre quem ele era: um guerreiro de qual povo, quero dizer, e seu clã, sua família. Depois, bastante sobre o quanto ele desprezava o povo que estava prestes a matá-lo. — Murray limpou a garganta. — Um pouco sobre o que ele fizera: suas vitórias, os guerreiros valorosos que matara e como o receberiam bem na morte. Então... como ele pretendia atravessar o... — tateou em busca de uma palavra — ...o caminho entre aqui e o que existe depois da morte. A divisa, imagino que você diria, mas a palavra significa algo mais como um abismo.

Ele ficou em silêncio por um instante, mas não como se tivesse terminado — mais como se tentasse se lembrar de algo exatamente. Empertigou-se repentinamente, respirou fundo e, com os olhos cerrados, começou a recitar algo que William achou ser na língua mohawk. Era fascinante — toques ritmados de "n"s, "r"s e "t"s, como batidas de tambor.

— Depois, vinha uma parte que falava sobre as terríveis criaturas que ele encontraria a caminho do paraíso — Murray disse, num rompante. — Coisas como cabeças voadoras, com dentes.

— Cruzes — William disse, e Murray riu, tomado de surpresa.

— Sim. Eu mesmo não gostaria de ver uma dessas. William pensou nisso por alguns instantes.

— Você compõe sua própria canção da morte com antecedência, para o caso de ser necessária, quero dizer? Ou apenas confia na, hum, inspiração do momento?

Murray pareceu um pouco desconcertado com isso. Pestanejou e olhou para o lado.

— Eu... bem... não se fala muito sobre isso, sabe? Mas, sim, eu realmente tive um ou dois amigos que me disseram um pouco sobre o que haviam pensado, no caso de haver uma necessidade.

— Hum. — William virou-se de costas, olhando para as estrelas. — Você só

canta uma canção da morte se estiver sendo torturado até a morte? E se você estiver apenas doente, mas ache que vai morrer?

Murray parou o que estava fazendo e espreitou-o, desconfiado.

— Você não está morrendo, está?

— Não, só pensando — William assegurou-lhe. Não achava que estivesse morrendo.

— Mmmhmm — o escocês disse, em dúvida. — Sim, bem. Não, você canta sua canção da morte se tiver certeza de que está prestes a morrer, não importa como.

— Mais crédito para você, entretanto — William sugeriu —, se o fizer enquanto estiverem enfiando farpas em brasa em você, não é?

O escocês riu alto e de repente se pareceu bem menos com um índio. Passou os nós dos dedos pela boca.

— Para ser franco... O onondaga... não sei se ele fez isso muito bem — Murray disse repentinamente. — Mas não parece direito criticar. Quero dizer, não posso dizer que eu faria melhor... nas circunstâncias.

William riu, também, mas em seguida ambos silenciaram. William achou que Murray estivesse, como ele estava, imaginando-se nessa situação, amarrado a uma estaca, prestes a sentir uma terrível tortura. Ergueu os olhos para a vastidão do céu, tentando compor alguns versos: Sou William Clarence Henry George Ransom, Conde de... Não, ele nunca gostara de sua fileira de nomes. Sou William... pensou, indistintamente. William...James... James era seu nome secreto; há anos não pensava nele. Mas era melhor do que Clarence. Eu sou William. O que mais havia a dizer? Não muito, ainda. Não, era melhor ele não morrer, não até que tivesse feito alguma coisa que valesse uma canção da morte adequada.

Murray permaneceu em silêncio, o fogo refletido em seus olhos sombrios. Observando-o, William pensou que o escocês mohawk devia ter sua própria canção da morte pronta há algum tempo. Logo adormeceu ao som dos estalidos da fogueira e à tranquila mastigação de ossos, ardendo em febre, mas corajoso. Ele vagava através de uma névoa de sonhos torturantes envolvendo ser perseguido por serpentes negras por uma ponte oscilante e infindável sobre um abismo sem fundo. Cabeças voadoras amarelas, com olhos nas cores do arco-íris, atacavam-no em bandos, seus dentes minúsculos, afiados como os de um rato, perfurando sua carne. Agitou um braço para afastá-las, e a dor que dardejou pelo seu braço com o movimento o acordou.

Ainda estava escuro, embora o ar límpido e frio lhe dissesse que o amanhecer não estava distante. O toque em seu rosto o fez estremecer, provocando um calafrio.

Alguém disse alguma coisa que ele não entendeu e, ainda emaranhado no miasma dos delírios febris, achou que devia ser uma das serpentes com que estivera

falando antes de começarem a persegui-lo.

A mão de alguém tocou sua testa e um polegar grande levantou uma de suas pálpebras. Um rosto indígena flutuou em sua visão turva de sono, com um ar de interrogação.

Ele fez um ruído irritado e desviou a cabeça com um safanão, pestanejando. O índio disse alguma coisa, perguntando, e uma voz familiar respondeu. Quem... Murray. O nome pareceu estar flutuando junto a seu cotovelo e ele se lembrou vagamente de que o próprio Murray o acompanhara em seu sonho, repreendendo as serpentes com um forte sotaque escocês.

Mas ele não estava falando inglês agora, nem mesmo a peculiar língua escocesa das Highlands. William forçou sua cabeça a se virar, apesar de seu corpo ainda estremecer de frio.

Havia vários índios agachados ao redor da fogueira, sem se sentar no chão para manter o traseiro fora do capim molhado de sereno. Um, dois, três... seis ao todo. Murray estava sentado no tronco com um deles, conversando.

Não, sete. Outro homem, o que havia tocado nele, inclinou-se sobre ele, espreitando seu rosto.

— Acha que vai morrer? — o homem perguntou, com um leve ar de curiosidade.

— Não — William disse entre dentes cerrados. — Quem diabos é você? O índio pareceu achar a pergunta engraçada e gritou para seus amigos, aparentemente repetindo-a. Todos riram e Murray olhou em sua direção, levantando-se quando viu que William estava acordado.

— Kahnyen'kehaka — disse o homem que assomava acima dele, rindo. — Quem diabos é você?

— Ele é meu parente — Murray disse sucintamente, antes que William pudesse responder. Empurrou levemente o índio para o lado e agachou-se ao lado de William. — Ainda está vivo, hein?

— Evidentemente. — Lançou um olhar mal-humorado para Murray. — Não vai me apresentar aos seus... amigos?

O primeiro índio desatou a rir e aparentemente traduziu o que ele disse para os outros dois ou três que haviam se aproximado para espreitá-lo com interesse. Também acharam engraçado.

Murray não pareceu achar graça.

— Meus parentes — ele disse secamente. — Alguns deles. Quer água?

— Você tem muitos parentes... primo. Sim, por favor. Esforçou-se para se levantar, com a ajuda de um só braço, relutante em deixar o conforto pegajoso de seu cobertor úmido de sereno, mas obedecendo a uma necessidade inata que lhe dizia que ele precisava ficar em pé. Murray parecia conhecer bem esses índios, mas,

parentes ou não, havia certa tensão na boca e nos ombros de Murray. E era bastante evidente que Murray lhes dissera que William era seu parente, porque se não dissesse...

Kahnyen'kehaka. Foi o que o índio disse quando perguntado quem ele era. Não era seu nome, William compreendeu de repente. Era o que ele era. Murray usara a palavra no dia anterior, quando mandou os dois mingos embora.

Sou kahnyen'kehaka, ele dissera. Um mohawk. Eles têm medo de mim. Ele dissera isso como afirmação de um simples fato e William preferiu não insistir no assunto, as circunstâncias sendo as que eram. Vendo o que evidentemente era um grupo de mohawks, pôde compreender a prudência dos mingos. Os mohawks tinham um ar de cordial ferocidade, sobre uma camada de confiança descontraída, inteiramente apropriada a alguém que estava preparado para cantar, ainda que mal, enquanto era emasculado e queimado vivo.

Murray entregou-lhe um cantil e ele bebeu sofregamente, depois despejou um pouco de água no rosto. Sentindo-se um pouco melhor, afastou-se para urinar, depois voltou e agachou-se junto à fogueira, entre dois dos selvagens, que o examinaram com franca curiosidade.

Somente o homem que levantara sua pálpebra parecia falar inglês, mas o resto balançou a cabeça para ele, reservados, mas bastante amistosos. William olhou para o outro lado do fogo e começou a recuar, quase perdendo o equilíbrio. Uma figura comprida, castanho-amarelada, jazia no capim do outro lado do fogo, a luz brilhando em seus flancos.

— Está morto — Murray disse secamente, vendo seu espanto. Todos os mohawks riram.

— Percebi — ele retrucou, igualmente seco, embora seu coração ainda martelasse com o choque. — Bem feito, se for o que pegou meu cavalo. — Agora que olhava melhor, percebia mais formas do outro lado da fogueira. Um pequeno veado, um porco, uma onça pintada e duas ou três garças, montículos brancos na grama escura. Bem, isso explica a presença dos mohawks no pântano: tinham vindo caçar, como todo mundo.

Amanhecia; o vento fraco agitava os cabelos úmidos em sua nuca e trazia até ele o cheiro acre de sangue e almíscar dos animais. Tanto sua mente quanto sua língua pareciam espessas e lentas, mas ele conseguiu dizer algumas palavras elogiosas pelo sucesso dos caçadores; ele sabia ser gentil. Murray, traduzindo por ele, pareceu surpreso, embora satisfeito, em descobrir que William tinha boas maneiras. William não se sentia bem o suficiente para se ofender.

A partir daí, a conversa se tornou geral, realizada em sua maior parte em mohawk. Os índios não demonstravam nenhum interesse em particular em William, embora o índio a seu lado lhe passasse um pedaço de carne fria com camaradagem.

Ele fez um sinal com a cabeça em agradecimento e se forçou a comer, embora tivesse preferido engolir a sola de seu sapato. Sentia-se mal e pegajoso, e ao terminar de comer a carne balançou a cabeça educadamente para o índio a seu lado e foi se deitar outra vez, esperando não vomitar.

Vendo isso, Murray ergueu o queixo na direção de William e disse alguma coisa a seus amigos em mohawk, terminando com uma espécie de pergunta.

O índio que falava inglês, um sujeito baixo e troncudo, com uma camisa de lã xadrez e calças de camurça, deu de ombros em resposta, em seguida levantou-se e veio inclinar-se sobre ele outra vez.

— Mostre-me o braço — ele disse, e sem esperar a aquiescência de William pegou seu pulso e levantou a manga de sua camisa. William quase desmaiou.

Quando os pontos negros pararam de girar diante de seus olhos, viu que Murray e mais dois índios tinham vindo se juntar ao primeiro. Todos eles olhavam para seu braço exposto, francamente consternados. Ele não queria ver, mas arriscou uma olhadela. Seu antebraço estava grotescamente inchado, quase duas vezes o tamanho normal, e veios escuros, avermelhados, corriam de baixo do curativo firmemente atado até o pulso.

O índio que falava inglês — como Murray o chamara? Glutão, pensou, mas por quê? — tirou sua faca e cortou a bandagem. Somente com a remoção da constrição da atadura é que William percebeu o quanto era desconfortável. Reprimiu a vontade urgente de coçar o braço, sentindo o formigamento da circulação que retornava. Formigamento, maldição. Parecia que seu braço estava envolvido por um enxame de lava-pés, todos picando-o.

— Merda — exclamou, entre dentes. Todos os índios conheciam a palavra, evidentemente, pois todos gargalharam, exceto Glutão e Murray, que inspecionavam seu braço.

Glutão — ele não parecia gordo, por que era chamado assim? — cutucou seu braço com extremo cuidado, sacudiu a cabeça e disse algo a Murray, depois apontou na direção oeste.

Murray passou a mão pelo rosto, depois sacudiu a cabeça violentamente, como uma pessoa que tenta afastar a fadiga ou a preocupação. Em seguida, deu de ombros e perguntou alguma coisa ao grupo mais afastado. Uns balançaram a cabeça, outros deram de ombros, e vários homens se levantaram e se embrenharam na mata.

Uma série de perguntas girou devagar pelo cérebro de William, redondas e brilhantes como os globos de metal do planetário de seu avô na biblioteca da casa de Londres em Jermyn Street.

O que estão fazendo? O que está acontecendo? Estou morrendo? Estou morrendo como um soldado inglês? Por que ele... soldado inglês... Sua mente pegou a ponta dessa última, puxando-a para baixo para examiná-la melhor. "Soldado inglês"

— quem dissera isso?

A resposta girou devagar até se colocar diante de seus olhos. Murray. Quando conversaram à noite... O que Murray havia dito?

"E é diferente para um soldado inglês? Você não quer morrer como um covarde, não é?"

— Não vou morrer de jeito nenhum — ele murmurou, mas sua mente o ignorou, determinada a averiguar esse pequeno mistério. O que Murray quisera dizer com isso? Teria falado teoricamente? Ou ele de fato reconhecera William como um soldado inglês?

Sem dúvida, não era possível. E o que ele dissera em resposta? O sol começava a surgir, a luz da aurora suficientemente brilhante para ferir seus olhos, apesar de branda como era. Apertou os olhos, concentrando-se.

"Não é muito diferente, a esperança de morrer bem, se for inevitável", ele dissera. Então, ele respondera como sendo um soldado inglês, droga.

No momento, ele não se importava realmente se morresse bem ou como um cachorro.... Onde estava o... oh, ali. Rollo cheirou seu braço, emitindo um pequeno ganido no fundo da garganta, depois encostou o focinho no ferimento e começou a lambê-lo. Foi uma sensação muito peculiar, mas estranhamente calmante, e ele não fez nenhum movimento para afastar o cachorro.

O que... oh, sim. Ele havia apenas respondido, sem notar o que Murray dissera. Mas e se Murray realmente soubesse quem — ou o quê — ele era? Uma pequena pontada de sobressalto penetrou na confusão de seus pensamentos arrastados. Murray já o estaria seguindo antes de ele entrar no pântano? Talvez o tivesse visto falando com o homem da fazenda perto da borda do pantanal e o tivesse seguido, pronto a interceptá-lo quando a oportunidade se oferecesse? Mas se isso fosse verdade...

O que Murray dissera sobre Henry Washington, sobre Dismal Town — seria mentira?

O índio atarracado ajoelhou-se a seu lado, afastando o cachorro. William não podia fazer nenhuma das perguntas que entupiam seu cérebro.

— Por que o chamam de Glutão? — ele perguntou, em vez disso, em meio a uma neblina de dor e febre.

O índio exibiu um largo sorriso e abriu a gola da camisa, revelando uma rede de cicatrizes altas que cobriam pescoço e peito.

— Matei um — ele disse. — Com as mãos. Meu espírito animal de proteção agora. Você tem um?

— Não. O índio olhou-o com reprovação. — Você precisa de um, se vai sobreviver a isso. Escolha um. Um bastante forte.

Confusamente obediente, William tateou através de imagens aleatórias de

animais: porco... cobra... veado... gato-do-mato... não, fedidos demais.

— Urso — ele disse, escolhendo esse com determinação. Nenhum mais forte do que um urso, não é mesmo?

— Urso — o índio repetiu, balançando a cabeça. — Sim, este é bom. — Ele cortou a manga da camisa de William com a faca; o tecido já não se ajustava facilmente sobre o braço inchado. A luz do sol inundou-o repentinamente, refletindo-se, prateada, da lâmina da faca. Ele olhou para William então e riu.

— Você tem uma barba muito ruiva, Ursinho, sabe disso?

— Sim, sei — William disse, e fechou os olhos contra as lanças da luz da manhã.

Glutão queria a pele do gato-do-mato, mas Murray, alarmado com as condições de William, recusou-se a esperar que ele a preparasse. O resultado da discussão foi que William se viu ocupando um travois apressadamente construído, lado a lado com o felino morto, sendo arrastado pelo terreno irregular, atrás do cavalo de Murray. Seu destino, pelo que pôde perceber, era um vilarejo a uns quinze quilômetros de distância, que tinha um médico.

Glutão e dois dos outros mohawks os acompanhavam para mostrar o caminho, deixando os demais companheiros continuando a caçada.

O gato-do-mato fora estripado, o que William imaginava que era melhor do que se não tivesse sido — o dia estava cada vez mais quente —, mas o cheiro de sangue atraía enxames de moscas, que se banquetavam sem nenhuma pressa, uma vez que o cavalo, sobrecarregado com o travois, não conseguia deixá-las para trás. As moscas zumbiam e zuniam, um som agudo junto aos ouvidos, deixando seus nervos à flor da pele, e, embora muitas estivessem interessadas no animal, tantas resolviam experimentar o gosto de William que ele até se esquecia do braço.

Quando os índios paravam para urinar e beber água, eles içavam William, colocando-o de pé — um alívio, mesmo vacilante como ele estava. Murray olhou para suas feições mordidas de mosquitos e queimadas do sol, e enfiou a mão na bolsa de pele pendurada na cintura; retirou dali uma latinha amassada, contendo um unguento extremamente malcheiroso, com o qual untou William generosamente.

— Só faltam oito ou nove quilômetros — ele assegurou a William, que não havia perguntado.

— Oh, ótimo — William disse, com todo o vigor que conseguiu reunir. — Não é o inferno, então, afinal de contas; apenas o purgatório. O que são mais mil anos?

Isso fez Murray rir, apesar de Glutão o ter olhado com perplexidade.

— Você vai conseguir — Murray disse, dando um tapinha em seu ombro. — Quer caminhar um pouco?

— Oh, por Deus, quero. Sua cabeça girava, seus pés recusavam-se a apontar

para frente e seus joelhos pareciam dobrar em direções inesperadas, mas qualquer coisa era melhor do que mais uma hora de convivência com as moscas que cobriam os olhos vidrados e a língua seca do gato-do-mato. Apoiando-se em um vigoroso galho cortado de uma muda de carvalho, avançava penosa e obstinadamente atrás do cavalo, alternadamente banhado de suor e tremendo com calafrios viscosos, mas determinado a se manter em pé, a menos que realmente caísse.

O unguento de fato manteve as moscas a distância — todos os índios estavam igualmente untados — e, quando não estava lutando com os tremores, ele caía em uma espécie de transe, preocupado apenas em colocar um pé adiante do outro.

Os índios e Murray ficaram de olho nele durante algum tempo, depois, porém, satisfeitos de ver que ele conseguia se manter em pé, retornaram às suas próprias conversas. Ele não conseguia entender os dois índios que falavam em mohawk, mas Glutão parecia estar interrogando Murray rigorosamente em relação à natureza do purgatório.

Murray tinha alguma dificuldade em explicar o conceito, aparentemente devido ao fato de o mohawk não ter nenhuma noção de pecado ou de um Deus preocupado com as fraquezas do homem.

— Você tem sorte de ter se tornado um kahnnyen'kehaka — Glutão disse finalmente, sacudindo a cabeça. — Um espírito que não está satisfeito com o fato de um homem mau estar morto, mas ainda quer torturá-lo após a morte? E os cristãos acham que somos cruéis!

— Sim, bem — Murray retrucou —, mas pense bem. Digamos que um homem seja um covarde e não tenha morrido dignamente. O purgatório lhe dá uma oportunidade de provar sua coragem, afinal de contas, não é? E quando ele provar que é um homem bom, então a ponte é aberta para ele e ele pode atravessar sem problemas as nuvens de coisas terríveis até o paraíso.

— Hum! — Glutão disse, embora ainda parecesse em dúvida. — Imagino que se um homem pode aguentar ser torturado por centenas de anos... mas como ele faz isso, sem corpo?

— Acha que um homem precisa de um corpo para ser torturado? — Murray fez a pergunta com certa aridez e Glutão resmungou com um ruído que tanto poderia ser concordância quanto uma risadinha, e não insistiu no assunto.

Todos continuaram avançando em silêncio por algum tempo, cercados por gritos de pássaros e pelo alto zumbido das moscas. Preocupado com o esforço de se manter de pé, William fixara sua atenção na nuca de Murray como um meio de não sair da trilha e assim notou quando o escocês, que conduzia o cavalo, diminuiu um pouco a marcha.

Pensou, a princípio, que fosse por causa dele e estava prestes a protestar,

afirmando que podia acompanhar o passo — por um breve período, ao menos —, mas viu, então, que Murray olhou de relance para o outro mohawk, que se adiantara, depois se virou para Glutão e lhe perguntou alguma coisa, em uma voz baixa demais para que William pudesse decifrar as palavras.

Glutão deu de ombros, relutante, depois relaxou, resignado.

— Oh, compreendo — ele disse. — Ela é seu purgatório, hein?

Murray fez um som de hesitante, achando graça.

— E isso importa? Perguntei se ela está bem.

Glutão suspirou, encolhendo um dos ombros.

— Sim, bem. Ela tem um filho. Uma filha, também, eu acho. Seu marido...

— Sim? — A voz de Murray endurecera repentinamente.

— Conhece Thayendanegea?

— Conheço. — Agora Murray parecia curioso. William também estava curioso, de uma maneira vaga, desfocada, e esperou para ouvir quem seria Thayendanegea e o que ele tinha a ver com a mulher que era — que fora — amante de Murray? Oh, não.

"Não sou mais casado." Sua mulher, então. William sentiu uma leve pontada de compaixão, pensando em Margery. Pensara nela apenas ocasionalmente, se pensara, nos últimos quatro anos, mas de repente sua traição lhe pareceu uma tragédia. Sua imagem girou ao seu redor, fragmentada por um sentimento de pesar. Sentiu gotas escorrendo pelas suas faces, não sabia se lágrimas ou suor. Ocorreu-lhe o pensamento, lentamente, como se viesse de uma grande distância, de que ele devia estar delirando, mas não tinha a menor ideia do que deveria fazer a respeito.

As moscas não estavam picando, mas ainda zumbiam em seus ouvidos. Ficou ouvindo o zumbido com grande concentração, convencido de que as moscas estavam tentando lhe dizer alguma coisa importante. Ouviu com grande atenção, mas só conseguiu discernir sílabas sem sentido. "Shosha." "Nik." "Osonni." Não, essa era uma palavra, essa ele conhecia! Homem branco, significava "homem branco" — estariam falando dele?

Abanou a mão desajeitadamente junto à orelha, afastando as moscas, e discerniu aquela palavra outra vez: "purgatório".

Durante algum tempo, não conseguiu identificar o significado da palavra; ela pairou diante de si, coberta de moscas. Obscuramente, ele percebeu os flancos do cavalo, brilhando ao sol, as linhas gêmeas feitas na terra pelo — como se chamava mesmo? Uma coisa feita de — cama — não, lona; sacudiu a cabeça. Era seu saco de dormir, enrolado em dois paus compridos, se arrastando, arrastando... "trovoá", essa era a palavra — sim. E o animal, havia um animal ali, olhando para ele com olhos como âmbar bruta, a cabeça virada sobre o ombro, a boca aberta, as presas à mostra.

Agora, o gato falava com ele, também. — Você está maluco, sabe? — Sei —

ele murmurou. Não apreendeu a resposta do gato, resmungada com sotaque escocês.

Inclinou-se mais para perto, para ouvir melhor. Sentiu como se flutuasse para baixo, através do ar denso como água, na direção daquela boca aberta. Repentinamente, toda a sensação de esforço desapareceu; já não se movia, mas de algum modo era amparado. Não conseguia ver o gato... oh. Ele estava estendido no chão, capim e terra sob sua face.

A voz do gato flutuou até ele novamente, com raiva, mas resignada. — Este é o seu purgatório? Acha que pode sair dele andando para trás? Bem, não, William pensou, sentindo-se em paz. Isso não fazia o menor sentido.



LUCIDEZ

A jovem deu um pique com as lâminas de sua tesoura, cuidadosamente.

— Tem certeza? — ela perguntou. — Que pena, amigo William. Uma cor tão brilhante!

— Imagino que não a consideraria apropriada, srta. Hunter — William disse, sorrindo. — Sempre ouvi dizer que os quakers consideram as cores berrantes mundanas. — A única cor no próprio vestido dela era um pequeno broche cor de bronze que prendia o lenço em seu colo. Tudo o mais era em tons de bege, apesar de ele achar que lhe caíam bem.

Ela olhou para ele com ar de reprovação. — Enfeites vistosos nas roupas não são o mesmo que a aceitação agradecida dos dons que Deus lhe deu. Por acaso os pássaros arrancam suas penas coloridas ou as rosas atiram fora suas pétalas?

— Duvido que as rosas sintam comichão — ele disse, coçando o queixo. A ideia de sua barba como um dom de Deus era novidade, mas não suficientemente persuasiva a ponto de convencê-lo a andar por aí como um barba-ruiva. Além de sua cor infeliz, ela crescia com vigor, mas era rala. Ele olhou com desaprovação para o modesto espelhinho quadrado em sua mão. Não havia nada que pudesse fazer com aquela pele queimada de sol que estava descascando no nariz e nas bochechas, nem com as esfoladuras e arranhões, agora com casca, adquiridos durante suas aventuras no pântano — mas os odiosos caracóis cor de cobre que brotavam vistosamente de seu queixo e se espalhavam como um musgo desfigurante ao longo do maxilar — isso, ao menos, podia ser resolvido de imediato.

— Por favor, sim? Ela torceu o canto dos lábios e ajoelhou-se ao lado do banquinho em que ele estava sentado, virando a cabeça de William com uma das mãos sob seu queixo, de modo a aproveitar melhor a luz da janela.

— Muito bem, então — ela disse, encostando a tesoura fria contra seu rosto. — Pedirei a Denny que venha barbeá-lo. Atrevo-me a dizer que posso cortar sua barba sem feri-lo, mas... seus olhos se estreitaram e ela inclinou-se mais para perto, cortando a barba delicadamente ao redor de seu queixo — nunca raspei a pele de nada além de um porco morto.

— Barbeiro, barbeiro — ele cantarolou a música infantil, tentando não mover os lábios —, barbeie um porco. Como...

Os dedos da jovem pressionaram-se por baixo de seu queixo, fechando sua boca com firmeza, mas ela fez o pequeno som resfolegado que, para ela, passava por uma risadinha. Plique, plique, plique. As lâminas faziam cócegas agradavelmente em seu rosto e os pelos crespos roçavam em suas mãos conforme caíam na velha toalha de linho que ela estendera em seu colo.

Ele não tivera oportunidade de estudar o rosto dela de tão perto e aproveitou a breve oportunidade. Seus olhos eram quase castanhos, não inteiramente verdes. Teve a vontade súbita de beijar a ponta de seu nariz. Em vez disso, fechou os olhos e respirou fundo. Ela andara ordenhando uma cabra, ele podia sentir.

— Eu mesmo posso me barbear — ele disse, quando ela abaixou a tesoura. Ela ergueu as sobrancelhas e lançou um olhar a seu braço. — Eu ficaria admirada se você já conseguisse comer com a própria mão, quanto mais se barbear.

Na verdade, ele mal conseguia levantar o braço direito, e ela andara lhe dando comida nos últimos dois dias. Assim sendo, achou melhor não lhe contar que ele, na realidade, era canhoto.

— Está sarando bem — ele disse, virando o braço na direção da luz. O dr. Hunter havia removido o curativo naquela manhã, expressando satisfação com o resultado. A ferida ainda estava vermelha e enrugada, a pele ao redor desagradavelmente branca e úmida. Estava, entretanto, sarando; o braço já não estava inchado e os nefastos veios vermelhos haviam desaparecido.

— Bem — ela disse, pensativamente —, é uma bela cicatriz, eu acho. Bem costurada e, de certa forma, até bonita.

— Bonita? — William repetiu, olhando ceticamente para o braço. Já ouvira homens de vez em quando descreverem uma cicatriz como "bonita", mas geralmente se referiam a uma que tivesse cicatrizado diretamente, sem desfigurar o ferido. Esta era irregular e espalhada, com uma longa cauda se estendendo na direção do pulso. Ele quase — assim lhe contaram depois do fato — perdera o braço: o dr. Hunter o segurara e colocara a serra de amputação logo acima do ferimento, quando então o abscesso que se formara sob a ferida explodiu em sua mão. Vendo isso, o médico apressadamente drenou a ferida, aplicou uma compressa de alho e confrei, e rezou — com ótimo resultado.

— Parece uma enorme estrela — Rachel Hunter disse, com aprovação. — Uma de significado. Um grande cometa, talvez. Ou a Estrela de Belém, que conduziu os sábios à manjedoura de Cristo.

William girou o braço, considerando. Ele próprio achou que se parecia mais com uma bala de morteiro explodindo, mas disse apenas "hum!" de maneira encorajadora. Queria continuar a conversa — ela quase não se demorava quando

vinha dar-lhe comida, tendo muitas outras tarefas a cumprir — e assim levantou seu queixo recém-tosqueado e indicou o broche que ela usava.

— É bonito — disse. — Não é muito mundano?

— Não — ela respondeu secamente, colocando a mão no broche. — É feito do cabelo de minha mãe. Ela morreu quando eu nasci.

— Ah. Sinto muito — ele disse, e com um instante de hesitação acrescentou: — A minha também.

Ela parou e olhou para ele. Por um instante, ele viu o lampejo de algo em seus olhos que era mais do que a atenção prática que ela daria a uma vaca prenha ou a um cachorro que havia comido alguma coisa estragada.

— Sinto por você, também — ela disse suavemente, depois se virou com determinação. — Vou chamar meu irmão.

Seus passos ecoaram pela escada, rápidos e leves. Ele pegou a toalha pelas pontas e sacudiu-a pela janela, espalhando as aparas de pelos ruivos aos quatro ventos, e já iam tarde. Ele deixaria a barba crescer como um disfarce rudimentar se ela fosse de um castanho-escuro decente. No entanto, sendo como era, uma barba naquela cor espalhafatosa atrairia os olhares de quem quer que o visse.

O que fazer agora?, perguntou-se. Sem dúvida, ele estaria em condições de partir amanhã.

Suas roupas ainda estavam usáveis, apesar de em péssimo estado; a srta. Hunter havia remendado os rasgos em suas calças e casaco. Mas ele não tinha cavalo, não tinha dinheiro, salvo duas moedas de seis pennies que estavam em seu bolso, e havia perdido o livro com a lista de seus contatos e suas mensagens. Podia se lembrar de alguns dos nomes, mas sem o código de palavras e sinais adequados...

Pensou repentinamente em Henry Washington e naquela conversa enevoadada, lembrada apenas em parte, que tivera com Ian Murray junto à fogueira, antes de começarem a conversar sobre canções da morte. Washington, Cartwright, Harrington e Carver. A lista cantarolada voltou à sua mente, juntamente com a intrigada resposta de Murray à sua menção de Washington e Dismal Town.

Não conseguia imaginar nenhuma razão para Murray tentar enganá-lo no assunto. Mas se ele estivesse certo — o capitão Richardson estaria grosseiramente equivocado em seu trabalho de inteligência? Era possível, sem dúvida. Apesar do pouco tempo em que estava nas colônias, ele aprendera que as lealdades podiam mudar muito rapidamente, com a mudança das notícias de ameaça ou oportunidade.

Mas... disse a vizinha fria da razão, e ele sentiu seu toque gelado na nuca. Se o capitão Richardson não estava errado... então, ele pretendia enviá-lo para a morte ou a prisão.

A gravidade da ideia deixou sua boca seca e ele estendeu a mão para a xícara de chá de ervas que a srta. Hunter lhe trouxera. Tinha um gosto horrível, mas

ele mal notou, agarrando a xícara como se fosse um talismã contra a perspectiva que imaginava. Não, garantiu a si mesmo. Não era possível. Seu pai conhecia Richardson. Certamente, se o capitão fosse um traidor... O que ele estava pensando? Tomou um grande gole do chá, fazendo uma careta enquanto engolia.

— Não — disse em voz alta —, não é possível. Ou não é provável — acrescentou, com justiça. — A navalha de Occam.

O pensamento acalmou-o um pouco. Ele aprendera os princípios básicos da lógica quando ainda era muito novo e já tivera a oportunidade de encontrar em Guilherme de Occam um guia confiável. Seria mais provável que o capitão Richardson fosse um traidor secreto que enviara de propósito William para o perigo — ou que o capitão estivesse mal-informado ou simplesmente cometera um erro?

Pensando bem, por que motivo? William não tinha ilusões em relação à sua própria importância no esquema geral. Onde estaria o benefício para Richardson — ou qualquer outra pessoa — em destruir um oficial novato encarregado de uma tarefa menor da inteligência?

Muito bem, então. Relaxou um pouco e, tomando um inadvertido gole do horrível chá, engasgou-se com ele e tossiu, pingando chá para todos os lados.

Ainda limpava a sujeira com a toalha quando o dr. Hunter veio subindo as escadas rapidamente. Denzell Hunter deveria ser uns dez anos mais velho do que a irmã, perto dos trinta anos, de ossatura miúda e alegre como um galo de briga. Sorriu, radiante, ao ver William, obviamente tão encantado com a recuperação de seu paciente que William retribuiu o sorriso calorosamente.

— Sissy me disse que você quer se barbear — o médico disse, colocando sobre a mesa a caneca e o pincel de barbear que trouxera. — Pelo visto, deve estar se sentindo bastante bem para querer voltar à sociedade, pois a primeira coisa que um homem faz quando está livre das restrições sociais é deixar a barba crescer. Seus intestinos já se movimentaram?

— Não, mas pretendo fazer isso quase de imediato — William assegurou-lhe. — Não pretendo, entretanto, me aventurar em público parecendo um bandido, nem mesmo na latrina. Não gostaria de escandalizar seus vizinhos.

O dr. Hunter riu e, retirando uma navalha de um dos bolsos e os óculos de armação prateada do outro, assentou o último com firmeza no nariz e apanhou o pincel de barba.

— Oh, Sissy e eu já somos alvo de comentários e bisbilhotices — assegurou a William, inclinando-se para perto dele para aplicar a espuma. — Ver bandidos saindo de nossa latrina apenas confirmaria as opiniões de nossos vizinhos.

— É mesmo? — William falou com cautela, virando a boca para evitar que fosse inadvertidamente enchida de espuma. — Por quê? — Ficou surpreso de ouvir isso; quando recobrou a consciência, perguntara onde estava e soubera que Oak

Grove era um pequeno assentamento quaker. Ele achava que os quakers geralmente eram muito unidos em seus sentimentos religiosos — mas, por outro lado, não conhecia de fato nenhum quaker.

Hunter suspirou fundo e, deixando de lado o pincel, pegou a navalha.

— Oh, política — ele disse, em um tom de voz descontraído, como alguém que desejasse descartar um assunto trivial, mas cansativo. — Diga-me, amigo Ransom, há alguém a quem gostaria que eu notificasse do que lhe aconteceu e aonde veio parar? — Ele parou de barbear, para que William pudesse responder.

— Não, obrigado, senhor. Eu mesmo lhes contarei — William disse, sorrindo. — Tenho certeza de que conseguirei partir amanhã, embora eu lhe assegure que não me esquecerei de sua bondade e hospitalidade quando encontrar meus... amigos.

A frente de Denzell franziu-se um pouco e seus lábios se comprimiram enquanto retomava o trabalho com a navalha, mas não argumentou.

— Peço que perdoe minha curiosidade — ele disse após um instante —, mas para onde pretende ir daqui?

William hesitou, sem saber ao certo o que responder. Na realidade, ele não havia decidido exatamente para onde ir diante do estado lamentável de suas finanças. A melhor ideia que lhe ocorrera foi de se dirigir a Mount Josiah, sua própria fazenda. Não tinha absoluta certeza, mas achava que devia ficar a uns setenta, oitenta quilômetros dali. Se os Hunter lhe dessem um pouco de comida, achava que poderia chegar lá em poucos dias, uma semana no máximo. E, uma vez lá, poderia pegar roupas, um cavalo decente, armas e dinheiro, e assim retomar sua jornada.

Era uma perspectiva tentadora. Fazer isso, entretanto, significava revelar sua presença na Virgínia, causando muitos comentários, já que todos no condado não só o conheciam, como sabiam que era um soldado. Aparecer na vizinhança vestido desse jeito...

— Há alguns católicos em Rosemount — o dr. Hunter observou timidamente, limpando a navalha na velha toalha. William olhou para ele surpreso.

— É? — exclamou, cauteloso. Por que diabos Hunter estava lhe falando de católicos?

— Desculpe-me, amigo — o médico disse ao ver sua reação. — Você mencionou seus amigos... eu pensei...

— Você achou que eu era... — À perplexidade seguiu-se um solavanco diante da compreensão do que acontecera. William bateu a mão espalmada no peito num reflexo, naturalmente não encontrando nada além da muito usada camisa de dormir que estava usando.

— Tome. — O médico inclinou-se rapidamente para abrir a arca de

cobertores ao pé da cama e levantou-se, o rosário de madeira balançando de uma das mãos. — Nós tivemos que tirá-lo, é claro, quando o despimos, mas Sissy guardou-o para você.

— Nós? — William disse, agarrando-se a isso como forma de adiar perguntas. — Você... e a srta. Hunter... me despiram?

— Bem, não havia mais ninguém — o médico disse, em tom de desculpas. — Fomos obrigados a colocá-lo nu no riacho, na esperança de baixar sua febre... não se lembra?

Lembrava-se vagamente, mas presumira que a lembrança de um frio extremo e uma sensação de estar se afogando fossem os remanescentes de seus delírios de febre. A presença da srta. Hunter felizmente — ou talvez infelizmente — não fazia parte dessas recordações.

— Eu não podia carregá-lo sozinho — o médico explicava ansiosamente. — E os vizinhos... mas eu arranjei uma toalha para preservar seu recato — assegurou a William apressadamente.

— Que divergências seus vizinhos têm com você? — William perguntou com curiosidade, estendendo o braço para pegar o rosário da mão de Hunter. — Eu mesmo não sou papista — acrescentou descontraidamente. — É uma... lembrança, presente de um amigo.

— Oh. — O médico esfregou um dedo pelo lábio, obviamente desconcertado. — Compreendo. Pensei...

— Os vizinhos...? — William perguntou, e dissimulando seu embaraço pendurou o rosário no pescoço outra vez. Talvez o engano sobre sua religião tenha sido o motivo da animosidade dos vizinhos?

— Bem, eu diria que eles teriam ajudado a carregá-lo — o dr. Hunter admitiu — se tivesse havido tempo para ir buscar alguém. Mas o problema era urgente e a casa mais próxima fica a uma boa distância.

Isso deixou a pergunta sobre a atitude dos vizinhos em relação aos Hunter sem resposta, mas não lhe pareceu educado insistir. William meramente assentiu e se levantou.

O chão inclinou-se repentinamente sob ele e uma luz branca tremeluziu no canto de seus olhos. Agarrou-se ao parapeito da janela para não cair e recobrou os sentidos um instante depois, banhado de suor, com a mão surpreendentemente forte do dr. Hunter segurando seu braço e impedindo-o de cair de cabeça no pátio embaixo.

— Não tão rápido, amigo Ransom — o médico disse amavelmente e, puxando-o para dentro, conduziu-o de volta para a cama. — Mais um dia, talvez, antes de poder ficar em pé sozinho. Receio que seja muito arriscado.

Ligeiramente nauseado, William sentou-se na cama e deixou que o dr. Hunter

enxugasse seu rosto com a toalha. Por certo, ele dispunha de mais algum tempo para decidir aonde ir.

— Quanto tempo acha que ainda vai levar até eu poder caminhar um dia inteiro?

Denzell Hunter lançou-lhe um olhar avaliador.

— Cinco dias, talvez... quatro, no mínimo — ele disse. — Você é forte e resistente, caso contrário eu diria uma semana.

William, sentindo-se fraco e zozzo, assentiu e deitou-se. O médico ficou olhando-o com a testa franzida por alguns instantes, embora não parecesse que o ar de preocupação tivesse a ver com William; parecia uma questão de foro íntimo.

— A que... distância sua viagem o levará? — o médico perguntou, parecendo escolher as palavras com cuidado.

— Uma boa distância — William respondeu, com igual cautela. — Estou indo... na direção do Canadá — ele disse, repentinamente percebendo que dizer mais poderia implicar revelar do que ele gostaria em relação aos motivos de sua viagem.

Na verdade, um homem podia ter assuntos a tratar no Canadá sem necessariamente ter a ver com o exército britânico que ocupava Quebec, mas como o médico mencionara política... O melhor era ser político a respeito da questão. E certamente ele não mencionaria Mount Josiah. Quaisquer que fossem as relações tensas dos Hunter com os vizinhos, as notícias sobre seu hóspede poderiam se espalhar rapidamente.

— Canadá — o médico repetiu, como se falasse consigo mesmo. Em seguida, seu olhar retornou a William. — Sim, é uma distância considerável. Felizmente matei um bode hoje de manhã, teremos carne. Isso o ajudará a recuperar as forças. Eu o sangrarei amanhã, para restaurar um pouco de equilíbrio a seus humores, e então veremos. Por enquanto.... — Ele sorriu e estendeu a mão. — Venha. Eu o ajudarei a chegar à latrina.



UMA QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA

Uma tempestade estava a caminho; William podia senti-la na mudança do ar, vê-la nas sombras céleres das nuvens que passavam rapidamente pelas desgastadas tábuas do assoalho. O calor e a opressão úmida do dia de verão haviam dissipado e o desassossego do ar parecia agitá-lo também. Embora ainda fraco, não podia continuar de cama e conseguiu se levantar, agarrando-se ao lavatório até que a tontura inicial passasse.

Estando sozinho, passou algum tempo andando de um lado para o outro do aposento — uma distância de aproximadamente três metros —, uma das mãos pressionada contra a parede para se equilibrar. O esforço esgotou suas forças e o deixou tonto, e de vez em quando era obrigado a sentar-se no chão, a cabeça entre os joelhos, até que os pontos parassem de girar diante de seus olhos.

Foi em uma dessas ocasiões, enquanto estava sentado embaixo da janela, que ele ouviu vozes no terreno embaixo. A voz da srta. Rachel Hunter, surpresa e indagadora — a resposta de um homem, de voz baixa e rouca. Uma voz familiar — Ian Murray!

Pôs-se de pé num salto e com a mesma velocidade deixou-se cair novamente no chão, a visão escura e a cabeça girando. Cerrou os punhos e respirou com força, tentando fazer o sangue voltar à cabeça. — Ele vai viver, então? — As vozes eram distantes, semienterradas no murmúrio das castanheiras próximas à casa, mas ele conseguiu ouvir isso. Ergueu-se com esforço sobre os joelhos e apoiou-se no parapeito, pestanejando para a luminosidade do dia fragmentada pelas nuvens.

A figura alta de Murray era visível na borda do pátio, esquelética em seus trajes de camurça, o cachorro enorme a seu lado. Não havia sinal de Glutão, nem dos outros índios, mas dois cavalos pastavam no caminho atrás de Murray, as rédeas soltas. Rachel Hunter gesticulava em direção à casa, obviamente convidando Murray a entrar, mas ele sacudiu a cabeça. Enfiou a mão na bolsa à sua cintura e retirou dali um pequeno embrulho, que entregou à jovem.

— Ei! — William gritou, ou tentou gritar, não tinha muito fôlego, então agitou os braços. O vento se intensificava com uma corrida trêmula pelas folhas das

castanheiras, mas o movimento deve ter atraído a atenção de Murray, pois ele ergueu os olhos e, vendo William à janela, sorriu e levantou a própria mão em uma saudação.

No entanto, não fez nenhuma menção de entrar na casa. Em vez disso, pegou as rédeas de um dos cavalos e colocou-as na mão de Rachel Hunter. Em seguida, com um aceno de despedida para a janela de William, montou no outro cavalo com um volteio simples e elegante, e partiu.

As mãos de William apertaram-se no parapeito, a decepção dominando-o ao ver Murray desaparecer no meio das árvores. Espere, mas... Murray deixara um cavalo. Rachel Hunter o conduzia ao redor da casa, seu avental e anáguas agitados pelo vento, uma das mãos na touca para mantê-la no lugar.

Sem dúvida deveria ser para ele! Então Murray pretendia voltar para buscá-lo? Ou ele deveria segui-lo? Com o coração martelando nos ouvidos, William vestiu as calças remendadas e as meias novas que Rachel tricotara para ele, e após um pequeno esforço calçou as botas endurecidas pela água. A batalha travada para se vestir deixou-o trêmulo, mas ele obstinadamente desceu as escadas, aos trancos, suando e escorregando, mas chegando inteiro à cozinha no final.

A porta dos fundos se abriu com um pé de vento e uma explosão de luz, depois bateu abruptamente, arrancada das mãos de Rachel. Ela se virou, viu-o e deu um gritinho de espanto.

— Deus nos acuda! O que está fazendo aqui embaixo? — Ela ofegava do esforço e do susto, fitando-o com os olhos arregalados e enfiando fios dos cabelos escuros para dentro da touca outra vez.

— Não quis assustá-la — William disse, desculpando-se. — Queria... eu vi o sr. Murray indo embora. Pensei que devia alcançá-lo. Ele disse onde eu deveria encontrá-lo?

— Não, não disse. Sente-se, pelo amor de Deus, antes que caia. Ele não queria. A vontade de estar lá fora, de ir embora, era mais forte. Mas seus joelhos tremiam e se ele não se sentasse logo... Relutantemente, ele se sentou.

— O que ele disse? — perguntou e, percebendo de repente que estava sentado na presença de uma dama, indicou o outro banco. — Sente-se, por favor. Conte-me o que ele disse.

Rachel fitou-o, mas se sentou, alisando suas roupas agitadas pelo vento. A tempestade se aproximava; sombras de nuvens corriam pelo chão, pelo seu rosto, e o ar parecia tremular, como se o aposento estivesse submerso em água.

— Ele perguntou sobre sua saúde e, quando eu disse que o senhor estava ficando bom, ele me deu o cavalo, dizendo que era para o senhor. — Ela hesitou por um instante e William insistiu.

— Ele lhe deu mais alguma coisa, não foi? Eu o vi lhe entregar um pequeno

embrulho.

Ela apertou os lábios por um instante, mas balançou a cabeça e, enfiando a mão no bolso, entregou-lhe o pacotinho envolto frouxamente em um pedaço de pano.

Ele estava ansioso para ver o que o embrulho continha — mas não tão ansioso que não notasse as marcas no tecido, linhas fundas onde antes havia um barbante amarrado. E amarrado bem recentemente. Ele olhou para Rachel Hunter, que desviou o olhar, o queixo erguido, mas ruborizada nas faces. Ele ergueu uma sobrancelha para ela, depois voltou sua atenção para o pacote.

Aberto, continha um pequeno maço de notas de "continentais", o papel-moeda das colônias; uma bolsinha usada contendo a soma de um guinéu, três xelins e dois pennies em moedas; uma carta dobrada — dobrada várias vezes, pelo que pôde notar — e um outro pacotinho, menor, este ainda amarrado. Deixando este e o dinheiro de lado, abriu a carta.

Primo,

Espero encontrá-lo com mais saúde do que a última vez em que o vi. Se assim for, deixarei um cavalo e algum dinheiro para ajudá-lo em sua viagem. Se não, deixarei o dinheiro, para pagar remédios ou seu enterro. O outro é um presente de um amigo a quem os índios chamam de Matador de Urso. Ele espera que você o use em boa saúde. Desejo-lhe sorte em suas aventuras.

Seu criado,

Ian Murray

— Hum! — William ficou desconcertado. Evidentemente, Murray tinha negócios próprios e não podia ou não queria esperar até William estar em condições de viajar. Apesar de um pouco decepcionado, pois gostaria de conversar mais com Murray, agora que sua mente estava lúcida outra vez, viu que era melhor que Murray não Quisesse que viajassem juntos.

Compreendeu que seu problema imediato estava resolvido; ele agora possuía os meios para retomar sua missão, ou o quanto pudesse retomar. Ele poderia ao menos alcançar o quartel-general do general Howe, fazer um relatório e obter novas instruções.

Era muito generoso da parte de Murray; o cavalo parecia robusto e o dinheiro era mais do que suficiente para ele viajar bem alimentado e bem hospedado por todo o trajeto até Nova York. Perguntou-se onde Murray teria obtido tudo aquilo; pela sua aparência, o sujeito não tinha nem um urinol para suas necessidades — embora tivesse um bom rifle, William lembrou a si mesmo — e obviamente era instruído, pois escrevia bem. Mas o que poderia ter feito o estranho escocês-índio interessar-se

tanto por ele?

Confuso, pegou o embrulho menor e desamarrou o barbante. Desembrulhado, verificou que se tratava da pata de um urso grande, furada e amarrada em um cordão de couro. Era antigo; as bordas da tira de couro estavam desgastadas e o nó na tira havia endurecido tanto que obviamente jamais poderia ser desatado outra vez.

Acariciou a pata com o polegar, experimentou a ponta. Bem, o espírito do urso o havia ajudado até agora. Sorrindo consigo mesmo, passou o cordão por cima da cabeça, deixando a pata pendurada sobre a camisa na frente. Rachel Hunter fitou-a, o rosto inextrincável.

— Leu a minha carta, srta. Hunter — William disse, com reprovação. — Isso não se faz!

O rubor subiu às suas faces com mais intensidade, mas ela o olhou nos olhos com uma franqueza que ele não estava acostumado a ver em uma mulher — com a notável exceção de sua avó paterna.

— Sua conversa é muito superior às suas roupas, amigo William, ainda que fossem novas. E, apesar de já estar consciente há vários dias, não quis nos dizer o que o trouxe ao Great Dismal. Não é um lugar frequentado por cavalheiros.

— Oh, é, sim, srta. Hunter. Muitos homens de bem do meu círculo vão lá para caçar, que é inigualável. Mas naturalmente ninguém caça javalis e gatos-domato em seus melhores trajes.

— Nem ninguém vai caçar armado apenas com uma frigideira, amigo William — ela retrucou. — E se é realmente um cavalheiro, diga-me, onde é sua casa?

Ele hesitou por um instante, incapaz de se lembrar de imediato das particularidades de seu alter ego, e agarrou-se à primeira cidade que lhe veio à mente.

— Ah... Savannah. Nas Carolinas — acrescentou.

— Sei onde fica — ela retrucou asperamente. — E já ouvi o modo de falar de homens que vêm de lá. Você não é de lá.

— Está me chamando de mentiroso? — ele disse, surpreso.

— Estou.

— Oh. — Permaneceram quietos, fitando-se na luz mortiça da tempestade em formação, cada qual raciocinando. Por um instante, ele teve a impressão de estar jogando xadrez com sua avó Benedicta.

— Desculpe-me por ter lido a sua carta — ela disse abruptamente. — Não foi por curiosidade vulgar, acredite-me.

— Por que, então? — Ele sorriu levemente, para indicar que não alimentava nenhuma animosidade por sua indiscrição. Ela não devolveu o sorriso, mas fitou-o com os olhos apertados — não com desconfiança, mas como se o avaliasse de alguma forma. Por fim, suspirou e seus ombros arriaram.

— Gostaria de saber um pouco sobre você e o seu caráter. Os companheiros que o trouxeram para nós parecem homens perigosos. E seu primo? Se você for um deles, então... — Seus dentes fixaram-se brevemente no lábio superior, mas ela sacudiu a cabeça, como se o fizesse para si mesma, e continuou com mais firmeza. — Nós devemos partir daqui dentro de alguns dias, meu irmão e eu. Você disse a Denny que viaja para o norte; eu gostaria que fôssemos com você, ao menos parte da viagem.

O que quer que ele esperasse, não era isso. Ele pestanejou e disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Sair daqui? Por quê? Seus... hã... vizinhos? Ela pareceu surpresa.

— Como?

— Desculpe-me, senhora. Seu irmão deu a entender que as relações entre sua família e os que moram aqui perto eram... um pouco tensas?

— Oh. — Um dos cantos de sua boca se torceu; ele não sabia dizer se em sinal de aflição ou de humor, mas concluiu que se tratava do último. — Sei — ela disse, tamborilando os dedos pensativamente na mesa. — Sim, é verdade, embora não o que eu... bem, mesmo assim tem a ver com a questão. Vejo que preciso contar-lhe tudo, então. O que você sabe sobre a Sociedade dos Amigos?

Ele conhecia apenas uma família de quakers, os Unwin. O sr. Unwin era um rico negociante que conhecia seu pai e ele havia conhecido suas duas filhas em um sarau em certa ocasião, mas a conversa não girara em torno de filosofia ou religião.

— Eles... hã, você... não gosta de conflitos, não é? — ele respondeu cautelosamente.

Isso, para sua surpresa, a fez rir e ele ficou satisfeito em conseguir remover a pequena ruga entre suas sobrancelhas, ainda que temporariamente.

— Violência — ela corrigiu. — Vivemos em conflito, ainda que verbal. E considerando-se nossa forma de devoção... Denny diz que você não é um papista afinal, no entanto suponho que nunca tenha assistido a uma reunião Quaker.

— Não, a oportunidade ainda não se apresentou.

— Achei que não. Muito bem, então. — Olhou fixamente para ele, avaliando-o. — Temos pregadores que vão falar nesses encontros, mas qualquer pessoa pode falar em uma reunião, sobre qualquer assunto, se o espírito dele ou dela assim o desejar.

— Dela? As mulheres falam em público também? Ela lançou-lhe um olhar fulminante. — Tenho língua, assim como você.

— Notei — ele disse, sorrindo para ela. — Continue, por favor. Ela inclinou-se um pouco para frente para continuar, mas foi interrompida pelo barulho de uma persiana batendo com o vento, seguido por uma saraivada de pingos de chuva contra a janela. Rachel levantou-se num salto com uma pequena exclamação. — Tenho que

colocar as galinhas para dentro! Feche as persianas — ordenou-lhe, arremetendo-se para fora.

Um pouco desconcertado, mas achando graça, ele obedeceu, movendo-se devagar. Subir para fechar as persianas de cima o deixou tonto outra vez e ele parou na entrada do quarto, segurando o batente da porta até recuperar o equilíbrio. Havia dois cômodos no andar de cima: o quarto de dormir na frente da casa, onde o haviam instalado, e um quarto menor nos fundos. Os Hunter agora dividiam esse aposento; havia uma cama baixa, de rodinhas, um lavatório com um candelabro de prata sobre o móvel, e pouco mais, salvo uma fileira de ganchos nos quais penduravam-se uma camisa e um par de calças sobressalentes do médico, um xale de lã e o que deveria ser o vestido de sair de Rachel Hunter, uma vestimenta sóbria, tingida de índigo.

Com a chuva e o vento abafado pelas persianas fechadas, o quarto às escuras parecia silencioso e tranquilo, um porto seguro da tormenta. Seu coração diminuía o ritmo pelo esforço de subir as escadas e ele ficou parado por um instante, apreciando a sensação ligeiramente ilícita de estar invadindo. Nenhum som vindo lá de baixo; Rachel ainda devia estar perseguindo as galinhas.

Havia algo levemente estranho a respeito do quarto e ele levou apenas um instante para descobrir o que era. O desgaste e a escassez dos pertences pessoais dos Hunter indicavam pobreza, no entanto contrastavam com os pequenos sinais de prosperidade evidentes nos utensílios: o candelabro de prata, não de estanho ou laminado, e a bacia e a jarra não eram de cerâmica, mas de fina porcelana, decorada com pinturas de crisântemos azuis.

Ele levantou a saia do vestido azul pendurado no gancho, examinando-o com curiosidade. Recatado era uma coisa; esfarrapado era outra. A bainha estava tão desgastada a ponto de já estar quase branca, o índigo tão desbotado que as dobras da saia apresentavam um padrão em forma de leque de partes claras e partes escuras. As senhoritas Unwin se vestiam discretamente, mas suas roupas eram da melhor qualidade.

Em um impulso repentino, levou o tecido ao rosto, inspirando. Ainda cheirava levemente a índigo, bem como a capim e coisas vivas — e muito distintamente a um corpo de mulher. O aroma almiscarado percorreu-o como o prazer de um bom vinho.

O barulho da porta se fechando embaixo o fez largar o vestido como se ele estivesse em chamas e dirigir-se às escadas, o coração batendo com força.

Rachel Hunter sacudia-se junto à lareira, lançando respingos de água de seu avental, a touca murcha e ensopada na cabeça. Sem vê-lo, tirou-a, torceu-a com um murmúrio de impaciência e pendurou-a em um prego no consolo da lareira.

Seus cabelos caíam pelas costas, molhados e brilhantes, escuros contra o tecido claro de seu casaco.

— Então, as galinhas estão a salvo? — ele falou, porque observá-la sem o seu conhecimento, com os cabelos soltos, seu cheiro ainda em suas narinas, pareceu-lhe repentinamente uma injustificável familiaridade.

Ela se virou, os olhos cautelosos, mas não fez nenhum movimento imediato para cobrir os cabelos.

— Todas, menos uma que meu irmão chama de a Grande Prostituta da Babilônia. Nenhuma galinha possui nada que se assemelhe a inteligência, mas essa é mais perversa do que o normal.

— Perversa? — Evidentemente, ela percebeu que ele estava contemplando as possibilidades inerentes a essa descrição e achando-as engraçadas, pois resfolegou ruidosamente e abaixou-se para abrir o baú de cobertores.

— A criatura está empoleirada a uns seis metros de altura no alto de um pinheiro, no meio de uma tempestade. Perversa. — Retirou uma toalha de linho da arca e começou a secar os cabelos.

O barulho da chuva alterou-se de repente, o granizo batendo como cascalhos arremessados contra as persianas.

— Humm — Rachel disse, com um olhar sombrio para a janela. — Espero que ela seja derrubada pelo granizo e devorada pela primeira raposa que passar, e será bem feito. — Continuou a enxugar os cabelos. — Não tem importância. Ficarei feliz de nunca mais ver essas galinhas outra vez.

Vendo-o ainda em pé, ela sentou-se, indicando-lhe um outro banquinho.

— Você disse que pretendia deixar este lugar juntamente com seu irmão e ir para o norte — ele a fez lembrar, sentando-se. — Devo supor que as galinhas não seguirão a viagem com vocês.

— Não, graças a Deus. Elas já foram vendidas, juntamente com a casa. — Deixando a toalha amarrotada de lado, tateou no bolso e retirou um pequeno pente de chifre. — Eu disse que ia lhe contar o motivo.

— Creio que havíamos chegado ao ponto em que você me dizia que tinha algo a ver com a reunião de vocês, não foi?

Ela inspirou fundo pelo nariz e balançou a cabeça.

— Eu disse que uma pessoa fala em uma reunião quando se sente guiada pelo espírito? Bem, o espírito guiou meu irmão. Foi assim que deixamos a Filadélfia.

Uma reunião de culto podia ser realizada, ela explicou, sempre que houvesse Amigos suficientes com a mesma opinião. Mas além dessas pequenas reuniões locais havia organismos maiores: as reuniões trimestrais e anuais, onde as questões de princípios mais importantes são discutidas e as ações que afetam os quakers em geral são resolvidas.

— A Reunião Anual da Filadélfia é a maior e mais influente — ela disse. —

Você tem razão: os Amigos repudiam a violência e buscam tanto evitá-la quanto extingui-la. E quanto à rebelião, a Reunião Anual da Filadélfia meditou e rezou sobre o assunto, e aconselhou que o caminho da sabedoria e da paz obviamente estava na reconciliação com a pátria-mãe.

— Entendo. — William estava interessado. — Então, todos os quakers das colônias agora são legalistas, é o que quer dizer?

Os lábios dela comprimiram-se por um instante.

— Esse é o conselho da Reunião Anual. No entanto, como eu disse, os Amigos são guiados pelo espírito e uma pessoa deve agir seguindo sua orientação.

— E seu irmão foi levado a falar a favor da rebelião? — William achava graça, mas estava cauteloso; o dr. Hunter parecia um improvável ativista.

Ela abaixou a cabeça, não exatamente confirmando.

— A favor da independência — ela corrigiu.

— Certamente falta alguma coisa na lógica dessa distinção — William observou, erguendo uma das sobancelhas. — Como a independência pode ser alcançada sem o exercício da violência?

— Se você acha que o espírito de Deus é necessariamente lógico, você deve conhecê-lo melhor do que eu. — Ela passou a mão pelos cabelos úmidos, agitando-os sobre os ombros com impaciência. — Denny disse que ficou claro para ele que a liberdade, de um indivíduo ou de uma nação, é um dom de Deus, e que ele foi instruído a se unir à luta para conquistar e preservar a liberdade. Assim, fomos excluídos da reunião — ela concluiu abruptamente.

Estava escuro no aposento de persianas fechadas, mas ele podia ver o rosto dela pela claridade turva do fogo abafado da lareira. Aquela última declaração a emocionara profundamente; seus lábios estavam contraídos e havia um brilho em seus olhos que sugeria que as lágrimas poderiam aflorar, se ela não estivesse tão determinada a contê-las.

— Imagino que seja algo grave ser excluído de um culto, não? — ele perguntou, cautelosamente.

Ela balançou a cabeça, desviando os olhos. Pegou a toalha descartada, alisou-a devagar e dobrou-a, obviamente escolhendo as palavras.

— Eu lhe disse que minha mãe morreu quando eu nasci. Meu pai morreu três anos depois, afogado em uma inundação. Ficamos sem nada, meu irmão e eu. Mas os Amigos cuidaram para que não passássemos fome, que houvesse um teto, ainda que com buracos, sobre nossas cabeças. Havia uma questão na reunião sobre como Denny deveria ser ensinado. Eu sei que ele temia ter que se tornar um vaqueiro ou um sapateiro... ele não tem capacidade de ser ferreiro — acrescentou, sorrindo um pouco, apesar da seriedade. — E ele o teria feito, para me manter alimentada.

No entanto, a sorte interviera. Um dos Amigos assumira por conta própria a

incumbência de rastrear algum parente dos órfãos Hunter, e depois de muitas idas e vindas de cartas descobrira um primo distante, originariamente escocês, mas atualmente em Londres.

— John Hunter, Deus o abençoe. Ele é um médico famoso, ele e seu irmão mais velho, que é accoucheur da própria rainha. — Apesar de seus princípios igualitários, a srta. Hunter parecia um pouco reverente e ele balançou a cabeça respeitosamente. — Ele perguntou sobre as habilidades de Denny e, ouvindo boas referências, providenciou para que ele fosse levado para a Filadélfia, para se hospedar com uma família quaker e frequentar a nova faculdade de medicina. E ele chegou a mandar Denny para Londres, para estudar com ele próprio!

— De fato, foi muita sorte — William observou. — Mas e você?

— Oh. Eu... fiquei com uma mulher da vila — ela disse com uma rápida descontração que não o enganou. — Mas Denzell voltou e assim, é claro, fui tomar conta de sua casa até ele se casar.

Ela franzia a toalha entre os dedos, com os olhos abaixados para o colo. Pequenas luzes dançavam em seus cabelos onde o fogo se refletia, um tom de bronze nas mechas castanho-escuras.

A mulher... ela era uma boa mulher. Ela fez questão de me ensinar a cuidar de uma casa, cozinhar, costurar. Que eu soubesse... O que era útil para uma mulher saber. — Olhou para ele com aquela estranha franqueza, a expressão grave.

— Acho que você não pode compreender o que significa ser excluído de uma reunião.

— Algo como ser expulso de um regimento ao toque de tambores, imagino. Vergonhoso e doloroso.

Seus olhos estreitaram-se por um instante, mas ele falara com seriedade, e ela viu isso.

— Uma Reunião de Amigos não é simplesmente uma irmandade de devoção. É... uma comunidade da mente, do coração. Uma grande família, de certo modo.

E para uma jovem ser privada de sua própria família? — E ser excluído, então... sim, eu compreendo — ele disse serenamente. Seguiu-se um breve instante de silêncio, quebrado apenas pelo barulho da chuva. Ele achou ter ouvido um galo cantar, ao longe.

— Você disse que sua mãe também morreu. — Rachel olhou para ele, os olhos escuros e meigos. — Seu pai é vivo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Vai achar que sou dramático demais — ele disse. — Mas é a verdade, meu pai também morreu no dia em que nasci.

Ela pestanejou.

— É verdade. Ele era uns cinquenta anos mais velho do que minha mãe.

Quando soube que ela morreria de par... parto, teve uma apoplexia e morreu na hora. — Ele ficou aborrecido; muito raramente gaguejava agora. Mas ela não notou.

— Então, você também é órfão. Lamento — ela disse em voz baixa. Ele deu de ombros, embaraçado. — Bem. Eu não conheci nem meu pai, nem minha mãe. Mas, na verdade, tive pais. A irmã de minha mãe tornou-se minha mãe, em todos os aspectos. Ela já morreu também, e seu marido... sempre o considerei um pai, embora eu não tenha nenhum parentesco de sangue com ele.

Ocorreu-lhe que estava pisando em terreno perigoso ali, falando demais sobre si mesmo. Limpou a garganta e procurou direcionar a conversa de volta a assuntos menos pessoais.

— Seu irmão. Como ele pretende implementar... hã... essa sua revelação? Ela suspirou.

— Esta casa pertencia a um primo de nossa mãe. Ele era viúvo, sem filhos. Ele deixou a casa para Denzell, apesar de que, quando soube que havíamos sido excluídos da reunião, escreveu dizendo que pretendia alterar o testamento. No entanto, por acaso, ele teve uma febre forte e morreu antes que pudesse fazer isso. Mas todos os seus vizinhos sabiam, é claro, sobre Denny, e é por isso que...

— Compreendo. — Pareceu a William que, embora Deus pudesse não ser lógico, Ele parecia estar demonstrando um interesse muito particular em Denzell Hunter. Mas achou que não seria educado dizer isso e desviou a conversa para outro assunto. — Você disse que a casa foi vendida. Então, seu irmão...

— Ele foi à cidade, ao tribunal, para assinar os documentos da venda da casa e desfazer-se das cabras, porcos e galinhas. Assim que isso for feito, nós... partiremos. — Ela engoliu em seco. — Denny pretende se alistar no Exército Continental como médico.

— E você vai com ele? Como uma acompanhante? — William falou com certo ar de reprovação; muitas mulheres de soldados, ou concubinas, de fato seguiam "o tambor", essencialmente alistando-se no exército com seus maridos. Ele mesmo ainda não vira muitas delas, já que não havia nenhuma na campanha de Long Island, mas ele ouvira seu pai falar dessas mulheres de vez em quando, geralmente com pena. Não era vida para uma mulher refinada.

Ela ergueu o queixo, ao perceber a desaprovação dele.

— Sem dúvida. Havia um longo palito de cabelo sobre a mesa; ela deve tê-lo tirado ao remover a touca. Agora, ela enrolou os cabelos úmidos em um coque e enfiou o palito por ele com determinação.

— Bem — ela disse. — Vai viajar conosco? Somente caso se sinta confortável em fazê-lo — acrescentou rapidamente.

Durante todo o tempo em que conversava, ele ficara remoendo a ideia no fundo da mente. Obviamente, tal arranjo seria vantajoso para os Hunter, um grupo

maior sempre era mais seguro, e era evidente para William que, apesar de sua revelação, o médico não era um guerreiro inato. Também haveria, pensou, alguma vantagem para ele próprio. Os Hunter conheciam um pouco da região próxima, ao passo que ele não, e um homem viajando em grupo — especialmente em um grupo que incluía uma mulher — chamava bem menos atenção, e levantava ainda menos suspeitas do que um homem sozinho.

Compreendeu de repente que, se Hunter pretendesse se unir ao Exército Continental de imediato, poderia haver uma excelente oportunidade de se aproximar o suficiente das tropas de Washington para obter informações valiosas sobre elas — algo que compensaria com folga a perda do livro de contatos.

— Sim, claro — ele disse, sorrindo para a srta. Hunter. — Uma excelente sugestão!

O clarão de um relâmpago atingiu repentinamente as frestas das persianas e o estrondo de um trovão irrompeu no alto, quase simultaneamente. Ambos se sobressaltaram com o barulho.

William engoliu em seco, sentindo os ouvidos ainda retinindo. O cheiro penetrante de um raio ardeu no ar.

— Eu faço votos de que isso seja um sinal de aprovação divina. Ela não riu.



BÊNÇÃO DE SANTA BRÍGIDA E SÃO MIGUEL ARCANJO

Os mohawks o conheciam como Thayendanegea — Duas Apostas. Para os ingleses, ele era Joseph Brant. Ian ouvira falar muito do sujeito quando vivia entre os mohawks, pelos dois nomes, e se perguntara mais uma vez como Thayendanegea conseguia sobreviver no terreno traiçoeiro entre os dois mundos. Seria como a ponte?, pensou repentinamente. A ponte delgada entre este mundo e o próximo, o ar à sua volta assaltado por cabeças voadoras com dentes afiados? Um dia gostaria de sentar-se junto a uma fogueira com Joseph Brant e perguntar-lhe.

Dirigia-se à casa de Brant agora — mas não para conversar com ele. Glutão lhe dissera que Alce do Sol deixara Snaketown para se unir a Brant e que sua mulher fora com ele.

— Estão em Unadilla — Glutão dissera. — Provavelmente ainda lá. Thayendanegea luta com os ingleses, você sabe. Está conversando com os legalistas de lá, tentando convencê-los a se unir a ele e seus homens. Chama-os de "Voluntários de Brant". — Glutão falava descontraidamente; ele não se interessava por política, apesar de lutar de vez em quando, quando o espírito o guiava.

— É mesmo? — Ian disse, no mesmo modo casual. — Bem, então. Não sabia onde exatamente ficava Unadilla, salvo de que era na colônia de Nova York, mas isso não era uma grande dificuldade. Partiu ao amanhecer do dia seguinte, para o norte.

Não tinha nenhuma companhia, salvo o cachorro e seus pensamentos, na maior parte do tempo. Em certo momento, entretanto, chegou a um acampamento de verão dos mohawks e foi alegremente recebido.

Sentou-se com eles, conversando. Após algum tempo, uma jovem lhe trouxe uma tigela de ensopado e ele comeu, mal notando o que havia na comida, embora sua barriga parecesse grata pelo calor do alimento e tivesse parado de roncar.

Não sabia dizer o que atraía sua atenção, mas ele ergueu os olhos da conversa dos homens e viu a jovem que lhe trouxera a comida sentada nas sombras, logo depois da claridade da fogueira, olhando para ele. Ela sorriu, muito

discretamente.

Ele mastigou mais devagar, repentinamente saboreando o ensopado. Carne de urso, gorda e saborosa. Milho e feijões, temperados com cebolas e alho. Delicioso. Ela inclinou a cabeça para o lado; uma sobancelha escura se ergueu, elegante, depois ela também se levantou, como se içada por sua pergunta.

Ian deixou a tigela e arrotou por educação, em seguida levantou-se e saiu, sem dar nenhuma atenção aos olhares intencionais dos homens com quem estivera comendo.

Ela o esperava, uma mancha clara na sombra de um vidoeiro. Conversaram — ele sentia sua boca formar as palavras, a cócega das palavras dela em seus ouvidos, mas não tinha plena consciência do que diziam. Ele conservava o ardor de sua raiva como um carvão incandescente na palma de sua mão, uma brasa fumegante em seu coração. Não pensava nela como água para esse sentimento abrasador, nem pensou em atirá-la. Havia chamas por trás dos olhos dele e era descuidado como o próprio fogo, devorando tudo onde houvesse combustível, morrendo onde não houvesse.

Ele a beijou. Ela cheirava a comida, peles de animais curtidas e terra aquecida pelo sol. Nenhuma sugestão de madeira, nenhum vestígio de sangue. Ela era alta; sentiu a maciez de seus seios, pressionados contra ele, abaixou as mãos para a curva dos seus quadris.

Ela encostou-se nele, firme, receptiva. Depois recuou, deixando o ar fresco tocar a pele dele onde ela estivera, e tomou-o pela mão para conduzi-lo à sua cabana. Ninguém olhou para eles quando ela o levou para sua cama e, no calor da semiescuridão, voltou-se para ele, nua.

Ele achou que seria melhor se não pudesse ver seu rosto. Anônimo, rápido, um pouco de prazer para ela, talvez. Catarse, para ele. Ao menos pelos poucos instantes em que ele se deixou perder.

Mas no escuro ela era Emily, e ele fugiu de sua cama envergonhado e furioso, deixando a perplexidade atrás de si.

Pelos doze dias seguintes, ele caminhou, o cachorro a seu lado, sem falar com ninguém.

A casa de Thayendanegea erguia-se sozinha em um amplo terreno, mas ainda bem próxima da vila para fazer parte dela. A vila era como qualquer outra, a não ser pelo fato de que muitas das casas tinham duas ou três mós de pedra na entrada; toda mulher moía farinha para sua família, em vez de levar os grãos a um moinho.

Havia cachorros na rua, cochilando nas sombras das carroças e dos muros. Todos eles sentavam-se, espantados, quando Rollo chegava ao alcance de seus faros. Alguns rosnavam ou latiam, mas nenhum se apresentou para brigar.

Os homens já eram uma outra questão. Havia vários deles apoiados em uma

cerca, observando um outro com um cavalo em um campo. Todos lançaram olhares para ele, em parte curiosos, em parte cautelosos. Não conhecia a maioria. Um deles, entretanto, era um sujeito chamado Come Tartarugas, que ele conhecera em Snaketown. Outro era Alce do Sol.

Alce do Sol pestanejou para ele, tão espantado quanto qualquer um dos cachorros, depois se aproximou dele na estrada.

— O que está fazendo aqui? Ele considerou, por uma fração de segundo, dizer a verdade — mas não era uma verdade que pudesse ser dita rapidamente, se é que poderia, e certamente não diante de estranhos.

— Não é da sua conta — respondeu calmamente. Alce do Sol falara com ele em mohawk e ele respondera na mesma língua. Viu sobranceiras erguerem-se e Tartaruga fez menção de cumprimentá-lo, obviamente esperando dissipar qualquer tormenta que estivesse se formando, deixando claro que o próprio Ian era kahnyen'kehaka. Ele retribuiu a saudação de Tartaruga e os demais recuaram um pouco, intrigados — e interessados —, mas não hostis.

Alce do Sol, por outro lado... Bem, afinal de contas, Ian não esperava que o sujeito fosse se atirar sobre ele. Esperara — até onde ele pensara em Alce do Sol, o que foi bem pouco — que ele estivesse em algum outro lugar, mas ali estava ele, e Ian sorriu amargamente para si mesmo, pensando na velha vovó Wilson, que uma vez descrevera seu genro, Hiram, como parecendo alguém "que não daria a estrada a um urso".

Era uma boa descrição, e o humor de Alce do Sol não melhorou nem com a resposta de Ian, nem com o sorriso subsequente.

— O que você quer?

— Alce do Sol indagou. — Nada que lhe pertença — Ian retrucou, o mais serenamente possível. Os olhos de Alce do Sol se estreitaram, mas antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa Tartaruga interveio, convidando Ian a entrar na casa, para comer e beber.

Devia aceitar. Seria uma ofensa recusar. E ele poderia perguntar, mais tarde, em particular, onde Emily estava. Mas a necessidade que o trouxera por quase quinhentos quilômetros de vastidões inóspitas não reconhecia nenhuma exigência de civilidade. Nem iria tolerar demora.

Além do mais, refletiu, preparando-se, ele sabia que iria chegar a isso. Não fazia sentido adiar.

— Quero falar com aquela que foi minha mulher — ele disse. — Onde ela está?

Vários homens piscaram ao ouvi-lo, interessados ou desconcertados — mas ele viu os olhos de Tartaruga dardejarem na direção dos portões de uma casa grande no final da rua.

Alce do Sol, verdade seja dita, meramente empertigou-se e se plantou com mais firmeza no chão, pronto a desafiar dois ursos, se necessário. Rollo não se preocupou com isso e ergueu o lábio em um rosnado que fez um ou dois homens recuarem prontamente. Alce do Sol, que tinha mais razões do que qualquer outro para saber do que Rollo era capaz, não se moveu nem um centímetro.

— Pretende lançar seu demônio sobre mim? — ele perguntou. — Claro que não. Sheas, a à — disse calmamente a Rollo. O cachorro defendeu sua posição por mais um instante, apenas o suficiente para deixar claro que isso era ideia de seu dono — e depois virou para o lado e se sentou, mantendo, mesmo assim, um rosnado surdo, como um trovão distante.

— Não vim tirá-la de você — Ian disse a Alce do Sol. Tinha a intenção de ser conciliatório, mas não esperara realmente que funcionasse, e não funcionou.

— Acha que poderia? -

Se eu não quero, que diferença faz? — Ian disse com irritação, voltando ao inglês.

— Ela não iria com você, ainda que você me matasse! -

Quantas vezes tenho que dizer que não quero tirá-la de você?

Alce do Sol fitou-o por um instante, os olhos sombrios.

— O bastante para seu rosto dizer o mesmo — ele sussurrou, cerrando os punhos.

Um murmúrio de interesse ergueu-se dos outros homens, mas houve um intangível afastamento. Eles não iriam interferir em uma briga por causa de mulher. Isso era uma bênção, Ian pensou vagamente, observando as mãos de Alce do Sol. O sujeito era destro, ele se lembrava. Havia uma faca em seu cinto, mas sua mão não pairava perto dela.

Ian espalmou as próprias mãos pacificamente.

— Só quero falar com ela.

— Por quê? — Alce do Sol bradou colericamente. Ele estava bastante perto para Ian sentir o borriço de saliva em seu rosto, mas não o limpou. Também não recuou, e abaixou as mãos.

— Isso é entre mim e ela — ele disse tranquilamente. — Acredito que ela lhe contará depois. — Esse pensamento lhe deu uma pontada no peito. Suas palavras não pareceram convencer Alce do Sol, que sem aviso prévio desfechou um soco em seu nariz.

O golpe reverberou pelos seus dentes superiores e o outro punho de Alce do Sol atingiu-o na maçã do rosto de relance. Ele sacudiu a cabeça para clareá-la, viu o borrão de movimento através dos olhos lacrimejantes e — mais por sorte do que intenção — chutou Alce do Sol com força entre as pernas.

Ficou parado, ofegante, pingando sangue na estrada. Seis pares de olhos

foram dele para Alce do Sol, enroscado no chão de terra, fazendo pequenos ruídos de dor. Rollo levantou-se, aproximou-se do homem caído e cheirou-o com interesse. Todos os olhos voltaram a Ian.

Ele fez um pequeno gesto que trouxe Rollo para perto de si e caminhou pela estrada na direção da casa de Brant, seis pares de olhos fixos em suas costas.

Quando a porta abriu, a jovem mulher branca ali parada fitou-o de boca aberta, os olhos arregalados como duas moedas. Ele estava no ato de limpar o nariz ensanguentado com a barra da camisa. Completou sua ação e inclinou a cabeça civilizadamente.

— Poderia fazer a gentileza de perguntar a Wakyo'teyehsnonhsa se ela gostaria de falar com Ian Murray?

A jovem pestanejou, duas vezes. Em seguida, assentiu e começou a fechar a porta, parando a meio caminho, a fim de olhar para ele outra vez e se certificar de que realmente o vira.

Com uma sensação estranha, ele desceu para o jardim. Era um jardim inglês tradicional, com roseiras, lavanda e caminhos delineados com pedras. Seu perfume o fez lembrar de tia Claire e perguntou-se distraidamente se Thayendanegea havia trazido um jardineiro inglês de Londres.

Havia duas mulheres trabalhando no jardim, a certa distância; uma era uma mulher branca, pela cor dos cabelos sob a touca, e de meia-idade pela inclinação dos ombros — talvez a mulher de Brant?, perguntou-se. A jovem que atendeu à porta seria filha deles? A outra mulher era uma índia, os cabelos em uma trança caindo pelas costas, porém grisalhos. Nenhuma das duas virou-se para olhar para ele.

Quando ouviu o clique do ferrolho da porta atrás dele, esperou um instante antes de se virar, preparando-se para a decepção de ouvir que ela não estava — ou, pior ainda, que se recusava a vê-lo.

Mas ela estava lá. Emily. Pequena e empertigada, com os seios à mostra, redondos, no decote de um vestido de morim azul, os cabelos compridos presos na nuca, mas descobertos. E seu rosto amedrontado — mas ansioso. Seus olhos se iluminaram de alegria ao vê-lo e ela deu um passo em sua direção.

Ele a teria esmagado contra o peito se ela tivesse vindo até ele, feito qualquer gesto convidando-o a isso. E depois?, perguntou-se vagamente, mas não importava; após aquele primeiro impulso em sua direção, ela parou, as mãos adejando por um instante como se moldassem o ar entre eles, mas a seguir entrelaçando-se com força à sua frente, escondidas nas pregas da saia.

— Irmão do Lobo — ela disse suavemente, em mohawk. — Meu coração se alegra em vê-lo.

— O meu também — ele disse, na mesma língua.

— Veio falar com Thayendanegea? — ela perguntou, inclinando a cabeça

para trás na direção da casa.

— Talvez mais tarde. — Nenhum dos dois mencionou seu nariz, apesar de que, pelo latejamento, provavelmente estivesse do dobro do tamanho normal e houvesse sangue por toda a frente de sua camisa. Olhou ao redor; havia um caminho que se afastava da casa e ele o indicou com um sinal da cabeça. — Quer caminhar comigo?

Ela hesitou por um instante. A chama em seus olhos não havia se extinguido, mas ardia brandamente agora; havia outros sentimentos ali — cautela, uma leve inquietação e o que ele achava que seria orgulho. Surpreendeu-se que pudesse ler esses sentimentos com tanta clareza. Era como se ela fosse feita de vidro.

— Eu... as crianças — ela disse de repente, virando-se parcialmente para a casa.

— Não tem importância — ele disse. — Eu só... — O sangue escorrendo de uma das narinas o impediu de continuar e ele parou para passar as costas da mão pelo lábio superior. Ele deu os dois passos necessários para ficarem a uma distância em que poderiam se tocar, embora ele tivesse o cuidado de não tocá-la. — Eu queria lhe dizer que lamento — ele acrescentou formalmente, em mohawk. — Não ter podido lhe dar filhos. E que fico feliz por você os ter.

Um rubor adorável aflorou às suas faces e ele viu o orgulho que ele sentia sobrepujar a aflição.

— Posso vê-los? — ele perguntou, surpreendendo tanto ela quanto a si próprio.

Ela hesitou por um instante, depois se virou e entrou na casa. Ele sentou-se em um muro de pedra, esperando, e ela retornou alguns instantes depois com um menino, de uns cinco anos, e uma menina de mais ou menos três, de tranças curtas, que olhou gravemente para ele e enfiou a mãozinha fechada na boca.

O sangue escorrera pelo fundo de sua garganta; era ácido e tinha gosto de ferro.

De vez em quando, em sua viagem, ele repassara cuidadosamente a explicação que sua tia Claire lhe dera. Não pensando em explicá-la a Emily; poderia não significar nada para ela — ele próprio mal a compreendia. Apenas, talvez, como uma espécie de escudo contra o momento, ao vê-la com os filhos que ele não pôde lhe dar.

"Chame de destino", Claire dissera, fitando-o com os olhos de falcão, aquele que vê lá de cima, tão de cima, talvez, que o que parece falta de misericórdia é na verdade compaixão. "Ou chame de azar Mas não foi culpa sua. Nem dela."

— Venha cá — ele disse em mohawk, estendendo a mão para o menino. Ele olhou para a mãe, mas aproximou-se dele, os olhos erguidos para seu rosto com curiosidade. — Vejo você no rosto dele — ele falou suavemente para ela, falando

em inglês. — E nas mãos — acrescentou em mohawk, tomando as mãos da criança, tão pequenas, nas suas. Era verdade: o menino tinha as mãos da mãe, delgadas e flexíveis; fecharam-se como camundongos adormecidos em suas palmas, depois os dedos abriram-se como as pernas de uma aranha e o menino deu uma risadinha. Ele riu também, fechou as próprias mãos rapidamente sobre as do menino, como um urso engolindo um par de trutas, fazendo a criança dar um gritinho, e soltou-as em seguida. — Você está feliz? — ele perguntou a ela.

— Sim — ela disse, brandamente. Abaixou os olhos, sem olhar diretamente em seus olhos, e ele compreendeu que era porque ela respondia honestamente, mas não queria ver se sua resposta o iria magoar. Ele colocou a mão sob seu queixo — sua pele era tão macia! — e ergueu seu rosto.

— Você está feliz? — ele perguntou outra vez, e sorriu ligeiramente ao fazer a pergunta.

— Sim — ela disse novamente. Mas depois deu um pequeno suspiro e sua mão tocou o rosto dele finalmente, leve como a asa de uma mariposa. — Mas às vezes eu sinto sua falta, Ian. — Não havia nada de errado com o sotaque dela, mas seu nome escocês soou impossivelmente exótico em sua língua, sempre fora assim.

Ele sentiu um nó na garganta, mas manteve o leve sorriso no rosto.

— Vejo que não pergunta se eu estou feliz — ele disse, e teve vontade de dar um chute em si mesmo.

Ela lançou-lhe um rápido olhar, penetrante como a ponta de uma faca.

— Eu tenho olhos — ela disse, com simplicidade. Fez-se silêncio entre ambos. Ele desviou o olhar, mas podia senti-la ali, respirando. Madura. Terna. Sentiu-a enternecer-se ainda mais, abrindo-se. Ela fora sensata em não ter entrado com ele no jardim. Ali, com seu filho brincando na terra junto aos seus pés, era seguro. Para ela, ao menos.

— Pretende ficar? — ela perguntou por fim, e ele sacudiu a cabeça.

— Estou de partida para a Escócia — ele disse.

— Terá uma mulher de seu próprio povo. — Havia alívio, mas também pesar, nas palavras dela.

— O seu povo não é mais o meu? — ele perguntou, com um lampejo feroz.

— Eles lavaram o sangue branco do meu corpo no rio, você estava lá.

— Eu estava lá. Ela fitou-o por um longo tempo, analisando seu rosto. Era muito provável que jamais o visse outra vez; será que procurava gravá-lo na memória ou estaria procurando alguma coisa em suas feições?, ele se perguntou.

Esta última hipótese. Ela virou-se abruptamente, erguendo a mão para que ele esperasse, e desapareceu dentro da casa.

A menina correu atrás dela, não querendo ficar com o estranho, mas o menino continuou ali, interessado.

— Você é Irmão do Lobo?

— Sim, sou. E você? — Me chamam de Digger. — Era uma espécie de nome infantil, usado por conveniência até que o verdadeiro nome da pessoa se apresentasse de alguma forma. Ian balançou a cabeça, e permaneceram em silêncio por alguns instantes, olhando com interesse um para o outro, mas sem nenhum constrangimento entre eles. — Aquela que é a mãe da mãe para a minha mãe — Digger disse inesperadamente. — Ela falou de você. Para mim.

— É mesmo? — Ian disse, surpreso. Era Tewaktenyonh. Uma grande mulher, chefe do Conselho de Mulheres em Snaketown, e a pessoa que o mandara embora. — Tewaktenyonh ainda vive? — ele perguntou, curioso.

— Oh, sim. É mais velha do que as montanhas — o menino respondeu gravemente. — Só lhe restam dois dentes, mas ela ainda come.

Ian sorriu.

— Ótimo. O que ela lhe disse sobre mim? O menino contraiu o rosto, tentando se lembrar. — Ela disse que eu era filho do seu espírito, mas que eu não devia dizer isso a meu pai.

Ian sentiu o impacto daquelas palavras, mais forte do que o soco que o pai dele lhe dera, e ficou sem palavras por um momento.

— Sim, também acho que você não deveria contar — ele disse, quando conseguiu falar. Ele repetiu em mohawk, caso o menino pudesse não ter entendido em inglês, e o menino assentiu, tranquilo.

— Vou ficar com você alguma vez? — ele perguntou, apenas vagamente interessado na resposta. Um lagarto aparecera sobre o muro de pedra para tomar sol, e seus olhos estavam fixos nele.

Ian forçou as próprias palavras a parecerem descontraídas.

— Se eu estiver vivo. Os olhos do menino estavam apertados, observando o lagarto, e a pequena mão direita se mexeu, apenas um pouco. Mas a distância era grande demais; ele sabia disso, então olhou para Ian, que estava mais perto. Ian lançou o olhar para o lagarto sem se mover, depois olhou de novo para o menino e um acordo tácito surgiu entre eles. Não se mexa, seus olhos disseram, e o menino pareceu parar de respirar.

Não adiantava pensar em tais situações. Sem parar para inspirar, ele lançou o braço e o lagarto já estava em sua mão, atônito e debatendo-se.

O menino deu uma gargalhada e ficou pulando, batendo palmas de alegria; em seguida, estendeu as mãos e recebeu o lagarto com grande concentração, envolvendo-o com as mãos para que não escapasse.

— E o que pretende fazer com ele? — Ian perguntou, sorrindo. O menino levou o lagarto junto ao rosto, espreitando-o atentamente, e sua testa franziu-se, pensando.

— Vou dar um nome a ele — disse finalmente. — Então, ele será meu e me abençoará quando eu o vir outra vez. — Levantou o lagarto, olhos nos olhos, e cada qual fitou o outro sem piscar.

— Seu nome é Bob — o menino declarou finalmente em inglês e, com grande cerimônia, colocou o lagarto no chão. Bob saltou de suas mãos e desapareceu sob um tronco caído.

— Um nome muito bom — Ian disse com seriedade. Suas costelas machucadas doeram com a necessidade de não rir, mas a vontade desapareceu no momento seguinte, quando a porta distante se abriu e Emily saiu, uma trouxinha nos braços.

Aproximou-se dele e mostrou-lhe um bebê, enrolado e preso a uma espécie de berço portátil para recém-nascidos, bem semelhante à maneira como ele apresentara o lagarto a Digger.

— Esta é minha segunda filha — ela disse, timidamente orgulhosa. — Gostaria de escolher o nome dela?

Ele ficou emocionado e tocou a mão de Emily, muito de leve, antes de colocar o minúsculo berço sobre o joelho e perscrutar atentamente o rostinho. Ela não poderia ter lhe dado maior honra, esta marca permanente do sentimento que um dia nutrira por ele — que ainda podia nutrir.

Mas ao olhar para a garotinha — ela o fitava com olhos redondos e sérios, assimilando aquela nova manifestação de sua paisagem pessoal — uma convicção dominou-o. Ele não a questionou; ela simplesmente estava lá, inegável.

— Obrigado — ele disse, sorrindo para Emily com grande afeto. Colocou a mão, enorme e áspera de calos e de marcas da vida, na cabecinha perfeita, de cabelos finos e macios. — Abençoo todos os seus filhos com as bênçãos de santa Brígida e de São Miguel Arcanjo. — Ergueu a mão, então, e estendendo o braço puxou Digger para ele. — Mas é este aqui a quem eu devo dar um nome.

O rosto de Emily ficou lívido de espanto e ela olhou rapidamente dele para seu filho e de volta para ele. Ela engoliu em seco, visivelmente em dúvida — mas não importava; ele tinha certeza.

— Seu nome é O Mais Rápido dos Lagartos — ele disse, em mohawk. O Mais Rápido dos Lagartos pensou por um instante, depois balançou a cabeça, contente, e com uma risada de puro prazer correu em disparada.

*ABRIGO CONTRA A TORMENTA*

Não pela primeira vez, William surpreendeu-se com o número de conhecidos de seu pai. Em uma conversa casual enquanto cavalgavam, ele mencionara a Denzell Hunter que seu pai certa vez conhecera um dr. John Hunter — na realidade, a associação, envolvendo uma enguia elétrica, um duelo improvisado e as implicações de roubo de cadáver, fazia parte da situação que enviara lorde John para o Canadá e as Planícies de Abraão. Seria esse John Hunter talvez o parente caridoso que a srta. Rachel havia mencionado?

Denny Hunter iluminou-se imediatamente.

— Que extraordinário! Sim, deve ser o mesmo. Particularmente, se houver roubo de corpos associado a ele. — Tossiu, parecendo um pouco embaraçado. — Foi uma ligação... muito educativa — Hunter disse. — Embora perturbadora, de vez em quando. — Olhou para trás, para sua irmã, mas Rachel estava bem para trás deles, sua mula trotando vagarosamente e ela própria meio adormecida na sela, a cabeça oscilando como um girassol. — Você compreende, amigo William — Hunter disse, abaixando a voz —, que a fim de se tornar hábil na arte da cirurgia é necessário aprender como o corpo humano é constituído e entender seu funcionamento. Somente assim, pode-se aprender com os textos, e os textos nos quais a maioria dos médicos confia são... bem, para ser franco, são errados.

— Oh, é mesmo? — William só dedicava metade de sua atenção à conversa. A outra metade estava igualmente dividida em sua avaliação da estrada, a esperança de que chegassem a algum lugar habitável a tempo de arranjar um local para jantar e a apreciação da finura do pescoço de Rachel Hunter nas raras ocasiões em que ela seguia à sua frente. Teve vontade de virar-se e olhar para ela outra vez, mas não podia fazê-lo já, em nome do decoro. Mais alguns minutos...

— ...Galeno e Esculápio. A crença comum é, e tem sido por muito tempo, de que os antigos gregos haviam registrado tudo que se conhece em relação ao corpo humano; não havia nenhuma necessidade de duvidar desses textos ou de criar mistério onde não havia nenhum.

William resfolegou ironicamente.

— Você devia ouvir meu tio falar sobre textos militares antigos. Ele é a favor de César, que ele diz que era um general muito honrado, mas se permite duvidar que Heródoto algum dia tenha visto um campo de batalha.

Hunter olhou para ele com surpreso interesse.

— Exatamente o que John Hunter dizia, em termos diferentes, com relação a Avicena! "O sujeito nunca viu um útero grávido na vida." — Ele bateu com o punho contra o cabeçote de sua sela para enfatizar a ideia e seu cavalo ergueu a cabeça com um safanão, assustado. — Ah!, ôa — Hunter disse, alarmado, puxando e soltando as rédeas de uma forma que logo faria o cavalo dar ré e escavar o solo com as patas. William inclinou-se para frente e habilmente tomou as rédeas das mãos de Denzell, deixando-as frouxas.

Ficou satisfeito com a breve distração, já que impediu que Hunter continuasse a discorrer sobre úteros. William não sabia bem o que era um útero, mas, se ficava grávido, devia ter a ver com as partes íntimas de uma mulher, e isso não era algo que William desejasse discutir ao alcance dos ouvidos da srta. Hunter.

— Mas você disse que sua ligação com o dr. Hunter foi perturbadora — ele disse, entregando as rédeas de volta a Hunter e apressando-se a mudar de assunto, antes que o médico pudesse pensar em algo mais embaraçoso para mencionar. — Como foi isso?

— Bem... nós, seus alunos, aprendemos os mistérios do corpo humano com... o corpo humano.

William sentiu um leve aperto na barriga.

— Dissecção, você quer dizer?

— Sim. — Hunter lançou-lhe um olhar, preocupado. — É uma perspectiva desagradável, eu sei, no entanto ver o modo maravilhoso como Deus arrumou as coisas! As complexidades de um rim, o surpreendente interior de um pulmão... William, não tenho como lhe explicar que revelação isso é!

— Bem... sim, imagino que deva ser — William disse, cautelosamente. Agora ele já podia, de forma razoável, olhar para trás, e foi o que fez. Rachel empertigara-se, endireitando as costas, a cabeça inclinada de modo que seu chapéu de palha caiu para trás, o sol no rosto, e ele sorriu. — Você... hã.... onde conseguia os corpos para dissecar?

O dr. Hunter suspirou.

— Esse era o aspecto perturbador. Muitos eram mendigos das ruas ou dos asilos, e suas mortes eram dignas de pena. Mas muitos eram os corpos de criminosos executados. E, apesar de dever ficar satisfeito que algum bem tenha vindo de suas mortes, eu não podia deixar de ficar horrorizado com essas execuções.

— Por quê? — William perguntou, interessado.

— Por quê? — Hunter pestanejou para ele por trás dos óculos, mas depois

sacudiu a cabeça, como se afastasse moscas. — Mas eu me esqueço de que você não é um dos nossos, perdoe-me. Nós não toleramos violência, amigo William, e certamente não matar alguém.

— Nem mesmo criminosos? Assassinos? Os lábios de Denzell se comprimiram e ele pareceu infeliz, mas sacudiu a cabeça.

— Não. Que sejam encarcerados ou condenados a trabalhos forçados. Mas o próprio Estado cometer assassinato é uma terrível violação dos mandamentos de Deus; implica todos nós no cometimento desse pecado. Não vê isso?

— Vejo que o Estado, como você diz, tem responsabilidade para com seus cidadãos — William disse, um pouco irritado. — Você espera que policiais e juízes cuidem para que você e sua propriedade tenham segurança, não é? Se o Estado tem essa responsabilidade, certamente deve ter os meios de cumpri-la.

— Não contesto isso, prendam-se os criminosos, se necessário, como eu disse. Mas o Estado não tem o direito de matar pessoas em meu nome!

— Não tem? — William retrucou secamente. — Você tem alguma ideia da natureza de alguns desses criminosos que são executados? Ou de seus crimes?

— E você tem? — Hunter ergueu a sobrancelha para ele.

— Tenho, sim. O diretor da penitenciária de Newgate é um conhecido, outro conhecido, do meu pai; já me sentei à mesa com ele e ouvi histórias que deixariam os cachos de sua peruca em pé, dr. Hunter. Se usasse uma — acrescentou.

Hunter respondeu ao gracejo com um sorriso fugaz.

— Chame-me pelo primeiro nome — ele disse. — Sabe que não nos apegamos a títulos. E admito a verdade do que você diz. Eu ouvi, e vi, coisas mais terríveis do que você provavelmente ouviu à mesa do seu pai. Mas a justiça está nas mãos de Deus. Cometer violência, tirar a vida de alguém, é violar a lei de Deus e cometer um grave pecado.

— E se você for atacado, ferido, não vai revidar? — William perguntou. — Não podem se defender? Nem defender suas famílias?

— Nós confiamos na bondade e na misericórdia divinas — Denzell disse com firmeza. — E, se somos mortos, morremos na firme expectativa da vida e da ressurreição de Deus.

Cavalgaram em silêncio por alguns instantes antes de William dizer de forma coloquial:

— Ou você confia na disposição de outra pessoa de cometer violência por você.

Denzel inspirou fundo, instintivamente, mas achou melhor não dizer o que pensara em dizer. Continuaram em silêncio por algum tempo e quando falaram outra vez foi a respeito de pássaros.

Chovia quando acordaram na manhã seguinte. Não uma chuvarada rápida,

que cai e logo desaparece, mas um tipo de chuva implacável, pesada, disposta a cair sem parar pelo resto do dia. Não adiantava permanecer onde estavam; o afloramento de rocha sob o qual haviam se abrigado para passar a noite ficava diretamente exposto ao vento e a chuva já umedecera suficientemente a lenha para fazer com que a fogueira do café da manhã liberasse muito mais fumaça do que calor.

Ainda com acessos de tosse intermitentes, William e Denny carregaram a mula enquanto Rachel enrolava em lona um feixe de galhos e gravetos menos úmidos. Se encontrassem abrigo ao cair da noite, poderiam ao menos ser capazes de acender uma fogueira para cozinhar o jantar, ainda que a chuva continuasse.

Havia pouca conversa. Ainda que estivessem inclinados a isso, o barulho da chuva pesada sobre as árvores e o solo e sobre seus chapéus era tão forte que qualquer coisa dita tinha que ser quase gritada para ser ouvida.

Em um estado de determinação encharcada, mas obstinada, cavalgaram devagar para o norte pelo nordeste, Denny ansiosamente consultando sua bússola quando chegaram a uma encruzilhada.

— O que acha, amigo William? — Denny tirou os óculos e limpou-os, sem grande sucesso, na barra do casaco. — Nenhuma das estradas segue exatamente como gostaríamos e o amigo Lockett não mencionou esta encruzilhada em suas instruções. Aquela — apontou para a estrada que atravessava a que estavam — parece ir para o norte, enquanto esta deve ir para leste. No momento. — Ele olhou para William, o rosto estranhamente despido sem os óculos.

Um fazendeiro chamado Lockett e sua mulher haviam sido seu último contato com a raça humana, há três dias. Ela lhes dera uma refeição, vendera-lhes pão, ovos e queijo, e o marido os colocara na estrada — para Albany, ele dissera; eles deveriam encontrar uma indicação do Exército Continental em algum lugar entre a fazenda e Albany. Mas ele não mencionara uma encruzilhada.

William olhou para o chão lamacento, mas a encruzilhada propriamente dita ficava em um terreno baixo e agora não passava de um pequeno lago. Nenhuma pista quanto ao movimento de tráfego, mas a estrada em que estavam era bem mais larga do que a estrada que a cruzava.

— Esta — ele disse com firmeza e fez o cavalo avançar chapinhando pelo lago até o outro lado.

Agora já era final de tarde e ele começava a ficar preocupado com sua decisão. Se estivessem na estrada certa, deveriam, segundo o sr. Lockett, encontrar um vilarejo chamado Johnson's Ford ao final do dia. Claro, a chuva os atrasara, disse a si mesmo. E, apesar do campo parecer vazio e verde como sempre, vilarejos e casas de fazendas realmente surgiam tão repentinamente quanto cogumelos após um dia chuvoso. Nesse caso, deveriam encontrar Johnson's Ford a qualquer momento.

— Talvez o lugar tenha se dissolvido — Rachel inclinou-se para fora da sua cela para gritar para ele. A própria Rachel já quase se dissolvera, e ele riu, apesar de sua preocupação. A chuva arriara a aba de seu chapéu de palha, de modo que ele pendia flácido como um espanador ao redor de sua cabeça; ela era obrigada a levantar a frente da aba a fim de espreitar para fora, como um sapo desconfiado embaixo de um restelo. Suas roupas também estavam encharcadas e, como ela usava três camadas de tudo, não parecia mais do que uma trouxa grande e desfeita de roupa lavada, que acabava de ser tirada, fumegante, da tina.

Mas antes que pudesse responder seu irmão empertigou-se na sela, espalhando água em todas as direções, e apontou dramaticamente para um ponto mais abaixo na estrada.

— Vejam! William virou a cabeça abruptamente, presumindo que seu destino estava à vista. Não estava, mas a estrada já não estava vazia. Um homem caminhava energeticamente na direção deles pela lama, um saco de aniagem aberto protegendo a cabeça e os ombros da chuva. No atual estado de desolação, qualquer coisa humana era uma visão de alegrar os olhos e William esporeou um pouco o cavalo para saudar o sujeito.

— Olá, rapaz — disse o sujeito, espreitando William de seu refúgio de aniagem. — Pra onde vão, neste dia horrível? — Ergueu o lábio numa tentativa de parecer simpático, exibindo um canino quebrado, manchado de tabaco.

— Johnson's Ford. Estamos na direção certa?

O homem recuou um passo, como se estivesse perplexo.

— Johnson's Ford, foi o que disse?

— Sim — William confirmou, com certa dose de impaciência. Ele compreendia a solidão da vida no interior e o impulso subsequente dos habitantes de deter os viajantes o maior tempo possível, mas aquele não era o dia para isso. — Onde fica?

O homem sacudiu a cabeça para frente e para trás devagar, em desalento.

— Receio que perdeu o lugar onde devia virar, senhor. Devia ter pego à esquerda na encruzilhada.

Rachel fez um pequeno som de pesar. A luz já começava a amortecer, sombras começando a se formar ao redor das patas dos cavalos. Eram várias horas de cavalgada de volta à encruzilhada; não podiam esperar chegar lá antes do cair da noite, muito menos alcançar Johnson's Ford.

O homem obviamente percebeu isso também. Sorriu alegremente para William, revelando uma ampla extensão de gengiva marrom.

— Se os cavalheiros me ajudarem a pegar minha vaca e levá-la para casa, a mulher terá prazer em lhes oferecer cama e comida.

Não havendo alternativa razoável, William aceitou a sugestão com toda a

elegância possível e, deixando Rachel abrigada sob uma árvore com os animais, ele e Denny Hunter foram ajudar a pegar a vaca.

A vaca em questão, um animal peludo e descarnado com um olhar maligno, mostrou ser tanto intratável quanto teimosa, e foi necessária a combinação dos talentos dos três homens para capturá-la e arrastá-la para a estrada. Encharcado até a pele e coberto de lama, o grupo estropiado seguiu o sr. Antioch Johnson — pois assim seu anfitrião se apresentara — através das crescentes sombras da noite até uma pequena casa caindo aos pedaços.

A chuva, entretanto, continuava a cair torrencialmente e qualquer teto era bem-vindo, vazando ou não.

Verificou-se que a sra. Johnson era uma mulher desleixada e maltrapilha de idade incerta, com menos dentes ainda do que o marido e um temperamento ainda mais mal-humorado. Ela fitou os hóspedes encharcados com raiva e deu-lhes as costas rudemente, mas trouxe tigelas de madeira com um infame ensopado solidificado — e havia leite fresco da vaca. William notou que Rachel deu apenas uma única mordida na comida, empalideceu, tirou alguma coisa da boca e largou a colher, depois do que se restringiu ao leite.

Ele próprio estava faminto demais tanto para sentir o gosto do ensopado quanto para se importar com o que havia dentro dele — e, felizmente, estava escuro demais para examinar o conteúdo da tigela.

Denny esforçava-se para ser sociável, embora oscilasse de cansaço, respondendo às infindáveis perguntas sobre suas origens, jornada, destino, conexões, notícias da estrada e opiniões e novidades relativas à guerra. Rachel tentava um sorriso de vez em quando, mas seus olhos não paravam de percorrer nervosamente o ambiente, retornando invariavelmente para a anfitriã, sentada em um canto, seus próprios olhos encobertos, cismando sobre um fumegante cachimbo de barro pendurado sobre um flácido lábio inferior.

Com a barriga cheia e meias secas, William começou a sentir o preço dos extenuantes esforços do dia. Havia um bom fogo na lareira e o movimento das chamas o embalou em uma espécie de transe, as vozes de Denny e do sr. Johnson desaparecendo em um murmúrio agradável. Ele teria adormecido ali mesmo, se o ruído de Rachel levantando-se para ir à latrina não tivesse quebrado o transe, fazendo-o lembrar que deveria ir verificar os cavalos e mulas. Ele os havia enxugado da melhor forma possível e pago ao sr. Johnson por feno, mas não havia nenhum estábulo verdadeiro para abrigá-los, apenas um rústico teto de galhos assentados sobre estacas finas. Ele não queria que ficassem a noite inteira de pé na lama caso o abrigo inundasse.

Ainda chovia, mas o ar do lado de fora estava límpido e fresco, repleto do cheiro noturno de árvores, mato e água em precipitação. Após o ar abafado de

dentro da casa, William sentiu-se quase zozzo com a fragrância. Encolheu-se e atravessou a chuva até o abrigo, fazendo o melhor possível para manter acesa a pequena tocha que levava, desfrutando cada respiração.

A tocha bruxuleava, mas continuou queimando, e ele ficou satisfeito de ver que o abrigo não inundara; os cavalos e mulas — e a vaca de olhos arregalados — estavam todos em pé sobre palha úmida, mas não enfiados na lama até o jarrete. A porta da latrina rangeu e ele viu a figura escura e delgada de Rachel emergir. Ela viu a tocha e foi até ele, enrolando o xale ao redor do corpo para se proteger da chuva.

— Os animais estão bem? — Gotas de chuva cintilavam em seus cabelos e ela sorriu para ele.

— Espero que a comida deles tenha sido melhor do que a nossa. Ela estremeceu à lembrança. — Eu teria preferido comer feno. Você viu o que havia...

— Não — ele interrompeu — e ficarei muito mais feliz se você não me contar. Ela resfolegou com desdém, mas desistiu. Ele não tinha a menor vontade de voltar para dentro da fétida casa imediatamente e Rachel parecia com igual disposição, adiantando-se para afagar as orelhas arriadas de sua mula.

— Não gosto da maneira como aquela mulher olha para nós — Rachel disse após um instante, sem olhar para ele. — Ela não tira os olhos dos meus sapatos. Como se imaginasse se caberiam nela.

O próprio William olhou para os pés de Rachel; seus sapatos não eram de modo algum elegantes, mas eram fortes e de boa qualidade, apesar de gastos e sujos de lama seca.

Rachel olhou com inquietação para a casa.

— Vou ficar contente de ir embora daqui, ainda que continue a chover pela manhã.

— Iremos embora — ele assegurou-lhe. — Sem esperar pelo café da manhã, se preferir. — Recostou-se contra uma das estacas que suportava o abrigo, sentindo a névoa fria da chuva em seu pescoço. A sensação de tontura o deixara, embora o cansaço não, e ele percebeu que compartilhava sua sensação de mal-estar.

O sr. Johnson parecia amável, apesar de estranho, mas havia algo quase ansioso demais em seus modos. Ele se inclinava avidamente para frente na conversa, os olhos brilhantes, e suas mãos encardidas não sossegavam em seus joelhos.

Podia ser apenas reflexo da solidão natural de um homem sem companhia — pois certamente a presença da emburrada sra. Johnson seria de pouco consolo —, mas o pai de William o ensinara a prestar atenção a seus instintos, e portanto ele não tentava descartá-los. Sem comentários ou pedido de licença, ele remexeu no alforje pendurado na estaca e encontrou a pequena adaga que carregava na bota quando estava cavalgando.

Os olhos de Rachel seguiram seus movimentos quando ele enfiou a adaga no

cós de suas calças e soltou mais a camisa para escondê-la. Ela contraiu o queixo, mas não protestou. A tocha começava a falhar, quase extinta. Ele estendeu o braço e Rachel tomou-o sem protestar, aconchegando-se contra ele. Teve vontade de passar o braço ao seu redor, mas contentou-se em aproximar o cotovelo do corpo, achando conforto no calor distante de seu corpo.

O vulto da casa da fazenda era mais escuro do que a noite, não tendo nem porta, nem janela nos fundos. Deram a volta à casa em silêncio, a chuva batendo em suas cabeças, os pés chapinhando no chão encharcado. Somente uma luz trêmula aparecia por baixo das persianas, uma indicação mínima da presença de ocupantes. Ouviu Rachel engolir em seco e tocou sua mão de leve ao abrir a porta para ela.

— Durma bem — sussurrou-lhe. — O dia vai amanhecer antes que você se dê conta.

Foi o ensopado que salvou sua vida. Ele adormeceu quase instantaneamente, dominado pelo cansaço, mas seu sono foi perturbado por sonhos abomináveis. Ele caminhava por um corredor com um tapete turco decorado com figuras, mas percebeu após algum tempo que aquilo que ele tomava por arabescos no tapete eram de fato cobras, que erguiam as cabeças, oscilando, à sua aproximação. As cobras moviam-se devagar e ele conseguia passar por cima delas, mas em consequência lançava-se de um lado para o outro, batendo nas paredes do corredor, que pareciam se fechar sobre ele, estreitando o caminho.

Então, ficou tão enclausurado que teve que continuar avançando de lado, a parede atrás dele roçando suas costas, a superfície de argamassa à sua frente tão próxima que ele não podia abaixar a cabeça para olhar para baixo. Estava preocupado com as cobras no tapete, mas não podia vê-las, e chutava para os lados, de vez em quando atingindo algo pesado. Em pânico, sentiu uma delas enroscar-se em sua perna, depois deslizar para cima, enrolando-se ao redor de seu corpo e enfiando a cabeça pela frente de sua camisa, sondando-o com força e dolorosamente no abdômen, procurando um lugar para morder.

Acordou repentinamente, ofegante e suado, cômico de que a dor em suas entranhas era real. Sua barriga contraiu-se com um espasmo agudo e ele ergueu as pernas e rolou de lado um segundo antes de o machado atingir as tábuas do assoalho onde sua cabeça acabara de estar.

Soltou uma ruidosa ventosidade e rolou em um pânico cego na direção da figura escura que lutava para arrancar o machado da madeira. Atingiu as pernas de Johnson, agarrou-as e deu um puxão. O sujeito caiu sobre ele com uma imprecação e agarrou-o pela garganta. William socava e chutava seu adversário, mas as mãos em sua garganta agarravam-no com toda a força e sua visão escurecia e lampejava com luzes multicoloridas.

Havia uma gritaria em algum lugar próximo. Mais por instinto do que

planejamento, William lançou-se repentinamente para frente, dando uma cabeçada no rosto de Johnson. Doeu, mas o aperto em sua garganta afrouxou; contorceu-se para se livrar de seu atacante e rolou sobre o corpo, pondo-se de pé atabalhoadamente.

O fogo reduzira-se a brasas quase extintas e não havia mais do que uma leve claridade no aposento. Um aglomerado de corpos arfantes no canto era a fonte da gritaria, mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Johnson conseguiu soltar o machado com um chute; William viu o brilho opaco da lâmina na fração de segundo antes que Johnson o brandisse e desfechasse um golpe procurando atingir sua cabeça. Ele agachou-se, arremeteu-se para a frente e conseguiu agarrar o pulso de Johnson, puxando-o com força. O lado da lâmina do machado ao cair bateu em seu joelho com uma pancada paralisante, e ele desmoronou, levando Johnson com ele, mas levantou o outro joelho a tempo de não ser achatado embaixo do corpo do adversário.

Deu um safanão para o lado, sentiu um calor repentino nas costas e o estalido de fagulhas; haviam rolado para a borda da lareira. Ele estendeu a mão para trás, agarrou um punhado de carvão em brasa, que esfregou no rosto de Johnson, ignorando a dor lancinante na palma de sua mão.

Johnson caiu para trás, segurando o rosto e fazendo ruídos curtos, como se não tivesse fôlego para gritar. O machado pendia de uma de suas mãos; ele percebeu que William se levantava e girou-o cegamente, com apenas uma das mãos.

William agarrou o cabo do machado, arrancou-o da mão de Johnson, segurou-o firmemente com as duas mãos e lançou-o para baixo, atingindo a cabeça de Johnson com um barulho oco como o de uma abóbora chutada. O impacto vibrou através de suas mãos e de seus braços; soltou-o e cambaleou para trás.

Sua boca estava cheia de bÍlis; a saliva escorreu e ele limpou a boca na manga da camisa. Respirava como um fole, mas parecia não conseguir levar nenhum ar aos pulmões.

Johnson girou em sua direção, os braços estendidos, o machado cravado em sua cabeça. O cabo tremia, balançando de um lado para o outro como uma antena de inseto. Devagar, horrendamente, as mãos de Johnson levantaram-se tentando segurá-lo.

William tinha vontade de gritar, mas não tinha fôlego para isso. Recuando em pânico, roçou a mão pelas calças e sentiu o lugar úmido. Olhou para baixo, temendo o pior, mas viu o tecido escuro de sangue e ao mesmo tempo percebeu que havia uma sensação levemente ardente no alto de sua coxa.

— Maldição — murmurou, Tateando na cintura. Ele conseguira ferir-se com a própria adaga, mas ela ainda estava lá, graças a Deus. A sensação do cabo em sua mão o reequilibrou e ele sacou a adaga, ainda recuando, enquanto Johnson vinha em sua direção, emitindo uma espécie de uivo, puxando o cabo do machado.

O machado se soltou, liberando um jato de sangue que correu pelo rosto de Johnson e espalhou-se no rosto, nos braços e no peito de William. Johnson brandiu o machado com um acesso de fúria e esforço, mas seus movimentos eram lentos e descoordenados. William desviou-se para o lado, soltando gases com o movimento, mas recobrando o sangue-frio. Agarrou com mais força o cabo da adaga e buscou um lugar onde enfiá-la. Nas costas, sua mente sugeriu. Johnson passava o braço inutilmente pelo rosto, tentando limpar os olhos, o machado na outra mão, balançando-se de um lado para o outro em amplos e trêmulos movimentos.

— William! — Surpreso com a voz, olhou para o lado e quase foi atingido pela lâmina vacilante.

— Cale-se — ele disse, irritado.

— Estou ocupado.

— Sim, posso ver — disse Denny Hunter. — Deixe-me ajudá-lo. — Ele estava quase tão lívido e trêmulo quanto Johnson, mas deu um passo à frente, com uma investida repentina, apoderou-se do cabo do machado e arrancou o instrumento da mão de Johnson. Recuou e soltou-o no chão com uma pancada surda, parecendo que iria vomitar a qualquer instante.

— Obrigado — William disse. Ele deu um passo à frente e enfiou a adaga para cima sob as costelas de Johnson, em seu coração. Os olhos de Johnson se arregalaram com o choque e olharam diretamente nos de William. Eram azul-acinzentados, com partículas douradas e amarelas espalhadas ao redor da íris escura. William nunca vira nada tão bonito e ficou paralisado por um instante, até que a sensação do sangue jorrando sobre sua mão o fez voltar a si.

Soltou a faca com um puxão e recuou, deixando o corpo cair. Tremia de cima a baixo e estava prestes a defecar nas calças. Virou-se cegamente e arremeteu-se para a porta, roçando em Denny ao passar, o qual disse alguma coisa que ele não entendeu bem.

No entanto, tremendo e arquejando na latrina, achou que o médico dissera: "Você não precisava ter feito isso."

Sim, pensou, precisava, e abaixou a cabeça sobre os joelhos, esperando que tudo se acalmasse.

William emergiu finalmente de dentro da latrina, sentindo-se suado e pegajoso, as pernas trôpegas, porém menos volátil internamente. Denny Hunter passou correndo por ele e entrou na casinhola, de onde se ouviram imediatamente barulhos explosivos e gemidos altos. Afastando-se depressa, andou pela chuva intermitente na direção da casa.

A aurora ainda estava distante, mas o ar começava a se agitar e a casa destacava-se contra o céu que empalidecia, negra e esquelética. Entrou, sentindo-se muito inseguro, e encontrou Rachel, branca como um osso, vigiando com uma

vassoura a sra. Johnson, firmemente enrolada em um lençol imundo, debatendo-se um pouco e fazendo estranhos ruídos sibilantes e de cuspe.

O cadáver de seu marido jazia de barriga para baixo junto à lareira em uma poça de sangue coagulado. Ele não queria olhar o corpo, mas sentiu que de certo modo seria errado não o fazer, e foi postar-se ao lado dele por um instante, olhando para baixo. Um dos Hunter havia atizado o fogo e acrescentado lenha; havia calor no aposento, mas ele não conseguia senti-lo.

— Está morto — Rachel disse, a voz monótona.

— Sim. — Ele não sabia como deveria se sentir em tal situação e não tinha nenhuma ideia real de como na verdade se sentia. No entanto, virou-se, com uma leve sensação de alívio, e olhou para a prisioneira.

— Ela...? — Ela tentou cortar a garganta de Denny, mas pisou na minha mão e me acordou. Vi a faca e gritei, e ele agarrou-a, e... — Ela passou a mão pelos cabelos e ele viu que ela havia perdido a touca e que seus cabelos estavam soltos e emaranhados. — Sentei em cima dela — disse — e Denny enrolou-a no lençol. Acho que ela não consegue falar — Rachel acrescentou quando ele inclinou-se para a mulher. — Sua língua é fendida.

A sra. Johnson, ouvindo isso, colocou a língua para fora vingativamente e sacudiu as duas metades independentes para ele. Com a lembrança das cobras de seus sonhos vívida em sua mente, ele encolheu-se instintivamente de repugnância, mas viu o ar de satisfação que cruzou o rosto da mulher.

— Se ela consegue fazer isso com sua língua repulsiva, ela consegue falar — ele disse e, estendendo a mão, agarrou a garganta magra da mulher. — Diga-me por que eu não deveria matá-la também.

— Não tenho culpa! — ela disse prontamente, com um silvo tão áspero que ele quase a soltou com o choque. — Ele me fazzz ajudar.

William olhou por cima do ombro para o corpo junto à lareira.

— Não mais. — Ele apertou a mão na garganta da sra. Johnson, as batidas de sua pulsação contra seu polegar. — Quantos viajantes vocês mataram, os dois juntos?

Ela não respondeu, mas tocou o lábio superior lascivamente com a língua, primeiro uma das metades, depois a outra. Ele soltou seu pescoço e esbofeteou-a com força. Rachel soltou uma arfada.

— Você não deve...

— Oh, sim, devo. — Ele esfregou a mão pela lateral da calça, tentando se livrar da sensação do suor da mulher, de sua pele flácida, sua garganta ossuda. Sua outra mão começava a latejar dolorosamente. Teve a súbita vontade de pegar o machado e golpeá-la sucessivas vezes, esmagar sua cabeça, cortá-la em pedacinhos. Seu corpo tremia com o impulso; ela viu isso nos olhos dele e encarou-o, os olhos

negros e brilhantes. — Não quer que eu a mate? — ele perguntou a Rachel.

— Você não deve fazer isso — ela sussurrou. Muito devagar, ela estendeu o braço para sua mão queimada e, quando ele não a retirou, ela tomou-a na sua. Havia uma zoadá em seus ouvidos e ele se sentia tonto.

— Você está ferido — ela disse suavemente. — Vamos lá fora. Vou lavar o ferimento.

Conduziu-o para fora, quase cego e tropeçando, e o fez se sentar no tronco de cortar lenha enquanto trazia um balde de água da tina. Parara de chover, embora o mundo inteiro gotejasse e o ar do amanhecer fosse úmido e fresco em seu peito. Rachel lavou sua mão na água fria e a sensação de ardência diminuiu um pouco. Ela tocou em sua coxa, onde o sangue secara em uma longa mancha pelas suas calças, mas não fez nada quando ele abanou a cabeça.

— Vou lhe trazer uísque. Temos um pouco na sacola de Denny. — Levantou-se, mas ele agarrou seu pulso com a outra mão, segurando-a com força.

— Rachel. — Sua própria voz soou estranha para ele, remota, como se outra pessoa estivesse falando — Nunca matei ninguém antes. Eu não... não sei exatamente o que fazer a respeito disso. — Ergueu os olhos para ela, buscando compreensão em seu rosto. — Se tivesse sido... eu esperava que isso acontecesse numa batalha. Isso... eu acho que saberia como. Como me sentir, quero dizer. Se tivesse sido assim.

Ela fitou-o nos olhos, o rosto tenso, perturbado. A luz tocou em seu rosto, um tom rosado mais suave do que o lustre de pérolas, e após um longo tempo ela pôs a mão em seu rosto, muito delicadamente.

— Não — ela disse. — Não saberia.

PARTE CINCO



RUMO AO PRECÍPIO

*ENCRUZILHADA*

William despediu-se dos Hunter em uma encruzilhada anônima em algum lugar de Nova Jersey. Não era sensato para ele ir além; as perguntas que fizera referentes à posição do Exército Continental estavam sendo recebidas com crescente hostilidade, indicando que estavam chegando perto. Nem simpatizantes rebeldes, nem legalistas que temiam represálias de um exército à sua porta queriam dizer nada aos misteriosos viajantes que poderiam ser espões ou pior.

Os quakers teriam mais facilidade sem ele. Era tão óbvio o que eles eram e a intenção de Denzell de se alistar como médico ao mesmo tempo tão simples e tão admirável que, se estivessem sozinhos, as pessoas os ajudariam, pensou. Ou ao menos receberiam suas indagações com mais boa vontade. Mas com William...

Dizer que era um amigo dos Hunter tinha sido suficiente, no começo da viagem. As pessoas ficavam curiosas com o pequeno grupo, mas não desconfiadas. No entanto, conforme se aproximavam de Nova Jersey, a agitação do campo aumentava acentuadamente. Fazendas haviam sido saqueadas por grupos em busca de alimentos, tanto pelos mercenários alemães do exército de Howe, tentando atrair Washington para um confronto aberto, tirando-o de seu esconderijo nas Montanhas Watchung, quanto pelo Exército Continental, desesperado por suprimentos.

Fazendas que normalmente teriam recebido estranhos com prazer por causa das notícias que traziam agora os repeliam com mosquetes e palavras ásperas. Estava cada vez mais difícil encontrar comida. A presença de Rachel às vezes os ajudava a se aproximar o suficiente para lhes oferecer dinheiro — e a pequena reserva de ouro e prata de William sem dúvida era um grande auxílio; Denzell depositara a maior parte do dinheiro da venda da casa em um banco na Filadélfia para garantir a segurança futura de Rachel e o papel-moeda emitido pelo Congresso era quase universalmente rejeitado.

Entretanto, não havia como William pudesse se fazer passar por um quaker. Além de sua incapacidade de dominar a linguagem simples e o modo de falar dos quakers, sua altura e porte deixavam as pessoas nervosas — ainda mais quando ele,

com as lembranças do capitão Nathan Hale vívidas na mente, não dizia que pretendia se alistar no Exército Continental nem fazia nenhuma pergunta que pudesse mais tarde ser apresentada como prova de espionagem. Seu silêncio — considerado ameaçador — também deixava as pessoas nervosas.

Ele não falara com os Hunter sobre sua partida e tanto Denzell quanto Rachel haviam tomado o cuidado de não lhe perguntar sobre seus próprios planos. No entanto, todos sabiam que havia chegado a hora; ele pôde sentir isso no ar quando acordou naquela manhã. Quando Rachel entregou-lhe um pedaço de pão para o café da manhã, sua mão roçou a dele e ele quase segurou seus dedos. Ela sentiu a força de seu impulso reprimido e ergueu a cabeça, espantada, fitando-o diretamente nos olhos. Mais verdes do que castanhos hoje, e ele teria mandado a descrição para o inferno e a beijado — achou que ela não se oporia — se se u irmão não tivesse emergido do mato exatamente naquele momento, abotoando a braguilha.

Ele escolheu o lugar, repentinamente. Não havia nada a ganhar com a demora e talvez fosse melhor fazer logo isso sem pensar muito. Freou o cavalo no meio da encruzilhada, surpreendendo Denzell, cuja égua empinou a cabeça e se agitou com o puxão em suas rédeas.

— Vou deixá-los aqui — William disse abruptamente e mais asperamente do que pretendia. — Meu caminho é para o norte — balançou a cabeça naquela direção e ainda bem que o sol estava brilhando e ele podia dizer para onde era o norte — enquanto eu achar que se vocês continuarem para leste encontrarão alguns representantes do exército do sr. Washington. Se... — hesitou, mas eles tinham que ser avisados. Pelo que os fazendeiros haviam dito, era evidente que Howe enviara tropas para a região.

— Se encontrarem tropas britânicas ou mercenários hessianos... por acaso vocês falam alemão?

Denzell sacudiu a cabeça, os olhos arregalados por trás dos óculos.

— Só um pouco de francês.

— Isso é bom. A maioria dos oficiais hessianos fala bem o francês. Se encontrarem hessianos que não falem francês e eles quiserem molestá-los, diga-lhes: "Ich verlange, Euren Vorgesetzten zu sehen; ich bin mitseinem Freund bekannt." Significa: "Quero falar com seu oficial; conheço um amigo dele." Diga a mesma coisa se encontrar tropas britânicas. Em inglês, é claro — acrescentou, sem jeito.

Um débil sorriso atravessou o rosto de Denzell.

— Eu lhe agradeço — ele disse. — Mas e se eles realmente nos levarem a um oficial e este quiser saber o nome desse amigo hipotético?

William retribuiu o sorriso.

— Na verdade, não importa. Uma vez diante de um oficial, estarão seguros. Mas quanto a um nome... Harold Grey, duque de Pardloe, coronel da 46ª Infantaria.

— Tio Hal não conhecia todo mundo, como seu próprio pai, mas qualquer um no mundo militar o conheceria ou pelo menos já teria ouvido falar dele.

Pôde ver os lábios de Denzel moverem-se silenciosamente, gravando o nome na memória.

— E quem é o amigo Harold para você, William? — Rachel o observava intensamente por baixo da aba caída de seu chapéu e nesse momento o empurrou para trás na cabeça para vê-lo mais diretamente.

Ele hesitou outra vez, mas afinal o que isso importava agora? Jamais veria os Hunter outra vez. E, embora soubesse que os quakers não se deixavam impressionar por demonstrações mundanas de posição social e família, ainda assim empertigou-se em sua sela.

— Um parente meu — disse descontraidamente e, enfiando a mão no bolso, retirou a bolsinha que o escocês Murray lhe dera. — Tomem. Vão precisar disso.

— Nós nos arranjaremos bem — Denzell disse, abanando a mão em recusa.

— Eu também — William disse, e atirou a bolsinha para Rachel, que estendeu as mãos em reflexo e pegou-a, parecendo tão surpresa com o fato de que o fizera quanto pela própria ação de William. Ele também sorriu para ela, o coração enternecido.

— Boa sorte — ele disse com voz rouca, depois deu meia-volta no cavalo e partiu a trote ligeiro, sem olhar para trás.

— Sabe que ele é um soldado inglês? — Denny Hunter disse serenamente a sua irmã, observando William se afastar. — Provavelmente um desertor.

— E se for?

— A violência segue um homem assim. Você sabe disso. Permanecer muito tempo com esse homem é um perigo, e não só para o corpo. Para a alma também.

Rachel permaneceu em silêncio por um instante, observando a estrada vazia. Os insetos zumbiam nas árvores.

— Acho que você é um hipócrita, Denzell Hunter — ela disse sem se alterar, e fez a mula dar meia-volta. — Ele salvou minha vida e a sua. Preferia que ele tivesse se contido e me ver assassinada naquele lugar medonho? — Ela estremeceu ligeiramente apesar do calor do dia.

— Não — seu irmão respondeu racionalmente. — E agradeço a Deus por ele ter estado lá para salvá-la. Sou bastante pecador para preferir sua vida ao bem-estar da alma de um jovem rapaz, mas não bastante hipócrita para negar isso, não.

Ela resfolegou com desdém e, tirando o chapéu, abanou uma nuvem de mosquitos.

— Fico honrada. Mas quanto à sua conversa de homens violentos e o perigo de ficar nas vizinhanças de tais homens... você não está me levando para me juntar a um exército?

Ele riu melancolicamente.

— Estou. Talvez você tenha razão e eu seja um hipócrita. Mas, Rachel... — Ele inclinou-se e segurou a brida da mula, impedindo-a de se virar. — Você sabe que eu não deixaria nada de mal acontecer a você, nem do corpo, nem da alma. Diga e eu encontrarei um lugar para você entre amigos quakers, onde ficará em segurança. Tenho certeza de que Deus falou comigo e tenho que seguir minha consciência. Mas não há nenhuma necessidade de você segui-la também.

Ela lançou-lhe um olhar longo e direto.

— E como você sabe que Deus também não falou comigo?

Os olhos dele piscaram por trás dos óculos.

— Fico feliz por você. O que Ele lhe disse?

— Ele disse: "Impeça seu irmão cabeçudo de cometer suicídio porque vou precisar do sangue dele em sua mão" — ela rebateu, afastando a mão dele da brida de sua mula. — Se nós vamos nos juntar ao exército, Denny, vamos logo encontrá-lo.

Ela cutucou com força as costelas da mula. As orelhas do animal se empinaram e, com uma exclamação de surpresa de sua dona, partiu pela estrada como um tiro de canhão.

William cavalgou por algum tempo, as costas empinadas, demonstrando excelente forma em sua perícia de ginete. Depois que a estrada fez uma curva e a encruzilhada ficou fora de vista, ele diminuiu a marcha e relaxou um pouco. Lamentava deixar os Hunter, mas já começava a voltar seus pensamentos para a frente.

Burgoyne. Conhecera o general Burgoyne certa vez, em uma peça de teatro. Uma peça escrita por ninguém menos que o próprio general. Não se lembrava de nada em relação à peça, já que flertava com uma jovem no camarote ao lado, mas depois descera com seu pai para parabenizar o bem-sucedido dramaturgo, que estava afogueado e empolgado com o triunfo e o champanhe.

"Cavalheiro Johnny", é como o chamavam em Londres. Uma luz no firmamento da sociedade londrina, apesar do fato de que ele e sua mulher tivessem sido obrigados, há alguns anos, a fugir da França para escapar da prisão por dívidas. No entanto, ninguém cobra dívidas de um homem; era demasiado comum.

William estava mais intrigado com o fato de que seu tio Hal parecia gostar de John Burgoyne. Tio Hal não tinha tempo para peças de teatro, nem para aqueles que as escreviam — apesar de que, pensando bem, ele possuía a obra completa de Aphra Behn em suas estantes, e o pai de William lhe dissera certa vez, com grande segredo, que seu irmão Hal tivera uma ligação apaixonada com a sra. Behn depois da morte de sua primeira esposa e antes de seu casamento com tia Minnie.

— A sra. Behn morreu, sabe — seu pai explicara-lhe. — A salvo.

William balançara a cabeça, querendo parecer conhecedor das coisas do mundo, embora na realidade não fizesse nenhuma ideia do que seu pai quis dizer com isso. A salvo? Como assim, a salvo?

Sacudiu a cabeça. Não esperava jamais compreender tio Hal e a probabilidade é de que isso fosse o melhor para ambos. Sua avó Benedicta era provavelmente a única pessoa que o compreendia. A lembrança de seu tio, entretanto, levou-o a pensar em seu primo Henry, e sua boca apertou-se um pouco.

A notícia teria chegado a Adam, é claro, mas ele provavelmente não podia fazer nada pelo irmão. Nem William, cujo dever o mandava para o norte. Mas tanto seu pai quanto tio Hal, sem dúvida...

O cavalo empinou a cabeça, resfolegando, e William olhou para frente, avistando um homem parado junto à estrada, um dos braços erguidos, saudando-o.

Ele avançou devagar, um olhar atento à floresta, para o caso do sujeito ter aliados escondidos para emboscar viajantes desavisados. As margens da estrada, entretanto, eram bem abertas naquele trecho, com um mato denso, mas de galhos altos e finos mais além; ninguém poderia se esconder ali.

— Bom-dia, senhor — ele disse, freando a uma distância segura do velho; pois velho ele era; seu rosto era coberto de rugas como um monte de escória de uma mina de estanho, ele se apoiava num cajado e seus cabelos eram brancos como neve, amarrados para trás em uma trança.

— Prazer — disse o cavalheiro idoso. Cavalheiro porque ele tinha uma postura altiva e suas roupas eram boas, e agora que William notava havia um bom cavalo também, amarrado e pastando a certa distância. William relaxou um pouco.

— Para onde vai, senhor? — perguntou educadamente. O senhor encolheu um pouco os ombros, à vontade.

— Isso pode depender do que você me disser, meu jovem. — O velho era escocês, embora seu inglês fosse muito bom. — Estou à procura de um homem chamado Ian Murray, que acho que o senhor conhece, não é?

William ficou desconcertado; como o velho sabia disso? Mas ele conhecia Murray; talvez Murray tivesse mencionado William para ele. Respondeu cautelosamente:

— Eu o conheço. Mas receio não ter a menor ideia de onde ele esteja.

— Não? — O velho lançou-lhe um olhar penetrante. Como se ele achasse que eu fosse mentir para ele, William pensou. Velho desconfiado!

— Não — repetiu com firmeza. — Eu o encontrei no Great Dismal, há algumas semanas, na companhia de mohawks. Mas não sei para onde ele pode ter ido desde então.

— Mohawk — o velho repetiu pensativamente, e viu os olhos fundos fixarem-se em seu peito, onde a grande pata de urso era vista sobre a camisa. —

Você arranhou esse bawbee com os mohawks, então?

— Não — William respondeu rispidamente, sem saber o que era um bawbee, mas achando que de certo modo soava depreciativo. — O sr. Murray o trouxe para mim, de um... amigo.

— Um amigo. — O velho estudava seu rosto ostensivamente, de uma forma que deixava William desconfortável e, portanto, furioso. — Como se chama, rapaz?

— Não é da sua conta, senhor — William disse, da maneira mais educada possível, juntando as rédeas. — Tenha um bom dia!

A expressão do sujeito endureceu e sua mão se apertou sobre o cajado. William virou-se abruptamente, com receio de que o homem pretendesse atacá-lo. Ele não o fez, mas William notou, com um pequeno choque, que lhe faltavam dois dedos da mão que segurava o cajado.

Achou por um instante que o sujeito fosse montar e ir atrás dele, mas quando olhou para trás ele ainda estava de pé à beira da estrada, vendo-o se afastar.

Não fazia realmente nenhuma diferença, mas, motivado por alguma obscura ideia de evitar chamar atenção, William colocou a pata de urso para dentro da camisa, onde ficou escondida, pendurada ao lado de seu rosário.



CONTAGEM REGRESSIVA

Fort Ticonderoga

18 de junho de 1777

Queridos Bri e Roger,

Vinte e três dias até aqui. Eu espero que possamos partir na data planejada. Seu primo Ian deixou o forte há um mês, dizendo que tinha uma pequena questão a resolver, mas que estaria de volta ao término do prazo de alistamento da milícia de Jamie. O próprio Ian não quis se alistar, sendo ao invés disso um explorador voluntário, de modo que tecnicamente ele não é um desertor. Não que o comandante do forte esteja realmente em posição de fazer alguma coisa contra desertores, salvo enforcá-los se forem suficientemente tolos para voltar, e nenhum deles volta. Não sei ao certo o que Ian está fazendo, mas espero que possa ser bom para ele.

Por falar no comandante do forte, temos um novo. Grande agitação! O coronel Waytie partiu há algumas semanas — sem dúvida suando de alívio tanto quanto da umidade —, mas subimos de status no mundo. O novo comandante é nada menos do que um general de divisão: Arthur St. Clair, um escocês alegre e bonitão, cuja atração é consideravelmente aumentada pela faixa cor-de-rosa que ele usa em ocasiões formais. (A vantagem de pertencer a um exército ad hoc é que aparentemente a pessoa pode desenhar seu próprio uniforme. Nada dessas velhas e conservadoras convenções britânicas sobre uniformes militares.)

O general St. Clair veio com batedores: nada menos do que três generais de posto inferior, um deles francês (seu pai diz que o general Fermoy é um pouco estranho, militarmente falando) e cerca de três mil novos recrutas. Isso animou muito todos aqui (apesar de colocar uma enorme pressão na demanda por latrinas. Formam-se filas de até quinze pessoas pela manhã nas covas e há uma grave escassez de urinóis). St. Clair fez um belo discurso, garantindo-nos que o forte não pode ser tomado agora. Seu pai, que estava ao lado do general na ocasião, disse

algo baixinho, em gaélico, nesse momento, mas não muito baixo, e, embora eu compreenda que o general tenha nascido em Thurso, ele convenientemente fingiu não entender.

A construção da ponte entre o forte e o Mount Independence continua a passo rápido... e o Mount Defiance continua lá do outro lado da água. Uma pequena colina inofensiva, quando se olha — porém bem mais alta do que o forte, Jamie fez o sr. Marsden remar até lá com um alvo — um quadrado de madeira de um metro e vinte de lado, pintado de branco — e colocá-lo perto do topo da colina, onde era perfeitamente visível pelas baterias do forte. Ele convidou o general Fermoy (ele não tem uma faixa cor-de-rosa, apesar de ser francês) para ir experimentar um dos novos rifles (Jamie, prevenido, retirara vários deles da carga do Teal antes de patrioticamente doar o resto para a causa americana). Eles destroçaram o alvo, um ato cujo significado não passou despercebido ao general St. Clair, que os acompanhara para observar. Creio que o general St. Clair ficará quase tão satisfeito quanto eu ficarei quando o alistamento de seu pai acabar.

O novo influxo tornou as coisas mais movimentadas, é claro. A maioria dos novos recrutas é razoavelmente saudável, o que é de admirar, mas há os pequenos acidentes de costume, casos de doenças venéreas e febre malária — o suficiente para o major Thacher, o médico-chefe, fingir que não vê quando eu faço curativo em um ferimento, apesar de colocar um limite: não posso ter acesso aos instrumentos afiados. Felizmente, tenho uma pequena faca com a qual posso lancetar furúnculos.

Também estou ficando quase sem ervas medicinais, desde a deserção de Ian. Ele costumava me trazer muitas plantas úteis de suas expedições, mas na verdade não é seguro se aventurar fora do forte, a não ser em grandes grupos. Dois homens que saíram para caçar alguns dias atrás foram encontrados mortos e escalpelados.

Apesar de meu estojo médico permanecer um tanto escasso, em compensação arranjei uma ajudante de tendências necrófilas. É a sra. Raven, de New Hampshire, cujo marido é um oficial de milícia. Ela é relativamente jovem, de trinta e poucos anos, mas nunca teve filhos e assim tem muita energia emocional para gastar. Ela se alimenta dos doentes e moribundos, embora eu tenha certeza de que se considera extremamente piedosa e solidária. Ela se delicia com os detalhes mórbidos, o que, embora levemente repulsivo em si mesmo, na verdade a torna uma auxiliar competente, já que se pode contar com ela, sabendo que não vai desmaiar enquanto eu conserto uma fratura múltipla ou tenho que amputar (rapidamente, antes que o major Thacher ou seu fiel escudeiro perceba) um dedo gangrenado, por medo de perder algum detalhe. É bem verdade que ela choraminga e faz um pouco de cena, e costuma agarrar o peito achatado e

arregalar os olhos, ao descrever essas aventuras a outras pessoas depois (ela quase desmaiou de hiperventilação quando trouxeram os homens escalpelados), mas em questão de ajuda é preciso aceitar o que vier.

No entanto, na outra ponta da escala em termos de competência médica, o novo influxo de recrutas trouxe um jovem médico quaker chamado Denzell Hunter e sua irmã, Rachel. Eu ainda não falei com ele pessoalmente, mas pelo que vejo o dr. Hunter realmente é médico e até parece ter alguma vaga noção da teoria dos germes, devido ao fato de ter sido orientado por John Hunter, um dos grandes homens da medicina (para o caso de Roger estar lendo esta carta, vou me abster de contar a maneira pela qual John Hunter descobriu como a gonorreia é transmitida — bem, não, na verdade, não vou: ele cortou-se no pênis com uma lanceta coberta do pus de um paciente infectado e ficou extremamente satisfeito com os resultados, segundo Denny Hunter, que contou esse interessante incidente ao seu pai enquanto fazia um curativo em seu polegar, imprensado entre duas toras rolando — não se preocupe, não está quebrado; apenas bastante machucado). Adoraria ver como a sra. Raven reagiria a essa história, mas imagino que a decência impediria o jovem dr. Hunter de lhe contar.

Vocês estão, é claro, cuidando da programação de vacinas das crianças.

Com todo meu amor,

Mamãe



Brianna fechara o livro, mas sua mão continuava a retornar involuntariamente para a capa, como se desejasse abri-lo outra vez, para o caso de dizer algo diferente.

— O que é vinte e três dias depois de dezoito de junho? — Ela deveria ser capaz de calcular isso, de cabeça, mas o nervosismo a privara da habilidade de computar.

— Setembro tem trinta dias — Roger disse rapidamente em voz baixa, erguendo os olhos para o teto —, abril, junho... certo, junho tem trinta dias, portanto doze dias do dia dezoito ao dia trinta, e mais dez vai dar em dez de julho.

— Oh, meu Deus.

Ela lera três vezes, olhar outra vez não iria fazer diferença; mesmo assim, abriu o livro novamente, na página com o retrato de John Burgoyne. Um homem bonito — "E ele bem que sabe disso!", ela disse em voz alta, fazendo Roger franzir a testa à sua consternação conforme pintado por sir Joshua Reynolds, de uniforme, a mão pousada no cabo da espada, de pé contra um dramático cenário de fundo de nuvens escuras e tempestuosas. E lá estava na página seguinte, em preto e branco.

No dia seis de julho, o general Burgoyne atacou Fort Ticonderoga com uma tropa de 8.000 soldados alistados, mais vários regimentos alemães comandados pelo barão Von Riedesel, e um grupo de índios.

William encontrou o general Burgoyne e seu exército com um pouco mais de facilidade do que os Hunter haviam descoberto o paradeiro do general Washington. Por outro lado, o general Burgoyne não estava fazendo nenhuma tentativa de se esconder.

Era um acampamento opulento, pelos padrões do exército. Fileiras de barracas de lona branca perfeitamente alinhadas cobriam três campos e penetravam na floresta. Dirigindo-se à barraca do comandante para se apresentar, ele avistou uma pilha de garrafas de vinho vazias perto da tenda do general, chegando quase à altura dos seus joelhos. Como ele não ouvira dizer que o general fosse um notável bebedor, presumiu que essa benesse seria resultado de uma generosa hospitalidade e do gosto por companhia. Um bom sinal em um comandante, ele pensou.

Um criado bocejante catava os restos das tampas de chumbo, jogando o metal em uma lata, provavelmente para ser derretido para balas. Lançou um olhar sonolento e inquiridor a William.

— Vim me apresentar ao general Burgoyne — William disse, empertigando-se. Os olhos do criado viajaram devagar pela extensão do seu corpo, demorando-se com vaga curiosidade em seu rosto e fazendo-o duvidar da perfeição com que fizera a barba de manhã.

— Jantar com o general de brigada e o coronel St. Leger ontem à noite — o criado disse finalmente, com um ligeiro arrote. — Volte à tarde. Enquanto isso — levantou-se devagar, contraindo-se como se o movimento fizesse sua cabeça doer, e apontou —, a barraca da bagunça é aquela lá.

*AMIGOS**Forte Ticonderoga*
22 de junho de 1777

Para minha grande surpresa, encontrei o capitão Stebbings sentado. Pálido, banhado de suor e oscilando como um pêndulo — mas ereto. O sr. Dick pairava acima dele, cacarejando com a amorosa ansiedade de uma galinha com seu pintinho.

— Vejo que está se sentindo melhor, capitão — eu disse, sorrindo para ele.
— Vai estar de pé qualquer dia desses, não é?

— Estive... de pé — disse com a respiração ruidosa. — Achei que ia morrer.

— O quê? Ele estar andando — o sr. Dick me assegurou, dividido entre o orgulho e o assombro. — No meu braço, mas ele andar, verdade!

Eu estava de joelhos, ouvindo os pulmões e o coração através do estetoscópio de madeira que Jamie fizera para mim. Uma pulsação digna de um carro de corrida de oito cilindros e um bocado de gorgolejo e assobio, mas nada terrivelmente alarmante.

— Parabéns, capitão Stebbings! — eu disse, abaixando o estetoscópio e sorrindo para ele. Ele ainda tinha uma aparência horrível, mas sua respiração começava a melhorar. — Provavelmente não vai morrer hoje. O que provocou essa explosão de ambição?

— Meu... contramestre — conseguiu dizer, antes que um acesso de tosse o interrompesse.

— Joe Ormiston — o sr. Dick esclareceu, com um sinal da cabeça em minha direção. — Pé dele fede. Capitão ir ver ele.

— Sr. Ormiston. Seu pé fede? — Isso disparou todo tipo de alarmes. Para um ferimento neste ambiente em particular, ter um cheiro tão acentuado a ponto de chamar a atenção era um indício muito ruim. Levantei-me, mas fui detida por Stebbings, que segurou minha saia com força.

— Você — ele disse, esforçando-se para respirar. — Cuide dele.

Exibiu os dentes manchados para mim em um largo sorriso.

— É uma ordem — disse com um assovio. — Madame.

— Sim, sim, capitão — eu disse irritada e saí apressadamente para o prédio do hospital, onde ficava a maioria dos doentes e feridos.

— Sra. Fraser! O que foi? — O grito ansioso veio da sra. Raven, que saía da loja de provisões quando passei. Ela era alta e magra, com cabelos escuros que perpetuamente se soltavam de baixo da touca, como acontecia agora.

— Ainda não sei — eu disse rapidamente, sem parar. — Mas deve ser grave.

— Oh! — ela disse, mal se contendo para não exclamar "Ótimo!". Enfiando seu cesto embaixo do braço, passou a me acompanhar, firmemente determinada a Fazer o Bem.

Prisioneiros ingleses inválidos estavam alojados ao lado de pacientes americanos em um longo edifício de pedras, iluminado por janelas estreitas e sem vidro, e tanto morrendo de calor quanto de frio, dependendo das condições do tempo. No momento, estava quente e úmido do lado de fora — era meio da tarde — e entrar no prédio foi como ser atingido no rosto com uma toalha úmida e quente. Uma toalha suja.

Não foi difícil achar o sr. Ormiston; havia um grupo de homens de pé em volta de seu catre. O tenente Stactoe estava entre eles — isso era ruim — discutindo com o dr. Hunter — isso era bom —, com dois outros cirurgiões tentando apresentar suas próprias opiniões.

Eu soube sem olhar o motivo da discussão; obviamente, o pé do sr. Ormiston dera uma reviravolta para pior e eles pretendiam amputá-lo. Muito provavelmente tinham razão. A discussão deveria ser onde amputar, ou quem o faria.

A sra. Raven deixou-se ficar para trás, nervosa à vista dos médicos.

— Você realmente acha... — ela começou a dizer, mas eu não prestei atenção. Há momentos em que se deve parar para pensar, mas este não era um deles. Somente a ação, e rápida, aliás uma ação decisiva, serviria. Inspirei fundo o ar denso e dei um passo à frente.

— Boa-tarde, dr. Hunter — eu disse, abrindo caminho pelo meio dos dois cirurgiões de milícia e sorrindo para o jovem médico quaker. — Tenente Stractoe — acrescentei depois, para não ser abertamente rude. Ajoelhei-me ao lado do catre do paciente, limpei a mão suada em minha saia e segurei a dele.

— Como vai, sr. Ormiston? O capitão Stebbings me mandou para cuidar de seu pé.

— Ele o quê? — o tenente Stactoe começou, em uma voz irritada. — Francamente, sra. Fraser, o que você pode...

— Isso é bom, madame — o sr. Ormiston interrompeu. — O capitão disse que ia enviá-la; eu estava dizendo a estes cavalheiros que eles não precisam se

preocupar, pois eu tinha certeza de que a senhora saberia o melhor modo de fazer isso.

E tenho certeza de que ficaram muito satisfeitos em ouvir isso, pensei, mas sorri para ele e apertei sua mão. Seu pulso estava acelerado e um pouco fraco, mas regular. Sua mão, no entanto, estava muito quente e eu não fiquei nem um pouco surpresa de ver os veios vermelhos da septicemia subindo pela perna do pé mutilado.

Eles haviam tirado as bandagens do pé e o sr. Dick sem dúvida estava certo: ele fedia.

— Oh, meu Deus — disse a sra. Raven atrás de mim, com absoluta sinceridade.

A gangrena já se estabelecera; se o cheiro e a crepitação do tecido não fossem suficientes, os dedos já começavam a enegrecer. Não perdi tempo em ficar com raiva de Stactoe; considerando-se o estado inicial do pé e o tratamento disponível, talvez eu também não tivesse conseguido salvá-lo. O fato de a gangrena estar tão evidentemente instalada era na realidade uma ajuda; não havia a menor dúvida de que a amputação era necessária. Mas nesse caso me perguntei, por que eles estavam discutindo?

— Entendo que concorda com a amputação, não é, sra. Fraser? — o tenente disse, com sarcástica cortesia. — Como médica do paciente? — Vi que ele já tinha seus instrumentos enfileirados sobre uma toalha. Decentemente conservados; não repugnantemente imundos — mas evidentemente não esterilizados.

— Certamente — respondi amavelmente. — Sinto muito, sr. Ormiston, mas ele tem razão. E vai se sentir muito melhor depois. Sra. Raven, poderia me trazer uma panela de água fervente? — Virei-me para Denzell Hunter, que, eu vi, segurava a outra mão do sr. Ormiston, obviamente contando seus batimentos cardíacos. — Não concorda, dr. Hunter?

— Sim, concordo — ele disse brandamente. — Estamos em desacordo com relação ao grau de amputação necessária, não sua necessidade. Para o que é a água fervente, amiga... Fraser? — perguntou.

— Claire — eu disse sucintamente. — Esterilização dos instrumentos. Para evitar infecção pós-operatória. O máximo possível — acrescentei honestamente. Stactoe fez um ruído muito desrespeitoso, mas eu o ignorei. — O que recomenda, dr. Hunter?

— Denzell — ele disse, com um breve sorriso. — O amigo Stactoe deseja amputar abaixo do joelho...

— Claro que sim! — Stactoe disse, furioso. — Quero preservar o joelho e não há nenhuma necessidade de ir mais alto!

— Por mais estranho que pareça, estou inclinada a concordar com você —

eu lhe disse, mas me voltei outra vez para Denzell Hunter. — Mas você não?

Ele sacudiu a cabeça e empurrou os óculos para cima no cavalete do nariz.

— Devemos fazer uma amputação no meio do fêmur. O paciente tem um aneurisma poplíteo. Isso significa...

— Sei o que significa. — Eu sabia e já estava sentindo atrás do joelho do sr. Ormiston. Ele emitiu uma risadinha aguda, parou abruptamente e ficou vermelho, embaraçado. Sorri para ele. — Desculpe-me, sr. Ormiston — eu disse. — Não farei mais cócegas.

Não seria necessário. Eu podia sentir o aneurisma claramente; ele latejava delicadamente contra meus dedos, um inchaço grande, duro, bem na cavidade da junta. Ele já devia ter isso há algum tempo; era de admirar que não tivesse explodido durante a batalha no mar ou no árduo transporte até Ticonderoga. Em uma moderna sala de cirurgia, talvez fosse possível fazer a amputação menor e consertar o aneurisma — mas não ali.

— Tem razão, amigo Denzell — eu disse, endireitando-me. — Assim que a sra. Raven trouxe a água quente, nós... Mas os homens não estavam me ouvindo. Olhavam fixamente para algo atrás de mim e eu me virei e vi Guiné Dick, vestido só com uma tanga por causa do calor e brilhando de suor, todas as suas tatuagens à mostra, avançando em nossa direção com uma garrafa preta levada cerimoniosamente entre as mãos.

— Ele capitão mandar grogue pra você, Joe — ele disse ao sr. Ormiston.

— Bem, que Deus abençoe o capitão por um bom rum! — o sr. Ormiston disse com um sincero agradecimento. Ele pegou a garrafa de rum, tirou a rolha com os dentes e começou a beber com concentrada determinação.

O barulho de água se derramando e espalhando no chão anunciou a volta da sra. Raven. Quase toda lareira tinha uma chaleira no fogo; encontrar água fervente não era nenhuma dificuldade. Ela havia, bendita seja, trazido também um balde de água fria para que eu pudesse lavar minhas mãos sem me queimar.

Peguei uma das facas de amputação de lâmina curta, preparando-me para mergulhá-la na água fervente, apenas para tê-la arrancada da minha mão por um enfurecido tenente Stactoe.

— O que está fazendo, madame? — ele exclamou. — Esta é a minha melhor lâmina!

— Sim, e é por isso que pretendo usá-la — eu disse. — Depois de lavá-la.

Stactoe era um sujeito baixo, de cabelo grisalho e cortado à escovinha; era também seis ou sete centímetros mais baixo do que eu, como descobri ao me levantar e encará-lo, olhos nos olhos. Seu rosto ficou um pouco mais vermelho.

— Vai arruinar a têmpera do metal, submetendo-a à água quente!

— Não — eu disse, mantendo a minha própria têmpera... por enquanto. —

Água quente não vai fazer nada senão limpá-la. E eu não vou usar uma lâmina suja neste homem.

— Oh, não? — Algo como satisfação brilhou em seus olhos e ele agarrou a lâmina protetoramente junto ao peito. — Muito bem, então. Suponho que então terá que deixar o trabalho para os que podem realizá-lo, não é?

Guiné Dick, que permanecera na sala para observar depois de entregar a garrafa, acompanhara o progresso da discussão com interesse e, neste ponto, inclinou-se para frente e tirou a faca da mão de Stactoe.

— Ele capitão diz ela fazer para Joe — ele disse calmamente. — Ela fazer.

A boca de Stactoe abriu-se de indignação a esse pavoroso insulto ao seu posto e ele se arremessou sobre Dick, agarrando a lâmina. Dick, com reflexos aguçados por guerras tribais e anos no mar a serviço da marinha britânica, girou a lâmina para Stactoe com a óbvia intenção de decapitá-lo. Provavelmente teria conseguido, se não fosse pelos reflexos igualmente bons de Denzell Hunter, que o fizeram saltar para pegar o braço de Dick. Ele errou o alvo, mas conseguiu derrubar o enorme guineense contra Stactoe. Eles se atracaram — Dick deixando cair a faca — e cambalearam para frente e para trás por um instante, antes que ambos se desequilibrassem e caíssem no catre de Ormiston, enviando paciente, garrafa de rum, água quente, Denzell Hunter e o resto dos instrumentos espalhados pelo chão de lajes de pedra com um estardalhaço que fez parar toda conversa no prédio.

— Ooooh! — disse a sra. Raven, deliciosamente chocada. Aquilo estava ficando ainda melhor do que ela esperava.

— Denny! — gritou uma voz igualmente chocada atrás de mim. — O que acha que está fazendo?

— Estou... ajudando a amiga Claire em sua cirurgia — Denzell disse com certa dignidade, sentando-se e Tateando pelo chão em busca de seus óculos.

Rachel Hunt abaixou-se e pegou os óculos extraviados, os quais haviam deslizado pelas pedras, e recolocou-os com firmeza no rosto de seu irmão, enquanto mantinha um olho atento no tenente Stactoe, que se levantava do chão lentamente, como um balão de ar quente, visivelmente inflando de raiva.

— Você — ele disse em voz rouca, apontando um dedo pequeno e trêmulo para Dick. — Vou mandar enforcá-lo por atacar um oficial. E vou fazer você — girando o dedo acusador na direção de Denzell Hunter — ir à corte marcial e ser condenado! Quanto a você, madame — cuspiu a palavra, mas depois estancou, momentaneamente incapaz de pensar em algo suficientemente terrível para ameaçar. Em seguida, disse: — Vou mandar seu marido lhe dar uma surra!

— Venha me fazer cócegas, querida! — uma voz arrastada disse do chão. Olhei para baixo e vi um vesgo sr. Ormiston. Ele não se separara da garrafa de rum durante a confusão, continuou a beber depois e, com o rosto banhado de rum, agora

fazia movimentos aleatórios com a mão nas vizinhanças do meu joelho.

O tenente Stactoe fez um ruído indicando que este era o limite final, se já não tivesse sido há muito ultrapassado, e, reunindo apressadamente seus instrumentos, marchou para fora do aposento, coberto de facas e serras, de vez em quando deixando cair pequenos objetos em seu rastro.

— Está precisando de mim, Sissy? — Denzell Hunter já se levantara a essa altura e ajeitava o catre caído.

— Não tanto quanto a sra. Brown — sua irmã disse, um tom seco na voz. — Ela diz que chegou a hora dela e quer vê-lo. Já. Agora.

Ele resfolegou ligeiramente e olhou de relance para mim.

— A sra. Brown é uma histérica, no sentido literal do termo — ele disse, como se pedisse desculpas. — Acho que ela não deve dar à luz ainda por um mês, mas ela sofre de falsas contrações regularmente.

— Eu a conheço — eu disse, reprimindo um sorriso. — Antes você do que eu, companheiro. — A sra. Brown era histérica. Era também a mulher de um coronel de milícia e portanto, ela achava, muito acima dos serviços de uma mera parteira. Tendo ouvido dizer que o dr. Denzell Hunter trabalhara com o dr. John Hunter, que era accoucheur da Rainha! — obviamente, dispensara meus serviços.

— Ela não está sangrando, nem a bolsa d'água estourou? — Denzell perguntava à sua irmã com voz resignada.

Guiné Dick, nem um pouco perturbado pelo recente conflito, arrumara os lençóis da cama, depois se agachou, levantou o pesado sr. Ormiston como se fosse um colchão de penas e o depositou, com a sua garrafa, delicadamente na cama.

— Achar ele pronto — anunciou, após escrutinar o paciente, que agora estava deitado, os olhos fechados, murmurando alegremente: "Só um pouco mais baixo, querida, sim, isso, isso..."

Denzell olhava desamparadamente do sr. Ormiston para a irmã e para mim.

— Tenho que ir ver a sra. Brown, embora eu ache que não é muito urgente. Pode esperar um pouco e eu faço isso para você?

— Ela fazer isso — Dick falou, com um ar furioso.

— Sim, ela faz — assegurei-lhe, prendendo meus cabelos para trás. — Mas com que ela vai fazer isso é outra questão. Tem alguns instrumentos que possa me emprestar, dr... hã, amigo Denzell?

Ele esfregou a testa, pensando.

— Eu tenho uma boa serra. — Sorriu ligeiramente. — E não me importo se quiser fervê-la. Mas nenhuma lâmina pesada. Quer que eu peça à Rachel para ir perguntar a um dos outros médicos?

O rosto de Rachel fechou-se um pouco diante dessa sugestão e eu achei que talvez o dr. Hunter não fosse muito popular com os outros cirurgiões.

Analisei a perna muito sólida do sr. Ormiston, estimando a grossura de carne a ser cortada e enfiei a mão na fenda da minha saia até o cabo da minha faca.

Era uma faca boa, robusta, e Jamie acabara de amolá-la para mim. Uma lâmina curva seria melhor, mas achei que o comprimento seria suficiente...

— Não, não se preocupe. Acho que isso vai funcionar. Poderia trazer a serra do seu irmão, srta... hã, Rachel? — Sorri para ela. — E, sra. Raven, receio que a água tenha esfriado, poderia...

— Oh, sim! — ela gritou, e agarrando a vasilha, saiu com grande alarido, chutando um dos objetos remanescentes do tenente Stactoe pelo caminho.

Diversas pessoas tinham ficado observando o drama do pé do sr. Ormiston, fascinadas. Agora que o tenente fora embora, começaram a se aproximar, olhando temerosamente para Guiné Dick, que ria alegremente para eles.

— Será que a sra. Brown pode esperar um quarto de hora? — perguntei a Denzell. — Será mais fácil se eu tiver alguém que sabe o que está fazendo para segurar a perna enquanto eu corto.

— Um quarto de hora?

— Bem, a verdadeira amputação vai levar menos de um minuto, se eu não encontrar nenhuma dificuldade. Mas vou precisar de um pouco de tempo para os preparativos e eu gostaria de ter a sua ajuda para ligar os vasos sanguíneos cortados depois. Onde foi parar a garrafa de rum, aliás?

Os olhos escuros de Denzell estavam quase tocando a linha de seus cabelos, mas ele gesticulou para o sr. Ormiston, que adormecera e agora roncava sonoramente, abraçado à garrafa de rum.

— Não pretendo bebê-lo — eu disse secamente, em resposta à sua expressão. Peguei a garrafa e despejei um pouco em um pano limpo, com o qual comecei a limpar a perna cabeluda do sr. Ormiston. Felizmente, o tenente havia deixado seu frasco de suturas e o instrumento que a sra. Raven chutara era um tenáculo. Eu iria precisar dele para segurar as pontas das artérias cortadas, que tinham a irritante tendência a saltar de novo para dentro da carne e se esconder, lançando esguichos de sangue enquanto isso.

— Ah — Denzell disse, ainda desnorteado, mas disposto a colaborar. — Compreendo. Posso... ajudar?

— Posso usar seu cinto para ligadura?

— Oh, claro — ele murmurou, desafiando-o sem hesitação, parecendo interessado. — Estou vendo que já fez isso antes.

— Muitas vezes, infelizmente. — Inclinei-me para verificar a respiração do sr. Ormiston, que era ruidosa, mas não difícil. Ele havia tomado quase metade da garrafa em cinco minutos. Era uma dose que provavelmente mataria alguém menos acostumado a rum do que um marinheiro britânico, mas seus sinais vitais eram

razoavelmente bons, apesar da febre. A embriaguez não era de forma alguma equivalente a anestesia; o paciente estava atordoado, não inconsciente, e certamente despertaria quando eu comesse a cortar. No entanto, o álcool de fato aliviava o medo e poderia amortecer um pouco a dor inicial. Eu me perguntava se — e quando — eu conseguiria fazer éter outra vez.

Havia duas ou três mesas pequenas no longo salão, apinhadas de ataduras, algodão e outros materiais de curativo. Escolhi um bom suprimento de materiais relativamente limpos e voltei com eles para o lado da cama exatamente quando a sra. Raven — arquejante e afogueada, ansiosa com receio de perder alguma coisa — chegou, o balde de água respingando pelo chão. No instante seguinte, Rachel Hunter retornou, igualmente arquejando da pressa, com a serra de seu irmão.

— Poderia mergulhar a serra na água, amigo Denzell? — perguntei, amarrando um saco de aniagem na cintura para servir de avental. O suor escorria pelas minhas costas, fazendo cócegas entre minhas nádegas, e eu amarrei um pedaço de atadura ao redor de minha cabeça como uma bandana, para impedir que o suor escorresse para dentro dos meus olhos enquanto eu trabalhava. — E esfregue essas manchas perto do cabo, sim? Depois, minha faca e aquele tenáculo, por favor.

Parecendo confuso, ele fez, sob os murmúrios interessados dos espectadores, que obviamente nunca haviam presenciado um procedimento tão estranho, apesar da presença selvagem do sr. Dick mantê-los a uma distância segura.

— Acha que o tenente iria realmente mandar enforcar o nosso amigo aqui?

— Denzell sussurrou para mim, com um sinal da cabeça indicando Dick. — Ou poderia, de fato?

— Tenho certeza de que ele adoraria, mas não creio que ele realmente possa, não. O sr. Dick é um prisioneiro inglês. Ele pode mandá-lo para a corte marcial, você acha?

— Acho que ele pode tentar — Denzell disse, não parecendo preocupado com a possibilidade. — Afinal, eu me alistei.

— É mesmo? — Isso parecia estranho, mas ele não era o único quaker que eu conhecera em um campo de batalha, por assim dizer.

— Oh, sim. Mas acho que o exército não tem tantos médicos que possa se dar ao luxo de enforcar um. E duvido que ser rebaixado de posto iria afetar muito minha especialidade. — Sorriu alegremente para mim.

— Afinal, você não tem nenhuma patente, se não estou enganada, e no entanto acho que vai conseguir.

— Deus queira — eu disse, e ele assentiu gravemente.

— Deus queira — repetiu, e me entregou a faca, ainda quente da água fervente.

— Vocês devem recuar um pouco — eu disse aos espectadores. — Vai haver

muito sangue.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus — exclamava a sra. Raven, com a respiração entrecortada, trêmula de expectativa. — Que coisa medonha!

*TRÊS FLECHAS*

Mottville, Pensilvânia
10 de junho de 1777

Grey sentou-se ereto abruptamente, por pouco não batendo a cabeça na viga baixa que passava acima de sua cama. Seu coração martelava, a nuca e as têmporas molhadas de suor, e por um instante não conseguiu ter a menor noção de onde estava.

— A terceira flecha — ele disse em voz alta, e sacudiu a cabeça, tentando combinar as palavras ao sonho extraordinariamente vívido do qual emergira tão bruscamente.

Teria sido um sonho, lembranças ou algo que compartilhasse a natureza de ambos? Ele estava de pé no salão principal de Trois Flèches, olhando para o belíssimo Stubbs pendurado à direita do consolo barroco da lareira. As paredes estavam cobertas de quadros — pendurados em cima e embaixo, amontoados sem nenhuma preocupação com tema ou mérito.

Fora assim mesmo? Lembrava-se vagamente de uma sensação de opressão com o excesso de decoração, mas os quadros teriam realmente se amontoados sobre ele, retratos olhando maliciosamente de cima, de baixo, rostos em todas as direções?

No sonho, o barão Amandine estava postado ao seu lado, o ombro maciço tocando o dele; eram quase da mesma altura. O barão falava de uma das pinturas, mas Grey não se lembrava do que ele dizia — algo sobre a técnica empregada pelo pintor, talvez.

Do outro lado, estava Cecile Beauchamp, a irmã do barão, igualmente perto, um ombro nu roçando o de Grey. Ela usava talco nos cabelos e perfume de jasmim; o barão, uma colônia selvagem de bergamota e almiscareiro. Ele se lembrava — mas certamente os sonhos não tinham cheiro! — da mistura das fortes fragrâncias com o amargo das cinzas de madeira no calor sufocante do aposento, e a leve sensação de náusea que essa mistura causava. A mão de alguém segurara uma de suas nádegas,

apertara-a com familiaridade e depois começara a acariciá-la de modo insinuante. Ele não sabia de quem era a mão.

Isso não fora parte do sonho.

Deitou-se devagar nos travesseiros, os olhos fechados, tentando recapturar as imagens da mente sonolenta. O sonho se modificara depois disso para algo erótico, a boca de alguém em sua carne extremamente receptiva; foram as sensações associadas a isso, na realidade, que o acordaram. Ele também não sabia de quem era a boca. O dr. Franklin também estivera em alguma parte de seu sonho; Grey lembrou-se das nádegas brancas, ligeiramente flácidas, mas ainda firmes, conforme o sujeito descia o corredor à sua frente, os longos cabelos grisalhos dispersos pelas costas ossudas, dobras de pele flácida ao redor da cintura, falando sem a menor preocupação sobre os quadros, que cobriam as paredes do corredor também. Era uma vívida recordação, carregada de sentimentos. Certamente ele não... não com Franklin, mesmo era sonho. Mas tinha alguma coisa a ver com os quadros...

Tentou se lembrar de algumas das pinturas, mas já não tinha certeza do que era real e do que emergia dos sonhos. Havia paisagens... algo que pretendia ser um cenário egípcio, embora ele tenha se permitido duvidar de que o pintor houvesse algum dia colocado o pé ao sul da costa bretã. Os tradicionais retratos de famílias...

— Sim! — Sentou-se abruptamente e desta vez realmente bateu o topo da cabeça na viga com tanta força que viu estrelas e emitiu um grunhido de dor.

— Tio John? — a voz de Dottie veio com clareza da outra cama, surpresa, e um ruído de roupas de cama vindo do chão indicou que sua camareira também acordara. — O que aconteceu?

— Nada, nada. Volte a dormir. — Ele atirou as pernas para fora da cama. — Só... vou à latrina.

— Oh. — Resmungos e movimentações do chão, um severo shiiiiu! em reprimenda de Dottie. Ele encontrou a porta do quarto pelo tato, pois as persianas haviam sido cerradas e o aposento estava escuro como breu, depois desceu as escadas à luz turva de um fogo abafado no salão principal da hospedaria.

O ar do lado de fora estava límpido e fresco, perfumado com alguma coisa que ele não reconhecia, mas que estava gravada em sua memória. Foi um alívio se livrar da luta com seu sonho obstinado e deixar-se submergir naquela lembrança puramente sensorial. Trazia de volta longas cavalgadas na Virgínia, estradas lamacentas, folhas novas, a sensação de um cavalo sob ele, o recuo de uma arma, a sensação do sangue de um veado jorrando quente em sua mão... claro, caçando com William.

Ele sentiu a proximidade das regiões selvagens dominá-lo, aquela sensação estranha, forte, tão característica da América: a sensação de alguma coisa à espera entre as árvores — não inimiga, mas também não acolhedora. Ele adorara aqueles

poucos anos na Virgínia, longe das intrigas da Europa, da permanente sociabilidade de Londres. Mas os valorizava muito, pela intimidade que crescera entre ele e seu filho naqueles anos na floresta.

Ele ainda não vira vaga-lumes nesta viagem. Examinava o capim denso enquanto andava, mas provavelmente era tarde demais; os vaga-lumes saíam principalmente no começo da noite. Ansiava para mostrá-los a Dottie. William ficara encantado ao vê-los pela primeira vez quando vieram morar na Virgínia — pegara-os nas mãos em concha, delicadamente, exclamando extasiado quando iluminavam a cavidade escura de sua palma. Recebera sua volta a cada verão com grande alegria.

Fisicamente aliviado e com a mente ao menos superficialmente aplacada, sentou-se devagar na tora de cortar lenha no pátio da estalagem, ainda sem vontade de retornar para a escuridão sufocante do quarto no andar de cima.

Onde Henry estaria, perguntou-se. Onde ele dormia esta noite? Em alguma masmorra? Não, as Colônias não tinham tal coisa. Mesmo as casas comuns eram extraordinariamente confortáveis e arejadas. Talvez seu sobrinho estivesse detido em uma prisão, um celeiro, um porão — e no entanto ele tinha, até onde eles sabiam, sobrevivido ao inverno, apesar do que deveria ser um ferimento sério. Mas ele devia ter dinheiro; talvez tivesse conseguido pagar por um alojamento melhor, talvez pelos cuidados de um médico.

Se Deus permitisse, logo iriam encontrá-lo. Não estavam a mais de dois dias de viagem da Filadélfia. E ele tinha as cartas de apresentação que Franklin lhe dera — Franklin outra vez! Diabo de homem e seu banho de ar. Apesar de Grey ter se unido a ele no processo uma vez, por curiosidade, e ter achado estranhamente agradável, ainda que um pouco intimidante, estar sentado nu como veio ao mundo em um aposento elegantemente mobiliado, jarros de plantas nos cantos, quadros de...

Não. Não, não havia nenhum quadro no solário de Trois Flèches, claro que não.

Lá estava. O rastro de seu sonho elusivo, contorcendo-se tentadoramente para ele, saindo de baixo de uma pedra. Fechou os olhos, encheu os pulmões com o aroma da noite de verão e deliberadamente forçou sua mente a se esvaziar.

Trois Flèches. Três Flechas. Quem é a terceira? As palavras da carta de Hal surgiram na parte interna de suas pálpebras, de forma tão surpreendente que ele abriu os olhos. Apesar de acostumado como estava aos processos oblíquos de pensamento de Hal, não dera muita importância às palavras na ocasião. Evidentemente, entretanto, elas haviam lançado raízes em seu subconsciente, somente para emergir no meio da noite no meio do nada, das entranhas de um sonho absurdo. Por quê?

Ele esfregou delicadamente o topo da cabeça, que estava dolorida com sua colisão com a viga, mas não quebrada. Seus dedos inconscientemente se moveram

para baixo, tateando o local em que a mulher de Jamie Fraser havia coberto o buraco aberto com o perfurador de ossos em seu crânio com uma moeda de prata de seis pennies, achatada a marteladas. Ela costurara a pele sobre ela muito engenhosamente e os cabelos haviam crescido outra vez, mas era fácil sentir a pequena curva rígida por baixo. Ele raramente a notava ou pensava nela, a não ser no tempo frio, quando o metal esfriava acentuadamente e às vezes causava dor de cabeça e fazia seu nariz escorrer.

Fazia frio, muito frio, quando ele visitou Trois Flèches. O pensamento flutuou pela sua mente como uma mariposa.

Havia ruídos atrás da estalagem. Sons de cascos na terra batida, murmúrio de vozes. Permaneceu sentado, imóvel.

A lua já estava na metade da descida pelo céu; era tarde, mas ainda faltavam horas para o amanhecer. Ninguém devia ter assuntos a tratar a essa hora, a não ser negócios escusos. O tipo de negócio que ele não tinha nenhuma vontade de testemunhar — muito menos de ser visto testemunhando.

Mas eles estavam vindo; ele não podia se mover sem ser visto e, então, reduziu até sua respiração a um filete mínimo de ar.

Três homens, silenciosos, decididos, a cavalo, um deles conduzindo uma mula carregada. Passaram a não mais do que dois passos dele, mas ele não se mexeu, e os cavalos, se pressentiram sua presença, não o consideraram uma ameaça. Os homens dirigiram-se à estrada que levava à Filadélfia. Por que todo aquele sigilo?, ele se perguntou — mas não perdeu tempo em especulações. Ele notara assim que retornara à Carolina do Norte no ano anterior: uma animação mórbida, uma inquietação no próprio ar. Era mais pronunciada ali; ele percebera isso assim que aportaram.

As pessoas estavam cautelosas de um jeito que não costumavam ser. Não sabem em quem confiar, pensou. E assim não confiam em ninguém.

A ideia de confiança evocou uma lembrança vívida e imediata de Percy Wainwright. Se houver alguém no mundo em quem eu confie menos...

E de imediato lembrou-se. A imagem de Percy, sorridente, de olhos escuros, o polegar deslizando pela superfície da taça de vinho como se acariciasse o pênis de Grey, dizendo descontraidamente: "Casei-me com uma das irmãs do barão de Amandine..."

— Uma das irmãs — Grey sussurrou em voz alta, e o sonho se cristalizou em sua mente, a sensação do frio das pedras de Trois Flèches tão vívida que ele estremeceu, embora a noite não estivesse nem um pouco fria. Sentiu o calor daqueles dois corpos lascivos, depravados, pressionando-o, um de cada lado. E em uma das paredes, negligenciada entre a profusão desordenada, uma pequena pintura de três crianças, duas meninas, um menino, posando com um cachorro, e o muro

externo de Trois Flèches reconhecível atrás dele.

A segunda irmã. A terceira flecha, que Hal, com sua infalível noção de peculiaridade, nunca vira, mas ainda assim notara.

Os Beauchamp eram uma família nobre, antiga — e como a maior parte dessas famílias, frequentemente se referiam, ainda que casualmente, a si próprios. Durante sua visita, ele ouvira sobre os feitos de primos, tios, tias, parentes distantes... mas nunca da segunda irmã.

Ela deve ter morrido na infância, é claro; coisas assim eram comuns. Mas, nesse caso, por que Percy teria dito...?

Agora sua cabeça realmente começava a doer. Com um suspiro, levantou-se e entrou. Não fazia a menor ideia de onde ou quando — mas iria ter que falar com Percy outra vez. Ficou chocado ao ver que a perspectiva não o assustava.



LINHAS LEY

Brianna parou junto à câmara de observação de peixes. Ainda não era a estação do acasalamento, quando — assim haviam lhe contado — cardumes inteiros de salmão migravam pelas cascatas da escada de peixes que permitia que eles galgassem a barragem de Pitlochry, mas de vez em quando um lampejo prateado projetava-se inesperadamente no ar, lutando bravamente contra a corrente por um instante, antes de se lançar dentro do tubo que levava ao próximo estágio da escada. A câmara em si era um pequeno compartimento branco embutido na lateral da escada de peixes, com uma janela embaçada por algas. Ela parara ali para ordenar seus pensamentos — ou melhor, para eliminar alguns deles — antes de entrar na represa.

Era tolice se preocupar com alguma coisa que já havia acontecido. E ela sabia que seus pais estavam bem. Ou ao menos, corrigiu-se, que haviam saído de Fort Ticonderoga; ainda restavam muitas cartas.

E também ela podia ler essas cartas a qualquer momento, e descobrir. Era isso que tornava sua preocupação ridícula. Achava que não estava verdadeiramente preocupada. Apenas... pensativa. As cartas eram maravilhosas. Mas, ao mesmo tempo, ela sabia muito bem o quanto até mesmo a carta mais completa poderia deixar de fora. E, segundo o livro de Roger, o general Burgoyne deixara o Canadá no começo de junho, seu plano sendo marchar para o sul e juntar-se às tropas do general Howe, cortando as Colônias essencialmente ao meio. E, em 6 de julho de 1777, ele parara para atacar Fort Ticonderoga. O que...

— Coimhead airsin! — disse uma voz atrás dela. Brianna virou-se bruscamente, espantada, e viu Rob Cameron ali parado, gesticulando entusiasticamente para a janela de observação dos peixes. Ela virou-se bem a tempo de ver um enorme peixe dourado, com manchas escuras no dorso, dar um grande salto contra a corrente antes de desaparecer no tubo.

— Nach e sin an rud as brèagha a chunnaic thu riamh? — ele disse, a expressão do rosto ainda maravilhada. *Não é a coisa mais bonita que você já viu?*

— Cha mhór! — ela respondeu, cautelosa, mas incapaz de não retribuir o sorriso. Quase.

O próprio sorriso dele permaneceu, mas tornou-se mais pessoal quando voltou sua atenção para ela.

— Ah, você realmente fala gàidhlig! Meu primo me disse, mas não acreditei. Você com seu sotaque de Bah-ston — ele disse, arrastando as sílabas no que obviamente achava que era um sotaque de Boston.

— Sim, "pahk yah cah in Hah-vahd Yahd" — disse Brianna a famosa frase *Park your car in Harvard Yard* para exemplificar o verdadeiro, porém exagerado, sotaque bostoniano.

Ele deu uma gargalhada.

— Como você consegue? Você não fala gàidhlig com esse tipo de sotaque. Quero dizer, você tem sotaque, mas é... diferente. Mais como se ouviria nas ilhas Barra, talvez, ou Uist.

— Meu pai era escocês — ela disse. — Aprendi com ele.

Isso o fez olhar para ela com novos olhos, como se ela fosse um tipo novo de peixe que ele acabara de fregar em seu anzol.

— É mesmo? Daqui de perto? Qual é o nome dele?

— James Fraser — ela respondeu. Era seguro; havia dezenas. — Era. Ele já... se foi.

— Ah, que pena — disse solidariamente, tocando de leve em seu braço. — Perdi meu pai no ano passado. É difícil, hein?

— Sim — ela respondeu laconicamente e fez menção de passar por ele. Cameron virou-se imediatamente e começou a caminhar a seu lado.

— Você também tem filhos pequenos, não é? Roger me contou. — Ele notou sua surpresa e sorriu de viés para ela. — Eu o conheci na loja. Bom sujeito.

— Sim, é — ela disse, na defensiva. Roger não mencionara ter conhecido Rob e ela se perguntou por que não. Obviamente, ele havia conversado com Rob tempo suficiente para ele saber que Roger era seu marido e que tinham filhos. Mas Rob não insistiu no assunto e, em vez disso, espreguiçou-se e atirou a cabeça para trás.

— Aahhh... um dia bonito demais para passar na represa. Gostaria de estar na água. — Sacudiu a cabeça indicando o rio, onde meia dúzia de pretensos pescadores estava entre as ondas, com a atenção predatória de garças. — Você ou Roger gostam de pescar?

— Eu gosto — ela disse, e sentiu a lembrança do arremesso de uma vara de pescar nas mãos, enviando uma pequena sensação eletrizante pelas extremidades de seus nervos. — Você pesca, então?

— Sim, tenho licença para Rothiemurchus. — Pareceu orgulhoso, como se

fosse algo especial, de modo que ela fez alguns ruídos de aprovação. Ele olhou para ela de través, os olhos cor de caramelo, sorridentes. — Se um dia quiser ir até lá com sua vara, é só dizer. Chefe. — Riu repentinamente para ela, descontraído e sedutor, passando à sua frente e entrando no escritório da represa, assoviando.

Uma linha ley é um alinhamento hipotético observado entre dois pontos de interesse geográfico, em geral locais antigos ou sagrados como os círculos de pedra e outros monumentos pré-históricos. Existem inúmeras teorias sobre essas linhas e bastante controvérsia quanto ao fato de realmente existirem como fenômeno e não apenas como um artefato.

Com isso quero dizer que, se quisermos escolher dois pontos de interesse para o ser humano, é muito provável que haja um caminho que leve de um ao outro, quaisquer que sejam esses pontos. Existe uma estrada principal entre Londres e Edimburgo, por exemplo, porque as pessoas frequentemente querem ir de uma cidade para a outra, mas isso normalmente não é chamado de linha ley. O que as pessoas geralmente têm em mente ao usar este termo é uma trilha antiga que vai, digamos, de um monumento monolítico a uma abadia antiga, a qual por sua vez provavelmente foi construída em um local de adoração muito mais antigo.

Uma vez que não há muitas evidências objetivas além da existência óbvia de tais linhas, muita bobagem se diz a respeito. Algumas pessoas acreditam que as linhas possuem um significado mágico ou místico. Eu mesmo não vejo nenhum fundamento para isso, nem sua mãe, que é uma cientista. Por outro lado, a ciência muda de opinião de vez em quando e o que parece mágica pode na verdade ter uma explicação científica (N.B. — inserir nota de rodapé sobre Claire e a colheita de plantas).

Entretanto, entre as teorias referentes a linhas ley, há uma que parece ter ao menos uma base física possível. Talvez você já saiba o que são rbdomantes, quando vier a ler esta carta. Eu lhe apresentarei a um assim que houver oportunidade. Mas, em todo caso — um rbdomante é uma pessoa que tem a capacidade de detectar a presença de água ou às vezes de corpos de metal no subsolo, como o minério em minas. Alguns usam um galho com uma forquilha, uma vara de metal ou alguma outra espécie de "varinha mágica", com a qual "revelar" a água; alguns meramente pressentem. O porquê dessa aptidão não se sabe: sua mãe diz que a navalha de Occam diria que tais pessoas apenas reconhecem o tipo de geologia que é mais provável de armazenar água no subsolo. Mas eu já vi rbdomantes em ação e tenho certeza de que é mais do que isso — especialmente em vista das teorias a que me refiro aqui.

Uma das teorias sobre como a rbdoscopia funciona é que a água ou metal

possui uma corrente magnética, à qual o rãdomante é sensível. Sua mãe diz que a primeira parte disso é verdade e que, mais ainda, há largas faixas de força geomagnética na crosta terrestre, que correm em direções opostas por todo o globo. E mais, ela me diz que essas faixas são detectáveis por medições objetivas, mas não são necessariamente permanentes; de fato, a Terra sofre reversões ocasionais (a intervalos de alguns milhões de anos, eu acho; ela não sabe a frequência exata) de sua força geomagnética — ninguém sabe por quê, mas em geral suspeita-se das manchas solares — com os polos trocando de lugar.

Outra informação interessante é que pombos-correio (e muito provavelmente outros tipos de pássaros) comprovadamente sentem essas linhas geomagnéticas e as usam para navegar, embora ninguém tenha ainda descoberto exatamente como fazem isso.

O que suspeitamos — sua mãe e eu — e devo ressaltar que podemos facilmente estar enganados nesta suposição — é que as linhas ley de fato existam, que são (ou se correlacionam com) linhas de força geomagnética e que onde elas se cruzam ou convergem temos um ponto onde essa força magnética é... diferente, por falta de uma palavra melhor. Acreditamos que essas confluências — ou algumas delas — possam ser os locais onde é possível para as pessoas sensíveis a tais forças (como pombos, imagino) viajarem de uma época para outra (isso seria sua mãe e eu, e você, Jem e Mandy). Se a pessoa que estiver lendo isto for um filho (ou neto) ainda não nascido, então não sei dizer se você terá esta sensibilidade, dom ou o que seja, mas eu lhe asseguro que é real. Sua avó especulou que se trata de um traço genético, mais ou menos como a capacidade de dobrar a língua; se você não a tiver, o "como" fazer isso é simplesmente incompreensível, apesar de você poder observar alguém que possua esse traço. Se for este o seu caso, não sei se devo pedir desculpas ou parabenizá-lo, embora suponha que não seja pior do que outras coisas que os pais transmitem aos filhos, sem o saber, como dentes tortos ou miopia. De um jeito ou de outro, acredite, não o fizemos de propósito.

Desculpe-me, acho que fugi do assunto. O ponto principal é que a capacidade de viajar no tempo pode ser dependente de uma sensibilidade genética a essas... convergências? Vórtices?... de linhas ley.

Devido à história geológica peculiar das Ilhas Britânicas, encontramos muitas linhas ley aqui e, da mesma forma, um grande número de sítios arqueológicos que parecem ligados por essas linhas. Sua mãe e eu pretendemos registrar, até onde for possível fazê-lo sem perigo — e não se engane; é muito perigoso a ocorrência de tais sítios que possam ser portais. Obviamente, não há como saber com certeza se um determinado local é um portal ou não.

A observação de que sítios parecem estar "abertos" nas datas que

correspondem às festas do sol e às festas do fogo dos povos antigos (ou ao menos mais abertos do que em outras épocas) pode — se esta hipótese estiver correta — ter alguma coisa a ver com a atração gravitacional do sol e da lua. Isso parece fazer sentido, considerando-se que tais corpos realmente afetam o comportamento da Terra com relação a marés, tempo etc. — por que não vórtices de tempo, também, afinal de contas?

Nota: Sua mãe diz — bem, ela disse muita coisa, da qual eu pincei as palavras "Teoria do Campo Unificado", que pelo que entendi é algo que ainda não existe, mas que se existisse explicaria muitas coisas, e entre elas poderia estar a resposta para por que uma convergência de linhas geomagnéticas podem afetar o tempo no local onde a convergência ocorre. Tudo que eu pessoalmente obtive dessa explicação é a ideia de que o espaço e o tempo ocasionalmente são a mesma coisa, e a gravidade está de certa forma envolvida. Isso faz tanto sentido para mim quanto qualquer outra coisa relativa a esse fenômeno.

Nota 2: A observação de que os sites parecem ser "abertos" nas datas que correspondem a festas de sol e festas de fogo do mundo antigo (ou, pelo menos, mais abertos do que em outras ocasiões) pode - se esta hipótese for correta - ter algo a ver com a força gravitacional do sol e da lua. Isso parece razoável, dado que estes organismos realmente afetam o comportamento da Terra em relação a marés, clima etc., por que não vórtices tempo, também, afinal?

— Isso faz sentido? — Roger perguntou. — Até aqui, pelo menos?

— Até onde qualquer coisa sobre isso faz sentido, sim. — Apesar da inquietação que se apoderava dela toda vez que discutiam o assunto, não pôde deixar de sorrir; ele parecia tão ansioso. Havia uma mancha de tinta em sua face e seus cabelos pretos estavam despenteados de um lado. — A vontade de ensinar deve estar no sangue — ela disse, retirando um lenço de papel do bolso, lambendo-o à maneira de uma gata com seu filhote e aplicando-o à face dele. — Sabe, existe essa maravilhosa invenção moderna chamada esferográfica...

— Detesto — ele disse, fechando os olhos e deixando-se limpar. — Além do mais, uma caneta-tinteiro é um luxo, comparada a uma pena de escrever.

— Bem, isso é verdade. Papai sempre parecia ter sofrido uma explosão numa fábrica de tinta quando escrevia cartas. — Seus olhos retornaram à página e ela resfolegou ligeiramente diante da primeira nota de rodapé, fazendo Roger sorrir.

— É uma explicação razoável?

— Considerando que se destina às crianças, mais do que adequada — ela lhe assegurou, abaixando a folha. — O que diz na nota 2?

— Ah. — Reclinou-se para trás em sua cadeira, as mãos entrelaçadas, parecendo nervoso. — Aquilo.

— Sim, aquilo — ela disse, instantaneamente alerta. — Existe algo como Prova A que deverá entrar ali?

— Bem, sim — ele disse, com relutância, e fitou-a nos olhos. — Os cadernos de anotações de Geillis Duncan. O caderno da sra. Graham seria a Prova B. As explicações de sua mãe sobre superstições em relação a plantas é a nota 4.

Brianna pôde sentir o sangue se esvaindo de sua cabeça e sentou-se, por precaução.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — ela perguntou, hesitante. Ela própria não sabia onde os cadernos de anotações de Geillis Duncan estavam, e não queria saber. O caderninho que Fiona Graham, a neta da sra. Graham, havia lhes dado estava guardado a salvo em um cofre de segurança no RBS, o Banco Real da Escócia, em Edimburgo.

Roger soltou o ar de um só jato e sacudiu a cabeça.

— Não, não tenho — disse com franqueza. — Mas, veja bem. Não sabemos que idade as crianças terão quando lerem isto. O que me faz lembrar que temos que tomar algumas medidas para garantir isso. Para o caso de alguma coisa nos acontecer antes que tenham idade suficiente para saberem de... tudo.

Ela sentiu como se um cubo de gelo estivesse se derretendo lentamente pelas suas costas. Mas ele tinha razão. Podiam ambos ser mortos em um acidente de carro, como os pais de sua mãe. Ou a casa podia pegar fogo...

— Bem, não — ela disse em voz alta, olhando para a janela atrás de Roger, embutida em uma parede de pedra de uns cinquenta centímetros de espessura. — Acho que esta casa não vai pegar fogo.

Isso o fez sorrir.

— Não, não estou muito preocupado com isso. Mas os cadernos de anotações... sim, sei o que quer dizer. E pensei em talvez examiná-los eu mesmo e fazer uma espécie de filtragem das informações; ela de fato tinha muitas anotações sobre quais círculos de pedras pareciam estar ativos, e isso é útil. Porque ler o restante é... — Abanou a mão em busca da palavra certa.

— Arrepiante — ela interpôs.

— Eu ia dizer que é como observar alguém enlouquecer lentamente diante de você, mas "arrepiante" serve. — Ele pegou as folhas da mão de Brianna e arrumou-as. — Acho que é um hábito acadêmico. Não acho certo suprimir uma fonte original.

Ela resfolegou de um modo diferente, de forma a indicar o que achava de Geillis Duncan como fonte original de qualquer coisa que não fosse problemática. Ainda assim...

— Creio que tem razão — disse com relutância. — Mas talvez você possa fazer um resumo e apenas mencionar onde estão os cadernos originais, para o caso de mais alguém no futuro ficar realmente curioso.

— Não é uma má ideia. — Ele colocou os papéis dentro do seu caderno de anotações e se levantou, fechando-o simultaneamente. — Vou descer e pegá-los, então, talvez depois da escola. Eu poderia levar Jem e mostrar-lhe a cidade; ele já tem idade suficiente para percorrer a Royal Mile e ele iria adorar o castelo.

— Não o leve à Masmorra de Edimburgo — ela disse imediatamente, e ele abriu um largo sorriso.

— Não acha que figuras de ceras de pessoas sendo torturadas sejam educativas? É tudo histórico, hein?

— Seria bem menos terrível se não fosse — ela disse e, virando-se, viu o relógio de parede. — Roger! Você não tem que dar suas aulas de gaélico na escola às duas horas?

Ele olhou para o relógio incrédulo, agarrou a pilha de livros e papéis em cima da mesa e saiu em disparada com uma enxurrada muito eloquente de expressões em gaélico.

Ela saiu para o corredor a tempo de vê-lo beijar rapidamente Mandy e arremeter-se para a porta. Mandy ficou parada no vão da porta aberta, acenando entusiasticamente.

— Té logo, papai! — ela gritou. — Taz sorvete pa mim!

— Se ele esquecer, iremos à cidade depois do jantar para tomar sorvete — Brianna prometeu, abaixando-se para pegar sua filha no colo. Ficou ali parada segurando Mandy, observando o antigo Morris cor de laranja de Roger cuspir, engasgar, estremecer e finalmente pegar com um breve arroteio de fumaça azul. Ela franziu ligeiramente a testa diante da cena, pensando que devia comprar um novo par de velas de ignição para ele, mas acenou quando ele se inclinou para fora na curva do caminho, sorrindo para elas.

Mandy aconchegou-se em seu colo, murmurando uma das frases em gaélico mais pitorescas de Roger, que ela obviamente estava tentando gravar, e Bri inclinou a cabeça, inalando o perfume doce de xampu Johnson de bebês e de criança suja. Sem dúvida, foi a menção de Geillis Duncan que a estava fazendo se sentir inquieta. A mulher estava definitivamente morta, mas afinal... ela era avó distante de Roger. E talvez a capacidade de viajar através dos círculos de pedras não fosse o único traço transmitido pelo sangue.

Embora, é claro, algumas coisas se diluíssem com o tempo. Roger, por exemplo, não tinha nada em comum com William Buccleigh Mackenzie, o filho de Geillis com Dougal Mackenzie — e o homem responsável pelo enforcamento de Roger.

— Filho da mãe — ela disse, baixinho. — Espero que apodreça no inferno.

— Essa palavra é feia, mamãe — Mandy disse em tom de reprovação.

Foi melhor do que ele esperava. A sala estava repleta, com muitas crianças,

vários pais e até mesmo alguns avós amontoados ao longo das paredes. Ele teve aquele momento de leve tontura — não exatamente pânico ou medo de falar em público, mas a sensação de olhar para dentro de um extenso desfiladeiro do qual ele não conseguia ver o fundo — que já conhecia dos tempos em que se apresentava tocando e cantando. Respirou fundo, colocou sobre a mesa sua pilha de livros e papéis, sorriu para eles e disse:

— Feasgar math!

Sempre bastava apenas isso; ditas as primeiras palavras — ou cantadas —, e era como segurar um fio desencapado. Uma corrente surgiu entre ele e a plateia e as palavras seguintes pareceram vir do nada, fluindo através dele como a água através de uma das turbinas gigantes de Bri.

Após uma ou duas palavras de introdução, ele começou com a noção de xingamentos em gaélico, sabendo o motivo da presença da maioria das crianças ali. As sobrelhas de alguns dos pais se levantaram, mas sorrisinhos compreensivos apareceram nos rostos dos avós.

— Não temos palavrões em gàidhlig, como temos no inglês — ele disse, e riu para o menino de cabelos cor de palha, com um ar agressivo, na segunda fileira, que só podia ser o pequeno Glasscock que dissera a Jemmy que ele iria para o inferno. — Sinto muito, Jimmy. O que não quer dizer que você não possa dar uma boa e forte opinião sobre alguém — continuou, assim que as risadas se calaram. — Mas xingar em gàidhlig é uma questão de arte, não de grosseria. — Isso provocou uma onda de risadas dos mais velhos também e várias crianças voltaram a cabeça para seus avós, surpresas. — Por exemplo, certa vez ouvi um fazendeiro cuja porca havia entrado no meio do monte de grãos moídos dizer a ela que esperava que seus intestinos explodissem pela sua barriga e fossem devorados pelos abutres.

Um impressionado "Ooh!" das crianças. Ele sorriu e continuou, apresentando versões cuidadosamente editadas de algumas das coisas mais criativas que já ouvira seu sogro dizer uma vez ou outra. Não é necessário acrescentar que, apesar da falta de palavrões, na verdade é possível chamar uma pessoa de "filha de uma cadela" quando alguém está querendo ser realmente maldoso. Se as crianças quisessem saber o que Jem de fato dissera à srta. Glendenning, teriam que perguntar a ele. Se já não o tivessem feito.

Dali, ele passou a uma descrição mais séria — embora rápida — da Gaeltacht, aquela área da Escócia onde o gaélico era tradicionalmente falado, e contou algumas anedotas sobre aprender gaélico em barcos de pesca de arenque no Minch quando era adolescente — inclusive todo o discurso feito por um capitão Taylor quando uma tempestade varreu seu principal buraco de lagostas e levou todas as suas armadilhas (essa peça de eloquência tendo sido dirigida, com o punho cerrado, ao mar, aos céus, à tripulação e às lagostas). Isso fez todos rirem outra vez,

e alguns garotos mais velhos no final da sala riam e cochichavam, eles já tendo obviamente se deparado com situações similares.

— Mas o gàidhlig é uma língua — ele disse, depois que as risadas arrefeceram outra vez. — E isso significa que sua função primária é a comunicação, pessoas falando umas com as outras. Quantos de vocês já ouviram cantos corais? E canções de trabalho das mulheres que preparavam a lã?

Murmúrios de interesse; alguns tinham, outros não. Então ele explicou o que eram essas canções de "pisar".

— Todas as mulheres cantando e trabalhando juntas, empurrando, puxando e amassando com os pés o tecido de lã molhado para que ficasse bem grosso e impermeável. Afinal, antigamente as pessoas não tinham capas de chuva e precisavam ficar do lado de fora dia e noite, com sol ou chuva, cuidando dos animais ou da lavoura. — Sua voz já estava bem aquecida agora; achou que poderia exemplificar com uma pequena canção de trabalho e, abrindo sua pasta, cantou o primeiro verso e o refrão, depois fez com que eles fizessem o mesmo. Cantaram quatro versos e então ele sentiu que o esforço começava a dar sinais e encerrou a demonstração.

— Minha avó costumava cantar esta — uma das mães disse impulsivamente, depois ficou vermelha como uma beterraba quando todos olharam para ela.

— Sua avó ainda é viva? — Roger perguntou e, diante de seu envergonhado sinal afirmativo com a cabeça, disse: — Bem, então, peça a ela para ensiná-la a você, e você poderá ensiná-la a seus filhos. Esse tipo de coisa não deve se perder, não é?

Ouviu-se um leve murmúrio de concordância ligeiramente surpreendida. Ele sorriu outra vez e ergueu o surrado livro de hinos que trouxera.

— Muito bem. Eu também mencionei os cantos corais. Vocês ainda podem ouvi-los aos domingos nas igrejas das Ilhas. Se forem a Stornway, por exemplo, poderão ouvir. É uma maneira de cantar os salmos que data da época em que as pessoas não tinham muitos livros, ou talvez não muitos membros da congregação soubessem ler. Assim, havia um precentor, cuja função era cantar o salmo, um verso de cada vez, quando então a congregação repetia o verso para ele. Este livro — e ele ergueu o livro de salmos — pertenceu ao meu próprio pai, o reverendo Wakefield; alguns de vocês devem se lembrar dele. Mas originalmente pertenceu a um outro clérigo, o reverendo Alexander Carmichael. Ele... — e continuou contando sobre o reverendo Charmichael, que percorrera as Highlands e as Ilhas no século XIX, conversando com as pessoas, instando-as a cantar suas canções para ele e a lhe contar seus modos e costumes, colecionando "hinos, feitiços e encantamentos" da tradição oral sempre que os encontrava, e publicara essa grande obra de erudição em vários volumes, chamada Carmina Gadelica.

Ele havia trazido um volume do Gadelica consigo e enquanto passava o velho livro de hinos pela sala, juntamente com o livro de canções de trabalho que ele havia compilado, leu para eles um dos feitiços da lua nova, um encantamento para um animal que fica ruminando, sofrendo de empanzinamento, uma simpatia para indigestão, o poema do besouro e alguns trechos de "A linguagem dos pássaros".

Columba saiu bem cedo
Em uma manhã de sol;
Ele viu um cisne branco,
"Guile, guile"
Na margem do lago,
"Guile, guile"
Era um canto fúnebre
"Guile, guile"

Um cisne branco ferido,
Um cisne branco machucado,
O cisne branco das duas visões,
"Guile, guile"
O cisne branco dos dois augúrios,
"Guile, guile"
Vida e morte.
"Guile, guile"
"Guile, guile"

Quando será tua jornada,
Cisne do luto?
Disse Columba do amor,
"Guile, guile"
De Erin vim nadando,
"Guile, guile"
Dos Fiann é meu ferimento,
"Guile, guile"
A profunda ferida da minha morte,
"Guile, guile"
"Guile, guile"

Cisne branco de Erin,
Sou amigo dos necessitados;

Que o olhar de Cristo esteja em teu ferimento,

"Guile, guile"

O olhar de afeto e de misericórdia,

"Guile, guile"

O olhar da bondade e do amor,

"Guile, guile"

Para curar,

"Guile, guile"

"Guile, guile"

Cisne de Erin,

"Guile, guile"

Nenhum mal te atingirá,

"Guile, guile"

Que tuas feridas se curem,

"Guile, guile"

Senhora das ondas,

"Guile, guile"

Senhora dos réquiens,

"Guile, guile"

Senhora das melodias,

"Guile, guile"

A Cristo a glória,

"Guile, guile"

Ao Filho da Virgem,

"Guile, guile"

Ao grandioso Rei dos Reis,

"Guile, guile"

Para Ele seja o teu canto,

"Guile, guile"

Para Ele seja o teu canto.

"Guile, guile"

"Guile, guile"

Sua garganta doía de uma maneira quase insuportável por fazer o canto do cisne, do brando gemido do cisne ferido ao grito triunfante das palavras finais, e no

final sua voz já fraquejava, mas foi magnífico e a plateia irrompeu em aplausos.

Entre a dor e a emoção, não conseguiu falar por alguns minutos e, em vez disso, inclinava-se e sorria e inclinava-se outra vez, mudo, entregando a pilha de livros e pastas a Jimmy Glasscock para ser passada adiante, enquanto a plateia se aglomerava à sua volta para felicitá-lo.

— Rapaz, isso foi fantástico. — disse uma voz mais ou menos familiar. Ele ergueu os olhos e viu que se tratava de Rob Cameron sacudindo sua mão, os olhos brilhantes de entusiasmo. A surpresa de Roger deve ter transparecido em seu rosto, pois Rob sacudiu a cabeça indicando o menino ao seu lado: Bobby Hurragh, que Roger conhecia bem do coro. Um admirável soprano puro, e um diabinho se não fosse vigiado de perto. — Eu trouxe o pequeno Bobby — Rob — disse, segurando, como Roger notou, com firmeza a mão do menino. — Minha irmã teve que ir trabalhar hoje e não podia tirar uma folga. Ela é viúva — ele acrescentou, como explicação tanto da ausência da mãe quanto de sua própria presença.

— Obrigado — Roger conseguiu dizer com um grasnido, mas Cameron apenas sacudiu sua mão outra vez e deu lugar ao próximo na fila para parabenizá-lo.

No meio da aglomeração, estava uma mulher de meia-idade que ele não conhecia, mas que o reconheceu.

— Meu marido e eu vimos você cantar uma vez, nos Jogos de Inverness — ela disse, com um sotaque bem-educado embora você usasse o sobrenome de seu falecido pai na ocasião, não é?

— É verdade — ele disse, com o coaxar de um sapo que era até onde sua voz conseguia ir no momento. — Seu... vocês têm... um neto? — Acenou vagamente na direção do enxame alvoroçado de crianças girando ao redor de uma senhora idosa que, afogueada de satisfação, explicava a pronúncia de algumas palavras em gaélico de aparência estranha no livro de contos.

— Sim — a mulher disse, sem desviar os olhos da cicatriz em sua garganta. — O que aconteceu? — ela perguntou, com compaixão. — É permanente?

— Acidente — ele disse. — Receio que sim.

A aflição enrugou os cantos de seus olhos e ela sacudiu a cabeça.

— Oh, mas que pena — ela disse. — Sua voz era maravilhosa.

— Obrigado — ele disse, porque era tudo que podia dizer. Ela o deixou, então, para receber os elogios de pessoas que nunca o tinham ouvido cantar. Antes.

Mais tarde, ele agradeceu a Lionel Menzies, parado junto à porta para se despedir de quem saía, radiante como o diretor de um circo bem-sucedido.

— Foi maravilhoso — Menzies disse, apertando sua mão efusivamente. — Melhor ainda do que eu esperava. Diga-me, consideraria a possibilidade de fazer isso de novo?

— De novo? — Ele riu, mas desatou a tossir. — Eu mal consegui terminar

esta.

— Aarh! — Menzies abanou a mão, descartando o argumento. — Um trago vai consertar sua garganta. Vamos tomar alguma coisa no pub?

Roger estava prestes a recusar, mas o rosto de Menzies reluzia de tanta satisfação que ele mudou de ideia. O fato de estar banhado de suor — apresentar-se em público sempre elevava sua temperatura corporal em vários graus — e ter um acesso de sede à altura do deserto de Gobi nada tinha a ver com isso, é claro.

— Apenas um, então — ele disse, e sorriu.

Quando atravessavam o estacionamento, um pequeno e surrado caminhão azul freou e Rob Cameron inclinou-se para fora da janela, chamando-os.

— Gostou, não?, Rob? — Menzies perguntou, ainda radiante.

— Adorei — Cameron disse, com toda a evidência de sinceridade. — Duas coisas, Rog — Eu queria perguntar, talvez, se você me deixaria ver algumas das canções antigas que você tem; Siegfried MacLeod mostrou-me as que você fez para ele.

Roger ficou um pouco desconcertado mas satisfeito.

— Sim, claro — ele disse. — Não sabia que você era um fã — brincou.

— Gosto de tudo que é antigo — Cameron disse, sério desta vez. Realmente, eu ficaria muito agradecido.

— Está bem, então. Vá até lá em casa, talvez, no próximo fim de semana?

Rob abriu um largo sorriso e fez um leve aceno de despedida.

— Espere. Duas coisas, você disse? — Menzies perguntou.

— Oh, sim. — Cameron estendeu o braço e pegou alguma coisa no banco entre ele e Bobby. — Isso estava dentro dos papéis de gaélico que você fez circular entre as pessoas. Mas parecia estar lá por engano, então eu retirei. Está escrevendo um romance?

Ele entregou o caderno de anotações preto, "O Guia do Mochileiro", e a garganta de Roger se fechou como se ele tivesse sido garroteado. Pegou o caderno, balançando a cabeça, sem fala.

— Talvez me deixe ler quando tiver terminado — Cameron disse descontraidamente, engatando o caminhão. — Adoro ficção científica.

O caminhão se afastou, depois parou repentinamente e começou a dar ré. Roger segurou o caderno preto com mais força, mas Rob não olhou para ele.

— Ei — disse. — Me esqueci. Brianna disse que vocês têm um antigo forte de pedra ou algo assim em sua propriedade?

Roger balançou a cabeça, limpando a garganta.

— Tenho um amigo, arqueólogo. Se importaria se, talvez, ele desse uma olhada nele em alguma hora?

— Não — Roger respondeu roucamente, depois clareou a garganta

novamente e disse com mais firmeza. — Não, seria ótimo. Obrigado.

Rob riu alegremente para ele e partiu.

— Não há de quê, amigo — ele disse.

*SEMPRE NO ALTO*

O amigo arqueólogo de Rob, Michael Callahan, um sujeito alegre de uns cinquenta anos, com cabelos louros ralos e tão queimado de sol que seu rosto parecia uma colcha de retalhos, com sardas escuras dispersas entre áreas de pele rosa vívido. Ele esquadrinhou as pedras caídas da velha igreja com grande interesse, pedindo permissão a Roger para cavar uma trincheira ao longo de uma parede externa.

Rob, Brianna e as crianças subiram rapidamente até lá para observar, mas trabalho arqueológico não é um esporte de espectadores, e quando Jem e Mandy se entediaram o grupo desceu para a casa para fazer o almoço, deixando Roger e Mike em suas escavações.

— Eu não preciso de você — Callahan disse, erguendo os olhos para Roger após certo tempo. — Se tiver outras coisas a fazer.

Sempre havia coisas a fazer — era uma fazenda, afinal, ainda que pequena —, mas Roger sacudiu a cabeça.

— Estou interessado — ele disse. — Se eu não estiver atrapalhando...?

— Nem um pouco — Callahan disse alegremente. — Ajude-me a levantar isto, então.

Callahan assobiava entre os dentes enquanto trabalhava, de vez em quando murmurando consigo mesmo, mas na maior parte do tempo não fazia nenhum comentário sobre o que estivesse examinando. Roger era requisitado vez por outra para ajudar a retirar algum entulho ou segurar uma pedra instável enquanto Callahan espreitava sob ela com uma pequena lanterna, porém na maior parte do tempo Roger permaneceu sentado no pedaço de parede que não desmoronara, ouvindo o vento.

Era silencioso ali no alto da colina, da maneira como lugares desertos são silenciosos, com uma sensação constante de movimento não manifesto, e lhe pareceu estranho que devesse ser assim. Normalmente, não se tem essa sensação em locais onde pessoas viveram, e obviamente as pessoas andaram por aquela colina por um longo tempo, a julgar pela profundidade da trincheira de Callahan e pelos pequenos

assovios de interesse que ele soltava de vez em quando, como uma marmota.

Brianna trouxe-lhes sanduíches e limonada, depois se sentou ao lado de Roger na parede para comer.

— Rob já se foi, então? — Roger perguntou, vendo que o caminhão não estava mais no pátio da frente da casa.

— Só para resolver umas coisas, segundo ele. Disse que não parecia que Mike fosse terminar tão cedo — ela disse, com um olhar para o traseiro das calças de Callahan, projetando-se de um arbusto, enquanto ele escavava alegremente embaixo.

— Talvez não — Roger disse, sorrindo, e, inclinando-se para frente, beijou-a de leve. Ela fez um ruído baixo de contentamento no fundo da garganta e deu um passo para trás, mas continuou segurando a mão dele por um instante.

— Rob perguntou sobre as canções antigas que você arranjou para Sandy MacLeod — ela disse, com um olhar de viés para baixo da colina, na direção da casa. — Você disse a ele que podia vê-las?

— Oh!, sim, eu me esqueci. Claro. Se eu não tiver descido quando ele voltar, você pode mostrá-las a ele. Os originais estão na última gaveta do meu arquivo, em uma pasta intitulada Cèolas.

Ela assentiu e desceu, os pés longos, calçados de tênis, seguros como as patas de uma corça no caminho pedregoso, e seus cabelos presos na nuca, descendo pelas costas como uma cauda da mesma cor do pelo da corça.

Conforme a tarde definhava, ele se viu mergulhando em um estado não muito distante do transe, a mente movendo-se preguiçosamente e o corpo não muito mais depressa, indolentemente dando uma ajuda onde necessária, mal trocando uma palavra com Callahan, que parecia igualmente perdido em seus pensamentos. A névoa inconstante da manhã havia se espessado e as sombras frescas entre as pedras desapareceram com a luz. O ar estava frio e carregado de umidade em sua pele, mas não havia nenhum indício de chuva. Quase podia sentir as pedras se erguendo ao seu redor, pensou, voltando ao lugar onde estiveram um dia.

Havia idas e vindas na casa lá embaixo: batida de portas, Brianna pendurando as roupas lavadas, as crianças e dois meninos da fazenda ao lado que tinham vindo passar a noite com Jem, todos correndo pela horta e pelas construções externas, com uma brincadeira de pegar que envolvia um grande alarido, os gritos altos e estridentes semelhantes aos gritos de águias-pescadoras. Em certo momento, ele olhou para baixo e viu o caminhão da Farm & Household, provavelmente vindo entregar a bomba para o separador de nata, pois Roger viu Brianna conduzindo o motorista na direção do estábulo, ele impossibilitado de ver pelos lados da enorme caixa de papelão em seus braços.

Por volta das cinco horas, uma nova brisa forte surgiu e a névoa começou a

se dissipar. Como se fosse um sinal para acordar Callahan de seu sonho, o arqueólogo endireitou-se, ficou parado por um instante olhando para alguma coisa lá embaixo, depois balançou a cabeça.

— Bem, pode ser um sítio antigo — ele disse, saltando para fora de sua trincheira e gemendo enquanto se inclinava para frente e para trás, esticando as costas. — Mas a estrutura não é. Provavelmente construída nos últimos séculos, embora quem tenha construído sem dúvida usou pedras muito mais antigas na construção. Certamente, as trouxe de outro lugar, embora algumas possam ser de uma estrutura mais antiga construída no mesmo lugar. — Sorriu para Roger. — As pessoas são parcimoniosas nas Highlands; na semana passada, vi um celeiro com uma antiga pedra dos pictos usada no alicerce e um chão feito com tijolos da demolição de um banheiro público em Dornoch.

Callahan olhou para oeste, protegendo os olhos, onde a névoa agora pairava bem baixa sobre a costa distante.

— Sempre no alto — ele disse, de modo casual. — Eles sempre escolhiam lugares altos, os antigos. Fosse um forte ou um local de culto, eles sempre subiam.

— Os antigos? — Roger perguntou, e sentiu um breve arrepio na nuca. — Que antigos?

Callahan riu, sacudindo a cabeça.

— Não sei. Pictos, talvez. Tudo que conhecemos deles são os poucos trabalhos em pedra aqui e ali. Ou o povo que veio antes deles. As vezes, você vê alguma coisa que sabe que foi feita, ou ao menos colocada, pelo homem, mas não consegue encaixá-la em nenhuma cultura conhecida. Os monumentos megalíticos. Por exemplo, as pedras verticais. Ninguém sabe quem as colocou em pé ou para quê.

— Pois é — Roger murmurou. — Sabe dizer que tipo de sítio antigo este aqui foi? Para a guerra ou para o culto, quero dizer?

Callahan sacudiu a cabeça.

— Não pelo que está aparente na superfície, não. Talvez se escavássemos o sítio que está por baixo deste... mas, para ser franco, não vejo nada que realmente motivasse alguém a fazer isso. Há centenas de sítios como este em colinas, por todas as Ilhas Britânicas e a Bretanha também. De antigos celtas, muitos deles, Idade do Ferro, muitos bem mais antigos. — Pegou a danificada cabeça de santo, afagando-a com uma espécie de afeição.

— Essa senhora é muito mais recente, talvez século XIII, XIV. Talvez a santa padroeira da família, legada à geração seguinte ao longo dos anos. — Deu um beijo de leve, sem inibição, e entregou-a delicadamente a Roger. — Vale dizer, no entanto, e isso não é científico, apenas o que eu mesmo penso por já ter visto tantos lugares como este, que, se a estrutura moderna era uma capela, então o sítio antigo sob ela provavelmente também era um local de culto. As pessoas das Highlands são

conservadoras em seus hábitos. Elas podem construir um novo celeiro a cada duzentos ou trezentos anos, mas provavelmente será no mesmo local onde estava o último.

Roger riu.

— É verdade. Nosso celeiro ainda é o original, construído no começo do século XVIII, juntamente com a casa. Mas eu encontrei as pedras de uma fazenda mais antiga quando escavei o chão do estábulo para colocar um cano novo.

— Século XVIII? Bem, você não vai precisar de um telhado novo pelo menos por mais cem anos, então.

Eram quase seis horas, mas ainda plena luz do dia. A névoa havia se dissipado daquele modo misterioso como às vezes acontecia, e um sol pálido aparecera. Roger traçou uma pequena cruz com o polegar na testa da estátua e depositou a cabeça delicadamente no nicho que parecia feito para isso. Haviam terminado, mas nenhum dos dois fez menção de ir embora. Havia uma sensação de conforto na companhia um do outro, um compartilhamento da magia do lugar.

Lá embaixo, viu o caminhão velho de Rob Cameron estacionado no pátio da frente e o próprio Rob sentado no alpendre dos fundos, Mandy, Jem e os amigos de Jem aglomerados de cada lado, evidentemente absortos nas páginas que ele segurava. O que diabos ele estava fazendo?

— Estou ouvindo alguém cantar? — Callahan, que estivera olhando para o norte, virou-se e, ao fazê-lo, Roger também ouviu. Fraco e suave, não mais do que um fino som, mas suficiente para se captar a melodia de "Crimond".

A força da pontada de inveja que o percorreu tirou seu fôlego, e ele sentiu sua garganta se fechar como se a mão forte de alguém o estrangulasse. Inveja e dura como a sepultura: suas brasas são brasas de fogo.

Ele fechou os olhos por um instante, respirando devagar e profundamente, e com um pouco de esforço trouxe à memória a primeira parte dessa citação: O amor é forte como a morte.

Ele sentiu a sensação de estrangulamento diminuir e a razão retornar. É claro que Rob Cameron sabia cantar, ele fazia parte do coro masculino. Fazia sentido que, se ele visse as anotações musicais rudimentares que Roger fizera para algumas canções antigas, ele tentasse cantá-las. E as crianças — especialmente seus filhos — sentiam-se atraídos por música.

— Conhece Rob há muito tempo, então? — ele perguntou, e ficou satisfeito de ouvir sua voz soar normal.

— Oh, Rob? — Callahan refletiu. — Quinze anos, talvez... Não, mentira, uns vinte anos. Ele veio como voluntário em uma escavação que eu tinha em Shapinsay, é uma das Orkneys, e ele era apenas um rapaz na época, dezessete, dezoito anos, talvez. — Lançou um olhar suave e contundente a Roger. — Por quê?

Roger deu de ombros.

— Ele trabalha com minha mulher na hidrelétrica. Eu não o conheço bem. Só o conheci recentemente, na loja.

— Ah. — Callahan observou a cena embaixo por um instante, em silêncio, depois disse, sem olhar para Roger.

— Ele era casado com uma jovem francesa. Ela se divorciou dele há uns dois anos, levou o filho deles de volta para a França. Ele não anda muito feliz.

— Ah. — Isso explicava o apego de Rob à família de sua irmã viúva e o prazer que tinha na companhia de Jem e Mandy. Respirou outra vez, livremente, e a pequena chama de inveja se apagou.

Como se essa breve conversa tivesse colocado um ponto final no dia, pegaram os restos de seus lanches, a mochila de Callahan e desceram a colina em silêncio amistoso.

— O que é isto? — Havia dois copos de vinho sobre a bancada. — Estamos comemorando alguma coisa?

— Estamos — Bri disse com convicção. — Para começar, o fato de as crianças já terem ido dormir.

— Oh, muito levadas, não é? — Sentiu uma pequena pontada de culpa, não muito severa, por ter passado toda a tarde no local alto e fresco das ruínas da capela com Callahan, em vez de perseguir criaturinhas endiabradas para fora da horta.

— Não, apenas excesso de energia. — Ela lançou um olhar desconfiado para a porta que dava para o corredor, através da qual o ronco mudo de uma televisão vinha da grande sala de estar da frente. — Espero que estejam cansados demais para passar a noite pulando nas camas. Comeram pizza suficiente para deixar seis homens em coma por uma semana.

Ele riu — ele próprio havia comido a maior parte de uma grande de pepperoni e começava a se sentir confortavelmente letárgico.

— o que mais?

— O que mais estamos comemorando? — Ela lançou-lhe um olhar de satisfação. — Bem, quanto a mim...

— Sim? — ele disse, obsequioso. — Passei pelo período probatório no trabalho; agora sou efetivada e não podem se livrar de mim, ainda que eu use perfume no trabalho. E você — ela acrescentou, enfiando a mão dentro da gaveta e colocando um envelope à sua frente — foi formalmente convidado pelo conselho de educação a fazer uma reprise de seu triunfo gáidlilig em cinco escolas diferentes no mês que vem!

Ele sentiu um choque momentâneo, depois uma inundação quente de algo que não conseguia identificar e percebeu com um choque ainda maior que ele estava ruborizado.

— Verdade?

— Não acha que eu iria fazer uma brincadeira dessas com você, não é? — Sem esperar por uma resposta, ela serviu o vinho, aromático e encorpado, e entregou-lhe um copo. Cerimoniosamente, ele bateu o copo de leve no dela.

— A nós. Quem é como nós?

— Bem poucos — ela respondeu com forte sotaque escocês — e estão todos mortos.

Houve certo rebuliço em cima depois que as crianças foram mandadas para a cama, mas uma rápida aparição de Roger na figura do arquétipo Senex Iratus colocou um ponto final nisso e o grupo sonolento diminuiu a euforia para fogo brando, contando histórias e dando risadinhas abafadas.

— Será que estão contando piadas indecentes? — Bri perguntou, quando ele voltou.

— Provavelmente. Devo fazer Mandy descer, você acha?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ela provavelmente já está dormindo. E, se não estiver, as piadas que meninos de nove anos contam não vão prejudicá-la. Ela não tem idade suficiente para entender onde está a graça.

— É verdade. — Roger pegou seu copo reabastecido e tomou um pequeno gole, o vinho macio em sua língua e denso dos aromas de chá preto e groselhas pretas. — Que idade Jem tinha quando realmente aprendeu a contar piadas? Lembre-se de como ele aprendeu a forma das piadas, mas na verdade não entendia realmente a ideia de conteúdo?

— Qual a diferença entre a... a... A vaca e o palhaço? — ela imitou, captando perfeitamente a empolgação ofegante de Jem. — A vaca gosta de palha crua... e o Palhaço de "palha assada"! HAHAAHAHAHÁ!

Roger desatou a rir.

— Por que está rindo? — ela quis saber. Seus olhos estavam ficando pesados e os lábios estavam escuros, manchados do vinho.

— Deve ser da forma como você conta — ele disse, erguendo o copo para ela. — Saúde.

— Slàinte.

Ele fechou os olhos, sentindo o aroma do vinho tanto quanto o bebendo. Estava começando a ter a agradável ilusão de que podia sentir o calor do corpo de sua mulher, embora ela estivesse a alguns passos de distância. Ela parecia emanar calor, e em ondas lentas, pulsantes.

— Como é que chamam aquilo, como você encontra estrelas distantes?

— Um telescópio — ela disse. — Você não pode estar bêbado com meia garrafa de vinho, ainda mais sendo um vinho tão bom.

— Não, não foi isso que quis dizer. Há um termo para isso... assinatura de calor? Parece correto?

Ela fechou um olho, refletindo, depois encolheu os ombros.

— Talvez. Por quê?

— Você tem uma.

Ela abaixou os olhos para si mesma, estreitando-os.

— Não. Duas. Definitivamente duas.

Ele não estava totalmente bêbado, nem ela, mas o que quer que fosse estavam se divertindo.

— Uma assinatura de calor — ele disse e, estendendo o braço, tomou sua mão. Estava bem mais quente do que a dele e ele tinha certeza de que podia sentir o calor de seus dedos latejarem devagar, aumentando e diminuindo com sua pulsação. — Eu seria capaz de encontrá-la no meio de uma multidão, com os olhos vendados. Você brilha no escuro.

Ela deixou seu copo e deslizou da poltrona, parando e ajoelhando-se entre os joelhos dele, seu corpo sem tocá-lo realmente. Ela de fato brilhava. Se ele fechasse os olhos, quase podia ver isso através da camisa branca que ela usava.

Ele inclinou seu copo e o esvaziou.

— Excelente vinho. Onde o comprou?

— Não comprei. Rob trouxe, um agradecimento, ele disse, por deixá-lo copiar as músicas.

— Bom sujeito — ele disse generosamente. No momento, ele realmente pensava assim.

Brianna pegou a garrafa de vinho e esvaziou-a no copo de Roger. Em seguida, sentou-se para trás, sobre os calcanhares, e olhou para ele com um olhar de coruja, a garrafa vazia agarrada ao peito.

— Ei. Você está me devendo.

— Em grande escala — ele concordou solenemente, fazendo-a rir.

— Não — ela disse, recuperando-se. — Você disse que, se eu trouxesse meu capacete para casa, você me contaria o que estava fazendo com aquela garrafa de champanhe. Todo aquele assovio, quero dizer.

— Ah. — Ficou pensativo por um instante. Havia a real possibilidade de ela atingi-lo com aquela garrafa de vinho se ele lhe contasse, mas por outro lado trato é trato, afinal, e a visão dela nua, só de capacete, irradiando calor em todas as direções, era suficiente para fazer um homem lançar a cautela aos quatro ventos.

— Eu estava tentando ver se conseguia obter o tom exato dos sons que você faz quando estamos fazendo amor e você está prestes a... hã... a... é algo entre um rosnado e um zumbido grave.

A boca de Brianna abriu-se ligeiramente e seus olhos um pouco mais. A

ponta de sua língua era de um vermelho escuro, muito escuro.

— Acho que é fá abaixo de dó — ele concluiu apressadamente. Ela pestanejou.

— Está brincando.

— Não, não estou. — Ele pegou seu copo cheio até a metade e inclinou-o delicadamente, de modo que a borda tocasse nos lábios dela. Ela fechou os olhos e bebeu, devagar. Ele alisou seus cabelos para trás de sua orelha, o dedo deslizando devagar pelo seu pescoço, observando sua garganta se mover enquanto ela bebia o vinho, moveu a ponta do dedo pelo arco forte de sua clavícula.

— Você está ficando mais quente — ela sussurrou, sem abrir os olhos. — A segunda lei da termodinâmica.

— O que é isso? — ele disse, a voz mais baixa, também.

— A entropia de um sistema isolado que não está em equilíbrio tende a aumentar, atingindo o máximo no equilíbrio.

— Oh, é mesmo?

— Hum-hum. É por isso que um corpo aquecido perde calor para outro mais frio, até ficarem na mesma temperatura.

— Eu sabia que tinha que haver uma razão para isso acontecer. — Todos os ruídos do andar de cima haviam cessado e sua voz soou alta, apesar de estar sussurrando.

Os olhos dela abriram-se de repente, a dois centímetros dos dele, e seu hálito de groselhas pretas no rosto dele estava tão quente quanto sua pele. A garrafa caiu no tapete da sala com um baque surdo.

— Quer tentar um mi bemol?



HENRY

14 de junho de 1777

Ele havia proibido Dottie de acompanhá-lo. Não tinha certeza do que poderia encontrar. No final, entretanto, ficou surpreso. O endereço que lhe indicaram ficava em uma rua modesta em Germantown, mas a casa era espaçosa e bem conservada, embora não fosse grande.

Ele bateu na porta e foi recebido por uma jovem africana de expressão amável em roupas de chita asseadas e bem-feitas, e cujos olhos se arregalaram ao vê-lo. Ele achara melhor não usar seu uniforme, embora houvesse homens com uniforme britânico aqui e ali nas ruas — prisioneiros em livramento condicional, talvez, ou soldados levando comunicações oficiais. Em vez disso, vestira um elegante traje verde-garrafa, com seu melhor colete, de seda chinesa dourada, bordado com inúmeras borboletas extravagantes. Sorriu e a mulher retribuiu o sorriso, colocando a mão sobre a boca para escondê-lo.

— Em que posso ajudá-lo, senhor?

— Seu patrão está em casa?

Ela riu suavemente, achando graça.

— Valha-me Deus, senhor, não tenho patrão. A casa é minha.

Ele pestanejou, desconcertado.

— Talvez tenham me dado o endereço errado. Estou procurando um soldado inglês, capitão visconde Asher... Henry Grey é seu nome. Um prisioneiro de guerra britânico?

Ela abaixou a mão e fitou-o com os olhos arregalados. Em seguida, seu sorriso retornou, bastante amplo para mostrar dois dentes obturados a ouro na parte de trás da boca.

— Henry! Bem, por que não disse logo, senhor? Entre, entre!

E antes que ele pudesse arriar sua bengala foi conduzido apressadamente para dentro, por uma escada estreita, até um quarto pequeno e bem-arrumado, onde

descobriu seu sobrinho. Henry, estatelado de costas e nu da cintura para cima, com um homem pequeno, de nariz adunco, vestido de preto, cutucando sua barriga — esta entrecruzada com inúmeras cicatrizes de aparência assustadora.

— Com licença. — Ele espreitou por cima do ombro do homem narigudo e acenou cautelosamente. — Como vai, Henry?

Henry, cujos olhos estavam fixos no teto de uma maneira tensa, olhou para ele, desviou o olhar, olhou de novo, em seguida sentou-se ereto repentinamente, o movimento resultando em uma exclamação de protesto do homenzinho narigudo e em um grito de dor de Henry.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus. — Henry dobrou-se sobre si mesmo, os braços abraçando a barriga e o rosto contraído de dor. Grey agarrou-o pelos ombros, tentando ajudá-lo a se recostar para trás outra vez.

— Henry, meu caro. Perdoe-me. Não quis...

— E quem é o senhor? — o narigudo gritou furiosamente, endireitando-se com um salto e encarando Grey com os punhos cerrados.

— Sou tio dele — Grey informou-o sucintamente. — Quem é o senhor? Um médico?

O homenzinho empertigou-se com dignidade.

— Ora, não, senhor. Sou um rabdomante. Joseph Hunnicutt, senhor, rabdomante profissional.

Henry ainda estava dobrado ao meio, ofegante, mas parecia estar conseguindo recuperar um pouco o fôlego. Grey tocou em suas costas nuas delicadamente. A pele estava aquecida, um pouco suada, mas não parecia com febre.

— Desculpe-me, Henry — ele disse. — Acha que vai sobreviver?

Henry, meritoriamente, conseguiu emitir um grunhido ofegante à guisa de risada.

— Já vai passar — esforçou-se para dizer. — Só... um... minuto.

A mulher negra de rosto amável pairava junto à porta, um olhar penetrante em Grey.

— Este homem diz que é seu tio, Henry. É isso mesmo?

Henry balançou a cabeça, ofegante.

— Lorde John... Grey. Posso apre... sentar-lhe a sra. Mercy... Wood...cock?

Grey fez uma mesura meticulosa, sentindo-se ligeiramente ridículo.

— Seu criado, madame. E seu, sr. Hunnicutt — acrescentou educadamente, inclinando-se outra vez.

— Posso perguntar — ele disse, endireitando-se — por que um rabdomante está cutucando seu abdômen, Henry?

— Ora, para encontrar o pedaço de metal que está perturbando o pobre

rapaz, é claro — disse o sr. Hunnicutt, empinando o nariz e olhando para cima, pois era muitos centímetros mais baixo do que Grey.

— Eu mandei chamá-lo, senhor, quero dizer, milorde. — A sra. Woodcock entrara no aposento e olhava para ele com um leve ar de desculpas. — É que os médicos não tiveram sorte de encontrar nada e eu tinha medo que o matassem da próxima vez.

Henry havia conseguido se desdobrar. Grey ajudou-o a se recostar para trás devagar, até ele se deitar no travesseiro, pálido e suando.

— Eu não aguentaria outra vez — ele disse, fechando os olhos rapidamente. — Não aguento.

Com o abdômen de Henry à mostra e uma oportunidade de examiná-lo com calma, Grey pôde ver as cicatrizes enrugadas de dois ferimentos de bala e as cicatrizes mais longas, de bordas regulares, feitas por um cirurgião à cata de metal. Três. O próprio Grey tinha cinco cicatrizes dessas, cruzando o lado esquerdo de seu peito, e ele tocou a mão de seu sobrinho com compaixão.

— É realmente necessário remover a bala, ou balas? — ele perguntou, erguendo os olhos para a sra. Woodcock. — Se ele sobreviveu até agora, talvez a bala esteja alocada em um lugar que...

Mas a sra. Woodcock sacudiu a cabeça com determinação.

— Ele não consegue comer — ela disse sem rodeios. — Não consegue engolir nada além de sopa e assim mesmo bem pouco. Ele estava pele e osso quando o trouxeram para mim — ela disse, gesticulando na direção de Henry. — E como pode ver não está muito melhor agora.

Não estava. Henry se parecia mais com sua mãe do que com Hal, normalmente de faces rosadas e compleição robusta. Não havia nenhuma evidência de tais traços no momento; cada costela era visível e sua barriga estava tão afundada que as pontas dos ossos dos quadris apareciam, pontiagudas, pelo lençol de linho, e seu rosto tinha o mesmo tom do lençol, salvo pelos círculos roxos em volta dos olhos.

— Compreendo — Grey disse devagar. Olhou para o sr. Hunnicutt. — Conseguiu localizar alguma coisa?

— Bem, consegui — disse o rabdomante e, inclinando-se sobre o corpo de Henry, colocou um dedo longo e fino delicadamente na barriga do jovem. — Ao menos, uma. A outra, eu ainda não tenho certeza.

— Eu lhe disse, Mercy, não adianta. — Os olhos de Henry ainda estavam fechados, mas sua mão levantou-se um pouco e a sra. Woodcock segurou-a, com uma naturalidade que fez Grey pestanejar. — Ainda que ele tivesse certeza... eu não poderia fazer isso outra vez. Prefiro morrer. — Apesar de fraco como estava, falou com absoluta convicção, e Grey reconheceu a teimosia da família.

O rosto bonito da sra. Woodcock contraiu-se de preocupação. Parecia sentir os olhos de Grey sobre ela, pois os ergueu rapidamente para ele. Grey não mudou de expressão e ela ergueu um pouco o queixo, fitando-o nos olhos com algo perto da ferocidade, ainda segurando a mão de Henry.

Oh, então é assim, hein? Grey pensou. Bem, bem.

Ele tossiu e Henry abriu os olhos.

— Seja como for, Henry — ele disse você vai me fazer o favor de não morrer antes que eu possa trazer sua irmã para se despedir de você.



RESERVAS

10 de julho de 1777

Os índios o preocupavam. O general Burgoyne os achava encantadores. Mas o general Burgoyne escrevia peças teatrais.

Não é que, William escreveu devagar na carta ao seu pai que estava redigindo, lutando para encontrar as palavras certas para as suas reservas, eu o ache fantasioso ou suspeito que ele não aprecie a natureza essencial dos índios com que lida. Ele a aprecia muito. Mas lembro-me de uma conversa com o sr. Garrick certa vez em Londres, e sua referência ao dramaturgo como um pequeno deus que direciona os atos de suas criaturas, exercendo absoluto controle sobre elas. A sra. Cowley argumentou em contrário, dizendo que é ilusório presumir que o criador controla suas criaturas e que uma tentativa de tentar exercer tal controle enquanto ignora a verdadeira natureza dessas criaturas está fadada ao fracasso.

Parou, mordendo a pena, sentindo que chegara perto do âmago da questão, mas talvez não o tivesse alcançado.

Creio que o general Burgoyne não compreende muito bem a independência da mente e de propósitos que... Não, não era bem isso. Riscou a frase e mergulhou a ponta da pena na tinta para uma nova tentativa. Repassou uma frase mentalmente, descartou-a, fez o mesmo com outra e finalmente abandonou a busca da eloquência em prol de um simples desabafo mental. Já era tarde, ele havia caminhado mais de trinta quilômetros durante o dia e estava com sono.

Ele acredita poder usar os índios como instrumento e eu acho que ele está errado. Olhou fixamente para a frase por um instante, sacudiu a cabeça diante de sua franqueza, mas não conseguia pensar em nada melhor e não podia desperdiçar mais tempo com o esforço; o toco de sua vela já estava quase no fim. Confortando-se com a ideia de que, afinal, seu pai conhecia os índios — e provavelmente o general Burgoyne — muito melhor do que ele, assinou energicamente, secou a tinta e selou a carta, depois se deixou cair na cama e adormeceu em um sono sem sonhos.

Mas a sensação de inquietação com relação aos índios permaneceu com ele. Ele não tinha nenhuma aversão aos índios; na realidade, gostava da companhia deles e às vezes caçava com alguns ou compartilhava uma noite de camaradagem bebendo cerveja e contando histórias ao redor de suas fogueiras.

— O problema é — ele dissera a Balcarres certa noite, quando voltavam de um jantar particularmente regado a bebida alcoólica, que o general havia oferecido aos seus oficiais — que eles não leem a Bíblia.

— Quem não lê? Espere aí. — O major Alexander Lindsay, sexto conde de Balcarres, estendeu o braço para evitar uma árvore e, agarrando-a com uma das mãos para manter o equilíbrio, tateou a braguilha com a outra. — Índios.

Estava escuro, mas Sandy virou a cabeça e William vislumbrou um único olho fechar-se lentamente no esforço de fixar o outro nele. Tinha havido muito vinho no jantar e várias damas presentes, o que contribuía para o clima festivo.

Balcarres concentrou-se na ação de urinar, depois soltou um suspiro de alívio e fechou os dois olhos.

— Não — ele disse. — Na maioria, não. — Pareceu satisfeito em deixar a questão neste ponto, mas ocorrera a William, ele próprio com o pensamento um pouco menos organizado do que o normal, que talvez ele não tivesse conseguido se expressar bem.

— Quero dizer — William continuou, cambaleando um pouco quando uma rajada de vento arremeteu-se pelo meio das árvores —, o centurião. Sabe, ele diz Vá e o sujeito vai. Você diz a um índio "vá" e talvez ele vá e o desgraçado não vá, dependendo de como ele recebe a ideia.

Balcarres agora se concentrava no esforço de fechar a braguilha e não respondeu.

— Quero dizer — explicou melhor eles não aceitam ordens.

— Oh, não. Não aceitam.

— Mas você dá ordens aos seus índios? — Ele pretendia fazer uma afirmação, mas não saiu exatamente assim. Balcarres comandava um regimento de infantaria leve, mas também dirigia um grupo grande de batedores, muitos deles índios; em geral ele se vestia como um deles.

— Mas, por outro lado, você é um escocês.

Balcarres finalmente conseguira fechar a braguilha e agora se postava, parado, no meio do caminho, estreitando os olhos para William.

— Você está bêbado, Willie. — Isso não foi dito em nenhum tom de acusação; mais com o ar satisfeito de quem fez uma útil dedução.

— Sim. Mas eu estarei sóbrio pela manhã e você ainda será um escocês.

— Isso lhes pareceu hilário e eles cambalearam juntos por certa distância, repetindo a piada de vez em quando e colidindo um com o outro. Por mero acaso,

encontraram a barraca de William primeiro e ele convidou Balcarres para se juntar a ele em um copo de negus antes de ir dormir.

— Acal... ma o estômago — ele disse, por pouco não caindo de cabeça dentro de seu baú de campanha enquanto procurava canecas e garrafas. — Faz você dormir melhor.

Balcarres conseguira acender a vela e sentara-se, segurando-a, piscando com olhos de coruja à sua luz. Tomou um pequeno gole da bebida, os olhos fechados como se quisesse saboreá-la, depois os abriu repentinamente.

— O que ser escocês tem a ver com ler a Bíblia? — perguntou, essa observação tendo obviamente retornado subitamente ao seu conhecimento. — Está me chamando de ateu? Minha avó é escocesa e ela lê a Bíblia o tempo todo. Eu mesmo já li. Partes — acrescentou, tomando o resto da bebida de um só gole.

William franziu o cenho, tentando se lembrar o que diabos...

— Oh — exclamou. — Não a Bíblia. índios. Malditos cabeças-duras. Não vão. Escoceses também não atendem ordens, ao menos nem sempre. Achei que talvez fosse por isso. Porque eles o ouvem — acrescentou como um pensamento tardio. — Seus índios.

Balcarres também achou isso engraçado, mas quando por fim parou de rir, sacudiu a cabeça devagar de um lado para o outro.

— É que... conhece um cavalo?

— Conheço muitos cavalos. Qual deles?

Balcarres cuspiu uma pequena quantidade de negus pelo queixo, mas limpou-o.

— Um cavalo — ele repetiu, enxugando a mão nas calças. — Você não consegue obrigar um cavalo a fazer nada. Você vê o que ele vai fazer e então você diz a ele para fazer aquilo, e ele acha que foi ideia dele, de modo que da próxima vez que você lhe disser alguma coisa é provável que ele faça o que você diz.

— Oh. — William refletiu cuidadosamente sobre isso. — Sim. — Beberam em silêncio por algum tempo, meditando sobre esse pensamento profundo. Finalmente, Balcarres ergueu os olhos de uma longa contemplação de seu copo.

— Quem você acha que tem peitos mais bonitos? — perguntou com seriedade — A sra. Lind ou a baronesa?

*ÊXODO**Fort Ticonderoga
21 de junho de 1777*

A sra. Raven começava a me preocupar. Eu a encontrava aguardando do lado de fora do alojamento ao nascer do dia, parecendo ter dormido com aquelas mesmas roupas, os olhos fundos, mas brilhantes e intensos. Agarrava-se a mim, o dia todo nos meus calcanhares, falando sem parar, e sua conversa, geralmente concentrada ao menos nominalmente nos pacientes que estávamos visitando e na inevitável logística da vida diária em um forte, começou a se desviar dos estreitos confinamentos do presente.

No começo, não passava de uma reminiscência ocasional do início de sua vida de casada em Boston; seu primeiro marido fora um pescador e ela criava duas cabras, cujo leite ela vendia nas ruas. Não me incomodava ouvir a respeito das cabras, chamadas Patsy e Petúnia; eu mesma havia conhecido algumas cabras memoráveis, especialmente um bode chamado Hiram, cuja perna quebrada eu havia consertado.

Não que eu estivesse desinteressada em seus aleatórios comentários sobre seu primeiro marido; eram, no mínimo, muito interessantes. O falecido sr. Evans parecia ter sido um bêbado violento quando estava em terra firme — o que estava longe de ser um fato extraordinário — com uma queda para cortar orelhas e narizes das pessoas que o contrariavam, o que era uma característica um pouco mais individualizada.

— Ele pregava as orelhas na verga da porta do barracão das minhas cabras — ela disse, no tom que uma pessoa usaria para descrever seu café da manhã. — No alto, para que as cabras não pudessem pegá-las. Elas murchavam no sol, sabe, como cogumelos secos.

— Ah — eu disse. Pensei em observar que defumar uma orelha cortada evitava esse pequeno problema, mas achei melhor não fazer tal comentário. Eu não

sabia se Ian ainda carregava a orelha de um advogado em seu sporran, mas tinha quase certeza de que ele não iria gostar do ávido interesse da sra. Raven nela, se assim fosse. Tanto ele quanto Jamie se afastavam quando a viam se aproximar, como se ela tivesse a peste.

— Dizem que os índios cortam pedaços de seus prisioneiros — ela disse, abaixando a voz, como alguém revelando um segredo. — Os dedos primeiro, uma junta de cada vez.

— Que repugnante — eu disse. — Por favor, vá ao dispensário e traga-me um novo pacote de algodão, sim?

Ela partiu obedientemente — sempre o fazia mas achei tê-la ouvido falando consigo mesma, baixinho, enquanto caminhava. Conforme os dias se arrastavam e a tensão aumentava no forte, fiquei convencida disso.

As oscilações de suas conversas estavam ficando cada vez mais extravagantes — e mais extravagantes. Agora, iam do passado distante de sua infância idealizada em Maryland a um futuro igualmente distante — um futuro um tanto espantoso, no qual tínhamos todos sido assassinados pelo exército britânico ou capturados pelos índios, com consequências que iam do estupro ao esquartejamento, tais procedimentos em geral realizados simultaneamente, apesar de eu lhe dizer que a maioria dos homens não tinha a concentração, nem a coordenação necessárias para isso. Ela ainda era capaz de se concentrar em alguma coisa diretamente à sua frente, mas não por muito tempo.

— Acha que pode falar com o marido dela? — pedi a Jamie, que acabara de chegar, ao pôr do sol, para me dizer que ele a vira andando penosamente em círculos ao redor da grande cisterna perto da praça de armas, contando baixinho.

— Acha que ele não notou que sua mulher está ficando louca? — ele retrucou. — Se não notou, acho que não vai gostar que lhe digam. E, se notou — acrescentou logicamente —, o que espera que ele faça a respeito disso?

Não havia, de fato, muito que alguém pudesse fazer, salvo ficar de olho nela e tentar acalmar suas fantasias mais vívidas — ou ao menos impedi-la de falar sobre elas aos pacientes mais impressionáveis.

No entanto, conforme os dias se passavam, as excentricidades da sra. Raven não pareciam muito mais pronunciadas do que as ansiedades da maioria dos habitantes do forte, em particular as mulheres, que não podiam fazer nada além de cuidar dos filhos, lavar roupa — sob escolta pesada à beira do lago ou em pequenos grupos ao redor de caldeirões fumegantes — e esperar.

Os bosques não eram seguros; alguns dias antes, dois guardas de piquete haviam sido encontrados a não mais de um quilômetro e meio do forte, mortos e escalpelados. Essa horrenda descoberta teve o pior efeito possível sobre a sra. Raven, mas não posso dizer que não tenha contribuído para abalar minha força

moral. Eu não conseguia olhar das baterias para a infindável extensão de floresta fechada com a mesma sensação de prazer de antes; o próprio vigor da floresta parecia uma ameaça agora. Eu ainda queria roupas limpas, mas minha pele pinicava sempre que eu saía do forte.

— Treze dias — eu disse, correndo o polegar pelo batente da porta de nosso santuário. Jamie havia, sem nenhum comentário, feito um talhe para cada dia do período de alistamento, dando um corte atravessado sobre cada entalhe quando vinha para a cama à noite. — Você marcava os batentes quando estava na prisão?

— Não em Fort William ou na Bastilha — ele disse, refletindo. — Ardsmuir... sim, fazíamos isso. Não havia nenhuma sentença para não perder de vista, mas... você perde tanto, tão rápido. Parecia importante manter um vínculo com alguma coisa, ainda que fosse apenas o dia da semana.

Ele veio ficar ao meu lado, olhando o batente da porta e sua longa linha de talhes perfeitos.

— Eu teria me sentido tentado a fugir — ele disse, muito serenamente — se não fosse pela ausência de Ian.

Eu não havia pensado nisso — nem percebido que ele havia pensado. Estava ficando mais óbvio a cada segundo que o forte não aguentaria um ataque pelo tamanho da força que estava — indubitavelmente — a caminho. Os patrulheiros vinham cada vez com mais frequência trazendo relatórios sobre o exército de Burgoyne e, embora fossem apressadamente conduzidos ao escritório do comandante e com a mesma pressa levados para fora outra vez, todos ficavam sabendo no prazo de uma hora as notícias que haviam trazido — bem poucas até agora, mas alarmantes mesmo assim. No entanto, Arthur St. Clair recusava-se a ordenar a evacuação do forte.

— Uma mancha em sua folha — Jamie disse, com uma serenidade que revelava sua raiva. — Ele não pode suportar que se diga que ele perdeu Ticonderoga.

— Mas o perderá — eu disse. — Não é mesmo?

— Sim. Mas, se ele luta e perde, é uma coisa. Lutar e perder o forte para forças superiores é honroso. Abandoná-lo para o inimigo sem uma luta? Ele não pode aceitar isso. Apesar de não ser um homem perverso — acrescentou, pensativamente. — Vou falar com ele outra vez. Nós todos vamos.

"Todos" eram os oficiais da milícia, que podiam se dar ao luxo de falar sem rodeios. Muitos oficiais do exército regular compartilhavam os sentimentos da milícia, mas a disciplina impedia a maioria de falar francamente com St. Clair.

Eu também não achava que Arthur St. Clair fosse um homem perverso — nem burro. Ele sabia — tinha que saber — qual seria o custo da batalha. Ou o custo da rendição.

— Ele está à espera de Whitcomb — Jamie disse descontraidamente. — Esperando que ele lhe diga que Burgoyne não tem nenhuma artilharia. — O forte Podia, na verdade, resistir a uma tática de cerco padrão; alimentos e provisões vinham sendo trazidos das regiões adjacentes em abundância e Ticonderoga ainda possuía algumas defesas de artilharia e o pequeno forte de madeira no monte Independence, além de uma guarnição substancial muito bem provida de mosquetes e pólvora. Entretanto, não conseguiria resistir a uma artilharia pesada instalada no monte Defiance. Jamie estivera lá e disse que todo o interior do forte era visível daquele ponto — e portanto completamente sujeito ao ataque do inimigo.

— Não é possível que ele realmente pense assim, é?

— Não, mas enquanto ele não tiver certeza também não vai tomar uma decisão. E nenhum dos batedores lhe trouxe qualquer informação precisa.

Suspirei e pressionei a mão no peito, enxugando um fio de suor.

— Não posso dormir ali dentro — eu disse abruptamente. — É como dormir no inferno.

Isso o pegou de surpresa e o fez rir.

— Tudo bem para você — eu disse, um pouco irritada. — Vai dormir embaixo de lona amanhã. — Metade da guarnição estava sendo removida para barracas fora do forte, sendo melhor estar fora e em condições de manobras, de prontidão para o caso da abordagem de Burgoyne.

Os ingleses estavam chegando; a que distância estavam, quantos homens tinham e o quanto estavam armados não se sabia.

Benjamin Whitcomb fora descobrir. Whitcomb era um homem bexiguento, magricela, de trinta e poucos anos, um dos conhecidos caçadores aventureiros, homens que podiam e de fato passavam semanas nas regiões selvagens, vivendo da terra. Esses homens não eram sociáveis, não tinham nenhuma utilidade para a civilização, mas eram valiosos. Whitcomb era o melhor dos batedores de St. Clair; ele levava cinco homens para ir ao encontro das tropas principais de Burgoyne. Eu esperava que retornassem antes que o período de alistamento terminasse; Jamie queria ir embora — assim como eu, muito —, mas obviamente não podíamos ir sem Ian.

Jamie moveu-se repentinamente, virando-se e voltando para dentro de nosso quarto.

— O que você procura? — Ele vasculhava o pequeno baú de cobertores que continha nossas poucas peças de roupa sobressalentes e outros apetrechos que havíamos adquirido desde a vinda para o forte.

— Meu kilt. Se vou me apresentar diante de St. Clair, é melhor ser bem formal.

Ajudei-o a se vestir e escovei e traneei seus cabelos para ele. Ele não tinha

um bom casaco, mas ao menos tinha camisas limpas e sua adaga, e mesmo em mangas de camisa ele era uma figura impressionante.

— Há semanas não o vejo de kilt — eu disse, admirando-o. — Tenho certeza de que vai causar uma forte impressão no general, mesmo sem uma faixa cor-de-rosa.

Ele sorriu e me beijou.

— Não vai adiantar nada — ele disse —, mas não seria direito não tentar.

Eu o acompanhei, atravessando a praça de armas até a casa de St. Clair. Nuvens tempestuosas surgiam ao longe, acima do lago, negras como carvão contra o céu ensolarado, e eu podia sentir o cheiro de ozônio no ar. Pareceu-me um presságio adequado.

Logo. Tudo dizia, Logo. Os boatos e relatórios fragmentados que voavam como pombos pelo forte, o ar opressivo, o estrondo ocasional de um canhão a distância, deflagrado para praticar — esperávamos que fosse apenas exercício — na distante posição avançada chamada de Antigas Linhas Francesas.

Todos estavam inquietos, incapazes de dormir no calor, a menos que estivessem bêbados. Eu não estava bêbada, e estava inquieta. Já fazia mais de duas horas que Jamie se fora e eu o queria. Não porque eu me importasse com o que St. Clair tivesse para dizer à milícia. Mas, entre o calor e a exaustão, não fazíamos amor há mais de uma semana e eu estava começando a suspeitar de que o tempo estava cada vez mais curto. Se fôssemos obrigados a lutar ou a fugir nos próximos dias, só Deus sabia quanto tempo se passaria até termos um momento de privacidade outra vez.

Eu estivera andando pela praça de armas, de olho na casa de St. Clair, e quando finalmente o vi sair comecei a andar em sua direção, caminhando devagar para que ele tivesse tempo de se despedir dos outros oficiais que haviam saído com ele. Ficaram parados juntos por um instante, os ombros arriados e a inclinação contrariada da cabeça dizendo-me que o efeito de seus protestos havia sido exatamente o que Jamie previra.

Ele afastou-se devagar, as mãos às costas, a cabeça inclinada, pensativo. Alinhei-me ao seu lado silenciosamente e enfiei a mão na curva de seu braço, ele olhou para mim, surpreso, mas sorridente.

— Ainda está aqui fora tão tarde, Sassenach. Alguma coisa errada?

— Absolutamente — eu disse. — Apenas me pareceu uma bela noite para um passeio pelo jardim.

— Pelo jardim — ele repetiu lançando-me um olhar de viés.

— O jardim do comandante, para ser exata — eu disse, e toquei o bolso do meu avental. — Eu, hum, tenho a chave. — Havia vários jardins pequenos dentro do forte, a maioria canteiros práticos destinados à produção de legumes e verduras.

Entretanto, o jardim formal atrás das instalações do comandante havia sido desenhado pelos franceses há muitos anos e, embora desde então tivesse sido negligenciado e dominado pelas sementes de ervas daninhas trazidas pelo vento, tinha um aspecto bastante interessante — era rodeado por um muro alto, com um portão a chave. Eu havia prevenidamente abstraído a chave pela manhã do cozinheiro do general St. Clair, que me procurara para uma ablução da garganta. Eu a devolveria quando fosse visitá-lo na manhã do dia seguinte para verificar como estava sua garganta inflamada.

— Ah — Jamie exclamou, virando-se solicitamente de volta para a casa do comandante.

O portão ficava nos fundos, dando-se a volta, fora de vista, e nós deslizamos apressadamente pela viela que passava pelo muro do jardim, enquanto o guarda do lado de fora da casa de St. Clair conversava com um transeunte, fechei o portão silenciosamente atrás de nós, tranquei-o e guardei a chave no bolso, depois caí nos braços de Jamie.

Ele me beijou sem pressa, depois ergueu a cabeça, fitando-me.

— Acho que vou precisar de um pouco de ajuda.

— Isso pode ser arranjado — assegurei-lhe. Coloquei a mão em seu joelho, onde o kilt havia dobrado, expondo a carne. Deslizei o polegar lentamente, apreciando a sensação macia, rija, dos pelos de sua perna. — Hum... você tinha algum tipo de ajuda em mente?

Eu podia sentir seu cheiro apesar de seu banho meticuloso, o suor seco de sua labuta na pele temperado com poeira e cavacos de madeira. Esse seria seu sabor também, adocicado, salgado e almiscarado.

Deslizei a mão por baixo de seu kilt, pela coxa, sentindo-o se remexer e se flexionar, o repentino sulco do músculo liso sob meus dedos. Para minha surpresa, no entanto, ele me parou, agarrando minha mão por cima do tecido.

— Pensei que queria ajuda — eu disse.

— Toque em você mesma, a nighean — ele disse brandamente.

Isso foi um pouco desconcertante, particularmente considerando-se que estávamos em pé em um jardim coberto de ervas daninhas a não mais do que seis metros de uma viela muito procurada por homens da milícia em busca de um lugar sossegado para se embebedarem. Ainda assim... recostei-me no muro e solicitamente levantei minha combinação acima do joelho. Mantive-a ali, delicadamente afagando a pele do interior de minha coxa — que era, na realidade, muito macia. Levei a outra mão para cima, para o decote do meu espartilho, onde meus seios avolumavam-se contra o algodão fino e úmido.

Seus olhos ficaram pesados; ele ainda estava meio tonto de cansaço, mas ficando mais alerta a cada instante. Emitiu um pequeno som interrogativo.

— Já ouviu aquela sobre o que é bom para um é bom para o outro? — eu disse, brincando com o cordão que amarrava o decote de minha combinação.

— O quê? — Isso o tirou de seu estado de torpor; estava inteiramente desperto agora, os olhos injetados completamente arregalados.

— Você me ouviu.

— Você quer que eu... eu...

— Quero.

— Eu não poderia! Na sua frente?

— Se eu posso na sua frente, certamente você pode retribuir o favor. Claro, se prefere que eu pare... — Deixei minha mão cair, bem devagar, do cordão. Parei, o polegar tocando bem de leve, de um lado para o outro, de um lado para o outro, pelo meu seio, como o ponteiro de um metrônomo. Eu podia sentir meu mamilo, redondo e duro como uma bala de mosquete; devia ser visível através do tecido, mesmo àquela luz.

Ele engoliu em seco; eu ouvi.

Sorri e deixei minha mão cair ainda mais, segurando a bainha da minha saia. E parei, uma das sobancelhas levantada.

Como se hipnotizado, ele abaixou o braço e segurou a barra de seu kilt.

— Este é meu rapaz — murmurei, inclinando-me para trás com uma das mãos. Ergui um dos joelhos e coloquei o pé no muro, deixando a saia cair e desnudando minha coxa. Alcancei embaixo.

Ele disse alguma coisa baixinho, em gaélico. Não consegui saber se era uma observação sobre a iminente perspectiva à sua frente ou se ele estava encomendando a alma a Deus. Em qualquer dos casos, ele ergueu o kilt.

— O que quer dizer com precisar de ajuda? — perguntei, fitando-o.

Ele fez um ruído baixo, urgente, indicando que eu deveria continuar, e assim fiz.

— O que está pensando? — perguntei após um instante, fascinada.

— Não estou pensando.

— Está, sim; posso ver em seu rosto.

— Não vai querer saber. — O suor começava a brilhar em suas faces, e seus olhos transformaram-se em duas fendas.

— Oh, vou, sim — oh, espere. Se está pensando em outra pessoa que não eu, eu não quero saber.

Ele abriu os olhos diante disso e fixou-me com um olhar que correu diretamente para cima, entre minhas pernas trêmulas. Ele não parou.

— Oh — eu disse, um pouco sem ar. — Bem... quando puder falar outra vez, eu realmente quero saber.

Ele continuou olhando para mim, com um olhar fixo e intenso que me

pareceu acentuadamente semelhante ao de um lobo vigiando uma gorda ovelha. Remexi-me um pouco junto ao muro e abanei uma nuvem de mosquitinhos. Ele respirava rápido e eu podia sentir o cheiro de seu suor, almiscarado e acre.

— Você — ele disse, e eu vi sua garganta se mover enquanto ele engolia em seco. Ele fez sinal para mim com o dedo indicador dobrado.

— Venha cá.

— Eu...

— Agora.

Fascinada, deslizei do muro e dei dois passos em sua direção. Antes que eu pudesse dizer ou fazer qualquer outra coisa, houve uma agitação de kilt e sua mão grande e quente me agarrou pela nuca. Logo eu estava deitada de costas sobre o capim alto e pés de tabaco selvagem, Jamie solidamente dentro de mim, a mão sobre a minha boca — ainda bem, percebi indistintamente, já que havia vozes vindas em nossa direção pela viela do outro lado do muro do jardim.

— Brinque com fogo e pode se queimar, Sassenach ele sussurrou em meu ouvido. Ele me mantinha pregada ao chão como uma borboleta em um quadro e Prendendo-me com firmeza pelos pulsos, me mantinha imobilizada, apesar de eu me contorcer e contrair sob ele, escorregando e desesperada. Muito devagar, ele arriou todo o seu peso sobre mim.

— Quer saber o que eu estava pensando, hein? — ele murmurou em meu ouvido.

— Mumm!

— Bem, vou lhe contar, a nighean, mas... — Parou, a fim de lambe o lóbulo da minha orelha.

— Mummmmmm!

A mão apertou-se ainda mais sobre a minha boca, em advertência. As vozes estavam suficientemente perto para decifrarmos as palavras agora: um pequeno grupo de milicianos, meio bêbados e à procura de prostitutas. Os dentes de Jamie cerraram-se delicadamente em minha orelha e ele começou a mordiscá-la minuciosamente, fazendo cócegas, o hálito quente. Eu me contorcia desvairadamente, mas ele nem se importava.

Deu o mesmo tratamento meticuloso à outra orelha antes de os homens saírem do alcance de nossos ouvidos, em seguida beijou a ponta do meu nariz, finalmente tirando a mão da minha boca.

— Ah. Bem, onde é que eu estava? Oh, sim, você queria saber o que eu estava pensando.

— Mudei de ideia. — Eu ofegava, a respiração curta e superficial, tanto por causa do peso sobre meu peito quanto de desejo. Ambos eram consideráveis.

Ele emitiu um ruído escocês indicando profunda diversão e apertou meus

pulsos com mais força.

— Foi você quem começou, Sassenach, mas eu vou terminar. — Com isso, colocou os lábios em minha orelha molhada e me disse em um lento sussurro exatamente o que ele andara pensando. Sem se mover um centímetro enquanto o fazia, a não ser para colocar a mão de novo sobre minha boca quando eu comecei a xingá-lo.

Cada músculo em meu corpo saltava como um elástico esticado quando ele finalmente se moveu. Com um movimento repentino, ele se levantou e deslizou para trás, depois para a frente, com força.

Quando eu pude ver e ouvir outra vez, percebi que ele ria, ainda equilibrando-se acima de mim.

— Eu a tirei do seu sofrimento, não foi, Sassenach?

— Você... — comecei com voz rouca. As palavras me faltavam, mas duas bastariam neste jogo. Ele não se movera, em parte para me torturar — mas igualmente porque não podia; não sem terminar tudo imediatamente. Flexionei meus músculos macios, escorregadios, uma vez em volta dele, devagar, delicadamente — depois fiz isso três vezes, rapidamente. Ele emitiu um ruído de satisfação e se perdeu, gemendo e contraindo-se espasmodicamente, a pulsação de seus movimentos excitando um eco em minha própria carne. Muito devagar, ele abaixou o corpo, suspirando como uma bexiga esvaziada, e ficou estendido ao meu lado, respirando devagar, os olhos fechados. — Agora você pode dormir — eu disse, afagando seus cabelos. Ele sorriu sem abrir os olhos, respirou fundo e seu corpo relaxou, acomodando-se no solo. — E da próxima vez, maldito escocês — sussurrei em seu ouvido —, eu lhe direi o que eu estava pensando.

— Oh, meu Deus — ele disse, e riu sem fazer nenhum som. — Lembra-se da primeira vez em que a beijei, Sassenach?

Fiquei ali deitada por algum tempo, sentindo o suor porejando em minha pele e seu peso reconfortante, enroscado, adormecido, no capim ao meu lado, antes de finalmente me lembrar.

"Eu disse que era virgem, não um monge. Se eu achar que preciso de ajuda... eu pedirei."

Ian Murray acordou de um sono profundo e sem sonhos, ao som de uma corneta. Rollo, deitado ao seu lado, pôs-se de pé num salto, com um UUUF! rouco e surpreso, e olhou fixamente ao redor em busca da ameaça, os pelos do pescoço eriçados.

Ian levantou-se atabalhoadamente também, uma das mãos na faca, a outra no cachorro.

— Quietos — ele disse baixinho, e o cachorro relaxou um pouco, embora mantivesse um rosnado surdo, no fundo da garganta, logo abaixo do alcance do

ouvido humano. Ian o sentia, uma vibração constante no corpo enorme sob sua mão.

Agora que estava acordado, ouvia-os com facilidade. Uma movimentação subterrânea através da floresta, tão submersa — mas igualmente tão vibrante — quanto o rosnado de Rollo. Um grande grupo de homens, um acampamento, começando a acordar a uma distância não muito grande dali. Como ele não os percebera na noite anterior? Cheirou o ar, mas o vento estava na direção errada; não sentiu nenhum cheiro de fumaça — apesar de que agora ele via fumaça, filetes finos elevando-se no pálido céu do amanhecer. Muitas fogueiras de acampamento. Um acampamento muito grande.

Ele enrolara seu cobertor enquanto ouvia. Não havia mais nada em seu próprio acampamento e em poucos segundos ele já desaparecera no meio do mato, o cobertor amarrado às costas e o rifle na mão, o cachorro enorme e silencioso em seus calcanhares.



OS INGLESES ESTÃO CHEGANDO

Three Mile Point
Colônia de Nova York
3 de julho de 1777

A mancha escura de suor entre os ombros largos do general de brigada Fraser tinha o formato da Ilha de Man no mapa na velha sala de aula da escola em casa. O casaco do tenente Greenleaf estava inteiramente molhado de suor, o Corpo preto e apenas as mangas desbotadas ainda vermelhas.

O próprio casaco de William estava menos desbotado — na verdade, vergonhosamente novo e chamativo —, mas igualmente colado a suas costas e seus ombros, pesado com as exalações úmidas de seu corpo. Sua camisa o atormentava; estava dura de sal quando ele a vestira algumas horas antes, o suor permanente dos esforços dos dias anteriores cristalizados no linho, mas a rigidez se desfizera quando o sol se levantou, em decorrência de uma nova inundação de suor.

Erguendo os olhos para a colina que o general de brigada propôs que escalassem, ele tivera alguma esperança de ar fresco no cume, mas o esforço da subida cancelara qualquer benefício da altitude. Haviam deixado o acampamento logo depois do amanhecer, o ar tão delicioso em seu frescor que ele teve vontade de correr nu pelos bosques como um índio, fregar peixes no lago e comer uma dúzia deles como café da manhã, fritos em farinha de milho, frescos e quentes.

Ali era Three Mile Point, assim chamado porque ficava três milhas ao sul do forte de Ticonderoga. O general de brigada, liderando a força avançada, havia estacionado suas tropas ali e proposto escalar a certa altura com o tenente Greenleaf, um engenheiro, para inspecionar o terreno antes de prosseguirem.

William fora designado para as tropas do general de brigada na semana anterior, para sua satisfação. O general era um homem amável, sociável, mas não da mesma maneira que o general Burgoyne. Apesar de que William não teria se importado, ainda que o sujeito fosse um bárbaro violento — ele estaria nas linhas de

frente; isso era tudo que importava.

Ele carregava uma parte do equipamento do engenheiro, assim como alguns cantis de água e a caixa de documentos oficiais do general. Ajudou a montar o teodolito e solicitamente segurou varetas de medição a intervalos, mas enfim o trabalho foi terminado, tudo foi registrado, e o general, tendo confabulado com Greenleaf durante um longo tempo, enviou o engenheiro de volta ao acampamento.

Uma vez concluída a tarefa imediata, o general pareceu avesso a descer logo em seguida, em vez disso passando a caminhar lentamente pelo local, parecendo apreciar a leve brisa, em seguida sentando-se em uma pedra e destampando seu cantil com um suspiro de prazer.

— Sente-se, William — ele disse, indicando a própria pedra a William. Permaneceram sentados em silêncio por algum tempo, ouvindo os sons da floresta. — Conheço seu pai — o general disse repentinamente, depois sorriu, um sorriso sedutor. — Imagino que todo mundo lhe diga isso.

— Bem, sim, dizem — William admitiu. — Ou, se não ele, meu tio.

O general Fraser riu.

— Um fardo considerável de história familiar a ser carregado — ele se condeou. — Mas tenho certeza de que você o suporta com nobreza.

William não sabia o que dizer e educadamente fez um ruído indeterminado em resposta. O general riu outra vez e passou-lhe o cantil. A água estava tão morna que ele mal a sentiu descer pela garganta, mas tinha um cheiro de água fresca e ele pôde sentir sua sede saciada.

— Estivemos juntos nas Planícies de Abraão. Seu pai e eu, quero dizer. Ele já lhe falou daquela noite?

— Não muito — William disse, imaginando se estaria fadado a conhecer todo soldado que havia lutado naquele campo com James Wolfe.

— Descemos o rio à noite, sabe. Todos nós petrificados. Especialmente eu. — O general olhou para longe, por cima do lago, sacudindo um pouco a cabeça à lembrança. — Que rio, o St. Lawrence. O general Burgoyne mencionou que você esteve no Canadá. Você o viu?

— Não muito, senhor. Viajei por terra a maior parte do trajeto para Quebec e depois desci o Richelieu. Mas meu pai me falou do St. Lawrence — sentiu-se obrigado a acrescentar. — Disse que era um rio nobre.

— Ele lhe contou que eu quase quebrei a mão dele? Ele estava ao meu lado no barco e quando eu me inclinei para fora para chamar a sentinela francesa, esperando que minha voz não falseasse, ele agarrou minha mão para me firmar. Senti seus ossos rangerem, mas nas circunstâncias não notei realmente até eu soltar sua mão e ouvi-lo dar uma arfada.

William viu os olhos do general desviarem-se para suas próprias mãos e a

pequena ruga que atravessou sua fronte larga, não inteiramente um ar intrigado, mas o ar de alguém tentando inconscientemente ajustar a lembrança à presente circunstância. Seu pai possuía mãos elegantes, longas e delgadas, de bela ossatura. Os dedos de William eram longos, mas suas mãos vulgarmente grandes, de palma larga e juntas brutas.

— Ele... lorde John... é meu padrasto — falou subitamente, depois corou aflitivamente, envergonhado tanto pela admissão quanto por qualquer capricho mental que o fizera dizer isso.

— É mesmo? Oh, sim — o general disse vagamente. — Sim, claro.

O general teria pensado que ele falara por orgulho, ressaltando a antiguidade de sua própria linhagem?

O único consolo era que seu rosto — e o rosto do general também — estava tão vermelho do esforço que não se poderia ver que ele estava ruborizado. O general, como se reagindo à ideia do calor, tirou o casaco, depois desabotoou seu colete e ficou agitando as abas, balançando a cabeça para William para que fizesse o mesmo — o que ele fez, com um suspiro de alívio.

A conversa voltou-se descontraidamente para outras campanhas: aquelas em que o general de brigada havia lutado, aquelas de que William tinha (em grande parte) ouvido falar. Gradativamente, compreendeu que o general o estava sondando, analisando sua experiência e seus modos. Ficou desconfortavelmente consciente de que a primeira era ingloria; o general Fraser estaria ciente do que acontecera durante a Batalha de Long Island? As notícias viajavam rápido no exército.

Por fim, houve uma pausa na conversa e ficaram sentados por algum tempo amigavelmente em mangas de camisa, ouvindo o murmúrio das árvores acima. William quis dizer alguma coisa em sua própria defesa, mas não conseguia pensar em nenhum modo de abordar a questão elegantemente. Mas, se ele não falasse, explicasse o que acontecera... bem, não havia uma boa explicação. Ele fora um idiota, isso era tudo.

— O general Howe elogia sua inteligência e coragem, William — o general disse, como se continuassem a conversa anterior —, embora tenha dito que achava que você não tinha tido ainda a oportunidade de mostrar seu talento para o comando.

— Ah... não, senhor — William respondeu, suando.

O general sorriu.

— Bem, precisamos remediar essa falta, não? — Ele se levantou, gemendo levemente enquanto se espreguiçava e voltava a se enfiar no casaco. — Venha jantar comigo mais tarde. Vamos discutir isso com sir Francis.

Hitcomb estava de volta. Com vários escalpos de ingleses, segundo os boatos populares. Tendo conhecido Benjamin Whitcomb e um ou dois dos outros exploradores, eu estava preparada para acreditar nisso. Eles falavam com bastante

civilidade e estavam longe de serem os únicos homens no forte que se vestiam em couro cru e tecidos rústicos e esfarrapados ou cuja pele encarquilhava-se sobre os ossos descarnados. Mas eram os únicos homens com olhos de animais.

No dia seguinte, Jamie foi chamado à casa do comandante e só voltou tarde da noite. Um homem cantava junto a uma das fogueiras do pátio, perto das instalações de St. Clair, e eu estava sentada em um barril de carne de porco salgada vazio, quando vi Jamie passar do outro lado da fogueira, na direção de nossos alojamentos. Levantei-me rapidamente e o alcancei.

— Venha comigo — ele disse em voz baixa, conduzindo-me na direção do jardim do comandante. Não havia nenhuma reverberação de nosso último encontro no jardim, embora eu estivesse extremamente consciente de seu corpo, da tensão que se percebia nele e do batimento de seu coração. Más notícias, portanto.



CONFLAGRAÇÃO

Fort Ticonderoga *1º de julho de 1777*

— O que aconteceu? — perguntei também em voz baixa.

— Whitcomb prendeu um soldado inglês e o trouxe para cá. Ele não disse nada, é claro, mas St. Clair foi bastante inteligente para colocar Andy Tracy em uma cela com o sujeito, dizendo que ele era acusado de ser um espião, quero dizer, que Tracy era um espião.

— Foi brilhante — eu disse com aprovação. O tenente Andrew Hodges Tracy era um irlandês, fanfarrão e sedutor, um mentiroso nato, e, se alguém podia arrancar informações de outro sem o uso da força, Tracy seria minha primeira escolha. — Imagino que ele tenha descoberto alguma coisa, não?

— Descobriu. Também recebemos três desertores do exército britânico... alemães. St. Clair quis que eu falasse com eles.

O que ele fez. As informações trazidas pelos desertores podiam ser suspeitas, salvo que se correlacionavam com as informações tiradas do soldado inglês capturado. As informações concretas pelas quais St. Clair estivera esperando nas últimas três semanas.

O general Carleton permanecera no Canadá com uma pequena tropa; era na verdade o general Burgoyne, a cargo de um grande exército invasor, que estava se dirigindo para o forte. Seu exército era reforçado pelas tropas do general von Riedesel, ele próprio no comando de sete regimentos de Brunswick, mais um batalhão de infantaria leve e quatro companhias de dragões. E sua vanguarda estava a menos de quatro dias de marcha.

— Isso não é nada bom — observei, respirando fundo.

— Não, não é — ele concordou. — Pior, Burgoyne tem Simon Fraser como general de brigada sob seu comando. E dele o comando da tropa avançada.

— Um parente seu? — Era uma pergunta retórica; ninguém com esse nome

poderia ser outra coisa e eu vi a sombra de um sorriso atravessar o rosto de Jamie.

— Sim — ele disse secamente. — Primo em segundo grau, eu acho. E um excelente soldado.

— Bem, não seria de outra forma, não é mesmo? Essa é a última das notícias ruins?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Os desertores disseram que o exército de Burgoyne está sem suprimentos. Os dragões estão a pé, porque não conseguem novos cavalos. Embora eu não saiba se eles os comeram ou não.

Era uma noite quente e úmida, mas um calafrio arrepiou os pelos dos meus braços. Toquei o pulso de Jamie e encontrei os pelos ali também arrepiados. Ele vai sonhar com Culloden esta noite, pensei. Mas afastei o pensamento por enquanto.

— Eu imaginaria que esta notícia seria boa. Por que não é?

Seu pulso virou e ele tomou minha mão, entrelaçando nossos dedos com força.

— Porque eles não têm suprimentos suficientes para montar um cerco. Terão que invadir o forte e nos tomar à força. E isso é bem provável que possam fazer.

Três dias depois, os primeiros vigias ingleses surgiram no monte Defiance.

No dia seguinte, qualquer um podia ver — e todos de fato viram — o início da construção de uma plataforma de artilharia no Defiance. Arthur St. Clair, curvando-se finalmente ao inevitável, deu ordem para começarem a evacuação do Ticonderoga.

A maior parte da guarnição deveria se transferir para o monte Independence, levando consigo todos os suprimentos e armas mais valiosos. Parte das ovelhas e do gado deveria ser abatida, o resto conduzido para dentro da floresta. Algumas unidades de milícia deveriam partir pela floresta e encontrar a estrada para Hubbardton, onde aguardariam como reforço. Mulheres, crianças e inválidos seriam despachados pelo lago de barco, com uma guarda ligeira. A evacuação começou de maneira ordenada, com instruções para levarem tudo que flutuasse para a margem do lago após o anoitecer, os homens reunindo e verificando seus equipamentos, e ordens sendo enviadas para a destruição sistemática de tudo que não pudesse ser levado.

Esse era o procedimento padrão, para negar ao inimigo qualquer uso dos suprimentos. No caso, a questão era um pouco mais premente: os desertores haviam dito que o exército de Burgoyne já estava com escassez de suprimentos; negar-lhe os recursos do Ticonderoga podia fazê-los parar — ou ao menos fazê-los reduzir a marcha perceptivelmente, já que seus homens seriam obrigados a sair em busca de alimento e viver da terra enquanto esperavam que provisões do Canadá viessem em sua ajuda.

Tudo isso — o empacotamento, o carregamento, o abate e a condução dos

animais, a destruição — tinha que ser realizado clandestinamente, bem embaixo do nariz dos ingleses. Pois, se vissem que havia uma retirada iminente, iriam cair sobre nós como lobos, destruindo a guarnição quando deixassem a segurança do forte.

Assustadoras nuvens tempestuosas agitavam-se acima do lago às tardes, enormes torres negras que se elevavam a quilômetros de altura, carregadas de relâmpagos. Às vezes, a trovoadá irrompia depois do cair da noite, a chuva martelando o lago, os montes, as linhas de piquete e o forte com um aguaceiro que parecia entornado de um balde sem fundo. Às vezes, apenas prosseguíam viagem, roncando ameaçadoramente.

Esta noite as nuvens estavam baixas e violentas, cortadas por veios de descargas elétricas e cobrindo todo o céu como um manto. Clarões no horizonte pulsavam através do nosso corpo e estalavam entre eles em explosões de conversa repentina e silenciosa. E de vez em quando um súbito forçado disparava, branco-azulado e brilhante, para o solo com um estrondo de trovão que fazia todos darem um salto.

Havia bem pouco a empacotar. Ainda bem, pois não havia muito tempo para isso. Eu podia ouvir o alvoroço por todo o quartel enquanto trabalhava: pessoas gritando, à cata de objetos perdidos, mães gritando por filhos desaparecidos e o barulho de pés, contínuo como eco da chuva nos vãos das escadas de madeira.

Do lado de fora, eu podia ouvir o balido agitado de carneiros e ovelhas, perturbados por terem sido forçados a sair de seus cercados, e um alvoroço repentino de gritos e mugidos, quando uma vaca em pânico fugia em disparada. Não era de admirar; havia um forte cheiro de sangue fresco no ar, da matança dos animais.

Eu já havia visto a guarnição em desfile, é claro; eu sabia quantos homens havia. Mas ver três ou quatro mil pessoas se empurrando e esbarrando, tentando realizar tarefas a que não estavam acostumadas em uma pressa enlouquecedora, era como observar um formigueiro destruído. Abri caminho pela multidão fervilhante, agarrando um saco de farinha com nossas roupas sobressalentes, meus parques suprimentos médicos e um grande pedaço de presunto que eu ganhara de um paciente agradecido, enrolado em minha anágua extra.

Eu iria sair com a brigada dos barcos, tomando conta de um grupo de inválidos — mas não pretendia ir sem ver Jamie primeiro.

Meu coração estava na boca há tanto tempo que eu mal conseguia falar. Não pela primeira vez, pensei em como era conveniente ter casado com um homem alto. Era sempre fácil distinguir Jamie no meio de uma multidão e em poucos instantes eu o vi, parado em uma das baterias em meia-lua. Alguns de seus milicianos estavam com ele, todos olhando para baixo. Presumi que a brigada dos barcos devia estar se formando embaixo; isso era encorajador.

A perspectiva, quando alcancei a borda da bateria e pude ver, era consideravelmente menos encorajadora. A margem do lago abaixo do forte parecia o retorno particularmente desastroso de uma frota de pesca. Havia muitos barcos. Todos os tipos de barcos, de canoas a barcos a remo, barcas leves e balsas toscas. Algumas tinham sido arrastadas para a margem, outras evidentemente flutuavam sem rumo, não tripuladas — avistei durante o breve clarão de um relâmpago algumas cabeças oscilando na água enquanto homens e meninos nadavam atrás delas para trazê-las de volta. Havia poucas luzes na margem, por medo de revelar o plano de retirada, mas aqui e ali uma tocha ardia, mostrando discussões e escaramuças, e, além do alcance da luz das tochas, o terreno parecia pulular na escuridão, como uma carcaça fervilhando de vermes.

Jamie apertava a mão do sr. Anderson, um dos marujos originais do Teal, que havia se tornado um cabo de facto.

— Vá com Deus — ele disse. O sr. Anderson balançou a cabeça e virou-se, liderando o pequeno grupo de milicianos. Passaram por mim quando eu subia e um ou dois cumprimentou-me com um sinal da cabeça, os rostos invisíveis na sombra de seus chapéus.

— Onde estão indo? — perguntei a Jamie.

— Na direção de Hubbardton — ele respondeu, os olhos ainda fixos nas margens do lago embaixo. — Eu disse a eles que a escolha era deles, mas achei melhor que fossem logo, ao invés de esperar mais tempo. — Ele ergueu o queixo na direção da corcova escura do Monte Defiance, onde as centelhas de fogueiras de acampamento brilhavam perto do topo. — Se não souberem o que está acontecendo é uma incompetência total. Se eu fosse Simon Fraser, já estaria em marcha antes da primeira luz do dia.

— Não pretende ir com seus homens? — Um lampejo de esperança saltou em meu coração.

Havia pouca luz na bateria, apenas a claridade refletida das tochas nas escadas e das grandes fogueiras dentro do forte. Mas era o suficiente para eu ver seu rosto com clareza, quando ele se virou para olhar para mim. Estava sombrio, mas havia uma ânsia no desenho de seus lábios, e eu reconheci a expressão de um soldado pronto para entrar em ação.

— Não — ele disse. — Pretendo ir com você. — Sorriu repentinamente e eu agarrei sua mão. — Não acha que eu vá deixá-la vagando sozinha por esse ermo com um bando de doentes amalucados, não é? Ainda que isso signifique entrar em um barco — ele acrescentou com aversão.

Ri contra a vontade.

— Não é muito gentil de sua parte — eu disse. — Mas também não é incorreto, se está se referindo à sra. Raven. Você não a viu em algum lugar por aí,

viu?

Ele sacudiu a cabeça. O vento soltara a maior parte de seus cabelos da tira de couro que os amarrava e ele a retirou e segurou-a entre os dentes, juntando os cabelos em um grosso rabo de cavalo para prendê-los novamente.

Alguém mais adiante na bateria disse alguma coisa, parecendo surpreso, e tanto Jamie quanto eu viramos abruptamente para olhar. O Independence estava pegando fogo.

— Fogo! Fogo!

Os gritos atraíram pessoas — já agitadas e aflitas — que saíam correndo das casernas como bandos de codornas alvoroçadas. O fogo estava logo abaixo do topo do monte, onde o general Fermoy havia estabelecido um posto avançado com seus homens. Uma língua de fogo rugia morro acima, firme como uma vela tomando alento. Então, uma rajada de vento achatou-a e a chama abaixou por um instante, como se alguém tivesse diminuído a chama do gás em um fogão, para em seguida explodir novamente em uma conflagração muito mais violenta, que iluminou o monte, revelando as minúsculas figuras negras do que pareciam centenas de pessoas em pleno ato de derrubar tendas e carregar bagagens, todos recortados em silhueta contra o fogo.

— E o alojamento de Fermoy pegando fogo — um soldado disse ao meu lado, sem conseguir acreditar. — Não é?

— É — Jamie confirmou do meu outro lado, amargamente. — E se podemos ver a evacuação daqui os observadores de Burgoyne certamente também estão vendo.

E, simplesmente assim, a debandada teve início.

Se algum dia eu tivesse duvidado de algo como telepatia, isso teria sido suficiente para aplacar quaisquer reservas. Os soldados já estavam a ponto de explodir com a demora de St. Clair e com o constante tambor de rumores batendo nos nervos tensos. Conforme o incêndio do Independence se espalhava, a convicção de que os casacos vermelhos e os índios logo estariam nos atacando espalhou-se de uma mente a outra, sem necessidade da fala. O pânico grassava, abarcando o forte com suas enormes asas negras, e a confusão na beira da água se desintegrava em caos bem diante de nossos olhos.

— Vamos — Jamie disse. E, antes que eu percebesse, estava sendo conduzida apressadamente escada abaixo pelos estreitos degraus da bateria. Algumas pequenas cabanas de madeira haviam sido incendiadas — de propósito, para privar os invasores de material ou equipamentos úteis — e a luz das chamas iluminavam uma cena de inferno. Mulheres arrastando crianças seminuas, gritando e puxando cobertas de cama, homens atirando móveis pela janela. Uma caneca espatifou-se nas pedras, lançando estilhaços agudos de cerâmica e cortando as

pernas das pessoas próximas.

Uma voz surgiu, ofegante, atrás de mim.

— Um passarinho me diz que o francês idiota ateou fogo à casa ele mesmo.

— Não vou dar palpite sobre isso — Jamie respondeu sucintamente. — Só espero que ele tenha se consumido nas chamas.

Um tremendo clarão de relâmpago iluminou o forte como se fosse dia e gritos elevaram-se de todos os cantos, sendo quase instantaneamente sufocados pela explosão do trovão. Como era esperado, metade das pessoas pensou que a ira de Deus estava prestes a recair sobre nós — apesar do fato de estarmos tendo trovoadas igualmente violentas há dias, pensei com irritação — enquanto aqueles de mente secular estavam ainda mais apavorados porque as unidades de milícia nas linhas externas estavam sendo iluminadas conforme batiam em retirada, em plena vista dos ingleses no monte Defiance. De qualquer modo, a situação era crítica.

— Tenho que ir buscar meus inválidos! — gritei no ouvido de Jamie. — Vai você buscar nossas coisas no alojamento.

Ele sacudiu a cabeça. Seus cabelos soltos e esvoaçantes foram iluminados por outro raio e ele próprio pareceu um dos demônios principais.

— Não vou deixá-la — ele disse, segurando meu braço com força. — Eu posso nunca mais achar você de novo.

— Mas... — Minha objeção se desfez quando olhei. Ele tinha razão. Havia milhares de pessoas correndo, empurrando ou simplesmente paradas, aturdidas demais para pensar no que fazer. Se nos separássemos, talvez ele não conseguisse mais me encontrar e a ideia de ficar sozinha na floresta embaixo do forte — infestada de índios e de casacos vermelhos sanguinários — não era algo que eu conseguisse contemplar por mais de dez segundos.

— Está bem — eu disse. — Venha, então.

A cena dentro do hospital era menos frenética apenas porque a maioria dos pacientes era menos capaz de se movimentar. Mas eles estavam, na verdade, mais agitados do que as pessoas lá fora, já que haviam coletado apenas as informações mais fragmentárias de pessoas que entravam e saíam. Os que tinham família estavam sendo literalmente arrastados do prédio quase sem tempo suficiente para pegar suas roupas; aqueles sem família estavam nos espaços entre os catres, saltando em um pé só para entrar em suas calças ou cambaleando na direção da porta.

O capitão Stebbings, é claro, não estava fazendo nada disso. Permanecia placidamente deitado em seu catre, as mãos cruzadas sobre o peito, observando o caos com interesse, sua vela de sebo e junco queimando serenamente na parede acima de sua cabeceira.

— Sra. Fraser! — saudou-me alegremente. — Creio que logo serei um homem livre outra vez. Espero que o exército me traga um pouco de comida; acho

que não há muita chance de ter jantar aqui hoje.

— Creio que não — eu disse, sem conseguir deixar de retribuir o sorriso. — Você tomará conta dos outros prisioneiros ingleses, não é? O general St. Clair os está deixando para trás.

Ele pareceu ligeiramente ofendido.

— Eles são meus homens — disse.

— É verdade. — Na realidade, Guiné Dick, quase invisível contra a parede de pedras na luz turva, estava agachado ao lado da cama do capitão, uma robusta bengala na mão, a fim de afastar possíveis saqueadores, imaginei. O sr. Ormiston estava sentado em seu próprio catre, pálido, mas entusiasmado, remexendo na atadura do seu toco de perna.

— Eles estão mesmo chegando, não estão, madame? O exército?

— Sim, estão. Agora, você tem que cuidar muito bem do seu ferimento, mantendo-o sempre limpo. Está sarando bem, mas você não deve colocar nenhum esforço sobre ele por mais um mês ainda, no mínimo; e espere ao menos dois meses antes de mandar afixar um pino. Não deixe os cirurgiões do exército sangrá-lo, vai precisar de todas as suas forças.

Ele assentiu, embora eu soubesse que, tão logo um cirurgião inglês aparecesse, ele se apresentaria para ser lancetado e sangrado; ele acreditava profundamente nas virtudes da sangria e ficara ligeiramente tranquilizado só com o fato de eu aplicar sanguessugas no toco de sua perna de vez em quando.

Apertei sua mão em despedida e estava me virando para ir embora quando ele segurou minha mão com mais força.

— Um momento, madame? — Ele soltou minha mão, tateando em seu pescoço, e retirou algo em um cordão. Eu mal podia ver o que era na luz turva, mas ele colocou-o em minha mão e eu senti um disco de metal, quente do seu corpo. — Se por acaso a senhora vir esse rapaz Abram de novo, madame, agradecia se lhe desse isso. É meu amuleto, que eu carrego há trinta e dois anos; diga-lhe que isso o manterá a salvo em tempos difíceis.

Jamie assomava no escuro ao meu lado, irradiando impaciência e agitação. Ele rebocava um grupo de inválidos, todos agarrando seus poucos e aleatórios pertences. Eu podia ouvir a voz estridente da sra. Raven a distância, lamuriando-se. Achei que chamava meu nome. Abaixei a cabeça e coloquei o amuleto do sr. Ormiston ao redor do meu pescoço.

— Eu direi a ele, sr. Ormiston. Obrigada.

Alguém ateava fogo à elegante ponte de Jeduthan Baldwin. Uma pilha de entulho ardia lentamente perto de uma das extremidades e eu vi figuras negras diabólicas correndo de um lado para o outro ao longo da extensão da ponte com pés de cabra e alavancas, arrancando as tábuas e atirando-as na água.

Jamie abriu caminho pela multidão, eu atrás dele e nosso pequeno bando de mulheres, crianças e inválidos correndo nos meus calcanhares como filhotes de ganso, grasnando agitadamente.

— Fraser! Coronel Fraser! — Virei-me com o grito e vi Jonah, ou melhor, Bill Marsden correndo pela margem em nossa direção. — Vou com vocês — ele disse, sem fôlego. — Vão precisar de alguém para remar.

Jamie não hesitou mais do que uma fração de segundo. Balançou a cabeça, indicando a beira d'água com um sinal da cabeça.

— Sim, corra. Eu os levarei o mais rápido possível até lá.

O sr. Marsden desapareceu na escuridão.

— E o resto dos seus homens? — perguntei, tossindo com a fumaça.

Ele deu de ombros, uma silhueta portentosa contra o tremeluzir das águas.

— Foram embora.

Gritos histéricos vieram da direção das Antigas Linhas Francesas. Espalhavam-se rapidamente pelas florestas e ao longo das margens, pessoas gritando que os ingleses estavam chegando. O pânico grassava desvairadamente. Era algo tão forte, o pânico, que eu mesma senti um grito erguer-se em minha garganta. Sufoquei-o e senti uma raiva irracional em seu lugar, deslocada de mim mesma para os tolos atrás de mim que gritavam estridentemente e que teriam se dispersado se pudessem. Mas estávamos perto da água agora e as pessoas arremessavam-se para os barcos em tal quantidade que emborcavam algumas das embarcações ao se empilharem dentro delas atabalhoadamente.

Eu não achava que os ingleses estavam perto — mas não tinha certeza. Sabia que tinha havido mais de uma batalha em Fort Ticonderoga... mas quando haviam ocorrido? Uma delas seria esta noite? Eu não sabia, e a sensação de urgência empurrava-me para a beira do lago, ajudando a apoiar o sr. Wellman, que contraíra caxumba de seu filho, pobre homem, e estava passando muito mal.

O sr. Marsden, Deus o abençoe, havia se apropriado de uma grande canoa, que ele levava um pouco para fora da margem, a fim de evitar que fosse invadida e emborcada. Quando viu Jamie se aproximando, ele veio e conseguimos colocar dezoito pessoas — incluindo os Wellman e a sra. Raven, pálida e com um olhar fixo de Ofélia — dentro dela.

Jamie olhou rapidamente para trás, para o forte. Os portões principais estavam escancarados e luz de fogo lançava-se por eles. Então, ele ergueu os olhos para a bateria onde ele e eu estivéramos pouco antes.

— Há quatro homens junto ao canhão, apontado para a ponte — ele disse, os olhos ainda fixos nos rolos de fumaça de barriga vermelha que se erguiam do interior do forte. — Voluntários. Vão ficar para trás. Os ingleses, ou alguns deles, certamente atravessarão a ponte. Eles podem destruir quase todo mundo no disparo

e depois fugir... se puderem.

Virou-se, então, e seus ombros contraíram-se e estenderam-se conforme ele mergulhou o remo com força.



MONT INDEPENDENCE

Meio da tarde, 6 de julho

Os homens do general de brigada Fraser avançaram sobre o forte de piquete no alto do monte, aquele que os americanos ironicamente chamavam de "Independence". William comandava um dos grupos dianteiros e fez seus homens fixarem as baionetas quando se aproximaram. Fazia um profundo silêncio, quebrado somente pelo estalo de galhos e pelo arrastar de botas na espessa camada de folhas mortas, o estrépito casual de uma caixa de cartuchos contra a coronha de um mosquete. Seria um silêncio de espera?

Os americanos não podiam ignorar que eles estavam a caminho. Os rebeldes estariam emboscados, prontos a atirar neles da fortificação rústica, mas muito sólida que ele podia ver através das árvores?

Ele fez sinal para seus homens pararem a uns duzentos metros do topo do monte, na esperança de captar alguma indicação dos defensores, se é que assim se podia chamá-los. Sua própria companhia parou obedientemente, mas havia homens atrás e eles começaram a se misturar e atravessá-la sem nenhuma consideração, ávidos para invadir o forte.

— Parem! — gritou, cômico, ao fazê-lo, de que o som de sua voz proporcionava um alvo quase tão bom para o rifle de um soldado americano quanto a visão de seu casaco vermelho proporcionaria. Alguns dos homens realmente pararam, mas foram imediatamente atropelados por outros homens que vinham atrás deles. Em poucos segundos, toda a encosta era um enxame vermelho. Não podiam continuar parados; seriam pisoteados. E, se os defensores tivessem a intenção de atirar, não poderiam pedir uma oportunidade melhor, mas o forte continuou em silêncio. — Avante! — William rugiu, erguendo o braço, e os homens arremeteram-se do meio das árvores em uma arrancada esplêndida, as baionetas em posição.

Os portões estavam abertos de par em par e os homens arremessaram-se diretamente para dentro do forte, desatentos ao perigo — mas não havia nenhum

perigo. William entrou com seus homens e encontrou o lugar deserto. Não apenas abandonado, mas evidentemente abandonado com imensa pressa.

Os pertences pessoais dos defensores espalhavam-se por toda parte, como se tivessem caído durante a fuga: não apenas coisas pesadas como utensílios de cozinha, como roupas, sapatos, livros, cobertores... até mesmo dinheiro, aparentemente esquecidos ou que deixaram cair no pânico. Muito mais revelador, no que dizia respeito a William, era o fato de os defensores não terem feito nenhum esforço para explodir a munição ou a pólvora que não pudesse ser levada; devia haver uns cem quilos, empilhados em barris! Provisões, também, haviam sido deixadas para trás, uma constatação alentadora.

— Por que eles não atearam fogo ao lugar? — o tenente Hammond perguntou-lhe, olhando abismado ao redor, para os alojamentos, ainda completamente mobiliados com camas, urinóis, lençóis — prontos para os conquistadores se instalarem.

— Só Deus sabe — William respondeu laconicamente, em seguida arremetendo-se para frente ao ver um soldado sair de um dos quartos, enfeitado com um xale de rendas e com os braços cheios de sapatos. — Você aí! Não vai haver nenhum saque, nenhum! Você me ouviu?

O soldado atendeu, largando a braçada de sapatos, e afastou-se precipitadamente, os babados de renda do xale esvoaçando. Mas havia muitos outros iniciando a pilhagem e ficou claro para William que ele e Hammond não conseguiriam impedi-los. Ele gritou acima do crescente barulho convocando um mensageiro e, agarrando a caixa de despachos oficiais das mãos do sujeito, rabiscou um bilhete apressadamente.

— Leve isso ao general Fraser — disse, enfiando a caixa de volta nas mãos do mensageiro. — O mais rápido que puder!

Aurora, 7 de julho

— Não vou tolerar essas horríveis irregularidades! — O rosto do general Fraser estava profundamente enrugado, tanto de raiva quanto de fadiga. O pequeno relógio de viagem na tenda do general mostrava pouco antes de cinco horas da manhã e William tinha a sensação estranhamente nebulosa de que sua cabeça flutuava em algum lugar sobre seu ombro esquerdo. — Saque, roubo, indisciplina desenfreada: não vou aturar isso, estou dizendo. Fui claro?

O pequeno e exausto grupo de oficiais assentiu com um coro de grunhidos. Havia passado a noite toda acordados, importunando suas tropas sem trégua para colocar um pouco de ordem, refreando os soldados rasos dos piores excessos do saque, apressadamente supervisionando os postos avançados abandonados nas

Antigas Linhas dos Franceses e fazendo um levantamento do inesperado prêmio de provisões e munição deixadas para eles pelos defensores do forte — quatro dos quais haviam sido encontrados quando o forte foi invadido, inconscientes de tão bêbados ao lado de um canhão preparado para ser deflagrado, apontado para a ponte embaixo.

— Esses homens, os que foram aprisionados. Alguém já conseguiu falar com eles?

— Não, senhor — o capitão Hayes disse, reprimindo um bocejo. — Ainda inconscientes, quase mortos, segundo o médico, embora ele ache que sobreviverão.

— Borraram-se de medo — Hammond disse a William em voz baixa. — Esperando todo esse tempo pela nossa chegada.

— É mais provável que tenha sido de tédio — William murmurou em resposta, sem mover os lábios. Mesmo assim, seus olhos encontraram os olhos injetados do general e ele se empertigou inconscientemente.

— Bem, na verdade não precisamos deles para nos dizer muita coisa — o general Fraser abanou a mão para dissipar uma nuvem de fumaça que entrara no aposento e tossiu. William inalou um pouco da fumaça. Havia um aroma suculento impregnado na fumaça e seu estômago roncou de expectativa. Presunto? Salsichas?

— Já enviei mensagem ao general Burgoyne dizendo que o Ticonderoga é nosso... outra vez — o general de brigada acrescentou, abrindo um largo sorriso diante dos roucos gritos de regozijo dos oficiais. — E ao coronel St. Leger. Devemos deixar uma pequena guarnição para fazer um inventário e arrumar um pouco as coisas aqui, mas o resto de nós... Bem, há rebeldes a serem capturados, senhores. Não posso lhes oferecer muito descanso, mas sem dúvida há tempo para um farto café da manhã. Bon appetit!



O RETORNO DOS NATIVOS

Noite, 7 de julho

Ian Murray entrou no forte sem dificuldade. Havia exploradores e índios em abundância, a maioria descansando contra os prédios, muitos bêbados, outros investigando os alojamentos desertos, ocasionalmente expulsos por soldados com ar perturbado, designados para montar guarda à inesperada abastança que o forte proporcionara.

Não havia nenhum sinal de massacre e ele respirou com mais facilidade. Esse fora seu primeiro temor, mas apesar de haver uma grande bagunça — até demais — não havia sinal de sangue e nenhum cheiro de fumaça de pólvora. Nenhum tiro fora disparado ali nas últimas vinte e quatro horas aproximadamente.

Teve uma ideia e dirigiu-se para as instalações do hospital, amplamente ignorado, já que não tinha nada que alguém pudesse querer. Os odores de urina, fezes e sangue seco haviam diminuído; a maioria dos pacientes deve ter batido em retirada com as tropas. Havia algumas pessoas ali, uma delas com um casaco verde que ele achou que devia ser um médico, outros obviamente enfermeiros do hospital. Enquanto observava, uma dupla de carregadores de maca atravessou a porta, as botas raspando o chão conforme tentavam transpor os baixos degraus de pedra. Ele inclinou-se para trás, ocultando-se no vão da porta, pois seguindo a maca estava a figura alta de Guiné Dick, o rosto aberto em um sorriso de canibal.

O próprio Ian sorriu, ao vê-lo; o capitão Stebbings ainda vivia, então — e Guiné Dick era um homem livre. E ali, graças a Jesus, Maria e santa Brígida, vinha o sr. Ormiston atrás dele, mancando, devagar, em um par de muletas, cuidadosamente apoiado de cada lado por uma dupla de enfermeiros, as pequenas criaturas miniaturizadas pelo corpanzil do marujo. Iria poder contar a tia Claire — ela ficaria satisfeita em saber que eles estavam bem.

Se encontrasse tia Claire de novo — mas na verdade não estava muito preocupado. Tio Jamie a manteria a salvo, contra o inferno, incêndios florestais ou o

exército britânico inteiro. Quando ou onde ele os veria outra vez era uma outra questão, mas ele e Rollo moviam-se muito mais rápido do que qualquer exército; ele os alcançaria em pouco tempo.

Esperou, curioso para ver se restava mais alguém no hospital, mas ou não havia mais ninguém ou eles deveriam ser deixados lá por enquanto. Os Hunter teriam ido com as tropas de St. Clair? De certa forma, esperava que sim — mesmo sabendo que eles provavelmente ficariam melhor com os ingleses do que fugindo pelo Vale do Hudson com os refugiados do Ticonderoga. Como quakers, achava que eles se sairiam bem; os ingleses provavelmente não os molestariam. Mas ele achou que gostaria de ver Rachel Hunter novamente algum dia e sua chance era muito maior se ela e o irmão estivessem com os rebeldes.

Um pouco mais de investigação pelos arredores convenceu-o de duas coisas: que os Hunter haviam realmente ido com os rebeldes e que a evacuação do Ticonderoga fora conseguida em meio ao pânico e à desordem. Alguém incendiara a ponte embaixo, mas ela só fora parcialmente destruída, tendo o fogo talvez sido extinto por uma pancada de chuva. Havia uma grande quantidade de entulho na margem do lago, sugerindo um embarque maciço — automaticamente, ele olhou na direção do lago, onde dois grandes navios podiam ser claramente vistos, ambos ostentando a bandeira do Reino Unido. De sua atual posição na bateria, podia ver casacos vermelhos como um enxame cobrindo o *Defiance* e o *Independence*, e sentiu uma chama pequena e surpreendente de ressentimento contra eles.

— Bem, não vão dominá-los por muito tempo — disse baixinho. Falou em gaélico e ainda bem, pois um soldado que passava olhou casualmente para ele, como se sentisse a tensão em seu olhar. Ele desviou o olhar e deu as costas para o forte.

Não havia nada a fazer ali, ninguém por quem esperar. Iria comer e pegar algumas provisões, depois pegaria Rollo e partiria. Ele poderia...

Um barulho estrondoso bem próximo o fez virar-se subitamente. A sua direita, um dos canhões estava apontado para baixo, na direção da ponte, e logo atrás dele, boquiaberto de choque, estava um huron, cambaleando de bêbado.

Ouviu-se uma gritaria vinda de baixo; as tropas acharam que estavam sendo bombardeadas do forte, apesar de o tiro ter passado bem alto, espatifando-se inofensivamente nas águas do lago.

O huron ria à socapa.

— O que foi que você fez? — Ian perguntou, em uma língua algonquina que achou que o sujeito provavelmente compreenderia. Quer tenha entendido ou não, o homem simplesmente ria ainda mais, desbragadamente, as lágrimas começando a escorrer pelo seu rosto. Indicou uma tina fumegante ali perto; Santo Deus, os defensores haviam partido com tanta pressa que haviam deixado um pavio de queima lenta aceso.

— Buum! — exclamou o huron, e indicou um pedaço do pavio, puxado da tina e deixado solto sobre as lajes de pedra como uma cobra incandescente. — Buum! — ele disse outra vez, balançando a cabeça para o canhão, e riu até ter que se sentar.

Soldados corriam para a bateria e a gritaria do lado de fora foi igualada pelos gritos de dentro do forte. Provavelmente, era uma boa hora para ir embora.



RETIRADA

...estamos perseguindo os rebeldes, um grande número deles desceu o lago em barcos. As duas corvetas no lago estão seguindo-os, mas estou enviando quatro companhias para o ponto onde terão que rebocar as barcos por terra para evitar obstáculos; creio que a chance de capturá-los ali é grande.

De General de brigada Simon Fraser, para General J. Burgoyne

8 de julho de 1771

William gostaria de não ter aceitado o convite do general Fraser para o café da manhã. Se tivesse se contentado com a magra ração de um tenente, ele estaria com fome, mas feliz. Do jeito que era, ele estava no local — felizmente cheio até os olhos de salsichas fritas, torradas com manteiga e bolinhos fritos com mel, muito apreciados pelo general — quando chegou a mensagem do general Burgoyne. Ele nem sabia o que ela dizia; o general a lera enquanto bebericava seu café, franzindo ligeiramente o cenho, depois suspirou e pediu pena de escrever e tinta.

— Quer dar uma cavalgada esta manhã, William? — ele perguntara, sorrindo do outro lado da mesa.

E foi assim que ele acabou no quartel-general de campo do general Burgoyne quando os índios chegaram. Hurons, um dos soldados dissera; ele não os conhecia, embora tivesse ouvido falar que tinham um chefe chamado Lábios de Couro, e ele se perguntara qual seria a razão. Será que o sujeito era um infatigável tagarela?

Eram cinco índios, magros, com uma aparência maligna de lobos. Ele não saberia dizer o que usavam ou como estavam armados; toda a sua atenção se concentrava na estaca que um deles portava — decorada com escalpos. Frescos. De brancos. Um odor almiscarado de sangue pairou no ar desagradavelmente adocicado, e um enxame de moscas acompanhava os índios, zumbindo sonoramente. Os remanescentes do farto café da manhã de William coagularam-se em uma bola dura logo abaixo de suas costelas.

Os índios procuravam o tesoureiro; um deles perguntava, em um inglês surpreendentemente melódico, onde estava o "pagador de salários". Então, era verdade. O general Burgoyne havia soltado as rédeas dos índios, enviado-os pelas florestas como cães de caça para atacarem os rebeldes e espalharem o terror entre eles.

Ele não queria olhar para os escalpos, mas não pôde evitar; seus olhos seguiram-nos conforme a estaca se balançava pela multidão crescente de soldados curiosos — alguns ligeiramente horrorizados, alguns aclamando os recém-chegados. Santo Deus. Aquele seria o escalpo de uma mulher? Tinha que ser; uma cabeleira esvoaçante, cor de mel, bem mais compridos do que um homem usaria seus cabelos, e brilhantes, como se a dona os escovasse todas as noites com cem escovadelas, como sua prima Dottie disse que fazia. Não eram muito diferentes dos cabelos de Dottie, apenas um pouco mais escuros...

Virou-se abruptamente, na esperança de não vomitar, mas tornou a virar-se com a mesma brusquidão quando ouviu o grito. Nunca ouvira um som como aquele antes — um berro estridente de tal horror, de tal desespero, que seu coração paralisou-se no peito.

— Jane! Jane! — Um tenente irlandês que ele conhecia de vista, chamado David Jones, abria caminho na multidão, socando os homens com punhos e cotovelos, arremessando-se para frente, na direção dos surpresos índios, o rosto contorcido de emoção.

— Oh, meu Deus — exclamou, arfando, um soldado ao seu lado. — Sua noiva se chama Jane. Não pode ser...

Jones atirou-se contra a estaca, agarrando a cabeleira cor de mel, gritando "JANE!" a plenos pulmões. Os índios, desconcertados, puxaram a estaca com um safanão. Jones atirou-se sobre um deles, derrubando o surpreso índio no chão e socando-o com a força da insanidade.

Homens tentavam abrir caminho para frente, agarrando Jones — mas sem muito empenho. Olhares horrorizados eram dirigidos aos índios, que se agruparam, os olhos estreitados e as mãos em seus tacapes. Todo o espírito do ajuntamento mudara em um instante da aprovação à indignação, e os índios obviamente perceberam isso.

Um oficial que William não conhecia adiantou-se com determinação, desafiando os índios com um olhar fulminante, e arrancou o escalpo louro da estaca. Depois, ficou segurando-o, desconcertado, a cabeleira parecendo viva em suas mãos, as longas mechas esvoaçando, enrolando-se em seus dedos.

Finalmente haviam conseguido arrancar Jones de cima do índio; seus amigos davam tapinhas em seu ombro, tentando afastá-lo dali, mas ele permaneceu parado, imóvel, as lágrimas rolando pelo rosto e pingando do queixo. "Jane", ele repetia,

silenciosamente. Ele estendeu as mãos, suplicantes, e o oficial que segurava o escalpo o colocou delicadamente dentro delas.



ENQUANTO AINDA VIVOS

O tenente Stactoe estava parado junto a um corpo, imobilizado. Muito devagar, ele agachou-se, os olhos fixos em alguma coisa e, como por reflexo, cobriu a boca com uma das mãos.

Eu não queria olhar.

Mas ele ouvira meus passos e retirou a mão da boca. Pude ver o suor escorrendo pelo seu pescoço, a faixa de sua camisa emplastada na pele, escura da transpiração.

— Acha que isso foi feito enquanto ele ainda estava vivo? — ele perguntou, em um tom de voz normal.

Com relutância, olhei por cima de seu ombro.

— Sim — eu disse, a voz tão impassível quanto a dele. — Foi.

— Oh — ele disse. Levantou-se, contemplou o cadáver por um instante, depois se afastou alguns passos e vomitou.

— Não tem importância — eu disse gentilmente, e o segurei pela manga. — Está morto agora. Venha ajudar.

Muitos dos barcos haviam se extraviado, sendo capturados antes que alcançassem a extremidade do lago; muitos mais haviam sido capturados pelas tropas britânicas que os aguardavam no trecho não navegável. Nossa canoa e várias outras haviam escapado e nós avançamos pela floresta durante um dia e uma noite e a maior parte do dia seguinte antes de encontrar o grosso das tropas que fugiam do forte por terra. Eu começava a achar que os que foram capturados é que tiveram sorte.

Eu não sabia quanto tempo se passara desde que o pequeno grupo que acabávamos de descobrir fora atacado por índios. Os corpos não eram recentes.

Foram colocadas sentinelas à noite. Os que não estavam montando guarda dormiam como se tivessem sido nocauteados, exaustos pelo dia de fuga — se algo tão desordenado e difícil pudesse ser assim chamado. Eu acordei logo após o alvorecer, de pesadelos com as árvores da Branca de Neve, as bocas abertas e

ávidas, e encontrei Jamie agachado ao meu lado, a mão em meu braço.

— É melhor você vir, a nighean — ele disse suavemente.

A sra. Raven cortara a garganta com um canivete.

Não havia tempo de cavar uma sepultura. Eu endireitei seu corpo e fechei seus olhos, depois empilhamos pedras e galhos sobre ela antes de nos arrastarmos de volta para o sulco que fazia as vezes de estrada pela amplidão selvagem.



Quando a escuridão se infiltrou pelas árvores, começamos a ouvi-los. Uivos estridentes e ululantes. Lobos caçando.

— Continuem andando! Continuem andando! índios! — um dos milicianos gritou.

Como se evocado pelo grito, um berro aterrorizante ressoou pela escuridão próxima e a claudicante retirada tornou-se imediatamente uma precipitação em pânico, homens largando suas trouxas e empurrando-se para fora do caminho em sua pressa de fugir.

Houve gritos dos refugiados também, embora esses tenham sido rapidamente emudecidos.

— Saiam da estrada — Jamie disse, em voz baixa e feroz, e começou a empurrar os mais lentos e confusos para dentro do mato. — Talvez não saibam onde estamos. Ainda.

Ou talvez soubessem.

— Tem a sua canção da morte pronta, tio? — Ian sussurrou. Ele nos alcançara no dia anterior e agora ele e Jamie pressionavam-se contra mim, um de cada lado, onde nos havíamos refugiado atrás de um enorme tronco caído.

— Oh, eu cantarei para eles uma canção da morte, se chegarmos a isso — Jamie murmurou, baixinho, e tirou uma das pistolas do cinto.

— Você não sabe cantar — eu disse. Não pretendi fazer graça; eu estava tão assustada que falei automaticamente a primeira coisa que me veio à mente. E ele não riu.

— É verdade — ele disse. — Muito bem, então.

Ele preparou a pistola e enfiou-a na cintura.

— Não tenha medo, a nighean — Jamie sussurrou, e eu vi sua garganta trabalhar enquanto ele engolia. — Não deixarei que a levem. Não viva. — Tocou a pistola em seu cinto.

Olhei fixamente para ele, depois para a pistola. Não pensei que fosse possível ficar ainda mais amedrontada.

Senti de repente como se minha espinha dorsal tivesse quebrado com um

estalo; minhas pernas recusavam-se a se mover e meus intestinos estavam literalmente virando água. Entendi, naquele momento, exatamente o que levava a sra. Raven a cortar a própria garganta.

Ian sussurrou alguma coisa para Jamie e afastou-se sorrateiramente, silencioso como uma sombra.

Ocorreu-me, tardiamente, que, ao gastar tempo atirando em mim se fôssemos alcançados, o próprio Jamie muito provavelmente cairia vivo nas mãos dos índios. E eu estava tão aterrorizada que não conseguia lhe dizer para não fazer isso.

Reuni toda a minha coragem e engoli com força.

— Vá! — eu disse. — Eles não vão... provavelmente não vão ferir as mulheres. — Minha saia de cima estava em farrapos, assim como meu casaco, e todo o traje estava coberto de lama, folhas e de pequenos pontos de sangue provocados pelos mosquitos mais lentos — mas ainda podia ser identificada como uma mulher.

— De jeito nenhum — ele disse sucintamente.

— Tio. — A voz de Ian veio num sussurro de dentro da escuridão. — Não são índios.

— O quê? — Não consegui dar sentido às palavras de Ian, mas Jamie endireitou-se abruptamente.

— É um casaco vermelho, correndo paralelamente a nós, berrando como um índio. Nos conduzindo.

Jamie praguejou baixinho. Já estava quase completamente escuro agora; eu podia ver apenas alguns vultos, provavelmente daqueles que estavam conosco. Ouvi uma lamúria, muito baixa, mas quando olhei não vi ninguém.

Os gritos retornaram, agora vindos do outro lado. Se o sujeito estava nos conduzindo — ele sabia que estávamos ali? Se assim fosse, para onde pretendia nos conduzir? Eu podia sentir a indecisão de Jamie: para que lado? Um segundo, talvez dois, e ele me segurou pelo braço, puxando-me mais para dentro da floresta.

Em poucos minutos, nos deparamos com um grande número de refugiados; estavam paralisados, aterrorizados demais para se mover em qualquer direção. Mantinham-se juntos, as mulheres agarrando seus filhos, as mãos tampando com força a boca das crianças, sussurrando "Shhh!" como o vento.

— Deixe-os — Jamie disse em meu ouvido, apertando a mão em meu braço. Virei-me para ir com ele e de repente alguém segurou meu outro braço. Gritei e todos que estavam perto irromperam em gritos por puro reflexo. Repentinamente, a floresta à nossa volta ganhou vida com vultos em movimento e gritos.

O soldado — era um soldado britânico; tão de perto, eu podia ver os botões de seu uniforme e sentir o baque surdo de sua caixa de cartuchos conforme ela balançava, batendo em meu quadril — inclinou-se para baixo para me ver melhor e

riu, o hálito fétido de dentes cariados.

— Fique quieta, benzinho — ele disse. — Você não vai a nenhum lugar agora.

Meu coração batia com tanta força nos meus ouvidos que foi necessário um minuto inteiro para eu perceber que já não havia ninguém apertando meu outro braço. Jamie desaparecera.



Fomos conduzidos de volta à estrada em um grupo compacto, movendo-se devagar pela noite. Eles nos deixaram beber água em um riacho quando o dia amanheceu, mas nos mantiveram andando até o começo da tarde, quando até mesmo os mais aptos fisicamente estavam prestes a desmoronar.

Fomos levados como um rebanho, e nada gentilmente, até uma lavoura. Sendo mulher de fazendeiro como eu era, contrái-me ao ver os talos — a apenas algumas semanas da colheita — sendo pisoteados, o frágil ouro do trigo cortado e esmagado em lama preta. Havia uma cabana entre as árvores na outra extremidade da plantação; vi uma menina sair correndo para a varanda, tampar a boca com a mão horrorizada e desaparecer novamente dentro da casa.

Três oficiais britânicos atravessavam a plantação, na direção da cabana, ignorando a fervilhante massa de inválidos, mulheres e crianças, todos os quais andavam de um lado para o outro, sem saber o que fazer em seguida. Limpei o suor dos meus olhos com a ponta do meu lenço, enfiando-a de novo em meu corpete, e olhei ao redor em busca de alguém que pudesse estar nominalmente no comando.

Nenhum dos nossos próprios oficiais ou homens em boas condições físicas parecia ter sido capturado; houve apenas dois médicos supervisionando a remoção dos inválidos e há dois dias eu não via nenhum deles. Nenhum estava ali. Muito bem, então, pensei soturnamente, e me dirigi para o soldado britânico mais próximo, que inspecionava o caos através de olhos estreitados, o mosquete na mão.

— Precisamos de água — eu lhe disse sem preâmbulos. — Há um riacho logo atrás daquelas árvores. Posso levar três ou quatro mulheres para trazer água para os doentes e feridos?

Ele também suava; a lã vermelha desbotada de seu casaco estava escura embaixo dos braços e o pó de arroz derretido de seus cabelos secara nas rugas de sua testa. Ele fez uma careta, indicando que não queria lidar comigo, mas eu simplesmente continuei olhando-o fixamente, o mais perto que consegui chegar. Ele olhou à sua volta, na esperança de encontrar alguém para o qual me mandar, mas os três oficiais haviam desaparecido dentro da cabana. Ergueu um dos ombros em capitulação, desviando o olhar.

— Sim, vá, então — ele murmurou, virando-se de costas, resolutamente guardando a estrada, pela qual novos prisioneiros ainda eram conduzidos.

Uma rápida volta pelo campo produziu três baldes e o mesmo número de mulheres sensatas, preocupadas, mas não histéricas. Eu as mandei para o riacho e comecei a avaliar a área, fazendo um rápido levantamento da situação — tanto para manter minha própria preocupação sob controle quanto porque não havia mais ninguém para fazer isso.

Seríamos mantidos ali por muito tempo?, eu me perguntei. Se fôssemos ficar ali por mais do que algumas horas, trincheiras sanitárias tinham que ser cavadas — mas os soldados teriam a mesma necessidade. Assim sendo, eu iria deixar isso a cargo do exército. A água estava a caminho; iríamos ter que nos revezar até o riacho sem parar durante algum tempo. Abrigo... Olhei para o céu; estava nublado, mas claro. Os que podiam se locomover sozinhos já estavam ajudando a arrastar os desesperadamente doentes ou feridos para a sombra das árvores em um dos lados do campo.

Onde estava Jamie? Teria conseguido escapar?

Acima das chamadas e conversas ansiosas, eu ouvia de vez em quando o murmúrio de trovões distantes. O ar grudava-se em minha pele, carregado de umidade. Iriam ter que nos levar para algum lugar — para o povoado mais próximo, onde quer que pudesse ser — mas isso poderia levar vários dias. Eu não tinha a menor ideia de onde estávamos.

Ele teria sido capturado também? Se assim fosse, iriam levá-lo para o mesmo lugar para onde levariam os inválidos?

A probabilidade era de que libertassem as mulheres, para não ter que alimentá-las. As mulheres, entretanto, permaneceriam ao lado de seus maridos doentes — ou a maioria o faria —, compartilhando qualquer alimento disponível.

Eu atravessava o campo devagar, fazendo uma triagem mental — o homem na maca lá adiante iria morrer, talvez antes do anoitecer; eu podia ouvir os estertores de sua respiração a dois metros de distância — quando avistei um movimento na varanda da cabana.

A família — duas mulheres adultas, dois adolescentes, três crianças e um bebê de colo — partia, levando cestos, cobertores e os poucos utensílios domésticos que conseguiam carregar. Um dos oficiais os acompanhava; conduziu-os através da plantação e falou com um dos guardas, evidentemente instruindo-o para deixar as mulheres passarem. Uma das mulheres parou na beira da estrada e olhou para trás — apenas uma vez. Os demais seguiram diretamente em frente, sem olhar para trás.

Onde estavam os homens da família?

Onde estão os meus?

— Olá — eu disse, sorrindo para um homem com uma perna recentemente amputada. Eu não sabia seu nome, mas reconheci seu rosto; era um dos poucos negros do Ticonderoga, um carpinteiro. Ajoelhei-me ao seu lado. Suas ataduras estavam torcidas e o toco de sua perna exsudava intensamente. — Fora a perna, como se sente? — Sua pele estava cinzenta e pegajosa como um lençol molhado, mas ele me deu um leve sorriso em resposta.

— Minha mão esquerda não está doendo muito agora. — Ergueu-a para ilustrar, mas deixou-a cair como um pedaço de chumbo, sem forças para mantê-la erguida.

— Isso é bom — eu disse, deslizando meus dedos por baixo de sua coxa para levantá-la. — Deixe-me ajeitar isso para você. Vamos lhe trazer um pouco de água em um minuto.

— Seria muito bom — murmurou, e fechou os olhos contra a claridade do sol.

A ponta solta da bandagem desfeita estava torcida para cima como a língua de uma cobra, dura de sangue seco, e o curativo fora de lugar. O curativo em Si, uma cataplasma de sementes de linho e terebintina, estava encharcado, cor-de-rosa com o vazamento de sangue e linfa. Mas não havia outra escolha senão utilizá-lo de novo.

— Qual é o seu nome?

— Walter. — Seus olhos ainda estavam fechados, a respiração curta e superficial. A minha também; o ar denso e quente era como uma atadura de pressão em volta do meu peito. — Walter... Woodcock.

— Prazer em conhecê-lo, Walter. Meu nome é Claire Fraser.

— Conheço a senhora — ele murmurou. — É a mulher do Ruivo Grandão. Ele conseguiu deixar o forte?

— Sim — eu disse, e enxuguei o rosto no ombro para manter o suor fora dos meus olhos. — Ele está bem.

Meu Deus, que ele esteja bem.

O oficial inglês estava voltando na direção da cabana e passou a alguns passos de mim. Ergui os olhos e minhas mãos paralisaram.

Ele era alto, esbelto, mas de ombros largos, e eu teria reconhecido aquele modo de andar em largas passadas, aquela graciosidade inconsciente e aquela inclinação arrogante da cabeça em qualquer lugar. Ele parou, franzindo a testa, e virou a cabeça para inspecionar o campo revirado e coberto de lixo. Seu nariz era reto como a lâmina de uma faca, apenas um pouquinho longo demais. Fechei os olhos por um instante, zozna, certa de que estava tendo alucinações — mas os abri

outra vez imediatamente, sabendo que não estava.

— William Ransom? — disse num impulso, e ele virou a cabeça abruptamente em minha direção, surpreso. Olhos azuis, azuis-escuros, os olhos de gato dos Fraser, estreitados contra o sol até se tornarem apenas uma fenda.

— Hã... como?

Santo Deus, por que você foi falar com ele? Mas não pude me conter. Meus dedos apertavam-se contra a perna de Walter, segurando a bandagem; eu podia sentir seu pulso femoral contra a ponta dos meus dedos, batendo tão erráticamente quanto o meu próprio.

— Eu a conheço, madame? — William perguntou, com uma leve mesura.

— Bem, sim, conhece — eu disse, quase em tom de desculpas. — Você ficou algum tempo com minha família, há alguns anos. Um lugar chamado Fraser's Ridge.

Seu rosto mudou imediatamente diante do nome e seu olhar se aguçou, focalizando-se em mim com interesse.

— Ora, sim — ele disse, devagar. — Lembro-me. É a sra. Fraser, não? — Eu podia ver seus pensamentos funcionando e fiquei fascinada; ele não possuía a mesma habilidade de Jamie de ocultar o que se passava em sua mente — ou, se tinha, não a estava usando. Eu podia vê-lo se perguntando, sendo como era um rapaz gentil e educado, qual seria a reação social adequada a essa estranha situação e — um rápido olhar por cima do ombro para a cabana — como as exigências de seu dever poderiam estar em conflito com isso.

Seus ombros empertigaram-se com uma decisão, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa eu me adiantei.

— Acha que pode ser possível encontrar alguns baldes para água? E ataduras? — A maioria das mulheres já havia rasgado tiras de suas anáguas para essa função; se a situação se prolongasse por muito mais tempo, todas nós ficaríamos seminuas.

— Sim — ele respondeu devagar e abaixou os olhos para Walter, depois olhou para a estrada. — Baldes, sim. Há um médico com a divisão atrás de nós; quando eu tiver oportunidade, enviarei alguém de volta com um pedido de ataduras.

— E comida? — perguntei esperançosamente. Eu não havia comido mais do que um punhado de frutinhas silvestres ainda um pouco verdes em quase dois dias. Eu não estava sofrendo dores de fome — meu estômago parecia ter dado um nó mas estava com acessos de tontura, pontos negros passando diante dos meus olhos. Ninguém estava em muito melhor estado; iríamos perder vários inválidos por calor e fraqueza, se não nos dessem logo abrigo e comida.

Ele hesitou e vi seus olhos relancearem pelo campo, obviamente calculando números.

— Devem ser... Nossa caravana de suprimentos... — Seus lábios firmaram-se e ele sacudiu a cabeça. — Verei o que pode ser feito. Seu criado, madame. — Ele inclinou-se educadamente e virou-se, afastando-se a passos largos na direção da estrada. Observei-o ir, fascinada, o curativo encharcado pendendo de minha mão.

Ele possuía cabelos escuros, apesar de o sol acender um reflexo ruivo no alto de sua cabeça; não empoava os cabelos. Sua voz se tornara mais grave — bem, é claro que sim; ele não tinha mais do que doze anos da última vez que o vi — e a absoluta estranheza de ouvir Jamie falando um inglês culto me deu vontade de rir, apesar de nossa precária situação e de minha preocupação por Jamie e Ian. Sacudi a cabeça e retornei à tarefa à mão.

Um soldado inglês chegou uma hora depois de minha conversa com o tenente Ransom, carregando quatro baldes, que largou ao meu lado sem a menor cerimônia e sem nenhum comentário antes de se dirigir outra vez para a estrada. Duas horas depois, um enfermeiro de hospital, suando em bicas, veio caminhando arrastadamente pelo trigo pisoteado com duas grandes sacas cheias de bandagens. O mais interessante é que ele veio diretamente a mim, o que me fez imaginar como William havia me descrito para ele.

— Obrigada. — Peguei as sacas de bandagens com gratidão. — Acha... acha que logo teremos alguma coisa para comer?

O enfermeiro olhava por cima do campo, com uma careta. Claro — os inválidos provavelmente estavam prestes a se tornar sua responsabilidade. No entanto, ele voltou-se novamente para mim, educado, mas obviamente muito cansado.

— Duvido, madame. A caravana de suprimentos está dois dias atrás de nós e as tropas estão vivendo do que estão carregando ou do que encontram no caminho. — Balançou a cabeça indicando a estrada; do outro lado, eu podia ver vários soldados ingleses montando um acampamento. — Sinto muito — acrescentou formalmente, e virou-se para ir embora.

— Oh. — Ele parou e, removendo a tira de seu cantil, entregou-o a mim. Estava pesado e borbulhava tentadoramente. — O tenente Ellesmere disse que eu deveria lhe dar isso. — Sorriu brevemente, as rugas de cansaço se abrandando. — Disse que a senhora parecia com sede.

— Tenente Ellesmere. — Devia ser o título de William, percebi. — Obrigada. E Por favor agradeça ao tenente, se o vir. — Ele estava claramente prestes a ir embora, mas não pude deixar de perguntar: — Como você soube quem eu era?

O sorriso do rapaz se aprofundou enquanto ele olhava para a minha cabeça.

— O tenente disse que a senhora seria a de cabeleira encaracolada dando ordens como um sargento. — Ele olhou ao redor do campo mais uma vez, sacudindo a cabeça. — Boa sorte, madame.

Três homens morreram antes do pôr do sol. Walter Woodcock ainda estava vivo, porém muito mal. Havíamos removido o maior número possível de inválidos para a sombra das árvores ao longo da beira da plantação e eu havia dividido os gravemente feridos em pequenos grupos, cada qual com um balde e duas ou três mulheres ou inválidos em condições de andar acompanhando-os. Também designei uma área de latrina e fiz o melhor possível para separar os casos contagiosos daqueles que tinham febre por causa de ferimentos ou malária. Havia três sofrendo do que eu esperava que fosse apenas "febre de verão" e um que eu temia que fosse um caso de difteria. Sentei-me a seu lado — um jovem consertador de rodas de carroça de Nova Jersey — verificando as membranas de sua garganta a intervalos e dando-lhe tanta água quanto ele conseguia tomar. Mas não do meu cantil.

William Ransom, que Deus o abençoe, enchera o cantil com conhaque.

Eu o destampeei e tomei um pequeno gole. Eu havia enchido pequenas canecas para cada grupo, acrescentando cada caneca a um balde de água — mas guardara um pouco para meu próprio uso. Não por egoísmo; para o melhor ou para o pior, eu era a encarregada dos prisioneiros por enquanto. Precisava permanecer de pé.

Ou sentada sobre o traseiro, segundo as circunstâncias, pensei, recostando-me no tronco de um carvalho. Meus pés doíam, a dor subindo até os joelhos, minhas costas e minhas costelas davam físgadas de dor a cada respiração, e eu tinha que fechar os olhos de vez em quando para controlar a tontura. Mas estava sentada tranquilamente, pelo que parecia a primeira vez em vários dias.

Os soldados do outro lado da estrada cozinhavam suas parcas rações; minha boca se encheu de água e meu estômago se contraiu dolorosamente ao cheiro de carne assada e farinha. O menino da sra. Wellman choramingava de fome, a cabeça no colo da mãe. Ela afagava seus cabelos mecanicamente, os olhos fixos no corpo do marido, estendido ali perto. Não tínhamos nenhum lenço ou cobertor para servir de mortalha, mas alguém lhe dera um lenço para cobrir o rosto do morto. Havia muitas moscas.

O ar refrescara, graças a Deus, mas ainda estava pesado, ameaçando chover; os trovões eram um ronco débil e constante no horizonte e provavelmente teríamos um aguaceiro em algum momento durante a noite. Puxei o tecido empapado de suor que grudava em meu peito; eu duvidava que houvesse tempo de secar antes de ficarmos encharcados com a chuva. Olhei com inveja o acampamento do outro lado da estrada, com suas fileiras de pequenas barracas e abrigos de galhos e folhagens. Havia também uma barraca ligeiramente maior, dos oficiais, embora vários deles tivessem se aquartelado temporariamente na cabana confiscada.

Eu devia ir lá, pensei. Ver o oficial mais graduado presente e suplicar por comida, ao menos para as crianças. Quando a sombra daquele pinheiro alto tocasse

meu pé, decidi. Então, eu iria. Enquanto isso, destampeei o cantil e tomei mais um pequeno gole.

Um movimento atraiu minha atenção e eu ergui os olhos. A figura inconfundível do tenente Ransom saiu do meio das barracas e atravessou a estrada. Senti um pequeno alento em meu coração ao vê-lo, embora renovasse minha preocupação com Jamie — e me fizesse lembrar, com uma pontada no peito, de Brianna. Ao menos ela estava a salvo, pensei. Roger, Jemmy e Amanda também. Repeti seus nomes para mim mesma como um pequeno refrão de consolo, contando-os como moedas. Quatro deles a salvo.

William desfizera o laço de seu pescoço e seus cabelos estavam despenteados, seu casaco manchado de suor e terra. Evidentemente, a perseguição estava esgotando o exército britânico também.

Ele olhou ao redor do campo, avistou-me e virou-se decididamente em minha direção. Puxei meus pés para mim, lutando para me erguer contra a pressão da gravidade como um hipopótamo erguendo-se de um pântano.

Mal havia conseguido me colocar de pé e levantado a mão para alisar os cabelos quando a mão de outra pessoa cutucou minhas costas. Sobressaltei-me violentamente, mas por sorte não gritei.

— Sou eu, tia — o Jovem Ian sussurrou das sombras atrás de mim. — Venha... oh, minha Nossa!

William estava a dez passos de mim e, erguendo a cabeça, enxergou Ian. Ele deu um salto para frente e agarrou-me pelo braço, puxando-me com um safanão do meio das árvores. Dei um pequeno ganido, já que Ian segurava meu outro braço com igual força e me puxava vigorosamente naquela direção.

— Solte-a! — William gritou.

— De jeito nenhum — Ian retrucou furiosamente. — Solte-a você.

O menino da sra. Wellman estava de pé, olhando fixamente, com os olhos esbugalhados e a boca aberta, para dentro da floresta.

— Mamãe, mamãe! índios!

Gritos estridentes ergueram-se das mulheres perto de nós e todos começaram a se afastar atabalhoadamente da floresta, deixando os feridos entregues à própria sorte.

— Ah, moleque! — Ian disse-me, soltando-me contra a vontade. William não me soltou, mas puxou-me com tanta força que eu colidi com ele, quando então ele prontamente passou os braços ao redor de minha cintura e me arrastou um Pouco para dentro do campo.

— Quer fazer o favor de soltar minha tia? — Ian disse enfurecido, emergindo do meio das árvores.

— Você! — William disse. — O que está... bem, não importa. Sua tia, você

disse? — Olhou para mim. — Você é? Tia dele? Espere... não, claro que é.

— Sou — confirmei, empurrando seus braços. — Solte-me.

Ele afrouxou um pouco os braços, mas não me soltou.

— Quantos outros há aí? — quis saber, erguendo o queixo na direção da floresta.

— Se houvesse outros, você estaria morto — Ian informou-o. — Sou apenas eu. Entregue-a para mim.

— Não posso fazer isso. — Mas havia um tom de incerteza na voz de William e eu senti sua cabeça se virar, olhando na direção da cabana. Até agora, ninguém saíra, mas eu podia ver algumas das sentinelas próximas à estrada movendo-se de um lado para o outro, se perguntando o que estaria acontecendo. Os outros prisioneiros pararam de correr, mas tremiam com um começo de pânico, os olhos vasculhando freneticamente as sombras entre as árvores.

Bati energicamente no pulso de William com os nós dos dedos e ele me soltou, dando um passo para trás. Minha cabeça girava outra vez — no mínimo pela sensação muito peculiar de estar sendo abraçada por um completo estranho cujo corpo me parecia tão familiar. Ele era mais magro do que Jamie, mas...

— Você me deve uma vida ou não? — Sem esperar por uma resposta, Ian sacudiu o polegar para mim. — Sim, deve. A dela.

— Não se trata da vida dela — William disse, um pouco irritado, com um estranho sinal da cabeça em minha direção, reconhecendo que eu deveria ter um possível interesse na discussão. — Certamente não acha que nós matamos mulheres, não é?

— Não — Ian disse, sem se alterar. — Não, não acho, de modo algum. Eu sei muito bem que o fazem.

— Fazemos? — William replicou. Parecia surpreso, mas um rubor repentino ardeu em suas faces.

— Fazem — assegurei-lhe. — O general Howe enforcou três mulheres diante de seu exército em Nova Jersey, para servir de exemplo.

Ele pareceu inteiramente perplexo com isso.

— Bem... mas, elas eram espiãs!

— Acha que eu não pareço uma espiã? — perguntei. — Agradeço muito a boa opinião que tem a meu respeito, mas não creio que o general Burgoyne iria compartilhar dessa opinião. — Havia, é claro, muitas outras mulheres que haviam morrido nas mãos do exército britânico, ainda que menos oficialmente, mas aquele não parecia o momento de fazer um levantamento dos casos.

— O general Burgoyne é um cavalheiro — William disse rigidamente. — E eu também.

— Ótimo — Ian retrucou sucintamente. — Vire-se de costas por trinta

segundos e nós não o importunaremos mais.

Eu não sei se ele teria feito isso ou não, mas exatamente nesse instante gritos de índios rasgaram o ar, vindos da extremidade oposta da estrada. Ouviram-se novos e frenéticos gritos dos prisioneiros e eu mordi a própria língua para não gritar também. Uma labareda ergueu-se do topo da tenda dos oficiais para o alto do céu cor de lavanda. Enquanto eu olhava boquiaberta, mais dois cometas flamejantes atravessaram o céu. Parecia a descida do Espírito Santo, mas antes que eu pudesse mencionar essa interessante observação Ian já agarrara meu braço e me puxara violentamente, quase me arrancando do chão.

Consegui agarrar o cantil ao passar, em uma louca corrida para a floresta. Ian segurou-o para mim, quase me arrastando em sua pressa. Tiros e gritos espocavam às nossas costas e a pele ao longo de minha espinha dorsal se contraiu de medo.

— Por aqui. — Eu o segui alheia a qualquer coisa no chão, tropeçando e torcendo os tornozelos na luz do crepúsculo, conforme nos atirávamos de cabeça no mato, esperando a cada momento levar um tiro nas costas.

Tal é a capacidade do cérebro para se divertir que eu era capaz de imaginar com detalhes vívidos meu ferimento, minha captura, o declínio para a infecção e a septicemia, e por fim uma morte lenta, mas não antes de ser obrigada a presenciar a captura e execução tanto de Jamie — eu havia reconhecido a origem dos gritos indígenas e das flechas de fogo sem dificuldade — quanto de Ian.

Foi somente quando reduzimos a marcha — forçosamente, eu tive uma pontada tão aguda no lado do corpo que mal consegui respirar — que eu pensei em outras coisas. Os doentes e feridos que eu deixara para trás. O jovem consertador de rodas de carroça com a garganta vividamente vermelha. Walter Woodcock, equilibrando-se à beira do abismo.

Você não poderia lhes dar mais do que a mão para segurar, disse a mim mesma furiosamente, mancando enquanto seguia Ian aos tropeções. Era verdade; eu sabia que era verdade. Mas também sabia que de vez em quando a mão de alguém no escuro dava ao doente algo a que se agarrar, contra a força do vento do anjo negro. As vezes, era o suficiente; às vezes, não. Mas a dor daqueles deixados para trás me segurava como a âncora de um navio, e eu não sabia ao certo se o que escorria pelo meu rosto era suor ou lágrimas.

Anoitecera completamente agora e as nuvens em ebulição cobriam a lua, permitindo apenas rápidos vislumbres de sua claridade brilhante. Ian diminuía ainda mais a marcha, para que eu pudesse acompanhá-lo, e de vez em quando segurava meu braço para ajudar a transpor pedras ou a atravessar arroios.

— Quanto... falta? — perguntei, parando mais uma vez para recobrar o fôlego.

— Não muito — a voz de Jamie respondeu suavemente ao meu lado. — Você está bem, Sassenach?

Meu coração deu um tremendo salto, em seguida aninhou-se outra vez em meu peito quando ele tateou buscando minha mão, depois me apertou contra Si. Tive um momento de alívio tão profundo que achei que meus ossos haviam se dissolvido.

— Sim — eu disse, falando para dentro de seu peito, e com grande esforço levantei a cabeça. — E você?

— Bem, agora — ele disse, passando a mão pela minha cabeça, tocando meu rosto. — Consegue andar mais um pouco?

Empertiguei-me, cambaleando um pouco. Começara a chover; gotas grandes caíam em meus cabelos, frias e surpreendentes em meu couro cabeludo.

— Ian... está com aquele cantil?

Houve um suave estalido e Ian colocou o cantil em minha mão. Muito cuidadosamente, virei-o na boca.

— É conhaque? — Jamie perguntou, parecendo atônito.

— Hum-hum. — Engoli, o mais devagar possível, e passei o cantil para ele. Ainda havia alguns goles.

— Onde conseguiu isso?

— Seu filho me deu — eu disse. — Onde estamos indo?

Houve uma longa pausa na escuridão e, em seguida, o barulho do conhaque sendo bebido.

— Sul — ele disse finalmente e, segurando minha mão, conduziu-me para dentro da floresta, a chuva sussurrando nas folhas à nossa volta.

Encharcados e trêmulos, alcançamos uma unidade de milícia pouco antes do amanhecer e quase levamos um tiro por engano de uma sentinela nervosa. A essa altura, eu não me importava realmente. Estar morta era imensamente preferível a ter que dar mais um passo.

Nossas credenciais tendo sido confirmadas, Jamie desapareceu momentaneamente e voltou com um cobertor e três broas de milho frescas. Consumi minha porção desse manjar dos deuses em exatos quatro segundos, enrolei-me no cobertor e deitei-me embaixo de uma árvore onde o solo era úmido, mas não encharcado, e com uma camada tão espessa de folhas mortas que cedia como uma esponja sob meu peso.

— Volto em um instante, Sassenach — Jamie sussurrou, agachando-se ao meu lado. — Não vá a lugar algum, hein?

— Não se preocupe, estarei aqui. Não vou mover um músculo sequer antes do Natal. — Um leve calor já retornava aos meus músculos trêmulos e o sono

puxava-me para baixo com a inexorabilidade da areia movediça.

Ele esboçou uma risada e estendeu a mão, ajeitando o cobertor ao redor dos meus ombros. A luz da aurora mostrava as rugas profundas que a noite esculpira em seu rosto, a terra e a exaustão que manchavam seus ossos fortes. A boca larga, comprimida por tanto tempo, relaxara agora no alívio da segurança momentânea, parecendo estranhamente jovem e vulnerável.

— Ele se parece com você — murmurei. Sua mão parou de se mover, ainda em meu ombro, e ele olhou para baixo, as pestanas longas encobrendo seus olhos.

— Eu sei — ele disse, muito suavemente. — Fale-me dele. Mais tarde, quando houver tempo.

Ouvi seus passos, o farfalhar nas folhas úmidas, e adormeci, uma prece por Walter Woodcock pela metade em minha mente.



JOGO DO DESERTOR

A prostituta grunhiu através do trapo agarrado com os dentes.

— Quase terminado — murmurei e corri as costas da minha mão delicadamente pela sua panturrilha como forma de tranquilizá-la, antes de retornar ao debridamento do feio ferimento em seu pé. O cavalo de um oficial a havia pisoteado quando eles — e muitas outras pessoas e animais — se atropelaram para beber água em um riacho durante a retirada. Eu podia ver com clareza a impressão dos cravos da ferradura do cavalo, negra na carne vermelha e inchada do peito de seu pé. A borda da ferradura, desgastada e afiada como a lâmina de uma navalha, fizera um corte curvo e profundo que atravessava os metatarsos, desaparecendo entre o quarto e o quinto dedos.

Eu temera ter que amputar o dedo mínimo — parecia pendurado apenas por um fio de pele —, mas quando examinei o pé mais detalhadamente descobri que todos os ossos estavam milagrosamente intactos — até onde eu podia dizer, sem acesso a um aparelho de raio X.

O casco do cavalo havia enterrado seu pé na lama da margem do riacho, ela me dissera; isso provavelmente salvara os ossos de serem esmagados. Agora, se eu pudesse conter a infecção e não tivesse que amputar o pé, ela talvez pudesse vir a andar normalmente outra vez. Talvez.

Com certo grau de cautelosa esperança, larguei o bisturi e peguei uma garrafa do que eu esperava que fosse um líquido contendo penicilina que eu trouxera comigo do forte. Eu salvara o tubo da ocular do microscópio do dr. Rawlings do incêndio da casa e o achei muito útil para iniciar fogueiras — mas sem os outros componentes seu uso em determinar o tipo dos micro-organismos era limitado. Eu podia ter certeza de que o que eu cultivara e filtrara era mofo de pão, sem dúvida — mas além disso...

Reprimindo um suspiro, despejei o líquido generosamente sobre a carne viva que eu acabara de expor. Não era alcoólico, mas a carne era viva. A prostituta emitiu um ruído agudo através do pano e respirou pelo nariz como uma máquina a

vapor, mas depois que terminei a compressa de lavanda e confrei, e enfaixei seu pé, ela estava calma, ainda que afogueada.

— Pronto — eu disse, com um tapinha em sua perna. — Acho que vai ficar bom. — Comecei a falar automaticamente. — Mantenha o ferimento limpo — mas mordi a língua. Ela não tinha sapatos, nem meias e caminhava diariamente através de uma região deserta, de pedras, terra e riachos, ou vivia em um acampamento imundo, emporcalhado de pilhas de fezes, tanto humanas quanto de animais. As solas de seus pés eram duras como cascos e negras como o diabo. Venha me ver em um ou dois dias — eu disse, ao invés. Se você puder, pensei. — Eu verificarei e trocarei o curativo. — Se eu puder, pensei, com um olhar para a mochila no canto, onde eu mantinha meu parco estoque de medicamentos.

— Muito obrigada — a prostituta disse, sentando-se e colocando o pé cuidadosamente no chão. A julgar pela pele de suas pernas e pés, ela era jovem, embora não se pudesse dizer pelo seu rosto. Sua pele era castigada pelas intempéries, sulcada de rugas de fome e tensão. As maçãs de seu rosto eram salientes de desnutrição e sua boca era murcha, para dentro, de um lado da boca onde faltavam dentes — perdidos para a cárie ou derrubados por um cliente ou outra prostituta. — Vai ficar aqui um pouco? — ela perguntou. — Tenho uma amiga, sabe, pegou coceira.

— Ficarei aqui pelo menos esta noite — assegurei-lhe, reprimindo um gemido ao me levantar. — Mande sua amiga vir. Verei o que posso fazer.

Nosso bando de milicianos se encontrara com outros, formando um grande grupo e, dentro de poucos dias, começamos a cruzar com outros grupos rebeldes. Estávamos encontrando fragmentos dos exércitos do general Schuyler e do general Arnold, esses também se movendo para o sul pelo Vale do Hudson.

Nós ainda nos movíamos o dia inteiro, mas começamos a nos sentir seguros o suficiente para dormir à noite, e com alimentação fornecida — irregularmente, mas ainda assim era comida — pelo exército minhas forças começaram a retornar. A chuva geralmente chegava à noite, mas hoje chovia desde o amanhecer e nos arrastamos pesadamente pela lama durante horas antes de surgir algum abrigo.

As tropas do general Arnold haviam saqueado e incendiado a casa da fazenda. O celeiro estava bastante chamuscado de um dos lados, mas o fogo se apagara antes de consumir o prédio.

Uma rajada de vento atravessou o celeiro, levantando pequenos redemoinhos de palha estragada e poeira, agitando nossas anáguas ao redor das pernas. O celeiro originalmente possuía assoalho de tábuas; eu podia ver as linhas das pranchas, marcadas na terra. Os exploradores as arrancaram para servir de lenha, mas felizmente não se deram ao trabalho de demolir o prédio.

Alguns dos refugiados do Ticonderoga haviam buscado abrigo ali; outros

chegariam antes do anoitecer. Uma mulher com dois filhos pequenos, exaustos, dormiam encolhidos junto à parede ao fundo; seu marido os instalara ali e saíra em busca de comida.

Orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno, nem no sábado...

Segui a prostituta até a porta e fiquei parada, vendo-a se afastar. O sol tocava o horizonte agora; talvez restasse uma hora de luz, mas a brisa do pôr do sol já agitava a copa das árvores, as saias da noite farfalhando com a sua chegada. Estremeci automaticamente, apesar de o dia ainda estar bastante ameno. O velho celeiro estava frio e as noites começavam a gelar. Qualquer dia desses, iríamos acordar para um campo coberto de geada.

E então, o quê?, disse a vizinha apreensiva que morava na boca do meu estômago.

— Então, calçarei outro par de meias — murmurei para ela. — Cale-se!

Uma pessoa verdadeiramente cristã sem dúvida teria dado o par de meias extra à prostituta descalça, observou a vizinha hipócrita da minha consciência.

— E você, cale-se também! — eu disse. — Haverá muitas oportunidades de ser cristã mais tarde, se eu tiver a urgente necessidade. Metade das pessoas em fuga precisava de meias, eu diria.

Eu me perguntei o que poderia fazer pela amiga da prostituta, caso ela realmente viesse. "A coceira" poderia ser qualquer coisa, de eczema ou varíola bovina a gonorreia — apesar de que, considerando-se a profissão da mulher, alguma doença venérea era a melhor aposta. Lá em Boston, provavelmente não passaria de uma simples candidíase — estranhamente, eu quase nunca via casos dessa infecção por aqui e especulei distraidamente que isso provavelmente se devia ao fato da falta quase universal de roupas de baixo. Ponto negativo para os avanços da modernidade!

Olhei para minha mochila outra vez, calculando o que ainda me restava e como poderia usá-lo. Uma boa quantidade de ataduras e algodão. Um pote de unguento de genciana, bom para arranhões e pequenos ferimentos, que ocorria em abundância. Um pequeno estoque das ervas mais úteis para tintura e compressa: lavanda, confrei, hortelã, semente de mostarda. Por milagre, eu ainda tinha a caixa de casca de cinchona que adquiri em New Bern — pensei em Tom Christie e me benzi, mas o afastei da mente; não havia nada que eu pudesse fazer por ele e muito a pensar ali mesmo. Dois bisturis que eu pegara no corpo do tenente Stactoe — ele sucumbira a uma febre na estrada — e minha tesoura cirúrgica de prata. As agulhas de acupuntura de ouro de Jamie poderiam ser usadas para tratar outras pessoas, mas eu não fazia a menor ideia de onde aplicá-las para qualquer outra doença que não enjoo do mar.

Eu podia ouvir vozes, grupos de exploradores movendo-se pelas árvores,

aqui e ali alguém chamando um nome, procurando um amigo ou um membro da família perdido no caminho. Os refugiados começavam a se instalar para a noite.

Gravetos estalaram perto de mim e um homem saiu de dentro do mato. Eu não o reconheci. Um dos chamados "meias sujas" de uma das milícias, sem dúvida; tinha um mosquete em uma das mãos e um chifre de pólvora na cintura. Quase nada mais. E, sim, estava descalço, apesar de seus pés serem grandes demais para usar minhas meias — um fato que ressaltei para a minha consciência, caso ela se sentisse tentada a me compelir a um comportamento caridoso outra vez.

Ele me viu na entrada do celeiro e levantou uma das mãos.

— Você é a curandeira? — ele perguntou.

— Sim. — Eu desistira de fazer as pessoas me chamarem de doutora.

— Encontrei uma prostituta com um bonito curativo no pé — o homem disse" com um sorriso. — Ela disse que havia uma curandeira aqui no celeiro que tem alguns remédios.

— Sim — eu disse outra vez, lançando-lhe um rápido olhar de cima a baixo. Não vi nenhum ferimento óbvio e ele não estava doente — eu podia saber pela sua cor e pela maneira firme como caminhava. Talvez tivesse uma esposa ou filho, ou um companheiro doente.

— Entregue tudo para mim agora — ele disse, ainda sorrindo, e apontou o cano do mosquete para mim.

— O quê? — exclamei, surpresa.

— Me dê os remédios que tem. — Fez um pequeno movimento de ataque com a arma. — Eu poderia simplesmente atirar em você e pegá-los, mas não quero desperdiçar pólvora.

Permaneci imóvel e fitei-o por um instante.

— Para que você precisa deles? — Eu já havia sido assaltada por remédios uma vez — em uma sala de emergências em Boston. Um jovem viciado, suando e com os olhos vidrados, com uma arma. Eu entreguei as drogas na mesma hora. No momento, eu não estava disposta a isso.

Ele resfolegou e engatilhou a arma. Antes que eu pudesse sequer pensar em sentir medo, ouviu-se um estrépito e o cheiro de fumaça de pólvora. O sujeito pareceu terrivelmente surpreso, o mosquete pendurado em suas mãos. Em seguida, caiu aos meus pés.

— Segure isso, Sassenach. — Jamie enfiou a pistola que acabara de ser disparada em minha mão, abaixou-se e segurou o corpo pelos pés. Arrastou-o para fora do celeiro, para a chuva. Engoli em seco, enfiei a mão em minha sacola e tirei o par de meias extra. Larguei as meias no colo da mulher e fui guardar a pistola e minha mochila junto à parede. Eu estava consciente dos olhos da mãe e das crianças em mim — e os vi se voltarem repentinamente para a porta aberta. Virei-me e vi

Jamie entrando, encharcado até os ossos, o rosto abatido e macilento de fadiga.

Ele atravessou o celeiro e sentou-se ao meu lado, colocou a cabeça sobre os joelhos e fechou os olhos.

— Obrigado, senhor — disse a mulher, muito suavemente. — Senhora.

Achei, por um instante, que ele havia adormecido instantaneamente, pois ele não se moveu. Após um instante, entretanto, ele disse, em uma voz igualmente suave:

— De nada, madame.

Fiquei mais do que contente ao encontrar os Hunter quando chegamos à vila seguinte; eles estavam em uma das balsas que foram capturadas no começo, mas haviam conseguido escapar pelo simples expediente de entrar para a floresta depois de anoitecer. Como os soldados que os haviam capturado não tinham se dado ao trabalho de contar os prisioneiros, ninguém notou que eles haviam partido.

De um modo geral, as coisas estavam melhorando um pouco. A comida começava a aparecer com mais abundância e nós estávamos entre membros oficiais do Exército Continental. No entanto, ainda estávamos apenas a alguns quilômetros à frente do exército de Burgoyne e o desgaste da longa retirada estava começando a se fazer sentir. A deserção era frequente — embora ninguém soubesse com que frequência. Organização, disciplina e estrutura militar começaram a se restaurar quando entramos nos domínios do Exército Continental, mas ainda havia homens que podiam simplesmente desaparecer sem serem notados.

Foi Jamie quem pensou no jogo dos desertores. Eles seriam acolhidos nos acampamentos britânicos, alimentados, vestidos e interrogados para dar informações.

— Então, vamos dar isso a eles, hein? — ele disse. — E é justo que façamos o mesmo em troca, não?

Sorrisos começaram a surgir nos semblantes dos oficiais a quem ele estava propondo a ideia. E dentro de poucos dias "desertores" cuidadosamente escolhidos dirigiam-se furtivamente aos acampamentos dos inimigos e eram levados à presença de oficiais britânicos, onde despejavam as histórias que haviam sido cuidadosamente preparadas. Após uma boa refeição, pegavam a primeira oportunidade para "desertar" outra vez, de volta para o lado americano — trazendo com eles informações úteis sobre as forças britânicas que nos perseguiam.

Ian visitava acampamentos indígenas de vez em quando, se parecessem seguros, mas não fazia este mesmo jogo; ele era facilmente lembrado. Achei que Jamie iria gostar de se fazer passar por desertor — isso o atrairia por sua noção de drama, bem como de aventura, que eram extremas. Seu tamanho e aparência formidáveis, entretanto, colocavam a ideia fora de consideração; os desertores tinham que ser homens de aparência comum, improváveis de serem reconhecidos posteriormente.

— Porque mais cedo ou mais tarde os ingleses vão perceber o que está acontecendo. Não são bobos. E não vão ser gentis quando perceberem.

Havíamos encontrado abrigo em outro celeiro para passar a noite — este não havia sido incendiado e ainda estava equipado com alguns montículos de feno mofado, apesar de os animais domésticos já terem desaparecido há muito tempo. Estávamos sozinhos, mas provavelmente não por muito tempo. O interlúdio no jardim do comandante parecia ter ocorrido na vida de outra pessoa, mas eu descansei a cabeça no ombro de Jamie, relaxando contra o calor de seu corpo sólido.

— Você acha que talvez...

Jamie parou abruptamente, a mão apertando minha perna. Um instante depois, ouvi o ruído furtivo que o alertara e minha boca ficou seca. Podia ser qualquer coisa, desde um lobo rondando a uma emboscada indígena, mas o que quer que fosse era de grande vulto e eu tateei — o mais silenciosamente possível pelo bolso onde eu guardara a faca que ele me dera.

Não era um lobo; algo passara diante do vão da porta aberta, uma sombra da altura de um homem, e desaparecera. Jamie apertou minha coxa e se afastou, Movendo-se agachado pelo celeiro vazio silenciosamente. Por um instante, não consegui vê-lo no escuro, mas meus olhos estavam bem adaptados e eu o encontrei alguns segundos depois, uma longa sombra escura pressionada contra a parede, perto da porta.

A sombra do lado de fora voltara; vi a breve silhueta de uma cabeça contra a escuridão mais clara da noite lá fora. Puxei os pés para mim, de prontidão para levantar, a pele pinicando de medo. A porta era a única saída; talvez eu devesse me atirar no chão e rolar para junto da base da parede. Talvez assim não fosse detectada — ou, com sorte, pudesse agarrar os tornozelos de um intruso, ou apunhalar seu pé.

Eu estava prestes a implementar essa estratégia quando um sussurro trêmulo veio da escuridão.

— Amigo... amigo James? — disse a voz, e eu soltei de repente a respiração que estivera prendendo.

— É você, Denzell? — eu disse, tentando fazer minha voz soar normal.

— Claire! — Ele lançou-se repentinamente pela porta, aliviado, prontamente tropeçou em alguma coisa e estatelou-se no chão com uma pancada.

— Bem-vindo de volta, amigo Hunter — Jamie disse, a necessidade nervosa de rir evidente em sua voz. — Se machucou? — A longa sombra destacou-se da parede e abaixou-se para ajudar nosso visitante a se levantar.

— Não. Não, acho que não. Embora na realidade eu mal saiba... James, eu consegui!

Houve um silêncio momentâneo.

— A que distância, a charaid? — Jamie perguntou serenamente. — E estão

se movendo?

— Não, graças a Deus. — Denzell sentou-se abruptamente ao meu lado e eu pude sentir que tremia. — Estão esperando que suas carroças os alcancem. Eles não ousam se distanciar muito de sua linha de suprimentos e estão tendo dificuldades terríveis; nós acabamos com as estradas — o orgulho em sua voz era palpável — e a chuva ajudou muito também.

— Sabe quanto tempo ainda?

Vi Denzell balançar a cabeça, ansioso.

— Um dos sargentos disse que ainda deve levar dois, até mesmo três dias. Ele dizia a um de seus soldados para ser cauteloso com a farinha e a cerveja, já que não teriam mais até as carroças de suprimento chegarem.

Jamie expirou e senti um pouco da tensão abandoná-lo. A minha também, e senti uma apaixonada onda de gratidão. Haveria tempo para dormir. Eu apenas começara a relaxar um pouco; agora a tensão fluía para fora de mim como água, a tal ponto que eu mal notei o que mais Denzell tinha a confidenciar. Ouvi a voz de Jamie, murmurando congratulações; ele deu um tapa no ombro de Denzell e deslizou para fora do celeiro, sem dúvida para passar adiante as informações.

Denzell permaneceu sentado, imóvel, respirando ruidosamente. Reuni o que restara de minha concentração e fiz um esforço para ser amável.

— Eles lhe deram de comer, Denzell?

— Oh. — A voz de Denzell mudou e ele começou a tatear no bolso. — Tome. Trouxe isso para você. — Enfiou alguma coisa em minhas mãos: um pequeno pão amassado, um pouco queimado nas bordas; pude notar pela crosta dura e pelo cheiro de cinzas. Minha boca começou a salivar incontrolavelmente.

— Oh, não — consegui dizer, tentando devolver-lhe o presente. — Você devia...

— Eles me alimentaram — garantiu-me. — Uma espécie de ensopado. Comi tudo que pude. E tenho outro pão no bolso para minha irmã. Eles me deram a comida — assegurou-me ansiosamente. — Não roubei.

— Obrigada — consegui dizer, e com todo o autocontrole possível cortei o pão ao meio e guardei metade em meu bolso para Jamie. Em seguida, enfiei o restante na boca e arranquei pedaços como um lobo rasgando bocados sangrentos de uma presa.

O estômago de Denny fazia eco ao meu, roncando como uma série de enormes burburinhos.

— Achei que você tinha dito que comeu! — eu disse, acusadoramente.

— E comi. Mas parece que o ensopado não quer parar quieto — ele disse, com uma pequena risada. Inclinou-se para frente, os braços cruzados sobre o estômago. — Eu... hum, você teria um pouco de água de cevada ou hortelã à mão,

amiga Claire?

— Tenho — eu disse, imensamente aliviada por ainda ter um pouco de remédios em minha mochila. Não havia muita coisa, mas eu tinha hortelã. Não havia água quente; dei-lhe um punhado para mascar, engolido com água do cantil. Ele bebeu avidamente, arrotou e depois parou, respirando de tal forma que me revelou exatamente o que estava acontecendo. Eu o conduzi apressadamente para o lado e segurei sua cabeça enquanto ele vomitava, perdendo tanto a hortelã quanto o ensopado.

— Comida estragada? — perguntei, tentando sentir sua testa, mas ele se afastou de mim, desmoronando em um monte de palha, a cabeça entre os joelhos.

— Ele disse que me enforcaria — ele sussurrou repentinamente.

— Quem?

— O oficial inglês. Um tal de capitão Bradbury, acho que se chamava. Disse que achava que eu estava brincando de espião e se não confessasse imediatamente ele iria me enforcar.

— Mas não o fez — eu disse suavemente, colocando a mão em seu braço.

Todo o seu corpo tremia e eu vi uma gota de suor pingando da ponta de seu queixo, translúcida na penumbra.

— Eu disse a ele... disse a ele que podia me matar. Se quisesse. E realmente achei que ele fosse me matar. Mas não o fez. — Ele respirava pesadamente e eu Percebi que ele estava chorando, silenciosamente.

Passei os braços ao seu redor, abracei-o, procurando tranquilizá-lo e, após instantes, ele parou. Ficou em silêncio por alguns minutos.

— Eu pensei... que estava preparado para morrer — ele disse suavemente. — Que eu iria feliz para o Senhor, a qualquer momento que Ele me chamasse. Estou envergonhado de descobrir que não era verdade. Tive tanto medo.

Respirei profundamente e sentei-me ao seu lado.

— Sempre me perguntei sobre mártires — eu disse. — Ninguém nunca disse que eles não tiveram medo. E apenas que eles estavam dispostos a ir e fazer o que tinham que fazer apesar do medo. Você foi.

— Eu não tinha intenção de ser um mártir — ele disse após um instante. Ele soou tão dócil que tive vontade de rir.

— Duvido muito que alguém tenha — eu disse. — E acho que uma pessoa que tivesse seria realmente arrogante. Já é tarde, Denzell, e sua irmã deve estar preocupada. E com fome.

Passou-se uma hora ou mais antes de Jamie retornar. Eu estava deitada no feno, coberta com meu xale, mas não estava dormindo. Ele arrastou-se para o meu lado e deitou-se, suspirando, colocando um braço sobre mim.

— Por que ele? — perguntei após um instante, tentando manter a voz calma.

Não funcionou; Jamie era extremamente sensível a tonalidades de voz, de qualquer pessoa, mas particularmente da minha. Vi sua cabeça virar-se abruptamente para mim, mas ele parou um instante antes de responder.

— Ele quis ir — disse, saindo-se muito melhor com a aparência de calma do que eu. — E eu achei que ele se sairia bem.

— Sair-se bem? Ele não é nenhum ator! Sabe que ele não pode mentir; ele deve ter gaguejado e tropeçado nas palavras! Estou abismada que tenham acreditado nele... se é que acreditaram — acrescentei.

— Oh, eles acreditaram, sim. Acha que um verdadeiro desertor não ficaria aterrorizado, Sassenach? — ele disse, parecendo achar graça. — Eu queria que ele entrasse lá suando e gaguejando. Se eu tivesse tentado lhe dar falas para decorar, eles o teriam fuzilado na hora.

A ideia fez o bolo de pão subir à minha garganta. Forcei-o para baixo outra vez.

— Sim — eu disse, e respirei fundo algumas vezes, sentindo o suor frio pinicando meu próprio rosto, vendo o pequeno Denny Hunter, suando e gaguejando diante dos olhos frios de um oficial britânico. — Sim — eu disse outra vez.

— Mas... uma outra pessoa não poderia ter feito isso? Não se trata apenas do fato de Denny Hunter ser um amigo, ele é um médico. Ele é necessário.

A cabeça de Jamie virou-se para mim outra vez. O céu lá fora começava a clarear; eu podia ver o contorno de seu rosto.

— Não me ouviu dizer que ele queria fazer isso, Sassenach? — ele perguntou. — Eu não pedi a ele. Na verdade, tentei dissuadi-lo, pela mesma razão que você disse. Mas ele não quis saber disso e só me pediu que tomasse conta de sua irmã, caso ele não voltasse.

Rachel. Meu estômago se apertou de novo à menção de sua irmã.

— O que ele podia estar pensando?

Jamie suspirou profundamente e virou-se de costas.

— Ele é um quaker, Sassenach. Mas ele é um homem. Se ele fosse o tipo de homem que não lutaria por suas crenças, teria permanecido em seu vilarejo, fazendo curativos em cavalos e cuidando da irmã. Mas ele não é. — Sacudiu a cabeça e olhou para mim. — Teria preferido que eu ficasse em casa, Sassenach? Que eu desse as costas à luta?

— Teria — eu disse, a agitação transformando-se em exasperação. — Num piscar de olhos. Eu simplesmente sei que você não faria isso, portanto, de que adianta?

Isso o fez rir.

— Então, você compreende — ele disse, segurando minha mão. — É o mesmo para Denzell Hunter, hein? Se ele está decidido a arriscar a vida, então é meu

dever assegurar que ele obtenha o máximo retorno de seu jogo.

— Não se esquecendo de que o retorno da maior parte do jogo é um zero grande e redondo — observei, tentando soltar minha mão. — Nunca ninguém lhe disse que a casa sempre ganha? — Ele não me soltava, mas começara a correr o polegar delicadamente para frente e para trás sobre as pontas dos meus dedos.

— Sim, bem. Você avalia as chances e corta as cartas, Sassenach. E nem tudo é sorte, hein? — A luz aumentara, daquele jeito imperceptível que precede a aurora. Nada tão flagrante quanto um raio de sol, apenas um emergir gradual de objetos conforme as sombras à volta passavam do negro, ao cinza e ao azul.

Seu polegar deslizou pela palma da minha mão e eu dobrei meus dedos involuntariamente sobre ele.

— Por que não há uma palavra que signifique o contrário de "esvanecer"? — perguntei, observando as linhas de seu rosto emergirem das sombras da noite. Tracei a forma de uma fronte áspera com meu polegar e senti o emaranhado de cerdas curtas de sua barba contra a palma de minha mão, mudando conforme eu observava de uma mancha amorfa a anéis distintos, minúsculos e crespos, um aglomerado brilhante de castanho-avermelhado, ouro e prata, vigoroso contra a pele castigada pelas intempéries.

— Acho que não é necessário — ele disse. — Se estiver falando da luz. — Olhou para mim e sorriu quando eu vi seus olhos traçarem os contornos do meu rosto. — Quando a luz está esvanecendo, a noite está chegando, e quando a luz aumenta novamente é a noite que está esvanecendo, certo?

Certo. Deveríamos dormir, mas o exército estaria ativo ao nosso redor em Pouco tempo.

— Por que será que as mulheres não fazem a guerra?

— Não foram feitas para isso, Sassenach. — Sua mão segurou meu rosto, forte e e áspera. — E não seria certo; vocês mulheres levam muita coisa com vocês quando viajam.

— O que quer dizer com isso?

Fez um pequeno movimento com os ombros que significava que estava procurando a palavra ou a ideia certa, um movimento inconsciente, como se seu casaco estivesse apertado demais, apesar de não estar usando um no momento.

— Quando um homem morre, é apenas ele — ele disse. — E um é basicamente igual ao outro. Sim, uma família precisa de um homem, para alimentá-la, protegê-la. Mas qualquer homem decente pode fazer isso. Uma mulher... — Seus lábios moveram-se contra as pontas dos meus dedos, um leve sorriso. — Uma mulher leva a vida com ela quando morre. Uma mulher é... possibilidade infinita.

— Idiota — eu disse, brandamente. — Se acha que um homem é igual a qualquer outro.

Ficamos em silêncio por um instante, observando a luz aumentar.

— Quantas vezes você fez isso, Sassenach? — ele perguntou repentinamente.

— Ficou entre a escuridão e o alvorecer, segurando o medo de um homem nas palmas de suas mãos?

— Muitas — eu disse, mas não era a verdade, e ele sabia disso. Ouvi sua respiração, um humor muito leve, e ele virou a palma de minha mão para cima, o enorme polegar traçando as colinas e vales, juntas e calos, a linha da vida e a linha do coração, e a elevação lisa e macia do monte de Vênus, onde a cicatriz fraca da letra "J" era quase invisível. Eu o segurara em minha mão a maior parte da minha vida. — Parte do trabalho — eu disse, sem nenhuma intenção de petulância, e ele não tomou como tal.

— Acha que não tenho medo? — ele perguntou serenamente. — Quando faço meu trabalho?

— Oh, você tem medo — eu disse. — Mas o faz mesmo assim. Você é um maldito jogador, e o maior jogo de todos é a vida, certo? Talvez a sua, talvez a de outra pessoa.

— Sim, bem — ele disse suavemente. — Você deve saber isso melhor do que ninguém.

— Não estou tão preocupado por mim mesmo — ele disse pensativamente.

— Considerando tudo, quero dizer, eu fiz algumas coisas úteis aqui e ali. Meus filhos estão crescidos; meus netos prosperam. Isso é o mais importante, não é?

— É, sim — eu disse. O sol nascera; ouvi um galo cantar, ao longe.

— Bem. Não posso dizer que tenho tanto medo quanto costumava ter. Não gostaria de morrer, é claro, mas haveria menos pesar nisso. Por outro lado — um canto de sua boca torceu-se para cima enquanto ele olhava para mim —, embora eu possa estar com menos medo por mim mesmo, estou um pouco mais relutante em matar jovens que ainda não viveram suas vidas. — E isso, pensei, era o mais perto que eu conseguiria chegar de um pedido de desculpas por Denny Hunter.

— Vai começar a calcular a idade das pessoas que atiram em você? — perguntei, sentando-me e começando a tirar o feno dos meus cabelos.

— É difícil — ele admitiu.

— E eu sinceramente espero que não se disponha a deixar algum presunçoso matá-lo, meramente porque ele ainda não teve uma vida tão completa quanto a sua.

Ele sentou-se também e olhou diretamente para mim, sério, pontas de feno despontando de seus cabelos e roupas.

— Não — ele disse. — Eu o matarei. Só vou lamentar mais.



DIA DA INDEPENDÊNCIA

Filadélfia

4 de julho de 1777

Grey nunca havia estado na Filadélfia antes. Fora as ruas, execráveis, parecia uma cidade agradável. O verão adornara as árvores da cidade com enormes copas verdejantes e um passeio a pé deixou-o ligeiramente polvilhado de fragmentos de folhas e as solas de suas botas grudentas da resina caída. Talvez fosse a temperatura febril do ar a responsável pelo evidente estado de espírito de Henry, pensou sombriamente.

Não que culpasse seu sobrinho. A sra. Woodcock era graciosa, mas meio roliça, com um lindo rosto e uma personalidade afetuosa. E ela havia cuidado dele, arrancando-o das portas da morte quando o oficial da prisão local o trouxera para ela, preocupado de que um prisioneiro potencialmente lucrativo morresse antes de proporcionar uma boa colheita. Esse tipo de coisa criava um laço, ele sabia — embora ele nunca, graças a Deus, tivesse sentido algum tipo de tendresse por qualquer uma das mulheres que cuidaram dele na doença. Exceto...

— Merda — disse involuntariamente, fazendo um senhor com aparência de sacerdote lançar-lhe um olhar arregalado ao passar.

Ele colocou uma xícara imaginária sobre o pensamento que zumbiu pela sua mente como uma mosca intrometida. Porém, incapaz de ignorá-la, ele levantou a xícara cautelosamente e encontrou Claire Fraser sob ela. Relaxou um Pouco.

Certamente não uma tendresse. Por outro lado, diabos o carregassem se soubesse dizer do que se tratava. Uma espécie de intimidade perturbadora muito peculiar, ao menos — sem dúvida por ela ser a mulher de Jamie Fraser e saber dos sentimentos dele em relação a Jamie. Descartou Claire Fraser e voltou a se preocupar com o próprio sobrinho.

Agradável a sra. Woodcock inegavelmente era e também inegavelmente um pouco interessada demais em Henry para uma mulher casada — embora seu marido

fosse um rebelde, Henry lhe contara, e só Deus soubesse quando ou se voltaria. Muito bem, não havia perigo de Henry perder a cabeça e casar-se com ela, ao menos. Podia imaginar o escândalo se Henry levasse para casa a viúva de um carpinteiro, e ainda por cima ela sendo uma feiticeira negra. Riu com a ideia e sentiu-se mais caridoso em relação a Mercy Woodcock. Ela havia afinal salvo a vida de Henry.

Por enquanto. O pensamento indesejado penetrou zumbindo em sua mente antes que ele pudesse virar a xícara sobre ele. Não conseguiu evitá-lo por muito tempo. Ele continuava voltando.

Ele compreendia a relutância de Henry de se submeter a nova cirurgia. E havia o persistente temor de que ele pudesse estar fraco demais para suportá-la. Mas, ao mesmo tempo, ele não podia permanecer no estado atual; iria apenas definhando e morrer, depois que a doença e a dor tivessem exaurido o pouco que restava de sua vitalidade. Nem mesmo os corpulentos atributos da sra. Woodcock o manteriam vivo, quando isso acontecesse.

Não, a cirurgia tinha que ser feita, e logo. Nas conversas de Grey com o dr. Franklin, ele lhe falara de um amigo, dr. Benjamin Rush, que ele alegava ser um médico absolutamente prodigioso. O dr. Franklin insistiu com Grey para que fosse visitá-lo, se um dia estivesse na cidade — na verdade, dera uma carta de apresentação a Grey. Ele estava a caminho de apresentá-la, na esperança de que o dr. Rush fosse um cirurgião experiente ou capaz de indicar-lhe a alguém que fosse. Porque, quer Henry quisesse ou não, tinha que ser feito. Grey não podia levar Henry de volta para casa na Inglaterra no estado em que se encontrava, e ele prometera tanto a Minnie quanto a seu irmão que levaria seu filho mais novo de volta, se ainda estivesse vivo.

Seu pé escorregou em uma pedra do calçamento enlameado, ele soltou uma exclamação e lançou-se para o lado, os braços girando como um cata-vento em busca de equilíbrio. Conseguiu equilibrar-se e ajeitou as roupas novamente com grande dignidade, ignorando as risadinhas de duas jovens vendedoras de leite que observaram a cena.

Droga, ela estava de volta. Claire Fraser. Por quê?... Claro. O éter, como ela chamava aquilo. Ela lhe pedira um garrafão de uma espécie de ácido e lhe dissera que precisava para fazer éter. Não no reino do etéreo, mas uma substância química que deixava as pessoas inconscientes, para que a cirurgia pudesse ser feita... sem dor.

Parou repentinamente no meio da rua. Jamie lhe contara sobre as experiências de sua mulher com a substância, com um relato completo da extraordinária operação que realizara em um garoto, ele tendo ficado completamente inconsciente enquanto ela abria sua barriga, removia o órgão infeccionado e o

costurava de novo. Após o que o menino ficou bom, alegre e cheio de energia, aparentemente.

Continuou a andar, mais devagar, pensando sem parar. Ela viria? Era uma jornada penosa de Fraser's Ridge para praticamente qualquer lugar. Mas não uma viagem terrível da montanha para o litoral. Era verão, o tempo estava bom; a viagem poderia ser feita em menos de duas semanas. E se ela viesse a Wilmington, ele poderia providenciar para que fosse levada à Filadélfia em qualquer embarcação naval disponível — ele conhecia muita gente na marinha.

Quanto tempo? Quanto tempo ela levaria — se viesse? Um pensamento mais sombrio: quanto tempo Henry tinha?

Ele foi arrancado dessas reflexões perturbadoras pelo que parecia ser uma pequena baderna descendo a rua em sua direção. Várias pessoas, a maioria bêbadas a julgar pelo comportamento, que envolvia muita gritaria e empurrões e acenos com lenços. Um rapaz tocava um tambor, com muito entusiasmo e nenhuma habilidade, e duas crianças seguravam um estranho estandarte, com listras vermelhas e brancas, mas sem nenhuma inscrição.

Ele encostou numa parede, abrindo caminho para a passagem da turba. No entanto, eles não passaram, mas pararam diante de uma casa do outro lado da rua e ficaram lá, gritando palavras em inglês e alemão. Ele ouviu um grito de "Liberdade!" e alguém fez soar um toque de ataque de cavalaria em uma corneta. Em seguida, ele ouviu os gritos: "Rush! Rush! Rush!"

Santo Deus, devia ser a casa que ele estava procurando, a do dr. Rush. A turba parecia bem-humorada; imaginava que não pretendessem arrastar o médico para fora para uma dose de alcatrão e penas, esta sendo uma forma notável de entretenimento público, ou assim ele fora informado. Cautelosamente, aproximou-se e bateu de leve no ombro de uma mulher.

— Desculpe-me. — Tinha que se inclinar para perto e gritar em seu ouvido para ser escutado; ela girou nos calcanhares e pestanejou, surpresa, depois notou seu colete de borboletas e abriu um largo sorriso. Ele retribuiu o sorriso.

— Estou procurando o dr. Benjamin Rush — ele gritou. — Esta é a casa dele?

— Sim, é. — Um jovem ao lado da mulher ouviu-o e virou-se, as sobancelhas levantando-se ao ver Grey. — Tem negócios a tratar com o dr. Rush?

— Tenho uma carta de apresentação a ele de um cavalheiro chamado dr. Franklin, um amigo em comum...

O rosto do rapaz abriu-se em um largo sorriso. No entanto, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, a porta da casa se abriu e um homem esbelto, muito bem-vestido, de trinta e poucos anos, surgiu na entrada. Ouviu-se um rugido da multidão e o sujeito, que devia ser o próprio dr. Rush, estendeu as mãos para eles,

rindo. A algazarra se aquietou por um instante, o sujeito inclinando-se para falar com alguém na multidão. Em seguida, entrou na casa, Saiu outra vez já de casaco, desceu os degraus da varanda debaixo de fragorosos aplausos e toda a multidão se moveu outra vez, tocando tambor e corneta com renovado fervor.

— Venha! — o jovem gritou em seu ouvido. — Vai haver cerveja de graça!

E foi assim que lorde John Grey se viu no salão de uma próspera taverna, comemorando o primeiro aniversário da publicação da Declaração da Independência. Houve discursos políticos inflamados, ainda que não muito eloquentes, e foi no decurso dessa celebração que Grey ficou sabendo que o dr. Rush não só era um simpatizante dos rebeldes rico e influente, mas ele próprio um importante rebelde; na realidade, como ficou sabendo através de seus novos amigos, tanto Rush quanto o dr. Franklin haviam eles próprios assinado o documento.

A notícia de que Grey era amigo de Franklin se espalhou pelas pessoas ao redor e assim ele foi muito saudado, sendo por fim levado sem realmente perceber através da multidão, até se ver cara a cara com Benjamin Rush.

Não era a primeira vez que Grey se via muito próximo a um criminoso, e ele manteve a compostura. Aquela obviamente não era a hora de falar da situação de seu sobrinho a Rush, e Grey contentou-se em apertar a mão do jovem médico e mencionar sua ligação com Franklin. Rush foi muito cordial e gritou acima do barulho que Grey deveria ir visitá-lo em sua casa quando ambos estivessem livres, talvez de manhã.

Grey expressou sua grata aceitação do convite e retirou-se educadamente através da multidão, esperando que a Coroa não conseguisse enforcar Rush antes de ele ter a chance de examinar Henry.

Um alarido lá fora na rua causou uma pausa nas festividades. Ouviam-se uma grande gritaria e o som de projéteis atingindo a frente do prédio. Um desses — uma pedra grande e enlameada — atingiu e estilhaçou uma vidraça do estabelecimento, permitindo que os berros de "Traidores! Renegados!" fossem ouvidos com mais clareza.

— Cala a boca, puxa-saco! — gritou alguém de dentro da taverna. Bolotas de lama e mais pedras foram arremessadas, algumas através da porta aberta e da janela quebrada, juntamente com gritos patrióticos de "Deus salve o Rei!".

— Castrem o desgraçado legalista! — gritou em resposta o rapaz que Grey conhecera anteriormente, e metade da taverna correu para a rua, alguns parando para quebrar pernas dos bancos, como auxílio para a discussão política que se seguiu.

Grey ficou um pouco preocupado de que Rush fosse abordado pelos legalistas na rua e atacado antes que pudesse ser útil a Henry, mas Rush e alguns outros que ele imaginou serem rebeldes proeminentes também mantiveram-se afastados da rixa e, depois de confabularem rapidamente, decidiram ir embora pela

cozinha da taverna.

Grey se viu na companhia de um homem de Norfolk chamado Paine, um miserável malnutrido, malvestido, com um nariz grande e uma personalidade esfuziante, possuidor de opiniões fortes sobre questões de liberdade e democracia, e de um extraordinário domínio de epítetos referentes ao rei. Achando a conversa difícil, já que não podia razoavelmente expressar nenhuma de suas opiniões contrárias sobre esses assuntos, Grey pediu licença com a intenção de seguir Rush e seus amigos pelos fundos.

O motim lá fora, tendo atingido um breve crescendo, prosseguiu para sua conclusão natural com a fuga dos legalistas, e agora as pessoas começavam a fluir para dentro da taverna outra vez, levadas em uma onda de virtuosa indignação e autocongratulação. Entre elas, estava um homem alto, magro, moreno, que desviou o rosto de sua conversa, fitou Grey nos olhos — e estancou.

Grey aproximou-se dele, esperando que os batimentos de seu coração não pudessem ser ouvidos acima do barulho enfraquecido da rua.

— Sr. Beauchamp — ele disse, tomando Perseverance Wainwright pela mão e pelo pulso, no que podia ser considerado um cumprimento cordial, mas que na realidade era uma firme detenção. — Posso dar uma palavra em particular com o senhor?

Não iria levar Percy à casa que ele havia alugado para si próprio e Dottie. Dottie não o reconheceria, pois nem sequer era nascida quando Percy desapareceu da vida de Grey; tratava-se simplesmente de obra do instinto que o impedia de dar uma cobra venenosa para uma criança brincar.

Percy, qualquer que fosse seu motivo, não sugeriu levar Grey para seus alojamentos; provavelmente não queria que Grey soubesse onde ele estava hospedado, caso quisesse se esquivar silenciosamente. Após um instante de indecisão — pois Grey ainda não conhecia a cidade — Grey concordou com a sugestão de Percy de que caminhassem para um parque chamado Southeast Square.

— E uma vala comum — Percy disse, liderando o caminho. — Onde enterram os estranhos à cidade.

— Muito apropriado — Grey disse, mas Percy ou não ouviu ou fingiu não ter ouvido. Era um pouco distante e eles não conversaram muito, as ruas estando lotadas de pessoas. Apesar do clima de festa e das bandeiras listradas penduradas aqui e ali — todas pareciam ter um campo de estrelas, embora ele não tivesse visto o mesmo arranjo duas vezes seguidas, e as listras variavam de tamanho e de cor, algumas tendo listras brancas, vermelhas e azuis, outras apenas brancas e vermelhas —, havia um certo frenesi na alegria geral e uma aguçada sensação de perigo nas ruas. A Filadélfia podia ser a capital dos rebeldes, mas estava longe de ser um baluarte.

O parque público estava mais tranquilo, como seria de se esperar de um cemitério. Na verdade, estava surpreendentemente agradável. Havia apenas alguns marcadores de sepultura em madeira aqui e ali, dando os detalhes conhecidos sobre a pessoa enterrada embaixo; ninguém iria se dar ao trabalho de colocar lápides, embora alguma alma caridosa tivesse erigido uma grande cruz de pedra sobre uma base no meio do campo. Sem dizer nada, ambos se dirigiram a esse monumento, seguindo o curso de um riacho que atravessava o Parque.

Ocorreu a Grey que Percy devia ter sugerido este destino a fim de dar tempo a si mesmo de pensar no caminho. Muito bem — ele também andara pensando. Assim, quando Percy se sentou na base do monumento e virou-se para ele com um ar de expectativa, ele não perdeu tempo fazendo observações sobre o tempo.

— Fale-me a respeito da segunda irmã do barão Amandine — ele disse, em pé diante de Percy.

Percy pestanejou, surpreso, mas depois sorriu.

— Realmente, John, você me surpreende. Claude não lhe falou sobre Amelie, tenho certeza.

Grey não respondeu a isso, mas cruzou as mãos às costas, sob as abas de seu casaco, e aguardou. Percy refletiu por um instante, depois deu de ombros.

— Muito bem. Ela era a irmã mais velha de Claude; minha mulher, Cecile, é a mais nova.

— "Era" — Grey repetiu. — Então, ela está morta.

— Está morta há uns quarenta anos. Por que está interessado nela? — Percy retirou um lenço da manga para enxugar a testa; o dia estava quente e fora uma longa caminhada; a própria camisa de Grey estava úmida.

— Onde ela morreu?

— Em um bordel em Paris. — Isso fez Grey estancar em seus pensamentos. Percy notou e deu um sorriso irônico. — Se quer saber, John, estou procurando o filho dela.

Grey fitou-o por um instante, depois lentamente sentou-se ao seu lado. A pedra cinzenta da base da cruz estava quente sob suas nádegas.

— Muito bem — disse após alguns instantes. — Conte-me, por gentileza.

Percy lançou-lhe um olhar de esguelha, achando graça — muito cauteloso, mas ainda assim achando graça.

— Há coisas que não posso lhe contar, John, como você certamente compreende. A propósito, ouvi dizer que há uma discussão bastante acalorada ocorrendo entre os secretários de Estado britânicos quanto a qual deles deve fazer uma abordagem em relação à minha oferta anterior... e a quem, exatamente, fazê-la. Imagino que isso seja obra sua, não? Obrigado.

— Não mude de assunto. Não estou lhe perguntando sobre sua proposta

anterior. — Pelo menos, ainda não. — Estou lhe perguntando sobre Amelie Beauchamp e seu filho. Não vejo como possam estar ligados à outra questão, portanto presumo que tenham alguma importância pessoal para você. Naturalmente, há coisas que você não pode me contar a respeito da questão maior — fez uma pequena reverência —, mas esse mistério sobre a irmã do barão parece um pouco mais pessoal.

— E é. — Percy revirava alguma coisa em sua mente; Grey podia ver isso por trás de seus olhos. Os olhos de Percy estavam enrugados e um pouco empapuçados, mas eram os mesmos de sempre; um castanho cáldo e vivaz, da cor do xerez. Seus dedos tamborilaram de leve sobre a pedra, em seguida pararam, e ele virou-se para Grey com um ar decidido.

— Muito bem. Sendo teimoso como é, se eu não lhe contar, você certamente vai ficar me seguindo por toda a Filadélfia, no esforço de descobrir meu propósito em estar aqui.

Isso era exatamente o que Grey pretendia fazer, de qualquer modo, mas fez um ruído indeterminado que podia ser tomado como encorajamento, antes de perguntar:

— E qual é o seu propósito em estar aqui?

— Estou à procura de um tipógrafo chamado Fergus Fraser. — Grey pestanejou; ele não esperava uma resposta concreta.

— Quem é...?

Percy ergueu a mão, dobrando os dedos enquanto falava.

— Ele é, primeiro, o filho de um tal de James Fraser, um famoso ex-jacobita e atualmente um rebelde. Ele é, segundo, um tipógrafo, como disse... e, creio eu, um rebelde como o pai. E, terceiro, tenho fortes suspeitas de que ele seja o filho de Amelie Beauchamp.

Havia libélulas azuis e vermelhas pairando acima do riacho; Grey sentiu como se um desses insetos tivesse repentinamente entrado por suas narinas.

— Está me dizendo que James Fraser teve um filho ilegítimo com uma prostituta francesa? Que por acaso era a filha de uma família nobre e antiga? — Choque não era uma palavra que pudesse descrever adequadamente seus sentimentos, mas ele manteve o tom de voz descontraído e Percy riu.

— Não. O tipógrafo é de fato filho de Fraser, mas é adotado. Ele tirou o garoto de um bordel em Paris há mais de trinta anos. — Um fio de suor escorreu pelo lado do pescoço de Percy e ele o enxugou. O calor do dia havia feito sua colônia desabrochar em sua pele; Grey apreendeu um traço de âmbar cinza e de cravos, especiarias e almíscar juntos.

— Amelie era, como eu disse, a irmã mais velha de Claude. Na adolescência, foi seduzida por um homem muito mais velho, um nobre casado, e

ficou grávida. O normal teria sido ela simplesmente ser apressadamente casada com um marido complacente, mas a mulher do nobre morreu repentinamente e Amelie criou uma grande confusão, insistindo em que, já que ele agora era livre, deveria se casar com ela.

— Mas ele não estava disposto a isso?

— Não. Mas o pai de Claude estava. Imagino que ele tenha pensado que tal casamento iria aumentar a fortuna da família; o conde era um homem muito rico e, embora não fosse um político, na verdade tinha uma certa... posição.

O velho barão de Amandine estava inclinado a manter as coisas em surdina no começo, mas quando começou a ver as possibilidades da situação ficou mais valente e fez todo tipo de ameaças, desde uma queixa ao rei, pois o velho Amandine era um homem ativo na corte, ao contrário do filho, até um processo Por danos e uma solicitação de excomunhão à Igreja.

— Ele poderia realmente ter feito isso? — Grey perguntou, fascinado, apesar de suas reservas quanto à veracidade da história. Percy sorriu ligeiramente.

— Ele podia ter se queixado ao rei. De qualquer modo, não teve oportunidade. Amelie desapareceu.

A jovem sumiu de sua casa no meio de uma noite, levando suas joias. Pensou-se que talvez ela tivesse pretendido fugir para seu amante, na esperança de que ele cedesse e se casasse com ela, mas o conde afirmou absoluta ignorância do ocorrido e ninguém se apresentou para dizer que a tinha visto, ou deixando Trois Flèches ou entrando na mansão de Paris do conde St. Germain.

— E você acha que de algum modo ela terminou em um bordel de Paris? — Grey disse, incrédulo. — Como? E, se assim for, como descobriu isso?

— Encontrei seus papéis de casamento.

— O quê?

— Uma certidão de casamento de Amelie Elise LeVigne Beauchamp com Robert Françoise Quesnay de St. Germain. Assinado por ambas as partes. E um padre. Estava na biblioteca de Trois Flèches, dentro da Bíblia da família. Receio que Claude e Cecile não sejam muito religiosos — Percy disse, sacudindo a cabeça.

— E você é? — Isso fez Percy rir; ele sabia que Grey conhecia perfeitamente os seus sentimentos em relação à religião.

— Eu estava entediado — ele disse, sem se desculpar.

— A vida em Trois Flèches devia ser realmente maçante, se o obrigou a ler a Bíblia. O ajudante de jardineiro foi embora?

— O... oh, Emile. — Percy riu. — Não, mas teve um terrível acesso de la gripe naquele mês. O pobre homem não conseguia respirar pelo nariz de modo nenhum.

Grey sentiu novamente um traiçoeiro impulso de rir, mas se conteve e Percy

continuou sem fazer uma pausa.

— Eu não estava realmente lendo a Bíblia; afinal de contas, eu sei de cor a maior parte de todos os pecados capitais. Eu estava interessado na capa.

— Coberta de pedras preciosas, não é? — Grey perguntou secamente e Percy lançou-lhe um olhar ligeiramente ofendido.

— Nem sempre tem a ver com dinheiro, John, mesmo para aqueles de nós não tão abençoados com tal substância como você.

— Minhas desculpas — Grey disse. — Por que a Bíblia, então?

— Vou lhe informar que eu sou um encadernador de reputação nada insignificante — Percy disse, com certa vaidade. — Exerci esse ofício na Itália como meio de subsistência. Depois que você tão nobremente salvou minha vida. Aliás, obrigado por isso — ele disse, com um olhar direto, cuja repentina seriedade fez Grey abaixar os olhos para evitar os dele.

— Não há de quê — ele disse com voz rouca e, inclinando-se, cuidadosamente induziu uma pequena lagarta verde que lentamente avançava pela ponta muito bem polida de sua bota a subir em seu dedo.

— De qualquer forma — Percy continuou, sem perder o ritmo —, descobri esse curioso documento. Eu já ouvira falar do escândalo da família, é claro, e reconheci os nomes imediatamente.

— Perguntou ao barão atual sobre isso?

— Perguntei. O que achou de Claude, por falar nisso? — Percy sempre fora como mercúrio, Grey pensou, e não perdera nada de sua mutabilidade com a idade.

— Mau jogador de cartas. Mas uma voz maravilhosa. Ele canta?

— Na verdade, sim. E você tem razão com relação às cartas. Ele sabe guardar um segredo, se quiser, mas não consegue mentir. Você ficaria surpreso de ver como a honestidade perfeita é algo tão poderoso, em algumas circunstâncias — Percy acrescentou pensativamente. — Quase me faz pensar que deve haver alguma coisa no Oitavo Mandamento.

Grey murmurou uma citação de Shakespeare sobre "mais honrado na violação", mas depois tossiu e pediu a Percy que continuasse.

— Ele não sabia sobre a certidão de casamento, tenho certeza. Ficou genuinamente perplexo. E após certa hesitação — "sanguinário, valente e resoluto" pode ser o seu lema shakespeariano, John, mas não o dele — ele me deu seu consentimento para investigar o assunto.

Grey ignorou a lisonja implícita — se é que o fosse, e achava que sim — e cuidadosamente depositou a lagarta sobre as folhas de um arbusto comestível.

— Você procurou o padre — ele disse, com segurança.

Percy riu com o que parecia um prazer genuíno e ocorreu a Grey com um pequeno choque que obviamente ele conhecia a mente de Percy, e Percy a dele;

conversaram, através dos véus da política e do sigilo, durante muitos anos. Claro, Percy provavelmente sabia com quem estava conversando, mas Grey não.

— Sim, procurei. Ele havia morrido. Assassinado. Morto na rua, à noite, quando corria para dar a extrema-unção a um paroquiano à morte, uma coisa horrível. Uma semana após o desaparecimento de Amelie Beauchamp.

Aquilo começava a despertar o interesse profissional de Grey, embora particularmente continuasse mais do que cauteloso.

— O passo seguinte teria sido o conde, mas, se ele foi capaz de matar um padre para guardar seus segredos, teria sido perigoso abordá-lo diretamente — Grey disse. — Os criados dele, então?

Percy balançou a cabeça, o canto da boca torcendo-se repentinamente, em reconhecimento à acuidade mental de Grey.

— O conde também estava morto... ou desaparecido, ao menos; estranhamente, ele tinha a reputação de ser um bruxo... e morreu uns dez anos depois de Amelie. Mas eu procurei seus antigos criados, sim. Encontrei alguns. Para algumas pessoas, realmente é sempre uma questão de dinheiro e o ajudante do cocheiro era uma delas. Dois dias após o desaparecimento de Amelie, ele entregou um tapete a um bordel perto da Rue Fauborg. Um tapete muito pesado que tinha cheiro de ópio, que ele reconheceu, pois havia em dado momento transportado uma trupe de acrobatas chineses que fora divertir os convidados em uma festa na mansão.

— E assim você foi ao bordel. Onde o dinheiro...

— Dizem que a água é o solvente universal — Percy disse, sacudindo a cabeça —, mas não é. Você pode mergulhar um homem em um barril de água gelada e deixá-lo ali por uma semana e você conseguiria muito menos do que poderia conseguir com uma modesta quantidade de ouro.

Grey silenciosamente notou o adjetivo "gelada" e balançou a cabeça para que Percy continuasse.

— Levou algum tempo, várias visitas, diferentes tentativas; a madame era uma verdadeira profissional, querendo dizer que quem quer que tivesse pago sua predecessora o fizera em uma escala espantosa, e sua recepcionista, apesar de muito velha, tivera a língua cortada quando ainda era jovem; nenhuma ajuda ali. E naturalmente nenhuma das prostitutas estava lá quando o infame tapete foi entregue, tendo sido há tanto tempo.

No entanto, ele havia pacientemente rastreado as famílias das atuais prostitutas — pois algumas ocupações são de família — e conseguira, após meses de trabalho, descobrir uma senhora já idosa que estivera empregada no bordel e que reconheceu o pequeno retrato de Amelie que ele levava consigo de Trois Flèches.

A jovem havia de fato sido levada ao bordel, no meio da gravidez. Isso não

importara muito; havia clientes com tais preferências. Alguns meses depois, ela deu à luz um filho. Ela sobrevivera ao parto, mas morreu um ano depois durante uma epidemia de gripe.

— E não dá nem para começar a lhe contar as dificuldades de descobrir alguma coisa sobre uma criança nascida em um bordel de Paris há mais de quarenta anos, meu caro. — Percy suspirou, usando seu lenço outra vez.

— Mas seu nome é Perseverance — Grey observou com extrema aridez, e Percy lançou-lhe um olhar penetrante.

— Sabia — ele disse de forma amena — que você talvez seja a única pessoa no mundo que sabe disso? — E, pela expressão em seus olhos, um já era demais.

— Seu segredo está a salvo comigo — Grey disse. — Esse, pelo menos. E quanto a Denys Randall-Isaacs?

Funcionou. O rosto de Percy tremeluziu como uma poça de mercúrio ao sol. Em menos de um segundo, ele já recuperara aquele perfeito ar impassível — mas era tarde demais.

Grey riu, embora sem humor, e levantou-se.

— Obrigado, Perseverance — ele disse, e afastou-se pelo meio das sepulturas cobertas de capim dos pobres anônimos.

Naquela noite, quando todos na casa dormiam, ele pegou a pena e tinta para escrever a Arthur Norrington, a Harry Quarry e a seu irmão. Quase ao amanhecer, ele começou, pela primeira vez em dois anos, a escrever para Jamie Fraser.



BATALHA DE BENNINGTON

Acampamento do general Burgoyne 11 de setembro de 1777

A fumaça de campos queimados e ainda em chamas pairava sobre o acampamento, e já estava assim há dias. Os americanos ainda se retiravam, destruindo as lavouras em seu rastro.

William estava com Sandy Lindsay, conversando sobre a melhor forma de assar um peru — um dos batedores de Lindsay tendo acabado de lhe trazer um — quando a carta chegou. Provavelmente foi imaginação de William o silêncio mortal que se abateu sobre o acampamento, o tremor da terra e o véu do templo sendo rasgado ao meio. Mesmo assim, logo ficou claro que algo havia acontecido.

Houve uma mudança definitiva no ar, algo errado no ritmo das conversas e do movimento entre os homens que o cercavam. Balcarres sentiu isso também e parou em seu exame da asa aberta do peru, olhando para William com as sobrancelhas erguidas.

— O que foi? — William disse.

— Não sei, mas não é bom. — Balcarres jogou a ave morta nas mãos de seu ordenança e, agarrando o chapéu, partiu em direção à barraca de Burgoyne, William em seus calcanhares.

Encontraram Burgoyne com os lábios cerrados e branco de raiva, seus oficiais superiores reunidos ao seu redor, conversando em voz baixa e chocada.

O capitão sir Francis Clerke, o ajudante de ordens do general, emergiu do grupo de cabeça baixa e rosto sombrio. Balcarres segurou seu cotovelo quando ele passou.

— Francis, o que aconteceu?

O capitão Clerke estava visivelmente agitado. Olhou para trás, para dentro da barraca, em seguida afastou-se para o lado, longe do alcance de ouvidos, levando

Balcarres e William consigo.

— Howe — ele disse. — Ele não vem.

— Não vem? — William repetiu debilmente. — Mas... afinal, ele não está saindo de Nova York?

— Ele está saindo — Clerke disse, os lábios tão apertados que era de admirar que conseguisse falar. — Para invadir a Pensilvânia.

— Mas... — Balcarres lançou um olhar perplexo na direção da porta da barraca, depois de novo para Clerke.

— Exatamente.

As verdadeiras proporções do desastre se revelavam para William. O general Howe estava não só menosprezando o general Burgoyne como ignorando seu plano, o que seria bastante ruim do ponto de vista de Burgoyne. Ao preferir marchar sobre a Filadélfia em vez de subir o Hudson para se juntar às tropas de Burgoyne, Howe deixava Burgoyne entregue à própria sorte, sem suprimentos e reforços.

Em outras palavras, estavam por conta própria, separados de suas caravanas de suprimentos, com a desagradável opção de continuar perseguindo os americanos em retirada através de uma região inóspita de onde qualquer possibilidade de sustento havia sido removida, ou dar meia-volta e marchar desonrosamente de volta ao Canadá, através de uma região inóspita de onde qualquer possibilidade de sustento havia sido removida.

Balcarres estivera argumentando nesse sentido com sir Francis, que passou a mão pelo rosto, frustrado, sacudindo a cabeça.

— Eu sei — ele disse. — Se me dão licença, milordess...

— Aonde você vai? — William perguntou, e Clerke olhou para ele.

— Contar à sra. Lind — Clerke disse. — Acho melhor avisá-la. — A sra. Lind era a esposa do oficial encarregado dos suprimentos. Era também amante do general Burgoyne.

Quer a sra. Lind tenha exercido seus inegáveis dotes com eficácia ou se a natural capacidade de adaptação do general tenha prevalecido, o golpe da carta de Howe foi rapidamente absorvido. O que quer que possam dizer sobre ele, William escreveu em sua carta semanal a lorde John, ele sabe o valor de uma decisão firme e da ação rápida. Retomamos nossa perseguição do corpo principal das tropas americanas com esforço redobrado. A maior parte de nossos cavalos foi abandonada, roubada ou comida. As solas do meu único par de botas estão completamente gastas.

Nesse ínterim, recebemos informações de um dos batedores de que a cidade de Bennington, que não fica muito distante, está sendo usada como posto de abastecimento dos americanos. Segundo o relatório, a cidade é pouco vigiada e, assim, o general está enviando o coronel Baum, um dos hessianos, com quinhentos

homens, para confiscar suprimentos essenciais para nós. Partimos pela manhã.

Se a sua conversa de bêbado com Balcarres foi em parte responsável, William nunca soube, mas descobrira que agora se referiam a ele como "bom de lidar com os índios". E fosse por sua duvidosa capacidade ou ao fato de que soubesse falar o básico de alemão, ele se viu na manhã de 12 de agosto designado para acompanhar a expedição por suprimentos do coronel Baum, que incluía um bom número da cavalaria desmontada de Brunswick, três peças de artilharia e cem índios.

Segundo relatórios, os americanos estavam recebendo gado, enviado aos poucos da Nova Inglaterra e concentrado em grande quantidade em Bennington, bem como um número considerável de carroças, cheias de milho, farinha e outros gêneros de primeira necessidade.

Surpreendentemente, não estava chovendo quando partiram e só isso incutiu uma sensação de otimismo na expedição. A perspectiva de obter alimentos aumentava significativamente essa sensação. Parecia que já fazia muito tempo que as rações estavam reduzidas, embora na verdade não tivesse se passado mais do que uma semana aproximadamente. Ainda assim, mais de um dia passado avançando a pé sem alimentação adequada parece um longo tempo, como William tinha motivos para saber.

Grande parte dos índios ainda estava montada; eles rodeavam o grupo principal de soldados, cavalgando um pouco à frente para patrulhar a estrada, voltando para dar orientação para atravessarem ou se desviarem de trechos onde a estrada — não mais do que uma trilha na maior parte — se dera por vencida e fora absorvida pela floresta ou inundada por um dos rios aumentados com as chuvas, os quais surgiam inesperadamente do alto das colinas. Bennington situava-se perto de um rio chamado Walloomsac, e conforme caminhavam William começou a discutir de uma maneira digressiva com um dos tenentes hessianos se poderia ser possível carregar as provisões em barcaças até um ponto de encontro rio abaixo.

Essa discussão era inteiramente teórica, já que nenhum dos dois sabia para onde o Walloomsac corria nem até que ponto ele seria navegável, mas isso deu aos dois homens a oportunidade de praticar o idioma um do outro e assim passar o tempo em uma longa e extenuante marcha.

— Meu pai passou muito tempo na Alemanha — William disse ao oberleutenant Gruenwald, em seu alemão lento e cuidadoso. — Ele gosta muito da comida de Hanover.

Gruenwald, de Hesse-Cassel, permitiu-se uma torcidinha desdenhosa do bigode à menção de Hanover, mas contentou-se com a observação de que até mesmo um habitante de Hanover podia assar uma vaca e talvez cozinhar algumas batatas para acompanhar. Mas sua própria mãe fazia um prato com carne de porco e maçãs, nadando em vinho tinto e temperado com noz-moscada e canela, que fazia sua boca

se encher d'água só de lembrar.

A água escorria pelo rosto de Gruenwald, suor fazendo trilhas na poeira da pele e molhando a gola de seu casaco azul-claro. Ele tirou da cabeça o ornato de granadeiro e enxugou a cabeça com um enorme lenço manchado, já saturado de muitos usos anteriores.

— Acho que provavelmente não encontraremos canela hoje — William disse. — Mas talvez um porco.

— Se encontrarmos, vou assá-lo para você — Gruenwald assegurou-lhe. — Quanto a maçãs... — Enfiou a mão dentro da túnica e retirou um punhado de maçãs silvestres, pequenas e vermelhas, que repartiu com William. — Tenho um Punhado delas. Tenho...

Pequenos gritos, agudos e nervosos, de um índio que cavalgava de volta Pela coluna interromperam-no. William ergueu os olhos e viu o índio atirar um braço para trás, gesticulando e gritando "Rio!".

A palavra despertou as colunas desfeitas e William viu a cavalaria — que insistira em usar suas botas altas e suas espadas largas, apesar da falta de cavalos, e sofria em consequência — empertigar-se de expectativa, com ruidosos estrépitos metálicos.

Outro grito veio da linha de frente.

— Bosta de vaca!

Isso causou uma euforia geral e muitas risadas entre os homens, que apertaram o passo com pressa. William viu o coronel Baum, que ainda tinha um cavalo, sair da coluna e aguardar na beira da estrada, inclinando-se para baixo para falar brevemente com os oficiais conforme eles passavam. William viu seu ajudante de ordens inclinar-se bem perto, apontando para uma pequena colina em frente.

— O que você acha — ele disse, virando-se para Gruenwald, e ficou surpreso de ver o oberleutenant fitando-o perplexo, boquiaberto. Sua mão soltou-se e caiu ao lado do corpo, e o capacete mitrado tombou e rolou na terra. William pestanejou e viu um grosso fio vermelho descer como uma cobra, lentamente, de baixo dos cabelos escuros de Gruenwald.

Gruenwald sentou-se subitamente e caiu para trás na estrada, o rosto pálido e anuviado.

— Droga! — William exclamou, acordando com um salto repentino para o que acabara de acontecer. — Emboscada! — ele berrou a plenos pulmões. — Das ist ein Ubetfal!

Gritos de alarme ergueram-se da coluna e ouviu-se o estrépito de disparos esporádicos vindos da floresta. William segurou Gruenwald por baixo dos braços e arrastou-o apressadamente para o refúgio de um grupo de pinheiros. O oberleutenant ainda estava vivo, apesar de seu casaco estar molhado de suor e sangue. William

certificou-se de que a pistola do alemão estivesse carregada e em sua mão antes de pegar sua própria arma e correr na direção de Baum, que estava em pé nos seus estribos, gritando ordens em alemão alto e estridente.

Ele só compreendia uma ou outra palavra e olhava ansiosamente ao redor, para ver se adivinhava quais eram as ordens do coronel pelas ações dos hessianos. Avistou um pequeno grupo de batedores, correndo pela estrada em sua direção, e também correu ao encontro deles.

— Maldito bando de rebeldes — um dos batedores disse ofegante, apontando para trás. — Estão vindo.

— Onde? A que distância? — Sentiu como se estivesse prestes a arremeter-se em disparada, mas forçou-se a permanecer parado, a falar calmamente, a respirar.

Dois quilômetros, talvez três. Respirou finalmente e conseguiu perguntar quantos eram. Talvez duzentos, talvez mais. Armados com mosquetes, mas sem artilharia.

— Certo. Voltem e fiquem de olho neles. — Virou-se na direção do coronel Baum, sentindo a superfície da estrada estranha sob seus pés, como se ela não estivesse exatamente onde ele esperava que estivesse.

Eles cavaram, com pressa, mas eficientemente, abrigando-se atrás de trincheiras rasas e barricadas improvisadas de árvores caídas. Os canhões de campanha foram arrastados para cima do morro e apontados para cobrir a estrada. Os rebeldes, é claro, ignoraram a estrada e avançaram como um enxame dos dois lados.

Devia haver uns duzentos homens na primeira leva; era impossível contá-los, conforme se arremetiam pela floresta densa. William vislumbrou um movimento e disparou, mas sem grande esperança de atingir alguém. A leva hesitou, mas apenas por um instante.

Então, uma voz forte berrou, em algum lugar atrás do front dos rebeldes:

— Nós os tomamos agora ou Molly Stark será uma viúva esta noite!

— O quê? — William disse, sem acreditar. O que quer que o homem que gritara queria dizer, sua exortação teve um efeito marcante, pois um enorme número de rebeldes saiu fervilhando do meio das árvores, em uma corrida louca na direção dos canhões. Os soldados encarregados dos canhões fugiram prontamente, assim como muitos dos outros.

Os rebeldes estavam dando conta facilmente do resto e William apenas começou sombriamente a fazer o que podia antes que o pegassem, quando dois índios vieram saltando pelo terreno sinuoso, agarraram-no por baixo dos braços e, colocando-o de pé, o empurraram rapidamente para longe dali.

E foi assim que o tenente Ellesmere se viu mais uma vez lançado no papel de Cassandra, relatando o fiasco em Bennington ao general Burgoyne. Homens mortos e

feridos, armas perdidas — e nem uma única vaca como recompensa.

E eu ainda não matei um único rebelde, tampouco — pensou, esgotado, dirigindo-se lentamente de volta à sua barraca mais tarde. Achava que devia lamentar isso, mas não tinha certeza se o faria.



O JOGO DO DESERTOR II

Jamie tomava banho no rio, lavando o suor e a sujeira do corpo, quando ouviu imprecações incrivelmente estranhas em francês. As palavras eram francesas, mas os sentimentos expressos definitivamente não eram. Curioso, ele saiu da água, vestiu-se e caminhou um pouco ao longo da margem, onde descobriu um Jovem sacudindo os braços e gesticulando em uma tentativa agitada de se fazer compreender por um grupo de perplexos trabalhadores. Como metade deles era de alemães e o resto de americanos da Virgínia, seus esforços para se comunicar com eles em francês até o momento só conseguiram diverti-los.

Jamie se apresentou e ofereceu seus serviços como intérprete. E foi assim que ele veio a passar uma boa parte de cada dia com um jovem engenheiro polonês cujo sobrenome impronunciável fora rapidamente reduzido a "Kos".

Ele achava Kos inteligente e até um pouco comovente em seu entusiasmo — e ele próprio estava interessado nas fortificações que Kosciuszko (pois ele se orgulhava de ser capaz de pronunciar seu nome adequadamente) estava construindo. Kos, de sua parte, estava tanto agradecido pela assistência linguística quanto interessado nas observações e sugestões ocasionais que Jamie era capaz de fazer, em consequência de suas conversas com Brianna.

Conversar sobre vetores e tensões trazia uma saudade da filha quase insuportável, mas ao mesmo tempo a trazia para mais perto dele, e ele se viu passando cada vez mais tempo com o jovem polonês, aprendendo um pouco de sua língua e permitindo que Kos praticasse o que ele ilusoriamente acreditava ser inglês.

— O que o trouxe aqui? — Jamie perguntou-lhe um dia. Apesar da falta de pagamento, um extraordinário número de oficiais europeus viera se unir, ou tentar se unir, ao Exército Continental, evidentemente achando que, ainda que as perspectivas de pilhagem fossem limitadas, eles poderiam enganar o Congresso, fazendo-o conceder-lhes a patente de general, que eles então poderiam aproveitar em outras ocupações de volta à Europa. Alguns desses duvidosos voluntários eram realmente úteis, mas ouvira muitas lamúrias sobre os que não eram. Pensando em Matthias

Fermoy, ele mesmo tinha vontade de lamuriar-se um pouco.

Mas Kos não era um desses.

— Bem, primeiro, dinheiro — ele disse com franqueza, quando perguntado como ele viera parar na América. — Meu irmão mansão em Polônia tem, mas família não ter nenhum dinheiro, nada para mim. Nenhuma garota olhar para mim sem dinheiro. — Deu de ombros. — Nenhum lugar no exército polonês, mas eu sei construir coisas, vir onde tem coisas para construir. — Abriu um largo sorriso. — Talvez garotas, também. Garotas com boa família, bom dinheiro.

— Se veio por dinheiro e garotas, rapaz, você se alistou no exército errado — Jamie disse secamente, mas Kosciuszko riu.

— Eu dizer primeiro dinheiro — ele corrigiu. — Eu vir para Filadélfia, lá eu li La Declaration. — Pronunciou-a em francês e tirou o chapéu em reverência diante do nome, apertando o chapéu manchado de suor contra o peito. — Esse documento, o texto... ficar extasiado.

Tão extasiado ficou com os sentimentos expressos naquele nobre documento que imediatamente procurou seu autor. Apesar de provavelmente surpreso pelo súbito aparecimento de um apaixonado jovem polonês em seu meio, Thomas Jefferson deu-lhe as boas-vindas e os dois homens passaram boa parte de um dia profundamente envolvidos na discussão de filosofia (em francês), de onde emergiram como grandes amigos.

— Um grande homem — Kos assegurou a Jamie solenemente, fazendo o sinal da cruz antes de colocar o chapéu novamente. — Que Deus o mantenha são e salvo.

— "Dieu accorde-lui la sagesse" — Jamie retrucou. Que Deus lhe dê sabedoria. Ele achava que Jefferson certamente estaria seguro, já que não era um soldado. O que o fez recordar desconfortavelmente de Benedict Arnold, mas este não era um problema que ele pudesse — ou fosse — resolver.

Kos havia afastado um cacho de cabelos escuros da boca e sacudido a cabeça.

— Talvez uma esposa, um dia, se Deus quiser. Isso... O que fazemos aqui... mais importante do que esposa.

Retornaram ao trabalho, mas Jamie se viu repassando a conversa com interesse. A ideia de que era melhor passar a vida atrás de um propósito nobre do que meramente buscando segurança: ele concordava inteiramente com ela. Mas sem dúvida tal pureza de propósito era o reino de homens sem família? Havia um paradoxo ali: um homem que buscava a própria segurança era um covarde; um homem que arriscava a segurança de sua família era um medroso, senão pior.

Isso levou a mais divagações e a paradoxos mais interessantes: as mulheres atrasam a evolução de coisas como liberdade e outros ideais sociais, por medo em

relação a elas próprias e a seus filhos? Ou elas na realidade inspiram tais coisas — e os riscos exigidos para alcançá-las — ao prover aquilo pelo qual vale a pena lutar? Não apenas lutar para defender, tampouco, mas para impulsionar, impelir, pois um homem quer mais para seus filhos do que ele teve.

Teria que perguntar a Claire o que ela achava disso, embora ele tenha sorrido ao pensar em algumas das coisas que ela poderia dizer, particularmente a parte sobre se a mulher atrasava a evolução social por natureza. Ela havia lhe dito algo de sua própria experiência na Grande Guerra — não conseguia pensar nesse conflito mundial por nenhum outro nome, embora ela tenha lhe dito que houve uma outra, antes, com esse nome. Ela dizia coisas depreciativas sobre heróis de vez em quando, mas somente quando ele se feria; ela sabia muito bem para que serviam os homens.

Ele estaria ali, de fato, se não fosse por ela? Faria isso de qualquer modo, somente pelos ideais da Revolução Americana, se não tivesse certeza da vitória? Tinha que admitir que somente um idealista, um louco, ou um homem realmente desesperado estaria ali agora. Qualquer pessoa sã que soubesse qualquer coisa sobre exércitos teria sacudido a cabeça e virado as costas, estarecido. Ele Próprio frequentemente se sentia estarecido.

Mas, na realidade, ele faria isso — se estivesse sozinho. A vida de um homem tinha que ter mais propósito do que apenas alimentar-se a cada dia. E este era um grandioso propósito — maior, talvez, do que qualquer pessoa que lutasse por honra poderia saber. E se perdesse a vida nesta ação... não iria ficar satisfeito, mas teria consolo na morte, sabendo que dera a sua contribuição. Afinal, ele não iria deixar sua mulher desamparada; ao contrário da maioria das mulheres, Claire teria um lugar para onde ir caso alguma coisa lhe acontecesse.

Estava no rio novamente, boiando na água e entretendo tais pensamentos, quando ouviu um grito sufocado. Era um grito feminino e ele colocou os pés para baixo imediatamente e levantou-se, os cabelos molhados escorrendo sobre seu rosto. Afastou-os para trás e viu Rachel Hunter parada na margem, as duas mãos cobrindo os olhos e cada linha de seu corpo tensa em uma demonstração eloquente de aflição.

— Estava me procurando, Rachel? — ele perguntou, tentando enxugar os olhos no esforço de localizar em que lugar da margem afinal deixara suas roupas. Ela soltou outro grito baixo e virou o rosto na direção dele, as mãos ainda sobre os olhos.

— Amigo James! Sua mulher disse que eu o acharia aqui. Desculpe-me... por favor! Saia daí imediatamente! — Não conteve a angústia e deixou as mãos caírem, apesar de manter os olhos fechados com força enquanto estendia as mãos para ele, suplicante.

— O que...

— Denny! Os ingleses o pegaram!

Um jato frio projetou-se pelas suas veias, muito mais frio do que o vento em sua pele molhada e exposta.

— Onde? Como? Pode olhar agora — ele acrescentou, abotoando as calças apressadamente.

— Ele foi com outro homem, fingindo se passar por desertores. — Ele já estava no alto da margem, ao lado de Rachel, a camisa sobre o braço, e viu que ela carregava os óculos de seu irmão no bolso do avental; sua mão invariavelmente o buscava, agarrando-o. — Eu disse a ele para não ir!

— Eu também disse — Jamie falou, taciturno. — Tem certeza, menina?

Ela balançou a cabeça, branca como um lençol e com os olhos arregalados, mas não — ainda não — chorando.

— O outro homem, ele voltou agora mesmo e veio correndo me procurar. Ele... foi azar, ele disse; foram levados diante de um major, e era o mesmo homem que ameaçara enforcar Denny da última vez! O outro homem fugiu correndo e conseguiu escapar, mas eles pegaram Denny, e desta vez, desta vez... — Ele viu que ela arquejava e mal conseguia falar, de terror. Ele colocou a mão em seu braço.

— Encontre o outro homem e mande-o à minha barraca, para que ele me diga exatamente onde seu irmão está. Vou buscar Ian e nós o traremos de volta. — Apertou seu braço delicadamente para fazê-la olhar para ele, o que ela fez, mas tão transtornada que ele achou que ela mal o via. — Não se preocupe. Nós o traremos de volta para você — ele repetiu delicadamente. — Juro, por Cristo e pela Virgem Maria.

— Não deve jurar... oh, para o diabo com isso! — ela disse, depois tampou a boca com a mão. Fechou os olhos, engoliu em seco e retirou-a outra vez. — Obrigada — ela disse.

— Não há de quê — ele disse, olhando para o sol poente. Os ingleses preferiam enforcar pessoas no pôr do sol ou na aurora? — Nós o traremos de volta — ele disse outra vez, com firmeza. Vivo ou morto.

O comandante do acampamento havia construído um cadafalso no centro do pátio. Era uma grosseira construção de troncos não descascados e toras de madeira bruta, e pelos buracos e entalhes ao redor dos pregos já fora desmontada e remontada várias vezes. Mas parecia eficaz e o laço de corda pendente deu a Jamie a sensação de gelar seu sangue.

— Nós já fizemos esse jogo do desertor vezes demais — Jamie sussurrou a seu sobrinho.

— Acha que já usaram essa força? — Ian murmurou, espreitando a construção sinistra através da cortina de folhagem de pequenos carvalhos.

— Não iriam se dar a tanto trabalho só para assustar alguém.

Mas aquilo o assustava, e muito. Ele não mostrou a Ian o local perto da base

da estaca principal, onde alguém — ou os pés descontrolados de alguém — havia arrancado lascas da casca da madeira. O cadafalso improvisado não era alto o suficiente para que a queda quebrasse o pescoço do enforcado; um homem pendurado ali iria ser estrangulado lentamente.

Ele tocou o próprio pescoço em um reflexo de aversão, a garganta desfigurada de Roger Mac e sua feia cicatriz em carne viva bem clara em sua mente. Mais clara ainda era a lembrança da dor que se apoderara dele, indo retirar Roger Mac da árvore em que o haviam enforcado, sabendo que ele estava morto e o mundo para sempre mudado. Realmente mudara, embora ele não tivesse morrido.

Bem, não iria fazer diferença para Rachel Hunter. Não era tarde demais, isso é que era importante. Disse isso a Ian, que não respondeu, mas lançou-lhe um rápido olhar de surpresa.

Como você sabe? — dizia o olhar, claro como palavras. Ele ergueu um dos ombros e inclinou a cabeça para um ponto um pouco mais distante na descida da colina, onde uma saliência da rocha coberta de musgo e de uva-ursina lhes daria proteção. Moveram-se silenciosamente, mantendo-se abaixados, os movimentos no mesmo ritmo lento com que a floresta se movia. Era hora do crepúsculo e o mundo estava repleto de sombras; não era difícil se passarem Por mais duas.

Ele sabia que ainda não haviam enforcado Denny Hunter porque ele já vira homens serem enforcados. A execução deixava uma mancha no ar e marcava as almas dos que a viam.

O acampamento estava silencioso. Não literalmente — os soldados faziam uma algazarra considerável, o que, aliás, era bom —, mas em termos de seu espírito. Não havia nem uma sensação de aterrorizada opressão, nem a empolgação doentia que vinha da mesma fonte; essas coisas podiam ser sentidas. Portanto, ou Denny Hunter estava ali, vivo, ou fora mandado para outro lugar. Se estivesse ali, onde estaria?

De alguma forma, confinado, e sob guarda. Este não era um acampamento permanente; não havia nenhuma paliçada de proteção. Mas era um acampamento grande e levaram algum tempo para rodeá-lo, verificando se Hunter poderia estar ao ar livre, amarrado a uma árvore ou acorrentado a uma carroça. Mas ele não estava em nenhum lugar à vista. Sobravam as barracas.

Havia quatro grandes e uma delas evidentemente abrigava o oficial encarregado das provisões; ficava afastada das outras e tinha um pequeno agrupamento de carroças ao lado. Também tinha um fluxo constante de homens entrando e saindo, emergindo com sacas de farinha ou ervilhas secas. Nenhuma carne, embora ele pudesse sentir o cheiro de coelhos e esquilos assados em uma das fogueiras do acampamento. Os desertores alemães tinham razão, então; o exército estava vivendo da terra, da melhor maneira possível.

— A barraca do comandante? — Ian sussurrou baixinho. Era bem visível, com seus estandartes e o aglomerado de homens que pairavam por ali, perto da entrada.

— Espero que não. — Certamente, teriam levado Denny à presença do comandante para ser interrogado. E, se ele ainda estivesse em dúvida quanto à bonafides de Hunter, poderia ter mantido o sujeito por perto para novos interrogatórios.

Mas, se já tivesse tomado uma decisão quanto ao assunto — e Rachel estava convencida disso —, não ficaria com ele. Teria sido enviado a outro lugar, sob guarda, para aguardar o acerto de contas. Sob guarda e fora do alcance da vista, embora Jamie duvidasse de que o comandante britânico temesse uma tentativa de resgate.

— Uni-duni-tê — murmurou baixinho, balançando o dedo para frente e para trás entre as duas barracas restantes. Um vigia com um mosquete montava guarda mais ou menos entre as duas; não dava para saber qual das duas ele estava guardando. — Aquela. — Ergueu o queixo indicando a da direita, mas enquanto o fazia sentiu Ian enrijecer-se ao seu lado.

— Não — Ian disse baixinho, o olhar fixo. — A outra.

Havia algo estranho na voz de Ian e Jamie olhou para ele, surpreso, depois para a tenda.

No começo, seu único pensamento era uma sensação fugaz de confusão. Então, o mundo mudou.

Era hora do anoitecer, mas agora estavam a não mais de cinquenta metros de distância; não havia como errar. Ele não via o garoto desde que tinha doze anos, mas memorizara cada instante que haviam passado na companhia um do outro: sua postura, os movimentos rápidos, graciosos — isso é da mãe dele, pensou, confuso com o choque, vendo o oficial jovem e alto fazer um gesto da mão que era idêntico ao de Geneva Dunsany —, a forma de suas costas, cabeça e orelhas, apesar dos ombros magros terem se encorpado nos ombros de um homem. Meus, pensou, com uma onda de orgulho que o chocou quase tanto quanto o repentino surgimento de William. São meus.

Apesar de perturbadores, esses pensamentos levaram menos de meio segundo para atravessar sua cabeça. Inspirou fundo, bem devagar, e expirou. Ian teria se lembrado de William de seu encontro sete anos antes? Ou a semelhança era instantaneamente visível a um olhar casual?

Não importava agora. O acampamento começava a se preparar para o jantar — dentro de alguns instantes, todos estariam absortos na refeição. Era melhor agir então, mesmo sem a proteção da noite.

— Tem que ser eu, hein? — Ian agarrou seu pulso, exigindo sua atenção.

— Quer fazer a distração antes ou depois?

— Depois. — Estivera pensando, no fundo da mente, durante todo o tempo em que rastejavam na direção do acampamento e agora a decisão estava pronta, como se outra pessoa a tivesse tomado. — Melhor se pudermos tirá-lo de lá silenciosamente. Tente, e se as coisas derem errado grite.

Ian assentiu e, sem mais conversa, deixou-se cair de barriga no chão e começou a rastejar furtivamente pelo mato. O fim de tarde estava fresco e agradável após o calor do dia, mas as mãos de Jamie estavam frias e ele envolveu o bojo do pequeno fogareiro de barro. Ele o trouxera de seu próprio acampamento, enchendo-o de pedacinhos de gravetos secos ao longo do caminho. Estava sibilando baixinho consigo mesmo enquanto se alimentava de um pedaço de noqueira seca, tanto a visão quanto o cheiro do fogo seguramente ocultos na névoa da fumaça da fogueira do acampamento, que se embrenhava entre as árvores, afastando os mosquitinhos e os mosquitos maiores e mais sanguinários, graças a Deus e à Virgem Maria.

Admirando-se com sua própria inquietação — não era próprio dele —, tocou o sporran, verificando mais uma vez se a rolha não tinha se soltado do frasco de terebintina, embora soubesse muito bem que não; ele sentiria o cheiro.

As flechas em seu estojo chacoalharam-se quando ele se mexeu, as penas das flechas roçando umas nas outras. A barraca do comandante estava facilmente ao alcance de uma flecha, em questão de segundos ele poderia incendiar a lona, se Ian berrasse. Se não...

Começou a se mover outra vez, os olhos dardejando pelo terreno, buscando uma área apropriada. Capim seco havia em abundância, mas arderia rápido demais se houvesse apenas isso. Ele queria uma chama rápida, mas forte.

Os soldados já teriam limpado a floresta próxima à cata de lenha, mas ele avistou um tronco caído de abeto, pesado demais para ser carregado. Os exploradores haviam arrancado os galhos mais baixos, mas ainda restavam muitos, cobertos de agulhas secas que o vento não levara ainda. Moveu-se um pouco Para trás, a uma boa distância fora de vista para poder movimentar-se rapidamente outra vez, apanhando braçadas de capim seco, casca arrancada apressadamente de um tronco caído, qualquer coisa que pegasse fogo rapidamente.

Flechas flamejantes na barraca do comandante iriam atrair atenção imediata, sem dúvida, mas também causariam um alerta geral; os soldados se lançariam para fora do acampamento como marimbondos, em busca dos atacantes. Um fogo no mato, não. Isso era comum e, enquanto sem dúvida criava uma distração capaz de desviar a atenção do inimigo, ninguém iria investigar mais a fundo, quando vissem que não se tratava de nenhum ataque.

Em poucos minutos ele já tinha sua distração preparada. Estivera tão ocupado que nem pensara em olhar novamente para seu filho.

— Maldito seja por ser um mentiroso, Jamie Fraser — disse baixinho, e olhou.

William desaparecera.

Os soldados estavam em seu jantar; uma conversação alegre e os sons da refeição encobriam quaisquer ruídos menores que Ian fizesse enquanto dava a volta silenciosamente pelo lado da barraca da esquerda. Se alguém o visse, ele falaria em mohawk, alegaria ser um batedor do acampamento de Burgoyne, trazendo informações. Quando o tivessem levado à presença do comandante, ele já teria pensado em alguma boa e pitoresca informação ou ele gritaria e procuraria fugir enquanto estivessem distraídos por flechas flamejantes.

Mas isso não ajudaria Denny Hunter, e ele procurava ser cauteloso. Havia sentinelas a postos, mas ele e seu tio Jamie haviam observado bastante tempo para saber qual era o padrão de seu posicionamento e identificar o ponto morto onde a visão de uma sentinela era obstruída pelas árvores. Ele sabia que não podia ser visto atrás de uma barraca, a não ser por alguém que estivesse se dirigindo à floresta para urinar e se deparasse com ele.

Havia uma fenda na base da barraca e uma vela acesa no interior; um ponto na lona brilhava turvamente à luz do anoitecer. Ele observou a fenda e não viu nenhuma sombra se movendo. Tudo bem, então.

Estendeu-se no chão e enfiou a mão cautelosamente, tateando ao longo do chão de terra, esperando que ninguém lá dentro pisasse em sua mão. Se pudesse achar um catre, poderia se esgueirar para dentro e esconder-se sob ele. Se — algo tocou sua mão e ele mordeu a língua, com força.

— E um amigo? — sussurrou a voz de Denny. Ian pôde ver a sombra do quaker na lona, uma mancha agachada, e a mão de Denny segurou a dele com força.

— Sim, sou eu — ele sussurrou em resposta. — Fique quieto. Recue.

Denny moveu-se e Ian ouviu o barulho de metal. Droga, os desgraçados o mantinham acorrentado. Comprimiu os lábios e deslizou por baixo da borda da barraca.

Denny o saudou silenciosamente, o rosto iluminado de esperança e ansiedade. O pequeno quaker ergueu as mãos, indicou os pés com um movimento da cabeça. Completamente acorrentado. Santo Deus, eles realmente pretendiam enforcá-lo.

Ian inclinou-se mais para perto para sussurrar no ouvido de Denny.

— Vou sair antes de você. Deite-se lá, da melhor forma que puder, o mais perto que puder. — Indicou com o queixo os fundos da barraca. — Não se mexa; eu o puxarei para fora. — Em seguida, colocaria Denny nas costas como um pequeno cervo morto e partiria para a floresta, piando como uma coruja, para avisar seu tio que era hora de atear fogo ao mato.

Não era possível remover um homem preso com correntes em absoluto silêncio, mas com sorte o barulho de colheres nos utensílios da comida de rancho e a conversa dos soldados encobririam qualquer estalido metálico isolado. Puxou a lona para fora o máximo possível, enfiou as mãos por baixo e segurou Denny com firmeza pelos ombros. O danado era mais pesado do que parecia, mas Ian conseguiu tirar a parte de cima do corpo de Denny para fora da barraca sem muito problema. Suando, arrastou-se para o lado e enfiou a mão para dentro da barraca para segurar os tornozelos de Denny, enrolando a corrente ao redor do próprio pulso para levantar a parte inferior do corpo.

Não houve nenhum ruído, mas a cabeça de Ian ergueu-se com um supetão antes mesmo que sua mente lhe dissesse que o ar perto dele se movera de uma forma que significava que havia alguém de pé ali.

— Quietos! — ele disse num reflexo, sem saber se falava com Denny ou com o soldado alto que saíra da floresta atrás dele.

— Que diabos — o soldado começou a dizer, alarmado. Não terminou a pergunta, mas deu três passos rápidos e agarrou Ian pelo pulso.

— Quem é você e o que está... Santo Deus, de onde você veio? — William olhava fixamente para o rosto de Ian e Ian agradeceu rapidamente a Deus pelo fato de seu outro pulso estar imobilizado pela corrente de Denny, pois de outra forma William já estaria morto. E ele não queria ter que contar isso ao seu tio Jamie.

— Ele veio me ajudar a fugir, amigo William — Denny Hunter disse docilmente das sombras no chão atrás de Ian. — Eu agradeceria muito se você não tentasse impedi-lo, embora eu compreenda se o dever obrigá-lo a isso.

A cabeça de William levantou-se abruptamente, ele olhou desenfreadamente ao redor, depois para baixo. Tivessem as circunstâncias sido menos assustadoras, Ian teria rido das expressões — pois havia um grande número delas, passadas em uma fração de segundo — em seu rosto. William cerrou os olhos por um instante, depois os abriu outra vez.

— Não me conte — ele disse sucintamente. — Eu não quero saber. — Agachou-se ao lado de Ian e, juntos, tiraram Denny num piscar de olhos. Ian respirou fundo, colocou as mãos na boca e gritou como uma coruja, em seguida fez uma Pausa e depois gritou outra vez. William fitou-o com um ar ao mesmo tempo intrigado e furioso. Em seguida, Ian enfiou a ponta do ombro no abdômen de Denny e com a ajuda de William, ajeitou o médico sobre os ombros com não mais do que um pequeno grunhido e um leve ruído de correntes.

A mão de William fechou-se no braço de Ian. Sua cabeça, um oval escuro — surgiam os últimos traços de luz, fez um movimento brusco, indicando a floresta.

— Para a esquerda — sussurrou. — Há trincheiras de latrina à direita. Dois guardas avançados, a uns cem metros. — Apertou com força e soltou o braço de Ian.

— Que a luz de Deus o ilumine, amigo William. — O sussurro de Denny chegou sem fôlego aos ouvidos de Ian, mas Ian já estava a caminho e não sabia se William ouvira. Imaginou que não fazia diferença.

Alguns instantes depois, ouviu os primeiros gritos de "Fogo!" atrás dele, no acampamento.

NÃO HÁ AMIGO MELHOR DO QUE O RIFLE

15 de setembro de 1777

No começo de setembro, já tínhamos alcançado o exército principal, acampado junto ao Hudson, perto da cidade de Saratoga. O general Horatio Gates estava no comando e recebeu os refugiados maltrapilhos e milícias aleatórias com prazer. Ao menos desta vez, o exército estava razoavelmente bem abastecido e fomos equipados com roupas, comida decente — e a notável extravagância de uma pequena barraca, em honra ao status de Jamie de coronel de milícia, apesar do fato de não ter nenhum homem.

Conhecendo Jamie como conhecia, estava razoavelmente certa de que esta seria uma situação temporária. De minha parte, estava encantada em ter um verdadeiro catre para dormir, uma pequena mesa onde fazer as refeições — e comida para colocar sobre ela regularmente.

— Trouxe-lhe um presente, Sassenach. — Jamie arriou a sacola sobre a mesa com uma pancada agradavelmente suculenta e um bafo de sangue fresco. Minha boca encheu-se de água.

— O que é? Aves? — Não eram patos ou gansos; aquilo tinha um cheiro distinto, um odor penetrante de óleos corporais, penas e plantas aquáticas em decomposição. Talvez perdizes, digamos, ou tetrazes... Engoli com força ao imaginar uma torta de pombo.

— Não, um livro. — Retirou um pequeno pacote embrulhado em um oleado esfarrapado da sacola volumosa e orgulhosamente o depositou em minhas mãos.

— Um livro? — exclamei, sem entender.

Ele balançou a cabeça de forma encorajadora.

— Sim. Palavras impressas em papel, lembra-se? Sei que faz muito tempo.

Lancei-lhe um olhar significativo e, tentando ignorar o ronco no meu estômago, abri o pacote. Era um exemplar de bolso, muito desgastado, de *A vida e as opiniões de Tristram Shandy, Cavaleiro* — Vol. I, e, apesar do meu desgosto em ser presenteada com literatura em vez de comida, fiquei interessada. De fato, fazia muito tempo desde que eu tivera um bom livro nas mãos, e essa era uma história da qual eu já ouvira falar, mas que nunca lera.

— O dono devia gostar muito deste livro — eu disse, revirando o volume

delicadamente em minha mão. A lombada estava quase completamente gasta e as bordas da capa de couro brilhantes de uso. Um pensamento desagradável me ocorreu. — Jamie... você não... tirou isto de, hã, um corpo, tirou? — Ficar com armas, equipamentos e roupas úteis de inimigos mortos não era considerado saque; era uma necessidade desagradável. Mesmo assim...

Mas ele sacudiu a cabeça, continuando a remexer na sacola.

— Não, encontrei isso na margem de um arroio. Abandonado na fuga, imagino.

— Bem, isso é melhor, embora eu tenha certeza de que o homem que o deixou cair lamentaria a perda de seu valioso companheiro. — Abri o livro aleatoriamente e apertei os olhos para a letra miúda.

— Sassenach.

— Hum? — Ergui os olhos, arrancados do texto, e deparei-me com Jamie olhando-me com uma mistura de compaixão e humor.

— Você precisa de óculos, não é? — ele disse. — Eu não tinha percebido.

— Bobagem! — eu disse, embora meu coração tenha dado um pequeno salto. — Posso enxergar perfeitamente bem.

— Oh, é mesmo? — Ele veio ficar ao meu lado e pegou o livro da minha mão. Abrindo-o no meio, segurou-o diante de mim. — Leia.

Inclinei-me para trás e ele avançou à minha frente.

— Pare com isso! — eu disse. — Como espera que eu leia alguma coisa tão de perto?

— Fique parada, então — ele disse, e afastou o livro do meu rosto. — Já pode ver as letras com clareza?

— Não — eu disse, irritada. — Mais para trás. Mais para trás. Não, mais, mais Para trás!

E finalmente fui obrigada a admitir que eu não conseguia colocar as letras em foco a uma distância mais perto do que aproximadamente meio metro.

— Bem, as letras são muito pequenas! — eu disse, aborrecida e frustrada. Eu já havia, é claro, percebido que minha visão já não era tão aguçada quanto costumava ser, mas ser tão brutalmente confrontada com a prova de que estava, e não, cega como um morcego, definitivamente em competição com toupeiras era Um pouco perturbador.

— Caslon, corpo doze — Jamie disse, lançando um olhar profissional ao texto. — Eu diria que o chumbo é horrível — acrescentou criticamente. — E as calhas são metade do que deveriam ser. Ainda assim... — Fechou o livro com um movimento rápido e olhou para mim, uma das sobrancelhas erguidas. — Você precisa de óculos, a nighan — ele repetiu delicadamente.

— Humm! — resmunguei. Num impulso, peguei o livro, abri e entreguei a

ele. — Bom... leia você mesmo, por que não?

Parecendo surpreso e um pouco desconfiado ele pegou o livro e olhou para a página. Então, estendeu um pouco o braço. E mais um pouco. Fiquei observando, experimentando aquela mesma mistura de humor e compaixão, quando ele finalmente segurou o livro quase com o braço esticado e leu:

— De modo que a vida de um escritor, por mais que ele possa pensar o contrário, não era tanto uma condição de redação, mas uma condição de guerra; e sua prova nela exatamente a de qualquer outro homem militante na face da Terra — ambos dependendo igualmente não tanto do grau de sua INTELIGÊNCIA, mas de sua RESISTÊNCIA.

Fechou o livro e olhou para mim, o canto da boca torcido.

— Sim, bem — ele disse. — Ainda posso atirar, ao menos.

— E eu posso diferenciar uma erva de outra pelo cheiro, imagino — eu disse, e ri. — Não tem importância. Não creio que haja um oculista deste lado da Filadélfia.

— Não, creio que não — ele disse pesarosamente. — Mas quando chegarmos a Edimburgo eu conheço o homem certo. Comprarei para você óculos de aro de tartaruga para o dia a dia, Sassenach, e um par de ouro para os domingos.

— Espera que eu leia a Bíblia com eles, não? — perguntei.

— Ah, não — ele disse —, é só para exibir. Afinal — tomou minha mão, que cheirava a endro e coentro e, levando-a à boca, passou a ponta da língua delicadamente ao longo da linha da vida em minha palma —, as coisas importantes se fazem pelo tato, hein?

Fomos interrompidos por uma tosse vinda da porta da barraca e eu me virei, vendo um homem grande, parecendo um urso, com cabelos longos e grisalhos soltos nos ombros. Tinha um rosto amável com uma cicatriz no lábio superior e um olhar meigo, mas penetrante, que se dirigiu imediatamente para a sacola sobre a mesa.

Enrijeci-me um pouco; havia proibições estritas sobre o saque de fazendas e, embora Jamie tivesse pegado aquelas galinhas em particular ciscando em lugares remotos, não havia como provar isso e aquele cavalheiro, embora vestido com tecido rústico e camisa de caça, portava-se com a inconfundível autoridade de um oficial.

— E o coronel Fraser? — ele disse, com um sinal da cabeça na direção de Jamie, e estendeu a mão. — Daniel Morgan.

Reconheci o nome, apesar de que a única coisa que eu sabia a respeito de Daniel Morgan — uma nota de rodapé no livro de história da oitava série de Brianna — é que ele fora um famoso carabineiro do Exército. Isso não era particularmente útil; todos sabiam disso e o acampamento comentara com interesse quando ele chegara com vários homens no final de agosto.

Em seguida, ele olhou com interesse para mim e depois para a sacola de

galinhas, enfeitada com incriminadores tufo de penas.

— Com sua licença, madame — ele disse e, sem esperar pela minha permissão, pegou a sacola e retirou dali uma galinha morta. O pescoço prostrou-se, flácido, exibindo o buraco grande e sangrento através de sua cabeça onde antes havia um olho — bem, dois olhos. Sua boca marcada pela cicatriz enrugou-se em um assovio sem som e ele olhou incisivamente para Jamie. — Fez isso de propósito? — ele perguntou.

— Eu sempre atiro nos olhos delas — Jamie respondeu educadamente. — Não quero estragar a carne.

Um lento e largo sorriso espalhou-se pelo rosto do coronel Morgan e ele balançou a cabeça.

— Venha comigo, sr. Fraser. Traga seu rifle.

Naquela noite, comemos na fogueira de Daniel Morgan e a companhia — saciada com ensopado de galinha — ergueu canecas de cerveja e assoviou, brindando à adição de um novo membro à unidade de elite. Eu não tivera chance de uma conversa em particular com Jamie desde que Morgan o sequestrara naquela tarde e me perguntava o que ele estaria achando de sua apoteose. Mas Jamie parecia à vontade com os atiradores, embora olhasse para Morgan de vez em quando, com a expressão de quem ainda estava tomando uma decisão.

De minha parte, estava extremamente satisfeita. Pela sua natureza, os carabineiros lutavam a distância — e em geral uma distância muito maior do que o alcance de um mosquete. Também eram valiosos e os comandantes não costumavam arriscá-los em combate corpo a corpo. Nenhum soldado estava a salvo, mas algumas ocupações possuíam uma taxa de mortalidade muito maior — e, apesar de eu aceitar o fato de Jamie ser um jogador inato, gostava que ele tivesse as melhores chances possíveis.

Muitos dos carabineiros eram exploradores pioneiros, outros o que chamavam de "homens das montanhas", desbravadores que ajudaram a transpor a fronteira natural dos montes Apalaches e conquistar os territórios a oeste das Colônias. Esses homens não tinham suas mulheres ali. Alguns, no entanto, tinham, e eu logo fiz amizade com as mulheres pelo simples expediente de admirar o bebê de uma jovem.

— Sra. Fraser? — uma senhora mais velha perguntou, vindo se sentar pesadamente no tronco ao meu lado. — Você é a curandeira?

— Sou — eu disse amavelmente. — Me chamam de Feiticeira Branca. — Isso as deixou um pouco ressabiadas, mas o proibido tem seu próprio poder de atração e a afinal, o que eu poderia fazer no meio de um acampamento militar, cercada por seus maridos e filhos, todos armados até os dentes?

Em poucos minutos, eu distribuía conselhos sobre tudo, desde cólicas

menstruais a dores de barriga. Vi Jamie de soslaio, rindo diante de minha popularidade, e fiz um aceno discreto para ele antes de voltar para a minha plateia.

Os homens, é claro, continuaram bebendo, com rompantes de risadas ruidosas, seguidos pela diminuição das vozes quando outro homem iniciava uma história, repetindo o ciclo. Em certo momento, entretanto, o ambiente mudou, tão abruptamente que eu interrompi uma intensa discussão sobre assadura de fraldas e olhei na direção da fogueira.

Daniel Morgan levantava-se com grande dificuldade e houve um ar inconfundível de expectativa entre os espectadores. Ele estaria prestes a fazer um discurso, dando as boas-vindas a Jamie?

— Oh, Santo Deus — disse a sra. Graham baixinho ao meu lado. — Lá vai ele de novo.

Não tive tempo de perguntar o que ele estava fazendo, antes que ele o fizesse.

Ele arrastou-se para o centro do grupo, onde ficou oscilando como um velho urso, os longos cabelos grisalhos esvoaçando ao vento do fogo e os olhos enrugados de amabilidade. Mas, eu vi, estavam focalizados em Jamie.

— Tenho algo a lhe mostrar, sr. Fraser — ele disse, bem alto para que as mulheres que ainda conversavam parassem, todos os olhares voltados para ele. Segurou a bainha de sua longa camisa de lã e puxou-a por cima da cabeça. Largou-a no chão, abriu os braços como um dançarino e deu a volta batendo os pés.

Todos arfaram, apesar de que, pelo comentário da sra. Graham, a maioria já devia ter visto isso antes. Suas costas eram um emaranhado de cicatrizes, do pescoço à cintura. Cicatrizes antigas, sem dúvida — mas não havia um centímetro quadrado de pele sem marca em suas costas, apesar de largas. Até eu fiquei chocada.

— Os ingleses fizeram isso — ele disse descontraidamente, virando-se de costas e deixando os braços penderem. — Me deram quatrocentas e noventa e nove chibatadas. Eu contei. — O amontoado de homens irrompeu numa risada, e ele riu. — Deveriam ser quinhentas, mas ele falhou uma. Não quis chamar sua atenção para isso.

Mais risadas. Obviamente, aquela era uma performance frequente, mas que sua plateia adorava. Houve aclamações e brindes quando ele terminou e foi sentar-se ao lado de Jamie, ainda nu da cintura para cima, a camisa embolada na mão.

O rosto de Jamie permanecia impassível — mas eu vi que seus ombros haviam relaxado. Evidentemente, ele havia chegado a uma conclusão a respeito de Dan Morgan.

Jamie levantou a tampa da minha pequena panela de ferro, com uma expressão entre cautela e esperança.

— Não é comida — eu o informei, um pouco desnecessariamente, já que ele estava respirando ruidosamente como alguém que sem querer inalou raiz forte até o cérebro.

— Imagino que não — ele disse, tossindo e enxugando os olhos. — Santo Deus, Sassenach, isto está pior do que de costume. Pretende envenenar alguém?

— Sim, *Plasmodium vivax*. Coloque a tampa de novo. — Eu estava fazendo uma cocção de casca de cinchona efitolaca, para tratamento dos casos de malária.

— E temos alguma comida? — ele perguntou em tom de súplica, recolocando a tampa na panela.

— Na verdade, temos. — Enfiei a mão na vasilha coberta com um pano aos meus pés e triunfalmente retirei dali uma torta de carne, a crosta dourada e cintilante da gordura.

Seu rosto assumiu a expressão de um israelita contemplando a terra prometida; e ele estendeu as mãos, recebendo a torta com a reverência devida a um objeto precioso, embora essa impressão tenha se dissipado no instante seguinte quando ele deu uma grande mordida na torta.

— Onde você conseguiu isso? — ele perguntou, após alguns instantes de mastigação enlevada. — Tem mais?

— Tem, sim. Uma amável prostituta chamada Daisy as trouxe para mim.

Ele parou, examinou a torta com ar crítico em busca de sinais de sua proveniência, depois encolheu os ombros e deu outra mordida.

— Vou querer saber o que foi que você fez para ela, Sassenach?

— Bem, provavelmente não enquanto estiver comendo. Você viu Ian?

— Não. — A resposta pode ter sido abreviada pelas exigências de estar comendo, mas percebi uma leve mudança em seu jeito e parei, fitando-o.

— Você sabe onde Ian está?

— Mais ou menos. — Ele mantinha os olhos firmemente fixos na torta de carne, confirmando assim as minhas suspeitas.

— Vou querer saber o que ele está fazendo?

— Não, não vai — ele disse, com firmeza.

— Oh, meu Deus.

Ian Murray, tendo cuidadosamente arrumado os cabelos com gordura de urso e um par de penas de peru, retirou a camisa, deixando-a enrolada com seu xale esfarrapado sob um tronco, dizendo a Rollo que tomasse conta. Em seguida, atravessou uma pequena extensão de terreno aberto na direção do acampamento britânico.

— Pare!

Ele virou um rosto impassível e desinteressado para a sentinela que o mandara parar. A sentinela, um garoto de uns quinze anos, segurava um mosquete

cujo cano tremia visivelmente. Ian esperava que o idiota não atirasse nele por acidente.

— Batedor — ele disse sucintamente e passou pela sentinela sem olhar para trás, embora tenha sentido uma aranha passeando de um lado para o outro entre suas omoplatas. Batedor, pensou, e sentiu uma repentina vontade de rir. Bem, era verdade, afinal de contas.

Ele deu um giro pelo acampamento no mesmo passo, ignorando um ou outro olhar interessado — embora a maior parte dos que notavam sua presença meramente olhava para ele e em seguida desviava o olhar.

Foi fácil identificar o quartel-general de Burgoyne, uma barraca grande de lona verde que brotava como um cogumelo entre as fileiras perfeitas de pequenas barracas brancas que abrigavam os soldados. Ficava um pouco distante — e ele não pretendia chegar muito perto no momento —, mas podia vislumbrar as idas e vindas de oficiais, mensageiros... e um ou outro batedor, embora nenhum deles fosse um índio.

Os acampamentos indígenas estavam na extremidade oposta do acampamento do exército, dispersado pela floresta, fora do arranjo militar perfeitamente alinhado. Ele não tinha certeza se encontraria algum dos thayendanega, que por sua vez podiam reconhecê-lo. Isso não seria um problema, já que não falara nada concernente a política durante sua malfadada visita à casa de Joseph Brant; provavelmente o aceitariam assim que o vissem, sem nenhuma pergunta embaraçosa.

Caso ele encontrasse alguns dos hurons ou oneidas que Burgoyne empregava para acostrar os continentais, a situação poderia ficar um pouco mais sensível. Ele tinha absoluta confiança em sua capacidade de impressioná-los com sua identidade como mohawk — mas, se ficassem muito desconfiados ou muito impressionados, ele não ficaria sabendo de muita coisa.

Constatara alguns dados pela simples caminhada através do acampamento. O moral não estava alto; havia lixo entre algumas das barracas e a maioria das lavadeiras entre as seguidoras do acampamento estava sentada na grama tomando gim, seus caldeirões frios e vazios. Ainda assim, a atmosfera de um modo geral parecia subjugada, mas decidida; alguns homens jogavam dados e bebiam, porém a maioria estava derretendo chumbo e fazendo balas de mosquete, consertando ou limpando suas armas.

A comida estava racionada; ele sentia a fome no ar, mesmo sem ver a fileira de homens aguardando do lado de fora da barraca do padeiro. Nenhum deles olhou para ele; estavam concentrados nos pães que emergiam da barraca — rasgados ao meio antes de serem entregues. Meia ração, portanto; isso era bom.

No entanto, nada disso importava, e quanto à quantidade de tropas e armamentos — já estava bem estabelecida agora. Tio Jamie, o coronel Morgan e o

general Gates gostariam de saber sobre as provisões de pólvora e munição, mas o parque de artilharia e o arsenal de pólvora estariam bem guardados, sem nenhuma razão concebível para um batedor indígena estar bisbilhotando por perto.

Alguma coisa chamou sua atenção pelo canto do olho e ele olhou cautelosamente ao redor, em seguida apressadamente lançou os olhos para frente, forçando-se a caminhar no mesmo passo. Santo Deus, era o inglês que ele havia salvo do pântano — o homem que o ajudara a resgatar o pequeno Denny. E...

Reprimiu aquele pensamento. Sabia muito bem; ninguém poderia ter aquela aparência e não ser. Mas achou perigoso até mesmo reconhecer a ideia consigo mesmo, com receio de que isso se revelasse na expressão do seu rosto.

Forçou-se a respirar normalmente e caminhar despreocupadamente, como um verdadeiro batedor indígena faria. Droga. Pretendera passar as horas restantes do dia com alguns dos índios, recolhendo toda informação que pudesse e, depois que escurecesse, voltar silenciosamente ao acampamento, esgueirando-se até onde desse para ouvir o que se passava na barraca de Burgoyne. Mas, se aquele tenentezinho estivesse rondando por ali, poderia ser perigoso demais tentar. A última coisa que ele queria era encontrar o sujeito cara a cara.

— Ei! — O grito penetrou em sua carne como uma farpa aguda. Ele reconheceu a voz, sabia que estava se dirigindo a ele, mas não se virou. Seis passos, cinco, quatro, três... Alcançou o final de uma passagem entre duas fileiras de barracas e arremeteu-se para a direita, fora do alcance da vista. — Ei! — A voz estava mais próxima, quase atrás dele, e ele começou a correr, na direção do abrigo das árvores. Somente um ou dois soldados o viram; um deles se levantou, mas parou, em dúvida sobre o que fazer, e ele passou pelo sujeito e mergulhou no meio das árvores.

— Bem, isso estragou tudo — murmurou, agachado atrás de um abrigo de moitas. O tenente alto fazia perguntas ao homem pelo qual ele passara. Ambos olhavam na direção da floresta, o soldado sacudindo a cabeça e dando de ombros, sem poder ajudar.

Santo Deus, o maluco estava vindo em seu encalço! Virou-se e andando cuidadosamente pelo meio das árvores aprofundou-se silenciosamente na floresta. Podia ouvir o inglês atrás dele, pisando em gravetos e sacudindo a folhagem como um urso que acabou de sair de sua toca na primavera.

— Murray! — ele gritava. — Murray, é você? Espere!

— Irmão do Lobo! É você?

Ian disse uma blasfêmia à meia-voz em gaélico e virou-se para ver quem o chamara em mohawk.

— É mesmo você! Onde está seu lobo demoníaco? Alguma coisa finalmente o devorou? — Seu velho amigo Glutão ria para ele, ajeitando a braguilha da calça

depois de ter urinado.

— Espero que alguma coisa devore você — Ian disse a seu amigo, mantendo a voz baixa. — Preciso fugir. Tem um inglês me seguindo.

O rosto de Glutão mudou no mesmo instante, embora não perdesse o sorriso, nem a expressão entusiástica. O largo sorriso ampliou-se ainda mais e ele fez um movimento brusco com a cabeça para trás, indicando a passagem Para uma trilha. Em seguida, seu rosto tornou-se repentinamente frouxo e ele Cambaleou de um lado para o outro, lançando-se na direção de onde Ian viera.

Ian mal conseguiu ficar fora do alcance de vista quando o inglês chamado William entrou correndo na clareira, deparando-se com Glutão, que o agarrou pelas lapelas de seu casaco, ergueu os olhos esperançosamente para William e perguntou:

— Uísque?

— Não tenho nenhum uísque — William disse, brusco, porém não descortês, e tentou se desvencilhar de Glutão. Isso mostrou ser uma proposição difícil; Glutão era muito mais ágil do que sua aparência atarracada sugeria e no instante em que uma das mãos era removida de um lugar agarrava-se molemente em outro. Para melhorar sua exibição, Glutão começou a contar ao tenente — em mohawk — a história da famosa caçada que havia lhe dado seu nome, parando periodicamente para gritar "UISQUIII!" e atirar os braços ao redor do corpo do inglês.

Ian não perdeu tempo admirando a própria facilidade do inglês com línguas, que era considerável, mas se evadiu o mais depressa possível, dando a volta pelo oeste. Não podia atravessar o acampamento outra vez. Poderia se refugiar em um dos acampamentos indígenas, mas era possível que William fosse procurar por ele lá, quando conseguisse escapar de Glutão.

— Que diabos ele quer comigo? — murmurou, sem se importar mais com o silêncio, mas abrindo caminho pelo mato com o mínimo de ruído. William, o tenente, tinha que saber que ele era um continental, por causa de Denny Hunter e do jogo do desertor. Entretanto, ele não deu um alerta geral ao vê-lo — apenas chamou-o, surpreso, e como alguém que quisesse conversar.

Bem, talvez isso fosse um truque. O pequeno William podia ser jovem, mas não era bobo. Não podia ser, considerando-se quem era seu pai... e o sujeito estava perseguindo-o.

Podia ouvir vozes desaparecendo atrás dele — achou que William talvez tivesse reconhecido Glutão, apesar do fato de estar meio morto de febre quando se conheceram. Se assim fosse, ele saberia que Glutão era seu, de Ian, amigo — e instantaneamente detectaria a farsa. Mas não importava; ele já estava bem fundo na floresta. William jamais o alcançaria.

O cheiro de fumaça e carne fresca chegou ao seu nariz e ele se virou, descendo a colina na direção da margem de um riacho. Havia um acampamento

mohawk ali; percebeu de imediato.

No entanto, parou. O cheiro, o reconhecimento, o havia atraído como uma mariposa — mas ele não devia entrar. Não agora. Se William tivesse realmente reconhecido Glutão, o primeiro lugar onde procuraria por Ian seria o acampamento mohawk. E se ela estivesse lá...

— Você de novo? — disse uma desagradável voz mohawk — Você não aprende, não é?

Na verdade, aprendia, sim. Aprendera o suficiente para atacar primeiro. Virou-se nos calcanhares e lançou o braço de algum lugar atrás de seus joelhos, continuando a subir com toda a força de seu corpo. "Atinja em cheio o rosto do inimigo", tio Jamie o instruía quando ele começou a circular em Edimburgo sozinho. Era, como sempre, um bom conselho.

As juntas de seus dedos estalaram com um impacto que enviou um relâmpago azul direto pelo seu braço até o pescoço e o maxilar — mas Alce do Sol voou dois passos para trás e chocou-se contra o tronco de uma árvore.

Ian ficou parado, arquejante e afagando delicadamente os nós dos dedos, lembrando-se tarde demais de que o conselho de seu tio Jamie começara com: "Se puder, atinja as partes macias." Não tinha importância; valeu a pena. Alce do Sol gemia baixinho, as pálpebras adejando. Ian ponderava os méritos de dizer alguma coisa de natureza desdenhosa e se afastar altivamente ou dar-lhe um chute nos testículos, antes que ele pudesse se levantar, quando William, o inglês, saiu do meio das árvores.

Ele olhou de Ian, ainda respirando como se tivesse corrido dois quilômetros, para Alce do Sol, que havia rolado sobre as mãos e os joelhos, mas que não parecia querer se levantar. Sangue escorria de seu rosto pingando sobre as folhas mortas.

— Não quero de forma alguma me meter em um assunto particular — William disse educadamente. — Mas gostaria de dar uma palavra com você, sr. Murray. — Virou-se, sem esperar para ver se Ian o seguiria, e voltou para o meio das árvores.

Ian assentiu, sem saber o que dizer, e seguiu o inglês, guardando com carinho o último som do sangue pingando de Alce do Sol.

O inglês estava recostado contra uma árvore, observando o acampamento mohawk junto ao riacho embaixo. Uma mulher descarnava a carcaça fresca de um cervo, pendurando-a para secar. Não era Trabalha com as Mãos.

William voltou o olhar azul-escuro para Ian, fazendo-o sentir uma sensação estranha. Mas Ian já se sentia estranho de qualquer modo, de maneira que não teve realmente importância.

— Não vou perguntar o que você estava fazendo no acampamento.

— Oh, não?

— Não. Queria lhe agradecer pelo cavalo e pelo dinheiro e lhe perguntar se tem visto a srta. Hunter, desde que me deixou entregue aos cuidados dela e de seu irmão.

— Sim, tenho. — Os nós dos dedos de sua mão direita já haviam dobrado de tamanho e começado a latejar. Iria ver Rachel; ela enfaixaria sua mão para ele. A ideia era tão inebriante que no começo ele não percebeu que William estava esperando — não muito pacientemente — que ele comentasse sua declaração.

— Ah. Sim, a... hã... os Hunter estão com o exército. O... hum... outro exército — ele disse, um pouco constrangido. — O irmão dela é médico do exército.

O rosto de William não se alterou, mas pareceu, de certo modo, endurecer-se. Ian observou-o, fascinado. Já vira o rosto de seu tio Jamie fazer exatamente a mesma coisa, muitas vezes, e sabia o que significava.

— Aqui? — William perguntou.

— Sim, aqui. — Ele inclinou a cabeça na direção do acampamento americano. — Lá, quero dizer.

— Compreendo — William disse calmamente. — Quando a vir outra vez, Poderia lhe dar lembranças minhas, então? E a seu irmão, também, é claro.

— Oh... sim — Ian disse, pensando. Então é assim, hein? Bem, você não irá vê-la pessoalmente e ela não iria querer nada com um soldado inglês, de qualquer modo, portanto, pense melhor! — Claro — acrescentou, tardiamente consciente de que seu único valor para William neste ponto estava em seu suposto papel de mensageiro para Rachel Hunter, e se perguntou o quanto isso valia.

— Obrigado. — O rosto de William perdera aquela expressão dura; examinava Ian cuidadosamente e, por fim, balançou a cabeça.

— Uma vida por outra, sr. Murray — disse, serenamente. — Estamos quites. Não deixe que eu o veja da próxima vez. Eu posso não ter escolha.

Virou-se e foi embora, o vermelho de seu uniforme visível por algum tempo em meio às árvores.



UM ÚNICO HOMEM JUSTO

19 de setembro de 1777

O sol ergueu-se invisível, ao som dos tambores. Tambores dos dois lados; podíamos ouvir o toque de alvorada inglês e, da mesma forma, eles deviam ouvir o nosso. Os carabineiros haviam tido uma pequena escaramuça com as tropas britânicas dois dias antes e, graças ao trabalho de Ian e dos outros batedores, o general Gates sabia muito bem o tamanho e a disposição do exército de Burgoyne. Kosciuszko escolhera Bemis Heights como posto defensivo; era uma íngreme escarpa, com vários barrancos pequenos que desciam até o rio, e seus homens haviam trabalhado como loucos na última semana com pás e machados. Os americanos estavam prontos. Mais ou menos.

As mulheres não eram, é claro, admitidas nos conselhos dos generais. Mas Jamie era e assim eu soube de tudo sobre a discussão entre o general Gates, que tinha o comando, e o general Arnold, que achava que ele é quem deveria ter. O general Gates queria postar-se nas Bemis Heights e esperar pelo ataque britânico. Por outro lado, o general Arnold defendia veementemente que os americanos deviam dar o primeiro passo, forçando o exército britânico a lutar pelas ravinas densamente cobertas de floresta, arruinando sua formação e deixando-os vulneráveis ao fogo dos franco-atiradores, recuando — se necessário — para as barricadas e trincheiras nas Heights.

— Arnold venceu — Ian informou, surgindo brevemente do meio da neblina para pegar um pedaço de pão torrado. — Tio Jamie já partiu com os carabineiros. Disse que vê você à noite e enquanto isso... — Inclinou-se e beijou-me delicadamente no rosto, depois riu insolentemente e desapareceu.

Meu próprio estômago parecia dar nós, embora tanto da empolgação generalizada quanto do medo. Os americanos eram um bando diversificado, maltrapilho, mas tiveram tempo para se preparar, sabiam o que vinha pela frente e sabiam o que estava em risco. Esta batalha decidiria a campanha no norte. Ou

Burgoyne iria dominar e seguir em frente, prendendo o exército de George Washington em uma armadilha perto da Filadélfia entre suas tropas e as do general Howe — ou seu exército de invasão seria detido e tirado da guerra, em cuja hipótese o exército de Gate poderia mover-se para o sul e reforçar Washington. Todos os homens sabiam disso e o nevoeiro parecia elétrico com a expectativa.

Pelo sol, deviam ser quase dez horas quando o nevoeiro se dissipou. Os tiros já haviam começado há algum tempo, disparos de rifle, breves e distantes. Os homens de Daniel Morgan estavam eliminando as sentinelas avançadas, pensei — e eu sabia pelo que Jamie dissera na noite anterior que eles deviam ter em mira os oficiais, matar os soldados que usavam gorjal de prata. Eu não dormira à noite anterior, imaginando o tenente Ransom e o gorjal de prata em sua garganta. No nevoeiro, na poeira da batalha, a distância... engoli em seco, mas minha garganta continuou teimosamente fechada; eu não conseguia sequer beber água.

Jamie dormira, com a concentração determinada de um soldado, mas acordara altas horas da noite, a camisa ensopada de suor, apesar do frio, tremendo. Não perguntei sobre o que ele estava sonhando; eu sabia. Dei-lhe uma camisa limpa e o fiz deitar-se outra vez com a cabeça em meu colo, depois afaguei sua cabeça até ele fechar os olhos — mas achava que ele não tinha voltado a dormir.

Não estava frio agora; o nevoeiro se fora e ouvíamos estrépitos constantes de disparos, saraivadas irregulares, mas repetidas. Gritos ao longe, fracos, impossível de discernir quem estava gritando o que com quem. Em seguida, o estrondo repentino de um canhão de campanha britânico, uma explosão ressonante que silenciou o acampamento. Um intervalo e então a batalha eclodiu com toda a intensidade — tiroteio, gritaria e o baque intermitente de canhão. As mulheres se ajuntavam ou sombriamente começavam a empacotar seus pertences, caso tivéssemos que fugir.

Por volta de meio-dia, houve um relativo silêncio. Estaria terminada? Esperamos. Após certo tempo, as crianças começaram a choramingar para serem alimentadas e uma espécie de normalidade tensa se abateu sobre nós — mas nada aconteceu. Podíamos ouvir gemidos e pedidos de ajuda dos homens feridos — mas nenhum ferido foi trazido.

Eu estava preparada. Eu tinha uma pequena carroça puxada a mula, equipada com ataduras e equipamentos médicos, bem como uma pequena tenda, que eu poderia armar no caso de ter que realizar uma cirurgia na chuva. A mula estava amarrada perto dali, pastando placidamente e ignorando tanto a tensão quanto os tiros esporádicos de mosquete.

No meio da tarde, as hostilidades recomeçaram e desta vez os seguidores do acampamento e as carroças de mantimentos de fato começaram a recuar. Havia artilharia dos dois lados, o suficiente para que os ribombos contínuos parecessem

trovoada, e eu vi uma enorme nuvem de fumaça preta elevar-se do penhasco. Não tinha a forma de cogumelo, mas ainda assim me fez pensar em Nagasaki e Hiroshima. Amolei minha faca e bisturis pela duodécima vez.

Era quase noite; o sol desaparecia invisivelmente, manchando a névoa com uma cor de laranja embotada e tristonha. O vento da noite que vinha do rio começava a soprar, levantando a névoa do chão e fazendo-a girar em ondas e redemoinhos.

Nuvens de fumaça preta de pólvora assentavam-se pesadamente nas pequenas depressões, erguendo-se mais devagar do que os fragmentos mais leves de névoa e emprestando um odor adequado de enxofre a um cenário que era — se não infernal — ao menos desgraçadamente assustador.

Aqui e ali, um espaço clareava repentinamente, como uma cortina puxada para mostrar as consequências da batalha. Pequenas figuras escuras moviam-se ao longe, correndo e abaixando-se, parando repentinamente, as cabeças erguidas como babuínos alertas à presença de um leopardo. Seguidores de acampamento; as esposas e prostitutas dos soldados, vindo como abutres para pilhar os mortos.

Crianças, também. Embaixo de um arbusto, um menino de nove ou dez anos montou no corpo de um soldado de casaco vermelho, batendo em seu rosto com uma pedra pesada. Parei, paralisada diante da cena, e vi o menino enfiar a mão dentro da boca aberta e ensanguentada e arrancar um dente. Enfiou o prêmio ensanguentado do saque em uma sacola pendurada a seu lado, tateou mais fundo, puxando, e não encontrando mais dentes soltos pegou sua pedra de maneira prática e voltou ao trabalho.

Senti a bílis subir à minha garganta e apressei o passo, engolindo. Eu não era estranha a guerra, morte e ferimentos. Mas nunca vira uma batalha tão de perto; nunca antes eu estivera em um campo de batalha onde os mortos e feridos ainda estavam espalhados, antes da administração dos primeiros socorros e dos detalhes do sepultamento.

Havia pedidos de socorro e gemidos ou gritos soando desencarnados do meio do nevoeiro, fazendo-me lembrar desconfortavelmente de histórias das Highlands sobre os urisge, os espíritos condenados dos vales. Como os heróis dessas histórias, não parei para ouvir seus chamados, mas continuei andando, tropeçando em pequenas elevações, escorregando no capim úmido.

Eu havia visto fotografias dos grandes campos de batalha, da Guerra Civil Americana às praias da Normandia. Isso não se parecia em nada com aquilo — nenhuma terra revirada, nenhuma pilha de pernas e braços embaralhados. Tudo estava em silêncio, salvo pelos barulhos dos feridos espalhados e as vozes dos que chamavam, como eu, por um amigo ou marido desaparecido.

Árvores estilhaçadas espalhavam-se por toda parte, derrubadas pela

artilharia; àquela luz, parecia que os próprios corpos haviam se transformado em troncos caídos, formas escuras estendidas no capim — salvo pelo fato de que alguns deles ainda se moviam. Aqui e ali, uma forma se remexia debilmente, vítima da bruxaria da guerra, lutando contra o feitiço da morte.

Parei e gritei para o meio da neblina, chamando seu nome. Ouvi gritos em resposta, mas nenhum com a sua voz. A minha frente, jazia um rapaz, os braços atirados para fora, uma expressão de perplexidade e susto no rosto, o sangue formando uma poça em volta da parte superior do tronco, como uma grande auréola. A parte de baixo estava a uns dois metros de distância. Passei entre as metades, segurando minhas saias junto ao corpo, as narinas apertadas contra o forte cheiro de ferro do sangue.

A luz se esvanecia agora, mas vi Jamie assim que atravesssei o topo da elevação seguinte. Ele estava estendido de rosto para baixo no fundo do barranco, um dos braços atirado para o lado, o outro dobrado sob o corpo. Os ombros de seu casaco azul-marinho estavam quase pretos de umidade, e suas pernas abertas, os saltos das botas entortados.

Minha respiração ficou presa na garganta e desci a ribanceira correndo em sua direção, indiferente a tufo de capim, lama e arbustos espinhosos. Entretanto, quando cheguei perto, vi uma figura sair correndo precipitadamente de trás de uma moita próxima e arremessar-se na direção de Jamie. Ela caiu de joelhos ao seu lado e, sem hesitação, agarrou-o pelos cabelos e puxou sua cabeça com um safanão para o lado. Algo brilhou na mão da mulher, cintilante mesmo à luz turva.

— Pare! — gritei. — Largue isso, desgraçada!

Espantada, a mulher ergueu os olhos enquanto eu me atirava pelos últimos metros de distância que nos separavam. Olhos apertados, vermelhos, fitaram-me com raiva de um rosto redondo, marcado de fuligem e sujeira.

— Afaste-se! — ela rosnou. — Eu o achei primeiro! — Era uma faca em sua mão; ela fazia pequenos movimentos de estocadas para mim, no esforço de me fazer ir embora.

Eu estava furiosa demais — e temendo muito por Jamie — para temer por mim mesma.

— Solte-o! Toque nele e eu mato você! — eu disse. Meus punhos estavam cerrados e eu devia estar parecendo alguém que cumpriria a ameaça, pois a mulher se encolheu, soltando os cabelos de Jamie.

— Ele é meu — ela disse, lançando o queixo ameaçadoramente para mim. — Vá achar outro.

Uma outra forma saiu do meio da névoa e se materializou ao lado dela. Era o menino que eu vira antes, imundo e esfarrapado como a própria mulher. Ele não tinha nenhuma faca, mas segurava uma lâmina bruta de metal, cortada de um cantil.

A borda era escura, de ferrugem ou sangue.

Fitou-me odiosamente.

— Ele é nosso, mamãe disse! Vá embora daqui! Desapareça!

Sem esperar para ver se eu iria ou não, ele lançou uma perna sobre as costas de Jamie, sentou-se sobre ele e começou a tatear nos bolsos laterais de seu casaco.

— Ele ainda está vivo, mamãe — avisou. — Posso sentir seu coração batendo. É melhor cortar sua garganta logo; acho que não está muito ferido.

Agarrei o menino pela gola e arranquei-o de cima de Jamie, fazendo-o largar a arma. Ele soltou um guincho agudo e começou a agitar braços e cotovelos tentando me atingir, mas eu o golpeei com o joelho nas nádegas, com força suficiente para abalar sua coluna vertebral, em seguida segurei-o pelo pescoço com uma gravata, seu pulso magricela preso em minha outra mão.

— Solte-o! — Os olhos da mulher estreitaram-se como os de uma doninha e seus dentes caninos exibiram-se num esgar.

Eu não ousava tirar os olhos da mulher tempo suficiente para olhar para Jamie. Mas podia vê-lo, pelo canto do olho, a cabeça virada para o lado, o pescoço branco e brilhante, exposto e vulnerável.

— Levante-se e recue — eu disse — ou eu o estrangulo até morrer, juro que farei!

Ela agachou-se sobre o corpo de Jamie, a faca na mão, enquanto me avaliava, tentando decidir se eu falava a sério. Eu falava.

O menino se debatia e remexia sob meus braços, os pés martelando minhas pernas. Ele era pequeno para a idade, e magro como uma vara, mas forte ainda assim; era como lutar com uma enguia. Apertei o braço em seu pescoço; ele gorgolejou e parou de se debater. Seus cabelos eram grossos de gordura rançosa e sujeira, o fedor ardendo em minhas narinas.

Devagar, a mulher levantou-se. Ela era bem menor do que eu, e esquelética — os pulsos ossudos projetando-se das mangas esfarrapadas. Eu não conseguia calcular sua idade — sob a imundície e o inchaço da desnutrição, ela podia ter de vinte a cinquenta anos.

— Meu homem está estirado lá atrás, morto no chão — ela disse, sacudindo a cabeça para o nevoeiro atrás dela. — Ele só tinha seu mosquete e isso o sargento vai tomar de volta. — Seus olhos deslizaram na direção da floresta distante, para onde as tropas britânicas haviam se retirado. — Logo acharei outro homem, mas tenho filhos para alimentar enquanto isso, dois além do menino. — Ela umedeceu os lábios e um tom persuasivo surgiu em sua voz. — Você está sozinha; pode se arranjar melhor do que nós. Deixe-me ficar com este, há mais lá. — Ela apontou com o queixo na direção da encosta atrás de mim, onde estavam os rebeldes mortos e feridos.

Meu braço deve ter afrouxado um pouco enquanto ouvia, pois o garoto, que havia ficado quieto, deu um salto repentino e se libertou de mim, mergulhando por cima do corpo de Jamie para rolar aos pés de sua mãe.

Levantou-se ao lado dela, fitando-me com olhos de rato, duas contas brilhantes e alertas. Abaixou-se e tateou pelo capim, levantando-se com a adaga improvisada.

— Não deixe ela se aproximar, mamãe — ele disse, a voz áspera do estrangulamento. — Eu cuido dele.

— Espere! — eu disse, dando um passo para trás. — Não o mate. Não. — Um passo para o lado, outro para trás. — Eu vou embora, deixarei ele para vocês, mas... — Lancei-me para o lado e agarrei o cabo frio de metal.

Eu já havia pegado a espada de Jamie antes. Era uma espada da cavalaria, maior e mais pesada do que o normal, mas não notei na hora.

Levantei a espada com as duas mãos e desfechei um golpe em arco que rasgou o ar e deixou o metal retinindo em minhas mãos.

Mãe e filho deram um salto para trás, olhares idênticos de ridícula surpresa em cada rosto redondo e encardido.

— Vão embora! — eu disse.

Ela ficou boquiaberta, mas não disse nada.

— Lamento pelo seu homem — eu disse. — Mas o meu está deitado aqui. Vão embora, já disse! — Ergui a espada e a mulher recuou alguns passos apressadamente, puxando o menino pelo braço.

Ela virou-se e foi embora, praguejando em voz baixa contra mim por cima do ombro, mas não prestei nenhuma atenção ao que ela dizia. Os olhos do menino continuaram fixos em mim enquanto ele se afastava, escuros como carvão na luz mortíça. Ele não se esqueceria de mim — nem eu dele.

Eles desapareceram no nevoeiro e eu abaixei a espada, que de repente me parecia pesada demais para segurar. Larguei-a no chão e caí de joelhos ao lado de Jamie.

Meu próprio coração latejava em meus ouvidos e minhas mãos tremiam em reação, enquanto eu buscava sentir o pulso em seu pescoço. Virei sua cabeça e pude vê-lo, latejando regularmente abaixo da mandíbula.

— Graças a Deus! — sussurrei a mim mesma. — Oh, graças a Deus!

Corri as mãos rapidamente pelo seu corpo, buscando ferimentos antes de mudá-lo de posição. Eu não achava que os abutres iriam voltar; eu podia ouvir as vozes de um grupo de homens, distantes no topo da elevação atrás de mim — um destacamento rebelde que vinha buscar os feridos.

Havia um enorme calombo em sua testa, já ficando roxo. Nada mais que eu pudesse ver. O menino tinha razão, pensei, com gratidão; ele não estava gravemente

ferido. Em seguida, virei-o para cima e vi sua mão.

Os guerreiros das Highlands estavam acostumados a lutar com a espada em uma das mãos, escudo na outra, o pequeno escudo de couro usado para aparar os golpes do inimigo. Ele não tinha um escudo.

A lâmina o atingira entre o terceiro e o quarto dedos de sua mão direita e atravessara a própria mão, um corte fundo que dividia a palma de sua mão a meio caminho do pulso.

Apesar da terrível aparência do ferimento, não havia muito sangue; a mão ficara dobrada sob seu corpo, seu peso agindo como a pressão de uma atadura. Sua camisa estava suja de sangue na frente e profundamente manchada sobre o coração. Rasguei sua camisa, abrindo-a, e examinei seu peito, para me certificar se o sangue era da mão, e era. Seu peito estava fresco e úmido do capim, mas ileso, os mamilos contraídos e rígidos de frio.

— Isso... faz cócegas — ele disse com voz arrastada. Tocou o peito desajeitadamente com a mão esquerda, tentando afastar minha mão.

— Desculpe-me — eu disse, reprimindo a vontade de rir de alegria ao vê-lo vivo e consciente. Passei um braço por baixo de seus ombros e ajudei-o a se sentar. Ele parecia bêbado, com um dos olhos inchado e semicerrado, e capim nos cabelos. Agia como um bêbado também, oscilando assustadoramente de um lado para o outro.

— Como se sente? — perguntei.

— Enjoado — respondeu sucintamente. Virou-se para o lado e vomitou.

Ajudei-o a se deitar no chão outra vez e limpei sua boca, depois comecei a enfaixar sua mão.

— Logo vai chegar alguém — afirmei. — Nós o levaremos para a carroça e eu poderei cuidar disto.

— Mmmhum. — Resmungou levemente quando apertei a atadura. — O que aconteceu?

— O que aconteceu? — Parei o que estava fazendo e olhei fixamente para ele. — Você está perguntando a mim?

— O que aconteceu na batalha, quero dizer — ele disse pacientemente, fitando-me com o olho bom. — Sei o que aconteceu comigo... mais ou menos — acrescentou, encolhendo-se ao tocar a testa.

— Sim, mais ou menos — eu disse rudemente. — Você foi cortado como um porco abatido e metade de sua cabeça afundada. Estava sendo um maldito herói outra vez, isso é o que lhe aconteceu!

— Eu não estava... — ele começou a dizer, mas eu interrompi, meu alívio ao vê-lo vivo rapidamente substituído pela raiva.

— Você não tinha que ir para Ticonderoga! Não devia ter ido! Ficar com a

imprensa, escrever e imprimir, você disse. Não iria lutar, a menos que fosse obrigado, você disse. Bem, você não foi obrigado, mas lutou de qualquer modo, seu escocês convencido, teimoso, exibido!

— Exibido? — perguntou.

— Sabe muito bem o que quero dizer, porque foi exatamente o que você fez! Podia ter sido morto!

— Sim — ele concordou pesarosamente. — Achei que tivesse sido, quando o dragão me atacou. Mas eu berrei e assustei seu cavalo — ele acrescentou, mais animado. — Ele empinou e me atingiu no rosto com o joelho.

— Não mude de assunto! — retorqui.

— O assunto não é que eu não fui morto? — ele perguntou, tentando levantar uma das sobrancelhas e fracassando, contraindo-se outra vez.

— Não! O assunto é a sua estupidez, sua maldita e egoísta teimosia!

— Oh, isso.

— Sim, isso! Seu... seu... imbecil! Como ousa fazer isso comigo? Acha que não tenho nada melhor a fazer com a minha vida do que andar por aí atrás de você, juntando os pedaços? — A essa altura, eu já gritava histericamente com ele.

Para minha fúria ainda maior, ele riu para mim, a expressão do rosto ainda mais petulante pelo olho semicerrado.

— Você teria dado uma boa vendedora de peixe, Sassenach — ele observou. — Tem língua para isso.

— Ah, cale-se, seu maldito...

— Eles vão ouvi-la — ele disse brandamente, com um aceno da mão na direção do grupo de soldados continentais que descia a encosta em nossa direção.

— Não me importo que ouçam! Se já não estivesse ferido, eu... eu...

— Cuidado, Sassenach — ele disse, ainda rindo. — Não vai querer espalhar mais pedaços; só vai ter que costurar todos eles de volta no lugar, hein?

— Não me tente — eu disse entre dentes, com um olhar de relance para a espada que eu soltara.

Ele viu e tentou pegá-la, mas não conseguiu. Com um explosivo riso de desdém, inclinei-me por cima dele e agarrei o cabo, colocando-o em sua mão. Ouvi um grito dos homens que desciam a encosta e virei-me para acenar para eles.

— Qualquer um que tivesse ouvido você agora, Sassenach, ia achar que você não gosta muito de mim — ele disse, pelas minhas costas.

Virei-me para olhar para ele. O sorriso insolente desaparecera, mas ele ainda sorria.

— Você tem a língua de uma megera venenosa, mas é uma ótima espadachim, Sassenach.

Minha boca abriu-se, mas as palavras que eram tão abundantes um instante

atrás haviam todas se evaporado como a névoa evanescente.

Ele colocou a mão boa em meu braço.

— Por ora, a nighean donn... obrigado por me salvar a vida.

Fechei a boca. Os homens já estavam quase nos alcançando, farfalhando pelo mato rasteiro, suas exclamações e tagarelice abafando os gemidos cada vez mais fracos dos feridos.

— De nada — eu disse.

— Hambúrguer — eu disse baixinho, mas não o suficiente. Ele ergueu uma das sobancelhas para mim. — Arrancou um bife — elaborei, e a sobancelha desceu.

— Oh, sim, é. Aparei um golpe de espada com a mão. Pena que eu não tinha um escudo. Teria evitado o golpe facilmente.

— Sei. — Engoli em seco. Não era o pior ferimento que eu já vira, de modo algum, mas ainda assim me deixava levemente nauseada. A ponta de seu dedo anelar fora completamente removida, em um ângulo logo abaixo da unha.

O golpe talhara uma tira de carne da parte interna do dedo e descera entre os dedos médio e anelar.

— Você deve tê-la aparado perto do cabo — eu disse, tentando demonstrar calma. — Ou a metade de fora de sua mão teria sido arrancada.

— Mmmmmhum. — A mão não se movia enquanto eu trabalhava nela, mas havia suor em seu lábio superior e ele não conseguiu conter um pequeno grunhido de dor.

— Desculpe — murmurei automaticamente.

— Tudo bem — ele disse, da mesma forma automática. Ele cerrou os olhos, depois os abriu novamente. — Remova-o — ele disse de repente.

— O quê? — Recuei e olhei para ele, espantada.

Ele balançou a cabeça indicando a mão.

— O dedo. Tire-o, Sassenach.

— Não posso fazer isso! — No entanto, mesmo enquanto falava, eu sabia que ele tinha razão. Além dos ferimentos no dedo propriamente dito, o tendão estava gravemente danificado. As chances de ele mover o dedo outra vez, sem falar em movê-lo sem dor, eram infinitesimais.

— Pouco tem me servido nos últimos vinte anos — ele disse, olhando desapaixonadamente para o toco desfigurado do dedo — e provavelmente não vai ser melhor agora. Já quebrei o maldito uma meia dúzia de vezes, por ele ficar rígido como fica. Se você amputá-lo, ao menos ele não vai mais me atrapalhar.

Eu queria argumentar, mas não havia tempo; homens feridos começavam a subir a encosta em direção à carroça. Eram milicianos, não soldados regulares; se houvesse um regimento por perto, devia haver um médico com eles, mas eu estava

mais perto.

— Uma vez um maldito herói, sempre um maldito herói — murmurei baixinho. Enfie um chumaço de algodão na palma ensanguentada de Jamie e enrolei uma tira de atadura apressadamente em volta de sua mão. — Sim, vou ter que amputá-lo, porém mais tarde. Fique quieto.

— Ai! — ele exclamou, brandamente. — Eu disse que não era um herói.

— Se não é, não foi por falta de tentativa — eu disse, apertando o nó da atadura com os dentes. — Pronto, vai ter que servir por enquanto; cuidarei disso quando tiver tempo. — Agarrei a mão enfaixada e mergulhei-a na pequena bacia de álcool com água.

Ele ficou branco quando o álcool penetrou pelo tecido e atingiu a carne viva. Inalou com força através dos dentes, mas não disse mais nada. Apontei enfaticamente para o cobertor que eu estendera no chão e ele deitou-se obedientemente, acomodando-se sob a proteção da carroça, o punho enfaixado cuidadosamente mantido junto ao peito.

Levantei-me, mas hesitei por um instante. Em seguida, ajoelhei outra vez e apressadamente beijei sua nuca, afastando o rabo de cavalo, emaranhado com folhas mortas e lama seca; eu podia ver apenas a curva de sua face; ela se contraiu ligeiramente quando ele sorriu e depois relaxou.

A notícia de que a carroça do hospital estava lá se espalhou; já havia um grupo desordenado de feridos que conseguia caminhar aguardando atendimento e eu podia ver homens carregando ou arrastando seus companheiros feridos na direção da luz da minha lanterna. Ia ser uma noite atarefada.

O coronel Everett me prometera dois assistentes, mas só Deus sabia onde o coronel estaria no momento. Fiz uma pausa para inspecionar a multidão crescente e escolhi um rapaz que acabara de depositar um amigo ferido embaixo de uma árvore.

— Você — eu disse, puxando-o pela manga. — Tem medo de sangue?

Ele pareceu momentaneamente estarecido, depois riu para mim através de uma máscara de lama e fumaça de pólvora. Ele era mais ou menos da minha altura, de ombros largos, atarracado e com um rosto que se podia chamar de querúbico se não estivesse tão imundo.

— Só se for meu, madame, e até agora não é, graças a Deus.

— Então venha comigo — eu disse, retribuindo o sorriso. — Você agora é um assistente de triagem.

— O quê? Ei, Harry! — gritou para seu amigo. — Fui promovido. Conte à sua mãe da próxima vez que escrever, Lester conseguiu ser alguém afinal! — Veio gingando atrás de mim, ainda sorrindo.

O sorriso rapidamente se transformou em uma expressão de preocupada concentração quando o conduzi rapidamente pelo meio dos feridos, indicando graus

de gravidade.

— Homens sangrando muito são a primeira prioridade — eu lhe disse. Enfie uma braçada de ataduras de linho e um saco de algodão em suas mãos. — Dê isso a eles; diga a seus amigos para pressionar o algodão com força nos ferimentos ou colocar um torniquete ao redor do membro, acima do ferimento. Sabe o que é um torniquete?

— Oh, sim, madame — garantiu-me. — Eu mesmo fiz um quando uma pantera atacou meu primo Jess, no condado da Carolina.

— Ótimo. Mas não desperdice tempo fazendo isso você mesmo aqui, a menos que seja imprescindível; deixe que seus amigos façam isso. Agora, ossos quebrados podem esperar um pouco; coloque-os lá, embaixo daquela faia grande. Ferimentos na cabeça e internos que não estão sangrando, lá atrás, perto da castanheira, se puderem ser removidos. Se não, eu irei até eles. — Apontei para trás dele, depois dei meia-volta, inspecionando o terreno.

— Se você vir uns dois homens sãos, mande-os para mim para erguer a barraca do hospital; deve ficar lá, naquele lugar plano. E depois mais uns dois para cavar uma trincheira de latrina... lá, eu acho.

— Sim, senhor! Senhora, quero dizer! — Lester balançou a cabeça várias vezes e segurou com força o saco de algodão. — Vou providenciar agora mesmo, madame. Embora eu não me preocupe com as latrinas por enquanto — acrescentou. — A maioria dos homens já se esvaziou de tanto medo. — Riu e balançou a cabeça outra vez, em seguida partiu em sua missão.

Ele tinha razão, o leve cheiro de fezes pairava no ar como sempre acontecia em campos de batalha, um leve odor entre os cheiros pungentes de sangue e fumaça.

Com Lester fazendo a triagem dos feridos, instalei-me para o trabalho de reparação, com meu estojo médico, saco de suturas e uma tigela de álcool apoiada na extremidade traseira da carroça, e um barril pequeno de álcool para os pacientes se sentarem — desde que pudessem se sentar.

As piores baixas eram por ferimento de baioneta; felizmente não tinha havido nenhuma metralha e os homens feridos por tiro de canhão já haviam passado há muito tempo do ponto em que eu podia ser de alguma ajuda para eles. Enquanto trabalhava, ouvia com um dos ouvidos a conversa dos homens que aguardavam atendimento.

— Não foi a pior coisa que você já viu na vida? Quantos desgraçados havia? — um homem perguntava ao seu vizinho.

— Não faço a menor ideia — seu amigo respondeu, sacudindo a cabeça. — Teve uma hora lá que eu só via casacos vermelhos, nada mais. Então, um canhão disparou e atingiu bem perto de mim; depois disso eu não vi mais nada além de fumaça por muito tempo. — Ele esfregou o rosto; lágrimas de ardência dos olhos

havam feito longas listras na fuligem negra que o cobria do peito à testa.

Olhei para trás, para a carroça, mas não conseguia ver embaixo dela. Eu esperava que o choque e a fadiga tivessem feito Jamie conseguir dormir, apesar da mão, mas eu duvidava.

Apesar do fato de que praticamente todo mundo perto de mim estava ferido de alguma maneira, eles estavam animados e o estado de espírito geral era de júbilo e alívio incontido. Mais abaixo da colina, na névoa perto do rio, eu podia ouvir aclamações e gritos de vitória e a algazarra indisciplinada de tambores e flautas, numa barulheira desordenada de euforia.

Em meio ao barulho, uma voz mais próxima gritou: um oficial de uniforme, em um cavalo baio.

— Alguém viu aquele desgraçado ruivo grandão que interrompeu o ataque?

Houve um murmúrio e olhares à volta, mas ninguém respondeu. O cavaleiro desmontou e, enrolando as rédeas em um galho, abriu caminho entre a multidão de feridos em minha direção.

— Seja quem for, vou lhe dizer, ele tem colhões do tamanho de uma bala de canhão — observou o sujeito cuja face eu estava costurando.

— E uma cabeça da mesma consistência — murmurei.

— Hein? — Ele olhou de lado para mim, perplexo.

— Nada — eu disse. — Fique quieto mais um instante, já estou quase terminando.



Foi uma noite infernal. Alguns dos feridos ainda jaziam nos barrancos e depressões, assim como todos os mortos. Os lobos que saíam silenciosamente da floresta não distinguiam entre eles, a julgar pelos gritos distantes.

O dia já estava quase amanhecendo quando eu voltei para a barraca onde Jamie estava deitado. Levantei a aba da entrada silenciosamente, para não perturbá-lo, mas ele já estava acordado, deitado de lado, enroscado, de frente para a porta da barraca, a cabeça descansando em um cobertor dobrado.

Sorriu debilmente ao me ver.

— Uma noite difícil, Sassenach? — ele perguntou, a voz ligeiramente rouca do ar frio e da falta de uso. A névoa infiltrava-se pela abertura da barraca, tingida de amarelo pela luz da lanterna.

— Já tive piores. — Alisei seus cabelos, afastando-os do rosto, examinando-o cuidadosamente. Estava pálido, mas não suado. Seu rosto estava abatido de dor,

mas sua pele estava fresca ao toque; nenhum sinal de febre. — Você não dormiu, não é? Como se sente?

— Um pouco assustado — ele disse. — E um pouco enjoado. Mas estou melhor agora que você está aqui. — Fez um esgar enviesado que era quase um sorriso.

Coloquei a mão sob seu maxilar, os dedos pressionados contra o pulso em seu pescoço. Seu coração batia regularmente sob as pontas dos meus dedos e eu estremeci brevemente, lembrando-me da mulher no campo de batalha.

— Você está fria, Sassenach — ele disse, sentindo. — E cansada também. Vai dormir, hein? Posso aguentar mais um pouco.

Eu estava cansada. A adrenalina da batalha e do trabalho da noite estava desaparecendo rapidamente; a fadiga se insinuava pela minha espinha dorsal e relaxava minhas juntas. Mas eu tinha uma boa ideia do que as horas de espera já haviam custado a ele.

— Não levará muito tempo — afirmei. — E é melhor acabar logo com isso. Assim, poderá dormir melhor.

Ele assentiu, embora não parecesse muito confiante. Desdobrei a pequena mesa dobrável que eu trouxera da barraca do hospital e armei-a perto de mim. Em seguida, retirei a preciosa garrafa de láudano e despejei uma dose do líquido escuro e fragrante em uma caneca.

— Tome bem devagar — eu disse, colocando a caneca em sua mão esquerda. Comecei a ordenar os instrumentos de que iria precisar certificando-me de que tudo estivesse à mão e arrumado. Eu havia pensado em pedir a Lester para vir me auxiliar, mas ele estava dormindo em pé, cambaleando como um bêbado sob as lanternas de luz turva da barraca do hospital, e eu o mandei ir buscar um cobertor e arranjar um lugar para dormir junto à fogueira.

Um pequeno bisturi, recentemente amolado. A jarra de álcool, com as ligaduras molhadas enroladas dentro como um ninho de minúsculas víboras, cada qual exibindo como presa uma pequena agulha curva. Outra com ligaduras enceradas e secas, para compressão arterial. Um ramalhete de instrumentos de sondagem, as pontas mergulhadas em álcool. Fórceps. Retratores de cabo longo. O tenáculo curvo, para pegar as pontas das artérias cortadas.

A tesoura cirúrgica, com suas lâminas curvas e curtas e o cabo modelado para se encaixar na mão, feita para mim sob medida pelo prateiro Stephen Moray. Ou quase sob medida. Eu insistira para que a tesoura fosse o mais simples possível, para facilitar a limpeza e desinfecção. Stephen obedecera com um modelo singelo e elegante, mas não conseguiu resistir a um pequeno floreio — um dos cabos exibia uma extensão em forma de gancho, contra o qual eu podia apoiar meu dedo mínimo, a fim de exercer mais força, e essa extrusão formava uma curva lisa, flexionada,

abrindo-se na ponta como um pequeno botão de rosa contra um arranjo de folhinhas. O contraste entre as lâminas pesadas e malévolas em uma das extremidades e essa delicada extravagância na outra sempre me fazia sorrir quando eu tirava a tesoura de seu estojo.

Tiras de gaze de algodão e de linho grosso, chumaços de algodão, emplastros adesivos manchados de vermelho com a seiva de sangue de dragão, que as tornava grudentas. Uma tigela aberta de álcool para desinfecção conforme eu trabalhava e os frascos de casca de cinchona, pasta de alho e milefólio para curativos.

— Pronto — eu disse com satisfação, verificando o arranjo pela última vez. Tudo devia estar preparado, já que estava trabalhando sozinha; se eu me esquecesse de alguma coisa, não haveria ninguém disponível para ir buscar para mim.

— Parece um bocado de preparativos para um mísero dedo — Jamie observou atrás de mim.

Virei-me e o encontrei apoiado em um dos cotovelos, observando, a xícara de láudano intacta em sua mão.

— Você não podia simplesmente arrancá-lo com uma faquinha e selar a ferida com ferro em brasa, como os cirurgiões militares?

— Poderia, sim — eu disse, secamente. — Mas felizmente eu não preciso. Temos tempo suficiente para fazer o trabalho adequadamente. Foi por isso que eu o fiz esperar.

— Mmmmhum. — Ele examinou a fileira de instrumentos brilhantes sem entusiasmo e era evidente que preferia acabar logo com aquilo o mais rápido possível. Percebi que para ele aquilo parecia uma tortura lenta e ritualizada, em vez de cirurgia sofisticada.

— Pretendo deixá-lo com a mão funcional — disse-lhe com firmeza. — Sem infecção, sem um toco supurando, sem uma mutilação malfeita e, se Deus quiser, sem dor, depois que sarar.

Suas sobrancelhas ergueram-se diante disso. Ele nunca mencionara o fato, mas eu sabia muito bem que sua mão direita e o incômodo dedo anelar haviam lhe causado dores intermitentes durante anos, desde que fora esmagada na prisão de Wentworth, quando foi mantido prisioneiro lá nos dias que antecederam o Levante dos Stuart.

— Trato é trato — eu disse, com um sinal da cabeça para a caneca em sua mão. — Beba.

Ele ergueu a caneca e relutantemente levou-a ao nariz longo e reto, as narinas torcendo-se com o cheiro enjoativamente doce. Deixou que o líquido escuro tocasse a ponta de sua língua e fez uma careta.

— Vai me deixar enjoado.

— Vai fazer você dormir.

— Vai me dar pesadelos terríveis.

— Desde que você não resolva caçar coelhos em seu sono, não tem importância — assegurei-lhe. Ele riu contra a vontade, mas fez uma tentativa final.

— Tem gosto daquilo que você raspa dos cascos dos cavalos.

— E quando foi a última vez que você lambeu o casco de um cavalo? — perguntei, com as mãos nos quadris. Lancei-lhe um olhar furioso de intensidade média, adequado para a intimidação de burocratas mesquinhos e oficiais subalternos do exército.

Ele suspirou.

— Você está falando sério, não é?

— Estou.

— Está bem, então. — Com um olhar acusatório de paciente resignação, atirou a cabeça para trás e bebeu o conteúdo da caneca de um único gole.

Um tremor convulsivo percorreu-o e ele fez pequenos ruídos de engasgamento.

— Eu disse para beber em pequenos goles — observei brandamente. — Vomite e eu farei você lambe tudo do chão.

Considerando-se a terra revirada e o capim pisoteado sob os pés, isso obviamente era uma ameaça infundada, mas ele comprimiu os lábios, apertou os olhos com força e deitou-se no travesseiro outra vez, respirando pesadamente e engolindo convulsivamente a intervalos de segundos. Peguei um banquinho baixo e sentei-me junto à cama de campanha para esperar.

— Como se sente? — perguntei, alguns minutos mais tarde.

— Zonzo — ele respondeu. Abriu uma brecha em um dos olhos e olhou-me através da estreita fenda azul, depois gemeu e fechou-a. — Como se estivesse caindo de um penhasco. É uma sensação muito desagradável, Sassenach.

— Tente pensar em alguma outra coisa por um instante — sugeri. — Algo agradável, para distrair a mente.

Franziu as sobrancelhas por um momento, depois relaxou.

— Fique de pé por um segundo, sim? — ele disse. Levantei-me obsequiosamente, imaginando o que ele estaria querendo. Ele abriu os olhos, estendeu o braço da mão sã e segurou minha nádega com força. — Pronto — ele disse. — É a melhor coisa em que posso pensar. Segurar seu traseiro sempre me faz sentir bem.

Eu ri e aproximei-me dele, de modo que sua testa pressionou-se contra as minhas coxas.

— Bem, pelo menos é um remédio portátil.

Ele fechou os olhos e continuou apertando-me com firmeza, respirando devagar e profundamente. As linhas duras de dor e exaustão em seu rosto

começaram a relaxar conforme a droga surtia efeito.

— Jamie — eu disse suavemente, após um minuto. — Sinto muito.

Ele abriu os olhos, olhou para cima e sorriu, dando-me um leve apertão.

— Sim, bem — ele disse. Suas pupilas haviam começado a se contrair; seus olhos estavam insondáveis, profundos, como se ele olhasse a uma grande distância. — Diga-me, Sassenach — falou, um momento depois. — Se alguém colocasse um homem à sua frente e lhe dissesse que se você amputasse um dedo seu o homem viveria e, se não o fizesse, ele morreria, você faria isso?

— Não sei — eu disse, ligeiramente surpresa. — Se decididamente não houvesse escolha e ele fosse um bom homem... sim, imagino que faria. Mas não ia gostar nem um pouco — acrescentei de modo prático, e sua boca curvou-se um pouco.

— Não — ele disse. Sua expressão estava se tornando suave e sonhadora. — Sabia — ele disse após um instante um coronel veio me ver, quando você estava tratando os feridos? Coronel Johnson; Micah Johnson, era o nome dele.

— Não; o que ele disse?

A mão em minha nádega começava a afrouxar; coloquei minha própria mão sobre a dele, para mantê-la no lugar.

— Era a companhia dele... na batalha. Parte de Morgan e o resto do regimento logo depois da colina, no caminho dos ingleses. Se o ataque tivesse ido adiante, eles certamente teriam perdido a companhia, ele disse, e só Deus sabe o que aconteceria com o resto. — Seu sotaque das Highlands estava ficando cada vez mais pronunciado, os olhos fixos em minha saia.

— Então, você os salvou — eu disse suavemente. — Quantos homens há em uma companhia?

— Cinquenta — ele disse. — Embora eu ache que nem todos seriam mortos. — Sua mão escorregou; levantou-a e segurou-me de novo, com uma risadinha. Eu podia sentir seu hálito através da minha saia, quente em minhas coxas. — Eu estive pensando que foi como na Bíblia, não é?

— Sim? — Pressionei sua mão contra a curva do meu quadril, mantendo-a no lugar.

— Aquela parte em que Abraão negocia com o Senhor pelas cidades da Planície. "Não destruirás a cidade" — ele citou — "por causa de cinquenta homens justos?" E então Abraão começa a negociar, um pouco de cada vez, de cinquenta para quarenta, depois para trinta, vinte e dez.

Seus olhos estavam semicerrados e a voz tranquila e despreocupada.

— Eu não tive tempo de averiguar a condição moral de nenhum daqueles homens da companhia. Mas você acha que podia haver dez homens justos entre eles? Homens bons?

— Tenho certeza que sim. — Sua mão estava pesada, o braço frouxo.

— Ou cinco. Ou mesmo apenas um. Um já bastaria.

— Tenho certeza que havia um.

— O rapaz de rosto redondo que a ajudou com os feridos... é um deles?

— Sim, é.

Ele suspirou profundamente, os olhos quase fechados.

— Diga-lhe, então, que eu não lamento pelo meu dedo — ele disse.

Segurei sua mão sã com força por um minuto. Ele respirava devagar e profundamente, a boca completamente relaxada. Virei-o delicadamente de costas e coloquei a mão sobre seu peito.

— Desgraçado — sussurrei. — Eu sabia que você ia me fazer chorar.

O acampamento lá fora estava em silêncio, nos últimos instantes de repouso antes que o nascer do sol fizesse os homens se movimentarem. Eu podia ouvir o chamado esporádico de uma sentinela avançada e o murmúrio de conversas quando dois exploradores passaram perto de minha barraca, na direção da floresta para caçar. As fogueiras do acampamento haviam se transformado em cinzas, mas eu tinha três lanternas, arrumadas de modo a lançar luz sem sombras.

Coloquei uma tábua fina e quadrada de pinho macio no colo para servir de superfície de trabalho. Jamie estava deitado de barriga para baixo na cama de campanha, a cabeça virada para mim para que eu pudesse monitorar a cor de seu rosto. Estava profundamente adormecido; sua respiração vinha lenta e ele não se contraiu quando pressionei a ponta afiada de um instrumento de exame contra o dorso de sua mão. Tudo pronto.

A mão estava inchada, intumescida e descolorada, o ferimento de espada uma linha grossa e preta contra a pele dourada de sol. Fechei os olhos por um instante, segurando seu pulso, contando os batimentos cardíacos. Um-e-dois-e-três-e-quatro...

Eu raramente rezava conscientemente ao me preparar para cirurgia, mas sempre buscava algo — algo que não sabia descrever, mas sempre reconhecia: certa quietude da alma, o distanciamento da mente na qual eu pudesse me equilibrar naquele fio de navalha entre a impiedade e a compaixão, ao mesmo tempo envolvida na mais completa intimidade com o corpo sob minhas mãos e capaz de destruir o que eu tocava em nome da cura.

Um-e-dois-e-três-e-quatro...

Percebi com um sobressalto que meu próprio coração havia reduzido os batimentos; o pulso na ponta do meu dedo combinava com o pulso de Jamie, batimento por batimento, forte e devagar. Se eu estivesse esperando por um sinal, imagino que aquele serviria. Um, dois, três e já, pensei, pegando o bisturi.

Uma pequena incisão horizontal sobre as juntas dos dedos anelar e mínimo,

depois para baixo, cortando a pele até quase o pulso. Soltei a pele cuidadosamente com a ponta da tesoura, depois preendi para trás a aba solta com um dos longos instrumentos de exame, enfiando-o na madeira macia da tábua.

Eu tinha um pequeno atomizador cheio com uma solução de água destilada e álcool; a esterilização sendo impossível, eu o usava para borrifar uma fina camada de umidade sobre a área da operação e lavar o primeiro afluxo de sangue. Não muito; o vasoconstritor que eu lhe dera estava funcionando, mas o efeito não duraria muito.

Delicadamente, afastei as fibras musculares — as que ainda estavam intactas — para expor o osso e o tendão que o cobria, brilhando, prateado, entre as cores vívidas do corpo. A espada quase atravessara o tendão, um centímetro acima dos ossos do carpo. Cortei as poucas fibras restantes e a mão torceu-se de forma desconcertante em reflexo.

Mordi o lábio, mas estava tudo bem; fora a mão, ele não se movera. Ele parecia diferente ao tato; sua carne tinha mais vida do que a de um homem sob o efeito de éter ou pentotal. Ele não estava anestesiado, mas apenas drogado, em estupor; a sensação de sua carne era flexível, não a flacidez maleável a que eu estava acostumada no hospital na minha própria época. Ainda assim, era um grande contraste — e um incomensurável alívio — com as convulsões vívidas e aterrorizadas que eu senti sob minhas mãos na barraca do hospital.

Afastei o tendão cortado com o fórceps. Havia a ramificação profunda do nervo ulnar, uma trama delicada de mielina branca, com seus minúsculos ramos espalhando-se até se tornarem invisíveis, dentro dos tecidos. Ótimo, avançava bem adiante na direção do dedo mínimo, de modo que eu podia trabalhar sem danificar o tronco principal do nervo.

Nunca se sabia; as ilustrações dos livros de medicina eram uma coisa, mas a primeira lição que um cirurgião aprendia era que os corpos eram assustadoramente únicos. Um estômago estaria mais ou menos onde você esperava que ele estivesse, mas os nervos e os vasos sanguíneos que o supriam podiam estar em qualquer parte das vizinhanças imediatas, e muito provavelmente variando na forma e na quantidade também.

Mas agora eu conhecia os segredos desta mão. Eu podia ver sua engenharia, as estruturas que lhe davam forma e movimento. Havia o arco belo e forte do terceiro osso metacarpiano e a delicadeza da teia de vasos sanguíneos que o supriam. O sangue aflorava, lento e vívido; um vermelho escuro na minúscula poça da região aberta; escarlate brilhante onde manchava o osso talhado; um azul real escuro na minúscula veia que pulsava abaixo da junta; uma crosta negra na borda do ferimento original, onde havia coagulado.

Eu já sabia, sem me perguntar como, que o quarto metacarpiano estava

estilhaçado. Estava; a lâmina atingira perto da base do osso, lascando a pequena cabeça próxima ao centro da mão.

Iria tirá-lo, também, portanto; os pedaços de ossos livres teriam que ser removidos, de qualquer modo, para impedir que irrigassem os tecidos próximos. Remover o osso metacarpiano iria deixar os dedos médio e mínimo se juntarem, na verdade estreitando a mão e eliminando a estranha lacuna que o dedo faltante deixaria.

Puxei o dedo mutilado com força, para abrir o espaço articular entre as juntas, depois usei a ponta do bisturi para cortar o ligamento. As cartilagens se separaram com um minúsculo, mas audível pop!—, Jamie deu um sobressalto e gemeu, a mão contorcendo-se na minha.

— Calma — sussurrei para ele, segurando sua mão com firmeza. — Calma, está tudo bem. Eu estou aqui, está tudo bem.

Eu não podia fazer nada pelos rapazes que morriam no campo de batalha, mas ali, para ele, eu podia oferecer magia e saber que o feitiço daria certo. Ele me ouviu, no fundo de seus sonhos perturbados pelo ópio; ele franziu a testa e murmurou alguma coisa ininteligível, depois suspirou profundamente e relaxou, o pulso ficando frouxo outra vez sob minha mão.

Em algum lugar nas proximidades, um galo cantou, e eu olhei para a parede da barraca. Estava bem mais claro agora e uma brisa fraca do alvorecer infiltrava-se pela abertura da barraca atrás de mim, fresca em minha nuca.

Destacar o músculo subjacente com o menor dano possível. Amarrar a pequena artéria digital e dois outros vasos sanguíneos que pareciam grandes o suficiente para atrapalhar, cortar as últimas fibras e fragmentos de pele que seguravam o dedo, em seguida tirá-lo, o osso metacarpiano pendurado, surpreendentemente branco e despido, como um rabo de rato.

Foi um trabalho limpo, perfeito, mas senti uma ligeira sensação de tristeza ao dispor do pedaço de carne mutilada. Tive uma visão momentânea de Jamie segurando o recém-nascido Jemmy, contando os dedinhos das mãos e dos pés, a admiração e o prazer estampados em seu rosto. Seu pai também havia contado seus dedos.

— Tudo bem — sussurrei, tanto para mim mesma quanto para ele. — Tudo bem. Vai sarar.

O resto foi rápido. Fórceps para pinçar os minúsculos fragmentos de osso estilhaçado. Limpei o ferimento da melhor forma possível, removendo vestígios de grama e terra, até mesmo um fiapo de pano que se enfiara na carne. Depois, nada mais além de limpar as bordas irregulares do ferimento, aparando um pequeno excesso de pele e suturando as incisões. Uma pasta de alho e folhas de carvalho-branco, misturadas com álcool e espalhadas na mão em uma grossa camada, um

curativo de algodão e gaze, e uma bandagem apertada de linho e emplastro adesivo, para reduzir o inchaço e estimular os dedos médio e mínimo a se aproximarem.

O sol já estava quase surgindo no horizonte; a lanterna no alto parecia turva e fraca. Meus olhos ardiam do trabalho meticuloso e da fumaça das fogueiras. Ouviam-se vozes do lado de fora, vozes de oficiais dando ordens aos soldados, acordando-os para encararem o dia — e o inimigo?

Coloquei a mão de Jamie sobre o catre, perto do rosto. Ele estava pálido, mas não excessivamente, e seus lábios estavam levemente rosados, não azulados. Deixei os instrumentos cirúrgicos em um balde de água e álcool, repentinamente cansada demais para limpá-los adequadamente. Enrolei o dedo amputado em uma atadura de linho, sem saber ao certo o que fazer com ele, e deixei-o sobre a mesa.

— É hora de acordar! É hora de acordar! — vinham os gritos ritmados dos sargentos lá de fora, pontuados por espirituosas variações e respostas ásperas dos relutantes madrugadores.

Não me dei ao trabalho de me despir; se houvesse luta hoje, logo eu seria acordada. Mas não Jamie. Eu não tinha nada a temer; independente do que acontecesse, ele não iria lutar hoje.

Soltei meus cabelos e sacudi-os por cima dos ombros, suspirando de alívio. Em seguida, deitei-me ao seu lado no catre, bem junto dele. Ele estava de barriga para baixo; eu podia ver a elevação musculosa de suas nádegas, lisa sob o cobertor que o cobria. Movida por um impulso, coloquei a mão em seu traseiro e apertei.

— Bons sonhos — eu disse, deixando o cansaço tomar conta de mim.



SEPARADO PARA SEMPRE DE AMIGOS E PARENTES

O tenente lorde Ellesmere finalmente matara um rebelde. Vários, ele achava, apesar de não poder ter certeza sobre aqueles em que atirara; alguns deles caíram, mas podiam estar apenas feridos. Ele tinha certeza sobre o homem que atacara um dos canhões ingleses, com um grupo de outros rebeldes. Ele cortara o sujeito ao meio com um sabre de cavalaria e sentiu uma estranha dormência no braço da espada durante vários dias depois, fazendo-o flexionar a mão esquerda, a intervalos regulares para se certificar de que ainda conseguia usá-la.

A dormência não se limitava a seu braço.

Os dias que se seguiram à batalha no acampamento britânico eram passados em parte na retirada ordenada dos feridos, no enterro dos mortos e na reorganização das tropas. Ou do que restara das tropas para ser reorganizado. A deserção prevalecia; havia um fluxo constante de partidas furtivas — certo dia, uma companhia inteira dos homens de Brunswick desertou.

Ele supervisionou mais de um destacamento para enterrar os mortos, observando com o rosto constricto enquanto os homens — e garotos — que ele conhecera eram consignados à terra. Nos dois primeiros dias, não haviam enterrado os corpos bastante fundo e foram obrigados a ouvir durante toda a noite os uivos e rosnados de lobos lutando por causa dos cadáveres que desenterraram de suas sepulturas rasas. Enterraram novamente o que sobrou no dia seguinte, mais fundo.

Havia fogueiras acesas a cada cem metros ao redor do acampamento à noite, pois os atiradores de elite americanos aproximavam-se na escuridão, matando as sentinelas avançadas.

Os dias eram escaldantes, as noites desgraçadamente frias — e ninguém descansava. Burgoyne emitira uma ordem de que nenhum oficial ou soldado jamais deveria dormir sem roupas, e William não trocava suas roupas de baixo há mais de uma semana. Não importava como ele cheirava; seu próprio fedor era indetectável. Os homens eram obrigados a estar em suas fileiras, com suas armas, uma hora antes do amanhecer, e permanecer ali até o sol ter dissipado a neblina, para ter certeza de

que a névoa não escondia americanos prontos para atacar.

A ração diária de pão foi cortada. Carne de porco salgada e farinha estavam acabando e os mascates que acompanhavam os acampamentos militares já não tinham tabaco e conhaque, para descontentamento das tropas alemãs. Do lado bom, as defesas britânicas estavam em esplêndida ordem, com duas largas fortificações construídas e mil homens enviados para cortar árvores, a fim de abrir campos de tiro para a artilharia. E Burgoyne anunciara que o general Clinton era esperado em dez dias, com uma tropa de apoio — e comida, esperava-se. Tudo que tinham a fazer era esperar.

— Os judeus esperam o Messias assim como nós esperamos o general Clinton — brincou o oberleutenant Gruenwald, que por algum milagre sobrevivera a seu ferimento em Bennington.

— Ha-ha — William disse.

O acampamento americano estava animado, mais do que pronto para terminar o que tinham começado. Infelizmente, enquanto o acampamento britânico estava com falta de rações, os americanos estavam com falta de munição e pólvora. O resultado foi um período de nervosa estagnação, durante o qual os americanos constantemente faziam incursões na periferia do acampamento britânico, mas não podiam fazer nenhum progresso verdadeiro.

Ian Murray achava a situação extremamente maçante e, depois que uma investida simbólica no nevoeiro resultara em que um companheiro descuidado pisara em uma escápula de canhão jogada fora e perfurara o pé, ele decidiu que isso era uma desculpa aceitável para fazer uma visita à barraca do hospital onde Rachel Hunter ajudava seu irmão.

Mas a perspectiva deixou-o tão animado que ele não prestou a devida atenção onde pisava na névoa e mergulhou de cabeça em uma ribanceira, batendo com a cabeça de raspão em uma pedra. E foi assim que os dois homens voltaram ao acampamento mancando, um apoiando o outro, e se arrastaram até a barraca do hospital.

Estava movimentado lá dentro; não era ali que estavam os feridos na batalha, mas os que tinham aflições triviais iam para tratamento. Ian não quebrara a cabeça, mas estava vendo tudo em duplicata e fechou um dos olhos na esperança de que isso o ajudasse a localizar Rachel.

— Ho ro — alguém atrás dele disse com grande aprovação — mo nighean donn boidheach!

Por um instante de tontura, achou que era seu tio falando e pestanejou estupidamente, perguntando-se por que seu tio Jamie estaria flertando com sua tia enquanto ela estava trabalhando — mas tia Claire não estava ali, seu raciocínio lento o lembrou, portanto o que...

Com uma das mãos sobre o olho para impedir que ele caísse desua cabeça, virou-se cuidadosamente e viu um homem na porta da barraca.

O sol da manhã acendia fagulhas dos cabelos do sujeito e Ian ficou boquiaberto, sentindo como se tivesse levado um soco na boca do estômago.

Não era tio Jamie, pôde ver isso imediatamente quando o homem entrou, também ajudando um companheiro que mancava. O rosto estava errado; vermelho e castigado pelo tempo, com feições bem-humoradas e nariz arrebitado; os cabelos eram cor de gengibre, não ruivos, e recuavam acentuadamente nas têmporas. Tinha uma constituição sólida, não era extraordinariamente alto, mas a maneira como se movia... como um lince, mesmo sobrecarregado com o peso do amigo, e por alguma razão Ian não conseguia se livrar da persistente impressão de Jamie Fraser.

O homem de cabelos cor de gengibre vestia um kilt, ambos vestiam. Escoceses das Highlands, pensou, completamente zozinho. Mas ele soubera disso no instante em que o sujeito falou.

— Có thu? — Ian perguntou abruptamente. Quem é você?

Ouvindo o gaélico, o homem olhou para ele, surpreso. Examinou Ian de cima a baixo, observando seu traje mohawk, antes de responder.

— Is mise Seaumais Mac Choinnich à Boisdale — ele respondeu, educadamente.

— Có tha faighneachd? — Sou Hamish Mackenzie, de Boisdale. Quem pergunta?

— Ian Murray — ele respondeu, tentando clarear as ideias. O nome parecia-lhe vagamente familiar, mas por que não o seria? Ele conhecia centenas de MacKenzies. — Minha mãe era Mackenzie — acrescentou, da forma usual de estabelecer relações com estranhos. — Ellen Mackenzie, de Leoch.

Os olhos do sujeito arregalaram-se.

— Ellen, de Leoch? — exclamou o homem, empolgado. — Filha daquele que chamavam Jacob Ruaidh?

Em sua empolgação, a mão de Hamish apertou seu amigo com força e o homem deu um ganido. Isso atraiu a atenção da jovem — aquela que Hamish saudara como "Oh, bela senhorita cor da noz" — e ela veio correndo ver do que se tratava.

Ela estava da cor da noz, Ian notou; Rachel Hunter, bronzeada do sol até o tom suave de uma noz, o que aparecia de seus cabelos por baixo do lenço da cor da casca da noz, e ele sorriu diante do pensamento. Ela o viu e estreitou os olhos.

— Bem, se consegue rir como um macaco, então não está gravemente ferido. Por que... — Parou, perplexa de ver Ian Murray abraçado a um escocês das Highlands em seu kilt e que chorava de alegria. Ian não estava chorando, mas estava inegavelmente contente.

— Vai querer conhecer meu tio Jamie — ele disse, desvencilhando-se habilmente do abraço. — Seaumais Ruaidh, acho que era assim que o chamava.

Jamie Fraser estava de olhos fechados, cautelosamente explorando a dor em sua mão. Era aguda, forte o suficiente para deixá-lo nauseado, mas com aquela dor profunda, opressiva, comum a ossos quebrados. Ainda assim, era uma dor de cura. Claire costumava falar de ossos se soldando como se tecessem uma malha, e ele sempre achara que isso era mais do que uma simples metáfora; às vezes, sentia como se alguém estivesse de fato enfiando agulhas de aço no osso e forçando as pontas estilhaçadas a se refazer em algum formato, independente de como a carne ao redor se comportasse.

Devia olhar para sua mão, ele sabia disso. Tinha que se acostumar com ela, afinal. Ele dera uma rápida olhada e isso o deixara tonto e a ponto de vomitar por puro atordoamento. Não conseguia reconciliar a visão, a sensação, com a forte lembrança de como sua mão deveria ser.

Mas ele já fizera isso antes, lembrou a si mesmo. Ele se acostumara com as cicatrizes e a rigidez. No entanto... lembrava-se de como era sua mão jovem, de como a sentia, tão cômoda, flexível e sem dor, fechada em torno do cabo de uma enxada, do punho de uma espada. Segurando uma pena de escrever — bem, não. Sorriu amargamente consigo mesmo. Isso não tinha sido fácil, mesmo quando seus dedos estavam na melhor forma.

Ele seria capaz de escrever com essa mão agora?, perguntou-se repentinamente, e por curiosidade flexionou-a um pouco. A dor o fez arfar, mas... seus olhos estavam abertos, fixos na mão. A visão desconcertante de seu dedo mínimo pressionado junto ao dedo médio de fato dava um aperto em sua barriga, mas... seus dedos curvaram-se. Era uma dor terrível, mas era apenas dor; não havia resistência, nenhum impedimento persistente causado pelo dedo rígido. Sua mão... funcionava.

"Pretendo deixá-lo com a mão funcional." Podia ouvir a voz de Claire, ansiosa, mas segura.

Sorriu ligeiramente. Não adiantava argumentar com a mulher sobre nenhuma questão médica.

Entrei na barraca para pegar meu pequeno instrumento de cauterização e encontrei Jamie sentado no catre, lentamente flexionando a mão ferida e contemplando o dedo amputado em uma caixa ao seu lado. Eu o havia embrulhado rapidamente em um emplastro e agora parecia um verme mumificado.

— Ei — eu disse suavemente. — Eu vou, hum, jogar isso fora, está bem?

— Como? — Ele estendeu o indicador experimentalmente, tocou o dedo, depois retirou a mão bruscamente, como se o dedo amputado tivesse se movido de repente. Emitiu um pequeno som nervoso, que não chegava a ser uma risadinha.

— Queimá-lo? — sugeri. Esse era o método usual para dispor de membros amputados em campos de batalha, embora eu pessoalmente nunca tivesse feito isso. A ideia de fazer uma pira funerária para a cremação de um único dedo pareceu-me repentinamente absurda — apesar de não mais absurda do que simplesmente atirá-lo em uma das fogueiras para o preparo de comida e esperar que ninguém notasse.

Jamie fez um ruído de dúvida na garganta, indicando que ele não gostava da ideia.

— Bem... imagino que se pode defumá-lo — eu disse, igualmente em dúvida. — E guardá-lo no seu sporran como souvenir. Como o Jovem Ian fez com a orelha de Neil Forbes. Sabe se ele ainda a tem?

— Sim, tem. — A cor de Jamie começou a voltar, à medida que recuperava seu autocontrole. — Mas não, não acho que eu possa fazer isso.

— Eu podia conservá-lo em álcool de vinho — propus. Isso evocou o fantasma de um sorriso.

— Aposto dez a um que alguém iria bebê-lo antes do final do dia, Sassenach. — Eu mesma achei que essa era uma aposta generosa. Mil a um era mais provável. Eu só conseguia manter meu álcool medicinal intato fazendo um dos mais ferozes amigos índios de Ian guardá-lo, quando eu não o estava usando — e dormir com o barril perto de mim à noite.

— Bem, acho que isso deixa o enterro como única opção.

— Mmmhum. — Esse som indicava concordância, mas com reservas, e eu ergui os olhos para ele.

— O que foi?

— Sim, bem — ele disse, um pouco timidamente. — Quando Fergus perdeu a mão, nós... bem, foi ideia de Jenny. Mas fizemos uma espécie de funeral, sabe?

Mordi o lábio.

— Bem, por que não? Vai ser um acontecimento em família ou devemos convidar todo mundo?

Antes que ele pudesse responder, ouvi a voz de Ian do lado de fora, conversando com alguém, e um instante depois sua cabeça desgrenhada surgiu através da porta da barraca. Um dos olhos estava roxo e inchado, e havia um galo considerável em sua testa, mas ele ria de orelha a orelha.

— Tio Jamie? — ele disse. — Tem uma pessoa aqui para vê-lo.

— Como é que você veio parar aqui, a charaid? — Jamie perguntou, em algum momento depois da terceira garrafa. Havíamos jantado há muito tempo e a fogueira do acampamento queimava fracamente.

Hamish limpou a boca e devolveu a nova garrafa.

— Aqui — ele repetiu. — Aqui neste fim de mundo, você quer dizer? Ou aqui, lutando contra o rei? — Lançou um olhar direto e azul a Jamie, tão parecido

com o do próprio Jamie que ele sorriu ao perceber.

— A segunda pergunta é uma resposta da primeira? — ele disse, e Hamish esboçou um sorriso em resposta.

— Sim, isso mesmo. Você sempre foi rápido como um beija-flor, a Sheaumais. Tanto física quanto mentalmente. — Vendo pela minha expressão que eu talvez não fosse tão rápida em minhas percepções, virou-se para mim.

"Foram as tropas do rei que mataram meu tio, os soldados do rei que mataram os guerreiros do clã, que destruíram a terra, que deixaram as mulheres e crianças desamparadas, que destruíram minha casa e me exilaram, que mataram metade das pessoas que me restaram de frio e de fome e das doenças das terras inóspitas. — Ele falou calmamente, mas com uma paixão que ardia em seus olhos.

"Eu tinha onze anos quando vieram ao castelo e nos exilaram. Fiz doze anos no dia em que me obrigaram a fazer meu juramento ao rei; disseram que eu era um homem. E quando finalmente chegamos à Nova Escócia... eu era."

Virou-se para Jamie.

— Também o fizeram prestar juramento, a Sheaumais?

— Sim — Jamie disse brandamente. — Mas um juramento sob coação não obriga um homem, nem o afasta do conhecimento do que é certo.

Hamish estendeu a mão e Jamie apertou-a, embora não olhassem um para o outro.

— Não — ele disse, com determinação e certeza. — Isso não faz.

Talvez não; mas eu sabia que ambos estavam pensando, como eu, nas palavras daquele juramento: Que eu repouse em uma sepultura não consagrada, separado para sempre de amigos e parentes. E ambos pensando — como eu — quais eram as chances de que fosse exatamente esse o destino que teriam.

E eu também.

Limpei a garganta.

— Mas e os outros? — eu disse, impelida pela lembrança de tantos que eu conhecera na Carolina do Norte e sabendo que o mesmo era verdade para muitos no Canadá. — Os escoceses das Highlands que são legalistas?

— Sim, bem — Hamish disse suavemente, e olhou para dentro do fogo, as linhas de seu rosto esculpidas pela sua claridade. — Lutaram corajosamente, mas seu coração estava morto. Só querem sossego agora e que os deixem em paz. Mas a guerra não deixa ninguém em paz, não é? — Olhou repentinamente para mim, e por um surpreendente momento eu vi Dougal Mackenzie olhando através de seus olhos, aquele homem violento, impaciente, que tinha fome de guerra. Sem esperar uma resposta, ele deu de ombros e continuou: — A guerra os encontrou outra vez; não têm escolha senão lutar. Mas qualquer um pode ver que bando patético o Exército Continental é... ou era. — Ergueu a cabeça, balançando-a um pouco, como se o

fizesse para si mesmo, à visão das fogueiras do acampamento, das barracas, da imensidão de névoa cravejada de estrelas que se estendia acima de nós, cheia de fumaça e poeira, e do cheiro de armas e fezes. Achavam que os rebeldes seriam exterminados, e rapidamente. Independentemente de juramento, quem senão um tolo iria se unir a uma empreitada tão arriscada?

Um homem que não tivesse tido chance de lutar antes, pensei.

Ele sorriu de viés para Jamie.

— Fiquei surpreso de não termos sido exterminados — ele disse, soando de fato um pouco admirado. — Você também não ficou surpreso, a Sheaumais?

— Estupefato — Jamie disse, um leve sorriso em seu próprio rosto. — Mas fiquei contente. E contente por você também... A Sheaumais.

Conversaram durante quase a noite inteira. Quando resvalaram para o gaélico, levantei-me, coloquei a mão no ombro de Jamie, como sinal de boa-noite, e entrei embaixo de meus cobertores. Exausta com o trabalho do dia, peguei no sono imediatamente, embalada pelo som de sua conversa tranquila, como o som de abelhas nas urzes. A última coisa que vi antes de o sono me dominar foi o rosto do Jovem Ian do outro lado da fogueira, extasiado em ouvir o escocês que desaparecera exatamente quando ele próprio nascia.



UM VISITANTE CAVALHEIRO

Sra. Fraser? — uma agradável voz masculina falou atrás de mim e eu me virei, deparando-me com um oficial troncudo, de ombros largos, na porta da minha barraca, em manga de camisa e colete, segurando uma caixa em um dos braços.

— Sim, sou eu. Em que posso ajudá-lo?

Ele não parecia doente; na realidade, tinha uma aparência mais saudável do que a maior parte do exército, o rosto muito castigado pelas intempéries, mas cheio e rosado. Ele sorriu, um sorriso repentino, encantador, que transformou totalmente seu nariz grande e adunco, e as grossas sobrancelhas.

— Eu espero que possamos fazer um pequeno negócio, sra. Fraser. — Ergueu uma das sobrancelhas peludas e, ao meu gesto convidando-o a entrar, agachou-se apenas um pouco e entrou na barraca.

— Suponho que isso dependa do que você está procurando — eu disse, com um olhar de curiosidade para a sua caixa. — Se for uísque, receio que não possa lhe dar. — Havia de fato um pequeno barril dessa preciosa substância escondido sob a mesa no momento, juntamente com um barril um pouco maior do meu álcool medicinal bruto — e o cheiro deste último era forte no ar, já que eu estava colocando ervas em infusão nele. Aquele cavalheiro não era o primeiro a ser seduzido pelo cheiro — soldados de todos os níveis eram atraídos como moscas.

— Oh, não — garantiu-me, apesar de lançar um olhar interessado para a mesa atrás de mim, onde eu tinha vários jarros em que produzia o que eu esperava fosse penicilina. — Soube, no entanto, que a senhora possui um estoque de casca de cinchona. É verdade?

— Bem, sim. Por favor, sente-se. — Indiquei-lhe o banquinho de meus pacientes e eu mesma me sentei, joelho contra joelho. — Você sofre de malária? — Eu achava que não; seus olhos estavam límpidos, não amarelados.

— Não, graças a Deus. Mas tenho um cavalheiro sob meu comando, um amigo particular, que sofre muito, e nosso médico não tem nenhuma casca de quina. Esperava que a senhora pudesse ser convencida a fazer uma troca...?

Ele colocara a caixa na mesa ao nosso lado e nesse momento abriu-a com um piparote. Era dividida em pequenos compartimentos e continha um extraordinário sortimento de coisas: galões, fitas de seda, um par de travessas de tartaruga, uma sacolinha de sal, uma caixa de pimenta, uma caixa esmaltada de rapé, um broche de estanho na forma de um lírio, várias meadas de coloridos fios de seda para bordar, um feixe de paus de canela e uma série de pequenos frascos cheios aparentemente de ervas. E uma garrafa de vidro, cujo rótulo dizia...

— Láudano! — exclamei, estendendo a mão involuntariamente. Parei, mas o oficial gesticulou, indicando-me que prosseguisse, e eu retirei o frasco cuidadosamente de seu lugar, destampeei-o e passei o bocal cautelosamente pelo nariz. O cheiro pungente, enjoativamente doce do ópio, flutuou para fora, um gênio na garrafa. Limpei a garganta e recoloquei a rolha.

Ele me observava com interesse.

— Eu não tinha certeza do que lhe agradaria mais — ele disse, abanando a mão para o conteúdo da caixa. — Eu tinha uma loja, sabe. A maior parte dos produtos era farmacêutica, mas artigos de luxo também. Aprendi no decorrer dos negócios que é sempre melhor dar às senhoras uma boa escolha; elas tendem a ser muito mais discriminadoras do que os homens.

Lancei-lhe um olhar incisivo, mas não era conversa fiada; ele sorriu para mim outra vez e achei que ele era um desses homens incomuns — como Jamie que realmente gostava das mulheres, além do óbvio.

— Acho que podemos ajudar um ao outro, então — eu disse, devolvendo o sorriso. — Eu não deveria perguntar, imagino, não quero atrasá-lo; eu lhe darei o que precisa para seu amigo, mas, pensando em um possível negócio futuro, o senhor tem mais láudano?

Ele continuou a sorrir, mas seu olhar se aguçou; possuía olhos incomuns, aquele cinza claro em geral descrito como "cor de cuspe".

— Ora, sim — ele disse devagar. — Tenho bastante. A senhora... O usa regularmente?

Ocorreu-me que ele estava se perguntando se eu era viciada; não era absolutamente incomum, em círculos onde o láudano podia ser obtido com facilidade.

— Eu mesma não uso, não — respondi sem me alterar. — E o administro aos que precisam com considerável cautela. Mas alívio da dor é uma das coisas mais importantes que eu posso oferecer a algumas pessoas que me procuram... Deus sabe que não posso oferecer a cura a muitas delas.

Suas sobrancelhas ergueram-se.

— Essa é uma afirmação bastante inusitada. A maioria das pessoas em sua profissão parece prometer a cura a praticamente todo mundo.

— Como é mesmo aquele ditado? "De boas intenções o inferno está cheio"?
— Sorri, mas sem muito humor. — Todo mundo quer a cura e certamente não há nenhum médico que não queira proporcioná-la. Mas há muitas coisas que estão além do poder de um médico e, embora você possa não dizer isso a um paciente, é bom você conhecer seus próprios limites.

— Acha mesmo? — Ele inclinou a cabeça para o lado, olhando-me com curiosidade. — Não acha que a admissão de tais limites, a priori, e eu não falo apenas no sentido médico, mas em qualquer área da atividade humana, que tal admissão em si mesma estabelece os limites? Isto é, essa expectativa pode impedir uma pessoa de realizar tudo que for possível, pois ela presume que algo não é possível e portanto não se esforça com todas as suas forças para realizá-lo?

Pestanejei para ele, um pouco surpresa.

— Bem... sim — respondi devagar. — Se coloca dessa forma, acho que concordo com você. Afinal — abanei a mão na direção da aba de entrada da barraca, indicando o exército ao redor —, se eu não, se nós não acreditássemos que uma pessoa pode realizar coisas além de toda expectativa razoável, eu e meu marido estaríamos aqui?

Ele riu.

— Brava, senhora! Sim, um observador imparcial chamaria, eu acho, esta aventura de pura loucura. E poderia estar certo — acrescentou, com um jeito irônico da cabeça. — Mas vão ter que nos derrotar, de qualquer forma. Nós não vamos desistir.

Ouvi vozes do lado de fora; Jamie, conversando informalmente com alguém, e no instante seguinte, enfiando a cabeça pela abertura da barraca.

— Sassenach — ele começou a dizer você poderia — estancou de repente, ao ver meu visitante, e endireitou-se com um cumprimento formal. — Senhor.

Olhei de novo para o visitante, surpresa; a atitude de Jamie deixava claro que aquele era algum tipo de oficial superior; eu achara que ele devia ser talvez um capitão ou um major. Quanto ao próprio oficial, ele balançou a cabeça, com um cumprimento amistoso, mas reservado.

— Coronel. Sua esposa e eu estávamos discutindo a filosofia do empreendimento. O que me diz... um homem sábio conhece seus limites ou um homem corajoso os nega? E de que forma o senhor se declara?

Jamie pareceu ligeiramente surpreso e olhou para mim; ergui um dos ombros quase imperceptivelmente.

— Ah, bem — ele disse, voltando a atenção novamente para o meu visitante. — Ouvi dizer que o alcance de um homem deve exceder o que ele pode agarrar, ou para que serviria o céu?

O oficial fitou-o por um instante, boquiaberto, depois riu com prazer, dando

um tapa no joelho.

— O senhor e sua esposa são únicos! São meu tipo de gente. Isso é esplêndido; lembra-se de onde ouviu isso?

Jamie lembrava-se; ouvira de mim, mais de uma vez ao longo dos anos. Mas ele apenas sorriu e deu de ombros.

— Um poeta, eu creio, mas esqueci o nome.

— Bem, um sentimento perfeitamente expresso, ainda assim, e eu pretendo experimentá-lo diretamente em Granny, embora imagine que ele apenas piscará estupidamente para mim através de seus óculos e reclamará da falta de suprimentos. Esse é um homem que conhece seus limites — observou para mim, ainda de bom humor, mas com um tom distintamente cortante na voz. — Conhece seus limites desgraçadamente pequenos e não deixa ninguém excedê-los. O céu não é para alguém como ele.

Essa última observação foi mais do que irritada; o sorriso desaparecera de seu rosto e eu vislumbrei uma raiva ardente no fundo de seus olhos pálidos. Tive um momento de inquietação; "Granny" só podia ser o general Gates e este homem era evidentemente um membro descontente do alto comando. Eu sinceramente esperava que Robert Browning e eu não tivéssemos colocado Jamie no meio de alguma enrascada.

— Bem — eu disse, tentando minimizar a questão —, não podem derrotá-lo se você não desistir.

A sombra que anuviara sua fronte clareou e ele sorriu para mim, com uma expressão alegre outra vez.

— Oh, eles nunca me derrotarão, sra. Fraser. Acredite-me!

— Acredito — afirmei, virando-me para abrir uma de minhas caixas. — Deixe-me encontrar a casca de cinchona para você... hã... — hesitei, sem saber sua patente, e ele notou, batendo a mão na testa como um pedido de desculpas.

— Minhas desculpas, sra. Fraser! O que vai pensar de um homem que surge de repente em sua presença, grosseiramente pedindo medicamentos e se esquecendo até mesmo de se apresentar adequadamente?

Ele pegou o pequeno pacote de casca triturada de minha mão, reteve-a e inclinou-se numa pronunciada medida, delicadamente beijando os nós dos meus dedos.

— General de divisão Benedict Arnold. Seu criado, madame.

Jamie ficou olhando o general se afastar, a testa ligeiramente franzida. Em seguida, olhou novamente para mim e sua fronte se desanuviou instantaneamente.

— Você está bem, Sassenach? Está com uma aparência de quem está prestes a desmaiar.

— Na verdade, é bem provável — eu disse, um pouco zozza, buscando meu

banquinho. Sentei-me e descobri o novo frasco de láudano na mesa ao meu lado. Peguei-o, achando em seu peso sólido a tranquilidade que precisava depois do choque da descoberta de quem era o homem que acabava de nos deixar. — Eu estava mentalmente preparada para me deparar com George Washington ou Benjamin Franklin em pessoa em algum momento — eu disse. — Até mesmo John Adams. Mas não esperava ele... e eu gostei dele — acrescentei melancolicamente.

As sobranceiras de Jamie ainda estavam erguidas e ele olhou para a garrafa em meu colo como se imaginasse se eu andara tomando um gole.

— Por que você não deveria gostar... oh. — Seu rosto mudou. — Sabe alguma coisa sobre ele?

— Sei, sim. E não é algo que eu queira saber. — Engoli em seco, sentindo-me um pouco nauseada. — Ele ainda não é um traidor, mas vai ser.

Jamie olhou para trás por cima do ombro, para ter certeza de que não fôssemos ouvidos, depois voltou e sentou-se no banquinho do paciente, segurando minhas mãos nas suas.

— Conte-me — ele disse, a voz baixa.

Havia limites para o que eu podia lhe contar — e não pela primeira vez lamentei não ter prestado mais atenção ao dever de casa de história de Brianna, já que isso formava o núcleo do meu conhecimento específico com relação à Revolução Americana.

— Ele lutou em nosso... do lado americano por algum tempo, e era um soldado brilhante, embora eu não saiba os detalhes. Mas em determinado momento ele ficou desiludido, decidiu mudar de lado e começou a fazer tentativas de diálogo com os ingleses, usando um homem chamado John André como seu mensageiro. André foi capturado e enforcado, isso eu sei. Mas acho que Arnold conseguiu fugir para a Inglaterra. Para um general americano virar casaca... foi um ato de traição tão espetacular que o nome "Benedict Arnold" tornou-se sinônimo de traidor. Irá se tornar, quero dizer. Se alguém comete um terrível ato de traição, você o chama de "Benedict Arnold".

A sensação de enjoo não passara. Em algum lugar — exatamente neste instante — um major John André estava cuidando de sua missão alegremente, provavelmente sem saber do que o aguardava no futuro.

— Quando? — Os dedos de Jamie pressionando os meus tiraram minha atenção do iminente destino do major André e o trouxeram de volta para a questão mais urgente.

— Este é o problema — eu disse, sentindo-me impotente. — Não sei. Ainda não. Eu acho que ainda não.

Jamie pensou por um instante, as sobranceiras arriadas.

— Ficarei de olho nele, então — disse serenamente.

— Não — eu disse, em reflexo. Fitamo-nos por um longo instante, lembrando-nos de Carlos Stuart. Já sabíamos por experiência que tentar interferir na história podia acarretar graves consequências inesperadas — se é que isso podia ser feito. Não tínhamos a menor ideia do que poderia transformar Arnold de patriota — o que ele sem dúvida era no momento — no traidor que ele viria a ser. Seria sua briga com Gates o pequenino grão de areia que iria formar o núcleo de uma pérola traiçoeira? — Não se sabe que pequeno fato pode afetar a mente de uma pessoa — ressaltei. — Veja Robert Bruce e aquela aranha.

Isso o fez sorrir.

— Serei cauteloso, Sassenach — ele disse. — Mas eu vou observá-lo.



O TRUQUE DO CHAPÉU

7 de outubro de 1777

...Bem, então, ordene a Morgan que inicie o jogo.

General Horatio Gates

Em uma tranquila manhã de outono, revigorante e dourada, um desertor inglês entrou no acampamento americano. Burgoyne estava enviando uma tropa de reconhecimento, ele disse. Dois mil homens, para testar a força da ala direita americana.

— Os olhos de Granny Gates quase saltaram através dos óculos — Jamie me contou, apressadamente recarregando sua caixa de cartuchos. — E não é para menos.

O general Arnold, presente quando a notícia chegou, insistiu com Gates para enviar uma tropa forte contra esse ataque. Gates, de forma típica, se mostrara cauteloso, e quando Arnold pediu permissão para sair e ver por si mesmo o que os ingleses estavam fazendo lançou um olhar frio ao seu subordinado e dissera: "Tenho medo de confiar em você, Arnold."

— As coisas degradingaram a partir daí — Jamie disse, com uma leve careta. — O fim de tudo isso foi que Gates disse a Arnold, e cito exatamente suas Palavras, Sassenach, "General Arnold, não tenho nada para você fazer. Isso não é assunto seu".

Senti um calafrio que nada tinha a ver com a temperatura do ar matinal. Teria sido esse o momento? Aquilo que faria — ou iria fazer — Benedict Arnold voltar-se contra a causa pela qual lutava? Jamie viu o que eu estava pensando, Pois levantou um dos ombros e disse simplesmente:

— Ao menos, não tem nada a ver conosco desta vez.

— Isso é reconfortante — eu disse, sinceramente. — Cuide-se, hein?

— Sim — ele disse, pegando seu rifle.

Desta vez, ele pôde me dar um beijo de despedida pessoalmente.

O reconhecimento inglês tinha um propósito duplo: não só ver exatamente onde os americanos estavam — pois o general Burgoyne não fazia ideia verdadeiramente; há muito os desertores americanos haviam parado de procurá-los — como também obter forragem muito necessária para os animais restantes. Consequentemente, as companhias de vanguarda pararam em um promissor campo de trigo.

William enviou seus homens da infantaria para sentarem-se em fileiras duplas entre os pés de trigo, enquanto os exploradores encarregados de obter provisões começavam a cortar os grãos e carregar os cavalos. Um tenente dos dragões, um irlandês de cabelos escuros chamado Absolute, acenou do outro lado da plantação, chamando-o para um jogo de azar em sua barraca naquela noite. Ele se preparava para responder quando o homem ao seu lado deixou escapar um grito abafado e desmoronou no chão. Ele nunca ouviu a bala, mas agachou-se automaticamente, gritando para seus homens.

No entanto, nada mais aconteceu e, após alguns instantes, eles se levantaram cautelosamente e continuaram seu trabalho. Entretanto, começaram a ver pequenos grupos de rebeldes deslocando-se furtivamente pelo meio das árvores, e William não teve dúvida de que estavam sendo cercados. Mas quando disse isso a outro oficial o sujeito assegurou-lhe que os rebeldes haviam decidido ficar atrás de suas defesas para serem atacados.

Logo perceberam seu erro quando, no meio da tarde, um grande grupo de americanos apareceu na floresta à sua esquerda e tiros de canhão foram deflagrados, lançando balas de seis e doze libras, que teriam feito um grande estrago não fosse pelas árvores intervenientes.

Os soldados da infantaria dispersaram-se como codornas, apesar das chamadas de seus oficiais. William viu Absolute arremetendo-se pelo meio do trigal atrás de um grupo de seus homens e, virando-se, segurou um cabo de uma de suas próprias companhias.

— Reúna os homens! — ele disse e, sem esperar uma resposta, agarrou as rédeas de um dos cavalos dos exploradores, um cavalo baio assustado. Sua intenção era cavalgar até o acampamento principal e pedir reforços, pois obviamente os americanos estavam atacando em peso.

Nunca chegou lá, pois, ao virar a cabeça do cavalo, o general de brigada entrou no campo.

Jamie Fraser agachou-se no bosque na base do campo de trigo com um grupo dos homens de Morgan, escolhendo seus alvos como podia. Era uma batalha das mais ferozes que ele já vira e a fumaça dos canhões na floresta flutuava pelo campo em nuvens grossas e sufocantes. Ele viu o homem a cavalo, um oficial inglês de alto escalão, a julgar pelos galões em seu uniforme. Dois ou três outros, menos

graduados, estavam perto dele, também a cavalo, mas ele só tinha olhos para aquele.

Gafanhotos saltavam do campo como pedras de granizo, em pânico diante das botas pisoteando e atropelando; um chocou-se diretamente contra sua face, zumbindo, e ele afastou-o com um tapa, o coração martelando como se tivesse sido uma bala de mosquete.

Ele reconheceu o sujeito, embora apenas pelo seu uniforme de general. Já encontrara Simon Fraser de Balnain duas ou três vezes, mas quando ambos eram garotos nas Ighlands — Simon era alguns anos mais novo e as vagas lembranças de Jamie de um menino alegre, rechonchudo e pequeno, que vinha correndo atrás dos garotos mais velhos, agitando um galho maior do que ele próprio quando jogavam shinty, nada tinham a ver com o homem vigoroso e corpulento que se erguia agora em seus estribos, gritando e brandindo sua espada, tentando reunir suas tropas apavoradas pela simples força de sua personalidade.

Os ajudantes de ordens movimentavam suas montarias ao redor do cavalo do general, tentando formar um escudo, obviamente instando-o a se afastar dali, mas ele os ignorava. Jamie captou uma olhadela de relance de um rosto que se voltou para a floresta e logo se desviou — sem dúvida, eles sabiam que as árvores estavam cheias de atiradores com seus rifles, ou podiam estar, e tentavam se manter fora de alcance.

— Lá está ele! — Era Arnold, arremetendo sua pequena égua marrom através do mato cerrado, o rosto iluminado com uma euforia selvagem. — Os generais! — ele gritou, erguendo-se em seus próprios estribos e estendendo um braço. — Acertem os generais, rapazes! Cinco dólares para o soldado que tirar o gordo filho da mãe da sela!

Os estouros aleatórios de tiros de rifle responderam imediatamente. Jamie viu a cabeça de Daniel Morgan virar-se abruptamente, os olhos ferozes à voz de Arnold e o atirador começou a correr em sua direção, com toda a rapidez que suas pernas emperradas pelo reumatismo lhe permitiam.

— Outra vez! Tentem outra vez! — Arnold bateu o punho cerrado na coxa, avistou Jamie observando-o. — Você. Atire nele, não pode?

Jamie deu de ombros e, levando o rifle ao ombro, mirou deliberadamente para o alto e para fora. O vento virara e a fumaça do tiro fez seus olhos arderem, mas ele viu um dos suboficiais perto de Simon dar um salto e colocar a mão na cabeça, torcendo-se na sela para ver seu chapéu rolar para dentro do trigal.

Ele teve vontade de rir, embora sua barriga tenha se contraído um pouco, ao perceber que quase atingira a cabeça do sujeito, inteiramente por acidente. O rapaz — sim, ele era jovem, alto e magro — ergueu-se nos estribos e sacudiu o Punho cerrado para a floresta.

— Me deve um chapéu, senhor! — ele gritou.

A risada alta e penetrante de Arnold ecoou pela floresta, nítida acima da

gritaria, e os homens que o acompanhavam assoviaram e vaiaram como galhas.

— Venha aqui, rapaz, e eu lhe compro dois! — Arnold gritou de volta, depois conduziu seu cavalo em um círculo nervoso, gritando com os atiradores. — Desgraçados, vocês são cegos? Será que ninguém consegue matar aquele maldito general para mim?

Ouviram-se um ou dois tiros através dos galhos das árvores, mas a maioria dos homens tinha visto Daniel Morgan correndo pesadamente na direção de Arnold como uma árvore animada, retorcido e implacável, e pararam de atirar.

Arnold deve tê-lo visto também, mas o ignorou. Arrancou a pistola do cinto e atirou em Fraser, disparando pelo lado do corpo. Mas ele não podia esperar atingir qualquer coisa àquela distância, e seu cavalo assustou-se com o barulho e disparou, as orelhas para trás, coladas na cabeça. Morgan, que quase já o havia alcançado, foi obrigado a dar um salto para trás para evitar ser pisoteado; ele tropeçou e estatelou-se no chão.

Sem um instante de hesitação, Arnold saltou de seu cavalo e abaixou-se para ajudar o homem mais velho a se levantar, desculpando-se com uma solicitude absolutamente sincera, a qual, Jamie notou, não foi muito bem recebida por Morgan. Ele achou que o velho Dan iria simplesmente dar um golpe nos colhões de Arnold, independentemente de reumatismo ou patente.

A égua do general era treinada para ficar parada, mas o tiro inesperado feito acima de suas orelhas a havia assustado; ela se remexia nervosamente, arrastando as patas pela camada de folhas mortas, os olhos mostrando a parte branca.

Jamie agarrou as rédeas e puxou o focinho da égua para baixo, soprando em suas narinas para distraí-la. Ela resfolegou e sacudiu a cabeça, mas parou de dançar. Ele afagou seu pescoço, estalando a língua, e suas orelhas levantaram-se um pouco; ele viu que sua mão estava sangrando de novo, mas era uma lenta infiltração através da bandagem, sem importância. Por cima da curva sólida do pescoço da égua, ele pôde ver Morgan, agora aprumado e rejeitando violentamente os esforços de Arnold para limpar o mofo das folhas mortas de suas roupas.

— O senhor está destituído do comando! Como ousa dar ordens aos meus homens?

— Oh, vamos parar com esse jogo de soldados! — Arnold disse impaciente. — Eu sou um general. Ele é um general — sacudiu a cabeça bruscamente na direção da figura distante a cavalo — e eu o quero morto. Vai haver muito tempo para política quando terminar; isto é uma batalha, droga! — Jamie captou um repentino e forte bafo de rum, doce e feroz sob o cheiro de fumaça e trigo pisoteado. Sim, bem, talvez isso tivesse algo a ver com o caso, apesar de que do pouco que sabia de Arnold não havia muita diferença entre o homem sóbrio e o outro tresloucado de bebida.

O vento vinha em rajadas, quente, pelas orelhas, denso de fumaça e sons aleatórios: o crepitar de mosquetes pontuado pelo estrondo da artilharia à esquerda e, através de tudo isso, os gritos de Simon Fraser e seus suboficiais, procurando reunir hessianos e ingleses, os grunhidos do impacto e os gritos agudos de dor de longe, onde os hessianos lutavam para abrir caminho pelo meio dos homens do general Enoch Poor que avançavam.

A coluna do general Ebenezer Learned pressionava os hessianos de cima; Jamie podia ver o ajuntamento de uniformes verdes dos alemães, lutando em meio a uma onda de continentais, mas sendo forçados a recuar da borda do campo. Alguns tentavam escapar, descer o campo em direção ao general Fraser. O vislumbre de um movimento chamou sua atenção; o jovem que ele privara do chapéu galopava pelo campo acima, abaixado sobre o pescoço do cavalo, o sabre em punho.

O general se movera um pouco, afastando-se da floresta. Estava quase fora de alcance para a maior parte dos homens de Morgan — mas Jamie estava bem localizado; ele estava bem no alvo. Olhou para baixo. Largara o rifle quando pegou o cavalo, mas a arma estava carregada; ele a havia recarregado automaticamente após o primeiro tiro. O cartucho parcialmente vazio ainda estava dobrado na mão que segurava as rédeas; levaria apenas um instante para preparar a arma.

— Sheas, a nighean — ele murmurou para o cavalo, e respirou fundo, tentando se acalmar, incutir essa calma na égua, apesar de sua mão latejar com a precipitação do sangue. — Cha chluinn thu an córr a chuireas eagal ort — ele disse, baixinho. Pronto. Nenhum outro tiro irá assustá-la.

Ele nem pensara nisso ao atirar para errar em Fraser. Ele mataria qualquer outro homem no campo, mas não aquele. Então, ele avistou o jovem soldado no cavalo, o casaco vermelho-vivo entre o agitado mar de verde, de azul e de tecidos rústicos, golpeando à volta com seu sabre, e sentiu sua boca se torcer. Nem aquele, tampouco.

Tudo indicava que o jovem estava em um dia de sorte. Ele atravessara a coluna de Learned a galope, pegando a maioria dos continentais de surpresa, e os que o viam estavam ocupados demais na luta ou impossibilitados de atirar nele porque haviam descarregado suas armas e fixavam baionetas.

Jamie afagou o animal distraidamente, assoviando pelo meio dos dentes e observando. O jovem oficial alcançara os hessianos, despertara a atenção de alguns e agora abria caminho de volta pelo campo, uma torrente de casacos verde-escuros em seu rastro, hessianos a toda brida, ajudando a fechar a passagem cada vez mais estreita, conforme os homens de Poor avançavam pela esquerda.

Jamie estava tão absorto nesse espetáculo que ignorara a discussão que ocorria entre Dan Morgan e o general Arnold. Uma exclamação vinda de cima interrompeu ambos.

— Peguei-o, por Deus!

Jamie ergueu os olhos, espantado, e viu Tim Murphy empoleirado nos galhos de um carvalho, rindo como um duende, o cano de seu rifle apoiado em Uma forquilha. Jamie virou a cabeça bruscamente e viu Simon Fraser caindo e sacolejando-se na sela, os braços cruzados sobre o corpo.

Arnold emituiu uma exclamação de júbilo semelhante e Morgan ergueu os olhos para Murphy, balançando a cabeça em aprovação, embora a contragosto.

— Belo tiro — ele gritou.

Simon Fraser oscilava, prestes a cair — um dos ajudantes de ordens estendeu os braços para ampará-lo, gritando desesperadamente por socorro, outro segurou as rédeas de seu cavalo, virando o animal de um lado para o outro, sem saber para onde ir ou o que fazer. Jamie cerrou o punho, sentiu uma dor lancinante dardejar pela mão ferida e parou, a mão espalmada sobre a sela. Simon estaria morto?

Não sabia dizer. Os ajudantes de ordens haviam dominado seu pânico; dois deles cavalgaram bem perto, um de cada lado, amparando a figura caída, buscando mantê-lo na sela, alheios aos gritos de júbilo vindos da floresta.

Ele olhou para o outro lado do campo, procurando o jovem com o sabre. Não conseguiu encontrá-lo e sentiu uma pequena pontada de perda — em seguida, localizou-o, empenhado em um combate corpo a corpo com um capitão de milícia montado. Não havia nenhum tipo de elegância nesse tipo de luta; dependia tanto do homem quanto do cavalo e, enquanto observava, os cavalos foram forçados a se afastarem um do outro pelo aglomerado de corpos ao redor deles. O oficial inglês não tentou forçar seu cavalo a voltar à posição anterior; tinha um objetivo em mente e gritou e gesticulou, incitando a pequena companhia de hessianos que ele extraíra da confusão lá em cima. Então, ele se virou para trás na direção da floresta e viu o que estava acontecendo, o cavalo do general Fraser sendo levado às pressas, o corpo oscilante do general uma mancha vermelha contra o trigo pisoteado.

O jovem ficou de pé em seus estribos por um instante, sentou-se de novo e esporeou seu cavalo na direção do general, deixando que seus hessianos o seguissem como quisessem.

Jamie estava bastante perto para ver o vermelho escuro do sangue que ensopava o meio do corpo de Simon Fraser. Se Simon já não estivesse morto, pensou, não demoraria muito. Fúria e pesar com o desperdício arderam em sua garganta. Lágrimas da fumaça já escorriam pelas suas faces; pestanejou e sacudiu a cabeça violentamente para clarear a visão.

A mão de alguém arrancou as rédeas de seus dedos sem nenhuma cerimônia e o corpo troncudo de Arnold afastou-o da égua em uma baforada de rum. Arnold subiu na sela, o rosto vermelho como as folhas do bordo, de empolgação e vitória.

— Sigam-me, rapazes! — ele gritou, e Jamie viu que a floresta fervilhava de milícias, companhias que Arnold reunira em sua louca investida para o campo de batalha. — Para a fortificação!

Os homens deram vivas e correram atrás dele, quebrando galhos e tropeçando em seu entusiasmo.

— Sigam o maldito idiota — Morgan disse sucintamente, e Jamie olhou para ele, surpreso. Morgan lançou um olhar severo às costas de Arnold.

— Ele vai ser levado à corte marcial, escreva o que estou dizendo — o velho atirador disse. — É melhor que ele tenha uma boa testemunha. Essa testemunha é você, James. Vá!

Sem uma palavra, Jamie pegou seu rifle do chão e partiu em disparada, deixando a floresta com sua chuva delicada de ouro e marrom. Seguindo a figura entusiástica, de ombros largos, de Arnold. Para dentro do trigal.

Eles, de fato, o seguiram. Uma horda aos berros, uma multidão armada. Arnold estava montado, mas seu cavalo achava difícil avançar e os homens não tinham dificuldade em acompanhá-lo. Jamie viu as costas do casaco azul de Arnold com uma mancha negra de suor, moldada como uma casca aos ombros musculosos. Um tiro da retaguarda, na confusão da batalha... Mas não passou de um pensamento fugaz, logo desaparecido.

Arnold desaparecera, também, com um grito entusiástico, esporeando sua égua para frente e em círculos, ultrapassando a fortificação. Jamie deduziu que ele pretendia invadir pela retaguarda — suicídio, já que o lugar fervilhava com granadeiros alemães; ele podia ver seus chapéus mitrados despontando acima dos muros da fortificação. Talvez Arnold pretendesse cometer suicídio — talvez apenas criar uma distração para os homens que atacavam a fortificação pela frente, com sua própria morte como um preço aceitável a ser pago.

A fortificação propriamente dita erguia-se a uma altura de cinco metros, uma muralha de taipa de barro com uma paliçada de troncos de madeira construída em cima — e entre o barro e o tapume havia um abatis, galhos entrançados e com as pontas aguçadas, apontando para fora.

Balas começaram a salpicar o campo diante da fortificação e Jamie correu, desviando-se de projéteis que não podia ver.

Escalou o obstáculo, fincando os pés e procurando se agarrar aos galhos do abatis, enfiou a mão por uma brecha e agarrou uma tora, mas sua mão escorregou na casca lascada e ele caiu de costas, aterrisando dolorosamente sobre seu rifle e expulsando o ar de seus pulmões. O homem ao seu lado atirou através da brecha e a fumaça branca espalhou-se sobre ele, ocultando-o momentaneamente do hessiano que ele avistara acima. Ele rolou sobre o corpo e rastejou rapidamente para longe, antes que a fumaça se dispersasse ou o sujeito resolvesse atirar uma granada pelo

vão.

— Afaste-se! — ele gritou por cima do ombro, mas o homem que havia atirado estava tentando sua própria sorte com uma corrida e um salto. A granada atravessou a fenda exatamente quando o sujeito saltava. Ela atingiu-o no peito e detonou.

Jamie esfregou a mão na camisa, engolindo bílis. A pele da palma de sua mão ardia, esfolada e cheia de farpas de casca de galhos. Estilhaços de metal e lascas de madeira haviam explodido em todas as direções; algo atingira Jamie no rosto e ele sentiu a ardência do suor e o calor do seu sangue escorrendo pela face. Ele pôde ver o granadeiro, o vislumbre de um casaco verde pelo vão no abatis. Rapidamente, antes que ele desaparecesse.

Agarrou um cartucho de sua bolsa e abriu-o com os dentes, contando. Ele podia carregar um rifle em vinte segundos, sabia, havia marcado o tempo. Nove... oito... Como era que Bri ensinava as crianças a contar os segundos? Hipopótamos, sim. Seis hipopótamos... Sentiu uma vontade insana de rir, vendo mentalmente um grupo de vários hipopótamos observando-o solenemente e fazendo observações críticas quanto ao seu progresso. Dois hipopótamos... Não estava morto ainda, então pressionou o corpo contra a base do abatis, apontou o cano do rifle pela fenda e disparou em uma mancha verde que podia ser um abeto, mas não era, já que gritou.

Lançou o rifle nas costas e saltou mais uma vez, os dedos cravando-se desesperadamente nas cascas ásperas das toras. Eles escorregaram, farpas entranhando-se sob as unhas, e a dor disparou pela sua mão como um raio, mas agora ele já erguera a outra mão, prendeu o pulso direito com a mão esquerda e agarrou-se com força à tora. Seus pés escorregaram na terra mal compactada e por um instante ele se balançou livremente, como um esquilo pendurado de um galho de árvore. Impulsionou seu peso para cima e sentiu algo penetrar em seu ombro, mas não podia parar para dar atenção a isso. Um pé, agora conseguira fincar um pé sob uma tora. Um balanço violento com a perna livre e ele se viu agarrado a uma tora como um bicho-preguiça. Algo tirou um naco da tora à qual estava agarrado; sentiu a madeira estremecer.

— Cuidado, Vermelho! — alguém gritou abaixo dele, e ele ficou paralisado. Sentiu outro golpe na madeira e algo desceu a dois centímetros de seus dedos — um machado? Não tinha tempo de sentir medo; o homem embaixo disparou acima de seu ombro — ele ouviu a bala passar zumbindo como um vespão furioso, e avançou apressadamente contra a base da tora, sobrepondo as mãos o mais rápido possível, contorcendo-se entre as toras, as roupas se dilacerando e suas juntas também.

Havia dois hessianos caídos logo acima da fenda onde estava, mortos ou feridos. Outro, a três metros de distância, viu sua cabeça despontar pela fresta e enfiou a mão na bolsa, dentes arreganhados sob um bigode encerado. Mas um grito

de enregelar o sangue veio de trás do hessiano e um dos homens de Morgan cravou um tacape em seu crânio.

Ele ouviu um barulho e virou-se a tempo de ver um cabo pisar no corpo de um dos hessianos, que abruptamente voltou à vida, rolando sobre o corpo e levantando-se, com um mosquete na mão. O hessiano golpeou com todas as forças, a lâmina de sua baioneta rasgando as calças do cabo quando ele tropeçou e liberando-se em um jorro de sangue.

Jamie, num reflexo, agarrou seu rifle pelo cano e girou-o, o movimento repercutindo pelos seus ombros, braços e pulsos, enquanto tentava atingir a cabeça do sujeito com a coronha. O solavanco da colisão torceu seus braços violentamente e ele sentiu os ossos de seu pescoço estalarem e sua visão embranquecer. Sacudiu a cabeça para clarear a vista e limpou suor e sangue de suas órbitas com a base da mão. Droga, ele entortara o rifle.

O hessiano estava definitivamente morto, um ar de surpresa no que restava de seu rosto. O cabo ferido arrastava-se para longe dali, uma das pernas das calças encharcada de sangue, o mosquete pendurado nas costas, a lâmina de sua própria baioneta na mão. Ele olhou por cima do ombro e, vendo Jamie, gritou:

— Carabineiro! Atrás de você!

Ele não se virou para ver o que era, mas em vez disso mergulhou de cabeça para o lado, rolando sobre folhas e terra pisoteada. Vários corpos rolaram por cima dele em um emaranhado gemente e colidiram contra as paliçadas. Levantou-se devagar, tirou uma das pistolas da cintura, engatilhou-a e explodiu os miolos de um granadeiro preparado para atirar uma de suas granadas por cima da borda.

Mais alguns tiros, grunhidos e pancadas surdas, e tão rapidamente quanto começara, a luta esmoreceu. A fortificação estava coberta de corpos — a maior parte vestida de verde. Avistou de relance a pequena égua de Arnold, com os olhos arregalados e mancando, sem cavaleiro. Arnold estava no solo, esforçando-se para levantar.

O próprio Jamie sentia-se quase incapaz de se levantar; seus joelhos estavam fracos e sua mão direita paralisada, mas ele cambaleou até Arnold e praticamente caiu ao seu lado. O general fora atingido por um tiro; sua perna estava coberta de sangue e seu rosto lívido e suado, os olhos semicerrados com o choque. Jamie estendeu o braço e agarrou a mão de Arnold, chamando seu nome para trazê-lo de volta, pensando, enquanto o fazia, que aquilo era loucura; devia enfiar sua adaga entre as costelas do sujeito e poupar tanto ele quanto as vítimas de sua traição. Mas a escolha estava feita antes que ele tivesse tempo de pensar. A mão de Arnold fechou-se com força sobre a sua.

— Onde? — Arnold sussurrou, os lábios lívidos. — Onde fui atingido?

— Na perna, senhor — Jamie disse. — A mesma em que foi ferido antes.

Os olhos de Arnold se abriram e se fixaram em seu rosto.

— Quisera que tivesse sido em meu coração — murmurou, e fechou-os novamente.



DIREITO DE MORTE

Um jovem oficial inglês chegou logo após o anoitecer, sob uma bandeira de trégua. O general Gates o enviou à nossa barraca; o general Simon Fraser soubera da presença de Jamie e queria vê-lo.

— Antes que seja tarde demais, senhor — o enviado disse, a voz baixa. Era muito jovem e parecia destruído. — O senhor virá?

Jamie já se levantava, embora tenha precisado de duas tentativas. Não estava ferido, à exceção de inúmeros machucados espetaculares e um ombro deslocado, mas não tivera forças nem para comer quando se arrastou de volta ao acampamento após a batalha. Eu lavara seu rosto e lhe dera um copo de cerveja. Ele ainda o segurava, intacto, e agora o deixara de lado.

— Eu e minha mulher iremos — disse com voz rouca.

Peguei minha capa — e, só por garantia, meu estojo médico.

Eu não precisava ter me preocupado com o estojo. O general Fraser estendia-se em uma longa mesa de jantar no aposento principal de uma grande cabana de toras de madeira — a casa da baronesa Von Riedesel, o pequeno oficial sussurrara — e era evidente só de ver que ele já ultrapassara qualquer ajuda que eu pudesse oferecer. Seu rosto largo estava quase exangue à luz de velas e seu corpo envolto em ataduras, encharcadas de sangue. Sangue fresco; vi as manchas úmidas ampliando-se lentamente, mais escuras do que as manchas de sangue seco que já havia ali.

Absorta com o moribundo, eu apenas vagamente registrara a presença de diversas outras pessoas no aposento e conscientemente notara apenas duas: os médicos à cabeceira do leito de morte, sujos de sangue e pálidos de cansaço. Um deles lançou um olhar para mim e empertigou-se um pouco. Seus olhos se estreitaram e ele cutucou seu colega, que ergueu os olhos de sua contemplação do general Fraser, franzindo a testa. Olhou para mim sem nenhum sinal de reconhecimento e voltou à sua meditação infrutífera.

Olhei diretamente para o primeiro médico, mas sem nenhuma animosidade.

Eu não pretendia invadir seu território. Não havia nada que eu pudesse fazer ali, nada que alguém pudesse fazer, como a atitude exausta dos médicos claramente evidenciava. O segundo cirurgião não havia desistido e eu o admirei por isso, mas o cheiro de putrefação no ar era inconfundível e eu podia ouvir a respiração do general — estertores longos, com um silêncio excruciante entre eles.

Não havia nada que eu pudesse fazer pelo general Fraser como médica e havia pessoas que podiam oferecer mais consolo do que eu. Jamie, talvez, entre elas.

— Ele não tem muito tempo — sussurrei para Jamie. — Se houver alguma coisa que queira dizer a ele...

Ele assentiu, engolindo em seco, e adiantou-se. Um coronel inglês ao lado do leito de morte improvisado estreitou os olhos, mas, diante de um murmúrio de outro oficial, recuou um passo para que Jamie pudesse se aproximar. O aposento era pequeno e estava apinhado. Permaneci recuada, tentando não estorvar.

Jamie e o oficial inglês sussurraram entre si por um instante. Um jovem oficial, sem dúvida ajudante de ordens do general, ajoelhou-se na sombra da extremidade oposta da mesa, segurando a mão do general, a própria cabeça inclinada em evidente agonia. Empurrei minha capa para trás, por cima dos ombros. Apesar de muito frio do lado de fora, o ar no interior da casa estava brutalmente quente, sufocante e insalubre, como se a febre que devorava o general Fraser diante de seus olhos tivesse se erguido da cama e se espalhado pelo aposento, insatisfeita com a presa escassa. Era um miasma, denso de vísceras deterioradas, suor rançoso e o cheiro de pólvora que pairava nas roupas dos homens.

Jamie inclinou-se, em seguida se ajoelhou, para se aproximar do ouvido de Fraser. Os olhos do general estavam cerrados, mas ele estava consciente; vi seu rosto contrair-se ao som da voz de Jamie. Ele virou a cabeça e seus olhos se abriram, o embotamento que havia neles iluminou-se momentaneamente ao reconhecê-lo.

— Ciamar atha thu, a charaid? — Jamie perguntou brandamente. Como vai, primo?

A boca do general torceu-se um pouco.

— Tha ana-cnàmhadh an Diabhail orm — respondeu roucamente. — Feumaidh gun do dh'ith mi rudegin nach robh dol leam. — Estou com uma maldita indigestão. Devo ter comido alguma coisa que não me fez bem.

Os oficiais ingleses remexeram-se um pouco, ao ouvir o gaélico, e o jovem oficial na extremidade oposta do leito ergueu os olhos, surpreso.

Não tão surpreso quanto eu.

O aposento obscurecido pareceu se mover ao meu redor e eu quase caí contra a parede, pressionando as mãos na madeira, na esperança de encontrar algo

sólido que me servisse de apoio.

A falta de sono e o sofrimento marcavam seu rosto de rugas, ainda sujo de fumaça e sangue, espalhados como listras de um racum pela testa e ossos da face pela passagem descuidada da manga do casaco. Nada disso fazia a menor diferença. Seus cabelos eram escuros, o rosto estava mais fino, mas eu teria reconhecido aquele nariz longo e reto, e aqueles olhos azuis rasgados como os de um gato em qualquer lugar. Ele e Jamie ajoelharam-se de cada lado do leito de morte do general, a não mais do que um metro e meio de distância. Certamente ninguém deixaria de notar a semelhança se...

— Ellesmere. — Um capitão de infantaria deu um passo à frente e tocou o ombro do jovem oficial com uma palavra sussurrada e um pequeno sinal da cabeça, obviamente dizendo-lhe para deixar a cabeceira do general, a fim de dar ao general Fraser um momento de privacidade, se ele quisesse.

Não levante os olhos!, pensei com todas as forças que pude reunir na direção de Jamie. Pelo amor de Deus, não levante os olhos!

Ele não levantou. Quer ele tenha reconhecido o nome ou visto de relance aquele rosto sujo de fuligem do outro lado da cama improvisada, ele manteve a cabeça baixa, as feições ocultas nas sombras, e inclinou-se para mais perto, falando muito baixo com seu primo Simon.

O jovem ergueu-se, lentamente, como Dan Morgan em uma manhã fria. Sua sombra oscilou nas toras toscamente cortadas atrás dele, alto e esguio. Ele não prestava nenhuma atenção a Jamie; cada fibra de seu ser estava concentrada no general moribundo.

— É uma alegria vê-lo mais uma vez na Terra, Seaumais mac Brian — Fraser sussurrou, estendendo ambas as mãos com esforço para segurar as mãos de Jamie. — Estou contente de morrer entre meus camaradas, que eu amo. Mas pode dizer isso aos do nosso sangue na Escócia? Diga-lhes...

Um dos outros oficiais falou com William e ele relutantemente se afastou da cama, respondendo em voz baixa. Meus dedos estavam úmidos de transpiração e eu podia sentir gotas de suor escorrendo pelo meu pescoço. Eu queria desesperadamente tirar minha capa, mas receava fazer qualquer movimento que pudesse chamar a atenção de William para mim e, assim, para Jamie.

Jamie estava imóvel como um coelho sob uma moita. Eu podia ver seus ombros tensos sob o casaco molhado de suor, as mãos segurando com força as do general, e apenas o brilho trêmulo da luz do fogo no topo ruivo de sua cabeça dava alguma ilusão de movimento.

— Sua vontade será feita, Shimi mac Shimi.

Eu mal conseguia ouvir o murmúrio de sua voz.

— Eu cumprirei seu desejo.

Ouvi um soluço alto ao meu lado e desviei o olhar para ver uma mulher pequena, primorosa como uma boneca de porcelana apesar da hora e circunstância. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas; ela virou a cabeça para enxugá-las delicadamente, viu que eu a observava e dirigiu-me a trêmula tentativa de um sorriso.

— Estou muito contente por seu marido ter vindo, senhora — ela sussurrou para mim com um leve sotaque alemão. — E... é um alívio, talvez, que nosso querido amigo tenha o consolo de um parente ao seu lado.

Dois deles, pensei, mordendo a língua, e por absoluta força de vontade não olhei na direção de William. De repente, me sobreveio o terrível pensamento de que William pudesse me reconhecer e procurar vir falar comigo. O que poderia significar um desastre, se...

A baronesa — pois ela devia ser a mulher de Von Riedesel — pareceu oscilar um pouco, embora pudesse ser apenas o efeito da luz cambiante e da pressão de corpos. Toquei seu braço.

— Preciso de ar — eu disse a ela. — Venha comigo lá para fora.

Os médicos aproximavam-se da cama outra vez, atentos como abutres, e os murmúrios em gaélico foram repentinamente interrompidos por um terrível gemido de Simon Fraser.

— Tragam uma vela! — um dos médicos disse energicamente, aproximando-se rapidamente da cama.

Os olhos da baronesa fecharam-se com força e eu vi sua garganta se mover enquanto ela engolia. Tomei sua mão e a conduzi rapidamente para fora.

Não demorou muito, mas pareceu uma eternidade até os homens saírem, as cabeças abaixadas.

Houve uma discussão curta, áspera, do lado de fora da cabana, conduzida em vozes abafadas em respeito ao morto, mas ainda assim acalorada. Jamie manteve-se afastado, com o chapéu bem enfiado na cabeça, mas um dos oficiais ingleses virava-se para ele de vez em quando, obviamente solicitando sua opinião.

O tenente William Ransom, também conhecido como lorde Ellesmere, mantinha-se reservado também, como convinha ao seu posto relativamente inferior naquela companhia. Ele não tomou parte na discussão, parecendo contrito demais com a morte. Perguntei-me se ele já teria visto alguém que ele conhecia morrer — e em seguida percebi o quanto esse pensamento era idiota.

Mas mortes em campo de batalha, por mais violentas que fossem, não são iguais à morte de um amigo. E, pela aparência do jovem William, Simon Fraser fora seu amigo, além de seu comandante.

Absorta nessas observações furtivas, eu não prestava mais do que uma atenção superficial ao principal tema da discussão — esse sendo a disposição

imediatamente do corpo do general Fraser — e absolutamente nenhuma aos dois médicos, que haviam saído da cabana e agora permaneciam um pouco afastados dos demais, conversando em voz baixa. Pelo canto do olho, vi um deles enfiar a mão no bolso e entregar ao outro um pedaço de tabaco, abanar a mão dispensando os agradecimentos do outro e desviar-se. O que ele disse, entretanto, atraiu minha atenção com a mesma eficácia que teria se sua cabeça tivesse explodido em chamas.

— Até logo, então, dr. Rawlings — ele dissera.

— Dr. Rawlings? — exclamei, num reflexo.

— Sim, madame? — ele disse educadamente, mas com a expressão de um homem exausto lutando contra um desejo intenso de dizer ao mundo que fosse para o inferno. Reconheci o impulso e me compadeci — mas, tendo falado, eu não tinha escolha senão continuar.

— Com licença — eu disse, corando um pouco. — Ouvi seu nome por acaso e fiquei surpresa. Eu conheci um dr. Rawlings.

O efeito dessa observação casual foi inesperado. Seus ombros empertigaram-se abruptamente e seu olhar embotado aguçou-se com ansiedade.

— É mesmo? Onde?

— Hã... — Hesitei por um instante, já que na realidade eu jamais me encontrara com o sr. Rawlings, apesar de realmente sentir que o conhecia, e contemporizei dizendo: — Seu nome era Daniel Rawlings. Seria talvez um parente seu?

Seu rosto se iluminou e ele me segurou pelo braço.

— Sim! Sim, é meu irmão. Por favor, diga-me, madame, sabe onde ele está?

Senti um terrível aperto no estômago. Eu de fato sabia exatamente onde Daniel Rawlings estava, mas a notícia não seria agradável para seu irmão. Entretanto, não havia escolha; eu tinha que lhe contar.

— Sinto muito ter que lhe dizer que ele está morto — eu disse, o mais delicadamente possível. Coloquei a mão sobre a dele e apertei-a, minha garganta contraindo-se novamente enquanto a luz em seus olhos esmorecia.

Ele permaneceu imóvel pelo período de várias respirações, os olhos focalizados em algum lugar além de mim. Lentamente, eles concentraram-se novamente em mim e ele respirou fundo e firmou os lábios.

— Compreendo. Eu... temia isso. Como ele... como isso aconteceu, a senhora sabe?

— Sei — disse apressadamente, vendo o coronel Grant remexer-se de um modo que indicava partida iminente. — Mas é... uma longa história.

— Ah. — Ele detectou a direção do meu olhar e virou a cabeça. Todos os homens moviam-se agora, ajeitando os casacos, colocando os chapéus, enquanto trocavam algumas palavras finais. — Eu irei ao seu encontro — ele disse

abruptamente, virando-se para mim outra vez. — Seu marido... O rebelde escocês alto, acho que disseram que ele é parente do general?

Vi seu olhar mover-se momentaneamente para um ponto além de mim e o susto fez minha pele se arrepiar. As sobrancelhas de Rawlings estavam ligeiramente enrugadas e eu compreendi, tão claramente como se ele tivesse falado, que a palavra "parente" havia desencadeado alguma ligação em sua mente... e que ele olhava para William.

— Sim. Coronel Fraser — eu disse apressadamente, segurando-o pela manga antes que ele pudesse olhar para Jamie e completar o pensamento que se formava em sua mente.

Eu estivera remexendo em meu estojo ao conversarmos e nesse ponto encontrei o pedaço de papel dobrado que procurava. Tirei-o e, desdobrando-o rapidamente, entreguei-o a ele. Ainda havia espaço para dúvidas, afinal.

— Esta é a caligrafia de seu irmão?

Ele agarrou o papel da minha mão e examinou apreensivamente a caligrafia pequena e nítida com uma expressão onde se misturavam ansiedade, desespero e esperança. Fechou os olhos por um instante, abriu-os novamente, lendo e relendo a Receita para Diarreia como se fosse a Escritura Sagrada.

— A folha está queimada — ele disse, tocando as bordas chamuscadas. Sua voz estava rouca. — Daniel... morreu num incêndio?

— Não — eu disse. Não havia tempo; um dos oficiais ingleses postava-se impientemente atrás dele, aguardando. Toquei a mão que segurava a folha.

— Guarde isso, por favor. E se puder atravessar as linhas, e imagino que agora possa, me encontrará facilmente em minha barraca, próxima ao parque de artilharia. Eles... hã... eles me chamam de Feiticeira Branca — acrescentei timidamente. — Pergunte a qualquer um.

Seus olhos injetados arregalaram-se diante disso, depois se estreitaram, conforme ele me examinava mais atentamente. Mas não havia tempo para novas perguntas; o oficial deu um passo à frente e murmurou alguma coisa no ouvido de Rawlings, com apenas um olhar apressado em minha direção.

— Sim — Rawlings disse. — Sim, sem dúvida. — Fez uma profunda mesura para mim. — Seu criado, madame. Agradeço-lhe enormemente. Posso...? — Ergueu o papel e eu assenti.

— Sim, claro, por favor, fique com ele.

O oficial se virara, obviamente empenhado em importunar outro membro errante de seu grupo e, com um rápido olhar às suas costas, o dr. Rawlings deu um passo em minha direção e tocou minha mão.

— Eu irei procurá-la — ele disse, a voz baixa. — Assim que puder. Obrigado. — Ele ergueu os olhos então para alguém atrás de mim e percebi que

Jamie terminara o que tinha que fazer e vinha me buscar.

Jamie deu um passo à frente e, com um breve sinal da cabeça para o médico, tomou minha mão.

— Onde está seu chapéu, tenente Ransom? — O coronel falou atrás de mim, com um ligeiro tom de reprovação, e pela segunda vez em cinco minutos senti os pelos da minha nuca se arrepiarem. Não com as palavras do coronel, mas com a resposta sussurrada.

— ...O rebelde filho da mãe arrancou-o da minha cabeça com um tiro — disse uma voz. Era uma voz inglesa, jovem, rouca com a dor reprimida e com um toque de raiva. Fora isso... era a voz de Jamie, e a mão de Jamie apertou a minha tão bruscamente que quase esmagou meus dedos.

Estávamos na cabeceira da trilha que vinha do rio; mais dois passos e estaríamos em segurança no abrigo das árvores envoltas em neblina. Em vez de dar esses dois passos, Jamie ficou paralisado pelo espaço de um batimento cardíaco, depois largou minha mão, girou nos calcanhares e, tirando o chapéu da cabeça, avançou em largas passadas e enfiou-o nas mãos do tenente Ransom.

— Creio que lhe devo um chapéu, senhor — ele disse educadamente, virando-se instantaneamente e deixando o jovem oficial pestanejando diante do surrado tricórnio em suas mãos. Olhando para trás, vislumbrei a expressão desconcertada de William olhando Jamie se afastar, mas Jamie empurrava-me pela trilha como se houvesse peles-vermelhas em nosso encalço, e um agrupamento de abetos novos ocultou o tenente de nossa vista em poucos segundos.

Eu podia sentir o corpo de Jamie vibrar como uma corda de violino, a respiração acelerada.

— Você ficou louco? — perguntei sem me alterar.

— É muito provável.

— Que diabos — comecei a dizer, mas ele apenas sacudiu a cabeça e continuou me puxando, até estarmos bem longe, fora do alcance da vista ou dos ouvidos da cabana. Um tronco caído que até então escapara dos lenhadores atravessava-se no caminho e Jamie sentou-se nele repentinamente, cobrindo o rosto com a mão trêmula. — Você está bem? O que foi? — Sentei-me ao seu lado e coloquei a mão em suas costas, começando a ficar preocupada.

— Não sei se rio ou se choro, Sassenach — ele disse. Tirou a mão do rosto e eu vi que, de fato, ele parecia estar fazendo ambos. Suas pestanas estavam úmidas, mas os cantos de sua boca esboçavam um sorriso. — Perdi um parente e encontrei outro, tudo ao mesmo tempo. E um instante depois percebi que, pela segunda vez na vida, por um fio não atirei em meu próprio filho. — Olhou para mim e sacudiu a cabeça, entre o riso e o espanto. — Eu sei que não devia ter feito isso. E que... pensei de repente E se eu acertasse em uma terceira vez? E... e eu achei que devia...

falar com ele. Como um homem. Caso fosse a única vez, sabe?

O coronel Grant lançou um olhar curioso para a cabeceira da trilha, onde um galho trêmulo assinalava a passagem do rebelde e de sua mulher, depois voltou o olhar para o chapéu nas mãos de William.

— Que diabos foi isso?

William limpou a garganta.

— Evidentemente, o coronel Fraser foi o, hum, rebelde filho da mãe que me privou do meu chapéu durante a batalha ontem — ele disse, esperando ter imprimido um tom seco e distanciado à voz. — Ele... me recompensou.

Uma expressão de humor insinuou-se no rosto extenuado de Grant.

— É mesmo? Muito honrado da parte dele. — Ele espreitou o objeto em questão com ar de dúvida. — Acha que tem piolho?

Com outro homem, em outro momento, isso poderia ser interpretado como calúnia. Mas Grant, apesar de mais do que disposto a denegrir a coragem, aptidões e soluções dos rebeldes, claramente só pretendeu a descoberta prática de um fato com a pergunta; a maior parte das tropas hessianas e inglesas estava infestada de piolho, assim como os oficiais.

William inclinou o chapéu, examinando-o tanto quanto a luz turva permitia. O objeto estava quente em suas mãos, mas nada se movia ao longo das costuras.

— Acho que não.

— Bem, então, use-o, capitão Ransom. Temos que dar um bom exemplo aos homens.

William havia de fato adotado o chapéu, sentindo-se ligeiramente estranho com o calor do objeto em sua cabeça, antes de ouvir adequadamente o que Grant dissera.

— Capitão...? — disse debilmente.

— Parabéns — Grant disse, o esboço de um sorriso iluminando o rosto exausto. — O general... — Olhou para trás, para a cabana fétida e silenciosa, e o sorriso desapareceu. — Ele queria que você fosse promovido a capitão depois de Ticonderoga; deveria ter sido feito na ocasião, mas... bem. — Seus lábios comprimiram-se, mas depois relaxaram. — O general Burgoyne assinou a ordem ontem à noite, após ouvir vários relatos da batalha. Pelo que pude entender, você se distinguiu.

William abaixou a cabeça timidamente. Havia um nó em sua garganta e seus olhos ardiam. Não conseguia se lembrar do que fizera... apenas que não conseguira salvar o general.

— Obrigado — conseguiu dizer, e ele próprio não conseguiu deixar de olhar para trás, para a cabana. Haviam deixado a porta aberta. — Você sabe... ele... não, não importa.

— Se ele sabia? — Grant disse gentilmente. — Eu contei a ele. Eu trouxe a ordem.

Impossibilitado de falar, William apenas balançou a cabeça. O chapéu, espantosamente, assentou com perfeição e permaneceu no lugar.

— Meu Deus, como está frio — Grant disse baixinho. Apertou o casaco em volta do corpo, olhando ao redor para as árvores gotejantes e para a densa neblina entre elas. — Que lugar desolador. Péssima hora do dia, também.

— Sim. — William sentiu um alívio momentâneo em ser capaz de admitir sua própria sensação de desolação, embora a hora e o lugar pouco tivessem a ver com isso. Engoliu em seco, olhando novamente para a cabana. A porta aberta incomodava-o; enquanto a neblina assentava-se pesadamente como um colchão de penas sobre a floresta, a névoa perto da cabana subia, volteando perto das janelas, e ele teve a sensação desconfortável de que ela de certa forma... vinha para pegar o general.

— Eu só vou... fechar a porta, está bem? — Começara a se dirigir à cabana, mas foi detido por um gesto de Grant.

— Não, não o faça.

William olhou para ele com surpresa e o capitão deu de ombros, tentando minimizar a questão.

— O homem que doou seu chapéu disse que devemos deixá-la aberta. Uma superstição das Highlands, algo sobre, hum, a alma precisar de uma saída — disse delicadamente. — E ao menos está frio demais para as moscas — acrescentou, sem nenhuma delicadeza.

William sentiu um aperto no estômago já atrofiado e engoliu o amargor que subiu ao fundo de sua garganta diante da visão de larvas multiplicando-se.

— Mas certamente não podemos... Quanto tempo? — ele perguntou.

— Não muito — Grant assegurou-lhe. — Só estamos esperando por um destacamento especial para realizar o funeral.

William reprimiu o protesto que veio aos seus lábios. Claro. O que mais poderia ser feito? No entanto, a lembrança das trincheiras que haviam cavado junto às Heights, a terra salpicando as faces rechonchudas e frias de seu cabo... Após os últimos dez dias, imaginava que já estivesse além da sensibilidade a tais coisas. Mas os sons dos lobos que vinham comer os moribundos e os mortos ecoaram repentinamente no fundo vazio de seu estômago.

Murmurando um pedido de licença, afastou-se para o lado, entrando no meio dos arbustos molhados, e vomitou, o mais silenciosamente possível. Chorou um pouco, baixinho, depois limpou o rosto com um punhado de folhas úmidas e voltou.

Grant diplomaticamente fingiu acreditar que William havia simplesmente ido urinar e não fez nenhuma pergunta.

— Um notável cavalheiro — observou casualmente. — O parente do general, quero dizer. Não daria para imaginar que eram parentes só de olhar, não é?

Dividido entre a esperança agonizante e o luto dilacerante, William mal notara o coronel Fraser antes de este último ter lhe dado o chapéu tão repentinamente — e ficara espantado demais para notar qualquer coisa a respeito dele. Mas sacudiu a cabeça, concordando, tendo a vaga lembrança de uma figura alta ajoelhada junto ao leito, a luz do fogo reluzindo no topo de sua cabeça, vermelha.

— Se parece mais com você do que com o general — Grant acrescentou casualmente, depois riu, um riso áspero. — Tem certeza de que você não tem um ramo escocês na família?

— Não, povo de Yorkshire desde o Dilúvio, exceto por uma bisavó francesa — William respondeu, grato pela distração momentânea da conversa descontraída. — A mãe do meu padrasto é parcialmente escocesa; acha que isso conta?

O que quer que Grant pudesse ter respondido se perdeu, já que o som de uma alma penada chegou até eles através da bruma. Os dois homens ficaram paralisados, ouvindo. O flautista do general de brigada se aproximava, com Balcarres e alguns de seus batedores. O destacamento encarregado do funeral.

O sol se levantara, mas estava invisível, bloqueado pelas nuvens e pelo dossel de árvores. O rosto de Grant estava da mesma cor da névoa, pálido, com um lustro de umidade.

O som parecia vir de uma grande distância e, no entanto, da própria floresta. Em seguida, lamentos e gritos uivantes de pesar uniram-se ao canto fúnebre do flautista — Balcarres e seus índios. Apesar dos sons aterradores, William sentiu-se um pouco reconfortado. Não seria apenas um apressado enterro no campo de batalha, realizado sem consideração ou respeito.

— Soam como lobos uivando, não? — Grant murmurou. Ele passou a mão pelo rosto, depois cuidadosamente enxugou a palma molhada na coxa.

— Sim, é verdade — William disse. Assumiu uma postura de prontidão e aguardou os pranteadores, o tempo todo consciente da cabana às suas costas, a porta silenciosa, aberta à neblina.



MAIS GORDUROSO DO QUE A GORDURA

Eu sempre presumi que a rendição fosse algo relativamente simples. Entregar sua espada, apertar as mãos e marchar em retirada — para a liberdade condicional, a prisão ou a batalha seguinte. Fui desmistificada dessa presunção simplista pelo dr. Rawlings, que de fato conseguiu atravessar as linhas dois dias depois para conversar comigo sobre seu irmão. Eu lhe contei tudo que pude, expressando minha ligação sentimental com o livro de registros de casos de seu irmão, através do qual eu sentia que tinha conhecido Daniel Rawlings. O segundo dr. Rawlings — seu nome era David, ele disse — era uma pessoa de conversa fácil e ele demorou-se por algum tempo, a conversa passando a outros assuntos.

— Oh, não — ele disse, quando mencionei minha surpresa de que a cerimônia de rendição não tivesse ocorrido imediatamente. — Os termos da rendição têm que ser negociados primeiro, e essa é uma questão espinhosa.

— Negociados? — eu disse. — O general Burgoyne tem escolha no assunto? Ele pareceu achar graça.

— Oh, tem, sim — assegurou-me. — Por acaso, eu vi as propostas que o major Kingston trouxe hoje de manhã para uma leitura cuidadosa do general Gates. Começam com a firme declaração de que, tendo lutado contra Gates duas vezes, o general Burgoyne está absolutamente preparado para fazê-lo uma terceira vez. Não está, é claro — o médico acrescentou —, mas salva sua honra permitindo-lhe observar que ele obviamente notou a superioridade dos rebeldes em números e assim se sente justificado em aceitar a rendição, a fim de salvar a vida de homens corajosos em termos honrosos. Aliás, a batalha ainda não está oficialmente encerrada — ele acrescentou, com um débil ar de desculpas. — O general Burgoyne propõe a cessação das hostilidades enquanto as negociações estão em andamento.

— Oh, é mesmo? — eu disse, achando graça. — Eu me pergunto se o general Gates está disposto a aceitar isso ao pé da letra.

— Não, não está — disse uma seca voz escocesa, e Jamie abaixou a cabeça e entrou na barraca, seguido de seu primo Hamish. — Ele leu a proposta de

Burgoyne, em seguida enfiou a mão no bolso e arrancou sua própria versão. Ele exige uma rendição incondicional e requer que tanto as tropas britânicas quanto as alemãs larguem suas armas no acampamento e saiam como prisioneiros. A trégua durará até o pôr do sol, quando então Burgoyne deverá dar sua resposta. Achei que o major Kingston ia ter um ataque apoplético ali mesmo.

— Você acha que ele está blefando? — perguntei. Jamie fez um pequeno ruído escocês na garganta e lançou um olhar ao dr. Rawlings, indicando que ele achava impróprio discutir o assunto diante do inimigo. E, considerando-se o evidente acesso do dr. Rawlings ao alto comando inglês, talvez ele tivesse razão.

David Rawlings diplomaticamente mudou de assunto, abrindo a tampa do estojo que trouxera com ele.

— Este é igual ao estojo que você tinha, sra. Fraser?

— Sim, é. — Eu notara o fato imediatamente, mas não quis ficar olhando abertamente para o estojo. Estava mais surrado do que o meu e possuía uma Pequena placa de bronze, mas fora isso era igual.

— Bem, na realidade eu não tinha dúvidas sobre o destino do meu irmão — ele disse, com um pequeno suspiro mas isso põe um ponto final definitivo na questão. Os estojos nos foram dados pelo nosso pai, ele mesmo um médico, quando começamos a exercer a profissão.

Olhei para ele, surpresa.

— Não está me dizendo... vocês eram gêmeos?

— Sim, éramos. — Ele pareceu surpreso que eu não soubesse disso.

— Idênticos?

Ele sorriu.

— Nossa mãe sempre podia diferenciar um do outro, mas poucas pessoas conseguiam.

Fitei-o, sentindo uma ternura incomum — quase constrangimento. Eu havia, é claro, criado uma imagem mental de Daniel Rawlings conforme lia seu livro de casos. Encontrá-lo repentinamente cara a cara, de certa forma, abalava-me um pouco.

Jamie fitava-me estarecido, as sobrancelhas erguidas. Tossi, corando. Ele sacudiu a cabeça ligeiramente e, com outro ruído escocês, pegou o baralho que viera buscar e conduziu Hamish para fora.

— Eu me pergunto... tem necessidade de alguma coisa em particular na área médica? — David Rawlings perguntou, também corando por sua vez. — Tenho bem poucos remédios, mas tenho duplicata de alguns instrumentos. E uma boa coleção de bisturis. Ficaria muito honrado se você...

— Oh. — Era uma oferta galanteadora e meu constrangimento logo foi submerso em uma onda de consumismo. — Você por acaso teria um par extra de

pinças? Fórceps pequenos, quero dizer.

— Oh, sim, claro. — Ele puxou a gaveta inferior, empurrando um amontoado de pequenos instrumentos para o lado, à procura de pinças. Ao fazê-lo, avistei algo incomum e indiquei-o.

— O que diabos é isso?

— Chama-se um jugum penis — o dr. Rawlings me explicou, o rubor aumentando visivelmente.

— Parece uma armadilha de urso. O que é... não pode ser um instrumento para realizar circuncisão, não? — Peguei o objeto, o que fez o dr. Rawlings soltar uma arfada de ansiedade e eu o olhei com curiosidade.

— Isso... hã... minha cara senhora... — Ele quase arrancou o aparelho das minhas mãos, enfiando-o de volta no estojo.

— Para que serve isso? — perguntei, mais divertida do que ofendida por sua reação. — Considerando-se o nome, obviamente...

— Previne... hã... intumescência noturna. — Seu rosto, a essa altura, tinha um aspecto roxo pouco salutar e ele se recusava a me olhar de frente.

— Sim, imagino que faça isso. — O objeto em questão consistia em dois círculos concêntricos de metal, o círculo externo flexível, com pontas sobrepostas, e uma espécie de mecanismo que permitia apertá-lo. O círculo interno era denteado, muito semelhante a uma armadilha de urso, como eu dissera. Um pouco obviamente, destinava-se a ser preso ao redor de um pênis flácido, o qual permaneceria nesse estado, sabendo o que o esperava se não o fizesse.

Tossi.

— Hum... por que, precisamente, isso é necessário?

Seu constrangimento transformou-se lentamente em choque.

— Ora... é que... A perda da essência masculina é muito debilitante. Drena a vitalidade do homem e o expõe a todo tipo de doença, além de prejudicar barbaramente suas faculdades mentais e espirituais.

— Ainda bem que ninguém pensou em mencionar isso ao meu marido — eu disse.

Rawlings lançou-me um olhar absolutamente escandalizado, mas antes que a discussão pudesse assumir proporções ainda mais impróprias fomos felizmente interrompidos por uma movimentação do lado de fora, e ele aproveitou a oportunidade para fechar seu estojo e enfiá-lo apressadamente debaixo do braço, antes de vir se juntar a mim na entrada da barraca.

Havia uma pequena parada atravessando o acampamento, a uns cem metros de distância. Um major inglês em uniforme de gala, vendado, e tão ruborizado que eu pensei que ele poderia explodir. Ele estava sendo conduzido por dois soldados continentais e um flautista os seguia a uma distância discreta, tocando Yankee

Doodle". Tendo em mente o que Jamie dissera sobre apoplexia, eu não tinha a menor dúvida de que aquele era o infeliz major Kingston, escolhido para entregar a proposta de rendição de Burgoyne.

— Santo Deus — murmurou o dr. Rawlings, sacudindo a cabeça diante da cena. — Receio que este processo vá levar algum tempo.

Levou. Uma semana mais tarde todos nós ainda estávamos parados no mesmo lugar, conforme cartas eram formalmente trocadas uma ou duas vezes por dia entre os dois acampamentos. Havia um ar geral de relaxamento no acampamento americano; achei que as coisas ainda deviam estar um pouco tensas do outro lado, mas o dr. Rawlings não voltara, de modo que o boato geral era a única maneira de julgar o progresso — ou a falta de — das negociações de capitulação. Evidentemente, o general Gates estivera blefando, e Burgoyne fora bastante astuto para perceber.

Eu estava satisfeita de permanecer em um lugar tempo suficiente para lavar minhas roupas sem o risco de levar um tiro, ser escalpelada ou molestada de alguma forma. Fora isso, havia muitas vítimas das duas batalhas que ainda requeriam cuidados.

Eu havia notado, de um modo vago, a presença de um homem espreitando nas bordas do acampamento. Eu o vira várias vezes, mas ele nunca se aproximara o suficiente para falar comigo, e eu concluí que ele provavelmente sofria de alguma doença embaraçosa como gonorreia ou hemorroidas. Geralmente, esses homens levavam algum tempo para reunir a coragem ou o desespero para pedir ajuda, e quando o faziam ainda assim esperavam para falar comigo em particular.

Da terceira ou quarta vez em que eu o notei, tentei olhá-lo diretamente, induzi-lo a se aproximar o suficiente para que eu pudesse examiná-lo com privacidade, mas toda vez ele se esquivava, os olhos abaixados, e desaparecia no formigueiro efervescente de milicianos, continentais e seguidores de acampamento.

Ele reapareceu repentinamente ao final da tarde do dia seguinte, enquanto eu preparava uma espécie de sopa, usando um osso — impossível de identificar a que animal pertencia, mas razoavelmente fresco e ainda com lascas de carne agarradas a ele — que me fora dado por um paciente, duas batatas-doces ressecadas, um punhado de cereais, outro punhado de feijão e um pouco de pão dormido.

— É a sra. Fraser? — ele perguntou, com um sotaque surpreendentemente educado das Lowlands escocesas, pensei, e senti uma leve pontada à lembrança do tom semelhante de Tom Christie. Ele sempre fizera questão de me chamar de sra. Fraser, dito exatamente daquela forma concisa, formal.

Mas os pensamentos sobre Tom Christie desapareceram no instante seguinte.

— Eles a chamam de Feiticeira Branca, não é? — o homem disse, e sorriu. Não era de forma alguma uma expressão agradável.

— Algumas pessoas, sim. Por quê? — eu disse, segurando com força meu socador e fitando-o desafiadoramente. Ele era alto e magro, de rosto fino e moreno, trajando um uniforme continental. Por que ele não procurara o médico de seu regimento, em vez de uma curandeira?, me perguntei. Será que queria um feitiço de amor? Não parecia o tipo.

Ele riu um pouco e fez uma medida.

— Eu só queria ter certeza de que tinha vindo ao lugar certo, senhora — ele disse. — Não tive intenção de ofendê-la.

— Não precisa se desculpar. — Ele não estava fazendo nada ameaçador, além, talvez, de ficar parado perto demais de mim, mas eu não gostei dele. E meu coração batia mais rápido do que deveria. — Evidentemente, você sabe meu nome — eu disse, esforçando-me para manter a calma. — Qual é o seu, então?

Ele sorriu novamente, examinando-me tão acintosamente que beirava as raiais da insolência.

— Meu nome não importa. Seu marido é James Fraser?

Senti uma grande vontade de acertá-lo com meu socador, mas não o fiz; poderia aborrecê-lo, mas não iria me livrar dele. Eu não queria admitir o nome de Jamie e não me dei ao trabalho de me perguntar por que não. Eu simplesmente pedi licença e, tirando o caldeirão do fogo, coloquei-o no chão e fui embora.

Ele não esperava isso e não me seguiu de imediato. Afastei-me depressa, dei a volta por trás de uma pequena barraca pertencente à milícia de New Hamp shire e entrei em um grupo de pessoas reunido ao redor de outra fogueira — milicianos, alguns com as esposas. Um ou dois pareceu surpreso com a minha aparição repentina, mas todos me conheciam e cordialmente abriram espaço, balançando a cabeça e murmurando cumprimentos.

Olhei para trás do meio desse refúgio e pude ver o sujeito, em silhueta contra o sol poente, de pé junto à minha própria fogueira abandonada, a brisa da tarde soprando mechas dos seus cabelos. Era sem dúvida minha imaginação que me fazia achá-lo sinistro.

— Quem é, tia? Um de seus admiradores rejeitados? — o Jovem Ian falou em meu ouvido, com um riso na voz.

— Certamente rejeitado — eu disse, de olho no sujeito. Eu imaginara que ele fosse me seguir, mas ele permaneceu onde estava, o rosto virado em minha direção. Seu rosto era um oval escuro, mas eu sabia que ele estava olhando para mim. — Onde está seu tio, você sabe?

— Oh, sim. Ele e o primo Hamish estão tirando o dinheiro do coronel Martin com as cartas, lá. — Sacudiu o queixo na direção do acampamento da milícia de Vermont, onde se erguia a barraca do coronel Martin, reconhecível por um grande rasgão no topo, remendado com um pedaço de tecido de algodão amarelo.

— Hamish é bom nas cartas? — perguntei, curiosa, olhando na direção da barraca.

— Não, mas tio Jamie é, e ele sabe quando Hamish fará a jogada errada, o que é quase tão bom quanto ele fazer a jogada certa, hein?

— Acredito em você. Sabe quem é aquele homem? Aquele que está de pé perto da minha fogueira?

Ian estreitou os olhos contra o sol poente, depois franziu o cenho repentinamente.

— Não, mas ele acabou de cuspir na sua sopa.

— Ele o quê? — Girei nos calcanhares, a tempo de ver o anônimo sujeito se afastar a passos largos, as costas empinadas. — Ora, aquele maldito, nojento, idiota!

Ian limpou a garganta e me cutucou, indicando uma mulher de miliciano, que me olhava com evidente desaprovação. Clareei minha própria garganta, engoli outros comentários sobre o assunto e lancei-lhe o que esperava que fosse um sorriso de desculpas. Afinal, agora provavelmente seríamos obrigados a pedir sua hospitalidade, se quiséssemos comer alguma coisa no jantar.

Quando voltei a olhar para a nossa própria fogueira, o sujeito havia desaparecido.

— Devo lhe dizer uma coisa, tia? — Ian falou, franzindo o cenho pensativamente às sombras vazias que se estendiam sob as árvores. — Ele vai voltar.

Jamie e Hamish não voltaram para o jantar, levando-me a imaginar que o jogo estava indo bem para eles. As coisas também estavam indo razoavelmente bem Para mim; a sra. Kebbits, mulher de um miliciano, de fato ofereceu o jantar para e Ian, e de uma maneira muito hospitaleira, com broas de milho frescas e ensopado de coelho com cebolas. Melhor ainda, meu visitante sinistro não retornou.

Ian fora cuidar de seus próprios assuntos, Rollo nos calcanhares, de modo que eu abafei o fogo e me preparei para fazer a ronda noturna nas barracas de hospital. A maioria dos gravemente feridos havia morrido nos primeiros dois ou três dias após a batalha; quanto ao resto, os que tinham esposas, amigos ou parentes para cuidar deles, fora levado para seus próprios acampamentos. Restavam mais ou menos três dúzias de pacientes, homens solitários, com ferimentos ou doenças persistentes, mas que não apresentavam risco de morte iminente.

Calcei um segundo par de meias, me enrolei na minha grossa capa de lã e agradei a Deus pelo tempo frio. Uma friagem surgira no final de setembro, acendendo as fogueiras com uma glória de vermelho e dourado, mas também felizmente matando os insetos. O alívio da vida no acampamento sem moscas era em si mesmo maravilhoso — não era de admirar que as moscas tenham sido uma das Dez Pragas do Egito. Os piolhos, por sua vez, ainda estavam conosco, mas sem

moscas, pulgas e mosquitos a ameaça de uma epidemia reduzia-se tremendamente.

Ainda assim, toda vez que eu me aproximava da barraca do hospital, eu me via cheirando o ar, alerta para o fedor fecal revelador que poderia anunciar uma erupção repentina de cólera, tifo ou os males menores de um surto de salmonela. Esta noite, entretanto, não senti nenhum cheiro além do costumeiro odor de fossa das latrinas, sobrepujado pelo ranço de corpos não lavados, roupas de cama sujas e um cheiro penetrante e forte de sangue seco. Reconfortantemente familiar.

Três enfermeiros jogavam cartas sob uma meia-água de lona montada ao lado da tenda maior, o jogo iluminado por uma vela de pavio de junco, cuja chama erguia-se e tremulava com o vento da noite. Suas sombras cresciam e encolhiam na lona clara, e ouvi o som de suas risadas ao passar. Isso significava que nenhum dos médicos do regimento estava por perto; tanto melhor.

A maioria deles era simplesmente grata por qualquer ajuda que lhes fosse oferecida e assim deixavam que eu fizesse o que achasse melhor. No entanto, sempre havia um ou dois que queriam afirmar sua autoridade. Em geral, nada além de uma amolação, mas muito perigoso em caso de emergência.

Nenhuma emergência esta noite, graças a Deus. Havia várias velas em latinhas e tocos de vela de tamanhos variados em uma bacia do lado de fora da barraca; acendi uma vela na fogueira e, abaixando a cabeça, entrei, percorrendo as duas barracas grandes, verificando sinais vitais, conversando com os homens que estavam acordados e avaliando sua condição.

Nada muito ruim, mas eu tinha uma certa preocupação com o cabo Jebediah Shoreditch, que sofrera três ferimentos separados de baioneta durante a invasão da Grande Fortificação. Por algum milagre, nenhum havia atingido um órgão vital e, embora o cabo estivesse se sentindo desconfortável — uma estocada tendo atravessado de baixo para cima sua nádega esquerda —, não exibia nenhum sinal de febre. Mas havia algum indício de infecção no ferimento da nádega.

— Vou desinfetar isso aqui — eu lhe disse, examinando minha garrafa pela metade de tintura de genciana. Era praticamente tudo que restava, mas com sorte não deveria haver grande necessidade da tintura até eu estar em posição de preparar mais. — Quero dizer, vou lavá-la, para tirar o pus. Como aconteceu? — A irrigação não ia ser confortável; melhor se ele pudesse ser distraído um pouco, contando-me os detalhes.

— Não foi fugindo, senhora, nem pense isso — assegurou-me, agarrando com força a borda de seu catre quando eu virei para trás o cobertor e retirei os pedaços ressequidos de um curativo de alcatrão e terebintina. — Um daqueles

malditos hessianos traiçoeiros se fingiu de morto e, quando passei por cima dele, ele voltou à vida e se ergueu como uma víbora, a baioneta na mão.

— Baioneta na sua mão, é o que você quer dizer, Jeb — brincou um amigo deitado ali perto.

— Não, esse foi outro. — Shoreditch deu de ombros, descartando a piada com um olhar despreocupado à sua mão direita, envolta em ataduras. Um dos hessianos havia pregado sua mão no chão com a lâmina da baioneta, ele me contara, quando então Shoreditch agarrou sua faca, que havia caído, com a mão esquerda, e desfechou um golpe furioso nas panturrilhas do hessiano, derrubando-o; em seguida, cortara a garganta do hessiano, descuidando-se, entretanto, de um terceiro atacante, cujo golpe decepou a parte de cima de sua orelha esquerda. — Alguém deu um tiro nesse sujeito, graças a Deus, antes que ele pudesse melhorar a sua mira. Por falar em mãos, senhora, a mão do coronel está sarando bem? — Sua testa brilhava de suor à luz da vela e os tendões destacavam-se em seus antebraços, mas ele falou educadamente.

— Creio que sim — eu disse, pressionando devagar o êmbolo de minha seringa de irrigação. — Ele está jogando cartas com o coronel Martin desde hoje à tarde e, se sua mão estivesse incomodando, ele já teria voltado.

Shoreditch e seu amigo deram uma risadinha diante dessa fraca piada, mas ele soltou um longo suspiro quando eu retirei minhas mãos do novo curativo e recostou a testa no catre por um instante, antes de rolar dolorosamente sobre o lado bom.

— Muito obrigado, senhora — ele disse. Seus olhos percorreram com aparente casualidade as figuras que se moviam de um lado para o outro na escuridão. — Se a senhora vir o amigo Hunter ou o dr. Tolliver, poderia pedir a eles para virem aqui um instante?

Ergui uma das sobrelhas diante desse pedido, mas assenti e lhe servi um copo de cerveja; havia cerveja em abundância agora que as linhas de suprimento do sul haviam nos alcançado, e não lhe faria mal algum.

Fiz o mesmo para seu amigo, um homem da Pensilvânia chamado Neph Brewster, que sofria de uma disenteria, mas acrescentei uma pequena porção de mistura do dr. Rawlings para prender intestinos antes de lhe entregar a Caneca.

— Jeb não pretende desrespeitá-la, senhora — Neph sussurrou, inclinando-se confidencialmente para perto de mim enquanto pegava a bebida. — É apenas que ele não consegue evacuar sem ajuda e ele não quer pedir isso a uma senhora. Mas, se o sr. Denzell ou o doutor não vierem logo, eu o ajudarei.

— Quer que eu chame um dos enfermeiros? — perguntei, surpresa. — Estão logo ali fora.

— Oh, não, senhora. Depois que o sol se põe, eles acham que estão

dispensados do serviço. Não entram aqui, a não ser que haja uma briga ou a barraca pegue fogo.

— Hum — eu disse. Obviamente, as atitudes dos enfermeiros de hospital de campanha não diferiam muito de uma época para outra. — Encontrarei um dos médicos — afirmei; o sr. Brewster era magro e amarelado, e sua mão tremia tanto que eu tive que colocar meus próprios dedos ao redor dos dele para ajudá-lo a beber. Eu duvidava que ele conseguisse ficar de pé bastante tempo para resolver suas próprias necessidades, quanto mais ajudar o cabo Shoreditch com as dele. O sr. Brewster, entretanto, era bem-disposto.

— Defecar é algo em que posso dizer que já adquiri alguma habilidade a essa altura — ele disse, rindo para mim. Limpou o rosto com a mão trêmula e parou entre cada gole para respirar pesadamente. — Ah... teria um pouco de gordura de cozinha à mão, madame? Meu cu está em carne viva, como um coelho que acabou de ser esfolado. Eu posso aplicar em mim mesmo, a menos que a senhora queira ajudar, é claro.

— Mencionei isso ao dr. Hunter — respondi secamente. — Tenho certeza de que ele ficará encantado.

Terminei minha ronda rapidamente — a maioria dos homens dormia — e fui procurar Denny Hunter, que encontrei do lado de fora de sua própria barraca, encolhido contra o frio, com um cachecol ao redor do pescoço, sonhadoramente ouvindo uma balada cantada ao redor de uma fogueira próxima.

— Quem? — Ele saiu do transe quando eu surgi, embora tivesse levado alguns instantes a retornar completamente à Terra. — Oh, amigo Jebediah, claro. Sem dúvida, irei imediatamente.

— Tem um pouco de gordura de urso ou de ganso?

Denny ajeitou os óculos com mais firmeza no nariz, dirigindo-me um olhar inquiridor.

— O amigo Jebediah não está com prisão de ventre, está? Achei que sua dificuldade fosse mais de engenharia do que de fisiologia.

Eu ri, e expliquei.

— Oh. Bem. Eu de fato tenho um pouco de unguento — ele disse, em dúvida. — Mas é mentolado, para o tratamento de gripe e pleurite. Acho que não fará nenhum bem ao traseiro do amigo Brewster.

— Receio que não — concordei. — Por que não vai ajudar o sr. Shoreditch enquanto eu vou buscar um pouco de gordura simples e levo até lá?

Gordura — qualquer tipo de gordura — era um ingrediente essencial da cozinha e foram necessárias apenas duas consultas junto a fogueiras do acampamento para conseguir uma xícara. Era, a doadora me informou, sebo de gambá processado.

— Mais gorduroso do que a gordura — a mulher me informou. — E saboroso, também. — Essa última característica era improvável que fosse de grande interesse para o sr. Brewster, ou ao menos assim eu esperava, mas agradei efusivamente e parti na escuridão, de volta à pequena barraca do hospital.

Ao menos, eu tinha a intenção de partir naquela direção. Mas a lua ainda não havia surgido e em poucos instantes eu me vi em uma encosta densamente arborizada da qual eu não me lembrava, tropeçando em raízes e galhos caídos.

Murmurando comigo mesma, virei para a esquerda... certamente, era este... não, não era. Parei, praguejando silenciosamente. Eu não podia estar perdida; eu estava no meio de um acampamento contendo ao menos metade do Exército Continental, sem falar nas dezenas de milícias. No entanto, exatamente onde eu estava no dito acampamento... eu podia ver o clarão de diversas fogueiras através das árvores, mas a configuração delas me parecia estranha. Desorientada, virei-me na outra direção, estreitando os olhos, em busca do teto remendado da grande barraca do coronel Martin, sendo esse o maior marco capaz de ser visível na escuridão.

Algo correu por cima do meu pé e eu dei um salto, em reflexo, derramando a gordura líquida de gambá sobre a minha mão. Cerrei os dentes e limpei a mão cuidadosamente no meu avental. A gordura de gambá é realmente extremamente gordurosa, a principal desvantagem como lubrificante de uso geral, sendo que cheirava a gambá morto.

Meu coração batia aceleradamente com o choque e deu um salto convulsivo quando uma coruja saiu do bosque à minha direita, um pedaço da noite dando uma revoadada súbita e silenciosa a poucos passos do meu rosto. Então, um galho estalou repentinamente e eu ouvi os movimentos de vários homens, murmurando ao mesmo tempo conforme abriam caminho pela vegetação próxima.

Permaneci absolutamente imóvel, os dentes mordendo o lábio inferior, e senti uma onda de terror repentina e irracional.

Está tudo bem!, disse a mim mesma, furiosa. São apenas soldados procurando um atalho. Nenhuma ameaça, absolutamente nenhuma ameaça!

Conte outra, meu sistema nervoso replicou, ao som de uma imprecação abafada, o farfalhar de folhas secas e gravetos quebrados e o baque repentino de um objeto sólido batendo contra a cabeça de alguém. Um grito, a pancada da queda de um corpo e os ruídos apressados de ladrões vasculhando os bolsos da vítima.

Não consegui me mover. Queria desesperadamente correr, mas estava fincada no lugar; minhas pernas simplesmente não me obedeciam. Era exatamente como um pesadelo, com algo terrível prestes a me acontecer, sem que eu conseguisse sair do lugar.

Minha boca estava aberta e eu tentava com todas as minhas forças não gritar

enquanto ao mesmo tempo aterrorizada que eu não pudesse gritar. Minha Própria respiração era ruidosa, ecoando dentro de minha cabeça, e de repente senti minha garganta arder com sangue engolido, a respiração difícil, as narinas entupidas. E o peso sobre mim, amorfo, esmagando-me na terra áspera de cascalhos e pinhas caídas. Senti um hálito quente em meu ouvido.

Pronto. Sinto muito, Martha, mas você tem que aceitar. Tenho que lhe dar isso. Sim, agora... oh, meu Deus, agora... agora....

Não me lembrava de ter caído no chão. Estava encolhida em uma bola, o rosto pressionado contra os joelhos, tremendo de ódio e terror. Farfalhando nos arbustos próximos, vários homens passaram a poucos passos de mim, rindo e pilheriando.

E então algum pequeno fragmento de minha sanidade ergueu a voz nos recessos de meu cérebro, observando friamente, desapassionadamente, Oh, então isso é um flashback. Que interessante.

— Vai ver o que é interessante — sussurrei, ou achei que havia sussurrado. Não acredito que tenha emitido nenhum som. Eu estava completamente vestida, enrolada em muitas roupas contra o frio, podia sentir o ar frio em meu rosto, mas não fazia nenhuma diferença. Eu estava nua, sentia o ar frio em meus seios, minhas coxas, entre minhas coxas...

Fechei as pernas com todas as forças que pude reunir e mordi o lábio. Agora eu realmente sentia gosto de sangue. Mas o fato seguinte não aconteceu. Eu me lembrava vividamente. Mas era uma lembrança. Não aconteceu outra vez.

Muito lentamente, retornei à realidade. Meu lábio doía, e sangrava. Eu podia sentir o corte, uma pele solta na parte interna de meu lábio, e sentir o gosto de prata e cobre, como se minha boca estivesse cheia de moedas.

Eu respirava como se tivesse corrido dois quilômetros, mas eu podia respirar; meu nariz estava desobstruído, minha garganta estava mansa e aberta, não machucada, nem esfolada. Eu estava banhada de suor e meus músculos doíam de estarem contraídos com tanta força.

Ouvi gemidos nos arbustos à minha esquerda. Não o mataram, então, pensei indistintamente. Imaginei que devia ir vê-lo, ajudá-lo. Eu não queria, não queria tocar em um homem, ver um homem, estar perto de um homem. Mas não importava; eu não conseguia me mover.

Eu já não estava paralisada de terror; sabia onde estava, que estava segura, suficientemente segura. Mas não conseguia me mover. Permaneci agachada, suando e tremendo, e ouvindo.

O homem gemeu algumas vezes, depois rolou devagar, agitando a folhagem.

— Oh, merda — murmurou. Permaneceu imóvel, respirando com dificuldade, depois se sentou abruptamente, exclamando, não sei se por causa da dor do

movimento ou da lembrança do roubo: — Oh, merda!

Ouviu-se uma imprecação sussurrada, um suspiro, silêncio... em seguida, um grito agudo de puro terror que atingiu minha espinha dorsal como um raio de eletricidade.

Sons farfalhantes agitados conforme o sujeito tentava ficar de pé — ora, ora, o que estava acontecendo? Estrépitos e ruídos de fuga. O terror era contagiante; eu também quis correr, fiquei em pé, o coração na boca, mas não sabia para onde ir. Eu não conseguia ouvir nada acima da barulhada daquele idiota. O que estaria ali?

Um suave farfalhar de folhas secas me fez virar a cabeça abruptamente — e me salvou pela fração de um segundo de ter um ataque do coração quando Rollo enfiou o focinho úmido em minha mão.

— Jesus H. Roosevelt Cristo! — exclamei, aliviada com o som de minha própria voz. O ruge-ruge de passos nas folhas chegou até mim.

— Oh, aí está você, tia. — Uma figura alta assomou à minha frente, não mais do que uma sombra no escuro, e o Jovem Ian tocou meu braço. — Você está bem, tia? — Havia um tom de ansiedade em sua voz, que Deus o abençoe.

— Sim — eu disse, debilmente, depois com mais convicção. — Sim. Estou. Eu me perdi, no escuro.

— Oh. — A figura alta relaxou. — Imaginei que tivesse se perdido. Denny Hunter veio e disse que você tinha ido pegar um pouco de gordura, mas não tinha voltado, e ele estava preocupado. Assim, eu e Rollo viemos procurá-la. Quem era o sujeito que Rollo botou para correr?

— Não sei. — A menção de gordura me fez procurar a vasilha com gordura de gambá. Estava no chão, vazia e limpa. Pelos ruídos suculentos, deduzi que Rollo, tendo terminado com o que restara na vasilha, agora cuidadosamente lambia as folhas mortas em que a gordura se espalhara quando a deixei cair. Nas circunstâncias atuais, não achava que podia realmente reclamar.

Ian abaixou-se e pegou a xícara.

— Volte para a fogueira, tia. Vou procurar mais gordura.

Não fiz nenhuma objeção a isso e o segui para fora da encosta da colina, sem prestar verdadeira atenção aos meus arredores. Estava ocupada demais em reorganizar meu estado mental, acalmar meus sentimentos e tentar recuperar alguma espécie de equilíbrio.

Eu ouvira a palavra "flashback" apenas de passagem, em Boston, nos anos 1960. Não chamávamos de flashback antes, mas eu já ouvira falar. E já vira. Neurose de guerra, diziam na Primeira Guerra Mundial. Trauma de guerra, na Segunda. É o que acontece quando alguém sofre certas experiências que não deveria vivenciar e não consegue conciliar esse conhecimento com o fato de tê-las vivenciado.

Bem, eu vivenciei, disse desafiadoramente a mim mesma. Então, pode ir se acostumando a isso. Perguntei-me por um instante com quem eu estava falando e — muito seriamente — se eu estaria enlouquecendo.

Eu certamente me lembrava do que me acontecera quando fora raptada anos antes. Eu teria preferido não me lembrar, mas sabia o suficiente de psicologia para não tentar reprimir as lembranças. Quando elas se apresentavam, eu as enfrentava cautelosamente, fazendo exercícios respiratórios, depois as armazenava de novo no lugar de onde tinham vindo e ia procurar Jamie. Após algum tempo, descobri que apenas certos detalhes surgiam vividamente; uma orelha morta, roxa à luz do amanhecer, parecendo um fungo exótico; a brilhante explosão de luz que eu vira quando Harley Boble quebrou meu nariz; o cheiro de milho no hálito do adolescente que tentara me violentar. O volume pesado e macio do homem que o fez. O resto era uma misericordiosa mancha turva.

Eu também tinha pesadelos, embora Jamie geralmente acordasse imediatamente quando eu começava a choramingar e me agarrasse com força suficiente para estraçalhar o sonho, segurando-me contra ele e afagando meus cabelos, minhas costas, murmurando docemente para mim, ele próprio sonolento, até eu afundar novamente em sua paz e voltar a dormir.

Isso foi diferente.

Ian foi de fogueira em fogueira em busca de gordura e finalmente conseguiu uma latinha contendo uns dois centímetros de gordura de ganso misturada com confrei. Era mais do que um pouco rançosa, mas Denny Hunter lhe dissera para que serviria e ele achou que o estado do unguento não fazia diferença.

O estado de sua tia o preocupava um pouco mais. Ele sabia muito bem por que ela às vezes se contorcia como um pequeno grilo ou se lamuriava em seu sono. Ele vira o estado em que ela estava quando a resgataram das mãos daqueles miseráveis e sabia o que haviam feito com ela. O sangue subiu ao seu rosto e os vasos sanguíneos em suas têmporas se intumesceram à lembrança do combate quando a tomaram de volta.

Ela não quis cobrar sua própria vingança, quando a resgataram; ele achava que talvez tivesse sido um erro, embora compreendesse a parte de ela ser uma curandeira e ter jurado não matar. A questão é que alguns homens precisavam ser mortos. A Igreja não admitia isso, a não ser em guerra. Os mohawks entendiam isso muito bem. Assim como tio Jamie.

E os quakers...

Ele suspirou.

De mal para pior. No instante em que conseguiu a gordura, ele mudou a direção de seus passos, não para a barraca do hospital onde Denny certamente deveria estar, mas na direção da barraca dos Hunter. Podia fingir que estava indo

para a barraca do hospital; as duas ficavam próximas uma da outra. Mas ele nunca vira necessidade de mentir para si mesmo.

Não pela primeira vez, sentia falta de Brianna. Podia conversar qualquer coisa com ela, e ela com ele — mais, ele achava, do que ela podia conversar com Roger Mac.

Mecanicamente, fez o sinal da cruz, murmurando:

— Gum biodh iad sabhhailte, a Dhia. — Que estejam a salvo, oh, Senhor.

Quanto a isso, perguntou-se o que Roger Mac teria aconselhado se estivesse ali. Ele era um homem calado, e religioso, ainda que presbiteriano. Mas ele participara daquela cavalgada noturna e da ação empreendida, e nunca dissera nem uma palavra sobre o assunto depois.

Ian contemplou por um instante a futura congregação de Roger Mac e o que eles pensariam daquela descrição de seu ministro, mas sacudiu a cabeça e seguiu em frente. Todas essas ponderações eram apenas meios de impedi-lo de pensar no que diria quando a visse, e isso era inútil. Ele só queria dizer uma coisa para ela e essa era a única coisa que não podia dizer, nunca.

A porta da barraca estava fechada, mas havia uma vela acesa lá dentro. Tossiu educadamente do lado de fora e Rollo, vendo onde estavam, abanou o rabo e emitiu um uuuf cordial!

A aba foi virada para trás no mesmo instante e Rachel ficou ali parada, a costura em uma das mãos, estreitando os olhos para a escuridão, mas já sorrindo; ela ouvira o cachorro. Ela tirara a touca e seus cabelos estavam despenteados, desprendendo-se dos grampos.

— Rollo! — ela disse, abaixando-se para afagar suas orelhas. — E vejo que trouxe seu amigo com você.

Ian sorriu, erguendo a latinha.

— Trouxe um pouco de gordura. Minha tia disse que seu irmão precisava para o seu traseiro. — Logo em seguida, tardiamente, ele se recompôs. — Quero dizer, para um traseiro. — A mortificação queimou em seu peito, mas ele estava falando provavelmente com a única mulher no acampamento que podia considerar traseiros como um tema comum de conversa. Bem, a única salvo sua tia, corrigiu-se. Ou as prostitutas, talvez.

— Oh, ele vai ficar satisfeito; muito obrigada.

Ela estendeu o braço para pegar a latinha de sua mão e seus dedos roçaram os dele. A latinha estava lambuzada de gordura e escorregadia; ela caiu e ambos se abaixaram para pegá-la. Ela endireitou-se primeiro; seus cabelos roçaram o rosto dele, quentes, com seu cheiro.

Sem sequer pensar, ele colocou as duas mãos em seu rosto e inclinou-se para ela. Viu o brilho e o escurecimento de seus olhos e teve um batimento cardíaco,

dois, de perfeita e cálida felicidade, quando seus lábios pousaram sobre os dela e seu coração descansou em suas mãos.

Então, uma dessas mãos estalou em seu rosto e ele cambaleou para trás como um bêbado acordado de repente.

— O que está fazendo? — ela sussurrou. Os olhos arregalados como dois pires, ela havia recuado e fora pressionada contra a lona da barraca como se fosse atravessá-la. — Não pode fazer isso!

Ele não conseguiu encontrar as palavras certas para dizer. Seus idiomas ferviam em sua mente como um ensopado, e ele emudeceu. Mas a primeira Palavra a vir à tona através da confusão foi em gaélico.

— Mo chridhe — ele disse, e respirou pela primeira vez desde que a tocara. A língua mohawk veio em seguida, profunda e visceral. Eu preciso de você. E por último o inglês, a mais apropriada para um pedido de desculpas. — Sin... sinto muito.

Ela balançou a cabeça, com movimentos espasmódicos como uma marionete.

— Sim. Eu... sim.

Ele devia ir embora. Ela estava com medo. Ele sabia disso. Mas sabia de outra coisa também. Não era dele que tinha medo. Devagar, bem devagar, ele estendeu a mão para ela, os dedos movendo-se contra a sua vontade, devagar, como se fosse pescar uma truta com as mãos.

E por um milagre inesperado, mas ainda assim um milagre, a mão dela estendeu-se furtivamente para a dele, trêmula. Ele tocou a ponta de seus dedos, achou-os frios. Os seus estavam quentes, ele a aqueceria... Mentalmente, ele sentiu a friagem da pele dela contra a sua, notou os mamilos duros contra o tecido de seu vestido e sentiu o peso pequeno e redondo de seus seios, frios em suas mãos, a pressão de suas coxas, frias e rígidas contra o calor de seu corpo.

Ele segurava sua mão, puxando-a para si. E ela estava vindo, desarmada, indefesa, atraída para o seu calor.

— Você não deve fazer isso — ela sussurrou, de forma quase inaudível. — Nós não devemos.

Ele percebeu, indistintamente, que era claro que não podia simplesmente atraí-la para si, deixar-se cair no chão, livrar-se de suas roupas e possuí-la, embora cada fibra de seu corpo exigisse que ele fizesse exatamente isso. No entanto, alguma vaga lembrança da civilização se impôs e ele a agarrou. Ao mesmo tempo, com terrível relutância, soltou sua mão.

— Não, claro que não — ele disse, em perfeito inglês. — Claro que não devemos.

— Eu... você... — Ela engoliu em seco e passou as costas das mãos pelos lábios. Não para limpar o beijo dele, mas de perplexidade, ele pensou. — Você

sabe...? — Ela parou de repente, impotente, fitando-o.

— Não estou preocupado se você me ama — ele disse, e sentiu que falava a verdade. — Não agora. Estou preocupado que você possa morrer porque ama.

— Como você é atrevido! Eu não disse que o amava.

Ele olhou para ela e algo se moveu em seu peito. Podia ser uma risada. Podia não ser.

— É bem melhor que não ame — ele disse suavemente. — Não sou nenhum tolo, nem você.

Ela fez um gesto impulsivo na direção dele e ele recuou, apenas uma fração de centímetro.

— Acho melhor você não me tocar, garota — ele disse, ainda fitando-a intensamente nos olhos, da cor de agrião sob águas correntes. — Porque, se o fizer, vou possuí-la, aqui e agora. E então será tarde demais para nós dois, não é?

A mão da jovem parou no ar e, apesar de ele ver que ela queria retirá-la, não conseguia.

Ele virou-se, então, e saiu para dentro da noite, a pele tão quente que o ar noturno virava vapor ao tocá-lo.

Rachel permaneceu paralisada por um instante, ouvindo as batidas do seu coração. Outro som regular começou a se interpor, um ruído suave de lambidas, e ela olhou para baixo, pestanejando, deparando-se com Rollo, que havia metodicamente limpado o que restara da gordura de ganso na lata que ela deixara cair e agora lambia a lata vazia.

— Oh, meu Deus — ela exclamou, colocando a mão sobre a boca, com receio de que, se risse, teria um ataque de riso histérico. O cachorro ergueu os olhos para ela, amarelos à luz da vela. Lambeu os beiços, a cauda comprida balançando suavemente. — O que vou fazer agora? — perguntou a ele. — Tudo bem para você; pode andar atrás dele o dia inteiro e compartilhar sua cama à noite, sem precisar dizer nada.

Ela sentou-se no banquinho, sentindo os joelhos fraquejarem, e segurou com força a pelagem espessa do pescoço de Rollo.

— O que ele pensa? — perguntou-lhe. — "Estou preocupado que você possa morrer porque ama"? Será que me acha uma dessas tontas que definham, desfalecem e adoecem por amor, como Abigail Miller? Não que ela fosse pensar em realmente morrer por causa de alguém, muito menos por causa de seu pobre marido. — Abaixou os olhos para o cachorro e afagou seu pescoço. — E o que ele pretende, beijando aquela assanhada — perdoe minha falta de caridade, Senhor, mas de nada adianta ignorar a verdade — e menos de três horas depois me beijando? Diga-me! O que ele pretende com isso?

Soltou o cachorro. Ele lambeu sua mão educadamente, depois desapareceu

silenciosamente pela abertura da barraca, sem dúvida para levar sua pergunta a seu impertinente dono.

Ela devia estar esquentando a água do café e preparando alguma coisa para o jantar; logo Denny estaria de volta da barraca do hospital, com fome e com frio. Mas ela continuou sentada, olhando fixamente para a chama da vela, imaginando se sentiria alguma coisa caso passasse a mão por ela.

Duvidava. Todo o seu corpo se incendiara quando ele a tocou, repentinamente, como uma tocha embebida em terebintina, e ela ainda ardia. Era de admirar que sua roupa não tivesse irrompido em chamas.

Ela sabia o que ele era. Ele não fizera nenhum segredo disso. Um homem que vivia por meio da violência, que a carregava consigo.

— E eu usei isso quando me foi conveniente, não é? — ela perguntou à vela. Não era um ato de um Amigo. Ela não se contentara em confiar na graça divina, não estivera disposta a aceitar Sua vontade. Ela não só fora conivente e encorajara a violência, mas colocara Ian Murray em grande perigo tanto de corpo quanto de alma. Não, não adiantava ignorar a verdade. — Embora, se for a verdade o que estamos falando aqui — ela disse à vela, ainda se sentindo rebelde — sou testemunha que ele o fez por Denny, tanto quanto por mim.

— Quem fez o quê? — A cabeça abaixada de seu irmão se enfiou pela porta da barraca e ele se endireitou, piscando para ela.

— Pode rezar por mim? — ela pediu abruptamente. — Estou correndo grande Perigo.

Seu irmão a fitou espantado, os olhos arregalados atrás dos óculos.

— De fato, está — ele disse, devagar. — Embora eu tenha minhas dúvidas se a prece a ajudará muito.

— O quê? Não lhe resta nenhuma fé em Deus? — Ela falou rispidamente, ainda mais ansiosa com a ideia de que seu irmão pudesse ter sido vencido pelas coisas que vira no último mês. Ela temia que houvessem abalado consideravelmente sua fé, mas dependia da fé de seu irmão como de seu escudo e broquel. Se ela tivesse desaparecido...

— Oh, fé infinita em Deus — ele disse, e sorriu. — E você? Não tanto. — Ele tirou o chapéu e pendurou-o no prego que enfiara na estaca da barraca e verificou se a porta estava fechada e bem amarrada atrás dele. — Ouvi lobos uivando em meu caminho de volta — ele observou. — Mais perto do que o suportável.

— Ele sentou-se e olhou diretamente para ela. — Ian Murray? — ele perguntou sem rodeios.

— Como soube disso? — Suas mãos tremiam e ela as limpou irritadamente no avental.

— Acabo de ver o cachorro dele. — Olhou-a com interesse. — O que ele lhe disse?

— Eu... nada.

Denny ergueu uma das sobrancelhas com ceticismo e ela se acalmou.

— Não muito. Ele disse... que eu o amava.

— E ama? — Denny perguntou, não parecendo nem um pouco surpreso.

— Como posso estar apaixonada por um homem como ele?

— Se não estivesse, acho que não estaria me pedindo para rezar por você — ele ressaltou logicamente. — Você simplesmente o mandaria embora. "Como" não é provavelmente uma pergunta que eu esteja qualificado para responder, embora imagine que fale retoricamente, de qualquer forma.

Ela riu, apesar de sua agitação.

— Não — ela disse, alisando o avental sobre os joelhos. — Não, eu não falo retoricamente. Mais... Bem, você diria que Jó falava retoricamente quando perguntou ao Senhor o que Ele estava pensando? É dessa forma que eu falo.

— Questionar Deus é um assunto estranho — seu irmão disse pensativamente. — Você realmente obtém respostas, mas elas tendem a levá-lo a lugares estranhos. — Sorriu para ela outra vez, mas amavelmente e com tanta compreensão nos olhos que ela teve que desviar os seus.

Ela continuou sentada fazendo pregas com o tecido do avental entre os dedos, ouvindo os gritos e a cantoria bêbada que caracteriza todas as noites no acampamento. Ela tinha vontade de dizer que os lugares não podiam ser muito mais estranhos do que ali — dois Amigos no meio de um exército, e fazendo parte dele —, mas foi na verdade o questionamento de Deus de Denny que os levara até ali, e ela não queria que ele achasse que o culpava por isso.

Em vez disso, ela ergueu os olhos e perguntou ansiosamente:

— Você já esteve apaixonado, Denny?

— Oh — ele exclamou, e olhou para as próprias mãos, espalmadas sobre os joelhos. Continuou sorrindo, mas sua expressão se alterara, tornara-se introspectiva, como se visse algo dentro de sua cabeça. — Sim. Creio que sim.

— Na Inglaterra?

Ele assentiu.

— Sim. Mas... não seria possível.

— Ela... não era uma Amiga?

— Não — ele disse suavemente. — Não era.

De certa forma, isso foi um alívio; ela temia que ele tivesse se apaixonado por uma mulher que se recusava a deixar a Inglaterra, mas se sentira obrigado a retornar à América, por ela. Até onde isso dizia respeito a seus próprios sentimentos por Ian Murray, entretanto, não era um bom augúrio.

— Sinto muito pela gordura — ela disse repentinamente.

Ele pestanejou.

— Gordura?

— Para o traseiro de alguém, o amigo Murray disse. O cachorro a comeu.

— O cachorro comeu... oh, o cachorro comeu a gordura. — Sua boca se torceu e ele passou o polegar da mão direita devagar por cima dos dedos. — Tudo bem; consegui um pouco.

— Você está com fome — ela disse abruptamente, levantando-se. — Lave as mãos enquanto eu preparo o café.

— Seria ótimo. Obrigado, Rachel. Rachel... — Ele hesitou, mas não era homem de evitar os problemas. — O amigo Murray disse a você que você o ama... mas não que ele ama você? Isso parece... uma forma peculiar de expressão, não é?

— Sim, é — ela disse, em um tom de voz que indicava que ela não queria discutir as peculiaridades de Ian Murray. Não estava disposta a tentar explicar a Denny que Ian Murray não se declarara a ela em palavras porque não fora preciso. O ar ao seu redor ainda tremeluzia com o calor de sua declaração. Embora... — Talvez ele o tenha feito — ela disse devagar. — Ele disse alguma coisa para mim, mas não foi em inglês e eu não compreendi. Você sabe o que "mo criga" significa?

Denny franziu o cenho por um instante, depois sua testa desanuviou.

— Essa é a língua das Highlands, o que eles chamam de gàidhlig, eu acho. Não, não sei o que significa, mas já ouvi o amigo Jamie dizer isso a sua mulher, em tais circunstâncias que deixavam evidente tratar-se de um termo de profundo... afeto. — Ele tossiu. — Rachel... você quer que eu fale com ele?

Sua pele ainda queimava e seu rosto parecia arder em febre, mas diante disso um estilhaço de gelo pareceu penetrar fundo em seu coração.

— Falar com ele — ela repetiu, engolindo em seco. — E dizer... O quê? — Encontrara o bule de café e a bolsa de bolotas e chicória tostadas. Ela despejou um punhado da mistura escura em seu pilão e começou a socá-la como se a vasilha estivesse cheia de cobras.

Denny deu de ombros, observando-a com interesse.

— Você vai quebrar esse pilão — ele observou. — Quanto ao que eu deveria dizer... ora, você tem que me dizer, Rachel. — Seus olhos ainda estavam fixos nela, mas agora sérios, sem nenhum vestígio de humor. — Eu direi a ele para ficar afastado e nunca mais falar com você de novo, se você quiser. Ou, se preferir, posso assegurar-lhe que seu afeto por ele é só o de uma amiga e que ele deve se abster de novas declarações constrangedoras.

Ela despejou o pó no bule e acrescentou água do cantil que mantinha pendurado na estaca da barraca.

— Essas são as duas únicas alternativas que você vê? — ela perguntou,

tentando manter a voz firme.

— Maninha — ele disse, muito gentilmente —, você não pode se casar com um homem assim e continuar a ser uma Amiga. Nenhuma comunidade quaker aceitaria tal união. Você sabe disso. — Esperou um instante e acrescentou: — Você me pediu para rezar por você.

Ela não respondeu, nem olhou para ele, mas desamarrou a porta da barraca e saiu para colocar o bule de café entre as brasas, parando para atizar o fogo e acrescentar mais lenha. O ar brilhava perto do chão, iluminado pela fumaça e pela névoa avermelhada dos milhares de pequenas fogueiras como a dela. Mas a noite no alto estendia-se negra, límpida e infinita, as estrelas cintilando com seu próprio fogo frio.

Quando ela entrou na barraca outra vez, ele estava parcialmente embaixo da cama, murmurando consigo mesmo.

— O que foi? — ela perguntou, e ele se arrastou de ré para fora, trazendo com ele o pequeno caixote que guardava suas provisões — exceto que não havia nenhuma. Restavam apenas algumas bolotas e uma maçã, roída por ratos.

— O que foi? — ela repetiu, chocada. — O que aconteceu com a comida?

Denny estava afogueado e obviamente com raiva; ele passou os nós dos dedos com força pelos lábios antes de responder.

— Algum miserável filho da... do Mal... cortou a barraca e levou-a.

A conseqüente onda de fúria diante da notícia foi quase bem-vinda, pela distração que oferecia do problema principal.

— Ora, que... que...

— Sem dúvida — Denny disse, respirando fundo e procurando recuperar o autocontrole —, ele estava com fome. Pobre coitado — acrescentou, com uma notável falta de entonação caridosa.

— Se assim fosse, devia ter pedido que lhe dessem comida — ela retrucou. — E um ladrão, pura e simplesmente. — Batia o pé, furiosa. — Bem. Eu mesma vou pedir um pouco de comida. Tome conta do café.

— Não precisa ir por minha causa — ele protestou, mas foi um protesto desanimado; ela sabia que ele não havia comido desde a manhã e estava faminto; disse-lhe isso com os olhos arregalados em sua direção. — Os lobos... — ele protestou, mas ela já vestia sua capa e enfiava a touca na cabeça.

— Levarei uma tocha — assegurou-lhe. — E seria um lobo muito azarado que cometesse o erro de cruzar meu caminho no meu atual estado de espírito, posso lhe garantir! — Pegou sua bolsa e saiu rapidamente, antes que ele pudesse lhe perguntar onde ela pretendia ir.

Ela podia ter ido a uma dezena de barracas próximas. A perplexidade e a desconfiança com os Hunter desapareceram depois das aventuras de Denny como

desertor e a própria Rachel mantinha relações cordiais com várias mulheres das milícias acampadas perto deles.

Ela podia ter dito a si mesma que não queria perturbar essas mulheres tão tarde da noite. Ou que queria saber as últimas notícias referentes à rendição. O amigo Jamie estava sempre a par das negociações e lhe contava tudo que podia. Ou que ela pensou em consultar Claire Fraser com relação a uma pequena, mas dolorosa, verruga em seu dedo do pé, e podia fazer isso enquanto procurava comida, em prol da conveniência.

Mas ela era uma mulher honesta e não disse nada disso a si mesma. Ela se dirigia ao acampamento dos Fraser como se atraída por um ímã, e o nome do ímã era Ian Murray. Ela via isso claramente, achava seu comportamento insano — e não podia fazer nada para mudá-lo, como não podia mudar a cor de seus olhos.

O que pretendia fazer, dizer ou mesmo pensar se de fato o visse era inimaginável, mas continuou andando mesmo assim, com firmeza, como se estivesse indo ao mercado, a luz de sua tocha um farol na terra pisoteada de seu caminho, sua própria sombra seguindo-a, enorme e estranha sobre a lona clara das barracas pelas quais passava.



CAOS

Eu cuidava do fogo quando ouvi o som de passos lentos se aproximando.

Virei-me e vi um vulto enorme entre mim e a lua, aproximando-se rapidamente. Tentei correr, mas não conseguia fazer minhas pernas obedecerem. Como em todos os melhores pesadelos, tentei gritar, mas o grito ficou preso em minha garganta. Engasguei e ele saiu como um pequeno e estrangulado "iip".

A figura monstruosa — com a de um homem, mas corcunda e sem cabeça, grunhindo — parou diante de mim, houve um curto sussurro e um baque forte de algo batendo no chão que lançou um deslocamento de ar frio por baixo de minha saia.

— Trouxe-lhe um presente, Sassenach — Jamie disse, rindo e enxugando o suor do queixo.

— Um... presente — eu disse debilmente, olhando para a enorme pilha de... O quê?... que ele deixara cair no chão aos meus pés. Então, o cheiro me alcançou. — Uma manta de búfalo! — exclamei. — Oh, Jamie! Uma verdadeira manta de búfalo?

Não havia muita dúvida a respeito. Não era — graças a Deus — uma pele fresca, mas o cheiro de seu dono original ainda era perceptível, mesmo no frio. Caí de joelhos, passando as mãos sobre ela. Era bem curada, flexível e relativamente limpa, a pelagem áspera sob minhas mãos, mas livre de lama, carrapichos, esterco seco e os demais defeitos que normalmente acompanham o búfalo vivo. Era enorme. E quente. Maravilhosamente quente.

Enfiei as mãos geladas em suas profundezas, que ainda retinham o calor do corpo de Jamie.

— Oh — exclamei. — Você a ganhou no jogo?

— Ganhei — ele disse, orgulhoso. — De um dos oficiais ingleses. Um bom jogador de cartas — ele acrescentou com justiça —, mas sem sorte.

— Andou jogando com oficiais ingleses? — Lancei um olhar de inquietação na direção do acampamento inglês, embora não fosse visível dali.

— Apenas um. Um capitão Mansel. Ele veio com a última resposta de Burgoyne e foi obrigado a esperar enquanto Granny digerira o recado. Terá sorte se não for completamente depenado antes de ir embora — acrescentou impiedosamente. — Nunca vi tanto azar com as cartas.

Eu não prestava nenhuma atenção, absorta em examinar a manta.

— É maravilhosa, Jamie! E enorme!

Realmente, era. Uns dois metros e meio de comprimento e larga o suficiente para duas pessoas se aconchegarem em seu calor — desde que não se importassem de dormir juntinhos. A ideia de me meter embaixo daquele abrigo envolvente, quente e confortável, após tantas noites tremendo de frio sob cobertores puídos...

Jamie parecia estar entretendo os mesmos pensamentos.

— Grande o suficiente para nós dois — ele disse, e tocou meus seios, muito delicadamente.

— Oh, é mesmo?

Inclinou-se para mais perto e eu senti seu próprio cheiro acima da catinga da manta de búfalo — folhas secas, o amargor do café de bolotas batizado com conhaque doce, aromas acrescentados ao profundo cheiro masculino de sua pele.

— Eu poderia identificá-lo no meio de uma dúzia de homens em um quarto escuro — eu disse, fechando os olhos e inalando deliciosamente.

— Acredito que sim; faz uma semana que não tomo banho.

Ele colocou a mão em meus ombros e inclinou a cabeça até nossas testas se tocarem.

— Quero desfazer o laço do pescoço de sua combinação — ele sussurrou — e sugar seus seios até você se dobrar como um pequeno camarão, com os joelhos nas minhas bolas. Depois, possuí-la rápido e com força, e adormecer com a cabeça recostada em seus seios nus. É verdade — ele disse, endireitando-se.

— Oh — eu disse. — Que excelente ideia.

Por mais favorável que eu fosse à ideia, eu podia ver que Jamie necessitava de nutrição antes de executar qualquer coisa de natureza extenuante; eu podia ouvir seu estômago roncando a um metro de distância.

— Jogar cartas o deixa exausto, não é? — observei, vendo-o exterminar três maçãs com seis mordidas.

— Sim, é verdade — disse laconicamente. — Temos pão?

— Não, mas temos cerveja.

Como se a palavra o tivesse evocado, o Jovem Ian se materializou da escuridão.

— Cerveja? — repetiu animadamente.

— Pão? — Jamie e eu dissemos juntos, farejando o ar como cachorros. Desprendendo-se das roupas de Ian, havia uma fragrância tostada, de farinha, a qual,

constatou-se, vinha de dois pães pequenos em seus bolsos.

— Onde os conseguiu, Ian? — perguntei, entregando-lhe um cantil de cerveja.

Ele tomou um grande gole, depois abaixou o cantil e fitou-me distraidamente por um instante.

— Ah? — disse, vagamente.

— Você está bem, Ian? — Espreitei-o com certa preocupação, mas ele piscou e a inteligência retornou momentaneamente ao seu rosto.

— Sim, tia, estou. Só que... ah... oh, obrigado pela cerveja. — Devolveu-me o cantil vazio, sorriu para mim como se eu fosse uma estranha e saiu, hesitante, perdendo-se na escuridão.

— Você viu isso? — Virei-me e me deparei com Jamie absorto em limpar farelos de pão do colo com um dedo úmido.

— Não, o quê? Tome, Sassenach. — Entregou-me o segundo pãozinho.

— Ian está agindo como um retardado. Tome, coma a metade; precisa mais do que eu.

Ele não argumentou.

— Ele não estava sangrando ou cambaleando, estava? Bem, então, acho que está apaixonado por alguma pobre garota.

— Oh? Isso condiz com os sintomas. Mas... — Mordisquei o pão devagar, Para fazê-lo durar; estava fresco e crocante, obviamente acabara de sair das brasas. Eu já vira rapazes apaixonados, sem dúvida, e o comportamento de Ian realmente combinava com a sintomatologia. Mas eu não via isso em Ian desde...

— Quem seria?

— Só Deus sabe. Espero que não seja uma das prostitutas. — Jamie suspirou e passou a mão pelo rosto. — Embora talvez seja melhor isso do que a mulher de alguém.

— Oh, ele não... — comecei a dizer, mas vi o olhar irônico em seu rosto. — Oh, ele não fez isso, fez?

— Não, mas por pouco, e nenhum crédito para a senhora envolvida.

— Quem?

— A mulher do coronel Miller.

— Santo Deus. — Abigail Miller era uma jovem loura e alegre de vinte e poucos anos, e vinte e poucos anos mais nova do que seu um tanto corpulento, e notoriamente rabugento, marido. — Exatamente... que pouco?

— Quase o suficiente — Jamie disse soturnamente. — Ela o encostou em uma árvore e ficou se esfregando nele como uma gata no cio. Embora eu imagine que seu marido já tenha colocado um ponto final em suas travessuras a essa altura.

— Ele os viu?

— Sim. Ele e eu estávamos caminhando juntos, demos a volta em uma moita e lá estavam eles. Ficou obviamente claro para mim que não era ideia de Ian, mas ele também não estava resistindo muito.

O coronel Miller ficara paralisado por um instante, depois deu um passo à frente, agarrou sua espantada mulher pelo braço e, com um "Bom-dia, senhor" murmurado para Jamie, arrastou-a dali, guinchando, na direção de seu acampamento.

— Meu Deus... quando isso aconteceu? — perguntei.

Jamie olhou para a lua nascente, estimando.

— Oh, umas cinco ou seis horas atrás.

— E ele já conseguiu se apaixonar por outra pessoa?

Ele sorriu para mim.

— Já ouviu falar em coup defoudre, Sassenach? Não precisei de mais de uma boa olhada em você.

— Hum — eu disse, satisfeita.

Com algum esforço, levantei a pesada manta de búfalo para cima da pilha de galhos de abeto que formavam a base de nossa cama, estendi nossos dois cobertores por cima da manta, em seguida dobrei tudo como uma panqueca, criando um bolso grande, aconchegante, à prova d'água, no qual me enfiei, tremendo em minha combinação.

Deixei a porta da barraca aberta, observando Jamie enquanto ele bebia café e conversava com dois milicianos que haviam se aproximado para mexericar.

Conforme meus pés descongelavam pela primeira vez em um mês, relaxei em um estado de graça sem entraves. Como a maioria das pessoas obrigadas a viver ao ar livre no outono, eu normalmente dormia com todas as roupas que possuía. As mulheres que acompanhavam o exército de vez em quando removiam seus espartilhos — se não estivesse chovendo, às vezes era possível vê-los pendurados nos galhos de árvores de manhã para arejar, como pássaros imensos, fedidos, prontos para voar —, porém mais simplesmente apenas afrouxavam os cadarços e dormiam com eles. Os espartilhos são muito confortáveis de usar quando se está de pé, mas deixa muito a desejar como roupa de dormir.

Esta noite, com a perspectiva de abrigo quente e à prova d'água, eu havia na realidade chegado ao ponto de tirar não só meus espartilhos — enrolados sob minha cabeça como travesseiro — como também minha saia, blusa, casaco e lenço, enfiando-me na cama apenas de combinação e meias. Sentia-me absolutamente depravada.

Espreguicei-me luxuriosamente e percorri meu corpo com as mãos, em seguida cuidadosamente segurei meus seios, contemplando o plano de ação proposto por Jamie.

O calor da manta de búfalo estava me deixando deliciosamente sonolenta.

Achei que não precisava me esforçar para me manter acordada; eu sabia que Jamie não estava com nenhuma disposição de abster-se de me acordar por cavalheiresca consideração pelo meu repouso.

A fortuita aquisição da manta o teria inspirado?, perguntei-me, o polegar sonhadoramente girando em torno de um mamilo. Ou teria o desespero sexual o inspirado a apostar na manta? Com sua mão ferida, fazia... quantos dias? Eu estava distraidamente contando os dias mentalmente quando ouvi o murmúrio baixo de uma nova voz junto ao fogo, e suspirei.

Ian. Não que não ficasse contente em vê-lo, mas... oh, bem. Ao menos, ele não aparecera exatamente quando estávamos...

Ele sentava-se em uma das pedras junto à fogueira, a cabeça abaixada. Havia tirado alguma coisa do seu sporran e esfregava-a cuidadosamente entre os dedos enquanto falava. Seu rosto comprido parecia preocupado, mas exibia uma espécie estranha de luminosidade.

Que bizarro, pensei. Eu já a vira antes, essa expressão. Uma espécie de decidida concentração em algo maravilhoso, um segredo assombroso guardado para si mesmo.

Era uma moça, eu pensei, achando graça e enternecida. Ele olhara exatamente daquela forma para Mary, a jovem prostituta que fora sua primeira. E Emily?

Bem, sim... creio que sim, apesar de que naquele momento sua alegria por ela fora terrivelmente obscurecida pelo conhecimento de sua iminente separação de tudo e de todos que ele amava.

Cruimnich, Jamie lhe dissera, colocando seu próprio xale escocês nos ombros de Ian em despedida. Lembre-se. Eu achara que meu coração iria se partir, ao deixá-lo — sabia que o de Jamie se partira.

Ele ainda usava o mesmo xale esfarrapado, preso com um broche no ombro e sua camisa de camurça.

— Rachel Hunter? — Jamie exclamou, alto o suficiente para eu ouvir, e eu sentei me na cama com um salto, estupefata.

— Rachel Hunter? — repeti como um eco. — Você está apaixonado por Rachel?

Ian olhou para mim, surpreso com minha aparição, como se tivesse saído de uma caixa de surpresa.

— Oh, você está aí, tia. Eu estava pensando onde você teria ido — ele disse brandamente.

— Rachel Hunter? — repeti, não pretendendo deixar que ele se esquivasse da pergunta.

— Bem... sim. Ao menos, eu... bem, sim. Estou. — A admissão fez o sangue subir às suas faces; era visível mesmo à luz da fogueira.

— O garoto está achando que talvez pudéssemos dar uma palavra com Denzell, Sassenach — Jamie explicou. Parecia estar achando divertido, mas também parecia ligeiramente preocupado.

— Uma palavra? Para quê?

Ian ergueu a cabeça, olhando de um para o outro de nós.

— É só que... Denny Hunter não vai gostar disso. Mas ele tem grande admiração por tia Claire e o respeita, é claro, tio Jamie.

— Por que ele não iria gostar? — perguntei. A essa altura, eu já havia conseguido sair de dentro da manta e, enrolando meu xale ao redor dos ombros, sentei-me em uma pedra ao seu lado. Minha mente corria acelerada. Eu gostava muito de Rachel Hunter. E ficaria muito satisfeita — para não dizer aliviada — se Ian tivesse finalmente encontrado uma jovem decente para amar. Mas...

Ian olhou para mim.

— Certamente você sabe que eles são quakers, tia?

— Sim, claro — eu disse, devolvendo o olhar. Mas...

— E eu não sou.

— Sim, eu sei disso também. Mas...

— Ela seria expulsa das comunidades quakers, se casasse comigo. É provável que ambos fossem. Já foram expulsos uma vez por Denny se juntar ao exército, e isso foi muito difícil para ela.

— Oh — Jamie disse, parando no ato de rasgar um pedaço de pão. Ficou segurando-o por um instante, o cenho franzido. — Sim, imagino que seriam. — Colocou o pão na boca e mastigou devagar, refletindo.

— Acha que ela também o ama, Ian? — perguntei, o mais delicadamente possível.

O rosto de Ian dilacerava-se entre preocupação, susto e aquele brilho interior que cismava em atravessar as nuvens de aflição.

— Eu... bem. Acho que sim. Espero que sim.

— Você não perguntou a ela?

— Eu... não exatamente. Quero dizer... nós não conversamos realmente, sabe?

Jamie engoliu o pão e tossiu.

— Ian — ele disse. — Diga-me que você não se deitou com Rachel Hunter.

Ian lançou-lhe um olhar indignado. Jamie fitou-o, as sobrancelhas erguidas. Ian abaixou os olhos novamente para o objeto em suas mãos, rolando-o entre as palmas como uma bola de massa de pão.

— Não — murmurou. — Mas quisera ter feito isso.

— O quê?

— Bem... se tivesse, ela teria que se casar comigo, não é? Quisera ter

pensado nisso, mas não, não pude; ela disse para eu parar, e eu parei. — Engoliu em seco, com força.

— Muito honrado de sua parte — murmurei, embora na verdade eu compreendesse seu ponto de vista. — E muito inteligente da parte dela.

Ele suspirou.

— O que devo fazer, tio Jamie?

— Acho que você mesmo não poderia se tornar um quaker, não é? — perguntei, hesitante.

Tanto Jamie quanto Ian olharam para mim. Eles não se pareciam nem um pouco, mas a expressão irônica e divertida em ambos os rostos era idêntica.

— Não me conheço muito bem, tia — Ian disse, com um doloroso esgar —, mas acho que não nasci para ser um quaker.

— E imagino que não pudesse... não, claro que não. — A ideia de professar uma conversão que ele não pretendia obviamente nunca passara por sua cabeça.

Percebi repentinamente que, mais do que qualquer outra pessoa, Ian compreenderia exatamente qual seria o custo para Rachel se seu amor por ele a separasse de seu povo. Não era de admirar que ele hesitasse à ideia de fazê-la pagar tal preço.

Sempre presumindo, lembrei a mim mesma, que ela realmente o amasse. Era melhor eu ter uma conversa com Rachel primeiro.

Ian continuava revirando algo nas mãos. Olhando mais atentamente, vi se tratar de um objeto pequeno, escuro, de couro. Certamente, não era...

— Isso não é a orelha de Neil Forbes, é? — exclamei.

— Sr. Fraser?

A voz me fez levantar com um salto, arrepiando os cabelos da minha nuca. Maldição, ele outra vez? De fato, era o soldado continental, o que estragara a minha sopa. Entrou devagar no círculo de luz da fogueira, os olhos fundos fixos em Jamie.

— Sou James Fraser, sim — Jamie disse, abaixando a caneca e indicando educadamente uma pedra vazia para que o estranho se sentasse. — Aceita uma xícara de café, senhor? Ou o que faz as vezes de café?

O homem sacudiu a cabeça, sem falar nada. Ele examinava Jamie de cima a baixo, como alguém prestes a comprar um cavalo, mas em dúvida quanto ao Seu temperamento.

— Talvez prefira uma boa xícara de cuspe? — Ian disse, em um tom nada amistoso. Jamie olhou para ele, espantado.

— Seo mac na muice a thàinig na bu thràithedag shiubhal — Ian acrescentou. Ele não tirou os olhos do estranho. — Chan eil e ag iarraidh rnath dhut idir, tio". — Este é o maldito filho de uma porca que esteve aqui antes à sua procura. Ele não tem boas intenções, tio.

— Tapadh leat Iain. Cha robh fios air a bhith agam — Jamie respondeu na mesma língua, mantendo a voz agradavelmente relaxada. Obrigado, Ian. Eu jamais imaginaria. — Tem alguma coisa a me dizer, senhor? — ele perguntou, mudando para inglês.

— Sim, quero falar com você. Em particular — o sujeito acrescentou, com um olhar de desprezo para Ian. Aparentemente, eu não contava.

— Este é meu sobrinho — Jamie disse, ainda amável, mas cauteloso. — Pode falar diante dele.

— Receio que possa pensar de modo diferente, sr. Fraser, quando ouvir o que tenho a dizer. E, uma vez dito, tais coisas não podem ser apagadas. Vá embora, rapaz — ele disse, sem se importar em olhar para Ian. — Ou vocês dois vão se arrepender.

Tanto Jamie quanto Ian empertigaram-se visivelmente. Então, se moveram, quase simultaneamente, os corpos se mexendo sutilmente, os pés posicionando-se sob o corpo, os ombros endireitando-se. Jamie olhou pensativamente para o homem por um instante, depois inclinou a cabeça quase imperceptivelmente para Ian. Seu sobrinho levantou-se sem dizer nem uma palavra e desapareceu na escuridão.

O sujeito ficou parado, esperando, até que o som dos passos de Ian desaparecesse e a noite silenciasse ao redor da pequena fogueira. Em seguida, deu a volta à fogueira e sentou-se devagar, em frente a Jamie, ainda mantendo aquele enervante ar de escrutínio. Bem, ele enervava a mim; Jamie apenas levantou sua caneca e esvaziou-a, calmo como se estivesse sentado em sua própria mesa de cozinha.

— Se tem alguma coisa a me dizer, senhor, diga. É tarde e já estou indo para a cama.

— Uma cama com sua adorável mulher, eu diria. Homem de sorte. — Eu começava a detestar imensamente aquele homem. Jamie ignorou tanto o comentário quanto o tom de troça com que foi feito, inclinando-se para a frente para servir o restante do café em sua caneca. Eu podia sentir o cheiro amargo da bebida, acima até mesmo do cheiro que a manta de búfalo deixara em minha combinação. — O nome Willie Coulter o faz se lembrar de alguém? — o sujeito perguntou abruptamente.

— Conheci vários homens com esse nome e essa laia — Jamie respondeu. — A maioria na Escócia.

— Sim, foi na Escócia. Um dia antes do grande massacre em Culloden. Mas você teve seu próprio massacre particular nesse dia, não?

Eu estivera vasculhando a mente por alguma lembrança de Willie Coulter — A menção de Culloden me atingiu como um soco no estômago.

Jamie fora obrigado a matar seu tio Dougal Mackenzie naquele dia. E tinha

havido uma testemunha do fato além de mim: um membro do clã Mackenzie chamado Willie Coulter. Eu presumira que ele já havia morrido há muito tempo, em Culloden ou nas agruras que se seguiram — e tinha certeza de que Jamie pensara o mesmo.

Nosso visitante balançou-se um pouco para trás em sua pedra, sorrindo sarcasticamente.

— Em certa época, fui capataz em uma plantação de cana-de-açúcar de bom tamanho, sabe, na ilha de Jamaica. Tínhamos doze escravos negros da África, mas negros de boa qualidade ficavam cada vez mais caros. E assim o patrão me mandou ao mercado um dia com uma bolsa de prata, para examinar uma nova leva de degredados — criminosos expatriados para trabalho forçado, a maior parte da Escócia.

E entre as duas dúzias de homens que o capataz selecionara das fileiras de homens maltrapilhos, infestados de piolhos, esqueléticos, estava Willie Coulter. Capturado após a batalha, julgado e condenado rapidamente, e embarcado em um navio para as Antilhas, tudo no período de um mês, para nunca mais voltar à Escócia.

Eu podia ver apenas o lado do rosto de Jamie e vi um músculo saltar em seu maxilar. A maioria dos seus homens em Ardsmuir havia sido exilada do mesmo modo; somente o interesse de John Grey o salvara do mesmo destino e ele alimentava sentimentos distintamente contraditórios a esse respeito, mesmo muitos anos após o fato. No entanto, ele apenas balançou a cabeça, vagamente interessado, como se ouvisse uma história de um viajante em uma hospedaria.

— Todos eles morreram em duas semanas — o estranho disse, a boca torcida. — Como os negros também. Uns desgraçados trouxeram uma febre devastadora com eles do navio. Perdi meu emprego. Mas consegui uma coisa de valor para levar comigo. As últimas palavras de Willie Coulter.

Jamie não se movera muito desde que o sr. X se sentara, mas pude sentir a tensão Percorrendo seu corpo; estava esticado como um arco com a flecha engatada.

— O que você quer? — ele perguntou calmamente, inclinando-se para frente para pegar a caneca de café, de lata, envolta em um trapo.

— Mmmmhum. — O sujeito fez um ruído de satisfação iia garganta e inclinou-se um pouco para trás, balançando a cabeça.

— Sabia que era um homem educado e sensato. Sou um homem simples, senhor... digamos uns cem dólares? Para mostrar sua boa vontade — ele acrescentou, com um esgar que exibia dentes tortos, manchados de rapé. — E, para Poupar-lhe o trabalho de protestar, mencionarei apenas que sei que você tem isso no bolso. Acabo de conversar com o cavalheiro que você venceu no jogo esta tarde, hein?

Pestanejei; evidentemente, Jamie tivera uma sorte extraordinária. Nas cartas, ao menos.

— Para mostrar boa vontade — Jamie repetiu. Olhou para a caneca em sua mão, em seguida para o rosto sorridente do escocês das Lowlands, mas evidentemente concluiu que a distância era grande demais para atirá-la nele. — E para continuar com...?

— Ah, bem. Podemos discutir isso mais tarde. Ouvi dizer que é um homem de muitos recursos, coronel Fraser.

— E você pretende engordar agarrando-se a mim como uma sanguessuga, é isso?

— Ora, o uso de sanguessugas faz bem a uma pessoa, coronel. Mantém os humores em equilíbrio. — Olhou maliciosamente para mim. — Tenho certeza de que sua mulher conhece os benefícios disso.

— E o que você quer dizer com isso, verme nojento? — eu disse, ficando de pé. Jamie podia ter resolvido não atirar a caneca de café nele, mas eu estava disposta a tentar com o bule.

— Modos, mulher — ele disse, lançando-me um olhar de reprovação antes de voltar os olhos novamente para Jamie. — Você não bate nela, homem?

Pude ver o corpo retesado de Jamie mudando sutilmente; o arco estava sendo puxado.

— Não — comecei a dizer, virando-me para Jamie, mas nunca cheguei a terminar. Vi a expressão do rosto de Jamie mudar, eu o vi saltar sobre o sujeito — e girei nos calcanhares bem a tempo de ver Ian se materializar da escuridão atrás do chantagista e colocar um braço vigoroso ao redor de sua garganta.

Não vi a faca. Não tive que ver; vi o rosto de Ian, tão decidido a ponto de se tornar quase sem expressão — e vi o rosto do ex-capataz. Seu maxilar caiu e seus olhos se esbugalharam, as costas arqueando-se em uma tentativa vã de escapar.

Então, Ian soltou-o e Jamie segurou o sujeito quando ele começou a cair, o corpo repentina e horrivelmente mole.

— Santo Deus!

A exclamação veio diretamente de trás de mim e eu girei nos calcanhares outra vez, agora me deparando com o coronel Martin e dois de seus ajudantes de ordens, tão boquiabertos quanto o sr. X estivera momentos antes.

Jamie ergueu os olhos para eles, surpreso. No instante seguinte, virou-se e disse em voz baixa por cima do ombro:

— Ruith. — Corra.

— Alto aí! Assassinato! — um dos ajudantes de ordens gritou, saltando para a frente. — Pare, assassino!

Ian não perdera tempo em aceitar o conselho de Jamie; pude vê-lo correndo em disparada na direção da borda da floresta distante, mas havia bastante luz das fogueiras para revelar sua fuga e os gritos de Martin e seus asseclas despertavam todos ao alcance de sua voz; as pessoas saltavam de perto de suas fogueiras" espreitando na escuridão, gritando perguntas. Jamie largou o corpo do capataz junto à fogueira e correu atrás de Ian.

O mais jovem dos ajudantes de ordens passou correndo por mim, as pernas batendo em furiosa perseguição. O coronel Martin correu atrás dele e eu consegui estender o pé e fazê-lo tropeçar. Ele se estatelou por cima da fogueira, lançando uma chuva de fagulhas e cinzas na noite.

Deixando o segundo ajudante de ordens tentando apagar as chamas, segurei para cima a barra de minha combinação e corri o mais rápido que podia na direção que Jamie e Ian haviam tomado.

O acampamento parecia o Inferno de Dante, vultos negros gritando contra o clarão das chamas, empurrando-se uns aos outros em meio à fumaça e à confusão, gritos de "Assassino! Assassino!" entoando de diferentes direções, enquanto mais pessoas ouviam e se uniam ao coro.

Senti uma pontada no lado do corpo, mas continuei correndo, tropeçando em pedras, buracos e galhos. Gritos mais altos da esquerda — parei, arquejando, a mão sobre o lado do corpo, e vi a figura alta de Jamie libertando-se de dois perseguidores. Ele devia estar tentando desviar a perseguição de Ian — o que significava... virei-me e corri na direção contrária.

De fato, avistei Ian, que sensatamente parara de correr assim que viu Jamie partir em disparada, agora caminhando a passos rápidos na direção da floresta.

— Assassino! — uma voz gritou atrás de mim. Era Martin, o desgraçado, um pouco chamuscado, mas sem se dar por vencido. — Pare, Murray! Pare, já disse!

Ouvindo gritarem seu nome, Ian recomeçou a correr, ziguezagueando por uma fogueira de acampamento. Ao passar diante dela, vi uma sombra em seus calcanhares — Rollo estava com ele.

O coronel Martin me alcançara e vi, alarmada, que ele empunhava sua pistola.

— Pa... — comecei a dizer, mas antes que pudesse terminar a palavra colidi de frente com alguém e fomos todos ao chão.

Era Rachel Hunter, boquiaberta e com os olhos esbugalhados. Levantou-se apressadamente e correu para Ian, que ficara paralisado ao vê-la. O coronel Martin engatilhou a pistola e apontou para Ian, e um segundo depois Rollo saltou no ar e agarrou o braço do coronel em suas mandíbulas.

O pandemônio piorou. Ouviram-se os estrépitos de dois ou três tiros, e Rollo caiu no chão com um ganido, contorcendo-se. O coronel Martin deu um salto para trás, praguejando e segurando o pulso ferido, e Jamie recuou e desfechou um soco em sua barriga. Ian já corria em direção a Rollo; Jamie segurou o cachorro por duas pernas e, os dois juntos, desapareceram na escuridão, seguidos por Rachel e eu.

Conseguimos chegar à beira da floresta, arquejando e resfolegando, e eu caí imediatamente de joelhos ao lado de Rollo, tateando freneticamente o corpo enorme e peludo, procurando o ferimento.

— Ele não está morto — disse, arfando. — Ombro... quebrado.

— Oh, meu Deus — Ian disse e eu senti que ele se virava para olhar na direção de onde vinham os perseguidores. — Oh, meu Deus. — Ouvi lágrimas em sua voz e ele levou a mão ao cinto para pegar sua faca.

— O que está fazendo? — exclamei. — Ele pode se curar!

— Eles vão matá-lo — ele disse, desvairado. — Se eu não estiver lá para impedir, eles o matarão! É melhor que eu faça isso.

— Eu... — Jamie começou a dizer, mas Rachel Hunter o interrompeu, caindo de joelhos e agarrando Rollo pelo pescoço.

— Protegerei seu cachorro por você — ela disse, sem fôlego, mas decidida.

Ele deu um último olhar desesperado para ela, depois para Rollo. E correu.

Quando chegou a mensagem do general Gates pela manhã, Jamie já sabia do que se tratava. Ian conseguira escapar, o que não era de admirar. Ele devia estar na floresta ou talvez em um acampamento indígena; de qualquer modo, ninguém o encontraria enquanto ele não quisesse ser encontrado.

E Ian tinha razão: eles de fato queriam matar o cachorro, particularmente o coronel Martin, e foram necessários não só todos os recursos de Jamie, como também a jovem quaker se prostrar sobre o corpo peludo do animal e declarar que teriam que matá-la primeiro.

Isso desconcertou Martin um pouco, mas ainda havia uma considerável parte da opinião pública a favor de arrancá-la dali e matar o cachorro. Jamie se preparou para interferir, mas nesse momento o irmão de Rachel surgiu do meio da escuridão como um anjo vingador. Denny parou em frente a ela e denunciou a multidão como covardes, traidores e monstros desumanos, que queriam se vingar em um animal inocente, para não falar de sua maldita injustiça — sim, ele realmente dissera "maldita", com grande fervor, e a lembrança da cena fez Jamie sorrir, mesmo diante da entrevista que teria em seguida — em escorraçar e condenar um rapaz com base em sua própria suspeita e iniquidade, e não poderiam eles buscar em suas próprias entranhas a menor centelha de compaixão divina que era a vida dada por Deus a cada homem...

A chegada de Jamie ao quartel-general de Gates interrompeu essas divertidas

reminiscências e ele se empertigou, adotando a expressão grave adequada às ocasiões penosas.

— Fuja!



TERMOS DE CAPITULAÇÃO

O próprio Gates parecia ter passado por grandes provações — o que de fato ocorrera, com toda a justiça. O rosto redondo, brando, nunca parecia ter nenhum osso, mas agora estava desfeito como um ovo mal cozido, e os olhos pequenos por trás dos óculos de aro de metal estavam imensos e injetados quando olharam para Jamie.

— Sente-se, coronel — Gates disse, empurrando uma garrafa de bebida e um copo para Jamie.

Jamie ficou estupefato. Ele já tivera muitas entrevistas severas com oficiais de alto escalão para saber que não começavam com uma dose de licor. No entanto, aceitou a bebida e tomou um pequeno gole, cautelosamente.

Gates esvaziou seu copo de uma só vez, com muito menos cautela, depositou o copo na mesa e suspirou ruidosamente.

— Preciso de um favor seu, coronel.

— Terei prazer em atendê-lo, senhor — respondeu, com mais cautela ainda. O que o maldito gorducho podia querer com ele? Se era saber o paradeiro de Ian ou uma explicação para o assassinato, podia ficar querendo em vão e devia saber disso. Se não...

— As negociações da rendição estão quase encerradas.

Gates lançou um olhar pouco amistoso para uma grossa pilha de documentos manuscritos, talvez rascunhos do acordo.

— As tropas de Burgoyne deverão marchar do acampamento com honras de guerra e depositar as armas na margem do Hudson ao comando de seus próprios oficiais. Todos os oficiais conservarão suas espadas e equipamento, os soldados, suas mochilas. O exército deverá marchar para Boston, onde será adequadamente alimentado e terá abrigo, antes de embarcar para a Inglaterra. A única condição imposta é que não sirvam na América do Norte outra vez durante a guerra atual. Termos generosos, deve concordar, não é, coronel?

— Realmente, muito generosos, senhor. — E surpreendentes. O que teria

feito um general que inegavelmente dominava a situação como Gates oferecer termos de capitulação tão extraordinários?

Gates sorriu amargamente.

— Vejo que está surpreso, coronel. Talvez fique menos surpreso se eu lhe disser que sir Henry Clinton se dirige para o norte. — E Gates estava com pressa de concluir a rendição e se livrar de Burgoyne, a fim de ter tempo de se preparar para um ataque a partir do sul.

— Sim, senhor, compreendo.

— Sim, bem. — Gates fechou os olhos por um instante e suspirou outra vez, Parecendo exausto. — Mas há um pedido adicional de Burgoyne antes de aceitar o acordo.

— Sim?

Os olhos de Gates estavam abertos outra vez e percorreram-no devagar.

— Disseram-me que o senhor é primo do general de brigada Simon Fraser.

— Sou.

— Ótimo. Então, tenho certeza de que não terá nenhuma objeção a realizar um pequeno serviço pelo seu país.

— Um pequeno serviço relativo a Simon? Certamente...

— Em certa ocasião, ele havia expressado seu desejo a vários de seus ajudantes de ordens que, se viesse a morrer no estrangeiro, deveriam enterrá-lo imediatamente, o que fizeram, na verdade, eles o enterraram na Grande Fortificação. Mas que, quando fosse conveniente, ele queria ser levado de volta para a Escócia, para descansar em paz em sua terra.

— Quer que eu leve seu corpo para a Escócia? — Jamie exclamou de repente. Não poderia ter ficado mais surpreso, ainda que Gates tivesse se levantado repentinamente e dançado em cima da mesa. O general balançou a cabeça, com crescente amabilidade.

— O senhor é muito perspicaz, coronel. Sim. É a última solicitação de Burgoyne. Ele diz que o general de brigada era muito amado por seus homens e que, sabendo que seu desejo fora cumprido, iria fazê-los aceitar a retirada, já que não estariam abandonando sua sepultura.

Aquilo soou extremamente romântico, e muito próprio de Burgoyne, Jamie refletiu. Ele tinha uma reputação por gestos dramáticos. E provavelmente não estava errado em sua avaliação dos sentimentos dos homens que haviam servido sob o comando de Simon. Ele era um bom sujeito, Simon.

Somente depois é que percebeu que o resultado final desse pedido...

— Há... alguma providência a ser tomada para que eu chegue à Escócia com o corpo, senhor? — perguntou delicadamente. — Existe um bloqueio.

— Você será transportado, com sua mulher e criados, se desejar, em um dos

navios de Sua Majestade, e uma quantia em dinheiro será fornecida para transportar o caixão depois de descarregado na Escócia. Tenho a sua concordância, coronel Fraser?

Ele estava tão estupefato que mal se lembrava do que dissera em resposta, mas evidentemente fora suficiente, pois Gates sorriu fadadamente e dispensou-o. Ele voltou para sua barraca com a cabeça girando, imaginando se poderia disfarçar o Jovem Ian como criada de sua mulher, como fizera Carlos Stuart.

O dia 17 de outubro, como todos os dias anteriores, amanheceu escuro e enevoadado. Em sua barraca, o general Burgoyne vestiu-se com particular esmero, em um estuendo casaco vermelho com galões dourados e um chapéu decorado com plumas. William o viu, quando foi com os demais oficiais à barraca de Burgoyne para sua última e angustiada reunião.

O barão Von Riedesel também falou com eles; ele guardou todos os estandartes dos regimentos. Iria dá-los a sua mulher, para serem costurados, segundo ele, dentro de um travesseiro e secretamente levado de volta a Brunswick.

William não se importava com nada disso. Estava consciente de uma grande tristeza, pois ele nunca deixara companheiros em um campo de batalha e se retirara. Um pouco de vergonha, mas não muita — o general tinha razão em dizer que eles não poderiam desfechar novo ataque sem perder a maior parte do exército, tão precárias eram suas condições.

Pareciam deploravelmente infelizes agora, enfileirados em silêncio, mas quando os pífanos e tambores começaram a soar cada regimento por sua vez seguiu as bandeiras desfraldadas, as cabeças erguidas em seus uniformes esfarrapados — ou qualquer roupa que podiam encontrar. O inimigo havia se retirado por ordem de Gates, o general disse. Isso foi cavalheiresco, William pensou entorpecidamente; os americanos não estariam presentes para testemunhar a humilhação deles.

Casacos vermelhos primeiro, depois os regimentos alemães: dragões e granadeiros de azul, a infantaria e a artilharia de verde, de Hesse-Cassel.

Nos baixios do rio, dezenas de cavalos jaziam mortos, o fedor aumentando o sombrio horror da ocasião. A artilharia estacionou o canhão ali e a infantaria, fileira por fileira, interminavelmente, despejou suas caixas de munição e empilhou seus mosquetes. Alguns homens estavam bastante furiosos para esfaquear a coroa de suas armas antes de atirá-las nas pilhas; William viu um tocador de tambor enfiar o pé e destruir seu instrumento antes de se virar e ir embora. Ele não estava furioso, nem horrorizado.

Tudo que queria agora era ver seu pai outra vez.

As tropas e as milícias continentais marcharam até a casa designada como ponto de encontro em Saratoga e a partir dali se enfileiraram ao longo dos dois lados

da estrada do rio. Algumas mulheres se aproximaram, observando de longe. Eu poderia ter permanecido no acampamento, para ver a histórica cerimônia de rendição entre os dois generais, mas em vez disso segui as tropas.

O sol se levantara e a neblina desaparecera, exatamente como vinha acontecendo nas últimas semanas. Havia um cheiro de fumaça no ar e o céu tinha àquele azul profundo, infinito, de outubro.

Os homens da artilharia e da infantaria enfileiravam-se ao longo da estrada, regularmente espaçados, mas esse espaçamento era a única coisa uniforme a respeito deles. Não havia trajes comuns e o equipamento de cada homem era obviamente de sua propriedade, na forma e na maneira como o portavam — mas cada homem segurava seu mosquete, ou seu rifle, ou postava-se junto ao seu canhão.

Formavam um grupo variegado em todo o sentido da palavra, ornamentados com chifres de pólvora e sacolas de munição, alguns usando perucas esquisitas e antiquadas. E mantinham-se em circunspecto silêncio, cada homem com o pé direito à frente, as mãos direitas na arma, para ver o inimigo se retirar, com honras de guerra.

Permaneci dentro do bosque, a certa distância atrás de Jamie, e vi seus ombros empertigarem-se um pouco. William passou por ele, alto e ereto, o rosto de um homem que não estava realmente ali. Jamie não abaixou a cabeça, nem fez nenhum esforço para não ser visto — mas vi sua cabeça se virar, muito ligeiramente, seguindo William até ele ficar fora de vista, na companhia de seus homens. Então, seus ombros abaixaram-se um pouco, como se um peso tivesse sido retirado de cima deles.

A salvo, o gesto dizia, apesar de ainda permanecer ereto como o rifle ao seu lado. Graças a Deus. Ele está a salvo.

*SANTUÁRIO**Lallybroch*

Roger não sabia dizer o que exatamente o impelia a fazer isso, além do senso de paz que pairava naquele lugar, mas ele começara a reconstruir a velha capela. Com as mãos, e sozinho, uma pedra depois da outra.

Tentara explicar a Bri; ela perguntara.

— São eles — disse finalmente, desamparado. — É uma espécie de... eu sinto como se precisasse me conectar com eles, lá atrás.

Ela tomou uma de suas mãos, abrindo seus dedos, e deslizou a ponta de seu polegar delicadamente sobre os nós de seus dedos, ao longo de seus dedos, tocando os arranhões e cascas de feridas, a unha enegrecida onde uma pedra havia batido ao escorregar.

— Eles — ela repetiu cuidadosamente. — Quer dizer, meus pais.

— Sim, entre outras coisas. — Não apenas com Jamie e Claire, mas com a vida que sua família havia construído. Com a própria noção de si mesmo como homem, protetor, provedor. No entanto, era sua necessidade premente de proteger que o levava a abandonar todos os seus princípios cristãos — nada menos do que às vésperas da ordenação — e sair em perseguição a Stephen Bonnet.

— Imagino que eu esteja esperando dar sentido às... coisas — ele dissera, com um sorriso irônico. — Como conciliar o que eu achava que sabia na época com o que eu acho que sou agora.

— Não é cristão querer salvar sua mulher de ser estuprada e vendida como escrava? — ela perguntou, um perceptível tom cortante na voz. — Porque se não for vou pegar as crianças e me converter ao judaísmo, ao xintoísmo, alguma outra religião.

Seu sorriso tornou-se mais genuíno.

— Eu encontrei alguma coisa lá. — Ele procurava as palavras certas.

— Perdeu algumas coisas, também — ela sussurrou. Sem despregar os olhos

dele, ela estendeu a mão, as pontas de seus dedos frios na garganta de Roger.

A cicatriz da corda havia desbotado um pouco, mas ainda era assustadoramente visível; ele não fazia nenhum esforço para escondê-la. As vezes, quando conversava com outras pessoas, podia ver seus olhos fixos na cicatriz; considerando sua altura, não era incomum que os homens parecessem estar falando diretamente para a cicatriz, em vez de se dirigirem a ele próprio.

Encontrara um sentido de si mesmo como homem, encontrara o que achava que era sua vocação. E isso, imaginava, era o que procurava sob aquelas pilhas de pedras tombadas, sob os olhos de um santo cego.

Deus estaria abrindo uma porta, mostrando-lhe que ele deveria ser um professor agora? Seria isso, o ensino do gaélico, o que ele estava destinado a fazer? Tinha muito espaço para fazer perguntas, espaço, tempo e silêncio. As respostas eram raras. Trabalhara a maior parte da tarde; estava com calor, exausto e pronto para uma cerveja.

Seus olhos captaram a ponta de uma sombra na entrada e ele se virou — Jem ou talvez Brianna, vindo chamá-lo de volta para casa para tomar chá. Não era nenhum dos dois.

Por um instante, fitou o recém-chegado, esquadrinhando a memória. Calças jeans rasgadas e camiseta, cabelos louros e sujos, repicados e despenteados.

Sem dúvida, conhecia o sujeito; o rosto bonito, de ossos largos, lhe era familiar, mesmo sob uma espessa camada de pelos de barba castanho-claros.

— Posso ajudá-lo? — Roger perguntou, agarrando a pá que estivera usando.

O homem não parecia ameaçador, mas estava malvestido e sujo — um vagabundo, talvez — e havia algo indefinível a seu respeito que deixava Roger desconfortável.

— E uma igreja, hein? — o homem disse, e riu, embora nenhum vestígio de calor humano transparecesse em seus olhos. — Então, acho que vim reclamar um santuário. — Entrou repentinamente na luz e Roger viu seus olhos com mais nitidez. Frios, de um verde escuro, surpreendente. — Santuário — William Buccleigh Mackenzie repetiu. — E depois, meu caro ministro, quero que me diga quem você é, quem eu sou, e o que, em nome de Deus Todo-Poderoso, nós somos.

PARTE SEIS



DE VOLTA PARA CASA



UM ESTADO DE CONFEITO

10 de setembro de 1777

John Grey viu-se imaginando quantas alternativas um dilema podia ter. Duas, ele achava, era o número padrão, mas supondo que fosse teoricamente possível encontrar uma forma mais exótica de dilema...

A alternativa mais premente disposta diante dele no momento dizia respeito a Henry.

Ele havia escrito a Jamie Fraser, explicando o estado de Henry e perguntando se a sra. Fraser poderia considerar sua vinda. Havia, o mais delicadamente possível, lhe assegurado sua disposição de pagar todas as despesas da jornada, providenciar sua viagem em ambas as direções de navio (com proteção contra as emergências de guerra até onde a Marinha Real poderia proporcioná-la) e fornecer-lhe qualquer material e instrumento de que ela pudesse precisar. Ele havia até chegado a encomendar uma quantidade de vitríolo, que ele se lembrava de ela precisar para a produção de seu éter.

Ele passara um bom tempo com a pena suspensa sobre a página, imaginando se deveria acrescentar alguma coisa referente a Fergus Fraser, o tipógrafo, e a incrível história que Percy lhe contara. Por um lado, isso poderia trazer Jamie Fraser correndo da Carolina do Norte para investigar o assunto, aumentando, assim, as chances de a sra. Fraser vir também. Por outro... tinha muita relutância em expor qualquer assunto que tivesse a ver com Percy Beauchamp para Jamie Fraser, por diversas razões, tanto pessoais quanto profissionais. No final, ele não mencionou nada sobre isso e fez seu apelo somente em nome de Henry.

Grey esperara ansiosamente um mês inteiro, observando seu sobrinho sofrer de calor e inanição. No final do mês, o mensageiro pelo qual enviara sua carta à Carolina do Norte retornou, banhado de suor, coberto de lama seca e com dois buracos de bala no casaco, para informar que os Fraser haviam deixado Fraser's Ridge com a declarada intenção de viajar para a Escócia, acrescentando ainda assim

que essa viagem teria apenas o caráter de uma visita, e não de Uma emigração definitiva.

Ele havia arranjado um médico para visitar Henry, é claro, sem esperar pela resposta da sra. Fraser. Conseguira se apresentar a Benjamin Rush e fazer com que o médico examinasse seu sobrinho. O dr. Rush se mostrou muito circunspecto, mas animador, dizendo que acreditava que uma das balas de mosquete, Pelo menos, havia criado uma cicatriz, obstruindo parcialmente os intestinos de Henry e propiciando a formação de um foco localizado de sépsis, causando infecção e febre permanentes. Ele sangrou Henry e prescreveu um febrífugo, mas advertiu Grey de que o quadro era delicado e poderia piorar repentinamente; somente uma intervenção cirúrgica permitiria a cura.

Ao mesmo tempo, ele disse que realmente acreditava que Henry fosse bastante forte para sobreviver a tal cirurgia — apesar de não haver nenhuma garantia de um resultado feliz. Grey agradeceu ao dr. Rush, mas resolveu esperar mais um pouco, na esperança de ter notícias da sra. Fraser.

Olhou pela janela da casa que alugou na rua Chestnut, observando folhas marrons e amarelas cruzando a rua de um lado para o outro entre as pedras do calçamento, levadas por um vento aleatório.

Era meado de setembro. Os últimos navios partiriam para a Inglaterra no final de outubro, logo à frente das tormentas do Atlântico. Deveria tentar embarcar Henry em um deles?

Ele travara conhecimento com o oficial americano local encarregado dos prisioneiros de guerra alojados na Filadélfia e fez uma solicitação de livramento condicional. O pedido foi atendido sem dificuldade; oficiais capturados normalmente obtinham liberdade condicional, a não ser que houvesse algo extraordinário ou perigoso a respeito deles, e obviamente era improvável que Henry tentasse fugir, fomentar rebelião ou apoiar manifestações rebeldes em seu estado atual.

Mas ele ainda não conseguira uma troca para Henry. A condição de troca permitiria que Grey o transportasse de volta à Inglaterra. Sempre presumindo que a saúde de Henry aguentasse a viagem e que o próprio Henry quisesse ir. O que provavelmente não aguentaria, nem Henry iria querer, estando tão ligado à sra. Woodcock. Grey estava plenamente disposto a levá-la para a Inglaterra também, mas ela não pensaria em ir embora, já que ouvira dizer que seu marido fora feito prisioneiro em Nova York.

Grey esfregou dois dedos entre as sobrancelhas, suspirando. Poderia forçar Henry a subir a bordo de um navio da marinha contra a sua vontade — drogado, talvez? — assim infringindo sua liberdade condicional, arruinando sua carreira e colocando sua vida em perigo, na suposição de que Grey pudesse encontrar um cirurgião na Inglaterra mais capaz do que o dr. Rush de lidar com a situação? O

melhor que se podia esperar de tal linha de ação era que Henry sobrevivesse à viagem o tempo suficiente para se despedir de seus pais.

Mas, se ele não desse esse passo drástico, restaria apenas a opção de forçar Henry a se submeter a uma terrível cirurgia que ele temia desesperadamente e que provavelmente o mataria — ou ficar vendo o rapaz morrer aos poucos. Porque ele estava morrendo; Grey via isso claramente. Absoluta teimosia e os cuidados da sra. Woodcock eram tudo que o mantinha vivo.

A ideia de ter que escrever a Hal e Minnie e lhes contar... Não. Levantou-se abruptamente, incapaz de suportar mais indecisão. Iria visitar o dr. Rush imediatamente e tomar providências...

A porta da frente abriu-se com estrondo, deixando entrar uma rajada de vento, folhas mortas e sua sobrinha, pálida e assustada.

— Dottie! — Seu primeiro e excruciante temor foi de que ela viesse correndo para casa para lhe dizer que Henry havia morrido, pois fora visitar o irmão como fazia toda tarde.

— Soldados! — exclamou, arfando, agarrando-o pelo braço. — Há soldados na rua. Batedores. Alguém disse que o exército de Howe está a caminho! Avançando para a Filadélfia!

Howe encontrou o exército de Washington em Brandywine Creek em 11 de setembro, um pouco ao sul da cidade. As tropas de Washington tiveram que retroceder, mas conseguiram se reorganizar e fincar posição alguns dias mais tarde. Entretanto, uma tempestade terrível irrompeu no meio da batalha, colocando um ponto final nas hostilidades e permitindo que o exército de Washington fugisse para Reading Furnace, deixando uma pequena tropa para trás sob o comando do general Anthony Wayne em Paoli.

Um dos comandantes de Howe, o general de divisão lorde Charles Grey — um primo distante de Grey — atacou os americanos em Paoli à noite, com ordens às suas tropas de retirar as pederneiras de seus mosquetes. Isso evitava que fossem descobertos por causa do disparo acidental de uma arma, mas também obrigava os homens a usarem baionetas. Inúmeros americanos foram mortos a baioneta em suas camas, suas barracas incendiadas, cerca de cem homens foram feitos prisioneiros — e Howe avançou sobre a cidade de Filadélfia, triunfante, em 21 de setembro.

Da varanda da casa da sra. Woodcock, Grey observou fileiras e fileiras de casacos vermelhos marchando ao som de tambores. Dottie temia que os rebeldes, forçados a abandonar a cidade, incendiassem as casas ou matassem seus prisioneiros ingleses de uma só vez.

— Bobagem — Grey lhe dissera. — São ingleses rebeldes, não são bárbaros. — Ainda assim, ele vestiu seu próprio uniforme com sua espada, enfiou duas pistolas no cinto e passou vinte e quatro horas sentado na varanda da casa da sra.

Woodcock — com um lampião à noite — descendo de vez em quando para falar com qualquer oficial que conhecesse que passasse por ali, tanto para obter notícias da situação quanto para assegurar que a casa não fosse molestada.

No dia seguinte ele retornou à sua própria casa, passando por ruas de janelas fechadas. A Filadélfia era hostil, assim como a região rural ao redor. Ainda assim, a ocupação da cidade foi pacífica — ou tão pacífica quanto uma ocupação militar possa ser. Os congressistas fugiram enquanto Howe avançava, assim como muitos dos rebeldes mais proeminentes, inclusive o dr. Benjamin Rush.

O mesmo fez Percy Beauchamp.

*DIA DE TODOS OS SANTOS**Lallybroch**20 de outubro de 1980*

Brianna aproximou a carta do nariz e inalou profundamente. Tanto tempo depois, tinha certeza de que se tratava de imaginação e não de cheiro, mas ainda sentia o suave aroma de fumaça nas folhas. Talvez fosse a lembrança tanto quanto a imaginação; ela sabia como era o ar no restaurante de uma estalagem, repleto dos aromas da lareira, de carne assada e tabaco, com um cheiro adocicado de cerveja sublinhando tudo.

Sentiu-se tola ao cheirar as cartas na frente de Roger, mas desenvolvera o hábito de cheirá-las em particular, quando as relia sozinha. Haviam aberto esta na noite anterior e a leram várias vezes juntos, discutindo-a — mas a retirara da caixa outra vez agora, querendo apenas segurá-la reservadamente e ficar sozinha com seus pais por alguns instantes.

Talvez o cheiro estivesse realmente ali. Ela percebeu que na verdade uma pessoa não lembra de cheiros, não da mesma forma que se lembra de algo que viu. É que, quando se sente um cheiro novamente, sabemos o que é — e em geral ele traz de volta consigo uma série de outras lembranças. E ela estava sentada ali em um dia de outono, cercada de maçãs maduras e urzais, a poeira de antigos lambris de madeira e o cheiro abafado de pedra molhada — Annie MacDonald acabara de passar um pano no corredor mas via o salão da frente de uma hospedaria do século XVIII, e sentia cheiro de fumaça.

*1º de novembro de 1777**Nova York*

Querida Bri et al

Lembra-se daquela excursão do colégio quando sua turma de economia foi a Street? Estou neste momento sentada no restaurante de uma estalagem ao pé da Wall Street, e não se vê nenhum touro ou urso, muito menos uma telimpressora da Bolsa de Valores. Entretanto, há algumas cabras e um pequeno aglomerado de homens sob um plátano gigante e desfolhado, fumando cachimbo e conferenciando com as cabeças unidas. Não sei dizer se são legalistas se queixando, rebeldes conspirando em público (o que é, aliás, muito mais seguro do que fazê-lo a portas fechadas, embora" eu realmente espere que você não vá precisar fazer uso desse conhecimento especial), ou simplesmente comerciantes — os negócios estão sendo realizados, posso garantir; mãos são apertadas, pedaços de papel rabiscados e trocados, é surpreendente como os negócios prosperam em tempos de guerra; creio que isso se dá porque as regras normais — sejam quais forem — estão suspensas.

Aliás, isso também se aplica à maioria das atividades humanas. Daí o desabrochar de romances de guerra e a construção de grandes fortunas no rastro das guerras. Parece um pouco paradoxal — embora talvez seja apenas lógico (pergunte a Roger se existe isso de paradoxo lógico, sim?) — que um processo tão destrutivo de vidas e substância possa depois resultar em uma explosão de bebês e negócios.

Já que falo de guerra — estamos todos vivos e basicamente intactos. Seu pai foi levemente ferido durante a primeira batalha de Saratoga (houve duas, ambas muito sangrentas) e fui obrigada a remover o dedo anular de sua mão direita — aquele rígido, sem movimentos, você deve se lembrar. Naturalmente, isso foi traumático (tanto para mim quanto para ele, eu acho), mas não um desastre completo. O ferimento sarou muito bem e, apesar de a mão ainda lhe causar muita dor, está muito mais flexível e acho que de um modo geral agora lhe será mais útil.

Estamos — tardiamente — prestes a tomar um navio para a Escócia, em circunstâncias um tanto peculiares. Devemos partir amanhã, no HMS Ariadne, acompanhando o corpo do general de brigada Simon Fraser. Conheci o general muito rapidamente antes de sua morte — ele estava à morte na ocasião —, mas era evidentemente um soldado extraordinário e muito querido por seus homens. O comandante inglês em Saratoga, John Burgoyne, pediu como uma espécie de nota de rodapé ao acordo de rendição que seu pai (por ser parente do general e saber onde fica a propriedade de sua família nas Highlands) leve o corpo para a Escócia, de acordo com o desejo do general. Isso foi inesperado e um pouco inusitado, para dizer o mínimo. Não consigo imaginar como conseguiríamos ir para a Escócia se não fosse por isso, embora seu pai diga que ele teria pensado em alguma coisa.

A logística desta expedição é um pouco delicada, como pode imaginar. O sr.

Kosciuszko (conhecido como "Kos" para os íntimos, o que inclui seu pai — bem, na realidade, ele é conhecido como Kos por todo mundo, porque ninguém (além do seu pai) consegue pronunciar seu nome, ou se dá ao trabalho de tentar. Seu pai gosta muito dele e vice-versa) ofereceu seus serviços e com a ajuda do mordomo do general Burgoyne (e todo mundo não leva seu mordomo consigo para a guerra?), que lhe forneceu uma boa quantidade de lâmina de chumbo de garrafas de vinho (bem, não se pode culpar o general Burgoyne se ele deu para beber, nas circunstâncias, embora minha impressão geral seja de que todo mundo, dos dois lados, bebe como peixe o tempo todo, independente da situação militar do momento), produziu um milagre de engenharia: um caixão forrado de chumbo (muito necessário) sobre rodinhas removíveis (também muito necessárias; o caixão deve pesar quase uma tonelada — seu pai diz que não, somente uns trezentos ou quatrocentos quilos, mas como ele não tentou levá-lo, não vejo como possa saber).

O general Fraser estava enterrado há mais ou menos uma semana e teve que ser exumado para transporte. Não foi agradável, mas podia ter sido pior. Ele tinha Muitos batedores indígenas, muitos dos quais também o estimavam; alguns deles compareceram à exumação com um curandeiro (acho que era um homem, mas não tenho certeza; era baixo e gordo e usava uma máscara de pássaro) que incensou fortemente os restos mortais queimando sálvia e mogno da montanha (não uma grande ajuda em termos de olfato, mas a fumaça realmente lançava um véu delicado sobre os aspectos mais horrendos da situação) e cantaram sobre seu corpo durante um bom tempo. Eu gostaria de ter perguntado a Ian o que estava sendo dito, mas devido a um desagradável conjunto de circunstâncias que não vou explicar aqui ele não estava presente.

Explicarei tudo em uma carta posterior; é muito complicado e eu devo terminar esta antes de subirmos a bordo. O importante, a respeito de Ian, é que ele está apaixonado por Rachel Hunter (que é uma jovem adorável, e quaker, o que traz algumas dificuldades) e que ele é tecnicamente um assassino e portanto impossibilitado de aparecer em público nas proximidades do Exército Continental. Como dano colateral do assassinato técnico (uma pessoa muito desagradável e nenhuma perda para a humanidade, eu lhe garanto), Rollo levou um tiro e ficou ferido (além do ferimento superficial de bala, ele está com a escápula quebrada); deve se recuperar, mas não pode ser facilmente removido. Rachel está cuidando dele para Ian enquanto vamos para a Escócia.

Como era notório que o general era reverenciado por seus aliados índios, o capitão do Ariadne ficou espantado, mas não extremamente desconcertado, ao ser informado que o corpo estava sendo acompanhado não somente pelo seu parente próximo (e esposa), mas por um mohawk que fala um pouco de inglês (aliás, eu

ficaria mais do que surpresa se alguém na Marinha Real soubesse a diferença entre gaélico e mohawk).

Espero que esta viagem seja menos acidentada do que a primeira. Se assim for, a próxima carta deverá ser escrita na Escócia. Mantenha os dedos cruzados.

Com todo o meu amor,

Mamãe

PS. Seu pai insiste em acrescentar algumas palavras. Esta será sua primeira tentativa de escrever com a mão operada e eu gostaria de observar para ver como está funcionando, mas ele me afirma que precisa de privacidade. Não sei se isso tem a ver com seu assunto ou simplesmente com o fato de que ele não quer que ninguém veja o seu esforço. Ambos, provavelmente.



A terceira página da carta era notoriamente diferente. A caligrafia era muito maior do que o normal e mais espalhada. Ainda assim, era identificável como a escrita de seu pai, mas as letras pareciam mais soltas, menos pontudas, de certa forma. Sentiu seu coração se apertar, não só à ideia da mão mutilada de seu pai lentamente desenhando cada letra — mas pelo que ele achou que valia a pena tanto esforço para escrever:

Minha querida

Seu irmão está vivo e incólume. Eu o vi marchando em retirada de Saratoga com suas tropas, com destino a Boston e finalmente Inglaterra. Ele não lutará outra vez nesta guerra. Deo gratias.

Seu pai amoroso,

JF

PS.: É o dia de Todos os Santos. Reze por mim.

As freiras sempre lhes disseram — e ela dissera a ele. Rezando um pai-nosso, uma ave-maria e uma salve-rainha no dia de Todos os Santos, você pode obter a libertação de uma alma do purgatório.

— Maldito — ela murmurou, fungando ferozmente e tateando em sua escrivaninha em busca de um lenço de papel. — Eu sabia que você ia me fazer chorar. Outra vez.

— Brianna?

A voz de Roger veio da cozinha, surpreendendo-a. Não esperava que ele descesse das ruínas da capela por mais uma ou duas horas, e ela assoou o nariz

apressadamente, respondendo "Estou indo!" e esperando que suas lágrimas recentes não transparecessem em sua voz. Somente quando alcançou o corredor e o viu segurando a porta verde de baeta que dava para a cozinha parcialmente aberta é que lhe ocorreu que havia algo estranho em sua voz também.

— O que foi? — ela disse, apressando o passo. — As crianças...?

— Estão bem — ele interrompeu. — Eu disse a Annie para levá-las ao correio na cidade para tomar um sorvete. — Ele afastou-se um passo da porta e fez sinal para ela entrar.

Ela estancou repentinamente, assim que entrou. Um homem estava encostado na velha pia de pedra, os braços cruzados. Ele endireitou-se ao vê-la e fez uma medida, de uma forma que lhe pareceu terrivelmente estranha e, ainda assim, familiar. Antes que pudesse pensar por quê, ele endireitou-se outra vez e disse, com uma suave voz escocesa:

— Seu criado, madame.

Ela olhou diretamente dentro daqueles olhos que eram iguais aos de Roger, depois olhou para Roger, só para se certificar. Sim, eram.

— Quem...

— Permita que eu apresente William Buccleigh Mackenzie — Roger disse, com um tom cortante distinto na voz. — Também conhecido como o Nuckelavee.

Por um instante nada daquilo fez sentido. Em seguida, tudo — perplexidade, fúria, incredulidade — inundou sua mente em tal turbilhão que nenhuma reação chegava à sua boca e ela simplesmente ficou olhando boquiaberta para o homem.

— Peço-lhe desculpas, madame, por assustar suas crianças — o homem disse. — Eu não sabia que eram seus filhos, para começar. Mas sei como são as crianças e eu não queria ser descoberto antes de conseguir entender tudo.

— Tudo... O quê? — Brianna finalmente encontrou algumas palavras. O homem sorriu, muito ligeiramente.

— Sim, bem. Quanto a isso, acho que você e seu marido sabem mais do que eu.

Brianna puxou uma cadeira e sentou-se um tanto abruptamente, indicando com um gesto que ele fizesse o mesmo. Quando ele se afastou da janela, entrando na luz, ela viu que seu rosto estava esfolado — um rosto de ossos proeminentes que, juntamente com a forma da testa e das órbitas, lhe pareceu terrivelmente familiar; o próprio sujeito lhe parecia familiar. Mas claro que era, pensou, aturdida.

— Ele sabe quem ele é? — ela perguntou a Roger, o qual, agora que ela percebia, afagava a mão direita, que parecia ter sangue nas juntas. Ele balançou a cabeça afirmativamente.

— Eu disse a ele. Mas não sei se acreditou em mim.

A cozinha continuava sendo aquele lugar sólido e familiar, tranquilo, com o

sol de outono entrando e os panos de prato de xadrez azul pendurados no Aga. Mas agora parecia o lado de trás de Júpiter, e quando ela estendeu a mão para o açucareiro não teria ficado surpresa se visse sua mão atravessá-lo.

— Estou muito mais disposto a acreditar hoje do que estaria há três meses — o homem disse, com uma entonação seca que guardava uma leve ressonância da voz de seu pai.

Ela sacudiu a cabeça violentamente, na esperança de desanuviá-la, e disse, numa voz educada que poderia ter sido a de uma dona de casa em uma comédia de televisão.

— Aceita uma xícara de café?

Seu rosto se iluminou e ele sorriu. Seus dentes eram manchados e um pouco tortos. Bem, claro que são — ela pensou com extraordinária lucidez. Não havia dentistas no século XVIII. A lembrança do século XVIII a fez levantar-se abruptamente.

— Você! — ela exclamou. — Você fez Roger ser enforcado!

— É verdade — ele disse, sem parecer muito perturbado. — Não que eu tivesse tido a intenção. E se ele quiser me bater outra vez por causa disso, eu deixo. Mas...

— Isso foi por assustar as crianças — Roger disse com igual frieza. — O enforcamento... vamos conversar sobre isso mais tarde.

— Bela conversa para um ministro — o sujeito disse, parecendo achar ligeiramente divertido. — Não que a maioria dos ministros saia por aí interferindo com a mulher dos outros.

— Eu — Roger começou, mas ela o interrompeu.

— Eu é que vou lhe dar um soco — Brianna disse, fitando-o furiosamente. — Este, para seu aborrecimento, fechou os olhos com força e inclinou-se para frente, as feições contraídas.

— Tudo bem — ele disse, através de lábios comprimidos. — Vá em frente.

— No rosto, não — Roger aconselhou, examinando a mão machucada. — Faça-o ficar de pé e chute suas bolas.

Os olhos de William Buccleigh arregalaram-se e ele olhou para Roger com ar de censura.

— Acha que ela precisa de conselho?

— Acho que você precisa de um lábio inchado — ela lhe disse, mas se sentou devagar novamente, examinando-o. Respirou fundo e expirou devagar. — Certo — ela disse, mais calma. — Comece a falar.

Ele balançou a cabeça cautelosamente e tocou na contusão em seu rosto, contraindo-se um pouco.

Filho da mãe, ela pensou repentinamente. Ele sabe?

— Você não falou em café? — ele perguntou, soando um pouco esperançoso.
— Há anos que não tomo café de verdade.

Ele ficou fascinado com o Aga e encostou as costas no fogão, estremecendo de prazer.

— Oh, Virgem Maria — disse com um suspiro, os olhos fechados, enquanto deleitava-se com o calor. — Isso é maravilhoso.

O café, ele considerou bom, porém um pouco fraco — compreensível, Brianna pensou, sabendo que o café como ele estava acostumado era fervido diretamente sobre uma fogueira, geralmente por várias horas, em vez de delicadamente coado na máquina. Ele pediu desculpas pelos seus modos, que na verdade eram educados, dizendo que não comia há algum tempo.

— Como tem se alimentado? — Roger perguntou, observando a pilha cada vez menor de sanduíches de geleia e manteiga de amendoim.

— Roubando das cabanas, para começar — Buccleigh admitiu com franqueza. — Após algum tempo, descobri o caminho para Inverness e estava sentado no meio-fio da calçada, completamente aturdido pelas enormes e barulhentas máquinas que passavam por mim; eu já vira carros na estrada para o norte, é claro, mas é diferente quando estão passando velozmente pelas suas canelas. De qualquer modo, eu havia me sentado na frente da High Street Church, pois conhecia aquele lugar, ao menos, e pensei em ir pedir ao ministro um pedaço de Pão assim que estivesse em condições. Eu estava um pouco abalado, sabe — ele disse, inclinándose confidencialmente para Brianna.

— Imagino — ela murmurou, erguendo uma das sobrancelhas para Roger. — igreja é a Old High de St. Stephen?

— Sim, era High Church, significando que ficava na High Street, e não Anglicana, antes de ser chamada de Old, ou juntar congregações com a igreja.

— St. Stephen. — Roger voltou sua atenção para William Buccleigh. — E então? falou com o ministro? Dr. Weatherspoon?

Buccleigh confirmou com um sinal da cabeça, a boca cheia.

— Ele me viu sentado lá e veio até mim, o bom ministro. Perguntou se eu estava passando necessidade e, quando lhe assegurei que estava, disse-me aonde ir para conseguir comida e uma cama, e eu fui lá. Assistência social, eles chamavam, uma instituição de caridade, e certamente era.

As pessoas que administravam a instituição lhe deram roupas, pois estava em andrajos, e o ajudaram a encontrar um trabalho, fazendo o serviço pesado para uma fazenda de gado leiteiro fora da cidade.

— Então, por que você não está nessa fazenda? — Roger perguntou.

Simultaneamente, Brianna perguntou:

— Mas como você veio para a Escócia?

Com as suas perguntas se colidindo, eles pararam, gesticulando um para o outro para que continuasse, mas William Buccleigh abanou a mão para ambos e mastigou rapidamente por um instante, depois engoliu várias vezes e tomou outro grande gole de café.

— Mãe de Deus, esse negócio é gostoso, mas gruda na garganta. Sim, vocês querem saber por que estou aqui em sua cozinha comendo a sua comida e não morto em um riacho na Carolina do Norte.

— Já que mencionou, sim — Roger disse, inclinando-se para trás em sua cadeira. — Por que não começa pela Carolina do Norte?

Buccleigh assentiu outra vez, inclinando-se para trás por sua vez, com as mãos cruzadas confortavelmente sobre o estômago, e começou.

Ele fora expulso da Escócia, como tantos outros, pela fome que se seguiu a Culloden, e juntou todo o pouco dinheiro que pôde conseguir para emigrar com sua mulher e seu filho recém-nascido.

— Eu sei — Roger disse. — Foi a mim que você pediu para salvá-los, no navio. Na noite em que o capitão jogou os doentes ao mar.

Buccleigh ergueu a cabeça, espantado, os olhos verdes arregalados.

— Era você, então? Eu não o vi, estava muito escuro e eu estava desesperado. Se eu soubesse disso... — Sua voz definiu, depois ele sacudiu a cabeça. — Bem, o que está feito está feito.

— De fato — Roger disse. — Eu também não consegui vê-lo na escuridão. Só o conheci mais tarde, por causa de sua mulher e seu filho, quando os encontrei outra vez em Alamance. — Para seu grande aborrecimento, o último som prendeu em sua garganta com um estalido glótico. Limpou a garganta e repetiu uniformemente: — Em Alamance.

Buccleigh balançou a cabeça devagar, os olhos fixos com interesse na garganta de Roger. Seria arrependimento em seus olhos? Provavelmente não, Roger pensou. Ele tampouco lhe agradeceu por ter salvado sua mulher e seu filho.

— Sim. Bem, eu pensara em arranjar uma terra e administrar uma pequena fazenda, mas... bem, em resumo, eu não era um fazendeiro. Nem um construtor. Não sabia nada a respeito de terras incultas, nem muito mais sobre lavoura. Não era um caçador, tampouco. Nós certamente teríamos passado fome, se eu não tivesse levado Morag e Jem, esse é o nome do meu filho, também, não é estranho?, de volta ao piemonte e arranjado alguns serviços em uma pequena fazenda de terebintina lá.

— Mais estranho do que possa imaginar — Brianna disse, à meia-voz. E um pouco mais alto: — E depois?

— Depois, o sujeito para quem eu trabalhava uniu-se à Regulação, e os que trabalhavam para ele foram, também. Eu deveria ter deixado Morag para trás, mas havia um sujeito no lugar que estava de olho nela; era o ferreiro e tinha apenas uma

perna, de modo que não podia nos acompanhar para lutar na rebelião. Eu não podia deixá-la e, assim, ela e o bebê foram comigo. Onde o próximo sujeito que ela encontra é você — ele disse, enfaticamente.

— Ela não lhe disse quem eu era? — Roger perguntou, irritado.

— Bem, ela disse, na ocasião — Buccleigh admitiu. — Ela falou do navio e tudo mais e que aquele era você. Ainda assim — acrescentou, lançando um olhar duro a Roger — você sai por aí namorando as mulheres de outros homens normalmente ou foi apenas Morag que atraiu sua atenção?

— Morag é minha tataravó ou mais ainda — Roger disse sem se alterar. Devolveu a Buccleigh o mesmo olhar fixo. — E já que me perguntou quem você é... você é meu avô, cinco ou seis vezes para trás. Meu filho recebeu o nome de Jeremiah do meu pai, que o recebeu de seu avô, que foi chamado assim pelo seu filho. Eu acho — acrescentou. — Posso estar errando em um ou dois Jeremiahs pelo caminho.

Buccleigh fitava-o, perplexo, o rosto barbado completamente atônito. Piscou uma ou duas vezes, olhou para Brianna, que balançou a cabeça, depois voltou a olhar para Roger, examinando seu rosto cuidadosamente.

— Olhe para os olhos dele — Brianna disse, prestativamente. — Devo lhe trazer um espelho?

A boca de Buccleigh abriu-se como se fosse responder, mas ele não encontrou nenhuma palavra e sacudiu a cabeça como se quisesse espantar moscas. Pegou sua xícara, ficou olhando para dentro dela por um instante como se admirado por vê-la vazia, e recolocou-a sobre a mesa. Em seguida, olhou para Brianna.

— Você não teria nada em casa mais forte do que café, teria, a bhana-mahaighstir?

Roger precisou vasculhar um pouco seu gabinete para encontrar a árvore genealógica que o reverendo havia desenhado anos antes. Enquanto ele estava ausente, Bri encontrou a garrafa de Oban e serviu um generoso copo a William Ucdeigh. Sem nenhuma hesitação, serviu a bebida para si mesma e Roger e colocou uma jarra de água na mesa.

" Toma com um pouco de água? — ela perguntou amavelmente. — Ou prefere Puro?

Para sua surpresa, ele pegou a água imediatamente e despejou um pouco no seu uísque. Ele viu a expressão de seu rosto e sorriu.

— Se fosse uma bebida ordinária, eu engoliria de uma vez só. Um bom uísque vale a pena ser bebido devagar e um pouco de água abre o sabor. Mas você sabe disso, não? Entretanto, não é escocesa.

— Sou, sim — ela disse. — Pelo lado do meu pai. Seu nome é... era... James Fraser, de Lallybroch. Chamavam-no de Dunbonnet.

Ele piscou, olhou ao redor da cozinha, depois novamente para ela.

— Você é... mais uma, então? — ele disse. — Como seu marido e eu. Outra dos... seja lá o que for?

— Seja lá o que for — ela concordou. — E sim. Conheceu meu pai?

Ele sacudiu a cabeça, fechando os olhos ao tomar um pequeno gole do uísque, e levou um instante para responder, enquanto o uísque descia pela garganta.

— Santo Deus, como isso é bom. — Respirou fundo e abriu os olhos. — Não, eu nasci apenas um ano aproximadamente antes de Culloden. Mas ouvi falar do Dunbonnet, quando era garoto.

— Você disse que não era um bom fazendeiro — Bri disse com curiosidade. — O que fazia na Escócia, antes de partir?

Ele respirou fundo e soltou o ar ruidosamente pelo nariz, exatamente como seu pai costumava fazer. Uma característica dos Mackenzie, ela pensou, achando graça.

— Eu era advogado — ele disse bruscamente, e pegou o copo.

— Bem, é uma profissão muito útil — Roger disse, entrando a tempo de ouvi-lo. Olhou pensativamente para Buccleigh, depois sacudiu a cabeça e abriu a árvore genealógica da família Mackenzie em cima da mesa. — Aqui está você — ele disse, colocando o dedo na anotação, e em seguida arrastou o dedo pela folha. — E aqui estou eu. — Buccleigh pestanejou, depois se inclinou mais para perto para examinar a árvore genealógica em silêncio. Brianna viu sua garganta se mover quando ele engoliu em seco uma ou duas vezes. Seu rosto estava pálido sob a barba por fazer quando ele levantou os olhos.

— Sim, estes são meus pais, meus avós. E lá está o pequeno Jem, meu Jem, exatamente onde deveria estar. Mas tenho outro filho — ele disse de repente, virando-se para Bri. — Ou acho que tenho. Morag estava grávida quando eu... quando eu... viajei.

Roger sentou-se. Seu rosto havia perdido um pouco da desconfiança e da raiva, e ele olhou para William Buccleigh com o que poderia ser compaixão.

— Conte-nos sobre isso — ele sugeriu. — Como você viajou.

Buccleigh empurrou seu copo de uísque vazio sobre a mesa, mas não esperou até ele ser reabastecido.

O proprietário da plantação para a qual ele trabalhara ficara arruinado nas águas de Alamance, foi preso por ter tomado parte na Regulação e sua propriedade foi confiscada. Os Mackenzie perambularam por algum tempo, sem casa ou dinheiro, sem nenhum parente próximo que pudesse ajudá-los.

Brianna trocou um rápido olhar com Roger. Se Buccleigh soubesse, estava bem perto de um parente próximo, e ainda por cima um parente rico. Jocasta Cameron era irmã de Dougal Mackenzie, tia deste homem. Se ele soubesse.

Ela ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa a Roger, mas ele sacudiu ligeiramente a cabeça. Isso devia esperar.

Finalmente, Buccleigh disse, tomaram a decisão de voltar para a Escócia. Morag tinha família ali, um irmão em Inverness que estava bem de vida, era um próspero comerciante de grãos. Morag escrevera para ele e ele os instara a voltar, dizendo que encontraria um lugar para William em seu negócio.

— Nesse ponto, eu ficaria satisfeito com um emprego de tirar com pá o esterco dos porões de navios de gado — Buccleigh admitiu com um suspiro. — Ephraim, o irmão de Morag, Ephraim Gunn, entretanto, disse que ele teria lugar para um funcionário no escritório. E eu sei escrever bem e fazer contas.

A sedução do trabalho — para o qual era bem qualificado — e de um lugar para morar foi forte o suficiente para fazer a pequena família estar disposta a se aventurar outra vez pela perigosa travessia do Atlântico. Ephraim enviou uma ordem de pagamento através do seu banco para as passagens e, assim, eles retornaram, aportando em Edimburgo e de lá empreendendo a lenta viagem para o norte.

— De carroça, na maior parte. — Buccleigh estava no terceiro copo de uísque, Brianna e Roger não muito atrás. Ele despejou um pouco de água em seu copo vazio e bochechou a água pela boca antes de engolir, para limpar a garganta, depois tossiu e continuou: — A carroça quebrou, novamente, perto do lugar que chamam de Craigh na Dun. Imagino que vocês dois o conheçam, não? — Olhou de um para o outro e balançou a cabeça. — Sim. Bem, Morag não estava se sentindo muito bem-disposta e a criança também estava agitada; assim, deitaram-se na grama para dormir um pouco enquanto a roda era consertada. O cocheiro tinha um ajudante e não precisava da minha ajuda, assim fui dar uma volta para esticar as pernas.

— E subiu a colina, até as pedras — Brianna disse, sentindo um aperto no peito à ideia.

— Sabe qual era a data? — Roger interrompeu.

— Foi no verão — William Buccleigh disse devagar. — Perto do Midsummer, mas não sei exatamente o dia. Por quê?

— O Solstício de Verão — Brianna disse, com um breve soluço. — É que... achamos que está aberto. O seja-lá-o-que-for abre nas festas do sol e nas festas do fogo.

O som de um carro se aproximando pelo caminho da casa chegou até eles e os três ergueram os olhos, como se tivessem sido flagrados em algum negócio escuso.

— Annie e as crianças. O que vamos fazer com ele? — ela perguntou a Roger.

Ele olhou para Buccleigh com os olhos apertados por um instante, depois tomou uma decisão.

— Vamos precisar de um plano para explicá-lo — Roger disse, levantando-se. — Mas por enquanto apenas me acompanhe, sim?

Buckleigh levantou-se imediatamente e seguiu Roger para dentro da copa. Ela ouviu a voz de Buckleigh se erguer momentaneamente de espanto, um breve murmúrio de explicação de Roger, em seguida o barulho áspero, conforme moviam o banco que escondia o painel de acesso que encobria o buraco do padre.

Movendo-se como se estivesse em transe, Brianna levantou-se apressadamente para tirar da mesa e lavar os três copos, guardar a água e o uísque. Ouvindo a aldrava bater na porta da frente, sobressaltou-se. Não eram as crianças, afinal. Quem poderia ser?

Retirou a árvore genealógica da família de cima da mesa e saiu às pressas pelo corredor, parando para atirar o mapa na mesa de Roger enquanto se dirigia à porta.

Que idade ele teria?, ela pensou abruptamente, enquanto levava a mão à maçaneta. Ele parece estar próximo dos quarenta anos, talvez, mas...

— Olá — disse Rob Cameron, parecendo ligeiramente alarmado com a expressão de seu rosto. — Cheguei em má hora?

Rob viera devolver um livro que Roger havia lhe emprestado e entregar um convite: Jem gostaria de ir ao cinema com Bobby na sexta-feira, depois uma boa ceia de peixe e passar a noite?

— Tenho certeza de que vai gostar — Brianna disse. — Mas ele não está... ah, lá está ele. — Annie acabara de surgir no caminho de casa, com uns estrépitos das engrenagens que fez o motor morrer. Brianna estremeceu ligeiramente, satisfeita por Annie não ter levado seu carro.

Quando finalmente as crianças foram retiradas do carro, limpas com um lenço e levadas a apertar a mão do sr. Cameron educadamente, Roger saiu dos fundos da casa e foi imediatamente envolvido em uma conversa sobre seus esforços na capela, que chegaram a um ponto em que se tornou óbvio que era hora do jantar e seria indelicado não convidá-lo a ficar...

E assim Brianna viu-se fazendo ovos mexidos, esquentando feijão e fritando batatas em uma espécie de torpor, pensando em seu hóspede inesperado sob o chão da copa, que devia estar sentindo o cheiro da comida e morrendo de fome — e o que iriam fazer com ele?

Durante todo o tempo em que jantavam, conversando agradavelmente, levando as crianças para a cama enquanto Roger e Rob falavam de pedras dos picos e escavações arqueológicas nas Orkneys, ela viu seu pensamento fixando-se em William Buckleigh Mackenzie.

As Orkneys, ela pensou. Roger disse que o Nuckelavee é um monstro das Orkneys. Ele teria estado nas Orkneys? Quando? E por que ele esteve rondando

nossa casa todo tempo? Quando descobriu o que acontecera, por que não voltou imediatamente? O que está fazendo aqui?

Quando Rob se despediu — levando outro livro — com profusos agradecimentos pela comida e um lembrete do encontro para o cinema na sexta-feira, ela estava preparada para arrancar William Buccleigh do buraco do padre pela gola, levá-lo ela própria diretamente para Craigh na Dun e enfiá-lo em um dos monólitos.

Mas quando ele finalmente se arrastou para fora do esconderijo, movendo-se devagar, lívido e obviamente faminto, ela sentiu sua agitação se abrandar. Apenas um pouco. Preparou ovos para ele, rapidamente, e sentou-se com ele, enquanto Roger dava a volta na casa, verificando portas e janelas.

— Embora eu ache que não precisamos nos preocupar muito com isso — ela observou causticamente já que agora você está dentro da casa.

Ele ergueu os olhos, cansado, mas alerta.

— Eu pedi desculpas — ele disse brandamente. — Quer que eu vá embora?

— E para onde você iria, se eu dissesse que sim? — ela perguntou sem piedade.

Ele virou o rosto na direção da janela que ficava acima da pia da cozinha. À luz do dia, dava para uma paisagem de paz, a horta com seu velho portão de madeira e, além dele, o pasto. Agora, não se via nada ali, senão a escuridão de uma noite sem lua nas Highlands. O tipo da noite em que cristãos permaneciam dentro de suas casas e colocavam água benta na soleira da porta, porque os entes que perambulavam pelas charnecas e pelos lugares altos nem sempre eram sagrados.

Ele não disse nada, mas engoliu em seco, e ela viu os cabelos louros de seus braços se arrepiarem.

— Você não precisa ir — ela disse, com voz rouca. — Arranjaremos uma cama para você. Mas amanhã...

Ele balançou energicamente a cabeça, sem olhar para ela, e fez menção de se levantar. Ela o impediu colocando a mão em seu braço e ele olhou para ela, surpreso, os olhos escuros na luz suave.

— Apenas me diga uma coisa agora — ela disse. — Você quer voltar?

— Oh, meu Deus, sim — ele disse, e desviou o rosto, mas sua voz estava embargada. — Quero Morag de volta. Quero meu filho pequeno.

Ela largou seu pulso e se levantou, mas outro pensamento lhe ocorreu.

— Que idade você tem? — ela perguntou abruptamente, e ele deu de ombros, passando as costas da mão pelos olhos.

— Trinta e oito — respondeu. — Por quê?

— Apenas... curiosidade — ela disse, virando-se para ajustar o calor do fogão para a noite. — Venha comigo; farei uma cama para você na sala de estar.

E amanhã... amanhã, veremos.

Ela o conduziu pelo corredor, passando pelo gabinete de Roger, sentindo uma bola de gelo no estômago. A luz estava acesa e o mapa genealógico que pegara para mostrar a William Buccleigh ainda estava onde ela o atirara, na escrivaninha. Ele teria visto a data? Achava que não. Ou, se tivesse, não notara. As datas de nascimento e morte não estavam anotadas para todos naquele mapa — mas estavam para ele. William Buccleigh Mackenzie havia morrido, segundo aquele mapa, aos trinta e oito anos.

Ele não vai voltar, ela pensou, e o gelo tomou conta de seu coração.

O lago Errochty estendia-se escuro como estanho sob o céu nublado. Estavam de pé na ponte para pedestres que se estendia sobre Alt Ruighe nan Saorach, o rio que alimentava o lago, olhando para baixo para onde o lago feito pelo homem se espalhava pelo meio das suaves colinas. Buck — ele dissera que era assim que as pessoas o chamavam na América, e ele se acostumara a isso — olhava e olhava, o rosto um esboço de assombro e desalento.

— Lá embaixo — disse em voz baixa, apontando. — Está vendo onde aquele riacho desemboca no lago? Era lá que ficava a casa de minha tia Ross. Uns trinta metros abaixo do riacho.

Cerca de trinta metros abaixo da superfície do lago agora.

— Imagino que seja um golpe doloroso — Brianna disse, não sem compaixão. — Ver tudo tão mudado.

— É, sim. — Ele olhou para ela, aqueles olhos, tão perturbadores quanto os de Roger, perspicazes no semblante. — Talvez seja mais o fato de que tanta coisa não tenha mudado. Lá em cima, hein? — Ergueu o queixo na direção das montanhas distantes. — Exatamente como sempre foram. E os pequenos pássaros na grama e o salmão saltando no rio. Eu podia pisar naquela margem — indicou com a cabeça a extremidade da ponte de pedestres — e sentir como se tivesse caminhado ali ontem. Eu realmente caminhei lá ontem! No entanto... todos se foram. Todos eles — ele terminou brandamente. — Morag. Meus filhos. Estão todos mortos. A menos que eu consiga voltar.

Ela não planejava lhe perguntar nada; melhor esperar até que ela e Roger pudessem falar com ele juntos, à noite, depois que as crianças tivessem dormido. Mas a oportunidade se apresentou. Roger levava Buck para um passeio pelas Highlands — nas vizinhanças de Lallybroch, pelo Great Glen ao longo do lago Ness, e finalmente o deixara na represa do lago Errochty, onde ela estava trabalhando hoje; ela o levaria de volta para o jantar.

Eles haviam discutido o assunto — em sussurros — na noite anterior. Não sobre o que dizer a respeito dele; ele seria um parente do papai, ali para uma curta visita. Era verdade, afinal. Mas se deveriam levá-lo para dentro do túnel. Roger fora a favor disso, ela muito contrária, lembrando-se do choque da... linha do tempo?...

atravessando-a como um arame cortante. Ela ainda não havia decidido.

Mas agora ele havia levantado o assunto da sua volta, por conta própria.

— Quando você recuperou os sentidos depois que... atravessou, e percebeu o que tinha acontecido — ela perguntou com curiosidade por que não voltou para dentro do círculo no mesmo instante?

Ele deu de ombros.

— Eu fiz isso. Embora não possa dizer que tenha percebido imediatamente o que havia acontecido. Só cheguei a essa conclusão depois de alguns dias. Mas sabia que algo terrível havia acontecido e que as pedras tinham a ver com isso. Assim, fiquei com medo delas, como bem pode compreender. — Ergueu uma das sobrancelhas para ela e ela balançou a cabeça relutantemente.

Ela podia compreender. Ela própria não se aproximaria nem a um quilômetro de um monólito, a menos que fosse para salvar algum membro da família de um terrível destino. E ainda assim pensaria duas vezes. Mas descartou a ideia e retornou ao seu interrogatório.

— Mas você voltou, você disse. O que aconteceu?

Olhou desamparadamente para ela, espalmando as mãos.

— Não sei como lhe descrever isso. Nada parecido já me aconteceu antes.

— Tente — ela sugeriu, endurecendo a voz, e ele suspirou.

— Sim. Bem, caminhei até o círculo de pedras e dessa vez eu podia ouvi-las... as pedras. Como se falassem com elas mesmas, zumbindo como uma colmeia e com um som que fazia os cabelos da minha nuca ficarem em pé.

Teve vontade de se virar e sair correndo, mas pensando em Morag e Jemmy resolveu continuar. Caminhou até o centro do círculo, onde o barulho o atacava de todos os lados.

— Achei que ia enlouquecer com aquele ruído — ele disse francamente. — Colocar o dedo nos ouvidos de nada adiantava; estava dentro de mim, como se viesse dos meus ossos. Foi assim com você? — ele perguntou de repente, espreitando-a com curiosidade.

— Sim, foi — ela respondeu sucintamente. — Ou quase. Continue. O que fez então?

Ele vira a fenda na pedra maior por onde ele havia atravessado na primeira vez e, inspirando fundo e prendendo a respiração ao máximo, arremessara-se por ela.

— E pode me matar por me achar um mentiroso, se quiser — ele afirmou. — Não sei o que aconteceu em seguida, eu juro, mas depois disso eu me vi deitado na grama no meio das pedras, e estava em chamas.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Literalmente? Quero dizer, suas roupas queimavam, ou foi apenas...

— Eu sei o que "literalmente" significa — ele replicou, com um laivo de

irritação na voz. — Eu posso não ser o que você é, mas eu tive educação.

— Desculpe-me. — Fez um pequeno sinal de desculpas com a cabeça e gesticulou, indicando-lhe que continuasse.

— De qualquer modo, sim, eu estava literalmente em chamas. Minha camisa estava em chamas. Olhe — Ele abriu o zíper de seu casaco e tateou com os botões da camisa de cambraia azul de Roger, abrindo-a para mostrar a marca espalhada e avermelhada de uma queimadura curada no peito. Ele teria abotoado a camisa outra vez imediatamente, mas ela fez sinal para que ele não o fizesse e inclinou-se para olhar mais de perto. Parecia centralizada em seu coração. Teria significado?, pensou.

— Obrigada — ela disse, endireitando-se. — O que... O que você estava pensando quando atravessou a fenda?

Ele fitou-a, espantado.

— Estava pensando que queria voltar, o que mais?

— Sim, claro. Mas estava pensando em alguém em particular? Em Morag, quero dizer, ou no seu filho?

A expressão mais extraordinária — vergonha? constrangimento? — atravessou seu rosto e ele desviou o olhar.

— Estava — ele disse sucintamente, e ela percebeu que ele mentia, mas não conseguia imaginar por quê. Ele tossiu e continuou apressadamente. — Bem. Rolei pela grama para apagar o fogo e depois vomitei. Fiquei lá por um bom tempo, sem forças para me levantar. Não sei por quanto tempo, mas não foi pouco. Sabe como é aqui, perto do Solstício do Verão? Aquela luz esbranquiçada quando a gente não consegue ver o sol, mas na verdade ele ainda não se pôs?

— Sim, a claridade pálida do verão — ela murmurou. — Sim... quero dizer, sim, eu sei. Então, você tentou outra vez?

Agora, era vergonha. O sol estava baixo e as nuvens irradiavam uma cor de laranja opaca que banhava o lago, as colinas e a ponte com um rubor soturno, mas ainda era possível divisar o rubor mais intenso que se espalhou pelas proeminentes maçãs do rosto de Buccleigh.

— Não — ele murmurou. — Tive medo.

Apesar de sua falta de confiança nele e da raiva persistente que sentia pelo que ele fizera a Roger, ela sentiu um involuntário jorro de compaixão com a admissão. Afinal, tanto ela quanto Roger sabiam, mais ou menos, o que estavam fazendo. Ele não esperava de modo algum o que acontecera e ainda não sabia praticamente nada.

— Eu também teria — ela disse. — Você...

Um grito vindo de trás a interrompeu e ela se virou, vendo Rob Cameron aproximando-se pela margem do rio. Ele acenou e subiu na ponte, arquejando um pouco com a corrida.

— Olá, chefe — ele disse, rindo para ela. — Eu a vi quando saía. Se já estiver livre, imaginei se gostaria de tomar um drinque no caminho de casa? E seu amigo também, é claro — ele acrescentou, cumprimentando William Buccleigh amistosamente com um sinal da cabeça.

Com isso, é claro, ela não teve alternativa senão apresentá-los, fazendo Buck passar por um parente de Roger, hospedado com eles, de passagem pela cidade, de acordo com a história que haviam combinado. Ela educadamente recusou a proposta de um drinque, dizendo que precisava voltar para casa para o jantar das crianças.

— Fica para outra vez, então — Rob disse descontraidamente. — Prazer em conhecê-lo, amigo. — Afastou-se outra vez, saltitante como uma gazela, e ela virou-se, encontrando William Buccleigh observando-o com os olhos estreitados.

— O que foi? — ela perguntou.

— Esse homem está de olho em você — disse abruptamente, virando-se para ela. — Seu marido sabe?

— Não seja ridículo — ela disse, no mesmo tom. Seu coração se acelerara com as palavras dele e ela não gostou. — Eu trabalho com ele. Ele pertence à mesma loja de Roger e eles conversam sobre canções antigas. Só isso.

Ele fez um daqueles ruídos escoceses que podem carregar todo tipo de significado e sacudiu a cabeça.

-- Posso não ser o que você é — ele repetiu, sorrindo desagradavelmente. — Mas também não sou nenhum tolo.



UM CORDEIRO RETORNA AO REBANHO

24 de novembro de 1777

Filadélfia

Lorde John Grey precisava desesperadamente de um criado pessoal. Havia empregado uma pessoa nessa função, mas achou o sujeito pior do que inútil, e um ladrão ainda por cima. Descobrira o antigo criado escondendo colherinhas de chá nas calças e o havia — depois de retirar as colheres à força — demitido. Deveria, imaginara, mandar prender o sujeito, mas na verdade não sabia ao certo o que a polícia local faria se convocado por um oficial inglês.

A maioria dos prisioneiros de guerra ingleses tinha sido levada para fora da cidade enquanto o exército de Howe avançava, os americanos querendo guardá-los para troca. Henry não fora.

Escovou o próprio uniforme, refletindo soturnamente. Usava-o diariamente agora, como proteção para Dottie e Henry. Há anos ele não era um oficial da ativa, mas, ao contrário da maioria dos homens nessa posição, tampouco renunciara à sua patente de tenente-coronel. Não sabia ao certo o que Hal teria feito caso ele tivesse realmente tentado renunciar, mas como era um encargo no próprio regimento de Hal e Grey não precisar abrir mão dele, o caso era discutível.

Um dos botões estava solto. Tirou seu estojo de costura, enfiou linha em uma agulha sem apertar os olhos e prendeu o botão firmemente no casaco. O feito lhe deu uma pequena sensação de satisfação, apesar de que o reconhecimento disso o obrigasse a admitir como era pouco o que ele podia controlar atualmente — tão pouco que pregar um botão podia ser motivo de satisfação.

Franziu o cenho para si mesmo no espelho e crispou-se irritadamente diante do galão dourado em seu casaco, que estava manchado em alguns pontos. Ele sabia o que fazer em relação a isso, mas certamente não iria ficar sentado polindo-o com um pedaço de pão embebido em urina. Conhecendo o general sir William Howe como conhecia, duvidava que sua própria aparência afetasse sua recepção, ainda

que ele se dirigisse ao quartel-general de Howe em uma liteira com a cabeça envolvida em um turbante turco. Howe geralmente não tomava banho, nem trocava de roupa por um mês ou mais — e não apenas quando estava em campanha.

Ainda assim. Teria que ser um cirurgião do exército e Grey queria fazer sua própria escolha. Fez uma careta diante do pensamento. Conhecera muitos médicos militares, alguns deles desagradavelmente de perto. Mas o exército de Howe entrara na cidade no final de setembro. Era meado de novembro agora, a ocupação estava bem estabelecida e, com isso, um ânimo geral entre os cidadãos.

— Os médicos de inclinação rebelde ou haviam deixado a cidade ou não queriam ter nada a ver com um oficial inglês. Os simpatizantes dos legalistas ficariam mais do que satisfeitos em prestar seus serviços — ele tinha sido convidado a muitas festas oferecidas pelos legalistas ricos da cidade e fora apresentado a dois ou três médicos — mas não encontrara nenhum com reputação em cirurgia. Um deles lidava principalmente com casos de doenças venéreas, outro era um accoucheur e o terceiro era obviamente um charlatão da pior espécie.

Assim, estava se dirigindo ao quartel-general de Howe para pedir ajuda. Não podia esperar mais; Henry aguentara firme e até parecia ter ganho um pouco de forças com a chegada da temperatura mais amena. Era melhor que fosse feito agora, para lhe dar a oportunidade de se curar um pouco antes da chegada do inverno, com sua friagem e a esqualidez fétida de casas fechadas.

Pronto, ele afivelou sua espada e saiu para a rua. Havia um soldado, um pouco encurvado sob uma pesada mochila, andando devagar pela rua em sua direção, olhando para as casas. Ele mal olhou para o sujeito enquanto descia as escadas — mas um olhar de relance foi suficiente. Olhou novamente, incrédulo, e começou a correr pela rua, sem se incomodar com chapéu, galões dourados, espada ou dignidade, e tomou o jovem e alto soldado nos braços.

— Willie!

— Papai!

Seu coração transbordava de felicidade; não se lembrava de se sentir assim tão feliz, mas fez o melhor para se conter, não querendo constranger Wile com excessos de emoção impróprios a um homem. Não soltou seu filho, mas recuou um pouco, examinando-o de cima a baixo.

— Você está... sujo — ele disse, incapaz de conter um sorriso largo e tolo. — Muito sujo mesmo. — Estava. Também maltrapilho e surrado. Ainda usava seu gorjal de oficial, mas faltava o lenço de pescoço, assim como vários botões, e um dos punhos de seu casaco fora arrancado.

— Também tenho piolho — William afirmou, coçando a cabeça. — Tem comida aí?

— Sim, claro. Entre, entre. — Tirou a mochila do ombro de Willie e

gesticulou para que ele o seguisse. — Dottie! — ele gritou para cima das escadas ao abrir a porta. — Dottie! Desça aqui embaixo!

— Eu estou embaixo — sua sobrinha disse atrás dele, saindo da saleta onde costumava tomar o café da manhã. Segurava um pedaço de torrada com manteiga. — O que você... oh, Willie...

Desdenhando questões de imundície e piolho, William tomou-a nos braços e ela deixou a torrada cair no tapete e apertou-o ao redor do corpo, rindo e chorando, até ele protestar que ela estava quebrando suas costelas e ele nunca mais iria poder respirar direito.

Grey ficou observando a cena com extrema benevolência, apesar de terem pisoteado a torrada amanteigada no tapete alugado. Eles realmente pareciam se amar, refletiu. Talvez ele estivesse errado. Tossiu educadamente, o que não desvencilhou os dois corpos, mas ao menos fez Dottie olhar para ele por cima do ombro.

— Vou pedir um café da manhã para William, está bem? — disse. — Por que não o leva para a sala, querida, e lhe dá uma xícara de chá?

— Chá — Willie exclamou com um suspiro, o rosto assumindo a expressão beatificada de alguém contemplando — ou ouvindo falar de — algum prodigioso milagre. — Há semanas não tomo chá. Meses!

Grey saiu para o prédio da cozinha que ficava a uma pequena distância atrás da casa propriamente dita, de modo que esta não fosse incendiada quando — não se — algo pegasse fogo e destruísse a cozinha no incêndio. Aromas apetitosos de carne assada, doces de frutas e pão fresco flutuavam daquela estrutura precária.

Ele contratara a sra. Figg, uma negra quase esférica, como cozinheira, na suposição de que ela não podia ter adquirido aquela figura sem ter tanto o gosto pela boa comida como a habilidade de prepará-la. E essa suposição se confirmou, e nem o temperamento instável dessa senhora, nem a inclinação para dizer palavrões o fizeram lamentar sua decisão, apesar de fazer com que ele sempre a abordasse cautelosamente. No entanto, ouvindo suas novidades, ela prestativamente deixou de lado a torta de carne de caça que estava fazendo, a fim de preparar uma bandeja com um café da manhã completo.

Ele esperou para ele mesmo levar a bandeja, pretendendo dar a William e Dottie um pouco mais de tempo a sós. Ele queria ouvir tudo — pois evidentemente todo mundo na Filadélfia sabia sobre o encontro desastroso de Burgoyne em Saratoga, mas queria particularmente descobrir através de William o que John Burgoyne soubera ou concluía de antemão. Segundo alguns de seus conhecidos militares, sir George Germain assegurara a Burgoyne que seu plano fora aceito e que Howe marcharia para o norte ao seu encontro, cortando as Colônias americanas ao meio. Segundo outros — vários do exército de Howe inclusive —, Howe nunca fora

informado desse plano para começar, quanto mais ter concordado com ele.

Seria isso arrogância e presunção da parte de Burgoyne, obstinação e orgulho de Howe, idiotice e incompetência de Germain — ou uma combinação dos três fatores? Se pressionado, ele apostaria nessa última hipótese, mas estava curioso para saber até onde o gabinete de Germain estava implicado. Com Percy Beauchamp desaparecido da Filadélfia, sem deixar rastro, seus próximos movimentos teriam que ser observados por outra pessoa, e era provável que Arthur Norrington informasse suas próprias descobertas a Germain, em vez de Grey.

Carregou a pesada bandeja cuidadosamente de volta, encontrando William no sofá em manga de camisa, tomando seu chá, os cabelos soltos e espalhados pelos ombros.

Dottie estava sentada na bergère em frente à lareira, segurando seu pente de prata sobre o joelho e com uma expressão no rosto que quase fez Grey deixar cair a bandeja. Ela virou um rosto espantado para ele quando ele entrou, tão pasmo que era evidente que mal o enxergava. Então, algo mudou e seu rosto se alterou, como alguém voltando num piscar de olhos de algum lugar a léguas de distância.

— Ah — exclamou, levantando-se imediatamente e estendendo os braços para pegar a bandeja. — Deixe que eu seguro.

Ele deixou, disfarçadamente olhando de um jovem para o outro. Sem dúvida, Willie também parecia estranho. Por quê?, perguntou-se. Havia ficado exultantes, exuberantemente amorosos um com o outro, há apenas alguns instantes. Agora ela estava pálida, mas trêmula com uma emoção interior que fez as xícaras chocalharem nos pires quando ela começou a servir o chá. Ele estava ruborizado, enquanto ela estava pálida, mas não — Grey tinha quase certeza — com qualquer tipo de excitação sexual. Ele tinha a expressão de um homem que... bem, não. Era excitação sexual, pensou, intrigado — havia, afinal, visto isso muitas vezes e era um perspicaz observador disso em um homem — mas não estava concentrado em Dottie. De modo algum.

O que diabos eles estão aprontando?, pensou. Entretanto, fingiu ignorar a perturbação de ambos e sentou-se para tomar seu chá e ouvir as experiências de Willie.

O relato acalmou William um pouco. Grey observou a expressão do rosto de William mudar conforme ele falava, às vezes com hesitação, e sentiu uma pontada aguda de dor. Orgulho, sim, grande orgulho; William era um homem agora, um soldado, e um bom soldado. Mas Grey sentia também um furtivo pesar pelo desaparecimento dos últimos traços de inocência de Willie; um breve olhar dentro de seus olhos provava essa ausência.

Os relatos de batalhas, política, índios, tudo tinha o efeito oposto em Dottie, ele viu. Longe de ficar mais calma ou mais feliz, ela foi ficando visivelmente mais

agitada a cada instante.

— Eu estava indo visitar sir William, mas acho que vou ver Henry primeiro — Grey disse finalmente, levantando-se e limpando farelos de torrada das abas de seu casaco. — Quer vir comigo, Willie? Ou vocês dois, se quiserem. Ou prefere descansar?

Trocaram um olhar onde cumplicidade e conspiração eram tão evidentes que ele piscou. Willie tossiu e levantou-se, também.

— Sim, papai. Eu quero muito ver Henry, é claro. Mas Dottie acaba de me contar como o estado dele é grave... e sobre sua intenção de conseguir um cirurgião do exército para operá-lo. Eu estava... pensando... eu conheço um médico do exército. Um sujeito extraordinário. Muito experiente e de maneiras maravilhosamente gentis, mas rápido como uma cobra com seu bisturi — apressou-se a acrescentar. Suas cores melhoraram consideravelmente ao dizer isso e Grey observou-o, fascinado.

— É mesmo? — Grey disse devagar. — Ele parece uma resposta às minhas preces. Qual é o nome dele? Eu poderia perguntar a sir William...

— Oh, ele não está com sir William — Willie apressou-se a informar.

— Oh, é um dos homens de Burgoyne? — Os soldados, em liberdade condicional, do derrotado exército de Burgoyne haviam, todos eles, com exceções como a de William, marchado para Boston, para de lá embarcarem para a Inglaterra. — Bem, eu obviamente gostaria de tê-lo aqui, mas duvido que possamos mandar buscá-lo em Boston e fazer com que chegue a tempo, considerando-se a época do ano e a probabilidade...

— Não, ele não está em Boston. — Willie trocou outro daqueles olhares com Dottie. Desta vez, ela viu Grey observá-los, ficou vermelha como as rosas nas xícaras de chá e olhou diligentemente para as pontas de seus sapatos. Willie limpou a garganta. — Na realidade, ele é um médico do Exército Continental. Mas o exército de Washington se aquartelou para o inverno em Valley Forge, a menos de um dia a cavalo. Ele virá se eu for pessoalmente lhe pedir, tenho certeza.

— Compreendo — Grey disse, pensando rapidamente. Tinha certeza de que não estava vendo metade do que se passava — o que quer que fosse mas diante das circunstâncias isso realmente parecia uma resposta às suas preces. Seria uma questão simples pedir a Howe para arranjar uma escolta e uma bandeira de trégua para Willie, assim como um salvo-conduto para o médico. — Está bem — disse, tomando uma decisão na hora. — Falarei com sir William sobre isso esta tarde.

Dottie e Willie deram sinais idênticos de... alívio? O que diabos está se passando? —, perguntou-se outra vez.

— Muito bem, então — disse energicamente. — Pensando melhor, você vai querer tomar um banho e mudar de roupa, Willie. Vou ao quartel-general de Howe

agora e iremos ver Henry esta tarde. Qual é o nome desse famoso médico continental, para que sir William mande preparar um salvo-conduto para ele?

— Hunter — Willie disse, e seu rosto queimado de sol pareceu se iluminar. "Denzell Hunter. Não se esqueça de dizer a sir William para emitir salvo-conduto para dois; a irmã do dr. Hunter é sua enfermeira, ele vai precisar que também venha para ajudar.

*ENXERGANDO BEM*

20 de dezembro de 1777
Edimburgo

O texto impresso na página entrou em foco de repente, nítido e preto, e eu soltei uma exclamação de surpresa.

— Ah, perto, então? — o sr. Lewis, o oculista, piscou para mim por cima de seus próprios óculos. — Tente estes. — Removeu delicadamente os óculos experimentais do meu nariz e entregou-me um outro par. Coloquei-os, examinei a página do livro diante de mim, em seguida ergui os olhos.

— Eu não fazia a menor ideia — disse, perplexa e encantada. Era como nascer de novo; tudo estava nítido, vívido, novo. Eu havia repentinamente reentrado no mundo quase esquecido da boa impressão.

Jamie estava parado junto à vitrine da loja, livro na mão e um belo par de óculos quadrados, de aro de metal, em seu longo nariz. Eles lhe emprestavam um ar erudito incomum e por um momento ele pareceu um distinto estranho, até ele se virar para olhar para mim, os olhos ligeiramente aumentados por trás das lentes. Ele olhou por cima dos óculos e sorriu ao me ver.

— Gosto desses — disse com aprovação. — Os redondos caem bem em seu rosto, Sassenach.

Eu ficara tão entusiasmada com os novos detalhes do mundo ao meu redor que nem me ocorreu imaginar como eu ficara. Curiosa, levantei-me e fui me olhar no pequeno espelho pendurado na parede.

— Santo Deus — eu disse, contraindo-me ligeiramente. Jamie riu e o sr. Lewis sorriu indulgentemente.

— Assentam-lhe muito bem, madame — ele disse.

— Bem, pode ser — eu disse, cautelosamente examinando o reflexo da estranha no espelho. — É que é um choque.

Não é que eu me esquecera da minha aparência. Apenas, eu não pensava

nela há meses, além de vestir uma roupa limpa e não usar cinza, que me fazia parecer ter sido mal embalsamada.

Eu vestia marrom hoje, um casaco aberto de veludo castanho, no tom de taboa madura, com uma fita estreita de gorgorão, dourada, nas bordas, sobre meu vestido novo — este de pesada seda cor de café com um corpete bem-ajustado e três anáguas com renda na barra, aparecendo nos tornozelos. Não nos demoraríamos em Edimburgo, devido às exigências de levar o general de brigada ao seu lugar de repouso final e à ansiedade de Jamie de partir para as Highlands — mas tínhamos negócios a resolver ali. Jamie dissera com firmeza que não podíamos parecer mendigos maltrapilhos e mandara vir uma costureira e um alfaiate assim que chegamos às nossas instalações.

Recuei um pouco, vaidosamente. Com toda a honestidade, eu estava surpresa de ver o quanto era boa a minha aparência. Durante os longos meses de viagem, de retirada e de luta com o Exército Continental, eu ficara reduzida à minha essência: sobrevivência e função. A minha aparência era inteiramente irrelevante, ainda que eu tivesse um espelho.

Na verdade, subconscientemente eu esperava ver uma bruxa no espelho, uma mulher acabada, de cabelos grisalhos desgrehados e expressão feroz. Possivelmente, um ou dois pelos longos brotando do queixo.

Em vez disso... bem, eu ainda podia me reconhecer. Meus cabelos — sem touca, mas cobertos com um pequeno e reto chapéu de palha enfeitado com um caprichoso buquê de margaridas de pano — estavam presos em um coque atrás da cabeça. Mas alguns fios soltos encaracolavam-se graciosamente em minhas têmporas e meus olhos eram de um âmbar límpido e brilhante por trás dos novos óculos, com um surpreendente ar de franca expectativa.

Eu tinha as rugas e sulcos da minha idade, é claro, mas no geral meu rosto se assentara bem nos meus ossos, em vez de despencar em queixadas e papadas pelo meu pescoço. E o colo, com apenas uma sombra discreta mostrando o volume dos meus seios — a Marinha Real havia nos alimentado prodigamente na viagem marítima e eu havia recuperado um pouco do peso que perdera durante a longa marcha de retirada de Ticonderoga.

— Bem, nada mau, na verdade — eu disse, parecendo tão surpresa que Jamie e o sr. Lewis desataram a rir. Tirei os óculos com grande pesar — os óculos de Jamie eram simples óculos de leitura com aro de metal, de modo que ele podia levá-los agora mesmo, mas os meus somente estariam prontos, com o aro de ouro, na tarde seguinte, conforme o sr. Lewis prometeu — e nós deixamos a loja para a nossa missão seguinte: a tipografia de Jamie.

— Onde está Ian nesta manhã? — perguntei, enquanto nos dirigíamos à Princess Street. Ele já havia saído quando acordei, sem deixar nenhuma pista, quanto

mais algum recado sobre seu paradeiro. — Você não acha que ele resolveu fugir em vez de ir para casa, não é?

— Se fugiu, eu o encontrarei e lhe darei uma surra, e ele sabe disso perfeitamente bem — Jamie disse distraidamente, olhando para cima, do outro lado do parque, para o enorme vulto do castelo em sua rocha, depois colocando os óculos — desnecessariamente — para ver se faziam alguma diferença. — Não, acho que provavelmente foi a um bordel.

— As onze horas da manhã? — exclamei.

— Bem, não há regras sobre isso — Jamie disse serenamente, tirando os óculos, envolvendo-os em seu lenço e guardando-os em seu sporran. — Eu fazia isso de manhã de vez em quando. Embora eu duvide que ele esteja empenhado em conhecimento carnal neste momento — acrescentou. — Eu disse a ele para ir ver se madame Jeanne ainda é dona do lugar, porque, se for, ela será capaz de me dizer mais em um espaço de tempo mais curto do que qualquer outra pessoa em Edimburgo. Se ela estiver lá, irei vê-la à tarde.

— Ah — eu disse, não gostando muito da ideia de ele sair para um aconchegante tête-à-tête com a elegante francesa que um dia fora sua sócia nos negócios de contrabando de uísque, mas admitindo a conveniência da proposta. — E onde você acha que Andy Bell estaria às dez horas da manhã?

— Na cama — Jamie disse prontamente. — Dormindo — acrescentou com um sorriso, vendo a expressão em meu rosto. — Os tipógrafos são criaturas sociáveis, de um modo geral, e se reúnem à noite nas tavernas. Nunca conheci nenhum que madrugasse, a não ser que tivessem filhos pequenos com cólica.

— Está pensando em tirá-lo da cama? — perguntei, esticando o passo para acompanhá-lo.

— Não, nós o encontraremos no Mowbray's na hora do almoço — ele disse.

— Ele é gravador, precisa de alguma luz para trabalhar, de modo que acorda ao meio-dia. E come no Mowbray's quase todo dia. Só quero ver se seu estabelecimento foi incendiado ou não. E se o patife está usando minha prensa.

— Você fala como se ele estivesse usando sua mulher — eu disse, achando graça do tom sóbrio de sua fala.

Ele fez um pequeno ruído escocês, reconhecendo o suposto humor dessa observação, enquanto simultaneamente se recusava a compartilhar dele. Eu não sabia que ele tinha sentimentos tão fortes em relação ao seu maquinário de imprensa — afinal, estava longe dele há quase doze anos. Não era de admirar que seu coração apaixonado estivesse começando a bater com a ideia de se reencontrar finalmente com o objeto de seu amor, pensei, secretamente achando graça.

Por outro lado, talvez ele estivesse com medo de que a gráfica de Andy Bell tivesse sido destruída em um incêndio. Não era um temor vão. Sua própria gráfica

fora destruída por um incêndio doze anos antes; tais estabelecimentos eram particularmente vulneráveis ao fogo, tanto devido à presença de uma pequena forja aberta para derreter e moldar tipos quanto à quantidade de papel, tinta e substâncias inflamáveis semelhantes guardadas no local.

Meu estômago roncou suavemente com a ideia de um almoço no Mowbray's; eu tinha lembranças muito agradáveis de nossa última — e única — visita ao local, que envolvera um excelente ensopado de ostras e um vinho branco resfriado ainda melhor, entre outros prazeres da carne.

Mas ainda faltava algum tempo até o almoço; os trabalhadores deveriam abrir suas marmitas ao meio-dia, mas os elegantes de Edimburgo comiam a hora civilizada de três horas. Poderíamos comprar um pastel fresco em um vendedor ambulante, pensei, apressando o passo no rastro de Jamie. Só para aguentar até a hora do almoço.

A gráfica de Andrew Bell, felizmente, ainda estava de pé. A porta estava fechada por causa do vento, mas uma sineta soou acima do barulho do vento e anunciou nossa presença. Um senhor de meia-idade em mangas de camisa e avental ergueu os olhos de um cesto de lingotes que ele separava.

— Bom-dia, senhor. Madame — ele disse cordialmente, balançando a cabeça para nós, e eu vi de imediato que não era escocês. Ou, melhor, não era nascido na Escócia, pois seu sotaque era um inglês suave, ligeiramente arrastado, das Colônias do sul. Jamie ouviu e sorriu.

— Sr. Richard Bell? — ele perguntou.

— Sim, sou eu — o homem respondeu, parecendo surpreso.

— James Fraser, seu criado, senhor — Jamie disse educadamente, inclinando-se em um cumprimento. — Permita-me apresentar minha mulher, Claire.

— Seu criado, senhor. — O sr. Bell inclinou-se também, parecendo um pouco aturdido, mas mantendo perfeitamente as boas maneiras.

Jamie enfiou a mão no bolso do peito do casaco e retirou um pequeno maço de cartas, amarrado com uma fita cor-de-rosa.

— Eu lhe trouxe notícias de sua mulher e de suas filhas — ele disse simplesmente, entregando as cartas. — E vim ver se posso mandá-lo de volta para casa para ficar com elas.

O rosto do sr. Bell perdeu toda a expressão e em seguida todo o sangue. Por um instante, pensei que ele fosse desmaiar, mas não desmaiou, apenas se agarrando na borda do balcão para se apoiar.

— O senhor... para casa? — disse, com a voz entrecortada. Agarrara o maço de cartas junto ao peito e agora o fitava, os olhos rasos de lágrimas. — Como... como foi que ela... Minha mulher. Ela está bem? — ele perguntou abruptamente, erguendo a cabeça de repente para olhar para Jamie, um súbito temor nos olhos. —

Elas estão bem?

— Estavam todas bonitas como pombas quando as vi em Wilmington — Jamie assegurou-lhe. — Muito desoladas com sua ausência, mas passando bem.

O sr. Bell tentava desesperadamente controlar o rosto e a voz, e o esforço deixou-o sem fala. Jamie inclinou-se por cima do balcão e tocou delicadamente em seu braço.

— Vá ler suas cartas, meu caro — sugeriu. — Nossos outros negócios podem esperar.

A boca do sr. Bell abriu-se uma ou duas vezes, sem nenhum som, em seguida assentiu energicamente e, girando nos calcanhares, atravessou atabalhoadamente pela porta que levava à sala dos fundos.

Suspirei e Jamie olhou para mim, sorrindo.

— É bom quando alguma coisa dá certo, não é? — eu disse.

— Ainda não está tudo certo, mas vai ficar. — Ele então tirou seus óculos novos do sporran e, colocando-o no nariz, levantou o tampo do balcão e entrou com passos decididos. — Esta é a minha prensa! — ele exclamou acusadoramente, dando a volta na enorme máquina como um falcão pairando sobre a presa.

— Acredito em você, mas como pode saber? — Eu o segui cautelosamente, afastando minhas saias da prensa suja de tinta.

— Bem, para começar, tem meu nome estampado nela — ele disse, inclinando-se e apontando para algo embaixo. — Alguns deles, pelo menos. — Inclinando-me de lado e estreitando os olhos, consegui decifrar Alex. Malcolm esculpido na parte de baixo de uma trave pequena.

— Aparentemente, ainda funciona bem — observei, endireitando-me e olhando ao redor do aposento, para os cartazes, letras de baladas e outros exemplos das artes da gravação e impressão exibidos ali.

— Mmmhum. — Experimentou as partes móveis e examinou a prensa minuciosamente antes de admitir com relutância que, de fato, parecia em boas condições. Mas ainda parecia furioso. — E eu paguei o patife durante todos esses anos para conservá-la para mim! — murmurou. Empertigou-se, olhando funestamente para a prensa. Nesse ínterim, eu andara bisbilhotando pelas mesas perto da parede da frente, que exibia livros e folhetos à venda, e peguei um desses últimos, intitulado *Encyclopedia Britannica* e, embaixo, "Láudano".

A tintura de ópio, ou láudano líquido, também chamado de extrato tebaico, é feita da seguinte forma: tome duas onças de ópio preparado, canela e cravo, um dracma de cada um, de um quartilho de vinho branco, faça uma infusão durante uma semana sem calor e em seguida filtre-a em papel.

O ópio atualmente é muito apreciado e considerado um dos mais valiosos de todos os remédios simples. Aplicado externamente, é emoliente, relaxante e

carminativo, além de grande promotor de supuração: se mantido por bastante tempo sobre a pele, ele remove os pelos e sempre provoca coceira; às vezes, causa úlceras e cria pequenas bolhas, se aplicado a uma parte sensível: às vezes, em aplicações externas, mitiga a dor e até promove o sono; não deve de forma alguma ser aplicado à cabeça, especialmente às suturas do crânio, pois se sabe que pode ter os mais terríveis efeitos em sua aplicação e até causar a morte. O ópio usado internamente elimina a melancolia, diminui a dor e predispõe ao sono; em muitos casos, elimina hemorroidas e tem efeito sudorífero.

Uma dose moderada em geral tem peso inferior a um grão...

— Sabe o que "carminativo" significa? — perguntei a Jamie, que lia o tipo montado na forma na prensa, franzindo a testa ao fazê-lo.

— Sei. Significa que pode dissolver alguma coisa. Por quê?

— Ah. Talvez seja por isso que aplicar láudano às suturas do crânio seja má ideia.

Ele me lançou um olhar perplexo.

— Por que alguém faria isso?

— Não faço a menor ideia. — Retornei aos folhetos, fascinada. Um deles, intitulado "O Útero", tinha algumas gravuras muito boas de uma pélvis feminina dissecada, com os órgãos internos, feita de diversos ângulos, assim como desenhos do feto em vários estágios de desenvolvimento. Se era trabalho do sr. Bell, pensei, ele era não só um magnífico artesão mas também um observador muito diligente.

— Tem um penny? Gostaria de comprar isto.

Jamie enfiou a mão no sporran e colocou um penny no balcão, olhou para o folheto em minha mão e se contraiu.

— Santa Mãe de Deus — ele disse, fazendo o sinal da cruz.

— Bem, provavelmente, não — eu disse, brandamente. — Mas, sem dúvida, uma mãe.

Antes que ele pudesse responder a isso, Richard Bell saiu da sala dos fundos, os olhos vermelhos, mas estava sereno, e tomou a mão de Jamie.

— Não sabe o que fez por mim, sr. Fraser — disse, comovido. — Se o senhor pode realmente me ajudar a retornar para a minha família, eu... eu... bem, na verdade, eu não sei o que eu poderia fazer para demonstrar minha gratidão, mas pode ter certeza de que eu abençoarei sua alma para sempre!

— Fico muito agradecido por sua consideração, senhor — Jamie lhe disse, sorrindo. — Talvez o senhor possa me fazer um pequeno serviço, mas, se não puder, ainda assim ficarei muito agradecido pelas suas bênçãos.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer, senhor, absolutamente qualquer coisa! — Bell assegurou-lhe fervorosamente. Em seguida, uma leve hesitação sobreveio ao seu rosto — provavelmente uma lembrança de alguma coisa

que sua mulher dissera sobre Jamie na carta. — Qualquer coisa que não seja... traição, eu diria.

— Oh, não. Muito longe de traição — Jamie garantiu-lhe, e nós nos despedimos.

Comi uma colherada do ensopado de ostras e fechei os olhos em êxtase. Havíamos chegado um pouco cedo, a fim de conseguir um lugar junto à janela que dava para a rua, mas o Mowbray's se encheu rapidamente e a barulheira dos talheres e da conversa era quase ensurdecadora.

— Tem certeza de que ele não está aqui? — eu disse, inclinando-me sobre a mesa para ser ouvida. Jamie sacudiu a cabeça, bochechando um gole do Moselle resfriado na boca com uma expressão de bem-aventurança.

— Você vai saber quando ele estiver, não tenha dúvida — ele disse, engolindo.

— Está bem. Que tipo de serviço "muito longe de traição" você pretende fazer o pobre sr. Bell executar em troca de sua passagem para casa?

— Pretendo enviá-lo para casa como responsável pela minha prensa — ele respondeu.

— O quê, confiar sua preciosa queridinha a praticamente um estranho? — Perguntei, achando graça. Ele me lançou um olhar maligno em troca, mas terminou seu bocado de pãozinho amanteigado antes de responder.

— Não espero que ele vá maltratá-la. Afinal, ele não vai imprimir uma tiragem de mil exemplares de Clarissa a bordo do navio.

— Oh — exclamei, achando muita graça —, e qual é, se me permite perguntar, o nome dela?

Ele corou um pouco e desviou o olhar, cuidadosamente empurrando uma ostra especialmente succulenta para sua colher, mas finalmente murmurou, antes de engoli-la:

— Bonnie.

Eu ri, mas antes que pudesse fazer mais perguntas um novo barulho surgiu no meio da algazarra e as pessoas começaram a largar suas colheres e se levantar, esticando o pescoço para ver pela janela.

— Esse deve ser Andy — Jamie me disse.

Olhei para a rua e vi um pequeno agrupamento de garotos ociosos, batendo palmas e dando vivas. Olhando para o começo da rua para ver o que se aproximava, avistei um dos maiores cavalos que já vi. Não era um cavalo de tração, mas um cavalo extremamente alto, com cerca de um metro e setenta de altura, até onde meu olhar inexperiente podia dizer.

Montado no cavalo, estava um homem muito pequeno, sentado ereto e magnificamente ignorando os aplausos da multidão. Parou logo abaixo de nossa

janela e, virando-se, retirou um quadrado de madeira da sela atrás dele. Sacudiu-o, revelando uma escada dobrável de madeira e uma das crianças da rua correu para segurar o pé da escada enquanto o sr. Bell — pois não poderia ser outro — desceu sob os aplausos dos transeuntes. Ele atirou uma moeda para o menino que segurara a escada, outra para um rapaz que tomara as rédeas de seu cavalo, e desapareceu de vista.

Alguns instantes depois, ele atravessou a porta, entrando no principal salão de jantar, tirando seu chapéu de bicos e fazendo uma mesura graciosa às saudações dos comensais. Jamie ergueu a mão, chamando "Andy Bell!" com uma voz retumbante que atravessou o zumbido das conversas, e a cabeça do homenzinho virou-se bruscamente em nossa direção, surpreso. Observei-o fascinada enquanto vinha em nossa direção, um sorriso lento espreado-se em seu rosto.

Eu não sabia se ele tinha alguma forma de nanismo ou se apenas sofrera de grave subnutrição e escoliose na juventude, mas suas pernas eram curtas em proporção ao tronco, e seus ombros eram arqueados; ele mal alcançava um metro e vinte e somente se via o topo de sua cabeça — coberta por uma peruca muito elegante — no momento em que passava entre as mesas.

Mas esses aspectos de aparência desfizeram-se em insignificância quando ele se aproximou e eu notei seu atributo mais extraordinário. Andrew Bell tinha o maior nariz que eu já vira, e no curso de uma vida memorável eu vira alguns espécimes notáveis. Começava entre as sobrancelhas e curvava-se delicadamente para baixo por uma curta distância, como se a natureza tivesse tido a intenção de lhe dar o perfil de um imperador romano. No entanto, alguma coisa dera errado na execução e algo como uma pequena batata fora afixada a esse começo promissor. Protuberante e vermelho, atraía o olhar.

Atraiu muitos olhares; quando se aproximava de nossa mesa, uma jovem nas proximidades o viu, soltou o ar com uma arfada e cobriu a boca com a mão, essa precaução sendo totalmente insuficiente para sufocar suas risadinhas.

O sr. Bell a ouviu e, sem diminuir o passo, enfiou a mão no bolso, retirou dali um enorme nariz de papier-mâché decorado com estrelas roxas, que colocou sobre o próprio nariz e, fixando um olhar glacial na jovem, passou por ela e continuou andando.

— Querida — Jamie me disse, rindo enquanto se levantava e estendia a mão para o pequeno gravador —, deixe-me lhe apresentar meu amigo, o sr. Andrew Bell. Minha mulher, Andy. Seu nome é Claire.

— Encantado, madame — ele disse, retirando o falso nariz e fazendo uma pronunciada mesura sobre minha mão. — Quando adquiriu esta rara criatura, Jamie? E o que uma senhora tão adorável pode querer com um brutamonte vulgar como você?

— Eu a convenci a se casar comigo com descrições das belezas de minha máquina impressora — Jamie disse secamente, sentando-se e fazendo sinal a Andy Bell para que se juntasse a nós.

— Ah — Andy exclamou, com um olhar penetrante para Jamie, que ergueu as sobrancelhas e arregalou os olhos. — Humm. Estou vendo que já estiveram na gráfica. — Fez sinal com a cabeça indicando minha bolsinha, de onde se projetava a ponta do folheto.

— Estivemos — eu disse apressadamente, retirando o folheto. Eu não achava que Jamie pretendia esmagar Andy Bell como um inseto por ter usado sua prensa tipográfica livremente, mas seu relacionamento com "Bonnie" era novidade para mim e eu não sabia a extensão do seu sentimento de proprietário indignado. — E um bellissimo trabalho — eu disse ao sr. Bell, com absoluta sinceridade. — Diga-me, quantos espécimes diferentes o senhor usou?

Ele piscou um pouco, mas respondeu prontamente, e tivemos uma agradável — ainda que um pouco horripilante — conversa sobre as dificuldades da dissecação no clima quente e o efeito de solução salina versus álcool para preservação. Isso fez com que as pessoas na mesa próxima terminassem sua refeição apressadamente, lançando olhares velados de horror enquanto saíam. Jamie reclinou-se para trás em sua cadeira, parecendo amável, mas mantendo um olhar fixo em Andy Bell.

O pequeno gravador não deixou transparecer nenhum desconforto em particular sob aquele olhar basilisco e continuou me contando sobre a reação quando ele publicou a edição encadernada da Encyclopedia — o rei de algum modo havia visto os clichês da seção "Útero" e ordenara que aquelas páginas fossem arrancadas do livro, o idiota alemão ignorante! —, mas quando o garçom veio anotar seu pedido, ele pediu tanto um vinho caro quanto uma grande garrafa de uísque de qualidade.

— Uísque com o ensopado? — exclamou o garçom, perplexo.

— Não — ele disse com um suspiro, empurrando a peruca para trás. — Concubinação. Se é assim que você chama quando aluga os serviços da amada de um homem.

O garçom voltou seu olhar de espanto para mim, depois ficou vermelho e, engasgando um pouco, se afastou.

Jamie fixou os olhos estreitados em seu amigo, agora passando manteiga em um pãozinho com grande desenvoltura.

— Quero mais do que uísque, Andy.

Andy Bell suspirou e coçou o nariz.

— Sim, bem — disse. — Diga.

Encontramos Ian esperando no pequeno hotel, conversando com dois carroceiros de carretas na rua. Ao nos ver, se despediu — e enfiou um pequeno

pacote sob o casaco sorrateiramente — e entrou conosco. Era hora do chá e Jamie pediu que fosse servido em nossos quartos, por discrição.

Havíamos, de certa forma, feito uma extravagância em termos de acomodações, pois ocupamos um conjunto de aposentos. O chá foi servido na sala de estar, um apetitoso arranjo de hadoque defumado grelhado, ovos à escocesa, torradas com geleia de laranja e pãezinhos com queijo branco e geleia de frutas, acompanhando um enorme bule de chá preto forte. Inalei o vapor aromático e suspirei de prazer.

— Vai ser um sofrimento voltar a não ter chá — observei, servindo-o para todos. — Não creio que possamos conseguir algum na América pelos próximos... O quê?... três ou quatro anos?

— Oh, eu não diria isso — Jamie contrapôs judiciosamente. — Depende do lugar para onde vamos voltar, não é? Você pode muito bem obter chá em lugares como Filadélfia ou Charleston. Só precisa conhecer um ou dois bons contrabandistas, e se o capitão Hickman não tiver naufragado ou sido enforcado quando nós estivermos de volta...

Coloquei a xícara de volta na mesa e olhei para ele, espantada.

— Não está dizendo que não planeja voltar para Ridge, não é? — Senti um vazio repentino na boca do estômago, lembrando-me de nossos planos para a Casa Nova, o perfume dos abetos balsâmicos e a quietude das montanhas. Ele realmente pretenderia se mudar para Boston ou Filadélfia?

— Não — ele disse, surpreso. — Claro que devemos voltar para lá. Mas se eu pretendo entrar no negócio de impressão, Sassenach, teremos que ficar algum tempo em uma cidade, não? Somente até a guerra terminar — ele disse, animado.

— Oh — exclamei baixinho com um fio de voz. — Sim. Claro. — Tomei chá sem sentir o gosto. Como pude ser tão tola? Não me passara pela cabeça que uma prensa seria inútil em Fraser's Ridge. Em parte, eu supunha, eu simplesmente não havia realmente acreditado que ele iria recuperar seu maquinário de impressão, muito menos saltar para a conclusão lógica, caso ele conseguisse.

Mas agora ele tinha sua Bonnie de volta e o futuro repentinamente adquiriu uma solidez desagradável. Não que as cidades não tivessem consideráveis vantagens, disse a mim mesma corajosamente. Eu poderia enfim adquirir um conjunto decente de instrumentos médicos, refazer meu estoque de remédios — ora, eu poderia até mesmo fazer penicilina e éter outra vez! Com um pouco mais de apetite, peguei um ovo escocês.

— Por falar em contrabandistas — Jamie dizia a Ian o que é que você tem aí dentro do casaco? Um presente para uma das damas da casa de madame Jeanne?

Ian lançou um olhar frio a seu tio e retirou o pequeno pacote do bolso.

— Um pedaço de renda francesa. Para minha mãe.

— Bom garoto — Jamie disse com aprovação.

— Que lembrança amável, Ian — eu disse. — Você... quero dizer, madame Jeanne ainda está in situ?

Ele balançou a cabeça, colocando o pequeno embrulho de volta no bolso do casaco.

— Está. E muito ansiosa para renovar seu contato com você, tio — acrescentou, com um sorriso ligeiramente malicioso. — Perguntou se você poderia ir lá esta noite para se divertir um pouco.

Jamie olhou para mim e torceu o nariz.

— Oh, acho que não, Ian. Enviarei um bilhete dizendo que esperamos por ela amanhã de manhã às onze horas. Mas esteja à vontade para aceitar o convite você mesmo, é claro. — Era óbvio que ele estava apenas caçoando, mas Ian sacudiu a cabeça.

— Não, eu não iria com uma prostituta. Não até estar tudo resolvido entre mim e Rachel — ele disse, sério. — De um modo ou de outro. Mas não levarei outra mulher para a cama enquanto ela não me der uma palavra final.

Nós dois olhamos para ele por cima de nossas xícaras de chá, um pouco surpresos.

— Você, então, está falando sério — eu disse. — Você se sente... hã... comprometido com ela?

— Bem, é claro que sim, Sassenach — Jamie disse, estendendo a mão para pegar outra torrada. — Ele deixou o cachorro com ela.

Acordei tarde e preguiçosamente na manhã seguinte, e como Jamie e Ian provavelmente iriam demorar em seus negócios, eu me vesti e fui fazer compras.

Sendo Edimburgo uma cidade de comércio, Jamie pôde converter nosso estoque de ouro — ainda nos restava uma boa quantidade — em dinheiro vivo e créditos bancários, bem como providenciar o depósito em cofre do banco do maço de cartas que havíamos acumulado desde Fort Ticonderoga. Ele havia deixado uma gorda carteira para meu uso pessoal e eu resolvi passar o dia fazendo compras, bem como pegar meus óculos novos.

Foi com eles orgulhosamente plantados no nariz e uma sacola com uma seleção das melhores ervas e remédios disponíveis no boticário Haugh's que retornei para o hotel Howard na hora do chá, com grande apetite.

Meu apetite, no entanto, recebeu um pequeno revés quando o gerente do hotel saiu de seu santuário, com uma expressão ligeiramente contrita, e pediu Para dar uma palavrinha comigo.

— Nós apreciamos a honra da... presença do general Fraser — disse, apologeticamente, conduzindo-me a um vão de escada pequeno e confinado, que levava ao porão. — Um grande homem, e um grande guerreiro, e obviamente estamos Cientes

da natureza heroica das... hã... circunstâncias de sua morte. É só que... bem, eu hesitei em mencionar isso, madame, mas um entregador de carvão mencionou hoje de manhã que havia um... cheiro.

Essa última palavra foi dita tão discretamente que ele quase a sussurrou em meu ouvido enquanto me conduzia da escada para dentro do depósito de carvão do Howard, onde nós providenciamos para que o general pudesse repousar com dignidade até que partíssemos para as Highlands. O próprio cheiro não era tão discreto e eu retirei um lenço do bolso e tampei meu nariz. Havia uma pequena janela no alto da parede, e uma luz turva e suja penetrava no porão. Sob ela, havia uma larga calha, sob a qual se erguia um pequeno monte de carvão.

Bem afastado dali, em solitária dignidade e envolto em lona, repousava o caixão do general, iluminado por um solene fecho de luz da minúscula janela. Uma luz que se refletia de uma pequena poça sob o caixão. O general estava vazando.

— "E via o crânio por debaixo da pele" — citei, amarrando um pano embebido em terebintina ao redor da cabeça, bem embaixo do meu nariz. — "E criaturas sem torso torcidas sobre a terra a sorrir escarninhas sem os lábios. "

— Apropriado — Andy Bell disse, lançando-me um olhar de esguelha. — Palavras suas?

— Não, de um cavalheiro chamado Eliot — eu lhe disse. — Mas, como diz... apropriado.

Considerando-se a agitação do pessoal do hotel, achei melhor tomar providências sem esperar que Jamie e Ian retornassem, e após um momento de reflexão enviei um mensageiro às pressas para perguntar ao sr. Bell se ele gostaria de vir observar algo interessante no aspecto médico.

— A luz está deplorável — Bell disse, ficando na ponta dos pés para espreitar dentro do caixão.

— Solicitei dois lampiões — assegurei-lhe. — E baldes.

— Sim, baldes — ele concordou, pensativo. — Mas o que acha para o que se pode chamar de longo prazo? Serão necessários alguns dias até ele chegar às Highlands, talvez semanas, nesta época do ano.

— Se arrumarmos um pouco as coisas, achei que talvez você conhecesse um ferreiro discreto que pudesse vir e reforçar o forro. — Uma soldadura nas folhas de chumbo do forro havia se soltado, provavelmente devido ao balanço na hora de retirar o caixão do navio, mas parecia um conserto bastante simples, desde que tivéssemos um ferreiro de estômago forte e um nível baixo de superstição com relação a cadáveres.

— Mmhum. — Ele retirara um bloco de desenho e fazia esboços preliminares, apesar da precariedade da luz. Coçou seu nariz de batata com a ponta de seu lápis de prata, pensando. — Poderia fazer isso, sim. Mas há outras maneiras.

— Sim, poderíamos fervê-lo até sobrarem apenas os ossos, claro — eu disse, um pouco asperamente. — Embora não queira nem pensar no que o hotel diria se eu pedisse emprestados seus caldeirões de ferver roupas.

Ele riu, para o indisfarçável horror do criado que aparecera na escada, segurando dois lampiões.

— Ah, não se preocupe, rapaz — Andy Bell lhe disse, pegando os lampiões. — Não tem ninguém aqui além de nós, espíritos necrófilos.

Abriu um sorriso largo ao som do criado subindo os degraus de três em três, mas depois virou e me olhou especulativamente.

— É uma ideia, hein? Eu poderia levá-lo para a minha loja. Tirá-lo de suas mãos, e ninguém ficaria sabendo, tão pesado é o caixão. Quero dizer, provavelmente ninguém vai querer ver o rosto do caro falecido quando você o levar ao lugar para onde vai, não é?

Não fiquei ofendida com a sugestão, mas sacudi a cabeça.

— Deixando de lado a possibilidade de um de nós, ou ambos, ser preso como sequestrador de cadáver, o pobre homem, afinal, é parente do meu marido. E, para começar, ele não queria estar aqui.

— Bem, ninguém quer, não é? — Bell disse, pestanejando. — Mas não há muito o que se possa fazer. O crânio por debaixo da pele, como esse Eliot coloca de forma tão comovente.

— Eu quis dizer Edimburgo, não um caixão — esclareci. Felizmente, minhas compras em Haugh's haviam incluído uma garrafa grande de álcool desnaturado, que eu trouxera para baixo, discretamente embrulhado em um avental rústico que consegui de uma das camareiras. — Ele queria ser enterrado na América.

— É mesmo? — Bell murmurou. — Ideia singular. Ah, bem. Então, posso sugerir duas coisas. Consertar o vazamento e encher o caixão com um galão ou dois de gim barato... bem, é mais barato do que o que você tem aí — ele disse, vendo minha expressão. — Ou... quanto tempo você acha que pode permanecer em Edimburgo?

— Não pretendíamos ficar mais do que uma semana, mas podemos prolongar por mais um ou dois dias — eu disse cautelosamente, desfazendo o fardo de trapos que o gerente havia me dado. — Por quê?

Ele inclinou a cabeça para frente e para trás, contemplando os restos mortais à luz do lampião. Uma palavra apropriada, "restos".

— Larvas — ele disse sucintamente. — Elas podem fazer um belo trabalho, mas levam algum tempo. Ainda assim, se pudermos remover a maior parte da carne... humm. Tem algum tipo de faca aí? — ele perguntou.

Balancei a cabeça, enfiando a mão no bolso. Afinal, Jamie me dera a faca. Porque achara que eu poderia precisar.

— Tem larvas? — perguntei.

Larguei a deformada bala de chumbo em um pires. Ela tilintou e rolou até parar e todos nós olhamos para ela em silêncio.

— Foi isso que o matou — eu disse finalmente. Jamie fez o sinal da cruz e murmurou algo em gaélico. Ian balançou a cabeça com ar circunspecto. — Que Deus o tenha.

Eu não comera muito dos excelentes acompanhamentos do chá; o cheiro de decomposição demorava-se no fundo de minha garganta, apesar da terebintina e do banho que eu tomara de álcool, seguido de um banho verdadeiro na banheira do hotel, com sabão e água tão quente quanto eu pude suportar.

— Então — eu disse, clareando a garganta. — Como estava madame Jeanne?

Jamie ergueu os olhos da bala, o rosto se iluminando.

— Oh, muito bonita — ele disse, rindo. — Ela tinha muito a dizer sobre a situação na França. E um bocado a dizer sobre um certo Percival Beauchamp.

Empertiguei-me um pouco mais.

— Ela o conhece?

— Sim, conhece. Ele comparece ao seu estabelecimento de vez em quando, mas não a negócios. Ou melhor — acrescentou, com um olhar de viés para Ian —, não em função dos negócios dela.

— Contrabando? — perguntei. — Ou espionagem?

— Provavelmente ambos, mas, se for esta última, ela não iria me dizer. No entanto, ele traz muita coisa da França. Estive pensando que talvez eu e Ian pudéssemos ir até lá, enquanto o general faz o que quer que esteja fazendo... quanto tempo o pequeno Andy acha que vai levar para ele ficar apresentável?

— De três ou quatro dias a uma semana, dependendo do quanto as larvas estejam...hum... ativas. — Tanto Ian quanto Jamie estremeceram em reação. — E exatamente o mesmo que acontece embaixo da terra — ressalttei. — Vai acontecer com todos nós, mais cedo ou mais tarde.

— Bem, sim, é — Jamie admitiu, pegando outro pãozinho e cobrindo-o generosamente com creme. — Mas geralmente isso é feito com privacidade, decentemente, de modo que não se tem que pensar nisso.

— O general tem absoluta privacidade — assegurei-lhe, com certo azedume.

— Está coberto Com uma boa camada de farelo. Ninguém verá nada, a não ser que comecem a bisbilhotar.

— Bem, isso é possível, hein? — Ian disse jovialmente, enfiando um dedo na geleia. — Isso aqui é Edimburgo. O lugar tem uma terrível reputação por roubo de cadáveres, por causa de todos os médicos que querem dissecá-los para estudo. Não seria melhor colocar um guarda no general, só para garantir que ele chegue às

Highlands com todas as suas partes? — Enfiou o dedo na boca e ergueu os olhos para mim.

— Bem, na realidade, ele tem um guarda — admiti. Foi Andy Bell quem sugeriu, exatamente por esse motivo. — Não mencionei que o próprio Andy fizera um lance pelo corpo do general, nem que eu dissera ao sr. Bell, com todas as letras, o que lhe aconteceria se o general desaparecesse.

— Você disse que Andy a ajudou com o serviço? — Jamie perguntou com curiosidade.

— Ajudou. Nós nos demos muito bem. Na realidade... — Eu não ia mencionar o assunto de nossa conversa até que Jamie tivesse bebido uma ou duas doses de uísque, mas o momento me pareceu oportuno, de modo que falei francamente. — Eu descrevi a ele várias coisas enquanto trabalhávamos: cirurgias interessantes e ocorrências médicas comuns, esse tipo de coisas.

Ian murmurou algo baixinho a respeito de "farinha do mesmo saco", mas eu o ignorei.

— Ah, é mesmo? — Jamie parecia desconfiado; sabia que algo estava a caminho, mas não sabia o que era.

— Bem — eu disse, respirando fundo —, em resumo, ele sugeriu que eu escrevesse um livro. Um livro de medicina.

As sobrancelhas de Jamie haviam se erguido lentamente, mas fez um sinal com a cabeça para que eu continuasse.

— Uma espécie de manual para pessoas comuns, não para médicos. Com princípios de higiene adequada e nutrição, e orientação para os tipos comuns de doenças, como preparar remédios simples, o que fazer com ferimentos e dentes em mau estado, esse tipo de coisa.

As sobrancelhas ainda estavam levantadas, mas ele continuava a balançar a cabeça, terminando o último bocado do pãozinho. Ele engoliu.

— Sim, bem, parece um bom tipo de livro, e sem dúvida você seria a pessoa certa para escrevê-lo. Por acaso ele "sugeriu" quanto ele achava que custaria imprimir e encadernar tal livro?

— Ah. — Soltei a respiração que andara prendendo. — Ele fará trezentos exemplares, com o máximo de cento e cinquenta páginas, encadernado com entretela e os distribuirá através de sua loja, em troca dos doze anos de aluguel que ele lhe deve por sua prensa.

Os olhos de Jamie se arregalaram e seu rosto ficou vermelho.

— E ele está acrescentando as larvas de graça. E o guarda — acrescentei apressadamente, empurrando o vinho do porto para a sua frente antes que ele pudesse falar. Ele agarrou o copo e esvaziou-o de uma só vez.

— Aquele aproveitador barato! — ele disse, quando conseguiu falar. —

Você não assinou nada, não é? — ele perguntou, ansiosamente. Sacudi a cabeça.

— Mas eu lhe disse que achava que você iria querer barganhar com ele — propus timidamente.

— Oh. — Sua cor começou a voltar aos níveis normais.

— Eu realmente gostaria de fazer isso — eu disse, abaixando os olhos para as mãos, entrelaçada no colo.

— Você nunca disse nada sobre querer escrever um livro antes, tia — Ian disse, curioso.

— Bem, eu não tinha realmente pensado nisso — disse, defensivamente. — E teria sido terrivelmente difícil e caro de fazer enquanto estivéssemos vivendo em Ridge.

Jamie serviu outro copo de porto, que ele bebeu mais devagar, ocasionalmente fazendo uma careta com o gosto enquanto pensava, depois murmurou:

— Caro.

— Você quer mesmo isso, Sassenach? — ele disse finalmente e, diante da minha confirmação, recolocou o copo sobre a mesa com um suspiro.

— Está bem — disse, com resignação. — Mas você vai ter uma edição especial encadernada em couro também, com as margens das páginas douradas. E quinhentos exemplares. Quero dizer, vai querer levar alguns de volta para a América, não vai? — ele acrescentou, ao ver meu olhar de estupefação.

— Oh. Sim. Eu gostaria disso.

— Muito bem, então. — Pegou a sineta e chamou a criada. — Diga à jovem para levar essa bebida horrível e trazer um uísque decente. Vamos brindar ao seu livro. E depois irei falar com o patife sem-vergonha.

Eu tinha um novo caderno de papel de boa qualidade. Eu tinha uma dúzia de resistentes penas de ganso, um canivete de prata com o qual afiá-las e um tinteiro fornecido pelo hotel — um pouco surrado, mas cheio, o gerente me garantira, com a melhor tinta ferrogálica. Jamie e Ian partiram para a França por uma semana, para averiguar várias pistas interessantes que madame Jeanne lhes dera, deixando-me a cargo do general e livre para começar meu livro. Eu tinha todo o tempo e condições necessárias.

Peguei uma folha de papel, imaculada e cor de creme, coloquei-a à minha frente e mergulhei a pena na tinta, a empolgação latejando em meus dedos.

Fechei os olhos em reflexo, depois os abri novamente. Por onde deveria começar?

Comece do começo e continue até chegar ao fim: então, pare. A frase de Alice no País das Maravilhas atravessou minha mente, e eu sorri. Bom conselho, suponho — mas somente se você souber onde fica o começo, e eu não sabia.

Brinquei um pouco com a pena, pensando.

Talvez eu devesse ter um esboço? Fazia sentido — e era um pouco menos assustador do que começar a escrever diretamente. Abaixei a pena e fiquei segurando-a acima do papel por um instante, depois a retomei. Um esboço também tinha que ter um começo, não é?

A tinta começava a secar na ponta. Um pouco irritada, limpei-a e estava prestes a mergulhá-la na tinta outra vez quando a criada bateu discretamente na porta.

— Sra. Fraser? Há um cavalheiro lá embaixo, querendo falar com a senhora — ela disse. Pelo ar de respeito, imaginei que não podia ser Andy Bell. Além do mais, ela teria dito isso, se fosse; todos em Edimburgo conheciam Andy Bell.

— Vou descer — eu disse, me levantando. Talvez meu subconsciente chegasse a algum tipo de conclusão com relação ao começo enquanto eu lidava com esse cavalheiro, quem quer que ele fosse.

Quem quer que ele fosse, era um cavalheiro, percebi imediatamente. Era também Percival Beauchamp.

— Sra. Fraser — ele disse, o rosto se iluminando com um sorriso ao virar-se ao som dos meus passos. — Seu criado, madame.

— Sr. Beauchamp — eu disse, permitindo que tomasse minha mão e a levasse aos lábios. Uma pessoa elegante da época teria sem dúvida dito algo do tipo: "Receio que me encontre em desvantagem, senhor", entre coquete e insolente. Não sendo uma pessoa elegante da época, eu apenas disse:

— O que está fazendo aqui?

O sr. Beauchamp, por outro lado, era extremamente elegante.

— Procurando pela senhora, minha cara — ele respondeu, apertando levemente minha mão antes de soltá-la. Contive uma vontade automática de limpá-la em meu vestido e fiz sinal com a cabeça, indicando duas poltronas próximas à janela.

— Não que eu não fique lisonjeada — eu disse, ajeitando minhas saias. — Mas não é com meu marido que deseja falar? Oh! — eu disse, outro pensamento me ocorrendo. — Ou queria me consultar como médica?

Seus lábios contraíram-se, como se ele achasse graça da ideia, mas sacudiu a cabeça respeitosamente.

— Seu marido está na França, ou assim me disse Jeanne LeGrand. Vim falar com a senhora.

— Por quê?

Ele ergueu as sobrancelhas escuras e lisas diante disso, mas não respondeu imediatamente. Em vez disso, levantou um dedo, em um gesto para o funcionário do hotel, a fim de pedir bebidas. Eu não sabia se ele estava apenas sendo gentil ou precisava de tempo para formular seu discurso, agora que me vira outra vez. De qualquer modo, não parecia ter pressa.

— Tenho uma proposta para seu marido, madame. Eu teria falado com ele — disse, antecipando minha pergunta —, mas ele já havia partido para a França quando eu soube que estava em Edimburgo, e eu mesmo terei que partir antes do retorno dele. Achei melhor falar diretamente com a senhora, em vez de me explicar em uma carta. Há coisas que é melhor não pôr por escrito, sabe — acrescentou, com um sorriso repentino que o tornava muito atraente.

— Está bem — eu disse, acomodando-me. — Fale.

Peguei o copo de conhaque e tomei um gole, depois o ergui e olhei através dele com ar crítico.

— Não, é apenas conhaque — eu disse. — Não é ópio.

— Como? — Ele olhou involuntariamente para dentro de seu próprio copo, Por via das dúvidas, e eu ri.

— Quero dizer — esclareci — que, por melhor que seja, não é tão bom a ponto de me fazer acreditar em uma história como essa.

Ele não se ofendeu, mas inclinou a cabeça para o lado.

— Pode me dizer algum motivo para eu inventar essa história?

— Não, mas isso não significa que não haja uma, não é?

— O que eu lhe contei não é impossível, é?

Considerarei a pergunta por um instante.

— Não tecnicamente impossível — admiti. — Mas sem dúvida implausível.

— Já viu um avestruz? — disse e, sem perguntar, serviu mais conhaque em meu copo.

— Sim. Por quê?

— Deve admitir que avestruzes são francamente implausíveis — ele disse. — Mas obviamente não impossíveis.

— Ponto para você — admiti. — Mas eu realmente penso que Fergus ser o herdeiro perdido da fortuna do conde St. Germain é ligeiramente mais implausível do que um avestruz. Particularmente se considerar a parte sobre a certidão de casamento. Quero dizer... um herdeiro perdido legítimo? É da França que estamos falando, hein?

Ele riu. Seu rosto se ruborizara de conhaque e humor, e pude ver o quanto ele devia ter sido atraente na juventude. Aliás, não tinha uma aparência nada má agora.

— Posso lhe perguntar como ganha a vida? — perguntei, curiosa.

Ele ficou desconcertado e passou a mão pelo queixo antes de responder, mas fitou-me nos olhos.

— Durmo com mulheres ricas — ele disse, e sua voz carregava um traço leve, mas perturbador de amargura.

— Bem, espero que não esteja me encarando à luz de uma oportunidade de negócios. Apesar dos óculos de aros de ouro, eu na verdade não tenho um tostão.

Ele sorriu e disfarçou o sorriso no copo de conhaque.

— Não, mas seria muito mais divertida do que as mulheres que têm.

— Estou lisonjeada — eu disse educadamente. Tomamos o conhaque em silêncio por alguns instantes, ambos pensando como prosseguir dali. Chovia — naturalmente — e o tamborilar da chuva lá fora na rua e o zumbido do fogo ao nosso lado eram extremamente relaxantes. Sentia-me estranhamente à vontade com ele, mas eu não podia passar o dia todo ali, afinal; tinha um livro a escrever. — Muito bem — eu disse. — Por que me contou essa história? Espere. Há duas partes nessa pergunta: primeira, por que contar a mim e não diretamente a Fergus? E segunda, qual o seu interesse pessoal na questão, presumindo-se que seja verdadeira?

— Eu tentei dizer ao sr. Fraser... quero dizer, Fergus Fraser — ele disse devagar. — Ele se recusou a falar comigo.

— Oh! — exclamei, lembrando-me de um fato. — Foi o senhor que tentou raptá-lo, na Carolina do Norte?

— Não, não fui eu — disse prontamente e com toda evidência de sinceridade. — Eu ouvi falar do incidente, mas não sei quem o cometeu. Possivelmente, alguém que ele incomodou com seu trabalho. — Deu de ombros e continuou: — Quanto ao meu interesse pessoal... tem a ver com a razão por eu estar contando isso a seu marido, já que eu só estou contando a você porque seu marido não está disponível.

— E qual seria?

Ele olhou rapidamente ao redor para se certificar de que não estivéssemos sendo ouvidos. Não havia ninguém perto de nós, mas ainda assim ele abaixou a voz.

— Eu... e os interesses que represento na França... queremos que a rebelião na América seja bem-sucedida.

Eu não sei o que esperava, mas não era isso, e fiquei olhando-o, embasbacada.

— Espera que eu acredite que é um patriota americano?

— De modo algum — ele disse. — Não ligo a mínima para política. Sou um homem de negócios. — Olhou-me especulativamente. — Já ouviu falar de uma companhia chamada Hortalez et Cie?

— Não.

— E uma firma de importação e exportação, administrada da Espanha. O que

é na realidade é uma fachada com a finalidade de encaminhar dinheiro para os americanos, sem visivelmente envolver o governo francês. Até agora, já conseguimos repassar muitos milhares através dela, a maior parte para comprar armas e munição. Madame LeGrand mencionou a companhia a seu marido, mas sem lhe dizer do que se tratava. Deixou a meu encargo decidir se deveria revelar a verdadeira natureza da Hortalez para ele.

— O senhor é um agente da inteligência francesa, é isso que está me dizendo? — indaguei, finalmente compreendendo.

Ele fez uma mesura.

— Mas não é francês, eu acho — acrescentei, olhando-o friamente. — O senhor é inglês.

— Era. — Desviou o olhar. — Sou um cidadão francês agora.

Ele silenciou e eu me inclinei um pouco para trás na poltrona, observando-o — e refletindo. Imaginando tanto até que ponto aquilo tudo era verdade quanto, de uma maneira mais distante, se seria possível que ele fosse um ancestral meu. Beauchamp não era um nome incomum e não havia nenhuma grande semelhança física entre nós. Os dedos de suas mãos eram longos e graciosos, como os meus, mas tinham um formato diferente. As orelhas? As dele eram um pouco grandes, embora delicadamente torneadas. Eu realmente não tinha nenhuma ideia de como eram minhas orelhas, mas presumia que, se fossem notoriamente grandes, Jamie teria mencionado isso em algum momento.

— O que o senhor quer? — perguntei serenamente por fim, e ele ergueu os olhos.

— Conte a seu marido o que eu lhe contei, por favor, madame — ele disse, sério dessa vez. — E lhe sugira que não é apenas no interesse de seu filho adotivo perseguir este assunto, mas muito no interesse da América.

— Como assim?

Ele ergueu um dos ombros, esbelto e elegante.

— O conde St. Germain tinha extensas concessões de terras em uma parte da América atualmente ocupada pela Grã-Bretanha. A parte francesa de sua propriedade, atualmente reivindicada por vários pretendentes, é extremamente

valiosa. Se for provado que Fergus Fraser é Claudel Rakoczy, sendo Rakoczy o nome de família, e herdeiro desta fortuna, ele poderia usá-la para ajudar a financiar a revolução. Pelo que eu sei dele e de suas atividades, e a essa altura eu sei o bastante, acho que ele seria receptivo a esses objetivos. Se a revolução for bem-sucedida, aqueles que a apoiaram teriam grande influência sobre qualquer governo que se forme.

— E o senhor poderia parar de dormir com mulheres ricas por dinheiro?

Um sorriso irônico espalhou-se em seu rosto.

— Exatamente. — Levantou-se e fez uma profunda reverência. — Foi um grande prazer falar com a senhora, madame.

Ele já havia quase alcançado a porta quando eu o chamei.

— Monsieur Beauchamp!

— Sim? — Ele virou-se e olhou para trás, um homem esbelto e moreno, cujo rosto era marcado pelo humor... e pela dor, pensei.

— O senhor tem filhos?

Ele pareceu completamente surpreso.

— Eu realmente acho que não.

— Oh — eu disse. — Só estava me perguntando. Tenha um bom dia, senhor.

*SIC TRANSIT GLORIA MUNDI**As Highlands escocesas*

Era uma longa caminhada da casa da fazenda em Balnain. Como era começo de janeiro na Escócia, também estava frio e úmido. Muito úmido. E muito frio. Nenhuma neve — e eu em parte desejava que houvesse, já que podia desencorajar a ideia insana de Hugh Fraser —, mas chovia há dias, daquele modo lúgubre que faz a lareira enfumaçar e até mesmo roupas que não estiveram expostas ao tempo ficarem úmidas, e faz o frio penetrar tão fundo nos ossos que você acha que jamais se sentirá aquecido de novo.

Eu mesma chegara a essa convicção algumas horas atrás, mas a única alternativa a continuar se arrastando penosamente pela chuva e pela lama era se deitar e morrer, e eu não havia chegado a esse extremo. Ainda.

O rangido das rodas parou abruptamente, com aquele barulho chapinhado que indicava que haviam atolado mais uma vez na lama. Baixinho, Jamie disse alguma coisa terrivelmente inadequada a um funeral e Ian abafou uma risada com uma tossida — que se tornou real e continuou roucamente sem parar, parecendo o latido de um cachorro grande e cansado.

Tirei o frasco de uísque de baixo da minha capa — eu não acreditava que algo com aquele teor alcoólico pudesse congelar, mas não queria correr nenhum risco — e entreguei-o a Ian. Ele deu um grande gole, chiou como se tivesse sido atingido por um caminhão, tossiu mais um pouco, em seguida devolveu o frasco, respirando com força, e balançou a cabeça, agradecendo. Seu nariz escorria, vermelho.

Assim como todos os narizes à minha volta. Alguns deles, provavelmente por causa do choro, embora eu suspeitasse de que o tempo ou a gripe fosse responsável pela maioria. Os homens haviam se reunido sem comentários — já tinham prática — ao redor do caixão e, com um esforço coordenado, conseguiram tirá-lo dos sulcos para uma parte mais firme da estrada, esta em grande parte coberta de pedras.

— Quanto tempo você acha que faz desde que Simon Fraser veio para casa pela última vez? — sussurrei para Jamie, quando ele voltou para assumir novamente seu lugar ao meu lado, quase no fim da procissão fúnebre. Ele deu de ombros e limpou o nariz com um lenço encharcado.

— Anos. Ele não teria motivo, não é mesmo?

Eu imaginava que não. Em consequência do velório realizado na noite anterior na casa da fazenda — um lugar um pouco menor do que Lallybroch, mas construído com as mesmas características —, eu agora sabia muito mais sobre a carreira e as façanhas militares de Simon Fraser do que antes, mas o discurso fúnebre não incluía um cronograma. Mas, se ele tivesse lutado em todos os lugares que disseram que tinha, dificilmente teria tido tempo de trocar as meias entre uma campanha e outra, quanto mais voltar à sua casa na Escócia. E a propriedade não lhe pertencia, afinal; ele era o segundo mais novo de nove filhos. Sua mulher, a minúscula bainisq caminhando penosamente na frente da procissão no braço de seu cunhado Hugh, não tinha uma casa própria, pelo que compreendi, e vivia com a família de Hugh, não tendo nenhum filho vivo — ou por perto, ao menos — para cuidar dela.

Eu realmente me perguntei se ela teria ficado satisfeita que o tivéssemos trazido para casa. Não teria sido melhor que ele simplesmente tivesse morrido no estrangeiro, cumprindo seu dever, com honras, do que se ver diante dos detritos desalentadoramente melancólicos de seu marido, por mais profissionalmente embalados que estivessem?

Mas ela parecera, se não feliz, ao menos um pouco gratificada por ser o centro de tanta azáfama. Seu rosto enrugado ficara corado e pareceu se abrir um pouco durante as festividades da noite, e agora ela caminhava sem nenhum sinal de esmorecimento, tenazmente prosseguindo pelos sulcos lamacentos deixados pelo caixão de seu marido.

Era culpa de Hugh. O irmão bem mais velho de Simon e dono de Balnain era um velhinho mirrado e esturricado, pouco mais alto do que sua cunhada viúva, e com ideias românticas. Foi decisão sua que, em vez de depositar Simon decentemente no cemitério da família, o mais nobre guerreiro da família deveria ser enterrado em um lugar mais adequado à sua honra e à reverência que lhe era devida.

Bainisq, pronunciado "ban-iishg", significava uma velhinha; um velhinho seria apenas "iishg"? perguntei-me, olhando para as costas de Hugh. Achei melhor só perguntar quando estivéssemos de volta à casa — presumindo-se que conseguíssemos chegar lá ao cair da noite.

Finalmente, Corrimony surgiu no horizonte. Segundo Jamie, o nome significava "um vão na charneca", e era. Dentro da cavidade em forma de xícara, no capim e no urzal, erguia-se uma cúpula baixa; conforme nos aproximávamos, vi que

era feita de milhares e milhares de pequenas pedras do rio, a maioria do tamanho de um punho fechado, outras do tamanho de uma cabeça. E ao redor desse monumento de pedras cinza-escuro, liso e brilhante da chuva, havia um círculo de pedras verticais.

Agarrei o braço de Jamie automaticamente. Ele olhou para mim com surpresa, depois percebeu o que chamava minha atenção e franziu o cenho.

— Está ouvindo alguma coisa, Sassenach? — murmurou.

— Somente o vento. — Este andara gemendo durante toda a procissão fúnebre, praticamente abafando a voz do velho que cantava uma nênia à frente do caixão, mas quando saímos para a charneca aberta ele ganhou força e se elevou em vários tons, fazendo capas, casacos e saias baterem como asas de corvos.

Mantive um olhar vigilante nas pedras, mas não pressenti nada quando paramos diante do marco de pedras. Era um túmulo megalítico, uma tumba de corredor, do tipo geral que chamavam de clava; eu não fazia a menor ideia do que isso significava, mas tio Lamb tinha fotografias de muitos sítios arqueológicos como este. A passagem, ou corredor, destinava-se a orientar com algum objeto astronômico de alguma data significativa. Ergui os olhos para o céu gotejante, plúmbeo, e concluí que este não era o dia, de qualquer forma.

— Nós não sabemos quem foi enterrado lá — Hugh nos explicara no dia anterior. — Mas obviamente algum grande líder. Tem que ter sido, o grande problema é construir um monumento mortuário como esse!

— Sim, sem dúvida. — Jamie dissera, acrescentando delicadamente: — O grande líder: ele não está mais enterrado lá?

— Oh, não — Hugh nos assegurou. — A terra o tragou, há muito tempo. Não há mais do que uma pequena mancha de seus ossos lá agora. E também não precisa se preocupar de haver alguma maldição sobre o lugar.

— Oh, ótimo — murmurei, mas ele não prestou atenção.

— Algum intrometido abriu o túmulo há uns cem anos ou mais, de modo que, se havia uma maldição, certamente se foi com ele.

Isso era reconfortante e de fato nenhuma das pessoas agora em volta do túmulo parecia desconcertada ou preocupada com sua proximidade. Embora pudesse ser apenas o fato de que viviam fazia tanto tempo próximos a ele que se tornara não mais do que parte da paisagem.

Houve uma pequena discussão prática, os homens olhando para o túmulo de pedras e sacudindo a cabeça em dúvida, gesticulando por sua vez para a passagem aberta que levava à câmara mortuária, depois na direção do topo do monumento, de onde as pedras ou haviam sido removidas ou haviam simplesmente caído para dentro e retiradas embaixo. As mulheres gravitavam umas perto das outras, aguardando. Nós havíamos chegado zonzos de cansaço no dia anterior e, apesar de ter sido

apresentada a todas elas, tinha dificuldade em relacionar o nome certo à pessoa certa. Na verdade, todos os rostos pareciam semelhantes — finos, desgastados e pálidos, com uma aparência de exaustão crônica, um cansaço muito mais profundo do que velar um morto podia explicar.

Lembrei-me repentinamente do funeral da sra. Bug. Improvisado e apressado — e no entanto realizado com dignidade e tristeza sincera por parte dos pranteadores. Eu achava que estas pessoas mal haviam conhecido Simon Fraser.

Teria sido muito melhor considerar seu próprio último pedido como declarado e deixado seu corpo no campo de batalha com seus companheiros mortos, pensei. Mas quem quer que tenha dito que os funerais são para os vivos tinha razão.

A sensação de fracasso e inutilidade que se seguiu à derrota em Saratoga deixou seus próprios oficiais determinados a realizar alguma coisa, fazer um gesto apropriado para um homem que tinham amado e um guerreiro que admiravam. Talvez tivessem desejado enviá-lo para casa por causa de seu próprio desejo de ir para suas casas também.

A mesma sensação de fracasso — acrescida de um veio mortal de romantismo — sem dúvida fizera o general Burgoyne insistir no gesto; ele provavelmente achava que sua própria honra exigia o gesto. E depois Hugh Fraser, reduzido a uma existência de mera sobrevivência no rastro de Culloden e arrostado com a inesperada volta para casa de seu irmão mais novo, incapaz de fazer um grande funeral, mas ele próprio profundamente romântico... e, por fim, esta estranha procissão, levando Simon Fraser para uma casa que não era mais sua e uma mulher que era uma estranha para ele.

E sua casa não mais o reconhecerá. A frase me veio à mente quando os homens tomaram uma decisão e começaram a tirar o caixão de cima das rodas. Eu havia me aproximado, juntamente com as outras mulheres. E vi que agora estava a cerca de dois passos de uma das pedras verticais que cercavam o túmulo de Pedras. Eram menores do que os monólitos de Craigh na Dun — não mais do que setenta a noventa centímetros. Movida por um súbito impulso, estendi o braço e toquei-a.

Eu não esperava que nada acontecesse e por sorte realmente nada aconteceu. Apesar de que, se eu tivesse repentinamente desaparecido no meio do funeral, isso sem dúvida teria animado substancialmente o evento.

Nenhum zumbido, nenhum grito, absolutamente nenhuma sensação. Era apenas uma pedra. Afinal, pensei, não havia nenhuma razão para se supor que todas as pedras verticais fossem portais do tempo. Aparentemente, os construtores antigos usavam pedras para marcar qualquer lugar significativo — e sem dúvida um marco de pedras como este devia ser importante. Perguntei-me que espécie de homem — ou mulher, talvez? — havia jazido ali, deixando não mais do que um eco de seus ossos, tão mais frágil do que as rochas duradouras que os abrigavam.

O caixão foi colocado no chão — com muitos grunhidos e resfolegadas — e empurrado pela passagem para dentro da câmara mortuária no centro da tumba. Havia uma grande e plana laje de pedra, encostada nas pedras do monumento, com estranhas incisões cônicas, aparentemente feitas pelos construtores originais. Quatro dos homens mais fortes seguraram a laje e a manobraram devagar para o alto do monte de pedras, vedando o buraco acima da câmara.

Ela caiu com uma pancada surda que lançou algumas pedras pequenas para baixo, pelos lados do monumento. Os homens desceram, então, e todos nós ficamos parados, constrangidamente, ao redor do túmulo de pedras, nos perguntando o que fazer em seguida.

Não havia nenhum sacerdote ali. A missa fúnebre por Simon fora realizada antes, em uma pequena e desguarnecida igreja de pedras, antes da procissão para aquele enterro inteiramente pagão. Evidentemente, as pesquisas de Hugh não haviam descoberto nada com relação aos ritos para tal ocasião.

Exatamente quando parecia que seríamos obrigados simplesmente a dar meia-volta e nos arrastar pela lama de volta à casa da fazenda, Ian tossiu explosivamente e deu um passo à frente.

A procissão fúnebre tinha um aspecto geral extremamente monótono e insípido, sem nenhum dos tartãs vivamente coloridos que enfeitaram as cerimônias das Highlands no passado. Até a aparência de Jamie era apagada, enrolado na capa e com os cabelos cobertos com um chapéu preto de abas arriadas. A única exceção à sobriedade geral era Ian.

Ele provocara olhares admirados quando descera do quarto naquela manhã, e não haviam mais deixado de fixar os olhos nele. E com toda a razão. Ele raspara a maior parte da cabeça e untara a tira de cabelos que restara, fazendo uma crista rígida pelo meio da cabeça, à qual pendurara um enfeite de penas de peru com uma moeda de prata perfurada. Ele estava usando uma capa, mas por baixo vestira sua surrada camisa de camurça, com o amuleto de contas azuis e brancas que sua mulher, Emily, fizera para ele.

Jamie olhou-o de cima a baixo devagar quando ele apareceu e balançou a cabeça, um dos cantos de sua boca torcendo-se para cima.

— Não vai fazer diferença, hein? — dissera calmamente a Ian quando nos dirigíamos à porta. — Para eles, você continuará sendo quem você é.

— É mesmo? — Ian dissera, mas em seguida saiu para o aguaceiro sem esperar resposta.

Jamie certamente tinha razão; os ornamentos indígenas eram um figurino de ensaio, em preparação para sua chegada a Lallybroch, pois iríamos para lá diretamente dali, assim que tivéssemos acabado de resolver decentemente a questão da entrega do corpo de Simon e o uísque de despedida tivesse si bebido.

Entretanto, teve sua utilidade agora. Ian retirou sua capa devagar e entregou-a a Jamie, depois caminhou para a entrada da passagem e virou-se de frente para os espectadores — que observavam essa aparição com os olhos esbugalhados. Ele abriu as mãos, as palmas para cima, fechou os olhos, virou a cabeça para trás de modo que a chuva escorresse pelo seu rosto e começou a entoar alguma coisa em mohawk. Ele não era um bom cantor e sua voz estava tão rouca do frio que muitas palavras ficavam entrecortadas ou desapareciam, mas captei o nome de Simon no começo. A canção da morte do general. Não durou muito tempo, mas quando deixou cair as mãos a congregação emitiu um profundo suspiro coletivo.

Ian afastou-se, sem olhar para trás, e sem dizer nenhuma palavra os acompanhantes do enterro o seguiram. Estava terminado.

*VENTO FÚNEBRE*

O tempo continuou horrível, com nevascas intermitentes agora acrescidas à chuva, e Hugh insistiu para que ficássemos, ao menos mais alguns dias, até o céu clarear.

— Pode ficar assim até o dia do Arcanjo Miguel antes que isso aconteça — Jamie lhe disse, sorrindo. — Não, primo, temos que partir.

E assim partimos, enrolados em todas as roupas que possuíamos. Levamos mais de dois dias para chegar a Lallybroch e fomos obrigados a pernoitar em uma fazendola abandonada, colocando os cavalos ao nosso lado no curral das vacas. Não havia nenhuma mobília ou turfa para a lareira e metade do telhado já desaparecera, mas as paredes de pedra quebravam o vento.

— Sinto falta do meu cachorro — Ian resmungou, encolhendo-se sob a capa e puxando um cobertor sobre a cabeça repleta de pontinhos vermelhos arrepiados.

— Ele sentaria em sua cabeça? — Jamie perguntou, segurando-se em mim com mais força quando uma rajada de vento passou uivando pelo nosso abrigo, ameaçando arrancar o resto da estropiada cobertura de sapê acima de nossas cabeças. — Antes de raspar a cabeça, você devia ter se lembrado de que estamos em janeiro, antes de raspar a cabeça.

— Tudo bem pra você — Ian retrucou, espreitando funestamente de baixo do cobertor. — Você tem tia Claire para mantê-lo quente.

— Bem, você vai arranjar uma mulher para você um dia desses. Rollo vai com vocês dois quando você se casar? — Jamie perguntou.

— Mmmmhum — Ian resmungou, puxando o cobertor por cima do rosto, tremendo.

Tremi, também, apesar do calor de Jamie, de nossas duas capas, três anáguas de lã e dois pares de meias. Eu já estivera em muitos lugares frios em minha vida, mas há algo de extraordinariamente penetrante no frio na Escócia. No entanto, apesar do meu anseio por uma lareira acolhedora e o inesquecível aconchego de Lallybroch, eu estava quase tão ansiosa com nossa iminente volta para casa quanto Ian — e

quanto mais nos embrenhávamos nas Highlands mais Ian se comportava como um gato pisando em tijolos quentes. Agora, ele se contorcia e resmungava consigo mesmo, remexendo-se sob seus cobertores nos confins escuros de nosso abrigo.

Eu me perguntara, quando aportamos em Edimburgo, se devíamos mandar anunciar nossa chegada a Lallybroch. No entanto, quando sugeri isso, Jamie riu.

— Você acha que existe a menor chance de chegarmos a vinte quilômetros do lugar sem que todos já saibam? Não tenha medo, Sassenach — ele me assegurou. — No instante em que pusermos o pé nas Highlands, todo mundo, do Loch Lemond a Inverness, saberá que Jamie Fraser está voltando para casa com sua bruxa inglesa, e ainda por cima com um pele-vermelha também.

— Bruxa inglesa? — eu disse, sem saber se devia achar graça ou ficar ofendida. — Eles me chamavam assim? Quando estávamos em Lallybroch?

— Geralmente na sua presença, Sassenach — ele disse, secamente. —, mas na época você não sabia gaélico suficiente para entender. Não fazem isso por mal, a nighean — ele acrescentou mais amavelmente. — É que os escoceses das Highlands dão o nome de acordo com o que estão vendo.

— Humm — eu disse, um pouco desconcertada.

— E não estarão errados, não é? — ele acrescentou, rindo.

— Está querendo dizer que eu pareço uma bruxa?

— Bem, não tanto neste momento — ele disse, fechando um dos olhos judiciosamente. — Mas logo de manhã, talvez... sim, essa é uma perspectiva mais assustadora.

Eu não tinha um espelho, não tendo pensado em comprar um em Edimburgo. Mas eu ainda tinha um pente e, aconchegando-me agora com a cabeça embaixo do queixo de Jamie, decidi parar perto de Lallybroch e usá-lo cuidadosamente, com ou sem chuva. Não, pensei, que fosse fazer muita diferença se eu chegasse parecendo a rainha da Inglaterra ou um dente de leão murcho. O importante era a volta de Ian.

Por outro lado... eu não sabia ao certo qual seria a minha própria recepção. Havia assuntos não terminados, para dizer o mínimo, entre mim e Jenny Murray.

Nós tínhamos sido boas amigas em certa época. Esperava que pudéssemos ser outra vez. Mas ela fora a principal arquiteta do casamento de Jamie com Laoghaire Mackenzie. Pelo melhor dos motivos, sem dúvida; ela se preocupara com ele, com a solidão e a ausência de raízes em sua volta do cativeiro na Inglaterra. E, com toda a justiça, ela me considerava morta.

O que ela teria pensado, eu me perguntava, quando eu reapareci de repente? Que eu abandonei Jamie antes de Culloden e depois me arrependi? Não houve tempo para explicações e reaproximações — e houve aquele momento embaraçoso quando Laoghaire, convocada por Jenny, apareceu em Lallybroch, acompanhada das filhas, pegando a mim e a Jamie de surpresa.

Uma bolha de riso subiu em meu peito à lembrança daquele encontro, embora eu certamente não tenha achado graça na ocasião. Bem, talvez houvesse tempo de conversar agora, depois que Jenny e Ian tivessem se recuperado do choque da volta ao lar de seu filho mais novo.

Percebi, pelas sutis mudanças de posição atrás de mim, que enquanto os cavalos respiravam pesada e pacificamente em seu curral e Ian houvesse finalmente se acalmado em roncos ruidosos eu não era a única ainda acordada, pensando no que estaria à nossa espera.

— Você também não está dormindo, não é? — sussurrei para Jamie.

— Não — ele disse baixinho, mudando de posição outra vez, puxando-me para mais junto de si. — Estava pensando na última vez em que voltei para casa. Tinha tanto medo... e uma pequena esperança. Imagino que seja assim agora para o garoto.

— E para você agora? — perguntei, fechando minhas próprias mãos sobre o braço que me envolvia, sentindo os ossos sólidos, elegantes, do pulso e do antebraço, delicadamente tocando em sua mão direita mutilada. Ele suspirou profundamente.

— Não sei, mas vai dar tudo certo. Desta vez, você está comigo.

O vento perdeu força em algum momento durante a noite, e o dia, por algum milagre, amanheceu límpido e luminoso. Ainda frio como o traseiro de um urso polar, mas sem chuva. Considerei aquilo um bom presságio.

Ninguém falou quando deixamos o último desfiladeiro alto que levava a Lallybroch e vimos a casa lá embaixo. Senti um relaxamento no peito e só então percebi por quanto tempo andara prendendo a respiração.

— Não mudou nada, não é mesmo? — eu disse, o hálito branco no ar frio.

— O pombal tem um teto novo — Ian disse. — E o cercado de ovelhas da mamãe está maior. — Ele estava fazendo o melhor possível para parecer descontraído, mas a ansiedade em sua voz era indisfarçável. Ele cutucou seu cavalo e Parou um pouco à nossa frente, as penas de peru em seus cabelos erguendo-se na brisa.

Era início da tarde e o lugar estava calmo; as tarefas matinais tinham sido feitas, a ordenha da noite e a preparação do jantar ainda não tinham sido iniciadas. Não havia ninguém do lado de fora, a não ser algumas vacas das Highlands, grandes e Peludas, ruminando feno no pasto próximo, mas havia fumaça nas chaminés.

A casa grande e caiada tinha sua costumeira aparência hospitaleira e sólida.

Será que Bri e Roger algum dia voltariam ali?, perguntei-me repentinamente. Ela mencionara isso, quando a ideia de partirem se tornou um fato e eles começaram a planejar.

— Está vazia — ela dissera, os olhos fixos na camisa ao estilo do século XX

que estava fazendo. — A venda. Ou estava, quando Roger foi lá há alguns anos... — Ela erguera os olhos com um sorriso melancólico; não era realmente possível discutir o tempo de nenhuma maneira habitual. — Gostaria que as crianças crescessem lá, talvez. Mas teremos que ver como... as coisas vão funcionar.

Ela, então, olhara para Mandy, dormindo no berço, ligeiramente azulada ao redor dos lábios.

— Vai dar certo — eu dissera com firmeza. — Vai dar tudo certo.

Meu Deus, rezei agora silenciosamente, que eles estejam sãos e salvos!

Ian descera de seu cavalo e esperava impacientemente por nós. Quando desmontamos, ele dirigiu-se à porta, mas nossa chegada fora percebida e ela abriu-se de par em par antes que ele pudesse tocá-la.

Jenny estancou, paralisada, no vão da porta. Pestanejou uma vez e sua cabeça inclinou-se devagar para trás conforme seus olhos percorriam para cima o longo corpo vestido em camurça, com seus músculos bem delineados e pequenas cicatrizes, até a cabeça com a crista de cabelos em pé, enfeitada de penas, e seu rosto tatuado, tão cuidadosamente sem expressão — a não ser pelos olhos, cuja esperança e temor ele não conseguia esconder, mohawk ou não.

A boca de Jenny torceu-se. Uma... duas vezes... em seguida sua expressão se desfez e ela começou a emitir pequenos e histéricos gritinhos de surpresa que se transformaram em uma risada indisfarçável.

Ela engoliu, engasgou e riu com tanta força que cambaleou para trás, para dentro de casa, e teve que se sentar no banco do vestibulo, onde se dobrou ao meio, com os braços apertando o estômago, e riu até o som se esgotar e sua respiração vir em arfadas chiadas e fracas.

— Ian — ela disse finalmente, sacudindo a cabeça. — Oh, meu Deus, Ian. Meu garotinho.

Ian parecia completamente desconcertado. Olhou para Jamie, que deu de ombros, a própria boca torcendo-se nos cantos, depois de novo para sua mãe.

Ela procurou recuperar o fôlego, o peito arfando, depois se levantou, dirigiu-se a ele e envolveu-o em seus braços, o rosto banhado em lágrimas pressionado contra o lado do corpo do filho. Devagar, cuidadosamente, os braços de Ian rodearam-na e ele ficou abraçando-a como algo frágil, de imenso valor.

— Ian — ela disse outra vez, e eu vi seus ombros pequenos e empertigados baixarem repentinamente.

Ela era menor do que eu me lembrava, e estava mais magra, os cabelos mais brancos, embora ainda escuros e lustrosos — mas os olhos de gato azul-escuros continuavam exatamente iguais, assim como o ar natural de comando que ela compartilhava com seu irmão.

— Deixem os cavalos — ela disse energicamente, enxugando os olhos na

ponta do avental. — Mandarei um dos rapazes cuidar deles. Devem estar congelados e morrendo de fome. Peguem suas coisas e venham para a sala. — Ela olhou para mim, com um breve olhar de curiosidade e algo mais que eu não consegui interpretar — mas não me fitou diretamente nos olhos, nem disse mais do que "Venham", enquanto liderava o caminho para a sala de estar.

A casa tinha um cheiro familiar, porém estranho, impregnado de fumaça de turfa e do cheiro de comida; alguém acabara de assar pão e o aroma flutuava pelo corredor, vindo da cozinha. O próprio corredor estava quase tão frio quanto lá fora; todos os aposentos tinham as portas bem fechadas para guardar o calor de suas lareiras, e uma onda de calor aconchegante girou como um redemoinho quando ela abriu a porta da sala, virando-se para puxar Ian para dentro primeiro.

— Ian — ela disse, em um tom de voz que eu nunca a ouvira usar antes. — Ian, eles chegaram, seu filho voltou para casa.

Ian, o pai, estava sentado em uma grande poltrona junto à lareira, um cobertor grosso sobre as pernas. Ele pôs-se de pé imediatamente, com dificuldade, um pouco instável sobre a perna de pau que ele usava desde que perdera a perna na guerra, e deu alguns passos em nossa direção.

— Ian — Jamie disse, a voz baixa com o choque. — Santo Deus, Ian.

— Oh, sim — Ian disse, a própria voz amarga. — Não se preocupe; ainda sou eu mesmo.

Tísica, era como chamavam. Ou como os médicos chamavam. Significava "definhamento", do grego. Os leigos chamavam de "consumpção". A doença consumia suas vítimas, as devorava vivas. Uma doença devastadora. Assolava a carne e debilitava a vida, como um canibal.

Eu vira a tuberculose muitas vezes na Inglaterra dos anos 1930 e 1940, muito mais aqui no passado. Mas eu nunca a vira trincar a carne viva dos ossos de alguém que eu amava, e meu coração se desfez no meu peito.

Ian sempre fora magro como um cordel de chicote, mesmo em tempos de fartura. Rijo e vigoroso, os ossos sempre na superfície da pele, assim como o Jovem Ian. Agora...

— Posso tossir, mas não vou partir ao meio — ele assegurou a Jamie e, dando um passo à frente, colocou os braços ao redor do pescoço de Jamie, que o abraçou muito delicadamente, a cautela do abraço tornando-se mais firme enquanto descobria que Ian não iria se quebrar, e fechou os olhos para conter as lágrimas. Seus braços enrijeceram-se, tentando salvar Ian do abismo que evidentemente se abria aos seus pés.

Posso contar todos os meus ossos. A citação bíblica veio à minha mente espontaneamente. Eu literalmente podia—, o tecido de sua camisa caía sobre costelas tão visíveis que eu podia ver as articulações onde cada uma se unia aos nós

protuberantes de sua coluna vertebral.

— Quanto tempo? — falei de repente, voltando-me para Jenny, que observava os homens, os próprios olhos rasos de lágrimas. — Há quanto tempo ele está assim?

Ela pestanejou uma vez e engoliu em seco.

— Há anos — ela disse, com bastante firmeza. — Ele voltou do Tolbooth em Edimburgo com uma tosse, e nunca mais ficou bom. Mas piorou no último ano.

Balancei a cabeça. Um caso crônico, portanto; era alguma coisa. A forma aguda — "tuberculose galopante", como a chamavam — o teria levado em questão de meses.

Ela me devolveu a pergunta que eu lhe fizera, mas com um significado diferente.

— Quanto tempo? — ela disse, tão baixinho que quase não a ouvi.

— Não sei — eu disse, da mesma forma. — Mas... não muito tempo.

Ela balançou a cabeça; já sabia disso.

— Ainda bem que vocês chegaram a tempo, então — ela disse, pragmaticamente.

Os olhos do Jovem Ian estavam fixos em seu pai desde o momento em que ele entrou na sala. O choque era evidente em seu rosto, mas ele mantinha o autocontrole.

— Papai — ele disse, e sua voz era tão rouca que a palavra emergiu como um grasnido engasgado. Limpou a garganta energicamente, adiantou-se e repetiu: — Papai.

O Ian mais velho olhou para seu filho e seu rosto se iluminou com uma alegria tão profunda que eclipsou as marcas da doença e do sofrimento.

— Oh, Ian — ele disse, estendendo os braços. — Meu garotinho!

Eram as Highlands. E eram Ian e Jenny. O que significava que as questões que podiam ser evitadas por constrangimento ou delicadeza eram, em vez disso, tratadas com toda franqueza.

— Posso morrer amanhã ou somente daqui a um ano — Ian disse abertamente, durante o chá com pão e geleia, apressadamente saídos da cozinha como num passe de mágica para sustentar os viajantes exaustos até que o jantar ficasse pronto. — Eu mesmo estou apostando em três meses. Cinco a dois, se alguém quiser arriscar uma aposta. Embora eu não saiba como vou resgatar meus ganhos. — Riu, o Ian de outrora surgindo repentinamente através da máscara mortuária.

Houve um murmúrio entre os adultos que não se traduziu realmente em risos. Havia muita gente amontoadada na sala de estar, pois a notícia que fizera aparecer pão e geleia também fizera com que muitos moradores de Lallybroch transbordassem de

seus aposentos e recessos, trovejando escada abaixo na ansiedade de saudar e reclamar seu filho pródigo. O Jovem Ian quase foi derrubado e pisoteado pelo carinho de sua família, e isso, logo depois do choque de ver seu pai, o deixara mudo, embora não parasse de sorrir, totalmente indefeso diante de mil perguntas e exclamações.

Jenny finalmente o resgatara do turbilhão, pegando-o pela mão e empurrando-o com firmeza para dentro da sala de estar com o pai, em seguida saindo outra vez para acalmar a algazarra com um olhar fulminante e uma palavra decisiva, antes de conduzir o resto para dentro da sala de uma maneira ordenada.

O Jovem Jamie — o filho mais velho de Ian e Jenny — agora vivia em Lallybroch com sua mulher e filhos, assim como sua irmã, Maggie, e seus dois filhos, seu marido sendo um soldado. O Jovem Jamie estava fora, na propriedade, mas as mulheres vieram se sentar em minha companhia. Todas as crianças aglomeravam-se ao redor do Jovem Ian, olhando-o com espanto e fazendo tantas perguntas que elas se empurravam e colidiam, discutindo sobre quem perguntara o que e quem deveria receber uma resposta primeiro.

As crianças não haviam prestado nenhuma atenção ao comentário de Ian. Eles já sabiam que o avô estava morrendo e o fato não era de nenhum interesse em comparação com a presença fascinante de seu novo tio. Uma garotinha com tranças curtas sentava-se no colo do Jovem Ian, traçando as linhas de suas tatuagens com os dedos, de vez em quando enfiando um deles inadvertidamente em sua boca, enquanto ele sorria e dava respostas hesitantes a seus curiosos sobrinhos e sobrinhas.

— Você podia ter escrito — Jamie disse a Jenny, com um tom de reprovação na voz.

— Eu escrevi — ela disse, com seu próprio tom cortante na voz. — Há um ano, quando ele começou a ficar descarnado e nós soubemos que era mais do que uma tosse. Eu lhe pedia para enviar o Jovem Ian, se possível.

— Ah — Jamie disse, embaraçado. — Provavelmente já havíamos deixado Ridge quando a carta chegou. Mas eu lhe escrevi no final de abril, dizendo que estávamos a caminho. Enviei a carta de New Berna.

— Se o fez, eu nunca recebi. Não é de admirar, com o bloqueio; não recebemos mais do que a metade do que costumávamos receber da América. E, se você partiu em março passado, foi uma longa viagem, não?

— Sim, um pouco mais longa do que eu esperava — Jamie disse secamente. — Muita coisa aconteceu ao longo do caminho.

— Entendo. — Sem a menor hesitação, ela pegou sua mão direita e examinou a cicatriz e os dedos unidos com interesse. Olhou para mim, uma das sobranceiras erguidas, e eu confirmei com um sinal da cabeça.

— Ele... foi ferido em Saratoga — eu disse, sentindo-me estranhamente na defensiva. — Eu tive que operar.

— Um bom trabalho — ela disse, delicadamente flexionando os dedos. — Dói muito, Jamie?

— Dói no frio. Mas fora isso não me incomoda.

— Uísque! — ela exclamou, empertigando-se de repente. — Aqui está você, enregelado até os ossos, e eu não pensei em... Robbie! Vá correndo buscar a garrafa de uísque especial da prateleira acima das panelas. — Um garoto desengonçado que andara pairando na borda do agrupamento ao redor do Jovem Ian lançou um olhar relutante a sua avó, mas depois, percebendo a intensidade da expressão dela, saiu correndo da sala para atender sua ordem.

O aposento estava mais do que aquecido; com um fogo de turfa queimando na lareira e tanta gente rindo, conversando e exsudando calor corporal, estava mais parecido com os trópicos. Mas havia um frio profundo ao redor do meu coração sempre que eu olhava para Ian.

Ele recostava-se em sua cadeira agora, sempre sorrindo. Mas a exaustão era evidente na forma como seus ombros ossudos estavam arriados, na queda das pálpebras, no esforço evidente para continuar sorrindo.

Desviei os olhos e vi Jenny olhando para mim. Ela desviou os olhos no mesmo instante, mas eu vi especulação em seus olhos, e dúvida. Sim, teríamos que conversar.

Dormiram confortavelmente naquela primeira noite, cansados ao ponto do colapso, juntos e envolvidos por Lallybroch. Mas Jamie ouviu o vento quase ao acordar. Ele voltara durante a noite, um lamento frio ao redor dos beirais da casa.

Ele sentou-se na cama no escuro, as mãos entrelaçadas ao redor dos joelhos, ouvindo. A tempestade de neve estava a caminho; podia ouvir a neve no vento.

Claire dormia ao seu lado, um pouco encolhida, os cabelos uma mancha escura sobre o travesseiro branco. Ouviu sua respiração, agradecendo a Deus pelo som, sentindo-se culpado ao seu fluxo suave, imperturbado. Ele ouvira a tosse de Ian a noite inteira e fora dormir com o som daquela respiração difícil em sua mente, se não em seus ouvidos.

Conseguira, por força de pura exaustão, afastar da mente a questão da doença de Ian, mas ela estava lá ao acordar, pesada como uma pedra em seu peito.

Claire remexeu-se em seu sono, virando-se parcialmente de costas, e o desejo por ela avolumou-se nele como água. Hesitou, padecendo por Ian, sentindo-se culpado pelo que Ian já perdera e ele ainda tinha, relutante em acordá-la.

— Sinto-me talvez como você se sentiu — sussurrou para ela, baixo demais para acordá-la. — Quando você atravessou as pedras. Como se o mundo ainda estivesse lá, mas não o mundo que você conhecia.

Podia jurar que ela não tinha acordado, mas sua mão saiu do meio das cobertas, tateando, e ele a tomou na sua. Ela suspirou, um suspiro longo e pesado de sono, e puxou-o para baixo, ao seu lado. Tomou-o em seus braços e embalou-o, aquecido em seus seios macios.

— Você é o mundo que eu tenho — ela murmurou, e então sua respiração mudou, e ela o levou com ela para a segurança.

*MEMORARAE*

Estavam tomando o café da manhã na cozinha, só os dois Ians, pois seu pai acordara tossindo antes do amanhecer e depois adormecera tão profundamente que sua mãe não quis acordá-lo, e ele próprio estivera caçando nas colinas com seu irmão e sobrinhos a noite toda. Na volta, haviam parado na casa de Kitty e o Jovem Ian declarou que iriam parar ali para comer e dormir um pouco, mas Ian ficara aflito, querendo voltar para casa, embora não soubesse dizer por quê.

Talvez por causa disso, ele pensou, observando seu pai sacudir sal sobre o mingau da mesma maneira que o vira fazer durante quinze anos, antes de deixar a Escócia. Nunca voltara a pensar nisso, durante todo o tempo em que esteve longe, mas agora que via a mesma cena outra vez era como se nunca tivesse ido embora, como se tivesse passado cada manhã de sua vida ali naquela mesa, observando seu pai comer mingau.

Foi possuído por um tal desejo de memorizar o momento, ver e sentir cada detalhe, desde a madeira lisa e lustrosa pelo uso sob seus cotovelos até o granito manchado da bancada e o modo como a luz incidia através das cortinas surradas na janela, iluminando o volume de músculo no canto do maxilar de seu pai conforme ele mastigava um pedaço de linguiça.

O Ian mais velho ergueu os olhos subitamente, como se pressentisse os olhos do filho fixos nele.

— Devemos sair para a charneca? — ele disse. — Tenho vontade de ver se os cervos vermelhos já estão dando cria.

Ficou surpreso com a resistência de seu pai. Caminharam por vários quilômetros, conversando sobre nada — e sobre tudo. Ele sabia que era para que pudessem se sentir à vontade um com o outro novamente e dizer as coisas que tinham que ser ditas — mas ele temia a conversa.

Pararam finalmente no alto de uma extensão elevada da charneca, de onde podiam ver o desdobramento das belas montanhas ondeadas e alguns pequenos lagos, brilhando como peixe sob um sol alto e pálido. Encontraram uma fonte de

santo, um pequeno lago com uma antiga cruz de pedra, e beberam a água, fazendo a prece de respeito pelo santo; em seguida, sentaram-se para descansar um pouco adiante.

— Foi num lugar assim que eu morri pela primeira vez — seu pai disse descontraidamente, passando a mão molhada pelo rosto suado. Parecia rosado e saudável, apesar de tão magro. Isso incomodou o Jovem Ian, sabendo que ele estava morrendo e, ainda assim, vendo-o com esta aparência.

— É mesmo? — ele disse. — E quando foi isso?

— Oh, na França. Quando perdi a perna. — O Ian mais velho olhou para baixo, para sua perna de pau, indiferente. — Em um minuto, eu estava de pé para disparar meu mosquete, no seguinte eu estava deitado de costas. Nem sabia que tinha sido atingido. Você imagina que sentiria se fosse atingido por uma bola de ferro de três quilos, não é?

Seu pai riu para ele e ele relutantemente devolveu o sorriso.

— Sim, imagino. Mas você deve ter sentido que alguma coisa tinha acontecido, não?

— Oh, sim, senti. E após um ou dois instantes compreendi que devia ter sido atingido. Mas não sentia absolutamente nenhuma dor.

— Bem, isso foi bom — o Jovem Ian disse, de forma encorajadora.

— Eu percebi que estava morrendo, sabe? — os olhos de seu pai estavam fixos nele, mas olhavam além dele, para um distante campo de batalha. — Mas não estava realmente me importando. E não estava sozinho. — Seu olhar focalizou-se, então, no filho, e ele sorriu ligeiramente. Estendendo a mão, segurou a mão de Ian, a sua própria descarnada até os ossos, as juntas inchadas e salientes, mas a abrangência de seu palmo ainda tão grande quanto a de seu filho. — Ian — ele disse, e parou, os olhos enrugando-se. — Sabe como é estranho dizer o nome de alguém quando é o mesmo que o seu? Ian — ele repetiu, mais delicadamente não se preocupe. Eu não tive medo na época. Eu não tenho agora.

Eu tenho, Ian pensou, mas não podia dizer isso.

— Conte-me a respeito do cachorro — seu pai disse, então, sorrindo. E assim ele contou a seu pai sobre Rollo. Sobre a batalha naval quando ele achou que Rollo tinha sido morto ou se afogado, como eles acabaram indo para Ticonderoga e participado das terríveis batalhas de Saratoga.

E contou-lhe, sem pensar muito nisso, pois se pensasse as palavras se congelariam em sua garganta, sobre Emily. Sobre Iseabail. E sobre O Mais Rápido dos Lagartos.

— Eu... nunca contei a mais ninguém sobre isso — ele disse, repentinamente tímido. — Sobre o menino, quero dizer.

Seu pai respirou fundo, parecendo feliz. Depois tossiu, tirou um lenço do

bolso e tossiu mais um pouco, parando finalmente. Ian tentou não olhar para o lenço, para o caso de estar sujo de sangue.

— Você devia — o Ian mais velho disse com voz rouca, depois limpou a garganta e cuspiu no lenço com um grunhido abafado. — Devia contar a sua mãe. — ele disse, a voz clara outra vez. — Ela ficaria feliz de saber que você tem um filho, independente das circunstâncias.

— Sim, bem. Talvez eu conte.

Ainda era cedo para insetos, mas os pássaros da charneca já revoavam, explorando aqui e ali, fazendo voos rasantes sobre suas cabeças e gritando alarmados. Ouviu os sons de sua terra natal por uns instantes e depois disse:

— Pai, preciso lhe contar uma coisa ruim.

E sentado junto a uma fonte de santo, na paz de um dia do começo da primavera, Ian lhe contou o que acontecera com Murdina Bug.

Seu pai ouviu com grave atenção, a cabeça baixa. O Jovem Ian podia ver as mechas grisalhas em seus cabelos e achou a visão tanto emocionante quanto paradoxalmente reconfortante. Ao menos, ele viveu uma boa vida, pensou. Mas talvez a sra. Bug também tenha vivido. Eu me sentiria pior a respeito disso se ela fosse jovem? Achou que sim, mas se sentia mal de qualquer modo. Mas um pouco melhor depois de desabafar.

O Ian mais velho balançou-se para trás em seus quadris, os braços entrelaçados ao redor do joelho bom, pensando.

— Não foi culpa sua, é claro — ele disse, com um olhar de viés para o filho. — Sabe disso, no fundo do seu coração?

— Não — Ian admitiu. — Mas estou tentando.

Seu pai sorriu diante de sua resposta, mas em seguida ficou sério outra vez.

— Você vai conseguir. Se você já viveu com isso até aqui, ficará bem no final. Mas essa questão com o velho Arch Bug. Ele deve ser tão velho quanto as montanhas, se for o mesmo que eu conheci; era um arrendatário de Malcolm Grant.

— Esse mesmo. Eu fico pensando que... ele é velho... vai morrer... mas se ele morrer e eu não ficar sabendo? — Fez um gesto de frustração. — Não quero matar o sujeito, mas como posso não fazer isso e ele ficar andando por aí, decidido a causar algum mal a Ra... à minha... bem, se eu um dia tiver uma mulher... — Ele se atrapalhava e tropeçava nas palavras, e seu pai colocou um fim nisso, segurando seu braço.

— Quem é ela? — perguntou, o interesse iluminando seu rosto. — Fale-me dela.

E assim ele falou de Rachel. Ficou surpreso, na verdade, que houvesse tanto a dizer, considerando-se que a conhecera apenas por algumas semanas e a beijara apenas uma vez.

Seu pai suspirou — ele suspirava o tempo todo, era a única maneira de obter bastante ar, mas esse foi um suspiro de felicidade.

— Ah, Ian — ele disse amorosamente. — Estou feliz por você. Nem sei dizer o quanto estou feliz. É o que sua mãe e eu temos pedido a Deus, todos esses anos, que você tenha uma boa mulher para amar e construir uma família com ela.

— Bem, é cedo para falar de minha família — o Jovem Ian ressaltou. — Considerando que ela é uma quaker e provavelmente não se casará comigo. E considerando que estou na Escócia e ela está com o Exército Continental na América, provavelmente levando um tiro ou infectada com uma peste neste exato momento.

Ele falara a sério e ficou um pouco ofendido quando seu pai riu. Mas depois o Ian mais velho inclinou-se para a frente e disse com absoluta gravidade:

— Você não precisa esperar eu morrer. Você tem que ir e encontrar a sua jovem.

— Eu não posso...

— Pode, sim. O Jovem Jamie tem Lallybroch, as meninas estão bem casadas e Michael... — Riu à menção de Michael. — Michael se sairá muito bem, eu acho. Um homem precisa de uma mulher e uma boa mulher é a maior dádiva de Deus para um homem. Eu partiria mais tranquilamente, a bhailach, sabendo que você estava bem encaminhado neste aspecto.

— Sim, bem — o Jovem Ian murmurou. — Talvez. Mas não partirei já.

*DÍVIDAS ANTIGAS*

Jamie engoliu a última colherada de mingau e respirou fundo, largando a colher.

— Jenny?

— Claro que há mais — ela disse, estendendo a mão para a tigela dele. Então, ela viu seu rosto e parou, estreitando os olhos. — Ou não é disso que você precisa?

— Eu não diria que é uma necessidade, exatamente. Mas... — Ergueu os olhos para o teto para evitar o olhar de Jenny e encomendou a alma a Deus. — O que você sabe de Laoghaire Mackenzie?

Arriscou um rápido olhar para sua irmã e viu que seus olhos haviam se arregalado, brilhantes de interesse.

— Laoghaire, hein? — Ela voltou a se sentar e começou a tamborilar os dedos pensativamente no tampo da mesa. Suas mãos eram bem conservadas para a idade, ele pensou: desgastadas pelo trabalho, mas os dedos ainda esbeltos e ágeis.

— Ela não está casada — Jenny disse. — Mas você sabe disso, imagino.

Ele balançou a cabeça rapidamente.

— O que quer saber sobre ela?

— Bem... como está indo, eu acho. E...

— E quem está dividindo sua cama?

Ele lançou um olhar a sua irmã.

— Você é uma mulher obscena, Janet Murray.

— Oh, é mesmo? Você não me engana. — Os olhos azuis iguais aos seus cintilaram para ele por um instante e a covinha em seu rosto surgiu. Ele conhecia aquele olhar e rendeu-se com a dignidade possível.

— Você sabe?

— Não — ela respondeu prontamente.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, incrédulo.

— Oh, sim. Conte outra.

Ela sacudiu a cabeça e correu o dedo pela borda da jarra de mel, limpando uma gota dourada.

— Juro pelos dedos dos pés de são Fouthad.

Ele não ouvia essa desde que tinha dez anos de idade e deu uma risada, apesar da situação.

— Bem, então, nada mais a ser dito, não é? — Ele se inclinou para trás em sua cadeira, fingindo indiferença. Ela fez um pequeno ruído ofendido, levantou-se e começou a tirar a mesa com pressa. Ele observou-a com os olhos estreitados, sem saber ao certo se ela estava tentando confundi-lo apenas para se divertir — se assim fosse, ela cederia em um minuto — ou se havia alguma coisa a mais.

— Por que você quer saber? — ela perguntou de repente, os olhos na pilha de tigelas sujas. Isso o fez despertar de suas divagações.

— Eu não disse que quero saber — ressaltou. — Mas já que mencionou... qualquer um teria curiosidade, não?

— É verdade — ela concordou. Empertigou-se e olhou diretamente para ele, uma espécie de olhar longo e perscrutador, que o fez imaginar se tinha lavado atrás das orelhas. — Eu não sei — ela disse finalmente. — E é a verdade. Só tive notícias dela daquela vez em que escrevi para você.

Sim, e por que me escreveu sobre isso?, ele se perguntou, mas não o fez em voz alta.

— Mmmmmhum — ele disse. — E espera que eu acredite que você parou por aí?

Ele se lembrava. Ali parado em seu antigo quarto em Lallybroch, que fora dele quando criança, na manhã de seu casamento com Laoghaire.

Vestia uma camisa nova para a ocasião. Não havia dinheiro para muita coisa além do estritamente necessário e às vezes nem isso — mas Jenny lhe conseguira uma camisa nova; ele suspeitava de que ela havia sacrificado suas duas melhores combinações para isso. Lembrava-se de ter se barbeado no reflexo da bacia de água, vendo o rosto macilento e severo de um estranho emergir de baixo da lâmina, pensando que deveria se lembrar de sorrir ao se encontrar com Laoghaire. Não queria assustá-la e o que ele via na água era suficiente para assustar ele próprio.

Pensou repentinamente em compartilhar sua cama. Resolutamente, afastou a ideia do corpo de Claire — tinha muita prática nisso —, o que o fez pensar repentinamente que fazia anos — sim, anos! Deitara-se com uma mulher apenas duas vezes nos últimos quinze anos, e a última vez fora há cinco, seis, talvez sete anos...

Teve um momento de pânico à ideia de que poderia não conseguir e tocou Seu membro cautelosamente através do kilt, só para descobrir que já começava a endurecer à mera ideia de ir para a cama com uma mulher.

Respirou fundo, um pouco aliviado. Menos uma coisa com que se preocupar.

Um breve som da porta o fez virar repentinamente a cabeça e ele se deparou com Jenny ali, com uma expressão indecifrável no semblante. Tossiu e tirou a mão do seu pênis.

— Você não é obrigado a fazer isso, Jamie — ela disse serenamente, os olhos fixos nos dele. — Se você pensou melhor, diga-me.

Ele quase aceitara a sugestão. Mas podia ouvir os sons da casa. Havia uma agitação no ar, uma determinação de propósito e uma felicidade que há muito tempo não se via ali. Não era apenas a sua própria felicidade que estava em risco ali — nunca fora.

— Não — ele dissera abruptamente. — Estou bem. — E sorriu para ela de forma tranquilizadora.

No entanto, quando desceu para se encontrar com Ian ao pé da escada, ouviu a chuva nas janelas e sentiu uma súbita sensação de estar se afogando — uma indesejável lembrança do dia de seu primeiro casamento e como um apoiara o outro, ele e Claire, ambos sofrendo, ambos aterrorizados.

— Tudo bem, então? — Ian lhe dissera, inclinando-se para ele e falando em voz baixa.

— Sim, tudo bem — ele respondeu, satisfeito com a calma que transparecia em sua voz.

O rosto de Jenny apareceu por um breve instante pela porta da sala de estar. Parecia preocupada, mas relaxou ao vê-lo.

— Está tudo bem, mo nighean — Ian a tranquilizara com um largo sorriso. — Já o agarrei, para o caso de ele querer fugir. — Ian de fato segurava seu braço, para surpresa de Jamie, mas ele não protestou.

— Bem, arraste-o para dentro, então — sua irmã dissera, secamente. — O padre já chegou.

Ele entrara com Ian e assumira seu lugar ao lado de Laoghaire, diante do velho padre McCarthy. Ela ergueu os olhos rapidamente para ele, depois desviou o olhar. Estaria com medo? Sua mão estava fria na dele, mas não tremia. Ele apertou seus dedos delicadamente e ela virou a cabeça, erguendo os olhos diretamente para ele. Não, não era medo, nem ternura ou deslumbramento. Havia gratidão em seu olhar — e confiança.

Aquela confiança penetrara em seu coração, um peso pequeno que mantinha seu equilíbrio, restaurava ao menos um pouco das raízes cortadas que o haviam mantido no lugar. Ele também se sentira grato.

Virou-se ao som de passos agora e viu Claire se aproximando pelo corredor. Sorriu — observando que o fizera absolutamente sem pensar — e ela veio até ele, tomando sua mão enquanto espreitava para dentro do quarto.

— Seu, não foi? Quando você era pequeno, quero dizer.

— Sim, foi.

— Acho que Jenny me disse... quando viemos aqui na primeira vez, quero dizer. — Sua boca torceu-se ligeiramente. Ela e Jenny se falavam agora, é claro, mas era uma conversa afetada, ambas extremamente cautelosas, com medo de falar muito ou dizer a coisa errada. Sim, bem, ele próprio tinha medo de falar demais ou dizer a coisa errada, mas certamente não iria agir como uma mulher a respeito disso.

— Preciso ir ver Laoghaire — disse abruptamente. — Vai me matar se eu for?

Ela pareceu surpresa. E depois, contra a vontade, achou graça.

— Está pedindo minha permissão?

— Não, não estou — ele disse, sentindo-se tenso e constrangido. — É só que... bem, achei que devia lhe contar, só isso.

— Muita consideração sua. — Ela ainda sorria, mas o sorriso adquirira certo ar de cautela. — Você se importaria... de me dizer por que quer ir vê-la?

— Eu não disse que quero vê-la — ele disse, um tom cortante evidente na voz. — Eu disse que preciso.

— Seria presunção de minha parte perguntar por que você precisa vê-la? — Seus olhos estavam apenas um pouco mais abertos e mais amarelos do que de costume; ele despertara o falcão nela. Ele não tivera a intenção, de forma alguma, mas hesitou por um instante, repentinamente com vontade de se refugiar de sua própria confusão em uma boa briga. Mas não podia fazer isso em sã consciência. Menos ainda poderia explicar a lembrança do rosto de Laoghaire no dia de seu casamento, o ar de confiança em seus olhos, e a sensação incômoda de que ele havia traído essa confiança.

— Você pode me perguntar qualquer coisa, Sassenach. E você perguntou — acrescentou enfaticamente. — Eu responderia se achasse que poderia dar uma resposta sensata.

Ela fungou com um pequeno ruído de desdém, não propriamente "Hum!", mas ele entendeu muito bem.

— Se você só quer saber com quem ela está dormindo, provavelmente há maneiras menos diretas de descobrir — ela disse. Sua voz era cuidadosamente equilibrada, mas suas pupilas haviam se dilatado.

— Não me importo com quem ela esteja dormindo!

— Oh, se importa, sim! — ela retrucou prontamente.

— Não, não me importo!

— "Mentiroso, mentiroso, de calça pegando fogo" — ela disse e, em vez de explodir, ele deu uma gargalhada. Ela pareceu momentaneamente desconcertada, mas depois riu também, resfolegando e ficando com o nariz vermelho.

Pararam em questão de segundos, envergonhados por estar gargalhando em

uma casa que há muito tempo não sabia o que era uma risada — mas ainda sorriam um para o outro.

— Venha cá — ele disse brandamente, estendendo a mão para ela. Ela tomou-a no mesmo instante, seus dedos quentes e fortes sobre os dele, e veio enlaçá-lo em seus braços.

Seus cabelos tinham um cheiro diferente. Ainda fresco e repleto dos aromas de plantas vivas, mas diferente. Como as Highlands. Como urzes, talvez.

— Você quer mesmo saber quem é, você sabe disso — ela disse, a voz quente e fazendo cócegas através do tecido de sua camisa. — Quer que eu lhe diga por quê?

— Sim, quero e não, não quero — ele disse, apertando sua mão com mais força. — Sei muito bem por quê, e tenho certeza de que você e Jenny e qualquer outra mulher num raio de cinquenta quilômetros acham que sabem também. Mas não é por isso que eu preciso vê-la.

Ela empurrou-o um pouco para trás e afastou os cachos soltos dos olhos para olhar para ele. Examinou seu rosto pensativamente e balançou a cabeça.

— Bem, não deixe de lhe dar minhas mais sinceras lembranças, sim?

— Ora, você, criaturinha vingativa! Nunca pensei que fosse capaz disso!

— Não mesmo? — ela disse, seca como uma torrada. Ele sorriu para ela e passou o polegar delicadamente pelo lado de seu rosto.

— Não — ele disse. — Você não é de guardar rancor, Sassenach. Nunca foi.

— Bem, não sou escocesa — ela observou, alisando os cabelos para trás. — Não é uma questão de honra nacional, quero dizer. — Ela colocou a mão em seu peito antes que ele pudesse responder, e disse, com ar muito sério: — Ela nunca o fez rir, fez?

— Posso ter sorrido uma ou duas vezes — ele disse, com ar sério. — Mas não.

— Bem, não se esqueça disso — ela disse, e com um rodopio das saias saiu. Ele riu como um tolo e seguiu-a.

Quando ele chegou às escadas, ela o esperava a meio caminho.

— Outra coisa — ela disse, erguendo um dedo para ele.

— O quê?

— Se descobrir com quem ela está dormindo e não me contar, então eu o matarei de verdade.

Balriggan era um lugar pequeno, pouco mais de cinco hectares de terra, além da casa principal e construções anexas. Ainda assim, era bonito, uma grande cabana de pedra cinzenta aninhada na curva de uma colina, um lagozinho brilhando como um espelho ao pé da encosta. Os ingleses haviam ateado fogo às plantações e ao celeiro durante o Levante, mas as plantações retornam. Muito mais facilmente do que os

homens que as lavraram.

Ele passou devagar pelo lago em seu cavalo, pensando que aquela visita era um erro. Era possível deixar as coisas para trás — lugares, pessoas, lembranças — ao menos por algum tempo. Mas os lugares se apegavam às coisas que haviam acontecido neles, e voltar a um lugar onde você viveu um dia era ser colocado frente a frente com quem você era e o que fizera lá.

Balrigan no entanto... não fora um mau lugar. Ele adorava o laguinho e como ele espelhava o céu, tão plácido em certas manhãs que se podia sentir estar entrando nas nuvens refletidas em sua superfície, sentindo sua névoa fria elevar-se ao seu redor, envolvê-lo em sua paz etérea. Ou nas noites de verão, quando a superfície brilhava em centenas de círculos sobrepostos criados pelo aparecimento de insetos, o ritmo quebrado somente de vez em quando pela súbita pancada na água de um salmão que saltava.

A estrada o levou mais perto e ele viu os baixios de leito de pedra onde ele mostrara à pequena Joan e a Marsali como pegar peixes com as mãos, os três tão atentos no que faziam que não prestaram atenção às picadas dos mosquitos e voltaram para casa molhados até a cintura e vermelhos das picadas e do sol, as meninas saltitando e balançando-se de suas mãos, alegres ao pôr do sol. Sorriu ligeiramente — depois fez o cavalo mudar de direção e começou a subir a encosta para a casa.

O lugar estava em mau estado, mas decentemente consertado, observou com má vontade. Havia uma mula pastando no curral atrás da casa, velha, mas de aparência saudável. Muito bem. Pelo menos Laoghaire não estava gastando o dinheiro dele em extravagâncias ou em uma carruagem.

Colocou a mão no portão e sentiu um nó na barriga. A sensação da madeira sob sua mão era estranhamente familiar; ele o levantara sem pensar, no lugar onde ele sempre raspava o chão. O nó subiu à sua boca quando ele se lembrou de seu último encontro com Ned Gowan, o advogado de Laoghaire. O que a maldita mulher quer, então?, ele perguntara, exasperado. Ao que Ned respondera alegremente: Sua cabeça, espetada no portão dela.

Com uma breve resfolegada de desdém, ele atravessou o portão, fechando-o com um pouco mais de força do que o necessário, e ergueu os olhos para a casa.

Um movimento chamou sua atenção. Um homem estava sentado no banco do lado de fora da casa, fitando-o por cima de uma peça de arreios quebrada em seu joelho.

Um sujeitinho feio, Jamie pensou, magricela e de rosto fino como um fuinha, com um olho opaco e a boca permanentemente aberta como se estivesse apalermado. Ainda assim, Jamie cumprimentou o sujeito amavelmente, perguntando se sua patroa estava em casa.

O rapaz — visto mais de perto, ele parecia ter trinta e poucos anos — pestanejou para ele, depois virou a cabeça para fixar em Jamie o olho bom.

— Quem é você? — ele perguntou, parecendo hostil.

— Fraser de Broch Tuarach — Jamie respondeu. Era uma ocasião formal, afinal. — A sra... — Hesitou, sem saber como se referir a Laoghaire. Sua irmã dissera que ela insistia em ser chamada de "sra. Fraser", apesar do escândalo. Não achara que podia se opor — a culpa sendo dele e estando ele na América, de qualquer modo, mas certamente ele próprio não iria chamá-la assim, nem mesmo para seu criado. — Vá chamar sua patroa, por favor — ele disse secamente.

— O que quer com ela? — O olho bom estreitou-se, desconfiado.

Ele não esperava nenhum impedimento e estava inclinado a responder asperamente, mas se conteve. O sujeito obviamente sabia alguma coisa a respeito dele e era certo que o criado de Laoghaire se preocupasse com seu bem-estar, ainda que os modos do sujeito fossem rudes.

— Quero falar com ela, se não tiver objeção — ele disse, com extrema educação. — Acha que pode ir lhe dizer isso?

O sujeito fez um som malcriado na garganta, mas colocou os arreios de lado e levantou-se. Tarde demais, Jamie viu que sua espinha era muito torta e uma perna mais curta do que a outra. Mas não havia nenhum modo de pedir desculpas que não piorasse as coisas, e assim ele apenas balançou a cabeça rapidamente e deixou o sujeito se arrastar para dentro de casa, pensando que era bem próprio de Laoghaire manter um empregado aleijado com a finalidade expressa de constrangê-lo.

Em seguida, sacudiu-se com irritação, envergonhado de seu pensamento. O que havia com ele que fazia uma mulher infeliz como Laoghaire Mackenzie trazer à tona o mais vil e vergonhoso traço que ele possuísse? Não que sua irmã não fizesse isso também, refletiu pesarosamente. Mas Jenny evocava seu mau gênio ou linguagem ferina, botava lenha na fogueira até ele ficar roxo de raiva e depois extinguiu o fogo perfeitamente com uma única palavra, como se o tivesse mergulhado em água fria. "Vá vê-la", Jenny dissera.

— Está bem, então — ele disse, beligerante. — Aqui estou eu.

— Estou vendo — disse uma voz seca, clara. — Por quê?

Girou nos calcanhares dando de cara com Laoghaire, parada no vão da porta, vassoura na mão, lançando-lhe um olhar frio.

Ele tirou o chapéu e inclinou-se, cumprimentando-a.

— Bom-dia. Espero que esteja gozando de plena saúde. — Aparentemente, estava; seu rosto estava ligeiramente corado por baixo de um lenço branco engomado, os olhos azuis muito límpidos.

Ela examinou-o de cima a baixo, o rosto sem expressão, a não ser pelas sobrancelhas louras arqueadas no alto.

— Soube que estava vindo para casa. Por que está aqui?

— Para ver como você está passando.

Suas sobrancelhas ergueram-se um pouco mais.

— Bastante bem. O que quer?

Ele havia ensaiado isso mais de cem vezes mentalmente, mas devia saber que era esforço perdido. Algumas coisas podiam ser planejadas, mas nada que envolvesse uma mulher.

— Eu vim lhe pedir desculpas — ele disse sem rodeios. — Já pedi antes, e você me deu um tiro. Quer ouvir desta vez?

As sobrancelhas se arriaram. Olhou dele para a vassoura em sua mão, como se avaliasse sua utilidade como arma, depois olhou novamente para ele e deu de ombros.

— Como quiser. Quer entrar, então? — Fez um sinal com a cabeça na direção da casa.

— E um belo dia. Vamos caminhar pelo jardim? — Ele não tinha nenhuma vontade de entrar na casa, com suas lembranças de lágrimas e silêncios.

Ela fitou-o por um ou dois instantes, depois assentiu e virou-se na direção do caminho do jardim, deixando que ele a seguisse se quisesse. Ele notou, no entanto, que ela continuava segurando a vassoura e não sabia ao certo se achava graça ou ficava ofendido.

Caminharam em silêncio e atravessaram um portão, entrando no jardim. Era, na verdade, uma horta, feita por sua utilidade, mas tinha um pequeno pomar no final e havia flores entre os pés de ervilha e os canteiros de cebolas. Ela sempre gostara de flores; lembrou-se disso com um pequeno aperto no coração.

Ela colocara a vassoura sobre o ombro, como um soldado carregando um rifle, e seguiu a seu lado — sem pressa, mas também sem lhe oferecer uma abertura. Ele limpou a garganta.

— Eu disse que vim pedir desculpas.

— Sim, disse. — Ela não se virou para olhar para ele, mas parou e enfiou a ponta do pé em uma enroscada trepadeira de batata.

— Quando nos... casamos — ele disse, tentando recuperar o discurso cuidadoso que ensaiara. — Eu não devia ter pedido você em casamento. Meu coração estava frio. Eu não tinha o direito de lhe oferecer um coração morto.

As narinas de Laoghaire abriram-se ligeiramente, mas ela não ergueu os olhos. Continuou com o cenho franzido para o pé de batata, como se suspeitasse de que estivesse bichado.

— Eu já sabia — ela disse finalmente. — Mas eu esperava — interrompeu-se, os lábios pressionados com força, enquanto engolia em seco. — Mas eu esperava poder ajudá-lo. Todo mundo via que você precisava de uma mulher. Não

especificamente de mim, imagino — acrescentou amargamente.

Ofendido, ele disse a primeira coisa que lhe veio à língua.

— Pensei que você precisasse de mim.

Ela ergueu os olhos, então, agora brilhantes. Santo Deus, ela ia chorar, ele sabia. Mas ela não chorou.

— Eu tinha filhos pequenos para alimentar. — Sua voz era ríspida e sem entonação, e o atingiu como um tapa no rosto.

— É verdade — ele disse, controlando a raiva. Ao menos, isso era honesto. — Mas elas já cresceram. — E ele havia arranjado dotes tanto para Marsali quanto para Joan também, mas achava que não recebera nenhum crédito por isso.

— Então é isso — ela disse, a voz mais fria. — Você acha que pode deixar de me pagar agora, não é?

— Não, não é isso, pelo amor de Deus!

— Porque — ela disse, ignorando sua negativa e girando nos calcanhares para encará-lo, os olhos cintilando — não pode. Você me envergonhou diante de toda a paróquia, Jamie Fraser, atraindo-me para um casamento pecaminoso com você e depois me traindo, rindo de mim pelas minhas costas com sua Prostituta sassenach!

— Eu não...

— E agora você volta da América, todo arrumado e bem-falante, parecendo um almofadinha inglês — seu lábio curvou-se em desdém diante de sua camisa nova e de babados, que ele usara em sinal de respeito a ela, droga! —, pavoneando sua riqueza e bancando o todo-poderoso com sua antiga sirigaita, toda espevitada em suas sedas e cetins, pelo braço, não é? Bem, vou lhe dizer uma coisa — tirou a vassoura de cima do ombro e enfiou o cabo violentamente no chão. — Você não entende nada a meu respeito e acha que pode me impressionar e me fazer rastejar para longe como um cachorro moribundo e não incomodá-lo mais! Pense melhor, é tudo que tenho a lhe dizer, pense melhor!

Ele arrancou a bolsinha de dentro do bolso e atirou-a na porta do barracão da horta, onde bateu com uma pancada ruidosa e quicou. Só teve um instante para lamentar ter trazido um pedaço de ouro, e não moedas que tilintassem, antes de perder as estribeiras.

— Sim, tem razão a respeito disso, ao menos! Eu não entendo nada a seu respeito! Nunca entendi, por mais que tentasse!

— Oh, por mais que tentasse, hein? — ela gritou, ignorando a bolsa. — Você nunca tentou, nem por um instante, Jamie Fraser! Na realidade... — Seu rosto contraiu-se enquanto ela lutava para manter a voz sob controle. — Você nunca sequer olhou de verdade para mim. Nunca... bem, não, acho que olhou uma vez. Quando eu tinha dezesseis anos. — Sua voz tremeu e ela desviou o olhar, o maxilar cerrado com força. Em seguida, olhou novamente para ele, os olhos brilhantes, sem

lágrimas.

— Você levou uma surra por mim. Em Leoch. Lembra-se disso?

Por um instante, ele não se lembrou. Depois parou, respirando ruidosamente. Sua mão dirigiu-se automaticamente ao queixo e contra sua vontade sentiu o esboço de um sorriso erguer-se acima de sua raiva.

— Oh. Sim. Sim, me lembro. — Angus Mhor lhe dera um castigo mais suave do que devia, mas foi uma boa surra, de qualquer modo. Suas costelas doeram por vários dias.

Ela balançou a cabeça, observando-o. Suas faces estavam cobertas de manchas vermelhas, mas ela havia se acalmado.

— Achei que você tinha feito aquilo porque me amava. Continuei pensando assim, sabe, até bem depois de termos nos casado. Mas eu estava enganada, não é?

A perplexidade deve ter transparecido em seu rosto, pois ela fez aquele pequeno ruído "Mph!" pelo nariz, que significava que estava exasperada. Pelo menos, a conhecia o suficiente para saber isso.

— Você teve pena de mim — ela disse, sem inflexão na voz. — Eu não vi isso na época. Você teve pena de mim em Leoch, não só depois, quando se casou comigo. Achei que você me amava — ela repetiu, espaçando as palavras como se falasse com um retardado. — Quando Dougal fez você se casar com a prostituta sassenach, achei que iria morrer. Mas achei que talvez você também tivesse vontade de morrer... mas não era nada disso, não é?

— Ah... não — ele disse, sentindo-se tolo e constrangido. Ele não percebera nada dos sentimentos dela na ocasião. Não vira nada a não ser Claire. Mas claro que Laoghaire achara que ele a amava; era uma menina de dezesseis anos. E deve ter sabido que seu casamento com Claire fora forçado, sem nunca saber que ele o desejara. Claro que ela pensou que ela e ele estavam destinados um ao outro. Exceto que ele nunca mais olhara para ela outra vez. Passou a mão pelo rosto, sentindo-se completamente desamparado.

— Você nunca me contou isso — ele disse finalmente, deixando a mão cair.

— De que teria adiantado? — ela disse.

Então, era isso. Ela soubera — deve ter compreendido — quando se casaram qual era a verdade da situação. Mas ainda assim tivera a esperança... Incapaz de encontrar o que dizer em resposta, sua mente refugiou-se no irrelevante.

— Quem foi? — perguntou.

— Quem? — Ela franziu a testa, confusa.

— O rapaz. Seu pai queria castigá-la por libertinagem, não? Com quem você andou se agarrando, quando eu levei uma surra por você? Nunca pensei em perguntar.

As manchas vermelhas em suas faces se intensificaram.

— Não, você nunca perguntaria, não é?

Um silêncio mordaz de acusação recaiu entre os dois. Ele não perguntara, na época; não se importara em saber.

— Sinto muito — ele disse brandamente, por fim. — Mas diga-me. Quem era? — Ele não se importara nem um pouco na época, mas estava curioso agora, ao menos como uma maneira de não pensar em outras coisas — ou de não dizê-las. Não tiveram o passado que ela havia imaginado, mas o passado ainda estava entre eles, formando uma tênue ligação.

Os lábios de Laoghaire se estreitaram e ele achou que ela não iria dizer, mas depois se abriram, relutantes.

— John Robert MacLeod.

Ele franziu a testa por um instante, desconcertado, mas logo o nome caiu no lugar certo na memória e ele fitou-a, espantado.

— John Robert? Aquele de Killiecrankie?

— É — ela disse. — Ele mesmo. — Sua boca fechou-se com um estalo.

Ele não conhecera bem o sujeito, mas a reputação de John Robert MacLeod entre as jovens fora o assunto de muita conversa entre os soldados em Leoch durante o breve período que passou ali. Um sujeito de boa aparência, manhoso e sedutor, as feições bonitas e bem delineadas — e o fato de que tinha mulher e filhos pequenos em casa, em Killiecrankie, não lhe servia de empecilho de modo algum.

— Santo Deus! — ele exclamou, incapaz de se conter. — Teve sorte de não perder a virgindade!

Um rubor violento espalhou-se sobre ela, dos espartilhos à touca, e ele ficou boquiaberto.

— Laoghaire Mackenzie! Você não foi tão tola a ponto de deixar que ele a levasse para a cama!?

— Eu não sabia que ele era casado! — ela gritou, batendo o pé. — E isso foi depois de você ter se casado com a sassenach. Eu fui para ele em busca de consolo.

— Oh, e ele certamente não se fez de rogado!

— Cale a boca! — ela gritou, com voz estridente, e pegando um regador de pedra do banco junto ao barracão atirou-o em sua cabeça. Ele não esperava aquilo — Claire frequentemente atirava coisas nele, mas Laoghaire nunca o fizera — e quase foi atingido na cabeça; bateu em seu ombro, quando ele se desviou.

O regador foi seguido por uma chuva de outros objetos que estavam no banco e uma torrente de palavras incoerentes, xingamentos nada apropriados a uma mulher, pontuados por guinchos agudos como os de uma chaleira. Uma panela de coalhada zuniu em sua direção, errou o alvo, mas o encharcou do peito aos joelhos com soro e grumos de leite.

Ele ria — do choque — quando ela repentinamente agarrou uma picareta da

parede do barracão e partiu para cima dele. Seriamente alarmado, ele agachou-se e agarrou seu pulso, torcendo-o de tal modo que ela largou a pesada ferramenta com uma pancada no chão. Ela emituiu um grito agudo como o de uma ban-sidhe e lançou a outra mão pelo seu rosto, quase o cegando com as unhas. Ele agarrou esse pulso também e pressionou-a contra a parede do barracão, ela ainda chutando suas canelas, esperneando e contorcendo-se contra ele como uma cobra.

— Desculpe-me! — Ele gritava em seu ouvido para ser ouvido acima do barulho que ela fazia. — Desculpe-me! Está me ouvindo? Desculpe-me! — A algazarra, no entanto, o impediu de ouvir qualquer coisa atrás deles e ele não teve o menor aviso quando algo monstruoso atingiu-o atrás da orelha e o fez cambalear, luzes espocando em sua cabeça.

Ele continuou agarrando seus pulsos enquanto tropeçava e caía, arrastando-a por cima dele. Envolveu-a fortemente com seus braços, para impedi-la de arranhá-lo outra vez, e pestanejou, tentando clarear os olhos lacrimejantes.

— Solte-a, Madfrimü — A picareta tirou um naco do chão ao lado de sua cabeça.

Ele virou-se de supetão, Laoghaire ainda agarrada a ele, rolando desenfreadamente pelos canteiros da horta. Som de arfadas e passos irregulares; a picareta desceu sobre ele outra vez, prendendo sua manga no chão e arranhando a pele de seu braço.

Soltou-se com um safanão, sem se preocupar em rasgar o tecido e a pele, rolou para longe de Laoghaire e pôs-se de pé, em seguida se lançando sem fazer uma pausa sobre a figura encarquilhada do criado de Laoghaire, em pleno ato de erguer a picareta acima da cabeça, o rosto minguado contorcido com o esforço.

Ele deu uma cabeçada no rosto do sujeito com um ruído oco e lançou-se sobre ele, socando-o no estômago antes que se estatelassem no chão. Arrastou-se atabalhoadamente para cima do sujeito e continuou a socá-lo, a violência uma forma de alívio. O homem gemia, grunhia e gorgolejava, e ele retirara o joelho para trás, a fim de dar um soco nos testículos do canalha para acabar de vez com a escaramuça, quando percebeu turvamente a presença de Laoghaire, berrando esganiçadamente e batendo em sua cabeça.

— Largue-o! — ela gritava, chorando e estapeando-o com as mãos. — Largue-o, largue-o, pelo amor de santa Brígida, não o machuque!

Ele parou, então, ofegante, sentindo-se repentinamente um completo idiota. Batendo em um aleijado franzino que só pretendia proteger sua patroa de um óbvio ataque, dominando uma mulher como se fosse um baderneiro de rua. Santo Deus, qual era o seu problema? Saiu de cima do sujeito, reprimindo um impulso de se desculpar, e desajeitadamente se levantou, pretendendo ao menos dar a mão ao pobre coitado para ajudá-lo a se levantar.

Mas antes que o fizesse, entretanto, Laoghaire caiu de joelhos ao lado do sujeito, chorando e agarrando-o, finalmente conseguindo fazê-lo se sentar, a cabeça pequena pressionada contra seus seios redondos e macios, ela indiferente ao sangue que jorrava do nariz do sujeito, afagando-o e acariciando-o, murmurando seu nome. Joey, parecia.

Jamie ficou parado, oscilando um pouco, olhando admirado para aquela demonstração efusiva. Escorria sangue de seus dedos e seu braço começava a arder onde a picareta o esfolara. Sentiu algo pinicante escorrer para dentro de seus olhos e, limpando-os, descobriu que sua testa sangrava. Joey, permanentemente de boca aberta, evidentemente o havia atingido com os dentes quando ele lhe deu uma cabeçada. Fez uma careta de nojo, sentindo a marca dos dentes na testa, e tateou à cata de um lenço para estancar o sangue.

Enquanto isso, apesar de zonzó, a situação no chão à sua frente se tornava mais clara a cada instante. Uma boa patroa podia tentar consolar um empregado ferido, mas ele nunca ouvira uma mulher chamar um criado de mo chridhe. Muito menos beijá-lo apaixonadamente na boca, sujando o próprio rosto de sangue e muco no processo.

— Mmmmmhum — ele disse.

Espantada, Laoghaire virou o rosto sujo de sangue, banhado de lágrimas, para ele. Ela nunca lhe parecera tão bonita.

— Ele? — Jamie perguntou, incrédulo, fazendo um sinal com a cabeça na direção do encolhido Joey. — Por que, pelo amor de Deus?

Laoghaire fitou-o com os olhos estreitados, agachada como um felino prestes a saltar. Considerou-o por um instante, depois lentamente se endireitou, segurando a cabeça de Joey novamente contra o peito.

— Porque ele precisa de mim — ela disse sem alterar a voz. — E você, seu filho da mãe, nunca precisou.

Deixou o cavalo pastando à beira do lago e, tirando as roupas, entrou na água. O céu estava nublado e o lago estava cheio de nuvens.

O leito pedregoso do lago desapareceu e ele deixou a água cinzenta e fria levá-lo, suas pernas soltas atrás dele, seus pequenos ferimentos entorpecendo-se com a friagem. Enfiou o rosto dentro da água, os olhos fechados, para lavar o corte em sua cabeça, e sentiu as bolhas de sua respiração deslizarem, fazendo cócegas, pelos seus ombros.

Ergueu a cabeça e começou a nadar, devagar, sem pensar em nada.

Deitou-se de costas entre as nuvens, os cabelos flutuando como algas, e fitou o céu. Um chuvisco perfurava a água ao seu redor, depois se intensificaram. Mas era uma chuva suave; nenhuma sensação de gotas pesadas atingindo-o, apenas uma noção do lago e de suas nuvens banhando seu rosto, seu corpo lavando o sangue e o

aborrecimento dos últimos momentos.

Ele voltaria algum dia?, perguntou-se.

A água encheu seus ouvidos com seu próprio silêncio e ele se sentiu reconfortado pela conclusão de que, na verdade, nunca havia ido embora.

Virou-se finalmente e nadou para a margem, cortando a água suavemente. Ainda chovia, com mais força agora, as gotas um tamborilar constante em seus ombros nus enquanto ele nadava. Ainda assim, o sol poente brilhava sob as nuvens e iluminava Balrigger e sua colina com uma claridade suave.

Sentiu o fundo do lago se erguer e colocou os pés em seu leito, depois ficou parado por um instante, com água até a cintura, olhando para a casa por um momento.

— Não — disse baixinho, e sentiu o remorso se reduzir a pesar e, finalmente, à absolvição da resignação. — Tem razão, eu nunca a compreendi. Sinto muito.

Saiu da água e, com um assovio para seu cavalo, jogou o xale molhado por cima dos ombros e tomou a direção de Lallybroch.

*A CAVERNA*

Ervas Úteis, escrevi, e parei — como sempre — para pensar. Escrever com uma pena fazia a pessoa ser tanto mais deliberada quanto mais econômica na redação do que fazê-lo com uma esferográfica ou em uma máquina de escrever. Mesmo assim, pensei, eu deveria fazer apenas uma lista aqui e lançar as anotações sobre cada erva conforme abordasse cada uma, depois passar tudo a limpo, quando tivesse certeza de que estava tudo certo e que não havia me esquecido de incluir nada, em vez de tentar fazer tudo de uma vez só.

Alfazema, hortelã, confrei, escrevi com determinação. Calêndula, tanaceto, dedaleira, ulmária. Depois, voltei para acrescentar um grande asterisco ao lado de dedaleira, para me lembrar de adicionar inúmeras restrições sobre sua utilização, já que todas as partes da planta eram extremamente venenosas, a não ser em minúsculas doses. Brinquei com a pena, mordendo o lábio com indecisão. Deveria mesmo mencioná-la, considerando-se que o livro pretendia ser um guia médico útil para o homem comum, não para praticantes de medicina com experiência em diversos medicamentos? Porque, na verdade, não se devia administrar dedaleira a ninguém, a menos que tivesse experiência... Melhor não. Risquei-a, mas depois comecei a ter dúvidas. Talvez fosse melhor mencioná-la, com um desenho, mas também com um sério alerta de que deveria ser usada apenas por um médico, para o caso de alguém ter a brilhante ideia de tratar a hidropisia de tio Tophiger de uma vez por todas...

Uma sombra estendeu-se no assoalho à minha frente e eu ergui os olhos. Jamie estava parado ali, com uma expressão estranha no rosto.

— O que foi? — perguntei, sobressaltada. — Aconteceu alguma coisa?

— Não — ele disse e, avançando para dentro do gabinete, inclinou-se e colocou as mãos sobre a escrivaninha, trazendo o rosto para perto do meu. — Você algum dia teve a menor dúvida de que eu preciso de você? — perguntou.

Precisei de aproximadamente meio segundo de reflexão para responder.

— Não — respondi categoricamente. — Até onde eu saiba, você precisou de

mim urgentemente no instante em que eu ovi. E não tive nenhuma razão para achar que você ficou mais autossuficiente depois disso. O que aconteceu com sua testa? Parecem marcas de dentes... — Ele se inclinou por cima da mesa e me beijou antes que eu pudesse terminar minha observação.

— Obrigado — disse fervorosamente e, endireitando-se, girou nos calcanhares e saiu, evidentemente muito satisfeito.

— O que houve com tio Jamie? — Ian perguntou, entrando assim que Jamie saiu. Olhou para trás, para a porta aberta para o corredor, das profundezas do qual vinha um zumbido alto e desafinado de alguém cantarolando, como o de um abelhão preso numa armadilha. — Ele está bêbado?

— Acho que não — respondi, em dúvida, passando a língua pelos lábios. — Não tinha gosto de nada alcoólico.

— Sim, bem. — Ian ergueu um dos ombros, desdenhando as excentricidades do tio. — Eu estava lá em cima, depois de Broch Mordha, e o sr. MacAllister me disse que a mãe de sua mulher passou mal à noite e se você poderia ir lá, se não fosse muito incômodo.

— Não, nenhum incômodo — assegurei-lhe, levantando-me animadamente. — Deixe-me pegar minha bolsa.

Apesar de ser primavera, uma estação fria e traiçoeira, os colonos e vizinhos pareciam notavelmente saudáveis. Com alguma cautela, eu voltara a medicar, aos Poucos oferecendo conselhos e remédios onde podiam ser aceitos. Afinal, eu já não era a senhora de Lallybroch e muitas das pessoas que haviam me conhecido antes já estavam mortas. As que não estavam pareciam de um modo geral contentes em me ver, mas havia um ar de cautela em seus olhos que não estava ali antes. Isso me entristecia, mas eu compreendia, perfeitamente.

Eu deixara Lallybroch, deixara o senhor de Lallybroch. Deixara-os. E apesar de fingirem acreditar na história que Jamie espalhou, sobre eu ter achado que ele morrera e depois fugi para a França, eles não podiam deixar de sentir que eu os traíra ao ir embora. Eu mesma sentia que os traíra.

O relacionamento fácil que havia entre nós antes desaparecera e assim eu não visitava as pessoas rotineiramente como costumava fazer; eu esperava ser chamada. E nesse ínterim, quando eu tinha que sair de casa, ia colher plantas sozinha ou caminhava com Jamie — que também tinha que sair de casa de vez em quando.

Certo dia, quando ventava, mas o tempo estava bom, ele me levou mais longe do que de costume, dizendo que me mostraria sua caverna, se eu quisesse.

— Gostaria muito — eu disse. Protegi os olhos do sol com a mão para olhar para o topo de uma encosta íngreme. — É lá em cima?

— Sim. Você consegue ver?

Sacudi a cabeça. Fora a grande pedra branca que as pessoas chamavam de

Salto do Barril, podia ser qualquer colina das Highlands, coberta de tojeiras, giestas e urzes nas poucas áreas de terra entre as rochas.

— Vamos, então — Jamie disse, e colocando o pé em um estribo invisível sorriu e estendeu a mão para me ajudar a subir.

Era uma subida árdua e eu estava suada e arquejante quando ele afastou a cortina de tojo para me mostrar a boca estreita da caverna.

— Quero entrar.

— Ah, não quer, não — ele assegurou-lhe. — É úmido e sujo.

Ela lhe lançou um olhar estranho e esboçou um sorriso.

— Eu jamais teria imaginado — ela disse, muito secamente. — Eu ainda quero entrar.

Não adiantava discutir com ela. Ele deu de ombros e tirou o casaco para que não sujasse, pendurando-o em uma muda de sorveira que nascera perto da entrada. Ergueu as mãos para as pedras de cada lado da entrada, mas depois ficou em dúvida; era ali que ele sempre segurara na rocha ou não? Santo Deus, e isso importa?, repreendeu a si mesmo e, segurando a rocha com firmeza, balançou-se para dentro e saltou para baixo.

Estava tão fria quanto ele se lembrava que estaria. Ficava protegida do vento, ao menos — não era um frio cortante, mas uma friagem úmida que penetrava através da pele e corroía as extremidades dos ossos.

Virou-se e estendeu os braços para cima, e ela se inclinou para ele, tentou descer pela parede da caverna, perdeu o equilíbrio e escorregou, aterrissando nos braços dele em uma confusão de roupas e cabelos soltos. Ele riu e virou-a para ver a caverna, mas manteve os braços ao seu redor. Teve vontade de se entregar a seu calor e segurou-a como um escudo contra a fria lembrança.

Ela permaneceu quieta, recostada contra ele, apenas a cabeça se movendo enquanto olhava de uma extremidade à outra da caverna. Mal chegava a dois metros e meio de comprimento, mas a extremidade mais distante estava oculta nas sombras. Ela ergueu o queixo, vendo as fracas manchas pretas que revestiam a rocha em um dos lados da entrada.

— Era ali que ficava minha fogueira... quando eu ousava acender uma. — Sua voz soou estranha, fraca e abafada, e ele limpou a garganta.

— Onde era sua cama?

— Bem ali, perto do seu pé esquerdo.

— Você dormia com a cabeça para cá? — Ela bateu o pé delicadamente no solo de terra e cascalho.

— Sim. Eu podia ver as estrelas, se a noite estivesse clara. Virava para o outro lado, se chovia. — Ela ouviu o riso em sua voz e colocou a mão em sua coxa, apertando-a.

— Foi o que pensei — ela disse, a própria voz um pouco embargada. — Quando soubemos do Dunbonnet e da caverna... pensei em você, aqui sozinho... e torci para que pudesse ver as estrelas à noite.

— Eu podia — ele sussurrou, e inclinou a cabeça para pousar os lábios em seus cabelos. O xale que ela usara na cabeça havia deslizado e seus cabelos cheiravam a erva-cidreira e ao que ela chamava de erva-dos-gatos.

Ela fez um pequeno ruído na garganta e cruzou os próprios braços sobre os dele, aquecendo-o através da camisa.

— Sinto como se já a tivesse visto antes — ela disse, parecendo um pouco surpresa. — Embora eu imagine que uma caverna provavelmente se pareça muito com qualquer outra, a menos que tenha estalactites penduradas do teto ou mamutes desenhados nas paredes.

— Nunca tive talento para decoração — ele disse, e ela achou graça. — Quanto a já ter estado aqui... você esteve muitas noites aqui comigo, Sassenach. Você e nossa filha, as duas. Embora eu não soubesse que era uma menina, acrescentou silenciosamente, lembrando-se com uma pequena e estranha pontada que de vez em quando ele se sentava na pedra plana na entrada da caverna, imaginando às vezes uma filha, aquecida em seus braços, mas às vezes sentindo um garotinho em seu joelho, e apontando para ele as estrelas que podiam guiá-lo em uma viagem, explicando-lhe como se caçava e a prece que devia rezar quando matava para comer.

Mas ele dissera tudo isso a Brianna mais tarde — e a Jem. O conhecimento não se perderia. Mas seria útil?, perguntou-se repentinamente.

— As pessoas ainda caçam? — ele perguntou. — No outro tempo?

— Oh, sim — ela assegurou-lhe. — Todo outono, tínhamos uma leva de caçadores chegando ao hospital; a maioria idiotas que se embebedavam e atiravam uns nos outros acidentalmente, embora certa vez tenha tido um paciente que fora gravemente pisoteado por um veado que ele achou que estava morto.

Ele riu, chocado, mas reconfortado. A ideia de caçar bêbado... apesar de que ele já vira uns tolos fazerem isso. Mas ao menos os homens ainda caçavam. Jem poderia caçar.

— Tenho certeza de que Roger Mac não deixaria Jem beber muito antes de caçar — ele disse. — Ainda que os outros rapazes bebessem.

Sua cabeça inclinou-se um pouco de um lado para o outro, como costumava fazer quando se perguntava se deveria contar-lhe alguma coisa, e ele apertou um Pouco os braços ao seu redor.

— O que foi?

— Eu só estava imaginando um bando de adolescentes do colégio tomando uma dose de uísque antes de partir para casa, na chuva, depois da escola — ela

disse, resfolegando brevemente. — As crianças não tomam bebida alcoólica na minha época... em momento algum. Ou ao menos, não devem, e se os pais deixarem isso é considerado um escandaloso caso de negligência infantil.

— É mesmo? — Aquilo parecia estranho; deram-lhe cerveja com a comida desde... bem, desde que se lembrava. E sem dúvida uma dose de uísque contra o frio, ou se sentisse frio na barriga ou tivesse dor de ouvido ou... No entanto, era verdade que Brianna fazia Jem tomar leite, mesmo depois de não usar mais macacão de criança.

O rangido de cascalhos na encosta embaixo o surpreendeu e ele soltou Claire, dirigindo-se à entrada da caverna. Achava que não devia ser nenhum problema, mas ainda assim fez sinal para ela permanecer ali, içou-se para fora da caverna e estendeu a mão para seu casaco com a faca no bolso, antes mesmo de olhar para ver quem estava a caminho.

Havia uma mulher mais abaixo, uma figura alta de capa e xale, perto da pedra grande onde Fergus perdera a mão. No entanto, ela olhava para cima e o viu sair da caverna. Acenou para ele e fez sinal para que descesse. Com um rápido olhar à volta para se assegurar de que ela estava sozinha, ele começou a descer, praticamente deslizando pelo declive abaixo, até a trilha onde ela estava.

— Feasgarmath — ele a saudou, enfiando-se no casaco. Ela era bastante jovem, talvez com vinte e poucos anos, mas ele não a conhecia. Ou achou que não conhecia, até ouvi-la falar.

— Ciamar a tha thu, mo athair — ela disse formalmente. Como vai, papai?

Ele pestanejou, espantado, mas depois se inclinou para frente, olhando-a mais atentamente.

— Joanie? — ele disse, incrédulo. — A pequena Joanie? — Seu rosto comprido, bastante circunspecto, abriu-se em um breve sorriso.

— Me reconhece, então?

— Sim, reconheço, agora que a vejo melhor. — Ele estendeu a mão, querendo abraçá-la, mas ela se manteve um pouco afastada, tensa, e ele deixou a mão cair, limpando a garganta para disfarçar o momento. — Já faz algum tempo, menina. Você cresceu — ele acrescentou, sem jeito.

— As crianças crescem — ela disse, secamente. — É sua mulher que está com você? A primeira, quero dizer.

— É, sim — ele respondeu, o choque de sua presença inesperada substituído pela cautela. Ele examinou-a rapidamente de cima a baixo, para o caso de ela estar armada, mas não tinha como saber; estava enrolada em sua capa, por causa do vento.

— Por que não pede a ela para vir aqui? — Joan sugeriu. — Gostaria de conhecê-la.

Ele duvidava um pouco disso. Ainda assim, ela parecia controlada e ele

certamente não podia se recusar a apresentá-la a Claire, se ela assim desejava.

Claire devia estar observando-os; ele se virou e fez um sinal na direção da boca da caverna, chamando-a, depois se virou novamente para Joan.

— Como veio parar aqui, menina? — ele perguntou, virando-se para ela. Balrigger ficava a uns doze quilômetros dali e não havia nada perto da caverna que pudesse atrair alguém.

— Eu estava indo a Lallybroch para vê-lo... perdi sua visita quando você foi lá em casa — ela acrescentou, com um breve lampejo de humor. — Mas eu vi você e... sua mulher... andando, assim vim atrás de vocês.

Enterneceu-se ao pensar que ela quisesse vê-lo. Ao mesmo tempo, estava cauteloso. Já haviam se passado doze anos e ela era uma criança quando ele foi embora. E ela passara todos esses anos com Laoghaire, sem dúvida ouvindo opiniões nada lisonjeiras a seu respeito durante esse tempo.

Examinou seu rosto, vendo apenas uma vaga lembrança das feições infantis de que se recordava. Ela não era linda, nem mesmo bonita, mas tinha uma certa dignidade que a tornava atraente; ela fitou-o diretamente nos olhos, não parecendo se importar com o que ele pensasse do que via. Possuía os mesmos olhos e nariz de Laoghaire, embora nada mais de sua mãe, sendo alta, de cabelos escuros, ossos proeminentes, um rosto fino e comprido, e uma boca que não parecia muito afeita a sorrisos, ele pensou.

Ele ouviu Claire descendo a encosta atrás dele e virou-se para ajudá-la, mas sem deixar de vigiar Joanie, por via das dúvidas.

— Não se preocupe — Joan disse calmamente às suas costas. — Não pretendo dar um tiro nela.

— Oh!? Bem, isso é bom. — Desconcertado, ele tentou se lembrar: ela estava na casa quando Laoghaire atirou nele? Achava que não, embora não estivesse em condições de notar. Mas ela sem dúvida tomara conhecimento do ocorrido.

Claire segurou sua mão e deu um pequeno salto para a trilha, sem parar para se recompor, mas adiantando-se imediatamente e tomando as duas mãos de Joan nas suas, sorrindo.

— Fico muito contente em conhecê-la — ela disse, com grande sinceridade. — Marsali me pediu para lhe dar isto. — E, inclinando-se para frente, beijou o rosto de Joan.

Pela primeira vez, ele viu a jovem desconcertada. Ela corou e recolheu as mãos, virando-se para o lado e passando uma dobra de sua capa sob o nariz como se sentisse cócegas, para que ninguém visse seus olhos ficarem rasos de lágrimas.

— Eu... obrigada — ela disse, rapidamente enxugando os olhos. — Você... minha irmã me escreveu sobre você. — Ela limpou a garganta e pestanejou com força, depois fitou Claire com franco interesse, um interesse retribuído por inteiro.

— Félicité se parece com você — Claire disse. — Henri-Christian também, um pouco... mas Félicité se parece muito.

— Coitada — Joan murmurou, mas não conseguiu reprimir o sorriso que iluminou seu rosto ao ouvir as palavras de Claire.

Jamie tossiu.

— Vamos descer até em casa, Joanie? Seria muito bem-vinda.

Ela sacudiu a cabeça.

— Mais tarde, talvez. Eu queria falar com você, mo athair, onde ninguém pudesse nos ouvir. A não ser sua mulher — ela acrescentou, com um rápido olhar para Claire. — Já que ela certamente tem algo a dizer sobre o assunto.

Isso pareceu ligeiramente sinistro, mas em seguida ela acrescentou:

— É sobre o meu dote.

— Oh, sim? Bem, venha, vamos sair do vento, ao menos. — Ele as conduziu para a face da rocha protegida do vento, perguntando-se o que estaria ocorrendo. Estaria a jovem querendo se casar com alguém inapropriado e sua mãe estava se recusando a lhe dar seu dote? Alguma coisa acontecera com o dinheiro? Duvidava disso; o velho Ned Gowan redigira os documentos e o dinheiro estava a salvo em um banco em Inverness. E o que quer que ele pudesse pensar de Laoghaire, tinha certeza de que ela jamais faria alguma coisa que prejudicasse as filhas.

Uma forte rajada de vento subiu pela trilha, agitando as saias das mulheres como folhas ao vento e arremessando sobre eles nuvens de poeira e urzes secas. Eles correram para o abrigo da rocha e ficaram rindo um pouco com a euforia do tempo, batendo a poeira das roupas e arrumando os cabelos.

— Bem, então — Jamie disse, antes que o bom humor se azedasse entre eles —, com quem pretende se casar?

— Jesus Cristo — Joan respondeu prontamente.

Ele fitou-a por um instante, até perceber que sua boca estava aberta e fechá-la.

— Você quer ser freira? — As sobrancelhas de Claire ergueram-se com interesse. — É mesmo?

— Quero. Há muito tempo que sei que tenho vocação, mas... — hesitou. — É... complicado.

— Imagino que seja — Jamie disse, recobrando-se um pouco do choque. — Já conversou com alguém sobre isso? O padre? Sua mãe?

Os lábios de Joan pressionaram-se em uma linha fina.

— Com ambos — disse laconicamente.

— E o que disseram? — Claire perguntou. Ela estava obviamente fascinada, recostada contra a rocha, penteando os cabelos para trás com os dedos.

Joan resfolegou desdenhosamente.

— Minha mãe diz — ela disse meticulosamente — que eu fiquei maluca de tanto ler livros... e que isso é culpa sua — acrescentou enfaticamente para Jamie — por me fazer gostar de ler. Ela quer que eu me case com o velho Geordie McCann, mas eu disse que prefiro morrer na miséria.

— Que idade tem o velho Geordie McCann? — Claire perguntou, e Joan pestanejou, olhando para ela.

— Vinte e cinco mais ou menos — ela disse. — O que isso tem a ver?

— Apenas curiosidade — Claire murmurou, parecendo achar divertido. — um jovem Geordie McCann, então?

— Sim, seu sobrinho. Tem três anos — Joan acrescentou, no interesse da absoluta precisão. — Não quero me casar com ele também.

— E o padre? — Jamie interveio, antes que Claire pudesse fazer a conversa descarrilar completamente.

Joan inspirou fundo, parecendo ficar mais alta e mais decidida.

— Ele diz que é minha obrigação ficar em casa e cuidar da minha mãe em sua velhice.

— A qual está se deitando com Joey, o empregado, no barracão de cabras — Jamie acrescentou prestativamente. — Você sabe disso, não é? — Pelo canto do olho, ele viu o rosto de Claire, o que lhe deu tanta vontade de rir que ele teve que se virar e não olhar para ela. Ergueu a mão atrás das costas, indicando que lhe contaria mais tarde.

— Não quando estou em casa — Joan disse friamente. — Que é a única razão por eu ainda estar na casa. Acha que minha consciência vai me deixar partir, sabendo o que eles estariam fazendo pelas minhas costas? Esta é a primeira vez que fui mais longe do que a horta em três meses, e se não fosse pecado fazer apostas eu apostaria minha melhor roupa que estão fazendo exatamente isso neste momento, condenando suas almas ao inferno.

Jamie limpou a garganta, tentando — e fracassando — não pensar em Joey e Laoghaire, atracados apaixonadamente na cama dela com a colcha azul e cinza.

— Sim, bem. — Ele podia sentir os olhos de Claire perfurando sua nuca e sentiu o sangue subir ao pescoço. — Então. Você quer se tornar freira, mas o padre diz que não deve, sua mãe não lhe dará seu dote por isso e sua consciência, de qualquer modo, não permitirá que faça isso. Esta é a situação, não é?

— Sim, é — Joan disse, satisfeita com seu resumo.

— E, hum, o que é que você quer que Jamie faça a respeito disso? — Claire perguntou, dando a volta para se postar ao lado dele. — Matar Joey? — Lançou um olhar de esguelha fulminante para Jamie, pleno de maldosa satisfação com o embaraço dele. Ele estreitou os olhos para ela e ela retribuiu com um largo sorriso.

— Claro que não! — As grossas sobrancelhas de Joan arriaram-se. — Quero

que eles se casem. Assim, não estariam em pecado mortal toda vez que eu virasse as costas e o padre não poderia dizer que eu tinha que ficar em casa, não se minha mãe tiver um marido para cuidar dela.

Jamie passou um dedo devagar para cima e para baixo do cavalete de seu nariz, tentando imaginar como ele poderia induzir dois pecadores imorais de meia-idade a se casarem. A força? Sob a mira de uma espingarda? Até poderia, imaginava, mas... Bem, quanto mais pensava no assunto, mais gostava da ideia...

— Ele quer se casar com ela, você acha? — Claire perguntou, surpreendendo-o. A ideia não lhe ocorreria.

— Sim, quer — Joan disse, com óbvia desaprovação. — Está sempre se lamuriando sobre isso para mim, o quanto ele a ama... — Ela revirou os olhos. — Não que eu ache que ele não devesse amá-la — apressou-se a acrescentar, ao ver a expressão de Jamie. — Mas ele não devia estar falando disso para mim, não é?

— Ah... não — ele disse, sentindo-se ligeiramente zozinho. O vento ribombava pela rocha e seu lamento nos ouvidos dele o irritava, fazendo-o se sentir repentinamente como costumava se sentir na caverna, vivendo sozinho durante semanas a fio, sem nenhuma voz para ouvir, a não ser do vento. Sacudiu a cabeça violentamente para clareá-la, forçando-se a se concentrar no rosto de Joan, a ouvir suas palavras acima do vento.

— Ela também quer, eu acho — Joan dizia, ainda com a testa franzida. — Embora ela não fale sobre isso comigo, graças a santa Brígida. Mas ela gosta dele. faz comidinhas especiais para ele, esse tipo de coisa.

— Bem, então... — Ele tirou uma mecha esvoaçante dos cabelos de dentro da boca, sentindo-se aturdido. — Por que não se casam?

— Por sua causa — Claire disse, com um pouco menos de bom humor. — É aí que eu entro, imagino.

— Por causa do...

— Do acordo que você fez com Laoghaire, quando eu... voltei. — Sua atenção estava focalizada em Joan, mas ela se aproximou e tocou a mão dele de leve, sem olhar para ele. — Você prometeu sustentá-la, arranjar dotes para Joan e Marsali, mas isso terminaria se ela se casasse outra vez. É isso, não é? — ela disse a Joan, que confirmou com um sinal da cabeça.

— Ela e Joey conseguem ir sobrevivendo — ela disse. — Ele faz o que pode, mas... você o viu. Mas, se você parasse de mandar dinheiro, ela provavelmente teria que vender Balrigger para viver... e isso partiria seu coração — acrescentou em voz baixa, abaixando os olhos pela primeira vez.

Uma estranha dor tomou conta de seu coração — estranha porque não era dele, mas ele a reconhecia. Foi em algum momento nas primeiras semanas de seu casamento, quando ele preparava novos canteiros na horta. Laoghaire lhe trouxe uma

caneca de cerveja fria e ficou ali parada enquanto ele a bebia, depois lhe agradeceu pelo trabalho. Ele ficara surpreso e rira, perguntando por que ela achava que devia lhe agradecer por isso.

— Porque você cuida da minha casa — ela respondeu simplesmente —, mas não tenta tirá-la de mim. — Então, pegara a caneca vazia de sua mão e voltara para dentro de casa.

E certa vez, na cama — e ele corou diante do pensamento, com Claire bem ali ao seu lado —, ele lhe perguntara por que ela gostava tanto de Balriggan; não era uma propriedade de família, afinal, nem extraordinária em nenhum aspecto. E ela suspirara um pouco, puxara a colcha até o queixo e dissera:

— É o primeiro lugar em que me senti segura.

Ela não quis dizer mais nada quando ele lhe perguntou, mas apenas virou-se e fingiu que dormia.

— Ela preferiria perder Joey a perder Balriggan — Joan dizia a Claire. — Mas ela também não quer perdê-lo. Vê a dificuldade?

— Sim, vejo. — Claire parecia sentir pena dela, mas lançou um olhar para Jamie indicando que isso, naturalmente, era problema dele. Claro que era, ele pensou, exasperado.

— Eu... farei alguma coisa — ele disse, sem ter a menor noção do que faria, mas como poderia recusar? Deus provavelmente iria derrubá-lo por interferir na vocação de Joan, isso se seu próprio sentimento de culpa não acabasse com ele primeiro.

— Oh, papai! Obrigada.

O rosto de Joan iluminou-se repentinamente com um deslumbrante sorriso e ela se atirou em seus braços — e ele mal teve tempo de levantá-los para ampará-la; ela era uma jovem bastante sólida. Mas ele envolveu-a no abraço que quisera lhe dar assim que se encontraram e sentiu a estranha dor se aplacar, conforme essa desconhecida filha se encaixava com perfeição em um lugar vazio em seu coração que ele nem sabia que existia.

O vento continuava açoitando e deve ter sido um grão de poeira que fez os olhos de Claire brilharem ao olhar para ele, sorrindo.

— Só uma coisa — ele disse com ar severo, depois que Joan o soltou e recuou um passo.

— Qualquer coisa — ela disse fervorosamente.

— Vai rezar por mim, não é? Quando for freira?

— Todos os dias — ela lhe assegurou — e duas vezes aos domingos.

O sol já começava a descer no horizonte, mas ainda faltava algum tempo para o jantar. Eu deveria, imaginava, estar lá para oferecer ajuda nos preparativos da refeição. Esses preparativos eram tanto enormes quanto trabalhosos, com tanta gente

indo e vindo, e Lallybroch já não podia sedar ao luxo de ter uma cozinheira. Mas, ainda que Jenny estivesse ocupada cuidando de Ian, Maggie com as filhas e as duas criadas eram mais do que capazes de dar conta. Eu só iria atrapalhar. Ou assim disse a mim mesma, plenamente consciente de que sempre havia trabalho para mais um par de mãos.

Mas fiz a difícil descida da colina atrás de Jamie e não disse nada quando ele desviou-se da trilha que levava a Lallybroch. Fomos caminhando, sem pressa, contentes, na direção do pequeno lago.

— Talvez eu realmente tenha tido alguma coisa a ver com os livros, hein? — Jamie disse, após algum tempo. — Quero dizer, eu lia para as meninas à noite de vez em quando. Elas sentavam-se no banco comigo, uma de cada lado, com as cabeças recostadas em mim, e era... — Interrompeu-se com um olhar para mim e pigarreou, evidentemente preocupado que eu ficasse ofendida com a ideia de que ele tenha desfrutado algum momento feliz na casa de Laoghaire. Sorri e tomei seu braço.

— Tenho certeza de que elas adoravam. Mas realmente duvido que tenha lido alguma coisa para Joan que a tenha feito querer ser uma freira.

— Sim, bem — ele disse, em dúvida. — Na realidade, eu costumava ler para elas Vidas dos santos. Oh, e O livro dos mártires, de Fox também, embora grande Parte dele tenha a ver com protestantes, e Laoghaire disse que os protestantes não podiam ser mártires porque eram horrendos hereges, e eu retruquei que ser um herege não excluía a possibilidade de ser um mártir e... — Ele riu subitamente. — Acho que essa foi a troca de palavras mais próxima de uma conversa decente que tivemos.

— Pobre Laoghaire! — eu disse. — Mas deixando-a de lado, e por favor, vamos deixar, o que achou da situação de Joan?

Ele sacudiu a cabeça, em dúvida.

— Bem, talvez eu consiga subornar Laoghaire para se casar com o aleijadinho mas isso iria requerer muito dinheiro, já que ela iria pedir mais do que recebe de mim agora. Não me resta muito do ouro que trouxemos, de modo que isso teria que esperar até eu conseguir voltar a Ridge e extrair mais um pouco, levar a um banco, providenciar uma ordem de pagamento... detesto a ideia de Joan ter que passar mais um ano em casa, tentando manter aqueles assanhados nos trilhos.

— Assanhados? — eu disse, achando graça. — Não, francamente. Você os viu se agarrando?

— Não exatamente — ele disse, tossindo. — Mas se podia ver que havia uma atração entre eles. Venha, vamos seguir pela margem; eu vi o ninho de um maçarico-real no outro dia.

O vento abrandara e o sol estava quente e brilhante — por enquanto. Eu podia ver nuvens espreitando no horizonte e certamente estaria chovendo de novo ao

anoitecer, mas no momento era um belo dia de primavera, e nós dois estávamos dispostos a apreciá-lo. Por consentimento mútuo, deixamos de lado todos os assuntos desagradáveis e não conversamos sobre nada em particular, apenas desfrutando a companhia um do outro, até chegarmos a um pequeno outeiro recoberto de grama onde pudemos nos empoleirar e nos deliciar com o sol.

No entanto, a mente de Jamie parecia voltar de vez em quando a Laoghaire — imagino que ele não conseguisse evitar. Não importava, na verdade, já que as comparações que ele fazia eram todas em meu benefício.

— Se ela tivesse sido minha primeira mulher — ele disse pensativamente em determinado momento —, acho que eu teria uma opinião muito diferente das mulheres em geral.

— Bem, você não pode definir todas as mulheres em termos de como elas são, ou de como uma delas é, na cama — objetei. — Conheci homens que, bem...

— Homens? Frank não foi seu primeiro? — ele perguntou, surpreso.

Coloquei uma das mãos atrás da cabeça e olhei para ele.

— Faria diferença se não tivesse sido?

— Bem... — Obviamente desconcertado com a possibilidade, ele hesitou em busca de uma resposta. — Suponho que... — Parou de repente e me observou, pensativamente passando um dedo pelo cavalete do nariz. Um dos cantos de sua boca torceu-se. — Não sei.

Eu mesma não sabia. Por um lado, de certa forma gostei do choque que ele levou diante da ideia — e na minha idade eu não era nem um pouco avessa a me sentir ligeiramente libertina, ao menos em retrospecto. Por outro...

— Bem, e quem é você para começar a atirar pedras?

— Você foi minha primeira — ele ressaltou, com considerável aspereza.

— Foi o que você disse — retruquei, caçoando. Para meu divertimento, ele enrubescou.

— Não acredita em mim? — ele disse, a voz se elevando, a despeito de si mesmo.

— Bem, você parecia muito bem-informado para um pretenso virgem. Sem falar de... imaginativo.

— Pelo amor de Deus, Sassenach, eu cresci em uma fazenda! É uma questão muito clara, afinal. — Olhou-me detalhadamente de cima a baixo, o olhar demorando-se em alguns pontos de interesse. — E quanto à imaginação fértil... Santo Deus, eu passara meses... anos!... imaginando! — Uma certa luminosidade tomou conta de seus olhos e eu tive a distinta impressão de que ele não parara de imaginar nos anos subsequentes, de modo algum.

— Em que está pensando? — perguntei, intrigada.

— Estou pensando que a água do lago está um pouco fria demais, mas se

não encolhesse meu pau instantaneamente a sensação do calor quando eu mergulhasse em você... Claro — acrescentou de maneira prática, examinando-me como se avaliasse o esforço envolvido em forçar-me a entrar no lago —, não precisaríamos fazer isso dentro d'água, a menos que você quisesse; eu podia apenas afundá-la algumas vezes, arrastá-la para a margem e... meu Deus, seu traseiro fica bonito com a combinação molhada agarrada à pele. Fica completamente transparente e eu posso ver o peso de suas nádegas, como dois grandes melões, lisos e redondos...

— Retiro o que eu disse... não quero saber o que você está pensando!

— Você perguntou — ele ressaltou logicamente. — E posso ver o suave rego de seu traseiro também... e quando tiver você presa embaixo de mim e não puder fugir... você quer deitada de costas, Sassenach, ou dobrada para a frente, sobre os joelhos, e eu por trás? Poderia segurá-la de um jeito ou de outro e...

— Não vou entrar num lago gelado para satisfazer seus desejos pervertidos!

— Está bem — ele disse, rindo. Estendendo-se ao meu lado, passou a mão por trás de mim e agarrou minha nádega. — Você pode satisfazê-los aqui mesmo, se quiser, onde está quente.

*ONOMANCIA*

Lallybroch era uma fazenda ativa. Nada em uma fazenda pode parar por muito tempo, mesmo para chorar um morto. E foi assim que eu vim a ser a única pessoa na frente da casa quando a porta se abriu no meio da tarde.

Ouvi o barulho e enfiei a cabeça para fora do gabinete de Ian para ver quem havia entrado. Um rapaz desconhecido estava parado no vestíbulo, olhando ao redor de forma avaliadora. Ele ouviu meus passos e se virou, fitando-me com curiosidade.

— Quem é você? — dissemos simultaneamente, e rimos.

— Sou Michael — ele disse, em uma voz grave e aveludada, com um leve sotaque francês. — E você deve ser a mulher-fada do tio Jamie, imagino.

Ele me examinava com franco interesse e eu me senti, portanto, à vontade para fazer o mesmo.

— É assim que a família me chama? — perguntei, examinando-o.

Era esbelto, não sendo forte e corpulento como o Jovem Jamie, nem tendo a altura rija do Jovem Ian. Michael era gêmeo de Janet, mas também não se parecia nem um pouco com ela. Este era o filho que fora para a França, para se tornar sócio no negócio de vinhos de Jared Fraser, Fraser et Cie. Quando tirou a capa de viagem, vi que estava muito bem-vestido para as Highlands, embora seus trajes fossem sóbrios tanto no corte quanto na cor — mas ele usava uma fita de crepe preta no braço.

— Isso ou a bruxa — ele disse, sorrindo ligeiramente. — Dependendo se for papai ou mamãe que estiver falando.

— De fato — eu disse, com certa aspereza, mas não consegui deixar de sorrir também. Era um jovem tranquilo, mas muito cativante... bem, relativamente jovem. Devia ter quase trinta anos, pensei. — Meus pêsames por sua... perda — eu disse, com um sinal da cabeça indicando a fita preta. — Posso lhe perguntar...

— Minha mulher — respondeu simplesmente. — Morreu há duas semanas. Eu teria vindo antes, não fosse por isso.

Aquilo me deixou consideravelmente desconcertada.

— Oh, eu... compreendo. Mas seus pais, seus irmãos e irmãs... não sabem ainda?

Ele sacudiu a cabeça e se adiantou, de modo que a luz da janela em forma de leque acima da porta recaiu sobre seu rosto, e eu vi as olheiras sob seus olhos e as marcas de profunda exaustão que é o único consolo pela morte de um ente querido.

— Sinto muito mesmo — eu disse e, movida por um impulso, abracei-o. Ele inclinou-se para mim, sob o mesmo impulso. Seu corpo cedeu por um instante ao meu toque e houve um momento extraordinário em que senti o profundo entorpecimento que havia dentro dele, a guerra insuspeita entre a aceitação e a negação. Ele sabia o que acontecera, o que estava acontecendo, mas não conseguia sentir nada. Ainda não. — Oh, querido — eu disse, dando um passo para trás, afastando-me daquele curto abraço. Toquei de leve em seu rosto e ele olhou fixamente para mim, piscando.

— Minha nossa — disse brandamente. — Eles têm razão.

Uma porta abriu-se e fechou-se em cima, ouvi passos na escada — e um instante depois Lallybroch tinha despertado para a notícia de que seu último filho voltara para casa.

O redemoinho de mulheres e crianças nos transportou para dentro da cozinha, onde os homens apareceram, de um em um ou de dois em dois, pela porta dos fundos, para abraçar Michael ou bater em seu ombro.

Houve grandes demonstrações de solidariedade, as mesmas perguntas e respostas repetidas várias vezes — como a mulher de Michael, Lillie, morrera? Ela morrera da gripe; assim como a avó dela; não, ele mesmo não pegara a gripe; o pai dela enviava suas preces e solidariedade pelo pai de Michael — e por fim os preparativos para o banho, o jantar e colocar as crianças na cama começaram, e Michael esquivou-se do alvoroço. Eu mesma, ao sair da cozinha para pegar meu xale no gabinete, o vi ao pé da escada com Jenny, falando serenamente. Ela tocou seu rosto, exatamente como eu fizera, perguntando-lhe alguma coisa em voz baixa. Ele esboçou um sorriso, sacudiu a cabeça e, endireitando os ombros, subiu sozinho para ver Ian, que se sentia muito mal para descer para o jantar.

Somente ele entre os Murray, Michael herdara o gene para cabelos ruivos, e destacava-se entre seus irmãos, queimando como uma brasa. Mas ele herdara uma cópia exata dos meigos olhos castanhos do pai.

— E ainda bem — Jenny dissera-lhe reservadamente — ou o pai dele provavelmente teria certeza de que eu andara me deitando com o pastor de cabras, pois Deus sabe que ele não se parece com mais ninguém da família.

Mencionei isso a Jamie, que pareceu surpreso, mas depois sorriu.

— Sim. Ela não sabe, porque nunca conheceu Colum Mackenzie pessoalmente.

— Colum? Tem certeza? — Olhei por cima do ombro.

— Oh, sim. A tonalidade é diferente, mas levando-se em conta a idade e a boa saúde... Havia um retrato de Colum em Leoch, pintado quando ele tinha uns quinze anos, antes de sua primeira queda. Lembra-se? Ficava pendurado no solário, no terceiro andar.

Fechei os olhos, franzindo a testa em concentração, tentando reconstruir o andar térreo do castelo.

— Me leve até lá — eu disse. Ele fez um ruído na garganta, achando graça, mas pegou minha mão, traçando uma linha delicada na palma.

— Sim, aqui está a entrada, com a grande porta dupla. Uma vez dentro, você atravessaria o pátio, depois...

Ele me conduziu sem vacilar ao ponto exato em minha mente e, de fato, havia um retrato lá de um jovem com um rosto fino e inteligente e uma expressão nos olhos de alguém que enxerga longe.

— Sim, acho que tem razão — eu disse, abrindo os olhos. — Se ele for tão inteligente quanto Colum... tenho que lhe contar.

Os olhos de Jamie, escuros de reflexão, esquadrinharam meu rosto.

— Não pudemos mudar as coisas, antes — ele disse, um tom de advertência na voz. — Provavelmente, você não pode mudar o que está por vir na França.

— Talvez não — eu disse. — Mas o que eu sabia, o que eu lhe disse, antes de Culloden, não impediu Carlos Stuart de fazer o que fez, mas você sobreviveu.

— Não intencionalmente — ele disse secamente.

— Não, mas seus homens viveram também, e esse era o propósito. Assim, talvez... talvez... possa ajudar. E não posso viver em paz comigo mesma se não o fizer.

Ele balançou a cabeça, circunspecto.

— Está bem, então. Eu os chamarei.

A rolha se soltou com um suave pop e o rosto de Michael relaxou também. Ele cheirou a rolha escurecida, depois passou a garrafa delicadamente sob o nariz, os olhos semicerrados em apreciação.

— Bem, o que diz, rapaz? — seu pai perguntou. — Vai nos envenenar ou não?

Ele abriu os olhos e lançou um olhar ligeiramente ofendido ao pai.

— Você disse que era importante, não foi? Portanto, tomaremos o negro amaro. De Apulia — acrescentou, com uma nota de satisfação, e virou-se para mim.

— Está bom, tia?

— Sim.... an... certamente — eu disse, levemente desconcertada. — Por que me pergunta? É você o especialista em vinhos.

Michael olhou para mim, surpreso.

— Ian disse — começou, mas parou no meio da frase e sorriu para mim. — Minhas desculpas, tia. Devo ter entendido mal.

Todos se viraram e olharam para o Jovem Ian, que corou sob aquele escrutínio.

— O que foi exatamente que você disse, Ian? — o Jovem Jamie perguntou. O Jovem Ian estreitou os olhos para seu irmão, que parecia estar achando graça na situação.

— Eu disse — o Jovem Ian retrucou, endireitando-se com ar de desafio — que tia Claire tinha algo importante a dizer a Michael e que ele devia ouvir porque ela é uma... uma...

— Bansidhe, foi o que ele disse — Michael terminou em sua ajuda. Não riu para mim, mas um profundo humor brilhou em seus olhos e, pela primeira vez, eu vi o que Jamie quis dizer ao compará-lo a Colum Mackenzie. — Eu não sabia ao certo se era isso que ele realmente queria dizer, tia, ou se é apenas que você seja uma curandeira... ou uma bruxa.

Jenny soltou o ar em uma arfada diante da palavra e até mesmo o Ian mais velho pestanejou. Ambos viraram-se e olharam para o Jovem Ian, que encolheu os ombros defensivamente.

— Bem, eu não sei exatamente o que ela é — ele disse. — Mas ela é do Povo Antigo, não é, tio Jamie?

Algo estranho pareceu atravessar o ar no aposento; um vento fresco, repentino, lamentou-se pela chaminé, fazendo o fogo abafado explodir e lançar uma chuva de fagulhas e borralhos na lareira. Jenny levantou-se com uma pequena exclamação e apagou-os com uma vassoura.

Jamie estava sentado ao meu lado; segurou minha mão e fixou em Michael um olhar firme.

— Não há uma palavra exata para o que ela é, mas ela tem conhecimento de coisas que irão acontecer. Preste atenção ao que ela disser.

Isso fez todos pararem o que faziam e prestar atenção, e eu limpei minha garganta, profundamente embaraçada com meu papel de profeta, mas obrigada a falar, de qualquer modo. Pela primeira vez, tive uma repentina sensação de parentesco com alguns dos mais relutantes profetas do Velho Testamento. Achei que sabia exatamente como Jeremias se sentiu quando lhe disseram para ir e profetizar a destruição de Nínive. Eu só esperava ter uma recepção melhor; eu me lembrava mais ou menos que os habitantes de Nínive o haviam jogado em um poço.

— Você deve saber mais do que eu sobre a política na França — eu disse, olhando diretamente para Michael. — Não sei lhe dizer nada em termos de acontecimentos específicos pelos próximos dez ou quinze anos. Mas depois disso... as coisas vão se deteriorar rapidamente. Haverá uma revolução. Inspirada pela que

está ocorrendo agora na América, mas não igual. O rei e a rainha serão feitos prisioneiros com sua família e ambos serão decapitados.

Uma arfada geral elevou-se da mesa, e Michael pestanejou.

— Haverá um movimento chamado de Terror e as pessoas serão arrancadas de suas casas e denunciadas, todos os aristocratas serão mortos ou terão que fugir do país, e não será bom para os ricos de um modo geral. Jared poderá estar morto até lá, mas você não. E, se você tiver metade do talento que eu acho que tem, você será rico.

Ele resfolegou um pouco, desdenhosamente, e houve uma sombra de risos no aposento, mas não durou muito.

— Eles construirão uma máquina chamada guilhotina... talvez já exista, eu não sei. Foi feita originalmente como um método humanitário de execução, eu acho, mas será usado com tanta frequência que se tornará o símbolo do Terror, e da revolução em geral. Você não vai querer estar na França quando isso acontecer.

— Eu... como você sabe disso? — Michael perguntou. Parecia pálido e um pouco beligerante. Bem, ali estava a dificuldade. Segurei a mão de Jamie com força por baixo da mesa e contei-lhes como eu sabia.

Fez-se um silêncio mortal. Somente o Jovem Ian não parecia estarecido — mas ele já sabia, e mais ou menos acreditava em mim. Eu podia ver que a maioria ao redor da mesa não acreditava. Ao mesmo tempo, não podiam realmente me chamar de mentirosa.

— Isso é o que eu sei — eu disse, falando diretamente para Michael. — E é assim que eu sei. Você tem alguns anos para se preparar. Leve seu negócio para a Espanha ou Portugal. Venda e emigre para a América. Faça o que quiser, mas não fique na França por mais dez anos. É só — eu disse, abruptamente. Levantei-me e saí, deixando um rastro de absoluto silêncio.

Eu não devia ter ficado surpresa, mas fiquei. Foi no galinheiro, colhendo os ovos, que ouvi os cacarejos assustados e o bater de asas das galinhas do lado de fora, anunciando que alguém entrara em seu terreiro. Lancei um olhar fixo e glacial para a última galinha, desafiando-a a me bicar, agarrei um ovo de baixo dela e saí para ver quem era.

Era Jenny, com um avental cheio de milho. Isso era estranho; eu sabia que as galinhas já tinham sido alimentadas, pois vira uma das filhas de Maggie fazendo isso há uma hora.

Ela balançou a cabeça para mim e começou a jogar o milho aos punhados. Coloquei o último ovo, ainda morno, no meu cesto e esperei. Obviamente, ela queria falar comigo e arranjar uma desculpa para fazê-lo em particular. Tive uma profunda sensação de mau presságio.

Aliás, inteiramente justificada, pois ela deixou cair o último punhado de

milho socado e, com isso, toda a pretensão de casualidade.

— Quero lhe pedir um favor — ela me disse, mas evitava me olhar diretamente e eu pude ver que o sangue latejava em sua têmpora.

— Jenny — eu disse, sem poder impedi-la ou atendê-la. — Eu sei...

— Queria que você curasse Ian — ela disse num rompante, erguendo os olhos para os meus. Eu estava certa sobre o que ela pretendia pedir, mas errada quanto à sua emoção. Havia preocupação e medo por trás de seus olhos, mas nenhuma timidez, nenhum constrangimento; ela tinha olhos de falcão e eu sabia que ela rasgaria minha carne como um falcão se eu lhe negasse o favor.

— Jenny — eu disse. — Eu não posso.

— Não pode ou não quer? — ela retrucou bruscamente.

— Eu não posso. Pelo amor de Deus, acha que eu já não teria feito isso se tivesse o poder?

— Talvez não, por causa do rancor que você guarda de mim. Se é isso... direi que sinto muito, e falo sinceramente, embora eu tenha feito o que fiz com a melhor das intenções.

— Você... O quê? — Eu estava sinceramente confusa, mas isso pareceu enfurecê-la.

— Não finja que não sabe do que quero dizer! Na última vez que você voltou e eu mandei chamar Laoghaire!

— Oh. — Eu não havia realmente me esquecido disso, mas não me parecera importante, à luz de tudo o mais. — Está... tudo bem. Não guardo rancor por isso. Mas por que você mandou chamá-la? — perguntei, tanto por curiosidade quanto na esperança de esvaziar um pouco a intensidade de sua emoção. Eu já vira muitas pessoas à beira da exaustão, da dor e do terror, e ela certamente estava dominada pelos três.

Ela fez um movimento impaciente, espasmódico, e pareceu que ia virar as costas e ir embora, mas não o fez.

— Jamie não lhe falara sobre ela, nem ela sobre você. Eu podia entender o porquê, talvez, mas eu sabia que, se a trouxesse aqui, ele não teria escolha senão pegar o touro a unha e esclarecer a questão.

— Ela quase o matou! — eu disse, começando eu mesma a ficar enfurecida. — Ela atirou nele, pelo amor de Deus!

— Bem, eu não lhe dei a arma, dei? — ela rebateu. — Eu não pretendi que ele lhe dissesse o que quer que tenha dito a ela, nem que ela pegasse uma pistola e atirasse nele.

— Não, mas você me disse para ir embora!

— Por que não o faria? Você já havia partido o coração dele uma vez e eu achava que o faria de novo! E você com o descaramento de voltar aqui toda

arrogante, bela e cheia de viço, quando nós tínhamos... nós tínhamos... foi isso que deu a tosse a Ian!

— Isso...

— Quando o levaram e o prenderam em Tolbooth. Mas você não estava aqui quando isso aconteceu! Não estava aqui quando passamos fome e congelamos de frio e tememos pelas vidas de nossos homens e de nossas crianças! Em nada disso! Você estava na França, bem a salvo!

— Eu estava em Boston, a duzentos anos de agora, achando que Jamie estava morto — eu disse friamente. — E eu não posso ajudar Ian. — Lutei para dominar meus próprios sentimentos, liberados em um jato ao remexermos nas feridas do passado, e senti compaixão ao ver sua expressão, seu rosto bem delineado macilento e atormentado, as mãos apertadas com tanta força que as unhas penetravam na carne. — Jenny — eu disse com mais serenidade. — Por favor, acredite-me. Se eu pudesse fazer qualquer coisa por Ian, daria minha alma para fazer. Mas não sou mágica; não tenho nenhum poder. Apenas um pouco de conhecimento, e não o suficiente. Eu daria minha alma para fazer isso — repeti, com mais ênfase, inclinando-me para ela. — Mas não posso. Jenny... não posso.

Ela me fitou em silêncio. Um silêncio que durou além do suportável, e finalmente eu passei por ela e me dirigi para a casa. Mas por trás de mim eu a ouvi sussurrar.

— Você não tem alma nenhuma.

*PURGATÓRIO II*

Quando Ian se sentia bastante bem, saía para caminhar com Jamie. Às vezes, apenas até o pátio ou o celeiro, para se apoiar na cerca e dizer umas palavras às ovelhas de Jenny. As vezes, sentia-se suficientemente bem para caminhar quilômetros, o que surpreendia — e assustava — Jamie. Ainda assim, pensou, era bom caminharem lado a lado pelas charnecas, pela floresta e pelas margens do lago, sem falar muito, mas lado a lado. Não tinha importância que caminhassem devagar; sempre o fizeram, desde que Ian voltara da França com uma perna de pau.

— Estou ansioso para ter minha perna de volta — Ian comentara descontraidamente certa vez, quando estavam sentados ao abrigo da rocha onde Fergus perdera a mão, olhando para o riacho que corria pelo sopé do monte, observando o lampejo eventual de uma truta saltando.

— Sim, isso vai ser bom — Jamie dissera, sorrindo ligeiramente e também um pouco amargamente ao se lembrar de quando acordara depois de Culloden e achara que sua própria perna tivesse sido decepada. Ficara transtornado e tentara se consolar com o pensamento de que a teria de volta por fim, se conseguisse sair do purgatório e entrar no céu. Claro, ele também achara que estava morto, mas isso não lhe parecera tão ruim quanto a perda imaginária da perna. — Acho que não vai ter que esperar muito — disse sem constrangimento, e Ian pestanejou para ele.

— Esperar o quê?

— Sua perna. — Ele percebeu repentinamente que Ian não fazia nenhuma ideia do que ele andara pensando, e apressou-se a explicar. — Eu só estava pensando, você não vai passar muito tempo no purgatório, se é que vai passar algum tempo lá, portanto logo terá sua perna de volta.

Ian abriu um largo sorriso.

— O que o faz ter tanta certeza de que não passarei mil anos no purgatório? Eu posso ser um terrível pecador, hein?

— Bem, sim, pode ser — Jamie admitiu. — Mas se for assim você deve ter muitos pensamentos pecaminosos, porque se você andasse fazendo alguma coisa eu

saberia.

— Oh, acha mesmo? — Ian pareceu achar graça naquilo. — Há anos você não me vê. Eu posso ter andado fazendo qualquer coisa e você nunca ficaria sabendo!

— Claro que ficaria — Jamie disse logicamente. — Jenny me contaria. E você não vai querer me dizer que ela não ficaria sabendo se você tivesse uma amante e seis filhos bastardos, ou que andara pelas grandes estradas assaltando as pessoas com uma máscara negra de seda?

— Bem, provavelmente saberia — Ian admitiu. — Mas, convenhamos, meu caro, não há nada que você possa chamar de grande estrada num raio de duzentos quilômetros. E eu congelaria de frio muito antes de encontrar alguém que valesse a pena roubar em um desses caminhos. — Parou, os olhos estreitados contra o vento, contemplando as possibilidades criminosas ao seu alcance. — Eu poderia estar roubando gado — informou. — Mas existem tão poucos animais hoje em dia que toda a paróquia ficaria sabendo assim que desse falta de um deles. E duvido que eu pudesse escondê-lo entre as ovelhas de Jenny com qualquer esperança de que não fosse notado.

Continuou pensando, o queixo na mão, depois sacudiu a cabeça relutantemente.

— A triste verdade, Jamie, é que ninguém nas Highlands tem tido nada que valha a pena roubar nos últimos vinte anos. Não, receio que o roubo esteja definitivamente descartado. Assim como fornicação, pois Jenny já teria me matado. O que resta? Não há realmente nada para cobiçar... imagino que só restem a mentira e o assassinato, e apesar de ter encontrado um ou outro homem que teria gostado de matar, nunca o fiz. — Sacudiu a cabeça pesarosamente, e Jamie riu.

— Oh, é mesmo? Você me disse que matou homens na França.

— Bem, sim, matei, mas isso era uma questão de guerra... ou negócios — acrescentou justificadamente. — Eu estava sendo pago para matá-los; não fiz isso por maldade.

— Bem, então, eu estou certo — Jamie ressaltou. — Você vai passar direto pelo purgatório como uma nuvem ascendente, pois não me lembro de uma única mentira que você tenha me contado.

Ian sorriu com grande afeto.

— Sim, bem, eu posso ter contado uma ou outra mentira de vez em quando, Jamie... mas não, não para você.

Ele abaixou os olhos para a gasta perna de pau estendida à sua frente e coçou o joelho naquele lado.

— Fico me perguntando, será que fará diferença?

— Como poderia deixar de fazer?

— Bem, a questão é — Ian disse, meneando o único pé de um lado para o outro —, eu ainda posso sentir o pé que perdi. Sempre fui capaz de senti-lo, desde que o perdi. Não o tempo todo, veja bem — acrescentou erguendo os olhos. — Mas eu realmente o sinto. Uma sensação muito estranha. Você sente seu dedo? — ele perguntou com curiosidade, levantando o queixo para indicar a mão direita de Jamie.

— Bem... sim, sinto. Não o tempo todo, mas de vez em quando... e o pior é que, embora o tenha perdido, ele ainda dói um bocado, o que não me parece justo.

Teve vontade de morder a língua depois de falar, pois ali estava Ian morrendo, e ele se queixando de que a perda de um dedo não era justa. Mas Ian chiou com uma risada e recostou-se para trás, sacudindo a cabeça.

— Se a vida fosse justa, como seria?

Permaneceram sentados em amistoso silêncio por algum tempo, observando o vento se mover pelo meio dos pinheiros na encosta da colina em frente. Depois, Jamie enfiou a mão no seu sporran e retirou um pacotinho embrulhado em branco. Estava um pouco surrado por ter ficado em seu sporran, mas fora cuidadosamente embrulhado e bem amarrado.

Ian examinou o pequeno embrulho na palma de sua mão.

— O que é?

— Meu dedo — Jamie disse. — Eu... bem... eu pensei se você não se importaria que eu o enterrasse junto com você.

Ian olhou para ele por um instante. Em seguida, seus ombros começaram a se sacudir.

— Por Deus, não ria! — Jamie disse, assustado. — Não pretendia fazê-lo rir! Nossa, Jenny me matará se você tossir um pulmão para fora e morrer bem aqui!

Ian estava tossindo, acessos de tosse entremeados de longos e laboriosos chiados de risada. Lágrimas de alegria afloraram aos seus olhos e ele pressionou os dois pulsos contra o peito, lutando para respirar. Finalmente, entretanto, a tosse cessou e ele endireitou-se devagar, fazendo um som como o de um fole. Ele fungou com força e descontraidamente cuspiu uma massa de um terrível escarlate nas pedras.

— Eu prefiro morrer aqui rindo de você do que em minha cama com seis padres rezando — ele disse. — Mas duvido que tenha a chance. — Estendeu a mão, a palma para cima. — Sim, me dê isso.

Jamie colocou o embrulhinho branco em sua mão e Ian guardou o dedo despreocupadamente no próprio sporran.

— Vou guardá-lo comigo até você me alcançar.

Ele desceu pelo meio das árvores e dirigiu-se para a borda da charneca que ficava embaixo da caverna. Fazia um frio cortante, com uma brisa inclemente, e a luz mudava sobre a paisagem como o adejar das asas de um pássaro conforme as

nuvens deslizavam no alto, longas e efêmeras. Ele encontrara uma trilha de cervo através do urzal mais cedo pela manhã, mas a trilha desaparecera em um declive pedregoso perto de uma encosta, e agora ele retornava para casa; estava atrás da colina em que ficava a torre, este lado coberto por um pequeno bosque de pinheiros e faias. Ele não vira nenhum cervo, nem mesmo um coelho esta manhã, mas não se importava.

Com tanta gente na casa, seria bom pegar um veado, sem dúvida — mas ele estava satisfeito só de ficar fora de casa, ainda que voltasse de mãos vazias.

Não podia olhar para Ian sem querer fixar os olhos em seu rosto, gravá-lo na memória, incutir aquelas últimas imagens de seu cunhado na mente da maneira como se lembrava de momentos especialmente vívidos, ali guardados para serem acessados e revividos quando necessário. Mas, ao mesmo tempo, ele não queria se lembrar de Ian como ele era agora; muito melhor conservar o que tinha dele: a luz do fogo ao lado do rosto de Ian, prestes a ter um acesso de riso quando conseguiu vencer Jamie em uma queda de braço, a própria força de seus tendões vigorosos surpreendendo a ambos. As mãos longas, de juntas proeminentes, de Ian na faca de caça, o movimento rápido e o cheiro de metal quente do sangue que escorria pelos seus dedos, seus cabelos castanhos agitados pelo vento que vinha do lago, as costas estreitas, curvadas e retesadas como um arco quando se baixava para levantar um de seus filhos ou netos pequenos do chão e atirá-los, dando risadinhas, no ar.

Foi bom terem vindo, pensou. Melhor ainda que tivessem trazido o filho de volta a tempo de conversar com seu pai como homem, reconfortar a mente de Ian e se despedir adequadamente. Mas viver na mesma casa com um irmão amado que morria embaixo do seu nariz desgastava tristemente os nervos.

Com tantas mulheres na casa, as altercações eram inevitáveis. Com tantas mulheres Fraser, era como caminhar por uma fábrica de pólvora com uma vela acesa. Todos se esforçavam tanto para manter a calma, para contemporizar... mas isso só piorava as coisas quando uma fagulha finalmente explodia um barril de pólvora. Ele não saía para caçar apenas porque precisavam de carne.

Teve um pensamento solidário por Claire. Depois do pedido angustiado de Jenny, Claire passou a se esconder no quarto ou no gabinete de Ian — ele a convidara a usá-lo, e Jamie achou que isso exasperou Jenny ainda mais — escrevendo ativamente, preparando o livro que Andy Bell colocou em sua cabeça.

Ela tinha um grande poder de concentração e podia se dedicar ao trabalho por horas a fio — mas tinha que sair para comer. E estava sempre lá, o conhecimento de que Ian estava morrendo, triturando como uma pedra de moinho, devagar, mas inclemente, desgastando os nervos.

Os nervos de Ian, também.

Ele e Ian estavam andando — devagar — pela margem do lago há dois dias, quando Ian parou repentinamente, curvando-se sobre si mesmo como uma folha de outono. Jamie apressou-se a segurá-lo pelo braço antes que ele caísse, e ajudou-o a sentar-se no chão, encontrando uma pedra grande para ele apoiar as costas, puxando o xale bem alto nos ombros debilitados, procurando alguma coisa, qualquer coisa que pudesse fazer.

— O que foi, a charaid? — ele disse, ansioso, agachando-se junto ao seu cunhado, seu amigo.

Ian tossia, quase silenciosamente, o corpo sacudindo-se com o esforço. Finalmente, o espasmo amainou e ele conseguiu inspirar, o rosto brilhando com o acesso febril da doença, aquela terrível ilusão de saúde.

— Dói muito, Jamie. — As palavras foram ditas com simplicidade, mas as pálpebras de Ian estavam cerradas, como se não quisesse olhar para Jamie enquanto falava.

— Eu o carregarei de volta. Talvez a gente possa lhe dar um pouco de láudano e...

Ian abanou a mão, reprimindo suas ansiosas promessas. Respirou superficialmente por um instante antes de sacudir a cabeça.

— Sim, parece que tem uma faca no meu peito — ele disse por fim. — Mas não é isso o que quero dizer. Não me importo muito em morrer... mas, Cristo, a demora está me matando. — Ele abriu os olhos, então, fitando os de Jamie, e riu tão silenciosamente quanto tossira, um débil sopro de som enquanto seu corpo se sacudia.

"Está doendo muito, Dougal. Preferia que acabasse logo." As palavras vieram à sua mente tão claramente como se tivessem sido ditas agora diante dele, em vez de trinta anos antes em uma igreja escura, arruinada por tiros de canhão. Rupert dissera isso, morrendo devagar. "Você é meu chefe", ele dissera a Dougal, implorando. "É seu dever." E Dougal Mackenzie fizera o que o amor e o dever exigiam.

Ele segurava a mão de Ian, com força, tentando incutir-lhe alguma noção de bem-estar de sua própria palma calosa para dentro da pele fina e acinzentada de Ian. Seu polegar deslizou para cima, pressionando o pulso onde ela vira Claire apertar, buscando a verdade da saúde de um paciente.

Sentiu a pele ceder, deslizando pelos ossos do pulso de Ian. Pensou de repente nos votos de sangue que fizera em seu casamento, a picada da lâmina e o pulso frio de Claire pressionado contra o dele e o sangue escorregadio entre eles. O pulso de Ian estava frio, também, mas não de medo.

Olhou para seu próprio pulso, mas não havia nenhum sinal de cicatriz, de votos ou grilhões; esses ferimentos eram passageiros, curados há muito tempo.

— Lembra-se de quando fizemos um pacto de sangue? — Os olhos de Ian estavam fechados, mas ele sorriu. A mão de Jamie apertou-se no pulso fino, um pouco espantado, mas não realmente surpreso que Ian tivesse entrado em sua mente e captado o eco de seus pensamentos.

— Sim, claro. — Não pôde deixar de esboçar um sorriso também, um sorriso doloroso.

Tinham oito anos de idade, os dois. A mãe de Jamie e seu filho haviam morrido no dia anterior. A casa estivera cheia de gente, seu pai aturdido com o choque. Eles saíram furtivamente, ele e Ian, escalaram com dificuldade a colina atrás da casa, tentando não olhar para a sepultura recém-cavada junto à torre. Entraram na floresta, sentindo-se a salvo sob as árvores.

Diminuíram o passo, então, vagando sem rumo, pararam finalmente no topo da alta colina, onde uma antiga construção de pedra que eles chamavam de forte desmoronara há muito tempo. Ficaram sentados nas ruínas, enrolados em seus xales para se protegerem do vento, sem falar muito.

— Pensei que ia ter um novo irmão — ele dissera de repente. — Mas não. Vamos continuar somente Jenny e eu.

Nos anos seguintes, ele conseguira esquecer aquela pequena dor, a perda de seu esperado irmão, o menino que lhe poderia devolver um pouco de seu amor pelo seu irmão mais velho, Willie, que morrera de sarampo. Ele alimentara essa dor por algum tempo, um frágil escudo contra a enormidade de saber que sua mãe havia desaparecido para sempre.

Ian ficara parado, pensando, por um instante, em seguida enfiou a mão no seu esporran e retirou dali a faquinha que seu pai lhe dera no último aniversário.

— Eu serei seu irmão — ele dissera, de modo prático, e fez um corte no polegar, chiando um pouco entre os dentes.

Ele entregara a faca a Jamie, que se cortou também, surpreso de doer tanto, e em seguida eles pressionaram os polegares juntos e juraram ser irmãos para sempre. E foram.

Jamie respirou fundo, preparando-se para a aproximação da morte, o negro fim.

— Ian. Quer que eu... — As pálpebras de Ian ergueram-se, o meigo castanho de seu olhar aguçando-se à claridade diante do que ouvira na rouquidão da voz de Jamie. Jamie clareou a garganta e olhou para longe, depois retornou o olhar para Ian, sentindo obscuramente que seria covardia desviar o olhar. — Você quer que eu o apresse? — perguntou, muito brandamente. No mesmo instante em que falava, a parte fria de sua mente buscou a maneira. Não com uma lâmina, não; era rápido e

limpo, uma partida adequada para um homem, mas causaria uma grande dor a seu irmão e aos filhos; nem ele, nem Ian tinham o direito de deixar uma lembrança final manchada de sangue.

O aperto dos dedos de Ian não aumentou, nem diminuiu, mas de repente Jamie sentiu o pulso que procurara em vão, uma pulsação fraca, constante, contra sua própria palma.

Ele não desviara os olhos, mas eles se turvaram, e ele abaixou a cabeça para esconder as lágrimas.

Claire... ela saberia como, mas não lhe podia pedir para fazer isso. Seu próprio juramento a impedia.

— Não — Ian disse. — Ainda não, pelo menos. — Ele sorria, os olhos enternecidos. — Mas fico contente de saber que você fará isso se eu precisar, mo brathair.

Um leve movimento estancou seus passos e o arrancou instantaneamente de seus pensamentos.

Ele não o vira, apesar de estar à vista. Mas o vento soprava para Jamie e o cervo estava ocupado, mordiscando entre as crostas de urzes secas, à cata de pequenos tufo de capim e plantas mais macias da charneca nos vãos. Ele esperou, ouvindo o vento. Somente a cabeça e as espáduas do animal eram visíveis atrás de uma moita, embora ele achasse, pelo tamanho do pescoço, que se tratasse de um macho.

Esperou, sentindo a emoção da caça infiltrar-se nele outra vez. Caçar um cervo vermelho na charneca era diferente de caçar nas florestas da Carolina do Norte. Uma operação muito mais lenta. O veado moveu-se um pouco de trás da moita, concentrado em seu alimento, e ele começou, gradual e imperceptivelmente, a erguer o rifle. Ele mandara um armeiro em Edimburgo endireitar o cano de seu rifle, mas não o usara desde então; esperava que estivesse com a mira certa.

Não o usava desde que acertara o hessiano com ele na batalha. Teve uma lembrança vívida e repentina de Claire deixando cair a bala deformada que matara Simon no prato de louça, sentiu o tinido em seu sangue.

Mais um passo, dois; o cervo encontrara algo suculento e arrancava e mastigava com grande concentração. Como a finalização de um único movimento, a boca da arma fixou-se delicadamente em seu alvo. Um grande macho e a não mais de cem metros. Podia sentir o grande e sólido coração, bombeando sangue sob suas próprias costelas, pulsando nas pontas de seus dedos sobre o metal. A coronha encaixou-se com força na cavidade de seu ombro.

Ele começava a apertar o gatilho quando ouviu os gritos da floresta atrás dele. A arma disparou, o tiro partiu descontroladamente, o cervo desapareceu com um estrépito de urzes se quebrando e os gritos cessaram.

Ele virou-se e correu para dentro da floresta, na direção de onde os gritos haviam partido, o coração batendo com força. Quem? Uma mulher, mas quem?

Encontrou Jenny sem muita dificuldade, paralisada na pequena clareira onde ele, ela e Ian costumavam vir quando eram pequenos, para compartilhar pequenas guloseimas e brincar de cavaleiros e soldados.

Ela fora um bom soldado.

Talvez ela estivesse esperando por ele, tendo ouvido sua arma. Talvez simplesmente não conseguisse se mover. Permanecia empertigada, mas com o olhar vazio, vendo-o se aproximar, o xale enrolado à sua volta como uma armadura enferrujada.

— Você está bem, mana? — ele perguntou, colocando o rifle junto ao grande pinheiro onde ela costumava ler para ele e Ian nas longas noites de verão quando o sol mal se escondia do crepúsculo à aurora.

— Sim, bem — ela disse, a voz sem entonação.

— Bem, então — ele disse, suspirando. Aproximando-se, insistiu em segurar suas mãos; ela não estendeu as mãos para ele, mas não opôs resistência. — Ouvi você gritar.

— Não queria que ninguém escutasse.

— Claro que não. — Ele hesitou, querendo perguntar outra vez se ela estava bem, mas seria tolice. Sabia muito bem qual era o problema e por que ela precisava ir ali e gritar na floresta, onde ninguém a ouviria, nem perguntaria estupidamente se ela estava bem. — Quer que eu vá embora? — ele perguntou, em vez disso, e ela fez uma careta, tentando libertar as mãos, mas ele não as soltou.

— Não. Que diferença faz? Que diferença qualquer coisa faz? — Ele ouviu o tom de histeria em sua voz.

— Ao menos... trouxe o garoto para casa a tempo — ele disse, por falta de outra coisa a lhe oferecer.

— Sim, você trouxe — ela disse, com um esforço para se controlar que se esfrangalhava como seda velha. — E trouxe sua mulher de volta também.

— Me censura por ter trazido minha mulher? — ele disse, chocado. — Ora pelo amor de Deus? Você não deveria estar feliz por ela ter voltado? Ou você... — Reprimiu as palavras seguintes rapidamente; estivera a ponto de perguntar se ela tinha raiva por ele ainda ter sua esposa quando ela estava prestes a perder o marido, mas não podia dizer isso.

Mas não fora absolutamente isso que Jenny quis dizer.

— Sim, ela voltou. Mas para quê? — berrou. — Para que serve uma feiticeira de coração frio demais para erguer um dedo sequer para salvar Ian?

Ele ficou tão espantado com isso que não conseguiu fazer nada além de repetir, aturdido:

— Coração frio? Claire?

— Eu pedi a ela e ela se negou a me atender. — Os olhos de sua irmã estavam secos, tresloucados de dor e ansiedade. — Não pode convencê-la a ajudar, Jamie?

A chama da vida em sua irmã, sempre brilhante e pulsante, agora estremecia como relâmpagos em cadeia. Era melhor que ela desabafasse com ele, pensou. Ela não poderia feri-lo.

— Mopiuthar, ela o curaria se pudesse — ele disse, o mais delicadamente possível, sem soltá-la. — Ela me contou que você lhe pediu... e chorou ao contar. Ela ama Ian tanto...

— Não ouse me dizer que ela ama meu marido tanto quanto eu! — gritou, arrancando as mãos das suas com tal violência que ele teve certeza de que ela pretendia esbofeteá-lo. Ela o fez, com tanta força que seu olho lacrimejou daquele lado.

— Eu não ia dizer isso de forma alguma — ele disse, mantendo a calma. Tocou cuidadosamente o lado de seu rosto. — Eu ia lhe dizer que ela o ama tanto...

Pretendera dizer "quanto a mim", mas não chegou tão longe. Ela o chutou na canela com tanta força que fez sua perna vergar, e ele cambaleou, agitando os braços para manter o equilíbrio, o que lhe deu a oportunidade de se virar e descer pela encosta como uma bruxa numa vassoura, as saias e os xales agitando-se ao seu redor.

*ARRANJOS*

Limpeza de ferimentos, escrevi cuidadosamente, e parei, arrumando minhas ideias. Água fervente, panos limpos, remoção de detritos. Utilização de larvas em carne morta (com um aviso referente às larvas das moscas-varejeiras mais comuns? Não, sem sentido; ninguém seria capaz de diferenciar sem uma lente de aumento). A costura de ferimentos (esterilização de agulha e linha).

Emplastos úteis. Deveria colocar uma seção específica sobre a produção e uso da penicilina?

Tamborilei a pena no mata-borrão, formando estrelinhas de tinta, mas finalmente decidi não incluir. O livro pretendia ser um guia útil para a pessoa comum. A pessoa comum não estava preparada para o penoso processo de fazer penicilina, muito menos ter um aparato de injeção — embora eu tivesse considerado por um instante a seringa de pênis que o dr. Fentiman me mostrara, com uma leve pontada de humor.

Isso, por sua vez, me fez pensar — rápida, mas vividamente — em David Rawlings e seu jugum penis. Ele próprio o usaria?, perguntei-me, mas apressadamente afastei a visão evocada pelo pensamento e folheei várias páginas, à procura de minha lista de tópicos principais.

Masturbação, escrevi pensativamente. Se alguns médicos discutiram o assunto a uma luz negativa — e sem dúvida o faziam —, imagino que não houvesse nenhuma razão para que eu não oferecesse a visão oposta — discretamente.

Alguns momentos depois, vi que eu continuava fazendo estrelinhas de tinta, completamente absorta no problema de falar discretamente sobre os benefícios da masturbação. Meu Deus, e se eu dissesse com todas as letras que as mulheres costumavam fazer isso também?

— Queimariam a edição inteira, e provavelmente a gráfica de Andy Bell também — disse em voz alta.

Ouvi alguém inspirar profundamente e ergui os olhos, deparando-me com uma mulher parada na porta do gabinete.

— Oh, está procurando por Ian Murray? — eu disse, empurrando a cadeira para trás. — Ele...

— Não, é você quem eu estou procurando. — Havia um tom muito estranho em sua voz e eu me levantei, sentindo-me repentinamente na defensiva, sem saber por quê.

— Ah — disse. — E você é...?

Ela deu um passo à frente, saindo do corredor às escuras e entrando na luz.

— Você me conhece, não? — Sua boca torceu-se em um sorriso rancoroso.

— Laoghaire Mackenzie... Fraser — acrescentou, quase relutantemente.

— Oh — exclamei.

Eu a teria reconhecido imediatamente, pensei, se não fosse pela incongruência do contexto. Este era o último lugar em que eu esperaria encontrá-la e o fato de ela estar ali... A lembrança do que acontecera na última vez em que ela viera a Lallybroch me fez disfarçadamente pegar o abridor de cartas de cima da escrivaninha.

— Estava procurando por mim — repeti cautelosamente. — Não Jamie?

Ela fez um gesto de desdém, afastando a ideia de Jamie, e enfiou a mão no bolso à sua cintura, retirando dali uma carta dobrada.

— Vim lhe pedir um favor — ela disse, e pela primeira vez ouvi o tremor em sua voz. — Leia isto. Por favor — acrescentou, e pressionou os lábios com força.

Olhei desconfiadamente para seu bolso, mas não estava volumoso; se tivesse trazido uma pistola, não a carregava ali. Peguei a carta e indiquei-lhe uma cadeira do outro lado da escrivaninha. Se ela resolvesse me atacar, eu perceberia.

Ainda assim, eu não estava realmente com medo dela. Ela estava transtornada; isso era evidente. Mas muito controlada.

Abri a carta e, com uma olhada ocasional para me certificar de que ela permanecia onde estava, comecei a ler.



15 de fevereiro de 1778

Filadélfia

— Filadélfia? — exclamei, surpresa, erguendo os olhos para Laoghaire. Ela balançou a cabeça.

— Eles foram para lá no verão do ano passado, o senhor achando mais seguro. — Seus lábios torceram um pouco. — Dois meses depois, o exército britânico entrou marchando na cidade e eles estão lá desde então.

"O senhor", imaginei, era Fergus. Notei o uso da palavra com interesse; evidentemente, Laoghaire se reconciliara com o marido de sua filha mais velha, pois usou a palavra sem ironia.



Querida mamãe

Preciso lhe pedir para fazer uma coisa por amor a mim e aos meus filhos. O problema é com Henri-Christian. Por causa da peculiaridade de sua forma física, ele sempre teve algum problema em respirar, particularmente quando gripado, e tem roncado como um golfinho desde que nasceu. Agora, ele começou a parar completamente de respirar quando dorme, se não estiver recostado em almofadas, quase sentado. Mamãe Claire examinou sua garganta quando ela e papai nos visitaram em New Berna e disse na época que suas adenoides — sendo isso alguma coisa em sua garganta — eram muito grandes e poderiam causar problemas no futuro. (Germain também tem isso e dorme com a boca aberta a maior parte do tempo, mas não é um risco para ele como é para Henri-Christian.)

Sinto um terror mortal de que Henri-Christian pare de respirar uma noite dessas e ninguém perceba a tempo de salvá-lo. Nós nos revezamos ao lado de sua cama, para manter sua cabeça na posição certa e acordá-lo quando ele parar de respirar, mas não sei por quanto tempo conseguiremos manter essa vigília. Fergus está exausto com o trabalho da loja e eu com o trabalho da casa (ajudo na loja, também, e naturalmente Germain também. As meninas são uma grande ajuda para mim na casa, que Deus as abençoe, e estão sempre dispostas a cuidar de seu irmãozinho — mas não podemos deixá-las acordadas à noite, vigiando-o sozinhas).

Mandei um médico examinar Henri-Christian. Ele concorda que as adenoides são provavelmente as responsáveis pela obstrução da respiração. Ele sangrou o menino e me deu um remédio para fazê-las encolher, mas de nada adiantou e somente fazia Henri-Christian chorar e vomitar. Mamãe Claire — perdoe-me por falar dela com você, pois sei dos seus sentimentos, mas é necessário — disse que talvez fosse preciso remover as amídalas e adenoides de Henri-Christian em algum momento, para facilitar sua respiração, e obviamente esse momento chegou. Ela fez isso para os gêmeos Beardsley algum tempo atrás, em Ridge, e eu não confiaria em mais ninguém para tentar tal operação em Henri-Christian.

Poderia ir vê-la, mamãe? Creio que ela deva estar em Lallybroch agora e eu vou escrever para ela, suplicando-lhe que venha à Filadélfia o mais rápido possível. Mas temo minha inabilidade de comunicar o horror de nossa situação.

Como você me ama, mamãe, por favor, procure-a e peça-lhe para vir o mais rápido possível.

*Sua afetuosa filha,
Marsali*



Abaixei a carta. Temo minha inabilidade de comunicar o horror de nossa situação. Não, ela fizera isso muito bem.

Apneia do sono, é como chamavam a tendência a parar de respirar repentinamente quando dormindo. Era comum — e muito mais comum em alguns tipos de nanismo, onde as vias respiratórias eram prejudicadas pelas anormalidades do esqueleto. A maioria das pessoas que sofriam disso acordava se debatendo e roncando antes de voltar a respirar normalmente. Mas as adenoides e amídalas aumentadas, obstruindo sua garganta — provavelmente um problema hereditário, pensei distraidamente, pois eu as notara em Germain e, com menor intensidade, nas meninas também agravavam a dificuldade, já que, mesmo que o reflexo que faz com que uma pessoa com falta de oxigênio para respirar consiga retomar a respiração automaticamente, Henri-Christian provavelmente não conseguiria inspirar com a rapidez e a profundidade que o acordaria.

A visão de Marsali e Fergus — e provavelmente Germain — revezando-se em uma vigília na casa escura, observando o menino respirar, talvez eles mesmos cambaleando de sono no frio e no silêncio, despertando abruptamente, aterrorizados de que ele tivesse mudado de posição em seu sono e parado de respirar... Um nó de temor se formara sob minhas costelas ao ler a carta.

Laoghaire me observava, os olhos azuis fixos diretamente em mim por baixo da touca. Ao menos desta vez, a raiva, a histeria e a suspeita com que sempre me observava não estavam presentes.

— Se você for — ela disse, e engoliu em seco eu desistirei do dinheiro. Olhei fixamente para ela.

— Acha que eu... — comecei a dizer, incrédula, mas parei. Bem, sim, ela obviamente acreditava que eu iria querer ser subornada. Ela achava que eu abandonara Jamie depois de Culloden, retornando somente quando ele se tornara próspero outra vez. Lutei com a ânsia de tentar dizer a ela... mas de nada adiantava, e era totalmente irrelevante agora. A situação era clara e cortante como caco de vidro.

Ela inclinou-se para frente abruptamente, as mãos sobre a escrivaninha, pressionadas com tanta força que suas unhas ficaram brancas.

— Por favor — ela disse. — Porfavor.

Eu tinha consciência de impulsos fortes e conflitantes: de um lado, esbofeteá-la e, de outro, colocar a mão solidariamente sobre a dela. Lutei contra ambos e me forcei a pensar com calma por um instante.

Eu iria, é claro; eu teria que ir. Não tinha nada a ver com Laoghaire ou com o que havia entre nós. Se eu não fosse e Henri-Christian morresse — ele poderia de fato eu jamais me perdoaria. Se chegasse a tempo, eu poderia salvá-lo; ninguém mais poderia. Era simples assim.

Meu coração esmoreceu à ideia de deixar Lallybroch agora. Que horror; como eu poderia, sabendo que deixava Ian pela última vez, talvez deixando todos eles e o próprio lugar pela última vez. Mas até mesmo enquanto esses pensamentos passavam por minha cabeça a parte de minha mente que era médica já havia apreendido a necessidade de ir e começava a planejar a maneira mais rápida de voltar para a Filadélfia, considerando como eu poderia adquirir o que eu precisava quando chegasse lá, as possíveis obstruções e complicações que poderiam surgir — toda a análise prática de como eu deveria fazer o que tão repentinamente me havia sido solicitado.

Enquanto minha mente saltava entre essas questões, a implacável lógica dominando o choque, subjugando a emoção, comecei a ver que este repentino desastre podia ter outros aspectos.

Laoghaire esperava, os olhos fixos em mim, a boca firme, instando-me a concordar.

— Está bem — eu disse, recostando-me em minha cadeira e devolvendo-lhe o mesmo olhar direto. — Vamos chegar a um acordo, então?

— Assim — eu disse, os olhos fixos no voo de uma garça cinzenta que atravessava o lago —, fizemos um trato. Eu vou para a Filadélfia o mais rápido possível para cuidar de Henri-Christian. Ela se casará com Joey, desistirá da pensão... e dará sua permissão para que Joan vá para um convento. Embora eu ache melhor nós colocarmos isso por escrito, por via das dúvidas.

Jamie fitava-me espantado e mudo. Estávamos sentados no capim alto e áspero à margem do lago, onde eu o levara para relatar o que acontecera — e o que iria acontecer.

— Ela, Laoghaire, manteve o dote de Joan intacto; Joan o receberá, para viajar e para sua entrada no convento — acrescentei. Respirei fundo, esperando manter a voz firme. — Estou pensando que... bem, Michael partirá em poucos dias. Joan e eu poderíamos ir com ele para a França; posso partir de lá em um navio francês e ele poderia levá-la em segurança ao seu convento.

— Você — ele começou, e eu estendi o braço, para apertar a mão dele, para impedi-lo de falar.

— Você não pode ir agora, Jamie — eu disse, suavemente. — Sei que não pode.

Ele fechou os olhos com uma careta e sua mão apertou a minha em uma instintiva negação do óbvio. Agarrei seus dedos com igual força, apesar do fato de estar segurando sua sensível mão direita. A ideia de ficar longe dele por menor que fosse o tempo ou o espaço — quanto mais o oceano Atlântico e os meses que se passariam antes que pudéssemos nos reencontrar — fez um buraco no meu estômago e me encheu de desolação e de uma vaga sensação de terror.

Ele iria comigo se eu lhe pedisse — se eu sequer lhe desse espaço para dúvida sobre o que ele devia fazer. Eu não podia permitir.

Ele precisava tanto disso. Precisava de qualquer breve período de tempo que restasse a Ian; precisava ainda mais estar ali por Jenny quando Ian morresse, pois ele podia ser um conforto para ela que nem mesmo seus filhos poderiam ser. E se ele tivera necessidade de ir ver Laoghaire por culpa do fracasso de seu casamento — quanto mais agudo seria seu sentimento de culpa em abandonar sua irmã, mais uma vez, quando ela mais precisava.

— Você não pode ir embora — sussurrei, ansiosamente. — Eu sei, Jamie.

Ele abriu os olhos e olhou para mim, um olhar angustiado.

— Não posso deixar você ir. Não sem mim.

— Não... vai demorar muito — eu disse, forçando as palavras através do nó que se formara em minha garganta — um nó que reconhecia tanto a minha tristeza em separar-me dele quanto a dor maior pelo motivo pelo qual nossa separação não duraria muito. — Afinal, eu já fui mais longe sozinha — eu disse, tentando sorrir. Sua boca moveu-se, tentando responder, mas a inquietação em seus olhos não mudou.

Ergui sua mão aleijada aos meus lábios e a beijei, pressionei minha face contra ela, a cabeça virada para o outro lado — mas uma lágrima escorreu pelo meu rosto e eu percebi que ele sentiu a umidade em sua mão, pois estendeu a outra mão para mim e puxou-me para ele, e ficamos sentados, pressionados um contra o outro, por um longo, longo tempo, ouvindo o vento que agitava o capim e encrespava a água. A garça havia pousado no outro lado do lago, parada em uma das pernas, esperando pacientemente entre as pequenas ondulações na superfície da água.

— Vamos precisar de um advogado — eu disse, finalmente, sem me mover. — Ned Gowan ainda está vivo?

Para minha grande surpresa, Ned Gowan ainda estava vivo. Que idade ele poderia ter?, me perguntei, fitando-o. Oitenta e cinco? Noventa? Estava encarquilhado como um saco de papel amassado e sem nenhum dente, mas ainda lampeiro como um grilo e com sua sede de sangue intacta.

Ele havia redigido o acordo de anulação do casamento entre Jamie e

Laoghaire, alegremente dispondo os pagamentos anuais a Laoghaire, os dotes de Marsali e Joan. Agora, sentava-se com a mesma alegria para desfazer tudo isso.

— Agora, a questão do dote da srta. Joan — ele disse, pensativamente lambendo a ponta de sua pena. — O senhor especificou, no documento original, que essa quantia, devo dizer, uma quantia muito generosa, deveria ser destinada à jovem na ocasião de seu casamento e passar a ser de sua única propriedade dali em diante, sem passar para seu marido.

— Sim, isso mesmo — Jamie disse, sem muita paciência. Ele havia me dito em particular que preferia ser preso a uma estaca, nu, em um formigueiro do que ter que lidar com um advogado por mais de cinco minutos, e estávamos lidando com as complicações deste acordo por mais de uma hora. — E então?

— Bem, ela não está se casando — o sr. Gowan explicou, com a indulgência devida a alguém não muito inteligente, mas ainda assim merecedor de respeito, pelo fato de ser ele quem estava pagando os honorários do advogado. — A questão se ela pode receber o dote sob esse contrato...

— Ela está se casando — Jamie disse. — Está se tornando Noiva de Cristo, seu protestante ignorante.

Olhei para Ned um pouco surpresa, não tendo nunca ouvido falar que ele era protestante, mas ele não contestou a afirmação. O sr. Gowan, perspicaz como sempre, notou minha surpresa e sorriu para mim, os olhos piscando.

— Não tenho nenhuma religião, a não ser a lei, senhora — ele disse. — A observância de uma forma de ritual sobre outra é irrelevante; Deus para mim é a personificação da Justiça, e eu O sirvo neste aspecto.

Jamie fez um ruído escocês no fundo da garganta em resposta a essa declaração.

— Sim, e isso lhe serve muito bem, que seus clientes aqui jamais percebam que não é um papista.

Os olhinhos escuros do sr. Gowan não pararam de piscar quando os voltou para Jamie.

— Tenho certeza de que não sugere algo tão desprezível quanto chantagem, não é, senhor? Ora, hesito até mesmo em mencionar essa nobre instituição escocesa, conhecendo como conheço a nobreza de seu caráter... e o fato de que não vai conseguir este maldito contrato sem mim.

Jamie suspirou profundamente e acomodou-se na cadeira.

— Sim, ande logo com isso. O que tem o dote, então?

— Ah. — O sr. Gowan voltou-se prontamente para a questão em pauta. — Conversei com a jovem a respeito de seus próprios desejos no assunto. Como autor original do contrato, você pode, com o consentimento dos outros signatários, que, pelo que sei, foi concedido, alterar os termos do documento original. Já que, como

eu disse, a srta. Joan não pretende se casar, você quer rescindir o dote completamente, manter os termos existentes ou alterá-los de alguma forma?

— Quero dar o dinheiro a Joan — Jamie disse, com um ar de alívio ao ser finalmente colocado diante de uma pergunta concreta.

— Absolutamente? — o sr. Gowan perguntou, a pena parada no ar. — A palavra "absolutamente" tendo um significado na lei diferente de...

— Você disse que conversou com Joan. O que diabos ela quer, então?

O sr. Gowan pareceu satisfeito, como sempre acontecia quando percebia uma nova complicação.

— Ela quer aceitar apenas uma pequena parte do dote original, para custear sua recepção em um convento; tal doação é costumeira, acredito.

— É mesmo? — Jamie ergueu uma das sobrancelhas. — E quanto ao resto?

— Ela quer que o resíduo seja dado a sua mãe, Laoghaire Mackenzie Fraser, mas não dado "absolutamente", se me compreende. Dado com condições.

Jamie e eu trocamos olhares.

— Quais condições? — ele perguntou cautelosamente.

O sr. Gowan ergueu a mão ressequida, dobrando os dedos enquanto enumerava as condições.

— Primeira, que o dinheiro não seja liberado até que haja um documento oficial do casamento de Laoghaire Mackenzie Fraser e Joseph Boswell Murray registrado na paróquia de Broch Mordha, testemunhado e atestado por um padre. Segunda, que um contrato seja assinado, reservando e garantindo a propriedade de Balrigger e todos os seus bens a Laoghaire Mackenzie Fraser, como proprietária exclusiva, até sua morte, sendo depois destinada como a supracitada Laoghaire Mackenzie Fraser assim dispuser em um testamento oficial. Terceira, o dinheiro não deverá ser dado "absolutamente", mas retido por um curador e desembolsado na quantia de vinte libras por ano, pagas em conjunto à supramencionada Laoghaire Mackenzie Fraser e a Joseph Boswell Murray. Quarta, que esses pagamentos anuais sejam usados exclusivamente em questões relativas à manutenção e melhoria da propriedade de Balrigger. Quinta, o pagamento do desembolso de cada ano deverá ser contingenciado ao recibo da documentação adequada relativa ao uso do desembolso do ano anterior.

Ele dobrou o polegar e abaixou o punho fechado, em seguida ergueu um dedo da outra mão.

— Sexta, e última, que James Alexander Gordon Fraser Murray, de Lallybroch, seja o curador desses fundos. Concorde com as condições, senhor?

— Concordo — Jamie disse com firmeza, levantando-se. — Faça dessa maneira, sr. Gowan, por favor. E agora, se ninguém se importar, vou me afastar e tomar uma dose de uísque. Provavelmente duas.

O sr. Gowan colocou a tampa em seu tinteiro, arrumou suas anotações em uma pilha caprichada e igualmente se levantou, embora mais devagar.

— Vou acompanhá-lo nesta dose, Jamie. Quero saber sobre esta sua guerra na América. Parece uma extraordinária aventura!



CONTANDO CARNEIROS

Conforme o tempo se escoava, Ian achava cada vez mais difícil adormecer. A necessidade de partir, encontrar Rachel, ardia dentro dele de tal forma que ele sentia carvão em brasa na boca do estômago o tempo inteiro. Tia Claire chamava isso de "azia". Dizia que era causada por engolir a comida sem mastigar adequadamente, mas não era — ele mal conseguia comer.

Passava os dias com seu pai, a maior parte do tempo possível. Sentado no canto do aposento onde recebia os colonos, observando seu pai e seu irmão mais velho tratar dos negócios de Lallybroch, não conseguia compreender como seria possível levantar-se e ir embora, deixando-o para trás. Para sempre.

Durante o dia, havia coisas a fazer, pessoas a visitar, conversar e a terra a ser percorrida, a beleza impressionante da propriedade um bálsamo quando seus sentimentos se tornavam quase insuportáveis. A noite, entretanto, a casa ficava silenciosa, o silêncio rangente, pontuado pela tosse distante de seu pai e a respiração pesada de seus dois sobrinhos mais novos ao seu lado no mesmo quarto. Começava a sentir a própria casa respirar à sua volta, com uma respiração pesada e entrecortada após a outra, e a sentir o peso dessa respiração no próprio peito; sentava-se na cama, então, tragando grandes goles de ar, apenas para se certificar de que conseguia respirar. E, por fim, deslizava para fora da cama, descia as escadas furtivamente com as botas nas mãos e saía pela porta da cozinha para caminhar pela noite sob estrelas ou nuvens, o vento límpido abanando as brasas de seu coração, atijando as chamas, até ele poder encontrar suas lágrimas e a paz para vertê-las.

Certa noite ele encontrou a porta já destravada. Saiu cautelosamente, olhando ao redor, mas não viu ninguém. Provavelmente, o Jovem Jamie indo ao celeiro; uma das duas vacas iria dar cria a qualquer momento. Talvez ele devesse ir ajudar... mas a queimação sob suas costelas era dolorosa, precisava caminhar um pouco primeiro. Jamie teria ido buscá-lo, de qualquer forma, se achasse que precisava de ajuda.

Afastou-se da casa e das suas construções anexas e começou a subir a colina, passando pelo cercado das ovelhas e carneiros, sonolentemente amontoados,

pálidos sob o luar, de vez em quando emitindo um suave, repentino, balido, como se espantado com algum sonho de animal.

Tal sonho adquiriu forma diante dele repentinamente, uma figura escura movendo-se contra a cerca, e ele emitiu um breve grito que fez com que os animais mais próximos se assustassem e resmungassem em um coro de balidos abafados.

— Quietos, a bhailach — sua mãe disse baixinho. — Desperte os outros e acordará os mortos.

Podia divisá-la agora, uma figura pequena, magra, com os cabelos soltos formando um volume macio contra a brancura de sua combinação.

— Por falar em mortos — ele disse, irritado, forçando o coração a descer de sua garganta. — Pensei que fosse um fantasma. O que está fazendo aqui fora mamãe?

— Contando carneiros — ela disse, um toque de humor na voz. — É o que deve fazer quando não consegue dormir, não é?

— Sim. — Ele se aproximou e ficou ao seu lado, apoiado na cerca. — Funciona?

— As vezes.

Ficaram imóveis por alguns instantes, observando os animais se remexerem e se acomodarem outra vez. Exalavam um cheiro imundo e adocicado, de capim mastigado e fezes e lã engordurada, e Ian achou que era estranhamente reconfortante apenas estar ali com eles.

— Funciona contá-los, quando você já sabe quantos são? — ele perguntou, após um breve silêncio. Sua mãe sacudiu a cabeça.

— Não, eu fico repetindo seus nomes. É como rezar o rosário, só que você não sente necessidade de pedir. Pedir cansa.

Principalmente quando você sabe que a resposta será não, Ian pensou, e movido por um impulso repentino passou o braço pelos seus ombros. Ela fez um pequeno ruído de divertida surpresa, mas depois relaxou, apoiando a cabeça contra seu peito. Ele podia sentir seus ossos pequenos, leves como os de um passarinho, e achou que seu coração ia se partir.

Ficaram assim por algum tempo e ela então se libertou, delicadamente, afastando-se um pouco e virando-se para ele.

— Já está com sono?

— Não.

— Sim, bem. Vamos, então. — Sem esperar por uma resposta, virou-se e começou a atravessar a escuridão, afastando-se da casa.

Havia uma lua, crescente, e ele já estava fora mais do que o suficiente para seus olhos se adaptarem; era simples segui-la, apesar do emaranhado de capim, pedras e urzes que crescia na colina atrás da casa.

Onde ela o estaria levando? Ou melhor, por quê? Pois estavam escalando a colina, na direção da velha torre — e o cemitério ao lado. Sentiu um frio no coração: ela pretendia lhe mostrar o lugar da sepultura de seu pai?

Mas ela parou abruptamente e abaixou-se, de modo que ele quase tropeçou nela. Endireitando-se, ela se virou e colocou uma pedrinha em sua mão.

— Aqui — ela disse baixinho e conduziu-o a uma pequena pedra quadrada enfiada na terra. Ele pensou que fosse a sepultura de Caitlin — a criança que viera antes da Jovem Jenny, a irmã que vivera apenas um dia —, mas depois viu que a pedra da sepultura de Caitlin ficava a alguns passos de distância. Esta era di mesmo tamanho e formato, porém — ele agachou-se ao lado da laje e, correndo os dedos pelas sombras de sua gravação, descobriu o nome: Yeksa'a.

— Mamãe — ele disse, e sua voz soou estranha aos seus próprios ouvidos.

— Está correto, Ian? — ela disse, um pouco ansiosa. — Seu pai disse que não estava absolutamente certo da grafia do nome indígena. Mas mandei o gravador escrever os dois nomes. Achei que estava certo.

— Os dois? — Mas sua mão já se movera para baixo e encontrara o outro nome.

Iseabail.

Ele engoliu com força.

— Está certo — ele disse, quase sem voz. Pousou a mão, aberta, sobre a laje de pedra, fresca sob sua palma.

Ela agachou-se ao seu lado e, estendendo a mão, colocou sua própria pedrinha sobre a laje. Era o que se fazia, ele pensou, perplexo, quando se ia visitar um morto. Deixava uma pedra para dizer que você esteve ali; que você não havia esquecido.

Sua própria pedrinha ainda estava na outra mão; não conseguia depositá-la na laje. As lágrimas escorriam pelo seu rosto e a mão de sua mãe segurou seu braço.

— Está tudo bem, mo duine — ela disse ternamente. — Vá para a sua jovem. Você sempre estará aqui conosco.

O vapor de suas lágrimas se erguia como fumaça de incenso de seu coração, e ele colocou a pedrinha delicadamente na sepultura de sua filha. A salvo em meio à sua família.

Foi somente muitos dias depois, no meio do oceano, que ele percebeu que sua mãe o considerara um homem.

*DO LADO DIREITO*

Ian morreu logo após o amanhecer. A noite fora infernal; por uma dúzia de vezes, Ian quase se afogara em seu próprio sangue, engasgando, os olhos se esbugalhando, depois se revirando em convulsão, cuspidos fragmentos de seus Pulmões. Sua cama parecia o local onde ocorrera um massacre e o quarto fedia a suor de um desesperado, de luta inútil, o cheiro da presença da morte.

Por fim, entretanto, ele se apaziguara, o peito magro mal se movendo, o som de sua respiração um débil estertor, como o roçar dos espinhos da roseira selvagem na vidraça.

Jamie se mantivera afastado, para dar ao Jovem Jamie o lugar à cabeceira de seu pai como filho mais velho; Jenny passara a noite toda sentada do outro lado de Ian, limpando o sangue, o suor doentio, todos os líquidos fétidos que exsudavam de Ian, dissolvendo seu corpo diante de seus olhos. Mas perto do fim, no escuro, Ian erguera a mão direita e sussurrara "Jamie". Não abriu os olhos para olhar, mas todos eles sabiam qual Jamie ele queria, e o Jovem Jamie abriu espaço, tropegamente, para que seu tio pudesse se aproximar e segurar aquela mão súplice.

Os dedos ossudos de Ian fecharam-se ao redor dos seus com surpreendente força. Ian murmurara alguma coisa, baixo demais para ser ouvido, e depois soltou sua mão — não com o relaxamento involuntário da morte; simplesmente a soltou, tendo terminado de dizer o que queria, e deixou sua mão cair de novo, aberta, para seus filhos.

Ele não falou outra vez, mas pareceu se acalmar, o corpo diminuindo de volume conforme a vida e o sopro o abandonavam. Quando seu último suspiro sobreveio, aguardaram em estupefato sofrimento, esperando nova respiração, e somente após um minuto inteiro de silêncio é que realmente começaram a se entreolhar disfarçadamente, olhar de relance para a cama devastada, a quietude no rosto de Ian — e compreenderam devagar que finalmente acabara.

Jenny teria se importado?, perguntou-se. Que as últimas palavras de Ian tenham sido para ele? Mas achava que não; a única misericórdia para uma partida

como fora a de seu cunhado era que tinha havido tempo para se despedir. Ele encontrara um tempo para falar a sós com cada um de seus filhos, Jamie sabia. Confortá-los como podia, talvez deixar um conselho para eles, ao menos a reafirmação do quanto os amava.

Ele estava de pé ao lado de Jenny quando Ian morreu. Ela suspirou e pareceu desmoronar ao seu lado, como se a vara de metal que mantivera suas costas eretas no último ano tivesse repentinamente sido arrancada pela sua cabeça. Seu rosto não demonstrara nenhum pesar, embora ele soubesse que estava lá; mas naquele momento ela apenas ficara feliz por ter terminado — pelo bem de Ian, pelo bem de todos eles.

Portanto, sem dúvida, eles haviam achado um tempo, ela e Ian, para dizer o que tinha que ser dito entre eles, nos meses desde que souberam.

O que ele diria a Claire em tais circunstâncias?, perguntou-se subitamente. Provavelmente, o que já dissera a ela, quando se despediram. Eu a amo. Eu a verei novamente. Não vinha nenhuma forma de aprimorar o sentimento, afinal.

Não pôde ficar na casa. As mulheres haviam lavado Ian e colocado seu corpo na sala de estar; agora, estavam furiosamente empenhadas em uma orgia de limpar e cozinhar, pois a notícia se espalhara e as pessoas já começavam a chegar para o velório.

O dia amanhecera com chuva, mas no momento não caía nem um pinga de chuva. Ele saiu pela horta e subiu a pequena encosta até o bosque. Jenny estava sentada lá, e ele hesitou por um instante, mas depois se aproximou e sentou-se ao seu lado. Ela podia mandá-lo embora se quisesse ficar sozinha.

Não o fez; ela estendeu a mão para ele e ele a tomou, engolfando-a nas suas, pensando em como seus ossos eram delicados, frágeis.

— Quero ir embora — ela disse calmamente.

— Não a culpo — ele disse, com um olhar de relance para a casa. O bosque estava coberto de folhas novas, o verde fresco e macio da chuva, mas logo alguém os encontraria. — Quer descer e caminhar pelo lago um pouco?

— Não, quero dizer que quero ir embora daqui. Lallybroch. Para sempre.

Isso o surpreendeu com um choque.

— Não fala de coração, eu acho — ele disse finalmente, cauteloso. — Afinal foi um golpe. Você não devia...

Ela sacudiu a cabeça e levou a mão ao peito.

— Alguma coisa se partiu em mim, Jamie — ela disse, suavemente. — O que quer que me prendia aqui... não me prende mais.

Ele não sabia o que dizer. Ele evitara a visão da torre e do cemitério em sua base quando saíra de casa, incapaz de suportar a ideia da nova sepultura escavada lá — mas agora virou a cabeça deliberadamente e ergueu o queixo, apontando para o

local.

— E você deixaria Ian? — ele perguntou.

Ela fez um pequeno ruído no fundo da garganta. Sua mão ainda repousava sobre o peito e, diante disso, pressionou-a, espalmada, com força contra o coração.

— Ian está comigo — ela disse, e suas costas se empertigaram em desafio à sepultura recém-escavada. — Ele nunca me deixará, nem eu a ele. — Ela virou a cabeça, então, e fitou-o diretamente; seus olhos estavam vermelhos, mas secos.

— Ele também nunca o deixará, Jamie — ela disse. — Você sabe disso, tão bem quanto eu.

Lágrimas assomaram aos seus próprios olhos então, inesperadamente, e ele desviou o rosto.

— Sei disso, sim — ele murmurou, e esperava que fosse verdade. No momento, o lugar dentro dele em que costumava encontrar Ian estava oco e ressonante como um bodhran. Ele voltaria? Jamie se perguntou. Ou Ian apenas se movera um pouco, para um lugar diferente de seu coração, um lugar onde ele ainda não procurara por ele? Esperava que sim, mas não iria procurar ainda por algum tempo e sabia que era pelo medo de não encontrar nada.

Queria mudar de assunto, dar a ela espaço e tempo para pensar. Mas era difícil encontrar alguma coisa a dizer que não tivesse a ver com o fato de Ian estar morto. Ou com a morte de um modo geral. Toda perda é única, e uma única perda se torna todas as perdas, uma única morte, a chave do portão que bloqueia a memória.

— Quando papai morreu — ele disse repentinamente, surpreendendo a ela e a si mesmo. — Conte-me o que aconteceu.

Ele sentiu sua vez de olhar para ele, mas manteve os próprios olhos nas mãos, os dedos da mão esquerda esfregando, devagar, a cicatriz grossa e vermelha que cortava as costas da mão direita.

— Eles o trouxeram para casa — ela disse finalmente. — Estendido em uma carroça. Dougal Mackenzie estava com eles. Ele me disse que papai o vira sendo chicoteado e de repente caiu, e quando o levantaram um lado de seu rosto estava contraído de angústia, mas o outro estava flácido. Ele não conseguia falar, nem caminhar, e assim eles o levaram e o trouxeram para casa.

Ela parou, engolindo em seco, os olhos fixos na torre e no cemitério.

— Chamei um médico para examiná-lo. Ele sangrou papai, mais de uma vez, e queimou coisas em um pequeno fogareiro, depois passando a fumaça sob seu nariz. Tentou lhe dar remédio, mas papai não conseguia realmente engolir. Eu colocava gotas de água em sua língua, mas isso era tudo. — Ela suspirou profundamente. — Ele morreu no dia seguinte, por volta de meio-dia.

— Ah. Ele... não falou mais nada?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ele não conseguia falar absolutamente nada. Apenas movia a boca de vez em quando e emitia uns sons gorgolejantes. — Seu queixo franziu-se um pouco diante da lembrança, mas ela firmou os lábios. — Eu podia ver, no entanto, perto do fim, que ele estava tentando falar. Sua boca tentava formar as palavras e seus olhos ficavam fixos em mim, tentando me fazer compreender. — Ela olhou para ele. — Ele de fato disse "Jamie", uma única vez. Isso eu tenho certeza. Pois eu achei que ele estava tentando saber sobre você e eu disse a ele que Dougal dissera que você estava vivo e prometera que você ficaria bem. Isso pareceu confortá-lo um pouco, e ele morreu logo depois.

Ele engoliu com dificuldade, o som do esforço alto em seus ouvidos. Recomeçara a chover, uma chuva fina, as gotas batendo nas folhas acima.

— Taing — ele disse baixinho por fim. — Eu fiquei me perguntando. Eu queria ter podido dizer a ele que eu sentia muito.

— Não precisava — ela disse, no mesmo tom. — Ele sabia.

Ele balançou a cabeça, incapaz de falar por um instante. Recuperando o autocontrole, no entanto, ele segurou sua mão outra vez e virou-se para ela.

— Mas posso dizer a você que sinto muito, a piuthar, e eu digo.

— Sente muito de quê? — ela disse, surpresa.

— Por acreditar em Dougal quando ele me disse... bem, quando ele disse que você se tornara a prostituta de um soldado inglês. Fui um tolo. — Olhou para sua mão mutilada, sem querer fitá-la nos olhos.

— Sim, bem — ela disse, e colocou a mão sobre a dele, leve e fria como as folhas novas que se agitavam ao redor deles. — Você precisava dele. Eu não.

Permaneceram ali sentados mais algum tempo, sentindo-se em paz, de mãos dadas.

— Onde você acha que ele está agora? — Jenny perguntou repentinamente. — Ian, quero dizer.

Ele olhou para a casa, depois para a nova sepultura que o esperava, mas naturalmente esse não era mais Ian. Ficou em pânico por um instante, a sensação de vazio anterior retornando — mas então lhe veio à mente e, sem surpresa, compreendeu o que Ian lhe dissera.

"À sua direita, amigo." A sua direita. Guardando seu lado mais vulnerável.

— Está bem aqui — ele disse a Jenny, indicando com a cabeça o lugar entre eles. — No lugar que lhe pertence.

PARTE SETE



ECOS DO PASSADO

*FILHO DE UMA BRUXA*

Quando Roger e Buccleigh pararam o carro em frente à casa, Amanda saiu correndo ao encontro deles e retornou para sua mãe, agitando um pequeno cata-vento de plástico azul preso a uma vareta.

— Mamãe! Olhe o que eu ganhei, olhe o que eu ganhei!

— Oh, que lindo! — Brianna inclinou-se para admirá-lo e, soprando, fez o brinquedo girar.

— Eu faço, eu faço! — Amanda pegou o cata-vento de volta, soprando e bufando com grande determinação, mas fazendo pouco progresso.

— De lado, a leannan, de lado. — William Buccleigh deu a volta no carro e pegou Amanda no colo, delicadamente virando sua mão de modo que o cata-vento ficasse perpendicular ao rosto. — Agora sopra. — Colocou o rosto junto ao dela e ajudou a soprar, e o cata-vento girou alegremente. — Sim, assim é melhor, não é? Tente você agora, sozinha. — Deu de ombros para Brianna como um sinal de desculpas e carregou Amanda pelo caminho, ela diligentemente soprando e bufando. Passaram por Jem, que parou para admirar o cata-vento.

Roger saiu do carro com duas sacolas de compras e parou para dar uma palavra em particular com Brianna.

— Se tivéssemos um cachorro, eu me pergunto se iria gostar dele também — ela murmurou, fazendo um sinal com a cabeça na direção de seu hóspede, que agora mantinha uma animada conversa com as duas crianças.

— Um homem pode sorrir mil vezes e ainda assim ser um patife — Roger retrucou, observando-o com os olhos estreitados. — E, tirando os apelos do instinto, não creio que cachorros ou crianças sejam necessariamente bons juízes de caráter.

— Hum. Ele lhe disse mais alguma coisa enquanto estavam fora hoje? — Roger levava William Buccleigh a Inverness para comprar roupas, já que não possuía nada além de jeans, camiseta e um casaco da instituição de caridade com os quais chegara.

— Algumas coisas. Eu perguntei a ele como tinha vindo parar aqui, em

Lallybroch, quero dizer, e o que ele fazia vagando por perto. Ele disse que me viu na rua em Inverness e me reconheceu, mas eu entrei no carro e partiu antes que ele pudesse se decidir a falar comigo. Mas ele me viu mais uma ou duas vezes e andou indagando cautelosamente por aí até descobrir onde eu morava.

— Ele... — Parou e olhou para ela, com um leve sorriso. — Lembre-se do que ele é e de que época veio. Ele achou, e não creio que estivesse inventando uma história, que eu devia ser alguém do Povo Antigo.

— É mesmo?

— Sim, é verdade. E diante disso... bem, eu realmente sobrevivi a um enforcamento, o que a maioria das pessoas não consegue. — Sua boca torceu-se um pouco ao tocar a cicatriz em sua garganta. — E eu... nós... realmente, é claro, viajamos através das pedras em segurança. Quero dizer... eu pude compreender o que se passava na mente dele.

Apesar de nervosa, ela resfolegou, achando graça.

— Bem, sim. Quer dizer que ele estava com medo de você?

Roger deu de ombros.

— Estava. E acho que acredito nele, embora deva dizer que, se for este o caso, ele sabe disfarçar bem.

— Você agiria como se tivesse medo se topasse com um poderoso ser sobrenatural? Ou tentaria aparentar calma? Sendo um macho da espécie, como mamãe costuma dizer. Ou um homem de verdade, como papai diz. Tanto você quanto papai agem como John Wayne se alguma coisa suspeita está acontecendo e este sujeito tem parentesco com vocês dois.

— Bem pensado — ele disse, embora sua boca se torcesse ao "poderoso ser sobrenatural". Ou talvez à parte de "John Wayne". — E ele admitiu que estava meio zozinho com o choque de tudo que acontecera. Eu podia entender isso.

— Hum. E nós sabíamos o que estávamos fazendo. Mais ou menos. Ele me contou o que aconteceu quando ele atravessou as pedras. Ele lhe contou isso também?

Estavam andando devagar, mas já haviam quase alcançado a porta; ela podia ouvir a voz de Annie no corredor, perguntando alguma coisa, falando acima da tagarelice das crianças, e o ruído mais grave da voz de William Buccleigh em resposta.

— Sim, contou. Ele queria... quer, e quer muito... voltar para sua própria época. Obviamente, eu sabia como e ele teria que vir conversar comigo para descobrir. Mas só um tolo bateria à porta de um estranho, ainda mais um estranho que ele quase matara, muito menos um estranho que podia matá-lo ali mesmo ou transformá-lo em um corvo. — Deu de ombros outra vez. — Assim, ele deixou seu emprego e começou a espreitar aqui por perto, observando. Para ver se estávamos

atirando ossos humanos pela porta dos fundos, imagino. Jem deparou-se com ele perto da torre um dia e ele lhe disse que era um Nuckelavee, em parte para afugentá-lo de medo, mas também porque, se ele voltasse e me dissesse que havia um Nuckelavee no alto da colina, eu poderia sair e fazer alguma coisa mágica em relação a isso. E se eu fizesse... — Ergueu as mãos, as palmas para cima.

— Se fizesse, você podia ser perigoso, mas ele ficaria sabendo que você tinha o poder de enviá-lo de volta. Como o Mágico de Oz.

Ele olhou para ela por um instante.

— Qualquer um menos parecido com Judy Garland do que ele — começou a dizer, mas foi interrompido por Annie MacDonald querendo saber por que estavam se demorando ali fora, sendo devorados pelos mosquitos, quando o jantar já estava na mesa. Desculpando-se, eles entraram.

Brianna jantou sem realmente notar o que havia em seu prato. Jem ia passar a noite com Bobby outra vez e sair para pescar no sábado com Rob em Rothiemurchus. Ela sentiu uma pequena pontada com isso; lembrava-se de seu pai pacientemente ensinando Jem a pescar, com a vara feita em casa e a linha de costurar, que era tudo que tinham. Ele se lembraria?

Ainda assim, era conveniente tê-lo fora de casa. Ela e Roger teriam que se sentar com William Buccleigh e decidir a melhor maneira de fazê-lo voltar à sua própria época, e era melhor que Jem não estivesse rondando nas proximidades desta conversa com ouvidos atentos. Deveriam consultar Fiona?, perguntou-se repentinamente.

Fiona Graham era a neta da velha sra. Graham, que trabalhara como governanta para o pai adotivo de Roger, o reverendo Wakefield. A idosa e digna sra. Graham também fora a "inovadora" — a guardiã de uma tradição secular. Na festa do fogo de Beltane, as mulheres cujas famílias haviam passado a tradição para elas encontravam-se ao alvorecer e, vestidas de branco, realizavam uma dança que Roger disse ser uma antiga dança de roda nórdica. E, ao final, a inovadora cantava com palavras que nenhuma delas compreendia mais, fazendo o sol se levantar no horizonte de forma que o raio de luz atravessasse a fenda da pedra.

A sra. Graham morrera tranquilamente durante o sono há anos — mas deixara seu conhecimento, e seu papel como guardiã dos rituais, para sua neta, Fiona.

Fiona ajudara Roger quando ele atravessou as pedras para encontrar Brianna — contribuindo até com seu próprio diamante do anel de casamento para ajudá-lo, depois que sua primeira tentativa terminara de modo bem semelhante à descrição da própria tentativa de William Buccleigh: em chamas no meio do círculo.

Podiam conseguir uma pedra preciosa sem muita dificuldade, ela pensou, automaticamente passando a saladeira para Roger. Do que sabiam até agora, não havia necessidade de ser uma pedra terrivelmente cara, nem mesmo uma pedra muito

grande. As granadas do medalhão da mãe de Roger aparentemente haviam sido suficientes para impedir que fosse morto na primeira tentativa malograda.

Ela pensou repentinamente na marca de queimadura no peito de William Buccleigh e, ao fazê-lo, percebeu que olhava fixamente para ele — e ele devolvia o olhar fixo. Ela se engasgou com um pedaço de pepino e a subsequente confusão de tapas nas costas, soerguimento dos braços, tosse e busca de água por sorte explicou a vermelhidão de seu rosto.

Todos voltaram a se concentrar em sua comida, mas ela estava consciente do olhar enviesado de Roger sobre ela. Lançou-lhe um rápido olhar por baixo das pestanas, com uma ligeira inclinação da cabeça que dizia "Mais tarde. Lá em cima", e ele relaxou, retomando uma conversa com "tio Buck" e Jemmy sobre a pesca de trutas.

Ela queria conversar com ele sobre o que Buccleigh dissera e decidir o que fazer com ele o mais rápido possível. Ela não diria a Roger o que William Buccleigh dissera a respeito de Rob Cameron.

Roger estava deitado na cama, observando o luar sobre o rosto adormecido de Brianna. Era muito tarde, mas ele não conseguia dormir. Estranho, pois geralmente adormecia em questão de segundos depois de fazer amor com ela. Felizmente, ela adormecia também; ela adormecera esta noite, enroscando-se contra ele como um camarão grande e afetuoso, antes de resvalar para uma inércia cálida e nua em seus braços.

Fora maravilhoso — mas um pouquinho diferente. Ela estava quase sempre disposta, até mesmo ansiosa, e desta vez não fora diferente, embora ela tivesse feito questão de trancar a porta do quarto. Ele havia instalado a tranca porque Jem aprendera a forçar fechaduras aos sete anos. Ainda estava trancada, na realidade, e vendo isso deslizou cuidadosamente de baixo das cobertas para destrancá-la. Jem estava passando a noite com seu novo amigo, Bobby, mas se Mandy precisasse deles durante a noite ele não queria que ela encontrasse a porta trancada.

O quarto estava frio, mas agradável; eles haviam instalado aquecedores de rodapé, que mal seriam adequados para as temperaturas do inverno das Highlands, mas excelentes para o final do outono. Bri ficava quente quando dormia; ele podia jurar que sua temperatura subia dois ou três graus quando estava dormindo, e ela geralmente arrancava as cobertas. Dormia agora, nua até a cintura, os braços atirados acima da cabeça e roncando levemente. Ele segurou seus testículos distraidamente, imaginando preguiçosamente se deveria fazer amor outra vez. Achava que ela não iria se importar, mas...

Mas talvez ele não devesse. Quando fazia amor com ela, ele geralmente não se apressava e, no final, sentia um prazer enorme quando ela cedia seu órgão coberto de pelos ruivos, de bom grado, sem dúvida, mas sempre com um instante de

hesitação, um único suspiro final de algo que não era exatamente resistência. Ele achava que era um meio de assegurar a si mesma — se não também a ele — que tinha o direito de recusar. Uma fortaleza uma vez violada e reparada possui defesas mais fortes. Ele não achava que ela tivesse consciência de que fazia isso; nunca mencionara isso para ela, não querendo que nenhum fantasma se intrometesse entre eles.

Fora um pouco diferente esta noite. Ela relutara mais perceptivelmente, depois cedera com uma espécie de ferocidade, puxando-o para si e arranhando suas costas com as unhas. E ele...

Ele parou por um ínfimo momento, mas, uma vez seguramente montado, sentira a necessidade insana de cavalgar sem piedade, para mostrar a si mesmo — se não a ela — que ela na verdade pertencia a ele, e não a si própria, inviolável.

E ela o encorajara.

Notou que não havia retirado a mão e agora olhava para sua mulher como um soldado romano avaliando o peso e a portabilidade de uma das Sabinas.

Raptio era a palavra em latim, geralmente traduzida por "estupro", apesar de na verdade significar sequestro, ou rapto. Raptio, a captura da presa. Ele podia ver isso dos dois lados, e notou nesta altura que ele ainda não havia removido a mão de seus genitais, os quais nesse ínterim haviam decidido unilateralmente que, não, ela não se importaria nem um pouco.

Seu córtex cerebral, sendo rapidamente dominado por algo muito mais antigo e muito mais embaixo, aventurara uma última e fraca conjectura de que tinha a ver com ter um estranho na casa — especialmente alguém como William Buccleigh Mackenzie.

— Bem, ele terá partido até o Halloween — Roger murmurou, aproximando-se da cama. O portal nas pedras deveria estar totalmente aberto na ocasião e, com alguma pedra preciosa na mão, o patife estaria de volta para sua mulher em...

Deslizou para baixo dos lençóis, segurou sua mulher com a mão firme em seu traseiro muito aquecido e sussurrou em seu ouvido a frase clássica da bruxa malvada do Mágico de Oz:

— Vou pegá-la... e o seu cachorrinho também.

O corpo dela estremeceu com uma risada muda, subterrânea, e sem abrir os olhos ela estendeu a mão para baixo e deslizou uma unha delicadamente por sua carne muito sensível.

— Estou deeeeeeeeerrrrretendo — ela murmurou.

Ele de fato dormiu depois disso. Mas acordou novamente, em algum momento da madrugada, e se viu aborrecidamente desperto.

Deve ser ele, pensou, deslizando para fora da cama. Não vou conseguir dormir direito enquanto não nos livrarmos dele. Não se preocupou em ser cauteloso;

sabia pelo som áspero do ronco de Brianna que ela estava morta para o mundo. Enfiou-se em seu pijama e saiu para o corredor de cima, ouvindo com atenção.

Lallybroch conversava consigo mesma à noite, como fazem todas as casas antigas. Ele estava acostumado com os repentinos estalos das vigas de madeira quando se esfriavam à noite, e até mesmo com o rangido do corredor do andar de cima, como se alguém estivesse andando depressa por ele, de um lado para o outro. O chocalhar das janelas quando o vento estava a oeste, fazendo-o se lembrar, confortavelmente, do ronco irregular de Brianna. No entanto, tudo estava extraordinariamente quieto agora, envolto na sonolência do meio da noite.

Eles haviam instalado William Buccleigh no final do corredor, tendo decidido, sem discutir o assunto, que não o queriam no mesmo andar das crianças. Deviam mantê-lo por perto, ficar de olho nele.

Roger percorreu o corredor silenciosamente, ouvindo. A fenda embaixo da Porta de Buccleigh estava escura, e de dentro do aposento ele ouvia um ronco regular, profundo, interrompido uma vez, quando o hóspede se virou na cama, murmurou alguma coisa incompreensível e caiu no sono outra vez.

— Tudo bem, então — Roger murmurou para si mesmo, afastando-se. Seu córtex cerebral, interrompido anteriormente, agora pacientemente retomava o curso de seus pensamentos. Claro que tinha a ver com ter um estranho na casa — e que estranho. Tanto ele quanto Brianna sentiam-se obscuramente ameaçados por sua presença.

Em seu próprio caso, havia um sólido substrato de raiva sob a cautela, e uma boa dose de confusão também. Ele havia, por absoluta necessidade, assim como por convicção religiosa, perdoado William Buccleigh por seu papel no enforcamento que lhe tirara a voz. Afinal, o sujeito não tentara matá-lo pessoalmente e não podia ter sabido o que iria acontecer.

Mas era muito mais fácil perdoar alguém que se sabia que estava morto há duzentos anos do que manter esse perdão com o desgraçado vivendo sob seu nariz, comendo sua comida e sendo encantador com sua mulher e filhos.

E também não vamos nos esquecer de que ele é um bastardo, Roger pensou furiosamente, descendo as escadas no escuro. A árvore genealógica que ele mostrara a William Buccleigh o revelava com correção, registrado no papel, perfeitamente, como pais e filho. O mapa genealógico, entretanto, era uma mentira. William Buccleigh Mackenzie era o filho ilegítimo de Dougal Mackenzie, chefe de guerra do Clã Mackenzie, e Geillis Duncan, bruxa. E Roger achava que William Buccleigh não sabia disso.

Em segurança ao pé da escada, ele acendeu a luz do corredor térreo e dirigiu-se à cozinha para se certificar de que a porta dos fundos estava trancada.

Eles haviam discutido o assunto, ele e Brianna, mas ainda não haviam

chegado a um acordo. Ele achava melhor não remexer neste assunto; que bem podia fazer ao sujeito conhecer a verdade de suas origens? As Highlands que haviam gerado aquelas duas almas desgraçadas já desapareceram, tanto agora quanto na época verdadeira de William Buccleigh.

Bri insistira que Buccleigh tinha direito de saber a verdade — apesar de, quando desafiada, não saber explicar exatamente que direito era esse.

— Você é quem você acha que é e sempre foi — ela dissera finalmente, frustrada por não conseguir explicar. — Eu não era. Acha que teria sido melhor se eu nunca tivesse sabido quem era meu verdadeiro pai?

Com toda a honestidade, poderia ter sido, ele pensou. O conhecimento, uma vez revelado, havia dilacerado suas vidas, havia exposto ambos a coisas terríveis. Destruíra sua voz. Quase acabara com sua vida. Colocara Brianna em perigo, fizera com que fosse estuprada, responsável por matar um homem — não havia falado com ela a esse respeito; deveria. As vezes, ele via o peso desse conhecimento em seus olhos e o reconhecia. Ele carregava o mesmo peso.

No entanto... ele teria preferido não ter sabido o que agora sabia? Nunca ter vivido no passado, conhecido Jamie Fraser, visto o lado de Claire que só existia na companhia de Jamie?

Afinal, não se tratava da árvore do bem e do mal no Jardim do Éden; era a árvore do conhecimento do bem e do mal. O conhecimento pode ser uma dádiva venenosa — mas ainda era uma dádiva e poucas pessoas voluntariamente o devolveriam. Ainda bem, imaginava, já que não podiam devolvê-lo. E esse tinha sido o seu argumento na discussão.

— Não sabemos que danos isso poderia causar — argumentara. — Mas não sabemos que não poderia causar nenhum dano, e danos graves. E qual seria o benefício para o sujeito, saber que sua mãe era uma louca, uma feiticeira, ou ambos, sem dúvida muitas vezes assassina, e seu pai um adúltero e no mínimo um quase assassino? Já foi um choque grande para mim quando sua mãe me contou sobre Geillis Duncan e ela está oito gerações atrás de mim. E antes que pergunte, sim, eu poderia viver sem saber disso.

Ela mordera o lábio e balançara a cabeça, relutante.

— É só que... eu não paro de pensar em Willie — Bri dissera finalmente, desistindo. — Não em William Buccleigh, mas... no meu irmão. — Ela corou ligeiramente, como sempre acontecia, embaraçada ao pronunciar a palavra. — Eu realmente queria que ele soubesse. Mas papai e lorde John... eles absolutamente não queriam que ele soubesse, e talvez tivessem razão. Ele tem uma vida, uma vida boa. E eles disseram que ele não poderia continuar tendo essa vida, se eu lhe contasse.

— Eles tinham razão — Roger disse bruscamente. — Contar-lhe, se ele acreditasse, iria forçá-lo a viver em um estado de ilusão e negação, o que o

devoraria vivo, ou a reconhecer abertamente que ele é o filho bastardo de um criminoso escocês. O que não seria justo. Não na cultura do século XVIII.

— Eles não tirariam seu título de nobreza — Bri argumentara. — Papai disse que pela lei inglesa uma criança nascida em um casamento é o herdeiro legal do marido, não importa que o marido seja ou não o verdadeiro pai.

— Não, mas imagine viver com um título a que você acha que não tem direito, sabendo que o sangue em suas veias não é o sangue azul que você sempre pensou que fosse. Ouvir as pessoas chamá-lo de "Lorde Tal" e saber do que elas o chamariam se soubessem a verdade. — Ele a sacudira ligeiramente, tentando fazê-la compreender. — De qualquer modo, isso destruiria a vida que ele tem, como se você o colocasse em cima de um barril de pólvora e acendesse o pavio.

Você não saberia quando a explosão viria, mas sem dúvida viria.

— Mmmmmhum — ela dissera, e a discussão terminara ali. Mas não fora um som de concordância, e ele soube que a discussão não terminara.

Agora, já havia verificado todas as portas e janelas do andar térreo, terminando em seu gabinete.

Acendeu a luz e entrou no aposento. Estava completamente desperto, os nervos à flor da pele. Por quê? A casa estaria tentando lhe dizer alguma coisa?

Bufou desdenhosamente. Era difícil não se entregar a fantasias no meio da noite em uma casa antiga, com o vento chacoalhando as vidraças. No entanto, ele sempre se sentia muito confortável naquele aposento, sentia que o lugar lhe pertencia. O que havia de errado?

Olhou rapidamente por cima da escrivaninha, o fundo parapeito da janela, com o pequeno vaso de crisântemos amarelos que Bri colocara ali, as prateleiras...

Parou de repente, o coração batendo no peito. A cobra não estava lá. Não, não, estava — seu olhar desenfreado fixou-se nela. Mas estava no lugar errado, não estava na frente da caixa de madeira que continha as cartas de Claire e Jamie, mas na frente dos livros duas prateleiras abaixo.

Pegou-a, automaticamente afagando a madeira polida de cerejeira com o polegar. Talvez Annie MacDonald a tivesse mudado de lugar? Não, ela realmente varria e tirava o pó do gabinete, mas nunca trocara nada de lugar. Aliás, nunca mudava coisa alguma de lugar; ele a vira pegar um par de galochas descuidadamente deixado no meio da entrada, varrer cuidadosamente embaixo delas e colocá-las de volta no mesmo lugar, sujas de lama e tudo. Ela jamais teria mudado a cobra de lugar.

Muito menos Brianna. Ele sabia — sem saber como sabia — que ela se sentia como ele a respeito disso; a cobra de Willie Fraser guardava o tesouro de seu irmão.

Ele já trazia a caixa para baixo antes que o curso de seu pensamento

consciente tivesse chegado à conclusão lógica.

Sinais de alarme disparavam de todas as direções. O conteúdo da caixa fora remexido; os livretos estavam em cima das cartas em uma das extremidades da caixa, não embaixo. Ele tirou as cartas, amaldiçoando a si mesmo por nunca tê-las contado. Como ele saberia se uma delas estivesse faltando?

Separou-as rapidamente, lidas e não lidas, e achou que a pilha de não lidas continuava a mesma; quem quer que tivesse remexido na caixa, não as abriu, o que já era alguma coisa. Mas quem quer que tenha sido também quis evitar ser descoberto.

Folheou apressadamente as cartas abertas e imediatamente percebeu que faltava uma: aquela escrita no papel feito à mão, com flores embutidas, de Brianna. A primeira. Santo Deus, o que ela dizia? Estamos vivos. Lembrava-se disso. E depois Claire lhes contara tudo sobre a explosão e o incêndio da casa grande. Ela havia dito nessa carta que estavam indo para a Escócia? Talvez. Mas por que diabos...

Dois andares acima, Mandy sentou-se repentinamente na cama e começou a gritar como uma bansidhe.

Ele alcançou o quarto de Amanda meio passo antes de Brianna e levantou a criança nos braços, embalando-a junto ao seu coração disparado.

— Jemmy, Jemmy! — ela soluçava. — Ele desapareceu, ele desapareceu. Ele DESAPARECEU! — Este último foi um grito estridente enquanto ela se retesava nos braços de Roger, enfiando os pés com força em sua barriga.

— Ei, ei — ele tentava acalmá-la. — Está tudo bem, Jemmy está bem. Ele esta bem, só foi passar a noite com Bobby. Ele vai voltar para casa amanhã.

— Ele DESAPARECEU! — Ela se contorcia como uma enguia, não tentando se desvencilhar, mas meramente possuída por um paroxismo de angústia frenética. — Ele não tá aqui, ele não tá aqui!

— Sim, eu já disse, ele está na casa de Bobby, ele...

— Não tá aqui — ela disse, aflita, batendo com a palma da mão repetidamente no topo da cabeça. — Não tá aqui comigo!

— Aqui, querida, venha cá — Bri disse angustiadamente, tomando a criança banhada em lágrimas dos braços de Roger.

— Mamãe, mamãe! Jemmy DESAPARECEU! — Ela se agarrou a Bri, fitando-a desesperadamente, ainda batendo na cabeça. — Não tá comigo!

Bri franziu a testa para Mandy intrigada, passando a mão por ela, verificando a temperatura, glândulas inchadas, barriga dolorida...

— Não tá com você — ela repetiu, falando decididamente, tentando arrancar Mandy de seu pânico. — Conte pra mamãe o que você quer dizer, querida.

— Não está aqui — Em completo desespero, Mandy abaixou-se e deu uma

cabeçada no peito da mãe.

— Uuuuf!

A porta no final do corredor abriu-se e William Buccleigh saiu, vestindo o roupão de lã de Roger.

— Que confusão é essa, em nome da Virgem Maria? — ele perguntou.

— Ele levou, ele levou o Jemmy! — Mandy gritou estridentemente, enterrando a cabeça no ombro de Brianna.

A despeito de si mesmo, Roger começou a se sentir contagiado pelo temor de Amanda, irracionalmente convencido de que alguma coisa terrível acontecera.

— Sabe onde Jem está? — perguntou ríspidamente a Buccleigh.

— Não, não sei. — Buccleigh franziu o cenho. — Não está na cama dele?

— Não, não está! — Brianna retrucou. — Você o viu sair, pelo amor de Deus. — Abriu caminho entre os dois homens. — Parem com isso, vocês dois! Roger, segure Mandy. Vou ligar para Martina Hurragh. — Ela atirou Amanda, gemendo ao redor do polegar em sua boca, em seus braços e correu para as escadas, as roupas vestidas apressadamente farfalhando como folhas.

Ele ficou embalando Mandy, distraído, assustado, quase dominado por sua sensação de pânico. Ela emitia medo e angústia como uma torre de transmissão de rádio, e sua própria respiração vinha em espasmos curtos, as mãos úmidas de suor onde ele agarrava sua camisola.

— Calma, a chuisle — ele disse, com a entonação mais tranquila que conseguiu imprimir à sua voz. — Calma, agora. Nós vamos resolver isso. Conte ao papai o que a acordou e eu vou resolver isso, eu prometo.

Ela obedientemente tentou reprimir os soluços, esfregando as mãozinhas rechonchudas pelos olhos.

— Jemmy — choramingou. — Eu quero o Jemmy!

— Vamos trazê-lo de volta agora mesmo — Roger prometeu. — Diga-me, o que a fez acordar? Você teve um pesadelo?

— Hum-hum. — Agarrou-se a ele com mais força, o rosto aterrorizado. — Era pedas gandes, gandes. Elas guitaram comigo!

Sentiu água gelada correr pelas suas veias. Meu Deus, oh, meu Deus. Talvez ela realmente se lembrasse de sua viagem através das pedras.

— Sim, compreendo — ele disse, dando tapinhas em suas costas da maneira mais apaziguadora que conseguia, para a ebulição em seu próprio peito. Ele realmente compreendia. Mentalmente, viu aquelas pedras, as sentiu e ouviu outra vez. E, virando-se um pouco, viu a palidez do rosto de William Buccleigh e percebeu que ele também ouvira o tom da verdade na voz de Mandy. — O que aconteceu, então, a leannan? Você se aproximou das pedras grandes?

— Eu não. Foi Jem! Aquele homem levou ele e as pedas engoliram ele! —

Com isso, ela irrompeu em lágrimas outra vez, soluçando inconsolavelmente.

— Aquele homem — Roger disse devagar, e virou-se um pouco mais, de modo que William Buccleigh ficasse no campo de visão de Mandy. — Você quer dizer este homem, querida? Tio Buck?

— Não, nãnnãnnã, outro homem. — Ela endireitou-se, olhando-o fixamente com olhos arregalados e cheios de lágrimas, esforçando-se para fazê-lo compreender. — O pai de Bobby!

Ouviu Brianna subindo as escadas. Rápido, mas irregularmente; parecia que ela dava encontrões contra as paredes da escada, perdendo o equilíbrio enquanto corria.

Ela surgiu de repente no topo da escada e Roger sentiu cada pelo de seu corpo se eriçar ao ver seu rosto lívido, assustado.

— Ele desapareceu — ela disse, rouca. — Martina disse que ele não está com Bobby, ela não estava esperando-o esta noite de jeito nenhum. Eu a fiz sair e ir olhar... Rob vive três casas mais abaixo. Ela disse que sua caminhonete não está lá.

As mãos de Roger estavam dormentes de frio e o volante estava escorregadio do seu suor. Pegou a saída da autoestrada em tal velocidade que as rodas de fora se ergueram ligeiramente e o carro se inclinou. A cabeça de William Buccleigh bateu no vidro.

— Desculpe — Roger murmurou mecanicamente e recebeu um grunhido de aceitação das desculpas em resposta.

— Tenha cuidado com você mesmo — Buccleigh disse, esfregando a têmpora. — Vai nos jogar em uma vala, e depois?

De fato, e depois? Com grande esforço, afrouxou o pé do acelerador. A lua estava quase desaparecendo no céu e uma pálida lua minguante pouco ajudava a clarear a paisagem, escura como breu à volta deles. Os faróis do pequeno Morris mal penetravam a escuridão e os fracos facho de luz oscilavam de um lado para o outro conforme sacolejavam loucamente na estrada de terra que levava até perto de Craigh na Dun.

— Por que diabos esse trusdair levaria seu filho? — Buccleigh girou a manivela e abriu a janela, depois enfiou a cabeça para fora, tentando em vão enxergar mais longe do que era possível através do para-brisa empoeirado. — E por que, pelo amor de Deus, trazê-lo aqui?

— Como eu vou saber? — Roger disse entre dentes. — Talvez ele ache que precisa de sangue para abrir a passagem pelas pedras. Santo Deus, por que eu escrevi isso? — Bateu com o punho cerrado no volante, sentindo-se frustrado.

Buccleigh pestanejou, muito espantado, mas seu olhar aguçou-se imediatamente.

— É isso? — perguntou, ansioso. — É assim que se faz? Sangue?

— Não, droga! — Roger disse. — E a época do ano, as pedras preciosas. Nós achamos.

— Mas você escreveu sangue, com um ponto de exclamação ao lado.

— Sim, mas... O que quer dizer? Você leu minhas anotações também, filho da mãe?

— Olha a linguagem, meu caro — William Buccleigh disse, soturno, mas sereno. — Claro que li. Li tudo de seu escritório em que pude pôr as mãos, e você faria o mesmo, em meu lugar.

Roger reprimiu o pânico que se apoderara dele, o suficiente para fazer um breve sinal com a cabeça.

— Sim, provavelmente sim. E, se você tivesse levado Jem, eu o mataria assim que o encontrasse, mas talvez eu entendesse. Mas esse desgraçado! O que ele acha que está fazendo, pelo amor de Deus?

— Acalme-se — Buccleigh aconselhou-o. — Você não vai ajudar seu filho em nada se perder a cabeça. Esse Cameron... ele é um de nós?

— Não sei. Eu realmente não sei.

— Mas há outros, não é? Não ocorre só na família?

— Não sei. Acho que há outros, mas não tenho certeza. — Roger esforçou-se para pensar, esforçou-se para manter o carro a uma velocidade relativamente baixa nas curvas da estrada, parcialmente invadidas pelo tojo rastejante.

Ele tentava rezar, mas não conseguia nada além de um aterrorizado Senhor, por favor! Quisera que Bri estivesse com ele, mas não podiam trazer Mandy para perto das rochas, e se chegassem a tempo de alcançar Cameron... se Cameron estivesse lá... Buccleigh o ajudaria, tinha certeza disso.

No fundo de sua mente, ele acalentava uma esperança desesperada de que houvesse algum mal-entendido, que Cameron errara a noite e, ao perceber, estivesse trazendo Jem de volta para casa, naquele mesmo instante em que Roger e seu cinco vezes bisavô irrompiam pela charneca pedregosa na escuridão, dirigindo-se diretamente para a coisa mais terrível que conheciam.

— Cameron, ele leu meu caderno também — Roger disse num rompante, incapaz de suportar seus próprios pensamentos. — Acidentalmente. Ele fingiu achar que tudo não passava de uma... uma... ficção, algo que eu inventara por diversão. Meu Deus, o que eu fiz?

— Cuidado! — Buccleigh lançou os braços sobre o rosto e Roger pisou fundo no freio, saindo da estrada e batendo em uma pedra grande — por pouco não colidindo com a velha caminhonete azul parada na estrada, escura e vazia.

Ele se arrastou aos trambolhões encosta acima, tateando em busca de apoio para as mãos no escuro, pedras deslizando de baixo de seus pés, espinhos de tojo espetando suas palmas, de vez em quando penetrando embaixo das unhas, fazendo-o

praguejar. Bem lá embaixo, ele conseguia ouvir William Buccleigh seguindo-o. Devagar, mas seguindo-o.

Começou a ouvi-los muito antes de chegar ao topo. Faltavam três dias para o Halloween, e as pedras sabiam disso. O som que não era som vibrou pela medula de seus ossos, fez seu crânio reverberar e seus dentes doerem. Ele cerrou os dentes e continuou subindo. Quando finalmente chegou às pedras verticais, estava sobre as mãos e os joelhos, incapaz de ficar em pé.

Meu Deus, pensou, Meu Deus, ajude-me! Mantenha-me vivo o tempo suficiente para encontrá-lo!

Ele mal conseguia formular seus pensamentos, mas lembrara-se da lanterna. Trouxera-a do carro e agora procurava-a, remexendo no bolso, deixando-a cair e Tateando freneticamente pela grama do círculo de pedras, encontrando-a finalmente e apertando o botão com um dedo que escorregou quatro vezes antes que ele finalmente conseguisse a força para acendê-la.

O facho de luz projetou-se abruptamente e ele ouviu uma exclamação abafada de surpresa, vinda de trás dele. Claro, pensou atordoadamente, William Buccleigh nunca vira uma lanterna. O facho de luz oscilante percorreu o círculo lentamente, e de volta. O que ele procurava? Pegadas? Algo que Jem tivesse deixado cair, que mostraria que ele viera para este lugar?

Não encontrou nada.

Nada além das pedras. Estava ficando pior, e ele deixou a lanterna cair, segurando a cabeça com as duas mãos. Tinha que se mover... tinha que ir... ir pegar Jem...

Ele se arrastava pela grama, cego de dor e quase maquinalmente, quando mãos fortes o agarraram pelos tornozelos e o puxaram para trás. Achou ter ouvido uma voz, mas, se assim fosse, perdera-se na gritaria lancinante que ecoava dentro de sua cabeça, dentro de sua alma, e ele gritou o nome de seu filho com todas as forças para ouvir alguma coisa além daquele barulho, sentiu sua garganta se rasgar com o esforço, mas não ouviu nada.

Então, a terra se abriu sob ele e o mundo despencou no abismo.

Despencou literalmente. Quando ele recobrou os sentidos algum tempo depois, viu que ele e William Buccleigh descansavam em uma cavidade rasa na encosta da colina, doze metros abaixo do círculo de pedras. Havia caído e rolado; sabia disso pela maneira como se sentia e pela aparência de Buccleigh. A aurora começava a se insinuar pelo céu e ele pôde ver Buccleigh, arranhado e rasgado, sentado, agachado, ao seu lado, curvado sobre si mesmo como se sua barriga doesse.

— O que...? — Roger murmurou. Limpou a garganta e tentou perguntar novamente o que acontecera, mas não conseguiu emitir mais do que um sussurro, e

até mesmo isso fez sua garganta arder como fogo.

William Buccleigh murmurou alguma coisa baixinho e Roger percebeu que ele rezava. Tentou se sentar e conseguiu, apesar de sua cabeça girar.

— Você me puxou para fora? — quis saber, com um sussurro rouco. Os olhos de Buccleigh estavam fechados e permaneceram assim até terminar sua prece. Então, abriu-os e olhou de Roger para o alto da colina, onde as pedras ocultas de sua vista ainda entoavam sua canção fantasmagórica de outros tempos — nada mais dali, graças a Deus, do que um lamento estranho que fazia seus dentes rangerem.

— Sim — Buccleigh respondeu. — Achei que não iria conseguir sozinho.

— Não, não conseguiria. — Roger deixou-se estender no chão, zozado e dolorido. — Obrigado — acrescentou instantes depois. Havia um grande vazio dentro dele, amplo como o céu cada vez mais claro.

— Sim, bem. Talvez ajude a compensar por ter causado o seu enforcamento — Buccleigh disse, prontamente. — E agora?

Roger fitou o céu, girando no alto devagar. Isso o deixou ainda mais tonto, de modo que ele fechou os olhos e estendeu a mão.

— Agora, vamos para casa — grasnou roucamente. — Pensar melhor. Ajude-me a levantar.

*VALLEY FORGE*

— Denzell Hunter é um homem de grande consciência e princípio. Não posso convencê-lo a deixar o acampamento americano sem uma licença adequada de seu oficial. Acho que ele não viria. Mas se eu puder obter permissão, e acho que posso, então acredito que ele venha.

Mas, para obter permissão formal para os serviços de um médico continental, obviamente ele tinha que pedir formalmente. O que significa ir ao quartel-general de inverno de Washington em Valley Forge de casaco vermelho, independente do que pudesse acontecer em seguida.

Lorde John fechou os olhos por um instante, obviamente visualizando exatamente que tipo de coisa poderia acontecer em seguida, mas depois os abriu e disse energicamente:

— Muito bem, então. Quer levar um criado com você?

— Não — William disse, surpreso. — Para que precisaria de um?

— Para cuidar dos cavalos, dos seus pertences... e para ser os olhos atrás de sua cabeça — seu pai disse, lançando-lhe um olhar indicando que ele já devia ter alguma ideia do que iria precisar. Portanto, ele não disse "Cavalos?" ou "Que pertences?" —, mas meramente balançou a cabeça e disse:

— Obrigado, papai. Pode me arranjar alguém adequado?

"Adequado" veio a ser um tal de Colenso Baragwanath, um jovem mirrado da Cornualha que viera com as tropas de Howe como tratador de cavalos. Ele realmente conhecia cavalos, William reconhecia.

Eram quatro cavalos e uma mula de carga, a última carregada com cortes de carne de porco, quatro ou cinco perus gordos, um saco de batatas, outro de nabos e um bom barril de cidra.

— Se as condições lá forem tão ruins quanto eu acho que são — seu pai lhe dissera, enquanto supervisionava o carregamento da mula —, o comandante lhe concederia os serviços de metade de um batalhão em troca disso, quanto mais um médico.

— Obrigado, papai — ele disse outra vez, montando na sela, seu novo gorjal de capitão em volta do pescoço e uma bandeira branca de trégua perfeitamente dobrada no alforje.

Valley Forge parecia um gigantesco acampamento de carvoeiros amaldiçoados. O lugar era essencialmente uma terra para plantio de árvores, ou fora antes de os soldados de Washington começarem a derrubar tudo que estava à vista. Havia tocos por toda parte e o solo estava coberto de galhos quebrados. Enormes fogueiras ardiam aleatoriamente em diversos pontos e viam-se pilhas de toras cortadas. Estavam construindo cabanas o mais rápido possível — e já não era sem tempo, pois a neve começara a cair há três ou quatro horas e o acampamento já estava coberto de branco.

William esperava que pudessem ver a bandeira de trégua.

— Certo, vá na minha frente — ele disse a Colenso, entregando ao rapaz a longa vara em que amarrara a bandeira branca. Os olhos do jovem arregalaram-se, horrorizados.

— Eu?

— Sim, você — Willie disse com impaciência. — Vá ou dou um chute no seu traseiro.

As costas de William coçavam entre as espáduas quando entraram no acampamento, Colenso agachado como um macaco em cima do seu cavalo, segurando a bandeira o mais baixo que ousava segurar e murmurando estranhas imprecensões em seu idioma córnico. A mão esquerda de William coçava também, querendo agarrar o punho de sua espada, o cabo de sua pistola. Mas ele fora desarmado. Se pretendessem atirar nele, o fariam de qualquer jeito, armado ou não, e vir desarmado era um sinal de boa-fé. Assim, ele jogou sua capa para trás, apesar da neve, para mostrar a ausência de armas, e entrou devagar no meio da tormenta.

As preliminares foram bem. Ninguém atirou nele e ele foi conduzido a um coronel Preston, um homem alto, esfarrapado, vestindo o que restara de um uniforme continental, que o olhou de viés, mas ouviu com surpreendente cortesia sua solicitação. A permissão foi concedida — mas sendo aquele o exército americano a permissão concedida não foi uma licença para levar o médico, mas para perguntar ao médico se ele queria ir.

Willie deixou Colenso com os cavalos e a mula, com instruções rígidas de ficar de olhos abertos, e subiu a pequena colina onde haviam lhe dito que Denzell Hunter provavelmente estaria. Seu coração batia acelerado e não apenas do esforço. Na Filadélfia, ele tinha certeza de que Hunter viria a seu pedido.

Agora, já não tinha tanta certeza.

Ele já lutara contra americanos, conhecia muitos que não eram, em nenhum aspecto, diferentes dos ingleses que haviam sido dois anos antes. Mas ele nunca

atravessara um acampamento do exército americano antes.

Parecia caótico, mas todos os acampamentos pareciam nos estágios iniciais, e ele podia perceber a ordem grosseira que de fato existia entre as pilhas de escombros e tocos de árvores abatidas sem qualquer esmero. Mas havia algo muito diferente naquele acampamento, algo quase exuberante. Os homens pelos quais ele passava estavam extremamente maltrapilhos; um em dez tinha sapatos, apesar das condições do tempo, e vários grupos amontoavam-se como mendigos em torno da fogueira, enrolados em cobertores, xales e restos de lonas de barracas e sacos de aniagem. No entanto, não se aglomeravam em um silêncio infeliz. Eles conversavam.

Conversavam amistosamente, contando piadas, discutindo, afastando-se para ir urinar na neve, para bater os pés ao redor da fogueira para manter o sangue circulando. Ele já vira um acampamento com moral baixo, e aquele ali não era. O que era, tudo considerado, surpreendente. Presumia que Denzell Hunter estava com o mesmo ânimo. Assim sendo, ele consentiria em deixar seus companheiros? Não havia como saber, a não ser perguntando.

Não havia nenhuma porta onde bater. Deu a volta em um pequeno grupo de pequenos carvalhos sem folhas que até agora haviam conseguido escapar do machado e encontrou Hunter agachado no chão, costurando um corte na perna de um sujeito estendido diante dele em um cobertor. Rachel Hunter segurava os ombros do ferido, a cabeça coberta pela touca inclinada sobre ele enquanto lhe dirigia palavras encorajadoras.

— Eu não lhe disse que ele era rápido? — ela dizia. — Não mais do que trinta segundos, eu disse, e assim foi. Eu contei, não foi?

— Você conta de uma maneira muito descansada, Rachel — o médico disse, sorrindo, enquanto estendia a mão para a tesoura e cortava o fio. — Um homem poderia dar três voltas ao redor da St. Paul em um dos seus minutos.

— Bobagem — ela disse, suavemente. — Está terminado, de qualquer forma. Vamos, sente-se e beba um pouco de água. Você não... Ela se voltara para o balde ao seu lado e, ao fazê-lo, percebeu William parado lá. Sua boca abriu-se com o choque e logo estava de pé, atravessando a clareira correndo para abraçá-lo.

Ele não esperava por isso, mas ficou encantado e retribuiu o abraço com grande afeto. Ela cheirava a seu próprio cheiro e a fumaça, e isso fez seu sangue correr mais rápido.

— Amigo William! Pensei que nunca mais o veria — ela disse, dando um passo para trás, o rosto iluminado. — O que faz aqui? Porque eu acho que não veio se alistar — ela acrescentou, examinando-o de cima a baixo.

— Não — ele disse, um pouco rispidamente. — Vim pedir um favor. A seu irmão — ele acrescentou, um pouco tardiamente.

— Oh? Venha, então, ele já está terminando — Ela o conduziu a Denny, ainda

olhando para ele com grande interesse.

— Então, você é realmente um soldado britânico — ela observou. — Achávamos que devia ser, mas temíamos que pudesse ser um desertor. Estou contente que não seja.

— É mesmo? — ele perguntou, sorrindo. — Mas certamente você preferiria que eu renegasse meu serviço militar e buscasse a paz?

— É claro que eu gostaria que você buscasse a paz... e a encontrasse — ela disse, de modo prático. — Mas você não pode encontrar paz na quebra de um juramento e numa fuga ilegal, sabendo que sua alma estava mergulhada no erro e temendo por sua vida. Denny, veja quem chegou!

— Sim, eu vi. Amigo William, fico feliz em vê-lo! — O dr. Hunter ajudou seu paciente recém-enfaixado a ficar de pé e veio ao encontro de William, sorrindo. — Ouvi você dizer que veio me pedir um favor. Se estiver ao meu alcance, considere feito.

— Não vou cobrar essa promessa — William disse, sorrindo e sentindo um nó se desfazer na base de seu pescoço. — Mas ouça-me, e acho que concordará em vir.

Como ele esperara, Hunter no começo ficou hesitante em deixar o acampamento. Não havia muitos médicos e com tantas doenças devido ao frio e ao excesso de gente... mais de uma semana poderia se passar até ele poder retornar ao acampamento... mas William sabiamente se manteve em silêncio, olhando apenas uma vez para Rachel e depois fitando Denzell diretamente nos olhos.

— Vai preferir fazê-la permanecer aqui durante todo o inverno?

— Quer que Rachel me acompanhe? — Hunter perguntou, imediatamente compreendendo o significado do olhar de William.

— Eu irei com você quer ele queira ou não — Rachel ressaltou. — E ambos sabem disso perfeitamente.

— Sim — Denzell disse indulgentemente —, mas achei mais educado perguntar. Além do mais, não é só uma questão de você vir. É que...

William não ouviu o final da frase, pois um enorme objeto foi repentinamente atirado entre suas pernas por trás e ele emitiu um gritinho pouco másculo, dando um salto para frente e girando para ver quem o atacara dessa maneira covarde.

— Sim, eu estava me esquecendo do cachorro — Rachel disse, ainda tranquila. — Ele já pode andar, mas não creio que aguento fazer a viagem à Filadélfia a pé. Você pode dar um jeito de transportá-lo?

Ele reconheceu o cachorro de imediato. Sem dúvida, não podia haver dois iguais.

— Este é o cachorro de Ian, não é? — ele perguntou, estendendo o punho fechado para o enorme animal cheirar. — Onde está o dono dele?

Os Hunter trocaram um rápido olhar, mas Rachel respondeu prontamente.

— Escócia. Ele foi à Escócia em uma missão urgente, com seu tio, James Fraser. Conhece o sr. Fraser? — Pareceu a William que os irmãos Hunter o olhavam um pouco intensamente demais, mas ele apenas balançou a cabeça e disse:

— Eu o encontrei uma vez, há muitos anos. Por que o cachorro não foi para a Escócia com seu dono?

Novamente, aquele olhar entre os dois. O que teria havido com Murray?, perguntou-se.

— O cachorro se machucou, pouco antes de embarcarem. O amigo Ian foi muito gentil em deixar seu companheiro aos meus cuidados — Rachel disse calmamente. — Você consegue arranjar uma carroça, talvez? Acho que seu cavalo pode não gostar de Rollo.

Lorde John ajeitou a tira de couro entre os dentes de Henry. O rapaz estava quase inconsciente com uma dose de láudano, mas ainda tinha suficiente consciência do que se passava ao seu redor para dar a seu tio uma débil tentativa de sorriso. Grey podia sentir o terror pulsando através do corpo de Henry — e compreendia. Havia uma bola de serpentes venenosas em sua barriga, uma sensação escorregadia constante, pontuada por pontadas repentinas de pânico.

Hunter insistira em amarrar os braços e pernas de Henry à cama, para que não houvesse nenhum movimento durante a operação. O dia estava brilhante; o sol cintilava da neve congelada que emoldurava as janelas, e a cama fora movida para aproveitar ao máximo essa luz.

O dr. Hunter ouvira falar do rbdomante, mas dispensara educadamente a sua vinda, dizendo que aquilo cheirava a adivinhação e, se ele tivesse que pedir a ajuda de Deus nesta empreitada, achava que não poderia fazê-lo sinceramente se houvesse alguma coisa de feitiçaria no processo. Isso ofendera um pouco Mercy Woodcock, que bufou, mas se manteve em silêncio, alegre demais — e ansiosa demais — para discutir.

Grey não era supersticioso, mas tinha uma mente prática e havia registrado cuidadosamente a localização da bala que o rbdomante encontrara. Explicou isso e com o relutante consentimento de Hunter pegou uma pequena régua e triangulou o local na barriga afundada de Henry, aplicando um pouco da fuligem preta da vela no lugar para assinalá-lo.

— Creio que estamos prontos — Denzell disse e, aproximando-se da cama, colocou as mãos na cabeça de Henry e rezou rapidamente pedindo orientação e apoio para si mesmo, força e cura para Henry, e terminou reconhecendo a presença de Deus entre eles. Apesar de seus sentimentos puramente racionais, Grey sentiu uma pequena diminuição da tensão no quarto e sentou-se do lado oposto ao médico, com as serpentes em sua barriga sossegadas por enquanto.

Segurou a mão flácida de seu sobrinho e disse calmamente:

— Agente firme, Henry. Não vou soltá-lo.

Foi rápido. Grey já vira cirurgiões militares trabalhando e sabia como eram rápidos, mas mesmo por esses parâmetros a velocidade e destreza de Denzell Hunter eram notáveis. Grey perdera qualquer noção de tempo, absorto no errático aperto dos dedos de Henry, no queixume estridente de seus gritos através da mordaca de couro e nos movimentos do médico, rapidamente brutais, depois fastidiosos enquanto ele espetava delicadamente, limpava e costurava.

Ao terminar os últimos pontos, Grey respirou, ao que parecia pela primeira vez em horas, e viu pelo relógio de viagem no console da lareira que mal havia se passado um quarto de hora. William e Rachel Hunter estavam de pé junto à lareira, um pouco afastados para não atrapalhar, e ele notou com algum interesse que eles estavam de mãos dadas, os nós dos dedos tão lívidos quanto seus rostos.

Hunter verificava a respiração de Henry, levantando suas pálpebras para examinar suas pupilas, enxugando as lágrimas e o muco de seu rosto, tocando embaixo de seu queixo para sentir seu pulso — Grey podia ver isso, fraco e irregular, mas ainda bombeando, um fio azul minúsculo sob a pele cor de cera.

— Muito bem, muito bem, e graças ao Senhor que me deu forças — Hunter murmurava. — Rachel, você poderia trazer os curativos para mim?

Rachel imediatamente desvencilhou-se de William e foi buscar a pilha perfeita de pequenas almofadas de gaze dobrada e tiras de linho, juntamente com um tipo de massa viscosa, ensopando de verde o pano em que estava enrolada.

— O que é isso? — Grey perguntou, apontando.

— Um emplastro que me foi recomendado por uma colega, a sra. Fraser. Já constatei que possui efeitos louváveis sobre ferimentos de todos os tipos — o médico assegurou-lhe.

— Sra. Fraser? — Grey exclamou, surpreso. — Sra. James Fraser? Onde diab... quero dizer, onde o senhor encontrou essa senhora?

— Em Fort Ticonderoga — foi a surpreendente resposta. — Ela e o marido estavam com o Exército Continental durante as batalhas de Saratoga.

As serpentes na barriga de Grey despertaram abruptamente.

— Está querendo me dizer que a sra. Fraser está agora em Valley Forge?

— Oh, não. — Hunter sacudiu a cabeça, concentrado no curativo. — Poderia levá-lo um pouco, amigo Grey? Preciso passar esta atadura por baixo... ah, sim, exatamente, obrigado. Não — ele retomou, endireitando-se e enxugando a testa, pois estava muito quente no quarto, com tanta gente e um fogo forte na lareira. — Não, os Fraser foram para a Escócia. Apesar de o sobrinho do sr. Fraser ter feito a gentileza de nos deixar seu cachorro — ele acrescentou, enquanto Rollo, curioso com o cheiro de sangue, levantou-se de seu lugar no canto e enfiou o focinho sob o

cotovelo de Grey. Cheirou com interesse os lençóis sujos de sangue, para cima e para baixo do corpo nu de Henry. Em seguida, espirrou explosivamente, sacudiu a cabeça e voltou para o seu canto, onde prontamente se deitou, rolou de costas e relaxou, com as patas para o ar. — Alguém precisa ficar com ele nos próximos dias — Hunter dizia, limpando as mãos em um pano.

— Ele não deve ser deixado sozinho, caso pare de respirar. Amigo William — ele disse, virando-se para Willie seria possível encontrar um lugar para nós ficarmos? Devo ficar por perto por vários dias, de modo que eu possa vir visitá-lo regularmente para ver como está progredindo.

William afirmou-lhe que isso já fora providenciado: uma hospedaria muito respeitável e — neste ponto ele olhou para Rachel — bem próxima. Deveria acompanhar os Hunter até lá? Ou levar a srta. Rachel, se seu irmão ainda não tivesse terminado inteiramente?

Era evidente para Grey que nada teria agradado mais a Willie do que um passeio pela cidade reluzente de neve sozinho com a atraente quaker, mas a sra. Woodcock jogou água fria em seus planos observando que, na realidade, era Natal; ela não tivera tempo, nem a oportunidade de fazer uma grande refeição, mas os senhores e a senhorita não honrariam sua casa e o dia tomando um copo de vinho, para beber à recuperação do tenente Grey?

Todos concordaram que essa era uma excelente ideia e Grey se ofereceu para ficar sentado com seu sobrinho enquanto iam buscar o vinho e os copos.

Com tanta gente tendo saído repentinamente, o quarto ficou muito mais fresco. Quase frio, na verdade, e Grey puxou tanto o lençol quanto a colcha delicadamente sobre a barriga envolta em ataduras de Henry.

— Você vai ficar bom, Henry — ele sussurrou, apesar dos olhos de seu sobrinho estarem fechados e ele achar que o rapaz devia estar dormindo — esperava que estivesse.

Mas não estava. Os olhos de Henry se abriram devagar, as pupilas mostrando os efeitos do ópio; as pálpebras enrugadas mostrando a dor que o ópio não conseguia minorar.

— Não, não vou — ele disse, com uma voz fraca e clara. — Ele só tirou uma. A segunda bala vai me matar.

Seus olhos se fecharam outra vez, enquanto o som das aclamações do Natal subia as escadas. O cachorro suspirou.

Rachel Hunter colocou uma das mãos sobre o estômago, a outra sobre a boca e reprimiu um arroto que se formava.

— A gula é um pecado — ela disse. — Mas um pecado que carrega seu próprio castigo. Acho que vou vomitar.

— Todos os pecados fazem isso — seu irmão retrucou distraidamente,

mergulhando a ponta de sua pena na tinta. — Mas você não é gulosa. Eu a vi comer.

— Mas parece que vou explodir! — ela protestou. — E, além do mais, não posso deixar de pensar no pobre Natal que aqueles que deixamos em Valley Forge vão passar, em comparação com a... a... decadência de nossa refeição esta noite.

— Bem, isso é culpa, não gula, e uma culpa falsa, além do mais. Você comeu não mais do que constituiria uma refeição normal; é só que você há meses não faz uma refeição decente. E acho que ganso assado talvez não seja a última palavra em decadência, mesmo quando recheado de ostras e castanhas. Agora, se fosse um faisão recheado de trufas ou um javali com uma maçã dourada na boca... — Sorriu para ela acima de seus papéis.

— Você já viu essas coisas? — ela perguntou, curiosa.

— Sim, já. Quando trabalhei em Londres com John Hunter. Ele frequentava a sociedade e de vez em quando me levava com ele para atender um caso e às vezes para acompanhar ele e sua mulher a alguma grande ocasião... muita gentileza dele. Mas não devemos julgar, você sabe, especialmente não pelas aparências. Mesmo aquele que parece muito frívolo, perdulário ou doidivas ainda tem uma alma e valor perante Deus.

— Sim — ela disse vagamente, sem prestar muita atenção. Afastou a cortina da janela, vendo a rua lá fora como uma mancha branca. Havia um lampião pendurado junto à porta de entrada da hospedaria que lançava um pequeno círculo de luz, mas a neve continuava a cair. Seu próprio rosto flutuava no vidro escuro da janela, fino e de olhos grandes, e ela franziu o cenho para a própria imagem, ajeitando uma mecha extraviada de cabelos escuros de volta para baixo da touca. — Acha que ele sabe? — ela perguntou abruptamente. — O amigo William?

— Ele sabe o quê?

— Sua surpreendente semelhança com James Fraser — ela disse, deixando a cortina cair. — Certamente você não acha que se trata de uma coincidência.

— Acho que não é da nossa conta. — Denny retomou a escrita arranhada com sua pena.

Ela deu um suspiro de exasperação. Ele tinha razão, mas isso não significava que ela estava proibida de observar e se perguntar. Sentira-se feliz — mais do que feliz — de ver William outra vez, e, apesar do fato de ele ser um soldado inglês ter vindo confirmar suas suspeitas, ficara extremamente surpresa ao verificar que ele era um oficial de alta patente. Muito mais do que surpresa de saber por intermédio de seu mal-encarado ajudante de ordens da Cornualha que ele era um lorde, embora a criatura não soubesse de que tipo.

Entretanto, sem dúvida dois homens não podiam se parecer tanto se não tivessem o mesmo sangue em um grau muito próximo. Ela vira James Fraser muitas vezes e o admirava por sua dignidade alta e ereta, impressionando-se um pouco com

a ferocidade de seu rosto, sempre sentindo aquela sensação de reconhecimento quando o via — mas foi somente quando William surgiu repentinamente diante dela no acampamento que ela compreendeu por quê. No entanto, como poderia um lorde inglês ter qualquer parentesco com um jacobita escocês, um criminoso perdoado? Pois Ian lhe contara um pouco de sua própria história familiar — embora não o suficiente; nem de longe o suficiente.

— Está pensando em Ian Murray outra vez — seu irmão observou, sem levantar os olhos do papel. Parecia resignado.

— Pensei que você repudiava a feitiçaria — ela disse com sarcasmo. — Ou você não inclui leitura da mente entre as artes da adivinhação?

— Vejo que não nega. — Ergueu os olhos, então, empurrando os óculos para cima do nariz com um dedo, para vê-la melhor.

— Não, não nego — ela disse, levantando o queixo. — Como soube, então?

— Você olhou para o cachorro e suspirou de uma maneira que revelava uma emoção geralmente não compartilhada entre uma mulher e um cachorro.

— Hum! — ela disse, desconcertada. — Bem, e se eu realmente penso nele? Isso não é da minha conta? Imaginar como ele está, como sua família na Escócia o recebeu? Se ele sente que voltou para casa lá?

— Se ele voltará? — Denny tirou os óculos e passou a mão pelo rosto. Ele estava cansado; podia ver o esforço do dia em suas feições.

— Ele vai voltar — ela disse, sem alterar a voz. — Ele não abandonaria seu cachorro.

Isso fez seu irmão rir, o que a aborreceu muito.

— Sim, ele é bem capaz de voltar pelo cachorro — ele concordou. — E se ele voltar com uma esposa? — Sua voz era delicada agora e ela virou-se para a janela outra vez, para que ele não visse que a pergunta a perturbava. Não que ele precisasse ver para saber disso.

— Pode ser melhor para você e para ele se isso acontecer, Rachel. — A voz de Denny ainda era suave, mas tinha um tom de aviso. — Você sabe que ele é um homem da violência.

— O que preferia que eu fizesse, então? — ela retrucou rispidamente, sem se virar. — Casar-me com William?

Houve um breve silêncio na direção da escrivania.

— William? — Denny disse, parecendo ligeiramente surpreso. — Você gosta dele?

— Eu... claro que tenho amizade por ele. E gratidão — acrescentou apressadamente.

— Eu também — seu irmão observou. — No entanto, a ideia de você casar-se com ele não tinha passado pela minha cabeça.

— Você é uma pessoa muito irritante — ela disse, virando-se e olhando-o furiosamente. — Não pode deixar de rir de mim por um dia ao menos?

Ele abriu a boca para responder, mas um barulho do lado de fora atraiu sua atenção e ela voltou-se novamente para a janela, abrindo a pesada cortina. Seu hálito embaçou o vidro escuro e ela o esfregou impacientemente com a manga do casaco, a tempo de ver uma liteira embaixo. A porta da liteira se abriu e uma mulher saiu para o torvelinho de neve. Vestia peles e estava apressada; entregou uma bolsinha para um dos carregadores da liteira e correu para dentro da hospedaria.

— Bem, isso é estranho — Rachel disse, virando-se para olhar primeiro para seu irmão e depois para o pequeno relógio que decorava seus quartos. — Quem vai fazer uma visita às nove horas na noite de Natal? Não pode ser um Amigo, não é? — Pois os Amigos não celebram o Natal e não achariam a data um impedimento para viajar, mas os Hunter não tinham nenhuma ligação — ainda não — com os Amigos de nenhuma congregação da Filadélfia.

O barulho de passos nas escadas impediu a resposta de Denzell e um instante depois a porta do quarto abriu-se de par em par. A mulher envolta em peles ficou parada na soleira da porta, branca como suas peles.

— Denny? — ela disse, com a voz embargada.

Seu irmão levantou-se como se alguém tivesse aplicado uma brasa nos fundilhos de suas calças, e entornou a tinta.

— Dorothea! — ele gritou e com um único salto já atravessara o aposento e abraçava apaixonadamente a mulher vestida de peles.

Rachel ficou parada, paralisada. A tinta gotejava da escrivaninha sobre o tapete de lona pintada e ela achou que devia fazer alguma coisa a respeito, mas não fez. Continuou paralisada, boquiaberta. Achou que devia fechar a boca, e o fez.

Repentinamente, compreendeu o impulso que fazia com que os homens blasfemassem sem nenhuma cerimônia.

Rachel pegou os óculos de seu irmão do chão e ficou parada segurando-os, aguardando que eles se desvencilhassem do abraço. Dorothea, ela pensou consigo mesma. Então esta é a mulher... mas certamente ela é a prima de William! William havia mencionado sua prima para ela quando viajavam de Valley Forge. Na verdade, a mulher estivera na casa quando Denny realizava a operação em... mas, então, Henry Grey devia ser irmão daquela mulher! Ela se escondera na cozinha quando Rachel e Denny foram à casa naquela tarde. Ora... Claro: não era timidez ou medo, mas a intenção de ficar cara a cara com Denny quando ele estava prestes a realizar uma operação perigosa.

Com isso, a impressão que tinha da mulher ganhou alguns pontos, embora não estivesse ainda disposta a abraçá-la contra o peito e chamá-la de irmã. Duvidava de que a mulher também se sentisse assim em relação ela — embora, na

realidade, talvez ainda nem tivesse percebido a presença de Rachel, quanto mais tirado conclusões a seu respeito.

Denny soltou a mulher e deu um passo atrás, embora, pela expressão radiante de seu rosto, ele mal pudesse deixar de tocá-la.

— Dorothea — ele disse. — O que você...

Mas ele foi impedido de continuar; a jovem — ela era muito bonita, Rachel via agora — recuou um passo e deixou sua elegante capa de arminho cair no chão com um ruído suave e surdo. Rachel pestanejou. A jovem usava um saco de aniagem. Não havia nenhuma outra palavra para isso, apesar de que, agora que olhava, percebesse que tinha mangas. Mas era feito de um tecido rústico e cinzento, caindo reto dos ombros da jovem, mal tocando seu corpo em alguma parte.

— Serei uma quaker, Denny — ela disse, erguendo um pouco o queixo. — Já tomei minha decisão.

O rosto de Denny se contorceu e Rachel achou que ele não sabia se ria, chorava ou cobria sua amada com a capa de arminho outra vez. Não gostando de ver a bela capa jogada no chão, Rachel abaixou-se e pegou-a.

— Você... Dorothea — ele repetiu, sem saber o que dizer. — Tem certeza? Acho que você não sabe nada sobre os quakers.

— Claro que sei. Você... vê Deus em todos os seres humanos, busca paz em Deus, repele a violência e usa roupas sem graça para não distrair a mente com as coisas fúteis do mundo. Não é isso? — Dorothea perguntou ansiosamente. Lady Dorothea, Rachel se corrigiu. William dissera que seu tio era um duque.

— Bem... mais ou menos, sim — Denny disse, os lábios torcendo-se enquanto a olhava de cima a baixo. — Você mesma... fez esta roupa?

— Sim, claro. Alguma coisa errada com ela?

— Oh, não — ele disse, a voz soando um pouco estrangulada. Dorothea lançou-lhe um olhar penetrante, depois outro a Rachel, parecendo notar sua presença repentinamente.

— O que há de errado com ela? — disse, apelando para Rachel, e Rachel viu seu pulso latejando no pescoço branco e roliço.

— Nada — ela disse, reprimindo sua própria vontade de rir. — Mas os Amigos podem usar roupas ajustadas ao corpo. Você não precisa se enfeiar propositadamente, quero dizer.

— Oh, compreendo. — Lady Dorothea olhou pensativamente para a saia e o casaco bem arrumados de Rachel, que podiam ser de tecido rústico de cor creme, mas que sem dúvida tinham um bom corte e lhe assentavam muito bem.

— Bem, então está certo — lady Dorothea disse. — Vou ajustá-lo um pouco aqui e ali. — Deixando de lado a questão, deu um passo à frente outra vez e tomou as mãos de Denny nas suas. — Denny — ela disse, suavemente. — Oh, Denny.

Achei que nunca mais o veria.

— Eu também — ele disse, e Rachel viu um novo esforço assomar ao seu rosto, uma luta entre o dever e o desejo, e seu coração se condeou dele. — Dorothea... você não pode ficar aqui. Seu tio...

— Ele não sabe que eu saí. Vou voltar — Dorothea garantiu-lhe. — Depois que tivermos acertado as coisas entre nós.

— Acertado as coisas — ele repetiu e, com notável esforço, retirou as mãos das suas. — Quer dizer...

— Aceita um pouco de vinho? — Rachel interpôs pegando a garrafa que a criada deixara para eles.

— Sim, obrigada. Ele também tomará um pouco — Dorothea disse, sorrindo para Rachel.

— Acho que ele vai precisar — Rachel murmurou, com um olhar para seu irmão.

— Dorothea... — Denny disse, desamparado, passando a mão pelos cabelos.

— Sei o que pretende. Mas não é apenas uma questão de você se tornar uma Amiga... presumindo-se que isso seja... seja... possível.

Ela empertigou-se, orgulhosa como uma duquesa.

— Duvida de minha convicção, Denzell Hunter?

— Hã... não exatamente. Só acho que talvez você não pensou bem no assunto.

— É o que você pensa! — Um rubor inundou as faces de lady Dorothea e ela olhou fixamente para Denny. — Saiba que eu não fiz outra coisa senão pensar, desde que você deixou Londres. Como você acha que eu consegui chegar aqui?

— Conspirou para que atirassem na barriga de seu irmão? — Denny perguntou. — Parece um pouco cruel e talvez sem sucesso garantido.

Lady Dorothea inspirou profundamente duas ou três vezes pelo nariz, fitando-o sem piscar.

— Agora, veja bem — ela disse, em um tom de voz comedido —, se eu não fosse uma perfeita quaker, eu lhe daria um tapa. Mas não dei, não é? Obrigada, querida — ela disse a Rachel, pegando o copo de vinho. — Você é irmã dele, não?

— Não, não deu — Denny admitiu cautelosamente, ignorando Rachel. — Mas mesmo aceitando, para fins de discussão — ele acrescentou, com um vislumbre de seu eu costumeiro —, que Deus de fato lhe falou e disse que você deve se unir a nós, isso ainda deixa a pequena questão de sua família.

— Não há nada em seus princípios de fé que exija que eu tenha a permissão do meu pai para me casar — ela retrucou rispidamente. — Eu me informei.

Denny pestanejou.

— Quem?

— Priscilla Unwin. É uma quaker que eu conheço em Londres. Você também a conhece, eu acho; ela disse que você lancetou um furúnculo no traseiro do irmãozinho dela.

Nesse ponto, Denny percebeu — talvez porque os olhos de seu irmão estivessem esbugalhados para Dorothea, Rachel pensou, sem achar graça — que estava sem os óculos. Ele estendeu um dedo para empurrá-lo mais para cima no cavalete do nariz, depois parou e olhou ao redor, estreitando os olhos. Com um suspiro, Rachel deu um passo à frente e colocou-os em seu nariz. Em seguida, pegou o segundo copo de vinho e entregou-o a ele.

— Ela tem razão — disse a ele. — Você precisa deles.

— Obviamente — lady Dorothea disse —, não estamos chegando a lugar algum. — Ela não parecia uma mulher acostumada a não chegar a lugar algum, Rachel pensou, mas está mantendo um bom controle sobre seu gênio. Por outro lado, estava longe de ceder à insistência de Denny para que ela voltasse para a casa de seu tio. — Não vou voltar — ela disse, em um tom de voz moderado —, porque, se eu o fizer, você vai fugir para o Exército Continental em Valley Forge, onde acha que eu não o seguirei.

— Você não faria isso, não é? — Denny disse, e Rachel achou ter divisado um fio de esperança na pergunta, mas ela não sabia ao certo que tipo de esperança era.

Lady Dorothea cravou nele um olhar azul e arregalado.

— Eu o segui através de um maldito oceano inteiro. Você acha que um maldito exército pode me impedir?

Denny esfregou o nó de um dedo pelo cavalete do nariz.

— Não — ele admitiu. — Acho que não. É por isso que eu não fui. Não quero que você me siga.

Lady Dorothea engoliu de forma audível, mas corajosamente manteve o queixo erguido.

— Por quê? — ela disse, e sua voz estremeceu apenas um pouco. — Por que não quer que eu o siga?

— Dorothea — ele disse, o mais delicadamente possível. — Deixando de lado o fato de que ir comigo a colocaria como rebelde e em conflito com sua família, trata-se de um exército. Mais ainda, de um exército muito pobre, que não tem nenhum conforto imaginável, inclusive roupas, roupas de cama, sapatos e comida. Além disso, é um exército à beira do desastre e da derrota. Não é um lugar adequado para você.

— E é um lugar adequado para sua irmã?

— Na verdade, não é — ele disse. — Mas... — Parou, obviamente percebendo que estava prestes a cair em uma armadilha.

— Mas não pode me impedir de ir com você. — Rachel completou a frase por ele, meigamente. Não tinha muita certeza se deveria ajudar aquela mulher estranha, mas admirava a determinação de lady Dorothea.

— E também não pode me impedir — Dorothea disse com firmeza.

Denny esfregou três dedos com força entre as sobrancelhas, fechando os olhos como se estivesse sofrendo.

— Dorothea — ele disse, deixando cair a mão e empertigando-se. — Tenho a vocação de fazer o que faço e é uma questão entre mim e Deus. Rachel vem comigo não só porque é cabeça-dura, mas também porque ela é minha responsabilidade; ela não tem outro lugar para ir.

— Eu tenho também! — Rachel disse, fervorosamente. — Você disse que encontraria um lugar seguro com o Amigos, se eu quisesse. Eu não quis e não quero.

Antes que Denny pudesse vir com outra resposta, lady Dorothea estendeu a mão em um dramático gesto de comando, paralisando-o.

— Tenho uma ideia — ela disse.

— Temo muito perguntar qual é — Denny disse, parecendo falar com grande sinceridade.

— Eu não — Rachel disse. — Qual é?

Dorothea olhou de um para o outro.

— Eu fui a uma reunião quaker. Duas, na realidade. Sei como é. Vamos realizar uma reunião e pedir a Deus para nos orientar.

Denny ficou boquiaberto, para grande diversão de Rachel, que raramente era capaz de deixar seu irmão sem fala, mas começava a apreciar ver Dorothy fazer isso.

— Isso — ele começou, parecendo perplexo.

— E uma excelente ideia — Rachel disse, já puxando outra cadeira para perto da lareira.

Denny mal pôde argumentar. Visivelmente desconcertado, ele se sentou, embora Rachel tenha percebido que ele colocou-a entre Dorothea e si mesmo. Ela não sabia se ele tinha medo de ficar muito perto de Dorothea, no caso do poder de sua presença dominá-lo, ou se era apenas o fato de que se sentar do outro lado da lareira, mais longe dela, lhe desse um ângulo de visão melhor.

Todos se acomodaram devagar, remexendo-se um pouco para ficar mais confortável, e caíram em silêncio. Rachel fechou os olhos, vendo a vermelhidão quente do fogo por dentro de suas pálpebras, sentindo o conforto do seu calor em suas mãos e pés. Agradeceu silenciosamente por isso, lembrando-se do constante frio que passavam no acampamento, as unhas dos dedos das mãos e dos pés congeladas, e o tremor contínuo, que diminuía, mas não parava, quando ela se enrolava em seus cobertores à noite e deixava seus músculos fatigados e doloridos.

Não era de admirar que Denny não quisesse que Dorothea fosse com eles. Ela não queria voltar, daria quase qualquer coisa para não voltar — qualquer coisa que não o bem-estar de Denny. Ela detestava sentir fome e frio, mas seria muito pior estar aquecida e bem-alimentada, sabendo que ele sofria sozinho.

Será que lady Dorothea fazia ideia de como seria?, perguntou-se, e abriu os olhos. Dorothea estava sentada em silêncio, mas ereta, as mãos graciosas entrelaçadas no colo. Imaginava que Denny estivesse, assim como Rachel estava, visualizando aquelas mãos avermelhadas e manchadas de frieiras, aquele rosto adorável macilento de fome e sujo de poeira e fuligem.

Os olhos de Dorothea estavam ensombreados pelas pálpebras, mas Rachel tinha certeza de que ela estava olhando para Denny. Aquilo era um jogo arriscado da parte de Dorothea, pensou. Pois, e se Deus falasse com Denny e dissesse que era impossível, que ele tinha que mandá-la embora? E se Deus falasse com Dorothea agora, pensou repentinamente, ou se já tivesse falado? Rachel ficou desconcertada com a ideia. Não que os Amigos pensassem que o Senhor só falasse a eles; é só que achavam que as outras pessoas geralmente não ouviam.

Ela mesma teria ouvido? Com toda a honestidade, era forçada a admitir que não. E sabia por quê: por não querer ouvir o que sabia que iria ouvir — que deveria se afastar de Ian Murray e esquecer os pensamentos que aqueciam seu corpo e seus sonhos na floresta gelada. Aqueciam tanto que às vezes ela acordava com a certeza de que se pusesse a mão para fora, na neve que caía, esta chiaria e desapareceria da palma de sua mão.

Engoliu com força e fechou os olhos, tentando se abrir para a verdade, mas tremendo de medo de ouvi-la.

Tudo que ouviu, entretanto, foi um ruído arquejante, e um instante depois o nariz úmido de Rollo enfiou-se em sua mão. Desconcertada, ela afagou suas orelhas. Certamente, não era adequado fazer isso no meio de uma reunião, mas ele iria continuar esfregando o focinho em sua mão até ela ceder, sabia. Ele semicerrou os olhos amarelos de prazer e descansou a cabeça pesada em seu joelho.

O cachorro o ama, ela pensou, afagando os pelos ásperos e grossos. Ele pode ser mau, sendo assim? Não foi Deus quem ela ouviu em resposta, mas seu irmão, que certamente diria: "Apesar de os cachorros serem criaturas de valor, não creio que sejam bons juízes de caráter."

Mas eu sou, ela pensou consigo mesma. Sei quem ele é... e também o conheço pelo que ele possa ser. Olhou para Dorothea, imóvel em seu largo vestido cinzento. Lady Dorothea Grey estava disposta a abandonar sua vida prévia, e muito provavelmente sua família, para se tornar uma Amiga, por Denny. Não poderia ser, perguntou-se, que Ian Murray deixasse a violência por ela?

Bem, esse é um pensamento arrogante, ela repreendeu a si mesma. Que tipo

de poder você acha que tem, Rachel Mary Hunter? Ninguém tem esse tipo de poder, a não ser Deus.

Mas o Senhor de fato tinha. E se Deus assim desejasse, tudo era possível. Rollo balançou o rabo devagar, batendo três vezes no assoalho.

Denzell Hunter endireitou-se um pouco em seu banco. Foi um movimento quase imperceptível, mas, vindo como veio do meio da absoluta imobilidade, surpreendeu as duas mulheres, que ergueram a cabeça como pássaros surpresos.

— Eu a amo, Dorothea — ele disse. Falou muito devagar, mas seus olhos meigos ardiam por trás dos óculos, e Rachel sentiu seu peito doer. — Quer se casar comigo?



SEPARAÇÃO E REENCONTRO

20 de abril de 1778

No que diz respeito a viagens transatlânticas — e após nossas aventuras com o capitão Roberts, Hickman e Stebbings, eu me considerava algo como um connoisseur em desastres marítimos —, a travessia para a América foi bastante maçante. Na verdade, tivemos um pequeno atrito com um navio de guerra britânico, mas felizmente o deixamos para trás, enfrentamos dois vendavais e uma tempestade, mas felizmente não naufragamos, e, apesar da comida ser execrável, eu estava distraída demais para fazer algo além de tirar gorgulhos do biscoito antes de comê-lo.

Metade da minha mente estava no futuro: a precária situação de Fergus e Marsali, o perigo da condição de Henri-Christian e a logística de lidar com o problema. A outra metade — bem, para ser justa, sete oitavos — ainda estava em Lallybroch com Jamie.

Sentia-me machucada e ferida em carne viva. Com alguma parte vital extirpada, como sempre quando me separava de Jamie por muito tempo, mas também como se eu tivesse sido violentamente ejetada de meu lar, como uma craca arrancada de sua rocha e negligentemente atirada na arrebentação.

A maior parte disso, pensei, era a iminente morte de Ian. Ele era uma parte tão vital de Lallybroch, sua presença ali tão constante e tão reconfortante para Jamie todos esses anos, que a sensação de sua perda era de certa forma a perda da própria Lallybroch. Estranhamente, as palavras de Jenny, injuriosas como possam ter sido, não me perturbavam realmente; eu conhecia muito bem a dor desesperadora, que se transformava em fúria, porque essa era a única maneira de continuar vivendo. E, na verdade, eu também compreendia seus sentimentos, porque os compartilhava: irracional ou não, eu também sentia que deveria ter sido capaz de ajudar Ian. De que adiantava todo o meu conhecimento, toda a minha capacidade, se eu não podia ajudar quando a ajuda era realmente vital?

Mas havia uma outra sensação de perda — e uma outra perturbadora sensação de culpa — no fato de que eu não poderia estar lá quando Ian morresse, que eu tenha tido que deixá-lo pela última vez, sabendo que não o veria mais, incapaz de lhe oferecer conforto, ou de estar com Jamie ou sua família quando o golpe fosse desfechado, ou mesmo simplesmente testemunhar seu falecimento.

O Jovem Ian também sentia isso, em grau ainda maior. Eu sempre o achava sentado perto da popa, olhando fixamente para o rastro do navio com olhos transtornados.

— Acha que ele já se foi? — ele me perguntou abruptamente em certa ocasião, quando fui me sentar ao seu lado ali. — Papai?

— Não sei — eu lhe disse honestamente. — Eu creio que sim, com base no estágio de sua doença... mas as pessoas às vezes surpreendem. Quando é o aniversário dele, você sabe?

Ele olhou para mim, confuso.

— E em algum dia de maio, perto do aniversário de tio Jamie. Por quê?

Dei de ombros e me enrolei mais no meu xale contra a friagem do vento.

— Geralmente, as pessoas que estão muito doentes, mas estão perto de seu aniversário, parecem esperar até ele passar antes de morrerem. Li um estudo sobre isso certa vez. Por alguma razão, é mais provável se a pessoa for famosa ou bem conhecida.

Isso o fez rir, ainda que dolorosamente.

— Papai nunca foi isso. — Suspirou. — No momento, eu acho que deveria ter ficado com ele. Sei que ele disse para eu vir... e eu queria vir — acrescentou de modo justo. — Mas me sinto mal por ter vindo.

Suspirei.

— Eu também.

— Mas você tinha que vir — ele protestou. — Não podia deixar o pequeno Henri-Christian morrer sufocado. Papai entenderia isso. Sei que entendeu.

Sorri à ansiosa tentativa de me fazer sentir melhor.

— Ele também compreendeu por que você tinha que partir.

— Sim, eu sei. — Ele ficou em silêncio por uns instantes, observando o sulco do rastro do navio; era um dia límpido, com um ar revigorante, e o navio singrava bem as águas, embora o mar estivesse agitado, salpicado de cristas espumantes. — Gostaria — ele disse de repente, depois parou e engoliu em seco. — Gostaria que papai tivesse conhecido Rachel — ele disse, a voz baixa. — Quisera que ela pudesse conhecê-lo.

Fiz um ruído solidário. Lembrei-me muito vividamente dos anos em que vi Brianna crescer, sofrendo porque ela jamais conheceria seu pai. E então um milagre acontecera — mas não aconteceria para Ian.

— Sei que você contou sobre a Rachel para seu pai. Ele me disse isso e estava muito feliz em saber. — Isso o fez sorrir um pouco. — Você falou a Rachel sobre seu pai? Sua família?

— Não. — Ele pareceu surpreso. — Não, nunca falei.

— Bem, você precisa falar... O que foi? — Ele franziu a testa e sua boca se curvou para baixo.

— Eu... na verdade, nada. É que acabo de pensar... eu nunca contei nada a ela. Quero dizer, nós... não conversamos realmente, sabe? Quero dizer, eu lhe dizia algumas coisas de vez em quando, e ela também, mas somente de uma maneira normal, como todo mundo. E então nós... eu a beijei e... bem, isso foi tudo. — Fez um gesto de desalento. — Mas eu nunca perguntei a ela. Eu tinha certeza.

— E agora não tem?

Ele sacudiu a cabeça, os cabelos castanhos voando ao vento.

— Oh, não, tia. Tenho certeza do que existe entre nós como eu tenho de... de... — Ele olhou ao redor em busca de algum símbolo de solidez no convés oscilante, mas desistiu. — Bem, tenho mais certeza de como me sinto do que tenho de que o sol se levantará amanhã.

— Tenho certeza de que ela sabe disso.

— Sim, sabe — ele disse, com voz mais branda. — Sei que sabe.

Permanecemos sentados em silêncio por mais algum tempo. Então, levantei-me e disse:

— Bem, neste caso... talvez você deva rezar uma prece para o seu pai e depois ir sentar-se perto da proa.

Eu já estivera em Filadélfia uma ou duas vezes no século XX, em congressos médicos. Eu não gostara do lugar na época, achando-o sujo e inóspito. Era diferente agora, porém não muito mais atraente. As ruas que não eram pavimentadas com paralelepípedos eram verdadeiros mares de lama e as ruas que por fim iriam ficar ladeadas de fileiras de conjuntos residenciais caindo aos pedaços, com quintais cheios de lixo, brinquedos de plástico quebrados e peças de motocicletas, estavam agora orladas com casebres em ruínas, quintais cheios de lixo, conchas de ostras descartadas e cabras amarradas. É bem verdade que não havia nenhum policial bravo, de uniforme preto, à vista, mas os pequenos criminosos ainda eram os mesmos, e ainda visíveis, apesar da presença ostensiva do exército britânico; casacos vermelhos formavam enxames nas portas das tavernas e colunas em marcha passaram pela carroça, os mosquetes nos ombros.

Era primavera. Isso eu tinha que reconhecer. Havia árvores por toda parte, graças ao pronunciamento formal de William Penn de que um acre em cinco deveria ser deixado com árvores — nem mesmo os gananciosos políticos do século XX não haviam conseguido deflorestar inteiramente o lugar, embora provavelmente apenas

porque não descobriam um meio de lucrar com isso sem ser pegos —, e muitas das árvores estavam floridas, confetes de pétalas brancas caindo sobre os lombos dos cavalos conforme a carroça entrava na cidade propriamente dita.

Uma patrulha militar fora instalada na principal estrada de entrada na cidade; ela nos parou, exigindo salvo-conduto do condutor e dos dois passageiros homens. Eu colocara uma touca adequada, não olhei ninguém nos olhos e murmurei que eu estava vindo do interior para cuidar de minha filha, que estava prestes a dar à luz. Os soldados olharam rapidamente dentro do enorme cesto de comida que eu carregava no colo, mas nem olharam meu rosto antes de mandarem a carroça prosseguir. Respeitabilidade tinha suas vantagens. Perguntei-me distraidamente quantos chefes de espiões tinham pensado em usar senhoras de idade. Não se ouvia falar de mulheres idosas como espiãs — mas, por outro lado, isso poderia apenas indicar o quanto elas eram boas no que faziam.

A gráfica de Fergus não ficava no bairro mais elegante, mas não ficava longe, e fiquei satisfeita de ver que era um sólido prédio de tijolos vermelhos, em meio a uma fileira de casas sólidas e agradáveis como a loja. Não havíamos escrito avisando que viríamos; eu teria chegado ao mesmo tempo da carta. Com o coração enlevado, abri a porta.

Marsali estava de pé junto ao balcão, separando pilhas de papéis. Ela ergueu os olhos quando o sino acima da porta soou, pestanejou, depois ficou me olhando boquiaberta.

— Como vai, querida? — eu disse e, colocando minha cesta no chão, corri para suspender a tampa da passagem pelo balcão e abraçá-la.

Ela parecia um zumbi, apesar de seus olhos terem se iluminado com um intenso alívio ao me ver. Ela praticamente se deixou cair em meus braços e irrompeu em lágrimas. Bati de leve em suas costas, dizendo palavras tranquilizadoras e me sentindo um pouco alarmada. Suas roupas caíam frouxamente no corpo e ela cheirava a ranço, os cabelos sem lavar há muito tempo.

— Vai dar tudo certo — repeti com firmeza pela duodécima vez. Ela parou de soluçar e recuou um passo, tateando no bolso à cata de um lenço. Levei um choque ao ver que ela estava grávida outra vez.

— Onde está Fergus? — perguntei.

— Não sei.

— Ele a deixou?! — disse num rompante, horrorizada. — Ora, o desgraçado...

— Não, não — ela disse apressadamente, quase rindo através das lágrimas. — Ele não me deixou, de jeito nenhum. É que ele está escondido, ele muda de lugar constantemente e eu não sei em qual deles ele está no momento. As crianças o encontrarão.

— Por que ele está se escondendo? Não que eu precise perguntar, imagino — eu disse, com um olhar à máquina impressora negra, baixa e sólida, que se via atrás do balcão. — Mas algum motivo específico?

— Sim, um pequeno panfleto para o sr. Paine. Ele tem uma série em andamento, sabe, chamada "A crise americana".

— Sr. Paine... O sujeito do Senso Comum?

— Sim, ele mesmo — ela disse, fungando e limpando os olhos. — Ele é um bom homem, mas você não vai querer beber com ele, segundo Fergus. Sabe como alguns homens são meigos e gentis quando estão bêbados, mas alguns ficam insanos e querem partir para a luta cantando a marcha de Bonnie Dundee sem nem mesmo serem escoceses?

— Oh, esse tipo. Sim, conheço bem. Com quanto tempo você está? — perguntei, mudando para um assunto de interesse geral. — Não deveria se sentar? Não deveria ficar em pé durante muito tempo.

— Com quanto...? — Ela pareceu surpresa e colocou a mão involuntariamente onde eu estava olhando, em sua barriga ligeiramente protuberante. Então, ela riu. — Oh, isso. — Ela enfiou a mão sob seu avental e retirou uma bolsa de couro volumosa que amarrara ao redor da cintura. — Para fugir — ela explicou. — Caso ateiem fogo à casa e eu tenha que fugir com as crianças.

A bolsa era surpreendentemente pesada quando a tirei de sua cintura, e ouvi tinidos abafados no fundo, sob a camada de papéis e pequenos brinquedos de criança.

— O Caslon Itálico 24? — perguntei, e ela sorriu, no mesmo instante se livrando de dez anos.

— Tudo, exceto o "X". Tive que derretê-lo e trocá-lo por dinheiro no ourives para comprar comida, depois que Fergus partiu. Mas ainda há um "X" aí dentro, veja bem — ela disse, pegando a bolsa de volta —, mas este é de chumbo mesmo.

— Teve que usar o Goudy Negrito 10? — Jamie e Feigus haviam moldado dois conjuntos completos de tipos com o ouro, estes depois esfregados com fuligem e recobertos de tinta até ficarem imperceptíveis entre os muitos conjuntos de tipos de chumbo genuínos na caixa de tipos que ficava discretamente contra a parede atrás da impressora.

Ela sacudiu a cabeça e estendeu a mão para pegar a bolsa de volta.

— Fergus o levou com ele. Pretendia enterrá-lo em local seguro, por via das dúvidas. Você parece bastante cansada da viagem, mamãe Claire — ela continuou, inclinando-se para frente para me ver melhor. — Quer que eu mande Joanie ao restaurante para trazer uma jarra de sidra?

— Seria maravilhoso — eu disse, ainda um pouco zozna com as revelações dos últimos minutos. — E Henri-Christian... como vai ele? Está aqui?

— Lá no fundo com seu amigo, eu acho — ela disse, levantando-se. — Eu vou chamá-lo. Ele está um pouco cansado, coitado, por não dormir bem, e sua garganta está em tal estado que ele soa como um sapo resfriado. Mas isso não o desanima muito, posso lhe afirmar. — Ela sorriu, apesar do cansaço, e atravessou a porta que levava aos aposentos da família, chamando "Henri-Christian!".

Caso ateiem fogo à casa. Quem?, perguntei-me com um calafrio. O exército britânico? Legalistas? E como Marsali estava conseguindo administrar um negócio e uma família sozinha, com um marido escondido e uma criança doente que não podia ser deixada sozinha enquanto dormia? O horror de nossa situação, ela dissera na carta a Laoghaire. E isso fora há meses, quando Fergus ainda estava em casa.

Bem, ela não estava sozinha agora. Pela primeira vez desde que deixara Jamie na Escócia, senti algo mais do que a força da triste necessidade em minha situação. Escreveria para ele esta noite, decidi. Ele poderia — esperava que pudesse — deixar Lallybroch antes de minha carta chegar lá, mas, se assim fosse, Jenny e o resto da família ficariam contentes em saber o que estava acontecendo ali. E se por acaso Ian ainda estivesse vivo... mas eu não queria pensar nisso; saber que sua morte significaria a liberação de Jamie para vir ao meu encontro fazia-me sentir um espírito do mal, como se eu desejasse que sua morte acontecesse mais cedo. Embora, com toda a honestidade, eu acreditasse que o próprio Ian preferisse que não se demorasse.

Esses pensamentos mórbidos foram interrompidos pelo retorno de Marsali, Henri-Christian saltitando ao seu lado.

— Grandmère! — ele gritou, ao me ver, e pulou nos meus braços, quase me derrubando. Era um menino muito compacto.

Ele esfregou o nariz em mim carinhosamente e eu senti uma notável onda de ternura ao vê-lo. Beijei-o e abracei-o furiosamente, sentindo o buraco deixado em meu coração pela partida de Mandy e Jem encher-se um pouco. Isolada da família de Marsali na Escócia, eu quase havia me esquecido de que ainda tinha quatro lindos netos e fiquei grata por ser lembrada disso.

— Quer ver um truque, grandmère? — Henri-Christian coaxou ansiosamente. Marsali tinha razão; ele realmente soava como um sapo resfriado. Mas balancei a cabeça e, pulando do meu colo, ele retirou três sacolinhas de couro cheias de farelo de trigo do bolso e começou imediatamente a fazer malabarismos com grande destreza.

— Seu pai lhe ensinou — Marsali disse, com certo orgulho.

— Quando eu for grande como Germain, meu pai vai me ensinar a bater carteira também!

Marsali soltou um suspiro e cobriu a boca com a mão.

— Henri-Christian, nunca fale disso — ela disse, severamente. — A

ninguém. Está me ouvindo?

Ele olhou para mim, confuso, mas assentiu obedientemente.

O calafrio que eu sentira anteriormente retornou. Germain estaria batendo carteira profissionalmente, por assim dizer? Olhei para Marsali, mas ela sacudiu ligeiramente a cabeça; falaríamos sobre isso mais tarde.

— Abra a boca e ponha a língua para fora, querido — sugeri a Henri-Christian. — Deixe a vovó ver sua garganta... parece muito inflamada.

— Hong, hong, hong — ele rosnou, com um largo sorriso, mas obedientemente abriu a boca. Um cheiro ligeiramente pútrido flutuou de sua boca aberta e, mesmo não dispondo de um instrumento com luz para exame, pude ver que as amídalas inchadas quase obstruíam completamente sua garganta.

— Santo Deus — eu disse, virando sua cabeça de um lado para o outro para ver melhor. — Surpreende-me que ele consiga comer, quanto mais dormir.

— As vezes, ele não consegue — Marsali disse, e eu ouvi a tensão em sua voz. — Em geral, ele não consegue engolir nada, a não ser um pouco de leite e mesmo isso são como facas em sua garganta, pobrezinho. — Ela agachou-se ao meu lado, alisando e afastando os belos cabelos escuros de Henri-Christian de seu rosto corado. — Acha que pode ajudar, mamãe Claire?

— Oh, sim — eu disse, com muito mais confiança do que realmente sentia. — Sem dúvida.

Senti a tensão se esvair dela como água e, como se fosse uma drenagem literal, as lágrimas começaram a escorrer silenciosamente pelo seu rosto. Ela puxou a cabeça de Henri-Christian para o seu peito para que ele não a visse chorar, e eu estendi os braços para envolver ambos em um abraço, repousando minha face contra sua cabeça coberta pela touca, sentindo o cheiro rançoso e almiscarado de seu terror e exaustão.

— Está tudo bem agora — eu disse suavemente, afagando suas costas magras. — Eu estou aqui. Você pode dormir.



Marsali dormiu o resto do dia e a noite inteira. Eu estava cansada da viagem, mas consegui cochilar na cadeira de braços junto ao fogo da cozinha, Henri-Christian aninhado em meu colo, roncando pesadamente. Ele de fato parou de respirar, uma ou duas vezes durante a noite, e apesar de eu ter conseguido fazê-lo retomar a respiração sem nenhuma dificuldade, pude ver que algo tinha que ser feito imediatamente. Em consequência, tirei um rápido cochilo de manhã e, depois de lavar o rosto e comer um pouco, saí em busca do que precisava.

Eu tinha os mais rudimentares instrumentos médicos comigo, mas o fato era

que a extirpação de amídalas e adenoides não requeriam nada complexo nessa linha.

Quisera que Ian tivesse vindo à cidade comigo; ele me seria útil, e a Marsali também. Mas era perigoso para um homem de sua idade; ele não podia entrar abertamente na cidade sem ser parado e questionado por patrulhas britânicas, provavelmente preso por aparência suspeita — o que ele sem dúvida tinha. Fora isso... ele estava ansioso para procurar Rachel Hunter.

A tarefa de encontrar duas pessoas — e um cachorro — que podiam estar praticamente em qualquer lugar entre o Canadá e Charleston, sem nenhum meio de comunicação além dos pés e da palavra, teria desalentado qualquer um menos teimoso do que alguém de sangue Fraser. No entanto, por mais amável que ele pudesse ser, Ian era tão capaz quanto Jamie de perseguir um rumo traçado, custasse o que custasse e independente de sugestões sensatas.

Ele tinha, como ressaltou, uma vantagem. Denny Hunter provavelmente ainda era um médico do exército. Se assim fosse, ele estaria obviamente com o Exército Continental — alguma parte do Exército Continental. Assim, a ideia de Ian era descobrir onde estaria a parte do exército mais próxima no momento e começar suas investigações ali. Para esse fim, ele pretendia esgueirar-se pela periferia de Filadélfia, entrando sorrateiramente em tavernas e bares ilegais nas cercanias da cidade e, por meio dos mexericos locais, descobrir onde uma parte do exército estava no momento.

O máximo que consegui persuadi-lo a fazer foi mandar notícias para a gráfica de Fergus dizendo-nos para onde estava indo, quando descobrisse alguma coisa que lhe desse um destino.

Enquanto isso, tudo que eu podia fazer era uma pequena prece para seu anjo da guarda — um ser muito atarefado —, depois dar uma palavrinha com o meu próprio (que eu imaginava como uma espécie de figura de avó, com uma expressão ansiosa) e dedicar-me a fazer o que viera fazer.

Agora eu caminhava pelas ruas lamacentas, refletindo sobre os procedimentos. Eu só fizera uma cirurgia para retirada das amídalas uma vez — bem, duas, se contasse os gêmeos Beardsley separadamente — nos últimos dez anos. Normalmente, era um procedimento rápido, sem complexidades, mas por outro lado não era normalmente realizado em uma gráfica escura em um anão com as vias respiratórias contraídas, sinusite e um abscesso na região das amídalas.

Ainda assim, eu não precisava fazer isso na gráfica, se pudesse encontrar um local mais bem iluminado. Onde poderia ser? A casa de alguém rico, provavelmente; onde cera de vela fosse gasta sem restrições. Eu já estivera em muitas casas assim, particularmente durante o tempo que passamos em Paris, mas não conhecia ninguém nem sequer moderadamente próspero na Filadélfia. Nem Marsali; eu perguntara.

Bem, uma coisa de cada vez. Antes que eu me preocupasse mais com um

teatro de operação, eu precisava encontrar um ferreiro capaz de fazer trabalhos delicados, para fazer o laço de fio metálico que eu precisava. Eu poderia, com uma rápida picada, cortar as amídalas com um bisturi, mas seria mais do que difícil remover as adenoides, localizadas acima do palato mole, dessa forma. E a última coisa que eu queria era ficar talhando e remexendo na garganta gravemente inflamada de Henri-Christian no escuro com um instrumento cortante. O laço de fio de metal seria suficientemente cortante, mas pouco provável de danificar qualquer coisa em que esbarrasse; somente o fio circundando o tecido a ser removido seria capaz de cortar, e mesmo assim somente quando eu fizesse o movimento contundente que iria remover uma amígdala ou adenoide com precisão.

Perguntei-me, ansiosamente, se ele teria uma infecção por estreptococos.

Sua garganta estava muito vermelha, mas outras infecções podiam causar isso.

Não, teríamos que correr o risco em relação a estreptococos, pensei. Eu havia colocado algumas tigelas de penicilina para fermentar, logo depois que cheguei. Não havia como saber se o extrato que eu poderia obter delas em alguns dias estava ativo ou não — nem, se estivesse, exatamente quanto estaria. Mas era melhor do que nada.

Eu tinha, no entanto, algo inquestionavelmente útil — ou teria, se a busca desta tarde fosse bem-sucedida. Há quase cinco anos, lorde John Grey me enviara um vidro de vitríolo e um utensílio de vidro necessário para destilar. Ele obtivera esses objetos de um farmacêutico na Filadélfia, eu achava, apesar de não conseguir lembrar seu nome. Mas não devia haver muitos farmacêuticos na Filadélfia e eu pretendia visitar todos eles até encontrar o que procurava.

Marsali dissera que havia duas grandes lojas de boticário na cidade e somente uma grande teria o que eu precisava para produzir éter. Qual era o nome do cavalheiro de quem lorde John adquirira meu aparato? Ele estaria na Filadélfia? Minha mente parecia uma folha em branco, de fadiga ou simples esquecimento; a época em que eu preparei éter em meu consultório em Fraser's Ridge parecia tão distante e mítica quanto o dilúvio de Noé.

Encontrei o primeiro boticário e obtive dele alguns itens úteis, inclusive uma jarra de sanguessugas — apesar de estremecer um pouco à ideia de colocar uma dentro da boca de Henri-Christian; e se ele engolisse o bicho?

Por outro lado, refleti, ele era um menino de quatro anos com um irmão mais velho muito imaginativo. Ele provavelmente já havia engolido coisas muito piores do que uma sanguessuga. Com sorte, entretanto, eu não precisaria delas. Também adquiri dois instrumentos de cauterização, bem pequenos. Era uma maneira dolorosa e primitiva de parar um sangramento — mas, na realidade, muito eficaz.

O boticário, entretanto, não tinha nenhum vitríolo. Desculpou-se pela falta,

dizendo que tais coisas tinham que ser importadas da Inglaterra e com a guerra... Agradei e me dirigi à segunda loja, onde fui informada que tiveram um pouco de vitríolo, mas já haviam vendido há algum tempo, para um lorde inglês, embora o homem atrás do balcão não soubesse para que ele poderia querer tal coisa.

— Um lorde inglês? — perguntei, surpresa. Certamente, não podia ser lorde John. Embora, pensando bem, não é que a aristocracia inglesa estivesse vindo em bandos para a Filadélfia ultimamente, a não ser aqueles que eram soldados.

E o sujeito dissera "um lorde", não um major ou um capitão.

Quem não arrisca não petisca; perguntei e fui prestativamente informada de que se tratava de um lorde John Grey e ele pedira que o vitríolo fosse entregue em sua casa na Chestnut Street.

Sentindo-me um pouco como Alice caindo pelo buraco do coelho — eu ainda estava um pouco tonta por falta de dormir e do cansaço da viagem da Escócia —, perguntei onde ficava a rua.

A porta da casa foi aberta por uma jovem extraordinariamente bonita, vestida de tal forma que ficava evidente que não se tratava de uma criada. Pestanejamos uma para a outra, surpresas; ela obviamente não estava me esperando, mas quando perguntei por lorde John, dizendo que era uma velha conhecida, ela prontamente me convidou a entrar, dizendo que seu tio logo estaria de volta, só levaria um cavalo para pôr ferradura.

— É de se imaginar que ele mandasse o criado — a jovem, que disse chamar-se lady Dorothea Grey, disse em tom de desculpas. — Ou meu primo. Mas tio John é muito meticuloso com seus cavalos.

— Seu primo? — perguntei, minha mente vagarosa traçando as possíveis ligações familiares. — Não está falando de William Ransom, está?

— Ellesmere, sim — ela disse, parecendo surpresa, mas satisfeita. — Você o conhece?

— Nos encontramos uma ou duas vezes — eu disse. — Se não se importa com a minha pergunta... como ele veio parar na Filadélfia? Eu... hã... tinha entendido que ele tinha obtido liberdade condicional com o resto do exército de Burgoyne e ido para Boston a fim de voltar para a Inglaterra.

— Oh, ele está, sim! — ela disse. — Em liberdade condicional, quero dizer. Mas ele veio aqui, primeiro, para ver seu pai, tio John, e meu irmão. — Seus grandes olhos azuis anuviaram-se um pouco à menção de seu irmão. — Receio que Henry esteja muito mal.

— Lamento muito — eu disse, com sinceridade, mas sucintamente. Eu estava muito mais interessada na presença de William ali, mas antes de poder perguntar qualquer outra coisa ouviram-se passos leves e ligeiros na varanda da frente e a porta se abriu.

— Dottie? — disse uma voz familiar. — Sabe onde... oh, desculpe-me. — Lorde John Grey entrara na sala de visitas e parara ao me ver. Depois, ele realmente me viu e ficou parado, boquiaberto.

— Que prazer revê-lo — eu disse, amavelmente. — Mas lamento saber que seu sobrinho está doente.

— Obrigado — ele disse e, observando-me de maneira cautelosa, fez uma profunda reverência sobre a minha mão, beijando-a com elegância. — Estou encantado em vê-la novamente, sra. Fraser — acrescentou, parecendo estar sendo sincero. hesitou por um momento, mas certamente não pôde deixar de perguntar: — Seu marido...?

— Está na Escócia — eu disse, sentindo-me um pouco mesquinha em desapontá-lo. A decepção atravessou rapidamente seu rosto, mas foi prontamente apagada — ele era um cavalheiro e um soldado. Na realidade, usava um uniforme militar, o que me surpreendeu. — Você voltou para a ativa, então? — perguntei, erguendo as sobrancelhas para ele.

— Não exatamente. Dottie, ainda não chamou a sra. Figg? Tenho certeza de que a sra. Fraser gostaria de tomar alguma coisa.

— Eu acabo de chegar — disse apressadamente, enquanto Dottie se levantava

— É mesmo? — ele disse, educadamente reprimindo o por quê? tão evidente em seu rosto. Indicou-me uma cadeira e ele mesmo se sentou, com uma estranha expressão no rosto, como se tentasse pensar como dizer algo embaraçoso. — Estou encantado em vê-la — ele disse outra vez, devagar. — Você... não quero de forma alguma ser indelicado, sra. Fraser, deve me desculpar... mas... veio me trazer um recado de seu marido, talvez?

Ele não pôde conter a pequena luminosidade que assomou aos seus olhos e eu me senti quase pesarosa ao sacudir a cabeça.

— Sinto muito — eu disse, e fiquei surpresa de ver que falava sinceramente. — Vim pedir um favor. Não para mim mesma, para meu neto.

Ele pestanejou.

— Seu neto — repetiu, sem compreender. — Pensei que sua filha... oh! claro, estava me esquecendo que o filho adotivo de seu marido... A família dele está aqui? Trata-se de um dos filhos dele?

— Sim, isso mesmo. — Sem mais confusão, expliquei a situação, descrevendo o estado de Henri-Christian e lembrando-o de sua generosidade ao me enviar o vitríolo e o instrumento de vidro há mais de quatro anos. — O sr. Sholto... O boticário na Walnut Street?... me disse que lhe vendeu uma garrafa grande de vitríolo há alguns meses. Será que por acaso ainda tem algum? — Não fiz nenhum esforço para ocultar a ansiedade em minha voz e a expressão de seu rosto se

suavizou.

— Sim, tenho — ele disse e, para minha surpresa, sorriu como o sol saindo de trás de uma nuvem. — Eu o comprei para você, sra. Fraser.

Fizemos um acordo no mesmo instante. Ele não só me daria o vitríolo, como também compraria quaisquer outros suplementos médicos que eu pudesse precisar, se eu consentisse em operar seu sobrinho.

— O dr. Hunter removeu uma das balas no Natal — ele disse — e isso melhorou um pouco o estado de Henry. Mas a outra continua incrustada e...

— Dr. Hunter? — interrompi. — Não está falando de Denzell Hunter, está?

— Estou, sim — ele disse, surpreso e franzindo um pouco a testa. — Não está me dizendo que o conhece, está?

— Estou, sim, na verdade — eu disse, sorrindo. — Trabalhamos muitas vezes juntos, tanto em Ticonderoga quanto em Saratoga com o exército de Gates. Mas o que ele está fazendo na Filadélfia?

— Ele... — começou a dizer, mas foi interrompido pelo som de passos leves descendo as escadas. Eu estivera vagamente consciente de passos em cima enquanto conversávamos, mas não prestara atenção. Mas olhei na direção da porta agora e meu coração deu um salto quando vi Rachel Hunter, parada no vão da porta, fitando-me com a boca formando um "O" perfeito de assombro.

No instante seguinte, ela estava em meus braços, abraçando-me a ponto de quebrar minhas costelas.

— Amiga Claire! — ela disse, soltando-me finalmente. — Nunca imaginei vê-la. isto é, estou tão contente... oh, Claire! Ian. Ele voltou com você? — Seu rosto estava carregado de ansiedade e temor, esperança e cautela passando como nuvens aceleradas pelas suas feições.

— Voltou — assegurei-lhe. — Mas ele não está aqui. — Seu rosto se desfez.

— Oh — disse, quase sem voz. — Onde...

— Ele foi procurar por você — eu disse suavemente, tomando suas mãos.

A alegria resplandeceu em seus olhos como um incêndio numa floresta.

— Oh! — ela exclamou, em um tom completamente diferente. — Oh!

Lorde John tossiu educadamente.

— Talvez fosse melhor eu não saber exatamente onde seu sobrinho está, sra. Fraser — ele observou. — Como presumo, ele compartilha os princípios de seu marido? De fato. Se me dá licença, então, vou contar a Henry sobre sua chegada. Imagino que queira examiná-lo, não?

— Oh — eu disse, repentinamente convocada de volta à questão em pauta. — Sim. Sim, é claro. Se me permitir...

Ele sorriu, olhando para Rachel, cujo rosto ficara branco ao me ver, mas que agora estava da cor de uma maçã de empolgação.

— É claro — ele disse. — Suba assim que puder, sra. Fraser. Vou esperar pela senhora lá em cima.



UM POUCO CONFUSO

Eu sentia falta de Brianna o tempo todo, em maior ou menor grau, dependendo das circunstâncias. Mas senti mais falta especialmente agora. Ela poderia, eu tinha certeza, ter resolvido o problema de fazer a luz chegar à garganta de Henri-Christian.

Eu o fiz deitar em uma mesa na parte da frente da gráfica, tirando o máximo proveito da luz que entrava ali. Mas ali era a Filadélfia, não New Bern. Quando o céu não estava encoberto de nuvens, estava enevoadado da fumaça das chaminés da cidade. E a rua era estreita; os prédios em frente bloqueavam a maior parte da luz que havia.

Não que fizesse muita diferença, disse a mim mesma. O aposento podia estar ensolarado e ainda assim eu não poderia ver nada nos recônditos da garganta de Henri-Christian. Marsali tinha um pequeno espelho com o qual direcionava a luz e isso talvez ajudasse com as amídalas — as adenoides teriam que ser feitas pelo tato.

Eu podia sentir a borda macia e esponjosa de uma adenoide, logo atrás do palato mole; ela tomou forma em minha mente conforme eu cuidadosamente ajustava o laço de metal ao seu redor, com grande delicadeza, de modo a não deixar o fio de metal cortar a ponta dos meus dedos ou o corpo da adenoide inchada. Haveria um jato de sangue quando eu a extirpasse.

Eu tinha Henri-Christian preso em ângulo, Marsali segurando seu corpo inerte quase de lado. Denzell Hunter mantinha a cabeça firme, segurando o chumaço encharcado de éter firmemente sobre seu nariz. Eu não tinha nenhum outro meio de sucção além da minha própria boca; eu teria que virá-lo rapidamente depois de fazer o corte e deixar o sangue escorrer de sua boca antes que descesse pela sua garganta e o sufocasse. O minúsculo instrumento de cauterização estava esquentando, a ponta em forma de pá enfiada em uma panela de brasas. Essa poderia ser a parte mais complicada, pensei, parando para me estabilizar e acalmar Marsali com um sinal da cabeça. Eu não queria queimar sua língua ou a parte interna de sua boca, e isso iria ser muito escorregadio...

Girei o cabo com um movimento rápido e preciso e o menino sacudiu-se sob minha mão.

— Segure-o firme — eu disse calmamente. — Um pouco mais de éter, por favor.

Marsali respirava ruidosamente e os nós de seus dedos estavam lívidos como seu rosto. Senti a adenoide desprender-se perfeitamente, deslizar, solta, e pincei-a entre os dedos, tirando-a de sua boca antes que ela escorregasse pelo seu esôfago. Inclinei sua cabeça rapidamente para o lado, sentindo o cheiro metálico de sangue quente. Deixei o pedaço de tecido extraído cair em uma vasilha e balancei a cabeça para Rachel, que tirou o ferro de cauterização das brasas e colocou-o cuidadosamente em minha mão.

Eu continuava com a outra mão em sua boca, mantendo a língua e a úvula fora do caminho, um dedo no local de onde tirara a adenoide, marcando o ponto exato. O instrumento de cauterização queimou uma linha branca de dor ao longo do meu dedo quando a deslizava pela garganta do menino e eu deixei escapar um pequeno chiado entre os dentes, mas não movi nem um dedo. O cheiro contundente de sangue e tecido chamuscados veio quente e denso, e Marsali fez um pequeno ruído convulsivo, mas não afrouxou as mãos que seguravam o corpo de seu filho.

— Está tudo bem, amiga Marsali — Rachel sussurrou-lhe, segurando seu ombro com força. — Ele respira bem, não está sentindo dor. Ele está sob a luz, vai ficar bom.

— Sim, vai — eu disse. — Tire o ferro agora, Rachel, por favor. Mergulhe o laço no uísque, por favor, e passe-o para mim novamente. Um já foi, faltam três.

— Eu nunca vi nada igual — Denzell Hunter disse, talvez pela nona vez. Ele olhou do chumaço de éter em sua mão para Henri-Christian, que começava a se mexer e choramingar nos braços de sua mãe. — Eu não teria acreditado, Claire, se não tivesse visto com meus próprios olhos!

— Bem, achei que era melhor que você visse — eu disse, limpando o suor do meu rosto com um lenço. Sentia-me tomada por uma sensação de profundo bem-estar. A cirurgia fora rápida, não mais do que cinco ou seis minutos, e Henri-Christian já estava tossindo e chorando, saindo do estado de torpor causado pelo éter. Germain, Joanie e Félicité observavam de olhos arregalados da porta que dava para a cozinha, Germain segurando com força as mãos de suas irmãs. — Eu lhe ensinarei a preparar isso, se quiser.

Seu rosto, já brilhante de felicidade com a cirurgia bem-sucedida, iluminou-se.

— Oh, Claire! Que dádiva! Ser capaz de cortar sem causar dor, manter um paciente imóvel sem amarras. E... é inimaginável.

— Bem, está longe da perfeição — eu o avisei. — E é muito perigoso, tanto

para fazer quanto para usar. — Eu havia destilado o éter no dia anterior, lá fora, no barracão de depósito de lenha; era uma substância muito volátil e havia uma grande probabilidade de explodir e destruir o barracão, matando-me no processo. Tudo correria bem, embora a ideia de fazer isso de novo deixasse a palma de minhas mãos suadas e uma sensação oca no estômago.

Levantei o conta-gotas e o sacudi delicadamente; cheio com mais de três quartos, e eu já tinha outro frasco ligeiramente maior.

— Vai ser suficiente, você acha? — Denny perguntou, percebendo o que eu estava pensando.

— Depende do que encontrarmos. — A cirurgia de Henri-Christian, apesar das dificuldades técnicas, fora muito simples. A de Henry Grey não seria. Eu o examinara, Denzell ao meu lado para explicar o que ele vira e fizera durante a cirurgia anterior, que removera uma bala alojada logo abaixo do pâncreas. Isso causara irritação e cicatrizes locais, mas na verdade não danificara gravemente um órgão vital. Ele não conseguira encontrar a outra bala, já que estava profundamente alojada no corpo, em algum lugar sob o fígado. Ele temia que pudesse estar próxima à veia portal hepática e assim não ousara sondar muito à sua procura, já que uma hemorragia seria muito provavelmente fatal.

No entanto, eu estava quase certa de que a bala não atingira a vesícula ou o duto biliar, e considerando-se o estado geral e a sintomatologia de Henry eu suspeitava de que a bala havia perfurado o intestino delgado, mas cauterizara o ferimento interno de entrada, fechando-o em seu rastro; caso contrário, o rapaz certamente teria morrido em poucos dias, de peritonite.

Podia estar encrustada na parede do intestino; essa seria a melhor situação. Podia estar na verdade alojada dentro do próprio intestino, e isso não seria nada bom, mas eu não saberia dizer a gravidade da situação até chegar lá.

Mas tínhamos éter. E os bisturis mais amolados que o dinheiro de lorde John podia comprar.

A janela, depois do que parecera a John Grey uma discussão prolongada de maneira excruciante entre os dois médicos, permanecia parcialmente aberta. O dr. Hunter insistia nos benefícios do ar fresco e a sra. Fraser concordava com isso por causa dos vapores do éter, mas ficava falando de algo que chamava de germes, preocupada que entrassem pela janela e contaminassem o "campo cirúrgico". Ela fala como se encarasse isso como um campo de batalha, ele pensou, mas depois olhou atentamente para seu rosto e compreendeu que de fato ela pensava assim.

Ele nunca vira uma mulher como esta, pensou, fascinado, apesar de sua preocupação com Henry. Ela prendera para trás seus escandalosos cabelos e enrolara um pano cuidadosamente ao redor da cabeça como uma escrava negra. Com o rosto assim exposto, os ossos delicados em evidência, a intensidade de sua

expressão — com aqueles olhos amarelos movendo-se rapidamente como os de um falcão de um objeto para o outro — era a coisa menos feminina que ele já vira. Era o olhar de um general comandando suas tropas para a batalha, e, vendo-a, sentiu a bola de serpentes em sua barriga relaxar um pouco.

Ela sabe o que está fazendo, ele pensou.

Ela olhou para ele, então, e ele endireitou os ombros, instintivamente aguardando ordens — para sua completa surpresa.

— Você quer ficar? — ela lhe perguntou.

— Sim, claro. — Sentia um pouco de falta de ar, mas não havia nenhuma dúvida em sua voz. Ela lhe contara com franqueza quais eram as chances de Henry — não eram boas, mas havia uma chance — e ele estava resolvido a permanecer com seu sobrinho, independente do que acontecesse. Se Henry morresse, ao menos morreria ao lado de alguém que o amava. Embora, na realidade, ele estivesse resolvido que Henry não morreria. Grey não iria deixar.

— Sente-se lá, então. — Ela indicou-lhe um banco na outra extremidade da cama com um sinal da cabeça, e ele sentou-se, dando um sorriso encorajador a Henry ao fazê-lo. Henry parecia aterrorizado, mas determinado.

— Não posso continuar vivendo assim — ele dissera na noite anterior, finalmente se decidindo a permitir a operação. — Simplesmente não posso.

A sra. Woodcock insistira em estar presente também e, após instruções detalhadas, a sra. Fraser declarara que ela deveria administrar o éter. Aquela substância misteriosa em um conta-gotas em cima do móvel, um cheiro ligeiramente enjoativo emanando dele.

A sra. Fraser deu ao dr. Hunter algo que parecia um lenço e levou outro ao seu rosto. Era um lenço, Grey viu, mas com tiras presas nos cantos. Amarrou-as atrás da cabeça, de modo que o tecido cobrisse seu nariz e sua boca, e Hunter obedientemente seguiu o exemplo.

Acostumado como Grey estava à rápida brutalidade dos cirurgiões do exército, os preparativos da sra. Fraser pareciam extremamente laboriosos: ela esfregou a barriga de Henry repetidamente com uma solução alcoólica que ela havia preparado, conversando com ele através de sua máscara de assaltante de estrada em voz baixa e apaziguadora. Ela lavou as mãos — e fez com que Hunter e a sra. Woodcock fizessem o mesmo — e seus instrumentos, de modo que o quarto inteiro rescendia a uma destilaria de baixa qualidade.

Seus movimentos eram, na verdade, bastante enérgicos, ele percebeu após um instante. Mas suas mãos moviam-se com tanta segurança e... sim, graça, esta era a única palavra... que davam a ilusão de plainar como um par de gaivotas no ar. Nenhum bater de asas frenético, apenas movimentos seguros, serenos e quase místicos. Ele se viu mais calmo ao observá-los, ficando hipnotizado e em parte

esquecendo o propósito final daquela silenciosa dança de mãos.

Ela moveu-se para a cabeceira da cama, inclinando-se bem baixo para falar com Henry, alisar os cabelos para fora de sua fronte, e Grey viu os olhos de falcão se suavizarem momentaneamente em dourado. O corpo de Henry relaxou devagar sob o toque de suas mãos; Grey viu suas mãos cerradas, rígidas, se abrirem. Ela ainda tinha outra máscara, ele viu, esta um objeto rígido feito de vime, forrado com camadas de tecido de algodão macio. Ela ajustou-a delicadamente ao rosto de Henry e, dizendo-lhe algo inaudível, pegou seu conta-gotas.

O ar se encheu imediatamente de um aroma doce e pungente que grudou no fundo da garganta de Grey e fez sua cabeça girar um pouco. Ele pestanejou, sacudindo a cabeça para dissipar a tontura, e percebeu que a sra. Fraser lhe dissera alguma coisa.

— Desculpe-me, o que disse? — Ergueu os olhos para ela, um grande pássaro branco com olhos amarelos — e uma garra brilhante que brotou repentinamente de sua mão.

— Eu disse — ela repetiu calmamente através da máscara — que talvez queira se sentar um pouco mais longe. Vai ficar um pouco confuso aqui.

William, Rachel e Dorothea sentavam-se na borda da varanda da frente como passarinhos no parapeito de uma cerca, Rollo esparramado no passeio de tijolos aos seus pés, desfrutando o sol de primavera.

— Está um silêncio terrível lá em cima — William disse, relanceando um olhar inquieto para a janela em cima, onde ficava o quarto de Henry. — Acha que já começaram? — Ele pensou, mas não disse, que esperava ouvir Henry fazendo algum barulho se já tivessem começado, apesar da descrição de Rachel do relato de seu irmão sobre as maravilhas do éter da sra. Fraser. Um homem ficar tranquilamente adormecido enquanto alguém abre sua barriga com uma faca? Asneira, ele teria dito. Mas Denzell Hunter não era um homem que pudesse ser facilmente enganado — embora ele achasse que Dottie houvesse de algum modo conseguido isso. Lançou um olhar de esguelha a sua prima.

— Já escreveu para tio Hal? Sobre você e Denny, quero dizer?

Sabia que não — ela contara a lorde John, forçosamente, mas o convencera a deixá-la dar a notícia ao seu pai —, mas queria distraí-la, se pudesse. Ela estava com os lábios exangues e as mãos embolavam o tecido sobre os joelhos. Ele ainda não se acostumara a vê-la em cinza e bege, em vez de sua brilhante plumagem de costume — embora ele achasse, na realidade, que as cores suaves lhe caíam bem, particularmente agora que Rachel lhe afirmara que ela ainda podia usar seda e musselina, se quisesse, em vez de tecido rústico de algodão.

— Não — Dottie disse, lançando-lhe um olhar de agradecimento pela distração, enquanto ao mesmo tempo mostrava-lhe que sabia o que ele estava

fazendo. — Ou, sim, mas ainda não enviei a carta. Se tudo ficar bem com Henry, escreverei imediatamente com a notícia e acrescentarei a parte sobre Denny e eu no final, como um pós-escrito. Ficarão tão contentes por causa de Henry que talvez nem notem, ou ao menos não se aborream com isso.

— Acho que irão notar — William disse pensativamente. — Papai notou. — Lorde John ficara perigosamente quieto quando lhe contaram e lançara a Denzell um olhar que sugeria espadas ao amanhecer. Mas o fato é que Denny salvara a vida de Henry uma vez e agora estava ajudando, com sorte e a sra. Fraser, a salvá-lo outra vez. E lorde John era, acima de tudo, um homem honrado. Além do mais, William achava que seu pai estava na verdade aliviado de finalmente saber o que Dottie andara tramando. Ele não dissera nada diretamente a William com relação ao próprio papel de William na aventura de Dottie — ainda. Ele o faria.

— Que o Senhor mantenha seu irmão a salvo — Rachel disse, ignorando a observação de William. — E o meu e a sra. Fraser também. Mas e se nem tudo for como desejamos? Você ainda terá que contar a seus pais e eles poderão ver a notícia de seu iminente casamento como um insulto acrescentado a uma injúria.

— Você é a criatura mais franca e sem tato que conheço — William lhe disse, um pouco irritado, ao ver Dottie ficar ainda mais pálida à lembrança e que Henry poderia morrer nos próximos minutos, horas ou dias. — Henry vai ficar bem. Eu sei disso. Denny é um excelente médico e a sra. Fraser... ela é... hã... — Com toda a honestidade, ele não sabia ao certo o que a sra. Fraser era, mas ela o assustava um pouco. — Denny diz que ela sabe o que está fazendo — finalizou canhestramente.

— Se Henry morrer, nada mais importará — Dottie disse suavemente, olhando para as pontas de seus sapatos. — Para nenhum de nós.

Rachel fez um ruído de solidariedade e passou o braço ao redor dos ombros de Dottie. William clareou a garganta, acrescentando seu próprio ruído rouco de pesar, e por um instante achou que o cachorro fizera o mesmo.

A intenção de Rollo, entretanto, não foi de solidariedade. Ele levantara a cabeça repentinamente e os pelos de seu pescoço se eriçaram, um rosnado surdo retumbando pelo peito. William olhou automaticamente na direção em que o cachorro olhava e sentiu um repentino enrijecimento dos músculos.

— Srta. Hunter — ele disse displicentemente. — Conhece aquele homem? Aquele lá, perto do final da rua, conversando com a vendedora de ovos e manteiga?

Rachel protegeu os olhos com a mão, olhando para onde ele indicara, mas sacudiu a cabeça.

— Não. Por quê? Acha que é ele que está perturbando o cachorro? — Ela cutucou Rollo com a ponta do pé. — O que há de errado, amigo Rollo?

— Não sei — William disse honestamente. — Pode ser o gato; teve um que

atravessou a rua correndo logo atrás da mulher. Mas eu já vi esse homem antes; tenho certeza. Eu o vi ao lado da estrada, em algum lugar em Nova Jersey. Ele me perguntou se eu conhecia Ian Murray... e onde ele poderia estar.

Rachel soltou a respiração com uma arfada diante disso, fazendo William olhar de viés para ela, surpreso.

— O que foi? — ele disse. — Sabe onde Murray está?

— Não — ela disse incisivamente. — Não o vejo desde o outono, em Saratoga, e não faço a menor ideia de onde ele esteja. Sabe o nome desse homem? — ela acrescentou, franzindo o cenho. O homem desaparecera, afastando-se por uma rua secundária. — Aliás, tem certeza de que se trata do mesmo homem?

— Não — William admitiu. — Mas acho que é. Ele tinha um cajado com ele, e esse homem também. E tem alguma coisa na maneira como ele fica em pé, meio curvado para frente. O homem que eu encontrei em Nova Jersey era muito velho e este anda do mesmo jeito. — Ele não mencionou a falta dos dedos; não havia necessidade de fazer Dottie se lembrar de violência e mutilação exatamente neste momento, e de qualquer forma ele não conseguiu ver a mão do sujeito a essa distância.

Rollo parara de rosnar e se acomodara com um breve resmungo, mas seus olhos amarelos ainda estavam alertas.

— Quando pretende se casar, Dottie? — William perguntou, tentando manter sua mente ocupada. Um cheiro estranho vinha da janela acima deles; o cachorro torcia o focinho, sacudindo a cabeça de uma maneira confusa, e William não o censurava. Era um odor horrível, enjoativo — mas ele podia distintamente sentir o cheiro de sangue também, e o leve fedor de fezes. Era um cheiro de campo de batalha e isso fez suas entranhas se revolverem.

— Quero me casar antes que a luta recomece a sério — sua prima respondeu gravemente, virando o rosto para ele —, de modo que eu possa ir com Denny... e Rachel — ela acrescentou, tomando a mão de sua futura cunhada com um sorriso.

Rachel devolveu o sorriso, porém rapidamente.

— Que coisa estranha — ela disse para ambos, mas seus olhos castanhos estavam fixos em William, meigos e perturbados. — Em pouco tempo deveremos ser inimigos outra vez.

— Nunca me senti seu inimigo, srta. Hunter — ele retrucou, do mesmo modo brando e suave. — E sempre serei seu amigo.

Um sorriso aflorou aos lábios de Rachel, mas a inquietação continuou em seus olhos.

— Sabe o que quero dizer. — Seus olhos deslizaram de William para Dottie, sentada do seu outro lado, e ocorreu a William com um choque que sua prima estava prestes a se casar com um rebelde — na realidade, ela própria se tornara uma

rebelde. Que ele logo deveria, na verdade, estar diretamente em guerra com uma parte de sua própria família. O fato de que Denny Hunter não pegaria em armas não o protegeria — nem a Dottie. Nem a Rachel. Todos os três eram culpados de traição. Qualquer um deles poderia ser morto, capturado ou preso. O que ele faria, pensou repentinamente, horrorizado, se tivesse que ver Denny enforcado um dia? Ou mesmo Dottie?

— Sei o que quer dizer — ele disse em voz baixa. Mas tomou a mão de Rachel e ela lhe deu sua mão. Os três permaneceram sentados em silêncio, interligados, aguardando o veredito do futuro.

*SUJO DE TINTA*

Voltei para a gráfica mortalmente cansada e naquele estado de espírito em que uma pessoa se sente bêbada — eufórica e descoordenada. Eu estava na verdade um pouco fisicamente bêbada também; lorde John insistira em cumular tanto Denzell Hunter quanto a mim com seu melhor conhaque, vendo o quanto estávamos exaustos em consequência da cirurgia. Eu não recusara.

Foi uma das mais assustadoras cirurgias que eu já fizera no século XVIII. Eu havia feito duas outras cirurgias abomináveis: a bem-sucedida extirpação do apêndice de Aidan McCallum, sob o efeito do éter, e a malsucedida cesárea que realizara com uma faca de jardim no corpo assassinado de Malva Christie. Essa lembrança me fez sentir a costumeira pontada de tristeza e pesar, mas estava estranhamente amenizada. O que eu me lembrava agora, caminhando para casa na noite fria, era a sensação da vida que eu segurara em minhas mãos — tão breve, tão fugaz — mas ali, inebriante e inequívoca, uma breve chama azul.

Eu segurara a vida de Henry Grey em minhas mãos há duas horas e senti essa chama ardente novamente. Mais uma vez, eu colocara todas as minhas forças em manter essa chama viva — mas desta vez eu a senti se estabilizar e se erguer em minhas mãos, como uma vela ganhando força.

A bala penetrara em seu intestino, mas não se enquistara. Em vez disso, mantivera-se embutida, mas móvel, sem conseguir deixar o corpo, mas movendo-se o suficiente para irritar o revestimento interno do intestino, seriamente ulcerado. Após uma rápida discussão com Denzell Hunter — que estava tão fascinado com a novidade de examinar as entranhas ativas de uma pessoa, enquanto ela permanecia desacordada, que mal conseguia manter-se concentrado no problema à mão, exclamando, estupefato, diante das cores vívidas e da vibração pulsante de órgãos vivos —, decidi que a ulceração era extensiva demais. Removê-la iria estreitar o intestino delgado drasticamente e arriscar a formação de uma cicatriz que iria estreitá-lo ainda mais, talvez até obstruindo-o por completo.

Em vez disso, fizemos uma modesta excisão cirúrgica e eu senti uma pontada

de algo entre o riso e a consternação ao lembrar-me do rosto de lorde John quando cortei o segmento ulcerado do intestino e deixei-o cair no chão aos seus pés. Eu não fizera de propósito; eu simplesmente precisava das minhas duas mãos e das de Denzell para controlar o sangramento, e não tínhamos uma enfermeira para ajudar.

O rapaz não estava fora de perigo, nem de longe. Eu não sabia se a minha penicilina seria eficaz ou se ele poderia desenvolver alguma terrível infecção apesar dela. Mas ele estava consciente e seus sinais vitais eram surpreendentemente fortes — talvez, pensei, por causa da sra. Woodcock, que segurara sua mão com força e afagara seu rosto, instando-o a acordar com uma ardente ternura que não deixavam dúvidas a respeito de seus sentimentos por ele.

Eu me perguntei por um instante o que o futuro lhe reservaria. Surpresa com seu nome fora do comum, eu indagara cautelosamente sobre seu marido e tinha certeza de que eu cuidara dele, que tivera a perna amputada, durante a retirada de Ticonderoga. Achei muito provável que ele estivesse morto; se assim fosse, o que aconteceria entre Mercy Woodcock e Henry Grey? Ela era uma mulher livre, não era uma escrava. Um casamento não estava fora de questão — nem tão fora de questão quanto tal relacionamento seria nos Estados Unidos duzentos anos no futuro: casamento envolvendo negras e mulatas de boa família com homens brancos, se não comuns nas Antilhas, também não eram uma questão de escândalo público. Mas a Filadélfia não era as Antilhas e pelo que Dottie me contara de seu pai...

Eu estava simplesmente cansada demais para pensar nisso e não precisava — Denny Hunter se oferecera para ficar com Henry a noite toda. Afastei esses dois da minha mente ao descer a rua, cambaleando ligeiramente. Eu não havia comido nada desde o café da manhã e já estava quase escuro; o conhaque fora absorvido diretamente através das paredes do meu estômago vazio e entrado em minha corrente sanguínea, e fui cantarolando baixinho para mim mesma enquanto andava. Era hora do crepúsculo, quando as coisas flutuam no ar, quando as pedras redondas da calçada parecem etéreas e as folhas das árvores dependuram-se pesadas como esmeraldas, brilhando com um verde cuja fragrância penetra no sangue.

Eu devia caminhar mais depressa; havia um toque de recolher. No entanto, quem iria me prender? Eu era velha demais para que os soldados das patrulhas me molestassem, como fariam a uma jovem, e do sexo errado para ser suspeita. Caso encontrasse uma patrulha, não fariam mais do que me xingar e mandar ir para casa — o que eu estava fazendo, de qualquer modo.

Compreendi repentinamente que podia transportar as coisas que Marsali descreveu secretamente como "o trabalho do sr. Smith": as cartas escritas que os Filhos da Liberdade faziam circular entre os vilarejos, entre as cidades, e que giravam pelas Colônias como folhas levadas por uma tormenta de primavera; eram copiadas e novamente enviadas, às vezes impressas e distribuídas dentro das

idades, se um tipógrafo corajoso pudesse ser encontrado para fazer o trabalho.

Havia uma rede frouxa através da qual essas coisas se moviam, mas estavam sempre correndo o risco de serem descobertas, muitas vezes com pessoas sendo presas. Germain frequentemente carregava esses papéis e meu coração vinha à boca toda vez que pensava nisso. Um rapaz ágil era menos notado do que uma jovem ou um comerciante cuidando de seus negócios — mas os ingleses não eram bobos e certamente o parariam se ele parecesse suspeito. Enquanto eu...

Repassando as possibilidades mentalmente, cheguei à gráfica e entrei, deparando-me com o cheiro de um jantar saboroso, com as alegres saudações das crianças e com algo que eliminou da minha mente qualquer pensamento a respeito da minha futura carreira como espiã: duas cartas de Jamie.

20 de março de 1778

Lallybroch

Querida Claire

Ian morreu. Já faz dez dias de seu falecimento e achei que agora já poderia escrever calmamente sobre isso. No entanto, ver estas palavras escritas no papel infligiu-me a mais inesperada tristeza; lágrimas escorrem pelos lados do meu nariz e fui forçado a parar para enxugar o rosto com um lenço antes de continuar. Não foi uma morte tranquila e eu deveria estar aliviado por Ian agora estar em paz e contente com sua passagem para o céu. E estou. Mas também estou desolado, de uma forma que nunca estive antes. Somente a ideia de poder confiar meus sentimentos a você, minha alma, me consola.

O Jovem Jamie é o novo proprietário, como deveria ser; o testamento de Ian foi lido e o sr. Gowan o fará executar. Não há muito mais além da terra e das construções; apenas pequenos legados aos outros filhos, na maior parte objetos pessoais. Ele confiou minha irmã aos meus cuidados (ele me perguntou antes de sua morte se eu estava de acordo. Eu lhe respondi que ele nem precisava perguntar. Ele disse que sabia disso, mas achou melhor perguntar se eu me sentia à altura da tarefa, e riu como um lunático. Santo Deus, que falta vou sentir dele).

Havia algumas dívidas insignificantes a serem pagas, eu já as saldei, como havíamos combinado.

Preocupo-me com Jenny. Sei que ela sofre com a perda de Ian com todo o seu coração, mas ela não chora muito, apenas fica sentada por longos períodos, olhando para alguma coisa que somente ela vê. Há uma calma nela que chega a ser estranha, como se sua alma tivesse voado com a de Ian, deixando para trás apenas o seu corpo, como uma concha vazia. E, por falar em conchas, ocorre-me

que talvez ela seja como o náutilo de concha alveolar, o molusco que Lawrence Sterne nos mostrou nas Antilhas.

Uma concha grande e bela, de múltiplas câmaras, mas todas vazias, salvo a mais interna, em que o pequeno animal se esconde com segurança.

Já que falo de Jenny, ela me roga que lhe diga de seu remorso pelas coisas que lhe disse. Eu disse a ela que nós dois conversamos sobre isso e que sua compaixão não lhe permitiria guardar rancor, compreendendo as circunstâncias desesperadoras em que ela se encontrava.

Na manhã da morte de Ian, ela conversou comigo com aparente racionalidade e disse que pensava em deixar Lallybroch, que nada a prende aqui depois da morte de Ian. Fiquei, como pode imaginar, perplexo em ouvir isso, mas não tentei questioná-la ou dissuadi-la, presumindo que não passasse do conselho de uma mente perturbada pela dor e pela falta de dormir.

Desde então, ela vem repetindo essa intenção para mim, afirmando-me que tem plena consciência do que está dizendo. Vou à França por um curto período — tanto para realizar algumas transações particulares que não mencionarei aqui, como para me assegurar antes de partir para a América que tanto Michael quanto Joan estão bem instalados, pois partiram juntos, no dia seguinte ao enterro de Ian. Eu disse a Jenny que ela deve pensar bem enquanto eu estiver ausente — mas que se ela estiver de fato convencida de que é isso que quer eu a levarei para a América. Não para morar conosco (sorrio, imaginando seu rosto, que é transparente, mesmo em minha mente).

Mas ela teria um lugar para ela com Fergus e Marsali, onde seria útil, e não seria lembrada diariamente de sua perda — e onde estaria em condições de ajudar e dar apoio ao Jovem Ian, caso ele precise dessa ajuda (ou ao menos saber como ele está passando).

(Também me ocorre — como certamente ocorreu a ela — que a mulher do Jovem Jamie será agora a senhora de Lallybroch, e que não há lugar para duas. Ela é bastante sábia para saber quais seriam as dificuldades de tal situação, e bastante generosa para querer evitá-las, em prol de seu filho e da mulher dele.)

De qualquer modo, pretendo partir para a América até o final deste mês, ou o mais perto dessa época que eu possa conseguir passagens. A perspectiva de me reunir a você outra vez alegra meu coração. Para sempre seu,

Seu dedicado marido,

Jamie

Paris

1º de abril

Minha querida esposa,

Retornei muito tarde para a minha hospedaria em Paris esta noite. Na realidade, encontrei a porta trancada quando cheguei e fui obrigado a gritar, chamando a senhoria, que ficou de mau humor por ser tirada da cama. Eu, por minha vez, fiquei ainda mais mal-humorado ao não encontrar a lareira acesa, ou algo para jantar e nada em cima da cama, a não ser um colchão fino e mofado, e um cobertor esfarrapado que não serviria para cobrir nem o pior dos mendigos.

Novos gritos não me propiciaram nada além de xingamentos (de trás de uma porta trancada) e meu orgulho não me deixou oferecer subornos ainda que meu bolso pudesse pagar. Assim, permaneço em meu sótão árido, enregelado e faminto (este triste quadro aqui descrito com o covarde propósito de angariar sua compaixão e convencê-la do quanto estou sofrendo sem você).

Estou resolvido a deixar este lugar assim que amanhecer e buscar outra hospedaria melhor sem grandes danos ao meu bolso. Enquanto isso, vou me esforçar para esquecer tanto o frio quanto a fome em uma agradável conversa com você, esperando que o esforço de redigir possa evocar sua imagem diante de mim e me dar a ilusão de sua companhia.

(Consegui uma fonte suficiente de luz descendo furtivamente as escadas, de meias, e retirando dois candelabros de prata da sala de estar, cuja enganosa grandiosidade me seduziu a ficar hospedado aqui. Devolverei os candelabros amanhã — depois que Madame me devolver a exorbitante diária desta miserável acomodação.)

A assuntos mais agradáveis: vi Joan, agora em segurança em seu convento e aparentemente satisfeita (bem, não, já que pergunta; eu não compareci ao casamento de sua mãe com Joseph Murray — que é, ao que se descobriu, um primo de segundo grau de Ian. Enviei um bonito presente e meus votos de felicidades, que são sinceros). Visitarei Michael amanhã; estou ansioso para ver Jared outra vez e lhe darei lembranças suas.

Enquanto isso, hoje de manhã fui comer em um café em Montmartre e tive a sorte de encontrar o sr. Lyle, que conheci em Edimburgo. Ele me cumprimentou muito amavelmente, perguntou como eu estava passando e, após uma curta conversa de natureza pessoal, me convidou a comparecer à reunião de uma certa Sociedade, cujos membros incluem Voltaire, Diderot e outros, cuja opinião é ouvida nos círculos que busco influenciar.

Assim, às duas horas, de acordo com a hora marcada, fui admitido a uma casa luxuosamente mobiliada, sendo a residência de Paris de monsieur Beaumarchais.

O grupo ali reunido era bastante diversificado; abrangia dos mais pobres

filósofos dos cafês de Paris aos espécimes mais elegantes da sociedade parisiense, a característica comum a todos eles sendo apenas o amor pela conversa. Sem dúvida, foram feitas algumas pretensões à razão e ao intelecto, porém sem muito empenho. Eu não poderia encontrar um vento melhor para a minha viagem de estreia do que um provocador político — e vento é, como verá, uma imagem muito apropriada, considerando-se os acontecimentos do dia.

Após algumas conversas inconsequentes junto à mesa de comes e bebes (se eu tivesse sido avisado das condições desta estalagem aqui, eu teria tomado a providência de encher os bolsos disfarçadamente com bolos, como eu vi mais de um dos meus colegas convidados fazendo), o grupo se retirou para um salão e todos tomaram seus assentos, com a finalidade de testemunhar um debate formal entre dois grupos.

O assunto em debate era aquela tese popular, a saber: que a pena é mais poderosa do que a espada, com o sr. Lyle e seus seguidores defendendo a proposição, monsieur Beaumarchais e seus amigos resolutamente afirmando o contrário. A conversa era animada, com muita alusão às obras de Rousseau e Montaigne (e não pouco menosprezo pessoal do primeiro, devido à sua visão imoral do casamento), mas por fim os argumentos do grupo do sr. Lyle prevaleceram. Pensei em mostrar à Sociedade minha mão direita, como prova da contraproposição (uma amostra da minha escrita teria comprovado a tese para satisfação de todos), mas me abstive, não sendo mais do que um espectador.

Mais tarde, encontrei uma oportunidade de me aproximar de monsieur Beaumarchais e fiz tal observação para ele como um gracejo, visando prender sua atenção. Ele ficou muito impressionado com a visão da falta de meu dedo e, informado de como acontecera (ou melhor, do que eu escolhi lhe contar), ficou muito empolgado e insistiu em que eu acompanhasse seu grupo à casa da duquesa de Chaulnes, onde era esperado para o jantar, já que se sabe que o duque possui grande interesse nas questões relativas aos indígenas das Colônias.

Você deve estar se perguntando, sem dúvida, qual é a conexão existente entre os selvagens aborígenes e sua elegante cirurgia. Tenha paciência por mais algumas linhas.

A residência ducal fica situada em uma rua com um extenso caminho para a entrada de veículos no qual eu observei diversas carruagens elegantes à frente da carruagem de monsieur Beaumarchais. Imagine minha satisfação ao ser informado de que o cavalheiro que desceu logo antes de nós não era outro senão monsieur Vergennes, ministro das Relações Exteriores.

Fiquei satisfeito com a minha sorte de encontrar logo tantas pessoas essenciais aos meus propósitos e fiz o melhor que pude para me aproximar delas — para isso, contando histórias de minhas viagens na América e, no processo,

tomando emprestado não poucas histórias de nosso bom amigo Myers.

O grupo ficou muito bem impressionado, particularmente à história de nosso encontro com o urso e com Nacognaweto e seus amigos. Exaltei seus valorosos esforços com o peixe, o que muito divertiu o grupo, apesar de as senhoras parecerem muito chocadas com minha descrição de suas vestimentas indígenas. O sr. Lyle, ao contrário, ficou ansioso para saber mais sobre sua aparência com as calças de couro — eu o considerei, por isso, um inveterado libertino e depravado, um julgamento corroborado mais tarde na noite por uma ocorrência que observei no corredor entre o sr. Lyle e mademoiselle Erlande, que vi ser muito libertina em sua própria conduta.

De qualquer forma, essa história levou o sr. Lyle a chamar a atenção do grupo para a minha mão e me instar a contar-lhes a história que eu lhe contara à tarde, de como eu vim a perder o dedo.

Vendo que o grupo tinha atingido um grau de diversão tão elevado — muito bem lubrificado com champanhe, gim e grande quantidade de vinho do Reno — que estavam presos às minhas palavras, não medi esforços em tecer uma história de terror capaz de deixá-los trêmulos em suas camas.

Eu fora (eu disse a eles) capturado pelos terríveis iroqueses quando viajava de Trenton para Albany. Descrevi com grande detalhe a temível aparência e os hábitos sanguinários desses selvagens — o que certamente não exigia nenhum grande exagero — e elaborei extensivamente sobre as horríveis torturas que as iroqueses costumam infligir às suas indefesas vítimas. A condessa Poutoude teve um desmaio diante do meu relato da morte horrenda do padre Alexandre e o resto do grupo ficou muito abalado.

Contei-lhes sobre Duas Lanças, que espero que não se oporá à minha difamação de seu caráter por uma boa causa, ainda mais porque ele nunca ficará sabendo. Esse cacique, eu disse, estando determinado a me torturar, me desnudou e cruelmente me açoitou. Pensando em nosso bom amigo Daniel, que tirou vantagem do mesmo infortúnio, levantei minha camisa e exibí minhas cicatrizes. (Senti-me um pouco como uma prostituta, mas já observei que a maioria das prostitutas seguem essa profissão por necessidade e me consolei que este era também meu caso.) A reação da minha plateia foi tudo que se podia esperar e eu continuei minha narrativa, na certeza de que a partir daquele ponto eles acreditariam em qualquer coisa.

Depois disso (eu disse), dois índios me levaram desmaiado à presença do cacique e me amarraram, estendido, sobre uma laje de pedra, cuja superfície dava um sinistro testemunho de sacrifícios anteriores ali conduzidos.

Então, um sacerdote pagão ou um xamã se aproximou de mim, emitindo gritos abomináveis e sacudindo um cajado decorado com muitos escalpos

pendurados, o que me fez temer que minha própria cabeleira pudesse parecer tão atraente devido à sua cor inusitada que logo seria acrescentada à coleção (eu não havia empoado meus cabelos, mas por falta de talco, e não por ter previsto essa situação). Esse pavor aumentou ainda mais quando o xamã arrancou uma enorme faca e avançou para mim, os olhos brilhando de maldade.

Nesse momento, os olhos de meus ouvintes também brilhavam, arregalados do tamanho de pires, atentos à minha história. Muitas senhoras gritaram de compaixão pela minha situação desesperadora e os cavalheiros emitiram ferozes imprecações contra os selvagens infames responsáveis pelo meu infortúnio.

Eu lhes contei como o xamã enfiara a faca direto através da minha mão, me fazendo perder a consciência de medo e de dor. Acordei (continuei) e vi que meu dedo anular havia sido completamente extirpado, o sangue escorrendo da minha mão mutilada.

Porém o mais apavorante foi a visão do cacique iroquês, sentado no tronco escavado de uma árvore gigante, arrancando a carne do dedo decepado com os dentes, como se fosse uma coxa de galinha.

Nesse ponto da minha narrativa, a condessa desmaiou outra vez e a ilustre srta. Elliot — para não ser superada — se lançou em um completo acesso de histeria, o que felizmente me salvou de ter que inventar o meio pelo qual escapei dos selvagens. Afirmado estar abalado pelas lembranças de minhas provações aceitei uma taça de vinho (eu suava copiosamente a essa altura) e afastei-me do grupo, assediado por convites de todos os lados.

Estou muito satisfeito com os resultados da minha primeira incursão. Estou ainda mais alentado pela reflexão de que se a idade ou um ferimento me impedirem de ganhar a vida com uma espada, um arado ou uma impressora, posso me dedicar à escrita de romances.

Imagino que Marsali vai querer saber com grandes detalhes como eram os vestidos usados pelas senhoras presentes, mas devo pedir-lhe que se contenha por enquanto.

Não vou fingir que não notei os referidos trajes (embora pudesse negar, se achasse que assim o fazendo pudesse tranquilizar sua mente de apreensões concernentes a qualquer suposta vulnerabilidade aos artifícios femininos. Conhecendo sua natureza desconfiada e irracional, minha Sassenach, não faço tais declarações), mas minha mão não suportará o esforço de relatar tais descrições agora. Por enquanto, basta dizer que os vestidos eram muito suntuosos e os encantos das senhoras dentro deles muito visíveis em função do estilo.

Minhas velas roubadas estão chegando ao fim, e tanto minha mão quanto meus olhos estão tão fatigados que tenho dificuldade em decifrar minhas próprias palavras, quanto mais criá-las — posso apenas esperar que você consiga ler a

última parte desta carta ilegível. Ainda assim, retiro-me para minha cama inóspita de bom humor, encorajado pelos acontecimentos do dia.

Assim, desejo-lhe boa-noite e meus pensamentos mais amorosos, certo de que terá paciência e permanente afeto por mim.

Seu marido devotado e sujo de tinta,

James Fraser

P.S.: Sujo de tinta, sem dúvida, pois vejo que consegui cobrir tanto meu papel quanto minha pessoa com feios borrões. Tento me convencer de que o papel é o mais desfigurado.

P.S.: 2: Fiquei tão absorto na redação que esqueci a intenção original de minha carta: dizer que reservei passagem no Euterpe, que sai de Brest dentro de duas semanas. Caso surja alguma coisa em contrário, eu lhe escreverei outra vez.

P. S.: 3: Anseio por deitar-me ao seu lado outra vez e ter seu corpo junto ao meu.

*ARMADOS DE DIAMANTE*

Brianna desmontou o broche com a mão firme e um par de tesouras de cozinha. Era uma antiguidade, mas não era valioso — um feio adorno vitoriano na forma de uma flor de prata esparramada, cercada por galhinhos retorcidos de uma trepadeira. Seu único valor residia em pequenos diamantes espalhados que decoravam as folhas como gotas de orvalho.

— Espero que sejam grandes o suficiente — ela disse e ficou surpresa ao ver como sua própria voz soava calma. Passara as últimas trinta e seis horas gritando dentro de sua própria cabeça, que foi o tempo que levaram para fazer seus planos e preparativos.

— Acho que vão servir — Roger disse, e ela sentiu a tensão sob a calma de suas próprias palavras. Ele estava de pé atrás dela, a mão em seu ombro e o calor de sua mão era ao mesmo tempo consolo e tormento. Mais uma hora e ele teria ido embora. Talvez para sempre.

Mas não havia escolha, e ela fazia o que era necessário com os olhos secos e mãos firmes.

Amanda, muito estranhamente, adormecera repentinamente depois que Roger e William Buccleigh partiram em perseguição a Rob Cameron. Brianna a colocara em sua cama e ficara lá sentada observando-a dormir e se preocupando, até os homens retornarem quase ao amanhecer com suas terríveis notícias. Mas Amanda acordara como sempre, alegre como o dia, e aparentemente sem nenhuma lembrança de seu sonho de pedras gritantes. Nem parecia incomodada com a ausência de Jem; ela perguntou uma vez, descontraidamente, quando ele estaria em casa e, tendo recebido um evasivo "logo", voltara à sua brincadeira, aparentemente satisfeita.

Ela estava com Annie agora; tinham ido a Inverness para fazer compras grandes, com a promessa de um brinquedo. Só estariam de volta no meio da tarde e a essa hora os homens já teriam partido.

— Por quê? — William Buccleigh perguntara. — Por que ele teria levado seu menino?

Essa era a mesma pergunta que ela e Roger se faziam desde o instante em que descobriram a perda de Jem — não que a resposta pudesse ser de alguma ajuda.

— Só podem ser duas coisas — Roger respondera, a voz rouca e entrecortada. — Viagem no tempo... e ouro.

— Ouro? — Os olhos verde-escuros de Buccleigh voltaram-se para Brianna, intrigados. — Que ouro?

— A carta que está faltando — ela explicara, cansada demais para se preocupar se seria seguro lhe contar. Nada mais era seguro e nada importava. — O pós-escrito que meu pai escreveu. Roger disse que você leu as cartas. A propriedade de um cavalheiro italiano, lembra-se?

— Não prestei muita atenção — Buccleigh admitiu. — E ouro, não é? Quem é o cavalheiro italiano, então?

— Carlos Stuart. — E assim eles haviam explicado, de uma maneira descoordenada, sobre o ouro que viera à praia nos últimos dias do levante jacobita. O próprio Buccleigh seria mais ou menos da idade de Mandy na época, Brianna pensou, espantada com a ideia. O ouro deveria ser dividido, por segurança, entre três cavalheiros escoceses, homens de confiança de seus clãs: Dougal Mackenzie, Hector Cameron e Arch Bug, dos Grant de Leoch. Ela observou atentamente, mas ele não deu nenhum sinal de reconhecimento ao nome de Dougal Mackenzie. Não, pensou, ele não sabe. Mas isso também não era importante agora.

Ninguém sabia o que acontecera aos dois terços do ouro francês guardado com os Mackenzie ou os Grant — mas Hector Cameron fugira da Escócia nos últimos dias do Levante, a arca de ouro sob o assento de sua carruagem, e o trouxera consigo para o Novo Mundo, com parte do qual comprara sua propriedade, River Run... O resto...

— O espanhol o guarda? — Buccleigh disse, as grossas sobrancelhas louras contraídas. — O que isso significa?

— Não sabemos — Roger disse. Ele estava sentado à mesa, a cabeça entre as mãos, fitando a madeira. — Só Jem sabe. — Então, ele levantara a cabeça repentinamente, olhando para Brianna.

— As Orkneys — ele disse. — Callahan.

— O quê?

— Rob Cameron — ele disse ansiosamente. — Que idade você acha que ele tem?

— Não sei — ela dissera, confusa. — Trinta e pouco, quase quarenta, talvez. Por quê?

— Callahan disse que Cameron o acompanhou em escavações arqueológicas quando tinha vinte e poucos anos. Será que isso foi há bastante tempo... quero dizer, só agora é que me ocorreu... — Ele teve que parar para clarear a garganta e o fez

com raiva antes de continuar. — Se ele teve contato com essa matéria antiga há quinze, dezoito anos, pode ter conhecido Geilie Duncan? Ou Gillian Edgars, eu creio que é como se chamava na época.

— Oh, não — Brianna exclamou, mas em negação, não em descrença. — Oh, não. Mais um fanático jacobita, não!

Roger quase sorriu diante de sua exclamação.

— Duvido — ele disse secamente. — Não acho que o sujeito seja louco, muito menos um idealista político. Mas ele de fato pertence ao Partido Nacional Escocês. Eles também não são loucos... mas quais as chances de Gillian Edgars também ter estado envolvida com eles?

Não havia como saber, não sem vasculhar as ligações e a história de Cameron, e não havia tempo para isso. Mas era possível. Gillian — que mais tarde assumira o nome de uma famosa bruxa escocesa — certamente esteve profundamente interessada tanto na antiguidade escocesa quanto em política escocesa. Ela e Rob Cameron poderiam perfeitamente ter se cruzado. Se assim for...

— Se assim for — Roger disse sombriamente. — Só Deus sabe o que ela pode ter dito a ele, pode ter deixado com ele. Alguns dos cadernos de anotações de Geillis estavam em seu gabinete; se Rob a tivesse conhecido, ele os teria reconhecido. E nós sabemos muito bem que ele leu o pós-escrito de seu pai — ele acrescentou. Esfregou a testa — havia um ferimento roxo ao longo da linha de seus cabelos — e suspirou. — Não faz diferença, não é? A única coisa que importa agora é Jem.

E assim Brianna deu a cada um deles um pedaço de prata cravejado de pequenos diamantes e dois sanduíches de pasta de amendoim.

— Para a viagem — ela disse, com uma débil tentativa de humor. Roupas quentes e sapatos fortes. Ela deu a Roger seu canivete suíço; Buccleigh pegou uma faca de carne de inox da cozinha, admirando o gume serrilhado. Não havia tempo para muito mais.

O sol ainda estava alto no céu quando o Mustang azul seguiu sacolejando pela estrada de terra que levava até perto de Craig na Dun; ela teria que estar de volta antes que Mandy chegasse em casa. A caminhonete azul de Rob Cameron ainda estava lá; um tremor a percorreu ao vê-la.

— Vá na frente — Roger disse ríspidamente a Buccleigh quando ela parou. — Já estou indo.

William Buccleigh dera um rápido olhar a Brianna, direto e desconcertante, com aqueles olhos, tão iguais aos de Roger, tocou rapidamente em sua mão e saiu. Roger não hesitou; tivera tempo no caminho para decidir o que dizer — e só havia uma coisa a dizer, de qualquer modo.

— Eu a amo — ele disse suavemente, segurando-a pelos ombros tempo

suficiente para dizer o resto: — Eu o trarei de volta. Acredite-me, Bri... eu a verei de novo. Neste mundo.

— Eu o amo — ela dissera, ou tentara. Saiu como um sussurro quase inaudível contra a boca de Roger, mas ele o recebeu, juntamente com seu hálito, sorriu, agarrou seus ombros com tanta força que ela veria manchas roxas ali mais tarde — e abriu a porta.

Ela os observara — não podia tirar os olhos deles — enquanto subiam para o topo da colina, na direção das pedras invisíveis, até eles desaparecerem de sua vista. Talvez fosse imaginação; talvez realmente pudesse ouvir as pedras lá em cima: um zumbido estranho que reverberava em seus ossos, uma lembrança que permaneceria lá para sempre. Trêmula e cega pelas lágrimas, ela dirigiu de volta para casa. Com cuidado, com cuidado. Porque agora ela era tudo que Mandy tinha.

*PASSOS*

Mais tarde, naquela mesma noite, ela se dirigiu ao gabinete de Roger. Sentia-se entorpecida e pesada, o horror do dia embotado pela fadiga. Sentou-se à mesa dele, tentando sentir sua presença, mas o aposento estava vazio.

Mandy dormia, surpreendentemente despreocupada com o caos dos sentimentos de seus pais. Claro, ela estava acostumada às ausências ocasionais de Roger, viajando a Londres ou Oxford, noites na loja em Inverness. Ela se lembraria dele se ele nunca mais voltasse? Brianna pensou com uma pontada de dor.

Não podendo suportar esse pensamento, levantou-se e ficou rondando, inquieta, pelo escritório, buscando o que não podia ser encontrado. Não fora capaz de comer nada e estava se sentindo zozna e fraca.

Pegou a pequena serpente, encontrando um consolo mínimo em sua lisa sinuosidade, sua expressão agradável. Ergueu os olhos para a caixa, perguntando-se se deveria buscar consolo na companhia de seus pais — mas a ideia de ler cartas que Roger talvez nunca lesse com ela... Devolveu a serpente ao seu lugar e ficou olhando cegamente para os livros nas prateleiras mais baixas.

Ao lado dos livros sobre a Revolução Americana que Roger encomendara estavam os livros de seu pai, de seu antigo escritório. Franklin W. Randall, as lombadas perfeitas diziam, e ela tirou um deles e se sentou, segurando-o contra o peito.

Ela lhe pedira ajuda uma vez antes — para olhar pela filha perdida de Ian. Certamente, ele tomaria conta de Jem.

Ela folheou as páginas, sentindo-se um pouco apaziguada pela fricção do papel.

Papai, pensou, não encontrando nenhuma outra palavra além dessa, e não precisando de mais nenhuma. A folha de papel dobrada enfiada entre as páginas não veio como nenhuma surpresa.

A carta era um rascunho — pôde ver isso no mesmo instante pelas palavras riscadas, acréscimos nas margens, palavras circuladas com ponto de interrogação. E,

sendo um rascunho, não tinha data nem saudações, mas era obviamente destinada a ela.

Você acaba de me deixar, querida e exímia atiradora, depois de nossa maravilhosa tarde no Sherman's (o lugar do pombo de barro — lembra-se do nome?). Meus ouvidos ainda estão tilintando. Sempre que atiramos, fico dividido entre um imenso orgulho em sua habilidade, inveja e temor. Não sei quando você vai ler esta, ou se vai lê-la algum dia. Talvez eu tenha a coragem de lhe dizer antes de morrer (ou farei algo tão imperdoável que sua mãe o fará — não, não fará. Nunca conheci ninguém tão confiável quanto Claire. Ela manterá sua palavra).

Que sensação estranha é escrever isto. Sei que por fim você saberá quem — e talvez o quê — você é. Mas não faço nenhuma ideia de como chegará a esse conhecimento. Estarei prestes a revelar você a você mesma, ou será notícia velha quando a descobrir? Somente posso esperar que eu tenha conseguido salvar sua vida, de uma maneira ou de outra. E que você a descobrirá, mais cedo ou mais tarde.

Desculpe-me, querida, isto é terrivelmente melodramático. E a última coisa que eu desejo é assustá-la. Tenho toda a confiança do mundo em você. Mas sou seu pai e assim sujeito aos medos que afligem todos os pais — que algo terrível e imprevisível

aconteça a seu filho, e você ser impotente para protegê-lo. E a verdade é que, não sendo de forma alguma culpa sua, você é...

Nesse ponto, ele mudara de opinião várias vezes, escrevendo uma pessoa perigosa, emendando isso para sempre em algum perigo, depois riscando isso por sua vez, adicionando em uma posição perigosa, riscando isso e fazendo um risco em volta de uma pessoa perigosa, embora com um ponto de interrogação.

— Eu entendi, papai — ela murmurou. — De que você está falando? Eu...

Um som emudeceu as palavras em sua garganta. Passos desciam o corredor. Passos lentos, confiantes. De homem. Todos os pelos de seu corpo se arrepiaram.

A luz do corredor estava acesa; escureceu um pouco quando uma figura assomou na porta do escritório.

Ela olhou para ele, estupefata.

— O que você está fazendo aqui? — Enquanto falava, já se levantava de sua cadeira, tateando em busca de alguma coisa que pudesse servir de arma, a mente ficando muito para trás de seu corpo, ainda incapaz de penetrar o nevoeiro de horror que apoderou-se dela.

— Vim atrás de você, meu bem — ele disse, sorrindo. — E do ouro. — Ele colocou alguma coisa em cima da escrivaninha: a primeira carta de seus pais. — Diga a Jem que o espanhol o guarda — Rob Cameron citou, tamborilando na carta. — Achei que talvez seja melhor que você diga isso a Jem. E diga a ele para me

mostrar onde está esse espanhol. Se quiser mantê-lo vivo, quero dizer. Mas você é quem sabe. — O sorriso ampliou-se. — Chefe.



DIA DA INDEPENDÊNCIA, II

Brest

Ver Jenny lidar com tudo aquilo estava perturbando sua própria presença de espírito consideravelmente. Ele pôde ver o coração dela na garganta na primeira vez em que ela falou francês com um verdadeiro francês; seu pulso adejou na curva de seu pescoço como um beija-flor capturado numa armadilha. Mas o boulanger compreendeu o que ela dizia — Brest era cheia de estrangeiros e seu sotaque peculiar não despertou nenhum interesse em particular — e o puro prazer em seu rosto quando o sujeito pegou sua moeda e lhe entregou uma baguete recheada com queijo e azeitonas fez Jamie ter vontade de rir e chorar ao mesmo tempo.

— Ele me entendeu! — ela disse, agarrando-o pelo braço conforme saíam. — Jamie, ele me entendeu! Eu falei francês com ele e ele compreendeu o que eu disse, claro como água!

— Com muito mais clareza do que teria se você tivesse falado com ele em gaidhlig — ele lhe garantiu. Sorriu diante de sua empolgação, dando uns tapinhas em sua mão. — Muito bem, a nighean.

Ela não estava ouvindo. Sua cabeça virava de um lado para o outro, absorvendo a vasta exibição de lojas e vendedores que enchiam a rua cheia de curvas, avaliando as possibilidades que se abriam para ela. Manteiga, queijo, feijão, linguiça, roupa, sapatos, botões... Ela enterrou os dedos no braço dele.

— Jamie! Eu posso comprar qualquer coisa! Sozinha!

Ele não pôde deixar de compartilhar sua alegria ao descobrir assim sua independência, apesar de sentir uma pequena pontada. Ele estava gostando da sensação nova de sua irmã depender dele.

— Bem, é verdade — ele concordou, pegando a baguete de sua mão. — Mas é melhor não comprar um esquilo amestrado ou um relógio de pêndulo. Seria difícil de levar no navio.

— Navio — ela repetiu, e engoliu em seco. O pulso em sua garganta, que havia se acalmado momentaneamente, retomou sua palpitação. — Quando é que nós vamos... subir no navio?

— Ainda não, a nighean — ele disse delicadamente. — Vamos comer alguma coisa primeiro, sim?

O Euterpe estava marcado para partir com a maré da noite e eles se dirigiram às docas no meio da tarde para subir a bordo e ajeitar suas coisas. Mas a rampa no cais onde o Euterpe flutuava no dia anterior estava vazia.

— Onde diabos estará o navio que estava aqui ontem? — ele perguntou, agarrando pelo braço um rapaz que passava.

— O Euterpe? — O rapaz olhou displicentemente para o local que ele apontava e deu de ombros. — Partiu, eu acho.

— Você acha? — Seu tom de voz assustou o rapaz, que libertou o braço com um safanão e começou a recuar, na defensiva.

— Como eu poderia saber, monsieur? — Vendo o rosto de Jamie, ele acrescentou apressadamente: — Seu mestre foi para o distrito há algumas horas; provavelmente ainda está lá.

Jamie viu o queixo de sua irmã formar uma covinha e percebeu que ela estava à beira do pânico. Ele próprio não estava muito longe disso, pensou.

— Oh, é mesmo? — disse, muito calmo. — Sim, bem, então eu vou buscá-lo. A que casa ele costuma ir?

O rapaz deu de ombros.

— A todas, monsieur.

Deixando Jenny no cais para tomar conta da bagagem, ele voltou para dentro das ruas próximas às docas. Uma moeda de cobre assegurou-lhe os serviços de um dos moleques que vagavam pelos estábulos, na esperança de uma maçã meio podre ou uma bolsa não vigiada, e ele seguiu seu guia soturnamente pelas vielas imundas, uma das mãos na bolsa, a outra no cabo da adaga.

Brest era uma cidade portuária e, aliás, um porto muito movimentado. O que significava, ele calculava, que aproximadamente uma em três de suas cidadãs era uma prostituta. Várias do tipo independente o saudavam quando ele passava.

Foram necessárias três horas e várias moedas, mas finalmente ele encontrou o mestre do Euterpe, completamente bêbado. Empurrou para o lado sem nenhuma cerimônia a prostituta que dormia com ele e acordou o sujeito bruscamente, esbofeteando-o até ele recuperar um pouco da consciência.

— O navio? — O sujeito fitou-o estupidamente, passando a mão pelo rosto barbado. — Merda. Quem se importa?

— Eu me importo — Jamie disse entre os dentes cerrados. — E você também vai se importar, seu patife desgraçado. Onde está o navio e por que você

não está nele?

— O capitão me expulsou — o homem disse mal-humorado. — Tivemos uma discussão. Onde está o navio? A caminho de Boston, eu acho. — Abriu um sorriso largo e debochado. — Se nadar bem depressa, talvez consiga alcançá-lo.

Precisou usar o resto do seu ouro e uma bem calculada mistura de ameaças e persuasão, mas ele encontrou outro navio. Este se dirigia para o sul, para Charleston, mas no momento ele aceitaria ir para o continente certo. Uma vez na América, ele decidiria como fazer.

Sua ira começou finalmente a se aplacar quando o Philomene chegou a mar aberto. Jenny estava de pé ao seu lado, pequena e silenciosa, as mãos apoiadas na balaustrada.

— O que foi, a piuthar? — Ele colocou a mão nas suas costas, afagando-a com os nós dos dedos. — Sente falta de Ian?

Ela fechou os olhos por um instante, pressionando as costas contra a mão dele, em seguida os abriu e virou o rosto para ele, franzindo a testa.

— Não, estou preocupada, pensando em sua mulher. Ela vai ficar furiosa comigo... sobre Laoghaire.

Ele não pôde evitar um sorriso irônico ao pensar em Laoghaire.

— Laoghaire? Por quê?

— O que eu fiz... quando você trouxe Claire de volta a Lallybroch, de Edimburgo. Nunca lhe pedi perdão por isso — ela acrescentou, erguendo os olhos ansiosamente para ele.

Jamie riu.

— Eu nunca pedi perdão a você, pedi? Por trazer Claire para casa e ser bastante covarde para não lhe contar sobre Laoghaire antes de chegarmos lá.

Sua expressão se suavizou e uma centelha de luz voltou aos seus olhos.

— Bem, não — ela disse. — Você não pediu perdão. Então, estamos quites, não é?

Ele não a ouvia dizer isso a ele desde que deixara sua casa aos quatorze anos de idade para viver em Leoch.

— Estamos quites — ele disse. Ele colocou um braço ao redor de seus ombros e ela passou seu próprio braço pela cintura dele, e ficaram ali abraçados, observando as últimas terras francesas desaparecerem no mar.



UMA SÉRIE DE CHOQUES CURTOS E VIOLENTOS

Eu estava na cozinha de Marsali, trançando os cabelos de Félicité enquanto vigiava o mingau no fogo, quando a sineta da porta da gráfica tocou. Amarrei rapidamente uma fita na ponta da trança e, com um rápido aviso às meninas para tomarem conta do mingau, saí para atender o freguês.

Para minha surpresa, era lorde John. Mas um lorde John que eu nunca vira antes. Não que estivesse desarrumado, mas estava destruído, tudo em ordem, salvo seu rosto.

— O que foi? — eu disse, profundamente alarmada. — O que aconteceu? Henry está...

— Henry, não — ele disse com voz rouca. Espalmou a mão sobre o balcão, como se precisasse se apoiar. — Tenho... más notícias.

— Estou vendo — eu disse, um pouco rispidamente. — Sente-se, pelo amor de Deus, antes que caia.

Ele sacudiu a cabeça como um cavalo espantando as moscas e olhou para mim. Seu rosto estava lívido e transtornado, e as bordas de seus olhos estavam vermelhas. Mas se não era Henry...

— Oh, meu Deus — eu disse, levando o punho cerrado ao peito. — Dottie. O que aconteceu a ela?

— Euterpe — ele falou abruptamente. Estanquei, abalada até a medula.

— O que foi? — murmurei. — O quê?

— Perdido — ele disse, em uma voz que não era a sua. — Perdido. Com todos os tripulantes.

— Não — eu disse, tentando raciocinar. — Não, não é verdade.

Ele me fitou diretamente nos olhos, então, pela primeira vez, e agarrou-me pelo braço.

— Me ouça — ele disse, e a pressão de seus dedos me aterrorizou. Tentei me desvencilhar, mas não consegui. — Me ouça — ele repetiu. — Eu soube hoje de manhã por um capitão da marinha que eu conheço. Encontrei-o no café e ele contava

a tragédia. Ele viu. — Sua voz tremia e ele parou por um instante, firmando o maxilar. — Uma tempestade. Ele estivera perseguindo o navio, pretendendo pará-lo e abordá-lo, quando a tormenta atingiu-os. Seu próprio navio sobreviveu e veio se arrastando, muito danificado, mas ele viu o Euterpe submergir debaixo de um vagalhão, ele disse... O navio afundou diante de seus olhos. O Roberts, seu navio, ficou por ali na esperança de recolher sobreviventes. — Engoliu em seco. — Não havia nenhum.

— Nenhum — repeti, entorpecida. Eu tinha ouvido o que ele dissera, mas não compreendia o significado de suas palavras.

— Ele está morto — lorde John disse brandamente, e soltou meu braço. — Morto.

Da cozinha, veio o cheiro de mingau queimado.

John Grey parou de andar porque tinha chegado ao fim da rua. Estava andando para cima e para baixo, ao longo de todo o comprimento da State Street desde antes do amanhecer. O sol já ia alto agora e a poeira grossa, úmida de suor, irritava sua nuca, lama e esterco respingavam em suas meias e cada passo parecia enfiar os pregos da sola de seu sapato na sola de seus pés. Ele não se importava.

O rio Delaware fluía pelo seu campo de visão, lamacento e cheirando a peixe, e as pessoas passavam, esbarrando nele, se aglomerando na ponta do cais na esperança de pegar a barca que vinha lentamente em direção a eles, desde o outro lado do rio. Pequenas ondas erguiam-se e batiam contra o píer com um som agitado que parecia provocar as pessoas que esperavam, pois começaram a empurrar e se acotovelar, e um dos soldados no cais tirou o mosquete do ombro e usou-o para empurrar uma mulher para trás.

Ela tropeçou, com um gritinho estridente, e seu marido, um homem pequeno e briguento, deu um salto para frente, os punhos cerrados. O soldado disse alguma coisa, arreganhou os dentes e enxotou-o com um movimento da arma. Seu amigo, atraído pelo distúrbio, virou-se para ver e, sem nenhum outro incitamento, formou-se repentinamente uma aglomeração enfurecida no final das docas, e gritos e berros percorreram o resto, enquanto as pessoas na retaguarda tentavam fugir da violência, homens na multidão tentavam pressionar em sua direção, e alguém foi empurrado para dentro da água.

Grey deu três passos para trás e ficou observando enquanto dois meninos saíam correndo da multidão, os rostos apavorados, e fugiram correndo pela rua.

Em algum lugar na multidão, ele ouviu os gritos de uma mulher, desesperada: — Ethan! Johnny! Joooooohnny!

Algun confuso instinto lhe disse que deveria interferir, erguer a própria voz, fazer valer sua autoridade, resolver aquilo. Virou-se e se afastou.

Não estava de uniforme, disse a si mesmo. Não o atenderiam, seria confuso,

ele iria fazer mais mal do que bem. Mas ele não estava acostumado a mentir para si mesmo e abandonou essa linha de pensamento imediatamente.

Ele já havia perdido outras pessoas antes. Algumas a quem ele amava muito, mais do que à própria vida. Mas agora ele se perdera.

Caminhou lentamente de volta para sua casa, em um estado de entorpecimento. Ele não dormia desde que recebera a notícia, a não ser nos intervalos de completa exaustão física, afundado na cadeira da varanda de Mercy Woodcock, acordando desorientado, pegajoso com a resina dos plátanos em seu pátio e coberto com as minúsculas lagartas que se balançavam das folhas em invisíveis fios de seda.

— Lorde John.

Finalmente percebeu uma voz insistente e, com ela, a compreensão de que quem quer que estivesse falando já chamara seu nome várias vezes. Parou e, virando-se, viu-se diante do capitão Richardson. Sua mente ficou completamente vazia. Provavelmente seu rosto também, pois Richardson segurou-o pelo braço de uma maneira muito familiar e conduziu-o para dentro do restaurante de uma estalagem.

— Venha comigo — Richardson disse em voz baixa, soltando seu braço, mas fazendo um sinal com a cabeça na direção das escadas. Uma pequena movimentação de curiosidade e cautela se fez sentir através da névoa que o envolvia, mas ele seguiu o capitão, o som de seus sapatos oco nas escadas de madeira.

Richardson fechou a porta do quarto atrás dele e começou a falar antes que Grey pudesse sair de sua perplexidade para começar a questioná-lo com relação às circunstâncias muito peculiares que William havia lhe contado.

— Sra. Fraser — Richardson disse sem preâmbulos. — Até onde você a conhece?

Grey ficou tão desconcertado com isso que respondeu.

— Ela é a mulher... A viúva — corrigiu-se, sentindo como se tivesse enfiado um alfinete em uma ferida aberta — de um grande amigo.

— Um grande amigo — Richardson repetiu, sem nenhuma ênfase em particular. O sujeito não poderia parecer mais comum, Grey pensou, e teve uma visão repentina e arrepiante de Hubert Bowles. Os mais perigosos espiões eram homens para os quais ninguém olharia duas vezes.

— Um grande amigo — Grey repetiu com firmeza. — Suas lealdades políticas não são mais um problema, são?

— Não, não se ele estiver realmente morto — Richardson concordou. — Acha que está?

— Tenho absoluta certeza disso. O que deseja saber, senhor? Estou ocupado. Richardson sorriu ligeiramente diante dessa declaração obviamente falsa.

— Pretendo prender esta senhora como espiã, lorde John, e queria ter certeza de que não havia nenhuma... ligação pessoal de sua parte, antes de o fazer.

Grey sentou-se, um tanto abruptamente, e agarrou a borda da mesa em busca de apoio.

— Eu... ela... por que razão? — perguntou incisivamente.

Richardson educadamente sentou-se à sua frente.

— Ela vem passando materiais subversivos de um lado a outro por toda a Filadélfia nos últimos três meses... talvez há mais tempo. E, antes que pergunte, sim, tenho certeza. Um dos meus homens interceptou uma parte deste material; dê uma olhada, se quiser. — Enfiou a mão no bolso e retirou um maço desordenado de papéis, que parecia já ter passado por várias mãos. Grey não achava que Richardson estivesse pondo sua lealdade à prova, mas examinou o material com deliberada atenção. Largou os papéis sobre a mesa, sentindo-se exangue. — Ouvi dizer que esta senhora foi recebida em sua casa e que ela está sempre na casa em que seu sobrinho está hospedado — Richardson disse. Seus olhos pousaram no rosto de Grey, atentos. — Mas ela não é uma... amiga?

— Ela é médica — Grey disse e teve a pequena satisfação de ver as sobrancelhas de Richardson se arquearem. — Ela tem prestado... serviços inestimáveis para mim e meu sobrinho. — Ocorreu-lhe que provavelmente seria melhor que Richardson não soubesse quanta estima ele tinha pela sra. Fraser, pois, se achasse que havia um interesse pessoal, deixaria imediatamente de dar informações a Grey. — Mas isso já terminou — acrescentou, falando o mais descontraidamente possível. — Eu respeito esta senhora, é claro, mas não há nenhuma ligação, não. — Levantou-se, então, de maneira decidida, e despediu-se, pois fazer mais perguntas iria comprometer a impressão de indiferença.

Partiu na direção de Walnut Street, não mais entorpecido. Sentia-se novamente mais dono de si mesmo, forte e determinado. Havia, afinal, mais um serviço que ele podia prestar a Jamie Fraser.

— Você tem que se casar comigo — ele repetiu.

Eu o ouvira na primeira vez, mas não fez mais sentido com a repetição. Enfie um dedo no ouvido e o balancei, depois repeti o processo no outro.

— Você não pode ter dito o que eu acho que disse.

— De fato, eu disse — confirmou, com seu habitual tom ferino de volta à voz.

O torpor do choque começava a se dissipar e algo horrível começava a rastejar de um pequeno buraco em meu coração. Eu não podia olhar para isso e busquei refúgio olhando fixamente para lorde John.

— Sei que estou chocada — eu lhe disse —, mas tenho certeza de que não estou delirando, nem ouvindo coisas. Por que diabos você está me dizendo isso, pelo

amor de Deus?! — Levantei-me abruptamente, disposta a esbofeteá-lo. Ele percebeu e deu um passo para trás.

— Você vai se casar comigo — ele disse, um tom cortante na voz. — Tem ideia de que está prestes a ser presa como espiã?

— Eu... não. — Sentei-me outra vez, tão bruscamente quanto tinha me levantado. — O que... por quê?

— Você deve saber melhor do que eu — ele disse friamente.

De fato, eu sabia. Reprimi o repentino estremecimento de pânico que ameaçava me dominar, pensando nos papéis que eu levava secretamente de um par de mãos para outra dentro da minha cesta, alimentando a rede secreta dos Filhos da Liberdade.

— Ainda que fosse verdade — eu disse, lutando para manter a voz inalterada —, por que diabos eu deveria me casar com você? Quanto mais, por que você iria querer se casar comigo, o que eu não acredito nem por um instante.

— Acredite-me — ele me aconselhou laconicamente. — Farei isso porque é o último serviço que posso prestar a Jamie Fraser. Eu posso protegê-la; como minha mulher, ninguém pode tocá-la. E você fará isso porque... — Lançou um olhar frio para trás de mim, levantando o queixo, e eu olhei para trás, deparando-me com todos os quatro filhos de Fergus amontoados no vão da porta, as meninas e Henri-Christian observando-me com olhos enormes e redondos. Germain olhava diretamente para lorde John, medo e desafio evidentes em seu rosto comprido e bonito.

— Eles também? — perguntei, respirando fundo e virando-me para fitá-lo diretamente nos olhos. — Pode protegê-los também?

— Sim.

— Eu... sim. Está bem. — Coloquei as duas mãos abertas sobre o balcão, como se isso pudesse de alguma forma me impedir de sair girando e ser projetada no espaço. — Quando?

— Agora — ele disse, e me segurou pelo cotovelo. — Não há tempo a perder.

Eu não tinha a menor lembrança da breve cerimônia, conduzida na sala de estar da casa de lorde John. A única recordação que mantive de todo o dia foi a visão de William, sobriamente ao lado de seu pai — seu padrasto — como padrinho. Alto, ereto, o nariz reto e longo, os olhos puxados de gato pousados em mim com vaga compaixão.

Ele não pode estar morto, lembro-me de ter pensado, com lucidez incomum. Ele está ali.

Eu disse o que me mandaram dizer e depois fui escoltada ao andar de cima para me deitar. Adormeci imediatamente e só acordei na tarde seguinte.

Infelizmente, ainda era verdade.

Dorothea estava lá, pairando acima de mim, preocupada. Permaneceu ao meu lado o resto do dia, tentando me fazer comer alguma coisa, oferecendo-me pequenos goles de uísque e conhaque. Sua presença não era exatamente um consolo — nada poderia ser —, mas ela era ao menos uma distração inócua, e eu a deixei falar, as palavras derramando-se sobre mim como o som de água corrente.

Quase ao anoitecer, os homens voltaram — lorde John e Willie. Eu os ouvi no térreo. Dottie desceu e eu a ouvi conversando com eles, uma ligeira elevação de interesse em sua voz, em seguida seus passos na escada, leves e ligeiros.

— Tia — ela disse, sem fôlego. — Acha que está bem o suficiente para descer?

— Eu... sim, creio que sim. — Ligeiramente desconcertada por ser chamada de "tia", levantei-me e fiz algumas tentativas vagas de me arrumar. Ela pegou a escova das minhas mãos, prendeu meus cabelos para cima e, abrindo uma touca enfeitada de fitas, enfiou meus cabelos carinhosamente por baixo. Deixei que o fizesse, como deixei que me conduzisse delicadamente ao térreo, onde encontrei lorde John e William na sala de estar, ambos um pouco afogueados.

— Mamãe Claire. — Willie tomou minha mão e delicadamente a beijou. — Venha ver. Papai encontrou algo que acha que você vai gostar. Venha ver — ele repetiu, arrastando-me gentilmente para a mesa.

Era uma grande caixa de madeira, feita de madeira nobre, com aros de ouro. Pestanejei e estendi a mão para tocá-la. Parecia um estojo de talheres, porém muito maior.

— O que...? — Ergui os olhos e vi lorde John de pé ao meu lado, parecendo um pouco envergonhado.

— Um, hã, presente — ele disse, privado desta vez de seus modos tranquilos e imperturbáveis. — Pensei... quero dizer, notei que lhe faltam... bons equipamentos. Não quero que abandone sua profissão — ele acrescentou gentilmente.

— Minha profissão. — Um calafrio começava a se espalhar pela minha espinha dorsal, como pelas bordas dos meus maxilares. Tateando um pouco, tentei levantar a tampa do estojo, mas meus dedos suavam; escorregaram, deixando uma mancha de suor brilhando na madeira.

— Não, não, assim. — Lorde John inclinou-se para me mostrar, virando a caixa para ele próprio. Ele deslizou o ferrolho escondido, ergueu a tampa e abriu as portas com dobradiças, depois recuou um passo com o ar de um mágico.

Meu couro cabeludo se arrepiou com suor frio e pontos negros começaram a dançar nos cantos dos meus olhos.

Duas dúzias de frascos vazios com a boca dourada. Duas gavetas rasas embaixo. E acima, brilhando em sua cama de veludo, as peças de um microscópio. Um estojo médico.

Meus joelhos cederam e eu desmaiei, apreciando a madeira fria do assoalho sob a minha face.



OS CAMINHOS DA MORTE

Deitada no emaranhado inferno de minha cama à noite, busquei o caminho para a morte. Desejava com todas as fibras do meu ser passar desta existência para a outra. Se o que estava do outro lado da vida fosse uma glória inimaginável ou apenas o misericordioso esquecimento, o mistério era infinitamente preferível ao meu atual e incontornável sofrimento.

Não sei o que me impedia de uma fuga simples e violenta. Os meios, afinal, estavam sempre à mão. Eu tinha escolha de tiro de pistola ou lâmina de faca, ou de venenos que iam da rapidez ao estupor.

Revirei frascos e jarras do armário de remédios como uma louca, deixando as gavetinhas abertas, as portas escancaradas, buscando, remexendo tudo em minha pressa, saqueando conhecimento e memória como saqueava o armário, derrubando vidros e potes e fragmentos do passado no chão em uma grande desordem.

Finalmente, achei que tinha todos eles e, com mão trêmula, arrumei-os um a um sobre a mesa à minha frente.

Acônito. Arsênico...

Tantas formas de morte a escolher. Como, então?

Éter. Seria a mais fácil, senão a mais segura. Deitar, encharcar uma grossa almofadinha de pano na substância, colocar a máscara sobre o nariz e a boca, e me deixar levar, sem dor. Mas sempre havia a chance de alguém me encontrar. Ou que, tendo perdido a consciência, minha cabeça pudesse virar para o lado ou eu sofrer convulsões que deslocariam o pano, e eu iria simplesmente acordar de novo para esta existência dolorosamente vazia.

Permaneci sentada, imóvel, por um instante, e depois, sentindo-me em um sonho, estendi a mão para pegar a faca que estava sobre a mesa, onde eu descuidadamente a deixara depois de usá-la para cortar hastes de linho. A faca que Jamie me dera. Era afiada; a lâmina brilhava, brutal e prateada.

Seria certa, e seria rápida.

Jamie Fraser estava de pé no convés do *Philomene*, observando a água

deslizar interminavelmente, pensando na morte. Ele havia ao menos parado de pensar nisso de uma maneira pessoal, desde que o enjoo do mar havia — finalmente — diminuído. Seus pensamentos agora eram mais abstratos.

Para Claire, ele pensou, a morte era sempre o inimigo. Algo contra o qual sempre lutar, ao qual nunca ceder. Ele estava tão familiarizado com a morte quanto ela, mas fizera forçosamente as pazes com a morte. Ou achava que tinha feito. Como o perdão, não era uma coisa que se aprendia e depois confortavelmente deixava de lado, mas uma questão de prática permanente — aceitar a ideia da própria mortalidade e ainda assim viver plenamente era um paradoxo digno de Sócrates. E esse valoroso ateniense havia abraçado exatamente esse paradoxo, refletiu, com a sombra de um sorriso.

Ele ficara frente a frente com a morte vezes suficientes — e lembrava-se desses encontros com bastante nitidez — para compreender que de fato havia coisas piores. Muito melhor morrer do que sobreviver para prantear.

Ele ainda tinha a terrível sensação de algo pior do que tristeza quando olhava para sua irmã, pequena e solitária, e ouvia a palavra "viúva" em sua mente.

Era errado. Ela não podia ser isso, não podia ser excluída dessa forma brutal. Era como vê-la ser cortada em pedaços e ser impotente para fazer qualquer coisa.

Voltou-se desses pensamentos para suas lembranças de Claire, suas saudades dela, sua chama a vela dele na escuridão. Seu toque um consolo e um calor além daquele do corpo. Lembrou-se da última noite antes de sua partida, de mãos dadas no banco do lado de fora da torre, sentindo as batidas de seu coração nas pontas de seus dedos, seu próprio coração firmando-se àquela pulsação rápida e quente.

Estranho como a presença da morte parecia trazer consigo tantos acompanhantes, sombras há muito esquecidas, rapidamente vislumbradas na penumbra do anoitecer. A lembrança de Claire, e de como ele jurara protegê-la desde o primeiro instante em que a abraçara, trouxe-lhe de volta a jovem sem nome.

Ela morreria na França, do outro lado do vazio em sua cabeça que fora provocado pelo golpe de um machado. Há anos não pensava nela, mas repentinamente ela estava ali outra vez. Ela esteve em sua mente quando ele abraçara Claire em Leoch e sentira que seu casamento podia ser uma pequena reparação. Ele aprendera — devagar — a se perdoar por aquilo que não fora culpa sua e, amando Claire, deu alguma paz à sombra da jovem, esperava.

Ele sentia de forma obscura que devia uma vida a Deus e pagara essa dívida tomando Claire como sua esposa — embora Deus soubesse que ele a teria desposado de qualquer forma, pensou, com um sorriso melancólico. Mas mantivera a promessa de protegê-la. A proteção do meu nome, do meu clã — e a proteção do meu corpo, ele dissera.

A proteção do meu corpo. Havia uma ironia nisso que o fez se encolher,

quando vislumbrou outro rosto entre as sombras. Estreito, malicioso, de olhos dissimulados — tão jovem.

Geneva. Mais uma mulher jovem morta em decorrência de sua luxúria. Não culpa sua, exatamente — ele lutara e conseguira vencer a culpa, nos longos dias e noites que se seguiram à sua morte, sozinho em sua cama fria em cima dos estábulos, tirando um pouco de consolo da presença sólida, muda, dos cavalos, remexendo-se e mastigando nas baías embaixo. Mas, se ele não tivesse se deitado com ela, ela não teria morrido; disso não havia como fugir.

Ele deveria outra vida a Deus?, perguntou-se. Ele achava que dera a William a vida que lhe fora dada para proteger com a sua própria vida, em troca da vida de Geneva. Mas essa confiança tivera que ser entregue a outra pessoa.

Bem, tinha sua irmã agora e assegurou a Ian silenciosamente que zelaria por sua segurança. Enquanto eu viver, pensou. E isso ainda iria levar algum tempo. Pensou que tinha usado apenas cinco das mortes que a adivinha em Paris lhe garantira ter.

Você morrerá nove vezes antes de descansar em seu túmulo, ela dissera. Seriam necessárias tantas tentativas para provar isso?, perguntou-se.

Deixei minha mão cair para trás, expondo meu pulso, e coloquei a ponta da faca no meio do meu antebraço. Eu já vira muitos suicídios malsucedidos, aqueles que cortavam os pulsos de um lado ao outro, os ferimentos pequenas bocas que gritavam por socorro. Eu vira aqueles que realmente tinham intenção de morrer. A maneira correta era cortar as veias ao comprido, profundamente, cortes certos que iriam drenar o meu sangue em questão de minutos, provocar a inconsciência em segundos.

A marca ainda era visível no monte na base do meu polegar. Um fraco e lívido "J", a marca que ele deixara em mim na véspera de Culloden, quando pela primeira vez enfrentamos o conhecimento da morte e da separação.

Tracei a fina linha branca com a ponta da faca e senti o sussurro sedutor do metal em minha pele. Eu quis morrer com ele na época e ele me mandara através das pedras com mão firme. Eu carregava uma filha sua; eu não podia morrer.

Eu já não a carregava — mas ela ainda estava lá. Talvez ao meu alcance. Permaneci sentada, imóvel, pelo que me pareceu um longo tempo, depois suspirei e coloquei a faca de volta sobre a mesa cuidadosamente.

Talvez fosse o hábito de muitos anos, uma tendência da mente que considerava a vida sagrada por si mesma, ou um medo supersticioso de extinguir uma chama acesa por outra mão que não a minha. Talvez fosse obrigação. Havia aqueles que precisavam de mim — ou ao menos a quem eu podia ser útil. Talvez fosse a teimosia do corpo, com sua inexorável insistência em processo infinito.

Eu podia reduzir meus batimentos cardíacos, reduzi-los o suficiente para

contar as batidas... reduzir o fluxo do meu sangue até meu coração ecoar nos meus ouvidos com a perdição de tambores distantes.

Havia caminhos na escuridão. Eu sabia; eu já vira pessoas morrerem. Apesar da decadência física, não havia morte enquanto o caminho não fosse encontrado. Eu não podia — ainda — encontrar o meu.

*TORPOR*

O novo estojo médico estava sobre a mesa do meu quarto, brilhando suavemente à luz de vela. Ao lado, estavam as sacolinhas de gaze de ervas desidratadas que eu comprara pela manhã, os novos frascos de tintura que eu preparara à tarde, para grande desprazer da sra. Figg em ver a pureza de sua cozinha assim corrompida. Seus olhos oblíquos diziam que ela sabia que eu era uma rebelde e me considerava uma bruxa; ela se retirara para a porta do prédio da cozinha enquanto eu trabalhava, mas não se afastou inteiramente, mantendo, em vez disso, uma vigilância desconfiada e silenciosa sobre mim e meu caldeirão.

Uma grande garrafa de conhaque de ameixa me fazia companhia. Durante a última semana, eu descobrira que um copo à noite me deixava encontrar uma trégua no sono, ao menos por algumas horas. Não estava funcionando esta noite. Ouvi o relógio no console da lareira no andar de baixo soar melodicamente, uma vez.

Inclinei-me para pegar uma caixa de camomila seca que derramara, varrendo as folhas espalhadas cuidadosamente de volta para dentro do recipiente. Uma garrafa de xarope de papoula havia tombado também e ficara ali deitado, o líquido aromático infiltrando-se ao redor da rolha. Sentei-me ereta, limpei as gotículas douradas do gargalo da garrafa com meu lenço, enxuguei a minúscula poça do chão. Uma raiz, uma pedra, uma folha. Uma a uma, peguei-as, limpei-as e guardei-as, os equipamentos de minha profissão, os ingredientes do meu destino.

O vidro frio parecia de certa forma longínquo, a madeira reluzente uma ilusão. Com o coração batendo devagar, de modo errático, coloquei a mão espalmada sobre a caixa, tentando me estabilizar, fixar-me no tempo e no espaço. Estava ficando mais difícil a cada dia que se passava.

Lembrei-me, com uma nitidez dolorosa e repentina, de um dia durante a retirada de Ticonderoga. Havíamos alcançado um vilarejo, encontrado refúgio temporário em um celeiro. Eu havia trabalhado o dia inteiro, fazendo o que podia ser feito sem nenhum suprimento, nenhum remédio, nenhum instrumento, nenhuma atadura, a não ser as que eu fazia com as roupas imundas, suadas, dos feridos.

Sentindo o mundo se perder cada vez mais na distância enquanto trabalhava, ouvindo minha voz como se pertencesse a outra pessoa. Vendo os corpos sob minhas mãos, apenas corpos. Membros. Ferimentos. Perdendo o contato.

A escuridão sobreveio. Alguém chegou, colocou-me de pé e me mandou para fora do celeiro, para uma pequena taverna. Estava apinhada de gente. Alguém — Ian? — disse que Jamie tinha comida para mim lá fora.

Ele estava sozinho lá, no barracão de lenha vazio, turvamente iluminado por uma lanterna distante.

Eu fiquei parada na soleira da porta, cambaleando. Ou talvez fosse o barracão que oscilava.

Pude ver meus dedos se cravarem na madeira dos batentes da porta, as unhas brancas.

Um movimento na penumbra. Ele se levantou rapidamente, ao me ver, veio em minha direção. Qual era seu...

— Jamie. — Senti uma distante sensação de alívio ao descobrir seu nome.

Ele me segurou, levou-me para dentro do barracão e eu me perguntei por um instante se eu estaria andando ou se ele estava me carregando; ouvi o barulho dos meus pés se arrastando no chão de terra, mas não sentia meu peso, nem seu deslocamento.

Ele falava comigo, o som de sua voz tranquilizante. Parecia um esforço terrível distinguir as palavras. Mas eu sabia o que ele devia estar dizendo e consegui dizer, perguntando-me enquanto falava se aqueles sons seriam palavras e se faziam sentido.

— Tudo bem. Apenas... cansada.

— Quer dormir, então? — ele dissera, os olhos preocupados fixos em mim. — Ou pode comer um pouco primeiro?

Ele me soltou para pegar o pão e eu coloquei a mão contra a parede para me apoiar, surpresa ao encontrá-la sólida.

A sensação de frio e entorpecimento voltara.

— Cama — eu disse. Sentia meus lábios azuis e exangues. — Com você. Agora mesmo.

Ele colocou a mão em meu rosto, a palma calosa quente em minha pele. Mão grande. Sólida. Acima de tudo, sólida.

— Tem certeza, a nighean? — ele dissera, um tom de surpresa na voz. — Você parece que...

Eu colocara a mão em seu braço, temendo que fosse atravessar sua carne.

— Com força — eu sussurrara. — Me machuque.

Meu copo estava vazio, a garrafa pela metade. Servi outro e segurei o copo cuidadosamente, sem querer derramá-lo, determinada a encontrar o esquecimento,

por mais temporário que fosse.

Eu poderia me separar inteiramente?, perguntei-me. Minha alma poderia realmente deixar meu corpo sem que eu morresse primeiro? Ou já deixara?

Bebi devagar, um gole de cada vez. Outro. Um gole de cada vez.

Deve ter havido algum som que me fez erguer os olhos, mas eu não tinha consciência de ter levantado a cabeça. John Grey estava parado na porta do meu quarto. Não usava seu lenço de pescoço e sua camisa dependurava-se, frouxa, de seus ombros, vinho entornado na frente. Seus cabelos estavam soltos e emaranhados, e seus olhos tão vermelhos quanto os meus.

Levantei-me, devagar, como se estivesse submersa em água.

— Não vou chorar sua morte sozinho esta noite — ele disse asperamente, e fechou a porta.

Fiquei surpresa de acordar. Eu realmente não esperava e continuei deitada por algum tempo tentando encaixar a realidade novamente à minha volta. Sentia apenas uma leve dor de cabeça, que era quase mais surpreendente do que o fato de eu ainda estar viva.

Ambos os fatos perderam o significado diante do homem na cama ao meu lado.

— Quanto tempo faz desde a última vez que dormiu com uma mulher, se não se importa que eu pergunte.

Ele não pareceu se importar. Franziu um pouco a testa e coçou o peito pensativamente.

— Oh... quinze anos? Pelo menos. — Olhou para mim, a expressão se alterando para um ar de preocupação. — Oh. Peço-lhe desculpas.

— Pede? Por quê? — Arqueei uma das sobrancelhas. Eu podia pensar em inúmeras coisas pelas quais ele poderia pedir desculpas, mas provavelmente nenhuma delas era o que ele tinha em mente.

— Receio que talvez eu não tenha sido... — hesitou. — Um verdadeiro cavalheiro.

— Oh, não foi — eu disse, um tanto rispidamente. — Mas eu lhe garanto que eu também não estava sendo uma verdadeira dama.

Ele olhou para mim e sua boca torceu-se um pouco, como se tentasse formular uma resposta para isso, mas após um instante sacudiu a cabeça e desistiu.

— Além do mais, não foi comigo que você estava fazendo amor — eu disse — e nós dois sabemos disso.

Ele levantou a cabeça, surpreso, os olhos muito azuis. Então, a sombra de um sorriso atravessou seu rosto e ele abaixou os olhos para a colcha.

— Não — ele disse, suavemente. — Nem você, eu acho, estava fazendo amor comigo. Estava?

— Não — eu disse. A dor e o pesar da noite anterior haviam abrandado, mas seu peso ainda estava lá. Minha voz era baixa e rouca, porque minha garganta estava parcialmente obstruída, onde a mão da tristeza me pegara desprevenida.

John sentou-se e estendeu a mão para a mesa, onde havia uma garrafa de bebida, outra garrafa e um copo. Ele serviu algo da segunda garrafa e entregou-me o copo.

— Obrigada — eu disse, levando-o aos lábios. — Santo Deus, isso é cerveja?

— Sim, e muito boa — ele disse, virando a garrafa para trás. Tomou vários goles generosos, os olhos semicerrados, depois devolveu a garrafa para cima da mesa com um suspiro de satisfação. — Limpa o céu da boca, refresca o hálito e prepara o estômago para a digestão.

A despeito de mim mesma, achei graça — e fiquei chocada.

— Está me dizendo que tem o hábito de beber cerveja como café da manhã todos os dias?

— Claro que não. Eu como alguma coisa com ela.

— Surpreende-me que ainda tenha um dente sequer na cabeça — eu disse severamente, mas arrisquei um pequeno gole. A cerveja era boa: encorpada e adocicada, com um toque amargo na medida certa.

Nesse ponto, notei certa tensão em sua postura, que o conteúdo da conversa não explicava. Com o raciocínio lento como eu estava, levei algum tempo para perceber qual era o problema.

— Oh. Se precisa peidar — eu disse —, não se preocupe comigo. Vá em frente.

Ele ficou tão surpreso com minha observação que o fez.

— Peço-lhe mil desculpas, senhora! — ele disse, a pele clara enrubescendo até a linha dos cabelos.

Tentei não rir, mas o riso reprimido sacudiu a cama e ele ficou ainda mais vermelho.

— Você teria alguma hesitação sobre isso se estivesse na cama com um homem? — perguntei, apenas por curiosidade.

Ele esfregou os nós dos dedos contra a boca, a cor esmaecendo um pouco de suas faces.

— Ah. Bem, isso iria depender do homem. Mas, de um modo geral, não.

O homem. Eu sabia que Jamie era o homem em sua cabeça — assim como na minha. No momento, não estava disposta a me ofender com isso.

Ele também sabia o que eu estava pensando.

— Ele me ofereceu seu corpo certa vez. Sabia disso? — Sua voz era seca.

— Imagino que não tenha aceito. — Eu sabia que ele não aceitara, mas

estava mais do que curiosa em ouvir seu lado da história.

— Não. O que eu queria dele não era isso... ou não somente isso — acrescentou, honestamente. — Eu queria tudo, e era jovem e orgulhoso o suficiente para achar que, se não pudesse ter tudo, não aceitaria menos. E tudo, naturalmente, ele não podia me dar.

Fiquei em silêncio por algum tempo, pensando. A janela estava aberta e as longas cortinas de musselina agitavam-se com a brisa.

— Você se arrependeu? — perguntei. — De não ter aceitado sua oferta, quero dizer.

— Dez mil vezes, no mínimo — garantiu-me, abrindo um sorriso largo e melancólico. — Ao mesmo tempo... recusá-lo foi um dos poucos atos de verdadeira nobreza que eu alegaria em meu favor. É verdade, sabe — disse —, o desprendimento tem suas próprias recompensas, pois, se eu tivesse aceitado, isso teria destruído para sempre o que realmente existia entre nós. Ter lhe dado, em vez disso, a dádiva de minha compreensão, por mais difícil que tenha sido — ele acrescentou ironicamente —, me deixou sua amizade. Assim, enquanto sinto um arrependimento momentâneo por um lado, tenho satisfação por outro. E no final das contas foi à amizade que eu dei mais valor.

Após um momento de silêncio, ele virou-se para mim.

— Posso... você vai me achar estranho.

— Bem, você é um pouco estranho, não? — eu disse, tolerantemente. — Mas não me importo. O que é?

Lançou-me um olhar que dizia que, se um de nós era realmente estranho, ele não achava que fosse ele próprio. Entretanto, instintos de cavalheiro reprimiram qualquer comentário que pudesse ter feito a esse respeito.

— Você permitiria que eu a visse? Ah... nua?

Fechei um dos olhos e olhei para ele.

— Esta certamente não é a primeira vez que você dorme, e quero dizer realmente dorme, com uma mulher, é? — perguntei. Ele fora casado, embora eu me recordasse que ele passara a maior parte da vida de casado vivendo longe de sua mulher.

Ele torceu os lábios pensativamente, como se tentasse se lembrar.

— Bem, não. Mas acho que esta é a primeira vez que fiz isso de uma maneira inteiramente voluntária.

— Oh, estou lisonjeada!

Ele olhou para mim, sorrindo ligeiramente.

— E deveria estar — ele disse serenamente.

Eu era de uma época, afinal, em que... Bem, por outro lado, ele provavelmente não tinha as mesmas reações instintivas que a maioria dos homens,

em termos de atrações femininas. O que de certa forma deixava aberta a questão...

— Por quê?

Um sorriso tímido tocou o canto de sua boca e ele se levantou um pouco, recostando-se no travesseiro.

— Eu... não sei bem, para lhe dizer a verdade. Talvez seja apenas um esforço para conciliar minhas lembranças desta noite com a... hã... realidade da experiência?

Senti um forte solavanco, como se ele tivesse me golpeado no peito. Ele não poderia ter percebido meus primeiros pensamentos ao acordar e vê-lo — aquele clarão repentino, desorientador, quando pensei que era Jamie, lembrando-me de forma tão aguçada do peso, do corpo e do calor de Jamie, e tão desesperadamente desejando que ele fosse Jamie que consegui por um instante achar que fosse, somente para ser esmagada como uma uva diante da realidade de que ele não era Jamie, todas as minhas entranhas se desfazendo.

Ele teria sentido ou pensado as mesmas coisas, ao acordar e me encontrar ali ao seu lado?

— Ou talvez seja curiosidade — ele disse, abrindo um pouco mais o sorriso.

— Eu não vejo uma mulher nua há muito tempo. Salvo escravas negras nas docas em Charleston.

— Quanto é muito tempo? Quinze anos, você disse?

— Oh, bem mais do que isso. Isobel... — Parou abruptamente, o sorriso desaparecendo. Ele nunca havia mencionado sua falecida esposa.

— Você nunca a viu nua? — perguntei, com mais do que mera curiosidade. Ele desviou um pouco o rosto, os olhos abaixados.

— Ah... não. Não era... Ela não... Não. — Limpou a garganta, depois ergueu os olhos, fitando dentro dos meus com uma honestidade capaz de me fazer querer desviar o olhar. — Eu estou nu para você — ele disse simplesmente, e afastou o lençol.

Assim convidada, eu dificilmente poderia deixar de olhar para ele. E com toda a verdade eu queria, por simples curiosidade. Ele era esbelto e de constituição delicada, mas musculoso e rígido. Um pouco de flacidez na cintura, mas nenhuma gordura — e suavemente recoberto de pelos fortes e dourados, que se escureciam para castanho no triângulo entre as pernas. Era o corpo de um guerreiro; estava bem familiarizada com eles. Um dos lados de seu peito era recoberto de cicatrizes em forma cruzada, e havia outras — uma bem profunda no alto de uma das coxas, uma linha irregular, recortada, como um relâmpago ao longo do antebraço esquerdo.

Ao menos, minhas próprias cicatrizes não eram visíveis, pensei, e antes que pudesse hesitar ainda mais retirei o lençol do meu próprio corpo. Ele olhou-o com grande curiosidade, sorrindo ligeiramente.

— Você é linda — disse educadamente.

— Para uma mulher da minha idade?

Seu olhar me percorreu desapassionadamente, sem nenhum senso de julgamento, mas com o ar de um homem de gosto refinado avaliando o que ele via à luz de anos de observação.

— Não — ele disse finalmente. — Não para uma mulher da sua idade; nem mesmo para uma mulher, eu acho.

— Como o quê, então? — perguntei, fascinada. — Um objeto? Uma escultura? — De certo modo, eu podia entender isso. Algo como esculturas de museu, talvez: estátuas envelhecidas, fragmentos de culturas desaparecidas, conservando em seu interior algum remanescente da inspiração original, esse remanescente estranhamente amplificado pelas lentes da idade, santificado pela antiguidade. Eu nunca havia me visto sob tal luz, mas não podia imaginar o que mais ele podia estar querendo dizer.

— Como minha amiga — ele disse simplesmente.

— Oh — eu disse, enternecida. — Obrigada.

Esperei, depois puxei o lençol para cima, sobre nós dois.

— Já que somos amigos... — eu disse, um pouco encorajada.

— Sim?

— Eu só me pergunto... você... ficou inteiramente sozinho todo esse tempo? Desde que sua mulher morreu?

Ele suspirou, mas sorriu para que eu soubesse que ele não se importava com a pergunta.

— Se quer mesmo saber, eu tenho há muitos anos desfrutado um relacionamento físico com meu cozinheiro.

— Com... seu cozinheiro? Ou cozinheira?

— Não, não com a sra. Figg, não — ele disse apressadamente, ouvindo o horror em minha voz. — Eu me referi a meu cozinheiro em Mount Josiah, na Virgínia. Seu nome é Manoke.

— Ma... oh! — lembrei-me de Bobby Higgins ter me contado que lorde John mantinha um índio chamado Manoke como seu cozinheiro.

— Não se trata apenas de aliviar necessidades urgentes — ele acrescentou enfaticamente, virando a cabeça para olhar-me diretamente nos olhos. — Há um verdadeiro afeto entre nós.

— Fico satisfeita em saber — murmurei. — Ele, hã, ele é...

— Não faço a menor ideia se sua preferência é exclusivamente por homens. Duvido que seja... fiquei um pouco surpreso quando ele me deu a conhecer seu interesse por mim. Mas não estou em posição de me queixar, quaisquer que sejam seus gostos.

Passei o nó de um dedo pelos lábios, não querendo parecer vulgarmente curiosa — mas mesmo assim vulgarmente curiosa.

— Você não se importa, se ele... tiver outros amantes? Ou ele em relação a você, se for este o caso? — Tive uma repentina e inquietante apreensão. Eu não pretendia que o que acontecera na noite anterior voltasse a acontecer. Na realidade, eu ainda estava tentando me convencer de que não acontecera desta vez. Nem eu pretendia ir à Virgínia com ele. Mas e se eu fosse e os empregados de lorde John presumissem... tive visões de um índio ciumento colocando veneno na minha sopa ou de tocaia atrás da latrina com um tacaieiro.

O próprio John parecia estar considerando a questão, os lábios franzidos. Ele tinha uma barba cerrada, eu vi; os pelos louros da barba por fazer suavizavam suas feições e ao mesmo tempo me davam certa sensação de estranheza — só muito raramente eu o via sem estar perfeitamente barbeado e bem arrumado.

— Não. Não há... nenhum sentimento de posse nisso — ele disse finalmente. Lancei-lhe um olhar de evidente descrença.

— Eu lhe asseguro — ele disse, sorrindo ligeiramente. — Na... bem. Talvez eu possa descrever isso melhor por analogia. Em minha fazenda... ela pertence a William, é claro; refiro-me a ela como minha somente no sentido de habitação...

Fiz um ruído educado na garganta, indicando que ele podia abreviar suas inclinações à absoluta precisão no interesse de contar logo o fato.

— Na fazenda — ele disse, ignorando-me — há uma grande área aberta nos fundos da casa. No começo, era uma pequena clareira e, com o passar dos anos, eu a aumentei e finalmente fiz um amplo gramado, mas a borda da clareira encosta nas árvores. Durante a noite, com muita frequência, os cervos saem da floresta para se alimentar nas bordas do gramado. De vez em quando, entretanto, eu vejo um determinado cervo. É branco, eu acho, mas parece ser prateado. Não sei se ele aparece somente quando há luar ou se é apenas que não consigo vê-lo se não tiver a claridade da lua, mas é uma visão de rara beleza.

Seus olhos haviam se enternecido e eu podia ver que ele não estava olhando o teto acima, mas o cervo branco, brilhante ao luar.

— Ele vem durante duas noites, três, raramente quatro, e depois desaparece, e eu não o vejo novamente durante semanas, às vezes meses. Depois ele vem de novo e eu fico fascinado outra vez.

Ele rolou sobre o corpo com um farfalhar de cobertas e ficou de lado, olhando para mim.

— Compreende? Eu não sou dono dessa criatura. Não seria, ainda que pudesse. Sua vinda é uma dádiva, que aceito com gratidão, mas quando ele vai embora não há nenhum sentimento de abandono ou privação. Fico apenas feliz por tê-lo pelo tempo que ele quiser ficar.

— E está dizendo que seu relacionamento com Manoke é igual. Você acha que ele também se sente dessa forma a seu respeito? — perguntei, fascinada. Ele olhou para mim, obviamente perplexo.

— Não faço a menor ideia.

— Vocês, hum, não... conversam na cama? — eu disse, tentando ser delicada.

Sua boca torceu-se e ele desviou o rosto.

— Não.

Permanecemos em silêncio por alguns momentos, examinando o teto.

— Já teve alguma vez? — perguntei repentinamente.

— Tive o quê?

— Teve um amante com quem conversava.

Lançou-me um olhar de esguelha.

— Sim. Talvez não tão francamente como me vejo conversando com você, mas sim. — Ele abriu a boca como se fosse dizer ou perguntar mais alguma coisa, mas em vez disso respirou fundo, fechou a boca com firmeza e soltou o ar devagar pelo nariz.

Eu sabia — não tinha como não saber — que ele queria muito saber como Jamie era na cama, além do que eu inadvertidamente lhe mostrara na noite anterior. E fui obrigada a admitir a mim mesma que me sentia muito tentada a contar-lhe, apenas para trazer Jamie de volta à vida pelos breves momentos em que conversávamos. Mas eu sabia que tal revelação teria um preço: não só uma posterior sensação de traição a Jamie, mas uma sensação de vergonha em usar John — quer ele quisesse ser usado ou não. Mas se as lembranças do que se passara entre Jamie e mim em nossa intimidade não fossem mais compartilhadas... ainda assim, elas pertenciam apenas a essa intimidade e não eram minhas para dispor delas.

Ocorreu-me — tardiamente, quanto tantas coisas ultimamente — que as lembranças íntimas de John pertenciam somente a ele também.

— Eu não tive intenção de bisbilhotar — disse, desculpando-me.

Ele sorriu debilmente, mas com verdadeiro humor.

— Sinto-me lisonjeado, senhora, que possa ter algum interesse em mim. Conheço muitos casamentos mais... convencionais em que os parceiros preferem permanecer na mais completa ignorância dos pensamentos e histórias um do outro.

Com grande surpresa, percebi que havia agora uma intimidade entre mim e John — inesperada e voluntária para ambas as partes, mas... lá estava ela.

Essa percepção me intimidou e com ela veio outra mais prática: a saber, que uma pessoa com rins funcionais não podia ficar deitada na cama tomando cerveja para sempre.

Ele notou meu leve movimento e levantou-se imediatamente, vestindo seu banyan antes de ir buscar meu próprio roupão — o qual, vi com inquietação, alguém fizera a gentileza de pendurar no encosto de uma cadeira para aquecer diante da lareira.

— De onde veio isso? — perguntei, indicando com a cabeça o roupão de seda que ele segurava para mim.

— De seu quarto, eu presumo. — Franziu a testa para mim por um instante antes de entender o que eu queria dizer. — Oh. A sra. Figg trouxe para cá quando veio atizar o fogo.

— Oh — exclamei frouxamente. A ideia de a sra. Figg me ver no quarto de lorde John — sem dúvida, com frio, descabelada e roncando, se não na verdade babando — era terrivelmente mortificante. Quanto a isso, o mero fato de eu estar em sua cama era profundamente embaraçoso, independente da minha aparência.

— Nós somos casados — ele ressaltou, com um tom ligeiramente cortante na voz.

— Hã... sim. Mas... — Um outro pensamento me ocorreu: talvez esta não fosse uma ocorrência tão incomum para a sra. Figg quanto eu imaginara. Ele teria recebido outras mulheres em sua cama de vez em quando? — Você dorme com mulheres? Hã... não dormir, quero dizer, mas...

Olhou-me fixamente, parou no ato de desembaraçar os cabelos.

— Não de bom grado — ele disse. Parou, em seguida abaixou o pente de prata. — Há mais alguma coisa que gostaria de me perguntar — ele indagou, com extrema educação — antes que eu mande o engraxate entrar?

A despeito do fogo na lareira, o aposento estava frio, mas minhas faces irradiavam calor. Apertei ainda mais o roupão de seda ao redor do corpo.

— Já que propõe... Sei que Brianna lhe contou o que... O que somos. Você acredita?

Ele me considerou por algum tempo antes de falar. Ele não possuía a habilidade de Jamie de mascarar seus sentimentos e pude ver sua leve irritação com a minha pergunta anterior se desfazer em divertimento. Fez uma pequena mesura para mim.

— Não — ele disse mas lhe dou minha palavra que eu naturalmente me comportarei sob todos os aspectos como se acreditasse.

Fiquei olhando fixamente para ele até perceber que estava de boca aberta, de uma maneira bem pouco atraente. Fechei a boca.

— Bastante justo — eu disse.

A estranha e diminuta bolha de intimidade em que havíamos passado a última meia hora estourara e, apesar do fato de que fora eu quem fizera perguntas intrometidas, sentia-me como um caracol repentinamente privado de sua concha —

não meramente nua, mas fatalmente exposta, emocionalmente, assim como fisicamente. Completamente perturbada, murmurei uma despedida e me dirigi para a porta.

— Claire? — ele disse, uma interrogação na voz.

Parei, a mão na maçaneta, sentindo-me muito estranha; ele nunca me chamara pelo primeiro nome antes. Precisei fazer um esforço para olhar por cima do ombro para ele, mas quando o fiz eu o vi sorrindo.

— Pense no cervo — ele disse suavemente.

Assenti, sem dizer nada, e saí. Somente mais tarde, depois de ter tomado banho — vigorosamente — e me vestido, e depois de uma revigorante xícara de chá com conhaque, é que sua última observação fez sentido para mim.

Sua vinda é uma dádiva, ele dissera a respeito do cervo branco, que aceito com gratidão.

Inspirei o vapor aromático e observei as minúsculas espirais das folhas de chá flutuarem para o fundo da xícara. Pela primeira vez em semanas, perguntei o que o futuro me reservaria.

— Bastante justo — murmurei, e esvaziei a xícara, os fragmentos de folhas de chá fortes e amargos em minha língua.

*VAGA-LUME*

Estava escuro. Mais escuro do que qualquer lugar onde ele já esteve. A noite lá fora nunca era completamente escura, mesmo com o céu nublado, mas ali era mais escuro do que o fundo do closet de Mandy quando brincavam de esconde-esconde. Havia uma fenda entre as portas, podia senti-la com seus dedos, mas nenhuma luz passava por ali. Ainda devia ser noite. Talvez houvesse luz pela fenda quando amanhecesse.

Mas talvez o sr. Cameron voltasse de manhã também. Jem afastou-se um pouco da porta, pensando nisso. Não achava que o sr. Cameron quisesse machucá-lo — ele disse que não queria —, mas ele podia tentar levá-lo de novo lá para cima das rochas e Jem não iria lá por nada neste mundo.

Pensar nas pedras doía. Não tanto quando o sr. Cameron o empurrou contra uma delas e ela... começou a funcionar, mas doía. Havia um arranhão em seu cotovelo onde ele batera na pedra, quando revidava, e ele esfregou o local agora, porque era muito melhor sentir isso do que pensar nas pedras. Não, disse a si mesmo, o sr. Cameron não iria machucá-lo, porque ele o puxara de volta da pedra quando ela tentou... engoliu em seco e procurou pensar em outra coisa.

Ele achava que sabia onde estava, apenas porque se lembrava de mamãe contar a papai sobre a peça que o sr. Cameron pregara nela, trancando-a no túnel, e ela disse que as rodas que trancavam as portas soavam como ossos sendo triturados e foi exatamente assim que soaram quando o sr. Cameron empurrou-o ali para dentro e fechou as portas.

Estava meio trêmulo. Fazia frio ali, mesmo estando com seu casaco. Não tão frio quando ele e seu avô levantavam-se antes do amanhecer e esperavam na neve que o cervo descesse para beber água, mas ainda assim bastante frio.

O ar tinha uma sensação estranha. Farejou o ar, tentando descobrir o que estava acontecendo, como seu avô e seu tio Ian sabiam fazer. Sentiu cheiro de pedra — mas apenas as velhas pedras comuns, não... elas. De metal também, e um cheiro de óleo, como em um posto de gasolina. Um tipo de odor superaquecido que lhe

pareceu ser de eletricidade. Havia alguma coisa no ar que não era bem um cheiro, mas uma espécie de zumbido. Isso era a usina de força, ele reconheceu. Não exatamente igual à grande câmara que sua mãe mostrara a ele e Jimmy Glasscock, onde as turbinas funcionavam, mas parecida. Máquinas, portanto. Sentiu-se um pouco melhor. Sentia-se bem com as máquinas.

Pensar em máquinas o fez lembrar que sua mãe dissera que havia um trem ali, um trenzinho, e isso o fez se sentir muito melhor. Se havia um trem ali, não era tudo apenas espaço escuro e vazio. Talvez aquele zumbido fosse do trem.

Ele estendeu os braços e seguiu em frente arrastando os pés até bater em uma parede. Então, tateou ao redor e caminhou ao longo da parede com uma das mãos sobre ela, e descobriu que estava indo na direção errada quando literalmente deu de cara com as portas.

— Ai! — exclamou.

O som de sua própria voz o fez rir, mas a risada soou estranha no grande espaço vazio; parou e deu meia-volta, seguindo na outra direção, com a outra mão na parede para se guiar.

Onde estaria o sr. Cameron agora? Ele não disse aonde ia. Só disse a Jem para esperar que ele voltaria com comida.

Sua mão tocou em algo redondo e liso, e ele deu um salto para trás. Mas nada se moveu e ele colocou a mão sobre o objeto. Cabos de força, correndo ao longo da parede. Grandes. Podia sentir um leve zumbido dentro deles, o mesmo que ouvia quando seu pai ligava o motor do carro. Isso o fez pensar em Mandy. Ela possuía aquele tipo de zumbido sereno quando dormia e um mais alto quando estava acordada.

Imaginou repentinamente se o sr. Cameron não teria ido buscar Mandy e o pensamento o deixou com medo. O sr. Cameron queria saber como se atravessava as pedras e Jem não sabia lhe dizer — mas Mandy sem dúvida tampouco poderia, ela era apenas um bebê. Pensar nisso o fez se sentir oco e ele tentou entrar em contato com ela, em pânico.

Mas lá estava ela. Algo como uma pequena luz cálida em sua cabeça, e ele respirou fundo. Mandy estava bem, então. Ficou interessado em descobrir que ele podia saber disso mesmo estando ela distante. Nunca antes pensara em tentar, em geral ela simplesmente estava lá, enchendo seu saco, e quando ele e seus amigos saíam sem ela ele não pensava nela.

Seu pé bateu em algo e ele parou, estendendo uma das mãos para descobrir o que era. Não encontrou nada e, após um instante, adquiriu coragem de se afastar da parede e ir mais longe, avançando para dentro da escuridão. Seu coração batia com força e ele começou a suar, embora ainda sentisse frio. Seus dedos tocaram em metal e seu coração deu um salto no peito. O trem!

Encontrou a abertura e foi tateando para dentro engatinhando sobre as mãos e os joelhos. Ao se levantar, bateu a cabeça na peça dos controles. Isso o fez ver estrelinhas e ele deu um gritinho agudo. Soou estranho, sem tanto eco agora que ele estava dentro do trem, e ele deu uma risadinha.

Ele sondou os controles. Eram como sua mãe havia dito, apenas um interruptor e uma pequena alavanca, e ele apertou o interruptor. Uma luz vermelha brilhou repentinamente e o fez dar um salto. Mas só o fato de vê-la o fez se sentir muito melhor. Podia sentir a eletricidade percorrendo o trem e isso também o fez se sentir melhor. Empurrou a alavanca, apenas um pouco, e ficou encantado de sentir o trem se mover.

Para onde ele ia? Empurrou a alavanca um pouco mais e o ar começou a soprar seu rosto. Cheirou-o, mas ele não lhe disse nada. Mas estava se afastando das grandes portas — se afastando do sr. Cameron.

Será que o sr. Cameron iria tentar saber sobre as pedras com sua mãe e seu pai? Jem esperava que sim. Seu pai iria fazer picadinho do sr. Cameron, disse ele tinha certeza, e o pensamento o reconfortou. Então, eles viriam e o encontrariam, e tudo ficaria bem. Imaginou se Mandy conseguiria dizer a eles onde ele estava. Ela o conhecia do mesmo modo que ele a conhecia. E ele olhou para a pequena luz vermelha no trem. Brilhava como Mandy, firme e afetuosa, e ele sentiu-se bem olhando para ela. Empurrou a alavanca um pouco mais e o trem acelerou dentro da escuridão.



NEXUS

Rachel cutucou a ponta de um pão, desconfiada. A vendedora, percebendo, virou-se para ela com um rosnado.

— Ei, você, não toque nisso! Se quiser, custa um penny. Se não, vá embora.

— De quando é este pão? — Rachel perguntou, ignorando a carranca da jovem. — Tem cheiro de pão dormido e é tão velho quanto parece, eu não lhe daria mais do que meio penny por um.

— Só tem um dia! — A jovem puxou de volta a bandeja de pães, indignada. — Não haverá pão fresco até quarta-feira; meu patrão não consegue farinha de trigo até lá. Agora, quer pão ou não?

— Humm — Rachel disse, fingindo ceticismo. Denny teria um ataque se achasse que ela estava tentando ludibriar a mulher, mas havia uma diferença entre pagar um preço justo e ser roubado, e não era mais justo deixar que a mulher a enganasse do que ao contrário.

Aquilo eram farelos na bandeja? E aquelas eram marcas de dentes na ponta daquele pão? Inclinou-se para examinar mais de perto, franzindo o cenho, e Rollo ganiu de repente.

— Acha que os ratos andaram por ali, cachorro? — ela lhe perguntou. — Eu também.

Mas Rollo não estava interessado em ratos. Ignorando tanto a pergunta de Rachel quanto a resposta indignada da vendedora de pães, ele cheirava o chão com grande aplicação, fazendo um ruído estranho, agudo, na garganta.

— O que você tem, cachorro? — Rachel disse, olhando consternada para aquele comportamento. Colocou a mão em seu pescoço e ficou surpresa com a vibração que percorria o grande corpo peludo.

Rollo ignorou o toque de sua mão, assim como sua voz. Ele se movia — quase correndo — em pequenos círculos, ganindo, o focinho rente ao chão.

— Este cachorro não ficou maluco, não é? — a ajudante do padeiro perguntou, observando a cena.

— Claro que não — Rachel disse distraidamente. — Rollo... Rollo!

O cachorro havia repentinamente irrompido para fora da padaria, o focinho no chão, e dirigia-se para o final da rua, quase correndo em sua ansiedade.

Resmungando baixinho, Rachel agarrou sua cesta de compras e foi atrás dele.

Para seu espanto, ele já estava na rua seguinte e desapareceu em uma esquina enquanto ela olhava. Ela correu, chamando-o, a cesta batendo contra sua perna e ameaçando derramar as compras que ela já fizera.

O que havia com ele? Ele nunca agira assim antes. Correu mais depressa, tentando não perdê-lo de vista.

— Cachorro malvado — disse, arfando. — Vai ser bem feito para você se eu deixá-lo ir embora! — Mas continuou correndo atrás dele, chamando-o. Uma coisa era Rollo deixar a estalagem em suas próprias expedições de caça — ele sempre retornava. Mas ela estava bem longe da hospedaria e temia que ele se perdesse. — Mesmo com um olfato tão bom assim, sem dúvida você poderia me seguir de volta! — ela arquejou e, em seguida, parou de repente, atingida por um pensamento.

Ele estava seguindo um cheiro, isso era claro. Mas que cheiro faria o cachorro correr assim? Certamente não se tratava de um gato, nem de um esquilo...

— Ian — sussurrou consigo mesma. — Ian.

Segurou as saias e correu atrás do cachorro, o coração martelando em seus ouvidos, enquanto ela mesma tentava restringir a desenfreada esperança que sentia. Ainda podia ver o cachorro, o focinho no chão e o rabo abaixado, concentrado em sua trilha. Ele entrou em um beco e ela o seguiu sem hesitação, saltando e dando guinadas para os lados, no esforço de evitar pisar nos detritos nojentos, esparramados no caminho.

Qualquer um desses teriam normalmente fascinado qualquer cachorro, inclusive Rollo — e no entanto ele ignorava tudo, seguindo seu faro.

Agora entendia por que as pessoas diziam "obstinado como um cão", pensou com um sorriso.

Poderia ser Ian? Sem dúvida, era loucura pensar isso; sua esperança seria frustrada, mas mesmo assim não conseguia dominar a convicção que tomara seu peito de assalto com a possibilidade. A cauda de Rollo abanou-se de uma esquina e ela arremeteu-se para frente, sem fôlego.

Se fosse Ian, o que poderia estar fazendo? A pista os levava na direção da periferia da cidade — não ao longo da rua principal, mas bem longe da parte próspera e organizada da cidade, para uma zona de casas miseráveis e acampamentos informais dos seguidores do exército britânico. Um bando de galinhas se espalhou, cacarejando, com a aproximação de Rollo, mas ele não parou. Agora ele andava em círculos, de volta, saindo de trás de um barraco para uma viela de terra batida, ziguezagueando entre fileiras de casas amontoadas.

Ela sentia uma dor no lado do corpo e o suor escorria pelo seu rosto, mas ela, também, conhecia o significado de "obstinado como um cão" e continuou. Mas o cachorro estava se distanciando dela; iria perdê-lo de vista a qualquer instante — seu sapato direito havia esfolado a pele de seu calcanhar e sentia como se estivesse cheio de sangue, embora isso provavelmente fosse imaginação. Ela vira homens com os sapatos cheios de sangue...

Rollo desaparecera no final da rua e ela lançou-se atrás dele, suas meias descendo pelas pernas e suas anáguas pendendo, de modo que ela pisava na bainha e as rasgava. Se de fato encontrasse Ian, ela teria algo a lhe dizer, pensou. Se ainda conseguisse falar, a essa altura.

Não havia sinal do cachorro no fim da rua. Olhou desesperadamente em volta. Estava nos fundos de uma taverna; podia sentir o cheiro do lúpulo das tinas de fermentação e o mau cheiro do refugo, e ouvia vozes vindas do outro lado do prédio. Vozes de soldados — não havia como se enganar com a maneira como os soldados falavam, ainda que não pudesse distinguir as palavras — e ela estancou, o coração na boca.

Mas eles não haviam capturado alguém; era apenas a maneira comum de os homens conversarem, descontraídos, preparando-se para fazer alguma coisa. Ouviu o tilintar e o chocalhar dos equipamentos, o barulho de botas no calçamento...

Alguém agarrou seu braço e ela engoliu o grito antes que irrompesse pela sua garganta, aterrorizada de revelar a presença de Ian. Mas não foi Ian quem a agarrou. Dedos rígidos fincaram-se em seu braço, e um velho alto, de cabelos brancos, olhou-a de cima a baixo com olhos ardentes.

Ian estava faminto. Não comia há mais de vinte e quatro horas, sem querer perder tempo para caçar ou encontrar uma fazenda que pudesse lhe dar comida. Já percorrera os trinta e cinco quilômetros de Valley Forge em uma espécie de transe, mal notando a distância.

Rachel estava ali. Por algum milagre, ali, na Filadélfia. Ele levava algum tempo para superar as suspeitas dos soldados de Washington, mas finalmente um corpulento oficial alemão, com um enorme nariz e um jeito amistoso e inquiridor, aproximara-se e demonstrara curiosidade em relação ao arco de Ian. Uma breve demonstração da arte de manejar arco e flecha com uma conversa em francês — uma vez que o inglês do oficial alemão era muito rudimentar — e ele pôde finalmente perguntar sobre o paradeiro de um médico chamado Hunter.

No começo, isso provocou apenas olhares vazios, mas Von Steuben gostara de Ian e enviou alguém para indagar enquanto ele trazia um pouco de pão. Finalmente, a pessoa enviada voltou e disse que havia um médico chamado Hunter, que geralmente estava no acampamento, mas que ia de vez em quando à Filadélfia para cuidar de um paciente particular. A irmã de Hunter? A pessoa não soube dizer.

Mas Ian conhecia os Hunter: onde Denzell estivesse, Rachel estaria. É bem verdade que ninguém sabia onde na Filadélfia morava o paciente particular do dr. Hunter — havia alguma reserva a esse respeito, alguma hostilidade que Ian não compreendia, mas que estava impaciente demais para deslindar —, ao menos eles estavam na Filadélfia.

E agora Ian também estava. Ele se esgueirara para dentro da cidade pouco antes do amanhecer, movendo-se cautelosa e silenciosamente pelos acampamentos que cercavam a cidade, passando pelas formas enroladas em cobertores, dormindo, e pelas fogueiras dos acampamentos, abafadas e com forte cheiro de fumaça.

Havia comida na cidade, comida em abundância, e ele parou por um instante de antecipado êxtase na beira da praça do mercado, decidindo-se entre peixe empanado ou um pastel. Ele acabara justamente de dar um passo à frente, na direção da barraca da vendedora de pastéis, quando viu a mulher olhar por cima do ombro dele e seu rosto mudar para uma expressão de horror.

Ele girou nos calcanhares e foi derrubado no chão. Ouviu uma gritaria, mas se perdeu na louca lambança da língua de Rollo lambendo cada centímetro de seu rosto, inclusive dentro do seu nariz.

Com isso, ele resfolegou com força e sentou-se parcialmente, protegendo-se do cachorro extático.

— A cú! — exclamou, e abraçou a criatura enorme e agitada, encantado. Em seguida, segurou o pescoço do cachorro com as duas mãos, rindo de suas demonstrações de alegria. — Sim, eu também estou feliz em ver você — ele disse a Rollo. — Mas o que foi que você fez com Rachel?

A mão decepada de Fergus coçava. Há bastante tempo isso não acontecia e quisera que não acontecesse agora. Ele estava usando uma luva recheada de farelo de trigo e presa à sua manga em vez de seu útil gancho — ele era muito mais notado com ele — e era impossível coçar o toco de seu braço.

Procurando se distrair, saiu do celeiro onde dormia e foi caminhando descontraidamente até uma fogueira de acampamento próxima. A sra. Hempstead cumprimentou-o com um sinal da cabeça, pegou uma caneca de lata, onde despejou uma concha de mingau ralo, e entregou-a a ele. Sim, bem, pensou, havia alguma vantagem na luva, afinal — não podia agarrar a caneca com ela, mas podia usá-la para segurar a caneca quente contra o peito sem se queimar. E, ficou satisfeito em descobrir, o calor acabava com a coceira.

— Bort jour, madame — ele disse, com uma mesura educada, e a sra. Hempstead sorriu, apesar de seu cansaço e desalinho. Seu marido fora morto em Paoli e ela tentava obter o sustento de seus três filhos lavando roupa para os oficiais ingleses. Fergus aumentava sua renda em troca de comida e abrigo. Sua casa fora tomada pelo irmão de seu marido, mas ele havia felizmente permitido que ela e sua

família dormissem no celeiro — Fergus alugava um dos três ou quatro cubículos do celeiro.

— Teve um homem procurando pelo senhor — ela disse em voz baixa, ao lhe dar um copo de água.

— É mesmo? — Absteve-se de olhar ao redor; se o homem ainda estivesse ali, ela teria lhe dito. — Você viu esse homem?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, senhor. Ele falou com o sr. Jessop, que contou ao filho mais novo da sra. Wilkins, que passou por aqui e falou com Mary. Jessop disse que ele era um escocês, muito alto, um homem de boa aparência. Achou que ele já devia ter sido um soldado.

O peito de Fergus encheu-se de ânimo, quente como o mingau.

— Tinha cabelos ruivos? — ele perguntou, e a sra. Hempstead olhou-o surpresa.

— Bem, não sei o que o menino disse. Mas deixe-me perguntar a Mary.

— Não se preocupe, senhora. Eu mesmo perguntarei. — Engoliu o resto do mingau, quase escaldando a garganta, e devolveu-lhe a caneca.

A pequena Mary, cuidadosamente interrogada, não sabia se o escocês alto tinha cabelos ruivos; ela não o vira e Tommy Wilkins não dissera. No entanto, ele havia lhe dito onde o sr. Jessop vira o sujeito, e Fergus, agradecendo a Mary com o melhor de sua cortesia gaulesa — o que a fez corar —, dirigiu-se para a cidade, o coração acelerado.

Rachel puxou o braço com um safanão, mas o velho apenas apertou-o com mais força, o polegar enfiando-se no músculo abaixo do seu ombro.

— Solte-me, amigo — ela disse calmamente. — Você me confundiu com outra pessoa.

— Oh, acho que não — ele disse educadamente, e ela notou que ele era escocês. — O cachorro é seu, não é?

— Não — ela disse, intrigada e começando a ficar assustada. — Só estou tomando conta dele para um amigo. Por quê? Ele comeu uma de suas galinhas? Terei prazer em lhe pagar por ela... — Procurou afastar-se dele, tateando com a mão livre em busca de sua bolsa, avaliando as chances de fuga.

— Ian Murray é o nome de seu amigo — ele disse e ela ficou, então, genuinamente alarmada ao ver que ele não formulou a frase como uma pergunta.

— Solte-me — ela disse, com mais ênfase. — Não tem direito de me deter.

Ele não deu nenhuma atenção a isso, mas fitou intensamente seu rosto. Seus olhos eram velhos, avermelhados e remelentos — mas afiados como lâminas.

— Onde ele está?

— Na Escócia — ela lhe disse, e o viu pestanejar de surpresa. Ele inclinou-

se um pouco para fitá-la nos olhos.

— Você o ama? — o velho perguntou baixinho, mas não havia nada de suave no tom de sua voz.

— Solte-me! — Ela chutou sua canela, mas ele deu um passo para o lado com uma agilidade que a surpreendeu. Sua capa abriu-se quando ele se moveu e ela vislumbrou um brilho de metal em sua cintura. Era um pequeno machado e, com a repentina lembrança da terrível casa em Nova Jersey, ela deu um safanão para trás e gritou com todas as forças.

— Quieta! — o velho retrucou rispidamente. — Venha comigo. — Ele colocou a mão grande sobre sua boca e tentou puxá-la, mas ela se debateu, chutou e conseguiu livrar sua boca o tempo suficiente para gritar outra vez, o mais alto possível.

Exclamações alarmadas, assim como o som de botas pesadas, vieram rapidamente em sua direção.

— Rachel! — Um berro familiar atingiu seus ouvidos e seu coração deu um salto.

— William! Socorro!

William corria para ela e, a alguma distância atrás dele, mais três ou quatro soldados ingleses, mosquetes na mão. O velho disse alguma coisa em gaélico, em tons de absoluta surpresa, e soltou-a tão repentinamente que ela cambaleou para trás, tropeçou na bainha rasgada de sua anágua e caiu sentada na rua.

O velho afastava-se, mas William estava enfurecido; arremeteu-se contra o sujeito, abaixando o ombro, obviamente pretendendo derrubá-lo. Mas o velho tinha o machado na mão e Rachel gritou o nome de William com todas as suas forças. Em vão. Viu-se um lampejo de luz sobre o metal e um baque surdo nauseante, e William cambaleou para o lado, deu dois passos desengonçados e caiu.

— William! William! Oh, meu Deus, oh, meu Deus... — Ela não conseguiu ficar de pé, mas arrastou-se até ele o mais depressa possível, gemendo. Os soldados gritavam, rugindo, perseguindo o velho, mas ela não tinha nenhuma atenção a dispensar a eles. Tudo que via era o rosto de William, mortalmente pálido, os olhos revirados para trás de modo que se via o branco dos olhos, e o sangue escorrendo, escuro, ensopando seus cabelos.

Ajeitei William na cama, apesar de seus protestos, e mandei que ficasse lá. Eu tinha quase certeza de que os protestos eram por Rachel, já que assim que eu a enxotei do quarto ele permitiu que eu o ajudasse a se recostar no travesseiro, o rosto pálido e pegajoso sob a atadura enrolada ao redor de sua cabeça.

— Durma — eu disse. — Vai se sentir muito mal pela manhã, mas não vai morrer.

— Obrigada, mãe Claire — ele murmurou, com um débil sorriso. — Você é

sempre um grande consolo. Mas, antes que vá... — Por pior que ele se sentisse, sua mão em meu braço era sólida e firme.

— O que foi? — perguntei cautelosamente.

— O homem que atacou Rachel. Tem ideia de quem é ele?

— Sim — eu disse relutantemente. — Pela descrição dela, é um homem chamado Arch Bug. Ele vivia perto de nós na Carolina do Norte.

— Ah. — Seu rosto estava pálido e viscoso, mas os olhos azul-escuros brilharam um pouco de interesse. — Ele é louco?

— Sim, creio que sim. Ele... perdeu a mulher em circunstâncias muito trágicas e acredito que isso de certo modo tenha afetado suas faculdades mentais.

— Eu realmente achava que essa era a verdade, e os meses e meses desde aquela noite de inverno em Ridge, sozinho na floresta, percorrendo estradas intermináveis, ouvindo a voz distante de sua esposa morta... Se no começo ele não era maluco, eu achava que agora era. Ao mesmo tempo, não estava disposta a contar toda a história a William. Não agora, e provavelmente nunca.

— Falarei com alguém — ele disse, e repentinamente deu um grande bocejo. — Desculpe-me. Estou... com um sono terrível.

— Você tem uma concussão — eu lhe disse. — Virei acordá-lo de hora em hora. Vai falar com quem?

— Oficial — ele disse indistintamente, os olhos já se fechando. — Mandar homens à procura dele. Não posso deixar que ele... Rachel. — Seu nome veio com um suspiro enquanto o corpo grande e jovem ficava paulatinamente frouxo. Observei-o por um instante para ter certeza de que estava realmente adormecido. Então, beijei sua testa delicadamente, pensando, com o mesmo aperto no coração com que beijara sua irmã com a mesma idade — Meu Deus, você é tão parecido com ele.

A própria Rachel aguardava no patamar da escada, ansiosa e desalinhada, embora tivesse feito algum esforço para arrumar os cabelos e a touca.

— Ele vai ficar bem?

— Sim, creio que sim. Tem uma concussão leve... sabe o que é? Sim, claro que sabe. Dei três pontos em sua cabeça. Ele vai ter uma dor de cabeça insuportável amanhã, mas foi um ferimento de raspão, nada grave.

Ela suspirou, os ombros delicados abaixando-se repentinamente quando a tensão se esvaiu.

— Graças a Deus — ela disse, depois olhou para mim e sorriu. — E a você, também, mamãe Claire.

— Foi um prazer ajudar — eu disse sinceramente. — Tem certeza de que está bem? Devia se sentar e tomar alguma coisa. — Ela não estava ferida, mas o choque da experiência havia obviamente deixado suas marcas. Eu sabia que ela não

tomava chá, por uma questão de princípios, mas um pouco de conhaque, até mesmo de água...

— Estou bem. Melhor do que nunca. — Aliviada de sua preocupação com William, ela agora olhou para mim, o rosto radiante. — Claire, ele está aqui! Ian!

— O quê? Onde?

— Não sei! — Ela olhou para a porta do quarto de William e puxou-me para mais longe um pouco, abaixando a voz. — O cachorro, Rollo. Ele farejou alguma coisa e partiu atrás do cheiro como uma bala. Corri atrás dele, e foi então que me deparei com o pobre louco. Eu sei, você vai me dizer que ele pode correr atrás de qualquer coisa, e pode mesmo... mas, Claire, ele não voltou! Se não tivesse encontrado Ian, ele teria voltado.

Sua empolgação me contagiou, apesar de ter medo de ter tantas esperanças quanto ela. Havia outras coisas que podiam impedir Rollo de voltar, e nenhuma delas era boa. Uma delas era Arch Bug.

A descrição que ela fez dele me desconcertara — e no entanto ela estava certa, compreendi. Desde o funeral da sra. Bug em Fraser's Ridge, eu via Arch Bug como uma ameaça apenas a Ian — no entanto, com as palavras de Rachel, eu também vi as mãos artríticas, aleijadas, tateando para colocar um broche na forma de um pássaro na mortalha de sua amada mulher. Pobre louco, de fato.

E extremamente perigoso.

— Vamos descer — eu lhe disse, com outro olhar para a porta do quarto de William. — Tenho que lhe falar do sr. Bug.

— Oh, Ian — ela murmurou, quando terminei meu relato. — Oh, pobre homem.

— Eu não sabia se a última exclamação se referia ao sr. Bug ou a Ian, mas ela tinha razão, de qualquer forma. Ela não chorou, mas seu rosto ficara pálido e imóvel.

— Ambos — concordei. — Todos os três, se contar a sra. Bug.

Ela sacudiu a cabeça, de consternação, não por discordar.

— Então foi por isso que... — ela disse, mas parou.

— O quê?

Ela fez uma leve careta, mas olhou para mim e deu de ombros.

— Foi por isso que ele me disse que tinha medo de que eu pudesse morrer porque o amava.

— Sim, imagino que sim.

Continuamos sentadas por mais alguns instantes com nossas xícaras fumegantes de chá de erva-cidreira, analisando a situação. Finalmente, ela ergueu os olhos e engoliu em seco.

— Acha que Ian pretende matá-lo?

— Eu... bem, não sei — respondi. — Certamente, em princípio, não; ele se sentiu muito mal com o que aconteceu à sra. Bug...

— Com o fato de tê-la matado, você quer dizer. — Lançou-me um olhar franco e direto; Rachel Hunter não era pessoa de fugir dos problemas.

— Sim. Mas se ele compreender que Arch Bug sabe quem você é, souber o que você significa para Ian, e pretender lhe causar algum mal... e não se engane sobre isso, Rachel, ele realmente pretende atingi-la... — tomei um gole do chá quente e respirei fundo — sim, acho que Ian iria tentar matá-lo.

Ela ficou absolutamente imóvel, a fumaça de seu chá o único movimento.

— Ele não deve — ela disse.

— Como pretende impedi-lo? — perguntei, por curiosidade.

Ela soltou um suspiro lento e longo, os olhos fixos no suave redemoinho da superfície de seu chá.

— Rezar — ela disse.



MISCHIANZA

18 de maio de 1778

Walnut Grove, Pensilvânia

Já fazia muito tempo desde a última vez em que eu vira um pavão dourado assado e realmente não esperava ver outro. Certamente, não na Filadélfia. Não que eu devesse estar surpresa, pensei, inclinando-me para olhar mais de perto — sim, ele realmente tinha olhos feitos de diamantes. Não depois da regata no Delaware, as três bandas de música levadas em barcaças e a saudação de dezessete tiros de canhão dos navios de guerra no rio. A noite fora anunciada como uma "mischianza". A palavra significa "miscelânea" em italiano — segundo me disseram — e no caso presente parecia ter sido interpretada de forma a permitir às almas mais criativas do exército britânico e da comunidade legalista rédea larga na produção de uma celebração de gala em homenagem ao general Howe, que pedira exoneração do cargo de comandante em chefe, a ser substituído por sir Henry Clinton.

— Sinto muito, minha cara — John murmurou ao meu lado.

— Por quê? — perguntei, surpresa.

Ele, por sua vez, também ficou surpreso; suas sobrancelhas louras arquearam-se.

— Ora, conhecendo suas preferências políticas, devo supor que seja difícil para você, ver tanta... — fez um gesto discreto com a mão, indicando a exibição de opulência à nossa volta, que certamente não se limitava ao faisão — ...tanta pompa e despesas extravagantes dedicadas a... a...

— À gula? — terminei secamente. — Talvez... mas não. Sei o que vai acontecer.

Ele pestanejou, muito desconcertado.

— O que vai acontecer? A quem?

O tipo de profecia que eu possuía raramente era uma dádiva bem-vinda; nestas circunstâncias, entretanto, eu senti um prazer um pouco cruel em lhe contar.

— A vocês. Ao exército britânico, quero dizer, não a você pessoalmente. Eles vão perder a guerra dentro de três anos. De que vão adiantar faisões dourados, então, hein?

Seu rosto torceu-se e ele disfarçou um sorriso.

— De fato.

— Sim, de fato — retruquei amistosamente. — Fuirich agus chi thu.

— O quê? — Olhou-me fixamente.

— Gaélico — eu disse, com uma pequena e profunda pontada de dor. — Significa "Espere e verá".

— Oh, farei isso — assegurou-me. — Nesse ínterim, permita-me apresentar-lhe o tenente-coronel Banastre Tarleton, da Legião Britânica. — Ele fez uma mesura para um jovem baixo e rijo que se aproximara de nós, um oficial dos dragões em um uniforme verde-garrafa. — Coronel Tarleton, minha esposa.

— Lady John. — O jovem inclinou-se diante de minha mão, roçando-a com lábios muito vermelhos e muito sensuais. Tive vontade de limpar a mão na minha saia, mas não o fiz. — Está se divertindo?

— Estou aguardando os fogos de artifício. — Ele possuía olhos astutos de raposa que não deixavam nada escapar, e sua boca vermelha e succulenta torceu-se diante disso, mas ele sorriu e não fez nenhum comentário, virando-se para lord John. — Meu primo Richard me roga que lhe mande suas lembranças.

O ar de agradável cordialidade de John tornou-se uma satisfação genuína diante disso.

— Richard Tarleton foi meu oficial subalterno em Crefeld — ele me explicou antes de voltar sua atenção novamente para o dragão verde. — Como ele vai indo, senhor?

Resvalaram imediatamente para uma conversa detalhada de comissões, promoções, campanhas, movimentos de tropas e política parlamentar, e eu me afastei. Não por tédio, mas por diplomacia. Eu não prometera a John que iria me abster de passar adiante informações úteis; ele não pediu. Mas tato e um certo senso de obrigação exigiam que eu ao menos não adquirisse tais informações através dele, ou diretamente embaixo do seu nariz.

Perambulei devagar pelo meio da multidão no salão de baile, admirando os vestidos das mulheres, muitos importados da Europa, a maioria do restante modelada segundo tais importações com os tecidos que podiam ser encontrados localmente. As sedas brilhantes e bordados reluzentes formavam um contraste tão grande com os tecidos rústicos e as musselinas que eu estava acostumada a ver que tudo parecia irreal — como se de repente eu me visse em um sonho. Essa impressão era intensificada pela presença no meio da multidão de vários cavaleiros, vestidos com mantos e tabardos, alguns com o elmo enfiado debaixo do braço — os festejos

da tarde haviam incluído um torneio simulado de justa — e de diversas pessoas com máscaras fantásticas e fantasias extravagantes, que presumi que mais tarde fariam parte de alguma apresentação teatral. Minha atenção voltou para a mesa onde as espalhafatosas iguarias estavam dispostas: o pavão, as penas da cauda abertas em um grande leque, ocupava o lugar de honra no centro da mesa, mas estava ladeado por um javali assado inteiro em uma cama de repolho — este exalando um aroma que fez meu estômago roncar — e três enormes tortas de carne de caça, decoradas com pássaros canoros recheados. Estes me fizeram recordar do jantar do rei da França com os rouxinóis recheados, e meu apetite desapareceu imediatamente em uma ânsia de náusea e de pesar.

Desviei o olhar apressadamente de volta ao pavão, engolindo. Perguntei-me o quanto seria difícil extrair aqueles olhos de diamantes e se alguém os estaria vigiando. Era quase certo que sim e eu olhei à volta para ver se conseguia identificá-lo. Sim, lá estava ele, um soldado uniformizado, parado em um canto entre a mesa e o enorme console da lareira, os olhos vigilantes.

Mas eu não precisava roubar diamantes, pensei, e meu estômago contraiu-se um pouco. Eu os tinha. John me dera um par de brincos de diamantes. Quando chegasse a hora de eu partir...

— Mãe Claire!

Eu estava me sentindo agradavelmente invisível e, arrancada repentinamente dessa ilusão, olhei para o outro lado do salão e avistei Willie, a cabeça desgrenhada despontando do tabardo com uma cruz vermelha de um Cavaleiro Templário, acenando entusiasticamente.

— Gostaria que você pensasse em outra maneira de me chamar — eu disse, alcançando-o. — Sinto-me como se devesse estar rodopiando por aí em um hábito de madre religiosa com um rosário na cintura.

Ele riu, apresentou a jovem que lhe lançava olhares melosos como srta. Chew e se ofereceu para ir pegar sorvetes para nós duas. A temperatura no salão de baile era elevada e o suor escurecia não poucas das sedas luminosas.

— Que vestido elegante — a srta. Chew disse educadamente. — É da Inglaterra?

— Oh — eu disse, um pouco desconcertada. — Não sei. Mas obrigada — acrescentei, abaixando os olhos para mim mesma pela primeira vez. Eu não havia realmente prestado atenção ao vestido, além das necessidades mecânicas de entrar nele; vestir-me não passava de um estorvo diário e, desde que nada fosse apertado demais ou me incomodasse, eu não me preocupava com o que estava vestindo.

John me presenteara com o vestido esta manhã, bem como convocara um cabeleireiro para me arrumar do pescoço para cima. Eu fechara os olhos, um pouco chocada em como era prazeroso o toque dos dedos do sujeito nos meus cabelos —

porém ainda mais chocada quando ele me deu um espelho e eu vi uma elaborada torre de cachos e talco, com um minúsculo navio encarapitado nela. Com as velas desfraldadas.

Esperei até ele sair, depois apressadamente escovei meus cabelos retirando enfeites e cachos e os preendi para cima da maneira mais simples possível. John me lançou um olhar, mas não disse nada. No entanto, preocupada com a cabeça, eu não tivera tempo de me olhar abaixo do pescoço e fiquei vagamente satisfeita agora de ver como a seda cor de chocolate me caía bem. Escura o suficiente para não mostrar manchas de suor, pensei.

A srta. Chew olhava para William como um gato espreitando um rato gordo e bonito, franzindo um pouco a testa quando ele parou para flertar com duas outras jovens.

— Lorde Ellesmere vai permanecer muito tempo na Filadélfia? — ela perguntou, os olhos ainda fixos nele. — Alguém me disse que ele não deverá ir com o general Howe. Assim espero!

— É verdade — eu disse. — Ele se rendeu com o general Burgoyne; essas tropas estão todas em condicional e devem voltar para a Inglaterra, mas há alguma razão administrativa que os impede de embarcar agora. — Eu sabia que William esperava ser trocado por outro oficial, para poder lutar outra vez, mas não mencionei o fato.

— Verdade? — ela disse, iluminando-se. — Que notícia esplêndida! Talvez ele esteja aqui para meu baile no mês que vem. Naturalmente, não será tão bom quanto este — arqueou o pescoço um pouco, inclinando a cabeça na direção dos músicos que haviam começado a tocar na outra extremidade do salão —, mas o major André disse que usará seus dons para pintar a tela de fundo de modo que tenhamos um cenário, portanto será...

— Desculpe-me — eu a interrompi —, você disse major André? Major... John André?

Ela olhou para mim com surpresa, um pouco contrariada com minha interrupção.

— Claro. Ele desenhou as fantasias para ajusta hoje e escreveu a peça que encenarão mais tarde. Olhe, lá está ele, conversando com lady Clinton.

Olhei para onde ela apontara com seu leque, sentindo um calafrio percorrer meu corpo, apesar do calor no aposento.

O major André estava no centro de um grupo de homens e mulheres, rindo e gesticulando, obviamente o foco da atenção de todos. Era um jovem bem-apessoado de vinte e poucos anos, o uniforme de corte perfeito e um rosto vívido, afogueado de calor e satisfação.

— Ele parece... encantador — murmurei, querendo desviar os olhos dele,

mas sem conseguir.

— Oh, sim! — a srta. Chew exclamou com entusiasmo. — Ele, eu e Peggy Shippen fizemos quase tudo para a *mischianza* juntos; ele é maravilhoso, sempre com excelentes ideias, e toca flauta divinamente. Uma pena que o pai de Peggy não a tenha deixado vir esta noite, muito injusto! — Mas achei que havia um tom de satisfação subjacente em sua voz; ela estava muito contente de não ter que dividir os holofotes com sua amiga. — Deixe-me apresentá-lo a você — ela disse repentinamente e, fechando o leque, passou o braço pelo meu. Fui pega inteiramente de surpresa e não consegui encontrar uma maneira de me desvencilhar antes de me ver arrastada para o grupo ao redor de André, com a srta. Chew tagarelando alegremente com ele, rindo para ele, a mão pousada em seu braço com familiaridade. Ele sorriu para ela, depois se voltou para mim, os olhos entusiasmados e vívidos.

— Encantado lady John — ele disse, com uma voz suave e aveludada.

— Eu... sim — eu disse abruptamente, quase me esquecendo da resposta de praxe. — Você... sim. Prazer em conhecê-lo! — Retirei minha mão antes que ele a pudesse beijar, desconcertando-o, e recuei um passo. Ele piscou, mas a srta. Chew solicitou sua atenção novamente e eu me afastei, indo ficar perto da porta onde ao menos havia um pouco de ar fresco. Eu estava coberta de suor frio e todos os meus músculos vibravam.

— Oh, aí está você, mãe Claire! — Willie surgiu ao meu lado, dois sorvetes um pouco derretidos nas mãos, suando copiosamente. — Tome.

— Obrigada. — Peguei um, notando distraidamente que meus dedos estavam quase tão frios quanto a taça de prata embaçada com a temperatura do sorvete.

— Está se sentindo bem, mãe Claire? — Ele inclinou-se para olhar para mim, preocupado. — Está muito pálida. Como se tivesse visto um fantasma. — Ele fez uma expressão de constrangimento como um breve pedido de desculpas por esta desastrada referência à morte, mas fez um esforço para devolver o sorriso. Não foi um esforço terrivelmente bem-sucedido, porque ele tinha razão. Eu acabara de ver um fantasma.

O major John André era o oficial inglês com quem Benedict Arnold — herói de Saratoga e ainda um lendário patriota — por fim iria conspirar. E o homem que iria para a forca por tomar parte nessa conspiração, em algum momento nos próximos três anos.

— Gostaria de se sentar um pouco? — Willie olhava-me com a testa franzida, preocupado, e fiz um esforço para me livrar do meu horror. Não queria que ele se oferecesse para deixar o baile e ir me levar para casa; ele obviamente estava se divertindo. Sorri para ele, mal sentindo meus lábios.

— Não, está tudo bem — eu disse. — Acho... que vou dar uma volta lá fora para tomar um pouco de ar fresco.



UMA BORBOLETA NO PÁTIO DE UM AÇOUGUEIRO

Rollo estava embaixo de uma moita, ruidosamente devorando os restos de um esquilo que capturara. Ian sentava-se em uma pedra, contemplando-o.

A cidade da Filadélfia estava fora de vista; ele podia sentir o cheiro da névoa de nuvem, o odor de milhares de pessoas vivendo amontoadas. Podia ouvir o barulho das pessoas indo para lá, na estrada que ficava há apenas cem metros dali. E em algum lugar, a menos de dois quilômetros dele, escondida naquele aglomerado de prédios e pessoas, estaria Rachel Hunter.

Ele queria pegar a estrada, entrar no coração da Filadélfia e começar a desmontar a cidade, tijolo por tijolo, até encontrá-la.

— Por onde começamos, a cú? — perguntou a Rollo. — A gráfica, imagino.

Ele não estivera lá, mas imaginava que não seria difícil de encontrar. Fergus e Marsali lhe dariam abrigo — e comida, pensou, sentindo o estômago roncar — e talvez Germain e as meninas pudessem ajudá-lo a procurar Rachel. Talvez tia Claire pudesse... Bem, ele sabia que ela não era uma bruxa ou uma fada, mas não havia nenhuma dúvida em sua mente de que ela fosse alguma coisa, e talvez ela pudesse encontrar Rachel para ele.

Esperou Rollo terminar sua refeição, depois se levantou, uma extraordinária sensação de calor permeando-o, apesar de o dia estar nublado e frio. Poderia encontrá-la dessa forma?, perguntou-se. Caminhando pelas ruas, fazendo o jogo das crianças de "mais quente, mais frio", ficando cada vez mais quente à medida que se aproximasse dela, encontrando-a finalmente pouco antes de entrar em combustão?

— Você poderia ajudar, sabe — ele disse a Rollo em tom de censura. Ele havia tentado fazer Rollo seguir a pista de Rachel assim que o cachorro o encontrara, mas ele estava tão frenético de alegria com a volta de Ian que nada o fazia prestar atenção. Mas isso era uma ideia — se por um acaso cruzassem seu caminho, talvez Rollo pudesse captar seu cheiro, agora que estava mais sóbrio.

Sorriu tortuosamente diante desse pensamento; a maior parte do exército britânico estava acampada em Germantown, mas havia milhares de soldados

aquartelados na própria Filadélfia. Era o mesmo que pedir ao cachorro para seguir o cheiro de uma borboleta no pátio de um açougueiro.

— Bem, não vamos encontrá-la ficando aqui sentados — disse a Rollo, levantando-se. — Vamos, cachorro.

*UMA DAMA À ESPERA*

Eu esperava as coisas fazerem sentido. Nada fazia. Eu vivia na casa de John Grey, com sua escada elegante e seu candelabro de cristal, seus tapetes turcos e porcelana fina, há quase um mês e, no entanto, eu acordava todos os dias sem noção de onde estava, estendendo a mão à procura de Jamie na cama vazia.

Eu não conseguia acreditar que ele estivesse morto. Não podia. Eu fechava os olhos à noite e o ouvia respirando devagar e suavemente na noite, ao meu lado. Sentia seus olhos em mim, cheios de humor, de desejo, aborrecidos, brilhantes de amor. Virava-me uma dúzia de vezes por dia, achando que ouvira seus passos atrás de mim. Abria a boca para lhe dizer alguma coisa — e mais de uma vez realmente falara com ele, só percebendo que ele não estava ali quando ouvia as palavras perderem-se no ar vazio.

Eu me sentia destruída cada vez que isso acontecia. No entanto, nada me reconciliava com sua perda. Eu havia, com grande esforço de concentração, visualizado sua morte. Como ele teria detestado morrer afogado! De todas as maneiras que havia para morrer! Eu só podia esperar que o naufrágio do navio tivesse sido violento e que ele tenha caído na água inconsciente. Porque de outro modo... ele não podia desistir, ele não teria desistido. Ele teria nadado e continuado a nadar, quilômetros infindáveis de qualquer praia, sozinho nas profundezas vazias, teria nadado teimosamente porque não podia desistir e se deixar afundar. Nadado até aquele corpo vigoroso ficar exausto, até não conseguir mais levantar a mão, e então...

Rolei sobre meu corpo e pressionei o rosto com força dentro do travesseiro, o coração oprimido de horror.

— Que maldito, maldito desperdício! — disse isso para dentro das penas, agarrando o travesseiro com todas as forças. Se ele tivesse morrido em uma batalha, ao menos... rolei sobre o corpo novamente e cerrei os olhos, mordendo o lábio até sentir gosto de sangue.

Por fim, minha respiração diminuiu e eu abri os olhos para a escuridão outra

vez, e retomei a espera. A espera por Jamie.

Algum tempo mais tarde, a porta se abriu e uma fresta de luz do corredor penetrou no quarto. Lorde John entrou, colocando uma vela na mesa junto à porta, e aproximou-se da cama. Não olhei para ele, mas sabia que ele estava olhando para mim.

Continuei deitada em minha cama, fitando o teto. Ou, melhor, olhando através dele para o céu. Escuro, cheio de estrelas e vazio. Eu não me dera ao trabalho de acender uma vela, mas também não maldizia a escuridão. Apenas olhava para dentro dela. A espera.

— Você está muito solitária, minha cara — ele disse, com grande delicadeza —, e eu sei. Permite que eu lhe faça companhia, ao menos por um pouco de tempo?

Eu não disse nada, mas me afastei um pouco e não resisti quando ele deitou-se ao meu lado e envolveu-me cuidadosamente em seus braços.

Descansei a cabeça em seu ombro, agradecida pelo consolo do simples toque e calor humano, apesar de não atingirem as profundezas do meu desolamento.

Tente não pensar. Aceite o que existe; não pense no que não existe.

Permaneci quieta, ouvindo a respiração de John. Ele respirava diferente de Jamie, mais superficialmente, mais rápido. Uma falha muito leve em sua respiração.

Percebi, devagar, que eu não estava sozinha em meu desolamento ou em minha solidão. E que eu sabia muito bem o que acontecera na última vez que esse estado de espírito se tornou óbvio para ambos. É bem verdade que não estávamos bêbados, mas achei que ele também não pôde deixar de se lembrar.

— Você quer... que eu... A console? — ele perguntou quase num sussurro. — Eu não sei, você sabe. — E, levando a mão para baixo, moveu um dedo muito devagar, em tal lugar e com tal delicadeza que eu arfei e me afastei abruptamente.

— Sei que sabe. — Eu realmente tive um instante de curiosidade de como exatamente ele aprendera, mas não pretendia perguntar. — Não é que eu não aprecie a ideia... eu aprecio — garanti-lhe, e senti minhas faces ficarem ainda mais quentes. — E... é só que...

— Que você iria se sentir infiel? — ele indagou. Sorriu um pouco tristemente. — Eu compreendo.

Houve um longo silêncio depois disso. E uma sensação crescente de consciência um do outro.

— Você não se sentiria? — perguntei. Ele permaneceu absolutamente imóvel, como se estivesse dormindo, mas não estava.

— Um pau duro é totalmente cego, minha cara — ele disse finalmente, os olhos ainda fechados. — Certamente você sabe disso, sendo médica.

— Sim, eu sei disso. — E tomando-o delicada, mas firmemente em minha mão, eu lidei com ele em terno silêncio, evitando qualquer pensamento de quem ele

podia estar vendo mentalmente.

Colenso Baragwanath correu como se os saltos de suas botas estivessem em chamas. Irrompeu na taverna Fox perto do fim da State Street e atravessou o salão como um bólido, irrompendo na sala de jogos de cartas nos fundos.

— Eles o encontraram — disse, arquejante. — O velho. Machado. Com o machado.

O capitão lorde Ellesmere já se levantava. Para Colenso, ele parecia ter mais de dois metros, e com um aspecto assustador. O lugar onde o médico havia costurado sua cabeça estava espetado de cabelos novos, mas o corte escuro ainda podia ser visto. Seus olhos deviam estar lançando chamas, mas Colenso teve medo de olhar atentamente. Seu peito subia e descia por causa da corrida e ele estava sem fôlego, mas ainda assim não conseguia pensar em nada para dizer.

— Onde? — o capitão perguntou. Ele falou bem baixo, mas Colenso o ouviu e recuou para a porta, apontando. O capitão pegou o par de pistolas que deixara ao lado e, colocando-as em seu cinto, aproximou-se dele. — Mostre-me — ele disse.

Rachel sentou-se no banquinho alto atrás do balcão da gráfica, a cabeça na mão. Acordara com uma sensação de pressão na cabeça, provavelmente por causa da tempestade iminente, e ela evoluíra para uma dor de cabeça latejante. Preferia ter voltado para a casa do amigo John, para ver se Claire teria um chá que pudesse ajudar, mas prometera a Marsali que viria e tomaria conta da loja enquanto sua amiga levava as crianças ao sapateiro para consertar os sapatos e Henri-Christian tirar as medidas para um par de botas, pois seus pés eram curtos e largos demais para caber nos sapatos que não davam mais em suas irmãs.

Ao menos, a loja estava tranquila. Apenas uma ou duas pessoas entraram ali e somente uma delas lhe dirigira a palavra — perguntando o caminho para Slip Alley. Ela esfregou seu pescoço dolorido, suspirando, e deixou seus olhos se fecharem. Marsali voltaria logo. Então, ela poderia ir se deitar com um pano úmido na cabeça e...

A sineta acima da porta da loja soou e ela endireitou-se, um sorriso de boas-vindas se formando em seu rosto. Viu o visitante e seu sorriso desapareceu.

— Saia — ela disse, descendo atabalhoadamente do banquinho, medindo a distância entre ela e a porta que dava para dentro de casa. — Saia agora mesmo.

— Se conseguisse passar por lá e sair pelos fundos...

— Fique onde está — Arch Bug disse, com uma voz de ferro enferrujado.

— Sei o que pretende fazer — ela disse, recuando um passo. — E não o culpo pelo seu luto, pela sua raiva. Mas tem que saber que não é certo o que pretende, o Senhor não pode querer que você...

— Fique quieta, garota — ele disse, e seus olhos pousaram nela com uma estranha espécie de delicadeza. — Ainda não. Vamos esperar por ele.

— Por... ele?

— Sim, ele. — Com isso, ele lançou-se por cima do balcão e a agarrou pelo braço. Ela gritou e debateu-se, mas não conseguiu se soltar. Ele levantou a tampa do balcão e arrastou-a para fora, empurrando-a com força contra a mesa de livros, de modo que as pilhas oscilaram e desmoronaram com uma série de baques surdos.

— Não pode ter esperança de que...

— Eu não tenho nenhuma esperança — ele interrompeu-a, absolutamente calmo. O machado estava em sua cintura; ela o viu, sem capa. Prateado. — Não preciso de nenhuma.

— Você certamente vai morrer — ela disse, sem fazer nenhum esforço para evitar que sua voz tremesse. — Os soldados o levarão.

— Oh, sim, levarão. — Seu rosto se suavizou um pouco, surpreendentemente. — Verei minha mulher de novo.

— Não aconselho suicídio — ela disse, furtivamente se afastando o máximo possível. — Mas, se pretende morrer de qualquer forma, por que insiste em... em manchar sua morte, sua alma, com violência?

— Acha que a vingança é uma mancha? — As sobrancelhas brancas e hirsutas se arquearam. — É uma glória, garota. Minha glória, meu dever para com minha esposa.

— Bem, certamente, não minha — ela disse acaloradamente. — Por que devo ser forçada a servir à sua vingança bestial? Não fiz nada a você ou a ela!

Ele não ouvia. Ao menos, não a Rachel. Virara-se um pouco, a mão dirigindo-se ao machado, e sorriu ao som de passos correndo.

— Ian! — ela gritou estridentemente. — Não entre!

Ele entrou, é claro. Ela agarrou um livro e arremessou-o na cabeça do velho, mas ele desviou-se facilmente e agarrou-a pelo pulso outra vez, o machado na mão.

— Solte-a — Ian disse, rouco da corrida. Seu peito arfava e o suor escorria pelo seu rosto; ela podia sentir seu cheiro, acima mesmo do odor bolorento do velho. Ela arrancou sua mão das garras de Arch Bug, muda de pavor.

— Não o mate — ela disse, para ambos. Nenhum dos dois a ouviu.

— Eu lhe disse, não foi? — Arch disse a Ian. Sua voz soou de maneira sensata, um professor demonstrando um teorema. Quod erat demonstrandum. Q.E.D.

— Afaste-se dela — Ian disse.

Sua mão pairou sobre a faca e Rachel, engasgando-se nas palavras, disse:

— Ian! Não! Não faça isso. Por favor!

Ian lançou-lhe um olhar de furiosa confusão, mas ela enfrentou seu olhar e ele abaixou a mão. Respirou fundo e deu um rápido passo para o lado. Bug girou para mantê-lo ao alcance do machado e Ian deslizou ainda mais rápido para a frente de Rachel, protegendo-a com seu corpo.

— Mate-me, então — ele disse deliberadamente a Bug. — Ande.

— Não! — Rachel disse. — Não foi isso que eu... não!

— Venha cá, garota — Arch disse, estendendo a mão boa, chamando-a. — Não tenha medo. Serei rápido.

Ian empurrou-a com força, de modo que ela chocou-se contra a parede e bateu a cabeça. Ele se preparou para a luta, à frente dela, agachado, à espera. Desarmado, porque ela pedira.

— Vai ter que me matar primeiro — ele disse, em tom coloquial.

— Não — Arch Bug disse. — Você vai esperar a sua vez. — Os olhos envelhecidos mediram-no de cima a baixo, frios e astutos, e o machado moveu-se um pouco, impaciente.

Rachel fechou os olhos e começou a rezar, sem encontrar as palavras, mas rezando mesmo assim, em um frenesi de terror. Ouvia um barulho e os abriu.

Uma longa mancha cinzenta cortou o ar e, em um instante, Arch Bug estava no chão, Rollo em cima dele, rosnando e batendo os dentes na garganta do velho. Ele podia ser velho, mas ainda era robusto e tinha a força do desespero. Com a mão boa, agarrou a garganta do cachorro, empurrando-o para trás, mantendo afastadas as mandíbulas salivando, e um braço longo e vigoroso estendeu-se, o machado agarrado à mão aleijada, e se ergueu.

— Não! — Ian mergulhou para frente, derrubando Rollo, buscando agarrar a mão que segurava o machado, mas era tarde demais; a lâmina desceu com um ruído oco que fez a visão de Rachel ficar branca, e Ian gritou.

Ela estava se movendo antes de poder enxergar e ela própria gritou quando a mão de alguém a agarrou repentinamente pelo ombro e arremessou-a para trás. Ela bateu na parede e deslizou para o chão, aterrissando sem fôlego e boquiaberta. Travou-se uma luta de membros, pelos, roupas e sangue engalfinhados no chão à sua frente. Um sapato bateu aleatoriamente contra seu tornozelo e ela saiu rastejando como um caranguejo, os olhos arregalados.

Parecia haver sangue por toda parte. Respingado no balcão e na parede, lambuzado pelo chão, e as costas da camisa de Ian estavam encharcadas de vermelho e agarradas ao corpo de tal forma que ela via os músculos retesados sob ela. Ele estava ajoelhado sobre Arch Bug, que se debatia desesperadamente, tentando agarrar o machado com uma das mãos, o braço esquerdo frouxamente caído, e Arch atacava seu rosto com dedos rígidos, tentando cegá-lo, enquanto Rollo lançava-se como uma enguia, enfurecido, no meio da luta corpo a corpo, rosnando e mordendo. Concentrada na cena, percebeu com uma vaga consciência alguém de pé atrás dela, mas ergueu os olhos, sem compreender, quando o pé dele tocou seu traseiro.

— O que é que você tem que atrai homens com machados? — William

perguntou, irritado. Ele mirou cuidadosamente ao longo do cano da pistola e disparou.

*REDIVIVUS*

Eu estava prendendo meus cabelos no alto para o chá quando ouvi um arranhão na porta do quarto.

— Entre — John disse, enquanto calçava as botas. A porta abriu-se cautelosamente, revelando o estranho e pequeno rapaz da Cornualha que às vezes servia como ordenança de William. Ele disse alguma coisa para John, no que presumi ser inglês, e entregou-lhe um bilhete. John balançou a cabeça amavelmente e dispensou-o.

— Compreendeu o que ele disse? — perguntei com curiosidade, enquanto ele quebrava o selo com o polegar.

— Quem? Oh, Colenso? Não, nem uma palavra — ele disse distraidamente, depois enrugou os lábios em um assovio sem som diante do que estava lendo.

— O que foi? — perguntei.

— Uma mensagem do coronel Graves — ele disse, dobrando o bilhete cuidadosamente. — Será que...

Houve outra batida na porta e John franziu a testa.

— Agora não — ele disse. — Volte depois.

— Bem, eu voltaria — disse uma voz educada com um sotaque inglês. — Mas há certa urgência, sabe?

A porta abriu-se e Jamie entrou, fechando-a atrás de si. Ele me viu, ficou paralisado por um instante, e logo eu estava em seus braços, seu tamanho e calor devastadores apagando instantaneamente tudo o mais ao meu redor.

Eu não sei para onde meu sangue fugira. A última gota deixara minha cabeça e luzes piscantes dançavam diante dos meus olhos — mas nenhuma gota alimentava minhas pernas, que bruscamente se dissolveram sob mim.

Jamie me segurava no ar e me beijava, com gosto de cerveja e os pelos curtos da barba arranhando meu rosto, os dedos enterrados em meus cabelos, e meus seios quentes e inchados contra seu peito.

— Oh, lá está ele — murmurei.

— O quê? — ele perguntou, separando-se de mim por um instante.

— Meu sangue. — Toquei meus lábios formigantes. — Faça isso de novo.

— Oh, eu farei — assegurou-me. — Mas há muitos soldados ingleses nas vizinhanças e eu acho...

O som de batidas fortes veio do térreo e a realidade bateu de volta como um elástico. Fitei-o e sentei-me abruptamente, o coração batendo como um tambor.

— Por que diabos você não está morto?

Ele ergueu um dos ombros ligeiramente, o canto da boca torcendo-se num sorriso. Estava muito magro, o rosto bronzeado, e sujo; eu podia sentir o cheiro de suor e das roupas imundas, usadas por muito tempo. E o leve cheiro de vômito — não fazia muito tempo que ele saíra de um navio.

— Demore-se mais alguns segundos, sr. Fraser, e poderá voltar a estar morto. — John dirigira-se à janela, espreitando a rua. Virou-se e eu vi que seu rosto estava lívido, mas luminoso como uma vela.

— É mesmo? Foram um pouco mais rápidos do que eu pensava — Jamie disse pesarosamente, indo olhar. Virou-se da janela e sorriu. — É um prazer revê-lo, John, ainda que só por um instante.

John respondeu com um sorriso que iluminou seus olhos. Estendeu a mão e tocou o braço de Jamie, muito rapidamente, como se quisesse se certificar de que ele de fato estava vivo.

— Sim — ele disse, dirigindo-se, então, para a porta. — Mas venha. Pela escada dos fundos. Ou há uma escotilha para o sótão... se conseguir subir ao telhado...

Jamie olhou para mim, o coração nos olhos.

— Eu voltarei — ele disse. — Quando puder. — Ergueu uma das mãos para mim, mas parou com um esgar, virou-se abruptamente para seguir John, e desapareceram, o som de seus passos quase abafados pelo barulho no térreo. Ouvi a porta se abrir embaixo e uma voz masculina ríspida exigindo entrar. A sra. Figg, que Deus abençoe seu coraçãozinho intransigente, mantinha-se inarredável.

Eu fiquei sentada como a mulher de Lot, paralisada pelo choque, mas diante dos profusos protestos da sra. Figg fui incitada à ação.

Minha mente estava tão estupefata com os acontecimentos dos últimos cinco minutos que eu fiquei, paradoxalmente, muito lúcida. Simplesmente não havia espaço em minha mente para pensamentos, especulações, alívio, alegria ou mesmo preocupação — a única faculdade mental que eu ainda possuía, aparentemente, era a capacidade de reagir a uma emergência. Agarrei minha touca, enfiei-a na cabeça e

comecei a me dirigir à porta, empurrando os cabelos para dentro da touca enquanto prosseguia. Certamente, a sra. Figg e eu poderíamos atrasar os soldados tempo suficiente...

Esse plano provavelmente teria funcionado, se eu, ao correr para o patamar da escada, não tivesse esbarrado em Willie — literalmente, já que ele veio galgando os degraus aos saltos e colidiu pesadamente contra mim.

— Mãe Claire! Onde está papai? Há... — Ele me agarrara pelos braços quando eu cambaleei para trás, mas sua preocupação comigo foi sobrepujada por um som vindo do corredor do outro lado do patamar. Ele olhou na direção do barulho — em seguida, soltou-me, os olhos arregalados.

Jamie estava parado no final do corredor, a uns três metros de distância; John estava ao seu lado, branco como uma folha de papel, e os olhos tão esbugalhados quanto os de Willie. Esta semelhança com Willie, apesar de surpreendente, foi completamente superada pela própria semelhança de Jamie com o nono conde de Ellesmere. O rosto de William havia endurecido e amadurecido, perdendo qualquer traço de suavidade infantil, e das duas extremidades do curto corredor, os olhos de gato azul-escuros dos Fraser fitavam a estrutura óssea sólida, arrojada, dos Mackenzie. E Willie já tinha idade para se barbear todos os dias; ele conhecia sua aparência.

William mexeu a boca sem conseguir emitir nenhum som com o choque. Olhou desvairadamente para mim, de novo para Jamie, de novo para mim — e viu a verdade em meu rosto.

— Quem é você? — ele perguntou com voz rouca, ignorando o barulho embaixo.

— James Fraser — ele disse. Seus olhos estavam fixos em William com uma intensidade flamejante, como se quisesse absorver cada vestígio de uma visão que ele não teria de novo. — Você me conheceu um dia como Alex Mackenzie. Em Flelwater.

William pestanejou, pestanejou outra vez, e seu olhar moveu-se momentaneamente para John.

— E quem... quem com os diabos sou eu? — indagou, o final da pergunta elevando-se em um grito esganiçado.

John abriu a boca, mas foi Jamie quem respondeu.

— Você é um maldito papista — ele disse, com muita precisão — e seu nome de batismo é James. — O fantasma do arrependimento atravessou seu rosto e desapareceu. — Era o único nome que eu tinha o direito de lhe dar — ele disse serenamente, os olhos fixos no filho. — Sinto muito.

A mão esquerda de Willie bateu em seu quadril, automaticamente buscando uma espada. Não a encontrando, bateu no peito. Suas mãos tremiam tanto que ele

não conseguia lidar com os botões; simplesmente agarrou o tecido e rasgou a camisa, enfiando a mão e tateando em busca de alguma coisa. Puxou-a por cima da cabeça e, com o mesmo movimento, atirou o objeto em Jamie.

Os reflexos de Jamie fizeram-no levantar as mãos automaticamente e o rosário de madeira chocou-se contra elas, as contas balançando-se, emaranhando em seus dedos.

— Maldito seja, senhor — William disse, a voz trêmula. — Que Deus o mande para o inferno! — Ele virou-se um pouco, cegamente, depois girou nos calcanhares para encarar John. — E você! Você sabia, não é? Maldito seja você também!

— William... — John estendeu uma das mãos para ele, desamparado, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa ouviram-se vozes no corredor embaixo e passos pesados na escada.

— Sassenach, detenha-o! — A voz de Jamie me alcançou em alto e bom som através da algazarra. Por puro reflexo, obedeci e agarrei Willie pelo braço. Ele olhou para mim, boquiaberto, completamente atônito.

— O que... — Sua voz foi abafada pelo troar de pés na escada e um brado triunfante do casaco vermelho na frente.

— Lá está ele!

Repentinamente, o patamar ficou apinhado de corpos empurrando-se e acotovelando-se, tentando passar por mim e Willie, e entrar no corredor. Finquei-me no chão com todas as forças, apesar do empurra-empurra e apesar dos próprios e tardios esforços de Willie para se libertar.

Repentinamente, a gritaria parou e a pressão dos corpos relaxou um pouco. Minha touca fora deslocada para cima dos meus olhos durante a refrega e eu soltei uma das mãos do braço de Willie, a fim de tirá-la. Deixei-a cair no chão. Tinha a impressão de que minha condição de mulher respeitável não seria importante por muito mais tempo.

Afastando os cabelos desgrehados dos olhos com um antebraço, retomei minha pressão no braço de Willie, embora isso fosse absolutamente desnecessário, já que ele parecia petrificado. Os casacos vermelhos remexiam os pés, obviamente preparados para atacar, mas inibidos por alguma coisa. Virei-me um pouco e vi Jamie, um dos braços ao redor do pescoço de John Grey, segurando uma pistola contra a têmpora de John.

— Mais um passo — ele disse, calmamente, mas alto o suficiente para ser facilmente ouvido — e eu enfio uma bala no cérebro dele. Acham que tenho alguma coisa a perder?

Na verdade, considerando que Willie e eu mesma estávamos parados bem à sua frente, eu achava que ele teria — mas os soldados não sabiam disso e, a julgar

pela expressão no rosto de Willie, ele teria preferido arrancar a língua do que deixar escapar a verdade. Também achei que ele não se importava particularmente no momento se Jamie de fato matasse John e depois morresse com uma saraivada de balas. Seu braço era como aço sob minhas mãos; ele próprio teria matado ambos, se pudesse.

Houve um murmúrio de ameaça dos homens à minha volta e uma movimentação de corpos, os homens preparando-se para atacar — mas ninguém se moveu.

Jamie olhou uma vez para mim, o rosto inexpugnável, depois se moveu para a escada dos fundos, praticamente arrastando John com ele. Eles desapareceram de vista e o cabo ao meu lado entrou em ação, virando-se e gesticulando para seus homens na escada.

— Deem a volta por trás! Depressa!

— Parem! — Willie voltara repentinamente à vida. Puxando o braço com um safanão do aperto frouxo de minha mão, ele virou-se para o cabo. — Você colocou homens de guarda nos fundos da casa?

O cabo, notando o uniforme de Willie pela primeira vez, endireitou-se e bateu continência.

— Não, senhor. Não achei que...

— Idiota — Willie disse laconicamente.

— Sim, senhor. Mas podemos alcançá-los, se correremos, senhor. — Ele já se balançava sobre as pontas dos pés enquanto falava, desesperado para sair correndo.

Os punhos de Willie estavam cerrados, assim como seus dentes. Eu podia ver os pensamentos passando pelo seu rosto, com tanta clareza como se estivessem impressos em sua testa com tipos móveis.

Ele não achava que Jamie iria atirar em lorde John, mas não tinha certeza.

Se enviasse homens atrás deles, havia uma boa chance de que os soldados os alcançassem — o que por sua vez significava alguma chance de que um deles, ou ambos, morreria. E se nenhum dos dois morresse, mas Jamie fosse capturado — não tinha a menor ideia do que ele poderia dizer, nem a quem. Arriscado demais.

Com uma leve sensação de déjà vu, eu o vi fazer esses cálculos, depois se virar para o cabo.

— Retorne ao seu comandante — ele disse calmamente. — Faça-o saber que o coronel Grey foi feito refém por... pelos rebeldes, e peça-lhe para notificar todos os postos de guarda. Devo ser informado imediatamente de qualquer novidade.

Houve um murmúrio de insatisfação dos soldados no patamar, mas nada que pudesse ser chamado de insubordinação, e mesmo isso definhou diante do olhar fulminante de William. Os dentes do cabo apertaram o lábio por um breve instante, mas ele bateu continência.

— Sim, senhor. — Virou-se energicamente nos calcanhares, com um gesto autoritário, que enviou os soldados escada abaixo com passos rápidos e pesados.

Willie observou-os sair. Em seguida, como se a notasse repentinamente, abaixou-se e pegou minha touca do chão. Girando-a entre as mãos, lançou-me um olhar longo e especulativo. Os próximos instantes seriam interessantes, percebi.

Não me importava. Embora eu tivesse absoluta certeza de que Jamie não atiraria em John em nenhuma circunstância, eu não tinha nenhuma ilusão sobre o perigo que ambos corriam. Eu podia sentir a ameaça; o cheiro de suor e pólvora pairava, pesado, no ar do patamar, e as solas dos meus pés ainda vibravam com a batida da pesada porta da frente. Nada disso importava.

Ele estava vivo.

Eu também.

Grey ainda estava em mangas de camisa; a chuva havia penetrado pelo tecido até sua pele.

Jamie foi para a parede do barracão e colocou o olho em uma fenda entre as tábuas. Ergueu uma das mãos, pedindo silêncio, John ficou parado, à espera, tremendo, enquanto o som de cascos e vozes passava por eles. Quem poderia ser? Não soldados; não havia nenhum som metálico, nenhum chocalhar de armas ou esporas. Os sons desapareceram e Jamie virou-se novamente. Ele franziu o cenho, notando pela primeira vez que Grey estava encharcado e, tirando o casaco, envolveu-o ao redor de seus ombros.

O casaco também estava úmido, mas era de lã, e o calor do corpo de Jamie permanecia nele. Grey fechou os olhos por um instante, sentindo-se abraçado.

— Posso saber o que você anda fazendo? — Grey perguntou, abrindo-os.

— Quando? — Jamie esboçou um sorriso. — Agora mesmo ou desde a última vez que eu o vi?

— Agora mesmo.

— Ah. — Jamie sentou-se em um barril e reclinou-se para trás — cautelosamente —, recostando-se na parede.

Grey notou com interesse que o som foi quase um "Arrh" e deduziu que ultimamente Fraser havia passado a maior parte de seu tempo na Escócia. Também observou que os lábios de Fraser estavam franzidos, como ele fazia quando estava pensativo. Os olhos azuis rasgados viraram-se em sua direção.

— Tem certeza que quer saber? Provavelmente, é melhor que não saiba.

— Tenho absoluta confiança em sua capacidade de julgamento e em sua discrição, sr. Fraser — Grey disse educadamente —, porém um pouco mais em mim mesmo. Tenho certeza de que poderá me desculpar.

Fraser pareceu achar aquilo engraçado; a boca larga torceu-se, mas ele balançou a cabeça e tirou de dentro da camisa um embrulhinho, costurado em pele

de animal oleada.

— Eu fui observado no ato de aceitar isso de meu filho adotivo — ele disse. — A pessoa que me viu seguiu-me até um restaurante, depois foi buscar a companhia de soldados mais próxima enquanto eu comia. Ou assim eu deduzi. Eu os vi descendo a rua, achei que deviam estar vindo para me pegar e... fui embora.

— Você está familiarizado, eu suponho, com a alegoria a respeito de um culpado que foge quando ninguém o persegue? Como sabe que estavam atrás de você para começar e não apenas interessados em sua intempestiva fuga?

O leve sorriso tremulou outra vez, desta vez com um toque de ironia.

— Chame a isso de instinto da presa.

— Compreendo. Estou surpreso que você tenha se deixado encurralar, seus instintos sendo como são.

— Sim, bem, até raposas envelhecem, não é? — Fraser disse secamente.

— Por que diabos você veio à minha casa? — Grey indagou, repentinamente irritado. — Por que não correu para a periferia da cidade?

Fraser pareceu surpreso.

— Minha mulher — ele disse simplesmente, e ocorreu a Grey, com uma pontada, que não fora inadvertência ou falta de cautela o que impelira Jamie Fraser a ir à sua casa, mesmo com soldados nos calcanhares. Ele fora por ela. Por Claire.

Jesus!, pensou repentinamente em pânico. Claire!

Mas não tinha havido tempo de dizer nada, ainda que ele tivesse pensado no que dizer. Jamie levantou-se e, tirando a pistola da cintura, acenou para ele vir.

Desceram uma viela, depois atravessaram o quintal de uma taverna, esgueirando-se pela tina de fermentação aberta, a superfície perfurada pelos pingos da chuva que caía. Cheirando levemente a lúpulo, emergiram em uma rua e diminuíram o passo. Jamie agarrara seu pulso durante todo o caminho e lorde John sentia sua mão começando a ficar dormente, mas não disse nada. Passaram por dois ou três grupos de soldados, mas ele caminhou com Jamie, acompanhando-o passo a passo, olhando para a frente. Não havia nenhum conflito entre coração e dever ali: gritar pedindo ajuda poderia resultar na morte de Jamie; certamente resultaria na morte de pelo menos um soldado.

Jamie mantinha sua pistola fora de vista, parcialmente escondida pelo casaco, mas em sua mão, somente colocando-a de volta no cinto quando alcançaram o local onde ele havia deixado seu cavalo. Era uma residência particular; deixou Grey sozinho na varanda por um instante com um murmurado "Fique aqui", enquanto desaparecia dentro da casa.

Um forte senso de autopreservação instava lorde John a correr, mas não o fez e foi recompensado quando Jamie emergiu outra vez e sorriu um pouco, vendo-o. Então, não tinha certeza se eu ficaria? Bastante justo, Grey pensou. Ele mesmo não

teve certeza.

— Vamos, então — Jamie disse e, com um sinal da cabeça, chamou Grey para acompanhá-lo até o estábulo, onde ele rapidamente selou e colocou os arreios em um segundo cavalo, entregando as rédeas a Grey antes de montar em seu próprio cavalo. — Pro forma — ele disse educadamente a Grey e, sacando a pistola, apontou-a para ele. — Caso alguém pergunte depois. Você virá comigo e eu vou atirar em você, caso faça qualquer movimento para me denunciar antes que estejamos fora da cidade. Estamos compreendidos?

— Estamos — Grey respondeu sucintamente e subiu na sela.

Cavalgou um pouco à frente de Jamie, consciente do pequeno lugar redondo entre suas omoplatas. Pro forma ou não, ele falara a sério.

Perguntou-se se Jamie iria dar um tiro em seu peito ou simplesmente quebrar seu pescoço quando descobrisse. Talvez com as próprias mãos, pensou. Sexo era um tipo de coisa visceral.

A ideia de esconder a verdade não havia seriamente lhe ocorrido. Ele não conhecia Claire Fraser tão bem quanto Jamie a conhecia — mas sabia sem sombra de dúvida que ela não conseguia guardar segredos. De ninguém. E certamente não de Jamie, devolvido a ela pela morte.

Claro, poderia se passar algum tempo até Jamie poder falar com ela outra vez. Mas conhecia Jamie Fraser infinitamente melhor do que conhecia Claire — e a única coisa de que tinha certeza é que absolutamente nada ficaria muito tempo entre Jamie e sua mulher.

A chuva passara e o sol brilhava nas poças conforme eles chapinhavam pelas ruas. Havia uma sensação de movimento por toda parte, uma agitação no ar. O exército estava aquartelado em Germantown, mas sempre havia soldados na cidade, e o conhecimento de sua partida iminente, a expectativa de retorno à campanha militar, contagiava a cidade como uma praga, uma febre passada invisivelmente de homem a homem.

Uma patrulha na estrada fora da cidade os parou, mas depois acenou para que prosseguissem quando Grey deu seu nome e patente. Seu companheiro, ele apresentou como sr. Alexander Mackenzie e achou que sentiu uma vibração de humor do dito companheiro. Alex Mackenzie era o nome que Jamie usara em Helwater — como prisioneiro de Grey.

Oh, meu Deus, Grey pensou repentinamente, liderando o caminho para fora da vista da patrulha. William. No choque do confronto e sua partida abrupta, ele não tivera tempo de pensar. Se Grey estivesse morto, o que William faria?

Seus pensamentos zumbiam como um enxame de abelhas, amontoando-se umas sobre as outras em uma massa fervilhante; impossível concentrar-se em um por mais de um segundo antes que ele se perdesse no zumbido ensurdecido. Denys Randall-Isaacs. Richardson. Com Grey morto, ele sem dúvida prenderia Claire. William tentaria detê-lo, se soubesse. Mas William não sabia o que Richardson era... Grey tampouco sabia, não com certeza. Henry e sua amante negra. Grey sabia que eram amantes agora, vira isso no rosto de ambos — Dottie e seu quaker: se os dois choques não matassem Hal, ele estaria em um navio com destino à América no mesmo instante, e isso, sim, certamente o mataria. Percy. Oh, Jesus, Percy.

Jamie seguia à sua frente agora, liderando o caminho. Havia pequenos grupos de pessoas na estrada: a maioria fazendeiros vindo com carroças carregadas de suprimentos para o exército. Olhavam com curiosidade para Jamie, mais ainda para Grey. Mas ninguém os parou ou desacatou, e uma hora mais tarde Jamie os conduziu por uma trilha que partia da estrada principal e penetrava em uma pequena região de bosque, gotejante e enevoadado da chuva recente. Havia um riacho; Jamie desceu do cavalo e deixou-o beber água, e Grey fez o mesmo, sentindo-se estranhamente irreal, como se o couro da sela e das rédeas fosse estranho à sua pele, como se o ar frio da chuva passasse através dele, através de seu corpo, em vez de ao redor.

Jamie agachou-se junto ao riacho e bebeu água, depois jogou água sobre a cabeça e o rosto, e levantou-se, sacudindo-se como um cachorro.

— Obrigado, John — ele disse. — Não tive oportunidade de dizer isso antes. Sou muito grato a você.

— Grato a mim? Não foi minha escolha. Você me raptou sob a mira de uma arma.

Jamie sorriu; a tensão da última hora diminuía e, com isso, as rugas de seu rosto.

— Não é isso. Por cuidar de Claire, quero dizer.

— Claire — ele repetiu. — Ah. Sim. Isso.

— Sim, isso — Jamie disse pacientemente, inclinando-se para espreitá-lo, preocupado. — Você está bem, John? Parece um pouco indisposto.

— Indisposto — Grey murmurou. Seu coração batia erratically; talvez ele convenientemente parasse de bater. Aguardou um instante para permitir que isso acontecesse se quisesse, mas ele continuou a bater alegremente. Nenhuma ajuda daí, portanto. Jamie ainda o fitava com um olhar examinador. Era melhor acabar logo com isso.

Respirou fundo, fechou os olhos e encomendou a alma a Deus.

— Eu tive conhecimento carnal de sua mulher — falou de um só jato.

Esperara morrer mais ou menos instantaneamente depois da declaração, mas tudo continuou como sempre. Os pássaros continuaram gorjeando nas árvores, e os

ruídos dos cavalos mascando capim eram o único som acima da água corrente. Abriu um dos olhos e encontrou Jamie Fraser ali parado, observando-o, a cabeça inclinada para o lado.

— Oh? — Jamie disse com curiosidade. — Por quê?

*ENTRANHADO NOS OSSOS*

Eu... hã... Poderia me dar licença por um instante... — Recuei devagar para a porta do meu quarto e, segurando a maçaneta, entrei rapidamente e fechei a porta, deixando Willie recobrar-se com digna privacidade. E não só Willie.

Pressionei-me contra a porta como se estivesse sendo perseguida por lobisomens, o sangue latejando em meus ouvidos.

— Jesus H. Roosevelt Cristo — murmurei. Algo como um gêiser erguia-se dentro de mim e explodia em minha cabeça, os respingos cintilando com sol e diamantes. Eu estava vagamente consciente de que começara a chover lá fora e uma água cinzenta e suja escorria pelas vidraças, mas isso não tinha a menor importância para a efervescência dentro de mim.

Fiquei imóvel por vários minutos, os olhos fechados, sem pensar em nada, apenas murmurando "Obrigada, Senhor" sem parar, silenciosamente.

Uma batida hesitante na porta arrancou-me desse transe e eu me virei para abri-la. William estava no patamar. Sua camisa ainda pendia aberta onde ele a rasgara e eu pude ver a pulsação rápida em sua garganta. Ele fez uma reverência desajeitada para mim, tentando forçar um sorriso, mas notoriamente fracassando na tentativa. Desistiu.

— Não sei bem como chamá-la — ele disse. — Nas atuais... circunstâncias.

— Oh — eu disse, ligeiramente desconcertada. — Bem. Não creio... ao menos, espero que o relacionamento entre nós não tenha mudado. — Compreendi, com um súbito arrefecimento de minha euforia, que agora poderia muito bem mudar, e o pensamento me deu uma profunda pontada de dor. Eu gostava muito dele, por ele mesmo, tanto quanto pelo seu pai — ou pais, com base na situação. — Conseguiria continuar me chamando de "mãe Claire"? Pelo menos até conseguirmos pensar em alguma coisa mais... apropriada — acrescentei apressadamente, vendo a relutância estreitar seus olhos. — Afinal, acho que ainda sou sua madrastra. Independente da... hã... situação.

Ele considerou isso por um instante, depois assentiu sucintamente.

— Posso entrar? Gostaria de falar com você.

— Sim, claro que sim.

Se eu não conhecesse seus dois pais, teria ficado impressionada com sua habilidade de reprimir a raiva e a confusão que tão claramente demonstrara há quinze minutos. Jamie fazia isso por instinto, John pela longa experiência — mas ambos tinham uma força de vontade de ferro e, se essa capacidade de William estava entranhada nos ossos ou fora adquirida através do exemplo, ele sem dúvida a possuía.

— Devo pedir alguma coisa? — perguntei. — Um pouco de conhaque? É bom para um choque.

Ele sacudiu a cabeça. Recusava-se a sentar — acho que ele não conseguiria —, mas se reclinou contra a parede.

— Imagino que você soubesse, não? Você não poderia deixar de notar a semelhança, imagino — ele acrescentou amargamente.

— De fato, é notável — concordei, com cautela. — Sim, eu sabia. Meu marido me contou — busquei uma maneira delicada de colocar a questão — as, hum, circunstâncias de seu nascimento há alguns anos.

E exatamente como eu iria descrever essas circunstâncias?

Não que eu não tivesse percebido que havia algumas explicações embaraçosas a serem feitas, mas, surpreendida com o súbito reaparecimento e fuga de Jamie e a vertigem de minha própria euforia subsequente, de algum modo não me ocorrera que eu seria a pessoa que iria dar essas explicações.

Eu tinha visto o pequeno santuário que ele mantinha em seu quarto, os retratos de suas duas mães — ambas tão dolorosamente jovens. Se a idade fosse boa para alguma coisa, certamente teria me dado a sabedoria para lidar com isto, não?

Como eu poderia lhe dizer que ele era o resultado da chantagem de uma jovem impulsiva e voluntariosa? Quanto mais dizer que ele fora a causa da morte de seus pais legítimos? E se alguém fosse lhe contar o que seu nascimento significara para Jamie, teria que ser Jamie.

— Sua mãe... — comecei a dizer, e hesitei. Jamie teria assumido a culpa sozinho em vez de sujar a memória de Geneva para seu filho, eu sabia. Eu não concordava com isso.

— Ela era imprudente — William disse, observando-me atentamente. — Todo mundo diz que ela era imprudente. Foi... acho que eu só queria saber, foi estupro?

— Santo Deus, não! — eu disse, horrorizada, e vi seus punhos cerrados relaxarem um pouco.

— Isso é bom — ele disse, soltando a respiração que estava prendendo. —

Tem certeza de que ele não mentiu para você?

— Tenho absoluta certeza. — Ele e seu pai podiam ser capazes de ocultar seus sentimentos; eu certamente não podia, e apesar de nunca poder viver de jogos de cartas, ter um rosto transparente às vezes era uma boa coisa. Permaneci imóvel, deixando-o ver que eu falava a verdade.

— Você acha... ele disse... — Ele parou e engoliu, com força. — Eles se amavam, você acha?

— Tanto quanto puderam, eu acho — eu disse suavemente. — Não tiveram muito tempo, apenas uma única noite. — Senti pena dele e tive vontade de tomá-lo em meus braços e consolá-lo. Mas ele era um homem, e jovem, feroz em relação à sua dor. Lidaria com ela da forma que melhor pudesse e achei que levaria alguns anos até ele aprender a compartilhá-la, se o fizesse algum dia.

— Sim — ele disse, e pressionou os lábios, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas achou melhor não o fazer. — Sim, eu... eu compreendo. — Era bastante claro pelo seu tom de voz que não compreendia, mas zozzo com o impacto dos acontecimentos não fazia a menor ideia do que perguntar em seguida, quanto mais o que fazer com as informações que possuía. — Eu nasci quase exatamente nove meses depois do casamento dos meus pais — ele disse, lançando-me um olhar intenso. — Eles enganaram meu pai? Ou minha mãe agiu como uma prostituta com seu cavaliário antes de se casar?

— Isso pode ser um pouco difícil — comecei.

— Não, não é — ele retrucou rispidamente. — Qual das duas opções?

— Seu p... Jamie. Ele jamais enganaria outro homem em seu casamento. — Exceto Frank, pensei, um pouco transtornada. Mas, é claro, no começo ele não sabia que estava fazendo isso...

— Meu pai — ele disse abruptamente. — Pa... lorde John, quero dizer. Ele sabia... sabe?

— Sim. — Terreno perigoso outra vez. Eu achava que ele não tinha a menor ideia de que lorde John se casara com Isobel principalmente para o bem dele — e de Jamie —, mas não queria que ele sequer chegasse perto da questão dos motivos de lorde John.

— Todos eles — eu disse com firmeza —, todos os quatro queriam o melhor para você.

— O melhor para mim — ele repetiu sem entender. — Sei. — As juntas de seus dedos haviam ficado brancas outra vez e ele me lançou um olhar através de olhos apertados que eu conhecia muito bem: um Fraser prestes a explodir. Eu também sabia perfeitamente bem que não havia nenhuma maneira de impedir alguém de detonar, mas tentei assim mesmo, estendendo a mão para ele.

— William — comecei. — Acredite-me...

— Acredito — ele disse. — Não me diga mais nada! Droga! — E, girando nos calcanhares, deu um soco no painel de madeira da parede com uma pancada surda que sacudiu o quarto, arrancou a mão do buraco que fizera e saiu intempestivamente. Ouvi ruídos de madeira arrancada e estraçalhada quando ele parou para chutar vários dos balaústres no patamar e arrancar um pedaço do corrimão da escada. Cheguei à porta a tempo de vê-lo levantar um pedaço de madeira de mais de um metro acima do ombro, girar e golpear o candelabro de cristal pendurado no vão da escada com uma explosão de estilhaços. Por um instante, ele oscilou na beira aberta do patamar e eu achei que ele fosse cair, ou se atirar dali, mas ele cambaleou para trás, afastando-se da borda, e arremessou o pedaço de madeira como uma lança no que restara do candelabro, com uma arfada que podia ter sido um grunhido ou um soluço.

Em seguida, precipitou-se pelas escadas, batendo o pulso ferido a intervalos contra a parede, deixando manchas de sangue para trás. Chocou-se contra a porta da frente com o ombro, ricocheteou, abriu-a com um safanão e saiu como uma locomotiva.

Fiquei paralisada no patamar, no meio do caos e da destruição, agarrada na borda da balaustrada destroçada. Minúsculos arco-íris dançavam nas paredes e no teto, como libélulas multicoloridas saídas do cristal estilhaçado que se espalhava pelo chão.

Algo se moveu; uma sombra projetou-se no assoalho do corredor embaixo. Uma figura escura e pequena entrou devagar pela porta aberta. Afastando para trás o capuz de sua capa, Jenny Fraser Murray olhou para a devastação ao redor, depois ergueu os olhos para mim, o rosto um oval pálido reluzente de humor.

— Tal pai, tal filho, pelo que vejo — observou. — Que Deus nos ajude.

*A HORA DO LOBO*

O exército britânico estava deixando Filadélfia. O Delaware estava entulhado de navios e as barcas atravessavam o rio sem parar, do final da State Street até Cooper's Point. Três mil tories estavam deixando a cidade também, com medo de permanecer ali sem a proteção do exército; o general Clinton lhes prometera passagem, embora a bagagem deles causasse uma terrível confusão — empilhada nas docas, abarrotando as barcas — e ocupasse muito espaço a bordo dos navios. Ian e Rachel sentavam-se na margem do rio abaixo da Filadélfia, sob a sombra de um chorão, e observavam uma plataforma de artilharia sendo desmontada, a uns cem metros.

Os artilheiros trabalhavam em mangas de camisa, seus casacos azuis dobrados sobre a grama próxima, retirando os canhões que haviam defendido a cidade, preparando-os para despachá-los nos navios. Não tinham pressa e não prestavam atenção a espectadores; não importava mais.

— Sabe para onde eles vão? — Rachel perguntou.

— Sei, sim. Fergus disse que estão indo para o norte, para reforçar Nova York.

— Você o viu? — Ela virou a cabeça, interessada, e a sombra das folhas tremulou pelo seu rosto.

— Sim, ele voltou para casa ontem à noite; estará seguro agora, com a saída do exército e dos tories.

— Seguro — ela disse, com uma entonação cética. — Tão seguro quanto qualquer um pode estar em tempos como este, você quer dizer. — Ela tirara sua touca por causa do calor e afastou os cabelos escuros, úmidos, do seu rosto.

Ele sorriu, mas não disse nada. Ela sabia tão bem quanto ele quais eram as ilusões de segurança.

— Fergus disse que os ingleses pretendem dividir as Colônias ao meio — observou. — Separar o norte do sul e lidar com elas separadamente.

— É mesmo? E como ele sabe disso? — ela perguntou, surpresa.

— Um soldado inglês chamado Randall-Isaacs; ele conversa com Fergus.

— E um espião, você quer dizer? Para qual lado? — Seus lábios se comprimiram um pouco. Ele não sabia ao certo onde a traição recaía, em termos de filosofia quaker, mas não se preocupou em perguntar neste momento. Era um assunto delicado, a filosofia quaker.

— Não quero especular — ele disse. — Ele se faz passar por agente americano, mas pode ser apenas um disfarce. Não se pode confiar em ninguém durante uma guerra, não é?

Ela virou-se para olhá-lo de frente, as mãos atrás das costas ao se apoiar contra a árvore.

— Você não pode?

— Eu confio em você — ele disse. — E em seu irmão.

— E em seu cachorro — ela disse, com um olhar para Rollo, contorcendo-se no chão para coçar as costas. — Em sua tia e seu tio também, e em Fergus e a mulher dele, não? Parece um bom número de amigos. — Inclinou-se para ele, estreitando os olhos, preocupada. — Sente dor no braço?

— Oh, já está quase bom. — Encolheu o ombro bom, sorrindo. Seu braço realmente doía, mas a tipoia ajudava. O golpe do machado quase arrancara seu braço esquerdo, cortando a carne e quebrando o osso. Sua tia havia dito que ele tivera sorte, já que não danificara os tendões. O corpo é flexível, ela disse. Os músculos se recuperariam, e o osso também.

Os de Rollo haviam se recuperado; não havia nenhum vestígio de rigidez do ferimento do tiro e, apesar de seu focinho estar ficando branco, ele deslizava pelo meio das moitas como uma enguia, farejando diligentemente.

Rachel suspirou e lhe lançou um olhar direto por baixo das sobrancelhas escuras e retas.

— Ian, você está pensando em algo doloroso e eu preferia que você me dissesse o que é. Aconteceu alguma coisa?

Muitas coisas haviam acontecido, estavam acontecendo à sua volta, continuariam a acontecer. Como podia lhe dizer...? E no entanto tinha que fazê-lo.

— O mundo está virando de cabeça para baixo — ele disse, num ímpeto. — E você é a única coisa estável. A única coisa que me prende à terra.

Os olhos dela se enterneceram.

— Sou?

— Sabe muito bem que é — ele disse, a voz rouca. Desviou o olhar, o coração batendo forte. Tarde demais, pensou, com um misto de consternação e euforia. Ele começara a falar; não podia parar agora, independente do que pudesse acontecer. — Sei o que eu sou — ele disse, canhestramente, mas com determinação. — Eu viraria um quaker por você, Rachel, mas no fundo do meu coração sei que não

sou; acho que jamais poderia ser. E acho que você não iria querer que eu falasse sem sinceridade ou fingisse ser alguém que não sou.

— Não — ela disse suavemente. — Eu não ia querer isso.

Ele abriu a boca, mas não encontrou mais nada a dizer. Engoliu, a boca seca, esperando. Ela também engoliu em seco; ele viu o leve movimento de sua garganta, macia e bronzeada; o sol começava a tocá-la outra vez, a jovem morena cor de noz amadurecendo após o florescimento pálido do inverno.

Os artilheiros carregaram o último canhão em uma carroça, amarraram as carretas dos canhões a pares de bois e com risadas e estardalhaço começaram a subir a estrada em direção ao ponto das barcas. Quando finalmente desapareceram, fez-se um silêncio. Ainda havia ruídos — o borbulhar da água do rio, o farfalhar dos galhos e folhas do chorão e, muito além, os gritos e batidas de um exército em movimento, o som de violência pairando no ar. Mas entre eles havia silêncio.

Perdi, ele pensou, mas a cabeça de Rachel ainda estava abaixada, pensativa. Será que ela está rezando? Ou apenas tentando imaginar como me mandar embora?

O que quer que fosse, ela ergueu a cabeça e se levantou, afastando-se da árvore. Apontou para Rollo, agora sentado com a cabeça levantada, imóvel, mas alerta, os olhos amarelos seguindo cada movimento de um gordo pintarroxo ciscando na grama.

— Este cachorro é um lobo, não é?

— Sim, bem, em grande parte.

Um pequeno lampejo cor de mel lhe disse para não usar de evasivas.

— E no entanto ele está em sua boa companhia, uma criatura de rara coragem e afeição, e no geral um ser de valor?

— Oh, sim — ele disse com mais confiança. — Ele é, sim.

Ela lançou-lhe um olhar direto.

— Você é um lobo também, e eu sei disso. Mas você é meu lobo, e é bom que saiba disso.

Ele começara a arder quando ela falava, uma ignição rápida e forte como a de um dos fósforos de sua prima. Ele estendeu a mão, a palma para frente, para ela, ainda cauteloso, com receio de que ele, também, entrasse em combustão.

— O que eu disse para você, antes... que eu sabia que você me amava...

Ela deu um passo à frente e pressionou a palma de sua mão contra a dele, seus dedos pequenos e frios apertando com força.

— O que eu lhe digo agora é que realmente o amo. E se você caça à noite você voltará para casa.

Sob o chorão, o cachorro bocejou e colocou o focinho em cima das patas.

— E dormirei aos seus pés — Ian sussurrou, puxando-a para si e envolvendo-a com o braço são, ambos ardentes como a luz do sol.

FIM



NOTAS DA AUTORA

General de brigada Simon Fraser

Existem, como qualquer pessoa que tenha lido meus livros já terá notado, muitos Simon Fraser percorrendo o século XVIII. O general de brigada que lutou valorosamente e foi morto em Saratoga não é um dos Fraser de Lovat, mas um Fraser de Balnain. Ou seja, não é um descendente direto da Velha Raposa, mas certamente um parente da família. Ele teve uma brilhante carreira militar, inclusive a famosa tomada de Quebec com James Wolfe em 1759 (cuja batalha faz parte de uma novela intitulada "The Custom of the Army", uma história de lorde John Grey publicada em março de 2010 como parte de uma antologia intitulada Warriors — caso deseje mais detalhes).

A razão para eu mencionar o general de brigada em particular, entretanto, é a interessante questão de sua sepultura. Muitos relatos de Saratoga que mencionam Simon Fraser de Balnain registram que ele foi enterrado na noite do dia em que morreu, dentro dos limites da Grande Fortificação (não a fortificação de Breyman, que Jamie invadiu com Benedict Arnold, mas a maior no campo), a seu próprio pedido. Alguns relatos acrescentam detalhes, como a presença dos batedores de Balcarres ou do disparo de uma salva de canhão pelos americanos em honra a Fraser quando eles perceberam o que estava ocorrendo, enquanto outros relatos consideram tais detalhes românticos, mas provavelmente apócrifos, e registram que ele só foi acompanhado pelos membros mais próximos de seu exército.

Bem, nem sempre é possível ir pessoalmente a um lugar sobre o qual se está escrevendo, e nem sempre é necessário. Mas, em geral, é aconselhável, e felizmente Saratoga é de fácil acesso e o campo de batalha é bem preservado e administrado. Caminhei pelo campo de batalha de Saratoga três vezes no decorrer de vários anos desde que resolvi pela primeira vez que queria usar esta batalha em particular como peça central de um livro, se não o livro que estava escrevendo na época. Em uma dessas ocasiões, eu estava lá sozinha, não havia outros turistas, e comecei a conversar com um dos funcionários do parque (trajando um figurino de época e montando guarda no local da fortificação da fazenda Bemis). Depois de pacientemente responder a inúmeras perguntas intrometidas ("Você está usando roupas de baixo?" sendo uma delas e obtendo um "não" como resposta. "Camisa de fraldas longas" sendo a explicação adicional de como evitar esfoladuras ao usar calças de tecido rústico), me permitir manusear seu mosquete Brown Bess e me explicar como carregá-lo e dispará-lo, iniciamos uma discussão da batalha e suas personalidades — já que eu, a essa altura, conhecia bastante o assunto.

A sepultura do general Fraser estava, na ocasião, assinalada no mapa do parque — mas não ficava na Grande Fortificação; estava localizada perto do rio. Eu havia estado lá, mas não encontrara nenhum marco assinalando-a, e assim perguntei onde ficava — e por que não estava na Grande Fortificação. Fui informada de que a administração do parque havia, em determinado momento — não sei quando, mas bem recentemente —, feito uma escavação arqueológica da Grande Fortificação, inclusive da suposta sepultura. Para surpresa de todos, o general Fraser não estava enterrado lá, nem mais ninguém. Havia sinais de que uma sepultura já havia sido escavada ali, mas não havia nenhum sinal de um corpo. (E, apesar de que o corpo há muito já teria se decomposto, ainda se esperaria encontrar alguns vestígios.) Havia (o funcionário me disse) um relato que dizia que a sepultura do general Fraser fora removida para um local perto do rio e que por isso o mapa estava marcado assim — mas ninguém sabia onde era o local específico ou, na realidade, tampouco se o general estaria ali, razão pela qual não havia nenhum marco na margem do rio.

Ora, os escritores são uma gente sem consciência. Aqueles de nós que lidam com a história tendem a ser razoavelmente respeitosos dos fatos como registrados (sempre tendo em mente a ressalva de que só por estar impresso não quer dizer que seja necessariamente verdade). Mas nos dê uma brecha por onde nos insinuarmos, uma omissão nos registros históricos, uma dessas misteriosas lacunas que ocorrem mesmo na vida mais bem documentada... assim, em suma, eu achei que talvez o general Fraser tivesse sido enviado para sua terra natal, na Escócia. (Sim, eles realmente enviavam corpos de um lado ao outro no século XVIII, às vezes. Alguém exumou o pobre Tom Paine de sua sepultura na França, pretendendo despachá-lo de volta para a América, para que pudesse ser enterrado com honras como um profeta da Revolução. Seu corpo se perdeu no caminho e nunca mais foi encontrado. Por falar em lacunas interessantes...)

De qualquer modo, aconteceu que fui à Escócia no ano passado e enquanto vagava pela zona rural em busca de um local lógico, perto de Balnain, onde instalar o general Fraser, tropecei (literalmente) no enorme marco fúnebre de pedras de Corrimony. Sítios como esses são sempre evocativos e quando eu li na placa ali existente que em certa época houve realmente um corpo na câmara central, mas evidentemente se decompusera e fora absorvido pelo solo (havia vestígios de ossos na terra, mesmo depois de mil anos ou mais) e que o túmulo fora violado em algum momento do século XIX (assim explicando por que você não encontrará nada no monte de pedras se por acaso visitá-lo agora)... bem, ei. (As pessoas sempre perguntam aos escritores de onde eles tiram suas ideias. De toda parte!)

Saratoga

Um livro como este requer um volume enorme de pesquisa histórica (sempre fico perplexa com as cartas de leitores contando-me que visitaram um museu, viram

alguns artefatos do século XVIII e ficaram espantados ao descobrir que eu não havia simplesmente inventado tudo!), e, apesar de não haver espaço para listar sequer uma fração das fontes que utilizei, eu realmente gostaria de mencionar um determinado livro.

As duas batalhas de Saratoga foram historicamente importantes, notavelmente dramáticas e muito complexas, tanto na logística quanto no movimento das tropas e nas decisões políticas que levaram a elas. Tive a sorte de encontrar, no começo de minhas pesquisas, Saratoga, de Richard M. Ketchum, que é um esplêndido retrato das batalhas, do cenário e da pletora de personagens pitorescos que nelas tomaram parte. Eu só queria recomendar esse livro àqueles que tiverem interesse em se aprofundar nos aspectos históricos, já que estes podem ser apenas superficialmente mencionados no contexto de um romance.

Lago Errochty e os "tigres dos túneis"

Durante os anos 1950 e 1960, um grande projeto de hidrelétrica foi implementado nas Highlands escocesas. O trabalho de muitos "tigres dos túneis" (também conhecidos como os "rapazes da hidro") — operários, muitos deles da Irlanda e da Polônia — foi cavar túneis nas montanhas e construir represas para a criação de lagos artificiais. O lago Errochty é na verdade um desses lagos artificiais. O túnel que descrevi como sendo ligado a ele (até mesmo com um trem em miniatura) é como aqueles comuns ao projeto da hidrelétrica, mas não sei se realmente há um desses no lago Errochty. Por outro lado, a represa, a câmara de manutenção das turbinas e a câmara de observação dos peixes em Pitlochry existem de fato. Assim como pescadores amadores, com seus caniços.

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Sinopse](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[PARTE UM](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[PARTE DOIS](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[PARTE TRÊS](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

30

31

PARTE QUATRO

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

PARTE CINCO

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

PARTE SEIS

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

PARTE SETE

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

